O PANORAMA

SEMANARIO DE LITTERATURA E INSTRUCÇÃO

VOLUME XVI

PRIMEIRO DA QUINTA SERIE

LISBOA
TYPOGRAPHIA FRANCO-PORTUGUEZA
6 RUA DO THESOURO VELHO 6
1866

AP
65
P36
V.16

LIBRARY
JAN 9 1964
UNIVERSITY OF TORONTO

875129

O PANORAMA

SEMANARIO DE LITTERATURA E INSTRUCÇÃO.

DUAS PALAVRAS AO PUBLICO

Depois de bastantes annos de interrupção reapparece o *Panorama*, esse brilhante museu da litteratura portugueza, onde penduraram maravilhas duas gerações de escriptores. A interrupção d'este jornal foi deplorada pelos muitos assignantes que o tinham seguido com interesse na sua longa e esplendida carreira.

O modo como este jornal foi redigido impõe graves obrigações áquelles que se encarregam de satisfazer um desejo do publico, e que hão de tentar não deixar desmentidas as esperanças que o titulo d'este jornal inspira. Não ousariam fazel-o se não contassem com o auxilio de algumas das pennas mais justamente illustres de Portugal.

Não fazemos programmas, nem tentamos captar a benevolencia dos assignantes com promessas pomposas. Ninguem duvidará de que não acceitariamos (nem pessoa alguma acceitaria) o pesado encargo que tomamos, se não tencionassemos empregar todos os esforços para nos desempenharmos, o melhor que podessemos, da tarefa que emprehendemos.

A SUISSA

Gostais de viajar, leitor, de mudar de sitio a miude, de caçar? Gostais de perspectivas, de paisagens; vêr a escuma das correntes, a melania dos lagos, os effeitos da cerração, flores, arvores, rochedos, estrellas? Ide á Suissa! Quereis ver o rio scintillante, o lago de gêlo, o val negro e fecundo, a ponte do Diabo, a força e a belleza do mundo? Ide á Suissa?

A Suissa é a Cintra da Europa. Se estais doente, curar-vos-hão as suas aguas thermaes; se gosais saude, sentireis alli multiplicarem-se-vos as forças, alongar-se-vos a vida, dilatarem-se-vos os pulmões. Assim como a aguia das montanhas, banhar-vos-heis n'uma nuvem, e a vossa vida se renovará. Na altura em que vos achardes, oh! como se tem compaixão das miseraveis agitações do mundo! Como a alma se aproxima da Divindade! Como se lastimam os homens, com as suas pequeninas idéas e paixões, diante dos grandes mysterios da existencia! Oh! não pode haver duvidas na presença d'aquella natureza! Conhece-se alli perfeitamente a mão do Omnipotente. Das arvores, das torrentes, das nuvens, dos rochedos, dos abysmos, saem mil vozes confusas, errantes e melodiosas, que vos gritam in-

cessantemente: Deos! Deos! Deos! A immensidade esmaga-vos, tritura-vos, confunde-vos, anniquilla-vos, e julgais ouvir por toda a parte, em torno de vós, essas palavras que, com tão desdenhosa ironia, caíam dos labios de Montaigne: *Enfle-toi, pauvre homme, et encore! et encore!*

E depois, que de lembranças, que de grandes nomes a pairar por cima d'aquellas collinas, d'aquellas cidades, d'aquelles castellos! Primeiro, os nomes de heroes: Julio Cesar, Guilherme Tell, Napoleão. Em seguida, outros nomes celebres de entre os historiadores do pensamento: Rousseau, Calvin, Byron, Lavater, Mme. Stael, Sénancourt. Quando, Jean-Jacques, percorria os desertos da Meillerie, essas escabrosas solidões inspiravam-lhe, sem duvida, as paginas severas onde o seculo XIX estava em germen. Byron alli levou o seu scepticismo zombador; tambem teve o seu quarto de hora de enthusiasmo; e a sua vida, agitada como as ondas do Rhodano, precipitou-se na noite eterna, exhalando este grito funesto: «O que sei eu?!» Só a pupilla de Schlegel conservou até ao fim o seu sangue frio philosophico, os seus estudos positivos e sérios, a sua potente virilidade. Só ella introduziu o escalpello sem perturbação e sem commoções na organisação moral do homem.

Uma coisa que tornará a Helvécia sempre cara aos viajantes de todos os paizes, é a novidade, a multiplicidade e a variedade das sensações que alli se experimentam. A Italia, o berço das artes, esse grande edificio marmoreo, incontestavelmente, contém innumeras bellezas. A admiração, porém, é de encommenda. Se alli fordes, leitor, experimentareis as mesmas commoções que experimentaram os que vos precederam, e que se acham consignadas nos seus manuaes. Na Suissa a natureza varia de aspecto a cada passo, a cada instante. Aqui, o inverno semelhante ao da Siberia: a neve, a geada, o nordeste; voltais um rochedo, eis a primavera: relva, flores, cascatas, luxuriante vegetação. Por vezes tendes a vosso lado o perigo, esse rude, mas precioso companheiro, que ergue o peso da dor e que prende á vida.

Logo, um novo espectaculo doce e consolador se vos offerece. Um hospicio de religiosos, cuja caridade, mais do que os calculos dos sabios, vos ensina, o caminho do ceu. Que admiravel quadro o d'esses homens desconhecidos, vivendo a vida mais santa, não levantando o seu melancholico olhar senão para abençoar os que encontram, e mostrando por suas palavras e acções que não vivem senão para esse Deos tão grande, esquecido no mundo, adorado no seu deserto. Oh! quão penetrante é a voz da religião que se tem refugiado no meio d'aquelles cimos abruptos, d'aquelles gelos eternos! Como ella prende o coração do homem! Como o prepara para os phenomenos da outra vida!

Ainda outra mutação de scena. Atravessais um corredor, abris uma porta, e entrais em um magnifico salão, ricamente mobilado, onde estão mulheres amaveis e risonhas; achais os costumes elegantes, a conversação espirituosa. Por vinte e quatro horas deixais o vosso traje de viagem; jogais uma partida de xadrez, ouvis um motivo do admiravel *Guilherme Tell*, de Rossini, folheais os jornaes, as revistas, os albuns, e no meio d'este passatempo, podeis ouvir as lamentações do vento nos pinheiros rudes, as cantigas dos pastores, os gritos dos guias, o estampido abafado das avalanchas e ao longe os surdos bramidos do espirito da montanha.

No dia seguinte continuais a vossa viagem. Numerosas caravanas de curiosos se vos deparam perdendo-se no meio dos pinheiros, para reapparecerem um instante depois, parando a todo momento a fim de remediar qualquer accidente sobrevindo ás suas cavalgaduras, e preparando-se para atravessarem um d'esses precipicios diante dos quaes recuaria uma cabra. Os mineralogistas fazem saltar fragmentos de rochas com o seu martello de aço; os botanicos andam curvados, examinando as plantas raras que lhes apparecem em multidão; os entomologistas perseguem com suas redes de gase os lepidópteros; os pintores arrastam o seu cavallete e a sua tella; os poetas recitam; os musicos tocam e cantam; as mulheres pensam.

Se quereis fazer uma idéa da Suissa, sob o duplo aspecto que apresenta, é necessario que vos dêmos o esboço de duas scenas: uma de paz, de quietação, de serenidade; a outra de alvoroço, de desolação, de morte.

Para a primeira scena, temos só a pedir-vos que lanceis um olhar pela nossa gravura. Á vista do assumpto poderiamos muito facilmente apresentar-vos um idilio no gosto dos de Gessner, de Florian ou de M. de Fontenelle; mas isso é retrogrado; o seculo não se entrega a essas ninharias. Hoje em dia as damas desenham, gravam, tocam piano, e não mungem as cabras, como a infeliz Maria Antonietta; os generaes só lêem as ordens do exercito; os padres, em vez de versos e outras obras litterarias, praticam a caridade evangelica e vivem, pobremente, soffrendo com resignação os revezes mundanos; a nossa aristocracia ensina cavallos, farpea touros e não compõe charadas nem madrigaes. Não vos cansaremos, pois, leitor, com o que está fóra de uso, nem com minuciosos exames; porque o quadro, por si só, é bastante para poderdes ajuisar. Vedes uma pequenina aldeia, não é verdade? e tres camponezes que se dirigem para o seu domicilio, a procurar o descanço dos trabalhos agrestes do dia. Oh! mas tudo respira paz, tranquillidade; tudo é risonho, perfumado; é como um extase da natureza sob o olhar de Deos!

Acabais de ver o agradavel; vinde agora ao terrivel.

A avalancha! Esta palavra tem um tanto de assustador e de glacial. A queda de uma avalancha produz um ruido isolado, que não se assemelha a nenhum outro. Ente algum vivo lhe responde com um grito de terror O mesmo éco é mudo nas innumeraveis anfractuosidades das montanhas; esses tortuosos dédalos, atapetados de neve, rece-

bem em silencio um murmurio insensivel, ao qual não succede o menor som. O socego, em regiões onde a natureza está como envolvida n'uma immensa mortalha, augmenta a impressão do terror, que produzem esses picos agudos, essas extremidades inaccessiveis, esses esqueletos mirrados, essa libré dos invernos eternos, estendida como o veu do esquecimento sobre o theatro das mais antigas revoluções do globo. O tocar com o pé na borda de uma fenda, pode produzir a queda de uma avalancha. Um tiro de espingarda, a voz dos viajantes, o som das campainhas dos machos, podem causar o mesmo resultado. As avalanchas de neve pulverulenta (*staublouinen*) são mais perigosas, porque abrangem um grande espaço, e, sobretudo, pelo movimento que imprimem no ar. O furacão leva tudo quanto encontra em sua passagem: arvores, casas, aldeias inteiras. Em menos de uma hora, as estradas desapparecem, e a neve toma por toda a parte dez pés de profundidade. A montanha treme até nos seus fundamentos; as arvores entrechocam-se, os ramos despedaçam-se, os rochedos desarraigam-se, as paredes das casas abrem largas fendas, as vigas estalam, os tectos caem. Tudo se desmorona! São convulsões, horrores, uma agonia. Ao pallido clarão da lua, os homens, as mulheres, as creanças, arrancados ao somno, erram semi-nús, olhos espantados, boqui-abertos, cabellos erriçados, sem se reconhecerem, sem saber aonde encontrar um abrigo. Os que poderam escapar-se de suas casas, meio destruidas, procuram-se, abraçam-se, reunem-se. O cura, então, colloca-se no meio d'elles, sereno e grave, tendo na mão a custodia, que encerra a hostia consagrada. Todos ajoelham sobre a neve, fronte descoberta, olhos levantados para o céo, com a alma transida de terror; e logo ao ruido das longiquas avalanchas, soa nos declives da montanha a terrivel e solemne melodia do *Dies iræ*.]

A QUESTÃO LITTERARIA

Por ZACHARIAS AÇA.

Ha um anno lia-se em Lisboa um livro novo a todos os respeitos, novo pela fórma, pela idéa e pelo nome do auctor. Quando digo novo, claro está que me refiro a Portugal. Discutia-se o titulo e o assumpto; a fórma era aquilatada pelos mestres, pelos cinzeladores, pelos Cellinis da palavra; a idéa era estudada pelos que lidam com os assumptos historicos, com a philosophia e com a poesia. O livro filiava-se em alguma das escolas modernas da Allemanha, e punha a mira mui alto. O tentamen era uma temeridade, e o resultado provou que os Icaros não acabaram ainda; nem era isto para admirar quando vimos Victor Hugo, que precedera n'esta empreza o sr. Theophilo Braga, rojar-se, elle, a aguia, pela terra, indo mostrar nos ares, agora manchadas pela lama, as azas outr'ora alvas e esplendidas. Já disse o nome do auctor; o livro chama-se—*Visão dos tempos*.—

A ignorancia de uns, a falta de senso critico de outros, e a extrema e, no meu entender, criminosa benevolencia da nossa imprensa, fizeram com que este livro occupasse officialmente na litteratura contemporanea um logar distincto a que de certo não tem direito.

Visão dos tempos! Esta reconstituição das civilisações que passaram é difficilima, em alguns pontos é impossivel, e requer os talentos e a sciencia de um Cuvier, de um Goethe. Este titulo esmaga a obra de um escriptor que nasce para as letras, e o sr. Theophilo Braga, se, em vez de ser portuguez, fosse allemão, inglez ou francez, e vivesse em um paiz onde a critica abrangesse todos os ramos dos conhecimentos humanos, o que entre nós não succede, infelizmente, havia de estar agora arrependido de ter publicado o seu livro.

Não bastam, para que uma obra passe á posteridade, os titulos pomposos e as citações abundantes, porque não é isso o que constitue a verdadeira sciencia, a luz que allumia a todos. A erudição assim entendida é facil, mas é inutil, e o titulo, se é chamariz que attrahe o publico ao balcão do mercador de livros, é tambem e ao mesmo tempo signal de leviandade ou de nimia presumpção das proprias forças.

Escrevendo um prologo com o titulo de «Generalisação da historia da poesia» o sr. Theophilo Braga não podia aspirar a outra coisa que não fosse o vulgarisar entre nós, até hoje segregados quasi completamente do grande movimento philosophico, historico e litterario da Europa, as idéas que se ensinam nas academias e universidades estrangeiras. Isto e só isto podia ser, attentas as circumstancias que se davam no joven poeta que não poderia racionalmente tomar a si as funcções de mestre e iniciador.

As qualidades, que se requerem no vulgarisador, são em primeiro logar a sciencia, depois o methodo e a clareza na exposição.

Encontram-se no prologo da *Visão dos tempos* estes predicados?

Parece-me que não. A exposição é confusa; as syntheses não se ligam rigorosamente; não ha logica na deducção das idéas, e a phrase, por vezes germanica, não tem o rigor geometrico tão necessario em assumptos d'esta ordem: em compensação as citações abundam.

Isto pelo que diz respeito á prosa.

Na *Bacchante*, a maior e a melhor das composições que constituem aquelle livro, foi mais feliz o auctor, comquanto ficasse aqui muito á quem da perfeição. Deixando de lado a parte artistica, a metrificação, que n'este assumpto devia ser muito esmerada, o sr. Theophilo Braga é, n'este poemeto, inferior aos poetas francezes que tem procurado fazer reviver nos seus escriptos a singeleza, a elegancia, a harmonia e a serenidade da poesia grega. Citarei apenas o nome de André Chenier e o de Leconte de Lisle, e, como a respeito d'este ultimo escreveu Gustavo Planche algumas observações que vem de molde, transcreve-las-hei aqui. — «O prefacio do sr. Leconte de Lisle prova até á evidencia que o manejo do metro e da rima não ensina as regras mais elementares

da prosa. As idéas mais justas não podem prescindir de ser apresentadas sob uma fórma clara e exacta; ora o sr. Leconte de Lisle parece despresar abertamente a clareza e a exactidão. As suas idéas não se encadeam e apresentam-se-nos vagas e confusas. Habituado a fallar a lingua dos deuses, o auctor mal se sabe exprimir na lingua dos homens e obriga-nos a adivinhar-lhe o pensamento.»

Isto que o eminente critico diz de Leconte de Lisle, é como se vê, pouco mais ou menos, o que eu disse ácerca do prologo da *Visão dos tempos*. Está, portanto, o sr. Braga em muito boa companhia, mas o caminho é mau.

Voltando á poesia direi que a Bacchante não é, para mim, nem uma estatua, nem uma pintura de Herculanum ou da grande arte da Renascença, porque não tem nem a vida exuberante e a graça dos contornos da esculptura grega, nem o clorido e a expressão de Corregio ou Raphael. Aquellas figuras são pouco accentuadas, e, se é preciso compara-las a um objecto de arte, direi que são antes um esboço do que uma obra perfeita e acabada. O desenho é incorrecto ainda, a luz não está bem distribuida, a composição, o agrupamento das figuras não está determinado definitivamente.

O sr. Camillo Castello Branco, n'um dos seus artigos criticos sobre este assumpto, diz que «Na contextura da *Bacchante* a critica não tem direito a assignalar inverosimilhanças.» Mais abaixo accrescenta; «O sr. Theophilo Braga inventou; dos usos gregos aproveitou as decorações para a scena: foi a poesia mythologica, sem duvida, que lh'as deu. A Grecia não era assim, de certo.»

A critica tem direito a notar as inverosimilhanças, porque ellas existem no poemeto, e esse direito assiste sempre á critica.

Era preferivel que o joven poeta não inventasse, porque a Grecia compunha-se não de nomes, mas de homens que tinham costumes e idéas differentes das nossas, e na empreza do sr. Braga havia uma parte historica importante que elle não devia despresar.

Finalmente, sem discutir agora as outras opiniões da critica, aliás excellente em muitos pontos do sr. Camillo Castello Branco, e que é uma das mais completas que ultimamente tem apparecido, direi que o illustre romancista condemnou a Bacchante quando disse que a Grecia não era assim.

Das outras composições, inferiores em qualidade e quantidade á Bacchante, pode-se dizer o mesmo que a respeito d'esta escrevi.

Eis-aqui, em synthese, o que eu penso da *Visão dos tempos*, reservando para mais tarde e se fôr necessario, a confirmação analytica do que deixo dito.

(*Continua*)

A BELLESA E OS ADORNOS

Uma das senhoras mais formosas e elegantes da aristocracia hespanhola, mas cuja casa estava extremamente empenhada, tendo recebido convite para um baile na côrte, mandou, por carta, a uma sua amiga, mais idosa e menos bella, pedir emprestados os diamantes.

Esta, que n'aquelle dia não estava de bom humor, terminando a leitura do escripto, voltou-se para o criado, e exclamou: «Diga a essa senhora que, se me envia a sua cara, deixo de fazer uso de todas as minhas joias.»

OS PHILO-PORTUGUEZES.

POR INNOCENCIO F. DA SILVA.

I

Por impulso da insaciavel curiosidade, que apoderando-se do nosso espirito em annos bem tenros, tem permanecido comnosco até á idade madura, levando-nos a ler, ou antes a devorar indistinctamente n'este já longo intervallo milhares e milhares de volumes de todo o genero, desde os mais raros e exquisitos primores do saber humano, até as mais futeis e minguadas producções que os prelos de si lançam muitas vezes para vergonha e descredito de quem as engendrara: pegámos ha dias de um folheto, recentemente impresso, e que por seu assumpto começou a dar tamanho brado, que já corre, segundo se diz, em terceira edição. Com pretenções á originalidade, e recheado, ao que nos pareceu, de muitas e singulares *originalidades*, não foi sem grande extranheza que por entre os paradoxos, que o auctor se comprazeu de semear a flux por todas as paginas de tão notavel obra, o vimos alludir com ostentoso desdem ás *phrases rabujentas dos nossos livros bolorentos chamados classicos*, e logo adiante acoimar os escriptos em prosa de um nosso patricio, (por ventura o mais vernaculo dos contemporaneos que se esmeram em bem escrever,) de *imitações das algaravias mysticas de frades estonteados!!!* Assim, pois, se conceituam de um rasgo de penna, e na phrase dos modernos propugnadores da *Idéa* (com inicial maiuscula!) os Vieiras, os Bernardes, os Sousas, os Lucenas, os Arraes, os Heitores Pintos, os Thomés de Jesus, e tantos outros mestres do nosso formoso idioma, que pela fluidez, energia, perspicuidade e elegancia da linguagem teem sido, e são ainda as delicias dos que chegam a entendel-os! A fé, que ao ver taes palavras escriptas por homem que se diz portuguez, ou que ao menos nasceu em terras de Portugal, sentimos a alma sombreada de uma commoção dolorosa, que em vão tentariamos exprimir!

Não o pensavam assim tantos eruditos estrangeiros, que em tempos mais antigos e até no seculo actual, conseguindo vencer á força de estudo as confessadas difficuldades da lingua, e penetrar os mysterios da nossa elocução, se apressaram a trasladar nas suas, esses *bolorentos* auctores, de que tão enjoados desdenham os modernos iniciadores de novas sendas. Nem tão pouco os amadores esclarecidos, que em todas as nações compravam, e compram ainda, talvez a peso de ouro,

esses desprezados livros, para com elles enriquecerem suas fastosas e escolhidas bibliothecas.

O extenso catalogo que de uns e outros poderiamos tecer, seria talvez n'esta parte a refutação mais azada que cumpria dar a insolitas asserções, forjadas nos cerebros escandecidos dos que a si se preconisam de *idealistas* por excellencia. Bem teriamos esse desejo, porém fallece-nos agora mais que nunca o tempo, e sobram-nos occupações que impedem realisal-o. Faremos todavia o que podermos, e a começar pela Gran-Bretanha, commemoraremos em seguida a este artigo os nomes de cinco illustrados philologos inglezes, distinctos por seus conhecimentos, e alguns notaveis por sua elevada cathegoria na ordem social, que no seculo corrente se mostraram enthusiasticos amadores da nossa litteratura *classica*, patenteando por modos nada equivocos a estima e admiração que lhes inspiravam esses auctores, que hoje vemos indignamente vilipendiados por nacionaes com apodos tão grosseiros.

(Continua.)

M. LÉON DE LABORDE

Este illustre varão, filho de Alexandre L. Joseph, conde de Laborde, nasceu em Pariz no anno de 1807, e tornou-se distincto no mundo litterario pelas suas interessantes averiguações sobre a historia da arte, da gravura, da imprensa e das bibliothecas. É a elle, depois de Niéburh, Burckardt e Mangles, que se devem as mais vastas e magnificas noticias sobre a Arabia, paiz celeberrimo da antiguidade e cuja historia vai prender nos primeiros tempos. Estudou, durante um anno de residencia no Cairo, o idioma arabe, e,

em 1828, á frente de uma numerosa caravana, vestido como os habitantes de Alepo, trajo que adoptou para melhor poder identificar-se com os povos que queria visitar, internou-se pelos areiaes do Egypto, e atravessando a Syria, Alepo, Libano, Damasco. Palmira e outros pontos igualmente curiosos, subiu o monte Taurus, penetrou até a antiga cidade de Petra.

Esta viagem não teve só por fim a contemplação dos monumentos da antiguidade; como se vê das *Voyages dans l'Arabie Petrée, en Asie Mineure et en Syrie*, Mr. de Laborde, estudou tambem as plantas, animaes e geographia d'aquella parte do mundo; o que, realmente, foi um grande serviço prestado ás sciencias.

As obras que conhecemos do intrepido viajante, são as seguintes: *Les Grandes habitations françaises au XVII siècle; Voyages dans l'Arabie Pétrée*, 1830, — *en Asie Mineure et en Syrie*, 1837; *les Ducs de Bourgogne, Études sur les lettres, les arts, et l'industrie, pendant le XV siècle*, 1849—51; *La Renaissance des arts à la cour de France, Études sur le XVI siècle*, 1850; *Notice des émaux, bijoux, exposés au Louvre*, 1853; *Athénes aux XV, XVI et XVII siécles*, 1855.

Mr. Léon de Laborde substituiu seu pai na camara dos deputados e na Academia das sciencias moraes.

PEREZ LORENZO

(Scenas da Campanha do Mexico)

Por PINHEIRO CHAGAS.

I

Todos conhecemos os ultimos acontecimentos do Mexico, acontecimentos, que transformaram a anarchica republica americana, graças á intervenção franceza, n'um imperio que por ora apenas se esteia nas bayonetas dos zuavos, mas que, para o futuro, se não commetter grandes erros, se desenvolver o espirito nacional, se entrar no caminho dos progressos materiaes, poderá conquistar mais seguras garantias de solidez. Sabemos dos insultos selvagens e anti-politicos a que estiveram sujeitos os estrangeiros, da insistencia do governo mexicano em responder com orgulho ás reclamações das potencias occidentaes, da intervenção motivada por esse inqualificavel procedimento, e, finalmente, do celebre convenio da Soledad, que, isolando a politica franceza da politica ingleza e da hespanhola, deixou a divisão imperial em campo contra as forças todas da republica.

A questão da honra da bandeira arrastou a França talvez muito para além do ponto a que tencionára chegar. As aguias victoriosas de Alma, e de Solferino sustaram o vôo audacioso perante as muralhas de Puebla. O general Lorencez teve de recuar diante do indisciplinado exercito americano-hespanhol. A noticia d'este desastre militar deu rebates em França ao brio nacional. A memoria da antiga expedição de S. Domingos, em que a febre amarella, e as balas dos atiradores negros dizimaram os intrepidos soldados, que tinham atravessado incolumes os paúes d'Arcola, os areiaes do Egypto, as selvas de bayonetas austriacas de Hohenlinden, e as escarpas dos Alpes varejadas pelas carabinas dos caçadores tyrolezes, a memoria d'essa expedição infeliz, em vez de afrouxar o desejo de vingança, ainda mais o excitou. O novo grande exercito estava ancioso por demonstrar ao mundo que as vastas planicies da America não eram simplesmente o cemiterio dos vencedores da Europa, e que não perseguia uma fatalidade especial as armas francezas nas regiões tropicaes. Tratava-se de vingar a um tempo o ataque infeliz de Puebla, e a exterminação do exercito do general Leclerc. As aguias da Gallia tinham que ajustar contas antigas e modernas com os condores americanos.

Um exercito de trinta mil homens, commandado pelo general Forey, um dos heroes da Criméa, e o vencedor de Montebello, saío dos portos francezes a bordo de uma esquadra, e singrou para o mar das Antilhas. Desembarcou em Vera-Cruz, e, depois de uma especie de marcha triumphal, em que o exercito mexicano se dissipou, ainda mais depressa que o fumo dos canhões francezes, o general Forey chegou diante de Puebla.

Foi então que principiou a verdadeira guerra.

Não comportam nem a indole nem as dimensões da ligeira narrativa, a que este capitulo serve de prologo, uma discussão politica sobre o direito da intervenção, e o caracter justo ou odioso de uma guerra, emprehendida para tirar vingança de uma offensa real, e que, principiando debaixo de tão justiceiros auspicios, foi continuada por um capricho de pundonor militar, e levada a ponto de assumir o caracter de conquista, violando os direitos das nacionalidades e impondo a um paiz livre, um governo melhor ou peior do que o antigo, mas irrogado á humilhação dos vencidos pela pressão dos vencedores. Considerando a guerra apenas debaixo do seu ponto de vista militar, confessaremos que é esta campanha uma das mais gloriosas para o exercito francez. Reuniam-se contra elle dois elementos; cada um dos quaes bastára, nas eras brilhantes do consulado e do imperio, para obrigar a fortuna a atraiçoar a bandeira tricolor tão sua predilecta em todos os campos de batalha. Por um lado a influencia devastadora do clima tropical; que prostrára os valentes do Egypto, do Rheno e da Italia, nas planuras do Haiti. Por outro lado a sublevação dos povos de raça iberica, o seu systema de guerra original e mortifero que sepultára nos serros da Hespanha e de Portugal os heroes d'Austerlitz e de Friedland. Isolados, estes dois elementos haviam saido victoriosos da lucta. O que não fariam reunidos?

Por isso dizemos: A guerra só principiou, verdadeiramente, quando o general Forey chegou diante de Puebla. Em batalha campal era irrisoria a lucta. Uma carga de bayoneta dos zuavos dispersava os soldados mexicanos, como as hostes de Soult e de Suchet affugentavam as tropas hespanholas. Mas na defeza das praças contava Puebla uma ou antes duas ascendentes heroicas, Sa-

ragoça, e Numancia. Lannes e Scipião haviam estacado perante as muralhas das duas cidades. Forey parou tambem diante de Puebla.

Esta cidade recebeu com justiça a denominação de nova Saragoça. Para em tudo ser notavel a coincidencia, dava-se o caso de se ter o general sitiador distinguido no mesmo campo de batalha. O titulo de duque de Montebello recompensára as façanhas praticadas por Lannes n'esse ponto em 1800. Em 1859 ganhava Forey uma batalha em Montebello contra os filhos dos austriacos derrotados pelo heroico subalterno de Bonaparte. Ambos se encontravam, cara a cara, com inimigos da mesma raça, iguaes em denodo, e em situação identica. Ortega não envergonhou Palafox. Á nova Saragoça só faltou um Byron para lhe cantar a gloria. O que prova mais uma vez que são mais raros os Homeros do que os Achilles.

Mas o systema de defeza da raça hespanhola não estaria completo se faltassem as guerrilhas. Não faltaram effectivamente. Emquanto o general Forey abria as paralellas diante de Puebla, iam-lhe sendo cortadas as communicações com a beira-mar pelos ataques audaciosos dos guerrilheiros, que salteavam os comboyos do exercito. Os desastres da guerra de Hespanha ameaçavam renovar-se. O exercito francez, internado no Mexico via-se em imminente risco de se transformar de sitiador em sitiado, ou de imitar a retirada de Massena, depois dos seus infructiferos ataques ás linhas de Torres Vedras. Mas essas terriveis lições sel-o-iam duplamente se não tivessem aproveitado aos vencidos. Além d'isso, as guerras de Alger, guerras tambem de emboscadas e ardis, haviam dado aos soldados e generaes de Napoleão III a experiencia que faltava aos veteranos do primeiro imperador. O general Forey poz logo o dedo no unico meio de defeza, de que podia lançar mão. Combateu os mexicanos com as suas proprias armas; á entrada em campo dos guerrilhas respondeu com a organisação das contra-guerrilhas.

Este corpo, que tantos serviços prestou e está prestando á occupação franceza e ao novo imperio, apresentou, nos primeiros tempos da sua creação, o mais extravagante aspecto, que é possivel imaginar-se. Confusa miscellanea de trajos, de idiomas e de physionomias, parecia indicar que os obreiros da torre de Babel haviam desembarcado em Vera-Cruz para auxiliarem o novo imperio, que tambem tinha a sua feição variegada, porque apresentava a anomalia de ser a reconstrucção do throno dos Aztéques emprehendida por um imperador francez, em proveito de um archiduque allemão eleito por colonos hespanhoes!

Expliquemos esta confusão.

Quando os francezes, de posse de Alger, se viram obrigados a travar com os arabes e os kabilas uma guerra de montanhas, perceberam logo a necessidade de organisarem corpos ligeiros, e, se fosse possivel, de indigenas, que, por conhecerem bem as disposições do terreno, podiam ser oppostos com fructo a esses intangiveis inimigos, que appareciam e desappareciam com a rapidez do raio, mas deixando tambem sempre, como o raio, vestigio da sua passagem.

Foi esse o motivo da creação dos zuavos. Uma tribu arabe, a tribu dos *zaouas*, que se havia ligado aos conquistadores, formou o primitivo nucleo dos regimentos. Depois em torno d'elles foram-se agrupando aventureiros audaciosos, a quem o ministro da guerra, com toda a generosidade, dava um passaporte para Alger, a fim de os livrar das importunidades da policia. Já se vê que eram só admittidos os que tinham peccados veniaes, e não os que tinham na sua vida macula que implicasse deshonra, e que por conseguinte deshonrasse a bandeira, que se deve desfraldar illibada ao vento das refregas. Assim, estes regimentos eram formados de gente um pouco turbulenta mas decidida, folgazã e audaz, agil sobretudo, porque os membros indigenas estavam habituados aos fraguedos do Atlas, e os francezes já em Paris mostravam grande predilecção pelos caminhos extravagantes onde se não aventura a dignidade da *gendarmerie*, taes como telhados, muros de quintal e outras vias excepcionaes.

Os bons resultados obtidos por esta idéa inspiraram o desejo de a desenvolver; a infanteria dos zuavos perseguia nos mais inaccessiveis pincaros da Kabylia os atiradores arabes, e era necessario não deixar o campo livre a esses terriveis cavalleiros numidas, que foram sempre, desde Jugurtha, o terror dos exercitos europeus. Na defeza as bayonetas dos quadrados francezes bastavam para aparar o embate d'esse turbilhão de ginetes. Mas a retirada tinham-n'a os assaltantes sempre segura, porque seria necessario que fosse cada soldado da cavallaria franceza um Franconi, para que os podesse acompanhar nas penedias que elles galgavam como se cada cavallo tivesse azas nos pés, em vez de ferraduras. Remediou-se a este inconveniente pelo mesmo systema, que se applicára ao outro. Um corpo de cavallaria indigena foi creado com o nome de «spahis».

Esta dupla experiencia ensinou aos francezes o methodo de auxiliarem sempre os movimentos do exercito regular com estas tropas irregulares, conhecedoras do terreno, e proprias para atalharem a insurreição dos povos, quando elles tivessem a idéa de entrar em scena. Logo na campanha da Criméa, o marechal Saint-Arnaud, pensando nos damnos que as nuvens dos cossacos lhe podiam causar, ordenou a organisação dos *bachi-bozouks*, especie de cossacos turcos, encarregados de livrarem o exercito alliado das importunidades da selvagem milicia moscovita. Foi quasi inutil a organisação, porque a invasão da Russia estacou perante as muralhas de Sebastopol, e não tiveram por conseguinte as forças alliadas de atravessar as solitarias *steppes*, dominio incontestado das hordas brutaes do Don, do Dnieper, e do Volga.

Se havia campanha, onde fosse indispensavel o auxilio d'essas tropas irregulares, era de certo a do Mexico. Ahi a questão principal era a das guerrilhas, só d'esse lado é que se podia temer

um desastre. Mas como obviar a elle? O exercito estava no Mexico n'uma posição completamente excepcional. Não tinha alli como na Turquia um paiz alliado, que lhe désse os seus irregulares para os organisar; não tinha como em Alger um nucleo indigena, a França a dois passos para lhe enviar as suas aventurosas recrutas, tempo largo para as adestrar, e um quartel seguro, onde a organisação se podesse fazer com toda a commodidade. Alli o paiz era adverso em massa, urgia o tempo, e os francezes não podiam chamar seu nem sequer ao terreno em que se projectava a sombra dos seus regimentos. Havia um unico meio, foi para elle que se appellou. O Mexico é ainda o El-Dorado dos europeus, ou pelos proprios recursos, ou por ser, para assim dizermos, a porta do maravilhoso paraiso da California. Fervilham nas suas cidades os aventureiros de todas as nações, gente resoluta, avida de riquezas, amiga da lucta, doida pelos acasos da vida errante. Foi com esta canalha de heroes que se formaram as contra-guerrilhas.

Imaginem já o que devia ser, especialmente no principio, uma semelhante tropa. O allemão taciturno formava ao lado do palreiro francez, do monosyllabico inglez, do expansivo italiano, do phantasioso hespanhol, do avido suisso. A disciplina conservava-se, graças aos esforços do coronel Dupin e dos seus subalternos, mas a muito custo. Porém o fim preencheu-se; as guerrilhas, se tentavam atacar os comboyos, recebiam, segundo as regras grammaticaes, uma resposta no mesmo caso em que faziam a pergunta. Ás vezes esses eternos inventores de emboscadas caiam nos mesmos laços, que tinham por uso armar, e o general Forey poude continuar o cerco de Puebla, tomal-a, e marchar sobre a capital, sem receio de ver os seus feridos assassinados, as suas bagagens roubadas, os seus comboyos salteados.

Um dos officiaes d'essas contra-guerrilhas, o conde de Kératry, deu na *Revista dos Dois Mundos* de 1 de outubro de 1865 uma noticia circunstanciada das expedições em que tomou parte. Interessantissimo por qualquer lado que se considere, ou como subsidio para a historia militar da campanha do Mexico, ou como quadro dos costumes barbaros d'essas terras americanas em pleno seculo XIX, abunda esse artigo em anecdotas que podem servir de base a romances altamente commoventes, se as deparar a habil penna de um Alexandre Dumas, ou de um Paulo Féval. Não ousamos tanto, que não são para isso as nossas forças, e apenas tentamos esboçar, na leve narrativa que se segue, um caso horroroso sim, mas cuja veracidade é asseverada por um official francez, e confirmada, sendo necessario, pelo testemunho dos seus collegas, que elle invoca, caso que póde dar aos nossos leitores uma idéa do que eram, ha um anno, e do que provavelmente ainda hoje são os costumes de um paiz, que se apresenta como civilisado.

(Continua)

A ESTRELLA

Like a star on eternity's ocean!

MOORE.

Por entre o raro veu, que, pouco a pouco,
Viera o céo toldar,
Eu, deslumbrado, contemplava a estrella
Que via além brilhar.

Oh, era bella, sim; seus raios tremulos
Sobre a terra desciam;
Mas n'aquelle esplendor pallido e santo
Os lyrios se reviam.

Era bella, perdida e solitaria
Em meio d'amplidão;
Como um fanal d'esp'rança, radiando
Na escura cerração.

E o meu espirito evocava inquieto
Delicias que eu perdi,
E o meu passado inteiro e redivivo
Sorria-me d'alli.

E o coração batia-me convulso
Como jámais bateu:
A minha vida toda estava presa
Na luz d'aquelle céo.

É que a estrella era a imagem saudosa
De um sonho d'alegrias:
Astro consolador, raio perdido
Na treva dos meus dias!

E. A. VIDAL.

O SEGREDO

Um official, que tinha grande familiaridade com o principe de Orange, por occasião de certa marcha forçada, dirigiu-lhe a seguinte pergunta:

— Porque motivo, senhor, fazemos esta marcha?

— Guardareis o segredo? lhe tornou o principe.

— Sou incapaz de abusar da vossa confiança!

— Estou convencido d'isso, replicou o principe; mas, se possuis o dom de poder guardar um segredo, Deos tambem me concedeu igual graça.

A POSTERIDADE

— Appello para a posteridade, dizia (não nos lembramos da época nem do logar) um poeta, a quem acabavam de patear uma das suas producções dramaticas; despreso um publico que se compõe sómente de analphabetos.

— Ai, meu caro amigo, lhe tornou um individuo, que o acompanhava; vê aquellas creanças além jogando o pião e dando cambalhotas? são ellas que hão de representar a posteridade. Os analphabetos de que hoje se queixa, são a posteridade porque tanto clamaram os poetas de ha cincoenta annos, cujas obras tambem foram pateadas. De maneira, que, essas suas palavras: — appello para a posteridade — equivalem a — appello para os analphabetos do porvir.

Typ. Franco-Portugueza. = Rua do Thesouro Velho, 6.

A ANDORINHA

Os *Fissirostros diurnos* são algumas vezes designados pelo nome commum de *Andorinhas;* não obstante, dividem-n'os, geralmente, em duas especies: *Andorinhas* propriamente ditas, e *Gaivões.*

As *Andorinhas* propriamente ditas (*Hirundo*) teem o bico triangular, largo na base e um pouco recurvado na ponta, as ventas oblongas, pernas curtas, os dedos dos pés dispostos como na maior parte dos pardaes, azas muito compridas e a cauda, ordinariamente, bipartida; procuram sempre as grandes povoações, e os serviços que prestam

purgando o ar de uma multidão de insectos prejudiciaes, deram logar a que, por muito tempo, fossem consideradas como emanação divina, e por consequencia tidos por criminosos os individuos que procurassem maltratal-as.

Poucas especies teem o instincto social tão desenvolvido como as andorinhas. Reunem-se em familia, caçam, percorrem em bandos o espaço, prestam-se mutuo soccorro contra as aves de rapina e edificam os seus ninhos nos mesmos

sitios durante muitos annos consecutivos. É na primavera que as vêmos apparecer, primeiro, em pequenos bandos, depois em grandes, e espalharem-se então pelos campos e cidades, reparando os ninhos do anno precedente ou construindo novos em que empregam muitas vezes um mez de trabalho.

A fórma dos ninhos, bem como o logar, variam, segundo as especies. Ora teem a fórma de um cylindro ou de um quarto de semi-espheroide; ora a de um cone troncado; umas familias constroem-n'os nos angulos das janellas e nas beiras dos telhados; outras nas concavidades dos rochedos, nos buracos do solo, nas fendas dos muros e das arvores velhas. As materias que empregam na construcção variam igualmente: as *Andorinhas* de *chaminé* e de *janella* fabricam-n'os de terra molhada e palha miuda, forrando-os interiormente de cotão e de pennas; o *Gaivão* preto edifica o seu de bocadinhos de madeira, palha, pennas e outras substancias semelhantes, apegando-as entre si com o humor viscoso que lhe cobre constantemente o interior da boca. A postura é de seis a oito ovos. Durante o choco, que dura ordinariamente deseseis dias, a femea não deixa um só momento o ninho. O macho leva-lhe o producto da sua caça, e vigia de noite a ninhada. Quando os filhos nascem, os pais ensinam-lhes a fazer uso das azas, mostrando-lhes, de longe, o sustento; guiam-n'os em suas excursões em quanto carecem de auxilio e depois passam a cuidar da nova ninhada; o que se repete tres vezes, ordinariamente, em cada estação. No outomno, as andorinhas emigram todas, e no mez de outubro começam a apparecer no Senegal. Todavia, durante o inverno, encontram-se, algumas vezes nas grutas ou nos caniçados, muitos d'estes passaros, mergulhados n'um torpor lethargico. As andorinhas são dotadas de uma potencia de vôo extraordinaria.

Poucas especies voam com tanta rapidez. Spallanzani affirma, que a andorinha de janella póde andar por hora vinte leguas e que o vôo do gaivão é muito mais rapido. Um sentido singularmente desenvolvido entre estes passaros, é a vista. Um facto, de que Spallanzani foi testemunha, mostrou-lhe que as andorinhas distinguem, perfeitamente, na distancia de 105 metros, um objecto tal, como uma formiga de azas.

Quatro são as especies de andorinhas que se acham em todo o Sudoeste da Europa: a *Andorinha* de *janella (Hirundo urbica)* preta pela parte superior do corpo, branca pela inferior e no uropigio, e cujos pés são revestidos de pennas até ás unhas. Edifica o seu ninho nos angulos das janellas, nas beiras dos telhados, etc. a *Andorinha de chaminé (Hirundo rustica)* preta pela parte superior do corpo, branca pela inferior, fronte e garganta ruivas, dedos nus e cauda rasgada e longa. Deriva o nome do logar que procura para a sua habitação, onde fabrica o ninho, a que dá a fórma de um quarto de semi-espheroide: a *Andorinha das praias (Hirundo riparia)* mais pequena do que as precedentes, parda pela parte superior do corpo e no peito, branca na garganta e pela parte inferior. Desova em buracos nas margens dos rios, lagos e, muitas vezes, no inverno, é encontrada n'aquelles logares n'um estado de torpor lethargico: a *Andorinha dos montes, (Hirundo rupestris)* que não differe da andorinha de chaminé senão em ter as pennas alvadias pela parte superior do corpo e a cauda um pouco rasgada. Das especies estranhas citaremos apenas a *Andorinha Salangana. (Hirundo esculenta)* que habita nas ilhas do Archipelago Indio; é muito mais pequena que todas as outras, e a substancia gelatinosa com que fabrica os seus ninhos é muito procurada pelos chinezes, que a consideram um excellente manjar. Os guisados de ninhos de andorinhas figuram em todos os grandes banquetes do Celeste Imperio: estes ninhos tambem são objecto de um grande commercio, e vendem-se por preços elevadissimos.

Os gaivões distinguem-se das andorinhas, com as quaes se confundem nos costumes, por terem as pernas mais curtas e as azas muito mais compridas. Esta curtesa das pernas junta ao comprimento das azas faz com que, estando no solo, tenham grande difficuldade em tomar o vôo; em consequencia do que raras vezes póisam; vivem constantemente no ar reunidos em bandos numerosos, perseguem os insectos, gazeando fortemente e aninham-se nas fendas dos muros e nos rochedos. Encontram-se apenas na Europa duas especies: o *Gaivão preto (Cypsellus apus)* que tem o corpo preto, garganta branca e que anda pelas torres e pontos elevados, importunando os habitantes dos logares com os seus incessantes guinchos; e o *Gaivão grande (Cypsellus melba)* habitante dos Alpes, que se aninha nas concavidades dos rochedos.

Entre as especies exoticas, a mais elegante e notavel pelas lindas cores e sobretudo pelas pennas que tem sobre o bico, em fórma de bigode, é, sem contradição, o gaivão da Nova Guiné.

O homem de coração puro encontra sempre rasões para aggravar o seu crime e não para justificar-se.

A QUESTÃO LITTERARIA

Por ZACHARIAS AÇA

Fallarei tambem, para completar este esboço critico, do livro que se seguio á *Visão dos tempos*, e cuja segunda parte é. Nas *Tempestades sonoras* ha a mesma tendencia poetica e historica, quero dizer, o mesmo modo de manifestação, e ainda o mesmo intricado de phrase na prosa, e na poesia accresce a exageração, a transferencia impossivel de attributos, e uma falsa grandeza que, perdoem-me a palavra que é dura, não consegue ser senão ridicula.

Eis-aqui e em poucas palavras o que geralmente se diz e pensa a respeito d'estes livros. Não é o que a imprensa publica, bem o sabemos, porque os orgãos da opinião, largam muitas vezes mão da consciencia e escrevem o que não sentem, mas

é o que eu penso e creio ser a opinião geral que se não deixa levar pela opinião de escriptores louvaminheiros.

As tendencias que revelaram no sr. Theophilo Braga um scismatico, sectario da religião das *trevas que luzem* (a) não eram novas para nós, infelizmente. Os que teem frequentado a Universidade, e os que estudam e seguem o movimento intellectual em Portugal, sabem que desde muito lavra em Coimbra este incendio obscuro, que pretende substituir o sol. Todos conhecem o *Raio*, o *Minho* e outros jornaes em que alguns mancebos de merecimento, porque o teem, costumavam perder o seu tempo e transviar o espirito dos caminhos luminosos para nos dizerem: «A liberdade se não é Deus é um estilhaço de Deos.» «O melharuco do encephalo devora sempre a abelha da alma» e outras coisas assim de que eu podia fazer um grande estendal.

Pertenceram a este gremio, em que reinavam o archaismo e o neologismo, o sr. Camillo Castello Branco, que já desceu das alturas, felizmente para elle e para nós, o sr. Ayres de Gouvêa e o sr. Vieira de Castro quando escrevia a biographia do nosso eminente romancista. Aqui em Lisboa ha alguns escriptores e não dos somenos a quem se póde fazer o mesmo reproche.

A critica, até hoje, tem-n'os respeitado e parece-me que póde bem ser accusada de se parecer com os fidalgos do antigo regimen, humildes nos paços, orgulhosos nas ruas. Perante a critica, quero dizer perante a rasão e a consciencia, todos são eguaes.

A imitação das allucinações de Victor Hugo tem feito com que alguns poetas e prosadores despresem por vezes a naturalidade e procurem á custa do sacrificio d'esta realisar um ideal impossivel. O distincto poeta, o sr. Mendes Leal, incorreu n'esta falta quando escreveu algumas das estrophes do *Napoleão no Kremlin*.

É ainda á imitação mal entendida do grande poeta francez, que, forçoso é dizel-o, vae na decadencia do seu talento, que devemos attribuir a falsa grandeza, o procurar do effeito, o amaneirado, que se nos depara nas composições poeticas do sr. Anthero do Quental; e como os imitadores costumam exagerar os defeitos dos originaes, a poesia cosmogonico-philosophica que tem por titulo — *Fiat lux*—leva a palma ás maiores extravagancias da phantasia de Victor Hugo.

Isto fica dito por uma vez, e parece-me que ninguem que tiver lido o *Fiat lux*, me pedirá a analyse d'esta composição.

Até hoje tenho escripto exclusivamente sobre artes e é esta a primeira vez que me occupo de critica litteraria. Os que me tem lido (poucos são) na *Revista do Seculo*, sabem que sou habitualmente severo nas minhas apreciações, e que tratei alli os professores da Academia das Bellas Artes, que são todos meus amigos, e os outros artistas para mim desconhecidos, com a maior igualdade. Distribui os louvores e a censura conforme com a minha consciencia, e d'isto não me arrependo.

O que digo aqui não me é dictado pelo desejo de agradar, de ganhar corôas no torneio. Andam na lide outros campeadores a quem ellas são devidas. Não sou d'esses que a troco de zumbaias vis procuram grangear a graça regia de um sorriso, d'esses a quem um grande poeta, Corneille, se não me engano, disse—«Affastai-vos porque o vosso thuribulo ferio-me na face» mas tambem não levanto a lama para a lançar ao rosto dos que andam na mesma faina e que tiveram a desventura de nascer antes de mim, nem lhes grito»—Velhos! curvai-vos, respeitai-me e segui-me, porque eu sou a verdadeira sciencia, a luz e a inspiração; porque eu sou novo e bello, e porque a aurora da vida ainda me illumina a fronte com os seus ultimos clarões!

Entre o critico e o pamphletario, entre a dignidade e a vaidade, ha um abysmo. Não entendo que a critica deva ser insultadora, nem tenho para mim que seja grande o nome do que poz a coroa de espinhos na cabeça do Christo.

Não é nas cavernas lobregas do orgulho que devemos procurar a luz. O orgulho fez Satanaz, mas não faz os eleitos.

É na consciencia que está a justiça, e, como disse o sr. Alexandre Herculano, devemos traze-la sempre comnosco, para que não seja, fóra de nós, como uma visão tremenda que nos acompanhe, inexoravel como o olhar que perseguia o Cain da *Lenda dos seculos*

(*Continua*)

(a) *Fiat lux*—por Anthero do Quental.

IDILIO

I

A Confissão

Era pelo descair de uma linda tarde de primavera; hora em que o sol, ao occultar-se, tinge de mil côres o ceo; hora de doce e religioso encanto, em que vaguea melancolico o pensamento, e o coração sente indefinivel ternura. Azues se mostravam, quasi sem perfis, as longiquas montanhas por entre um vapor alvacento que, como transparente véo as cobria. A brisa, com o seu errante e leve sopro, agitava, graciosamente, as copas das arvores, e silvava, branda, por entre a ramagem, onde brilhava, e desapparecia, e tornava a brilhar por instantes, a luz phosphorica do pyrilampo. O triste e saudoso canto de algumas aves confundia-se com o prolongado estridor do grillo. A passo lento, preguiçoso, se dirigiam os rebanhos para o redil seguidos pelos pastores que, ora os acompanhavam, ora se distraiam, para escutar as tardas vibrações de uma harmonia ao longe. Soberbo, magestoso era o quadro, que a natureza, sempre prodiga, n'aquelle momento apresentava! Pela encosta do monte desciam então, em deleitoso colloquio entretidos, Narciso e Lilia formosa.

—Consegui fallar-te hoje, amavel pastora; mas, por estranho acaso; porque na estreiteza do caminho não podeste evitar o encontro, como o tens

feito na planicie. Foges de mim, Lilia, e eu busco-te por toda a parte, e a todos os instantes: como o gado procura o pasto, como o extraviado cordeirinho a mãi afflicta. Foges-me, Lilia, que eu amo, como as abelhas amam o calix das flores, e como as flores amam a luz e a frescura da manhã. Feliz quem possue o teu carinho, pastora, porque o prazer lhe trasborda do coração. Desgraçado de mim, que o teu despreso choro incessantemente!

—Não duvido; mas, a quantas pastoras tens dito o mesmo que ora me disseste, Narciso? Já t'o ouvio, certamente, Ulina, a bella, para quem tuas canções possuem tantos attractivos; a soberba e altiva Belisa a quem abrandam os maviosos sons da tua frauta; e Phillys, a affectada e languida Phillys, que hontem ostentava uma grinalda de rosas colhidas por tua mão. Falla a essas do teu amor, sensivel Narciso, que eu não troco a minha liberdade, nem a minha alegria por mentirosas palavras.

—És injusta, Lilia; o ceo dou por testemunha de que não mereço me dirijas taes accusações. Escuta-me: Ha poucos dias, disputavam dous pastores o premio do canto, na presença de muita gente da aldeia reunida debaixo da grande azinheira. Casualmente, passei por alli; e ao avistarem-me, deteve-se o que cantava, poz-se de pé o rival, e alguns dos jovens pastores me convidaram a entrar na liça. Ulina exclamou então: «Canta, Narciso, que tua voz é grata ao ouvido e commove o coração.» «E senão, que acompanhe com a frauta os cantores, porque os sons que d'ella tira são mais agradaveis do que os suaves gorgeios do rouxinol.» Isto disse Belisa. Eu respondi: «Amigos, como poderá cantar quem vive tão tristemente? Como poderá tocar quem chora a todo o momento? Ha muito que não exercito a voz e bem sabeis que minha frauta, tambem ha bastante tempo, se acha pendurada n'um ramo do alamo que sombrea a minha cabana. Não me falleis, pois, em canções, jogos e danças, em quanto aquella, que me roubou o socego, o não restituir ao meu peito contristado». «Roguemos a Lilia que o ame; exclamaram, como que de mim zombando, as duas pastoras que citei. Ao ouvir pronunciar o teu nome, senti que todo o sangue me affluia ao coração, e que o rosto se me tornava rubro... como ferro em brasa. Vês? a todos, d'este modo, descobri o meu segredo.

—E a grinalda de Phillys?

—Eu t'o digo: Hontem procurando um cabritinho extraviado, estava Phillys colhendo flores no rosal silvestre, que vegeta na borda mais escarpada do monte. Ao divisal-a (e não o fiz por fugir-lhe, foi por não interromper o meu trabalho) torci caminho, fingindo não a ter visto; porém, não havia andado muito, quando um grito penetrante me chegou aos ouvidos. Era um grito de Phillys por se ter ferido nos espinhos ao apanhar uma rosa...

—Logo, esqueceste o cabritinho, correste direito a ella, e procuraste, com solicito cuidado, estancar o sangue, que lhe corria pela nivea mão... não é verdade? Não beijaste apaixonadamente aquelles delicados dedos?... E a grinalda que, tão orgulhosa, ostentava no prado? não foste, tu, quem lh'a poz sobre os lindos cabellos louros?

—Lilia, não esqueci o cabritinho, nem corri, nem lhe beijei os dedos; pelo que respeita á grinalda é certo; porém, não sei o que ella em mim notou quando lhe puz as flores; porque na despedida exclamou: «Agradeço a tua extrema cortezia, gentil Narciso; ainda que conheço, que não deveras fazer um obsequio d'estes a outra pastora. Eras tu, a quem ella se referia.

—A mim?

—A ti, sim, pastora; porque todos da aldêa sabem que te amo. Sabem-n'o os bosques, a cuja espessura tantas vezes hei confiado meus pesares; a fonte, cujas aguas crystallinas teem sido um balsamo refrigerante para meus olhos cansados de chorar o teu desamor; o meu descuidado rebanho; as minhas flores que, pelo abandono, teem murchecido; as arvores em que tenho gravado o teu nome; o dia em que te vejo tão cruel e os meus sonhos em que ás vezes te comtemplo branda a meus rogos; todos, todos sabem do meu amor e dos meus tormentos!

E se, pois, tanto amor te consagro, formosa Lilia, porque não me has de tambem amar? Oh! quão felizes seriamos, unidos pelo amor em suave jugo! Para ti, só, reservaria o melodioso da minha voz; para ti, só, os écos repercutiriam os sons da minha campestre frauta; adornar-te-ia o seio com a primeira flor da primavera, e teu seria o primeiro cacho que amadurecesse na vide. Offerecer-te-ia os passarinhos que apanhasse nas brenhas escarpadas ou no elevado cimo das faias; seria a tua companhia nos bosques; e quando o sol abrazasse a terra com os seus ardentes raios do meio dia, á fresca sombra abrigados, fallar-te-ia do meu amor, e procuraria ler o teu n'esses lindos olhos e no teu amavel sorriso.

Ama-me, Lilia. Orphão ao nascer, não ouvi a voz de minha mãi, não lhe adormeci nos braços, não lhe senti bater o coração; tambem não andei ao collo de meu pai, nem tive irmãos que me estimassem e que brincassem commigo. O meu primeiro, e unico amor és tu; por isso, talvez nenhum affecto seja mais profundo. Ah! parece que n'esta affeição que te dedico, amo os irmãos que a Providencia me negou, a mãi que me deu a existencia, á custa da sua, e o pai, cuja fronte jámais tocaram meus labios...

—Narciso, meu amigo, tambem te amo. Quando choravas o meu apparente desdem, eu, julgando-te inconstante, rogava aos céos que a minha imagem se te gravasse no coração; porque o meu, por ti só, e só para ti vive.

Quão perigoso é o estudo da philosophia quando se não tem o entendimento são e bastantemente solido para resistir ás impressões, aos sophismas capciosos dos falsos philosophos!

A FESTA DOS REIS

O rei bebe de Jordães.

Este desenho é copia de um quadro de Jacques Jordães, celebre pintor da escola flamenga, que nasceu em Anvers no anno 1594, e que tendo seguido algum tempo as lições de Rubens, chegou a imital-o com tanta felicidade que se attribuiu a este ultimo uma das suas melhores composições: *Jesus Christo entre os doutores*. As obras de Jordães são notaveis pelo vigor do colorido e pelo que os entendedores chamam *claro-escuro;* e, se o que dizem biographos merece credito, este artista trabalhava com tanta facilidade, que poude concluir em seis dias um quadro de grande dimensão, representando a nympha Syrinx, transformada em canna por suas irmãs, as Nayades, no momento em que ia ser apanhada pelo deus Pan, que a perseguia.

Os leitores ainda não adivinharam qual é o assumpto da nossa gravura? É uma d'essas festas com que ainda hoje em alguns paizes da Europa se commemora o dia da Epiphania ou dos Santos Reis; festa celebrada com um banquete, que co-

meça pela nomeação de um rei, a quem todos devem obedecer e render preito e homenagem durante o festim. Esta nomeação é feita á sorte e do seguinte modo: Amassa-se um grande bolo, dentro do qual se mette uma fava. Pouco antes de começar o jantar traz-se o bolo para a meza e corta-se em tantas partes quantas são as pessoas presentes; procede-se á distribuição dos quinhões; e aquella, a quem a sorte leva o bocado que contém a fava, é, immediatamente, com grandes applausos e ceremonial devido, proclamada rei ou rainha da festa. Em seguida, o monarcha escolhe um bobo de entre os convivas, o qual é encarregado de divertir com seus gestos grotescos e ditos chistosos a companhia. As despezas do banquete são feitas pelo rei.

Não designaremos o papel de cada um dos personagens do quadro; bem claro o mostram o seu caracter e attitude. Tambem não ha necessidade de citar o facto religioso que se celebra no dia da Epiphania. Observaremos, todavia, que alguns sabios, considerando a coincidencia quasi exacta, quanto á época do anno, d'esta festa e das antigas saturnaes dos Romanos, e julgando ao mesmo tempo achar na realeza improvisada d'este dia a dominação momentanea dos escravos nas festas de Saturno, disseram que aquella não era senão a continuação das saturnaes. Alguns escriptores christãos tambem se pronunciaram contra *o rei bebe*, porque, diziam elles, se misturava o divino com o profano. Mas tanto uns como outros encontraram adversarios bastante religiosos que os combateram logicamente em seus juizos.

Parece que, não sómente nas reuniões dos estudantes e entre o povo, mas tambem na côrte, em épocas remotas, eram taes os abusos gastronomicos que a fraqueza dos estomagos de hoje não poderia certo supportar, e que muitas vezes

presidia a mais completa desenvoltura a estas nocturnas orgias.

Antes da revolução de 1789, a festa dos reis deu logar a que muitas vezes na côrte de França o principe acompanhasse os cortezãos no alegre banquete. Mas depois da restauração era exclusivamente em familia, que nas Tulherias se dividia o bolo, do qual devia sair a ephemera realeza.

N'uma época muito mais distante, os soberanos de Inglaterra admittiam ao banquete dos Reis até os simples menestreis; e é notorio, que foi n'um d'estes que, sob o reinado de Eduardo III, caio em certo anno a sorte.

No meio-dia da Inglaterra, a designação de um rei ou de uma rainha era seguida da nomeação dos *ministros*, *camaristas*, *escudeiros*, *damas*, de que se rodeavam os novos principes; o que era tambem feito á sorte.

Seria fastidioso enumerar todas as particularidades d'estas festas; mas não podemos deixar de mencionar a circumstancia interessante que se dava, antigamente, em muitas d'estas reuniões, especialmente entre a gente do campo, de, ao repartir o bolo dos reis, contar-se com as pessoas ausentes da familia, guardando-se-lhes o seu quinhão com um cuidado religioso, a que se juntava quasi sempre alguma superstição; porque muitas vezes, via-se a mãi saudosa consultar o fragmento d'esse bolo, crendo ler nas alterações originadas pelo tempo, um prognostico seguro da posição mais ou menos critica do terno objecto dos seus cuidados.

Naturalmente os homens teem mais inclinação para quem os não contradiz do que para quem os reprehende.

OS PHILO-PORTUGUEZES.

POR INNOCENCIO F. DA SILVA.

II

Dos cinco benemeritos inglezes, cujos nomes temos de commemorar, notaveis alguns quer pelas qualidades do sangue e riqueza, quer por elevadas funcções exercidas na hierarchia civil, dignos todos de respeito por dotes de ingenho e sciencia, e que em nossos dias demonstraram mais apaixonada predilecção pela litteratura portugueza, como que sagrando-lhe uma especie de culto, ou convertendo-a em objecto de seus particulares estudos, cabe o primeiro logar, segundo a ordem chronologica, a Lord Holland. D'elle, como dos outros, escreveremos em poucas palavras, menos do que desejaramos, attentas as dimensões do espaço de que podemos dispôr.

Herdeiro e representante de uma familia distincta da Grã-Bretanha, elevada ao pariato por Jorge III em 1762, Henrique Ricardo Vassall Fox, terceiro Lord Holland, nasceu, segundo se diz, em 1773. A sua educação foi esmerada, e propria para desenvolver seu talento e natural propensão para os estudos. Sobrinho do eminente orador e ministro Carlos Fox, e como elle devotado membro e servidor do partido *whig*, cedo começou a occupar-se das coisas publicas da sua patria, tomando assento nas cadeiras do parlamento. Ahi professou e defendeu as idéas e principios do tio, cujo collega veiu a ser no gabinete durante o curto intervallo em que aquelle celebre estadista se viu por segunda vez collocado á frente dos negocios como primeiro ministro em 1806. Ao cabo de vinte e seis annos, no de 1832, tocou-lhe ser ainda chamado ao serviço, no importante cargo de chanceller do ducado de Lencastre, por occasião da subida ao poder do ministerio Grey-Melbourne. Porém as lides politicas, e os debates da tribuna jamais tomaram sobre o seu espirito preponderancia tal, que por ellas se esquecesse do cultivo das letras, sobretudo de estudos philologicos, que amava apaixonadamente.

Havendo passado em Hespanha, e crêmos que em Portugal, uma parte da sua juventude, obtivera dos idiomas de ambos os paizes conhecimento bastante para entender os seus escriptores e poetas; e para apreciar nos originaes de cada um as bellezas e defeitos. Na sua escolhida e numerosa livraria avultavam em grande copia os livros hespanhoes e portuguezes, ditos *classicos*. Como fructo dos conhecimentos philologicos adquiridos no estudo da litteratura peninsular, escreveu e publicou em Londres (1805) umas *Memorias para a vida de Lope de Vega*, ás quaes addiccionou, reimprimindo-as em 1817, em dois volumes, outras ácerca de Guilhen de Castro. Obra bem trabalhada, e de aprasivel leitura em que se contem curiosas e interessantes particularidades relativas aos dous poetas, e a critica judiciosa de suas composições.

A liberdade dos povos peninsulares teve tambem em Lord Holland um dos seus mais ardentes campeões. Acolheu e hospedou em sua casa com fraterna e carinhosa hospitalidade varios hespanhoes illustres, que em Inglaterra se refugiaram, no tempo em que a peninsula supportava os rigores da invasão franceza, ou quando as barbaras perseguições de Fernando VII forçavam os subditos a expatriar-se para não cairem nas garras do algoz. No periodo de 1828 a 1833 advogou calorosamente por mais de uma vez no parlamento britannico a causa liberal portugueza, e os direitos da rainha, e houve-se com a costumada generosidade para muitos dos portuguezes alli refugiados. Seu caracter affavel, instrucção e franca amenidade do trato faziam a sua sociedade uma das mais agradaveis e instructivas, não só do seu paiz, mas da Europa. Falleceu em 1840. E é para notar que tendo-se elle mostrado toda a vida um rigido e fervoroso sequaz do protestantismo, seu filho e herdeiro viesse logo depois de sua morte a abjurar taes doutrinas, tornando-se catholico, e morrendo como tal em Napoles, ainda não ha muitos annos!

Ignoramos o destino que tivesse, ou onde pára hoje a rica livraria de Lord Holland. Entre os seus *classicos* portuguezes de maior estimação, contava-se um exemplar da primeira edição dos *Lusiadas (1572)*. D. José Maria de Souza, morgado de Matheus, que o teve presente para a esplendida edição que do mesmo poema fez em 1817, a elle se refere em mais de um passo, com circumstancias que lhe realçavam o valor.

(*Continua.*)

PEREZ LORENZO

(Scenas da Campanha do Mexico)

Por PINHEIRO CHAGAS.

II

No dia 3 de maio de 1863, ao cair da tarde, reinava em Medellin, cidade mexicana situada á beira do Rio-Jamapa, extraordinaria agitação. Abriam-se e fechavam-se portas, descerravam-se janellas, e homens vestidos de modo extravagante, ainda que pittoresco, davam-se pressa em correr para o sitio, onde resoavam as notas vibrantes de uma corneta, que tocava a assembléa. Estes homens, cuja physionomia devastada indicava a maior parte das vezes uma existencia excepcional, levavam *revolvers* mettidos no cinto, e punham ao hombro a carabina moderna. Comtudo o seu armamento era tão caprichoso como o seu traje, o que dava azo a que alguns d'elles apresentassem um aspecto de verdadeiros arsenaes d'antigualhas, e que, desde a frecha dos Azteques até á carabina raiada de Minié, não houvesse arma que não tivesse a sua representante n'este pouco veneravel congresso. Com estes homens cruzavam-se, trocando algumas palavras ou alguns gestos amigaveis, outros que mostravam, pelo uniforme, pertencer ao corpo de infanteria da marinha franceza. Os mexicanos pacatos assomavam ás janellas para espreitarem curiosos este bulicio, e, com uma das mãos no fecho e a outra na tranca, preparavam-se para as cerrarem immediatamente assim que os ares se mostrassem turvos. Depois, quando acabavam de passar esses magotes de gente armada, tudo se trancava de novo, e as ruas desertas caíam n'um profundo silencio.

Pois não era porque a tarde não estivesse linda, e porque as larangeiras, as baunilhas, e as pimenteiras, que rodeiam a formosa cidade com perfumado cinto, não exhalassem as suas fragrancias mais suaves. Mas Medellin, a cidade das festas e dos bailes, a voluptuosa creoula, que se recosta á beira do rio, refrescando-se com o leque das suas palmeiras, e balouçando-se na sua rede de lianas a dois passos de Vera-Cruz, havia tres dias que vergava a um pungentissimo receio. As guerrilhas mexicanas, animadas pela impunidade, já se não contentavam apenas em esperar os viandantes nas estradas, vinham até ás portas da cidade, e, aproveitando a espessa verdura, e as floridas moitas que cercam Medellin, emboscavam-se n'ellas e varejavam as ruas com um diluvio de ballas, que affugentava os tranquillos burguezes, e obrigava a guarnição a fazer uma sortida quasi sempre infructifera, porque se bem que as guerrilhas retiravam, retiravam sem perderem um homem só, e voltavam d'ahi a pouco a repetir as mesmas façanhas.

A guarnição de Medellin compunha-se de contra-guerrilhas, de uma companhia de infanteria de marinha, e d'uns vinte soldados mexicanos, affectos aos francezes, e commandados por Llorenta. Todos estes bravos mordiam-se de raivosos ao verem a impudencia dos guerrilhas, mas tinham de se contentar com essas demonstrações de colera, porque o chefe dos assaltantes soubera por tal fórma dissimular o sitio do seu covil, que, por mais diligencias que se fizessem, não era possivel atinar-lhe com os rastos.

Comtudo n'esse dia decidira o coronel Dupin, que, désse por onde désse, a contra-guerrilha havia de tomar a offensiva, e bater matto até descobrir a caça, embora ficassem estirados na espessura das florestas virgens os caçadores desde o primeiro até ao ultimo. Mais valia isso do que supportar-se por mais tempo que uns miseraveis salteadores estampassem tão feia macula na bandeira tricolor, vindo todos os dias insultar impunemente a cidade protegida pelas azas possantes das aguias imperiaes.

Por isso reinava tanta agitação na graciosa cidade mexicana, e os seus habitantes, em vez de tomarem indolentemente o fresco da tarde tão apreciavel n'essas *tierras calientes*, cuja temperatura é sempre abrasadora, em vez de respirarem com *morbidezza* os calidos perfumes, que a brisa dos laranjaes sacudia da tunica impalpavel, seguiam com avidez os movimentos da guarnição.

Ao pé da casa do coronel Dupin era maior o reboliço. Os officiaes francezes passeavam dando o braço uns aos outros, mirando com olhos galanteadores o rosto moreno de algumas gentis mexicanas, cujas negras pupillas lampejavam por traz dos vidros da janella, ou relanceando-os com tristeza para o Oriente, cujo extremo horisonte, já entenebrecido pelas primeiras sombras do crepusculo, lhes escondia a patria, para onde a alma lhes voava nas azas da saudade.

Os turbulentos soldados da contra-guerrilha formavam grupos pittorescos; um inglez, um hespanhol, e um italiano faziam louvaveis, mas baldados esforços para se entenderem, mais adiante a queimada tez e o sombrio olhar de um mulato contrastavam com a candida pelle e o olho azul de um allemão. Este com um chapéo de palha, calça até meia perna, e jaqueta de veludilho safado encostava-se á boca de um bacamarte, aquelle de boné de tocador de realejo, comprido casaco, botas rotas, e correias de côr duvidosa, revistava escrupulosamente a fecharia da sua espingarda. Os soldados de marinha esperavam com as armas ensarilhadas, os contra-guerrilhas de cavallo, tendo passado no braço a redea dos ginetes arreiados a capricho, puxavam bafuradas de fumo dos seus *papelitos*, ou accendiam a abrigo do vento os seus magnificos regalias. Era um quadro pittoresco e digno de se observar.

Já o coronel Dupin, uniformisado e prompto, apparecera á janella, e relanceara os olhos para a tropa variegada que tinha debaixo das suas ordens, quando assomou ao fim da rua um vulto embuçado n'uma capa, que se dirigio rapidamente para a casa, que servia de quartel general.

Era um hespanhol novo e esbelto, cujo traje ficava escondido pela ampla capa castelhana, que punha com garbo. A fina e pallida cabeça, coroada de cabellos negros, e coberta com um chapéu andaluz, poisava-se erecta e firme. A pallidez do rosto, n'esse instante mais que pallido, livido, chegava a assustar, tanto mais quanto lhe dava um grande realce a gola de veludo negro, que contrastava com a pallidez que apontámos. Mettiam medo os olhos, tal era a sua atonia. Não tinham nem uma lagrima: parecia que o sopro queimador de uma procella lh'as bebera uma a uma, e lhe exhaurira as fontes d'onde ellas manavam. O seu andar parecia d'espectro, rapido mas hirto. Involuntariamente affastavam-se todos d'elle, e davam-lhe campo largo para passar. Gelavam-se as conversações dos grupos ao seu aspecto; e um vago e indefinivel calafrio corria pelas veias dos mais valentes.

— Que vulto de melodrama! disse um official francez reagindo contra a impressão que sentira como todos os outros, e voltando-se para um dos seus camaradas.

— Isto foi comparsa da Gaité, que trouxemos nas bagagens sem darmos por tal, redarguiu o interpellado. Gosta de fazer os ensaios a alguma distancia da scena, e veio até ao Mexico estudar attitudes.

— Qual historia, homem! Isto é o phantasma de Fernão Cortez, que nos vem fulminar com os seus anathemas por termos poisado o pé sacrilego n'esta catholica terra. Não acha, amigo? continuou em hespanhol, voltando-se para um logista mexicano, que, sentado á porta do seu estabelecimento, picava com toda a gravidade um rollo de tabaco, e embrulhava o classico cigarro.

— Que diz *usted?* perguntou o logista, mettendo a navalha nos dentes para nivellar o tabaco picado, e enrolar a preceito o *papelito*.

— Pergunto se você sabe quem é este sugeito.

— É Perez Lorenzo, tornou o mexicano dobrando as duas pontas do canudinho de papel, e tirando da algibeira a caixa de phosphoros.

— E Perez Lorenzo quem é?

— É o mais rico *hacendero* dos contornos de Medellin e Vera-Cruz, continuou o fleugmatico americano, accendendo um phosphoro, e resguardando-o com a mão do sopro da aragem.

— Bravo, tornou o official. É rico e tem cuidados. Lembra o sapateiro de La Fontaine. Aposto que é celibatario e se enfastia do celibato?

— É casado, acudio o seu imperturbavel interlocutor puxando uma baforada de fumo, e apagando o phosphoro.

— Com alguma mulher velha e feia como os sete peccados capitaes!

— Com uma menina de dezoito annos, linda como Nossa Senhora de Guadalupe.

— *Peste*, acudio o francez, que feliz maganão! Sendo assim, porque nos apparece o marido com esta cara de palmo e meio? Será elle ciumento... com motivos justificados?

— Carmen é virtuosa como um anjo, e seu marido adora-a.

Os dois officiaes francezes olharam pasmados um para o outro, depois desataram a rir, e, estendendo os braços em attitude heroi-comica, entoaram em duetto o chavão de todas as operas:

— *Quel est donc ce mystere?*

Entretanto Perez Lorenzo, depois de trocar algumas palavras com a sentinella, entrou em casa do coronel Dupin.

Passado pouco tempo, veio ordem para se recolher a tropa a quarteis, estando sempre em armas, e prompta para marchar uma força de trinta cavalleiros e de trinta infantes.

Á meia noite foi uma ordenança da parte do coronel Dupin buscar o paquete.

A pequena força reuniu-se, saío do quartel, atravessou as ruas ermas e escuras de Medellin, e fez alto á porta da casa do coronel Dupin.

O camarada do coronel, empunhando um facho acceso, segurava com a outra mão as redeas de dois cavallos. Junto á hombreira da porta divisava-se o vulto sombrio de Perez Lorenzo. Quando a luz vermelha do archote lhe batia em cheio, tomava o seu rosto um aspecto diabolico. Fluctuava-lhe nos labios um sorriso sinistro, e nos olhos relampejavam chammas infernaes.

D'ahi a instantes poz-se a pequena tropa a caminho.

(Continua)

O aspecto de um moribundo é sempre, para o philosopho, o objecto mais fertil em reflexões.

Nada é tão commum como o ler e conversar inutilmente.

O alphabeto foi a origem de todos os conhecimentos do homem e de todas as suas loucuras.

A dissimulação é algumas vezes necessaria, e a franqueza attrae quasi sempre inimizades.

A lisonja é o sustento dos tolos.

SUBSCREVE-SE

Em Lisboa — *No Escriptorio, Typ. Franco-Portugueza, rua do Thesouro Velho n.º 6, onde deve ser dirigida toda a correspondencia subscriptada á* **Empreza do Panorama.**

Preços da assignatura

Por anno	1200	*Estampilhado*	1560 *réis*
Semestre	650		780 »
Trimestre	340		400 »

No acto da entrega e avulso 30 réis.

Vende-se em todas as lojas do costume.

No Porto — *Assigna-se e vende-se em casa da Viuva Moré.*

Typ. Franco-Portugueza. = Rua do Thesouro Velho, 6.

A CATHEDRAL DE LICHFIELD

A cidade de Lichfield acha-se mencionada, autenticamente, na historia da igreja, por Béde, que a cita como séde de uma diocése Anglo-Saxonia. A etymologia do seu nome de origem saxonia, tem dado logar a muitas discussões. Querem alguns que se derive de *Leccian*, que quer dizer agua, por causa dos lagos que a rodeiam; mas, a opinião mais vulgar liga-se a *Lic*, que significa corpo privado de vida. Este sentido appoia-se na tradicção, que mil martyres regaram com o seu sangue os campos de Lichfield em 303, sob Diocleciano, sendo Maximiano governador da Bretanha.

É certo que Lichfield e Coventry estavam compreendidos no reino de Mercia, que foi conquistado por Oswy, e convertido por elle á fé christã; nomeou-se, em 656, o primeiro bispo de Lichfield e Ceudda ou Chud, foi o terceiro em 667. Béde, diz d'este ultimo; «que edificou, com suas proprias mãos, um retiro pouco afastado da igreja, onde tinha por costume ir ler e resar, com um pequeno numero de seus irmãos, quando os deveres do seu ministerio lhe deixavam alguns instantes de liberdade.»

O concilio de Londres reunido em 1075, transferiu a séde de Lichfield para Chester, onde esteve até 1542. Durante este periodo, os bispos estabeleceram a sua residencia entre estas duas cidades. Diz-se, que um d'elles, Roger de Clinton, em 1128, reedificou a cathedral. Walter de Langton, em 1295, é tambem citado como um dos bemfeitores da cidade; deve-se-lhe a construcção de muitas ruas, o magnifico relicario de Saint Chud e o palacio episcopal.

A cathedral foi devastada no reinado de Henrique VIII e confiscadas todas as preciosidades que continha, á excepção do relicario, que foi salvo a muitos rogos do bispo Rowland.

A historia de Lichfield, nenhum interesse offerece até ás guerras civis. Em 1642, teve tres cercos, durante os quaes a cathedral soffreu muito; e no anno seguinte fizeram-se grandes preparativos de defeza, para resistir a Lord Brooke, que avançava, para tomar a cidadella, á frente de tres mil homens. Era um inimigo zeloso do episcopado e que estava decidido a destruir a cathedral. Quando entrou na cidade, dizem, que rogara aos céos que o castigassem, se a sua causa fosse injusta; poucos minutos depois caiu morto por duas ballas; o tiro partira da mão de um surdo-mudo da nobre familia Dyolt, que do alto da igreja observava os movimentos do inimigo. A arma existe nos archivos da familia Dyolt, e a armadura de Lord Brooke está no castello de Warwick. Apesar da perda do seu chefe os rebeldes continuaram o cerco e a guarnição foi obrigada a ceder ás tropas do parlamento. Era a primeira cathedral que caía em seu poder; devastaram-n'a com um vandalismo incrivel, e alli se commetteram as maiores profanações.

No mesmo anno, 1643, o principe Rupert retomou a cidadella, nomeando por governador o coronel Bagot, que recebeu n'ella Carlos I, depois da batalha de Haseby, 1645; porém, alguns mezes depois, recaiu nas mãos dos rebeldes, e as suas muralhas foram arrasadas. Em 1651, o parlamento mandou tirar todo o chumbo que cobria a igreja, e fundir os sinos.

O serviço divino foi, durante alguns annos, celebrado na casa do capitulo; e quando John Hacket foi nomeado bispo, a cathedral não era mais que um montão de ruinas; mas o zêlo e actividade d'este varão venceram todos os obstaculos. Possuia esta ultima qualidade em tão subido grau, que, no mesmo dia da sua chegada a Lichfield, mandou começar o desentulho, prestando para isso os seus creados e cavallos. No curto espaço de oito annos, conseguiu apagar todos os vestigios de devastação e a igreja começou a funccionar de novo em 1669.

Ainda que a cathedral de Lichfield não possa rivalisar, nem em grandeza, nem em magnificencia com a de York, e algumas outras, ella não cede, comtudo, a nenhuma, pelo que respeita a elegancia; a sua architectura ligeira é objecto de grande admiração. O edificio tem a fórma de cruz; a parte principal compreende a nave, a igreja, o côro e a capella de Nossa Senhora. O seu maior comprimento é de 403 pés e a largura de 177. A principal fachada é para o lado do occidente, e está coroada por duas torres pyramidaes, havendo outra, do mesmo feitio, que se eleva no centro do edificio. As duas primeiras torres teem 192 pés de altura, cada uma; e a ultima 252.

A igreja contem um numero consideravel de tumulos, interessantes uns por sua antiguidade e outros pelos personagens que encerram. Os mais notaveis são: o doutor Johnson, lady Worthley Montagne, a quem a humanidade deve os beneficios da inoculação, e David Garrick. Entre os monumentos, que ornam o interior, admira-se, o do bispo Hacket; representa-o deitado, e lê-se ao lado esta inscripção: «Não deixarei fechar meus olhos sem ter achado um logar para o templo do Senhor.»

RÃ-PULANTE

I

Confesso, que nunca encontrei pessoa alguma com tanta propensão para a facécia, como esse rei, bravo e intelligente, cujo ultimo episodio da vida vou narrar. Era um ente que só vivia para a comedia; o seu principal elemento era o riso. Quem soubesse contar, com todos os-SS.-e-RR. uma historia no genero chocarreiro, possuia, certo, todos os dons e dotes para ser recebido, distinctamente, na côrte e ganhar a estima do monarcha exemplar. Por isto é facil imaginar como deviam de ser os sete ministros d'aquella nação: os homens de mais pilheria que tem vindo ao mundo; inexcediveis na sublime linguagem do—ha! ha! ha!—expressão equivalente á palavra portugueza—gargalhada—e inimitaveis na narração de contos facetos, e no canto do dôce lundu choradinho, que então se usava com todos os requebros. Realmente, eram sete varões impagaveis; e, o que é mais para admirar, parecia que todos tinham sido feitos pelo molde real—corpolencia, obesidade, olhos, nariz, bocca, desmesurado appetite, grande queda para o entremez, tudo isto n'elles realçava em tão subido grau, como no seu querido rei.

Que os individuos engordem com a farça, ou que na gordura haja alguma cousa que predisponha para o entremez, é uma questão que nunca pude decidir; mas, o certo é, que um galhofeiro magro, pode, perfeitamente, considerar-se *rara avis in terris*.

Livros, fossem elles de que natureza fossem, discursos parlamentares, prelecções scientificas, poesias cheias de sentimento e amor, dramas, tragedias, as proprias comedias-dramas, emfim, todas essas producções que os da actualidade consideram filhas do talento e de um trabalho assiduo, eram, para o intelligente, erudito e magnanimo rei, cousas de nenhum valor; denominava-as, já se vê, para fazer espirito (permittam-me o gallicismo)—monumentos eternos da ignorancia e insensatez da humanidade. As maneiras civis incommodavam-n'o. Em resumo, o bom do rei preferiria o *Gargantua* de Rabelais ao *Zadig* de Voltaire, e acima de tudo, as *bufonerias* em acção causavam-lhe mais prazer, do que as subtilezas na palavra.

Na epocha em que passa esta interessante historia, ainda os bobos de profissão não tinham sido, completamente, banidos da côrte. Algumas das grandes potencias continentaes ainda conservavam os seus loucos; eram infelizes, vestidos á maneira de arlequim, tendo, por gorras, bonnés guarnecidos de campainhas, e que deviam de estar sempre preparados para empregar, á letra, ditos subtis e graciosos, em troca das migalhas que caíam da meza real. Hoje, felizmente, já não se presenceiam d'estas miserias na côrte. Tudo alli é serio, respeitavel e imponente; e assim convem; pois, o que hão de esperar, dos pequenos, os grandes de uma nação, que só comem, bebem, riem e folgam com os doudos?

O nosso rei, naturalmente, tinha o seu louco. E o facto é que elle sentia a necessidade de alguma cousa que tendesse para a bobice,—quando mais não fosse, para contrabalançar a pesada sabedoria dos sete illustres varões seus ministros,—(para não fallar do rei.)

É, porém, muito de notar, que o louco, o bobo de profissão, que vou apresentar ao leitor, não era sómente um louco; tinha para o rei um valor triplice; pois era, conjunctamente, anão e coxo.

N'aquelle tempo, eram tão communs na côrte os anões, como os coxos; e muitos monarchas teriam sem duvida achado o tempo difficil de passar—o tempo é mais longo na côrte do que em outra qualquer parte—sem um bobo para os fazer rir, e um anão para rir d'elles. Mas, como já tenho observado por varias vezes, todos estes bobos, em noventa e nove casos contra cem, são gordos, redondos e maciços, de sorte, que era para o nosso rei um grande motivo de orgulho o possuir em Rã-Pulante—assim se chamava o louco—um triplo thesouro em um só individuo.

Julgo que o nome de Rã-Pulante não era o do baptismo, mas que lhe havia sido conferido por voto unanime dos sete ministros, em consequencia de não poder andar como os outros homens. Effectivamente, Rã-Pulante, não se podia mover senão com uma especie de passo *interjeccional*, uma cousa entre o salto e o torcicollo, um certo movimento que era para o rei um perpetuo regosijo e, naturalmente, um goso; porque, não obstante a proeminencia do ventre e a intumescencia constitucional da cabeça, o rei passava aos olhos de toda a côrte por um bello homem, amante de toda a sorte de divertimentos.

Mas, se bem que, Rã-Pulante, graças á sinuosidade das suas pernas, não se podesse mover senão a muito custo, já no caminho, já em um estrado, a prodigiosa potencia muscular com que a natureza lhe dotou os braços, como que para compensar a imperfeição dos membros inferiores, tornava-o apto para executar muitos rasgos de admiravel destreza, quando se tratava de arvores, cordas, mastros ou outra qualquer cousa aonde se podesse marinhar. N'estes exercicios, mais parecia uma harda ou um macaquinho, do que uma rã.

Não posso dizer, precisamente, de que paiz era oriundo Rã-Pulante. Parece-me, todavia, que vinha de alguma região barbara desconhecida, a uma grande distancia, já se vê, da côrte do nosso rei.

Rã-Pulante, e uma rapariguinha pouco menos anã do que elle, mas, admiravelmente bem proporcionada, e excellente dançarina, tinham sido roubados de suas casas, e enviados de presente ao rei por um dos seus famosos generaes sempre favorecidos da victoria.

Em taes circumstancias, não era para causar admiração que entre estes dous pequenos captivos se estabelecesse uma grande intimidade. E, realmente, dentro em curto espaço de tempo, eram dous verdadeiros amigos. Rã-Pulante, embora empregasse todos os exforços, nunca poude tornar-se popular, e por consequencia prestar grandes serviços a Castanheta; esta porém, pela muita graça de que era dotada, e pela exquisita belleza, de anã, era geralmente admirada e respeitada; tendo, pois, grande influencia nos espiritos, approveitava-a, sempre que podia, em favor do seu amigo, Rã-Pulante.

Em uma occasião solemne, não me recordo quando foi, o rei resolveu dar um baile de mascaras; e, todas as vezes que na côrte tinha lugar uma mascarada, ou outra qualquer festa d'este genero, os talentos de Rã-Pulante e Castanheta eram sempre requisitados. Rã-Pulante, particularmente, era tão inventivo em materia de decorações, novos typos e disfarces para os bailes de mascaras, que, sem a sua opinião cousa alguma se podia fazer.

A noite designada para a funcção chegára. Uma sala esplendida tinha sido preparada, sob as vistas de Castanheta, com grande artificio.

Toda a côrte anciava pelo momento da festa. Quanto aos trajos e papeis, cada qual escolheu como lhe aprouve; e muitos dos convidados determinaram as cousas, com uma semana, ou mesmo um mez de antecedencia, para não se verem depois a braços com difficuldades. Em summa, não havia incerteza, nem indecisão de parte alguma—só o rei e os seus ministros hesitavam. Porque hesitavam elles? não posso dizel-o. Mas, provavelmente, pela grande difficuldade de obter uma idéa; porque eram muito gordos!

Fosse qual fosse o motivo, o tempo fugia, e, como ultimo recurso, mandaram chamar os dous anões.

(*Continua*)

CARTA

Do sr. A. F. de Castilho ao sr. Innocencio Francisco da Silva.

Ill.mo e Ex.mo Sr., e meu querido confrade:—Muito devemos nós a essa gente de malta que ahi appareceu na feira litteraria com as arquetas abarrotadas de filosofias, de sciencias, de cosmogonias, de theologias, de profecias, de versos a olho em logar de metros, de logicas escangalhadas, e de linguagem sem grammatica! Devemos-lhe realmente muito! Se não foram elles com os seus pregões tão altos, e o sequito que levam de gaiatos embellecados naquellas louçainhas, o mercado dos generos sãos e fazendas de lei, já pouca attenção chamava; e era pena, por não ser pequeno o prejuizo que havia de resultar d'essa estagnação, se ella fosse por diante.

Vivam pois os belfurinheiros e o rapazio! Foi a Providencia quem os cá mandou; ella bem sabe quando e onde as coisas são precisas.

Já ouvi a um fazendeiro do Algarve, que, se não fôra certo bichinho que dá no figo, a fruta amuava, impedernia-se em logar de amadurecer, e adeus uma das maiores riquezas d'aquella formosa provincia!

Vivam pois, e medrem, se puderem, tanto os insectos dos figueiraes, como os transcendentes da litteratura; e viva Deus que fez para bem toda essa bicharia!

V. Ex.a, meu querido confrade, tinha despendido, quasi em vão, annos largos d'amor, de zelo, de claro entendimento e de conselho optimo, em prol das boas lettras e da razão: tinha chegado a levantar, sósinho, um monumento ás lettras patrias, d'aquelles a que só se aventurava uma corporação de benedictinos; e apesar da merecida e reconhecida autoridade da pessoa, e do côro geral de louvores prestados á obra, os effeitos praticos, ou não appareciam, ou eram escassissimos.

A Providencia, que tambem deve governar nas coisas intellectuaes, abençoára á nascença o seu trabalho como agora se está vendo: faltava que a inveja e a ignorancia viessem confirmar com as suas negações as verdades confessadas pela gente de saber e probidade. Vieram. Deixe cair chuva e neve sobre a sementeira; melhor ceara nos espera. É rifão velho de lavradores; até já Virgilio o sabia.

Não quero eu dizer com isto que descance V. Ex.a na sua fadiga. Depois de despontada a messe, ainda fica muito que fazer; o ceareiro entendido não pára nunca; no mesmo Virgilio o tenho:

Mil causas á lavoira ameaçam inda agravos;
indical-as convém: damnam-lhe os patos bravos;
damnam strymoncos grous; damna a raiz amarga
dos almeirões, e damna a arvore que embarga
ao sol passagem livre.

O pae, rei da natura,
bem podia alhanar o tracto da cultura,
mas não quiz; preferiu, porque o mortal se adestre,
se estimule, se active, e o reino seu campestre
não viesse a perder-se um dia ao desamparo,
que o lavrar fosse afan, e industria o seu preparo.

Boa doutrina! boa de lei, apesar de nos vir da Italia velha, e eu não a saber fraldar com uma duzia de citações de livros allemães cisadas da feira de Leipzig!

Note V. Ex.a o como vem frisando no nosso ponto os nomes d'aquellas pragas: os patos bravos! (Aqui não venha algum praguento fingindo cuidar que alludo ao nosso excellente confrade Bulhão Pato: esse assigna Pato e é cisne dos mais alvos e canoros; eu fallo só dos que, tendo-se em conta de cisnes, não passam de patos e patos bravos); os grous tambem para aqui acertam: as cabeças naquelles hybridos são d'isso; os almeirões deixemol-os; porém não já assim:

..... a arvore que embarga
ao sol passagem livre.....

Estes esparaveis de quatro folhas que têem a presumpção de querer tapar o sol, e ensombrar a terra, é que são o peior inimigo; e nunca as mãos doam a V. Ex.a, que já tomou o machado para os deitar a baixo.

Este seu artigo com que se estreiou o novo *Panorama*, promette muito, e estou certo de que ainda ha de dar muito mais.

Pela boa doutrina que V. Ex.a vai espalhar pelos muitos leitores d'esta acreditadissima folha, e sobretudo pelo insigne favor com que a sua benevolencia ahi me trata, devia eu a V. Ex.a mil agradecimentos. Acceite-m'os nesta carta, e creia nas veras com que me honro de assignar-me

De V. Ex.a

admirador, confrade, amigo e servo obrigadissimo

Lisboa 4 de Janeiro de 1866.

A. F. de Castilho.

Queixava-se hum requerente a outro de que hum seu juiz, sendo pobre, gastava como rico; e, nomeando suas ostentações, rematava com dizer: Pois isto, senhor, de que sahe? E outro lhe respondia: Do que entra. Tornava o queixoso, e dizia: Senhor, não fizeram isso seus passados; e outro respondia: Não, senhor, mas fazem-no nossos presentes.

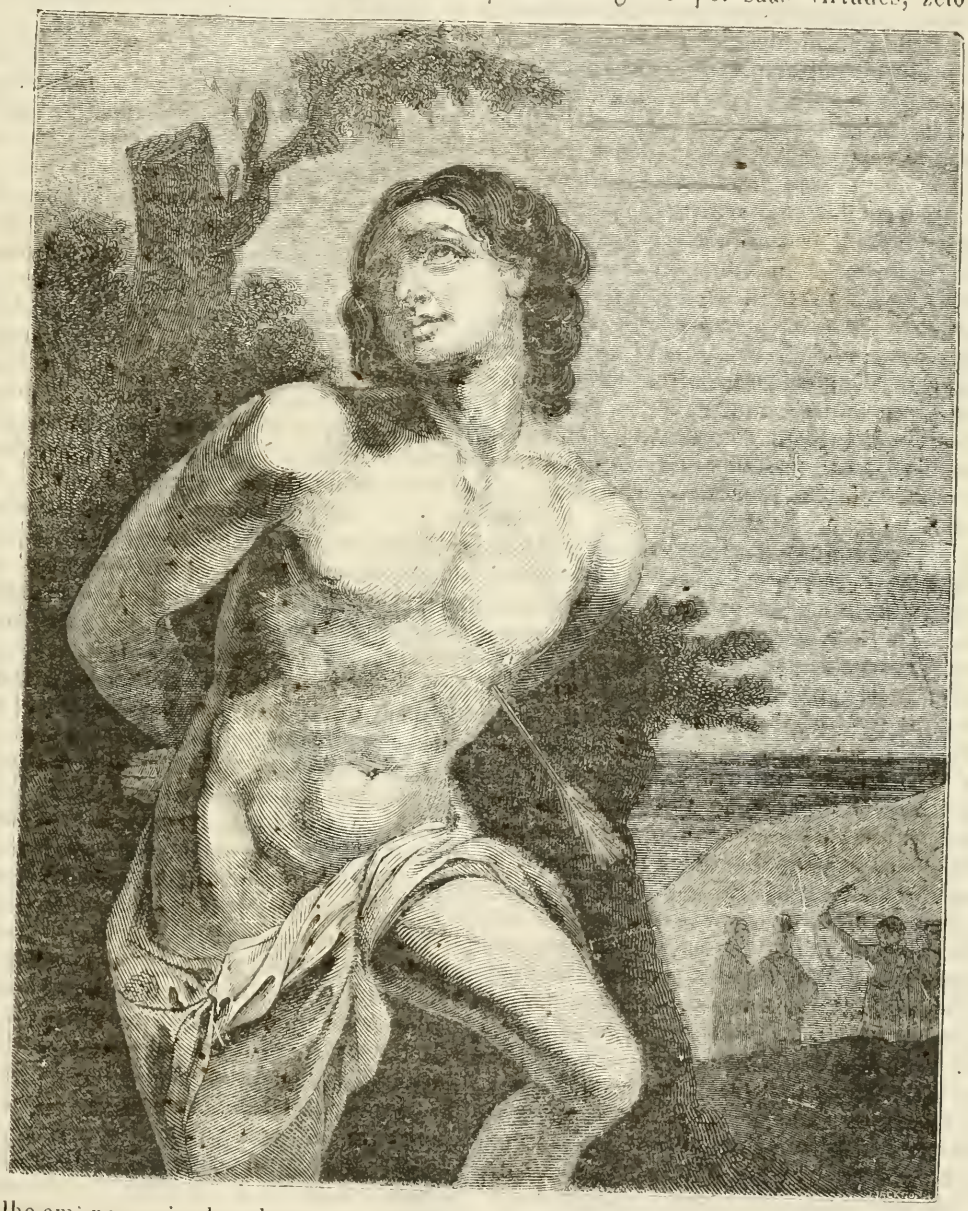
D. Francisco Manoel.

Casa limpa. Mesa asseada. Prato honesto. Servir quedo. Criados bons. Hum que os mande. Paga certa. Escravos poucos. Coche a ponto. Cavallo gordo. Prata muita. Ouro o menos. Joias que senão peçam. Dinheiro o que se possa. Alfaias todas. Pinturas as melhores. Livros alguns. Casas proprias. Quinta pequena. Missa em casa Esmola sempre. Poucos visinhos. Filhos sem mimo. Ordem em tudo. Mulher honrada. Marido christão; é boa vida, e boa morte.

D. Francisco Manoel.

S. SEBASTIÃO

Se no mundo teem apparecido homens que, á sombra da frondosa e fructifera arvore do christianismo, hão commettido toda a sorte de crimes, invocando o santo nome do Redemptor da humanidade, cujo codigo é todo doçura, paz e o unico que ensina a verdadeira senda que conduz á felicidade eterna; se mesmo, de entre os que envergam as vestes sacerdotaes, cuja missão deve ser unica e simplesmente, com bons exemplos e sãos conselhos, conduzir os povos e propagar as sabias doutrinas do martyr do Golgotha, alguns teem saido que, por seu procedimento altamente reprehensivel, hão manchado essas vestes venerandas, só dignas de quem possue uma alma bastante elevada para poder encarar, indifferentemente, as ephemeras grandezas na terra e resistir ás paixões; outros muitos, que a historia nos aponta, se hão distinguido por suas virtudes, zêlo e infati-



gavel trabalho em; por meio de palavras repassadas de intimo sentimento religioso e rasgos, não fingidos, de verdadeira caridade evangelica, encaminhar para o aprisco as ovelhas extraviadas. S. Sebastião foi um d'estes.

Nascido em Narbona, cidade da provincia de Languedoc, e educado em Milão, donde era originaria sua familia, este heroe, que desde tenros annos mostrára sempre uma alma grandiosa e cégo respeito pela religião do Crucificado, com a qual o educaram seus pais, tendo completado a idade propria de poder começar a sua santa missão, foi constituido, pelo imperador Diocleciano, Capitão da primeira companhia das suas guardas, chamada Patriarcha.

Não era, certamente, o desejo de occupar uma posição brilhante na sociedade que o levou a acceitar semelhante cargo: a sua nobresa de caracter e magnanimidade de coração não lhe inspiravam taes sentimentos. Acceitou-o porque, devo-

tado christão, entendeu que, servindo o imperador, podia, mais facilmente, auxiliar os fieis, seus correligiosos, que principiavam a ceder ao rigor dos tormentos.

Seria superfluo enumerar os relevantes serviços que desde logo este martyr começou a prestar ao christianismo; assaz e de sobra os conhece todo o mundo. Diremos, apenas, que, depois de haver salvado das mãos dos polytheistas milhares de vitimas, e de ter induzido muitos gentios a receberem o baptismo, foi accusado, por um desgraçado apostata, ao juiz Fabião, de ser prégador da lei de Christo e protector efficaz dos que a seguiam.

O juiz, ao receber a nova, apezar de lh'o pedir o coração, não o mandou prender, attendendo ao seu elevado cargo; mas correu a informar o imperador que, logo, expedindo ordens para que o accusado fosse conduzido á sua presença, o repreendeu asperamente, censurando-lhe a sua ingratidão, e fazendo-lhe ver que um tal procedimento podia chamar a ira dos deoses sobre todo o imperio. Ao que S. Sebastião respondeu: «O maior serviço que posso prestar-vos, senhor, é, obdecer aos preceitos do unico Deos verdadeiro e diligenciar que os outros me sigam o exemplo; porque, nada vos é mais conveniente e ao vosso estado, do que fieis vassallos que, despresando os falsos deoses, façam, por vosso respeito, perennes votos ao Supremo Creador.»

Irritado, Diocleciano, por esta tão inesperada, quanto audaciosa resposta, ordenou que, immediatamente, sem forma de processo, o seu capitão fosse morto a tiros de frechas pelos proprios soldados da guarda imperial.

A sentença foi promptamente executada, e o santo deixado, por morto, no campo do martyrio. Mas, a devota Irene, viuva do martyr Castulo, passando no dia seguinte por aquelle logar e vendo ainda no mancebo signaes de vida, ajudada por alguns fieis, levou-o para sua casa, onde, sendo tratado com o maior disvélo, em pouco tempo se achou restabelecido.

Muito o instaram, então, para que se retirasse d'aquelles sitios; o santo, porém, não approvou a idéa; antes apresentando-se ao imperador, lhe disse: «É possivel, senhor, que ainda continueis a dar ouvidos ás imposturas e calumnias com que vos vem todos os dias muitos dos vossos desleaes servidores para perseguirdes os christãos? Sabei, que estes, longe de serem inimigos do estado, são os vassallos mais fieis que tendes, e a elles, que em suas orações não cessam de pedir por vós ao Ente Supremo, deveis só attribuir todas as vossas prosperidades.

Attonito, o imperador, de ouvir fallar um homem que já julgava morto, exclamou:

«És tu Sebastião, aquelle que ha poucos dias mandei matar a tiros de frechas?!

«Eu mesmo, respondeu o santo; foi o meu Deos que me quiz conservar a vida para na vossa presença, e na de todo este povo, dar um publico testemunho da injustiça e impiedade que commetteis, perseguindo os christãos, com tanto furor.»

Então, Diocleciano, em quem estas palavras produziram o effeito do raio, mandou que, sem a minima demora, o santo, fosse levado ao circo, e, alli, a bastonadas, lhe tirassem a existencia; mas que o não abandonassem em quanto o não vissem soltar o ultimo suspiro.

Com effeito, d'aquelle grande supplicio passou o Santo a receber no ceu a coroa do martyrio, no dia 20 de Janeiro de 288, da era christã.

OS PHILO-PORTUGUEZES.

POR INNOCENCIO F. DA SILVA.

II

Daremos o segundo logar ao distincto historiador, poeta e litterato Roberto Southey, nascido em Bristol pelo anno de 1774, e fallecido em 1843. Deixando-se enthusiasmar de principio com todo o fogo proprio da mocidade pelas idéas democraticas inauguradas em França com a revolução de 1789, a ostentação apparatosa que d'ellas fez em um drama *Wat Tyler*, que parece haver sido a sua estreia theatral, attrahiu sobre elle o desfavor do governo, intimando-se-lhe, senão ordem formal, ao menos a insinuação para que sahisse temporariamente de Inglaterra. Veiu pois para Portugal, procurar a companhia de um proximo parente, o rev. Herberto Hill, a esse tempo estabelecido em Lisboa na qualidade de ministro da egreja anglicana. Aqui se deu por alguns annos ao estudo das linguas portugueza e castelhana, e da litteratura peninsular, em que muito aproveitou; até voltar em 1801 para a sua patria, onde fôra provido no cargo de secretario do Chanceller do Thesouro da Irlanda. As suas aspirações politicas tinham padecido entre tanto uma completa transformação, de sorte que o ardente democrata se convertera em decidido conservador, alistando-se na bandeira do partido *tory*, ao qual permaneceu sempre fiel em todo o resto da vida.

O sr. Visconde de Juromenha, na sua novissima edição das *Obras de Luiz de Camões*, tomo I pagina 288, pretende que Southey residisse por algum tempo entre nós pelos annos de 1811 a 1812. Receiamos, porém, que haja n'estas datas alguma equivocação, pela carencia absoluta que se nos affigura de documentos, que possam comproval-a.

Por alheio do intentó, omittir-se-ha o muito que haveria para dizer, se tratassemos de dar aqui uma biographia completa do illustre poeta laureado. Referindo-nos unicamente d'entre as suas numerosissimas obras áquellas que teem com as coisas de Portugal mais estreita intimidade, pedem menção especial a sua *Historia do Brasil*, impressa pela primeira vez (1810-1819) em tres volumes de 4.°, geralmente estimada e ha pouco vertida em portuguez e publicada no Brasil a expensas do benemerito livreiro editor o sr. B. L. Garnier em seis bellos volumes de 8.° grande:— A *Memoria ou ensaio sobre a Litteratura portugueza*, por elle inserta no jornal *Quarterly Review* de Londres (Maio de 1809), cuja traducção em portuguez acompanhada de notas pelo academico J. G. C. Muller se imprimiu, segundo crêmos, em

Hamburgo, no mesmo anno: — e outra *Memoria ácerca de Camões*, com *Analyse do Oriente de José Agostinho*, publicada no tomo XXVII do sobredito periodico (n.os de abril a julho de 1822); posto que o auctor ahi se mostre assás injusto com o nosso grande epico, ao qual pouco mais concede que *a facilidade de estylo!!*

A livraria de Southey compreendia muitos e valiosos livros portuguezes impressos dos nossos auctores de melhor nota; e além d'elles uma importante e variada collecção de manuscriptos, relativos á historia civil e litteraria de Portugal, adquiridos á custa de dispendiosa e perseverante curiosidade. Por occasião da venda do seu espolio, realisada em leilão, no mez de maio de 1845, a maior parte d'esses manuscriptos foram comprados para o Museu de Londres, e ahi se conservam ecessiveis entre as innumeras preciosidades d'este immensissimo deposito. Os titulos e contextos acham-se devidamente mencionados no *Catalogo dos manuscriptos portuguezes do Museu Britannico* escripto e dado á luz em 1854 pelo sr. F. F. de la Figanière.

(Continua)

PERES LORENZO

(Scenas da Campanha do Mexico)

Por PINHEIRO CHAGAS.

III

A noite, primeiro serena e estrellada, foi-se turvando a pouco e pouco. No ceu, azul escuro, conglobaram-se as nuvens, e as bafagens, precursoras d'esses terriveis furacões dos tropicos, principiaram a affagar a face dos expedicionarios com o seu halito abrazado. O capitão Viarmont, o mesmo que vimos no capitulo antecedente arrancando, uma a uma, dos labios do fleugmatico mexicano, respostas que lhe satisfizessem a curiosidade, marchava na testa da columna. Ao seu lado ia Perez Lorenzo, empunhando nas mãos o facho, que allumiava a estrada. O coronel Dupin marchava na retaguarda.

O capitão Viarmont era um rapaz de vinte e quatro annos, que saira das escolas com vinte annos, e as dragonas de alferes, fora logo reunir-se ao exercito de Italia, encontrára as dragonas de tenente nas alturas de Solferino, e víera depois procurar ao Mexico as dragonas de capitão. Jovial, galanteador, aventuroso, desejára servir na contraguerrilha, cujos movimentos quadravam mais á sua indole do que as pausadas manobras do exercito regular. Palrador por natureza, não podia suppor que houvesse no mundo alguem que podesse estar calado dez minutos a fio. Comtudo o aspecto sombrio de Perez Lorenzo involuntariamente gelara-lhe a palavra nos labios, e reprezara-lhe a torrente da elocução. Mas a columna tinha já um quarto de hora de marcha, e Viarmont, depois de ter assobiado todas as arias do seu reportorio, começava sériamente a enfastiar-se. Tirou da algibeira o *porte-cigares*, e, antes de escolher um havano, offereceu charutos ao seu silencioso companheiro.

Viarmont procurára na sua memoria a mais graciosa frase castelhana, de que podesse dispor, para formular o seu offerecimento. Apesar d'isso Perez Lorenzo respondeu apenas com um gesto cortez de recusa.

O capitão soltou um suspiro de enfado, tirou um havano, e, chegando-o ao lume do archote, accendeu-o, e expellio uma baforada de fumo azulado, que se foi esconder entre a copa das arvores.

—Não fuma? insistio o official francez, ainda não descoroçoado de todo.

—Agora não fumo, respondeu Perez Lorenzo.

—Ah! mas costuma fumar, acudio logo Viarmont, ufano por ter obtido uma resposta em tres palavras e seis syllabas, e desejando não perder a occasião,—o contrario espantar-me-hia muito, porque n'este paiz um homem, que não fuma, é uma anomalia, uma excepção monstruosa, um phenomeno que os naturalistas logo estudam e classificam. Um homem! que digo? Um ente qualquer, que tenha vida e labios. Fumam as mulheres, fumam as crianças, e parece-me que os recem-nascidos, antes de beberem o leite maternal, accendem o *papelito*. Ah! e é um optimo costume. Nada conheço melhor do que o charuto para alliviar maguas, desterrar saudades, e transportar no azulado regaço do seu fumo os nossos devaneios para o céo a que elles aspiram. Houve poetas que cantaram o café e o chocolate; ainda não houve um só que se lembrasse de entoar os louvores do charuto! Ingratidão tremenda que eu, se fosse poeta, havia de remediar. Não; engano-me; se fosse poeta, cantava antes a cigarrilha, a cigarrilha que eu, logo que desembarquei em Vera-Cruz, vi apertada pelos mais formosos e vermelhos labios, que jámais produzio a terra dos amores e das romanzeiras. Dizem-me que a sua esposa é uma gentil senhora, meu caro amigo; ia apostar em como adora a cigarrilha.

Ao ouvir a palavra —esposa — Perez Lorenzo parou, como se uma dôr aguda o houvesse traspassado. Scintillou-lhe nos olhos um relampago de raiva, e a mão convulsa apertou a coronha da caçadeira, com embutidos de prata, que levava ao hombro. Depois, como por um esforço violento da vontade, reassumiu o seu aspecto impassivel, e disse fria, mas cortezmente:

—Desculpe-me, senhor, o eu não sustentar uma palestra, que n'outra qualquer occasião me seria muito agradavel; motivos poderosos absorvem o meu espirito n'uma preoccupação dolorosa.

E, comprimentando o joven official, desviou-se d'elle e passou para o outro lado da estrada.

O capitão Viarmont ficou estupefacto.

—Diabos levem o mexicano! murmurou mordendo raivoso a ponta do charuto que tinha na boca, se elle não fosse o nosso guia pedia-lhe uma satisfação. Mas fica descançado que não perdes por esperar.

A atmosphera ia-se tornando cada vez mais pesada, e o grito do jaguar, o uivo do chacal resoavam no meio do silencio agoireiro da floresta.

Afinal o furacão irrompeu no espaço arrastando no redemoinho folhas e ramos de arvores. A columna parou, sem receber para isso ordem, mas como se uma só vontade animasse todos os soldados. Comtudo por entre o espantoso rugir da tempestade ouvia-se vagamente a voz do coronel Dupin: «*En avant! En avant!*» Os officiaes repetiram a voz de commando, e a pequena columna tornou-se a pôr em marcha atravez de innumeras difficuldades.

Para cumulo de desventuras, principiavam os contra-guerrilhas n'esse momento a subir uma ladeira escarpada, verdadeiro caminho de cabras, onde a cavallaria teve de se apear e de levar á mão os cavallos, que, assustados com o vento, cegos com os relampagos, que fusilavam por todos os lados, e pareciam envolver o horisonte n'um cinto de fogo, recusavam galgar a ladeira. Os soldados afferravam-se a tudo o que se lhes deparava, para assim facilitarem a subida, mas as plantas espinhosas, que orlavam a estrada, rasgavam-lhes as mãos e ensanguentavam-n'as. Todos procuravam mais ou menos resguardar-se com as capas, e praguejavam, blasfemavam contra os guerrilhas, e contra o clima do Mexico. Só Perez Lorenzo, tranquillo e silencioso, caminhava como se possuisse um talisman que o resguardasse da furia do vendaval. Da capa servia-se unicamente para abrigar o facho, cuja chamma ondeava, louca pelas excitações do vento, e ameaçava a cada instante extinguir-se. De vez em quando Perez Lorenzo agitava o archote no ar, derramando por essa fórma um jorro de vivissima luz na estrada, e semeando ao mesmo tempo emtorno de si uma nuvem de centelhas, que parecia uma constellação fluctuando na nossa atmosphera.

Visto assim ao fulgor avermelhado d'essa luz vacillante, ou ao clarão sinistro dos relampagos, o vulto d'esse homem, altivo e tranquillo, assumia um aspecto verdadeiramente maravilhoso. Um bretão e dois hespanhoes, que faziam parte da columna, decidiram no intimo da sua consciencia que o mexicano não podia ser senão o demonio em pessoa, e agoiraram por esse motivo um triste fim á expedição.

Um dos hespanhoes chegou até a projectar livrar-se a si e aos seus companheiros da presença do inimigo do genero humano. Approximou-se d'elle o mais que pôde, e berrou-lhe quasi ao ouvido: «Jesus!» Coisa notavel! Perez Lorenzo não estoirou, nem sequer largou cheiro a enxofre!

A trovoada e ao vento succedeu a chuva, um verdadeiro diluvio. Torrentes de agua desabaram em cima dos pobres expedicionarios, e apagaram ao mesmo tempo o facho de Perez Lorenzo. Ficou tudo immerso na mais profunda escuridão.

—Bom foi isto, murmurou Perez Lorenzo para junto do qual se chegára o coronel Dupin. Todas as precauções são poucas; a luz do archote podia denunciar-nos.

—Então estamos proximos do covil? perguntou o coronel.

—Ouve aqui do nosso lado direito o estrondo de uma torrente? É a voz do arroio de Canas, que vae engrossado com as chuvas. As choupanas, onde elles se reuniram, ficam a dois passos.

Ouvindo isto, o coronel Dupin mandou fazer alto á columna, para reformar as fileiras. Depois, sempre com voz mansissima, ordenou á infantaria que avançasse de modo, que envolvesse as choças. Deu o commando d'essa força ao capitão Viarmont. Elle, com os trinta cavallos, ia formar um cordão concentrico ao da infantaria para impedir a fuga dos guerrilhas, e perseguir os que pudessem escapar-se.

A infantaria avançou sem fazer o mais leve ruido. Tudo era silencio nas choupanas; não havia nem uma luz lá dentro, nem uma sentinella cá fora. Perez Lorenzo dava signaes visiveis de inquietação.

Afinal, á voz do capitão Viarmont, os soldados que tinham envolvido os *ranchos*, precipitaram-se sobre as casas, e entraram, arrombando portas e janellas com simples coronhadas. Ia na frente Perez Lorenzo.

(*Continua*)

SAUDAÇÃO Á AURORA

Versos latino-portuguezes, que pódem ser lidos simultaneamente em qualquer das duas linguas, seguindo rigorosamente a syntaxe da primeira.

Pelo sr. dr. Antonio de Castro Lopês, do Rio de Janeiro.

Salve, Aurora! Eia, refulge,
Eia, anima valles, montes:
Hymnos canta, oh philomela,
Hymnos vós, aves insontes!

Quam pura, quam pudibunda
És tu, Aurora formosa!
Diffunde odores suaves,
Divina, purpurea rosa!

Eia, surge, vivifica
Pendentes ramos, Aurora:
Aureos fulgores emitte,
Pallidas messes colora!

Matutina aura, mitiga
Solares, nimios ardores;
Inspira gratos Favonios,
Euros, Zephyros protectores.

Eóa, Tithonia Diva,
Fecundos campos decora,
Canoras aves excita,
Oh serena, bella Aurora!

Protege placidos somnos,
Inquietas mentes tempéra,
Duras procellas dissipa,
Terras, flores refrigera.

Lucidas portas expande,
Oh sol, oh divina flamma!
Extingue umbrosos vapores,
Tristes animos inflamma!

Salve, Aurora! Eia, refulge,
Eia, anima valles, montes;
Hymnos canta, oh philomela,
Hymnos vós, aves insontes!

Typ. Franco-Portugueza. = Rua do Thesouro Velho, 6.

O PAPA LEÃO X

De todos esses grandes homens que encheram de brilho e esplendor o seculo XVI, Francisco I, rei de França, Henrique VIII, rei de Inglaterra, Solimão I imperador da Turquia, etc, é o papa Leão X, que ao dito seculo deu o seu nome, quem occupa o primeiro logar na historia d'aquelle tempo. O importante papel que este personagem, tão sabiamente, desempenhou no theatro politico do mundo e o modo como se houve n'essa grande revolução religiosa, de que Luthero foi origem, bastariam para dar ao seu nome toda a celebridade; outra coisa, porém, concorreu para a sua eterna gloria e para tornal-o o alvo da admiração de todas as gerações futuras: foi o grande impulso que deu ás sciencias e ás artes, as quaes, ao tempo, se achavam em peifeita decadencia.

Leão X, descendente da celebre familia dos Médicis, nasceu em Florença, no mez de dezembro de 1475. Destinado, desde logo, por seu pai, Lourenço de Médicis, cognominado o *Magnifico*, á vida ecclesiastica, recebeu a tonsura não tendo ainda completos sete annos de idade. Não commentamos este facto, porque o espaço de que podemos dispor nol-o não permitte. Toda a ambição de Lourenço de Médicis era ver seu filho elevado ao cardinalado, e bastantemente instruido; por consequencia, se por um lado empregou todos os esforços para a sua boa educação, já dando-lhe os melhores exemplos, já entregando-o a mestres os mais habeis; esforços estes não baldados, pois o talento de João de Médicis era tal que depressa conseguiu igualar os homens encarregados do seu ensino; por outro lado, não trabalhou menos para obter-lhe, de Innocencio VIII, o chapeu de cardeal, objecto principal dos seus cuidados.

Tinha, pois, João de Médicis, 13 annos, 1488, quando subiu ao mais alto grau da jerarchia ecclesiastica; mas não podendo, pela sua pouca edade, ser logo revestido, formalmente, da purpura, o papa estabeleceu a condição de que o joven cardeal passaria a estudar tres annos na universidade de Pisa. Assim succedeu; e, em 1492, recebeu as primeiras ordens, indo imediatamente para Roma, onde, por suas maneiras affaveis, talento e vastidão de conhecimentos grangeou a affeição dos grandes e a estima dos homens de letras.

Obrigado, bem como toda a familia dos Médicis, pela entrada de Carlos VIII na Italia, a sair de Florença, para onde se havia retirado, em consequencia da sua opposição á eleição do papa Alexandre VI, João de Médicis visitou a Allemanha, França, Inglaterra e por toda a parte encontrou admiradores e amigos. No numero d'estes ultimos citaremos Erasmo, a quem o cardeal consultou sempre nas mais difficeis circumstancias.

Durante os seis annos do seu desterro nunca teve ingerencia nos negocios do estado; entregou-se unicamente ao cultivo das letras e das artes.

Foi só em 1505, voltando a Roma, onde logo se fez notar pelo seu gosto pelas sciencias e bellas artes, que o cardeal Médicis, obtendo a amisade do papa Julio II, começou a ingerir-se nos negocios do governo. Desempenhou varios cargos importantes sob este pontificado, e, em 1513, por morte de Julio II, foi eleito seu successor, tomando então o nome de Leão X. A subida d'este varão ao throno pontifical foi magnifica e os seus discursos cheios de graça, de bondade e de eloquencia encantaram os Romanos. Escolheu para seus secretarios os cardeaes Bembo e Sandoleti, dois dos maiores sabios do seu tempo.

A nossa intenção não é desenrolar hoje o vasto quadro dos acontecimentos politicos e religiosos que assignalaram o reinado de Leão X. Mais tarde tratando de Luthero e de outros homens notaveis do seculo XVI, teremos occasião de mostrar aos nossos leitores os eminentes serviços prestados por aquelle pontifice ao catholicismo e o seu tacto e finura na politica. O que, por agora, queremos, é apresentar Leão X como o protector das letras e das artes, que foi isso, justamente, o que lhe immortalisou o nome.

Em tempos anteriores á morte de Julio II, notava-se nos povos uma impaciencia, um desejo ardentissimo de sairem das trevas da ignorancia e da barbárie. As cruzadas, abrindo novas estradas commerciaes, haviam começado esta grande revolução, suffocada pela affluencia, em Italia, de um grande numero de sabios que os Turcos, victoriosos do imperio grego, repelliram para a Europa.

Esta tendencia dos espiritos para a civilisação não necessitava senão do auxilio dos governos para ter todo o desenvolvimento. Procuravam-se, com uma avidez incrivel, as obras dos antigos. Era na Italia, principalmente, que se operava esta nobre agitação do espirito humano; mas os homens distinctos, que se entregavam ao estudo das sciencias e das artes, estavam sendo a todos os momentos arrancados aos seus trabalhos e separados uns dos outros pelas guerras que assolavam o paiz. A exaltação, porém, de Leão X ao throno pontifical foi uma barreira insuperavel a todos os males que acabamos de expôr. Este homem, amante do progresso, que via, com grande pezar, a queda da litteratura, procurou, immediatamente, reunir em um só centro todos os raios dispersos. Restaurou, por tanto, a universidade romana, entregou-lhe todos os seus rendimentos, e chamou sabios de todas as partes do mundo para regerem as suas cadeiras. A medicina, as mathematicas, o direito civil, a philosophia moral, a rhetorica, todas estas sciencias alli tiveram logo os seus representantes, bem como a theologia e o direito canonico.

Devido aos cuidados d'este pontifice, os modelos da litteratura grega e latina, Homero, Platão, Sophocles, Pindaro, Theocrito, Tacito, dos quaes comprou por elevadissimo preço um manuscripto incompleto, sairam da obscuridade e foram impressos sob a direcção dos homens mais instruidos da sua côrte, aos quaes, em recompensa, conferiu depois altas dignidades.

A astrologia judiciaria começava então a ceder logar á verdadeira astronomia; Celio Calcognini tinha já procurado provar o movimento diurno da terra, que mais tarde foi a gloria de Copernico e de Galileo, e Leão X, projectou a reforma do calendario; mas a honra d'esta reforma estava reservada para o papa Gregorio XIII.

Duas bibliothecas, a do Vaticano e a que o papa mandou construir por Miguel Angelo, em Florença, sua patria, se enriqueceram de livros, restos da antiguidade, e de todas as producções das bellas artes que Leão X mandava colligir, com grande dispendio e gosto esclarecido. Os leitores não ignoram que foi sob o pontificado de Leão X que Miguel Angelo e Raphael ornaram com suas magnificas pinturas o palacio do Vaticano e muitos outros dos principaes monumentos de Roma. O pontifice comprehendia toda a extensão do talento d'estes grandes mestres e via com um orgulho nobre elevar-se uma multidão de discipulos intelligentes em roda

d'estes dois homens, cujo genio creador elle excitava.

O brilhantismo da côrte de Leão X augmentou em seguida ás medidas de rigor que se vio obrigado a tomar contra os conspiradores que quizeram tentar contra os seus dias. Reconhecidos culpados do projecto de envenenamento, tres d'entre elles foram sentenciados á morte, e muitos outros condemnados a penas severas. Personagens distinctos, mesmo cardeaes, tinham sido cumplices na conspiração, e Leão X sentiu a necessidade de suavisar o sentimento de tristeza e de irritação que estes actos de justiça produziram em muitos corações. Fez, pois, uma promoção de trinta e um cardeaes, e procurou encantar a aristocracia romana com a magnificencia e o bom gosto. Este luxo bem entendido, espalhou a abundancia e os prazeres na vida de todas as classes do povo Romano.

A liberdade do commercio, e a sabedoria da administração, augmentaram a felicidade geral, e fizeram abençoar o nome do pontifice pelo povo e pelos artistas que lhe deviam uma grande parte da sua prosperidade: assim, não houve senão uma voz para applaudir o decreto solemne que conferiu a Leão X uma estatua cuja execução foi confiada ao grande Miguel Angelo, e que ainda se vê no Capitolio.

Tanta grandeza, prazeres e prosperidade, tinham tornado a capital do mundo catholico o ponto de reunião de todos os homens grandes e instruidos, no meio dos quaes Leão X gostava sempre de se achar. Reunia-os em esplendidos banquetes, onde mostrava, com tudo, uma grande sobriedade, e animava uma familiaridade tal, que, provavelmente, escandalisaria as gentes do nosso tempo. Muitas vezes, durante os banquetes, mandava fazer leituras escolhidas, ou originava discussões de ordem elevada sobre sciencias e artes.

Gostava das pompas do culto e procurava sempre harmonisar a riqueza de seus ornamentos pontificaes com a solemnidade e brilhantismo dos officios divinos.

Leão X era de nobre presença, estatura elevada, rosto alvo e corado, olhos pardos e vivos, nariz e bocca regular, voz agradavel e sonora e maneiras affaveis, excepto nas raras occasiões em que a caça, divertimento que amava até á loucura, não correspondia aos seus desejos.

O inimitavel Raphael traçou de Leão X um retrato fiel, que é uma das suas melhores obras, e do qual offerecemos uma copia aos nossos leitores. Á esquerda do pontifice está o cardeal Rossi; á direita o cardeal Julio de Médicis, que depois foi elevado ao pontificado, tomando o nome de Clemente VII.

Havia apenas nove annos que Leão X tinha recebido a tiara, 1 de dezembro de 1520, quando morreu quasi subitamente. O corpo tendo apparecido inchado de uma maneira extraordinaria, foi aberto, com permissão do consistorio, e os medicos declararam que o papa tinha morrido envenenado. Foi preso o copeiro, mas depressa saiu solto por falta de provas. Um rumor surdo accusou Francisco I, rei de França, que tinha tido com o papa grandes contendas, e que acabava de perder, oito dias antes, o Milanez; mas não está mesmo bem averiguado que houvesse envenenamento.

Os medicos d'aquelle tempo não estavam muito conhecedores dos effeitos do veneno.

O tumulo que se elevou a este grande principe na igreja de St.ª Maria da Minerva tinha sido esboçado por Miguel Angelo. A estatua do pontifice é de Raphael Monte-Lupo.

PERES LORENZO

(Scenas da Campanha do Mexico)

Por PINHEIRO CHAGAS.

III

O desapontamento foi igual ao impeto. As choupanas estavam ermas.

—Inferno! exclamou Perez Lorenzo, os malditos fugiram.

E correu como louco, por todos os recantos, batendo com a coronha da caçadeira nas paredes e nos moveis, esperando encontrar algum dos bandidos. Os contra-guerrilhas olhavam para elle com certa desconfiança. Lorenzo de coisa nenhuma dava fé. Com as faces affogueadas corria como um tigre em torno da jaula, arrombando moveis, despedaçando fechaduras. Affigurou-se-lhe suspeito um enxergão, cuja palha parecia que fôra revolvida de fresco. De um pulo saltou para cima d'elle, e ia a despejal-o, quando um homem, que lá estava escondido, se ergueu de subito agitando um punhal, que lhe cravava de certo no peito se o capitão Viarmont, a quem esse enxergão tambem causára suspeitas, e que se fôra, devagarinho, chegando para lá, não aparasse o golpe, decepando ao mesmo tempo a mão do bandido.

—Obrigado, exclamou Perez Lorenzo estendendo a mão ao official francez, se houvesse realisado já o meu desejo, não lhe agradecia o serviço. Assim agradeço-lh'o do fundo da alma. Preciso viver até me vingar.

Os soldados lançaram a mão ao bandido, que se debatia furioso. Novas pesquizas fizeram descobrir ainda outro, que só pedia a vida, e que se mostrou tão covarde como o primeiro se mostrára audacioso. Não foi possivel encontrar mais nenhum.

O bando dos condores deixou apenas nas mãos do caçador aquelles dois *trainards*. É verdade que eram ambos captivos de bastante importancia porque um d'elles era Juan Lopez, cunhado de Juan Pablo, o outro Omata, primo do mesmo chefe de guerrilhas.

N'este momento entrava na choupana o coronel Dupin.

—Fugiram os milhafres? perguntou elle relanceando para Perez Lorenzo um olhar suspeitoso.

—Fugiram! tornou Perez Lorenzo com um modo sombrio, mas a aguia não lhes perdeu os rastos; não conservam os ares o sulco das azas, mas a terra denuncia o vôo rasteiro dos passaros covardes.

—Responde pelo cumprimento da sua promessa? tornou o coronel.

—Respondo, tornou Perez Lourenzo, lembre-se o coronel de cumprir a sua.

—A minha? atalhou Dupin tentando recordar-se.

Perez Lorenzo não fez mais do que apontar para os dois prisioneiros.

—Olá! exclamou o coronel, que ainda não reparára n'elles, sempre ficaram alguns nas redes. Entendo, continuou, voltando-se para o mexicano, estes dois homens pertencem-lhe, mas primeiro consinta que os oiçâmos cantar.

—*Si leur ramage ressemble á leur plumage*, murmurou o incorrigivel Viarmont, *ils seront les phénix des hôtes de ce bois.*

A citação de Lafontaine fez brotar um sorriso nos labios do coronel, que se voltou para o seu subalterno, dizendo:

—Se elles nos derem as informações de que precisâmos, ser-nos-ha mais agradavel a sua voz do que o proprio canto do gracioso colibri. Parece-me, meu caro capitão, que a boa da raposa, ao saborear o queijo, achou dulcissimo o grasnar do corvo.

—É escusado, interrompeu Perez Lorenzo; conheço-os a ambos. Juan Lopez morre mas não dá palavra; e Juan Pablo não é tão tolo que vá confiar a Omata o segredo dos seus movimentos.

—Tentemos sempre, disse o coronel.

Perez Lorenzo encolheu os hombros, e foi sentar-se a um canto da choupana. Mettia horror, contemplar esse rosto juvenil e formoso, devastado pela tormenta de uma dor immensa; a sua physionomia tinha a immobilidade do marmore, mas do marmore lascado pelo raio, que lhe deixou vestigios indeleveis na sua lisa superficie.

Como elle o presagiava, foram infructiferas todas as tentativas que os francezes fizeram para obterem dos dois prisioneiros a revelação do caminho que os bandidos haviam seguido. Juan Lopez não descerrou os labios, senão para dizer: *Caramba!* quando as supplicas e as lamentações do seu companheiro o irritavam em demasia. O coronel, vendo que não tirava fructo da sua persistencia, voltou-se para Perez Lorenzo, e, indicando-lhe com um gesto que podía fazer dos prisioneiros o que quizesse, saio com os seus subordinados.

Viarmont foi o ultimo a sair. Ainda pôde ver um relampago de satisfação infernal fusilar nos olhos de Perez Lorenzo, ainda o pôde ver levantar-se, e avançar para os dois bandidos com um diabolico sorriso nos labios.

O proprio Juan Lopez estremeceu e descorou, ao ver aquelle vulto sinistro caminhar em direitura a elle.

A necessidade de formar os seus soldados obrigou Viarmont a sair, mas a curiosidade actuava poderosamente no seu espirito, e, quando a contra-guerrilha se poz em marcha, Viarmont deixou-se ficar á rectaguarda para ver o que resultava d'alli.

Primeiro ouvio gritos dolorosos, depois vio abrir-se a porta, e sairem os dois prisioneiros, impellidos pela coronha da caçadeira de Perez Lorenzo. Devemos dizer que os francezes tinham atado com rijas cordas os pulsos dos dois bandidos.

A avaliar pelo movimento dos labios de Juan Lopez, e pelo seu sorriso ironico, o valente guerrilheiro insultava o seu algoz, como os Indios selvagens, cujas tradições de bravura impassivel parecia que eram conservadas fielmente por elle, quando os seus inimigos os atavam á estaca do martyrio; Omata chorava como uma creança.

Perez Lorenzo amarrou os dois a uma arvore, voltou á choupana, trouxe uma corda, atou-a com todo o vagar a um ramo, fez a laçada e enforcou Juan Lopez. Em quanto o guerrilheiro estrebuchava nas convulsões da agonia, Perez Lorenzo parecia dirigir-lhe palavras zombeteiras, cujo murmurio sinistro chegava muito vagamente ao ouvido de Viarmont.

Depois desatou o cadaver, atirou-o com um pontapé para o cerrado do arvoredo, e passou a enforcar o pobre Omata, que desmaiára de pavor. Esse quasi que nem sentio a morte. Os uivos dos chacaes, que parecia presentirem que se lhes estava preparando um festim, resoavam lugubremente no fundo da floresta.

—*Mordieu*, exclamou energicamente e n'um tom de colera reprimida uma voz por traz de Perez Lorenzo que mirava com um prazer feroz os dois cadaveres, julgava que se tinha extinguido a raça dos Caraibas. Vejo que me enganei. Se a sua vida não estivesse garantida pela palavra do meu coronel, e por conseguinte debaixo da protecção da bandeira franceza, havia de lhe ensinar a cortezia e a humanidade europeas.

—Capitão, respondeu Perez Lorenzo voltando-se e fitando n'elle um olhar que esfriou o capitão até á medulla dos ossos apezar da sua reconhecida bravura, não avalie o procedimento dos outros, e deixe que Deus peze, na sua divina balança, os nossos merecimentos e as nossas culpas.

E, dizendo isto, affastou-se vagarosamente. A chuva continuava a cair torrentuosa, o trovão ribombava nos ares, e os chacaes uivavam lugubremente ao fundo da floresta.

(*Continua*)

O INFELIZ POETA

O quadro, do qual é copia fiel a gravura que hoje offerecemos aos nossos leitores, foi desenhado pelo celebre pintor e gravador Will. Hogarth, a quem as bellas artes conferem um logar eminente entre os seus cultivadores.

Will Hogarth, cuja biographia publicaremos opportunamente com o seu retrato, tornou-se notavel pela sua originalidade e pela verdade com que conseguiu exprimir as paixões e as scenas ordinarias da vida.

Todos os seus quadros, como disse um notavel escriptor, são outras tantas comedias em pintura, censurando os vicios dos homens, para corrigil-os; alli tudo é acção, movimento, interesse, verdade

não se encontra um só personagem que não seja opia do natural.

A nossa estampa attesta o que deixamos dito. Que naturalidade, que expressão em tudo! De um ado, o poeta, cuja missão no mundo é soffrer e cantar, coçando pausadamente na cabeça, como que esperando ahi encontrar a consoante que lhe falta para completar a dedicatoria, que deve acompanhar o seu poema, *A fonte das riquezas*, com o qual espera fazer a sua fortuna; do outro, sua esposa,

que tendo deixado o filhinho adormecido se havia assentado costurando, estorvada em seus trabalhos pela leiteira, que, mostrando a conta, exige a promta satisfação do seu credito. Atraz da leiteira, o cão apoderando-se de um boccado de toucinho que a infeliz esposa, a troco da pequena somma pela qual lhe compraram uma touquinha que engenhara na vespera, obtivera para dar gosto aos tristes feijões do seu jantar. Aos pés da joven esposa, a gata com os filhos tranquillamente deitada em cima da sobrecasaca do pobre poeta, depois de haver revolucionado todos os jornaes, manuscriptos e mais objectos de interesse para os donos da casa.

Quanta verdade não existe n'este quadro!

IDILIO

II

A Tempestade

—Ouves Lilia, o horrisono bramido da tempestade, que nos está imminente? Vês os fogos que fendem as nuvens, ouves o trovão, e a par do trovão o ruido medonho dos estragos causados pelo raio despedido do firmamento? Na profunda obscuridade que nos rodêa não posso ver-te senão á luz dos relampagos; nem me deixa ouvir o grito da tua angustia, o bramir horroroso e terrivel da tempestade. Parece que só a nós ameaça de morte; porque estamos sós no meio dos bosques. Sinto, porém, que no meio do terror, que te anniquilla, cingiste meu corpo com os teus braços, e que teu coração, sobresaltado, palpita junto ao meu. Estreita-me ainda com mais força contra o teu seio, Lilia, e abençoarei os terrores e os perigos da tempestade.

Em breve apparecerá novamente o sol, placido, sereno, como um pensamento do amor divino. Em seu refulgente carro percorrerá os limpidos ceos, e o vento aquietará. As nuvens, os montes, e os prados de luz pura serão vestidos, e tornará o murmurio do arroio a acompanhar o canto das aves e a voz mysteriosa dos bosques. Oiça eu então a harmonia da tua falla no concerto que a natureza envia á gloria do Senhor; beije tua fronte radiante de alegria; leia em teus olhos que confirmas na bonança os direitos que me deste na tormenta; e lembrando-me de onde me vem tanta ventura, abençoarei os terrores e os perigos da tempestade.

Ai! o que é a vida do homem senão um temporal desfeito? E o que seriam sem elle o coração e o entendimento? Apoz medonha tormenta é mais brilhante o céo, o ar mais puro, mais alegre a campina; depois do obstaculo que retarda a ventura, ou da desgraça que d'ella nos afasta, mais funda e viva a sente o coração. Quão sublime é o poder de Deos quando arma o seu braço com a tempestade! Assim como elle sublime, apparece a virtude no meio dos combates do vicio. Oh! que meus dias não findem com a alma já cansada de gosar perenne ventura. Que eu veja azares, lides e privações na vida, e com o teu amor, Lilia, as tuas iras; porque o socego me intristece, e no coração, e na natureza me dão prazer, os terrores e os perigos da tempestade.

—Cessou a tormenta, amado bem; reconhecemos Deos no raio; bemdigamol-o agora no iris. Aqui tens o meu rosto; imprime n'elle o beijo do teu amor... Um, um somente; que o meu coração estremeceu ao contacto dos teus labios... Deixa-me... Logo cantarei a felicidade dos pastores e a sua innocente vida. Depois de cantar reclinarei a cabeça sobre o teu peito e abraçar-te-hei como ainda não ha muito o fiz, quando fechados os olhos e o peito opprimido, buscava em ti, que és homem, um appoio contra a tormenta. Em seguida, meu bom amigo, zangar-me-hei para que tu procures abrandar-me; mas, se quizeres obter o meu perdão, buscarás a permissão de minha mãi, para jungirmos os nossos fados, quando eu durma reclinada nos seus joelhos. Ah! se ella te dá o nome de filho, e se a ambas nos promettes um amor eterno, bemdiremos, como tu, meu querido amigo, os terrores e os perigos da tempestade.

RÃ-PULANTE

II

Quando Rã-Pulante e Castanheta, para obedecerem ás ordens do rei, correram a fallar-lhe, acharam-n'o bebendo vinho *realmente* com os sete membros do seu conselho privado; mas parecia estar de máo humor. Sabia que Rã-Pulante temia o vinho, porque esta bebida levava-o á doudice—e a doudice, aqui para nós, não é lá das cousas mais agradaveis—mas o rei, que presava muito a sua dignidade, e era bastante caridoso, tinha um prazer inexplicavel em obrigar o coxo a beber, e—usando da expressão real—a ficar alegre.

—Aproxima-te, Rã-Pulante, disse elle, logo que o bobo e a sua companheira entraram na camara; bebe este copo á saude dos teus amigos ausentes (aqui Rã-Pulante suspirou) e ajuda-nos com a tua imaginativa. Necessitamos de typos, de caracteres, meu bravo! de alguma cousa nova, extraordinaria. Já estamos cansados d'esta monotonia eterna. Vamos; bebe! o vinho ha de esclarecer-te as idéas!

Rã-Pulante procurou, como de costume, responder ao rei com uma palavra chistosa, mas não poude. Era justamente o dia do anniversario do seu nascimento e a ordem de beber á saude dos amigos ausentes fez-lhe rebentar as lagrimas dos olhos. Algumas gotas amargas cairam no copo ao recebel-o humildemente das mãos do seu bom rei.

—Ha! ha! ha! rugio este ultimo, quando o anão, com repugnancia, levou o copo aos labios; vê o que póde um copo de bom vinho! Hein! Como já te brilham os olhos!

Pobre rapaz! Os olhos mais depressa lhe faiscavam do que brilhavam; porque o vinho excitava-lhe instantaneamente o cerebro. Acabando de beber pôz, todo tremulo, o copo sobre a mesa, e passou um olhar fixo e quasi doudo pelo auditorio.

Todos pareciam contentissimos do feliz successo da farça real.

—Agora, mãos á obra! disse o primeiro ministro, homem muitissimo gordo.

—Exactamente, disse o rei; vamos, Rã-Pulante, auxilia-nos. Dá-nos typos, meu rapaz, caracteres! temos grande precisão de *caracter!* ha! ha! ha!

E, como o dito tinha pretensões a engraçado, todos fizeram côro ao riso real. Rã-Pulante tambem rio, mas o seu riso era frio e distrahido.

—Vamos, vamos, continúa o rei, com impaciencia; não achas nada?

—Diligenceio achar alguma cousa inteiramente

nova, replicou o anão, desorientado, porque o vinho lhe fervia no miolo.

—Diligenceias! gritou ferozmente o rei exemplar. Que entendes, tu, por essa palavra? Ah! comprehendo. Desconfiou; precisa mais vinho. Toma! bebe isto! — e encheu novamente o copo e apresentou-o ao coxo, que nem podia respirar de afflicto que estava.

—Bebe, já te disse, gritou o nobre rei, vá, com mil demonios!..

O anão hesitava. O rei estava como um pimentão. Os cortezãos sorriam maliciosamente. Castanheta, pallida como um cadaver, aproxima-se do bom monarcha, e, ajoelhando diante d'elle, roga-lhe que poupe o seu amigo.

O rei olhou-a por alguns instantes, evidentemente estupefacto de semelhante audacia. Parecia ignorar o que devia fazer ou dizer n'um caso d'aquelles, ou como exprimir sufficientemente a sua real indignação. Por ultimo, sem pronunciar uma syllaba, repelliu-a violentamente para longe de si, e atirou-lhe ao rosto o vinho que se continha no copo cheio para o anão.

A pobre pequena, ergueu-se conforme poude, e, não ousando nem suspirar, retomou o seu logar junto á mesa.

Seguiu-se por uns trinta segundos um silencio mortal, durante os quaes ter-se-ia sentido a queda de uma folha, ou de uma penna (que não fosse de aço.) Este silencio foi interrompido por uma especie de estridor surdo, porém, rouco e prolongado, que pareceu rebentar de todos os cantos da camara.

—Porque, porque... porque fizeste isso? perguntou o rei, voltando-se com furor para o anão.

Este, que parecia recobrar os sentidos, olhando fixamente o monarcha, mas com tranquillidade, respondeu:

—Eu, eu? Como poderia ser?

—O som, pareceu-me, que vinha de fóra; observou um dos cortezãos; talvez fosse o papagaio aguçando o bico.

—É verdade, tornou o monarcha, como bastante consolado pela idéa; mas, pela minha honra de cavalleiro, juraria que era o rangido dos dentes d'este miseravel.

Ao ouvir isto, o anão, soltou uma estrepitosa gargalhada (o rei tambem rio, porque era um d'estes homens que não podia conter o riso quando o via nos outros) e rangeu os dentes de modo tal, com tanta força, que seria para todos ficarem attonitos senão estivessem rindo tão despropositadamente; e depois, declarou que estava disposto a beber tanto vinho quanto lhe quizessem dar. O monarcha tranquillisou-se, e Rã-Pulante, tendo absorvido um novo copo, sem o menor inconveniente, entrou em seguida e com enthusiasmo no plano da mascarada.

—Não posso explicar, — observou elle muito tranquillo, e como se não tivesse bebido vinho— como se operou em mim esta mudança; mas, logo que Vossa Magestade bateu em Castanheta e a baptisou com vinho; logo que Vossa Magestade teve a inspiração, que tanto nos alegrou; e em quanto o papagaio fazia aquelle singular ruido, occorreu-me uma maravilhosa idéa de divertimento; é um brinquedo do meu paiz, que se introduz muitas vezes nas mascaradas; aqui deve offerecer novidade. Infelizmente, são necessarias oito pessoas, e...

—E nós somos oito!—disse o rei, rindo muito da sua descoberta;—a conta justa! — eu e os meus sete ministros. Vejamos! que divertimento é esse; como se chama?

—Denominamol-o—*Os oito orangotangos acorrentados*—é uma cousa interessantissima, sendo bem executada.

—Bello! executal-a-hemos, disse o rei, empertigando-se e esfregando as mãos.

—A belleza do divertimento, continuou Rã-Pulante, consiste no grande susto que sempre causa ás mulheres.

—Excellente! rugiram em côro o monarcha e o ministerio.

—Eu vos caracterisarei, proseguio o anão; fiaivos de mim. A semelhança será tal que todos vos tomarão por verdadeiros irracionaes, e, naturalmente, o terror deverá ser igual ao espanto.

—Oh! é surprehendente! exclamou o rei. Rã-Pulante, acredita, que havemos de fazer de ti um homem!

—As cadeias teem por fim augmentar a desordem pela bulha que fazem. Todos julgarão, que fugistes aos guardas? Vossa Magestade não pode calcular o effeito que ha de produzir, no baile, a entrada dos oito orangotangos acorrentados, que a maior parte dos individuos tomarão por verdadeiros brutos, saltando e dando gritos selvagens, por entre a multidão de homens e mulheres garrida e brilhantemente vestidos! Cousa alguma se lhe poderá igualar!

—Muito bem! disse o rei; e logo, porque a hora se aproximava, todos se levantaram para executar o plano do bobo.

(Conclue)

Valho-me sempre das coisas naturaes, e assombro-me certo n'este caso, considerando que uma só gota de tinta que caia em uma redoma de agua clarissima basta e sobeja para a tornar turva; e que para aclarar e deixar limpa uma redoma de tinta, não basta uma pipa de agua clara. Assim costuma ser a má, e a boa fama que a muito boa não pode acabar de purificar a ruim, e a ruim logo empece á muito boa.

D. Francisco Manoel.

Sou tronco e rocha, ó bella,
Que açouta o sul, que brama,
E o mar que se incapella;
Não temas que do rosto a côr se mude;
Vence as rochas e os troncos
A solida virtude.

Thomas Antonio Gonzaga.

BEATRIZ

.....—Oh tradimento! Pace
Sperar poss'io più mai? Qual vita orrenda
Di rimorsi, e di lagrime, e di rabbia!.....
ALFIERI

I

Cada qual tem seu dom; eu amo e canto.
Sei que o fadario é mau, sei que apoz tudo
Que exalta o coração, que o prende alegre
Em extase ideal, que lhe dá mundos
Onde o deixa voar, por céos em fóra,
Não falta um dia, e breve, em que a verdade
Nos accorda, e nos diz.....—que diga, embora!
Em quanto o mundo passa, revolvendo,
Cem mil questões de *jota* e de *i* romano,
Eu ergo a voz, e os anjos da harmonia
Vagueam junto a mim; brilha-me um rayo
De santa inspiração, minha alma accesa
Eleva-se até Deos, perde-se tudo
N'um jubilo immortal; da vida as trevas,
Dissipam-se em redor, um paraiso
De ethereo amor, de fervidas delicias
Desabrocha ao meu lado; crescem rosas
Por entre os estevaes d'agra collina.
Desponta a aurora, as aves vem chilrando,
A tepida bafagem traz a espaços
O perfume subtil das larangeiras;
E eu ergo a voz, minha alma em vago affecto
Ardente anceia;—o mundo passa e geme,.....
Cada qual tem seu dom; eu amo e canto!

II

Porque abri d'este modo o conto humilde
Que passo a relatar?.... não sei, mas penso
Que anda vaidade arrodo, e sem motivo,
N'este exordio fatal; ai, se as leitoras
Soubessem, como eu sei, quanto nos custa
Tragar a prosa vil que ondeia em torno
De nós..... de nós?—perdão, eu sou apenas
Um misero cantor, que algumas vezes
Versejo por demais, mas que não posso
Deixar de lhes dizer, que, se a policia
Podesse metter pé, de vez em quando,
N'esta *citta dolente* de escriptores,
E se deitasse a mão, como devia,
A quanto nescio vil ousa acoutar-se
Entre os que avultam, diffundindo raios
De essencia divinal, talvez eu fosse
Com mais de cem, que de ouropel mentido
Parvos! se adornam; oh, mas, sem rebuço,
Dava tudo por bom, vendo na recua
Tanto sandeu que alrota de chibante!

III

Passado o mau humor que estas palavras
Me fez vociferar, sem mais delonga
Entro na acção, e exponho o simples caso
Que ouvi contar ha dias, de passagem,
Mas que gravei na mente, resolvido
A dar-lhe, como dou, carta de corso.
Talvez fosse melhor para o bom nome
Que eu pretendo alcançar, deixar no escuro
A pobre narração; mas é defeito
Que não posso perder, — mal que uma historia
Me cai no ouvido, em quanto a não desfeixo
Sobre a primeira victima que encontro,
Revolvo-me inda mais que S. Lourenço
Na grelha,..... o que eu não vi, mas o que affirmam
Livros de santos padres, que egualmente
Não vi, mas que me dizem (quanto basta),
Que são obras de truz,... todas *in folio!*—

IV

Desprenda-se a voz; sumida
Já vai de ha muito a tristeza;
Aos pés de etherea belleza
Prostre-se humilde o cantor.
Do mundo as vagas impura
Jamais o tocam de leve;
Em sonhos d'ouro e de neve
Contente respira amor!

Desprenda-se a voz; que importa,
Se a tempestade rebrama?
Não brilha na mente a chamma
Que a tudo em torno dá luz?
Que importa, quando ante os olhos
Radiam mansões do empyrio,
Que a turba, no seu delirio,
Nos dê por leito uma cruz?

Deixai rugir a tormenta,
Almas que innunda a poesia;
Cantai por noite e por dia,
Erguei-vos na inspiração.
Bem vêdes que a natureza
Tambem de inverno se agita,
Que tudo canta e palpita
No seio da creação!

Que tendes, se acaso agora
Passais na terra esquecidos;
Se os vossos cantos, perdidos,
Ninguem sequer entendeu?.....
Quem sente o grato perfume
Que espira a rosa virente,
Se ella, á beira da corrente,
Por entre os juncaes rompeu?

Deixai que os homens blasphemem
Na sua effrene impudencia;
Levai, sorrindo, a existencia,
Fitai a luz sem temor.
Aves de nivia plumagem,
Cantai da vida as doçuras,
Vagai nas ondas mais puras,
Entre ribeiras em flor.

Amai sempre; o amor resume
Quanto é poesia divina;
Chamma que a fronte illumina
Ascende do coração.
Amar é crear um mundo
Em que arrobados vivemos,
Em que a nossa alma embebemos
Nas ondas da inspiração!

Eis, pois, o vosso destino;
Que importa qual seja a sorte?.....
O cysne, mesmo na morte,
Solta gorgeios de amor.
Dissipai quantas tristezas
Vos podem tocar de leve:
Em nuvens d'ouro e de neve
Erga-se altivo o cantor!

E. A. VIDAL.

(Continua.)

SUBSCREVE-SE

Em Lisboa — *No Escriptorio, Typ. Franco-Portugueza, rua do Thesouro Velho n.º 6, onde deve ser dirigida toda a correspondencia subscriptada á* **Empreza do Panorama.**

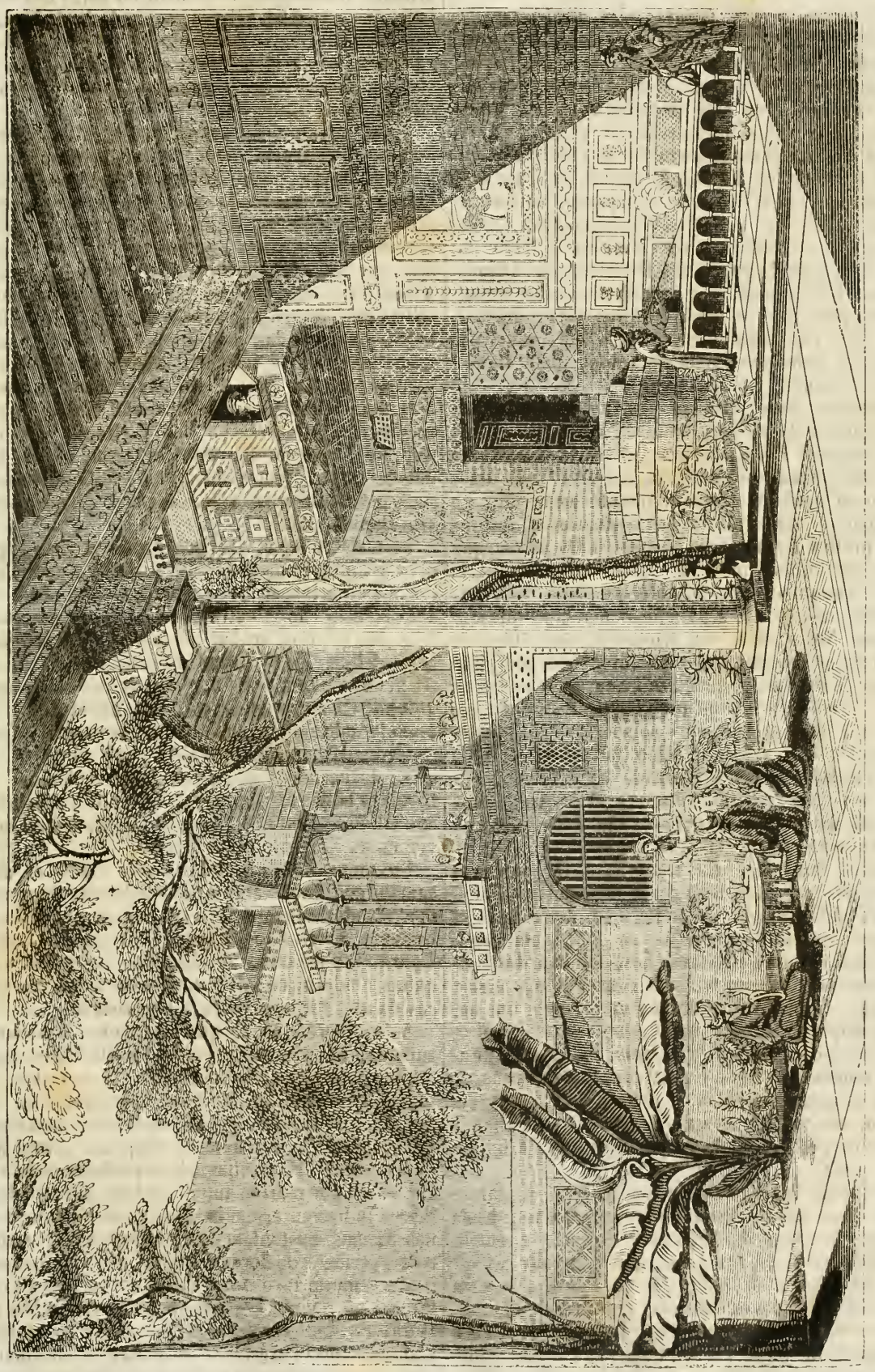
Preços da assignatura

Por anno	1300	*Estampilhado*	1560 *réis*
Semestre	650		780 »
Trimestre	340		400 »

No acto da entrega e avulso 30 réis.
Vende-se em todas as lojas do costume.

No Porto — *Assigna-se e vende-se em casa da Viuva Moré.*

Typ. Franco-Portugueza. = Rua do Thesouro Velho, 6.



COSTUMES DOS TURCOS

Não é muito facil formar uma idéa exacta do caracter e costumes de um povo que, não obstante visitado a miude, nos é ainda pouco conhecido, e cuja lingua, talvez considerada como a de um povo barbaro, tem sido despresada pelos nossos sabios. Esta difficuldade sobe de ponto em presença das exaggeradas narrações dos viajantes. Uns teem elogiado os Turcos de modo tal que, tudo quanto em seu favor se diga, é pouco; outros, pelo contrario, teem só visto n'elles os homens crueis, ignorantes e fanaticos, que levaram o ferro e o fogo á decantada patria dos Pericles e dos Demosthenes. Effectivamente, o procedimento dos Musulmanos, para com os povos que lhes estão sujeitos, tem sido extremamente barbaro; mas lancemos um olhar pelos seus visinhos russos, pela Italia e pela Hespanha... o que vemos?

Comtudo seria injustiça considerar os Ottomanos debaixo do mesmo ponto de vista que os outros povos da Europa; poucas reformas tem havido em seus costumes antigos, as sciencias e as artes pouco ou nenhum desenvolvimento teem tido, e o fanatismo e a superstição, que os dominam, levam-os á pratica dos maiores absurdos. Os paizes, que lhes estão submettidos, são governados como terras de conquista e os tributos lançados sobre os subditos não são, a seus olhos, mais do que um resgate Nos gregos, nos armenios e nos judeos só vêem povos avassalados; e que interresse poderiam excitar-lhes homens que designam pelo nome de *cães?* Altivos para com os estrangeiros, não renunciam ao seu exterior soberbo senão diante d'aquelles que recebem como hospedes; então a hospitalidade franca e generosa que lhes dispensam, faz lembrar a dos antigos patriarchas. A sua caridade para com os pobres não tem limites; e é d'isto uma prova clara os numerosos estabelecimentos chamados *Karvanserais.* Os senhores abastados empregam uma parte dos seus rendimentos na edificação de hospicios, em dotes para os mesmos, ou, na construcção de fontes em caminhos aridos. Com a affectuosa hospitalidade dos tempos primitivos, teem tambem conservado a maior devoção; nunca o Musulmano empreende um negocio importante, sem que, antes de effectual-o, dirija ao céo uma supplica; depois, cheio de confiança na bondade de Deos, espera com santa resignação todos os acontecimentos, e quando a desgraça vem feril-o, em vez de derramar lagrimas, humilha a fronte no pó, e consola-se pensando que Allah assim o quiz.

Quanto á sua habilidade na guerra, bastantes e gloriosos são os titulos que apresentam; basta citar as façanhas de Mahomet, Solimão e outros muitos guerreiros, aos quaes não poderam resistir nem os esforços desesperados de Paleologos, nem o grande valor dos cavalleiros, senhores de Rhodes, nem a audacia dos aventureiros italianos, que Minotti commandava. Se os Turcos modernos n'este ponto estão muito longe dos seus antepassados, não é porque a sua coragem tenha degenerado; hoje que o sangue frio e o calculo substituiram a coragem ardente dos antigos, e decidem da sorte dos combates, os exercitos ottomanos, mal disciplinados, sem tactica e com um artilheria fraca e mal organisada, não podem luctar com os das outras nações da Europa, que os excedem, unicamente, n'aquellas duas vantagens.

O seu governo em tempo de paz é ainda mais ruinoso. Um despota fraco, nos momentos difficeis, gosando de um poder illimitado para fazer mal; a escandalosa venalidade que cede os empregos a quem mais offerece; ministros ávidos de dinheiro, sacerdotes ignorantes e fanaticos; taes são os cancros que roem pouco a pouco o imperio ottomano. A sua força tem, de dia para dia, diminuido, e talvez que, dentro em pouco, deixe de ser contado entre o numero das nações. Os seus ultimos soberanos tentaram, é verdade, innovações uteis; mas alguns pagaram caro a sua temeridade, e não foi sem uma carnificina medonha, que Mahmoud conseguiu destruir o corpo dos janizaros, prompto sempre a sublevar-se. Operou mesmo outras mudanças nos costumes dos seus subditos; mas os seus progessos teem sido lentos, e o fructo será, sem duvida, tardio.

Fóra dos tempos guerra o turco parece esquecer na tranquillidade do seu retiro, as penas d'esta longa peregrinação que se chama vida. Para elle a existencia não é outra coisa além de um sonho feliz que só deve acabar no tumulo, um banquete cujas delicias deve haver pressa em gosar. Grave silencioso, indifferente a todos os interesses mesquinhos da terra, passa os dias languidamente estendido sobre as macias almofadas do seu sophá, rodeado das nuvens odoriferas que saem da sua caixa de perfumes ou do seu longo cachimbo. Saboreia o bello café de Moka, e o opio transporta-o em dilicioso sonho ao paraiso de Mahomet onde vivem as huris de olhos pretos.

Nos momentos de enfado as suas mulheres dançam lhe emtorno e cantam ao som da suave harmonia dos alaudes. Depois de ceia faz as abluções do costume, dirige ao céo a sua oração quando a voz do *muezim*, se faz ouvir do alto das torres das mesquitas e adormece entre sonhos de amor nos braços da sua formosa escrava Circassiana.

As mulheres, ainda que guardadas com todo o cuidado, não são tão privadas de liberdade, como muitos viajantes teem affirmado. O seu dote assegura-lhes uma tal ou qual independencia, e o uso da polygamia é muito raro, não obstante, o *Coran* permittir ao homem desposar quatro mulheres. Além d'isso ellas sabem perfeitamente vingar-se de um marido infiel, graças a certas mulheres judias ou armenias que teem livre accesso nos harems. Sustentam uma correspondencia amorosa por meio de flores dispostas de certa maneira e não é muito raro o ver entrar um ou outro aventureiro no recinto sagrado, a pezar dos olhos penetrantes dos eunuchos. Os cemiterios turcos, plantados de cyprestes e de platanos, são muitas vezes testemunhas das apaixonadas declarações dos amantes.

As habitações, em geral, de fraca apparencia, por assim o determinarem os livros da sua lei, são decoradas interiormente com grande magnificencia. Pateos espaçosos, rodeados de galerias sumptosas sustentadas por arcos e columnas e ornados de fontes, quartos forrados de soberbos tapetes da Persia e assoalhados de preciosa madeira, pilastras, balaustres, arcos enriquicidos de arabescos de ouro e azul e de pinturas de flores, uma rica salla de banhos, onde quasi tudo é marmore, janellas, que n'este bello clima, dão livre accesso ao vento agradavel e aos passaros, varandas cheias de vasos de flores, kiosques, boscagens onde se veem o lilás, o loureiro, roseiras, larangeiras, e no sitio mais retirado o harem; tal é a bella morada onde o Musulmano espera o dia em que se devem cumprir as promessas do *Coran*.

RÃ-PULANTE

III

A maneira de caracterisar os nossos oito heroes era muito simples, sufficiente, porém, para os designios de Rã-Pulante. Ora, é preciso notar, que no tempo em que isto aconteceu, rarissimas vezes appareciam animaes d'aquella especie nos paizes civilisados; e por isso, como as imitações eram em extremo bestiaes e horrendas, todos accreditaram na semelhança.

Vestiram, primeiramente, camisolas e calças de algodão, em ponto de meia. Depois foram alcatroados desde os pés até ao pescoço. N'esta occasião um dos ministros suggeriu a apposição de pennas; mas, foi immediatamente rejeitada a idéa pelo bobo, que com uma demonstração occular, depressa convenceu os oito personagens de que o pello de um animal como o orangotango, era com mais fidelidade representado pela estopa, do que pelas pennas.

Por conseguinte, foi-lhes applicada por cima da camada de alcatrão, uma espessa camada de estopa. As caras tambem foram untadas de uma materia viscosa e, bem como o corpo, cobertas de uma camada semelhante. Estavam lindissimos! Todos riam a bom rir, e não cessavam de fazer reflexões sobre o effeito que produziria a sua entrada no baile. Já não faltava senão a cadeia para complemento da grande obra. Não tardou, porém em apparecer, e com as dimensões exigidas. Foi, portanto, em primeiro logar, lançada em roda do rei, e, convenientemente, apertada; depois em roda da cintura do primeiro ministro e, igualmente, comprimida; seguiu-se o terceiro, para com o qual se obrou do mesmo modo; e assim successivamente. Terminada esta operação, affastaram-se, quanto podiam, uns dos outros, e formaram um circulo, dentro do qual, Rã-Pulante, para completar a verosimilhança, achou meio de inscrever, com o resto da cadeia, uma cruz.

A grande sala em que devia ter logar o baile, era uma casa circular, de grande pé direito (como hoje diria uma notabilidade architectonica) e que apenas recebia a luz do sol por uma claraboia. De noite, (era só quando d'ella se serviam) costumava ser illuminada por um grande e magnifico lustre, pendente da claraboia por uma corrente, cuja extremidade livre sustentava um contrapeso com o auxilio do qual o lustre podia baixar ou elevar-se *ad libitum*. Mas para não prejudicar a elegancia estava este contrapeso da parte exterior sobre o telhado.

A decoração da sala, tinha sido confiada aos cuidados de Castanheta, que, provavelmente, em certos pontos consultou o sensato juizo do seu amigo anão; pois, foi por conselho d'este que na celebre noite do baile, o lustre não figurava no logar do costume. Como o excessivo numero de convidados devia occupar todas as regiões da sala, tiveram naturalmente em vista, com esta disposição, o evitar que sobre os sumptuosos fatos dos convivas mascarados cuspissem as vellas insultos frequentes de cera fundida. Portanto, novos candelabros foram dispostos em differentes partes da sala, e ao lado de cada uma das cariatides, que em torno a guarneciam, em numero de cincoenta a sessenta, ardiam tochas, que projectavam abundantes e variados reflexos sobre quanto n'ella existia.

Os oito orangotangos, seguindo o conselho de Rã-Pulante, esperaram, para fazerem a sua entrada, que a salla se enchesse completamente de mascaras; o que durou até á meia noite; mas logo que no relogio soou a ultima badalada, irromperam com furia tal, que, presos, como estavam pelas cadeias, cairam rolando confusamente.

A sensação produzida por este inesperado acontecimento foi prodigiosa e encheu de alegria o coração do rei. Como se esperara, o maior numero dos convidados acreditou que, estes entes de aspecto feroz, eram verdadeiros animaes de uma certa especie; não precisamente orangotangos. Muitas senhoras desmaiaram; e se o rei não tivesse tomado a precaução de prohibir n'aquella noite o uso de armas, teriam pago, desde logo, com sangue o divertimento. A confusão, o susto não podiam ser maiores. Todos corriam para as portas como loucos; mas em vão, porque o rei tinha ordenado que as fechassem, logo depois da sua entrada e, conforme lhe aconselhara o anão, as chaves haviam-lhe sido entregues.

Emquanto durou o tumulto, e que cada um pensava na propria salvação, — porque, em verdade, n'este panico e n'esta desordem havia um perigo real,— ter-se-ia visto a cadeia, que servia usualmente para suspender o lustre, descer, descer até a sua extremidade, em forma de anzol, ficar a tres pés da altura do sobrado.

Poucos instantes depois, os orangotangos, tendo-se arrastado pela sala em todas as direcções, acharam-se, em fim, no centro e em contacto com a cadeia. Em quanto se conservavam n'esta posição, o bobo, que os tinha seguido sempre de perto, induzindo-os a attentar na commoção, apoderou-se da cadeia na intersecção dos dois diametros e, com a rapidez do pensamento, prendeo-a ao anzol. Em seguida, como por encanto, subiu a cadeia a sufficiente altura para ficar fóra de todo o alcance

e conseguintemente levou após os orangotangos em confusão reunidos.

As mascaras, durante este episodio, tinham paulatinamente recobrado animo; e como já começavam a tomar tudo isto como um brinquedo, engenhosamente combinado, desataram-se a rir, despropositadamente, vendo a estranha posição dos macacos.

—Guardai-m'os! gritou Rã-Pulante, com uma voz que retumbou sobre o tumulto; —guardai-m'os bem, parece-me que os conheço. Vou certificar-me para dizer-vos já os seus nomes.

Então, engatinhando por cima das cabeças da multidão até proximo da parede, lançando mão de uma tocha e voltando, como tinha ido, para o centro da sala, saltou como um macaco á cabeça do rei, trepou pela corrente a alguns pés de altura e aproximando a chamma do grupo, como que para examinal-o, exclamou :— Depressa descóbrirei quem elles são!

Depois, em quanto toda a assembléa,—incluindo os macacos — ria a bom rir, o bobo soltou subitamente um assobio agudo e a cadeia subio mais uns vinte pés, levando comsigo os orangotangos, que se debatiam atterrados. Rã-Pulante, seguro á cadeia, tinha tambem subido com ella e guardava sempre a sua posição relativamente aos oito mascarados; mascontinuando a aproximar d'elles a tocha accesa, como que procurando descobrir quem eram.

Toda a assembléa ficou de tal modo estupefacta com esta ascensão, que se mergulhou em profundo silencio pelo espaço de um minuto, pouco mais ou menos, silencio que foi interrompido por um ruido surdo e aspero, como aquelle que attraiu a attenção do rei e dos seus respeitaveis conselheiros, quando este atirou o vinho á cara de Castanheta. Porém, no caso presente, não havia que procurar donde partia o estridor; saio da bocca do anão, que rangia os dentes como um desesperado, e lançava dos olhos faiscas de raiva para o rei e os seus sete companheiros, cujos rostos estavam voltados para elle.

— Ah! Ah! — disse emfim o anão, furibundo,— ah! ah! principio agora mesmo a conhecel-os.

Então, sob pretesto de examinar os mascarados de mais perto, chegou tanto o fogo á estopa que a inflammou. Em menos de trinta segundos os oito orangotangos ardiam, furiosamente, no meio dos gritos de uma multidão que os contemplava cheia de horror e sem poder prestar-lhe o minimo soccorro.

Continuando as chammas a augmentar de violencia, vio-se o anão obrigado a trepar mais alto para ficar-lhes fóra do alcance; e, em quanto executava esta manobra, a multidão recaiu, por um instante ainda, no silencio. O bobo aproveitando o ensejo tomou novamente a palavra.

—Agora, disse elle, vejo, distinctamente, de que especie são estas mascaras. Vejo um grande rei e os seus sete conselheiros privados, um rei que não escrupulisa em bater n'uma creança indefeza e sete conselheiros que o animam na sua atrocidade. Quanto a mim, sou simplesmente Rã-Pulante e esta é a minha ultima bobice!

Graças á extrema combustibilidade do linho e do alcatrão, apenas o anão acabou de proferir estas palavras, estava a sua vingança satisfeita. Os oito cadaveres balouçavam-se na corrente—massa confusa, fétida, fuliginosa, repugnante. O anão atirou a tocha para cima do grupo, trepou até ao tecto e desappareceu pela clara-boia. É claro que Castanheta, de sentinella no telhado, servio de cumplice ao seu amigo n'esta vingança incendiaria e que fugiram juntos para o seu paiz; porque nunca mais ninguem os vio.

PERES LORENZO

(Scenas da Campanha do Mexico)

Por PINHEIRO CHAGAS.

IV

Passaram-se alguns dias sem que Perez Lorenzo reapparecesse. Andava inquieto com a demora o coronel Dupin, e aos que lhe perguntavam porque motivo se não punha de novo a caminho a valente contra-guerrilha respondia, se era mexicano o perguntador, que, se Annibal se deixara seduzir pelas delicias de Capua que se não podia dizer que fosse um paraiso, não admirava que elle coronel Dupin, sem ser Annibal, se deixasse captivar pelas delicias de Medellin, que era o paraiso do Mexico, do Mexico que era o paraiso do mundo.

Um dia um dos seus interlocutores, mexicano esperto que não via com muito bons olhos a presença dos estrangeiros no seu paiz, observou-lhe, sorrindo-se, que Annibal, antes de adormecer em Capua, vencera em Cannas.

O mexicano era um rapasito dos seus dezoito annos, cuja casa o coronel Dupin frequentava muito, e a quem se affeiçoára particularmente.

—Deixe estar meu republicanosinho *échappé du collége*, disse o coronel rindo e puxando-lhe amigavelmente uma orelha, deixe estar que, se não tivemos a fortuna de Annibal, tambem não havemos de ter o infortunio d'elle. Diga ao seu amigo Juarez que se por acaso se está preparando para ganhar a batalha de Zama, póde mudar de ideia.

—Bom! tornou o mexicanozito, rindo-se. Juarez é Scipião. E que papel distribue a Juan Pablo? O de Fabio Maximo?

—Cunctator, pois não! Todos vocês são uns heroes da antiga Roma.

—Odiamos Cesar, coronel, e ainda mais Augusto, retrocou o mexicano com um fogo sombrio no olhar.

—Odeiem, odeiem, tornou Dupin rindo-se do enthusiasmo do juvenil republicano, mas diga-me, o papá e a mamã estão hoje resolvidos a darem uma chavena de chá a Varo?

—Quem é Varo?

—Sou eu, homem! Pois recusa-me tambem esse titulo? General infeliz d'Augusto, mais dia menos dia vejo as minhas legiões estiradas por ahi nos plainos mexicanos.

—Olhe que a vontade é boa, tornou o mexicano rindo.

—Mercês, meu joven amigo.

—Mas, emquanto não se realisa o desejo, venha Varo tomar chá, e venha hoje que temos *tertullia*.

—Está dito, respondeu o coronel.

E despedio-se do seu juvenil companheiro.

—Coronel, gritou o moço mexicano depois de ter dado uns dez passos, traga os chefes das legiões e principalmente o *magister equum* Viarmont.

—Todos iremos, respondeu o coronel dirigindo-se para sua casa a passos vagarosos a fim de saborear a doçura e a placidez da tarde.

N'essa mesma noite em casa de D. Ramon (assim se chamava o mexicano) reunia-se a mais escolhida sociedade de Medellin. D. Ramon era rico e as suas *tertullias* gosavam de merecida fama. Tinha a sua casa um terraço todo plantado de bananeiras, larangeiras, e pimenteiras, forrado de baunilhas, e perfumado pelas mais opulentas flores dos tropicos, e por esse fructo, que da flor tem o aroma, e que se chama ananaz.

Para esse terraço fugiam os pares muitas vezes fatigados do redemoinhar das valsas, e os caramancheis e as latadas, se fossem indiscretas, podiam repetir bastantes frases melodiosas de amor, que haviam sido confiadas á larga folha das bananeiras, ou á alva flor das grinaldas de noivas, que o vento desprendia manso e manso da ramada.

Na noite em que introduzimos o leitor nas salas do opulento mexicano, estava, como dissemos, animadissima a *tertullia*.

Os officiaes francezes, intrepidos valsadores, tinham arrancado as creoulas á sua habitual indolencia. As morenas filhas dos tropicos haviam-se lembrado da sua origem hespanhola, e os seus languidos olhos incendera-os um reflexo do fogo andaluz. A musica derramava na atmosphera da sala a torrente vertiginosa das notas de uma valsa de Strauss. As arvores do terraço entornavam pelas janellas abertas as suas urnas de perfumes. Tudo dizia amor, e nada recordava as scenas de guerra que se estavam a cada instante passando n'essas campinas, que se viam do terraço, e que n'esse instante pareciam adormecidas debaixo do docel de veludo azul do seu esplendido firmamento.

Na sala proxima d'aquella onde se dançava, a mesa do jogo estava mais rodeada, do que todas as rainhas de baile que agitavam garridamente os seus leques no salão. O jogo é a paixão dominante dos mexicanos, ou antes é a febre do paiz, a febre do oiro, *golden fever*, dizem os inglezes. E não era o modesto voltarete que desdobrava gravemente no panno verde as suas vasas disputadas, era o monte, o monte frenetico e vertiginoso, o monte que fazia oscillar de jogador para jogador riquezas, que dariam o bem-estar a dez familias.

O oiro escorria em fulgidas torrentes sobre o panno verde da mesa. Os olhos negros, e brilhantes de esperança ou de raiva dos mexicanos seguiam com anciedade o seu curso variavel, que mudava de direcção a cada capricho das cartas.

Entretanto o baile agitava as suas ondas graciosas de mulheres e de flores na sala principal.

Os officiaes francezes, ou mais pobres ou de coração mais inflammavel do que os mexicanos, preferiam apertar a delicada cintura das creoulas a assistir, com a fronte aljofrada de suor frio, á fluctuação caprichosa de enormes sommas. Alguns jovens mexicanos viam, com desagrado, a intervenção estrangeira passar dos negocios publicos aos namoros particulares. Ellas... achavam que os francezes valsavam admiravelmente. Pouco se lhes dava dos desastres da patria. Tambem as damas de Paris, depois da capitulação de Fontainebleau, achavam os Prussianos *des beaux valseurs*, e depois de Waterloo morriam pelos *favoris blonds* dos officiaes de Wellington.

Vivent nos amis
Nos amis les ennemis!

dizia, em nome d'ellas, Béranger.

E o caso é que assim foi sempre. Não ha patriotismo feminil que resista a uma declaração de amor, nem espiritos de Cornelia que não entonteçam com uma valsa. Emquanto a mim, Brites de Almeida nunca mereceu as attenções do mais reles homem de armas do exercito castelhano, e Izabel Fernandes nunca pôde conseguir entrar no harem de Roume-Khan.

Entre todos os valsadores, era o capitão Viarmont o que mais intrepido se mostrava; de todos os galanteadores era elle o mais requebrado. Fazia a côrte á mais formosa senhora do baile, mexicana de tranças opulentas, e olhos de veludo, filha dos donos da casa, irmã d'esse joven republicano que dava generosamente ao capitão Viarmont o titulo da *magister equum* por elle ter sido nomeado, havia poucos dias, commandante da cavallaria da contra-guerrilha.

Findára uma polka, e a gentil mexicana (Dolores se chamava ella) fôra recostar-se n'um sophá. Ameigava-lhe o fogo do olhar essa morbidez creoula que invencivelmente se apossa das filhas d'esse paiz do sol; as palpebras semi-cerradas resguardavam-lhe a luz ardente das pupillas. As faces morenas tingiam-se do rubor do cançaço. As linhas fleumosas do corpo revelavam, nas suaves ondulações, a elegancia da hespanhola, e a graciosa indolencia que maior realce lhe dava. Era uma estatua, não uma d'essas estatuas produzidas pelo genio austero de Phidias, revelando a formosura grega em todo o esplendor da sua nobre correcção, mas uma das que o genio hellenico produzio, quando a decadencia principiou, estatuas em que se sente já a lasciva inspiração oriental, em que a languidez do desenho e a molleza das linhas, se dão ao marmore um voluptuoso encanto, roubam-lhe a pureza e a correção nobre que immortalisam os grandes modelos.

As tranças negras fluctuavam-lhe em opulentos cachos sobre os hombros nus, que os beijos de fogo do sol haviam coberto de uma leve côr morena. O pesinho impaciente e quasi invisivel batia distrahidamente o compasso da polka finda na esteira do salão.

A mãosinha, perfeitamente enluvada, agitava o leque ou antes a ventarola magnifica para cujas pennas haviam concorrido as mais esplendidas azas dos passaros americanos.

—Esses instantes de isolamento, sr.ª D. Dolores, são um roubo que nos faz a nós todos e especialmente a mim, disse o capitão Viarmont approximando-se da gentil senhora. Por onde vôa o seu pensamento? Oh! quem me dera colhel-o nos ares com um beijo. Parece-me que lhe prendi as azas. Dá-me licença que lhe diga o que o passarinho me disse.

—Diga, capitão, respondeu languidamente Dolores redobrando de velocidade no menear do leque, diga! quero ver se é adivinho.

—Se sou! Ahi vai o que o passarinho me disse que V.Ex.ª lhe tinha dito mansinho: «Acabei de polkar, sinto uma commoção deliciosa, mas que não basta a satisfazer as aspirações insaciaveis da minha alma. Anceia ella por fragrancias ignotas, por ignotos esplendores, e as flores, que a minha mão colhe, não teem o perfume que eu desejo, e as noites estrelladas da minha patria não chovem o fulgor que me enleva. Essa flor desconhecida, essa desconhecida estrella não será por acaso o amor?» Aqui está o que V. Ex.ª dizia ao passarinho, que enviou depois a correr aventuras por esses ares.

—Guapo adivinho! respondeu Dolores com uma voz melodiosa como o ciciar da brisa nos ramos da palmeira, morria de fome, capitão, se quizesse exercer o officio de feiticeiro. Sabe em que eu pensava? N'uma *sigadilla* andaluza, que me ficou hontem no ouvido. Pensava n'ella, e cantarolava-a em voz baixa.

—Que lhe dizia eu! Sempre acertei! Uma *sigadilla* hespanhola, uma *sigadilla* andaluza! Oh! bem conheço as perfidas! Fallam de mil coisas, da toirada, do *cigarito*, da *navaja*, e só uma coisa dizem — amor! Amor, voluptuosidade, requebros é o que ellas respiram, as maganas com a sua innocente desenvoltura! Sente-se o olhar gaiato da cantora no acompanhamento, no harpejo, n'uma insignificante melodia. Ha nas mais caprichosas variações um echo de castanholas, um doidejar de pésinhos no *bolero*, ha o requebro, ha o amor. São como a serenata do *D. Juan* de Mozart, ácerca da qual o meu compatriota Alfredo de Musset escreveu os seguintes formosissimos versos:

> Te souviens-tu, lecteur de cette sérénade
> Que Don Juan déguisé chante sous un balcon!
> Une mélancolique et piteuse chanson,
> Respirant la douleur, l'amour, et la tristesse
> Mais l'accompagnement parle d'un autre ton.

E se as *sigadillas* assim são na fria Europa, como o não serão transportadas para a America? Não ha uma palavra só que a brisa d'estas florestas não impregne em ignotos perfumes, não ha uma só nota, a que as vagas do mar das Antilhas não accrescentem uma languida melodia! Não pensava em amor? e pensava em *sigadillas* hespanhas, n'uma noite d'estas, com o seio a arfar da agitação da polka, rodeada de musicas e de perfumes, aspirando pelos labios vermelhos todas as desconhecidas sensualidades que expande esta natureza magica, este calido paiz...! Ai, Dona Dolores, olhe que ha um proverbio na sua lingua que diz que é muito perigoso...

—Muito perigoso o que?

—*Jugar com fuego.*

—Jesus! que peccado que eu commetti, segundo vejo, tornou Dolores garridamente, devo dizel-o ao meu confessor?

—Deos nos livre de tal. Confessou-m'o a mim, é quanto basta. Tenho plenos poderes e já lhe imponho a penitencia.

—Que não seja muito severa, capitão.

—Oh! sou indulgentissimo. A *sigadilla* que tinha no pensamento, e que em voz baixa cantava, ha de a cantar em voz alta.

—Não posso, capitão, tornou Dolores vivamente, não a sei cantar e não conheço o acompanhamento. Ficou-me hontem de a ouvir a uma rapariguita andaluza.

—Eu me encarrego de a acompanhar, tornou o official francez, apanho a melodia nos primeiros compassos, deixo-lhe a gloria toda do triumpho, se o houver, e, se houver *fiasco*, assumo eu só a responsabilidade.

—Veja o que diz, redarguiu a formosa mexicana erguendo-se, e encostando-se ao braço do capitão.

A languidez graciosa dos seus movimentos, a encantadora indolencia com que foi revelando a pouco e pouco a riqueza do seu talho esplendido, o gesto infantil com que arredou da fronte as tranças opulentas do seu negro cabello, o modo como poisou o pésinho aéreo no sobrado, o *abandono* (vá o gallicismo) com que se encostou ao braço de Viarmont, tudo isto entontecia, innebria o joven official, que de bom grado sacrificaria a um sorriso de Dolores o bastão de marechal de França, que tinha, como todos os seus camaradas, em perspectiva.

Assim que se annunciou na sala que Dolores ia cantar uma *sigadilla*, interromperam-se todas as conversações, e todos os olhos se viraram para o lado do piano. Se officiaes francezes principalmente fizeram roda, e o proprio coronel Dupin, apezar das graves preoccupações que o absorviam e que o obrigavam a cravar de vez em quando os olhos na porta, como se esperasse ver apparecer alguem, approximou-se do piano, e prestou sorrindo toda a sua attenção ao canto andaluz.

A voz de Dolores possuia não sei que vivacidade temperada por uma certa indolencia, que dava um tom indefinivelmente voluptuoso ás notas que gorgeiava. A harmonia do canto acabou de entontecer Viarmont. O joven official, quando se levantou do piano, estava como que ebrio de harmonias, de luz de, perfumes, de formosura e de voluptuosidade.

Os applausos soaram com estrepito de todos os lados da sala, todos os officiaes francezes rodeiaram a juvenil cantora, e entoaram emtorno d'ella um hymno suavissimo de lisonjas. Dolores, vermelha de orgulho satisfeito e de confusão tambem,

agradecia modestamente os louvores que lhe prodigalisavam, e anciava por fugir ao seu triumpho.

Viarmont percebeu esse desejo, e aproveitou-se d'elle. Offereceu o braço a Dolores, e propoz-lhe ir dar um passeio ao terraço para respirar mais desaffrontada ao ar livre. A joven mexicana acceitou com alegria, e ambos, esquivando-se do grupo, sairam do salão.

(Continua)

UMA ARTE PERDIDA

Os sabios, ao examinarem essas gigantescas producções dos egypcios, teem repetido muitas vezes: *já algumas artes estão perdidas*! Mas se tivessem lançado um olhar pelo luxo, pela magnificencia da mesa dos antigos, e comparassem o seu esplendor com a miseria de hoje, com quanta mais razão não teriam clamado:

A arte de comer acha-se inteiramente perdida!

Effectivamente, o que são os nossos glotões á vista dos glotões romanos? Seria preciso recordar o rodovalho de Domiciano, os almoços de Maximiano as linguas de papagaio de Heliogabalo? Que immensa gloria a d'este imperador que offerecia metade do seu imperio por um molho novo! Que resolução a d'aquelle Apicis, de entregar-se a uma vida cujos unicos prazeres se limitavam ao dispendio de alguns milhões para ter uma soffrivel mesa! Veja-se a multidão de manjares que possuiam os antigos e o numero das refeições que tinham logar durante o dia, *jenta ulum, prandium, merenda, cœnum, comessatio!* Que faculdade digestiva deviam possuir os romanos!...

Os homens teem, extraordinariamente, degenerado: a prova acha-se mais patente n'isto do que em todas as façanhas dos semi-deuses. Que de costumes caidos em desuso! que excellentes pratos perdidos! sem contar as viandas ordinarias, nas quaes se incluem os porcos assados, ventres de javali, cabras, doninhas, raposas, cobras e sobre tudo os pardaes, pavões reaes, os tordos de Lucullor cysnes, porquinhos da India, alforrecas e pão de rala! sombra de Trimalcião, chorai; chorai, sombra de Apicio!

E com tudo, o que era a glotonia romana comparada com a monstruosa gastronomia dos egypcios? Leia-se Plutarco: quinze foram os porcos assados para Antonio e Cleopatra enxugarem o estomago, n'uma occasião em que tinham bebido dois ou tres copinhos de agua antes de jantar. Leia-se Luciano: a terra, o mar, o céo forneceram os seus mais importantes productos para um jantar que a rainha do Egypto offereceu a Cesar. Inda mais; Cleopatra apostando com Antonio que era capaz de consummir n'uma só especie de comida dois milhões de sestercios, ficou victoriosa; porque apresentou um petisquinho de perolas que excedeu muito o valor da aposta!

Na verdade, repetimos, a arte de comer está de todo perdida!

BEATRIZ

V

Jacques tinha perdido, havia muito,
Seu velho pae, fidalgo dos mais nobres,
Modelo de honradez, que lhe deixara
Senão riqueza enorme, pelo menos,
Muito com que passar, vivendo á larga.
Tinha trinta annos; quanto ardor na vida
Podemos ter, de certo é n'este edade
Que mais vivo e sentimos, escaldando
O sangue e o coração; dava-se o caso
Com o nosso heroe: trinta annos tinha apenas;
Era gentil, loução, trigueiro um pouco,
Negro o cabello, olhar que embriagava,
Leve sorriso lhe adejava languido
Nos labios finos, labios que tremiam
Á menor commoção; em quanto a espirito,
Era vivo, sarcastico, voluvel,
Borboleta fugaz, que errante andava
Buscando o sol, e as rosas entre-abertas,
Onde libasse o mel no doce calix!

Por tanto é de suppor que as aventuras
Não faltassem jámais, que cem donzellas,
Das mais lindas, lhe andassem como presas
Ao seductor olhar; penso até mesmo
Que, se a lua não fosse tam discreta
Como todos o sabem, contaria
Quantas vezes o vio galgando o muro
D'algum jardim de Armida, que deixasse
O thóro conjugal, e manso e manso
Descesse ao parque, a dar-lhe amor e vida,
Em transportes de jubilo fervente!

Isto são presumpções, eu não affirmo
Cousas de pouca monta, e muito menos
Estas, que vão bater mesmo de chapa
Na sacra honestidade das familias;
Mas tambem se a leitora não permitte
Que eu traga estes capitulos á lume,
Então feche o romance, antes que o pejo,
E mesmo a indignação lhe core as faces.

O que passo a contar é simplesmente
Uma historia de amor, da qual é Jacques
O principal heroe; verei se posso
Amenisar o conto, e desbraval-o
De certas asperesas que se encontram
Aqui e alli no texto primitivo.
Oh, não temam por mim! — a minha musa
É das de mais pudor que se tem visto;
Jamais roçou de leve as azas brancas,
Que o céo lhe deu, nos lodaçaes immundos
De infames polluções; voa-me em torno,
Sorri d'estas loucuras innocentes
Da vida mundanal, conta-me tudo,
Inspira-se de um beijo que murmura
Entre as ramas do bosque immaranhado,
Mas foge a medo, a pomba espavorida,
Mal que o rudo bolicio das torpezas
Lhe fere, acaso, os virginaes ouvidos!

VI

Jacques era visita, e das mais intimas,
Do conde... (occulto o nome porque entendo
Que o pede a discrição), basta que saibam
Que o conde era casado co'a mais linda
E mais gentil mulher que eu tenho visto.
Chamava-se Beatriz, contava apenas
Vinte ou vinte e dois annos, quando muito.
A trança loura, a face desmaiada,
Pensativa no olhar, turgido o seio,
Languido o porte, a voz meiga e sonora
Como os chilros de amor da toutinegra.
Quando subito a cor lhe illuminava

O pallido semblante, refulgia
Não sei que luz do céo n'aquelles olhos
Quasi sempre — inda mal,—como escondidos
Na carregada sombra das pestanas.
Era o typo ideal d'essa belleza
Que a mente esboça apenas, se delira
Em namorados sonhos de poeta.

O conde amava-a co'o fervor ardente
De um nobre coração; o mundo inteiro
Resumia-se alli, n'aquella pomba
Que arrulhava ao seu lado, e que entre beijos
Lhe pagava extremosa tanto affecto.
Oh, como os anjos bemdiziam ledos
Aquella santa paz, doce harmonia
Em que dois corações, pulsando juntos,
Se perdiam no céo, como o perfume
Que ondêa e sobe a Deos no fim da tarde!

Não pensem que exagero, descrevendo
D'esta maneira a rara formosura
Da condessa, nem mesmo no que digo
A respeito da limpida existencia
Que passavam no mundo os dois esposos.
Affirmo o que aventei, como mais tarde
Hei de affirmar tambem.... basta não digo,
Não quero accelerar o desenlace,
Nem roubar á leitora alguns instantes,
De pasmo e agitação, que, sem vaidade,
Ha de por força ter nesta leitura.

VII

Amor tu és o esphinge, o ser divino
Que inda ninguem na terra comprehendeu;
O teu semblante é meigo e peregrino,
Mas tens garras de tigre, que o sei eu!

Quem se inleva no magico sorriso
Que a face te illumina de esplendor,
Quando em teu seio encontra o paraiso,
Sente que lhe entra n'alma a eterna dor.

Nas caricias subtis com que embriagas,
O veneno mortal coberto vem:
A perola gentil que sai das vagas,
Negro limo do fundo traz tambem.

Mas tu és sempre bello; embora um dia
Nos rasgues fibra a fibra o coração,
Tens segredos de encanto e de alegria
Onde se perde em jubilo a razão.

Que importa o mundo?—lugubre deserto,
Onde se vaga, á toa, a suspirar,
E onde, somente apoz o errar incerto,
Vamos na morte a fronte descançar!...

Tudo é sombra em redor, tudo é tristeza,
Nem siquer um botão promette flor,
Negra saudade envolve a natureza...—
E tudo canta e brilha á luz do amor.

Chovem do sol os raios matutinos,
Reluz do orvalho o limpido crystal,
Gorgêam pelo campo os pequeninos,
E as tenras avesinhas pelo val.

Sóbe o perfume em ondas transparentes,
Da montanha, da balsa, e do vergel;
As abelhas, zumbindo, vão contentes
Por entre as rosas procurando mel.

E tudo á tua voz, alma infinita,
Que vens no mundo e em todos palpitar:
Inteira a criação febril se agita
Mal que um raio dos teus vê scintillar!

Amor, tu és o esphinge, o ser divino
Que inda ninguem na terra comprehendeu;
Tens doce o olhar, o rosto peregrino,....
Oh, mas garras de tigre, que o sei eu!—

(Continua.)

E. A. Vidal.

DUAS MÃES

Ao sr. Thomaz Ribeiro,

por occasião do fallecimento de sua excellente mãe

Uma, quando não podes inda vel-a,
os olhos te descerra á luz do dia;
d'affectos se opulenta, e se disvéla
em ser no mundo teu celeste guia.

A outra, fronte candida singella,
ante o filho dilecto se extasia,
os segredos do genio te revela,
e t'embala em torrentes d'harmonia.

Uma, sumindo o seu fulgor d'estrella,
dos anjos busca a doce companhia,
que d'entre os anjos Deus chamou por ella.

A outra não te deixa noite e dia
—seculos durará, mas sempre bella...
Uma era *Amalia*, a outra é...a *Poesia*.

Vizeu, outubro de 65.

Candido Figueiredo.

O USO DA PALAVRA

Dizia Talleirand: A palavra foi dada ao homem para que elle possa exprimir os seus pensamentos. Nós, porém, diremos, que ella lhe foi concedida, unicamente, para saber apreciar as vantagens do silencio.

A MORTE E O SEU MINISTRO

Quiz a morte escolher um ministro excellente:
Peste, Febre, Asma e Gota acodem de repente:
«Não, a morte lhes diz, toda a minha esperança
Fundo-a só na—Intemperança.»

. . . . . Quid non mortalia pectora cogis
Auri sacra fames?

Virgilio.

Execranda sêde de ouro! que de crimes não inspiras aos mortaes?

Parece que a natureza que, tão sabiamente, dispoz os orgãos do nosso corpo para tornar-nos felizes, nos deu tambem o orgulho para poupar-nos a dôr de conhecermos as nossas imperfeições.

La Rochefoucauld.

Typ. Franco-Portugueza. = Rua do Thesouro Velho, 6.

JACKSON

A IGREJA DE SAINT-MACLOU

O seculo XVI foi para a architectura uma época de transição, em que os artistas, abandonando, pouco a pouco, o estylo gothico, voltaram ás tradições da arte grega. Eis porque se dá a esta revolução o nome de *renascença*. A imaginação dos artistas começava a cançar. As esculpturas mais variadas, as formas mais fantasticas, mais caprichosas, tinham-se excessivamente multiplicado, e chegara-se a esse ponto em que o espirito, fatigado das descobertas passadas, experimenta a impotencia de innovar, e a necessidade do descanço. A architectura grega foi o refugio dos artistas. Guiados pelos grandes modêlos da antiguidade, conduzidos a principios seguros, invariaveis e consagrados pelos seculos, sentiram-se mais á sua vontade e entregaram-se com ardor a um genero esquecido durante muito tempo e que lhes offerecia todos os atractivos da novidade. O seu zelo reanimou-se; o seu enthusiasmo retomou toda a sua liberdade. Por isso, na maior parte dos monumentos d'aquelle seculo, encontram-se uma vida, um calor, que é mui raro achar nas obras de imitação, e que em vão se procurariam nas construcções posteriores. Um dos mais eloquentes escriptores francezes, tratando da renascença das artes, diz: «A architectura do seculo XVI passou, dos brilhantes arrojos do estylo gothico, ás bellezas classicas da renascença, filha engenhosa da antiguidade, cujas risonhas graças rivalisam muitas vezes com as de sua mãe.»

Entretanto, a transição não se fez rapidamente. O capitel corinthio ou dorico não desthronou logo a ogiva; houve no principio uma especie de fusão dos dois generos, e não é raro encontrar nos monumentos d'esta época os recortes, os entalhos e os florões gothicos, unidos e entremeiados com as folhas do acantho, os triglyphos, modilhões e todos esses ornamentos tão puros e symetricos dos monumentos da Grecia.

Entre as construcções que apresentam este mixto de architectura e que por esse titulo são dignas de toda a attenção dos artistas e dos historiadores, citaremos, particularmente, a magnifica igreja de Saint-Maclou, em Ruão, de cuja perspectiva do lado do Norte damos hoje o desenho. Ainda que situada em uma das cidades de França, talvez a mais fertil em monumentos curiosos, esta igreja póde sustentar, sem desvantagem, a comparação com tadas as que a rodeiam.

Saint-Maclou é notavel pelo tamanho, pela bella porporção no seu todo imponente e pelo seductor encanto que offerecem todas as suas mindezas. As menores esculpturas são de uma perfeição incrivel. Admiram-se sobre tudo as portas, de um trabalho ao mesmo tempo rico e delicado, que mereceram a honra de serem attribuidas ao celebre João Goujon.

Mas o que está acima de todos os elogios, para o que não existem expressões, é o effeito, de alguma sorte magico, da soberba escada que conduz ao orgam. É impossivel existir alguma cousa que se possa comparar com aquelle luxo de ornamentos, desenhados e esculpturados com um apuro e arte incomprehensiveis!

OS PHILO-PORTUGUEZES.

POR INNOCENCIO F. DA SILVA.

III

O terceiro logar n'esta serie dos apaixonados da litteratura portugueza (isto é, dos nossos *bolorentos classicos*, a nos servirmos da phrase adoptada pelos pontifices do moderno culto da *Ideia-Deus*, ou do *Deus-Ideia* (*) pertence a Carlos Stuart.

Nascera este distincto diplomata em Buthe, ilha da Escocia, a 2 de janeiro de 1779; e depois de prestar ao seu paiz importantissimos serviços, pelos quaes mereceu ser elevado ao pariato com o titulo de Lord Stuart de Rothesay, falleceu cumulado de honras e condecorações a 6 de novembro de 1845.

Vindo para Lisboa pouco depois de realisada a expulsão do exercito francez em 1808, com o caracter de ministro britannico acreditado junto á Regencia do reino, participou com ella dos actos e resoluções governamentaes nos annos que se seguiram, tomando assento entre os seus membros com voto deliberativo, que devia ser principalmente attendido em todos os assumptos de guerra e fazenda. Assim o determinara do Rio de Janeiro a suprema potestade do então principe regente! Este mesmo, quando reinante com o nome de D. João VI, o escolheu para seu plenipotenciario no Brazil, commettendo-lhe o cargo de negociar e assignar em seu nome o tratado de 29 de agosto de 1825, pelo qual ficou definitivamente sanccionada a separação, e reconhecida a independencia do imperio. O desempenho d'esta missão foi-lhe remunerado, em 22 de novembro do mesmo anno com o titulo de conde de Machico. Á confiança do pai, succedeu a do filho D. Pedro IV, que fazendo-o portador da carta constitucional decretada em 29 de abril de 1826, creava para elle no 1.º de maio immediato o titulo de Marquez de Angra.

Apontamos singelamente estes factos, e sem commento algum. Quaesquer considerações politicas que elles possam suscitar nada teem que ver com o nosso intento.

Foi Lord Stuart homem notavelmente instruido, e mui versado na litteratura antiga e moderna, conhecendo e fallando todas as linguas cultas da Europa. Amava com excesso os livros, e na leitura d'elles consumia a maior parte do tempo que lhe sobrava do exercicio das funcções diplomaticas, em que andou constantemente empregado; com quanto de preferencia se dedicasse á lição dos historicos, por mais adequados e uteis á sua profissão.

No periodo de sua primeira residencia em Portugal deu-se ao estudo da nossa lingua: e tal affeição lhe inspiraram os nossos escriptores antigos, que não poupou cuidados nem dinheiro para adquirir as obras impressas mais notaveis por preço

(*) Veja-se a epigraphe das «Odes modernas».

e raridade, e para haver copia dos manuscriptos mais importantes de nossos archivos e livrarias. Reuniu uma collecção, completa quanto era possivel, das actas ou capitulos de nossas antigas côrtes, e fez copiar o *Canceioneiro* original dito do Collegio dos Nobres, que mais tarde, em 1823, estando por embaixador em Paris, fez imprimir n'aquella cidade com o titulo: «*Fragmentos de hum Cancioneiro inedito, que se acha na livraria do Real Collegio dos Nobres de Lisboa. Impresso á custa de Carlos Stuart, socio da Real Academia de Lisboa. Em Paris, no Paço de Sua Magestade Britannica. M. DCCC. XXIII.* Edição de que apenas se tirou um pequeno numero de exemplares, destinados exclusivamente para presentes (*), e da qual resultou tornar-se conhecido e celebre na Europa um monumento, cuja existencia era totalmente ignorada. Adquiriu pelo mesmo tempo um exemplar do *Cancioneiro geral* (impresso) de Garcia de Resende; porém mui damnificado, e até falto de folhas. O zeloso bibliophilo fez copiar com toda a exactidão as que faltavam; e imprimindo-as, passados annos, em Londres, em caracteres eguaes aos da obra, conseguiu restaurar um exemplar mutilado, tornando-o completo e perfeito.

Finalmente, os que levados da curiosidade pretenderem a descripção minuciosa de todas as preciosidades que n'este genero conseguira accumular em sua vasta e rica bibliotheca o illustrado diplomata, podem recorrer ao livro estampado em Londres, 1855 (anno em que veiu a realisar-se a venda da livraria) cujo titulo é: *Catalogue of the valuable Library of the late Right Honorable Lord Stuart de Rothesay... collected during many years residence as British Ambassador at the Courts of Lisbon, Madrid, the Hague, Paris, Vienna, St. Petersburg, and Brazil.*— É um volume, que em 324 pag. no formato de 8.º grande contêm 4323 artigos, encerrando estes correspondentemente muitos milhares de volumes.

(*Continua.*)

ADVERTENCIA

No trecho d'este artigo inserto no n.º 3, pag. 22 e 23, cumpre fazer as seguintes correcções: Na pag. 22, linha 14, *pelo anno*: lêa-se *pelos annos*.— Na pag. 23 linha 2, *com Analyse*: lêa-se *com a Analyse*: e na linha 18, *eccessiveis*, lêa-se *accessiveis*.

A PASCHOA DOS HEBREUS

A festa da Paschoa, *Pessah*, entre os hebreus, na actualidade, começa no dia quinze do mez de *Nisan*, Abril, dia em que seus pais sairam do Egypto, e dura, para os que vivem na Terra Santa sete dias, e oito para os que habitam nos outros paizes do globo. O sabbado que precede a paschoa denomina-se o grande sabbado; n'este dia o rabi de cada synagoga faz uma pratica explicando aos seus correligiosos as regras que teem a observar nas vesperas da festa. Durante a paschoa, os hebreus não pódem comer senão pão asmo e devem ter todo o cuidado de que em suas casas não exista fermento de qualidade alguma. Para esse fim, no dia treze, os chefes de familia procedem a um exame minucioso em suas habitações, e todo o fermento que encontram mettem-n'o em um vaso, que durante a noite é cuidadosamente guardado, e no dia seguinte queimado com toda a solemnidade. O serviço de mesa e utensilios de cosinha de uso quotidiano teem de ser substituidos por novos ou por outros que hajam sido guardados de um a festa para outra. Tudo se purifica; até as proprias mezas de cosinha, cadeiras, prateleiras são lavadas, primeiro com agua quente e cinza e depois com agua fria.

Terminada a purificação, passam a tratar do fabrico da bolacha sem fermento, para substituir o pão ordinario. A farinha é amassada pouco tempo antes de cozedura, afim de evitar a fermentação. Estas bolachas são ordinariamente redondas, delgadas e crivadas de buraquinhos; na sua composição só entram farinha e agua; mas alguns hebreus abastados costumam ajuntar-lhes ovos e assucar. Não lhes é permitido usar de licores de grão durante toda esta epocha; só devem beber agua ou vinho por elles fabricado. No dia quatorze, o primogenito de cada familia é obrigado a jejuar, em memoria dos primeiros israelitas que cairam em poder dos primeiros Egypcios. Na tarde d'esse mesmo dia, os homens juntam-se na synagoga afim de, com suas orações, se prepararem para a festa, e durante este tempo as mulheres em casa occupam-se em dispor as mezas para o banquete solemne.

Tudo o que ha de melhor no trato domestico apparece n'esta occasião. Sobre um prato collocam um quarto de cordeiro assado e um ovo; sobre outro tres bolachas embrulhadas em guardanapos; e sobre um terceiro alface e aipo. Junto d'estas hervas poem um copo com vinagre, e outro com sal e agua. Vê-se tambem um bolo, o qual é destinado a representar os tijolos que os seus antepassados eram obrigados a fazer no Egypto; é composto de maçãs, amendoas, avelãs, figos, romãs, vinho e canella.

Disposta a mesa, como acima dissemos, assenta-se toda a familia em roda e começa uma especie de ceremonia. O dono da casa pronuncia uma benção sobre a mesa em geral e o vinho em particular; depois procurando um ar nobre, porque ha a intenção de representar a liberdade que recuperaram seus pais saindo do Egypto, bebe uma porção de vinho, e, este exemplo é seguido pelo resto da familia. Então cada qual molha uma porção das hervas no vinagre e come-as, em quanto o chefe pronuncia uma segunda benção. Em seguida, desdobra os tres guardanapos que estão no prato, toma a bolacha que se contem no do centro, parte-a em duas, e colloca um dos pedaços entre as duas bolachas inteiras, escondendo o outro debaixo da toalha; esta ceremonia é uma

(*) Póde ver-se ácerca desta edição e do *Cancioneiro* um artigo inserto no *Panorama* de 1842, pag. 406; e o *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo II pag. 317, com os demais artigos que ahi mesmo se apontam.

allusão, dizem elles, a esta circumstancia referida por Moises (Exod. XII. 34.) *Os Israelistas tomaram a sua massa antes de ser descoberta, e fugiram, levando-a escondida debaixo dos seus vestidos.* Depois o chefe da familia tira o cordeiro e o ovo de cima da mesa, e reunindo-se todos os assistentes para segurarem no prato que contem as bolachas, dizem juntos:

«Eis aqui o pão da pobresa e da afflicção, que nossos pais comeram no Egypto; que todo o que tem fome venha e coma; que todo o que necessita entre e coma do cordeiro pascoal. Este anno estamos aqui; no proximo futuro, se fôr da vontade de Deos, estaremos na terra de Chanaan. Este anno somos servos; se Deos o permitir, seremos livres em pouco.»

O cordeiro e o ovo são novamente collocados sobre a mesa, e o prato que continha as bolachas é tirado afim de obrigar as crianças a perguntarem o que significa esta festa; se as não ha, uma pessoa da familia faz esta pergunta sob uma fórma regular. Em resposta conta-se o captiveiro, a escravidão do povo de Israel no Egypto, a sua redempção por Moises e a instituição da paschoa por esta occasião. Esta narração é seguida de alguns psalmos, e hymnos cantados por toda a familia. Depois as bolachas sendo novamente collocadas sobre a mesa distribuem-se em pequenos bocados por todos os commensaes em lugar do cordeiro pascoal que se comia n'outro tempo. Os hebreus dão por motivo d'esta mudança, que não é executar a lei o comer o cordeiro fóra do paiz de Chanaan e n'uma terra estrangeira não santificada. Uma ceia abundante segue-se a esta ceremonia, a qual se repete, pouco mais ou menos, na segunda tarde. Os dois primeiros dias e os dois ultimos são celebrados com grande solemnidade e pompa nas synagogas; os hebreus n'estes quatro dias abstem-se do trabalho, tão severamente, como no sabbado. Os quatro dias intermediarios não são observados com tanto rigor. O ultimo dia termina por uma ceremonia chamada Habdala, durante aqual o dono da casa, tendo na mão um copo cheio de vinho, repete muitos capitulos da escriptura, bebe uma porção do licor e passa o copo ao resto dos assistentes que lhe seguem o exemplo.

A PONTE DE RIALTO EM VENEZA

Veneza, esse grande emporio do commercio do mundo, essa soberba cidade, com tanta justiça, cognominada a rainha do Adriatico, celebre pelo esplendor e magnificencia, que ostentou no decimo quinto seculo, como pelo esforço e ousadia de seus habitantes; Veneza, a dominadora de povos e nações, o deposito geral de todas as riquezas do Oriente, de quem o nosso inimitavel poeta Luiz de Camões, disse:

> A soberba Veneza está no meio
> Das aguas: que tão baixa começou
> De terra um braço vem ao mar, que cheio
> D'esforço, nações varias sujeitou,
> Braço forte de gente sublimada,
> Não [illegible] nos engenhos que na espada.

Veneza, em fim, que chegou a occupar o magno solio do poder e da opulencia; apezar da sua queda, sorte que espera sempre quem muito se eleva, é ainda objecto de grande admiração para o estrangeiro, que a visita.

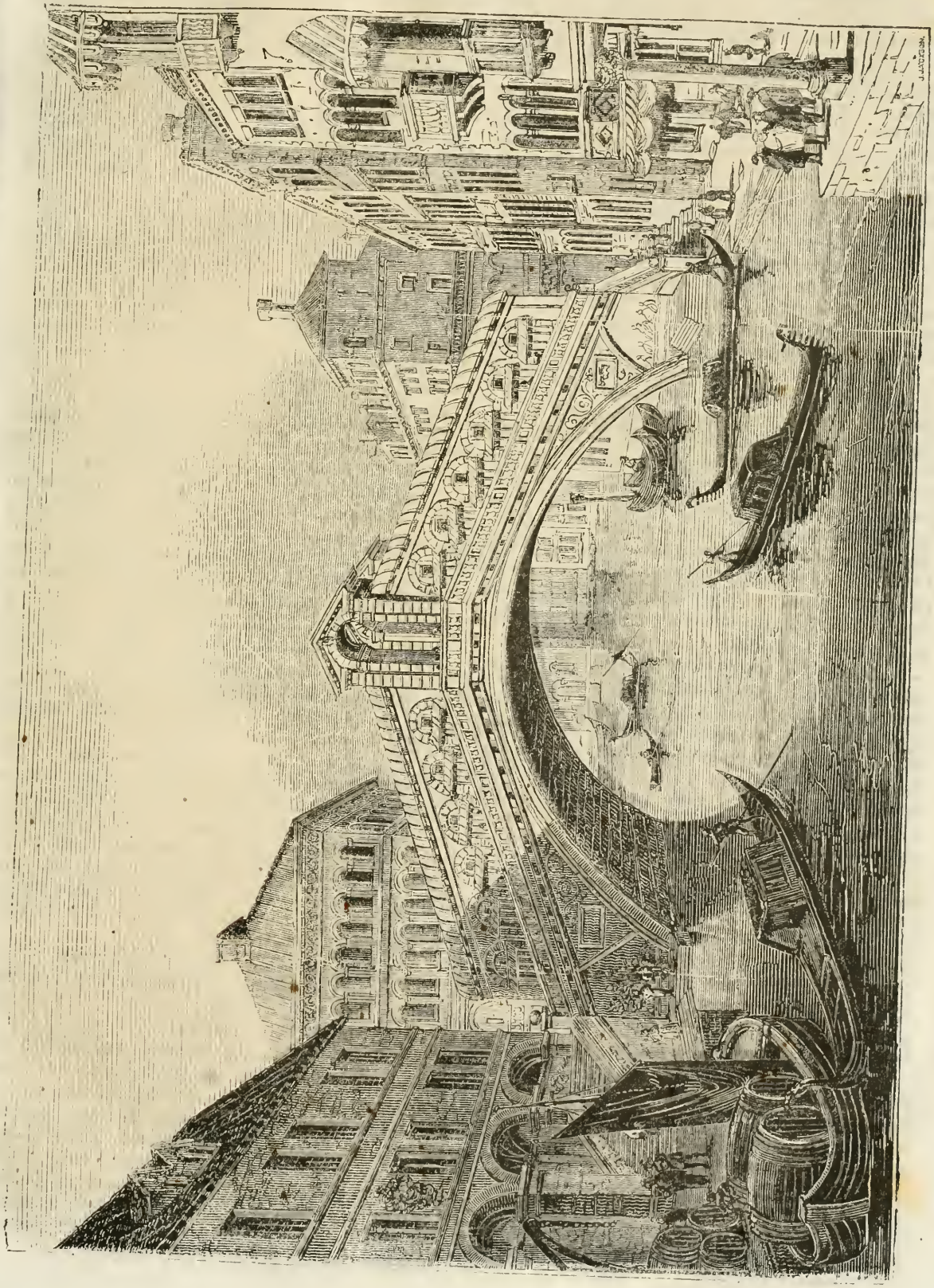
Não, porque la encontre hoje o grande commercio, o pasmoso luxo e costumes de outras eras: negociantes de todas as nações do mundo, armenios, gregos, indios, judeus, turcos, etc., patenteando aos olhos do publico os finissimos tecidos de Cachemira, os diamantes de Golconda, as perolas da Persia, as especiarias de Ceilão; os filhos de Veneza com os seus trajes de seda bordada a ouro, e as bellas occultando seus formosos rostos com mascaras de velludo preto; mas, pelo maravilhoso quadro que lhe offerece, cujos traços, os mais insignificantes, são dignos de toda a attenção.

A cidade de Veneza está situada no meio de um grande lago na extremidade septentrional do golfo Adriatico, e a duas legoas do continente. Sanazzaro, comparando Roma e Veneza, diz que se a primeira é obra dos homens a segunda deve ser attribuida aos deoses. E na verdade, Veneza parece sair do seio das aguas, com os seus magnificos templos, soberbos palacios, cupolas, columnas, arcos, torres, tudo notavel pela sua grandeza e variedade de architectura. Está dividida em cento e vinte ilhotas separadas por uma infinidade de canaes e unidas entre si por quatrocentas e oito pontes, quasi todas construidas sem symetria. O canal chamado *il canalazzo*, ou grande canal, semelhante a uma arteria principal á qual affluem todas as ramificações secundarias, divide a cidade em duas partes, seguindo uma direcção que lhe dá a figura de um S. Este canal, cujo comprimento regula por dois mil e seis centos passos venezianos e quarenta de largura, é a vida de Veneza, é o seu coração; é alli que todos concorrem para admirarem as mais raras obras de architectura. Á esquerda da Piazzeta, onde elle começa, eleva-se a alfandega edificio tão solido como magnifico, e maravilhosamente adaptado ao logar que occupa. Depois vê-se a rica e magestosa igreja de *Sancta Maria della Salute*, edificada com grande dispendio para cumprimento do voto feito pela republica na occasião da peste de 1630, que roubou a vida a mais de quarenta mil individuos. Ao lado d'este templo nota-se um outro edificio, construido em 1670, que de 1818 em diante tem servido de seminario.

Á direita do canal encontram-se os palacios Fini, Corner della Ca Grande e Cavalli e na margem esquerda, em frente d'estes, o grande palacio Dario, incrustado de fino marmore, os palacios Vencir, Augarani e a academia das Bellas Artes. As pinturas que existem n'este edificio, quasi todas da escóla veneziana, foram executadas pelos seus melhores mestres. A collecção d'estes quadros é de um valor extraordinario e interessa, no mais subido grão, aos amadores.

Continuando a percorrer o grande canal, encontram-se os palacios Contarim Dagli Sgrigni, Rezzonico, Moro-Lin, Giustiniani, Toscari, Balbi, Contarini, Moncenigo, Pisani, Barbarigo, Corner Spinelli,

edificio muito notavel e de gosto exquisito; Farsetti, hoje hotel da Grã Bretanha; Manin, Mangili, Micheli delle Colonne, Sangredo, Ca Doro, Corner Pesaro, Grimani, Bataggia Vendramin Calergi, Correr, onde existe uma grande collecção de gravuras, pedras, medalhas, pinturas, manuscriptos, etc; Labia Manfrini, que tambem contem excellentes quadros dos antigos; Grimani, obra do seculo XVI, admiravel pela rica collecção que apresenta de antigas estatuas, urnas, inscripções e outras muitas



obras gregas e romanas; e emfim, o palacio Corniani d'Algarotti, em cuja bibliotheca se acham todas as producções theatraes representadas desde 1636, época do estabelecimento do primeiro theatro n'aquella cidade, até aos nossos dias.

Veneza, como acima dissemos, possue quatrocentas e oito pontes, grandes e pequenas, mas a principal, a mais digna de menção, é a de Rialto, cuja perspectiva se acha representada na nossa gravura. Esta ponte, collocada sobre o grande canal, unica que serve de communicação entre os dois principaes grupos de ilhas que formam a cidade, é uma das mais primorosas obras de architectura do seculo XVI. Compõe-se de um só arco cuja largura tem 90 pés e a altura 20, contando do nivel da agua á parte inferior da abobada; e correm sobre ella tres ruas estreitas, sendo a do centro guarnecida de uma arcada elegante, em cujo meio se eleva um portico de forte e magestosa estructura. A construcção desta ponte, uma das mais solidas que se conhecem, é devida ao grande architecto Antonio Ponti, que a concluiu em 1588, sob o governo do doge Pascoal Cicogna. Nos prosperos dias da republica, a ponte de Rialto, de todos os lugares de Veneza o mais concorrido, offerecia um espectaculo surpreendente; duas ordens de magnificos estabelecimentos, nos quaes se viam as mais raras e soberbas producções da natureza e do artefacto, bordavam a galeria do centro; alli se encontravam os negociantes judeos, gregos, turcos, etc., trajes e costumes dos povos mais distantes da Europa, e da Asia, os orgulhosos filhos de Veneza ricamente vestidos, as altivas bellezas disfarçadas, emfim, tudo quanto havia de mais nobre e opulento n'aquella republica.

N'uma cidade, como esta de que estamos tratando, que foi uma verdadeira conquista sobre o mar, os fundadores obrigados a seguir as irregularidades do solo, não poderam estabelecer uma certa ordem, e sobre tudo construir ruas largas e espaçosas, como se vêem nas cidades de terra firme. A sinuosidade, pois, das ruas, ou para melhor dizer, dos canaes que formam a cidade, dá-lhe um aspecto inteiramente particular e unico. Em Veneza não ha carroagens; alli, as ruas são canaes; os carros, barcos; as carroagens, gondolas. Estas são deveras para admirar. Nada mais simples do que a sua fórma. O comprimento regula por trinta pés; tem pouco mais ou menos quatro de largura no meio, e formam nas extremidades duas pontas agudas e elevadas. Na prôa vê-se um ferro, com a forma de serra, de sorte que na rapidez da sua carreira, ameaça cortar tudo que se lhe oppõe.

No meio tem uma camara coberta, com suas vidraças e cortinas. A gondola é pintada de preto interior e exteriormente, o que lhe dá um tal ou qual aspecto triste. O que é sobre tudo muito para admirar é a agilidade e destreza com que os gondoleiros dirigem o seu ligeiro barco; passam uns pelos outros, cruzam-se e evitam-se com tal ligeireza, que os estrangeiros que não estão accostumados a este espectaculo, experimentam um sentimento de receio.

PEREZ LORENZO

(Scenas da Campanha do Mexico)

Por PINHEIRO CHAGAS.

V

Brilhava a lua no firmamento d'um azul purissimo. As flores do terraço baloiçavam a sabor da brisa as suas urnas de aromas, e perfumavam a atmosphera com as suas balsamicas exhalações. As ruas de Medellin estavam desertas, e o fulgor do astro nocturno banhava as fachadas brancas das casas silenciosas.

A hora, o socego, as excitações d'uma vegetação luxuriante, a molle frescura da atmosphera, tudo convidava a fallar d'amor; as harmonias dulcissimas da natureza pareciam o preludio d'um canto namorado.

Estava o pensamento de Viarmont a cem leguas das pelejas, da gloria, do sangue e do fumo da artilheria. N'esse instante nem poderia dizer se viera ao Mexico erigir o throno do imperador Maximiliano, se defender a republica de Juarez. O que sabia era que, republicano ou imperialista, levava encostada ao seu braço tremulo a mais formosa flor dos jardins do sol.

— Dolores, dizia elle em voz tão baixa que parecia um murmurio, sentemo-nos aqui. Esqueça por um instante o baile e as suas loucas alegrias, e pense um momento no amor e nas suas ineffaveis felicidades. Veja! a baunilha, vergando ao doce peso do seu corpo, enche-a de inebriante perfume; a lua, resvalando silenciosa no ceu, beija-lhe a face formosissima com os seus raios de prata, e desenha-lhe no rosto a expressão suavissima da mais namorada languidez. A Diana, a fria Diana phantasiada pelos antigos, deixou-se abrasar pelas chammas d'este clima, e sente os ardores de Venus. Não resista só, Dolores, ao doce influxo que impera em tudo que nos rodeia, que faz com que gema o colibri tão doces canticos poisado na corolla das flores...

E mil outras tonterias apaixonadas, que Dolores ouvia enlevada. A mão tremente, correspondia a pouco e pouco ao brando aperto das mãos do joven official; a cabeça reclinava-se-lhe para traz, e os olhos diziam já o que ainda não diziam os labios em que o joven official ia colher com um primeiro beijo a doce confissão... quando subito ergue-se um vulto deante dos dois, e uma voz grave murmurou estas palavras:

— Senhor capitão, preciso de lhe fallar.

O capitão ergueu-se furioso. Dolores deu um grito, e murmurou depois:

— O Senhor Perez Lourezo!

— Eu mesmo, minha senhora, respondeu o recem-vindo gravemente, eu que a V. Ex.ª e a este senhor peço desculpa de lhes ter interrompido a conversação. Mas precisava immenso de poder conversar em particular com qualquer dos senhores officiaes, e ha meia hora que estou no baile, ainda não pude encontrar-me a sós com nenhum d'elles. Vi-os dirigirem-se para aqui, e aproveitei o ensejo, esperando da discripção da Ex.ma Sr.ª De Dolores o maior segredo ácerca d'este encontro.

— De certo, senhor Perez Lorenzo, mas... tornou ella embaraçada.

— Nada tema; versará a nossa conversação sobre pontos de serviço, juro-lh'o. Jura-me tambem V. Ex.ª guardar o segredo que lhe pedi?

— Juro.

— Queiram pois voltar á sala; aqui espero o senhor capitão Viarmont.

O capitão, dando mostras visiveis de mau humor, deu o braço a Dolores e acompanhou-a até ao sophá. Depois, voltando de sobr'olho franzido, veio ter com Perez Lorenzo e disse-lhe:

— Meu caro, mando-o cordealmente para o inferno. Que me quer? Creia que estava muito longe de pensar na sua pouco sympathica pessoa, e que os sonhos em que me embebia distavam bastante de certas recordações de dependura que a sua presença me aviva. Não o esperava n'esta casa; sempre julguei que os morcegos tinham medo do clarão do baile.

— Basta de palavras frivolas, e de injurias mais frivolas ainda, tornou Perez Lorenzo com voz grave, a hora é solemne e impõe-nos deveres a todos. Faça calar os seus despeitos de criança namorada, senhor capitão, e lembre-se que é militar, e que é francez. Volte á sala, procure sem affectação o coronel Dupin, diga-lhe que esteve comigo, que não ha tempo a perder, que faça sair todos os seus officiaes de modo que se não faça reparada a sua saída. Lá os espero no quartel. Prudencia e discripção.

E o mexicano desappareceu. Viarmont fitou um instante os olhos na baunilha junto da qual estivera com Dolores, e soltou um suspiro. Depois entrou na sala, e dando o braço ao coronel Dupin, passeiando com elle naturalmente, disse-lhe algumas palavras em voz baixa.

D'ahi a instantes os officiaes francezes iam-se esquivando a um e um com a maior cautella possivel, e dirigiam-se a toda a pressa para o quartel dos contra-guerrilhas.

Absorvidos pela febre do jogo ou das valsas, cuja melodia fascinadora jorrava da orchestra em notas tumultuosas, não repararam os convidados na saída dos officiaes francezes.

Só Dolores mostrou alguma inquietação, mas nada disse, fiel ao seu juramento. Depois a voluvel mexicana, em dois ou tres giros de valsa com um seu joven e elegante compatriota, esqueceu a sua preoccupação momentanea, e o homem que a motivára. A nuvem fugio rapida, como as nuvens do seu patrio céo, e nos labios vermelhos fluctuou de novo o sorriso da mocidade e do prazer.

(Continua)

São peiores os homens que os corvos. O triste que foi á forca, não o comem os corvos senão depois de executado e morto; e o que anda em juizo, ainda não está executado nem sentenciado, e já está comido.

ANTONIO VIEIRA.

JOAQUIM JOSÉ DOMINGUES LIMA

O nome, que serve de epigraphe a este artigo, não pertence nem a um litterato celebre pelos seus escriptos, nem a um guerreiro illustre pelos seus feitos de armas. É o de um simples caixeiro portuguez, do Maranhão, que, não se distinguindo por nenhum d'aquelles predicados, possue comtudo um outro de não somenos valia: — O amor do proximo no mais subido e apurado gráo.

Bem que de um genero mui diverso dos do intrepido Joaquim Lopes, os serviços pelo sr. Lima prestados á humanidade merecem, como os d'aquelle, as bençãos de todos os corações generosos e bemfazejos.

Se um, com arrojo e valentia sobrenaturaes, expõe a propria vida para salvar a do infeliz, à quem a mais terrivel das mortes ja se antolhava certa no medonho revolver das vagas; outro, com uma dedicação talvez sem exemplo, vae de porta em porta implorar o óbolo da caridade para distribuir depois pelos indigentes e engeitados da sorte, qualquer que seja a classe, ou a nacionalidade a que pertençam.

Ambos, portanto, embora por diversa senda, se encaminham para o mesmo fim.

A par dos progressos e luzes do presente seculo caminha indubitavelmente a immoralidade e a corrupção, com todo o seu cortejo de miserias; mas pede a verdade que tambem se diga, para honra da presente geração, que nunca a caridade se ostentou em todas as suas variadas fórmas, tão bella e radiante, como nos nossos dias.

As associações de beneficencia formigam; os asylos de mendicidade multiplicam-se, e, a par de tão bellas instituições, apparecem ainda homens como Joaquim Lopes e Joaquim Lima, que espontaneamente, e só obedecendo aos seus instinctos philantropicos, se dedicam exclusivamente a servir a humanidade. Limitando-nos a fallar unicamente do sr. Lima, não procuraremos enumerar todos os seus actos de philantropia, porque sendo elles tão numerosos, como os dias, que aquelle benemerito portuguez conta de existencia, seria necesssario um livro de largas dimensões para os conter.

O misero escravo, o naufrago, a viuva sem arrimo, o orphão sem abrigo, o enfermo sem amparo, o mendigo, emfim, todos os que precisam de soccorro e protecção, encontram soccorro e protecção no sr. Lima.

Citaremos, pois, apenas alguns dos seus beneficos actos, que se acham registrados no consulado portuguez do Maranhão, e que merecidamente lhe alcançaram o gráu de cavalleiro da ordem de Christo, com que o honrou o sr. D. Pedro V, e o diploma de socio honorario da Real Sociedade Humanitaria, d'esta cidade, que espontaneamente lh'o conferiu.

Tendo naufragado na costa do Maranhão a barca portugueza «Linda,» e ficando a sua tripulação, que pela maior parte se compunha de homens casados, e com filhos, reduzida á maior miseria, por

ter perdido, com os objectos que levava para vender, todos os seus escassissimos haveres, o sr. Lima promoveu logo em favôr d'aquelles infelizes uma subscripção, que produziu um conto e quinhentos mil réis fracos, os quaes entregou ao nosso consul alli para lhes serem, como effectivamente foram, distribuidos.

O capitão do brigue-escuna brasileiro «Graciosa» João José de Sousa, brasileiro adoptivo, e portuguez de nascimento, foi barbaramente assassinado por um negro marinheiro a bordo do mesmo navio, e deixou mulher e filhos menores no maior abandono e miseria. Acudiu-lhes, porém, o sr. Lima, promovendo immediatamente uma outra subscripção, que rendeu mais de tres contos, com os quaes lhes comprou uma casinha para se abrigarem, e algumas acções de um estabelecimento bancario.

(Conclue)

PALLIDA MORS.

Imagem lucida, vestal de encanto,
Involve-me nas dobras do teu manto!

Murchae; podeis murchar da terra ó flores,
De variegadas côres!
Não sei que valham folhas, viço e aroma
Que ao sol expiram quando o sol descae,
Do seio encantos, explendor da coma
Se, a noute, ao vento, cada dom se esvae?!
A minha flôr que os dons, perpetua, encerra
Não é d'estes jardins! Flores da terra
Podeis murchar; murchae!

Harmonias cessae! Parti-vos lyras
Que o sois, e sois mentiras!
Que sois hymnos, no templo, ao Deus eterno
Depois das salas cantos sem calor,
Coros de lupanar, gritos do inferno,
Trovas de orgia, e queixas de uma dor!
De vós descreio já, descrer profundo!
Que eu sei de uma harmonia de além-mundo
Que é só e sempre amor!

Visões, sumi-vos, que debuxa e cria
A douda phantasia!
Lubricas fadas, festivaes bacchantes,
Phantasmas do prazer, que a febre dá,
Beijos de fogo, labios palpitantes,
Graciosas sombras, que vos quero eu já?!
Fugi, visões, passae! Foge, chymera!
Que eu só n'um anjo espero que me espera
Da tumba para lá!

Nos vaivens da procella desabrida
Do turvo mar da vida,
Lá quando o nauta da anhelada praia
Se afasta pelas rochas a bater,
Ou quando, n'um momento, lhe desmaia
O pharol que nas trevas crêra vêr,
E o desalento apoz vem da esperança;
Só é praia fiel, luz que não cança
A ideia de morrer!

Fabrique o orgulho os thronos, sonhe a gloria,
Depois invente a historia!
Monumentos sem fim erga a vaidade,
Blasphemo, Promotheu, ou chore, Job,
Ao erro ajuste a palma da verdade,
Em quanto julga Deos, rasteje o pó;
Ao fructo da sciencia beba o sumo;
Que tudo desparece como fumo,
E resta a morte só!

A morte! a doce, a perfumada ideia
Por que minha alma anceia!
Ahi onde outros vêem só materia
E o cadaver no leito sepulchral,
Vejo eu a apparição, vivaz etherea,
De gesto encantador, voz divinal,
Que com um braço o passo nos conforta,
E com o outro nos rasga em frente a porta
Da existencia immortal!

A morte! aquella a que sagrei meu culto,
Que a Deos não é insulto!
A que de fragil barro á terra avara
Atira o corpo vil, mas a porção,
Que d'outra essencia dimanou, prepara
Para entrar n'outra explendida mansão;
A que os laços estale em que me empeço,
A que, de vida fim, ainda é começo
E de vida rasão!

A morte, sim, a candida lembrança,
A pomba da alliança,
A que é so verdadeira, e sancta, e justa,
Que a nenhum foge, que nenhum maldiz,
Que ao triste a quem a vida pesa e custa
Não dá mais dos afagos seus gentis
Do que ao louco, ao altivo potentado,
Que a nega ou a receia, ao desgraçado
Que se julga feliz!

Archanjo pensativo, clara estrella,
Como eu te creio bella!
Pallida morte! pallidez suave,
Transparencia subtil, mimo dos ceus,
Transumpto, symbolo, padrão, e chave
Do que se passa alem-terrenos veus,
Do que é sereno e grande, eterno aspecto
Da placidez augusta do architecto
Dos mundos, seus trophéos!

Eu amo as rosas brancas que tu pisas,
E as fórmas indecisas
Do teu vago perfil; disco de lyrios
Em que, perenne, brilhas no arrebol,
É a purpura só dos meus delirios
Teu impolluto, alvissimo lençol!
Por ti a minha fé se ateia, e lavra,
Por ti, da alma a suprema e sã palavra,
O supremo chrysol!

Que os que tremem de vêr-te face a face,
Nem te querem o enlace,
Te pintem despiedada, foice em punho,
Esquálida e senil, de olhar cruel;
Que para mim, que só lamento o cunho
De horror que t'imprimio falso cinzel,
És vivida e louçã, balsamo, essencia,
Ou flor de immoredoura recendencia,
E do mais puro mel!

Por isso que n'um dia breve, breve,
Em que ao longe e de leve
O antegoso pedir de um teu mysterio
Á viração que um sopro teu julgar,
Á rama do cypreste, ao cemiterio,
Ou á discreta solidão do mar,
Possa eu ceder a fronte ao somno amigo,
E dos sonhos que houver, por ti, comtigo,
No teu seio acordar!

Imagem lucida, vestal de encanto,
Involve-me nas dobras do teu manto!

12 de janeiro de 1866

ERNESTO MARECOS.

Typ. Franco-Portugueza. = Rua do Thesouro Velho, 6.

A BANANEIRA

Das varias especies em que se divide a familia das Musaceas, a *Bananeira* é a mais importante. Este vegetal não é uma arvore, como geralmente se julga na Europa, mas sim uma planta herbacea, vividoura unicamente pelas suas gomeleiras, e cujo tronco morre logo que dá o fruto. A sua vegetação offerece a maior analogia com a das Lilaceas. Uma vagem carnuda semelhante a uma cebola de planta, espalha raizes fibrosas pela parte inferior e folhas pela superior. Estas folhas, de dous a tres metros de comprimento e de um, pouco mais ou menos, de largura, succedem-se rapidamente, e os seus peciolos persistentes, que se envaginam uns nos outros, formam, em seccando, uma especie de tronco que attinge a altura de 3 a 5 metros. O fruto que d'elle sáe é um dos mais uteis que se encontram nos tropicos. Duas especies sobretudo, a *Bananeira de fruta longa ou Bananeira do Paraiso (Musa paradisiaca)* e a *Figueira ou Bananeira dos sabios (Musa sapientium)* fornecem aos habitantes dos paizes onde são cultivadas uma parte do seu habitual sustento. As frutas da *Bananeira do Paraiso*, chamadas *Bananas*, são um pouco arqueadas, têem o comprimento de 12 a 15 centimetros, e encontram-se algumas vezes em numero de cem e mais no mesmo cacho. Colhem-as um pouco antes de amadurecerem, e se bem que a sua carne molle seja de sabor mui doce e agradavel, raras vezes as comem cruas; cozem-as no forno ou debaixo de cinza, o que, realmente, as torna um alimento muitissimo assucarado nutritivo e de facil digestão. *A Banana curta*, ou *Figó-Banana*, pelo contrario, come-se sempre crua. A carne d'esta é delicada, molle, fresca, excellente. As bananas verdes encerram muita fécula; maduras, disputam o lugar á Canna pela grande abundancia de assucar que conteem.

Para conserval-as, cortam-as em talhadas delgadas e poem-as a seccar. Outros ralam-as, cosem-

as á maneira de mandioca, e convertem-as d'este modo em farinha, de que depois fazem papa.

As Bananeiras plantam-se, ordinariamente, em logares frescos e sombrios; os renovos são collocados dous ou tres metros distantes uns dos outros. Cada hectometro quadrado produz, termo medio, 2000 kilogrammas de bananas; o que fornece uma colheita mais consideravel em materia nutritiva que nenhuma outra planta cultivada. O frumento, em uma extensão igual, não dá mais que 15 kilogrammas de grão, e a batata produz em pezo 13 vezes menos do que a bananeira. Entre as outras especies da mesma familia, citaremos ainda a *Bananeira da China (Musa sinensis)*, que, talvez, não passe de uma variedade da *Musa sapientium*. Não excede dois metros de altura e produz nas nossas estufas um pequeno fruto, mas excellente. Em muitos paizes, os habitantes cobrem as casas com as grandes folhas da *Musa paradisiaca* e da *Musa sapientium* e, tambem d'ellas se servem para fabricar cordas, tecidos, cestos e muitas outras obras d'arte.

A GRAVURA EM MADEIRA EM PORTUGAL

Por NOGUEIRA DA SILVA.

I

A gravura em madeira nasceu entre nós com o *Panorama*, e foi seu primeiro cultor Bordalo Pinheiro, artista bem conhecido pelas suas obras de esculptura e genio emprehendedor.

Não são de muito relevo para a apreciação absoluta os ensaios publicados n'aquelle jornal; porem, á luz da historia da nossa arte, sobresaem pelo grande merito da iniciativa, que é, em todas as cousas, a chave do progresso.

Sem mestre, nem livro da especialidade, porque não o havia então; tendo de adivinhar o systema e os meios praticos pelo que, apenas, a sua intelligencia podia lêr na simples observação das gravuras estrangeiras, Bordalo fez mais do que seria rasoavel exigir. As suas tentativas, postoque extremamente longe das estampas do *Magasin Pittoresque*, sobre cujo molde se publicava o *Panorama*, não parecem os preludios de uma arte que, na presença de tão adversas circumstancias, póde-se dizer, apparecia entre nós, como se não existisse em parte alguma.

É que, á semelhança de Alberto Durer, Bordalo Pinheiro, voando nas azas do seu engenho, rompia por si só o veu que em Portugal occultava, nas trevas de uma completa ignorancia, os segredos do mais difficil genero de gravura.

Mas este triumpho, sufficiente para glorificar o nome de um homem n'um paiz em que se soubesse o que era arte, e quaes as suas influencias nos progressos physicos, moraes e religiosos das sociedades, não bastou ao artista, que pretendia alcançar as gravuras estrangeiras no avanço em que já iam então.

Vendo, pela experiencia, que do estudo de desenho especial dependia o aperfeiçoamento da gravura em madeira, resolveu entregar-se todo a essa particularidade, confiado nas boas disposições que tinha descoberto em Baptista Coelho, a quem tomou por discipulo e em breve habilitou para substitui-lo e auxilia-lo no patriotico empenho.

Pena foi, porém, que este expediente, aliás productivo, não fertilisasse tanto quanto havia rasoavelmente a esperar.

Deixando-se atterrar na presumpção exagerada de certos obstaculos, o artista escolheu um genero que, pela sua extrema facilidade e detestavel monotonia, paralysava a acção variada, graciosa e, por vezes, inicial em que deve exercitar-se e amestrar-se o buril. Com o intento, mal fundado, de facilitar o ensino, desenhava tudo a traço parallelo, e o novo gravador, habituando-se a este trabalho mediocre e viciado, não poude dar á arte aquelle impulso que uma vocação regular, como a de Coelho, teria de certo imprimido, se o mestre, menos medroso e mais severo para com a commodidade do discipulo, o houvesse obrigado a encarar sem receio, nem susto, toda a cathegoria de difficuldades.

Depois, a estas circumstancias veio juntar-se a morte, hoje por duas vezes reconhecida apparente, do jornal. Bordalo Pinheiro achou inesperadamente um dia cortado o fio das suas esperanças, e olhava incredulo para o illustre finado, que, pela violencia e fatal brevidade da agonia, não tivera tempo para dotar a arte nacional, no valioso testamento que deixava, com titulo superior ás honras modestas de uma auspiciosa apresentação.

Todavia, se lhe naufragou o intento em tão copioso diluvio de fatalidades, ficou-lhe de pé a gloria immarcescivel de haver dado ao terreno, que o seu esforço patriotico amanhava, as dimensões precisas para, mais tarde, outros poderem levantar, em monumentos eloquentes, a realisação de suas aspirações.

(Continua).

JOAQUIM JOSÉ DOMINGUES LIMA

Reinando no interior da provincia da Bahia uma fome horrivel, á qual succumbiram centenares de pessoas, foi ainda o sr. Lima em auxilio dos infelizes habitantes d'aquelles remotos sertões, angariando-lhes uma subscripção, que produziu um conto e sessenta e cinco mil réis, acção pela qual foi merecidamente louvado pelo governo e imprensa do Brazil.

Como membro das commissões nomeadas pelo consulado portuguez para promoverem subscripções em favor dos habitantes de Cabo-Verde, tambem flagellados pela fóme, e dos asylos da infancia desvalida, de Portugal, ninguem mais do que elle se esforçou para que a primeira produzisse dois contos e oito centos mil réis, e a segunda dois contos duzentos e noventa e tres mil quinhentos réis.

Egual esforço empregou para se levarem a effeito as magnificas exéquias, que no Maranhão se celebraram pelo eterno descanço da virtuosa Rainha, a sr. D. Maria 2.ª, e do chorado Rei, o sr. D. Pedro V, tambem como membro das commissões para esse fim nomeadas. E tendo um dos so-

cios fundadores da Sociedade portugueza de beneficencia, denominada — Humanitaria 1.º de dezembro — Sociedade, que se dedica exclusivamente os portuguezes a soccorrer desvalidos, e que, n'este sentido, tem prestado grandes serviços, ninguem mais do que o sr. Lima se tem empenhado pelo seu engrandecimento e prosperidade.

Finalmente, são tão numerosos, como dissemos, os actos de philantropia praticados por aquelle generoso portuguez, que não podêmos, sem tomar grande espaço a esta interessante publicação, dar noticia de todos elles aos nossos leitores, pois ainda não ha muito, grassando no Maranhão, com terrivel intensidade, a epidemia das bexigas, uma carta, que d'alli temos á vista nos pinta o sr. Lima andando de casa em casa, ou antes de mansarda em mansarda, a prestar toda a casta de soccorros aos infelizes atacados d'aquella terrivel molestia.

Sirva, porém, o que temos dito para dar idéa dos sentimentos humanitarios, e coração caritativo do nosso benemerito compatriota, e para que o seu nome seja sempre lembrado com respeito e veneração entre os d'aquelles, que mais se distinguem por acções generosas, verdadeira philantropia e caridade evangelica.

Nasceu o sr. Lima em Lisboa a 8 de agosto de 1814, sendo filho do negociante José Domingues Lima, e D. Joaquina Rosa do Livramento Lima, ambos já fallecidos.

Foi para o Maranhão em 1827, e alli tem exercido sempre a profissão de caixeiro, servindo como tal na casa do negociante inglez, Henrique Season, ha trinta annos.

Pouco ambicioso de adquirir bens da fortuna, vive modestamente do seu parco ordenado, que ainda frequentes vezes dizima em favor dos indigentes, pois é em soccorrel-os que consiste todo o seu prazer.

Paga tambem a educação e serve de pai a uma interessante menina abandonada, cuja historia romantica não cabe nos limites d'este pequeno artigo.

J. R. d'Oliveira Santos.

EPISTOLA DEDICATORIA

de Gil-Vicente a D. João III

Os livros das obras que escriptas vi, Serenissimo Senhor, assi em metro, como em prosa, são tão florecidas de scientes materias, de graciosas invenções, de doces eloquencias e elegancias, que temendo a pobreza de meu engenho, porque naceo e vive sem possuir nenhua destas, determinava leixar minhas miserrimas obras por imprimir, porque os antigos e modernos não deixárão cousa boa por dizer, nem invenção linda por achar, nem graça por descubrir. Assi que para passar seguro da pena que minha ignorancia padecer não escusa, me fôra fermosa guarida não dizer senão o que elles disserão, ainda que eu ficasse como eco nos valles, que falla o que dizem sem saber o que diz. Porem querendo eu no presente preambulo ajudar-me do seu costumado estilo, em querer louvar as excellencias de V. A. como elles fazem aos senhores a quem suas obras endereção, que farei? sendo certo que, ainda que fosse em mi só a sua oratoria tão facunda como em todos elles e me fosse traspassado o espirito de David, não presumiria escrever de V. A. a minima parte de sua magnifica bondade, de sua noblissima condição, de sua discreta mansidade, do perfeito zêlo da sua justiça, da sua paz, da sua guerra, da sua graça, gravidade, conselho, sabedoria, liberalidade, prudencia, e finalmente do seu christianissimo firmamento. Outro si querendo navegar pela róta do seu exordio d'elles, pedindo a V. A. favor e emparo para que minha enferma escriptura não seja ferida das linguas damnosas; parece-me injusta oração pedir tão alto esteio para tão baixo edificio; quanto mais que, ainda que digno fôra de tão nobre emparo, tenho considerado que Christo filho de Deos sob emparo do poderio eternal do Padre, e todos seus bemaventurados Sanctos, não passárão por esta vida tão livres, que dos malditos detractores não fossem julgadas suas divinas obras por humanas leviandades, sua sancta doutrina por maxima ignorancia, sua manifesta bondade por falsa malicia, sua sanctissima graça por sorreticio engano, sua excelça abstinencia, por vil hypocrisia, sua celeste pobreza por terreno vicio. Pois rustico peregrino de mi, que espero eu? Livro meu, que esperas tu! Porem te rogo que quando o ignorante malicioso te reprender que lhe digas: se meu mestre aqui estivera, tu calâras. Finalmente que por escusar estas batalhas e por outros respeitos, estava sem proposito de imprimir minhas obras, se V. A. mo não mandara, não por serem dignas de tão esclarecida lembrança, mas V. A. haveria respeito a serem muitas d'ellas de devação e a serviço de Deos endereçadas, e não quiz que se perdessem como quer que cousa virtuosa, por pequena que seja não lhe fica por fazer. Por cujo serviço trabalhei á copillação d'ellas com muita pena de minha velhice e gloria de minha vontade, que foi sempre mais desejosa de servir a V. A que cubiçosa de outro nenhum descanso.

FABULA DE JOSÉ MARIA DA COSTA E SILVA

O lapidario e o diamante

Um lapidario ignorante
Um diamante
Comprou;
Tenue cabello lhe achou;
Mas no mais era excellente
Por grandeza, e por fulgor.

Para tirar-lhe o defeito
Com todo o geito
Limava;
Fundamente o lapidava,
E a grandeza cerceando,
Diminuiu-lhe o valor.

Oh! quantos, quantos, authores,
Emendadores
Eu vi,
Que riscando aqui, e alli,
Com vãs correções tiravam
Ás obras todo o vigor.

Considerai a multidão e a grandeza dos males que opprimem as creanças, e quão cheios de vaidade, de soffrimentos, de illusões, de sustos, são os primeiros annos da sua vida; depois quando adultos, e quando mesmo principiam a servir a Deos, tentam-os o erro para seduzil-os, o trabalho e a dôr para enfraquecel-os, a incontencia para inflammal-os, a tristeza para abatel-os, o orgulho para eleval-os; e quem poderia representar, em poucas palavras, tantas penas diversas que pesam sobre os filhos de Adão? A evidencia d'estas miserias tem forçado os philosophos pagãos, que não sabiam, nem acreditavam no peccado do nosso primeiro pai, a dizer que nós não tinhamos nascido senão para soffrer os castigos que merecêramos por alguns crimes commettidos em uma outra vida, e que por isso as nossas almas haviam sido unidas a corpos corruptiveis, pelo mesmo genero de supplicio que os tyrannos da Toscana faziam soffrer aos entes vivos ligando-os a corpos mortos.

Esta opinião, porém, que as almas são juntas aos corpos em castigo das faltas precedentes de uma outra vida, é rejeitada pelo apostolo. Que se conclue, pois, senão que a causa d'estes males horriveis seja, ou a injustiça, ou a impotencia de Deos, ou o castigo do primeiro peccado do homem? Mas, porque Deos não é nem injusto, nem impotente, outra coisa se conclue que não quereis reconhecer, mas que é necessario que a reconheçais; e vem a ser, que o jugo tão pesado que os filhos de Adão são obrigados a supportar desde que saem do ventre de sua mãi até que entram no seio da sua mãi commum, que é a terra, não o teria sido, se o não houvessem merecido pelo crime que tiram da sua origem.

SANTO AGOSTINHO.

HOGARTH

Por PINHEIRO CHAGAS.

A caricatura, quando é um pamphleto desenhado tem um instante de voga, e morre com as paixões que lhe deram origem. Esse desabafo chistoso da veia satyrica de um pintor, quasi sempre provoca apenas o riso dos contemporaneos, e não tem o minimo interesse aos olhos da posteridade. Ha apezar d'isso um homem notavel, que só caricaturista foi, cujas gravuras hão de viver eternamente, admiradas, apreciadas por todos, e já deram ao seu auctor uma reputação que os seus trabalhos de pintura séria nunca lhe poderiam assegurar.

É porque a farça morre, mas a comedia fica; é porque o pamphleto desfolha-se ao vento das paixões, que o inspiraram, mas a satyra, quando a traça mão de mestre, affronta impavida as vicissitudes do tempo. É porque o pamphleto verbera este, ou aquelle homem, cujo nome até muitas vezes se apaga da memoria das gerações, e a satyra dos mestres fustigando de relance a sua victima, assenta o latego no *homem* que tem sempre os mesmos ridiculos, os mesmos vicios, as mesmas paixões. O Tartuffo assentava o chicote nas costas de não sei já que prelado francez, mas ainda hoje zurze implacavel a numerosa familia dos hypocritas; a *Pena de Talião* verberava José Agostinho de Macedo, mas não ha um só verso d'essa admiravel satyra que não estale magnificamente no dorso da innumeravel prole litteraria do frade versejador.

As caricaturas do celebre pintor inglez, cujo retrato apresentamos hoje aos leitores do *Panorama*, possuem esse dom preciosissimo da satyra. A phylosophia galhofeira dessas bellas gravuras não é só applicavel ao seculo XVIII, e a serie que se intitula «*Casamento da moda*» é de circunstancia em todos os tempos. As differentes series das gravuras de Hogarth, constituem como os albums de Gavarni (talento que é da mesma familia, que o do caricaturista inglez) verdadeiros romances á Balzac, romances onde o phylosopho colhe uma opulenta messe de profundas observações sobre a natureza humana, e o historiador preciosissimos estudos de costumes do seculo XVIII.

E, note-se mais ainda, a fama de Hogarth é independente do aprimorado dos seus desenhos. Notam os conhecedores defeitos gravissimos na maneira do pintor e gravador inglez. O seu colorido é pessimo, os seus quadros são quasi sempre esbocetos, as suas gravuras não teem uma estremada correcção, mas a idéa tudo domina e tudo desculpa; na idéa é que se revela o grande homem. Com dois traços rapidos e vehementes, Hogart esboça uma scena. A sua veia maliciosa fez d'esses dois traços um poema satyrico, do poema satyrico um degrau para a immortalidade.

William Hogarth nasceu em Londres em 1698. Seu pai, revedor de provas n'uma typographia, metteu-o como aprendiz em casa de um ourives. Mas esse demonio familiar, que se chama genio, desenrolava já diante dos olhos de Hogarth as suas miragens prestigiosas. Saío de casa do ourives com umas leves tinturas de desenho, de que se servio para viver muito a custo; e na maior miseria. Assim mesmo, entre os vendavaes da adversidade, o lapis ia traçando no papel os preludios d'essa comedia, que havia depois de fazer as delicias da velha Inglaterra. Uma caricatura, representando um pugilato de bebados chamou, para elle a attenção. O nosso Hogarth da penna, Nicolau Tolentino, tambem se não dedignou commemorar n'um dos seus mais chistosos sonetos uma scena semelhante.

A dona da casa, em que o pintor inglez morava, perseguia-o por causa de uma divida de uns vinte schellings. Hogarth creio que lhe não pagou os

vinte schillings, mas passou-lhe uma letra com o endosse para a posteridade. Essa letra era a caricatura da bisonha proprietaria.

Foi então que um livreiro o encarregou de lhe illustrar o *Hudibras* de Butler. Esse trabalho de maior folego assegurou a sua reputação. Estava encontrada a mina; o obreiro foi incançavel. Todas as physionomias do seculo XVIII e todos os gra-

ves personagens da sisuda Inglaterra desfilaram em procissão, evocados pelo implacavel lapis do chistoso pintor, entre as gargalhadas do publico.

As seis gravuras da *Vida de uma devassa*, as oito da *Vida de um devasso*, *a Feira de Southwark*, *Uma palestra moderna á meia noite*, o *Infeliz poeta* (de que n'este jornal se deu uma copia) e os *Comediantes na granja*, publicaram-se com muitas outras inferiores de 1733 a 1738. Em 1730 casára elle com a filha do pintor Thornhill con-

tra vontade do pae, que o tinha na conta de um valdevinos, mas que se reconciliou com elle mal que o vio rico. Muito bom genro foi Hogarth senão poz o querido sogro no primeiro plano de alguma das suas gravuras satyricas.

Hogarth era um bom rapaz, amavel, expansivo, franco, ingenuamente vaidoso, não fazendo muito caso do seu talento de caricaturista, e tendo a mania de se considerar o primeiro pintor historico do seu tempo. Desgraçado de quem ousava affirmar diante d'elle que Rubens ou Van Dick seriam dignos de mais alguma coisa do que de lhe moer as tintas. Um dia lembrou-se de provar o seu dito, fazendo um quadro que elle annunciou alto e bom som que devia desbancar outro de Correggio sobre o mesmo assumpto. Era uma *Sigismunda*.

Concluio-se e expoz-se o miserando quadro.

Não se póde imaginar o diluvio de motejos a que deu origem. Hogarth, furioso, voltou n'um impeto de colera á sua verdadeira inspiração, e fulminou os dois principaes motejadores, Churchill e Wilkes, com duas caricaturas, que, como dizem os Francezes, *mirent les rieurs de son coté*.

Estava doente n'essa occasião, mas teve tanta satisfação em se vingar que de puro gosto recobrou a saude. É elle mesmo quem o conta nas suas *Anedoctes of myself* livro citado por Thackeray no seu bello estudo sobre *The English humourists of the eighteenth century*.

«*The pleasure which I derived from these two engravings restored me to as much health as can be expected at my time of life.*

Comtudo a sua saude ficou sempre alterada até que morreu em 1764.

As suas gravuras mais notaveis além das que já mencionámos são: *O musico damnado*, *O casamento da moda*. *A industria e a ociosidade*, e as *Portas de Calais*.

Se não juntou um nome illustre aos tantos, que já figuravam em torno dos grandes mestres da arte italiana, flamenga, ou hespanhola, teve em compensação uma gloria maior, a de abrir uma pagina nova na historia das bellas artes, e de dar á sua patria um genero, que ella ainda hoje cultiva com successo, o da caricatura humoristica.

A GALATEA MODERNA

Por A. OZORIO DE VASCONCELLOS

Et fugit ad salices

Alfredo de Mello a Antonio Alvares

Meu caro Antonio.—Estou em plena edade-media.

Se eu tivesse o talento descriptivo de Walter Scott e o lyrismo sentimental de Octave Feuillet podera apresentar a teus olhos um quadro esplendido impregnado do suavissimo perfume das eras cavalheirosas.

Bem sabes qual era o meu viver n'essa monotona e aborrida Lisboa, cujo bulicio mais parece o rouquejar do febricitante do que o estridor do trabalho. Sabes que me contraía ahi em espasmos de tedio, farto de ouropeis enganosos, repleto de bailes faustosos, aonde todos se cobrem com a mascara da opulencia, e pompeiam galas mentidas. Não nasci para esses explendores, que me cegam e offuscam. Os meus ouvidos melhor se dão com o murmurar queixoso dos regatos, com os quebros dos passarinhos, que saltitam nos recessos, com o rumorejar dos ramos.

De noite mais me apraz o scintillar da estrella por entre nuvens sombrias, do que o jorro perenne de gaz, cuja luz se refrange nos pingentes do lustre. Sou rico e não tenho ambições. Com pouco me contento, e pouco appeteço d'essas vaidades mundanas, *sombras phosphorecentes*, se me desculpas a expressão, atraz das quaes todos correm, como a Ophelia do grande poeta.

Não julgues que fallo sem conhecimento de causa. Demasiado conheço o mundo, apezar dos meus vinte e tres annos. Hoje enverga-se a toga viril aos dezoito annos; aos vinte somos scepticos e blasphemamos, aos vinte e cinco desejamos salvar a patria periclitante, depois alcançamos uma carta de conselho, que cimenta a excellencia em bases perduraveis, e a final, senão chegamos a ministro ou não somos barão sem baronia, vamos comer esses reditos proventosos, despojos opimos de vida trabalhosa, em suave e torpe *aposentação*, até que a morte nos arrebate da corrente do egoismo, para nos arrojar á sepultura, deixando logar a outros, que seguirem o mesmo caminho.

Oh! Eu sinto profundo horror por este moderno sybaritismo, em que os próceres pela intelligencia se bandeiam para serem os parasitas do povo! Já não ha Tacitos que os verberem com o latego impiedoso e lhes imprimam nas faces hedondas o ferrete da infamia e ignominia.

Fujo d'elles como de um ruim fermento. Tenho medo que me contaminem. Sigam outros o exemplo d'elles; eu não, que nasci n'este seculo com uma alma dos velhos tempos. Sequestro-me do mundo, porque o mundo se corrompe. Volto-me para o passado, abraço a natureza e adoro o creador.

Ah! Reparo agora como eu ia divagando moralidades, parvoas parenesis deslocadas n'este seculo.

Volto-me já ao principio d'esta carta.

Dizia-te que estou em plena edade media. Eu te conto. Convidado ha muito por um fidalgo da provincia, que foi amigo de meu pai, e é parente remoto da minha familia, fugi um dia de Lisboa, e vim abrigar-me aqui, n'esta aldeia ignota. A casa aonde habito, (quizera dizer tecto, que me abriga, mas os telhados alluidos não m'o permittem), é uma das velhas *honras* dos saudosos tempos de Egas Moniz, porque no lar dos velhos cavalleiros da cruz só a honra entrava e medrava. As paredes de granito, meio dorrocadas dobram sob o pezo dos annos. As janellas goticas, com umas vidraças toscas, lançam uma claridade dubia nos aposentos sobradados de velho e negro castanho.

A porta da entrada, com uns rendilhados grosseiros quasi inteiramente obliterados, sustentando a custo umas armas cheias de musgo, mal póde com

as costaneiras de carvalho, que giram em quicios emperrados.

A casa está no topo de uma alameda estreita longa e escura. Por noite de inverno, quando as folhas caem no chão e revoluteiam impellidas pelo vento gelado, os cedros como que abrigam com as ramas sombrias os braços descarnados e nodosos dos castanheiros, ao tempo que cada cipreste meneando a coma esguia meio encuberta pelas outras arvores, parece o penacho de um ginete phantastico, que escarva no tumulo de valente guerreiro, e agita a cabeça em signal de dó.

Era noite cerrada quando chegei ao solar do meu parente. Ouvia-se o mar ao longe a bater nas penedias, e a brisa nocturna açoitando o arvoredo, que projectava sombras immensas. Na athmosphera não havia uma nuvem; a lua brilhava limpida no grande tabernaculo do universo. Ia só. O meu cavallo resfolegava de medo quando uma sombra o cegava. De vez em quando batia com as patas nas pedras, soltas, que saltitavam pelo chão, e caiam nas folhas seguindo um serpear rumoroso.

Chegado ao fim da alameda, entestei com o velho portão carcomido. Quizera ter ao lado a trombeta dos paladinos para soltar uma nota que echoasse na solidão. E como que via homens de armas e archeiros aprestando-se para o combate, e besteiros coroando as ameias. Um tronco, que jazia em terra, affigurava-se-me como uma catapulta e era tal a minha illusão, que cheguei a julgar-me um mensageiro de guerra, envolto na armadura, e sopesando a lança e a acha de armas.

Pouco durou o engano. Apeei-me, alcei tres vezes a aldrava, e logo depois abria um aldeão a porta.

Querer contar-te as minhas impressões ao entrar na sala principal fôra o cumulo do impossivel. O espectaculo era completamente novo para mim. Imagina uma sala vastissima toda forrada de pannos de arraz, já muito rotos. No fundo uma chaminé agigantada mettida na parede, quasi sem brazas. Assentados em duas cadeiras de espaldar antigas estavam pai e filha, unicos habitadores d'aquella casa.

Nos rostos de ambos pintava-se o tedio e aborrecimento. O pai tinha umas feições de cavalleiro antigo e respeitavel, denotando os seus sessenta annos. Os cabellos fartos e compridos iam enbranquecendo, os olhos grandes e azues reflectiam não sei que perpetua indecisão, uma certa tibieza, que se traduzia em todos os gestos. A barba, por uma contradicção singular, era completamente branca, e caindo-lhe pelo peito, dava-lhe uns ares de velho peregrino, cuja vida fôra cortada de maguas e dores.

O seu todo era emfim o retrato dos fidalgos provincianos, que, adoradores do passado, talvez porque não se sentiam com forças para seguir o seculo, agarraram-se, por instincto de conservação, ás tradicções da monarchia antiga. Assim o cephalopode cinge os innumeros braços ao rochedo do mar por não seguir a corrente, que o arrasta.

Vão acabando esses representantes de uma fé moribunda, que se esvae a pouco e pouco impellida pelo bafejar potente das idéas modernas.

Deixemol-os em paz, na contemplação do passado, que não volta.

Tambem elles tiveram a sua aurora rodeada de esperanças; tambem elles souberam rejuvenescer as tradicções herdadas; tambem elles respiraram largamente no grande ambito da actividade humana.

Foram, a seu pezar, obreiros do progresso.

Querendo reconstruir o mundo velho sobre os alicerces movediços da revolução; transformando-se em atalantes de um edificio instavel, caindo emfim sob o pezo da cupula, que haviam erguido a tanto custo e com tanta fé, mostraram na mesma queda aos povos absortos que as idéas não param, que a humanidade caminha, e que acima de tudo e de todos, constrangendo os mais remissos está a lei do progresso, tão santa e divina como as tabuas do Sinai.

Respeitemos, pois, essas cariatides da realeza, que passou. Reluz-lhe na fronte a aureola da resignação. Se dobraram o collo ao homem é porque lhe deram os attributos da divindade sobre a terra.

Juncto do pai estava, como disse, a filha. Á primeira vista cuidei ver uma estatua, tal era a fixidez, a frieza o tom marmoreo do seu rosto. A sua belleza espanta e esmaga, por demasiado esculptural. Debalde procurei o menor indicio de turbação depois da minha entrada. O coração d'aquella mulher tem a profundeza do pego dormente. A limpidez do seu olhar parece-se com a do espelho, que reflecte em sala escura e silenciosa os raios da lua. Quando a via alçar ligeiramente o corpo para me cortejar, julguei que o marmore, sem perder a sua frieza e correção, se transformara em carne. Meditei por um pouco na fabula de Pygmalião e recuei involuntariamente um passo.

E comtudo, ó meu caro amigo, que formosura peregrina. Seduz, mas não atrae; encanta mas affugenta.

Não sei como descrever-te este typo unico, que fizera desesperar o proprio Balzac. Se o analysamos como artistas encontramos todas as perfeições reunidas, sem uma só discrepancia.

Phidias não creara obra mais completa. Vê-se que n'aquelle coração poderá haver vida, mas latente por ora. Não me perguntes mais. Sou naturalmente curioso, mas não posso encontrar a chave d'aquelle ênygma esplendido. Esta mulher é indefinivel. Pertence apparentemente a todas as escólas, porque para todas seria modelo de perfeição physica.

Mas n'aquelle rosto tão bello ninguem procure os extasis voluptuosos das virgens de Murillo, nem o desprendimento, o desapego, esse como que fluctuar ethereo das madonas de Raphael. Nada procure, porque nada póde encontrar. Esse rosto é por ora um modelo. É necessario que a paixão lhe vibre as cordas do sentimento para que as sombras se conbinem com a luz, para que appareçam os caracteres proeminentes. Quem será o afortunado?...

Parecer-te-ha singular que logo depois da primeira entrevista eu possa ser tão explicito, dando assim opinião quasi segura. Ah! É que tu, ó meu caro amigo, nunca estudaste o problema vivo, que se chama—mulher—Por um presentimento, ou instincto, que não sei explicar, ha occasiões da vida, na edade das paixões romanescas, em que somos dotados de uma penetração admiravel. Então, e talvez porque o perigo se nos antolha inevitavel, descerram-se-nos as profundezas, illuminam-se, alargam-se, vemos tudo um momento, rapido como o faiscar do raio, e depois, quando caimos outra vez nas trevas, medimos já o abysmo aonde vamos precipitar-nos. Não creias que isto se possa applicar-me. Longe vá o agouro. As circumstancias, porém, do logar, a minha imaginação fustigada por uma viagem longa, o trajecto nocturno por cerros e algares, as grandes sombras dos arvoredos, que se destacavam no firmamento illuminado pela lua, o profundo rumorejar da noite, todas estas impressões como que me atilavam o espirito, concentramdo-o e predispondo-o á analyse.

Mal entrei, fui recebido de braços abertos pelo cavalheiro, meu parente e amigo intimo de meu pai. A filha, que se chama D. Violante da Conceição, fez-me uma leve cortezia, e poz-se a contemplar o brazido com uma pertinacia incrivel. Debalde contei todos os promenores da minha viagem; debalde mostrei o meu respeito pelo passado e pelos feitos dos nossos communs avoengos; debalde fallei com azedume da sociedade de Lisboa á qual prefiro o placido viver campestre. Foi tudo baldado.

Apenas consegui alguns sorrisos de approvação do fidalgo, e dois olhares distrahidos de D. Violante.

Comecei a desesperar-me. Como poderia despertar-lhe a attenção? Eu sou dos fatuos, que imaginam enredar logo ao principio as senhoras bonitas com as argucias de minha eloquencia. Não logrei o meu intento. As torrentes de poesia bucolica, que se desprendiam, em catadupas, resvalavam sobre a triplice couraça da minha ouvinte distraida. Passado pouco, e aproveitando uma pausa forçada, ergueu-se ella, desculpando-se com os deveres de dona de casa, que carecia de delinear a ceia. O velho fidalgo sorriu outra vez, e começou a contar-me as suas campanhas, como coronel de um regimento de voluntarios, que fez o cerco do Porto. A narcotina só acábou finda a ceia. Chegado ao meu quarto o meu primeiro cuidado foi escrever-te esta carta.

Crê-me, como sempre, teu verdadeiro amigo —Alfredo de Mello.

(Continua)

BEATRIZ

VIII

Como já disse, e agora inda repito,
Jacques era visita, e das mais intimas
Do conde,... e da condessa; (era escusado
Dizer isto ao leitor, mas eu não gosto
De escuras narrações; prefiro sempre
Pôr tudo em boa luz, porque não quero
Ter de anotar, em dez ou doze tomos
Tres ou quatro de versos, quando muito)!
No tempo em que estas cousas succederam
O conde tinha já, se eu bem me lembro,
Alguns annos a mais do que convinha
A quem era casado com tam linda
E tam gentil mulher; todos sabiam
Que ella era o typo angelico e divino
Da santa candidez, que a leve sombra
De um pensamento mau jámais viera
Toldar o puro ceu d'aquelle espirito;
Mas quem póde livrar-se, lá um dia,
De ouvir a tentação, que passa e canta
Como as serêas de que falla Homero?

Não sei, mas acredito, (e peço veniá
A formosa leitora que, decerto,
Não é do barro vil de que eu sou feito,
Mas do crystal de rocha mais subido),
Que á voz da tentação, não ha, não póde
Deixar de se abalar quem tenha peito,
E coração, e vida, e sangue ardente.
Deos a affaste de nós, que é praga horrivel;
Pois se a deixa a vontade, em pouco tempo
Lá se vai todo o mundo á tona d'agua!

IX

Ó Lucrecia, ó virtude incomparavel
Da Roma, que já foi, Lucrecia antiga,
Como eu te vejo santa e luminosa
N'um turbilhão de nuvens! — tu devias
Ter um culto entre nós, e, sempre acesas,
Quatro vellas de cêra ou de stearina!
Eu já vi no sacrilego soneto
D'um Zappi rebellão, teu nome illustre
Atirado ao vaivem de uns versos toscos;
Mas vinguei-me depois, que o proprio vate
Expurgou-se de todo, memorando
A atroz expiação da leve culpa.
Por isso eu te idolatro, ó casta rolla,
Modelo conjugal, que preferiste
Rasgar os seios d'alma, (embora fosse
Apoz o crime vil), a terna vida
Cravado o acerbo espinho do remorso.
Isto não é sermão, caras leitoras;
Ninguem tem melhor fé, fé mais sincera
Do que eu tenho, na extrema pudicicia
De alvas pombas do ninho meu paterno;
Mas não posso deixar de erguer meu canto,
E de saudar a esposa incorruptivel
Do pobre Collatino; oh, a virtude
É quanto ha bom no mundo; e se inda houvesse
Conventos no paiz, em cata d'ella
Iria já, sem mais, metter-me a frade!

E. A. Vidal.

O ESPELHO MAGICO

Dizes-me tu que as estrellas
fogem á luz do arrebol,
e que ninguem póde vel-as
quando já dardeja o sol.
Mas olha, estás enganada,
nem toda a estrella se occulta
mesmo depois da alvorada.

Se não — já que é dia agora —
vae, caminha, desce ao val,
e inclina essa fronte loura
na corrente de crystal.
E o crystal que te revela?
olha bem: no azul das aguas
não vês sorrir uma estrella?

Candido Figueiredo.

Typ. Franco-Portugueza. = Rua do Thesouro Velho, 6.

Vista pittoresca dos paços reaes de Cintra — (Desenho e artigo de Nogueira da Silva — Gravura de Alberto)

Postoque muitas hajam sido as investigações sobre a origem d'este notavel e pittoresco palacio, comtudo, nenhuma d'ellas espalhou ainda uma luz que penetrasse profundamente as trevas que envolvem o nome do seu fundador. O que, apenas, se póde ver é que foram arabes os que lhe pozeram os alicerces e levantaram as construcções fundamentaes, porque isso nos mostram o estylo e o plano particular em que está moldado.

Alguns escriptores attribuem a sua fundação a D. João I; mas a esta opinião se oppoem as ultimas palavras de um bom documento, o mais antigo que para illucidação do assumpto se tem achado, que é uma doação que dos paços reaes de Cintra faz aquelle monarcha, em 4 de dezembro do anno da sua acclamação, 1365, a D. Henrique Manoel de Vilhena, conde de Cêa, como prova de particular affeição e premio dos muitos serviços prestados por este nobre descendente do rei de Castella, S. Fernando; e que depois foi annullada, não se sabe como, pelo proprio D. João I, que, attentando melhor nas bellezas, que fazem de Cintra um verdadeiro paraiso, se arrependeu da sua munificencia, na verdade, um pouco precipitada e larga de mais.

O soberano que principiou a gosar das delicias de Cintra, com frequencia, foi D. Affonso III; D. Manoel o rei que, em mais larga escala, começou a desenvolver o palacio; e é do reinado d'este principe que data o amalgama de estylos e plantas diversas, segundo o capricho, a móda e as commodidades de cada monarcha, que tanto caracterisa aquelles editicios, onde interiormente nada reina que corresponda á luxuosa decoração exterior. N'uma época em que o oiro chovia sobre Portugal, e era, por assim dizer, a aureola que esmaltava o fundo onde se via fulgurar esplendida a gloria das nossas assombrosas e inimitaveis conquistas, devia ser mui natural que o gosto propendesse todo para o luxo das riquezas materiaes. Fazia-se gala de forrar os aposentos de ostentosas tapeçarias, e ornamenta-los com alfaias de custosos valores; e, apenas, para a arte, propriamente dita, se guardavam os tectos, como para ficar, creio eu, mais fóra do alcance da vista, que mesmo assim não póde encarar sem resfriamento, as linhas contrahidas do desenho, e a pallidez cadaverica da pintura.

A mais bella das obras de D. Manoel é a *sala das armas*, cujas janellas e portas, de brincados relevos, dão exteriormente ao palacio a feição architectonica mais caracteristica do *gothico-florido* ou *manuelino*, que distinguem inimitavelmente as construcções monumentaes do rei *afortunado*. No centro do tecto d'esta sala sobresaem as armas reaes, e, em circulos concentricos, primeiro, as armas de toda a familia real então existente, e depois os escudos das familias nobres que mais distinctamente gravaram com a espada o seu nome nos fastos maravilhosos dos nossos tempos heroicos.

Entre estes brazões vêem-se dois espaços onde mal se descobrem vestigios de pintura. Ahi estavam os escudos do ultimo duque de Aveiro e dos marquezes de Tavora, justiçados em 1759, pelo conhecido crime de attentado contra a vida de D. José. A dignidade mandou apaga-los, deixando d'elles, apenas, uma leve sombra como para significar a nodoa com que aquelles fidalgos mancharam a honra dos grandes de Portugal.

Mandou D. Manoel fazer as pinturas primitivas d'estes brazões com a idéa manifestamente politica de premiar os serviços, e estimular o nobre orgulho dos que tanto tinham concorrido para tornar o nosso nome admirado e temido em todas as partes do mundo; e não satisfeito com traduzi-la pelas côres, determinou que as letras viessem ajudar os que não sabiam ler na plastica do pensamento, fazendo traçar em grandes caracteres doirados, junto ao friso, os seguintes quatro versos, correspondentes ás quatro paredes da sala: —*Pois com esforços leaes—Serviços foram ganhados— Com estes e outros taes— Devem de ser conservados.*—

Ha nos paços de Cintra duas salas, cuja extrema singeleza dá á memoria e consideração dos factos que alli se passaram um tom mais poetico e melancholico. Uma é a *sala do conselho*. N'ella decidiu terminantemente D. Sebastião partir para a Africa. Alli eccoou pela ultima vez a voz do enthusiasmo, que as areias africanas abafaram para sempre. É uma sala pequena, rodeada de simples assentos revestidos de azulejos, e no centro dos quaes um tem a fórma de cadeira de braços, onde o joven monarcha malfadado se assentava. De preciosidades apenas guarda uma chaminé de marmore, obra, segundo boas auctoridades, do admiravel cinzel de Miguel Angelo, que um papa offereceu a D. Sebastião.

A outra sala é aquella onde primeiramente esteve preso D. Affonso VI. Nada tem de notavel senão a memoria d'este facto, que os pés d'aquelle infeliz rei assignalaram, gastando o ladrilho do pavimento desde o logar da cama até á janella onde esperava o seu antigo valido Conti, que á serra fronteira ia de vez em quando, dar-lhe algumas esperanças de liberdade; estreito desafogo que de todo lhe fecharam, passando-o para outro quarto mais acanhado, e quasi sem respiração.

Muitas outras circumstancias de notavel importancia historica fazem do palacio de Cintra o mais curioso dos nossos paços reaes.

Alli se meditou realisar emprezas que ninguem até então havia sequer sonhado. D'alli partiu a directriz que conduzio as nossas frótas ás conquistas d'além-mar. Alli existe a camara onde nasceu e se finou D. Affonso V. Alli colheram, palmas, o creador da nossa scena dramatica, o espirituoso Gil-Vicente, na representação dos seus autos; martyrios e saudades, o mavioso Bernardim Ribeiro, nos seus amores com a infanta D. Beatriz.

Eis a historia resumida do monumento que a gravura representa n'uma das mais pittorescas vistas que, á distancia, se gosam nos frescos e floridos recintos de Cintra.

A razão é o conselheiro da alma.

DO MOVIMENTO

Bosquejo philosophico

Por A. OSORIO DE VASCONCELLOS

I

Uma das corôas mais gloriosas, que cinge a fronte serena e radiosa da sciencia, é sem duvida essa synthese admiravel, profundamente philosophica, pela qual, ao cabo de immensos trabalhos e fadigas nem sempre incruentas, a humanidade galga mais um estadio no seu caminhar.

Se os heraldicos e antiquarios m'o permittem, a sciencia é a arvore genealogica da humanidade, é o padrão glorioso que attesta a nobreza da grande familia humana, que trabalha, lida, tressua continuamente, obedecendo a uma lei providencial.

Qualquer que seja a hypothese antropogenica, que se adopte, ou o homem, conforme diz a biblia, seja um anjo caído, um rei destronado, ou como dizem outros, a transformação de um orangotango, ou seja simplesmente e desde a creação do mundo, o que é agora, isto é, um ser pensante, postoque rude e bronco a principio, o que não se póde negar é que teve de construir desde os alicerces o edificio da sua civilisação, qual a de que estamos fruindo.

O homem lançado na terra safara e povoada de animaes ferozes, domou ou affugentou estes, arroteou e cultivou aquella. Trabalhou, e no trabalho sciente firmou o seu dominio. Grande pela intelligencia, collocado pelo destino defronte do grande esphinge da natureza, tratou de lhe devassar os segredos, de lhe roubar as forças, para as aproveitar em beneficio proprio. Cada conquista que fazia, era mais um passo que andava, mais um fôro de fidalguia, mais um brazão nobliarchico.

A sciencia é pois o conjuncto de todos esses esforços, em virtude dos quaes, o homem saído de berço humilde, sentou-se no throno da realeza.

Mas se faltasse á sciencia um nexo philosophico, de que servira tanto encelleirar, se as proprias riquezas ameaçavam confundir-se e cair no cahos, d'onde as foi extrahindo o genio do homem?

Para que tanto esmeuçar de analyse, se a synthese não concluia nenhuma lei geral, nenhum d'esses grandes principios, que são apoios para novas conquistas e novos combates?

Este é o caracter distinctivo da sciencia moderna, como a fizeram os Descartes e Pascal e Leibnitz. Sciencia sem philosophia é uma luz ephemera e repentina, é um fogo fatuo, que póde allumiar um momento, rasgar as trevas, que circundam o homem, mas não é pharol brilhante, que alenta e dirige o mareante no grande oceano do desconhecido.

E este é tambem o pendor da sciencia moderna. Hoje pouco se inventa. Desde Copernico até Gause, desde Boyle até Berzelius, desde Torricelli até Faraday, surgiu uma tal pleiade de talentos vigorosos e audazes, de genios investigadores e profundos, que de tal modo alargaram e expandiram os horisontes da sciencia, e devassaram tantos segredos, que hoje é difficil a observação, difficilimos os descobrimentos.

Nos tempos, que vão correndo, em que as applicações praticas abundam tanto, a sciencia transformára-se em arte, se a philosophia não a alentasse e guiasse.

D'aqui essa vastissima synthese, que determina as leis geraes, que residem na materia. D'aqui essa segunda analyse dos factos descobertos e dos phenomenos já conhecidos, para extrahir os grandes principios, que são a *anima* do mundo. D'aqui essa tendencia á simplicidade, á unidade, á prototypia, tendencia porventura fatal, inconsciente até, e que póde conduzir ao absurdo e ás vezes á escuridão, quando galgamos as raias do conhecido e trilhamos o campo das hypotheses e conjecturas.

Entre as syntheses mais formosas e admiraveis da sciencia, nenhuma encontro, que mais me tenha prendido, do que a da força e do movimento.

Reduzir a força a um typo unico, mostrar que todos os movimentos são gerados por uma só causa ou antes que ha só um movimento, propriedade essencial de materia movimento que se transforma em todos os outros, que coisa mais para admirar e espantar!

Disse eu que esta é uma das syntheses da sciencia, e está-me parecendo que é a unica, que é a mesma sciencia.

Pois se nós chegassemos a descortinar, não já a essencia da *força*, senão o modo porque se transforma nos immensos movimentos, que constituem a vida na accepção mais lata e grandiosa; se alcançassemos a profundar esse mysterio incomprehensivel da vida cosmica em todos os seus recessos e arcanos mais intimos, a sciencia houvera attingido quasi a perfeição, e o homem fôra um semi-deus. Só então é que o ignoto poderia ser medido e as trevas tenderiam a dissipar-se completamente: A genesis dos mundos do seio do cahos, as differentes eclusões de vida em todas as ordens, todas essas infinitas e varias transformações poderiam ser determinadas.

E se o homem, collocando-se pela intelligencia na origem das coisas, conhecesse todas as circunstancias da força, do tempo e espaço, veria desfilar diante de si, como em correria phantastica, o universo inteiro, e os mundos formando um cortejo esplendido trazer-lhe-hiam as pareas dos seus segredos.

Mas quem poderá conhecer essas circunstancias de espaço, tempo e força? Qual a intelligencia, por mais vigorosa, que não vergue perante o infinito da materia?

Qual o homem que ascendendo do conhecido para o desconhecido, não pára espavorido, absorto, esmagado, e ajoelhe e adore, ou o creador, que deu vida ao cahos, ou a força ingenita, que bafejou a materia?

Por mais que a sciencia caminhe, dando mesmo de mão ao muito que falta para estudar, o homem não pode abarcar o universo, e ainda menos a causa d'elle.

Acceitando porém, como incontroversa a nossa pequenez, e não intentando determinar a essencia da força, d'esse *quid* incomprehensivel e intangivel, a sciencia póde desde já apresentar grandissimos resultados e formar uma synthese sublime.

Será este se tanto poder o fito principal do trabalho, que ora entrego á apreciação dos leitores do *Panorama*.

(*Continua*)

A GALATEA MODERNA

Por A. OZORIO DE VASCONCELLOS

II

D. Violante á baroneza do Alpedral

Minha querida:—Tudo dorme n'este abençoado e derrocado solar. São onze horas da noite. O silencio é profundo e completo. Nada interrompe a mudez nocturna senão os ruidos soturnos e mysteriosos da natureza. Que differença entre este viver e o teu.

Tu, minha querida, lá vaes descrevendo a tua orbita, como um astro radioso, nos salões illuminados, nas festas esplendidas, cegando com o teu brilho os bastos admiradores. Eu, pobre violeta esquecida n'estes fraguedos, em vão abro as petalas aveludadas, que não encontro raio de sol que me aqueça e acalente. Tudo dorme, só eu velo. Ah! Alguem mais está acordado. Advinha. Não te demores a pensar, que nada concluirás. Sabes quem chegou hoje a esta velha casa, que ameaça desabar com o primeiro temporal? Sabes quem veio procurar abrigo n'este tecto alluido pelos seculos? É o elegante Alfredo de Mello, nosso parente, no qual me fallaste tanto, durante a tua estada em Cintra no passado verão.

Não te admires. Não rias. Agora está elle escrevendo no seu quarto, que apezar de mau, é o melhor da casa. Estou-me lembrando dos transes, que soffreu Ravenswood quando recebeu a bella Lucia na sua torre da Wolferag. O que dirá Alfredo da nossa pobreza, que mal posso disfarçar com uns restos de antigo explendor! Tu não sabes o triste estado a que chegámos. Não julgues que te peço esmola. Louvado Deus podemos viver na provincia sem vergonha. Mas é necessario acabar com o fausto, que meu pai exige, sem se lembrar que cada anno vae desfalcando o seu rendimento.

Ah! mas como estou atreita a divagar. Perdôa...

Alfredo chegou já muito noite, como bom paladino que se preza de ser.

Julgava elle provavelmente que vinha encontrar provinciana bonita, mas boçal. Enganou-se, francamente t'o confesso e ficou espantado do engano. As tuas lições e a leitura de romances de alguma coisa me serviram. Fallou muito de poesia bucolica, da placidez e innocencia dos campos, não sei se invocou as dryades e os zagaes de Greuze. Decididamente o meu caro primo parece-se estupendamente com o cavalleiro de Florian, auctor da Numa Pompilio. Fiquei-o conhecendo por dentro e por fóra.

Vê se approvas o retrato, que faço d'elle.

É bonito e cavalheiroso. Tem bom coração. Acredita-se conquistador. Tinha-me em pequena conta. Quer namorar-me, porque lhe saí muito diversa do que julgára. Toma-me como o seu ideal, porque sou enigmatica. Eu por mim quero fazer a vontade de meu pai, que ha muito poz os olhos em Alfredo para erguer a casa das ruinas, e dar novo lustre ao seu antigo brazão. Alfredo é rico, possue quatro contos de renda em herdades alemtejanas. É já boa herança. Se me perguntas o que diz o meu coração, nada te posso responder. Sinto-me inclinada para o meu primo, mas não sei se esta inclinação nasce do meu profundo horror pela pobreza.

Que triste futuro, me aguarda aqui n'esta aldeóla do Minho! Talvez algum casamento com um d'estes morgados, cuja parvulez excede muito a de todos os Osbalditones, que figuram no Rob-Roy de Walter Scott. Imagina a minha vida, se por acaso Alfredo me não quizesse. Ligada eternamente a algum:

> Bojudo beirão morgado
> A quem os canhões afrontam,

como diz Tolentino, seria misera castellã de uma casa arruinada, vestindo por uns figurinos fosseis, e banhando-me todos os outemnos nas ondas da Foz, depois de visitar o Porto de braço dado com meu marido, que se revê de vaidoso no chapellinho desabado, com fitas vermelhas e pingentes amarellos, que me comprou na modista mais acreditada da rua de Santo Antonio. Que horror! Ah! Se eu puder algum dia pisar os salões de Lisboa! Que de fremitos, no walsar vertiginoso! Com que prazer hei de requeimar-me nos lumes scintillantes! Como te imitarei ó minha querida! Como heide respirar com ancias essa athmosphera ignea!

Corramos o veu a tantas venturas. Perdoa-me estas confissões ingenuas. Sou uma creança. Apenas conto dezoito annos passados n'uma aldeia sertaneja. Que loucura! Pois não ia eu dizer, que amo Alfredo, o eleito do meu coração! E quem sabe?

. . . . . .

Vem a romper a aurora por entre as franzas dos pinheiraes da serra.

Alfredo já apagou ha muito a luz do seu quarto. O que escreveria elle? Peza-me este silencio. Parece que a natureza tambem dorme antes da madrugada. Logo tenho os olhos inchados da vigilia.

Que heide fazer? Já é ser *coquette*, não é assim? Adeos. Se eu podesse sonhar venturas! Pelo menos o meu sonho ha de ser dourado.

Tua do coração — VIOLANTE.

(*Continua.*)

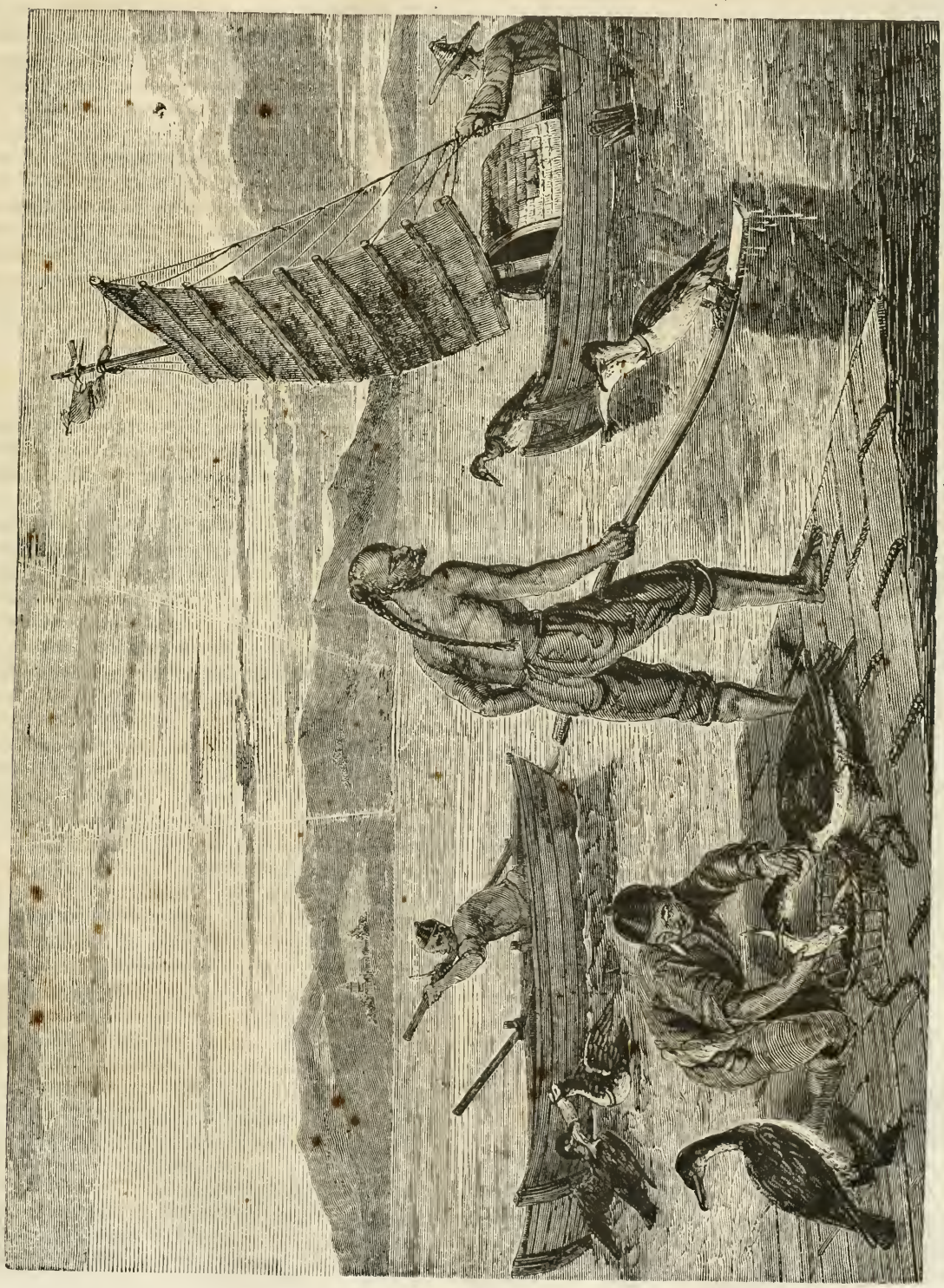
O PAVÃO E A CEGONHA

Pavão orgulhoso abrindo emproado
Do leque vistoso matiz variado,
A sua belleza se poz a mirar,
E á leve Cegonha, que ali vio chegar,

«Afasta-te (disse) villã e zoupeira;
«Sem cores, sem garbo, faminta grosseira!...
«Desprega se podes o leque como eu!...
Prudente a cegonha se rio do sandeu,
E rapidamente as azas abrindo,
Aos ares patentes qual setta subido,
Librando-se airosa de lá lhe bradou:
Remonta uma vez á altura em que estou,
O meu cavalheiro, que assim me despresa
Injuria seria de tanta belleza
Não poder ás vezes erguer-se do chão,
Nem mais do que um gallo, voar um Pavão.

Leitor se não gosas melhor galhardia,
Que nobre prosapia com vã ufania,
Não zombes d'aquelle que humilde nasceu,
Talvez em desconto natura lhe deu
Engenho, e virtude que o encham de gloria,
E só por teus vicios, tu lembres na historia.

COSTA E SILVA.



OS CORVOS-MARINHOS

Estas aves aquaticas são grandes consumidoras de peixes, especialmente dos de agoa doce, e perseguem-os com extraordinaria rapidez.

Logo que o corvo-marinho avista o peixe nadando pacificamente no seio da agua, em um abrir e fechar de olhos, mergulha, agarra a victima, que em vão tentaria fugir-lhe, tral-a á superficie, e, para engulil-a, coisa notavel! por um movimento agil, atira-a ao ar, de fórma que venha a cair de cabeça para baixo, e recebe-a, então, sem resistencia da parte das barbatanas, que se acamam sobre o corpo. Se algumas vezes acontece haver falta de destreza, nem por isso o peixe escapa á voracidade do seu terrivel adversario; porque persegue-o de novo, torna a agarral-o e lança-o ao ar, como da primeira vez, até que a queda produza o desejado effeito.

Em muitos paizes tem-se aproveitado a habilidade dos corvos-marinhos, ensinando-os a prestar ao pescador os mesmos serviços que o caçador obtem do falcão adestrado. Esta pesca, outr'ora muito usada em Inglaterra, ainda o é (vêde a gravura) em alguns pontos da parte oriental da Asia. O corvo-marinho domestico traz ao pescoço um annel muito justo; collocado na borda do barco, que o seu o dono dirige, ao avistar o peixe, mergulha, lança-se sobre elle e volta para o seu posto trazendo a presa atravessada no bico, com uma fidelidade, da qual é, sem duvida, a mais segura garantia o annel, que impede a entrada do peixe no papo da ave.

A maior parte dos corvos-marinhos, tão bons voadores como nadadôres, procuram a sociedade dos seus congéneres; fóra da época da creação, durante a qual estão constantemente reunidos, encontram-se quasi sempre em pequenos bandos. O grande consumo do seu alimento torna-se o flagello das lagoas e dos rios e obriga-os a não se deterem muito tempo no mesmo logar. O peixe de que elles parecem mais golosos é a anguia; pelo menos é o que mais se tem encontrado no estomago dos que se teem examinado. A carne d'esta ave, fetida e negra, é um alimento que repugna; por isso não se faz uso d'ella senão por grande necessidade.

O corvo-marinho pertence ao pequeno numero dos palmipedes dotados da faculdade de se empoleirarem. Os seus ninhos, construidos de junco e hervas, encontram-se mais a miude nas arvores, do que nas concavidades dos rochedos. A postura ordinaria é de tres a quatro ovos. Os corvos-marinhos da China são de um pardo denegrido pela parte superior do corpo, esbranquiçados pela inferior, garganta branca, bico amarello, iris azul, pés denegridos e doze rectrizes.

A riqueza é uma rainha que dá a nobreza e a formosura. A propria Venus e a eloquencia lhe fazem côrte.

PEREZ LORENZO

(Scenas da Campanha do Mexico)

Por PINHEIRO CHAGAS.

V

Entretanto formava-se silenciosamente a contra-guerrilha á porta do quartel, e desfilava, sem fazer o minimo ruido, pelas ruas de Medellin.

A cavallaria fôra dar uma volta maior afim de tornear a casa de D. Ramon, para que não sentissem lá o tropear dos cavallos. Viarmont, que ia no seu posto, passando ao longe, pôde ver o terraço, onde estivera havia um instante bem alheio a pensamentos bellicosos, e pelas janellas illuminadas da sala vio perpassarem as sombras graciosas dos pares que rodopiavam no trêfego volteiar da valsa. Aquella scena de prazer, de amor, de folguedo illuminada pelo fulgor vivissimo dos candelabros, contrastava de um modo tão notavel com o silencio da campina, o vento frio que obrigava o capitão Viarmont a conchegar-se nas dobras da sua capa, o aspecto pouco gracioso dos seus rudes cavalleiros, e a desagradavel perspectiva de um combate nocturno, que o official francez não pôde deixar de exclamar de si para si, torcendo o fino bigodinho, que lhe ensombrava o labio superior:

—*Chien de métier!*

A infanteria e a cavallaria reuniram-se fóra da cidade. Perez Lorenzo lá ia na frente, isolado e envolvido no seu eterno manto, e respondendo monosyllabicamente ás perguntas dos officiaes francezes.

O céo continuava a desdobrar o seu docel azul sem mancha, onde palpitavam as estrellas. O vento, esvoaçando por entre os palmares e os bananaes da estrada, impregnava-se em calidos perfumes, que sacudia depois das azas sobre os soldados, como que aconselhando-os a que não fossem perturbar com as suas pelejas a tranquillidade inalteravel d'essa risonha natureza.

Viarmont scismava, e não era já o vulto de Dolores o que lhe assomava na phantasia. O pensamento voava-lhe para as terras da patria, para a quinta á beira-mar junto de Bordeus, onde sua velha mãe, com os olhos cravados no Oceano, esperava anciosa ver surgir no horisonte a vela branca ou a columna de fumo, que lhe annunciaria a volta do filho querido. Via-se a si mesmo passeando pelas suas terras, cujas ricas messes estavam sendo ceifadas pelos segadores, e respirando com alegria o perfume da terra natal, deliciando-se com as bucolicas delicias d'essa campestre scena, fruindo os gosos da paz e da familia; e vendo-se agora sósinho em terra estranha, devastando, por sinistro dever, o solo a que outros se prendiam com o mesmo affecto com que elle se afferrava ao solo da Guyenna, perturbando a tranquillidade que outros gosavam aqui como elle a gosava além, não podia deixar, apesar da sua bravura, de pensar nas tristezas da guerra, e no absurdo d'esse dever que obriga um homem por ponto de honra, a ser scelerado, e a obedecer ao capricho sanguinario de outro homem, que só d'elle differe em

vestir a purpura monarchica em vez da farda militar.

Mas estas phylosophicas reflexões, que davam, bem apuradas, a substancia de um discurso que seria muito applaudido no congresso de paz, desvaneceram-se promptamente quando, depois de duas horas de marcha, soou de subito o clarim e uma ordenança do coronel Dupin, correndo a galope sobre uma das vedetas dos guerrilhas, a degolou sem que ella tivesse tempo de dar um grito que avissase os seus companheiros.

Parecia comtudo que um Mephistopheles mexicano se estava divertindo a lograr os francezes com *tours de passe-passe*. Ainda d'esta vez, segundo parecia, tinham escapado os bandidos. Em seu logar estava um bando de mulheres indias, em trajes ligeiros mas, tendo cada uma d'ellas uma esplendida *crinoline*. Ufanas do seu balão, estavam as pobres mulheres immoveis no meio da casa, como temendo que, se dessem um passo, transtornassem a magestade do seu porte. Espantaram-se os francezes, e ainda mais do que elles Perez Lorenzo, do extraordinario luxo d'essas creaturas semi-selvagens, luxo que, limitando-se ao balão, contrastava de um modo notavel com os farrapos que as vestiam. Com mais curiosidade do que delicadeza picou Perez Lorenzo com a ponta da sua espada uma das *crinolines* das senhoras. Realisou-se, com pouca differença, o soneto de Nicolau Tolentino sobre os toucados altos. De um d'estes saío um colxão; da *crinoline* da India brotou um homem, e logo em seguida todos os outros balões se achataram, dando cada um á luz um bandido armado com punhal e pistolas e disposto a vender cara a sua vida.

Mas os francezes já estavam preparados para estas surpresas; e desde a aventura dos enxergões, tinham sempre o olho em saia ou colxão, que apresentasse dimensões suspeitas. Os guerrilhas, que, sem terem lido Homero, saltavam a flux dos novos cavallos de Troia, encontraram para os apararem as bayonetas dos francezes.

Foi breve a resistencia porque se vio que era escusada a lucta.

Perez Lorenzo, logo no principio do incidente, soltára um grito de jubilo, vendo apparecer um homem de estatura elevada e de vigorosos musculos, que parecia ser o chefe da guerrilha. Lançou-se a elle com os dentes fincados; acceitou o bandido a duello, e, enlaçando-se nos braços vigorosos, travaram-se arca por arca, embebendo um no outro os olhos em que fusilava um rancor insano.

Quizeram os contra-guerrilhas, já vencedores dos seus adversarios, intervir na lucta e apoderar-se de Juan Pablo, que esse era o que luctava com Perez Lorenzo. Este porém fez um gesto para pedir que o deixassem desajudado na lucta. Arredaram-se todos, como os combatentes da idade media, quando n'alguma batalha se encontravam face a face dois paladinos cujo duello se tornava espectaculo brilhante para os membros d'essa geração cavalheirosa.

Os dois mexicanos, que luctavam corpo a corpo no combate singular, eram especimens differentes de robustez, mas inculcavam ambos vigor acima do vulgar. A força de Perez Lorenzo era toda nervosa, a de Juan Pablo provinha essencialmente de uma reforçada musculatura. A robustez de Perez Lorenzo não lhe prejudicava a elegancia do talho, e a delicadeza das fórmas; Juan Pablo, pelo contrario, tinha fórmas verdadeiramente taurinas.

Esteve por largo tempo indeciso o combate; os contra-guerrilhas, selvagens mal disfarçados com uma leve tintura de civilisação, que a primeira circunstancia, que lhe pozesse em fogo as paixões, levava immediatamente, davam gritos de enthusiasmo, como se assistissem a uma corrida de touros. E a comparação não é das menos acertadas, porque effetivamente Juan Pablo investia com a brutalidade cega do boi; Perez Lorenzo esquivava-se-lhe aos impetos com a destreza do capinha, não deixando por isso de lh'os subjugar com o vigor do homem de forcado quando se lhe deparava ensejo. Furioso de ver constantemente escapar-lhe o adversario, Juan Pablo, que primeiro combatera desarmado, deu um pulo á retaguarda, e sacou de uma navalha.

Ao verem esta infracção á lei do duello, os contra-guerrilhas soltaram um grito de desapprovação, e correram para castigarem o audacioso. Mas de novo Perez Lorenzo fez um gesto e bradou com voz colerica:

—Ninguem se mova.

E, correndo para Juan Pablo a fim de lhe não dar tempo de jogar-lhe a faca, com um movimento rapido agarrou-lhe os pulsos, e apertou-lh'os com um vigor incrivel. Grande foi a surpreza dos espectadores d'esta scena, quando viram as mãos delicadas de Perez Lorenzo prenderem como n'uma torquez os braços vigorosos do seu adversario. E mais espantados ficaram quando o gigante soltou um bramido de dor, descorou, e, deixando cair a navalha dos dedos inteiriçados, vergou e caiu de joelhos proferindo uma blasphemia.

Um applauso enthusiasta acolheu esta façanha do mysterioso mexicano.

Mas este nada ouvia. Brilhava-lhe nos olhos uma alegria feroz; pondo um joelho em cima do peito do chefe de guerrilhas, pediu uma corda, que os soldados logo lhe atiraram. Depois arrastou-o para fóra da choupana, bradando:

—Emfim.

A lua esplendia no céo azul e banhava as florestas com as ondas da sua luz prateada. Um vago e delicioso murmurio se exhalava dos ramos agitados pela doce brisa das noites. A natureza jazia immersa em profunda paz.

Perez Lorenzo, arrastando a sua preza, sumiu-se nos recessos da floresta.

—Vamos, disse o coronel Dupin, por hoje está acabado. Meus senhores, continuou voltando-se para os seus officiaes, se teem alguma polka ou alguma valsa promettida em casa de D. Ramon, parece-me que ainda podem ir exigir o cumprimento da promessa.

—Confesso-lhe, coronel, acudiu Viarmont, que n'este momento não desgostava, em vez de dançar, de me divertir um pouco vendo bailar este verdugo maldito, que temos trazido agarrado a nós, no ramo de uma arvore. Nunca bicho venenoso me causou maior repugnancia do que este selvagem com apparencias de cavalheiro, que passa a sua vida a encher de fructos humanos as arvores d'estes bosques.

—Capitão Viarmont, respondeu o coronel com seriedade, este homem é menos criminoso do que pensa; tem paixões selvagens é verdade, mas foi um motivo bem justo, que lh'as soltou. Nunca esteve na Corsega, capitão?

—Dois dias apenas; arribámos lá na passagem de Toulon para Alger.

—Pois eu estive dois annos de guarnição em Ajaccio; conheço as montanhas da ilha e os montanhezes. Juro-lhe que os Perez Lorenzos não são raros por lá.

N'este momento um grito horrivel atravessou os ares, e veio expirar no ouvido das tropas francezas.

Todos se entre-olharam com espanto; mas os prisioneiros pareceram perceber mais rapidamente o que occasionára esse grito, porque murmuraram um: «Caramba», que revelava a ira impotente que os salteiára.

A tropa poz-se em marcha. Ao chegarem á orla extrema do palmar viram um vulto negro, que se baloiçava nos ares.

Era o cadaver de Juan Pablo.

(Continua)

Um bom cidadão nunca se vinga d'uma injuria particular; mas arrisca, boamente, a vida pelo bem publico.

BEATRIZ

X

«—Se te hei de amar sempre, e sempre?...
Pois tu não sabes, querida,
Que o meu ser, a minha vida
Provem de ti?
Não vês como eu sou ditoso
Quando te abraço e te beijo?
Que tudo quanto desejo
Termina aqui?—

Se te hei de amar!...—que me importa
Senão teu meigo sorriso?
Não me déste o paraiso,
No teu amor?
Como é possivel que um dia
Te esqueça, rosa innocente,
E te esfolhe na corrente,
Candid alfôr!

Oh, tu és a minha estrella,
O meu anjo, a providencia
Que em minha negra existencia
Tem só poder.
Quero seguir-te, enlevar-me
No teu gesto peregrino:
Não ha mais bello destino,
Nem pode haver!—

E tu vacillas, tu pensas
Que deve alguem condemnar-te,
Porque vim cego adorar-te,
Porque te amei,
Porque me deste os thesouros
Do teu seio palpitante,
Porque anceio a cada instante
Quanto gosei?...

Quem és tu?... que tem o mundo
Que tu me abraças agora?
Quem ouve o mundo? quem chora?
Que mal te fiz?..,
Quem pensa que existe um crime
N'esta alegria encantada
Em que a nossa alma arrobada
Vôa féliz?...

Sim tu és minha; o teu peito
Inda convulso lateja,
Fervido raio lampeja
No teu olhar;
Sim tu és minha, que eu sinto
Que me apertas contra o seio;...
Não penses, não, que este enleio
Possa findar!...

Sim tu és minha, e na vida
Outro sol não me illumina,
Quanto me alegra e fascina
Provém de ti.
Ha luz do ceu na minha alma
Quando agitado te beijo:
O que eu sonho, o que eu desejo
Termina aqui.

Amar-te é viver, e eu quero
Levar cantando esta vida;
Só nos teus braços, querida,
Quero expirar;
Oh, mas sentindo que o peito
Inda te anceia e lateja,
E que um rayo inda lampeja
No teu olhar!—»

(Continua)

E. A. Vidal.

ANGELICA

Se Deus me perguntasse o que eu mais q'ria,
¿que julgas tu que a Deus eu pêdiria?
¿ talvez sabedoria,
como a pedio outr'ora Salomão?
ou de Créso os innumeros thesouros
que assombraram presentes e vindouros?
Oh! não, mil vezes não!
eu calcaria as pompas da opulencia,
eu fecharia os olhos á sciencia,
e só pediria então
— como palma devida ao meu martyrio —
respirar teus perfumes, branco lirio,
unir-te ao coração.

Candido Figueiredo.

Feliz o pai, de cujo filho se pode dizer: É a imagem da humanidade e da probidade de seu pai.

A prosperidade attrae amigos falsos e a adversidade afugenta-os.

A virtude deve ser sempre recompensada, seja qual for o estado ou habito sob os quaes ella se encontre.

Typ. Franco-Portugueza = Rua do Thesouro Velho, 6.

ENÉAS SALVANDO ANCHISES

Quadro de Dominiquino

A estampa, a que se referem as linhas que vamos traçar, é copia de um dos mais bellos quadros do celebre pintor Dominico Zampieri, conhecido no mundo artistico pelo nome de Dominiquino. Este pintor, discipulo dos Carraches, floresceu nos principios do seculo XVII. Nasceu em Bolonha em 1581, morreu em Napoles em 1641.

Attribue-se a morte de Dominiquino (e com seus visos de probabilidade) a veneno ministrado pelos seus collegas. Não deixa de ser curiosa a tradição que se refere a este acontecimento, por isso a contaremos rapidamente.

Assolára uma peste assustadora a cidade de Napoles, e os Napolitanos, que já se viam assoberbados com o Vesuvio e com os hespanhoes que os dominavam, tendo ainda, para cumulo de desventuras, a visita da peste, andavam immersos em profunda tristeza, quando se lembraram de metter empenhos com Deos Nosso Senhor, para que elle por sua infinita misericordia, os livrasse do flagello. Fez-se portanto o voto a S. Januario de se lhe construir a capella mais magnifica da Italia, depois da capella Sixtina, se a peste se fosse embora. Acceitou S. Januario o contracto; a peste foi espairecer magoas para outro sitio, e os Napolitanos trataram de comprir a sua promessa.

Ora tinham elles jurado que o dinheiro necessario para a construcção sairia só de bolsas nacionaes. Regeitaram até a offerta de uma quantia consideravel, que a mulher do seu vice-rei lhes enviára, visto ser estrangeira a devota, accrescendo ainda o ser hespanhola, nome que principiava a soar mal aos ouvidos dos compatriotas de Masaniello.

Mas o que elles não juraram foi que a mencionada capella fosse pintada só por artistas napolitanos. Não o juraram os votantes, mas juraram-n'o os artistas, e declararam *urbi et orbi* que todo e qualquer artista de fóra de Napoles, que acceitasse o convite que aos pintores da Italia dirigia a commissão, podia contar que receberia em paga uma boa estocada do Hespanholeto, ou de Laufranco, que manejavam o florete pelomenos tão bem como o pincel.

A ameaça era séria. Quem vê hoje passar pelo meio da rua o sr. Annunciação, ou o sr. Lupi com todas as apparencias de cidadãos pacificos, amigos de ordem, eleitores da sua freguesia, e respeitadores das leis policiaes não pode imaginar o que eram os artistas do seculo XVI e do seculo XVII. Era tudo gente de chapeo á banda, capa traçada e mão na ilharga, espadim a pular na bainha, nariz a procurar aventuras. Era gente da laia de Salvator Rosa, que foi amigo de Masaniello, e que fez parte de um corpo de *voluntarios da morte*, composto quasi todo de artistas, que usavam cartucheiras em vez de palheta, arcabuz em vez de pincel, e que desenhavam á bala nas cabeças dos hespanhoes, que tinham a desgraça de lhes servir de tela. Já vêem pois que a ameaça dos pintores napolitanos devia inspirar sérias reflexões aos outros artistas da peninsula italiana.

Não se importaram com a ameaça alguns dos pintores, entre outros Guido que appareceu um bello dia em Napoles acompanhado por dois dos seus discipulos. Mas os ares logo se mostraram turvos, e Guido não teve remedio senão dar ás de Villa Diogo. Succedeu-lhe o cavalheiro de Arpino, que era espadachim, mas que se vio obrigado tambem a retirar, porque não era possivel estar em cima dos andaimes, de pincel n'uma das mãos e espada na outra. Veio apoz elle o nosso Dominiquino.

Esse era um velho. Os pintores napolitanos temeram o odioso que cairia sobre elles se o assassinassem ou á traição ou em combate, emfim se fizessem correr sangue. Optaram, segundo se diz, pelo veneno, e os precedentes, que mencionámos, authorisam-nos a suppor que esta opinião não será destituida de fundamento.

Assim morreu da idade de sessenta annos este notavel pintor, que não tem quasi rival na expressão das physionomias, ainda que o colorido esteja longe de ser primoroso. Na gravura, que orna este numero do *Panorama*, podem os leitores ver a justiça do elogio que lhe fazemos.

O assumpto do quadro é conhecidissimo. É o episodio da *Eneida*, em que o pio heroe foge de Troia levando ás costas seu pai Anchises, ao lado seu filho Ascanio, atraz sua mulher Creusa. Estão estes maganões todos a sair de casa na occasião que o pintor escolheu. Creusa entrega ao sogro uns bonequitos que parecem obra de capellista, mas que são nada menos do que os deuses penates, o pequeno insiste para que se ponham a andar, e Enéas, com o pai ás costas, volta os olhos saudosos para a sua habitação.

Devo confessar-lhes, aqui muito á puridade, que nunca me commoveu muito este episodio da *Eneida*. A idéa do velhote escarranchado nos hombros do filho de capacete sempre me transtornou o pathetico do lance, e não posso reler os versos do Mantuano, sem me lembrar do *Virgile travesti* de Scarron, em que o malicioso poeta nos pinta o pai Anchises aos pontapés ás costas de Enéas, chamando-lhe umas vezes «meu querido filho,» outras vezes cão e patife, para o fazer andar mais depressa, e Creusa que se perdeu no caminho porque ficou a atar a liga da meia, e Ascanio que berra por pão com manteiga, e Enéas, que vindo bater á porta de casa para dizer que está o fogo na cidade, fica immenso tempo na rua, porque, segundo elle depois conta

> On me cria par la fenetre
> Que l'on n'ouvrait jamais la nuit
> Et que je faisais trop de bruit.

Em todo o caso Dominiquino não podia adivinhar que, depois da sua morte, um francez travesso se havia de divertir á custa do seu assumpto, e foi pintando um quadro admiravel, de que dá uma boa idéa a gravura que apresentamos.

DO MOVIMENTO

Por A. OSORIO DE VASCONCELLOS

II

Quando a tradicção piedosa poz na boca de Galileu Galilei o celebre *è pur si muove*, como resposta audaz da sciencia ás torvas perseguições do fanatismo, mal diriam os homens de então, que os discipulos do grande sabio italiano poderiam dizer passados tres seculos: *tudo se move na natureza*. Esta conclusão concisa, verdadeira, luminosa, é um corollario do pensamento profundamente phylosophico, que sempre dirigiu os trabalhos do sabio de Pisa.

Tudo se move na natureza, dizemos nós, os homens de hoje, sem nos lembrarmos que este aphorismo tão simples e tão singelo, custou seculos de observação e vigilias, noites e noites mal dormidas, dias de improbo labor, combates mal-feridos contra os preconceitos herdados, e hecatombes de victimas, que se finaram em prol da sciencia, interrogando a terra, cruzando-a em todos os sentidos, já nas regiões hyperboricas, já nos climas adustos.

Tudo se move, porque não ha vida sem movimento. Movem-se os mundos na amplidão, sulcando as ondas ethereas immensas, sem limites; movem-se as estrellas, nos confins da creação, tão dilatadas, tão longinquas, que a nossa imaginação estupefacta ao contemplar tanta grandeza, só póde explical-a, acceitando o infinito real.

Movem-se os cometas, essas borboletas do ceu, essas nuvens vaporosas, que volitam com rapidez aterradora e gastam milhares de annos a descrever as suas orbitas:

A par do infinitamente grande, move-se o infinitamente pequeno.

O atomo, assim como o astro, gira perpetuamente.

Porque a vida é uma serie de movimentos que se combinam, cruzam-se e completam-se. A vida é a fluxão de Newton, é uma corrente continua em que as monadas se balançam e revoluteam.

A acção que uma recebe, envia-a intacta e integra á que se lhe segue, e o atomo do phosphoro que se fixa no cerebro do homem, resulta de uma acção, de que o universo é participante.

Os movimentos, invisiveis ou atomicos nunca se equilibram na grande faina do mundo.

Dois movimentos, que se combinam, produzem sempre um terceiro movimento harmonico com os primeiros, e como elles necessarios ao fim commum.

O que Descartes dizia dos corpos é applicavel immediatamente aos atomos. «Para mim tenho, exclamava o grande phylosopho, que ha uma certa quantidade de movimento em toda a materia creada, que nunca augmenta nem diminue, e assim é que, quando um corpo obriga outro a mover-se, perde tanto movimento quanto é o que dá como acontece com uma pedra que se depois de cair sobre a terra, não volta para o ar, antes fica parada, parece-me que isto provem de que a propria terra é abalada, e lhe transfere assim todo o seu movimento.»

Estas palavras de Descartes, exprimem o que se passa em todo o universo.

Os movimentos, assim visiveis como invisiveis combinam-se mutuamente, mas não se perdem.

Da mesma sorte que a pedra abala a terra, o raio luminoso ou calorifico não póde perder-se e acabar o seu effeito, para não mais se renovar. Cada acção tem o seu cyclo fatal e necessario, e o limite derradeiro e grandioso é a vida, que se perpetúa no universo.

Por isso, se a vida está em toda a parte, e se não ha vida sem materia, o vacuo é impossivel e repugna como absurdo.

Assim acreditaram os antigos em a sua admiravel presciencia, assim julgamos nós e provamos pela explicação e permanencia de certos phenomenos.

O vacuo não existe. Aonde não ha materia palpavel, tangivel ha um fluido tenuissimo, vibratil, que escapa a todas observações, imagem viva dos gnomos subtis, verdadeiro sylpho da creação, porque penetra os mais intimos recessos dos corpos, enche os espaços interatomicos e interplanetarios. Esse fluido ou o que quer seja, cuja existencia foi adivinhada, é o ether, que alguns phylosophos julgam imponderavel, não se lembrando que o vacuo é absurdo, e *onde não ha pezo não ha materia*.

Porque o ether escapa á observação directa, não se conclue que não tenha pezo. Desde quando a experiencia póde substituir o raciocinio em questões de phylosophia? Dado que o vacuo não póde existir, o ether, que o enche, é materia, e portanto *peza*.

O ether é pois o vehiculo, o meio pelo qual os movimentos se transportam e combinam, da mesma sorte que o ar transporta os sons. As ondulações do ether são as vibrações do ar (1)

O que é a *força*? Se temos movimentos, e se estes são a vida, segue-se que aquella, a *força*, é a propria vida?

Eis-nos chegados ao mysterio da natureza. A força é a incognita, que ninguem póde determinar. A força é tudo e é nada. Considerada como causa primaria do movimento, a força é a alma do universo, é a ligação providencial dos elementos, é o agente das transformações e metamorphoses, é o fautor d'esse camalião sublime, que se denomina *vida*. Tomada como entidade abstracta ou como idéa absoluta a força é o desconhecido, é o ponto de interrogação perante o qual todos estacam.

Mas a sciencia moderna, honra lhe seja, deixou ha muito essas definições e distincções subtis, que foram em tempos tristissimo apanagio da phylosophia natural.

Quando se ignora, o melhor meio de se forrar

(1) A propria camara barometrica, o espaço comprehendido entre a superficie da columna do mercurio e a extremidade fechada do tubo, transporta a gravidade, o magnetismo etc. e não transporta o som.

E' porque existe ali *ether* a pezar do vacuo ser o mais perfeito de todos que é possivel obter.

ás difficuldades, é confessar a ignorancia, e caminhar ávante.

Assim fez a sciencia não curando das causas primarias, que vinham a cada passo tolher o progresso e entibiar os artifices.

Acceito, como principio incontroverso que a materia se move, ou antes, que o movimento é uma propriedade inherente e essencial á materia, não era necessario recorrer a cada instante a uma causa exterior e desconhecida, a uma força, que explicasse e determinasse os phenomenos.

E tanto isto é assim, que os maiores geometras, que floresceram depois de Newton, Laplace, Lagrange, Plana, Poinsot, etc. até confundem de caso pensado o movimento com a força, e combinam uma com outra coisa, o que seria absurdo, se com effeito esta fosse a causa d'aquelle.

Cabia principalmente á sciencia mostrar, não só que a materia estava em perpetuo movimento, senão que, e isto era o principal, um movimento qualquer, fracção da energia natural, podia gerar outro ou outros movimentos e com elles conbinar-se por todos os modos.

Assim foi que Rumford, Mayer, Grove, Joule, e outros demonstraram evidentemente que o movimento das massas póde converter-se em movimentos de atomos, isto é que o movimento de um corpo se transforma em calor, e este, parecendo aniquilado, surge outra vez, como Phenix, sob a forma de movimento. A acção do sculptor, que anima o marmore, é uma parcella da energia da natureza, é uma fracção de calor solar, que se transformou em movimento.

Pertencia e pertence ainda á sciencia posto que este problema esteja ainda no dominio das conjecturas, o mostrar que, se a materia póde ser una e simples, a força, ou o movimento é tambem simples e uno, ou o que é o mesmo, que a quantidade de movimento inicial não augmenta nem diminue, não tem natureza diversa, apenas se transforma e metamorphosea continuamente, incessantemente.

Assim com o sol é umas vezes centro de força impulsora e mantem os planetas, satellites e cometas nas suas orbitas, e outras vezes emana calor, luz, electricidade, magnetismo, e affinidade chimica, assim tambem nos seios da natureza ha uma faculdade, em virtude da qual todas estas manifestações da energia, apparentemente tão diversas, pódem ser oriundas do mesmo centro, e transformarem-se mutuamente, segundo as circunstancias.

Quer isto dizer que a sciencia procura a unidade dos movimentos e a unidade das materias elementares pela sua correlação intima.

Em conclusão vê-se que a dynamica (2) determinou pela analyse e observação:

1.° Que ao axioma de Lavoisier de que a materia não se cria nem se perde, corresponde o axioma de que o movimento não se cria nem se perde.

2.° Que sendo a materia una, a força é una tambem.

(2) Sciencia das forças.

Assentes estes principios, que vão aqui exarados com a possivel clareza e brevidade; considerando o movimento assim nos corpos como nos corpusculos digamos alguma coisa á cerca d'elles e da vida do cosmos, antes de fallar da vida physiologica, como nós a comprehendemos mais facilmente.

A GRAVURA EM MADEIRA EM PORTUGAL

Por NOGUEIRA DA SILVA.

II

Em seguida ao *Panorama* veio a *Illustração*.

O pensamento inicial d'esta nova publicação illustrada era, creio eu, radicar a arte nacional e alargar-lhe a esphera até ás vastas proporções dos jornaes estrangeiros do mesmo titulo.

Para realisar este milagre deram-se as mãos, lapis, penna, e buril, suppondo cada um que em qualquer dos outros existia o santo. Mas, infelizmente, em todos faltava a graça. O estudo e o exercicio permanentes, sem os quaes não é dado ás bellas-artes convencer os incredulos e abrir o reino da gloria, tinham morrido á nascença. Não podia, por conseguinte, a cadea deixar de partir, querendo faze-la chegar forçadamente aos extremos de um caminho para que não tinha a sufficiente extensão. Não era possivel que a vontade florisse faltando-lhe a seiva da acção.

Os artistas que deviam realisar tão pretencioso ensaio eram ainda os mesmos do *Panorama*. A arte de gravura em madeira não havia, portanto, crescido, nem em aperfeiçoamento nem em cultores; teria, pelo contrario, emmagrecido, porque dormia; e o somno é para as artes que dependem, como as da gravura, de uma execução aturada, o mesmo que o reumatismo é para a gente. Entorpece-as, impossibilitando-as, conseguintemente, de poderem entrar, de prompto, em vida activa.

Como, pois, attingir o fim com a doente tão debilitada por este duplo mal? Não parecia quasi certo o sinistro, empregando medecina tão forte e elevada?

Por outro lado, mais uma circumstancia, não menos desfavoravel, e dupla tambem, se apresentava a conspirar. Era o numero maior e grandesa superior das estampas que requeria uma publicação de vastas dimensões com o titulo exigente de *Illustração*, em nenhum paiz authorisada pela pobreza numerica e artistica de desenhos e gravuras. Mas este obstaculo, para mim, o inimigo gigantesco da empreza, foi o que ninguem vio, nem editores, nem redacção, nem artistas.

A uns vendava-lhes os olhos o desconhecimento involuntario de uma serie de cousas d'arte, que as proprias intelligencias não sentem, e mesmo não comprehendem, em as nações onde falta a educação e o habito de ver e apreciar as obras maravilhosas das bellas-artes. A outros cegava-os o amor proprio, dizendo-lhes que tudo poderiam fazer.

Ninguem se lembrou que uma *Illustração* era já fim, e não meio; que era o resultado do desenvolvimento quasi completo do desenho e da gravura em madeira, e não estudo; que era academia de

mestres, e não escola de discipulos; que era profissão, e não tyrocinio. Todos disseram «sim», e principiaram logo a fazer o trabalho que melhor mostrava que deveriam ter dito «não»; porque um desenhador e um gravador não podiam dar em uma semana a obra que, por ser mais multiplicada e exigir successivo aperfeiçoamento, carecia, para tão limitado numero de artistas, de dois mezes pelo menos.

Certo foi, portanto, affogarem-se os estimulos do capricho n'este lago de difficuldades, e cada um tratava de salvar-se como podia. Desenhou-se e gravou-se aos trambulhões. Bordalo remettia os desenhos apenas alinhavados para a mão de Coelho, e este, mau grado seu, de tal modo se via obrigado a aguilhoa-los com os seus buris, para os dar esgaravatados a tempo, que de todo os descosia.

Illustração com tal arte não podia agradar. Os assignantes recebiam-a mal, e, assegurando a robustez de seus peitos, principiavam a declarar que não careciam de emplastos, remettendo, em troca, pelo distribuidor, algumas pilulas para os editores. Estes, achando-as amargas de mais, sentiram a necessidade de acabar com o jornal ou de o reformar. Pensou-se em crear discipulos; mas estes não se decretavam em bellas-artes. Além disso o presente corria instavel, e o futuro não sorria. Para mais ajuda o publico não estava, como ainda hoje não está uma grande parte d'elle, intelligentemente preparado para jornaes illustrados. Conspirava tudo. Em o seu irrevogavel programma, tinha o destino decidido que Bordalo Pinheiro, e Baptista Coelho, fossem os primeiros martyres dos grandes esforços, em que ninguem lhes podia já offuscar a realeza de heroes. O impulso que havia de fazer sair de tão acanhada orbita a arte de gravura em madeira estava longe, e o jornal, que não podia esperar, morreu de paralysia artistica, deixando, apenas, como o *Panorama*, para não mentir ao seu estatuto litterario, um nome illustre nos annaes das nossas publicações amenas.

(Continua.)

ALCATRÃO

Dá-se o nome de *Alcatrão* a certos productos empyreumaticos, que procedem da distillação de materias vegetaes ou do carvão de pedra.

O *Alcatrão ordinario*, chamado muitas vezes *Alcatrão vegetal* para se distinguir do *Alcatrão de carvão de pedra* ou *coaltar* dos Inglezes, é uma substancia resinosa, espessa, molle, negra, amarga e de um cheiro forte e empyreumatico, que se obtem do pinho em ignição; é um mixto de resinas pyrogéneas combinadas com o acido acetico, carvão e oleo essencial empyreumatico; emprega-se na industria para preservar as madeiras da de-

composição e usa-se d'elle tambem na medecina e na veterinaria, contra as doenças de pelle, catharros chronicos, tisica pulmonar, etc. No estado solido, consequencia da evaporação de uma grande parte dos principios liquidos, chama-se *Pez*. O alcatrão da Russia e da Noruega é o mais estimado; depois o dos Estados-Unidos, Bordeus, Strasburgo, Provença, etc.

O processo para extrair o alcatrão vegetal, é muito simples. (Vede a gravura). Escolhe-se um sitio favoravel no declive de uma montanha, junto ao bosque, do qual se hade cortar a madeira, e proximo de um lago ou riacho. Bate-se bem um taboleiro de terreno para cada forno, sustentando a terra na frente com fortes paliçadas de madeira. Os fornos são covas abertas no chão, de forma conica, tendo as paredes forradas de argila bem batida. No fundo pratica-se uma caldeira na qual ha um cano ou bica, que sae fóra da paliçada. A madeira depois de secca, reduz-se a cavacos, mette-se em uma especie de dorna, que se adapta justamente ao forno, e que descendo a este é coberta de terra argilosa, mui batida, para evitar a fuga das partes volateis, ficando apenas um pequeno orificio para a saida do fumo. Retira-se em seguida o madeiro em forma de cruz que está no centro da dorna, e no buraco que elle deixa introduz-se o fogo. A madeira vai-se lentamente queimando, sem fazer chamma, e a resina caindo na caldeira, donde passa então, pela bica, para os barris, que depois de cheios são batocados convenientemente. A nossa estampa explica bem todo o processo e mostra todos os instrumentos precisos para este fabrico.

O *Alcatrão mineral*, ou *Alcatrão de carvão de pedra* é um dos residuos do fabrico do gaz de illuminação. A sua composição é excessivamente variavel. Calvert achou-o composto, ora quasi exclusivamente de *Naphtalina*, ora de *Paraffina*, outras vezes de *Benzina*, *Acido phenico* e de diversos *carburetos* de hydrogenio. Submettido á distillação moderada, o alcatrão de carvão de pedra, produz, sucessivamente, agua, ammoniaco, carburetos leves de hydrogenio, e depois carburetos mais pesados. Os primeiros servem para a illuminação, os segundos applicam-se á dissolução do mixto do caoutchouc e gomma laca, conhecido pelo nome de *Visco*. Estes oleos distillados servem tambem para a preparação do *acido picrico*. O residuo da distillação do alcatrão ou *breu*, dissolvido em oleo, forma com as ocres uma tinta propria para conservar as madeiras, metaes, etc.

O decoro e primor com que as damas se tratam n'este reino, principalmente as que assistem no Paço, parece que em certo modo conserva aquella preeminencia, que os Egypcios lhe deram, que com o exemplo do bom governo d'Isis reinavam as mulheres, porque em prezença e auzencia os cortezãos as nomeiam por senhoras, se lhes descobrem e ajoelham como a deusas, lhes fazem festas, jogos, justas e torneios como a deidades, estão pendurados de seus favores e respostas como de oraculos; as acompanham como a coisas sagradas; se vestem, ornam, e enfeitam pelas agradar; se desvelam pelas servir; se apuram para as merecer, no esforço, na gentileza, na galantaria, no dito discreto, no escripto avisado, no mote galante, na endeixa subtil, no soneto conceituoso; por ellas se ensaiam para o sarão, no dançar, no fallar, no acompanhar, e no offerecer; por ellas se aprestam nas occasiões de jornadas, de criados, e librés, galas e ginetes; por ellas continuam o passeio á vista das janellas, atravessam as salas á sua conta, e rodeiam o terreiro do Paço mil vezes por seu gosto; por ellas se offerecem a todo o perigo; porque qual he que um servidor de damas não ache facil por amor d'ellas? que palavras diz? que extremos receia? que esquivanças não soffre? que riquesas estima? que quimeras não finge? que occasiões não busca? vela de noite, não descança de dia, não se entristece com a pena, não desconfia com o desengano, não faz conta de aggravos, nem estima desprezos, não cura de vinganças, e emfim tudo é veneração e humildade com que as engrandece.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO

A GALATÉA MODERNA

Por A. OZORIO DE VASCONCELLOS

III

Alfredo de Mello a Antonio Alvares

Meu caro amigo.—Correu um mez, e este lapso de tempo, que é um zero na ampulheta do universo, influiu immenso na minha vida.

Vou contar-te tudo sem rebuço e com fidelidade.

Arrastado pela frieza marmorea de Violante, cuidava pressentir um vulcão coberto de gelo. A principio sorria-me a idéa de mostrar á bella aldeã que pouco me importava a sua isenção, que entre ella vinha eu armado de Lisboa com o meu scepticismo.... que já agora me está parecendo postiço. Eu que tantas vezes havia clamado contra os enganos do coração mal podia arreceiar-me d'elles, em uma aldeia perdida nas campinas do Minho.

Foi-se porém amortecendo a pouco e pouco a minha confiança e comecei a temer alguma fraqueza indigna dos meus brios de D. Juan. Bem sabes que uma das doenças moraes do seculo é este dualismo artificial entre o coração e a educação. Byron e Espronceda deixaram uma escola, que ainda hoje nos governa e attribula.

Todos queremos confessar-nos superiores ao amor, e dahi essa pugna travada, que mal nos deixa gosar a mocidade, colher os seus fructos, cultivar as suas flores.

Eu mesmo que sou tão amante dos velhos tempos romanescos não aceitara o papel de trovador, que suspira pela sua bella e almeja conquistar-lhe o alvedrio.

Por isso, com sentir-me arrastado para Violante,

tomava-a apenas como um problema, e mal cuidara que a solução d'elle poderia ainda importar o meu futuro.

Chegado aqui, estou a ver-te amarrotar esta carta com violencia, bradando incendido em raiva:

—Bem te dizia eu, pobre Alfredo, desventurado amigo. Ninguem foge ao seu destino, e o teu sempre foi gemer afflicto aos pés de uma serôa. Cuidavas, que podias luctar com a sorte, e caiste em misero engano. Amar! Pois haverá ainda alguem que se deixe levar d'este sonho enganoso! Pois a innocencia arcadica poderá chegar ainda a tanto! Amar é arder, é requeimar o coração em chamma devastadora. Ninguem pense que esse fogo não queima. A vestal que o guarda e o mantem acceso, manchou ha muito a tunica enconsutil no bosque sagrado. Ó mísero Alfredo! Porque te foste prender? Porque não fugiste? Assim esqueceste os meus conselhos? Ignoravas acaso que braços de mulher são liames, que nos enredam e precipitam no abismo undoso, contra o qual não ha luctar?

—Devagar! devagar! respondo eu. Pintas o quadro tão negro, meu velho amigo, que vou lançar luz nas nuvens, que encastellas no meu firmamento. Ouve e socega. Eu não amo ainda, e tenho pena.

Vai-se-me extinguindo a mocidade, como flor que emmurchece com o calor do sol.

A edade viril, como é de uso chamar ao primeiro alvor de decadencia, vem assomando carregada de desenganos. Que refrigerio tenho eu contra elles? Que fogo para derreter os gelos, que se amontoam? Aonde buscar alentos para os tormentos da vida? Aonde, senão em um peito adorado, em um seio de virgem, nessa pyra, cujo fumo é incenso sacratissimo? Não escarneças. A minha doença, a doença de nós todos está na *materialisação* do amor. Amor sensual, exhaure; amor espiritual, alenta. Sansão deixa que Dalila lhe corte os cabellos, e rende-se; Hercules lança aos pés de Omphale a pelle do leão da Nemêa; mas Anteu cobra novas forças quando abraça a terra, e Amadiz obra prodigios e gentilezas.

Se eu portanto lançar para longe o materialismo, que herdei do seculo, poderei ser feliz. Se não, que importa?

Deixa-me porém voltar ao fio da minha narrativa, se porventura as minhas phylosophias não te cansam o espirito.

Firme no meu scepticismo e julgando-me um Achilles invulneravel comecei a dirigir a minha tactica, com a perfidia de um conquistador, que por satisfazer um capricho, não se arreceia de macular o tecto hospitaleiro e preparar um futuro de lagrimas a uma donzella virtuosa, que vive uma vida tão santa e clausural na provincia. Assim nos fez este seculo!

Durante este tiroteio não poupava nenhuma das artimanhas, que é uso empregar, e que aqui podiam ainda *fazer effeito*. Não penses que me constitui um Lovelace ridiculo.

Outro e mais alto era o meu fim, porque queria interrogar aquelle coração.

Assim correram os primeiros dias e devo confessar-te que tudo foi baldado.

A mesma frieza, sempre a mesma indifferença. Um sorriso de desdem, um olhar glacial e limpido, e nada mais E não sei porque cada vez me sentia mais subjugado e vencido.

A noite, junto ao fogão, quando começavamos a rememorar as melhores paginas dos primeiros escriptores, em que elles como que haviam deixado uma parte de sua alma, Violante conservava-se impassivel, rosto erecto, sem uma sombra de sentimento, sem uma scentelha nos olhos, sem um gesto de enthusiasmo, e quantas vezes, depois de me haver deixado librar nas azas da imaginação ás espheras altissimas do affecto puro e immaculado, não me precipitava ella e me deixava aturdido, absorto, estupido, lembrando-se derepente de uma minucia caseira, das horas do chá, da lenha para o fogão? N'esses momentos crescia-me uma raiva concentrada; quizera abrir-lhe o peito e ver latejar-lhe o coração nas minhas mãos ensanguentadas. Outras vezes é ella quem me induz e arrasta e obriga a conversações intimas, em que a alma se alarga e expande e então ou sorri ou fica pensativa e suspira contemplando o brazido.

Assim continuavam os nossos serões, interrompidos ás vezes pelas narrativas do velho fidalgo, que muito se deleitava em contar as suas campanhas e os feitos de seus avós.

O tempo estava chuvoso e carrancudo.

A athmosphera nublára-se com a minha chegada; caíam os primeiros choviscos, que succedem ás chuvas torrenciaes do inverno e precedem o bafejar da primavera. Os campos alagados não permittiam caçadas, para que o meu hospedeiro me andava convidando todos os dias. São terriveis para um namorado estas clausuras forçadas frente a frente arca por arca com o objecto amado. É brincar com o fogo, que nos queima, é aguçar o cutello, que ha de decepar-nos.

E eu sinto-me cada vez mais prezo, sem poder desatar os laços, que me enleim. Não julgues que goso esses extasis sublimes do primeiro amor. Julgo-me velho para isso. Amofino-me, porque começára por um brinquedo, o qual se volta depois contra mim. Tal é o meu estado digno de lastima. Não a amo por ora, como usavam os trovadores, antes me rebello contra essa idéa, que ainda ha poucos dias me fazia sorrir. Vejo porém que se aproxima a crise, para a qual não estou preparado. Se Violante não se apresentára tão diversa do que eu pensava, por formosa, que seja, não teria poder para me encantar. Mas levado pela curiosidade quiz estudal-a de perto, e afinal parece-me que virá a acontecer-me como a Plinio, que para estudar o vulcão, debruçou-se da cratéra, e caiu na lava de fogo. Já me lembrei de fugir, mas fôra cobardia. Antes quero morrer no meu posto, como soldado fiel á bandeira. Teu verdadeiro amigo — Alfredo de Mello.

A prudencia junta ao valor triumpha dos maiores obstaculos.

BEATRIZ

Escusado é dizer quem murmurava
Este canto de amor; por mais virtude
Que o leitor tenha em si, eu perco tudo
Que é possivel perder, se não é certo
Que já desconfiou de quem soltava
Estas palavras ternas e amorosas.
Fica, portanto; assente que a condessa,
A despeito de tudo amava Jacques.
O que mais succedeu depois do canto
Que acabamos de ouvir, é ponto serio
Que não ouso tocar; demais a noite
Era escura e sombria, e os dois amantes
Vagavam no mais denso da espessura
De um copado jardim. Oh! quem podera
Ouvir quantos suspiros maviosos
O vento repetiu, quantos protestos
De infinita paixão soaram brandos
Entre os ramos em flor da larangeira!—

Deixai, deixai viver quem ama e sente
Bater o coração ebrio de affecto;
Deixai colher as rosas, que despontam
Neste duro pragal, chamado a vida;
Deixai gosar, o goso é quanto resta
Ao que tem alma, e farto d'este mundo,
Inda pode sonhar com o paraiso!
Que importa o mais? Eu quero em minha fronte
Uma c'roa de lyrios, em meus braços
O meu anjo infantil, sobre os meus labios
Um beijo ardente e longo, e o mundo inteiro
Que desabe em redor: feliz e altivo
Hei de viver de amor entre as ruinas!—

XI

O certo é que a condessa amava Jacques,
E o conde nem de longe suspeitava
Esta infame paixão; verdade seja
Que a esposa encantadora já não tinha
O mesmo agrado e affecto como d'antes;
Mas, que eu saiba, ninguem se atreveria
Por mudança tão leve a ter vislumbre
De uma idéa ruim. Passava o tempo,
As visitas de Jacques repetiam-se
Cada vez mais, os animos alheios
Iam sentindo já de vez em quando
Seus momentos de duvida; a má lingua
Começava a grassar na visinhança.
Beatriz pensou, viu, bem que era impossivel
Viver assim, fingindo, atraiçoando,
Mentindo a cada instante; era preciso
Remir-se, pelo menos, d'esse crime
Da traição desleal — que lhe restava?....
O que fazia alli?... pois não temia
Que, desfeita a illusão que inda enganava
O velho conde, subita procella
Desfechasse nos dois horridamente?....

Pensou, viu tudo, combinou mil casos,
Meditou largamente, e sempre ao cabo
D'essas cogitações, vinha-lhe á mente
Affastar-se d'alli, fugir, roubar-se
Aos affagos do esposo, e só com Jacques
Entre arrobos de amor passar a vida.
Esta idéa, de certo, era a mais prompta
Que podia acudir a quem se visse
Na posição terrivel da condessa;
Sei que as coisas, levadas d'outro modo,
Podiam vir a dar n'um resultado
Muito melhor, talvez, e até mais proprio.
Mas a pobre mulher que só peccara
Cega de amor, que ouvia a consciencia
Condemna-la na voz de seu marido,
Inda tinha a loucura imperdoavel
De julgar, que, mostrar-se a todo o mundo
Tal qual era, decerto era mais digno
Do que fingir pureza, quando n'alma
A pustula da infamia ia lavrando!—

Assim foi; certo dia, a desgraçada,
Entre lagrimas tristes, disse a Jacques
Que era myster partir, irem sosinhos
Viver longe do mundo, não sentindo
O rumor da procella que já perto
Começava a rugir; elle, beijando-a
Na face desmaiada, disse apenas
Co' um sorriso de amor: — «Oh! sim, querida,
«É preciso partir, sou teu, és minha»
Pouco tempo depois ambos viviam
Na mais doce união, na paz mais doce
Que podemos sonhar; o ceo banhava-os
De luz e de prazer, e as brandas horas
Deslisavam serenas, como um rio
Entra o frescor e o cheiro das boninas.

O conde, o pobre conde retirara-se
Do bulicio do mundo; e alguem dizia
Que, pungido de magoa, ultimamente
Fora—coitado—recolher-se a Trappa,
E devorar no horror o fel da vida.
O certo é que partira; onde parava
Não posso já dizer, porem suspeito
Que a balela da Trappa é sem verdade.
Isto é fallar de mais; eu deveria
Conservar o mysterio até ás ultimas,
Cobrir com um veo de nevoa as peripecias
Que tenho a relatar, baralhar tudo,
E assim ganhar terreno onde podesse
Mostrar no desenlace os meus recursos.
Isto manda o bom siso, e os grandes mestres,
Que valem muito mais; mas eu não posso,
Seja dito afinal, não posso nunca
Prender-me em grande acção, aproveitar-lhe
Quanto ella tem, torcel-a e reviral-a
Em trato de polé; toco-a de leve,
Tomo apenas a flor, vou pela rama,
E acabo exhausto e farto; estou no caso
Do bom de La Fontaine:—«As grandes obras
Nunca as pude tragar; tenho-lhes medo!»—

Continua.

E. A. Vidal.

PRISÃO DE AMOR

Traducção de um epigramma grego

Um dia, cortou ella um só cabello
da longa e fina trança d'ouro bello,
e as duas mãos com elle me ligou.

Deixei ligal-as; e sorri-me, quando
vi facil o quebrar o laço brando,
com que a travessa minhas mãos atou.

Mas quando de tão fragil embaraço
me quiz livrar, achei que o brando laço
n'uma dura cadeia se tornou.

Vizeu, outubro de 65.

Candido Figueiredo.

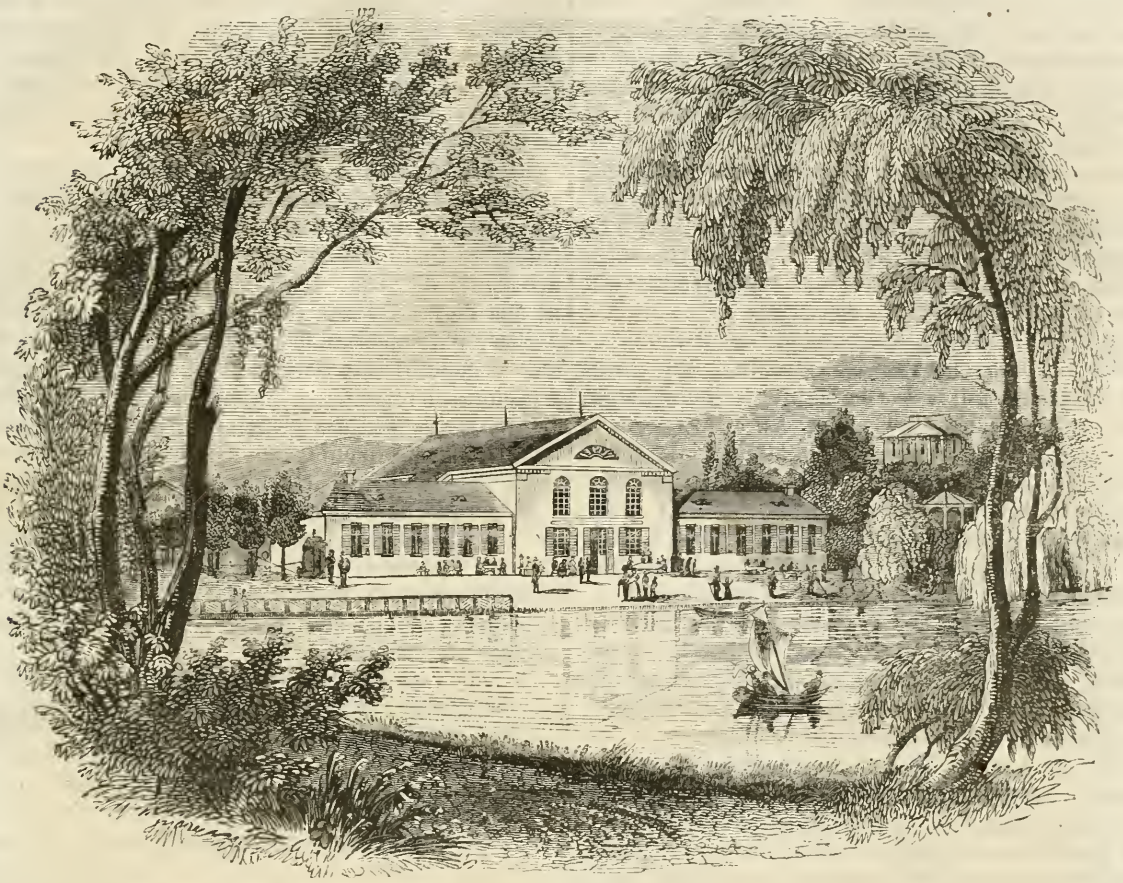
Não é bastante o ser justo, é preciso ser beneficente.

É o espirito que deve de ser a regra do nosso procedimento e o guia das nossas acções.

Sallustiro.

A virtude é a unica cousa que se não dá e que se não recebe. Marius

Typ. Franco-Portugueza. = Rua do Thesouro Velho, 6.



WIESBADEN E SEUS CONTORNOS

Wiesbaden, celebre por suas aguas mineraes, e aonde todos os annos concorre um grande numero de estrangeiros, é uma das mais conhecidas cidades de Allemanha. Foi fundada, um seculo antes da era christã, pelos Ubianos, pequeno povo da Germania, que d'ella fizeram a sua capital. Não existe historia d'este povo: apenas d'elle se sabe o pouco que disseram os romanos, com os quaes havia feito alliança.

Parece que as nascentes de agua quente de Wiesbaden eram já conhecidas dos romanos no tempo das suas primeiras guerras no Rheno; Plinio falla d'ellas no seu tratado de historia natural, escripto oitenta annos depois de christo: «a agua, diz elle, trez dias depois de tirada da nascente, ainda está quente».

Os principes do ducado de Nassau, cuja capital é Wiesbaden, descendem da antiga familia de Laurenburgo, que reinou por muito tempo sobre as duas margens da ribeira de Lahn. O castello onde residiam, e que tem o mesmo nome, ainda existe; eleva-se no cume de uma montanha situada na margem esquerda da ribeira de Lahn, quatro leguas distante do Rheno.

Wiesbaden contem um grande numero de antiguidades romanas; as mais notaveis são um muro de quinze a vinte pés de altura, que out'rora servia de cerco á cidade, e muitos banhos perfeitamente conservados. Estes banhos teem noventa pés de de comprimento, sobre dez de largura e cinco de profundidade; os tanques são construidos de cantaria, e o fundo forrado de tijolos quadrados em muitos dos quaes se veem as iniciaes da 22 legião romana. Nos arrabaldes da cidade teem-se encontrado quasi todos annos um grande numero de tumulos inscripções, etc.

A meia legua de Wiesbaden, existe um sitio, no meio de um bosque, onde repousam, dizem, as ossadas dos Ubianos e dos Mattiacos: «*Sepulcrum cespes erigit* (Tacito).» Por detraz d'este cemiterio eleva-se o Néroberg, ou monte de Néro, sobre os flancos do qual se vêem ainda as ruinas de um palacio romano. Segundo a tradição, estendia-se um vasto parque sobre esta montanha, que comprehendia em seu ambito a floresta que cobre o Taunus. Quasi todos os cumes d'este monte são coroados por grandes pedras, restos de forticações levantadas pelos povos antigos da Germania para se defenderem contra os ataques dos romanos. É obra dos Ubianos, ou dos povos que os precederam n'este paiz? É o que se não sabe. É provavel que estas construcções fossem não somente um meio de defeza, mas que servissem tambem de limites e de linhas de demarcação. São ellas, sem duvida, que deram aos romanos a idéa da famosa muralha (Teufelsmaner, ou muro do diabo) e do immenso fosso que se estendia desde o Rheno até ao Danubio.

Wiesbaden deve os seus primeiros aformoseamentos ao duque Frederico Augusto. O Kursaal, começado em 1808, é o mais notavel edificio da cidade; existe n'elle uma salla que, pela sua grandeza e decoração, pode rivalisar com as melhores de Pariz e de Londres. O theatro, construido na mesma praça em que se acha o Kursaal, não cede, pelo gosto da sua architectura, pela riqueza de seus ornamentos, á nenhuma outra construcção d'este genero. A grandeza do salão foi calculada sobre o numero dos habitantes e dos estrangeiros que alli vão passar a estação das aguas.

Ha vinte annos, a nascente principal de Wiesbaden era rodeada de uma muralha; hoje brota em liberdade no meio de um passeio delicioso, centro de reunião de todos os estrangeiros e não menos frequentado dos habitantes da terra. Todas as manhãs, das cinco ás sette horas, uma orchestra numerosa se colloca em um ponto qualquer do passeio, e, bebendo a agua quente, doentes e curiosos teem o prazer de ouvir as arias mais melodiosas de Weber, Weigel e Mozart, desempenhadas como só se desempenham em Allemanha. Esta musica e o ar fresco da manhã contribuem, quasi tanto, estou certo, para a cura dos doentes, como a enorme quantidade de copos de agua que os fazem beber todos os dias.

Em Wiesbaden ha quatro nascentes principaes e onze secundarias que fornecem a agua para todas as casas de banhos. A mais abundante é a chamada Kurbrunnen. A agua d'estas nascentes deposita, como Plinio já o havia notado, uma pedra muito semelhante á pedra pomes, e á qual se dá o nome de *sinter*; no museo da cidade existem bellas amostras crystallisadas. Os elementos principaes das aguas de Wiesbaden são o carbonato de cal, magnesia, hydrochlorato de soda, hydrochlorato de cal e de magnesia, sulphato de soda, algum aluminio e algum ferro dissolvido no carbonato de soda. Comtudo, estas substancias variam segundo as differentes nascentes. É preciso um espaço de trinta e seis horas para que, exposta ao ar, a agua arrefeça; forma-se então sobre a sua superficie uma pellicula fina, branca, composta de cal pura. Os medicos recommendam as aguas de Wiesbaden ás pessoas atacadas de rheumatismo chronico, gota, paralysia dos membros, doenças metasticas, sarnosas ou herpeticas; ellas teem sobretudo muita virtude contra os abscessos e doenças cutaneas.

Todos os estrangeiros que teem visitado Wiesbaden não se cansam de gabar os seus arrabaldes e, certo, que em todo o elogio que possam fazer não exageram. O que haverá mais lindo, por exemplo, que Dietenmuhl? Um caminho areiado, bordado de flores, que parte do passeio de Kursaal, conduz aquelle delicioso retiro. Um pouco mais longe, a meia legua da cidade, estão as ruinas do castello de Sonnenberg (montanha do sol) que se elevam magestosamente sobre um rochedo e dominam a linda aldêa do mesmo nome. Diz-se que nos tempos antigos havia sobre este rochedo um templo consagrado ao sol. Seja como fôr, é certo que o castello, cujas ruinas existem, foi construido pelos fins do seculo XII; mais tarde serviu de habitação aos condes de Nassau, e o imperador Adolpho engradeceu-o e fortificou-o. Foi devastado durante as guerras que o paiz teve de sustentar no seculo XIII contra os suecos e pelos fins do seculo XVII contra a França.

Riébrich, residencia do duque de Nassau actual, acha-se a uma legua de Wiesbadan. O castello que se eleva na margem direita do Rheno, é construido ao estylo moderno e apresenta um magnifico ponto de vista. D'alli se vê o Rheno, quasi na sua maior largura, coberto de uma multidão d'ilhas, e de um grande numero de embarcações de todo o genero; ora, barcos a vapor passando com a rapidez do relampago, ora navios mercantes, ora barcos pequenos, ora grandes jangadas, andando lenta e vagarosamente, que servem para o transporte das madeiras das florestas de Allemanha.

O parque de Biébrick rivalisa com o que ha de melhor n'este genero; é um passeio deliciosamente variado. Nota-se alli sobre tudo um pequeno castello imitando a archictetura da idade media e edificado no meio de um lago, n'um sitio admiravelmente romantico.

A aldeia de Schierstein é celebre pelo seu vinho excellente, designado pelos nomes de *lacrima diaboli* ou *lacryma infernalis*.

A GALATÉA MODERNA

Por A. OZORIO DE VASCONCELLOS

IV

D. Violante á baroneza do Alpedral

Minha querida.— Estou infernando de invejas. Dês que li a tua ultima carta, não socégo, não durmo, vivo em perpetua exitação. Porque motivo descreves com tão vividas cores o ultimo baile do club, as *toilettes* explendidas, a orchestra encantadora, as walsas rodopiantes, o coquetismo sentimental, todas essas vertigens, todo esse oceano de prazeres, e gosos olympicos, em que tu fluctuas docemente embalada pelas brisas lisongeiras? Porque motivo, infernal amiga, feiticeira encantadora, me estás mostrando a taça de oiro, aonde te embriagaste, aonde sugaste com labios voluptuosos o licor divino, que te deu extasis de huri, sonhos igneos, visões queimadoras? A walsa, a walsa! Quem me dera revolutear endoidada, sem tino, sem pezo, sem tocar o chão, arrastada pela orchestra que ora freme em paroxismos agudos, ora se desentranha em queixumes valentes, furibundos, loucos, como a maldição do Adamastor! Quem me dera respirar as lufadas ardentes do baile, sorver uma a uma as lavas d'esse vulcão, tisnar-me sem dó nos lumes de gaz, luctuar, fluctuar no redomoinho immenso! E depois que me importava a morte! Mais vale uma noite assim, do que a vida aqui, n'estes cerros malditos, ouvindo o balar queixoso das ovelhas, que pastam nas campinas. A vida bucolica! Pois ha coisa mais monstruosa e aborrida, do que contemplar o riacho, que corre sob os salgueiros! Se eu ao menos podesse ser nympha dos bosques! Mas até as dryadas fugiram espavoridas, e já não

ha tentar homens nos recessos namorosos! A vida é essa, é a que vive ahi. A vida é respirar a athmosphera de fogo, é surgir radiante cingindo uma auréola luminosa, e cegar os lisongeiros, que se rojam e pedem uma scentelha, que os allumie nas trevas do seu amor. A vida é sentir em pouco tempo um seculo de gosos, é arrojar lama aos que passam e pedem a esmola de um olhar, é caminhar ávante e dar a morte em um sorriso.

A vida é a walsa vertiginosa, louca arquejante. Que monta morrer depois, á saida de um baile, exhausto de forças, açoitado pela brisa gelada da noite, se calcamos flores, se deliciamos na febre da dança, e se o ultimo passo da derradeira walsa nos arrojou á sepultura!

Ah! mesmo n'esta solidão, aonde chegam apenas esmorecidos echos d'esse tumultuar de folgança, sinto pular o coração ancioso, quando me descreves os encantamentos da tua vida. Quizera acompanhar-te... e não posso. Que supremo desespero! Não posso! Que tormento santo Deos! Preso a este recheio, como Tantalo, vejo os fructos a lourejar por entre a ramaria, e se acerto de estender a mão, para os colher, encontro o vacuo, a solidão, a clausura, o tedio.

Para que nasci? De que me serve ser linda, como dizes nas tuas lisonjarias, de que me serve o meu rosto de fada, o meu olhar languido, o meu seio arquejante a minha cinta breve e flexivel se hei de morrer aqui n'este cantinho do mundo, rouxinol perdido no deserto, flor secca na estufa? Oh! mas não. Venha a lucta, acceito o repto da desgraça. Constrange-se o coração. Seja o amor... mercancia. Extinga-se o pranto, acabem as insomnias de moça gentil, que entrevê o paraiso e devaneia delicias ineffaveis. Amor! Aventemos para longe esse fardo pezadissimo, essa corôa de espinhos, que nos dá a realeza na escravidão. Sejamos mulher como o seculo a fez.

A Galatéa não vive nos bosques, antes se refugiou nas salas Pois serei a Galatéa moderna... como tu, querida baroneza, que attraes os teus admiradores para os queimar depois. Serei *coquette*. Cada sorriso meu será mordedura de cupido em coração de homem. Reinarei, sim, mas encostada ao braço de um escravo. E esse escravo... Custa-me a escrever o nome d'elle. Sinto calor nas faces. Tenho pejo. Que creancice! Vou ver-me no espelho. Credo! Como o rubor me tingiu o rosto. Pareço uma romã. E então! Não estou a namorar-me a mim mesmo! Serei tão bonita, como dizes? Como os meus olhos scintillam nas orbitas! São negros, negros e brilhantes, como carvões, que chispam na escuridão. E choro e rio ao mesmo tempo! Ora me parece que suffoco, ora julgo fluctuar na amplidão.

Isto é loucura! Se Alfredo me visse! Ah! Eil-o que chega. Deixai-me esconder esta carta. Combatamos!

. . . . . .

Que escaramuça! Foi guerra de guerrilhas, foi um tiroteio continuado e regular, em que elle ficou mal ferido. Estou a ler immensa curiosidade nos teus olhos maganos. Ouve pois:

Alfredo vinha melancolico e trazia o Dante, porque queria tomar-me a lição de italiano. Travou-se a conversação. Eu estava preparada. O theatro representa uma saleta arruinada, com duas grandes janellas no fundo, uma banca de mogno antiga, de pés salomonicos e gavetões cheios de pergaminhos velhos, que são os titulos da familia. Eu estou assentada em cadeira enorme, com ademanes da heroina das cruzadas, rosto erecto e grave ligeiramente encostado á mão. Alfredo assenta-se n'outra cadeira, a uma distancia rasoavel sem se atrever a passar a linha de respeito. Olha o Dante, folheia-o com ardor, olha para mim, como um meirinho inquisitorial dos velhos tempos, e pergunta emfim:

—Já estudou a lição? Venho hoje muito rigoroso.

Estou por um pouco a perder o serio, que guardo com muito custo, e respondo zombeteira:

— Por favor, primo, esqueceu-lhe a palmatoria. O seu Dante é de uma difficuldade pasmosa, e quando entendo alguma coisa do *Inferno*, tenho pesadellos de noite. Prefiro Petrarca.

— Petrarca, esse eterno chorão, cujas lagrimas ainda alimentam a fonte de Vaucluse, Petrarca, essa creança, que morreu senil, sem nunca apertar nos braços a Laura, que o inspirou! Confesso, prima, que Petrarca chega a causar dó.

—Petrarca, é modelo de encantos, como eu os comprehendo, e como o primo *deve* comprehendel-os.

— Como *devo*... oh! Parece-me que não ouvi bem.

— Perfeitamente. Quem tanto se compraz na vida campestre, não é muito que suspire debalde toda a vida atraz de Galatéa. Pergunte ao amor, quando suspirou nos bosques e agitou as cordas da harpa éolia, se s'importa que os sylphos o oiçam. O vento suspira, porque é esse o seu destino.

Assim devem fazer os poetas da sua tempera, assim faziam os trovadores nos seus queixumes do amor, assim fez Petrarca, assim deve fazer o primo. Ser Melihen só para comer castanhas e beber leite fresco e lembrar os explendores de Roma... para isso não valia a pena esse seu rosto sombrio e melancolico, que lhe fica a matar. Qualquer minhoto namorado é Melihen, quando acerta de encontrar Galatéa esquiva e louçã.

— Com que então, segundo o que a prima diz, eu estou namorado.

— Isso é exagerar horrivelmente as minhas palavras. Não sei se está namorado, nem mesmo quero sabel-o.

—Na sua idade, prima, sabel-o é causal-o, bradou Alfredo erguendo-se e fitando-me singularmente.

—Deixe-me rir, primo. Desculpe este riso intempestivo, mas estou hoje muito nervosa... Com que então... Não, não quero sabel-o. O primo não pode estar namorado, e se o estiver, faça como Petrarca. Suspire e faça sonetos, invoque as musas.

Immortalise as dryadas da fonte fresca, que aguarda ha seculos o seu Petrarca. Aquella fonte fresca, tão romantica, tão cheia de poesia, com o seu olmeiro carcomido pelos annos, com os queixumes da sua lympha cristallina, com os seus limos verdejantes, com o seu tapete de relva, com o seu penedo de granito ao lado! Por Deus! primo, improvise um soneto á fonte fresca. Olhe, já lhe dou o principio:

Formosas dryadas da fonte fresca
Vinde espreitar á beira do cristal!
Ouvi, ouvi queixumes de um zagal
Que se fina de amor, de noite á fresca.

Não. Isto assim não vae bem. Não ha rima para *fresca*. Emfim, improvise o soneto como quizer, e póde começar os versos por letra pequena, porque não hão de confundir-se com prosa.

Alfredo ficou aterrado. Não sabia como responder aos meus ataques.

O pobre rapaz estava arrependido da sua poesia bucolica. Afinal, passado um momento rapido, exclamou:

—Está enganada, prima. Se por acaso quizesse recorrer á mythologia grega para exprimir os meus amores, e caisse no immenso ridiculo de tocar a frauta pastoril ia sentar-me á beira da fonte e mirando-me a mim mesmo, diria, como Narciso, e em prosa «Podes fugir, Galatéa, que não te sigo nem persigo.»

—Devéras! Isso é que é ter caracter.

Pois o primo havia de estar sempre a mirar as proprias feições!

—Se encontrasse a Galatéa e vivesse nos formosos tempos, a que a prima quiz transportar-me, preferira a parvoice de Narcizo.

—Com que então o primo não é Melihen.

—Nem mesmo como castanha pilada.

—Aborrece portanto Petrarca.

—Petrarca é o rei dos trovadores da meia edade.

—Logo não é trovador tambem.

—Ah! Já sei! É D. Juan.

Alfredo soltou uma gargalhada, e exclamou:

—Não sou nada. Sou o seu mestre de italiano, sou seu primo muito respeitoso. Vamos pois á lição.

Eu estava zangada com Alfredo. Não podia conciliar a attenção. A manhã corria chuvosa e carrancuda, o ceu toldava-se de nuvens negras, que corriam impellidas pelo sul gemedor. Os arvoredos descarnados abanavam os troncos. Não sei porque caí derepente em um accesso de melancolia. Sou verdadeira. A actriz tinha desapparecido, e fiquei qual sou, creatura debil, amoravel, e triste, vivendo na solidão, açoitada pela desgraça, sem um seio de mãi, aonde repousar nas horas da angustia, sem um carinho, sem um osculo de amor casto e santo, sem uma visão consoladora, sem um echo simpathico no meu isolamento, sem animo para encostar a cabeça dolorida. Começei a chorar amargamente. Não pude conter o pranto, por mais que quizesse. Quizera reter os soluços, embora o coração ficasse morto para sempre; quizera secar o pranto ainda que depois me affogasse n'elle. Ah! mas não pude. A dor era immensa e fôra exacerbada pela propria zombaria. O sarcasmo irritante que mostrára, tinha provocado o choro, e foi em prantos, que traduzi o celebre terceto de Dante, esse grito sublime de um coração que se parte de saudade, e geme em ferros de desventura:

Nessum maggior dolore
che ricordarsi del tempo felice
Nella miseria.

Alfredo fitou-me outra vez. Tremia-lhe a falla, os seus olhos tambem estavam humidos. Travando-me da mão, disse n'um impeto:

—O que tem Violante?

Eu ergui-me e tirei a mão d'entre as d'elle. Encostei-me ao peitoril da janella, contemplando a natureza morta e nua e profundamente melancolica, ciciei:

—Olhe primo, como tudo respira saudade e tristeza. Parece que todos os ruidos das campina se unem e formam um gemido plangente. Eu tambem sinto saudade. Só tenho saudades de minha mãe. O terceto de Dante pinta o estado da minha alma.

—Tudo tem remedio, respondeu Alfredo.

—A saudade não o tem. Pelo menos não o quero nem o acceito.

E sai zangada da minha fraqueza, odiando Alfredo do fundo da alma, e jurando vingar-me. Agora sou outra vez o teu diabrete —VIOLANTE.

(*Continua.*)

SEPULTURA DE GIL VICENTE

O gran juizo esperando,
Jaço aqui nesta morada;
Tambem da vida cansada
Descansando.

Pergunta me quem fui eu,
Attenta bem para mi,
Porque tal fui como ti,
E tal has de ser como eu,
E pois tudo a isto vem,
O leitor, de meu conselho,
Toma-me por teu espelho,
Olha-me e olha-te bem.

Os Athenienses, segundo affirma Alexandre de Alexandro, livro 3°, tinham lei, que condemnava á morte o rei, que com demasiado vinho se alienasse. Os Indios, de que escreve Atheneo, cujo rei davam em guarda a certo numero de donzellas, ordenaram que, se alguma d'aquellas o achasse com vinho demasiado fóra do seu juizo, e o matasse, esta fosse despozada com o successor a quem vinha o reino. Os Macinenses, como o seu rei fazia algum erro no governo, não lhe davam de comer aquelle dia. Os Persas faziam ao seu rei estar escondido no interior das casas, para nem ver mulheres, nem ser muito tratado dos homens, como conta Herodoto, livro 3°.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO.

Acontece muitas vezes tomar-se uma paixão natural por uma virtude moral.

O MANNÁ

O *Manná*, (*Manna, Ros calabrinus*) assim chamado por allusão ao milagroso sustento que Deos enviou aos Israelitas no deserto, é uma substancia *sui generis*, concreta, assucarada, laxante, inodora quando fresca, que transsuda de muitas especies de freixo e principalmente do *Fraxinus ornus* e do *Fraxinus rotundifolia*, arvores que vegetam em toda a Europa meridional, especialmente na Calabria e na Sicilia. O manná escoa-se naturalmente pelos poros da epiderme e pelas fendas da casca; para obtel-o, porém, em maior abundancia, praticam-se profundas incisões na parte superior e sobre um dos lados do tronco da arvore que se quer explorar.

Tres são as especies de manná que se distinguem no commercio. O mais puro denomina-se *Manná*

em lagrimas (*Manna lacrymata*, *Manna canolo*); é em pedaços alongados, leves, irregulares, mui friaveis, de um branco amarellado, aspecto crystallino ou granuloso, sabor doce, assucarado, um pouco enjoativo. *O Manná em grãos* ou *commum* (*Manna granulosa*, *Manna communis*) compõe-se de pequenas lagrimas agglutinadas por um liquido viscoso; tem um sabor mais assucarado que o precedente, mas o cheiro é nauseabundo. O que vem da Sicilia chama-se *Manna geracy*, e o que provém da Calabria *Manna capacy*. O *Manná pingue* ou *inferior* (*Manna pinguis*, *Manna sordida*, *Manna spissa*) tem o aspecto de massa molle, glutinosa, cheia de impurezas, taes como fragmentos de vegetaes, terra, areia, etc; é mais nauseabundo que o manná commun e o sabor assucarado é muito desagradavel.

O Manná é soluvel em agua e em alcool. Além do assucar amorpho e da gomma, encerra uma materia branca e crystallina, a que se dá o nome de *Mannita*, que é o seu principio chimico caracteristico, e um principio nauseoso ao qual se attribuem as suas propriedades medicas. A mannita, não obstante o seu gosto assucarado e a anologia da sua composição com o assucar ordinario, não é susceptivel de fermentação alcoolica. Obtem-se dissolvendo o manná em alcool fervente e redissolvendo em novo alcool o precipitado que se forma pelo resfriamento. Comtudo a mannita não pertence exclusivamente ao manná; encontra-se tambem nos sucos transsudados por certas cerejeiras, macieiras, em algumas especies de cogumelos, algas etc.

O manná em lagrimas emprega-se como purgativo doce. Entra em muitas preparações pharmaceuticas taes como pastilhas de Calabria, marmellada de Tronchin. etc. Algumas vezes é substituido pela mannita. O manná commun applica-se mais particularmente em crysteis. O maná inferior não tem hoje serventia entre nós.

Quanto ao *Manná* que sustentou os Israelitas no deserto, diz-nos Moyses (Exod., XVI) que apparecia de manhã como o rocio, e que a terra se achava coberta de grãos miudos semelhando orvalho congelado. O historiador sagrado accrescenta que o manná tinha a forma da semente de coentro branco e que o gosto era da mais pura farinha misturada com mel. Cada Israelita recolhia um *gomor* (pouco mais ou menos 2 litros,) e o manná derretia-se e desapparecia desde o momento que o sol aquecia o terreno.

Além disso, o manná amontoado corrompia-se no fim de vinte e quatro horas, de sorte que era preciso renovar a provisão todos os dias. Entretanto, na vespera do sabbado, faziam duplicada colheita, afim de não trabalharem no dia consagrado ao descanço, e então o manná podia-se conservar pelo espaço de quarenta e oito horas. Diz-se tambem, que o povo costumava pizar o manná sobre uma pedra ou almofariz, cozia-o depois e fazia d'elle bollos, cujo sabor era de pão amassado com azeite. As particularidades tão precisas em que entram os livros santos tratando do manná, fazem ver, mui claro, que era um sustento verdadeiramente milagroso enviado todos os dias por Deos ao seu povo. Todavia uma multidão de auctores teem procurado destruir a idéa de milagre attribuindo o facto a um simples phenomeno natural. Pelo que, a maior parte, d'estes escriptores tem identificado o manná com a materia que distilla de certas plantas leguminosas. Alguns teem avançado que o manná era uma especie de musgo conhecido pelo nome de *Parmelia* ou *Lecanora esculenta*, que nos desertos do Oriente, costuma apparecer subitamente, de tempos a tempos, sobre uma vasta extenção de terreno. Eis aqui uma noticia curiosa publicada ha annos em uma revista scientifica:

«Alguns jornaes teem annunciado que no districto de Jenicheher, Asia menor, caiu do céo, no mez de janeiro, uma grande quantidade de manná em pedaços do tamanho de uma avelã, que sepultou a terra sob uma espessura de 3 a 4 pollegadas, e que os habitantes se sustentaram durante muitos dias. Este manná fornecia uma substancia muito branca; mas o pão, que d'elle faziam era insipido. O mesmo phenomeno se tinha já dado no mesmo logar em 1841. Por muito estranho que pareça este facto, não póde deixar de ser attribuido a causas perfeitamente naturaes. Os exemplos da apparição repentina de uma materia comestivel, que parece cair da athmosphera, já na Asia, já na Europa, não são muito raros. Todas as vezes que se tem observado esta substancia, tem-se reconhecido que não é outra coisa mais do que uma especie de musgo, *Parmelia esculenta*, cujo tecido muito succulento póde ser comido pelos animaes. Leveillé, na sua viagem á Criméa, encontrou-a em grande quantidade á superficie do solo, apresentando alli uma côr cinzenta e formando pequenos montinhos. Observando um grande numero de especies d'este singular vegetal, achou-as sempre livres e separadas do solo, e nunca póde conhecer-lhe pontos de ligação de sorte alguma. Aucher Eloy, na sua viagem á Persia, tambem viu e mencionou um facto do mesmo genero. Emfim, os jornaes nos tem dado a saber que, no tempo da expedição do schah da Persia contra Hérat, os habitantes d'esta cidade acharam e recolheram em grande quantidade, sobre a superficie do solo, uma substancia inteiramente semelhante, que lhes serviu de alimento por muitos dias, e a qual se resolveram a comer vendo as cabras sustentarem-se d'ella. N'estes differentes exemplos, como tambem no facto recentemente observado em Jenicheher, o maravilhoso manná não é mais do que uma especie de lichen que os ventos conduzem em grande quantidade para deposital-o depois a uma distancia mais ou menos consideravel».

Seguramente, o phenomeno da apparição d'este Lichen offerece uma analogia singular com a do manná dos Israelitas; mas, ainda assim, identificando-se este ou com o manná da Tamargueira, ou com o *Parmelia esculenta*, não póde deixar de se admittir a intervenção milagrosa do poder divino, dando-se credito á narração de Moysés. Effectivamente, como se póde explicar, sem isso, que as Ta-

maris do deserto fornecessem manná sufficiente para sustentar perto de dois milhões de homens durante quarenta annos, ou que o phenomeno d'esta queda de lichen se reproduzisse exactamente seis vezes por semana durante o mesmo periodo de tempo?

A etymologia da palavra *manná*, em hebraico *man* é muito incerta. «*Man*, diz Bergier, é um monosyllabo primitivo que, nas linguas antigas e modernas significa: alimento, sustento. A dizer a verdade, Moyses parece applicar este nome ao espanto dos Israelitas que, vendo o manná pela primeira vez, disseram: *Man hu*, o que é isto? Mas o texto hebreu é susceptivel de outro sentido.»

O REINO DE DAHOMEY

O abbade Borghero, superior da missão do Dahomey, na sua volta á Europa em julho de 1865, forneceu as noticias mais interessantes sobre aquella celebre região. Sabe-se, com effeito, que Dahomey é um ponto de Africa, onde o trafico dos escravos ainda hoje tem logar em tão larga escala como nas margens do Nilo Branco. Sabe-se igualmente que aquelle paiz é o mais sanguinario do mundo, gemendo sob um despotismo sem limites e sem compaixão. Os sacrificios humanos alli são um uso religioso, um costume nacional. Se o rei os quizesse supprimir, os subditos vociferariam contra a heresia e reclamariam a conservação das suas santas tradições!

Já, em 1863, M. Borghero tinha dado nos *Annaes da propagação da Fé*, uma noticia circumstanciada da sua viagem à capital d'aquelle reino barbaro, chamada *Abomé* ou *Agbomé*, e da sua recepção pelo rei. Começaremos, pois, por extrair d'esta narração alguns dos pontos mais importantes e completaremos o nosso artigo com as communicações recentes de M. Borghero á *Sociedade de geographia* de Paris,

Para se chegar a Abomé atravessa-se uma floresta de vinte leguas de largo, cuja estrada é aberta a machadadas. Esta floresta compõe-se de pequenas mangueiras, algodoeiros gigantescos, palmeiras de differentes especies. O algodoeiro, que attinge algumas vezes uma altura de quarenta metros, é objecto de um culto particular.

Os negros de Dahomey, no que diz respeito a agua, estão em peiores condições que os habitantes de Paris. Não fazem poços, mas contentam-se com a agua lodosa e esbranquiçada que se junta em covas pouco profundas. Mesmo na capital a agua é pessima e cara, porque é preciso ir buscal-a muito longe. Só o rei tem direito a beber de uma fonte cuja agua é um pouco transparente.

Além de Allada estende-se uma zona pantanosa que tem perto de 100 kilometros de largura. Os conductores das machilas atravessando os pantanos esterram-se muitas vezes até aos rins, o que dá não pequeno trabalho para se desembaraçarem. Perto de Cana, cidade santa de Dahomey, encontram-se muitas aves, entre as quaes se nota uma do tamanho de uma gallinha, que se assemelha á pequena aguia dos Alpes; vêem-se tambem pombos de rara belleza, e outros passaros de esplendida plumagem mosqueada de azul, verde, vermelho e violeta.

A caravana de M. Borghero chegou a Abomé pelas cinco horas da manhã, e parou no meio da rua, não longe de um immenso algodoeiro, cuja sombra formava uma barraca natural. O principe Choudato avançou a cavallo, armado convenientemente, e andou tres vezes com a sua escolta em roda do algodoeiro, saudando-o respeitosamente. Dous cabécéres (altos funccionarios) apresentaram-se depois a M. Borghero offerecendo-lhe aguardente da parte do rei. A aguardente é o verdadeiro deos d'estes negros.

Acompanhados da sua escolta de honra, os missionarios chegaram á frente do palacio real, que não é mais do que um vasto recinto de tres kilometros de circumferencia, cheio de casas que outro tempo foram coroadas de craneos humanos. Notava-se no interior a famosa *casa das conchas*, grande edificio inteiramente coberto de conchas, isto é, de dinheiro, porque estas são a moeda no paiz de Guiné. É d'este modo que o rei faz ostentação das suas riquezas.

Quando todos se assentaram debaixo do pavilhão de parasoes em um dos pateos do palacio, as libações de aguardente e as felicitações, sempre as mesmas, recomeçaram com grande enthusiasmo. O rei apresentou depois a M. Borghero o estado maior do exercito das mulheres.

Effectivamente, o rei de Dahomey tem por guarda de honra um corpo de amazonas, intrepidas guerreiras, que são, especialmente, encarregadas de cortar as cabeças nas fileiras inimigas. O numero é, segundo M. Borghero, que as contou, de 2:500 e não de 4 a 10:000 como se tem sustentado. Julio Gerard, o caçador de leões, deixou-se enganar na avaliação d'este numero porque, fizeram desfilar diante d'elles tres ou quatro vezes o mesmo batalhão de amazonas, como se costuma fazer com um exercito de theatro.

M. Borghero tomou conhecimento com as duas generaes d'este exercito estranho. A primeira, de uma edade já avançada, offerecia um verdadeiro typo militar; os seus modos marciaes mostravam claramente que a sua vida tinha sido passada nos campos e no meio das vicissitudes da guerra. A mais nova, era de um aspecto mais brando, mas, não obstante, muito desembaraçada. Mostrava grande habilidade no manejo das armas.

No dia seguinte ao da recepção, o rei deu aos seus hospedes brancos o espetaculo de uma fantasia guerreira. Mandou collocar na praça de armas uma grande porção de molhos de espinheiro e cáctus, que occupava 400 metros de comprimento, seis de largura e dois de altura. A uma distancia de quarenta passos, elevava-se o madeiramento de uma casa do mesmo comprimento e da altura de cinco metros. O telhado era coberto dos mesmos vegetaes. Quatorze metros além d'este edificio via-se uma fileira de cabanas. Quando se deu o signal do ataque, algumas centenas de mulheres precipitaram-se, com uma *furia dahomana* sobre o

monte de espinhos, atravessaram-o, saltaram sobre a casa, desceram como que procurando um rodeio offensivo, atacaram-a novamente, tudo com uma rapidez extraordinaria, vertiginosa. Estas mulheres subiam, rojavam-se pelas construcções de espinhos com tanta facilidade como uma bailarina volteando sobre um estrado, e portanto pisavam com os pés nus as pontas agudas dos cactus. Quando as evoluções terminaram, viram-se entrar no palacio com as pernas rasgadas e ensanguentadas, trazendo cada uma um molho de espinhos. As que mais se dintinguiram receberam corôas de silvas e enfeitaram o corpo com o mesmo arbusto.

M. Borghero faz uma pintura horrivel dos sacrificios humanos que se executam annualmente em Dahomey. Durante a noite em que deve ter logar o repugnante espectaculo, ninguem pode circular pela cidade. Todo o individuo que é encontrado paga caro o atrevimento. Comtudo, companhias de musicos passeiam na sombra cantando de um tom lugubre. Pela meia noite, uma descarga de mosqueteria annuncia o principio das execuções. As victimas são conduzidas á praça, em series de vinte e quatro ou trinta. Tapam-lhes as vias respiratorias, e apertam-lhes o peito até os verem dar o ultimo suspiro.

Uma outra maneira de immolar as victimas consiste em pregal-os pelos pés a um barrote, deixando-os expostos ao sol, sem alimento. Ordinariamente morrem ao terceiro dia, em quanto que a multidão curiosa, se deleita com a horrorosa scena das convulsões. Os cadaveres não são enterrados. Abandonam-os aos cães, lobos, porcos e abutres. Os restos corruptos e dispersos infectam a athmosphera a uma legua em redondo. É, realmente, um espectaculo, cujo horror excede tudo quanto é possivel imaginar.

Os paizes que confinam com Dohomey estão de tal modo empobrecidos, que tudo parece um deserto em torno d'esta desgraçada região. Por consequencia os Dahomeyanos nada encontram pelo caminho quando vão atacar os seus visinhos; o que resulta chegarem exhaustos de forças, esfomeados, incapazes de sustentar uma lucta. Isto explica as successivas derrotas, que teem soffrido n'estes ultimos annos.

M. Borghero dá tambem preciosas informações sobre a topographia da Alta Guiné e particularmente sobre o delta do Niger. Segundo elle, a costa de Guiné está cortada n'um espaço de 800 kilometros pelos ramos d'aquelle rio, e estes ramos teem a sua origem no Sodan. Apesar de todas estas noticias a geographia d'esta parte da Africa é ainda muito obscura.

BEATRIZ

XII

Eia, gosemos; pela florea taça
Beba-se o nectar de eternal prazer:
O goso é fumo que se esvae e passa,
Quando mais ebrios nos parece ver.

Gosemos muito; sabe Deos se agora
Negra procella vem rugindo ao perto,
Se o puro brilho d'esta immensa aurora
De horrendas trevas ficará coberto!

Somos convivas no festim da vida,
Que tem se a morte, perpassando atroz,
Mais de uma rosa vem deixar caida,
Quando ha tão bellas em redor de nós?

Que tem, se em meio dos festivos cantos
Que ardente o goso nos inspira já,
Sussurra o ecco de abafados prantos,
Que a desventura soluçando está?..

Que tem que o mundo se atropelle e corra
Após um sonho que atravessa o ar?...
Que o perca, embora, que esmoreça, e morra,
Que eu só, ditoso, viverei de amar!—

Vôa, minha alma, pelo espaço em fóra,
O ceo te inleva resplendendo aberto:
Gosemos muito! sabe Deos se agora
Negra procella vem rugindo ao perto!

Voa, minha alma, que d'além, do prado,
Sobe o perfume que embalsama o vento;
Deixa este mundo, que, a chorar curvado,
Modula apenas sepulchral lamento.

Eia, gosemos; pela florea taça
Beba-se o nectar que nos dá prazer:
O goso é fumo que se esvae e passa,
Quando mais ebrios nos parece ver.

Gosemos muito! da ventura breve
Ceifem-se as rosas que viçando estão;
Ceifem-se todas,—uma só não deve
Soltar nas brisas seu perfume em vão.

Gosemos muito! que o prazer recenda,
Em quanto a aurora mil lampejos tem;
Deixai que a sombra do pesar se estenda
Sobre os que ficam meditando além.

Somos convivas no festim da vida,
Ergamos todos n'um só canto a voz;
Se um parte, embora! que uma flor caida
Não turba o goso que lateja em nós!—

Continua.

E. A. Vidal.

O primeiro instrumento da pratica é a voz; e, para essa ser engraçada no fallar, ha-de ter então propriedades; *ser clara, branda, cheia, e compassada*; porque a voz escura confunde as palavras; a aspera e secca tira-lhes a suavidade; a muito delgada e feminina faz impropria a acção do que falla; a muito apressada empeça e revolve as razões, que por si podem ser muito boas; não trato das que a natureza inhabilitou para esta perfeição, como he a voz do gago, do cicioso, e do rustico grosseiro; mas na do cortezão tomára eu estes attributos; porque ha alguns que fallam com a voz tão mettida por dentro, que deixam as palavras para si, e os ouvintes ás escuras que lhes é necessario estar espreitando o que lhes querem dizer; e outros, que pronunciam com tanta aspereza, que espinham as orelhas dos que escutam; e outros que fallam tão apressadamente que parece que levam esporas na lingua.

Francisco Rodrigues Lobo.

Typ. Franco-Portugueza. — Rua do Thesouro Velho, 6.

PALERMO

A cidade de Palermo foi bastante celebre na antiguidade. Thucydides diz que os Phenicios, por occasião da chegada das colonias gregas á Sicilia, no primeiro seculo da fundação de Roma, se retiraram para *Panormos*, que os Latinos depois chamaram *Panormus*. Esta cidade foi successivamente occupada pelos Carthaginezes, Romanos, Gregos do Baixo-Imperio, Sarracenos, principes normandos, Francezes da dynastia d'Anjou, Aragonezes, Espanhoes e Francezes da raça dos Bourbons. Hoje, esta capital da Sicilia tem uma população de cento e quarenta mil habitantes. O epitheto de *felice* foi-lhe dado muito tempo depois, por causa da sua belleza, da actividade florescente do seu commercio, da fertilidade do solo, da serenidade do seu ceu, da amenidade da sua situação, e da riqueza e cortezia da maior parte dos seus habitantes. Se o vento chamado *scirocco*, não soprasse alli, não haveria, sem duvida, no mundo paiz mais saudavel do que a Sicilia. O seu golpho não é menos risonho do que o de Napoles, e a corôa pittoresca que formam ao longe, em torno d'ella, o monte Peregrino, o cabo Zafferano e as collinas da Bagaria, semeadas aqui e alli de lindissimas casas de campo, dão a esta cidade o aspecto mais encantador, e tornam-n'a uma vivenda muito agradavel. As ruas são largas e compridas; duas de entre ellas cruzam-se no meio da cidade, dividindo-a assim em quatro partes eguaes. A que tem por nome *Cassaro*, cujo comprimento é de mil e quinhentos metros e largura treze, prolonga-se parallelamente á praia, desde a porta Antoniana até á porta Maqueda; a outra, chamada Rua Nova ou de Toledo, tem duzentos e cincoenta metros de comprimento; é mais larga do que a precedente, e estende-se desde a Porta Nova até á Porta Felice. Estas duas portas são muito notaveis: uma pelo seu arco de triumpho e a outra pela nobreza da sua architectura.

A praça está situada justamente no ponto em que, as duas ruas, que acabamos de citar, se encontram: a fórma é octogona, rodeiam-n'a bellas casas, cuja architectura se compõe das tres ordens dorica, jonica e corinthia, artisticamente combinadas, e está ornada com as estatuas de Carlos V, Filippe II, Filippe III e Filippe IV. Fóra da porta Felice, vê-se o magnifico passeio da Marina, que conduz ao de Flora. Este ultimo jardim é de rara belleza. A pouca distancia ha um rico jardim botanico no qual as plantas exoticas crescem e se multiplicam como no seu solo natal.

A porta de Palermo é pequena, mas commoda, segura e bem fortificada.

A praça do palacio real é bastante espaçosa, e tem no centro a estatua em bronze de Filippe IV,

rodeada de outras de menor dimensão, que representam as virtudes d'este principe. A praça Pretoriana distingue-se por uma fonte, cujo desenho e esculptura são admiraveis, não obstante a extravagancia da concepção. A praça San Dominico contém as estatuas em bronze de Carlos III e de Maria Amelia, sua esposa, e uma columna magnifica que sustenta a estatua em bronze de Nossa Senhora. A frontaria da igreja de San Dominico fórma egualmente um dos principaes ornamentos d'esta praça. A praça de Bologni apresenta aos entendedores uma bella estatua em bronze de Filippe V.

Palermo conta um grande numero de igrejas, todas merecedoras de particular attenção. A cathedral, diz Mr. Moret, fundada em 1170, por Gauthier, no reinado de Guilherme II, é um vasto edificio de aspecto imponente, mas de um genero hybrido; é um quadrilongo com travessas salientes, terminado em cada extremidade por quatro altas torres, elevando-se, no centro, um zimborio de architectura italiana. Uma ponte suspensa junta ao corpo do edificio uma outra torre de fórma differente, mas de altura igual á das outras. A frontaria principal é lateral e dá para uma praça longa que a separa da rua Nova; a entrada é de estylo mixto, que M. Fargasse classifica, não sem razão, de arabe-normando, assim como o todo exterior e os campanarios. O conjuncto, semi-oriental e semi-europeo, é soberbo e magestoso; mas ao primeiro exame, reconhecem-se logo os retoques, variedades e mesmo, permitta-se-nos a expressão, a hostilidade dos estylos. O interior não é tão explendido e bello como o exterior, comtudo tem bastantes ornamentos. A abobada está sustentada por oitenta columnas de granito oriental. O altar mór é riquissimo, e distingue-se por uma columna magnifica de lapislazuli, de extraordinaria dimensão. Notam-se tambem n'esta igreja muitos mausoleos de marmore branco e de porphyro, onde repousam as cinzas de antigos monarchas.

A igreja de S. José acha-se situada na praça Vigliana; encerra grandes columnas de marmore turqui, preciosas pedras no altar mór, e uma capella subterranea cujos ornamentos são riquissimos.

Entre os monumentos religiosos que erigiram ao deos dos exercitos, que os fazia triumphar, os valorosos filhos de Hauteville, o estrangeiro observa com interesse a igreja de Martorana, uma das mais curiosas da Sicilia, que foi edificada, dizem, por Georgio Rozio Antichiano, almirante do rei Rogero, pelos annos de 1140. Contém mosaicos, pinturas soberbas e alguns trabalhos admiraveis de esculptura. Esta igreja acha-se sob a invocação de São Simeão.

Citaremos tambem as igrejas. de S. Matteo ou dell'Anima, S. Giuseppe dei Teatini, Jesu, S. Dominico, Olivella, S. Filippe Neri, a capella subterranea, dita Capella del Santo Crocifisso, o oratorio do Rozario, etc., etc., onde se encontram magnificas pinturas e objectos de arte muito curiosos.

Os palacios de Palermo são numerosos e ricos. O Palacio Real, perto da porta Nova, foi em outro tempo uma fortaleza defendida por muitas torres, das quaes apenas resta uma, que hoje serve de observatorio astronomico. Este palacio é a residencia do tenente-rei. A capella que n'elle existe, chama-se de S. Pedro; é obra de architectura magestosa e contém preciosos marmores, magnificos mosaicos e outras muitas raridades.

O palacio do senado, diante do qual está a fonte, de que já fallámos, é tambem digno de admiração; possue duas estatuas antigas e muitos fragmentos gregos e romanos.

Entre os palacios particulares citaremos os dos principes Brotera, Torremuzza, e os dos duques de Gravina e de Anjou.

Palermo tem cinco hospitaes, uma universidade, tres bibliothecas publicas, a Pinacoteca (galeria de pinturas) para a fundação da qual contribuiu poderosamente o principe de Belmonte, o museu archeologico, que contém uma grande collecção de medalhas greco-sicilianas, e que todos os dias recebe as raridades que se encontram nas escavações feitas em diversos pontos da ilha, e, emfim, a fundição real.

Os arrabaldes de Palermo não são menos interessantes. Saindo da cidade pela estrada ao longo da praia vê-se o Lazareto e chega-se ao pé do monte Peregrino, chamado pelos antigos, Eretas. Esta montanha, durante as guerras punicas, teve alguma celebridade; depois caiu no esquecimento. Mas, em 1624, descobrindo-se alli, em uma gruta, o cadaver da virgem real, Santa Rosalia, começou a adquirir novamente importancia. Esta santa, fugindo aos attractivos da côrte, refugiou-se n'aquella gruta, onde passou uma vida solitaria e contemplativa. O seu cadaver tendo sido transportado para Palermo, no tempo em que a peste devastava esta cidade, e cessando n'essa occasião o flagello, fez com que fosse declarada, Santa Rosalia, a protectora de Palermo, e em seguida se transformasse a gruta em uma igreja, cujo aspecto é maravilhoso. A estrada que a ella conduz, construida nas costas do monte, custou grandes sommas; está quasi toda assente sobre solidos arcos de alvenaria. Instituiu-se tambem, por aquella occasião, uma festa annual, que se celebra a 15 de julho, e que attrahe a Palermo uma grande multidão de curiosos. N'este dia, a igreja depositaria dos restos mortaes da santa, apresenta-se de tal modo illuminada, que a vista sente-se offuscada com o brilhantismo das luzes.

São tambem notaveis dois castellos de estylo mourisco; um chamado Ziza, que se eleva na aldêa de Olivazza, pertencente ao principe Scherra, e o outro denominado Cuba, situado na estrada de Monreale. Estes nomes de Ziza e Cuba, são os dos filhos de um Emir, que os mandaram construir pelos seus arabes. A situação d'estes dois edificios é admiravel.

Avista-se ao longe Monreale pela sua elevada posição; esta cidade bellissima e bem edificada, conta, aproximadamente, dez mil habitantes. En-

tre os seus magnificos templos, citaremos a cathedral de Sancta-Maria-Nuova, fundada por Guilherme o Bom, em 1174 e o convento dos Benedictinos, cujos arcebispos, *pro tempore*, são abbades. A grandeza d'este templo, a sua architectura, a raridade dos marmores que contém, as suas portas de bronze trabalhadas pelo celebre Pisan Bonanni, o S. Jeronymo, do esculptor Antonio Gagini, os sarcophagos dos dois Guilhermes, o Bom e o Mau, e outros preciosos ornamentos, tornam esta igreja um dos melhores e mais sumptuosos edificios da Sicilia. Giovanni Luigi Lello, publicou d'ella uma exacta discripção, cuja melhor edição appareceu em 1702. Mas, de então para cá, o o templo tem sido enriquecido de novos ornamentos, entre os quaes mencionaremos particularmente o altar mór, todo de prata, que o arcebispo Testa, prelado não menos piedoso que sabio, mandou fazer á sua custa no fim do seculo passado. Um incendio, em 1811, causou a esta igreja graves perdas, que, entretanto, teem sido inteiramente reparadas, á excepção de alguns tumulos que ficaram completamente destruidos O mosteiro dos Benedictinos, possue um claustro extremamente notavel. Existe no seu refeitorio uma pintura muito estimada, representando S. Benedicto distribuindo pão aos pobres. Este quadro é obra de Pietro Novelli, natural de Monreale, pintor digno de maior fama, que a de que gosa. Vê-se alli tambem um quadro de Raphael; a sua rica bibliotheca foi consideravelmente augmentada pelo arcebispo Testa.

A cidade de Palermo tem dois portos; um póde perfeitamente receber navios de grande lote; o outro apenas admitte pequenos vasos mercantes. O seu commercio é limitado.

Palermo foi o theatro das famosas *Vesperas Sicilianas*, de que opportunamente fallaremos.

PEREZ LORENZO

(Scenas da Campanha do Mexico)

Por PINHEIRO CHAGAS.

VI

Não durou muito a impressão produzida por este sinistro espectaculo no animo dos contra-guerrilhas. A sua vida aventurosa habituara-os a estas scenas, e não havia talvez entre elles um só, que não tivesse feito já alguma execução semelhante n'algum recanto sombrio das florestas mexicanas, ou dos desertos da California. A lei de Lynch impera ainda n'esses ermos, onde a relé das gentes européas se despe dos incommodos fatos da civilisação, e se arroja com enthusiasmo a plena barbaria. Olho por olho, dente por dente, eis a lei que rege essas hordas de emigrados, que vagueiam ás soltas pelas *savanas* da America.

Os officiaes francezes sentiram mais repugnancia. Os bravos militares, educados nas tradições cavalheirescas das guerras europeas, não podiam comprehender estas vinganças selvagens, e ainda menos a tolerancia com que o seu coronel parecia cobrir estes actos indignos. Agruparam-se em torno do capitão Viarmont, e a conversação animada, que travaram em voz baixa, mostrava que a disciplina não seria já bastante forte para os reter, se esse verdugo, que lhes servira de guia, tivesse a audacia de reapparecer diante d'elles.

Comtudo o cadaver já lá ficava muito para traz, pendurado da sua arvore, e os contra guerrilhas caminhavam alegremente, de espingarda ao hombro, atravessando as clareiras innundadas pelo fulgor da lua, as veredas intrincadas da floresta, onde as hervas altas se curvavam ao peso das gotas do orvalho, e onde os ramos cruzados do arvoredo mal deixavam coarem-se alguns pallidos raios da rainha da noite. A influencia suave d'essa noite dos tropicos dissipára rapidamente a triste impressão, que por alguns momentos pairara sobre todos. O desaffogo, que o espirito mais intrépido sente, depois de uma batalha que se atravessou incolume, abria o animo dos officiaes e dos soldados ás brandas emanações d'aquella poetica natureza. A brisa da noite, impregnada nos frescos vapores dos arroios e das fontes, acariciava suavemente as faces dos contra-guerrilhas. Uma conversação animada percorreu as fileiras, que antes do combate haviam atravessado silenciosas esses mesmos sitios. Accenderam-se os charutos e os cigarros, parecendo que de subito um bando de pyrilampos sulcava com a sua luz palpitante a sombra do copado arvoredo. Brotaram aqui e acolá alegres risadas como um tiroteio de alegria, que se foi reforçando cada vez mais até que a final se transformou n'um confuso borborinho de risos, fallas, e cantos que encheu o silencioso bosque.

Subito ouvio-se ao longe, por entre a ramaria das arvores, um som vago e aerio, uma longinqua musica, que parecia exhalar-se do seio fremente das arvores, como um canto de fadas, ou um concerto melodioso entoado pelos sylphos, que se baloiçaram na ramaria das bananeiras. Todos se calaram, e, por um commum accordo, pararam e pozeram o ouvido á escuta. No meio d'esse silencio solemne ouviu-se mais clara, mais distincta e mais harmoniosa tambem essa musica distante, cujas notas vinham, no regaço da brisa, expirar no ouvido dos subordinados do coronel Dupin.

Entre-olharam-se todos com expressões bem diversas no olhar. Os soldados americanos revelavam a impressão supersticiosa, que lhes salteiara logo os credulos espiritos, os europeus mais scepticos mostravam simplesmente espanto, e os officiaes francezes, de organisação mais poetica e enthusiastica, sentiam a doce surpreza do viajante que penetra n'um palacio de fadas, e que apenas se maravilha, sem se espantar, dos prodigios que vão succedendo.

Não houve talvez um só d'entre elles que não se julgasse o heróe predestinado de alguma aventura de incantamentos.

—Coronel, disse Viarmont approximando-se do commandante, entrámos, segundo me parece, nos jardins de Armida. Ou, se estivessemos no mar, em vez de estarmos no centro de uma floresta, dir-lhe-hia que tomasse cautella porque tinhamos as sereias comnosco.

—Capitão Viarmont, respondeu Dupin, não supponha que mereçâmos ás sereias a honra de sermos equiparados a Ulysses. E de mais, ainda que assim fosse, não temeria as consequencias de tal apparição. Não seria de certo o capitão quem cederia ás tentações. De outras mais perigosas escapou ha pouco, e vi com jubilo a lembrança dos seus deveres militares arrancal-o á doce influencia da sereia, que a todos nos incantou em casa de D. Ramon.

—E olhe que foi meritorio o sacrificio, tornou Viarmont rindo. Se tivesse fugido aos laços magicos do amor para me arrojar no fervido seio de gloria; se tivesse deixado murchar a murta de Venus para enramar a fronte com os loiros de Bellona, como se dizia no tempo do nosso primeiro imperio; se saisse de casa de D. Ramon ao som dos clarins da alvorada, para ir entrar n'uma pugna brilhante como a de Solferino, em que se combatia á luz ardente do sol da Italia, á vista de dois imperadores e um rei, entre as cargas magnificas da cavallaria, o magestoso estrondo da artilheria, o som das musicas militares, o perfume inebriante da polvora; inflammados além d'isso pela consciencia de que defendiamos uma grande idéa, de que davamos a liberdade a um povo digno de a obter, então sim, não seria muito acerbo o sacrificio. O enthusiasmo ardente das grandes batalhas era mais do que bastante para consolar da perda das doces commoções do amor! Mas sair d'um baile esplendido, abandonar um terraço cheio de aromas inebriantes, uma mulher adoravel que escuta com certa condescendencia o vago hymno namorado que lhe murmurámos ao ouvido, para irmos assistir a uma lucta nocturna com meia duzia de bandidos, para nos expôrmos a morrer obscuramente varados por uma navalha ou pela balla d'um revolver, para assistirmos a actos de barbaria que nos revoltam, e tudo isso impellidos porque motivo? Por um motivo que não podemos nem comprehender, nem acceitar, o de opprimirmos um povo livre, o de lhe impormos...

—Capitão, capitão! interrompeu o coronel com certa serenidade, cautella no que vai dizer! Nunca se emenda, continuou o benevolo Dupin sorrindo-se, é um *frondeur* incorrigivel.

Continua.

AS RÃS DE SARTILLY

Quando Mr. Kerengal combateu na Assembléa constituinte de França os direitos senhoreaes, e citou entre outros a obrigação imposta a certos aldeãos de bater as aguas dos tanques para fazer calar as rãs, uma parte da Assembléa indignou-se contra um preceito tão pueril e indecoroso. Achava-se então a nação franceza em uma epocha que obrigava a olhar para todas as coisas seriamente; os factos, portanto, tomavam a magnitude do principio que os produzia. Ainda se não tinha inventado essa zombaria systematica, que mais tarde appareceu nas reuniões, e que torna impossivel o pronunciar certas palavras ou tocar em certos pontos, porque o sarcasmo está sempre prompto para apoderar-se da sua presa e despedaçal-a.

Ora, se entre os privilegios senhoreaes houve algum inoffensivo foi, sem duvida, o de castigar as tranquillas aguas dos tanques. Os villãos olhavam-o mais depressa como um divertimento do que como um encargo e nunca o levaram a cabo, diz um auctor antigo, *sem canções e sem uma saraivada de ditos e gargalhadas*. Conserva-se uma tradição graciosa, consagrada por um proverbio, que justifica essa alegria sarcastica, tão natural do povo normando.

Sartilly, situado no departamento da Mancha, tinha, ao que parece, na idade media grandes tanques cheios de canaveaes. Formavam, estes, verdadeiros bosques, cuja caça se compunha de rãs, caça alvoroçadora, cuja destruição se permittia aos aldeãos, que, em verdade, pouco se dedicavam a ella, porque a boa gente de Sartilly, segundo a tradição, era mais affeiçoada a comer tripas e a beber cidra do que a matar rãs.

Succedeu, comtudo, n'um certo verão, a castellã, estrangeira que tinha chegado da França, seductora e *coquette* formosura, cega por musica e dança, achar-se fóra do seu elemento pela incommoda visinhança dos musicos aquaticos. As rãs não a deixavam dormir, pertubavam-lhe o canto, moiam-lhe a paciencia (as damas ainda não tinham inventado os nervos) em uma palavra, tanto fizeram, que a interessante castellã viu-se obrigada a supplicar a seu senhor, que era seu escravo, que, a todo transe, fizesse callar as malditas rãs.

O senhor, de Sartilly convocou, por consequencia, todos os aldeãos, para que sacudissem as mansas aguas, a fim de impor silencioso á turba. Os villãos reuniram-se armados de grandes cajados e começaram a espancar o pobre tanque, não sem soltar alguns ditinhos com relação ao capricho da dama. Em pouco tempo o bosque de canas achou-se transformado em um charco immundo e asqueroso, de modo que a nobre castellã, não podendo supportar as suas pestilentes exhalações, adoeceu. Chamaram-se todos os curandeiros das cercanias, que empregaram, durante trez mezes consecutivos, todos os esforços possiveis para salvar a castellã; mas tudo foi baldado; a pobre senhora caminhava de mal para peior. Não foi, senão depois de a terem deixado em paz, declarando a doença incuravel, que conseguiu algumas melhoras. Na convalescença appeteceu-lhe fiar, para o que mandou buscar uma roca verde; pois as canas de Sartilly servem para este uso; quando, porem, trataram de satisfazer o desejo da castellã, viram que os villãos, ao espancar o tanque, tinham reduzido a fanicos todas as rocas. A dama não gostou do divermento e mandando chamar os destruidores das rocas reprehendeu-os asperamente. Um, porém, dos mais ousados, coçando na cabeça, e dando milhares de voltas ao barrete que tinha nas mãos, disse-lhe, que, no seu entender,

Quem do mal de rãs soffria,
Rocas mister não havia.

Este dito tornou-se alli proverbial, e hoje applica-se a todas as pessoas do bello sexo, extremamente delicadas ou habitualmente ociosas, que se dão ao trabalho por casualidade.

MURILLO

A grande gloria artistica da Hespanha cifra-se em dois nomes eternos; Cervantes e Murillo: Cervantes o pintor da terra, Murillo o pintor do ceu. Aquelle, mordaz, subtil, delicado, um pouco cynico, por vezes até galanteador, (como observa um grande espirito), encara o mundo atravez da mascara da comedia, e ri-se d'elle com o sorriso fino do sarcasmo. Este, crente, espiritualista, alma propensa ao extasi, imaginação que tende a erguer-se da terra para se engolfar em novos mundos, involve as suas creações em uma atmosphera celestial, e imprime-lhes a feição dos anjos.

Sevilha, sua patria, é hoje o templo da sua gloria. No museu, uma das salas é completamente cheia pelos quadros de Murillo, um dos quaes, (S. Thomaz de Villa nova) póde ser reputado, no dizer dos entendidos, como a obra prima do pintor, e uma das mais notaveis em pintura.

Felicien Mallefille, nas suas *Memorias de D. Juan*, diz o seguinte, ao descrever Sevilha: «*Murillo, comme s'il avait voulu laisser á sa patrie le secret de son génie, n'existe réelement et ne se révèle qu'ici. La salle qu'on lui a exclusivement consacrée est un tresor et vaut à elle seule le voyage.*» Vinte e tres são os quadros de que esta soberba galeria se compõe, galeria em que o viajante penetra como n'um sanctuario, com o respeito que as grandes obras impõem, e com o estremecimento que os grandes nomes suscitam.

Os quadros são:—O Nascimento, S. Leandro, e S. Boaventura, A Piedade, S. Agostinho, uma virgem, A Annunciação, outra virgem, outro S. Agostinho, S. Pedro Nolasco e a virgem da Mercê, S. José, Christo e S. Francisco, outro S. Agostinho, Uma visão de S. Antonio, Uma Conceição, S. Felix de Cantalicio, outro S. Felix, Uma Conceição, pequena, Santo Antonio, A Conceição ultima, Santa Justa e Rufina, S. Thomaz de Villa d'ando esmola aos pobres, outro S. Felix, A Virgem da Toalha, (*de laservilleta.*)

A proposito d'este ultimo quadro corre, como justificação do nome, uma certa historia, que, seja ou não seja exacta, aceita-se, todavia, como rasgo caracteristico do admiravel talento de Murillo. Este pintor havia sido encarregado de fazer diversos quadros para certo convento. Durante os mezes do trabalho, um leigo *virtuose*, um amador tenaz, havia constantemente auxiliado o grande mestre, no pouco, no quasi nada em que poderia ser-lhe util. A coadjuvação limitava-se, portanto, ao limpar dos pinceis e ao moer das tintas. Quando Murillo deu por concluidos os trabalhos de que o haviam incumbido, o pobre leigo por taes maneiras e com taes instancias lhe pediu uma memoria, uma recordação, uma lembrança apenas, que Murillo, pegando da toalha a que costumava limpar as mãos, traçou, esboçou, e em poucos dias concluio o celebre quadro conhecido pelo nome de *Virgem de la servilleta.*

Digamos agora duas palavras biographicas:

Bartholomeu Estevão Murillo nasceu em Sevilha em 1618. Seu primeiro mestre em pintura foi Juan del Castillo. Até os vinte quatro annos o espirito do que mais tarde deveria ser uma gloria humana, viveu, por assim dizer, circumscripto e encadeado. Castillo não era para nortear o vôo incerto d'aquella aguia. Quando Pedro de Moya, na volta de Londres para Granada, passou pelo logar onde Murillo se achava, trazendo comsigo o fructo das lições de Van-Dick, Murillo, despertado subitamente, arrancado por aquellas obras ao marasmo em que se achava, sente inflammar-se-lhe n'alma uma luz nova, e parte para Madrid, a apresentar-se ao grande pintor de Filippe IV, Velasquez, então cercado de gloria, de respeitos e de riquezas. O que os conselhos d'este mestre lhe produziram no animo, dil-o a rapida evolução do seu talento.

Dois annos bastaram para este noviciado; em 1645 vemos de novo Murillo em Sevilha, entregue a si proprio, pintando, progredindo sempre, lutando trinta e sete annos com esse gigante, que

depois se chama a immortalidade, e a quem elle ganhou os louros de que se engrinalda o seu tumulo.

O quadro de que a nossa gravura é copia existe ao presente na galeria nacional de pintura de Londres, pela qual foi comprado, em 1841, no leilão do espolio do sr. Simon Clark, por nove contos de réis

Representa elle, como se vê, o santo precursor de Christo. As palavras que annunciaram a redempção humana:

—«Eis-aqui o cordeiro de Deos por quem serão redemidos os peccados do Mundo;»—deram o assumpto para este delicioso quadro.

E. A. Vidal.

A QUESTÃO LITTERARIA

Por ZACHARIAS AÇA.

II

Propondo-me escrever não um pamphleto que derrame nova luz sobre a questão, como por ahi costumam dizer alguns arautos e pregoeiros amadores de litteratura ligeira, e onde se ataque accintemente com garras e dentes um dos grupos litterarios que se gladiam n'este momento, mas sim uma historia critica, uma apreciação rapida das idéas aventadas pelos contendores dos dois campos, parece-me ter sido logico começando pelo principio, isto é, por um esboço critico de algumas obras do sr. Theophilo Braga e do sr. Anthero do Quental, porque foram estas a causa occasional do sr. Antonio Feliciano de Castilho escrever as celebres paginas da carta ao sr. Pereira, e que a seu turno motivaram a epistola que tem por titulo *Bom senso e bom gosto*, dirigida por um dos criticados ao auctor da *Noite do Castello*.

Ha já tanta luz por ahi, a questão tem sido tratada e vista de tal alto, na altura dos principios como se costuma dizer em S. Bento, que livre-me Deus da tentação de elucidar n'este ponto aquem quer que seja. Com tal pretenção faria, sem duvida alguma, o effeito de um homem que em um brilhante dia d'estio sahisse á rua com uma lanterna accesa na mão.

Quando appareceu a *Visão dos tempos* fui um dos que applaudiram a tentativa poetica. O livro era uma promessa. Pensei d'elle o que agora penso. Entre outras coisas, achei-o confuso e pouco portuguez na linguagem da Introducção, que, attenta a novidade que seu auctor nos queria dar, devia vir mais cuidada e esmerada. Conhecendo a indole do nosso espirito que, desgraçadamente, não é dado a profundas cogitações, o sr. Theophilo Braga devia doirar a pillula. Não o fez. O resultado foi o que era de esperar. Correndo o risco de ser considerada como uma turba de ineptos a população leitora de Lisboa declarou, *una voce*, que o prefacio do novo livro era inintelligivel, e, rechaçada d'alli, lançou-se, anciosa de comprehender, sobre a Bacchante; e exaggerou o merecimento d'aquella composição porque..... a entendeu. Veem-se com bons olhos as coisas que nos lisongeiam.

Porque é que o publico declarou que não percebia nem uma phrase da *Generalisação da historia da poesia?* Foi só porque ella não tinha aquelle esplendor de estylo tão grato aos nossos espiritos tão amantes da luz? ou porque a linguagem não denunciava o convivio dos bons modelos? Não, não foi só por isso. O publico não entendeu, porque em todo o caso não podia entender. É esta a verdade. E não podia entender porque não sabe.

Concorreram, portanto, tres rasões, todas fortissimas, para que a prosa do sr. Braga não agradasse aos leitores; e vem a ser, a falta de clareza e vernaculidade do dizer, a pouca aptidão dos povos da peninsula para os estudos philosophicos, e principalmente a ignorancia quasi geral em que jazemos.

O livro receberia, por certo, outro acolhimento, se o auctor fosse mais logico, attentasse com mais circumspecção na natureza e circumstancias do nosso publico, e fizesse, em vez de uma generalisação, um trabalho analytico. Não digo aqui se esta tarefa era mais ou menos difficil do que a que escolheu; provavelmente ser-lhe-ia impossivel leva-la a cabo com a proficiencia que ella exige, mas, qualquer que fosse o exito da obra, havia já a agradecer a intenção e a louvar o senso critico do poeta que mostrava d'esse modo conhecer a atmosphera intellectual em que vive e querer ser util ao seu paiz.

Muitos dos livros escriptos em Allemanha não podem ainda ser percebidos e utilisados por quem sahio dos nossos mesquinhos estabelecimentos secundarios, ridiculos se os compararmos com os gymnasios allemães, com as escholas normaes e faculdades de lettras da França e com os institutos livres da Grã-Bretanha. E depois, conviver com Balzac, Dumas, Musset e o *philosopho* Henrique Heine, não é habilitação sufficiente para estudar Otfried Muller e os escriptores da eschola historica allemã. O nosso publico está ainda muito innocente n'estes assumptos. Os mais adiantados leem a *Revista dos dois Mundos*; os outros continuam a folhear romances; a grande maioria dos escriptores entretem-se a fazer estylo, isto é, cobrir esqueletos com muitos ouropeis. Isto, que é visivel e clarissimo, escapou ao senso profundo do sr. Theophilo Braga.

Qualquer que seja a impressão que produzam as minhas palavras não me tremeo a mão ao escreve-las, porque estou convencido da verdade d'ellas, porque entendo que é necessario dar um exemplo de consciencia litteraria, e porque hei de ter sempre a audacia de dizer o que penso.

Encantoados n'este palmo de terra, communicando com a Europa pelo Mediterraneo, gosamos de uma grande liberdade politica, mas n'isso se cifram as nossas venturas. É muito, mas não é tudo. As sciencias, as lettras e as artes jazem entregues ao esquecimento; foram preteridas pela politica. Deus queira que não venha longe o dia do seu renascimento entre nós.

Bunsen escreve a sua obra sobre o logar do Egypto na historia universal, Layard traz das

suas viagens as *Antiguidades de Niniveh*, Otfried Muller morre aos quarenta annos, victima do seu amor á sciencia, e deixa-nos *os Etruscos, os Doricos, o Manual d'archeologia da arte e a Historia da litteratura grega*, (1) Curtius e Grote escrevem a *Historia da Grecia*, trabalhos admiraveis, ricos de sciencia e de critica, multiplicam-se as edições da *Sciencia da falla* de Max Muller, um dos primeiros philologos modernos, etc. mas todos estes estudos são perdidos para nós, porque as nossas bibliothecas não os possuem, porque os nossos jornaes e revistas não se occupam d'elles e mostram desconhece-los completamente, porque a nossa sciencia em materia de philologia, tomando esta palavra no sentido allemão, conserva-se pouco mais ou menos na altura da de Frei Bernardo de Brito, porque, quando se discute a formação das linguas, ainda ouvimos fallar a serio na Torre de Babel, porque se ataca a philosophia e a sciencia da Allemanha, fachos que illuminam hoje todo o mundo pensador, sem previamente as ter lido e estudado, e não ha por ahi basbaque nenhum que não mofe da philosophia transcendente, indo, infelizmente, achar ecco na intelligencia de homens que teem obrigação de guiar os outros e de resistir ás más paixões da ignorancia e da vaidade.

Os nossos antepassados são insultados porque vieram do Norte, são barbaros! Para se dizer isto é necessario esquecer que foram esses selvagens os fundadores das nações modernas.

Em que tempo vivemos nós? Estamos no seculo XIX ou ouvimos os oradores romanos pedir legiões para guardar os limites do imperio e ir resgatar as aguias de Varro sepultadas nos plainos da Germania?

(*Continua*)

(1) Esta obra foi recentemente traduzida em francez por Karl Hillebrand.

FESTAS DOS MUSULMANOS

A sexta feira é para os musulmanos o que o domingo é para os christãos e o sabbado para os hebreus. Nesse dia concorrem aos templos, onde devem entrar descalços, passeiam, dão suas reuniões, etc.

No dia 8 de *maharran*, primeiro mez, celebram por dez dias seguidos o assassinato de Ocein, grande iman da Persia; e n'este mez estão prohibidas as hostilidades, pois ha suspensão de armas, não sendo caso de grande urgencia.

Na primeira sexta feira de *safar*, segundo mez, reunem-se os turcos para tratarem assumptos de guerra e seus preparativos. No dia 11, celebram a santa noite e festa do nascimento de Mafoma; alguns califas festejam-n'a seis dias depois; e na ultima quarta feira celebram a santa noite ou a festa da trombeta que convocará a juizo.

No dia 5 de *rabié*, terceiro mez, tem lugar a festa da noite santa da concepção de Mafoma. A 16 commemoram a santa noite da sua ascensão.

Em 15 de *schaben*, oitavo mez, é a festa da santa noite do exame ou acções dos homens, escriptas pelos anjos para serem apresentadas no tribunal divino.

O mez santo de *ramadan*, e nono, é de um jejum rigoroso, e não comem nem bebem senão depois do sol posto. Na tarde e vespera do primeiro dia do mez seguinte, *schabal*, começam a festejar a sua paschoa ou o grande *Bisrem*.

Em 24 de *ramadan* festejam a noite santa da omnipotencia ou revelação de mysterios de Deos a Mafoma. Em 16 de *schah* celebram a victoria ou a batalha de Oud, dada por Mahomet á sua propria tribu. A 20 de *scahal*, noite santa e festa da partição da lua por Mafoma, a que se attribue o intitular-se o gram sultão *senhor de meia lua*. O mez de *dul-kaden* é mez de descanso, e o seguinte *dul-kaden segundo* é o das peregrinações; pois creêm que n'elle foi determinada por Abraham a peregrinação de Ismael e de Agar, pelo que se denominam como descendentes de Agar, agarenos, e de Sara, sarracenos. No dia 8 d'este mez celebram a festa da apparição de Deos ao propheta.

OS PHILO-PORTUGUEZES.

POR INNOCENCIO F. DA SILVA.

IV

(Conclusão)

Havendo de pôr termo por agora a estes apontamentos, falta-nos para cumprir o promettido commemorar ainda dous distinctos philologos inglezes, cujo olfato senão perturbava com o *bolor* dos nossos classicos, e que no estudo da antiga litteratura portugueza viam e admiravam alguma coisa mais que as *algaravias mysticas dos frades estonteados*, de que com tamanha irrisão mofam e desdenham estes nossos modernos *innovadores* por excellencia, sublimes alvitristas das *praias do futuro*, para as quaes se encaminham *geitosamente*, inspirados, ou antes conduzidos

«De *alguma mão* feita d'amor e luz,
«*A revolver* lá dentro em si uma ideia,
«Que alfim luza tambem *no nosso fundo !!* (*)

Fallaremos pois de Lord Strangford e de sir J. Adamson.

O primeiro, não menos insigne na carreira diplomatica que o seu compatriota Stuart, nasceu na Irlanda, segundo se diz em 1780. Tendo sido secretario da Legação britannica em Lisboa, foi nomeado ministro plenipotenciario perante el-rei D. João VI, a quem, na qualidade ainda de principe regente, acompanhou para o Brazil em 1807. Tendo servido na côrte do Rio de Janeiro durante alguns annos, passou depois a exercer eguaes funcções nas de Stockolmo, Constantinopla e S. Petersburgo, vindo emfim a fallecer na sua casa de Hastey Street em anno que ignoramos.

Possuia excellente bibliotheca, em que avultavam os livros portuguezes: e como prova de applicação e do apreço que fazia de nossas letras publicou: *Poems from the portuguese of Luis de Camoens: with remarks on his Life and Writings, notes, etc. etc. The second edition.* London 1804.

(*) Vid *Odes modernas*.

12.º gr. de 160 pag. — E apezar de que esta versão haja sido julgada com pouco favor por alguns criticos inglezes, é comtudo estimada, e tem tido varias reimpressões.

Deve-se ainda ao illustre diplomata a publicação de um documento notavel, e de maior importancia para a historia de Inglaterra. Existia entre os manuscriptos do cartorio do mosteiro de Alcobaça, onde fazia parte do codice n.º 475, um dos que hoje se reputam infelizmente extraviados. Lord Strangford, havendo solicitado e obtido copia d'esse documento, o fez imprimir com o titulo seguinte: *Lettre d'un gentilhomme portugais à un de ses amis de Lisbonne sur l'execution d'Anne Boleyn, Lord Rochford, Brereton, Norris, Smetton et Weston: publiée pour la primière fois avec une traduction française par F. Michel, accompagnée d'une traduction anglaise par le Vicomte Strangford.* Paris, chez Silvestre 1832, 4.º — Nitidamente impresso, em tres columnas, contendo o texto portuguez, e as duas accusadas versões franceza e ingleza. Consta que se tiraram unicamente vinte e seis exemplares. Veja quem quizer o mais que a proposito d'esta rarissima edição dizemos em o nosso *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo V, pag. 181.

De João Adamson, nascido em Gateshead a 13 de setembro de 1787, e fallecido a 27 de egual mez em 1855, muito haveria que dizer, se o espaço nol-o permittisse; porém tendo de nos restringirmos n'estas poucas linhas, remetteremos o leitor curioso para o *Diario do Governo* n.º 63 de 24 de março de 1856, onde achará traduzida uma biographia d'esse conspicuo litterato: ou para o tomo I da novissima e completa edição das *Obras de Camões*, dada á luz pelo sr. Visconde de Juromenha, que de pag. 277 a 280 dá a respeito do mesmo uma noticia assás circunstanciada.

Da sua particular predilecção pela litteratura classica portugueza, e das riquezas que n'esse genero possuia, é prova sobeja o volume que imprimiu e distribuiu particularmente aos seus amigos, com o titulo: *Bibliotheca Lusitana or Catalogue of Books and Tracts, relating to the History, Literature, and Poetry of Portugal: forming part of the Library of John Adamson, etc. etc.* Newcastle on Tyne 1836. 8.º de 115 pag. — Ahi se comprehende a mais ampla collecção que até áquelle tempo se havia reunido das obras e edições de Camões, passante de cento e vinte volumes.

Publicou tambem: *D. Ignez de Castro, a Tragedy from the Portuguese of Nicola Luis, with remar s on the History of that infortunate Lady, by John Adamson.* Newcastle, 1808.

Memors of the Life and Writing of Luis de Camoens, by John Adamson. Edinbourg and Newcastle 1820. 8.º 2 volumes com retratos.

Lusitania illustrata: Notices on the History, Antiquities, Literature, etc. of Portugal. Literary Department. Part. I. Selection of Sonnets, with biographical Sketches of the Authors, by John Adamson. Newcastle 1842. 8.º de XII—100 pag.

Lusitania illustrata etc. Part II. *Minstrelsy.* Ibi, 1846, 8.º de XVII—54 pag.

Todas estas obras gosam de geral estimação; e como os exemplares apenas de longe em longe, e só casualmente se deparam no mercado, quando algum apparece acha logo compradores que o disputam entre si, pagando-o por elevado preço.

Este *ignorado canto de terra, a que ainda se chama Portugal*, composto só de *pequenos homens* e de *pequenas cousas* (na phrase dos modernos videntes que vem trazer-nos a *luz!*) teve sempre entre os estranhos, e tem ainda hoje, quem o préze e admire mais vantajosamente que certos nacionaes. Colligimos n'outro tempo, e chegámos a adiantar um extenso *Catalogo bibliographico e critico das obras escriptas e publicadas por auctores estrangeiros ácerca de Portugal e de suas cousas;* trabalho que bem quizeramos offerecer aos nossos illustres sabios, como prova do que dizemos, se as circunstancias nos favorecessem para completal-o e imprimil-o. Como pouca ou nenhuma esperança nos resta de que tal desejo se converta em realidade, fique embora para ser por nossa morte, com outras similhantes minudencias, mais utilmente aproveitado em alguma tenda no embrulho dos adubos!

SAUDADES

Que pela face a lagrima resvále
A quem no exilio geme.

J. DE DEOS.

Quando a noute desdobra o estrellado manto,
e emcima da montanha a lua pallideja,
o genio da saudade em torno a mim adeja,
silencioso então dos olhos cáe-me o pranto;

o espirito revôa ás noites do passado,
e do passado evóca os brilhos e os fulgores:
lá, fosse dia ou noite, em tudo, em tudo amores,
amor—dizia a lua, *amor*—o sol dourado.

A lua!—ella bem sabe os canticos e harpejos
que eu soltava ao clarão dos mil celestes lumes;
ella bem sabe ainda os risos e os perfumes
que a minha flor me dava em troca de meus bejos.

Que noites! que prazer! que sonhos! que ventura!
que auréola deslumbrante então nos envolvia!
N'aquella doce voz que incantos! que magia!
N'aquelle terno olhar que luz suave e pura!

. . . . . .

¿Recordas-te de quando a lua fascinante
cheia de luz surgiu da serra na clareira?
e uma nuvem surgiu tambem, tenue, ligeira,
a lua sombreou, se desfez n'um instante?

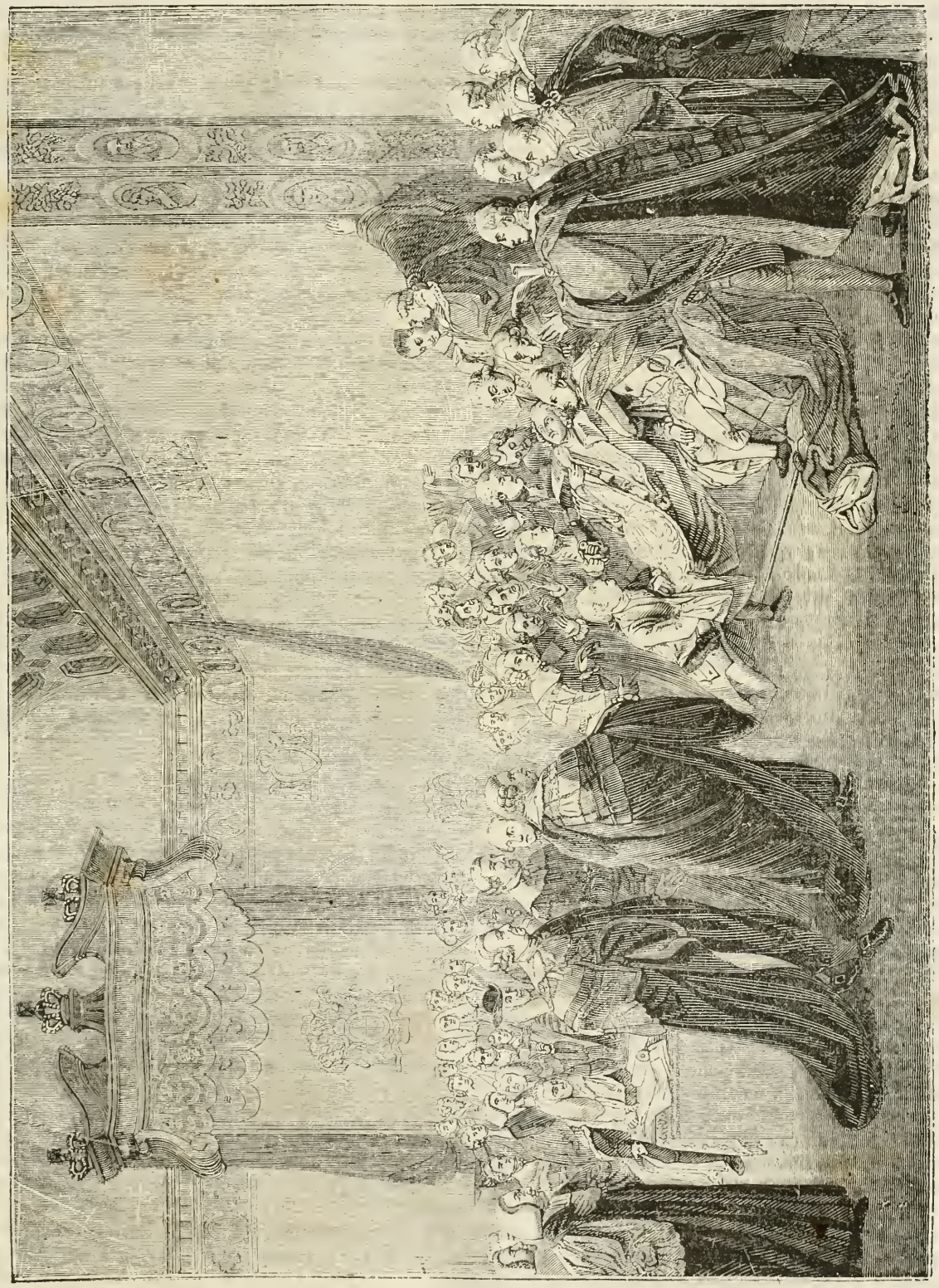
Oh! lembras, sim, que então um intimo receio
o seio te agitou, turbou-te um pouco a face;
mas, quando a nuvem tenue se esvaeceu fugace,
teu rosto serenou, calmo ficou teu seio.

E a lua proseguiu, cortando a immensidade,
e a lua inda hoje brilha, e segue o mesmo trilho;
mas, ah! quanto é mais triste e pallido o seu brilho,
visto assim através do pranto da saudade!

Vizeu, outubro de 65.

CANDIDO FIGUEIREDO.

Typ. Franco-Portugueza. = Rua do Thesouro Velho, 6.



WILLIAM PITT CONDE DE CHATHAM

Por PINHEIRO CHAGAS.

O talento é ás vezes hereditario. Parece que muitas vezes o genio se vincula n'uma familia, e passa, como um legado santo, de pais a filhos. Raramente comtudo deixa de acontecer que um dos vultos d'essa tribu de homens notaveis se eleve tanto acima dos outros, que brilhe um d'elles com tamanho esplendor que as outras figuras fiquem sumidas na sombra, e apenas recebam um reflexo da luz que dimana do astro principal. Bernardo Tasso, o pai do cantor da *Jerusalem Libertada*, seria um

poeta distincto, se o vate de Godofredo não o fizesse entrar na classe secundaria dos satellites. Napoleão III seria talvez considerado como um grande homem, se a figura magestosa de Napoleão I soffresse confrontos. Augusto ainda avultaria mais na historia se o acaso o não fizesse sobrinho de Cesar.

Não acontece assim com o vulto, cuja biographia vamos esboçar rapidamente. William Pitt conde de Chatham, foi pai do outro celebre William Pitt, conhecido pelas suas grandes qualidades de estadista, e pela energia com que sustentou uma guerra implacavel contra Napoleão. Para o distinguirem d'elle dão os biographos ao primeiro Pitt a qualificação de Pitt o *antigo*, mas não ousam decidir qual d'elles deu mais illustração á sua familia, mais gloria á sua patria.

Filho de um fidalgote, que dissipára a muita riqueza da sua casa, William Pitt vio-se obrigado a comprar uma patente de alferes de cavallaria, afim de poder viver com a decencia indispensavel a um membro da alta aristocracia ingleza. Não convinha porém nem á sua indole nem á sua saude a vida militar. Uma doença grave interrompeu-lhe a carreira, e a leitura dos grandes historiadores e politicos da antiguidade, abrindo um novo horisonte á sua intelligencia, revelou-lhe a sua vocação de estadista. Quando melhorou, fez todos os esforços para ser eleito deputado, e conseguiu entrar na camara dos Communs, como representante de um burgo, que fazia parte do fraquissimo resto dos seus dominios hereditarios.

Logo revelou a eloquencia, que lhe devia dar tanto nome. Alistou-se nas fileiras da opposição, e guerreou sir Roberto Walpole, cuja administração perdularia lhe desagradava. O rei Jorge II e o principe de Galles andavam n'essa occasião dissidentes um do outro. Pitt defendeu, n'um brilhantissimo discurso; o herdeiro da corôa, que, nomeando-o gentil-homem da sua camara lhe attrahio as perseguições do ministerio, e com a perseguição a popularidade.

Tal foi essa popularidade que muitas pessoas opulentas, entre outras a duqueza de Marlbourogh, lhe deixaram legados importantes para recompensarem o seu patriotismo.

Andava então accesa a guerra entre a Inglaterra e a França. Não eram felizes as armas britannicas, e o rei, vendo despopularisado o seu ministerio, viu-se obrigado em 1756 a chamar ao poder o duque de New-castle, e com elle Pitt, a quem confiou a pasta dos negocios da guerra.

A energia indomavel, que caracterisava o celebre ministro, revelou-se logo no modo como dirigio e activou os preparativos, organisando a milicia nacional, e projectando um desembarque nas praias francezas. Não o ajudava muito el-rei, movido pelo antigo rancor; Pitt, irritavel em extremo, demittia-se; forçado pela opinião publica, via-se de novo Jorge II obrigado a chamal-o ao ministerio. Assim andou n'estas alternativas, mas entretanto a França ia perdendo as suas mais bellas colonias, e, graças á audaz iniciativa do ministro inglez, via a Grã-Bretanha tremular victorioso o seu pendão em todos os mares, e estender-se cada vez mais o immenso territorio das suas possessões ultramarinas.

Comtudo Pitt tinha defeitos graves; a mais leve contradicção o irritava, e n'esses momentos não respeitava direito das gentes, não respeitava coisa alguma. Violou differentes armisticios, e quiz uma vez aprisionar a esquadra hespanhola por que suspeitava que a Hespanha estava para se alliar com a França, e para declarar guerra á Grã-Bretanha. Oppoz-se o resto do ministerio; Pitt irritado demittiu-se, mas teve a gloria de ver dos bancos da opposição os acontecimentos confirmarem as suas suspeitas.

Doente já, orou tres horas na camara contra um acto ministerial, foi de novo chamado ao poder, nomeado visconde Burton, conde de Chatham, e membro da camara dos lords. Voltava moribundo á camara a defender os seus actos, até que uma vez, querendo responder a uma interpellação do duque de Richmond, caio desfallecido na sua cadeira. Transportaram-n'o, para casa onde morreu n'esse mesmo dia, 17 de abril de 1778.

A nossa gravura representa a scena, em que a natureza trahindo a energia do grande orador, lhe cortou a palavra no meio dos seus amigos e adversarios politicos igualmente consternados. A morte, apparecendo no limiar da sala das sessões, e riscando o nome do conde de Chatham da lista dos vivos, congraçou n'um só sentimento doloroso os homens, havia instantes, divididos entre si pelas mais profundas animadversões.

O TABACO

É, realmente, obra muito ingrata ir atacar um costume degenerado em paixão, e que domina por toda a parte. Não receiamos, porem, tornarmo-nos aqui o echo de algumas vozes authorisadas, que de tempos a tempos se levantam, para advogar a causa da verdade e do bom senso; crêmos até praticar um acto de bom cidadão reproduzindo algumas das considerações pelas quaes o doutor Jolly, membro da Academia de medecina de Paris, tentou chamar á prudencia os fumadores de todas as idades e condições *Os estudos higyenicos e medicos sobre o tabaco*, publicados pelo erudito doutor em um compendio de hygiene, despertaram a attenção geral. Foram examinados pela Academia de medecina e merecem ser lidos e meditados por todos.

A importação do tabaco na Europa data dos annos de 1518. Parece que é devida a um missionario hespanhol, Fra Romano Pone, companheiro de viagem de Christovão Colombo, o qual teve a idêa de enviar a Carlos V a semente do tabaco, depois de haver observado entre os sacerdotes do Deos Kiwasa os effeitos da embriaguez produzida pelas folhas d'esta planta acre e venenosa.

Data d'esta epocha a cultura do tabaco na Europa. O governo hespanhol não tardou a cultival-o

em grande escala na ilha de Cuba, e nós, os portuguezes, seguimos este exemplo no Brazil. O cardeal de Santa Cruz, nuncio do papa em Portugal, importou o tabaco na Italia, o que fez dar em principio á planta o nome de herva de Santa Cruz. Emfim, em 1560, João Nicot, embaixador de França em Lisboa, que tinha em si proprio experimentado o pó do tabaco contra a enxaqueca, offereceu-o á rainha Catharina de Médicis, e assim o tornou conhecido em França, sob a fórma de tabaco de cheiro. Foi isto que fez dizer que o tabaco, depois de ter viajado por mar e por terra, em toda a Europa, dera entrada em França pela estrada do nariz.

A rainha Catharina e seu filho Francisco II soffriam ambos de uma pertinaz enxaqueca; por conseguinte, o novo remedio teve o mais favoravel acolhimento. Mas a historia não diz se elle se mostrou efficaz. Em todo o caso, se o tabaco curou as enxaquecas d'aquella epocha, é forçoso confessar que d'então para cá tem perdido muito da sua virtude.

O tabaco de cheiro correu rapidamente por todas as classes da sociedade, como todas as modas absurdas e excentricas.

Longe de enfraquecer com o tempo, o seu uso desenvolveu-se como uma verdadeira epidemia. Nos reinados de Luiz XIII e Luiz XIV, era quasi da etiqueta apresentarem-se os nobres na côrte, de rapadoura na mão, *bofes* salpicados de tabaco, nariz atulhado d'aquelle pó negro e os vestidos perfumados com o seu cheiro. As rapadouras cederam o logar ás caixas, quando a industria achou o meio de pulverisar o tabaco de um modo mais completo, e crê-se que o uso das rapadouras e tabaqueiras tem enormemente contribuido a propagar o emprego do tabaco de cheiro.

Muitos medicos se pronunciaram contra o abuso d'esta planta exotica. Fagon, que mais tarde foi elevado a primeiro medico de Luiz XIV, estreiou-se por uma thése brilhante contra o tabaco. Desgraçadamente, esta opposição não suspendeu os progressos do mal. Veio depois a Igreja, mas tambem nada conseguiu. Uma bulla do papa Urbano VIII excommungava todos os que tomassem tabaco dentro das igrejas. Esta ameaça não suffocou o desejo. O sultão Mahomet IV prohibiu o tabaco sob pena de morte. O grão-Duque de Moscovia, Miguel Federovitz, mandava enforcar os tomadores! Um rei da Persia mandava-lhes cortar o nariz!

O tabaco, porém, saiu victorioso de todas estas perseguições, e quando, sob os reinados de Jacques I de Inglaterra e Christiano IV de Dinamarca, o castigo se limitava apenas a mulctas pecuniarias, o habito do tabaco foi olhado como um privilegio dos ricos!

Mas ainda aqui não pára. O cachimbo já em uso em toda a Allemanha e nos Estados do norte, depressa deu a sua entrada triumphal na côrte de França. Alli foi introduzido pelo celebre João Bart. O exemplo foi logo seguido por muita gente. Luiz XIV surprehendeu um dia suas filhas fumando ás escondidas!..

O exercito de terra recebeu o cachimbo das mãos da marinha. O uso do cachimbo generalisou-se durante o cerco de Maestrich, e d'ahi em diante começaram a occupar-se quasi tanto da provisão do tabaco como da dos viveres. Conhecia-se perfeitamente que o tabaco enfraquecia o appetite e retardava a digestão; mas era uma distracção para os soldados no acampamento.

Hoje seria difficil dar a rasão porque se fuma. Grandes e pequenos fumam, como se come, como se bebe, como se dorme. Parece que o tabaco faz parte da nossa existencia. Estranho desvio! Houve um medico, o doutor Demeaux, que ousou propor a introducção official do tabaco nas escolas, como meio de moralisação para as creanças!!

Nada mais proprio póde haver para dar uma idéa do grande desenvolvimento que o consummo do tabaco tem tido em França, do que a inspecção dos algarismos que representam o producto annual do imposto fiscal d'este genero.

No fim do seculo passado, o tabaco não produzia ao thesouro mais de vinte a trinta milhões de francos, cujos dois terços eram attribuidos ao tabaco de cheiro, e um terço unicamente ao de fumo. Depois de 1810, anno em que foi restabelecido o monopolio, o consummo augmentou rapidamente. Eis, por periodos de cinco annos, a importancia das sommas que, durante cincoenta annos, este systema tem feito entrar nas caixas do estado:

1811 a 1815	307:000:000
1816 a 1820	311:000:000
1821 a 1825	327:000:000
1826 a 1830	336:000:000
1831 a 1835	350:000:000
1836 a 1840	431:000:000
1841 a 1845	522:000:000
1846 a 1850	589:000:000
1851 a 1855	696:000:000
1856 a 1860	892:000:000

A receita de 1861 eleva-se a 215 milhões. Juntando esta somma ás que produziram os annos de 1811 a 1860, encontra-se um total de 5000:000:000! E esta somma não representa a totalidade da despeza feita pelos consummidores de tabaco. Pode-se, sem receio de erro, accrescentar 2000:000:000 proveniente de tabacos e charutos entrados em França, utensilios de fumadores e tomadores, percentagens a, pouco mais ou menos, 36000 vendedores. O total seria de 7000:000:000!

É preciso não esquecer que o decreto de 19 de outubro de 1860, que de uma vez elevou o preço dos tabacos a mais 25 por 100, contribuiu muito para o augmento da receita n'estes ultimos annos. Mas esta circumstancia pouco influe ainda sobre o resultado geral da comparação que tentamos estabelecer. Vê-se, pois, que o redito do fisco, que durante a epocha comprehendida entre 1811 a 1835 era apenas de 1632:000:000, eleva-se repentinamente a 3130:000:000 nos vinte cinco annos seguintes. Como, alem disso, as estatisticas da administração provam que o beneficio do thesouro aug-

mentou mais depressa do que a receita bruta, pois que as despezas que absorviam, em 1816, 40 por 100 da receita bruta, não excediam, em 1860, 22 por 100, comprehende-se a attenção que o fisco deve prestar a uma fonte de receita tão abundante e productiva. Em 1861, os 215 milhões produzidos pelo imposto do tabaco, formaram um quinto do rendimento dos impostos e contribuições indirectas. O que distingue sobre tudo o imposto do tabaco, o que faz com que o governo vigie sempre para que seja mantido e augmentado o mais possivel, sejam quaes forem os inconvenientes e os perigos reconhecidos de uma droga inutil e morbosa, é que a sua marcha tem sido sempre rapida e imperturbavelmente ascendente, que nada o faz parar, nem as guerras, nem as revoluções, nem as fomes, nem as crises commerciaes.

Dá-se, porém, uma cousa muito curiosa; e vem a ser que, de 1832 em diante, o consummo do tabaco de cheiro tem consideravelmente diminuido. Em 1842, a terça parte das receitas provinha do tabaco de cheiro; em 1863 uma sexta parte somente. Póde-se affirmar tambem que n'aquellas provincias onde a mortalidade é maior, o tabaco de fumo tem muito maior extracção do que o de cheiro; o contrario tem lugar n'aquellas em que a mortalidade é menor.

Segundo M. Jolly, em 1860, o consummo do tabaco de fumo, foi, nas provincias do norte da França, de 1795 grammas por cabeça; de 1366 grammas no Pas-de Calais; de 1178 grammas no Alto-Rheno, etc.—No meio-dia, apenas 102 grammas em Charente; 103 em Tarn; 144 em Lozére, etc.

Tomando o termo medio, M. Jolly, calcula um consummo annual de 8 kilogrammas de tabaco por fumador; o que talvez seja um pouco exagerado.

Com effeito, as estatisticas da administração mostram que o consummo, que era de 14 milhões de kilogrammas em 1816, elevou-se a 20 em 1852, e a 22 em 1860, o que dá um resultado de, pouco mais ou menos, 800 grammas por cabeça. Admittamos que, em 38 milhões de habitantes, haja 10 milhões de fumadores; isso daria a media annual de 3 kilogrammas por cabeça. Esta cifra deve parecer enorme se se attender a que corresponde a um gasto de 30 a 36 francos por anno, isto é, o equivalente a dois terços do gasto individual de pão, cujo consummo se eleva á media de 3 por bocca.

Quantas vezes se não vê o obreiro, reduzido a optar entre a compra do pão e a do tabaco, optando a final por este ultimo! Quantos fumadores não excedem a media que estabelecemos!

Não nos occuparemos do quanto custam á França os vinte mil hectares de excellentes terras que a cultura do tabaco rouba á agricultura; não entraremos tão pouco na analyse das coisas mesquinhas que o tabaco tem introduzido nos habitos da sociedade e nos da familia; limitar-nos-hemos, apenas, a considerar, com M. Jolly, a questão pelo seu lado hygienico.

Parece estabelecido, pelas estatisticas medicas, que as doenças nervosas augmentam em uma proporção espantosa: as doenças mentaes, as paralysias geraes e progressivas, enfraquecimentos do cerebro e da medulla espinhal, emfim certas enfermidades cancerosas, taes como os cancros dos labios e da lingua, parecem caminhar em parallelo com as rendas do Estado devidas ao imposto do tabaco. Ultima coincidencia afflictiva: o movimento progressivo da população pára ao mesmo tempo que se eleva a cifra esmagadora do consummo do tabaco!

Estes effeitos manifestaram-se depois que o habito de fumar supplantou o de cheirar. É preciso reconhecer que o tabaco de cheiro, embora não seja isento de perigo, está, comtudo, longe de prejudicar a saude geral, como o cachimbo e o charuto a prejudicam. Póde-se affoutamente dizer que no dia em que a humanidade começou a fumar, começou a envenenar-se.

Effectivamente, será ainda objecto de duvida a natureza venenosa do tabaco, quando está reconhecido que as folhas d'esta planta conteem 2 a 7 por 100 de nicotina, (1) um dos mais terriveis venenos vegetaes, que a therapeutica baniu do seu quadro, e que só o crime poude escolher para cumprir atrozes projectos? O oleo essencial de tabaco, muito rico em nicotina é tambem um veneno fulminante: algumas gotas bastam para dar a morte. Uma simples infusão de folhas de tabaco, tomada em crysteis, matou um doente. O celebre poeta Santeuil foi formalmente atacado depois de um grande banquete a que assistiu, por ter bebido um copo de vinho de Hespanha, no qual um dos convivas tinha deitado o rapé que se continha na sua tabaqueira. Toda a companhia riu d'esta engraçada travessura, excepto o pobre poeta que d'ella morreu! A simples applicação de folhas seccas de tabaco sobre a pelle é sufficiente para produzir gravissimos accidentes.

Tudo isto é, sem duvida, conhecido; só, por uma estranha cegueira, se não quer comprehender que uma substancia tão perigosa seja offensiva, quando consummida em pequenas doses, mas de uma maneira regular e constante.

Os tabacos não teem todos a mesma força, pela razão da sua desigual riqueza de nicotina: os tabacos, que conteem pouca, são muito menos prejudiciaes á saude do que os tabacos francezes que conteem 7 por cento e mais, d'aquelle veneno, segundo as averiguações dos chimicos Henry, Barral, Schloesing, e outros.

Continua.

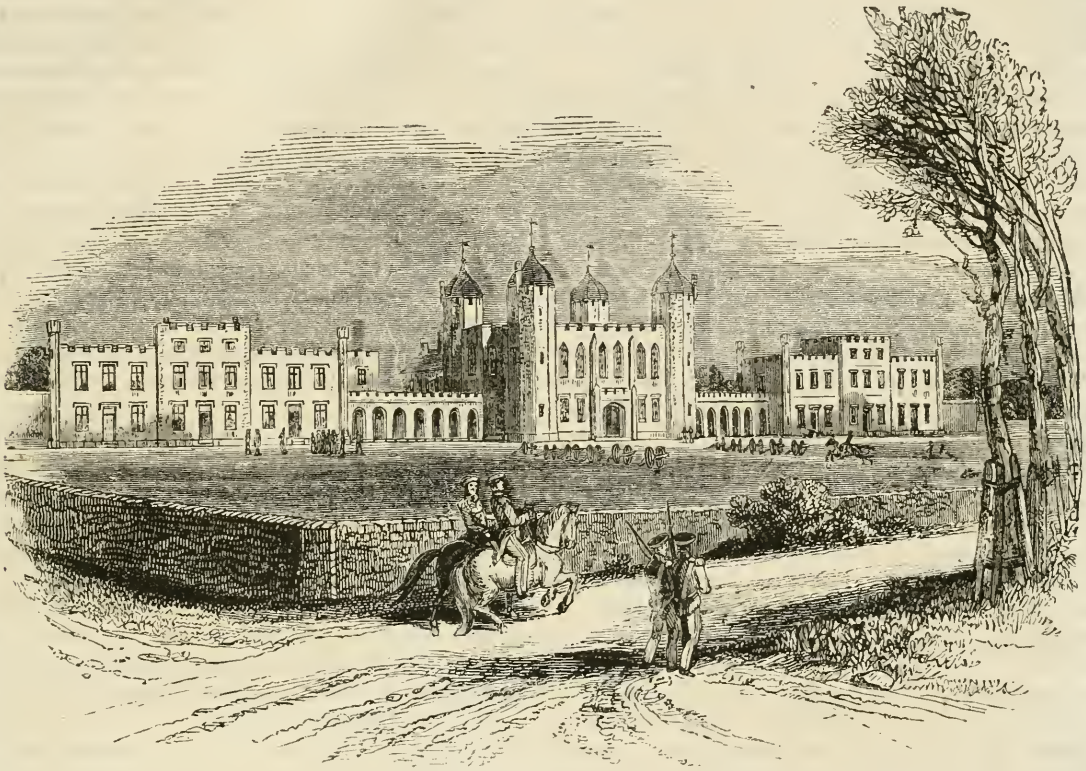
A obrigação do Principe he lutar com este gigante, que é o impossivel de trazer a todos contentes; e para isso ha de ser Protêo e Achelóo, que se transforme em leão e em cordeiro, que se vista humas vezes das propriedades de fogo, e outras das de agua.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

(1) Os tabacos do Brasil e da Havana conteem apenas 2 por 100 de nicotina, o da Alsacia 3 por 100, de Kentucky 6, os de Virgínia de Lot-et-Garonne, etc., mais de 7 por cento. Os tabacos do Levante conteem mui pouca.

ESCOLA MILITAR DE WOOLWICH

A cidade ingleza, onde existe a escóla militar, que a nossa gravura representa, faz parte do condado de Kent. Construida nas margens do Tamisa, conta 25:000 habitantes, mas nem é á sua população nem á sua grandeza que deve a sua muita importancia. Esta importancia provém-lhe toda de possuir dentro dos seus muros o mais vasto e o mais opulento arsenal da Inglaterra. Além de immensos quarteis encontram-se alli todos os estabelecimentos necessarios ao serviço de artilheria; immensas officinas, onde se fabricam espingardas, canhões, etc.; vastos depositos d'armas, projectis e munições de toda a especie, tanto para os exercitos de terra como para os exercitos do mar. Em parte nenhuma do mundo se encontram essas coisas em tão prodigiosa quantidade. A opulentissima



Inglaterra não poupou o dinheiro, que as suas vastas possessões, o seu desenvolvidissimo commercio lhe grangeiam para se abastecer exuberantemente de tudo quanto d'um para outro momento se póde tornar necessario á defeza do seu territorio, ou dos seus interesses, ou á sustentação da sua influencia na politica européa. Para se fazer idéa dos recursos de que dispõem as tropas inglezas, e que estão em grande parte accumulados em Woolwich, bastará dizermos que havia nos arsenaes d'esta cidade em 1849, vinte e quatro mil peças d'artilheria, e mais de quatro milhões de balas para serviço d'essas peças.

A numerosa marinha britannica tambem dispõe em Woolwich de vastos edificios. Alli ha estaleiros para a construcção de navios de guerra, cordoarias, emfim, todos os estabelecimentos necessarios para a construcção e equipamento d'essas immensas frotas, que vão tremular em todos os mares do globo o audaz pendão do leopardo, e que impoem a todos os povos o respeito do nome e da nacionalidade da Grã-Bretanha.

Mesmo em tempo de paz, trabalham diariamente em Woolwich tres a quatro mil operarios.

A escóla militar, que a nossa gravura apresenta, é uma escóla especial d'artilheria. O numero dos seus discipulos está fixado em oitenta.

A GALATÉA MODERNA

Por A. OSORIO DE VASCONCELLOS

V

Alfredo de Mello a Antonio Alvares

Meu caro amigo.—A minha doença ainda não fez crise. O estado pathologico, como dizem os medicos materialistas da época, prosegue sem alteração. Mas se o coração, considerado como viscera importante do organismo, pulsa regularmente, olhado como séde do sentimento, continua no seu anceiar por esperanças illusorias, descortinando ao longe, em paragens distantes, um pallido alvorocer de nova vida e gosos novos.

E comtudo o repouso é agora relativamente normal, comparado com as estranhesas do principio. Da tua ultima carta conclui, não sem um sorriso de commiseração, que muito te arreceiavas do meu natural pendor para aventuras romanescas. Dizes que devo de ser cauteloso, evitando tentações de

feiticeira, que almeja mais vastos horisontes para o seu voltear trefego e vertiginoso.

Tens a bondade de me chamar creança, que se deixa enganar com ouropeis e fallacias, que os meus ouvidos transformam em quebros melodiosos de rouxinol.

Acrescentas que os meus vinte quatro annos foram gastos em ler romances, os quaes lançaram no meu coração, já perfeitamente preparado, as sementes d'essa poesia ruim, que enleia o homem, entibia-o, mostra-lhe o mundo cheio de vicios e torpezas, enche-lhe a solidão de affectos e prazeres, e a final arrasta-o fatalmente ao tumulo.

Continuas ainda, e cada vez em tom mais stridulo, que a harmonia está no trabalho, e fóra d'elle o ranger dos condemnados; que a vida contemplativa exacerba a doença, e conduz a alma ao scepticismo e extasis religiosos, apanagio de fanaticos, ou ao idiotismo simples, o que é pertença de Rilhafoles.

Afinal, e por encurtar mais rasões e periphrases somnolentas, aconselhas-me que saia daqui, d'este cantinho do mundo, cujo maior crime é, na tua opinião, o ser tão retirado, que nem mesmo mereceu as honras de apparecer na carta de Portugal.

Não sei se devo tomar a serio este kyrie de conselhos, que parecem de homem assisado, grave, amanceirado e de muito juizo e consciencia como não devias de ser, porque nunca subiste ao capitolio de S. Bento, nunca *pediste a palavra*, nem escreveste artigo de fundo; és immaculado de todas as artimanhas politicas e sociaes, vives no teu cenobio, gosando os prazeres austeros e sacrosantos da sciencia, adoras o X giganteo do universo, contemplas e observas de noite, quando o murmurar dos homens emmudece, as estrellas, que sulcam ethereas ondas. Pois que! És tu, em verdade, o auctor da carta, que recebi? Foste tu quem escreveu tantas necedades em tão pouco papel? Lastimo-te, do fundo d'alma. Lastimo-te e abjurar-te-hia, se o erro não fosse do homem. Ah! meu amigo, quem me dera arcar com os perigos, que tu estás antevendo com tanta perspicacia, e de que queres arredar-me... com tanta rudeza! Prouvera a Deus que eu visse a meus pés, hiante, explendido, fascinador, esse abysmo, que te atemorisa. Prouvera a Deus, que me arrojara lá, ao seio das ondas, corpo a corpo com a sereia madida. Como ella havia de embalar-me nos seus braços voluptuosos ao sabor das vagas indolentes, cantando-me toadas maviosas! Como ella havia de allumiar as trevas da noite com o fulgor dos seus olhos, e mostrar-me as mil pedrarias, as columnas adamantinas, os frisos de amethysta, as empenas de esmeraldas e onyx, as laçarias de topazio e cristal, os rendilhados phantasiosos, as maravilhas infinitas do seu palacio encantado! E depois, quando farto já de tanta opulencia e a sereia me descerrasse as portas do gyneceu explendido, como havia de reclinar a cabeça no seio d'ella, e ouvir-lhe o coração a palpitar, até que a morte me arrebatasse no meio d'aquelle somno de amor!

Chegando a este ponto da carta, a tua zanga tocou as raias do licito, e vomitas improperios e pragas capazes de me soterrarem nas mais intimas profundezas do inferno.

—Sê maldicto, tres vezes maldicto, bradarás n'um rapto de desespero e raiva. Corres á perdição, e debalde te esconjuro.

Escusas de erguer a cabeça da tua retorta, ó meu pobre amigo. Não é mister que arredes os olhos dos astros, que brilham no firmamento, como lampadarios longinquos na cupola do grande templo.

Podes seguir com a vista a lua melancolica envolta em veu de lhama e que, segundo a formosa imagem de uma poetisa franceza, parece hostia alevantada por antistite invisivel no tabernaculo do universo. O teu amigo, o que te escreve esta carta, é puro e immaculado de todas as torpezas e voluptuosidades pagãs. Não o tentam sereias com os seus cantares maviosos. As Messalinas em vão se envolvem nas suas roupagens vaporosas e pintam o lindo rosto com mil cosmeticos da Arabia.

Debalde entoam hymnos anacreonticos os escravos que tangem lyras em volta do triclinio dourado. É tudo em vão, bem devias sabel-o. A cima das mundanidades está a verdade; acima da sensação o sentimento. Por isso, repito, e será esta a ultima vez, não te arreceis de mim. Se eu delirar, não será nos myrtaes da Grecia, libando o mel do Hymeto; mas sim na Scandinavia, ouvindo o cantar suavissimo das virgens, que choram a morte da Fingal e entoam o hymno funebre, o *coronah* sentido nos basaltos sonoros das Orcades.

Por essas se apaixonara o proprio S. Bruno, apezar dos seus extasis, porque as tomara como visões sidereas, como enviadas do Senhor, como seraphins purissimos, que cantam em chorêa angelica o trisagio celestial.

Ante uma dessas virgens vaporosas, cujos cabellos agitados pela brisa do norte se tornam em raios de aurora polar, curvara-me reverente, como tocado do fogo divino.

E se ella se dignasse de baixar os olhos para mim e sorrir-me envolta na sua auréola, amara-a toda a vida, porque toda a vida me fôra enlevo e perpetuo arrombamento. Ah! Aonde encontrar esse anjo purissimo, apezar da argila, que o reveste! Aonde buscar esse ideal, recendendo ainda aromas do empyreo, bafejado ha pouco pelo creador, tendo nos olhos essa placidez profunda, que denota innocencia, quasi inconsciente? Aonde? Quem podéra sabel-o!

—Mas ahi, nesse tecto hospitaleiro, nessa *honra* dos Viegas, prosegues tu, vive uma donzella formosa, azougada tentadora, olhos humidos, rosto lindo, ora pensativa, melancholica e pallida, ora louçã, petulante, alegre. Respiras ahi o bafo, que sae de um peito arquejante, inebrias-te com fragrancias de dezoito primaveras. E afinal, quem póde resistir a um combate, cuja victoria fica ignorada e esquecida, e custa lagrimas e arrependimentos ás vezes?

Isto dizes, e acabas aconselhando-me a fugir por evitar maior damno e estrago.

A tua voz é a de rasão fria, mas a rasão nem

sempre é rasoavel. Dado que a minha posição aqui fosse analoga á do homem que adivinha um precipicio, e não sabe evital-o, ainda assim, não seria cobardia, ou demasiada prudencia fugir vergonhosamente? Estou na edade, em que o coração muito tempo comprimido por falsos sentimentos de scepticismo e requintados respeitos pelo que é de uso chamar *conveniencias sociaes*, acceita a lucta travada com as tormentas da paixão, com esses mil nadas que custam muitas lagrimas, muitos desesperos, muitos suspiros dolorosos, que mais realçam os raros momentos de felicidade purissima.

Tu, que és homem hyperborico, mal pódes comprehender esta attracção irresistivel, que me arrasta ao supplicio e aos extasis. Tu, que és homem positivo, não avalias o que é soffrer aos pés da mulher adorada, implorando um olhar, que muitas vezes é punhal a dilacerar-nos o coração.

E queres que fuja! E ousas aconselhar-me que saia da liça, logo ao primeiro golpe! Não, mil vezes não!

Os homens fazem-se assim. A vida é a lucta com o desconhecido. E que coisa mais desconhecida que o coração de mulher! Ah! mas todas estas reflexões phylosophicas, que o divino Platão não renegára, não tem cabida aqui... porque Violante é o mysterio feito donzella. Ha mais de um mez que estudo esse problema explendido, e a equação que ha de resolvel-o ainda não houve estabelecel-a. Violante é o camaleão mythico e incomprehensivel. Umas vezes, pesquisador audaz, quando intento descer ao fundo do coração d'ella, encontro... cinzas e nada mais. Violante affigura-se-me então uma d'essas estatuas antigas, em que o cinzel de Phidias affeiçoou o marmore hellenico para lhe collocar lá dentro, no intimo do peito..... uma urna funeraria.

Outras vezes as cinzas agitam-se bafejadas pelo sopro creador do archanjo e a estatua fria, marmorea, impassivel, chora, geme, e soluça como virgem encarcerada em mosteiro alpestre.

A zombaria succede o pranto; á acrimonia a doçura, á ironia pungente a lenidade amorosa. Em fim não posso, por entranhados que sejam os meus desejos, photographar-te esta alma, que reflecte mil cambiantes, mil gradações diversas... talvez porque lá dentro ha muita poesia, ha muitos prantos, aonde os raios de amor se refrangem e produzem esse iris encantador, que nem sempre precede a bonança.

E comtudo, ó meu caro amigo, a minha situação é, relativamente, feliz e socegada. Entre mim e Violante estabeleceu-se certa intimidade contida nos mais estreitos limites do decoro.

Esta intimidade tão doce, cortada perpetuamente pelas irritações incomprehensiveis de minha prima, constitue um enlevo, a que não ha resistir.

Durante as nossas conversações, que se amiudam cada vez mais, borboleteamos descuidosamente por todas as litteraturas conhecidas, desde o canto informe e imaginoso do selvagem até ás estancias perfumadas e sentidas de Lamartine e Soares de Passos. E não julgues que a minha superioridade me serve de muito. Violante, que ajunta bastantes conhecimentos á muita perspicacia, a qual se traduz, ora em petulancia coruscante, ora em modestia melancolica, leva-me muitas vezes vantagem e obriga a callar o professor. Ah! É que todas as minhas idéas se confundem quando ouço aquella falla tão argentina e maviosa.

Já vês que o meu estado é invejavel. Não procuro o perigo, mas tambem o não evito. Estou preparado para a lucta, se houver inimigo que queira investir-me. Desconfio porém que por ora, e talvez, para sempre, o idyllio só seja interrompido pelas vaias innocentes de Violante... e pelas narrativas do velho cavalleiro, cuja espada brilhou ao sol das batalhas, como elle diz emphaticamente. Desnecessario é acrescentar que o velho realista tem em mim um ouvinte attencioso e reverente, que nem pestaneja no discorrer mais dicaz.

Sei applaudir, quando o applauso cae do molde, e de tal sorte me affiz a este seroar patriarchal, entre o pai, a filha e o cura da aldeia, que nem sei como se vive no *Gremio* ou no *Martinho*, ou como se pode ouvir de uma feita quatro actos de opera em S. Carlos ou de drama em D. Maria.

Vae já bem longa, e por ventura muito fastidiosa, esta carta; mas não quero fechal-a sem responder a uma pergunta, que me fizeste com inexcedivel desplante e hombridade sem igual.

Tomaste uns ares de inquisidor, engrossaste a voz pedagogicamente, e disseste como o doge no Othelo:

—*Já te arriscaste a alguma declaração?*

A phrase é textual e fique-te a responsabilidade d'ella.

Continuas logo: «Isso a que eu chamo *declaração* é o maior arrojo a que pode abalançar-se um namorado verdadeiro. Out'rora, quando nos tempos cavalheirosos o brio e pundonor envolviam a terra no seu manto de delicadeza, uma declaração era coisa simplicissima.

«O bardo envergava o arnez e a cota de malha, brandia a acha, cavalgava ginete farfante, derrubava na liça o contendor, e apregoava raínha da belleza e dos amores a alvidrosa donzella, que o enfeitiçara.

«Assim faziam cavalleiros enamorados; assim fazia o rei Arthur, assim faziam os doze de Inglaterra. Quando porém o cynismo revolto surgiu nas ondas da orgia, quando D. João V, ou Luiz XV deram leis de galanteria, confundiu-se a declaração com o beijo luxurioso, que nem mesmo era fremente.

«A esses tempos de impudicos e venaes prazeres seguiram-se os nossos de hypocrisia e falso recato.

«Ravenswood pode salvar tres vezes a sua Lucia, que nem assim lhe é licita uma declaração senão depois de muitos rodeios sapientissimos e rigorosamente metricos.

«O amor é agora uma sciencia positiva e exacta. O amor é a arithmetica do coração.

«Esta nova applicação dos numeros, que escapou ao proprio Gauss, tem os seus principios e axiomas, tem as suas deducções e scholios.

«Desgraçado de quem ignorar estas artimanhas sociaes, que para logo será posto a um canto, como soez e indigno da illustração do seculo.

«Recommendo pois a todos os que se atrevem a libar a ambrosia das Hebes de salão, que não caiam em patentear a chamma, que os queima, sem primeiramente experimentarem se no seu tirocinio encontram a seguinte proporção:

«A somma de sorrisos d'ella está para a somma de suspiros nossos, assim como as herdades ou posição social do noivo estão para iguaes quantidades da noiva.

«N'isto se encerra o amor d'este seculo.

«É o amor ex-professo.

Transcrevo estes periodos, para eterna vergonha tua. E ousas dizer que tens um coração!

Não quero combater esta doutrina; digo-te só, para teu descanço, que ainda não fiz declaração a Violante... porque nada tenho que declarar-lhe.

Pois o que havia de dizer-lhe, senão que posso amal-a um dia, que é esse o meu desejo, e que talvez a ame já, como um louco?

Oh! Mas essas declarações fazem-n'as os olhos, que são os mensageiros eternos do amor.

Parece-me que tenho travado com ella certas phrases nimio-sentimentaes, mas declaração explicita pertence ao acaso, ao deus dos namorados, em cujo numero não sei se devo incluir-me.

É alta noite. Reina a solidão n'este cantinho do mundo. Tudo aqui é placidez e innocencia, e as noites correm bem dormidas. Teu, etc.—ALFREDO DE MELLO.

(*Continua.*)

ERRATAS

No capitulo IV do romance *Galatéa Moderna*, deve fazer-se as seguintes correcções:

Pag.	74,	col.	2.ª,	onde se lê	— *luctuar*	leia-se	*fluctuar.*
»	»	»	»	»	» » — *dryadas*. . . .	»	*dryades.*
»	75,	»	1.ª	»	» » — *exhausto* . . .	»	*exhausta.*
»	»	»	»	»	» » — *açoitado* . .	»	*açoitada.*
»	»	»	»	»	» » — *deliciámos* . .	»	*delirámos.*
»	»	»	»	»	» » — *Preso*	»	*Presa*
»	»	»	»	»	» » — *constrange-se*	»	*constranja-se.*
»	»	»	»	»	» » — *cupido*	»	*aspide.*
»	»	»	2.ª	»	» » — *Melihen*. . . .	»	*Melibeu.*
»	»	»	»	»	» » — *namorosos* .	»	*nemorosos.*

E mais alguns erros se encontram, que escaparam por defeito de revisão, e dos quaes pedimos desculpa aos leitores e ao auctor.

HARPEJO

E vidi lagrimar cheduo bei lumi,
Ch'an fatto mille volte invidia al sole.
TASSO

Se soubesses quanto peno,
minha flor,
quando o teu olhar sereno,
turva a dor,

quando um véu de funda mágua
vejo ir
os teus olhos rasos d'agua
encobrir,

quando um ai do seio exhalas,
flor do ceu,
e m'escondes tuas fallas,
anjo meu;—

e se visses que almo gosto
reina em mim,
quando alegre esse teu rosto
vejo emfim;

se meu seio examinasses,
fosses ver
quando anima tuas faces
o prazer,

e teus olhos scintillantes
vejo a par
como dous astros amantes
palpitar;

quando corres vaporosa
para mim,
como a douda mariposa
do jardim;

quando, longe dos abrolhos,
vejo em ti
ceu d'amor, que dos teus olhos
me sorri:

ai se visses, se soubesses!...
então, sim,
ouvirias minhas preces,
cherubim.

De minh'alma doce incanto,
casta flor,
¿porque choras? susta o pranto,
deixa a dor.

Deixa a dor que assim te opprime
o coração,
como o sol que verga o vime
para o chão.

Vai ás flóridas campinas
respirar
os perfumes que as boninas
te sóem dar.

Vai, que o ceu é lindo; e o prado
te sorri
com mil flores que ha guardado
para ti.

E se á tarde pende a cõma
cada flor,
é perpétuo o sancto aroma
d'este amor.

Vizeu.

CANDIDO FIGUEIREDO.

As rosas brancas e incarnadas, os lirios roxos e azues, as cecens brancas, os bem-me-queres e as boninas com uma roza dourada no meio se guarnecem e enfeitam para os olhos dos homens; os frutos das arvores quando chegam á sua desejada perfeição, e as searas na fertilidade de suas espigas se tornam de ouro: e as mais formosas creaturas humanas, com as cabeças douradas mostram sua belleza; e a esta imitação trazem os principes e monarchas do mundo o ouro sobre a cabeça; os reis e imperadores nas corôas, os papas nas thiaras, ou bispos nas mitras, e as matronas illustres nos toucados, ao pescoço, sobre o peito, e pendurado das orelhas, nos dedos, e nos braços, fazendo voluntarias prisões da sua formosura.

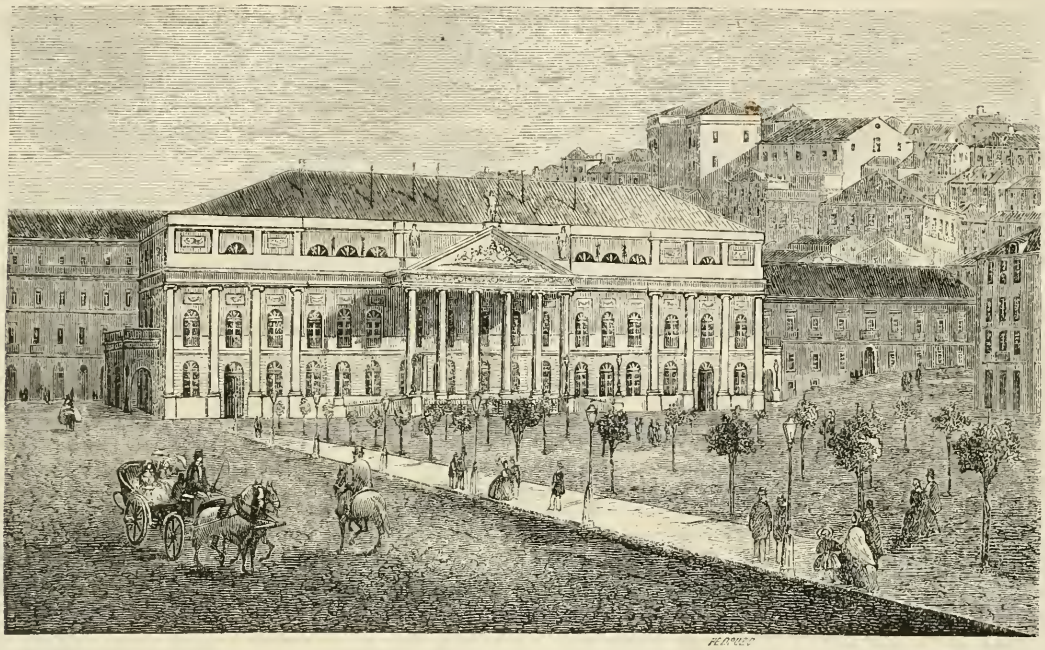
FRANCISCO RODRIGUES LOBO.

Typ. Franco-Portugueza = Rua do Thesouro Velho, 6.

THEATRO DE D. MARIA II.

Por A. OSORIO DE VASCONCELLOS

Singular e estranho destino persegue ás vezes as obras do homem. Que vicissitudes! Que baldões da sorte! Quem dirá, se por ventura não for sabedor da historia, que n'aquelle edificio, que hoje é templo das artes, já se aqueceu a fornalha, aonde ossos humanos se tisnaram para honra e gloria de um Deos de clemencia e bondade! Quem dirá que no garrido e loução theatro de D. Maria, aonde echoam risos e volitam jocos, erguia-se outr'ora um palacio torvo e sombrio, minado de carceres, em cujos arcanos soterrados reboaram maldições de tredos juizes e rangeram dentes milhares de victimas. E comtudo, esta a historia authentica e genuina do nosso theatro normal. Singularissimo contraste muito para pensar e admirar. Rastreemos, porém, sem grandes individuações a historia d'este edificio. Sigamos a monographia d'este monumento de pedra desde a sua fundação até hoje. Muito havemos de aprender que o theatro de



D. Maria II teve o condão de andar ligado, desde eras remotissimas, ás grandes revoluções que alteraram por vezes mui profundamente o viver e crer de Portugal. D'esses edificios se póde dizer affoitamente que são verdadeiros livros de pedra, porque foram testemunhas mudas e quedas e eloquentes dos principaes successos de que reza a historia.

.....»

Era no meiado do seculo XV. D. João I, o rei heroico, havia descido ao tumulo, envolto na velha armadura, aonde batera de chapa o sol em mil recontros. O cavalleiro, que conquistou a corôa e libertou o reino nos plainos de Aljubarrota, o fero conquistador de Ceuta, o primeiro portuguez, que pizou as areas adustas da Africa e desfraldou ao vento do deserto a bandeira do occidente, o artista, que fundara a Batalha, esse monumento de um povo juvenil, conscio da propria força; o rei popular emfim, eleito pelo povo e filho do povo, repousava das fadigas da vida na crypta do seu mosteiro, e as suas cinzas dormiam o derradeiro somno.

A ala dos namorados e os cavalleiros ardentes do condestavel já se tinham esvaido a pouco e pouco, e cada qual por sua vez, nas sombras da morte. Nascera e crescera outra geração, com outras esperanças, com diversos intuitos. A D. João I succedera D. Duarte, á ala dos namorados os maritimos de Sagrés. Os leões do occidente geraram os leões do oriente, os titães deram o ser a outros titães, os quaes avassallaram o Adamastor, titão como elles.

D. Duarte, porém, passados cinco annos de reinado, morreu da peste, que assolou por aquelles tempos o reino; o heroico e malfadado irmão do sancto infante finou-se ouvindo os prantos e lamentos dos seus vassallos moribundos.

Perdêra um pai o reino, e ficara-lhe uma creança, tenue vergontea da heroica estirpe.

Appareceu então um homem, que segurou com mão experiente as redeas da governança, e dotou o paiz de grandes melhorias, ao passo que lhe dirigia os impetos e hardimentos. Era o infante D. Pedro, um dos vultos mais venerandos e respeitaveis d'essa época gloriosa. Era o infante D. Pedro, soldado valente e audaz, sabio cosmographo, amantissimo das grandes entreprezas, que por largos annos preparou, já com os seus estudos e viagens, já com a poupança dos redditos e boa direcção do espirito nacional.

Era pois no meiado do seculo XV (1) Portugal ia sendo procurado pelas nações da Europa. Todas queriam a alliança e amizade deste pequeno reino, que esbracejava já, e intentava rasgar com as prôas dos seus galeões as nevoas, que encobriam o berço da aurora.

O vasto porto de Lisboa mal podia receber no seu ambito os baixeis que vinham de toda a parte, e raro era o dia em que um embaixador estranho não vinha pactuar com o grande infante que ora geria a coisa publica.

Era forçoso dar condigna e faustosa pousada a tão ricos estrangeiros. Assim o pedia a grandeza propria.

Determinou-se D. Pedro a erguer sumptuosa fabrica, aonde recebessem moradia e gasalhado não só os embaixadores senão tambem os cortezãos, que não tivessem cabida nos paços reaes.

Esta a origem dos *paços dos estaos*, ou *hostaos*, vocabulo antigo, que quer dizer hospedaria publica.

Occupava o paço dos Estáos o lado septemtrional para oeste, sendo que o Rocio tinha a mesma situação de agora com a só differença de ser então muito irregular.

Serviu o palacio pela primeira vez em 1451, por occasião das festas que houve em Lisboa, quando a infanta

(1) 1449, segundo o sr. Vilhena Barbosa. Escreveu este sabio e erudito academico alguns artigos sobre o mesmo assumpto no VI volume do *Archivo Pittoresco*, que recommendamos aos leitores assim como todos os trabalhos de tão abalisado escriptor.

D. Leonor, filha de D. Leonor, filha de D. Duarte e irmã de D. Affonso V, o Africano, contrahiu nupcias com Frederico III, imperador da Allemanha. Foram pomposamente acolhidos os embaixadores tudescos durante os mezes que se demoraram na já então florescente Lisboa.

Correram emtanto os annos. A simplicidade e rudeza de costumes de D. João I cedera o passo ás blandicias e lenidades de D. Manuel, e este, após tantos annos ininterruptos de venturas e glorias, baixou á sepultura. Com a morte do rei venturoso começou a decadencia de Portugal. A mortalha de D. Manuel deixou vastas sobras para a mortalha do paiz. Subiu D. João III ao throno, e com elle assomaram de envolta os primeiros negrumes do fanatismo torvo e sombrio.

Se os judeus haviam sido expulsos e definhada a industria nacional; se a sede de ouro, que não a fé immaculada e os brios de cavalleiros, levava os portuguezes ao oriente, ao rei fanatico e intolerante coube a triste sorte de dar o derradeiro golpe á prosperidade publica.

Qu'importava que os baixeis vergassem com o peso das pedrarias e especiarias, e os heroes recebessem as pareas do oriente, se as praças africanas eram abandonadas, e se perdiamos o futuro dominio de tantas riquezas para colonisar as plagas longinquas de Santa Cruz! Qu'importavam esses restos, embora sumptuosos, de opulencias herdadas, se a Santa Inquisição surgia das sombras, qual furia delirante, brandindo o facho ardente, que havia de tisnar os ultimos alentos do povo?

Qu'importava o nosso poderio se o cancro nos comia as entranhas e nos dilacerava implacavelmente? Oh! Portugal era já um paiz moribundo. Gloriosos e para sempre admiraveis eram os seus derradeiros arrancos, com os quaes estremecia o mundo espavorido. Mas ninguem podia dar vida ao cadaver. Cercavam-n'o as lividas sombras da morte, seu rei entoara-lhe o hymno funebre e as psalmodias tetricas da egreja, e no seu tumulo aninhava-se a inquisição como um reptil gigante e roaz, que carecia de fogueiras para se desentorpecer. A inquisição! Que idéas pavorosas não sobem á mente quando soltamos esta palavra fatidica! A santa inquisição! Não vasculhemos esse paul infecto, esse lago de sangue, aonde pullularam cardumes de vermes sanguinarios! A santa inquisição! Macula indelevel da historia moderna, creação hybrida do fanatismo hespanhol, do delirio clausural, da voluptuosidade ardente de homens que, na força da idade e das paixões, sentindo os impudicos extasis dos flagicios, sequestrando-se do mundo, que aborreciam para melhor o dominar, arreceiando-se de satanaz, que os perseguia, afogavam em sangue o vulcão, que lhe ia revolto e medonho lá dentro!

Era necessaria a inquisição a Portugal moribundo. Era necessario que as fogueiras lividas e sinistras espalhassem de envolta com os seus clarões o espanto, a morte, o estrago. Era necessario que um rei fanatico lhe desse acolhida nos seus paços, e escondesse a purpura por traz da negra sotaina, da medonha estamenha de S. Domingos.

Assim fez D. João III, e o paço dos Estáos tornou-se o ergastulo immenso de um povo escravo. Nas salas aonde pousaram tantos fidalgos estrangeiros e nacionaes; n'aquellas salas, que serviram de abrigo a tantos varões illustres, e foram testemunhas de scenas de gloria, amor e saudades, ergueram-se potros, accenderam-se fornalhas, prepararam-se tractos, forjaram-se algemas e cadeias. As tapeçarias foram substituidas, chumbadas as grades nas janellas, por onde entrava outr'ora livre e á folga ar, luz, calor e vida. Era necessario que o aspecto do palacio da inquisição fosse lugubre e carrancudo, era necessario que fosse... inquisitorial. Tudo soffreu completa transformação. Corriam estreitos passadiços pelo meio das paredes, os carceres abobadados tinham miradouros imperceptiveis, e o desgraçado não podia soltar um gemido ou uma maldição sem que os barbaros e implacaveis algozes o ouvissem. Fôra longo descrever já o palacio inquisitorial, já as saturnaes christãs, que começaram no paço dos Estáos. Assumpto é esse de si tão importante, que não cabe nas estreitezas de um artigo. Os que forem curiosos devem ler a *Historia da Inquisição em Portugal*, pelo profundo e sabio historiador o sr. A. Herculano, e nessa obra admiravel, verão como a hydra do christianismo teve artes de aninhar-se em Portugal.

São passados mais de dois seculos e meio. Encarregou-se uma grande catastrophe, o terramoto de 1755, de derrubar o palacio da inquisição, e comquanto resurgisse mais augmentado e sumptuoso das ruinas fumegantes, dava o marquez de Pombal profundo golpe na sanguinaria instituição, acabando com as differenças entre christãos novos e velhos, abolindo o castigo do fogo e cortando as azas ao abutre, que esvoaçava sinistro no firmamento de Portugal.

Estamos em 1820. O povo sedento de liberdade e reconhecendo emfim que era mais que um rebanho, ergueu-se á voz dos tribunos, soltou o grito de redempção e do mesmo modo que os parisienses, correram os lisbonenses á bastilha do santo officio, abriram portas enferrujadas, atravessaram lugubres salas, franquearam carceres escuros, libertaram algumas victimas, que ainda restavam, e afinal, refugiram espavoridos, horrorisados, mal podendo acreditar na crueza e ferocidade dos seus antigos algozes. Pouco faltou que o edificio não fosse arrasado, e se as victimas não escaceassem tanto em virtude das sabias restricções do grande marquez, certo que o povo havia de dançar tambem sobre os fundamentos da bastilha religiosa.

Sumiu-se para sempre esse espectro mal raiou a liberdade, cujos clarões escureceram as fogueiras.

Quando rebentou a revolução no rocio, e a palavra magica—liberdade,—reboou, com a velocidade do relampago nos quatro angulos do paiz, foi derrubada a estatua da Fé, que campeava no alto da empena, calcando aos pés a heresia. Foram delirantes os applausos da multidão, que se revolvia, como as ondas do oceano.

A revolução porém, com ser popular porque apregoava e sanctificava os direitos do homem, que não mais podia ser arrebanhado á vontade de um pastor despotico, tinha inimigos entranhados. Entre estes e na vanguarda, apparecia o vulto do general Silveira, que lamentava a queda do despotismo e almejava alevantal-o das ruinas, em que baqueára. N'este intuito intentou proclamar a constituição hespanhola de 1612, de parceria com outros conjugados, *para á sombra d'ella crearem uma situação politica, em que podessem dictar a lei ao paiz*, como diz o sr. Vilhena Barbosa.

Ainda a revolução não estava consolidada, e surgiam inimigos de toda a parte; mas já o grande Fernandes Thomaz recebia a apotheose do povo, que lhe entregou, nos paços da inquisição, as funcções governativas.

O illustre patriota pagou depois com a vida na masmorra, este grande acto de valor civico e humanitario.

Por uma d'aquellas antinomias terriveis e inexplicaveis da historia, acontece quasi sempre que os que quebram os ferros dos povos, morrem em ferros.

A revolução de 1820 deu pois mate á inquisição. A luz afugenta as sombras, a vida expelle a morte.

Os carceres, não mais foram povoados, já não reboavam nas abobadas os echos plangentes de suspiros e lamentos.

As fogueiras, que ainda bruxuleavam depois do ministro de D. José, foram extinctas de todo. O *cré ou morre* dos mahometanos incircumcisos ninguem ousava proferil-o n'aquella época auspiciosa, em que os velhos romanos como que reviviam na brilhante pleiade de liberaes. Os brandões funerarios das confrarias já não allumiavam as longas procissões de penitentes, e os inquisidores e familiares em vão derrubavam o sobrecenho, que ninguem entoava supplices preces.

Só restava, após tantos annos de barbaros supplicios, a tradição ensanguentada e lugubre de um tribunal terrivel, composto de algozes, que tripudiaram em uma orgia de matança e carnificina.

Em 1821 decretaram as côrtes a extincção da *Santa-Irmandade* de pavorosa memoria. Folgaram a justiça e a humanidade no inulto tribunal da historia.

O povo acolheu com frémitos de alegria esse decreto memoravel.

O palacio da inquisição soffreu então diversas vicissitudes. No seu ambito estanciaram, desde 1820 até 1836,

o governo provisorio, a camara dos pares e o thesouro publico, até que um incendio pavoroso o devorou, deixando-lhe apenas as paredes.

De justiça foi que o fogo purificasse aquelle edificio, aonde correu tanto sangue innocente.

Continua)

IDILIO

III

A arvore do bom pastor

Na margem de um rio caudaloso, cujo leito humilde era rodeado de altos e escarpados rochedos, vegetava, solitaria, robusta azinheira. Causava dó vêr a gigantesca arvore, que na planicie teria elevado até ás nuvens sua magestosa coma, crescer sem gloria em áspero e profundo barranco. De que servia os seus ramos estenderem-se a grande distancia em roda do tronco? De que servia, suas flores, soltas pelo vento, formarem a seus pés macia e deliciosa alfombra? Nunca viu pastor algum procurar á sua sombra abrigo contra o fogo abrasador do meio dia, nem jamais ouviu o terno discorrer de dois amantes, nem os alegres sons das danças campestres, nem a voz grave e solemne dos anciãos, ora em pastoril concurso, adjudicando o premio do canto, ora em doce colloquio, ricos de experiencia, prégando a virtude: aos maus annunciando curta vida e cheia de tormentos, aos justos promettendo larga senda de paz e de virtude. Da vereda do monte, a cujos pés jazia a infeliz arvore, os rebanhos lhe despiam os ramos da sua copa e as creanças da aldeia faziam fogueiras dos seus despojos; por isso, se algum estrangeiro a admirava, não obstante a sua humilde posição, os filhos d'aquella terra diziam: «Como pode ser grande a arvore cujas flores e fructos são colhidos pelos nossos pequeninos no seu mais elevado cimo!»

Ostente em má terra um bello coração suas flores, seus fructos de ouro um alto engenho. Em vão! Como troncos sem seiva murcharão; como as aves sem ninho morrerão sem canto e sem plumagem; ou como tu, formosa azinheira, desconhecidos pela ignorancia, viverão sem lustre entre brenhas, sem honra entre abrolhos.

—Cortemos esta arvore inutil, disse um dia Narciso, seu dono; o seu producto dar-me-ha, pelo menos, duas cabras e uma ovelha. Com as primeiras augmentarei o meu rebanho, com a segunda, de flores e fitas adornada, presentearei a minha querida Lilia. E alegre, ufano com tão feliz ideia, pensando na sua pastora e cantando, começou a desbastar a pobre arvore.

«Caiam, disia, teus ramos e teu tronco aos repetidos golpes do meu machado, velha azinheira, e invejem o teu destino as arvores, que nos bosques e nos prados o furacão derriba, ou as que podendo resistir aos seus furores morrem velhas entre injurias e affrontas. Não morrerás, não, sem recordações e sem gloria. Quando Lilia, com seus lindos braços, enlaçar o alvo collo da minha ovelhinha, quando, amorosa, acariciar o seu fino vello pensando em mim, então abençoarei tua memoria, e juntamente com o meu amor guardal-a-hei para sempre em meu peito.

«Trinai suavemente, passarinhos que vos aninhaes em sua ramagem; soprai em torno vosso doce alento, auras embalsamadas, que dais frescura á sua sombra, voz ás suas folhas; morra o vosso amigo entre caricias como o menino que do regaço materno baixa á sepultura.»

Assim cantou Narciso; e apenas acabava, quando uma voz grave e sonora feriu seus ouvidos. Approximou-se para ver de quem era, e reconheceu o pastor Cecilio, oraculo da aldeia, honra e gloria da comarca. Assentado aos pés da azinheira, reclinada a veneravel cabeça sobre o tronco, levantava para o céo seus olhos já amortecidos pela idade, puros como sua alma, doces e ternos como o seu terno coração, e assim dizia:

«Tenho visto o fogo consumir as cidades e abrazar os campos; tenho visto a terra commovida estremecer com fragor e derribar os templos, soberbos palacios e as humildes cabanas; tenho visto as guerras estrangeiras e as dissensões intestinas agitar sobre os povos seus fachos homicidas e apagal-os com sangue; e quando as innocentes creanças brincavam com as pedras dos tectos dourados e das santas abobadas; quando os reis pereciam nos supplicios, como se foram obscuros malfeitores; quando as nações se não poupavam á morte, vi tambem, arvore amiga, que o hospede da tua ramagem cantava alegre e tranquillo em sua guarida, em quanto que tu crescias formosa como os filhos das selvas, modesta como tudo quanto é grande e formoso.

«Vi o teu tronco em sua infancia, pequeno ainda e flexivel, crescer com grande custo em terra pobre; vi-te, solitaria e sem apoio, levantar para o céo a fronte secca e sem adornos, qual orpham abandonado. Bemdita seja a mão que te protegeu! Vi-te depois forte, erguida, feliz, como se amor de mãe te tivesse conservado, como se formosa companhia houveras tido; e ao passo que os annos teem ido desfolhando uma a uma as flores da minha vida, as tuas nascem mais bellas e fragrantes de primavera em primavera. Bemdita seja a vontade de quem te fez formosa, e bemdito o poder que te tornou forte, arvore querida.

«Gosto de te ver subir e crescer quando eu velho e fraco desço e morro! Cavar-se-me-ha a sepultura a teus pés e grata sombra á minha humilde lapida darão teus ramos, e acceitarás agradecida os ultimos amores do que na vida não teve filhos nem esposa! Mil annos vivas e outros mil, linda azinheira; e o céo conceda verdor eterno a tuas folhas, ditosa liberdade ao passarinho que formar seu ninho em tua ramagem; zéphiros brandos á tua copa formosa, fresca chuva e terna amiga a tuas raizes. Já mais o aquilão ou o sudoeste furiosos te murchem, nem traidor insecto te disseque roendo-te o coração.»

Assim cantou o ancião. Approximando-se depois de Narciso: «Orpham, lhe disse, conserva a solitaria arvore; é tua irmã. Vem comigo viver, será teu tudo quanto possuo. Eu vos adopto: a ti para a curta vida que me resta; a ella, para depois da vida.»

O desejo de Cecilio foi satisfeito. Os restos mortaes do ancião foram depositados aos pés da azinheira, que os habitantes da aldeia chamaram d'ahi em diante *a arvore do bom pastor*. É fama que desde então goza a azinheira de uma constante primavera, e que uma multidão de flores de exquisita fragrancia, nascidas espontaneamente á roda da sepultura, embalsamam o ar, sem nunca murcharem. Dizem os pastores que a alma do bom ancião, ao subir á mansão dos justos, passou por aquellas flores, communicando-lhes uma pequena parte do seu divino perfume, e que no silencio da noite se ouvem debaixo da arvore suavissimas e ineffaveis harmonias, que não são mais do que os echos da sua voz celestial.

BATALHA DE POITIERS

Este nome sôa lugubremente, como o de Crécy, como o de Azincourt, aos ouvidos francezes. Estas tres batalhas foram por muito tempo as tres maculas estampadas na alva bandeira das flores de liz, maculas que os francezes só julgaram lavadas com o glorioso sangue de Fontenoy. Em Poitiers, em Crecy, em Azincourt o leopardo inglez tripudiou ovante sobre os rotos pendões dos descendentes de Carlos Magno.

Longas foram as guerras travadas durante a idade media entre a França e a Inglaterra. Motivaram-n'as principalmente e facilitaram-n'as o possuir o rei de Inglaterra, na sua qualidade de duque de Normandia, extensos territorios no continente francez. Correram estas guerras (que deram principio ao velho rancor, que entre si dividio as duas nações) com varias alternativas. A corôa de França, rolando da fronte fragil de Carlos VI, o rei louco, chegou a cingir a fronte dos monarchas inglezes. Voltou ella aos seus naturaes possuidores, graças á iniciativa audaz de uma criança verdadeiramente inspirada por Deus, Joanna de Arc. E assim findou a prolongada lucta, que inimizou os dois povos durante a idade media, lucta que se reaccendeu depois em varias occasiões, e hoje parece quasi de todo aplacada.

Retrocedâmos á época, a que nos chama a gravura. Reina Eduardo III em Inglaterra, Eduardo III o fundador da Jarreteira, o pai do principe Negro, d'esse vulto sublime, que brilha nas trevas da idade media com o duplo esplendor do valor cavalheiresco, e do talento militar.

O principe de Galles, cognominado o principe negro pela negra armadura que usava constantemente, é talvez o general mais notavel de uma época, em que, mais do que a habilidade e a estrategia, decidia as victorias a força bruta. A pericia d'este grande homem fez inclinar para o lado da Inglaterra a balança, em que se pesam os triumphos militares. Teve tambem a França um homem notavel a oppor-lhe; mas esse era mais do seu tempo, mais cavalleiro andante do que habil general. O homem, a quem nos referimos, já de certo os leitores o adivinharam, era o condestavel Duguesclin, o predecessor de Bayard em bravura pessoal, em caracter integerrimo, e em cavalheirismo immaculado.

Mas nem esse mesmo estava na batalha de Poitiers. Faltava o heroe da França para disputar, ao menos por um instante, as palmas da victoria ao heróe da Inglaterra.

Era em 1356. Invadiam as tropas inglezas o territorio da França. Eduardo III invadia a Picardia, seu filho, o principe Negro, atravessava, precedido pela victoria, as mais ferteis provincias francezas. Saio-lhe ao encontro o rei João á testa da flor da sua fidalguia.

Contava dezeseis mil homens o exercito francez, oito mil apenas o do principe Negro.

Apenas o rei de França vio approximar-se o inimigo, logo foi ouvir missa e commungar juntamente com seus filhos, que o acompanhavam. Ingenua usança d'esses tempos, em que Deus era invocado para auxiliar a satisfação das paixões desenfreadas dos homens.

Apesar da superioridade numerica dos francezes, era da parte d'elles uma imprudencia acceitar a batalha, que o intrépido principe lhes offerecia. Tão habil quanto valoroso, o principe de Galles escolhera um terreno favoravel, d'onde os seus besteiros, abrigados pelas arvores que lhe cobriam a frente de batalha, espalhariam a morte nas fileiras francezas antes que estas podessem chegar a alcance de se travarem, arca por arca, com os seus inimigos.

Foi o que succedeu. O rei João dividiu o seu exercito em tres corpos, commandados, o da vanguarda pelo duque de Orleans, irmão do rei; o do centro pelo duque da Normandia e o da retaguarda pelo monarcha em pessoa. Como a cavallaria formava a maxima parte do exercito francez, e como o terreno aonde o principe Negro, como consummado estrategico, chamára a batalha, não se prestava ás manobras d'essa arma, o rei de França mandou apeiar uma porção dos seus cavalleiros, e encurtar as lanças, porque previa e desejava que fosse o combate corpo a corpo. Avançou a linha commandada pelo duque de Orleans, e foi recebida por uma nuvem de frechas, que introduziram a desordem nas suas fileiras. Os cavallos feridos recusavam avançar, e atropellavam os peões, que se lhes seguiam. Muitos dos cavalleiros, arrastados pelos corceis furiosos, cairam no meio da segunda linha, que igualmente desordenaram. Apossou-se o pannico dos francezes, que já n'esse tempo, temiveis na avançada, se desmoralisavam facilmente em sendo obrigados a fazer um movimento retrogrado.

O corpo, commandado pelo rei, foi o unico que oppoz uma resistencia seria, e salvou a honra das armas francezas. Praticaram-se alli essas gentilezas e façanhas, que os menestreis cantavam com enthusiasmo, e os chronistas registravam escrupulosamente nos seus venerandos in-folios. O rei João em pessoa praticou actos de valor, que desculpam até certo ponto a sua imprudencia de general. O seu filho mais novo, que foi depois Philippe o Au-

daz no catalogo dos reis de França, então apenas de idade de treze annos, principiou logo d'ahi a merecer o cognome com que a historia o distinguiu. Debalde os Inglezes insistiam com el-rei João que se rendesse, o intrépido monarcha respondia-lhes abrindo em torno de si um largo circulo com a espada ensanguentada. Só queria entregar-se ao principe de Galles, mas, vencido pelos rogos do cavalleiro de Artois, que combatia nas fileiras inimigas, constituio-se afinal prisioneiro.

O principe Negro tratou-o com extraordinaria distincção; recebeu-o na sua tenda e quiz elle mesmo servil-o á meza, não cessando de louvar o seu valor, e procurando adoçar-lhe as amarguras do captiveiro e a vergonha da derrota.

A batalha de Poitiers teve para a França consequencias desastrosas. Além dos sacrificios que teve de fazer para resgatar o seu rei, ficou-lhe no campo de batalha a flor da sua nobreza. De 16:000 combatentes, morreram 6000.

Eram assim as batalhas antes da invenção da palavra, estygmatisada por alguns philosophos que se dizem humanitarios!

PEREZ LORENZO

(Scenas da Campanha do Mexico)

Por PINHEIRO CHAGAS.

VI

Assim, conversando e rindo, tinham-se ido approximando do sitio, d'onde partiam os sons, que, ouvidos ao longe, tanto tinham enlevado os contraguerrilhas, e que se iam tornando cada vez mais distinctos e harmoniosos. Afinal, um jorro de vivissima luz inundou o arvoredo, que, rareando-se de subito, deixou ver uma ampla clareira, e n'essa clareira um espectaculo, deveras proprio para maravilhar homens menos habituados do que esses aventureiros, aos casos inesperados e extravagantes das florestas mexicanas.

No meio da clareira ardia um fogo, cujo clarão avermelhado purpureava as arvores immoveis, que circumdavam a *sala de baile* (chamamos-lhe assim por justos motivos), e projectava sombras vacillantes nas differentes veredas que alli iam ter, e que até um certo ponto eram illuminadas pelos lampejos da fogueira. Junto d'esta, insolentemente recostado na relva, estava um homem, o unico do bando, dedilhando uma guitarra com toda a *nonchalance* do amador andaluz, e contemplando a dança lasciva d'um bando de mulheres, que revoluteavam n'um *bolero* dos mais animados, acompanhando-se com as inevitaveis castanholas. Entre estas mulheres havia-as bonitas, feias e horrendas, havia-as de todas as procedencias, mexicanas, hespanholas, indias até, mas todas essas nacionalidades se fundiam perante a influencia magnetica do bolero e das castanholas, da guitarra e do pandeiro, que se casavam harmoniosamente inundando a floresta de melodias, que tinham ido, como vimos, affagar suavemente o ouvido dos contra-guerrilhas.

Depois das scenas de guerra e de sangue que tinham vindo procurar, esta scena de paz e de serena tranquillidade não podia deixar de incantar os aventurosos soldados. Todos elles estavam muito longe de se parecerem com a Herminia do Tasso, mas convenço-me de que todos sentiram a impressão que a heroina do poeta de Sorrento sentio ao deparar-se-lhe a dois passos das pelejas sanguinosas, dos combates de Jerusalem, do acampamento dos cruzados, o suave idilio dos pastores.

Não foi pequeno o espanto dos dançadores, ao verem apparecer de subito na clareira aquelle grupo inesperado, e ao verem scintillar as chammas nos canos das espingardas, nas folhas das espadas, e nas bayonetas luzentes. Ao brado de espanto e de satisfação com que os contra-guerrilhas saudaram esta scena tranquilla, que se lhes deparava, corresponderam os actores d'ella com um grito de terror.

Logo se lhes dissipou o susto, ainda que não fosse senão pela impossibilidade em que estavam de fugirem. Todas fizeram da necessidade virtude. Era impossivel a fuga, resignaram-se. Tambem, se fugissem, parece-me que fugiriam como as nymphas da Ilha dos Amores do nosso immortal Camões fugiam dos aventurosos companheiros de Vasco da Gama, para terem o prazer de ser alcançadas, para darem aos seus perseguidores a doce gloria de as vencerem.

O «guitarreiro» esse é que tentou esquivar-se deveras. Armou o pulo, e saltou como um jaguar para o mais cerrado do arvoredo. Mas logo deu um grito porque se achou nos braços d'um homem, que surgia d'esse lado onde elle não esperava inimigos.

Entretanto os soldados, com o consentimento do commandante, capitulavam com as suas mais ou menos bellas prisioneiras, escolhiam par e preparavam-se para aproveitar o baile, a que o acaso os convidara. Era tanto mais justa a sua resolução quanto, como depois conheceram, essas mulheres e esses preparativos esperavam n'esse sitio os bandidos, que lhes appareciam agora manietados e encerrados n'um circulo de bayonetas.

Só faltou o guitarreiro; o homem, como vimos, no impeto da fuga fôra cair nos braços d'um novo actor, que parecera surgir de proposito do centro da floresta para se prestar a essa tocante scena. Quando todos perguntaram por elle, viram-no apparecer rebolando junto da fogueira. O homem fizera a sua entrada em scena d'um modo um tanto original impellido pelos braços robustos do recem-chegado, que não o recebera, como vêem, com um carinho exemplar.

Todos se riram, e o que fornecera assumpto para as gargalhadas, approximou-se mansamente do capitão Viarmont, que permanecia distrahido, e disse-lhe, tocando-lhe no hombro:

—Capitão, preciso que me oiça. Ao deixar para sempre este mundo, não quero que a minha imagem fique gravadá, como a d'um assassino selvagem, na memoria d'um homem de bem.

O capitão voltou-se estremecendo, e vio Perez Lorenzo.

(Continúa.)

UM PESADELLO

Era n'um baile de mascaras: logar da scena, ambiguo; actores, meia duzia de mancebos assentados em torno de uma mesa, onde se viam os mais exquisitos manjares e vinhos de todas as qualidades. A conversação, a principio *sotto voce*, ainda que um pouco animada, foi seguindo depois a escala progressiva até chegar a um *tutti* atroador, no qual um musico poderia observar uma desafinação crescente.

Primeiro que tudo convem dizer que *eu* (monosyllabo satanico) representava uma unidade da mencionada meia duzia.

Ainda que não conservo mais do que uma idéa confusa d'aquella scena, recordo-me, comtudo, que, em quanto os meus cinco companheiros, com o rosto afogueado e os olhos faiscantes, referiam uns a outros, sem se attenderem, as conquistas d'aquella noite e os encantos da polka intima, a minha pessoa (procurarei evitar o *eu* tanto quanto me fôr possivel) cantarolava em voz baixa a walsa do Fausto, batendo o compasso com uma faca, que feria simultaneamente um prato, onde jaziam os restos do esqueleto de uma perdiz. A minha attitude reconcentrada e quasi silenciosa no meio d'aquella tumultuosa assembléa formava um contraste flagrante, que os meus amigos não podiam deixar de perceber.

—Olá, acorda! me disse um d'elles, dando-me com o pé por debaixo da meza. Então, não está quasi a dormir este senhor!

—Levanta os olhos, disse outro, se é que não receias de que n'elles contemos os copos que tens bebido.

Parece-me que n'este momento levantei a cabeça.

—Sabes, meu amigo, que és passaro de mau agoiro? exclamou um terceiro; essa cara de miserere é impropria da situação.

—Muito bem dito. É dissonante.

—Incongruente.

—Vá-se deitar.

—Não, não, falle.

Procurei fazer um esforço sobre mim mesmo.

—Sabem o que lhes digo? exclamei a final olhando em torno de mim; é que os vossos rostos vão-se tingindo successivamente de amarello, azul, encarnado e até de todas as côres do arco iris.

—Safa! conhece-se que tem bebido mais do que um inglez.

—Isso é conforme a côr do vinho com que nos olhas.

—É singularissimo! tornei eu, com a insistencia propria da embriaguez, e levando aos labios um copo formidavel, coroado de fervente escuma; n'este momento todas as phisionomias passaram de encarnado a uma côr de ouro vivissima.

Esta observação foi acolhida com estrondosas gargalhadas, em quanto que eu sentia com prazer na garganta o agradavel attrito do artificial *champanhe*.

Cançado sem duvida, d'aquelle esforço, ou para melhor dizer, magnetisado pelos vapores do nectar, tornei a deixar cair a cabeça, mostrando-me insensivel a tudo quanto me rodeava. Julgo, todavia, que procurei abrir os olhos; porém, cada uma das palpebras pesava, seguramente, tres a quatro mil kilogrammas; quiz livrar-me d'aquelle peso importuno, mas os braços negaram-se a obedecer-me, e...

Estou desconfiado que adormeci.

Não, porém, com esse somno tranquillo e descançado, parenthesis da vida, que com tanto afan deseja quem padece; pelo contrario, com um d'esses somnos agitados em que a sensação se duplica e em que a vida moral se reconcentra em um sentimento exclusivo, em um desejo supremo. Subito, vi fluctuar ante meus olhos uma figura branca, cujos contornos se perdiam nas sombras: nada mais fantastico e voluptuoso que esta apparição, superior ás creações de Raphael, superior, em fim, á propria natureza. Um véo branco, semelhante a uma d'essas nuvens que vagam pelo ceu em noite de lua, occultava suas feições, deixando transparecer o brilho abrasador de seus olhos.

Fez-me um leve signal com a mão, como que chamando-me, mas em vão: as pernas e os braços negaram-se ao movimento e fiquei immovel, não sem experimentar um inexplicavel sentimento de angustia.

Não obteve melhor resultado outro novo signal da sylphide, até que me voltou as costas e começou a caminhar. Como o aço attrahido pelo iman, assim uma força, cuja origem desconhecia, me arrastou em seu seguimento. Os pés não se moviam, e comtudo caminhava.

Na minha cabeça ainda havia alguma coisa que se parecia com baile de mascaras, e por isso foi ao salão que o meu guia mysterioso me conduziu. Via-a revolutear por cima d'aquelle fervente occeano de cabeças, e seguia-a sempre com o coração palpitante. Depois de ter percorrido todos os angulos do salão, desappareceu por uma das portas, deslizando-se ao longo de um corredor escuro e tortuoso, para o qual me senti arrastado em seu seguimento. Á medida que caminhavamos as paredes iam-se estreitando visivelmente, e prestes me achei preso entre ellas, sem poder retroceder, nem avançar. Um suor frio brotou da raiz dos meus cabellos erriçados pelo terror, e senti a cabeça tomada de vertigem: a vista obscureceu-se-me: faltou-me aos pés o ponto de apoio e despenhei-me em um chaos de trevas!

A tentadora imagem não tinha desapparecido: vi-a circumdada por uma auréola de luz, que fazia realçar os seus contornos no fundo escuro do espaço. Quiz approximar-me d'ella: ella voltou-se e veio então para mim; cingi-lhe com o meu braço a sua esbelta cintura, cuja fria e dura superficie me gelou o sangue nas veias. Atravez do seu branco véo, dois pequenos pontos luminosos vinham ferir-me as pupillas: era sem duvida a chamma que despediam as suas: arranquei-lhe aquella importuna venda. Horror! Em vez de um rosto radiante de belleza, encontrei a fria e repugnante imagem da morte! Era uma caveira, cuja boca sem labios, entreaberta, tinha uma expressão de cruel sarcasmo. No fundo d'aquellas duas escuras cavidades brilhavam duas chispas phosphoricas, que contribuiam a dar uma expressão ainda mais sombria ao seu espantoso conjuncto. Inutilmente tentei arrancar-me de seus braços, que me agarravam com uma força sobre natural, e assim continuamos a rodar pelo vacuo, sem ar, sem luz, sem horisonte. O fantasma approximou do meu o seu rosto de esqueleto: os meus labios sentiram o frio contacto da sua boca carcomida: no cumulo da angustia quiz retirar violentamente a cabeça, que bateu sobre uma superficie dura, e me fez exhalar um gemido de dor.....

Accordei!

Estava deveras cançado. Em torno de mim tudo era desordem; alguns dos meus companheiros resonavam deliciosamente estendidos sobre as cadeiras e outros tinham desapparecido. Atravez do cortinado das janellas a aurora tingia de uma cor livida todas as phisionomias. O ruido que vinha do salão era mais igual, porém, mais rouco e amortecido do que quando eu e os meus companheiros de banquete o abandonamos.

Acendi um charuto e fumei: isto serenou-me completamente; parecia que a terrivel imagem do meu sonho fugia involta no fumo que me saía da boca.

Entrei no salão. Um baile de mascaras, no seu ultimo periodo, tem sempre alguma coisa de terrivel. Então já não ha mulheres bellas. O triste sello da orgia imprime em todos os rostos a sua marca infernal: o matiz das faces, o carmim dos labios, a voluptuosidade dos olhares, tudo desapparece. Já não ha prazer, commoções, resta só o fas-

tio. Parece que o demonio da realidade empeçonha com seu halito aquella athmosphera pouco antes impregnada de beijos, de queixas e suspiros de amor.

Uma mascara approximou-se silenciosamente de mim, pegando-me no braço.

— Vamos! me disse, já são horas. Tenho-te procurado toda a noite, por toda a parte, sem te encontrar. Receei que me tivesses esquecido.

Em resposta levei o charuto á bocca, fugi-lhe com o braço, metti as mãos nas algibeiras e, voltando costas, dirigi-me para a porta com um passo vacilante, sentindo d'ahi a bocadinho açoitar-me o rosto o frio orvalho da madrugada.

. . . . . .

Mais de um leitor, ao terminar a leitura d'este artigo, exclamará:

—E que me importa a mim tudo isto? Quem é que não tem sonhado alguma coisa parecida? Estes senhores fazedores de artigos, julgam que tudo quanto lhes succede é sobrenatural.

Tranquillise-se, leitor. Tem rasão: os leitores tem-n'a sempre. Lembre-se, porém, que a vida é um sonho, que sonhou ter lido este artigo como eu sonhei tel-o escripto. Se o sonho lhe parece mau, classifique-o de pesadello e d'esse modo concorda commigo.

BEATRIZ

XIII

Beatriz estava só; Jacques saira.
Tinha passado um anno des que a bella
Commettera o delicto imperdoavel
De abandonar o conde; a providencia
Não lhe tinha, porém, como em castigo,
Amortecido a esplendida bellesa
Do rosto encantador: anjo caido,
Inda ostentava o mimo, a graça pura
Que o ceo lhe havia dado, como a poucos.
Era amada e feliz, toda a existencia
Espraiava-se então n'um paraizo
De ventura, ideal; como pensara
Na escura cerração que em torno d'ella
Se condemnava já, quando em sua alma
Grata aurora de amor gentil brilhava?....
Beatriz estava só; rapidamente
Um confuso tropel lhe invade a sala.
Que foi?.. quem era pois?.. porque viriam
Amedrontar a pomba que arrulhava
No seu ninho de murtas perfumadas?..

Ceos! eu a vi sem cor, sem voz, sem tino,
Rojada aos pés de um velho, que bradava
A' chusma dos algozes:—«Eil-a é esta!»—
Ceos! eu a vi sem côr, sem voz, sem tino,
Morta de espanto e dor, arrebatada
D'aquelle ceo de paz, como a folhinha
Que o norte agudo arranca ao jasmineiro,
E a vai deitar nos agoaçaes immundos!.
Ceos! eu a vi....— não vi, peço desculpa,
Porém ouvi contar; um dia o conde,
Firmado em tres artigos cascarrudos
Do *Codigo penal*, foi com a justiça
Dar principio ao castigo memoravel
Que a lei lhe concedia; — ó Christo, Christo,
Como tu eras bom, como sabias
Quanto é facil cair no horrendo abismo
Que se nos rasga aos pés!... Que atire a pedra
A mulher que peccou, quem jamais teve
Um remorso a morder-lhe a consciencia! ..

XIV

Estou certo que alguem, de gosto e critica,
Censura esta passagem, como avessa
Ao lyrismo, ao perfume, á singeleza,
A' graça natural, e a muitas cousas
Que os versos devem ter; oh! mas se a gente
Seguir, como ovelhinha, estes pastores
Que nos estão guardando as lettras patrias,
Tomba da serra abaixo em pouco tempo.
Cada qual tem seu rumo; a minha estrella
E' meu pharol,—caminho e não percebo
O canto chão dos criticos roufenhos.
É trivial o assumpto?... que me importa!...
Fora melhor talvez sagrar a musa
Ao genero de truz, aos grandes cantos,
E aos retumbantes versos que apavoram;
Fallar no Parthenon, em Gnido, em Paphos,
Nas abelhas do Hymeto; entrar no Egypto,
Conversar com as piramides altivas,
Dar voz ao rayo, ao vento, aos esqueletos,
As montanhas, ao pego, ao mundo inteiro,
Aos demonios crueis; fazer um côro
De estrondo á Mayerbeer,—que produzisse
Tres vagados mortaes, e depois d'isso,
Adormecer na gloria satisfeito.
Talvez fosse melhor, creio até mesmo
Que este ponto é de fé; mas quem me dera
Que em logar disso tudo, um dia cedo
Eu podesse escrever *El diablo mundo*!—

E. A. VIDAL.

Continua

IMPROVISO

Bem sei que o gelo do inverno
só tristezas reverhéra;
mas se pródiga de incantos
dos annos a primavera
em tua fronte sorri,
¿porque repelles de ti
a sancta luz da alegria,
e por entre um véu de lagrimas
olhas alem no horisonte
a neve que o vento envia
ás cumieiras do monte?
¿porque fitas tristemente
com esse olhar maguádo
aquelle arroio gelado
que alem sustou a corrente?

Afasta os olhos do gelo!
o monte, não queiras vel-o
nem as neves que lá vão
dependurar-se na crista
que no horisonte se avista
atravez d'esta janella
açoutada do aquilão.
Vem! inclina-te em meu seio;
e, se lhe ouvireś o anceio,
contente verás então
que se o rigor da estação
tuda lá por fóra gela,
não gela meu coração!

Janeiro de 186...

CANDIDO FIGUEIREDO.

São os dous entes mais parecidos da natureza, o poeta e a mulher namorada: vêem, sentem, pensam, fallam como a outra gente não vê, não sente, não pensa, nem falla.

GARRETT.

Typ. Franco Portugueza, Rua do Thesouro Velho, 6.

CIRCASSIANOS

Fazem parte estes povos da turbulenta população do Caucaso, que os Russos não conseguiram subjugar nunca, e sobre os quaes exerceram ha pouco uma d'aquellas terriveis vindictas, que tem feito o nome de Russo execrando a todos os amigos da humanidade e da civilisação.

A sua historia é um pouco obscura, principalmente nas suas origens. Suppõe-se que a Circassia occidental devia fazer parte do antigo reino da Colchida, e, depois, do Bosphoro Cimmeriano. Sobre a parte oriental d'este paiz ainda são mais vagas as conjecturas. Conquistou-o Mithridates, e quando o grande rei teve de curvar o collo á fortuna de Roma e á de Pompeu, entrou a Circassia na vasta lista dos dominios romanos, fazendo parte do imperio do Oriente, quando se bipartio o colosso. Comtudo os imperadores byzantinos não foram mais felizes do que os czares de S. Petersburgo; o seu dominio n'essas regiões remotas do imperio foi sempre nominal. Quando veio a invasão dos barbaros, coube aos terriveis Hunos subjugarem a Circassia. Succederam-lhes os Khasares, contra os quaes estes povos se sublevaram, com fortuna varia, no seculo onze da nossa era. Depois vieram os Turcos da Persia e os reis da Georgia, depois Tamerlão, depois os kans da Criméa, depois finalmente os russos, que entraram como alliados, e quizeram ficar como conquistadores. Não lh'o soffreram os Circassianos, sempre turbulentos e indomaveis, e voltaram a sujeitar-se aos Tartaros da Criméa. Mas estes principiaram a commetter exacções; eis de novo os Circassianos em revolta, e implorando a protecção da Porta Ottomana, cujo dominio acceitaram, sem comtudo lhe pagarem o mais leve tributo.

Como os leitores hão-de ter notado, os differentes dominios estrangeiros a que os Circassianos se sujeitaram, nunca foram senão quasi exclusivamente nominaes. Quando os seus senhores queriam reivindicar os seus direitos, os audazes montanhezes refugiavam-se nos seus serros inaccessiveis, e d'ahi desafiavam impunemente os exercitos, que pretendiam subjugal-os.

Mas ainda aqui não pararam as vicissitudes politicas da Circassia. Em 1739 a Circassia foi proclamada independente, em virtude da paz de Belgrado, afim de servir de baluarte á Russia. Mas os Circassianos, que defendem obstinadamente a sua independencia individual, porem que pouco se importam com a sua autonomia de nação, uniram-se de novo á Criméa, que, rendendo vassalagem

á Turquia, tornou dependentes da Porta Ottomana estas populações que se lhe tinham ligado.

Em 1774 perdeu de todo o sultão, em virtude das conquistas de Catharina da Russia, a sombra d'authoridade que exercia sobre estas provincias montanhezas. Em 1789 passaram ellas definitivamente a fazer parte do imperio moscovita.

Começou então uma nova era para a Circassia. Até ahi os povos, que a tinham dominado, só de longe a longe tentavam transformar em realidade essa ficticia suzerania. A Circassia revoltava-se, sacudia o jugo, collocava-se debaixo da protecção d'outro paiz, e acabava tudo. Com a Russia não succedeu o mesmo; a Russia tentou a sério estabelecer o seu dominio, e a Russia não era paiz que desistisse das suas pretenções perante a insurreição d'um povo pequeno, ainda que atrevido. Os Circassianos entenderam que não deviam alterar por caso algum o seu velho systema. D'ahi provieram as longas e continuadas guerras, que ainda ha pouco terminaram... se terminaram, e se a medida horrivel, adoptada pelo governo russo, de arrancar populações inteiras á sua terra natal, e populações que têem tão desenvolvido o amor da patria, e de as transplantar para outro solo, para outros climas, obrigando-as a outro genero d'existencia, fez mais do que annullar por algum tempo a insurreição, exacerbando comtudo os odios, que, em chegando a occasião propria, se reaccenderão com nova furia.

ESBOÇO DESCRIPTIVO DO MAR

I

É o oceano a imagem grandiosa do mysterio e da solidão. Que espectaculo sublime o contemplar pela primeira vez esses plainos liquidos, cuja superficie ora se ostenta brilhante e reluzente como um espelho cristallino apenas encrespado de leve pelas ondas arquejantes, ora se enturva e rebrama, erguendo montanhas de agua que tumultuam, gemem e luctam e se estorcem em vascas de desespero, e afinal, tritões prostrados, beijam frementes os rochedos da praia!

O mar é o symbolo da immensidade e da força ingente, louco, vertiginoso.

É no mar que a natureza é verdadeiramente terrifica aos olhos do homem.

No oceano é tudo grande, é tudo gigante e respeitavel.

Todos os phenomenos maritimos teem uma feição grandiosa e profundamente mystica, e a alma quando vôa por sobre as limpidas solidões oceanicas, como que se dilata no sanctuario da terra.

Quem ha ahi, que não tenha contemplado o pôr do sol no mar, em tarde limpida de estio?

O rei do universo, o astro-lampadario vae descendo para o oriente. As vagas tumultuam e dobram docemente a fimbria espumosa para receber no seio o planeta. Dissereis um bando de huris arquejantes, que se alindam e enfeitam para darem guarida ao sultão luminoso. Eil-o emfim que mergulha. Retingem-se as aguas com os derradeiros clarões. Forma-se a auréola na extrema do horisonte. As ondas pulam e bailam e refrangendo a luz nos seus crystaes liquidos, enrubecem-se, corôam-se de pedrarias. A athmosphera parece um rio de fogo, as nuvens, diaphanas qual bafejar de archanjo, precipitam-se no mar e seguem o rei do dia. No zenith reina ainda o fulgor igneo e relampejam reflexos brilhantes.

As sombras não surgem ainda no oriente, e mal ousam tufar o seu negro manto.

Não brilham estrellas. Tudo é placidez e socego. Nem um só murmurio. Só a brisa da tarde cicia medrosa na espessura e os passarinhos soltam os ultimos quebros.

Vae mergulhando entanto o astro do dia. É lento o seu caminhar. O globo afogueado deixa um hemispherio com saudades, para illuminar o outro.

E o mar continua no seu tumultuar, e as ondas gemem e soluçam.

Desapparece emfim o astro radioso; desfaz-se o sulco da luz no firmamento, apparecem as primeiras sombras, as estrellas scintillam a medo, os pyrilampos, essas estrellas das campinas, reluzem nas selvas e sarças, a callada da noite é interrompida pelos mil rumores do estio. Volitam insectos multicores, aninham-se passaros nos recessos sombrios, afloram reptís nos relvados, grasnam rãs nos paues, cruzam-se immensos ruidos surdos, profundos, vitaes, até que chegue a hora do repouso, que é tardia nas nossas latitudes, durante o verão.

Quem não dirá então como Castilho, que *pintou* o pôr do sol, quando escreveu após intima e profunda elaboração aquelle cantico que começa:

«Sumiu-se o sol esplendido
«nas ondas rumurosas.
.....

Mas quantas vezes, mal o sol se some nos plainos do oceano, não surge a lua radiante e formosa, illuminando a terra com os seus raios pallidos! Muda então o mar de aspecto.

Rebrilham ao longe as vagas endoidadas brincando na orla do horisonte.

Os rochedos, que circumdam a praia projectam sombras phantasticas nas aguas, que se embalam docemente e beijam preguiçosas a areia. A imaginação povoa as solidões de seres fabulosos, e sereias, que descantam, no silencio da noite, toadas maviosas e plangentes. Debalde intentam os olhos rasgar as profundezas do abysmo. O espectador fica aterrado, absorto, attonito.

Outras vezes, a estes espectaculos já de si tão grandiosos, succede a ardentia, essa phosphorescencia do mar, esse relampejar entre particulas de agua. Este phenomeno, que ainda hoje é revel á sciencia, posto que tenha excitado a attenção de todos os grandes naturalistas, ostenta-se maravilhoso e produz não sei que suavissima impressão em quem o contempla.

Não é fito meu, nem caberia nas estreitezas de um artigo, o fallar, se bem que perfunctoriamente, das mil e uma maravilhas do mar. Para obra de tal magnitude, se por ventura a tanto podesse aba-

lançar-me, carecera de escrever um livro, ou antes um poema, entre os muitos que a natureza encerra nos seios vastissimos, cada vez mais opulentos, á medida que a sciencia vae dilatando os seus dominios.

E que bello e formosissimo livro não seria esse se alguem o escrevesse! Que de thesouros não encerrara! Que magnificencias!

Quando as vagas tumultuam e se contorcem em impetos raivosos, quando erguem o collo e ondeiam e se enroscam, como serpentes liquidas tauxiadas de côres esverdeadas; quando cingem os rochedos e os coraes madreporicos, resfolegando, gemendo e cuspindo espuma na praia; quando no meio d'esse combate, em que a tormenta ronqueja nos ares revoltos, se alevantam mil rumores sinistros de estrago e morte; quando aos gritos da natureza enraivecida respondem os gemidos dos homens, que luctam e disputam a vida em pleito desigual; quando a tromba se balouça por sobre a crista da onda, e qual cetaceo invisivel, sorve a agua aos repuxões, arrastando o navio imploravelmente; quando o bulcão estruge a athmosphera e corre, como visão infernal, a superficie dos mares, quando o mareante contempla todos estes phenomenos e escapa incolume a tantos perigos, que sublime epopêa não traz comsigo? Da mesma sorte que Camões, esse mareante salvou um poema, bem sentido, bem verdadeiro.

Mas afóra estes, que de espectaculos ainda, cada qual mais grandioso! Na zona temperada do norte o *gulf-stream*, esse rio de mar, esse Mississipi do atlantico, vastissima corrente de agua tépida, que vae das costas da Inglaterra ao golpho das Antilhas, passando pelas ribas de Portugal.

Mais ao norte o *Maelstrom*, essa corrente fatidica, esse tragadouro medonho, que tem engolido tantas victimas, esse redemoinho, aonde habitam, segundo é pia crença de bandinaria, os inimigos dos homens.

Nas regiões hyperboricas os mares gelados, os amphitheatros e circos de neve eterna endurecida pelos seculos, cinta funebre, que envolve a terra e tolhe a vida nas suas manifestações mais singelas. Um pouco para o sul, em latitude menor, entestando ainda com os corucheus e miranetes de gelo, com as immensas molles de agua solida, perpetuamente fixas e quedas, estanceiam as ilhas fluctuantes, que estalam com ruido, mal assoma o primeiro alvor do dia de seis mezes, e vão mudando de fórma e posição correndo aos baldões, arremessando-se e desfazendo-se, para se formarem de novo. É ahi que as geleiras septemtrionaes se entumecem e enchem o espaço de sinistros rumores, é ahi que esses rios de neve, moendo e triturando rochedos, desembocam no oceano angustiado, é ahi que o movimento desordenado e medonho começa, precedendo a vida.

Já os ursos do norte vão apparecendo e preiando algum cetaceo, que o frio colheu de subito, no começo da longa noite; affloram lichens por entre os rochedos fendidos; bandos de lobos famintos e esguios abrem as fauces, e uivam na solidão; o esquimáu já estende as redes, e nos charcos e paues da Laponia mais septemtrional expande-se a vida após tão largo somno.

Na Irlandia ergue-se um vulcão do meio do mar e, da mesma sorte que na Italia, vôam as cinzas para o mar, aonde caem rios de lava.

Deixemos porém o septemtrião.

Aguarda-nos o equador. É a vida ahi excessiva e gigante. Nascem as tormentas por encanto, as ondas entumecem-se, os furacões derribam florestas e casarias depois de sulcarem o mar.

Mais além começam as correntes austraes.

O Cabo da Boa-Esperança, o cyclope de Camões, estende os rijos membros, e solta os eternos lamentos, que echoam nos rochedos da montanha da *Meza*. São medonhas as correntes que passam ao longo do cabo; arrastam navios e deitam-n'os na costa; engolem victimas no abysmo undoso, como que vingando-se da audacia humana, que ousou devassar os segredos da solidão.

Para o oriente, no oceano indico, que os mareantes chamaram oceano Pacifico, os cyclones e tormentos girantes começam a sua carreira insensata. Nada lhes resiste.

O navio, que acerta de encontrar, por desgraça, um cyclone, um d'esses tufões medonhos, difficilmente escapará ao naufragio.

É ahi que os coraes, esses humildes architectos de mundos, esses artifices phantasiosos, erguem ilhas e archipelagos. Quantas vezes não encontra o mareante uma bacia placida e socegada no meio do oceano em furia? Quantas vezes não topa com um abrigo providencial, se teve a ventura de não se despedaçar contra os gumes afiados dos coraes? É que estes obreiros infatigaveis zombando do oceano, vão erguendo desde o fundo altissimas paredes a pino, duras e compactas, até á superficie! Milhares de annos levam elles em obra tão grandiosa. Mas saiu-lhe perfeita a fabrica, e o seu destino é construir. Venha depois um vulcão que alevante o banco lá do fundo, desfaça e oblitere a intemperie algumas arestas mais vivas; forme-se um pouco de pó, que se deposite em concavos mais abrigados; caiam ahi algumas sementes trazidas pelo vento; nascem lichens e outras plantas rudimentares, e teremos um principio de vida. Depois, esses lichens, secando e apodrecendo, formarão um terreno vegetal, que se combina com os detritos inorganicos; surgirão coqueiros, palmeiras, fetos giganteos e giganteas trepadeiras. A vegetação tropical cobrirá a nova ilha de basta espessura: as chuvas tornar-se-hão regulares, cada anno se formam novos terrenos e a floresta irá ganhando e prosperando. Virão passaros canoros aninhar-se n'aquelles recessos umbrosos, encontrar-se-hão riquezas e thesouros e afinal a vida só acaba, quando o europeu ou americano, arrastado pela sede do ouro, puzer machado ao tronco das arvores, e desnudar a terra, que só muito tarde poderá refazer-se, sob aquella athmosphera abrazadora, sem chuvas que a desalterem e refresquem.

Com o arvoredo acaba a vida.

E não param aqui as maravilhas do oceano.

Além das correntes, que cingem o globo como demonstrou o celebre capitão Maury, e vão do cabo da Boa-Esperança ao cabo de Horn, atravessando todo o Pacifico; esquecendo as gelidas solidões que se dilatam por detraz do Erebe e Terror até ao polo austral, que nunca foram devassadas por descobridor; não levando em conta todos os phenomenos, que se patenteiam na superficie do mar, outros e certamente mais admiraveis ainda, se verificam no interior do oceano, n'essas moradas explendidas, aonde os gregos puzeram Neptuno com o seu cortejo de deuses marinhos, naiades e nerines, Proteu com o seu rebanho, Amphitrite com as suas nymphas.

A natureza excedeu a imaginacão. No interior do mar expande-se formidavel e opulento o drama da vida. Ha lá florestas e sarças impenetraveis; ha lá vegetações luxuriantes, algas immensas. Milhares de especies de animaes povoam aquelles recessos crystallinos desde o cetaceo gigante até ao humilde infusorio.

Tambem lá resfolgam vulcões e arrojam lavas candentes; tambem lá se erguem montes, se angustiam gargantas e dilatam valles; tambem lá se travam combates em que o mais fraco é victima do mais forte; tambem lá o rythmo da vida se desentranha em harmonias perennes.

Mas a sciencia ainda não poude devassar todos esses segredos.

Muito se sabe já; muito porém se ignora ainda, e para sempre talvez Nos seios do oceano é difficil e muitas vezes impossivel a observação, e fôra necessario um cataclysmo horrendo, em que todos houveramos de perecer, para que o leito do mar ficasse a descoberto.

Do que se sabe irei eu apresentando aqui o que me parecer mais util e curioso. Ordem e methodo não são de grande necessidade, quando a sciencia ignora ainda tanto. Esforçar-me-hei comtudo por ser resumido e breve, sem me tornar obscuro.

Difficil é escrever sciencia para quem deseja aprendel-a sem trabalho.

Nem todos os paladares apetecem estas iguarias, que algumas vezes tem muito travo. É o caso de illudir difficuldades, fugindo-lhes com o corpo por evitar desdens de leitor indolente.

Certo que os leitores do *Panorama* são pessoas muito asisadas, de bom conselho e amantes da instrucção. Bem o sei, e não me atrevera a negar o que deve de ser piedosa fé. Mas, não é menos evidente que o commum dos paladares prefere prostes e iguarias, ainda que de somenos alimento, comtanto que tenham bom preparo.

Ora ahi é que está a difficuldade.

Preparar sciencia popular é condão dos grandes talentos.

Em todo o caso, são tantas e tão magnificas as maravilhas do oceano, os espetaculos do mar são tão grandiosos, que fallam de persi, e estão exigindo attenção e estudo dos mais remissos.

Será pois o oceano o campo das nossas pesquisas. É immensa a ceara. Podemos respirar á vontade, que não ha limites nem barreiras para a nossa curiosidade... senão o desconhecido.

A. OSORIO DE VASCONCELLO

CIDADE DE PEKIM

Porta do Norte

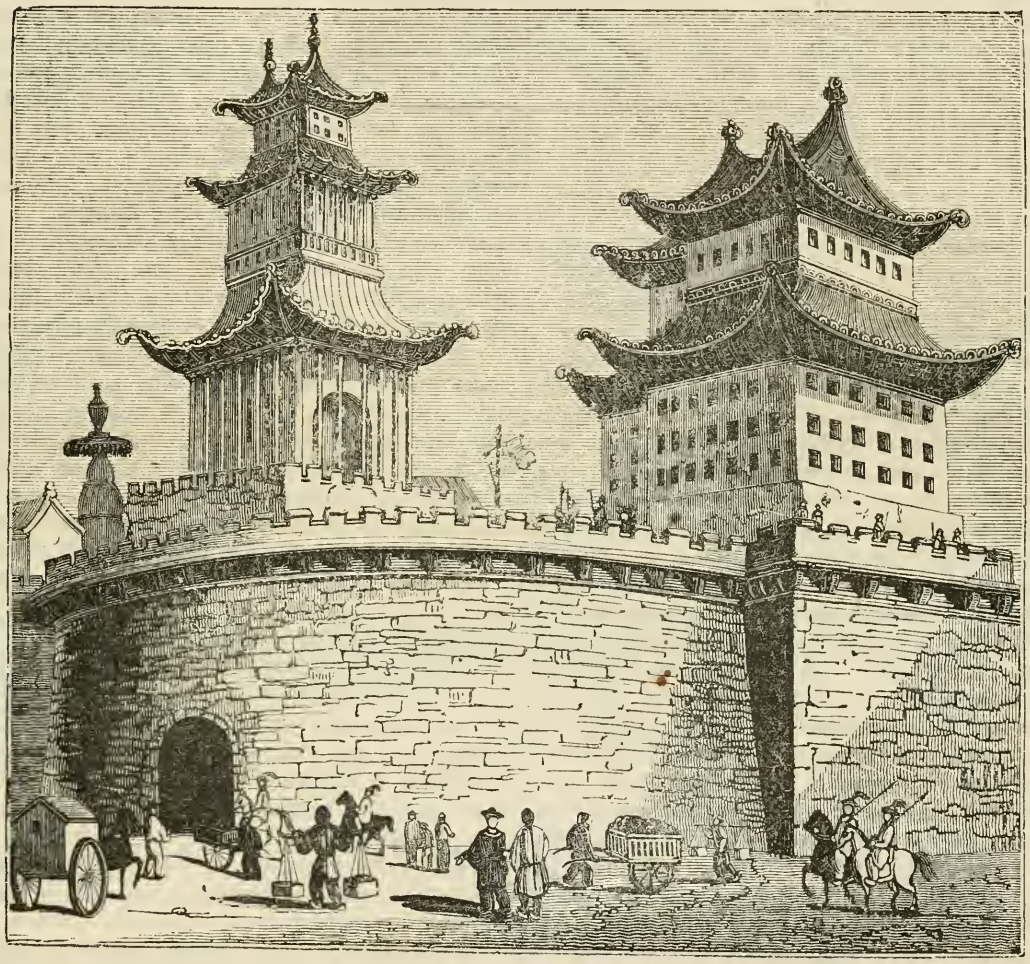
As ultimas expedições da Inglaterra e da França rasgaram o veu mysterioso, em que se envolvia tenazmente a China, refractaria á luz da civilisação europea. Devemos confessar que alguma razão tinham os chinezes para isso, porque a luz d'essa civilisação tem-lhes relampaguecado apenas dos canos das espingardas, e das espadas dos zuavos do imperador Napoleão III e dos soldados da marinha ingleza. A ultima campanha dos alliados levou-os a Pekim, e os chinezes, afferrados aos seus velhos habitos, viram com horror os barbaros europeus profanarem o sagrado recinto da cidade santa. O palacio do imperador foi saqueado pela soldadesca, e a China vio-se obrigada a fazer as mais extraordinarias concessões aos estrangeiros. Pekim deixou de ser uma cidade quasi legendaria, apenas visitada por um ou outro viajante, por um ou outro missionario mais audaz. Hoje estão desvelados todos os seus mysterios, e, d'aqui a um seculo, talvez os bigodes dos velhos chinas se erriçarão horrorisados, vendo entrarem as locomotivas fumegantes nas ruas alinhadas da sua velha capital.

Pekim ou antes *Pe-king* está situada á beira do rio You-ho, a distancia de uns cento e cincoenta kilometros da celebre muralha. Este nome de *Pe-king* significa residencia do norte, em contra-posição a *Nan-king*, residencia do sul, onde os imperadores da China habitaram até ao principio do seculo XV. Pekim tem 28 kilometros de circuito. Compõe-se de duas cidades, a meridional e a septemtrional. Aquella, denominada a cidade velha, é habitada pelos chins de velha raça, porque, como os leitores de certo sabem, a dynastia reinante é de origem tartara, e subiu ao throno em consequencia d'uma grande invasão d'esses incommodos visinhos do immenso imperio, visinhos contra os quaes se construiu a grande muralha, que é, como veem, bastante imponente. A cidade septemtrional denomina-se cidade dos Tartaros, é de muito melhor construcção do que a antiga, e ainda se subdivide em tres bairros concentricos, separados uns dos outros por muralhas especiaes. Esta cidade dos Tartaros contém vastissimos jardins, pequenas ruas habitadas na sua maxima parte por empregados da côrte, negociantes, e industriaes. Além d'isso alli se ergue o palacio imperial.

O palacio imperial é um immenso quadrado, que tem quatro kilometros de circuito! Rodeiam-n'o muralhas, fossos profundissimos, e tem, dentro do seu recinto, innumeros palacetes e templos, entremeiados de jardins e pateos, de columnatas sumptuosissimas e de maravilhosas galerias. Os aposentos da residencia imperial são vastos e apparatosos, e distinguem-se por nomes campanudos.

N'esse recinto immenso tambem se encontra a imprensa imperial, de cujos prélos sáe a *Gazeta do Estado*. Sabem os leitores que a imprensa é conhecida pelos Chinas desde tempos immemoriaes, mas (é este o caracteristico mais notavel das civilisações do Oriente) não deu um passo tal invento, e ainda hoje é applicado na sua rudeza primitiva. Além da imprensa, manifesta-se o gosto dos monarchas chinezes pela illustração na existencia dentro do seu palacio d'uma rica bibliotheca, e d'um vasto museu de historia natural.

Contém a cidade tartara além do palacio do imperador, muitos edificios notaveis, principalmente mosteiros e templos bouddhistas, e algumas mesquitas; mas a cidade chineza tambem não ficou privada de monumentos. É alli que se admira o



famoso templo redondo do ceu, coberto por um tecto que forma tres andares, e ornado interiormente de columnas azues matizadas d'ouro. Existem além d'isso alli muitos outros templos, theatros, estalagens, banhos publicos, e lojas brilhantissimas.

Em geral as ruas de Pekim são escrupulosamente alinhadas e muito largas, porém bastantes vezes cortadas por viellas estreitas. Doze vastos arrabaldes rodeiam as duas partes da cidade. As casas são baixas, e d'um só andar. D'ahi proveio naturalmente o attribuir-se-lhe por estimativa muito maior numero de habitantes do que o que realmente conta. Agora que a China está mais conhecida, e que os Europeus se teem posto ao facto dos documentos officiaes, póde-se ver n'um recenseamento feito em 1853 que a sua população é de 1,148,881 habitantes, inferior por conseguinte á população de Londres e de Paris.

O systema politico da China é uma vasta e severissima centralisação; por isso a capital tem uma importancia enorme. Alli residem todas as authoridades superiores; é alli o centro da vida social e politica e do movimento industrial e commercial da China. Uma das causas, que mais concorrem para o desenvolvimento do seu commercio, é o estar ella em communicação com o grande canal.

Possue esta cidade um grande numero de sociedades litterarias, e grande copia de estabelecimentos de instrucção publica, porque a civilisação da China, se bem que destituida de toda a idéa do progresso, se bem que essencialmente con-

servadora, nem por isso deixa de ser muito notavel, e em poucos paizes da Europa está tão desenvolvida a instrucção das classes populares como n'esse grande imperio asiatico.

Este vasto paiz, por tanto tempo cerrado aos Europeus, abrio agora, bem que com timidez e repugnancia, as suas portas; os mysterios da sua civilisação extravagante vão ser revelados, e o pobre Fernão Mendes Pinto, accusado por tantos seculos de mentiroso, vai emfim ser rehabilitado. Era tempo. Se a China continua a ser impenetravel, as *Peregrinações* do honrado portuguez iam occupar um logar distincto ao lado das *Viagens de Gulliver* phantasiadas pelo malicioso Swift.

PINHEIRO CHAGAS.

OS RELOGIOS

N'esta época, em que apenas se fixa a attenção n'esses dous admiraveis descobrimentos, de cujas forças nos servimos para nos transportarmos de um extremo a outro do globo, com a velocidade do raio, e para nos correspondermos com todos os povos, ainda os das mais longinquas regiões, com a rapidez do pensamento; hoje, que só se attende ás emprezas positivas e que produzem maiores resultados; mais se devem apreciar as invenções antigas, que á força de se haverem generalisado teem deixado de causar-nos admiração. De outro modo não deixariamos de contemplar com religioso enthusiasmo os relogios, essas machinas que conteem em si a resolução de um grande problema, e que chegaram a constituir uma das necessidades da vida. Pareceria impossivel que a distribuição exacta do tempo, a regulação fixa e invariavel das horas que formam o dia se podesse fazer por meio de umas rodas que caminham em direcção opposta e cujo andamento se regula com a maior facilidade; e é extremamente sensivel que se não tenha conseguido averiguar quem foram os que prestaram tão importante serviço á humanidade, para os seus nomes serem esculpidos no bronze e até gravados na memoria. Bastantes investigações temos feito acerca d'este assumpto, porem, nada mais temos obtido do que o que consignamos n'esta resenha ou ligeira historia d'este invento.

Desde os primeiros tempos conheceram os homens a precisão que tinham de uma norma fixa e constante que lhes facilitasse o conhecimento do tempo que deviam dedicar ao trabalho, do que bastava para descanço e do que deviam empregar nas outras occupações. Como as artes se achavam então na sua infancia, não podiam a ellas recorrer para lhes proporcionarem o que com tanto anhelo desejavam e, por conseguinte, attentaram no que mais vivamente lhes tinha ferido a imaginação, que eram os astros, e d'aqui provieram os relogios de sol, chamados tambem quadrantes. Duvidou-se por muito tempo de a quem se devia adjudicar a gloria d'esta invenção; Laercio e Suida attribuem-n'a a Anaximandro, que morreu no anno 3457 da creação do mundo e Plinio a Anximenes, discipulo de Anaximandro. Os egypcios e babylonios disputaram a propriedade e outros mais a foram assignalando em diversos tempos. Com tal variedade de opiniões não podemos acertar de uma maneira positiva quando se começaram a usar; no que, porem, não cabe duvida é que anteriormente a 3291 já eram conhecidos, porque vemos na Biblia, livro IV. *Regum*, cap XX, que estando enfermo o rei Ezechias, Isaias, o propheta, fez com que retrocedesse dez linhas a sombra no relogio de Achaz, em signal de que convalesceria.

Algum tempo depois introduziu-se tambem o medir o tempo a pés, do que achamos noticia nos doze livros da *Ré rustica* de Paladio, que viveu no segundo seculo, e que põe a sombra do sol medida a pés em todas as horas do dia. Este modo de contar as horas era summamente gracioso, e hoje, certo, prestar-se-ia a alguns *quidproquos*, pois dizia-se: vou comer tal pé, etc.

Ambos os methodos eram extremamente imperfeitos, porque necessitavam como primeiro agente ou unico mobil a presença do sol; porem quando este desapparecia ficavam envoltos na obscuridade que cobria a terra. Foi preciso procurar outro impulso perenne e constante, e cuja auzencia não se podesse temer com facilidade, e nenhum se achou mais a proposito do que a agua, que encerrada em um vaso com um estreito cano no qual se praticava um pequeno buraco, destillava gota a gota, até completar o numero das horas. Este genero de relogios foi introduzido em Roma no anno 595 da sua fundação, por Scipião Nasica: e mais adiante, em 613, aperfeiçoou-o Clesibio, construindo uma verdadeira machina hydraulica.

Esta classe denominou-se clepsydra, e d'ella se serviam os gregos e romanos para medir o tempo que deviam durar as causas; para o que distribuiam tres porções: uma para o accusador, outra para o accusado e a terceira para o juiz. Cada clepsydra compunha uma hora, segundo parece pelo que diz Marcial, livro VIII, Epig. VII. Na leitura dos processos e leis não corria a agua, e isto era: *Aquam sustinere*, conforme se lê nos auctores d'aquella época.

Os relogios de areia contam tambem muitos seculos de antiguidade; porém não é facil assignalar nem os seus inventores, nem a época da sua introducção. Estes eram usados com preferencia nos mosteiros, e pela noite estava a cargo dos religiosos o cuidado de observal-os para que não parassem.

Chegámos já á perfeição da arte: vemos o invento em toda a sua latitude prestando-nos o serviço de que necessitavamos, sem que seja preciso auxilial-o senão ephemera e levemente: tocamos em fim a época dos relogios de roda, cujo auctor por desgraça se ignora. Na opinião de alguns pertencem a tempos remotos, pois asseguram que eram d'esta classe os que tinham Boccio, Gilberto, o papa Paulo II, e o que o califa Arão Baschil deu de presente a Carlos Magno em 807.

Parecia em vista d'isto que se tinha chegado ao complemento e que não se podia dar nem mais um passo; mas estava-nos reservado outro novo

assombro. Walindorf, monge benedictino inglez, que morreu em 1325, vendo que nem todas as classes podiam disfructar d'este beneficio, porque era muito dispendioso o poder-se aproveitar d'elle, discorreu o generalisal-o e tornal-o publico, e construiu os relogios de torre com sinos. Alguns attribuem esta invenção a Santiago D. Diniz, natural de Padua, celebre astrónomo, medico e mathematico; mas este não fez mais do que aperfeiçoal-a de um modo admiravel; pois em 1344 collocou em a torre do Palacio d'aquella cidade um relogio composto de uma multidão de peças e rodas movidas por uma só peça, que marcava todas as horas, e além d'isso o curso do sol e dos planetas. Este prodigio e esta maravilha da arte attraiu a Padua uma concorrencia espantosa, porque os sabios de toda a Europa iam admirar aquella obra tão perfeita, o reflexo vivo das revoluções celestes, aquelle propheta automatico, por assim dizer, e contemplavam-n'o com um religioso enthusiasmo.

Como era natural, depois d'isto excitou-se a curiosidade dos relojoeiros das de mais nações, e em breve começaram a apparecer relogios de todos os feitios e qualidades.

Depois d'esta época não teem havido variações essenciaes na arte, pois ainda que se tenham construido de maior ou de menor latitude e de tamanho menor, augmentando ou diminuindo as rodas, póde considerar-se tudo isto como aperfeiçoamento da primitiva invenção e não eram cousa nova, pois sempre se tem operado sobre a base d'aquella.

Não ha cousa que mais quebrante animos e lingoas serpentinas, que largar-lhes o campo com silencio. FR. LUIZ DE SOUZA

A GRAVURA EM MADEIRA EM PORTUGAL

III

No rasto luminoso que, em relação á litteratura, deixaram o *Panorama* e a *Illustração*, mais dois ou tres jornaes illustrados pretenderam viver. Morreram, porém, pouco depois de nascerem, no que não fizeram mal, porque eram a negação absoluta da arte, e da grammatica tambem.

É que os momentos que precedem a morte são sempre tristes, e, já se vê, em plena contraposição com as leis da vida. A arte agonisava, e esses jornaes, não podendo servir-lhe de medicos, fizeram-se cargo de simplices enfermeiros administrando-lhe a dieta rigorosa, que, segundo a theoria escholar, exigem as doenças graves.

Em presença d'isto, e não havendo, em taes casos, tribunal para onde appellar, passaram, Bordalo Pinheiro a gastar os lapis, que ainda lhe restavam, em as notas provisorias das despezas domesticas, e Coelho a encortiçar os buris, para que não lhes desse a ferrugem. Em seguida cruzaram os braços e deixaram-se dormir. . . para a arte.

Dormiram muito, e dormiriam eternamente, talvez, se o sonho, que é o inimigo mais zombeteiro dos desenganos da realidade, não viesse alentar-lhes o espirito desfallecido. Bordalo e Coelho sonharam. . . que estavam desenhando e gravando para um jornal, de que elles proprios eram os editores, e do qual fruiriam prodigiosas consolações para o seu coração d'artistas, bem como para a sua bolsa de homens que não viviam da graça, nem vestiam pela moda de Venus de Canova. No quadro lisongeiramente colorido da sua phantasia, viam-se elles, á sombra de um grande ramal de loiros, trabalhando sentados sobre uma burra, não das que alimentam tisicos, senão das que vivificam usurarios: e tão excessiva foi, por isso a sua commoção, que n'este ponto acordaram.

Para outros, acharem-se nas suas cadeiras de velha e arrombada palhinha, á sombra dos curvos e carunchosos tectos do prosaico lar domestico, seria obra para desesperar: para Bordalo e Coelho, que eram artistas de bom gosto, foi objecto de galhofa. A caricatura, que a vida positiva acabava de fazer á vida da imaginação, tinha realmente graça, e os dois amigos soltaram uma estrondosa gargalhada.

D'esta gargalhada é que nasceu a realisação da primeira parte do sonho.

— Não será isto um aviso da providencia? disse Coelho, rindo ainda.

Bordalo respondeu espivitando o charuto, que n'este comenos estava quasi apagado.

— Olha lá! continuou Coelho. Publiquemos um jornal?

— Publiquemos. . . E o dinheiro. . . e o redactor, observou Bordalo Pinheiro, puchando uma grossa fumarada.

— O redactor, arranja-se já; agora o dinheiro está na algibeira dos assignantes, e só com o jornal poderemos de lá saccal-o.

— Parece-me, exclamou Bordalo, rindo-se como se riam os antigos velhos de cabelleira, que tens por cá andado n'estas coisas, com a cabeça na lua!... Mas... estou ás tuas ordens.

Coelho apertou-lhe a mão, e foi logo procurar o seu amigo Pereira d'Almeida, apreciavel escriptor, já por mais de uma vez feliz na direcção e collaboração litteraria de diversas publicações, e, communicando-lhe o intento, convidou-o a associar-se na qualidade de redactor principal. Amador, e, o que é raro em amador, entendedor tambem de boas-artes; gosando já na perspectiva de ver o seu nome e o seu esforço vinculados n'um impulso em que via os mais fecundos auspicios para a propagação e desenvolvimento da gravura em madeira, Pereira d'Almeida dispoz-se, com toda a abnegação do apostolado, a sacrificar o interesse á gloria, e acceitou o convite.

Passados poucos dias, sahia á luz o primeiro numero de um novo jornal illustrado, com o titulo modestissimo de *Revista Popular*.

IV

Este jornal não parecia haver nascido de um longo interregno artistico. Tão desenvolvida e animada se apresentava agora a gravura em madeira, que ninguem diria ser o remedio o ocio, a somnolencia e a inercia.

Postoque, vestindo ainda de franja; não tendo perdido o amor ao insipido e monotono systema do parallelismo, o traço, até então desengraçadamente irregular e terminando, umas vezes, á maneira de cabellos hirtos, outras, como pello crestado, em fórma de virgula, ou de ponto de interrogação, era, ao menos, mais nitido no lanço, mais uniforme no capricho das ondulações, mais graduado nas cambiantes do claro-escuro, O desenho geral tinha uma certa correcção, e as composições accusavam esforço de gosto e iniciativa.

Pela primeira vez apparecia entre nós um romance original illustrado. Essa coroa deixou-a o destino cair, pelo lapis de Bordalo Pinheiro, sobre as paginas viçosas dos primeiros numeros da *Revista Popular*. Os dois artistas tinham effectivamente dado um passo gigante no progresso da gravura em madeira, e por tal passo mostravam que poderiam dar todos quantos precisos fossem para chegarem ao nivel das illustrações estrangeiras d'aquella época, se o paiz os houvesse ajudado em tão comprido e ingreme caminho.

Como, porém, a fortuna, por ser cega, não póde ler, continuava a fugir de jornaes, e os desejados assignantes, que só atraz d'ella correm, fugiam, por consequencia, tambem. Apesar de não envergonhar, não tinha a pobre *Revista* quem lhe desse o braço, senão os amadores; mas esta gente admiravel, que anda em cata de tudo sem

largar o fardo immenso dos seus idolos, sempre assáz sufficiente para sustentar um viveiro de canarios, não chega nunca para cobrir as despezas superiores ao custo de dois ovos e um pão de ló. Para completar tamanho desfavor, o povo não acceitava a invocação do titulo.

Era caso para desesperar. Preso por ter cão; preso por não ter cão.

Que fazer? Nenhum dos emprezarios tinha coragem bastante para propor a applicação da pena de morte á innocente *Revista*. E, comtudo, não parecia haver outro expediente. As semanas succediam-se, a bolsa estava vasia, e da burra do sonho, nem sequer o casco se tinha podido comprar. O problema exigia prompta resolução. Suspender a publicação; equivalia a declaral-a morta. Os jornaes, suspensos são, quasi, como os reis desthronados. Raras vezes voltam. No meio d'estas terriveis oscillações, lembraram-se de passar o infeliz semanario para as mãos de um homem monetario. Mas os homens monetarios do nosso paiz não amam senão o toucinho e seus correlativos. Letra redonda, compram-n'a só para embrulhar. Portanto, uma tal idéa era, talvez, a peor de todas.

— Não te dizia? exclamava, de vez em quando, Bordalo Pinheiro para o seu collega, com ares de triumpho e um certo sorriso, de que, já de ha muito, Coelho gostava pouco. Não te dizia que tinhas trabalhado com a cabeça na lua?

— E agora? perguntava Coelho, encolhendo os hombros, e tomando umâ grande pitada.

— Agora?... Choremos, como bons paes, visto parecer-me que já morreu.

— Não morreu ainda, disse, apparecendo inesperadamente, Pereira d'Almeida, com a accentuação inalteravel da sua habitual tranquillidade.

E assim era. Pereira d'Almeida trazia a receita infallivel para a cura radical da enferma. Acabava de negociar a propriedade da *Revista* com Fradesso da Silveira, que, desde muito, pensava na publicação de um jornal illustrado com gravuras em madeira.

NOGUEIRA DA SILVA.

(*Continua*)

O que se dá pedido e rogado já custa tanto como comprado. FR. LUIZ DE SOUZA.

BEATRIZ

XV

Jacques sabia tudo; a sua amante
Soffria o vil castigo, a pena infame
Que a cegueira dos homens lhe impozera.
Chorou, coitado!— o pobre amesquinhou-se,
Quiz morrer de pesar, porém não poude.
Ella expirava só,—ella, tão moça,
Tão linda, que rasgava os seios d'alma
Ve-la penar assim; nem uma lagrima
Podera derramar, nem um gemido
Desprendera sequer; pasmada e louca,
Incerto o olhar, as faces maceradas,
Erma com a sua dor, sem voz, sem força,
Luctando peito a peito com o gigante
Da amargura cruel, sentia apenas
Vacillar-lhe a rasão naquelle embate.
E fugio-lhe,.... ai de mim!... deixai que o pranto
Corra em meus olhes tristes, que um momento
Orvalhe as rosas murchas desse affecto,
Que acerba magoa me lacere o peito
Costumado a bater convulso e forte
De amor, de ceo, de luz, de aroma e vida,
Deixai, deixai,... que em breve eu torno aos cantos!...

Poucos mezes depois partio o conde.
Para onde foi, não sei; dizem, comtudo,
(E eu creio), que, sem mais, puzera termo
Á crua dor que lhe pungia a vida.
Jacques tinha perdido, a pouco e pouco,
Aquella vaga sombra de tristeza
Que lhe toldava o rosto; começava
A metter pé no mundo como d'antes,
E mais de uma aventura escandalosa
Ia correndo, então de boca, em boca.
Se era ou não era fel que as linguas torpes
Deitavam sobre elle, não affirmo
Porque não quero errar; mas sei, mas juro
Que alguns mezes depois d'estas noticias
Terem lavrado já, quando a saudade
Inda devia ardente compungir-lhe
Inteiro o coração, feliz e amado,
Elle contava as horas da existencia,
Ebrio de amor, no seio d'outra pomba!—

XVI.

Eia, gosemos! pela florea taça
Beba-se o nectar d'eternal prazer;
A densa nuvem que troveja e passa
Nem uma sombra nos vem dar sequer.

Gosemos sempre! da ventura breve
Ceifem-se as rosas que despontam já;
Que tem, que importa se um montão de neve
Rosaes inteiros sepultando está?...

Que tem que as faces da mulher perdida
Vão definhando na amargura atroz?...
Somos convivas no festim da vida:
Ergamos todos n'um só canto a voz!

Voa minha alma, pelo espaço em fora,
Tu és o aroma que respira a flor;
Deixa este mundo que se prostra e chora
Voa minha alma, procurando amor!

Não falta um dia em que infernal desgraça
Azede o nectar que nos dá prazer:
O goso é fumo que se esvae, e passa
Quando mais ebrios nos parece ver.

Gosemos tudo! que o prazer resplenda
Em quanto a aurora mil lampejos tem;
Basta que um dia sobre nós se estenda
A sombra eterna que divaga além!

E. A. VIDAL.

As causas excessivamente intensas produzem effeitos contrarios. A dor faz gritar, mas se he excessiva faz emmudecer; a luz faz ver, mas se he excessiva cega; a alegria alenta e vivifica, mas se he excessiva mata. P. ANTONIO VIEIRA.

O engano tem dentes alvos e mordedura venenosa. Como serpente, contenta pera magoar, e alegra pera intristecer.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO.

Tam indecente he sair da bocca de um homem de alto lugar e nobre creação uma palavra rustica e mal composta, como de uma bainha de ouro ou rico esmalte arrancar uma espada ferrugenta.

DUARTE NUNES DE LEÃO.

Se andassemos sobre aviso ligeiramente entenderiamos tudo, ou parte do que nos está para vir.

B. RIBEIRO.

A boa fama é a melhor herança que ha no mundo.

B. RIBEIRO.

Typ. Franco Portugueza, Rua do Thesouro Velho, 6.

IMPRENSA NACIONAL

Resultado da poderosa iniciativa do celebre ministro de D. José I, e creada por alvará de 24 de Dezembro de 1768 com a denominação de Officina Regia Typographica, que mais tarde se transmudou na de Impressão Regia, «a Imprensa Nacional de Lisboa é hoje pela vastidão de suas officinas, pelo numero de seus operarios, e pela excellencia do seu trabalho, não só um dos mais importantes estabelecimentos publicos da capital, mas tambem o primeiro do seu genero em todo o reino.»

Com o titulo de *Breve noticia historica da Imprensa Nacional de Lisboa* elaborou ha annos o nosso prezado amigo F. A. d'Almeida Pereira e Sousa, zeloso e habilissimo empregado da contadoria d'aquella casa, um valioso trabalho, que sahiu publicado como appendice do *Relatorio apresentado ao Ministerio do Reino em 28 d'Abril de* 1855 pelo administrador geral da mesma Imprensa o sr. conselheiro Marecos, formando-se da reunião d'estas duas peças um opusculo de 63 paginas no formato de 8.º maximo, estampado com primor e nitidez pouco menos que inexcediveis.

N'este escripto, fructo de investigação acurada, e compaginado á vista dos registros e documentos officiaes archivados no respectivo cartorio, conseguiu seu illustrado auctor dar uma idéa perspicua, concisa, e quanto póde ser exacta da fundação e mechanismo da administração d'aquelle magnifico estabelecimento, das vicissitudes porque passou, e do seu incremento em diversas epochas; patenteando egualmente a sua situação actual, e os melhoramentos n'elle progressivamente realisados para attingir o grau de prosperidade em que hoje o vêmos.

Ao leitor que desejar instruir-se no assumpto recommendamos esse trabalho, de cujo começo foram extrahidas quasi textualmente as phrases de verdade incontestavel com que encetámos o presente artigo.

Percorrendo com attenção as paginas do referido opusculo, ver-se-ha como por uma série de alternativas, ora prosperas, ora adversas, e mediante os desvelos e sabia gerencia das ultimas administrações, esse estabelecimento para cuja fundação se tomaram em 1768 d'emprestimo ao cofre da Universidade 40:000$000 réis, destinados para aluguer da casa, e custeamento das primeiras e indispensaveis despezas, começando a sua laboração com oito prélos de madeira, taes como então se usavam, servidos apenas por dez operarios ao todo, encerrava em si pelo inventario geral a que se procedeu no fim de 1855, valores excedentes a 227.000$000 réis em machinas, typos, moveis, utensilios, exemplares de obras impressas, etc., etc., sustentando a esse tempo para mais de duzentos empregados de diversas classes, em que se incluiam cento e quarenta e quatro operarios, distribuidos pelas officinas de composição e impressão, fundição de typos, lithographia e fabrica de cartas de jogar!

Nos ultimos dez annos tem-se ainda introduzido novos e importantes melhoramentos em todos os ramos; multiplicam-se os productos, augmentam-se os valores, e torna-se de dia em dia mais sensivel o exemplo do quanto vale a perseverança, e do quanto podem os esforços de uma direcção activa, e não menos zelosa que illustrada.

Perdoe-nos porém o digno auctor do opusculo, se apesar da sincera affeição que lhe consagramos, e do elevado conceito que nos merece a sua intelligencia, temos, por honra e credito da patria commum, de discrepar um pouco do seu parecer, na parte em que, como em todas, quizeramos estar de acôrdo. Foi isso o que mais nos impelliu a traçar estas linhas. Suppõe elle que *a mais nobre das artes* (a typographica) *descahira entre nós no maior abatimento*, ao tempo em que o então conde de Oeiras concebera o projecto de revalidal-a mediante a fundação do novo estabelecimento. A asserção é, quanto a nós, inexacta, e crêmos que sem maior esforço a demonstraremos tal. Se é certo que pelos deploraveis estragos do grande terremoto, que destruiu Lisboa treze annos antes, ficaram sepultadas nas ruinas, ou reduzidas a cinzas algumas typographias, outras comtudo escaparam da catastrophe, e não poucas se erigiram logo nos annos seguintes ao do lamentavel successo.

Deitando agora um lanço de olhos para os apontamentos e noticias, já copiosas, que preparavamos em tempo com o designio de organisar um dia do modo possivel os *Annaes typographicos* de Portugal, empreza que, como varias outras, a edade e desgostos nos impedem de proseguir, observamos que não menos de onze typographias se contavam em Lisboa precisamente no anno de 1768, todas mais ou menos florescentes, e distinguindo-se entre ellas algumas, que na execução dos productos que nos deixaram accusam em seus directores e operarios mais que sufficiente habilidade e dedicação pela arte que professavam.

D'ellas faremos resenha, postoque abreviada, e tanto quanto baste para abonar de verdadeiro o que deixamos dito; servindo juntamente de commentario corroborativo da affirmativa do nosso illustre amigo, na parte em que diz que certos typographos gosavam de privilegio para a impressão dos documentos officiaes.

Guardaremos a ordem chronologica.

1. Miguel Rodrigues. A sua officina era por aquelle tempo uma das melhores de Lisboa, e a mais antiga de todas, existindo anteriormente ao terremoto na rua das Portas de Santa Catharina. D'elle achamos memorias desde 1726 até 1774, anno em que aos oitenta e dois de sua edade faz sahir de seus prélos a nova edição das *Obras* de Francisco Rodrigues Lobo, bem como dos mesmos sahiram por todo aquelle intervallo numerosas e aceiadas edições. Era impressor do cardeal patriarcha.

2.º Domingos Gonçalves. Imprimiu pelos annos de 1733 a 1780. Parece que n'este fallecera, continuando ainda por mais alguns a officina em poder dos seus herdeiros. Era ella situada no pateo da Charidade, proximo de S. Christovão. Ahi se estamparam além de muitos livros, e relações noticiosas em prosa e verso, a maior parte das comedias chamadas de *cordel* em mui soffriveis edições.

3. Miguel Manescal da Costa, impressor do Santo Officio, e descendente de outro mais antigo typographo do mesmo nome. Ha livros impressos na sua officina de 1740 em diante, até que no anno de 1768 passou a ser administrador technico da nova Typographia Regia, para a qual passaram egualmente a fim de servirem de nucleo os seus prélos, caracteres e mais utensilios. Cremos que a ultima obra publicada sob o seu nome foi a *Deducção chronologica e analytica*. Era tido por habilissimo impressor, e homem de muita probidade. Morreu no 1.º de Novembro de 1801.

4. Officina Regia Silviana, a esse tempo e desde 1740 em poder dos descendentes de José Antonio da Silva, antigo impressor da Academia Real de Historia, e em cuja typographia mui bem fornecida de tudo, se imprimiram nos reinados de D. João V e D. José I (até 1768) a maior parte das leis e documentos officiaes. Esta imprensa continuou ainda por largos annos, com algumas interrupções, até os nossos dias.

5. Francisco Luis Ameno. A sua typographia, que se honrava com a denominação de «Patriarchal» foi por elle estabelecida segundo crêmos em 1748. Competia com a de Manescal, se é que se lhe não avantajava na belleza dos typos e vinhetas, e no bom gosto, esmero e correcção das edições. Haja vista a *Vida do infante D. Henrique, a Vida da Madre Thereza da Annunciada, as Memorias das providencias dadas no terremoto*, e muitas outras obras, entre a infinidade das que este infatigavel typographo (que tambem era escriptor) produziu nos quarenta e cinco annos decorridos até o de 1793 em que se finou com 80 de edade. A officina, que depois do terremoto estivera collocada successivamente nas ruas da Procissão e do Jasmim, conservou-se ainda por alguns annos com a mesma denominação de «Patriarchal» depois da morte de Ameno.

6. Manuel Coelho Amado. A sua officina, que tambem pode contar-se entre as mais consideraveis d'aquelle tempo, existiu em diversos locaes no Bairro-Alto, já na travessa da Estrella, já na rua da Rosa, ou da Vinha etc., e começou a trabalhar ao que parece em 1750. D'ella sahiram mui boas edições. Por obito do proprietario em 1774 passou para Luis Francisco Xavier Coelho, que cuidamos ser filho, ou parente proximo de Amado. Tendo-lhe este dado a denominação de «Luisiana» tractava de amplial-a; porém pouco se gosou da posse d'ella, morrendo em 1780. Ficou então o estabelecimento a uma irmã, com a qual casou pouco depois o contra-mestre, que era Simão Thaddeo Ferreira, nome assás conhecido entre os nossos typographos do seculo actual.

7. Francisco Borges de Sousa. Esta typographia durou ao que podemos julgar de 1757 até 1792, e estava nos ultimos tempos situada no Poço do Borratem. Era em verdade de menor consideração, e mal servida de typos, e por muitos annos se occupava quasi exclusivamente da impressão de autos, comedias de *cordel*, e outros papeis similhantes, cuja execução faz pouca honra á sua pericia.

8. Antonio Vicente da Silva. Melhor que a precedente, posto que não comparavel ás de Ameno ou Manescal. Imprimiu bastantes livros e opusculos no intervallo decorrido de 1759 a 1773. Não sabemos que destino levou depois d'este ultimo anno.

9. Antonio Rodrigues Galhardo. Temos que era parente proximo, ou genro talvez de Miguel Rodrigues. Começou a imprimir por 1761, e a obra mais antiga que temos visto de seus prelos, a serem verdadeiras as indicações, é uma edição da sentença condemnatoria do jesuita Malagrida, no formato de 8.º pequeno, com typos que nos parece serem fundidos em França. Foi impressor da Real Meza Censoria, e por morte de Miguel Rodrigues passou a sel-o tambem do cardeal patriarcha. Imprimiu numerosissimos livros e papeis avulsos. A sua officina, estabelecida de principio na rua de S. Bento, e depois na esquina da rua de Santo Ambrosio, passou a final para a rua hoje chamada da Escola Polytechnica, com entrada pela da Procissão. Ahi existia ainda ha poucos annos, em poder dos filhos e herdeiros do primeiro proprietario, que seguindo carreiras ou profissões diversas, a deixaram ir em successiva decadencia até se extinguir de todo.

10. Caetano Ferreira da Costa. Encontramos memorias d'este impressor entre os annos de 1765 e 1778. Cumpre porém confessar, que dos seus prélos não conhecemos outros productos mais que relações avulsas, e comedias de *cordel*, e algum raro livro por excepção.

11. José da Silva Nazareth. Encontram-se memorias d'este typographo desde 1768 até 1786, sem comtudo podermos determinar se a sua officina subsistia ainda depois d'esse anno. Das muitas obras que imprimiu no mencionado periodo, lembraremos a *Historia do povo romano* por José Thomaz d'Aquino Barradas, tomos 1.º e 2.º, no formato de 8.º. É provavel que a imprensa passasse por sua morte para novo possuidor, cujo nome figurará talvez entre os de muitos que nos annos subsequentes a 1768 foram estabelecendo novas officinas, ou continuando com as existentes.

Poder-se-ia tornar esta resenha mais extensa, se houvessemos de addicionar-lhe os nomes de varios outros typographos, que funccionavam como taes em annos mui proximamente anteriores ou posteriores, mas de que não alcançamos certeza de que se conservassem até o de 1768, que tomamos por ponto fixo. Taes seriam por exemplo, Ignacio Nogueira Xisto e João Antonio da Costa, que existiam de certo em 1765; Pedro Ferreira em 1763; Antonio Isidoro da Fonseca e Manuel Antonio Monteiro de Campos em 1760: José d'Aquino Bulhões, do qual já temos obras por elle impressas em 1769, parecendo que começara n'esse anno, etc. etc.— Sem nos fazermos cargo d'estes e d'outros, nem ainda dos que pelo mesmo tempo existiam em exercicio no Porto e em Coimbra, crêmos todavia haver satisfeito de sobra ao nosso proposito, que foi simplesmente o de mostrar que a arte typographica não estava entre nós em 1768 em tão lastimoso abatimento como se pretendeu suppor.

Innocencio Francisco da Silva.

OS TRES ESTADOS

O passado! A reminiscencia do passado!

Estivéra demente, e a loucura, offuscando-me a intelligencia, havia-me obliterado da memoria as impressões do preterito, as recordações de toda a minha vida?

Tinha bebido das aguas d'aquelle celebrado rio que produziam, em quem as bebia, o esquecimento de tudo quanto gozara ou padecera até alli?

Impossivel me fôra responder a taes perguntas, resolver tal duvida.

O certo é, porém, que da mente havia-me desapparecido toda a lembrança da minha vida

anterior, e até nem podia affirmar que tinha existido antes. Todavia, do mesmo modo que ás vezes resoam em nossos ouvidos harmonias, que não podemos precisamente qualificar, mas que estamos convencidos já termos ouvido; assim minha alma conservava a noção de uma existencia precedente, cujos factos, porém, cujas alegrias, cujas dores se desvaneceram da memoria, como do crystal ou da lamina de aço se apaga o halito que o embaciára.

Soffreu minha alma uma metempsycose pythagorica, e ao mudar de fórma corpórea olvidou o passado? Ou victima o meu espirito de uma insólita allucinação não podia perceber os fulgores do que foi, nem a luz do futuro, no meio das densas trevas, que o cercavam por todos os lados?

Estas idéas se me agglomeravam no pensamento; cessando, porém, de meditar no segredo da minha alma, olhei em torno de mim.

Achava-me em um magnifico palacio. As paredes não eram de marmore, jaspe, ou de outra qualquer pedra que o homem arranca das pedreiras. Cousa estranha! eram de gelo! Um largo vestibulo profusamente illuminado por enormes candelabros de bronze, cada um com cem luzes de gaz, e cujo pavimento era forrado de bocadinhos de preciosas madeiras, dava accesso a uma sumptuosa escada, guarnecida de grandes e custosas jarras com plantas de desconhecidos climas. No cimo d'esta escada via-se uma longa e espaçosa galeria, alcatifada com tapetes da Persia, illuminada *á giorno* e na qual se agrupava uma multidão de creados com soberbas librés bordadas a oiro, e cabelleiras empoadas. De ambos os lados da galeria as paredes permittiam, pela sua transparencia, admirar a magnificencia nunca vista, de uma serie de immensos salões de baile, onde a vista se sentia deslumbrada pelo brilho da luz que brotava dos bicos das lampadas de oiro, e que reflectindo no gêlo das paredes adquiria nova força e intensidade. Em torno dos salões havia commodos divans forrados de pelle de martha para os pares descançarem das danças. A athmosphera que alli se respirava era suavemente temperada por occultos caloriferos; e estranhos, porém, dulcissimos aromas deliciavam o ólfato.

Eu discorria pelas salas com uma bandeja de ouro na mão coberta de finissimos doces, vendo reflectir no gelo das paredes a minha encarnada libré bordada a oiro. Outro lacaio me seguia levando em outra bandeja gelados e agua dulcificada com essencias nunca provadas de suavissimo sabor.

Via passar junto de mim, levadas pela voluptuosa embriaguez do baile, todas as differentes bellezas da terra; porém, cada uma d'aquellas mulheres era mais bella do que o que é dado sel-o a mulher alguma terrena. Alli se via a filha do Norte, de tez ligeiramente rosada, olhos celestes, loura cabelleira, semelhante a uma aureola dourada; junto a ella, com o seu trajo de riquissima cachemira de vivas cores, a brahmane da India com a cutis levemente bronzeada e os olhos fendidos á maneira dos personagens dos leques chinos; tambem alli se encontrava a orgulhosa mandarina do Celeste Imperio, com o seu estranho vestuario e bailando enthusiasmada, apezar da pequenez de seus pés; nem faltavam n'aquella extraordinaria assembléa a filha da Abyssinia, assemelhando uma formosa estatua de marmore negro, e a filha das antigas raças americanas, meio nua, e cobertos os braços e peito de hierogliphios de vivas côres: chamavam, porém, sobretudo a attenção, por sua irresistivel formosura, a indolente creoula, com o seu languido e voluptuoso coquettismo, e a filha das Hespanhas e a da Italia, de tez pallida, cabellos negros, olhos avelludados, magneticos; irresistiveis, e movimentos já preguiçosos, já cheios de viveza e elegancia.

E ao lado de cada uma d'aquellas mulheres, mais bellas do que o natural, taes como os poetas de seus paizes as sonharam, viam-se tambem valorosos guerreiros, principes, sabios, trovadores dos differentes climas. O fato preto do europeo, confundia-se com o manto branco do brahmane, as variadas cores do vestido do mandarim, com o luxuoso trajo persa e os ricos uniformes cobertos de ouro e brilhantes contrastavam com a vestimenta talar dos africanos.

E, coisa estranha e inexplicavel! a cada uma d'aquellas mulheres fallava eu, polyglota universal, no seu idioma, ao offerecer-lhe os doces que levava na bandeja. Quando e como pude aprender tantos idiomas? Como foi dado á minha memoria reter tantas e tão variadas linguas? Problema difficil de resolver!

O baile durou algumas horas. A tempo notei que as luzes começavam a empallidecer; as mulheres pareciam mais ethéreas e vaporosas, menos corporeas; os contornos tornavam-se mais fluctuantes e indecisos, e as figuras que minha vista alcançava parecia como que vagueavam no ar ou via-as atravez dos vapores de um sonho. E ao mesmo tempo a musica invisivel, que havia dirigido o baile, ia pouco a pouco apagando os seus melodiosos sons até chegar a um pianissimo apenas perceptivel. Alguns momentos depois, aquellas formosas mulheres, aquelles guerreiros, principes e sabios se desvaneceram completamente na sombra; a musica extinguio-se n'um dulcissimo suspiro, e o palacio de gelo sumiu-se inteiramente no silencio e na obscuridade.

Não sei quanto tempo passei sem que chegassem a meus sentidos um som, ou um raio de luz. O que é certo é, que decorrido um espaço de tempo, cuja duração não me é possivel calcular, a vista deveu-se-me accostumar ás trevas, ou devêram ter sido dotados os meus olhos da faculdade dever ás escuras, como os individuos da raça felina. Pelo que respeita ao ouvido, não se percebia o menor ruido no palacio de gelo.

Estava na grande galeria que dava entrada para os salões de baile, antes tão esplendidamente illu-

minados e que n'aquelle momento jaziam em profunda obscuridade. Apalpando-me, para certificar-me se estava accordado, notei que a minha rica libré bordada a oiro, havia sido substituida por uma vestimenta de pelles, tal como as dos escravos russos.

Ao longe, no meio das trevas, via um raio de luz. Aquelle pallido reflexo attraia-me e fascinava-me como o serpente ao pobre passarinho, para saciar a fome, como a chamma á leve mariposa, que n'ella vai queimar as suas lindas azas. O indeciso fulgor chegava-me amortecido pela transmissão ao atravessar varias paredes de gêlo.

Orientei-me na obscuridade. Levantei sem ruido um pesado reposteiro de pelles, que servia de porta, atravessei varias salas desertas e cheguei por fim ante uma estancia em que a vista não podia penetrar. Com effeito, a transparencia das paredes achava-se resguardada por magnificas pelles, brancas como o arminho, que defendiam á vista a santidade d'aquelle santuario; mas o reposteiro não fechava hermeticamente a porta e por uma fenda deixava filtrar o raio de luz que alli me havia attraido.

O que existiria n'aquella habitação? Porque se tinha procurado o segredo e fechado a porta á curiosidade? Estas perguntas, que a mim proprio fazia, unidas ao aguilhão da curiosidade, contrabalançavam o justo temor que aquelle mysterio me infundia. Por outro lado, porém, o silencio espantoso que reinava em todo o palacio e o envolvia como um frio sudario de morte, havia-me gelado o coração e aterrado a alma: quiz vencer o panico que me dominava e levantei a cortina de pelles.

Como tinha presumido, grandes alcatifas de pelle de arminho, mais brancas do que as neves do Cáucaso, forravam aquella sumptuosa camara, abrigando-a e resguardando-a dos olhares da indiscripção: pelles semelhantes serviam de tapete, tornando assim aquella estancia um ninho branco. Do tecto pendia, sustentada por tres cadeias de oiro, uma lampada, cuja flamma exhalava um suave perfume e allumiava a estancia com os seus pallidos e tremulos reflexos; no fundo via-se um leito abrigado por grandes cortinas de seda azul celeste sustentadas por uma corôa de ouro adornada de perolas e esmeraldas. Sob aquellas cortinas ouvia-se uma respiração suave e tranquilla. Aquella estancia era o quarto de uma princeza.

A curiosidade lutava em meu peito com a idêa do knot, o latego dos escravos; mas por fim a curiosidade venceu o temor.

Affastei com cuidado as azuladas cortinas do leito e apenas pude conter um grito de admiração.

Uma mulher extraordinariamente bella, mais bella do que quantas haviam passado ante meus olhos no baile, dormia com o somno tranquillo da infancia. Como descrever a opulenta explendidez dos seus cabellos negros, cujas perfumadas tranças chegavam até ao chão? Como pintar aquelle rosto pallido, de perfeição divina, de linhas magestosas, severas e agradaveis, e aquella bocca pequena e aurirosada que sorria voluptuosamente no somno? Algum movimento indiscreto havia apartado um pouco a roupa e podiam-se admirar um collo de alabastro de languida morbidez e uns hombros de marmore que as antigas Venus teriam invejado. Emfim, pendia descoberto um dos seus braços que parecia o da Venus de Milo ou de outra qualquer d'essas obras monumentaes de estatuaria da antiguidade, que são o assombro e todas as idades.

Ha sensações que se não podem explicar, pois são completamente ineffaveis. A vista d'aquella mulher tão bella no abandono do seu somno causou-me uma d'essas sensações. Sem saber o que fazia ajoelhei junto do leito, tomei-lhe a mão e levei-a aos labios.

Ao fogo ardente do beijo a princesa abrio os olhos. A estatua adquirio animação; aquelle corpo tão formoso pareceu volver á vida, o seu rosto tomou a expressão do temor, e aquelles olhos rasgados, irresistiveis, magneticos, e por cuja pupilla de preto velludo julgaria ver o infinito, fixaram-se aterrados em mim. Por fim convenceu-se de que não era um sonho o que via e seus labios deixaram escapar um grito de angustia.

Continua

O MUSICO ENRAIVECIDO

Caricatura de Hogarth

Já n'este jornal se esboçou rapidamente a physionomia artistica d'este notavel pintor inglez, cuja indole observadora dotou a Inglaterra de um verdadeiro monumento, porque não podemos considerar d'outra fórma a verdadeira «Comedia humana» que as suas obras constituem.

D'essa «Comedia humana» possuimos algumas folhas, que iremos successivamente apresentando aos nossos leitores. Já uma appareceu n'este volume do *Panorama*; essa gravura, que se intitulava o *Infeliz Poeta*, era um drama pungente, que palpitava sob a mascara do riso, era uma d'essas risadas á Molière que occultam profundas agonias.

Mas a vasta obra de Hogarth abrange todos os sentimentos, todas as inspirações que pódem salteiar o poeta ou o pintor comico. Se além solta a gargalhada ironica, e inscreve com o buril, que tem um não sei que da penna de Juvenal, um protesto amargamente zombeteiro contra os decretos do destino, aqui observa fria, sagaz, anatomicamente o corpo social e expõe bem visiveis as pustulas que o ulceram. Outra coisa não é essa magnifica serie, que se intitula o *Casamento da moda*, outra coisa não é *a Vida de um devasso*, e a *Vida de uma devassa*, comedia de observação, estudo á Balzac, modêlo que ha de inspirar Gavarni.

Outras vezes a travessa inspiração do *vaudeville* vem-lhe guiar tambem o buril com que desenha os seus poemas satyricos. Apanha em flagrante um ridiculo inoffensivo, uma situação comica; apodera-se d'elle um riso inextinguivel, e, malicioso já e

não sarcastico, reproduz a scena, onde encontrou a inspiração da comedia.

É este o caso da gravura, que hoje apresentâmos aos nossos leitores.

Quem não tem sentido milhares de vezes, n'esta tumultuosa Lisboa, a tentação irresistivel de se entregar a uma d'essas furias, que serviram de assumpto á veia comica do satyrico inglez, quando o realejo da esquina móe infatigavelmente as peças de musica do seu reportorio, quando a corneta de chaves de um *virtuose* de praça publica matiza de variações impossiveis as arias mais singelas, os hymnos menos empolados, quando o bando dos toiros passa formando com os instrumentos mais contra-

dictorios o acompanhamento da parte cantante, que é desempenhada pelo bombo, quando os pregões se cruzam, se confundem, se atropellam vibrando discordantemente por esses ares, qual de nós não sentio ainda, repito, a tentação irresistivel de descer á rua, e de correr a chicote, em nome da harmonia, esse côro e essa orchestra malditos que o proprio Satanaz repelliria do seu inferno?

Ora se isto acontece ao poeta, que vê fugir-lhe a musa horrorisada d'esse bulicio insupportavel, ao pensador que vê a sua meditação interrompida por esses cantos *plusquam* infernaes, ao mathema-

tico, que confunde a demonstração do seu theorema, graças a esse *charivari* atroz, ao chymico, cujas reacções são embarulhadas por esse diluvio de sons, o que não será quando a desgraçada victima da tempestade da rua é nem mais nem menos que um sacerdote d'esse mesmo deus vilipendiado pelos lyricos profanos, um cultor enthusiasta e apaixonado d'essa musica apedrejada, insultada, victimada pelo realejo, pelo bombo, pela corneta de chaves, e pelos pregões?

Passa-se então a scena, que o malicioso pintor inglez estudou, e reproduzio com rara felicidade, na gravura que orna este numero do *Panorama*. O infeliz corre á janella com os cabellos em pé, os olhos esgazeados, aterrado, fulminado, fóra de si. E elles, os amaldiçoados, os profanadores, os Hottentotes continuam, grave e imperturbavelmente, a perpetrar aquella atrocidade musical. O clamor da victima é coberto pelo estrondo dos instrumentos de vento. Não se desintumecem as bochechas ao assoprador do figle, não descançam os braços vertiginosos do que maneja as vaquetas, não estaca a torrente de sons, que irrompe do realejo! Parece que é elle o profanador, parece que é elle quem vem perturbar a celebração dos augustos mysterios, elle o sacerdote, elle que desejaria escorraçar do templo da arte esses vendilhões de musica falsificada!

E o pintor, sorrindo-se maliciosamente, reproduz admiravelmente na tela as differentes figuras da scena comica. Cada traço do pincel revela o folhetinista; porque, digâmol-o com desassombro o *Musico enraivecido* é um verdadeiro folhetim.

PINHEIRO CHAGAS

THEATRO DE D. MARIA II.

II

Corria o anno de 1840. Após as guerras civis, que ensanguentaram a patria, reluzira por entre tantos negrumes, a estrella bonançosa da paz e concordia.

As artes e as sciencias iam cobrando alentos nas ruinas fumegantes de uma sociedade carcomida que baqueára sob a influição potente das novas idéas, que não com o estrondar dos canhões. Havia homens então. E que homens! Os patriotas de 20, 26 e 31, esses perigrinos, piedosos que haviam chorado lagrimas de sangue nos agros do exilio, tambem tinham visto muito, e o pranto, que lhes empanava os olhos, não podia escurecer os mil esplendores da civilisação nas grandes capitaes da Europa.

Esses cruzados de uma idéa, que haviam deixado patria e familia para hastearem o pendão da liberdade em um heroico rochedo do oceano, mal foram de volta ao seu paiz, viram que o despotismo nem mesmo encobrira as pustulas no manto do esplendor material. Tudo aqui era mesquinho, homens e coisas. Lisboa não soffrera a menor alteração depois que o grande marquez se afundára nas sombras do sepulcro e da ingratidão.

Lisboa era ainda uma cidade do seculo passado, que era necessario rejuvenescer.

O estrangeiro, afeito ás maravilhas da terra natal, ficava pasmado e absorto desembarcando aqui, n'estas praias cheias de lodo e contemplando os nossos usos e costumes impugnados de nativa barbaria e proverbial sujidade.

Ruins avenças davamos nós a viajantes distinctos, e com sobrada razão dizia Byron, em impetos de mal contido desprezo e merecida ironia, que estavamos na Europa e não pertenciamos á Europa. Era necessario fazer tudo, porque tudo faltava.

A transformação fôra rapida e absoluta. Ao despotismo succedêra a liberdade, ao silencio do carcere o clamor da praça publica, á Gazeta *censurada e tonsurada* o periodico livre, liberrimo, e que em ser desbragado ás vezes, impetuoso, tribunicio, era puramente oblata ás novas conquistas.

Estes porém não se cifravam n'isto. Um povo que renasce no meio das cinzas á voz da liberdade exige muito mais Já o não contentam procissões faustosas com os seus renques de andores e charamellas e timbaleiros archaicos.

Outros espectaculos requer, mais consentaneos do progresso, mais civilisadores, mais dignos da liberdade; espectaculos que ao tempo que divirtam sejam de boa lição e doutrina.

Era preciso que a transformação phisica e moral de Lisboa acompanhasse o seculo, cujas feições se iam pronunciando.

Era preciso que as sciencias se desenvolvessem e as artes encontrassem gasalhado.

Era preciso construir escolas, abrir bibliothecas, levantar palacios, dispor muzeus, fazer estradas, melhorar portos, facilitar mutuas relações de commercio e industria em que a liberdade se espanejasse á vontade, e ao par d'estes e outros melhoramentos politicos, sociaes, e economicos que os governos iam iniciando, diffundir e espalhar luzes pelo povo por todos os modos, porque a liberdade assim como as flores, definha se e morre nas sombras.

E entre esses meios tão variados, posto que desigualmente fecundos, um havia, que quasi nos faltava em Portugal. Era o theatro, essa escola de costumes, esse palladio de verdade, esse foco de luz, esse destruidor de preconceitos, esse facho que brilhara nos panthons da Grecia e nos circos de Roma, essa religião, que tem por patriarchas e apostolos os maiores genios da antiguidade: Eschylo Euripedes, Plauto, Terencio e tantos outros; o theatro em cujo tablado se representaram na idade media solemnes mysterios, dominio glorioso de histriões e jograes que diziam tantas verdades aos poderosos da terra, elemento robusto de renovação nas mãos da Chakspeare, Molière e Alfieri, campo neutro aonde as idéas fecundas se aninhavam para depois esvaaçarem sobre a humanidade, arca santa de opprimidos e phylosophos, templo em cujas abobadas retumbavam gargalhadas de folião de envolta com grandes principios e grandes verdades, alavanca poderosissima de revolução, espelho fiel, aonde se reflectem em toda a sua hediondez os vicios mal disfarçados com a mascara da hypocrisia. Era o theatro que nos faltava, além do muito que trinta annos de fadigas e trabalhos ainda não puderam conquistar. Os brios porém de um povo, que anciava sair do antigo torpor, não consentiam essa macula. Como não corar de pejo e vergonha ao entrar esse edificio informe da *Rua dos Condes*, que a nossa soberba pobreza tinha alcunhado de *theatro normal*? Como haviamos de responder ao sorriso de commiseração e desprezo do estrangeiro, que assistisse á representação de um drama nacional em tegurio tão immundo e indigno?

Construir um edificio sumptuoso, que fosse templo da arte dramatica era pois instante necessidade. Pertencem as honras do commettimento a Joaquim Larcher, então governador civil de Lisboa (1836) e a Almeida Garrett, o dramaturgo nacional, que ao passo que cuidava do edificio material, não descurava o augmento da arte, antes propunha e creava o conservatorio real e a inspecção dos theatros.

Começa aqui uma longa série de luctas e desenganos, que assoberbaram outro que não fôra o restaurador das letras patrias e os seus não menos robustos sequazes e amigos.

Escolheu-se o palacio da inquisição, ou antes as suas ruinas para local do projectado theatro, e o architecto Chiosi fez um risco tão economico e comezinho, que não exigia a execução d'elle mais de vinte e quatro conctos de reis.

Esses mesmos porém faltavam, apezar de continuados esforços.

Nomeou-se depois uma commissão que tinha por encargo angariar uma companhia de edificação; escolheu-se a cerca do convento de S. Francisco, mas tantas e tão variadas foram as opiniões, tão discordes os alvitres, que não houve apaziguar os contendores.

Veio então a combate o sr. conde do Farrobo, esse protector convicto das artes e artistas, que hoje ahi está, pobre e desamparado, victima da patria ingrata e de patriotas mais ingratos ainda. O sr. conde do Farrobo cujo nome andava ligado ao theatro de S. Carlos, offerecia-se a construir o theatro nacional sob certas condições. Baldo porem foi ainda este esforço.

Não esmoreceu comtudo Almeida Garrett, que tinha por irmão de armas em tão santa cruzada, outro poeta grande tambem, amantissimo das coisas patrias—Antonio Feleciano de Castilho.

Almeida Garrett, deputado da nação, apresentou um projecto de lei (6 de novembro de 1840) que tinha por fim erigir o monumento á arte nacional. Devia o governo dar o terreno e parte dos materiaes correndo as outras despezas á conta de uma companhia, que só fruia os redditos da sua obra em certo prazo de tempo, passando depois o theatro a ser propriedade nacional.

Mas ainda d'esta vez venceu o mau fado, que perseguia o nosso theatro.

Corrêra cerca de um anno. Os caixas do contrato do tabaco offereceram quarenta contos se porventura lhes tirassem o encargo de empresarios do theatro lyrico.

Approvada e acceita esta proposta a esforços de Joaquim Sanches, então inspector dos theatros, approvado tambem o risco do italiano Fortunato Lodi e creada nova commissão, começaram os trabalhos em julho de 1842, e ainda não eram corridos quatro annos, abriu-se o theatro em abril de 1846, no dia natalicio da rainha D. Maria II, cujo nome foi dado ao novo theatro, representando-se o drama *Alvaro Gonçalves, o Magriço ou os doze de Inglaterra.*

Querer descrever miudamente o edificio, tanto por fóra como por dentro é obra demasiado longa e porventura mais adequada a um jornal technico do que ao *Panorama*

Contentar-me-hei por isso em fazer rapida descripção do novo theatro normal, indicando os topicos principaes que convem não ignorar.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

(*Continua.*)

VIAGEM Á LUA

Apologo por Linneu

Aconteceu que uma vez os sete sabios da Grecia, reunidos em Athenas, querendo decidir qual era a maior maravilha da creação, resolveram que cada um por sua vez exposesse o seu parecer ácerca do assumpto.

O primeiro que fallou, sustentou que nada havia de mais maravilhoso que as estrellas: na opinião dos astronomos, a maior parte eram soes em roda dos quaes giravam mundos contendo, como a terra, plantas e animaes, mas de formas estranhas e desconhecidas. Excitados por esta prespectiva, os sabios supplicaram Jupiter lhes permittisse visitar o planeta mais proximo, a lua. Não estariam lá senão tres dias e viriam contar aos homens os prodigios que vissem n'aquelle mundo desconhecido. Jupiter deferiu-lhes o requerimento e marcou como ponto de partida o cimo de uma elevada montanha onde uma nuvem os devia esperar. Á hora indicada apresentaram-se, acompanhados de artistas e poetas encarregados de pintar e descrever as suas descobertas.

Depois de terem rapidamente atravessado o espaço ethereo, chegaram á lua, onde acharam um palacio preparado para recebel-os. No dia seguinte, estavam tão cançados da viagem que acordaram ao meio dia. Foi-lhes servido, para recuperarem forças, um succulento almoço, do qual tanto se aproveitaram que a sua curiosidade diminuiu consideravelmente. N'este dia entreviram atravez das janellas um delicioso paiz, coberto da mais rica verdura e de flores de rara belleza; ouviram o melodioso gorgeio dos passaros e prometteram levantar-se na madrugada seguinte, para darem começo ás suas observações. Mas no segundo dia, quando iam para sair de casa, um bando de dançarinos e dançarinas embargou-lhe o caminho. Um segundo banquete, ainda mais lauto que o primeiro, estava servido. Vinhos raros, musica, danças: tudo convidava ao prazer; ficaram presos. De repente, vizinhos invejosos perturbaram a festa, precipitando-se armados na sala do festim. Travou-se a lucta; os sabios tomaram parte n'ella e os invasores ficaram vencidos. A justiça teve o seu curso, e o terceiro dia foi absorvido inteiramente pelos inqueritos, replicas e sentença; de modo que o tempo concedido por Jupiter expirou, e os sete sabios voltaram á Grecia, cuja população correu logo ao seu encontro, avida de noticias da lua.

O que os sabios poderam dizer é que era um excellente paiz, coberto de verdura, matisado de flores, e onde os passaros cantavam a arrebatar. De que natureza eram esta verdura e estas flores? Como eram estes passaros? Não sabiam a tal respeito nem uma palavra.

DANIEL RICHARD

Já o seculo XVII estava bastante adiantado, ainda os bravos habitantes de Locle se contentavam com os quadrantes solares para medir o tempo.

Em 1679, porém, um curioso, que para alli foi residir, levou um relogio de Londres. Grande maravilha foi esta, para aquella gente, porque dentro em pouco tempo o fabrico dos relogios tornou-se quasi que a sua unica industria! O relogio desorganisou-se; o seu dono confiou-o a um habitante de Sagne, cuja destreza e genio emprehendedor, sem duvida, conhecia. Daniel João Richard (não se encontra este nome nas biographias) teve seis mezes o relogio em seu poder; mas não o guardou inutilmente para si e para o seu possuidor: n'este curto espaço de tempo, tinha estudado o complicado mechanismo, e havia inventado a serie de utensilios necessarios para reparar a famosa machina ingleza. Ainda não tinham decorrido, depois d'isto, outros seis mezes, já Daniel Richard se achava habilitado para fabricar o relogio mais complicado. Fez mais: tinha o genio que inventa, e a paciencia que aperfeiçôa; adquiriu grande somma de conhecimentos, e depois dirigio-se a Genova, aonde estudou. Estudar, era trabalhar para o bem dos seus patricios e estes, com effeito, aproveitaram: pacientes como elle, como elle se enriqueceram. Além d'isso, Richard tinha cinco filhos, herdeiros de seus talentos, e por quem o ensino era dado a todos. Assim se povoou aquelle cantão de relojoeiros.

Daniel Richard morreu em 1741. Mas, porque se calam a seu respeito as biographias? É porque se não leem as cartas de Coxe sobre a Suissa, onde se acham consignados, mil factos curiosos: é alli que se encontra a historia d'este habil industrial.

Á MORTE DE MANUELA REY.

Permitte que em soluços eu deponha
Tambem uma saudade, ó alma bella,
No teu funebre leito!
Se á flor dá prantos a manhã risonha,
Eu dou-te a flor, — ai! pobre Manuela! —
Mais triste do meu peito!

Nenhuma aos pés te arremeceí outrora,
Em vida, quando meiga no proscenio
E ardente de paixão,
Sentia toda a luz da tua aurora,
E a suave fragrancia do teu genio
Descer-me ao coração!

Nenhuma! Acaso pode humilde planta
Roçar com seus perfumes o empireo,
Dos orvalhos em paga?
O verme que do pó se não levanta
O nectar retribue ao doce lirio
Que um dia o embriaga?

As almas como a tua são um canto
De frescas, de continuas melodias,
Um arrulho d'amor!
Orvalho solto do azulado manto
N'aridez glacial de nossos dias
Sobre pallida flor.

Foi bello o ver-te, sim, gentil creança,
Nas azas do teu genio erguida acima
Das tormentas da sorte;
Qual a ave que n'um vôo se abalança
Por entre os vendavaes, e se aproxima
Da luz que tem por norte!

Foi bello e grandioso! Não se exprime;
Mas eterna lembrança em nossa vida
Ficou do que era teu;
Quando o ethereo, o intangivel, o sublime,
Moldavas na palavra traduzida
Em canticos do ceu!

Da santa inspiração o beijo casto
Depoz-te Deus na fronte; e a luz divina,
Que em bem poucos se ateia,
Brilhou em ti, e um horisonte vasto
Ás ambições da gloria que fascina,
Sem veu se patenteia.

Tiveste só aurora! mas bem raro
Tão risonha manhã d'um bello dia
No ceu assim reluz!
Não se diga que Deos te foi avaro!
No teu celeste alvor se resumia
Um futuro de luz!

Aos grandes só, sómente aos escolhidos
Concede n'este mundo a providencia
Tal dom e tal baptismo!
São o bello: — nós somos os sentidos.
Apenas somos pó: — elles essencia.
São o ceu: — nós o abysmo!

Que tem que elles não tenham por cortejo
A gloria só? Que sempre lhes decline
O sol, quando em manhã?
Que tem que a febre estampe o ardente beijo
Um dia em Millevoye, n'outro em Bellini,
Se a luz é sua irmã?

O genio d'esses taes, centelha errante,
Baqueia, mas apoz deixa um vestigio
De eterna claridade;
E os crentes do ideal, a cada instante
Evocam sempre o divinal prodigio
Nas lyras da saudade!

Assim, ó anjo louro e pensativo,
Aos écos do triumpho abrindo o espaço,
Levou-te o vendaval!
Mas nós, ainda apoz o vôo altivo,
Sentimos n'alma um luminoso traço
De luz celestial!

GUILHERME DE AZEVEDO.

CAUSERIES

Versos a Angelica

—Quando ás horas do sol posto
vês o dia desmaiar,
!sempre triste a meditar,
sempre as lagrimas no rosto!

—Escuta, são as lagrimas
um peso que sai d'alma,
e que—celeste balsamo—
nas ulceras se espalma...

—Mas em faces, cujo encanto
rochas póde commover,
dóe me tanto, linda, o ver
a cair em fio o pranto!...

—Tambem da noute o róscio
orvalha a linda flor,
e a flor não pende languida,
nem perde a viva cor.

—Mas se a noute assim espalha
sobre a rosa o seu frescor,
¿qual a noute, branca flor,
que de lagrimas te orvalha?

—Não é a noute!—volta-te
alem para o occidente:
choro aos adeuses ultimos
do astro resplendente.

—Oh! não chores, que se o astro
ao seu leito desce ja,
ámanhã te sorrirá,
branca estatua de alabastro.

—Mas quando sobre os pincaros
do monte repontar,
¿quem sabe se inda Angelica
tu saberás amar?!

—Murche embora o lirio na haste,
fuja o sol, toldem-se os ceus...
é eterno como Deus
este amor que me inspiraste.

Vizeu, 1866.

CANDIDO FIGUEIREDO.

SEM TITULO

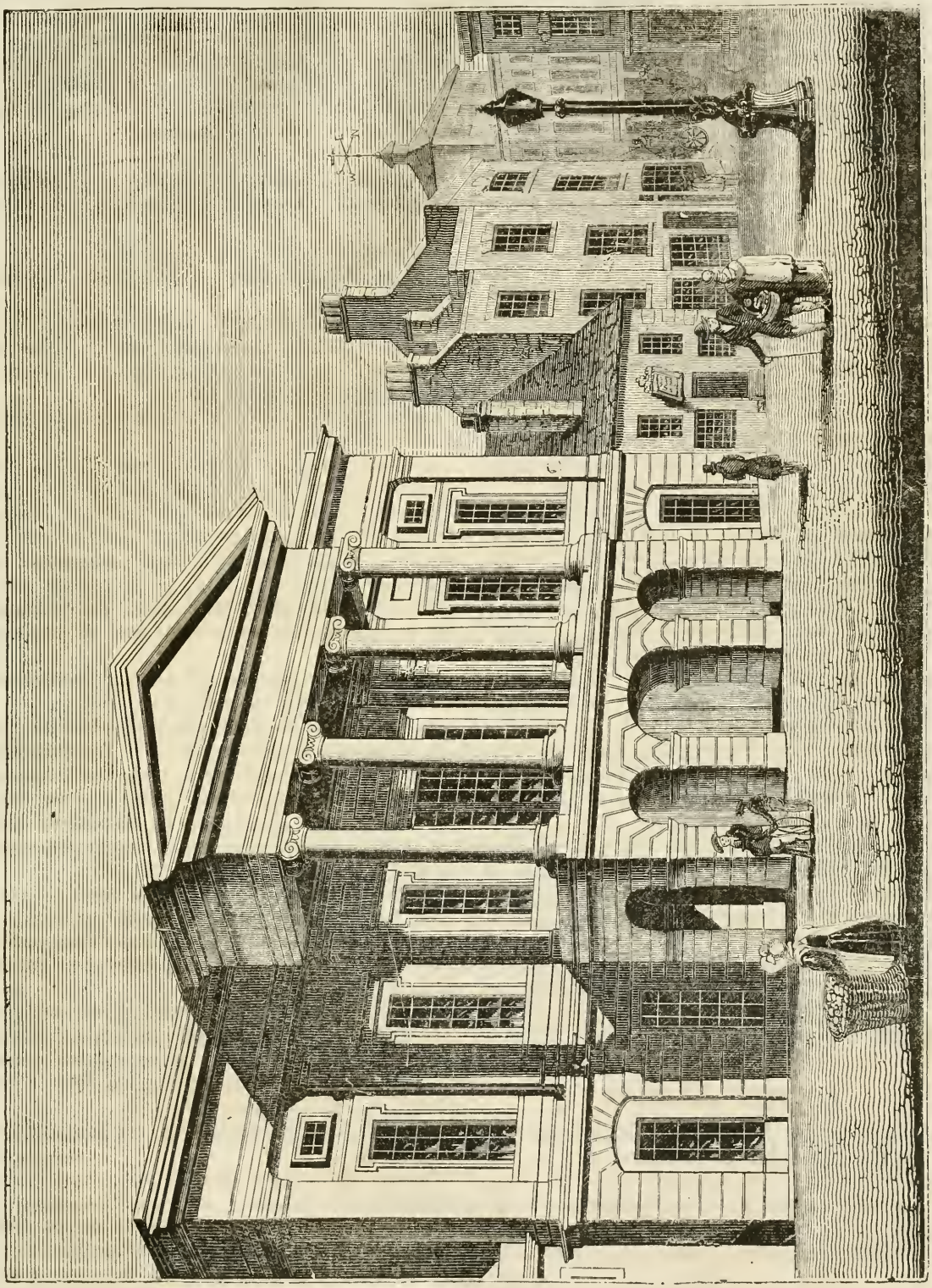
Viste ao serão a douda borboleta
volitar descuidada,
e arder depois na luz... Tiveste pena
e disseste:—coitada!

E eu que a toda a hora ardo nas chammas
d'esse olhar adorado,
oh! quando te ouvirei compadecida
dizer tambem:—coitado!

Vizeu 1865.

CANDIDO FIGUEIREDO.

Typ. Franco Portugueza, Rua do Thesouro Velho, 6.



Camara municipal de Derby

CAMARA MUNICIPAL DE DERBY

É um dos mais notaveis edificios d'esta linda cidade ingleza, capital do condado do mesmo nome, situada á beira do Derwent no meio de uma romantica paizagem, de campinas verdejantes como são todas as da Inglaterra, paiz a que o céu negá os sorrisos do claro sol meridional, mas onde a terra se reveste, em compensação, de um manto de fresca e viçosissima verdura, de que se não

pódem ufanar as terras do sul, queimadas e requeimadas pelos beijos de fogo do astro ardentissimo, que as inunda de luz.

O condado de Derby um dos do norte de Inglaterra (e distinga-se bem entre Inglaterra e Grã-Bretanha; porque esta ilha compõe-se de dois reinos unidos, Escocia e Inglaterra, ficando aquella ao norte, esta ao sul, de fórma que dizendo «norte de Inglaterra», dizemos «sul da Escocia») o condado de Derby, pois, é um dos mais curiosos e mais opulentos do territorio inglez; fazem-n'o assim as suas formosas paizagens, os seus magnificos prados, as vastas cavernas das suas montanhas, as numerosas cataractas dos seus rios, o desenvolvimento prodigioso da sua agricultura, o gráu elevado a que chegou a sua industria manufactureira. Abundam no seu territorio as aguas mineraes, as minas e as pedreiras de marmore; a exploração d'essas minas, e a criação de gados fórmam uma grande parte da riqueza do condado; as suas manufacturas de algodão, seda, e lã completam a lista das fontes principaes da sua opulencia e importancia.

A população do condado é avaliada em duzentas e sessenta mil almas, e a da sua capital em quarenta mil. Conta esta cidade muitos edificios notaveis, entre os quaes citaremos algumas igrejas, uma das quaes, a de todos os Santos, offerece um bellissimo especimen de architectura gothica, o hospital, a cadeia, o theatro, a sala das reuniões publicas, e a casa da camara, edificio de nobre aspecto, como os leitores podem ver pela gravura que lhes apresentamos

Conta esta cidade fabricas importantes de sedas e algodões, e uma fabrica de porcelanas, cujos productos rivalisam com os da China pela belleza da massa e vivacidade das côres.

Nos arredores de Derby, matizam a paizagem magnificos palacios, habitados pelos membros da aristocracia ingleza, residencias entre as quaes se tornam notaveis pela sumptuosidade o palacio de Keddleston-house, e pela sumptuosidade ainda maior, e pelas recordações historicas que o illuminam, o palacio de *Chasworth*, residencia do duque de Devonshire, e que servio outr'ora de prisão á formosa, á sympathica, á infeliz Maria Stuart.

OS TRES ESTADOS

Assim como nos theatros, a um signal dado por um dos principaes personagens, a scena vê-se instantaneamente invadida pelos córos ou comparsas, que esperam aquelle signal entre bastidores, tal, ao resoar o grito da princesa, se precipitaram no quarto uma multidão de escravos, pagens e escudeiros.

Ainda apertava a mão da princesa, ao lado de cujo leito me achava ajoelhado. O meu delicto era, pois, flagrante e o castigo não se deveria fazer esperar.

—O que succede? exclamou com voz imperiosa um velho esqualido envolto em um magnifico chambre de cachemira e com uma espada nua na mão.

Immediatamente foi inteirado do successo.

—É claro, pois, continuou o velho, que esse miseravel ousou levantar os olhos para a princesa e procurava levar a cabo seus criminosos intentos. Vós todos, sois testemunhas do crime. Sêde tambem juizes. Que pena merece este escravo?

Aquella turba de servidores exclamou a uma voz, como um côro bem ensaiado:

—A morte!

—Que morte? Empalado, enforcado, queimado, esquartejado, ou morto ás páoladas como um cão?

—A morte do gelo! repetio o côro.

—Seja! Levai-o d'aqui e cumpra-se a sentença sem dilação.

Aquelles energumenos precipitaram-se sobre mim e a empuxões me fizeram sair do camarim, atravessar varias salas, depois a galeria, descer a escada e passar o vestibulo.

Então apresentou-se-me á vista um espectaculo surprehendente!

Era uma immensa planicie, sem limites, sem horisonte, coberta completamente de neve, cuja alvura brilhava pallidamente á luz debil do crepusculo da manhã. Nem uma pedra, nem uma arvore, nem uma habitação interrompiam a magestosa uniformidade d'aquelle quadro, sobre o qual se estendia o firmamento transparente, onde começavam a empallidecer as estrellas ante os primeiros raios do dia.

Os meus olhos não se cançavam de contemplar aquelle maravilhoso panorama.

No entretanto, os que me conduziam haviam plantado na neve um grande madeiro. Terminada esta operação despojaram-me de todos os meus vestidos e ataram-me fortemente áquelle poste. Então deram-se as mãos e começaram, em roda de mim, uma dança frenetica, infernal, dando gritos descompassados e gargalhadas estridentes.

Eu sentia um frio horrivel, espantoso!

—Agua! agua! gritaram os meus verdugos.

A estes gritos alguns da comitiva desappareceram para voltarem d'ahi a pouco com grandes vasilhas cheias de agua.

Foi então que rompeu o verdadeiro supplicio.

Começaram, com refinada crueldade, vertendo sobre mim, lentamente e a pouco e pouco o liquido que, n'aquella temperatura, ao cair se congelava.

E a dança, e as gargalhadas continuavam sem interrupção.

Parecia que a agua me abrasava as espadoas como um ferro candente ao cair sobre ellas.

O sangue regelava-se-me nas veias, os membros adquiriam paulatinamente a dureza e a solidez do gelo, o calor abandonava-me pouco a pouco, a vida extinguia-se e eu sentia que ella me fugia.

Ao cabo de alguns minutos d'aquelle horrivel tormento, o meu corpo assemelhava-se a um motréco informe de gelo nauseabundo e frio.

E comtudo, minha alma continuava habitando n'aquelle disforme corpo e sentia tudo o que se passava em roda de mim.

Assim, ouvi os meus algozes, que diziam:

—Morreu! Acabou-se-nos o divertimento.

E desappareceram.

A vasta planura ficou solitaria e só estorvava a sua monotonia o grande madeiro a cujos pés eu jazia convertido n'um deforme pedaço de gelo.

Não posso dizer quanto tempo assim estive.

Por fim um raio de sol illuminou aquelle horisonte de bruma e neve, deslumbrando a vista ao reflectir-se n'esta.

Quando o doce calor do astro do dia chegou a temperar o frio que eu tinha, experimentei um consolo inexplicavel.

A neve começava a derreter-se e a verde alfombra do prado apparecia pouco a pouco.

Uma idèa desconsoladora se apoderou de mim ao ver isto. Sou um bocado de gelo, pensei, e o sol vai derreter-me.

Quiz mover-me. Impossivel. Era uma estatua dura como o marmore.

A neve havia formado um arroio que se deslisava por entre a herva.

Se me derreto, continuei pensando, irei com esse arroio até ao rio e do rio ao mar.

Não tardou muito tempo que não augmentasse o calor do sol. Senti que o gelo do meu corpo começava a abrandar. Depois fui-me convertendo em liquido, perdendo pouco a pouco o estado solido. E, como o havia adivinhado, uni-me á neve derretida que formava o arroio.

Que sensação tão agradavel! Sentia uma ineffavel doçura ao ver a facil mobilidade do meu corpo.

—Vem comnosco, me disseram as aguas do arroio. Vamos ver as margens do rio para nos perdermos depois na immensidade do oceano.

Com effeito, em pouco o arroio juntou suas aguas ás do rio e me arrastaram pela corrente d'este. Milhares de flores desconhecidas cresciam por entre os juncos de suas margens e os passarinhos saltavam pela relva. Alguma vaca, cujo lombo parecia nevado, ou algum cervo de grandes hastes vinham beber ao rio. Um mancebo cantava em quanto a corrente fazia andar o seu tosco barco; e era tão formoso o prado, tão odoriferas as flores, tão bello o ceu azul que se reflectia em nós, aguas do rio, e tão agradavel o calor do sol que parecia acariciar-nos com os seus raios, que me sentia feliz, muito feliz!

—Adeos, me disseram as aguas que antes me tinham fallado. Vamos correr o espaço e vaguear sobre as nuvens. Prestes virás fazer-nos companhia. Adeos.

E com effeito, evaporaram-se ao dizerem-me estas palavras e desappareceram no ar.

Brevemente me chegou a vez. Senti que me tornava mais incorporeo, mais impalpavel, perdendo a consistencia, porém adquirindo mais mobilidade e subtileza.

Tinha passado ao estado de gaz.

As filhas do ar me receberam em seus braços e subimos ás alturas por um raio de sol que nos servia de escala. A sua luz os nossos vapores se tingiram de uma formosa côr de violeta que encantava a vista.

—Nós, me diziam algumas filhas do ar, somos os aromas que exhalam as flores dos prados.

—Nós, murmuravam outras, somos as harmonias do espaço.

—Somos suspiros de amor, diziam outras.

—Do mar nascemos ao evaporarmo-nos.

E entretanto, percorriamos o firmamento, lentamente levadas nas azas da brisa.

De repente senti um horrivel sacudimento. Todas nós estremecemos comprehendendo o perigo.

O furacão chegava mais furioso que nunca: os seus braços robustos impelliram-nos com violencia.

Subito, sentimos que o fogo do raio rasgava a nuvem que formavamos. E levadas pelo furacão, andando mais rapidas do que o pensamento pela immensidade do espaço, vimos ao longe outra nuvem impellida para nós com a mesma violencia que nós para ella. Tremiamos de medo, porém era-nos impossivel evitar a sorte.

Eram sem duvida dois furacões inimigos que vinham ás mãos. A lucta foi espantosa. A nuvem contraria avançava para nós cada vez mais rapida e ameaçadora, vomitando raios medonhos e brilhantes centelhas que vinham ferir-nos com o seu fogo. Nós imitando os seus rugidos de colera, e seus silvos discordantes lhe lançavamos tambem ardentes raios para deter-lhe o andar. Tudo em vão: cada vez parecia mais perto, e ameaçava destruir-nos.

O que ia ser de nós quando as duas nuvens se encontrassem?

Os raios multiplicavam-se. A nuvem vinha sobre nós com horroroso fragor. Um momento mais e a espantosa catastrophe verificava-se.

Passou um segundo de cruel agonia.

As duas nuvens combateram. Ambas se queimaram no fogo dos seus raios, e bramindo de colera se aniquilaram com a sua violencia.

Senti um espantoso abalo, julguei arder no fogo do raio, o impeto do choque desfez os meus atomos gazosos...

E acordei.

UM DIA DE INVERNO

Meditação

A neve estendeu sobre o solo a sua pallida mortalha. Os alegres habitantes dos ares desappareceram. O insecto já não zumbe ao sol. Parece que a morte invadio a natureza.

Quanto esta apparencia é enganadora, e nos occulta, ó Deos, os mysterios da tua actividade! No momento em que a vida parece suspensa exteriormente, tu, nas profundezas inaccessiveis á vista, lhe fazes operar os seus milagres. Os renovos que tens feito nascer sobre os ramos, no momento em que as folhas seccas vacillavam sobre as hastes, intumecem-se lentamente sob o seu manto protector e pre-

sagiam, no meio da desolação do inverno, as riquezas da primavera.

Assim a corrente da vida prosegue no seio da humanidade, nas proprias épocas em que parece estar em completa estagnação. Na familia, na sociedade, a obra do desenvolvimento e do progresso avança sem interrupção. A familia renova-se pelas creanças, grata esperança do futuro, quando os seus chefes abatidos pela idade e pelas enfermidades se dirigem para o tumulo.

Logo que uma sociedade envelhecida, uma civilisação antiquada, que parece ter esgotado toda a seiva de um povo, soffre a decadencia e a dissolução, uma nova sociedade, cheia de ardor e de vitalidade, germina e brota, e prepara em silencio uma nova era de prosperidade.

Cousa alguma poderia, pois, ó Pai todo poderoso, abalar a nossa confiança no futuro. Como a innocente andorinha nascida sob as nossas telhas partio este outomno, dirigindo-se para regiões que nunca vio, mas onde a conduzio o instincto que lhe deste, onde achou um sol mais agradavel e sustento mais abundante, nós tambem queremos caminhar, sob tua paternal direcção, para uma ordem melhor de cousas, certos de attingir e de achar ahi uma compensação superabundante a nossos esforços, a nossas fadigas, a nossos soffrimentos.

A NATUREZA

O espectaculo da natureza não é a prova unica da vontade e do poder divinos; mas é a mais evidente para o maior numero dos homens: attentando nas maravilhas da creação, os seus olhos, assim como a sua intelligencia proclamam o Deos creador.

As objecções embotam-se, os sophismas despedaçam-se contra um argumento sensivel e palpavel, que não exige esforço algum de abstracção. Eis aqui a obra: acredito no obreiro. A obra é cunho de grandeza, bondade e previdencia: creio que o obreiro é todo poderoso, todo sabio, todo bom.

¿Os céos, onde a divina mão tem suspensas milhões de estrellas, onde collocou, como sob uma abobada reluzente, o sol que allumia o nosso mundo; a terra, nutrix bemfeitora, amiga cuidadosa, que esparge os thesouros do seu seio em flores odoriferas, em frutos deliciosos; o mar, elemento terrivel e enganador, que faz vãos esforços para arrombar a sua prisão, que brame agitado pela tormenta, ou se mostra lizo como um espelho; tudo isto, em fim, não nos está a todo o momento patenteando o Supremo Poder, cantando a sua gloria, obrigando-nos a reverenciar o Deos occulto?

E se, commovidos d'este grande espectaculo, procuramos estudar-lhe o machinismo, com que admiração não notamos nós a ordem que sustenta o universo! O astro, sempre o mesmo e sempre novo, como vem todos os dias mimoscar-nos com os brilhantes raios da sua luz fecunda! Como o oceano, escravo submettido, avança e se retira ás horas que lhe fixa uma lei mysteriosa! Como a terra, para produzir o trigo, sustento do homem, recebe annualmente os thesouros do ar, chuva e calor, alimenta a semente que o lavrador lhe confia, fal-a subir em herva, em espiga, em dourada ceifa!

Ah! maldito o coração rebelde que se não abrisse a provas tão claras; maldito o homem que não dobrasse os joelhos diante do author d'estas maravilhas e que não rendesse homenagem ao Creador, ao Conservador do universo!

INSTRUCÇÃO NA INDIA

Ha alguns annos a esta parte que os Indios se mostram avidos de instrucção. As creanças frequentam assiduamente as escolas e os collegios de Calcutta, Pounah, Delhi, Agra e Bénarés. Um habitante de Surate deu trinta contos de reis para a creação de um collegio n'esta cidade; um Parsi offereceu vinte e quatro contos, para serem applicados na educação de cinco indios em Inglaterra; Prema-Chodra deu noventa contos para o estabelecimento de uma bibliotheca em Bombaim; Mohamed-Habil-Bhay legou cento e treze contos para a fundação de uma escola na mesma cidade. Em Lacknau, Lahore, Barhampur, Bombaim, Allahabad, etc., todos os dias apparecem novas casas de intrucção. Emfim, parece que o mundo velho accordou do profundo lethargo em que jazia e quer tomar parte na grande obra da civilisação.

VOLTAIRE

Voltaire é um d'esses vultos gigantes que á proporção que os seculos decorrem vão patenteando novas bellezas. Como as estatuas colossaes que, vistas ao perto, ferem pelo que se nos affigura incorrecção e rudesa, mas que a distancia deslumbram e avassallam pela magestade do porte e pela harmonia das formas, assim elle hoje se nos apresenta, grandioso e sublime.

V. Hugo verberou-o aos vinte um annos, para aos sessenta o divinisar. O que lhe dera mostras de um iconoclasta, transfigurou-se-lhe em apostolo; o que lhe parecera vibrar na dextra o camartello derrubador das crenças, revelou-se-lhe mais tarde como obreiro do progresso, do bem, da liberdade na justiça, da redempção social.

A posteridade quando observa estas creaturas prodigiosas, não tem que attentar nas leves maculas que podem empanar-lhes o semblante; deve só ver a maior ou menor intensidade do rayo luminoso que lhes dardejou na fronte, e que servio de farol e de estrella aos peregrinos do mundo.

Francisco Maria Arouet, celebre pelo nome de Voltaire, nasceu quando o mundo illustrado começava a respirar livremente á sombra de Locke e de Newton. Bolingbroke popularisara a philosophia de Shaftersbury, Bayle ainda não esfriara na sua cova, o norte agitava-se e indagava o porque das cousas, com a severidade da razão inflexivel, e a França vergava sob a influencia jesuitica.

É preciso insistirmos no espirito do seculo XVIII

Voltaire

para podermos comprehender a missão de Voltaire.

O seculo XVIII está entallado entre Luiz XIV e Buonaparte. É uma quadra de fermentação, de elaboração vastissima e profunda, em que as fezes sobrenadam, em que as torpezas abundam, em que os animos periclitam, em que vemos ouzados os mais robustos espiritos; quadra, emfim, de gestação, cujos symptomas são em tudo analogos aos que a historia do seculo XV nos apresenta muitas vezes.

A sua face politica é esta:—«Escandalos da Regencia, ignominias de Luiz XV, despotismo no ministerio, violencia nos parlamentos, perdida a força, a corrupção moral descendo da cabeça ás entranhas, da nobreza ao povo; os prelados cortezãos, os abbades galanteadores; a velha monarchia, a sociedade velha cambaleando sobre esta base commum.»

Arouet, nascido com todo o talento dos predestinados, sentiu a necessidade de uma reconstrucção social. O genio dera-lh'o Deos; moldou-lh'o o seculo.

O que fazer em meio da degeneração e da crapula? o que fazer, quando a torrente lavrava desenfreada e caudalosa? deixar-se arrastar ou pôr-lhe dique? Ergueu a voz, proclamou os direitos humanos, lidou pela verdade, soffreu por ella, fez d'ella a sua dama, e defendeu-a com a galhardia de um campeador esforçado, levantou o homem pela razão, e para elle fundou o grande monumento da civilisação moderna.

A encyclopedia devia de ser um marco miliario; as suas quatro faces mostravam os quatro pontos cardeaes do progresso; de cada uma d'ellas partia o seu defensor e operario.

É como diz V. Hugo n'uma synthese eloquentissima: — «Diderot caminhava para o bello, Turgot para o util, Voltaire para o verdadeiro, Rousseau para o justo!»

Este é que era o verdadeiro grupo philosophico. Quem grasnava, quem vociferava, quem apedrejava, quem se apregoava atheu e retorcia o bigode, eram os sophistas, os especuladores, os escrevinhadores diffamatorios, os que saíam do lodo, ainda sujos, para manchar o edificio a que indignamente se acostavam.

Os que haviam protegido e amparado o *Jornal de Trévoux* e a *Gazeta Ecclesiastica*, os que haviam dado missão a Pompignan e a Palissot para insultarem na academia e no theatro os philosophos da Encyclopedia, esses taes, quando viram succumbir a grande obra, tripudiaram no cumulo da sua alegria pharisaica. Depois veio a revolução, e esses mesmos humanitarios, esses tonsurados de todas as épocas, foram sentar-se no adro das suas ermidas milagrosas, e praguejaram contra a 93 que era o parto damnado da philosophia voltaireana. Coitados! Mal sabiam elles que a 93 era o fructo d'aquella arvore grandiosa, amadurecido ao sol de Deos para alimento de todos. O tempo encarregou-se de mostrar esta verdade; e o sangue do ultimo rei comprou barato a civilisação e a liberdade.

Isto é ao que me parece, o verdadeiro sentido philosophico do seculo XVIII. Naquella época ou pensador ou jansenista, ou luz ou sombra, ou fogo ou lodo. Quem se não chama d'Alembert appellida-se Frèron; quem não é Helvecio é Patouillet. Boileau e Racine haviam sido os poetas da Côrte; Voltaire devia de ser o poeta da humanidade.

Poeta quer dizer apostolo, no sentido remontado.

Eis o poder dos tempos, eis a necessidade dos acontecimentos. Nenhum homem apparece com o seu caracter definido; definem-lh'o as circumstancias. Goldsmith diz graciosa e profundamente: «Cesar, nascido hoje, seria sargento de milicias; Cromwell, talvez regedor de parochia.»

A philosophia voltaireana é a filha legitima do seu seculo. As torpezas da Regencia criam a Revolução, como as iniquidades dos Borgias originam a Reforma. Voltaire é a grande linha de união lançada entre aquelles dois extremos, como Savonarola a havia sido entre estes dois ultimos.

Tal é, se eu não me engano, a face politica ou social de Voltaire. O seu primeiro grito de guerra cifra-se n'estes dois versos memoraveis:

«Nos prêtres ne sont pas ce qu'un vain peuple pense.
Notre crédulité fait toute leur science.»

D'ahi resultou a lucta que se estendeu por tantos annos, e que veio terminar, ao cabo, pelo triumpho completo da razão sobre os mantenedores do obscurantismo.

Tracemos agora rapidamente as principaes linhas da sua physionomia litteraria.

(Continua.)

E. A. Vidal

PEREZ LORENZO

(Scenas da Campanha do Mexico)

(Conclusão)

VII

O capitão Viarmont franziu o sobr'olho.

—Senhor, disse elle, não lhe aconselho que me escolha para seu confidente. Se Alexandre Dumas viesse na expedição, era provavel que elle acceitasse com muito gosto o papel, que me quer ver desempenhar. As suas aventuras de certo serviriam para um romance em vinte volumes, e, attendendo a isso, Alexandre Dumas ouvil-o-hia com summo interesse. Eu, que não preciso de fazer romances, confesso-lhe que de bom grado dispenso as confidencias dos carrascos.

Perez Lorenzo não mostrou resentir a injuria.

—É breve a minha historia, tornou elle, e preciso de lh'a contar. É um moribundo quem lhe falla, capitão Viarmont.

Estas palavras produziram no official francez uma profunda impressão. O mexicano possuia o condão especial de exercer uma incomprehensivel influencia em todos quantos se approximavam d'elle. Os grandes infortunios teem estas propriedades, para assim dizermos, magneticas.

Silencioso, o capitão Viarmont seguio o mexicano. Os soldados francezes, com licença do coronel, e com o genio aventureiro que os caracterisa, tinham debandado, escolhendo pares entre as gentis mexicanas, que facilmente se consolaram da inesperada substituição. O guitarreiro, recobrando-se do susto, e percebendo que era inviolavel, graças á sua qualidade de trovador, e á precisão que os dançadores tinham d'elle, recostou-se de novo junto da fogueira, e continuou a musica interrompida. Só os guerrilhas, acorrentados e guardados á vista por quatro ou cinco sentinellas, devoravam em silencio a sua ira, e, vendo a facilidade com que as mexicanas os tinham olvidado, pensavam naturalmente de si para si o que Francisco I escrevia nas paredes de Fontainebleau:

Souvent femme varie
Bien fol est qui s'y fie.

Entretanto Perez Lorenzo e o capitão Viarmont tinham-se affastado da clareira illuminada, e, internando-se no bosque, tinham-se ido sentar junto de uma pimenteira, que entornava sobre elles a sua urna de penetrantes aromas. A melancolica musica da guitarra, assim ouvida ao longe, resoando no meio da ineffavel serenidade de uma noite dos tropicos, casava se de um modo suavissimo com a doce melodia da brisa, suspirando brandamente nas folhas do arvoredo. A lua, resvalando no azul do ceu, envolvia a paizagem no seu manto de candido fulgor

Perez Lorenzo relanceou em torno de si um olhar saudoso, e como que pareceu querer impregnar-se bem na poesia immensa da sua patria, que elle ia trocar pelas desconhecidas regiões da eternidade.

Depois, passando a mão pela testa, como para affugentar esse pensamento, voltou-se para o capitão, e disse-lhe ex-abrupto:

«A minha vida resume-se em duas palavras só «Amor e vingança.» Não leva tempo a narrar. Nasci n'esta formosa terra, que tão dilacerada tem sido pelas facções. Conservei-me estranho sempre á agitação revolucionaria. Não podia mesmo comprehender a frenetica loucura, que as vaidades da politica accendiam no animo dos meus patricios. Eu preferia apenas as doces loucuras do amor. Quem me diria que havia de chegar um instante em que teria de me arrojar a esse mar das revoluções, cujas tempestades me apavoravam, cujos sorrisos mentirosos me não conseguiam attrahir? Ah! quando a procella ruge embravecida, quando as ondas quebram furiosas nos fraguedos, despedaçam juntamente o navio que as affronta, e o pobre barquinho fundeado, que se abriga no porto.

«Amei quasi desde criança uma formosa menina, minha visinha. Carmen se chamava ella. Era linda como os anjos, casta e meiga como a Virgem da Guadalupe. Requestava-a tambem esse Juan Pablo, cujo cadaver se baloiça agora ao sopro das auras; mas já então era conhecido pela sua indole sanguinaria, e dizia-se que a sua carabina não estava immaculada. Vingativo e dissimulado, a mais leve injuria, que lhe fosse dirigida, ficava para sempre registrada na sua memoria; mas sorria-se para aquelle que o injuriava, até que chegasse o instante em que podesse traiçoeiramente, emboscado por tras de uma sebe, atravessar o peito do inimigo, que o olvidara já, com duas ballas da sua carabina, certeira como se o demonio mesmo lhe dirigisse a pontaria.

«Carmen despresava completamente o seu galanteador. Seus pais preferiam vel-a morta a vel-a unida a tão vil creatura. Eu, pelo contrario, era acceito com muito gosto por toda a familia. Não houve por conseguinte a minima opposição ao nosso casamento. Mas, no dia em que nos recebemos em Medellin, Juan Pablo esperou-nos á saida da igreja, e deu-nos os parabens, sorrindo-se amavelmente com esse sorriso, que para tantos significara a morte.

«Os meus amigos empallideceram ao verem-n'o, e um d'elles, approximando-se de mim, disse-me em voz baixa. «Acautella-te, Perez Lorenzo! Introduzio-se a vibora nas flores do teu dia nupcial.» Eu encolhi os hombros, e relanceei um terno olhar para a minha desposada. Ao vel-a tão bella com a sua grinalda de flores de larangeira, com tão doce sorriso nos labios de romã, com tão nacaradas rosas nas faces levemente morenas, quem havia de dizer que tão cedo m'a havia de roubar Deus! Ai! quando o ceu está azul, e as estrellas scintillam, como fructos de oiro, por entre a folhagem das arvores, quem se lembra que ha de vir o bulcão turvar essa augusta serenidade?»

Perez Lorenzo interrompeu-se por um instante e duas lagrimas deslisaram-lhe dos olhos, tanto tempo esbrazeados pelo sopro das más paixões. A proximidade da morte soltava as lagrimas reprezadas, que lavariam, quem sabe! aos olhos de Deus misericordioso, os crimes da sua existencia.

Viarmont ouvia-o com interesse, singular influencia do amor! Essa palavra só basta para levantar na nossa estima o criminoso mais vil. O amor e o patriotismo transformam n'um heroe um assassino.

«Correram os primeiros mezes do meu casamento na mais inalteravel tranquillidade. Todo entregue ás inebriantes delicias d'esse amor, que fôra a minha vida, nem pensei uma vez só nas ameaças, que o sorriso de Juan Pablo encerrava em si. Os meus proprios amigos, se bem que mais cautellosos chegaram comtudo a pensar que o meu vingativo rival tinha olvidado, ou pelo menos adiado indifinidamente a sua vingança.

«Foi por este tempo que rebentou a guerra entre o Mexico e as tres potencias européas. Não lhe contarei as particularidades d'ella. Sabe-as melhor do que eu, a quem, devo confessa-lo, eram completamente indifferentes esses grandes abalos politicos. Uma noticia me preoccupava muito mais do que o desembarque do exercito francez, inglez, e hespanhol, do que o convenio da Soledade, do que o desastre do general Lorencez, do que a chegada do general Forey. Essa noticia, pela qual eu olvidava todos os desastres do meu paiz, essa noticia que me fazia exultar quando a patria estava em lucto, essa noticia ineffavel déra-m'a Carmen, havia pouco tempo, com as faces affogueadas nas rosas do pudor; ia ser pai! A imagem d'esse anjo alvo e loiro, pendurado do seio maternal, como uma abelha do calice de um lyrio, não me deixava ver a imagem do Mexico vertendo sangue pelas largas feridas, que lhe abria a espada do estrangeiro. Castigou-me Deus talvez por essa culpavel indifferença.

«Juan Pablo, desde o principio da lucta, cedendo aos seus instinctos de rapina, lançara-se, acompanhado por alguns da sua laia, nas florestas, onde reunio dentro em breve uma forte guerrilha. Os incendios, as devastações começaram a assignalar a passagem d'esse terrivel bando. Quando de subito se via o ceu avermelhado das bandas do norte, do sul, ou do oriente, quando uma lingua de fogo brotava nas plantações, e, correndo com a rapidez do relampago lambia os cafezaes, ou os canaviaes do assucar, já se sabia que n'essa noite vagueara Juan Pablo, com o seu facho fatal, nas campinas dos arredores de Medellin.

«Mas uma coisa se notava, Juan Pablo escolhia escrupulosamente as plantações a que deitava fogo, e o raio da sua ira caía sempre sobre aquelles que se tinham ligado ao estrangeiro. Juan Pablo não queria por fórma alguma tirar aos seus actos mais terriveis a côr patriotica. Nisso estava a sua segurança. Se o não fizesse não tardaria muito em ser entregue nas mãos dos Francezes. Mas o astuto bandido tinha as sympathias da população, que via n'elle o heroe e o vingador da sua nacionalidade.

«Por isso eu estava seguro. Ainda que indifferente aos negocios politicos, a marcha triumphal de Forey tinha produzido em mim uma profunda impressão. Acordou no meu espirito com certa vivacidade o sentimento patriotico, ao ver para sempre destruida a republica mexicana. Não occultei as minhas sympathias pela causa nacional, e cheguei a dizer que, se me não retivessem minha esposa e meu filho (já fallava n'essa querida criança como se a tivesse nos braços) iria alistar-me no exercito da independencia. Estes sentimentos expressos em voz alta collocavam-me até debaixo da severa vigilancia da policia franceza. De Juan Pablo, o patriota, que podia eu temer?

«Uma noite estavá eu junto da janella conversando com minha esposa e fazendo mil projectos sobre a futura sorte do nosso filhinho, quando os ladridos desesperados dos cães nos revelaram que havia alguma coisa de novo. Carmen descorou, e chegou-se para mim, relanceando em torno de si os olhos, em que se reflectia um vago terror.

«As portas da herdade estavam abertas. Como disse, nada julgava ter que recear. Mas, conhecendo a intelligencia dos cães, suppuz que eram francezes os visitantes. Os meus cães consagravam um odio mortal ao uniforme francez.

«—Alguma visita domiciliaria da policia! disse eu, encolhendo os hombros.

«E dirigi-me para a porta, a fim de a abrir eu mesmo.

«Mas Carmen cingio-me com os braços, e, toda tremula como se um estranho presentimento a assaltasse, não consentio que eu désse um passo, e, escondendo a cabeça no meu peito, desatou a chorar.

«Os cães tinham-se calado de subito. Reinava na habitação um profundo silencio, mas um d'estes silencios que precedem as tempestades.

«Effectivamente não durou muito a calmaria. As portas da sala abriram-se com fracasso, e vi luzirem na sombra as pupillas de tigres dos guerrilhas mexicanos, que se affastaram para deixarem passar um homem, que avançou, sorrindo-se graciosamente, até ao meio da sala.

«Carmen soltou um grito horrivel, eu brami um rugido suffocado. Esse homem era Juan Pablo.

«Soára emfim a hora da vingança. A chamma, que eu julgara abafada debaixo das cinzas, fôra lavrando, lavrando, até irromper medonha, fatal, na propria occasião em que seriam mais pungentes para mim as agonias da desgraça.

«Que lhe hei de eu dizer mais, capitão? continuou Perez Lorenzo com voz suffocada. Adivinha de certo que, a pezar da minha resistencia, fui agarrado, prezo a uma arvore, e que tive de assistir rugindo de furor ao incendio da plantação. Mas o que não adivinha de certo é que, por um requinte inaudito de barbaridade, tive de assistir á deshonra, á profanação da casta companheira do meu leito, que a vi estorcer-se, louca de desespero, nos braços dos infames, e que elles, possuidos verdadeiramente da embriaguez do crime, depois de terem saciado os seus torpes appetites, a sua bruta sensualidade, rasgaram o ventre de Carmen, e arrancando das tepidas entranhas, santo ninho onde palpitava ainda implume essa candida avesinha que havia de ser a pomba da nossa arca, arrancan-

do o feto informe, arrojaram-m'o ao rosto, rindo com um riso na realidade satanico. (1)»

—Horror! exclamou o capitão Viarmont erguendo-se convulso e pallido.

«Ah! comprehende agora capitão, continuou Perez Lorenzo n'um longo e angustioso soluço, comprehende a inflexibilidade, a tenacidade, a crueldade com que eu persegui os assassinos, o deleite amargo que eu senti em assistir a cada uma das suas torturas, em os ver estorcerem-se tambem, blasphemando, nos braços da morte? Ah! mas nem lhes paguei a millesima parte das agonias, que me fizeram soffrer. Em compensação abri-lhes as portas do inferno, e, se esta vingança cruel m'as abre tambem, consolar-me-hei das chammas eternas, vendo-os soffrerem a meu lado.

«A minha missão está cumprida no mundo, capitão Viarmont, continuou Perez Lorenzo levantando-se. Não me considere como um assassino vulgar. Pense alguma vez em mim, e se o fazer, reze um padre-nosso por alma d'este desgraçado, que o acaso lhe atravessou no caminho, como um passaro agoureiro».

E, deixando ficar o capitão Viarmont ainda debaixo do pezo da sinistra confidencia, desappareceu nos recessos da floresta.

D'ahi a pouco ouvio-se um tiro de pistola. Perez Lorenzo cumprira a sua palavra. Depois de ter terminado a sua vingança, deixava o mundo, e ia, confiado na misericordia divina, navegar no sombrio oceano da eternidade.

Viarmont limpou o suor, que lhe escorria em bagas pela fronte, depois, como os cornetas francezes tocavam já a reunir, dirigiu-se vagarosamente para a clareira.

D'ahi a meia hora entravam em Medellin. Ainda durava o baile em casa de D. Ramon

Muitos officiaes, tomando apenas o cuidado de escovarem o fato rapidamente, voltaram, com a *insouciance* do caracter francez a lançar-se no turbilhão das valsas. Mas, com grande espanto do coronel Dupin, o capitão Viarmont, em vez de seguir o exemplo dos seus camaradas, veio-lhe pedir licença para dispor de oito soldados n'uma pequena expedição, que nada tinha de guerreira.

—E D. Dolores que o espera? disse Dupin depois de saber que se tratava de dar sepultura a Perez Lorenzo, cuja historia elle conhecera ainda antes do capitão.

—Qualquer dos meus camaradas me substituirá, coronel, respondeu Viarmont encolhendo os hombros, Dolores lembra-se tanto de mim, como a borboleta se lembra da poeira impalpavel que lhe poisa nas azas.

D'ahi a uma hora, Viarmont, acompanhado por oito soldados e um padre, chegava ao sitio em que Perez Lorenzo se tinha suicidado. Seria impossivel conhecel-o, se o não trahisse o fato; o infeliz fizera saltar os miolos com um tiro de pistola.

Quando o corpo foi enterrado n'uma cova, que os soldados alli mesmo abriram, e que o padre começou a psalmear as suas orações sobre a terra remechida de fresco, Viarmont affastou-se um pouco, e, deixando descair a cabeça sobre o peito, fitou os olhos no ceu azul, onde as estrellas começavam a desmaiar com a approximação da alvorada.

Então das palpebras do valente deslisou uma lagrima silenciosa. É porque n'esse momento via a guerra debaixo do seu aspecto hediondo, e em vez das pompas da ovação, do esplendor do sol das batalhas, dos gritos da victoria, do enthusiasmo das cargas, via a dois passos de si a cova humilde de um homem, a quem as vinganças horriveis, a que o demonio da guerra dá latitude, tinham arrojado para fóra do seu lar tranquillo, e tinham ensanguentado a vida, que podia ser para elle uma benção do Deus bom.

E depois o pensamento voou-lhe para as terras da Guyenna, e vio o ninho immaculado da familia onde só elle faltava, e pensou que um dia podia o sangue manchar as alvas cortinas do leito de sua irmã, o incendio passeiar os seus fachos rubidos pelos tectos das granjas, pelas loiras messes dos campos, e o punhal do guerrilha lampejar furioso sobre o peito indefezo de sua velha mãi, como o punhal lampejara sobre o peito de Carmen, como o incendio devorara as plantações de Perez Lorenzo, como o sangue manchára as cortinas d'esse thalamo, doce asylo de um casto amor.

E por isso a lagrima silenciosa deslisava dos olhos do valente!

NOTA

Transcrevo em seguida o trecho da *Revista dos Dois Mundos*, que servio de base para este romance.

«Le 3 mars 1863, un Espagnol, du nom de Perez Lorenzo, se présentait à la grand'garde. De grosses larmes coulaient de ses yeux; sa figure pâle et maigre accusait la douleur. Il demanda à etre reçu en particulier par le colonel. A peine introduit dans la tente: Veux-tu me venger? lui dit-il.

J'avais une maisonette entourée de jardins, dont je portais les fruits à Vera-Cruz et à Medellin; j'avais une jeune femme de dix-huit ans, que j'avais aimée et épousée à La Havane; elle était enceinte de six mois. Hier la guérilla commandée par don Juan Pablo, lieutenant des bandes de Jamapa, est entrée dans ma maison, m'a attaché à un poteau, ils ont violé ma femme, et, aprés lui avoir ouvert le ventre, ils m'ont jetè à la face mon enfant à peine formé. Comprends-tu colonel, pourquoi je ne me suis pas tué? «*Revista dos dois mundos*, 1 *de outubro de* 1863 pag, 697.

D'isto se fez o romance. Era escusado dizel-o. A imaginação dos romancistas não ousa phantasiar estes horrores.

PINHEIRO CHAGAS.

Hum milhão de arrobas de glorias temporais não faz meia onça de bemaventurança eterna.

P.e ANTONIO VIEIRA.

Pelo meio da prodigalidade e avareza, corre a liberalidade, que dispende e guarda com a moderação devida, e por isso he virtude.

P.e ANTONIO VIEIRA.

---

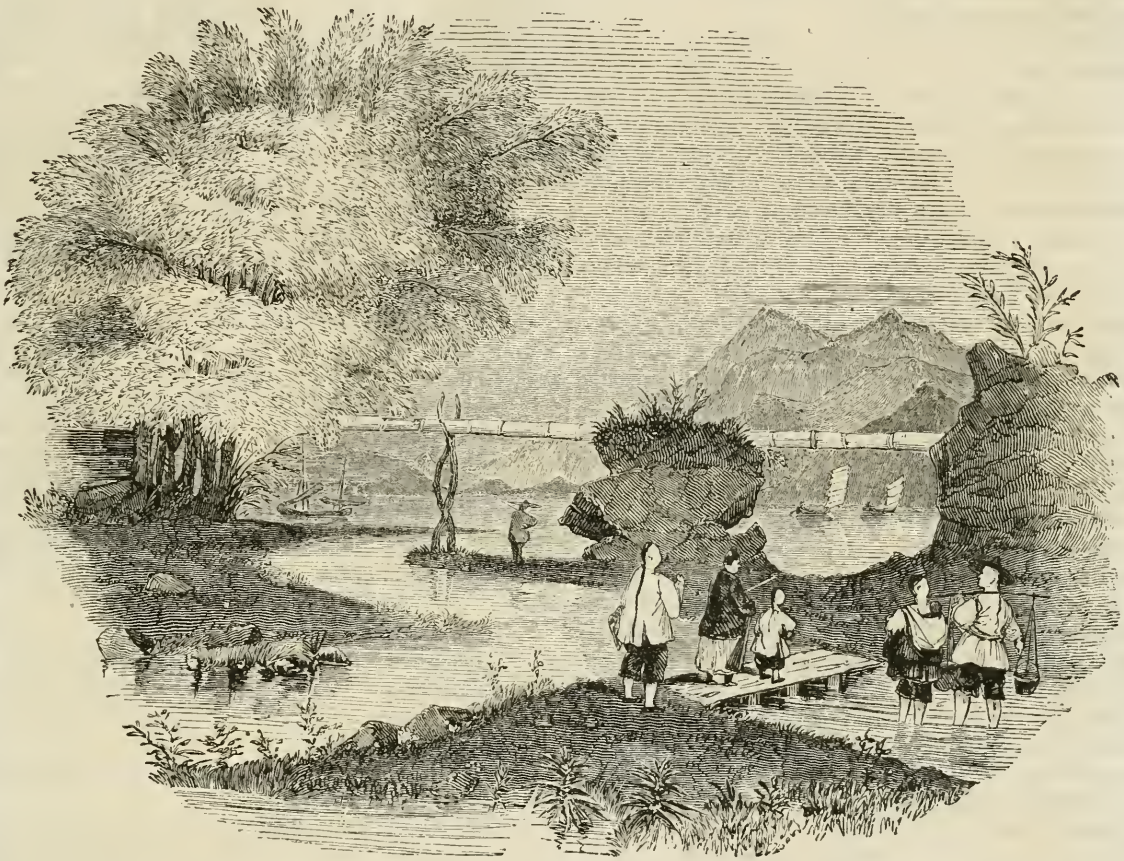
(1) Não phantasio horrores. Este facto é textual.

Typ. Franco Portugueza, Rua do Thesouro Velho, 6.

HONG-KONG

Esta pequena ilha, situada a uns sessenta kilometros a leste do estabelecimento portuguez de Macau, no golpho, que a embocadura do rio de Cantão forma, e que se denomina Bocca-Tigris, é uma das provas mais notaveis da energia e da actividade inglezas. Tem esta pequena ilha apenas 14 kilometros de comprimento e 7 de largura. Foi cedida á Inglaterra pelo governo chinez no tratado de paz de 1842.

Logo os inglezes alli fundaram uma cidade a que deram o nome de *Victoria-Town*, segundo a velha usança britannica de darem, na sua nomenclatura geographica, tantas provas de respeito ao monarcha reinante, que se torna embrulhadissimo



Hong-Kong.

o estudo das suas possessões coloniaes, pela repetição incessante dos nomes das cidades e das provincias.

Mas emfim, fundou-se esta nova *Victoria-Town*, e tornou-se o deposito principal do commercio inglez na China. Os indigenas, attrahidos pelas vantagens, que lhes offerecem as leis europeas, porque os livram do intoleravel despotismo dos seus mandarins, vieram abrigar-se á sombra da bandeira britannica, e tal foi a actividade desenvolvida pelos governadores da nova colonia que esta cidade, fundada em 1842, já em 1850 tinha trinta e tantos mil habitantes.

A sua importancia deve ter diminuido com a abertura d'outros portos do celeste imperio ao commercio estrangeiro, e com a fundação de novas colonias. Por outro lado, se perdeu o monopolio do commercio inglez, lucrou decerto com o desenvolvimento dos estabelecimentos europeus na China e no Japão. Actualmente já ha carreira de barcos de vapor de um para outro imperio, e o tubo dos *steamers* arroja desassombradamente as suas espiraes de fumo negro ás paredes de porcelana das torres chinezas.

Decididamente *la Chine s'en va*.

A BOCCA DO INFERNO

I

Um dos espectaculos mais para ver em Cascaes é o oceano n'um dia de temporal, revolto, encapellado, açoitando a costa, como querendo saltar fóra dos limites que lhe foram marcados pelo creador dos mundos. É soberbamente magnifico aquelle quadro, observado do pincaro mais alto dos rochedos; e a primeira idéa que atravessa a mente, como o relampago que assombra, é a idéa de Deus, do poder grandioso da sua mão omnipotente, que assim revolve os abysmos, e diz ao oceano: *pára!* quando elle parece querer engulir a terra, correndo impetuoso sobre a sua superficie.

E quem sabe?! Talvez um dia a voz do Senhor emmudeça; e o monstro, que ruge no immenso leito, quererá estender mais longe os braços, e, arcando com as montanhas em arremessos gigantes e infrenes, subir a arrancar-lhes a corôa! Tudo desapparecerá então no cataclysmo; e o mar, executor talvez da Providencia nos destinos da humanidade, apagará sobre os continentes os vestigios dos homens, como já porventura antigos povos n'outras eras enguliu!

Ó mar! tu és a verdadeira imagem da omnipotencia divina!

—O homem conseguiu encaminhar o raio aos seios da terra; cortar as serranias, abrindo estradas atravez dos alcantis dos Alpes; zombar do tempo, realisando o instantaneo nas communicações do pensamento: só tu ficaste o que eras!

A sciencia humana abre sobre ti caminhos que logo se apagam; construiu um edificio de madeira que fluctua no seu dorso; mas se uma vez estremeces, como o leão de Numidia saccudindo a juba, edificio e homens desapparecem nos abysmos infinitos do teu seio! E o homem, atomo imperceptivel ao pé do gigante, geme de raiva e dôr; e os seus gemidos são, ó mar, o teu hymno de victoria!

O mar inspira-me respeito, como tudo que é grande e superior. Gosto de vel-o quando está sereno e pacifico; mas admiro-o, se o vejo furioso, e lhe ouço os rugidos. Cada onda que se levanta imponente, e vem, vem, creando corpo á proporção que caminha, até, desdobrando-se sobre si, estender ao longe um lençol de espuma, produz-me uma sensação que mal posso explicar.

Em Cascaes ha tudo isto para ver. A costa eriçada de rochedos recebe o embate das ondas, que se arremessam furiosas contra ella, para depois se levantarem em columnas alvacentas a grande altura.

Era n'um dia tempestuoso quando fui sentar-me ao pé da *Bocca do inferno* a observar o oceano, a que o vendaval acordára as furias. Caía a tarde, e eu estava só ao pé do abysmo. A *Bocca do inferno* é uma furna medonha, especie de poço profundo, cujas paredes estão eriçadas de rochedos. Lá em baixo existe uma abertura natural que communica com o mar. A onda entra rugindo por ahi, saltando sobre os cachopos, e elevando-se depois, para rociar de espuma as paredes do abysmo. É um espectaculo medonho observar d'alli o oceano quando vae o temporal. Os cabeços da rocha, negros e agudos, o mar a estorcer-se como desesperado entre elles, apresentam um aspecto infernal, cheio de horrorosa magestade. Lembra a cova dos campos *Cimmerianos da Odysséa*, onde as sombras iam beber o sangue.

E tudo isto é bello, por que é grande, admiravel, sumptuoso! São aquellas as galas do oceano. Quando está socegado e manso, dorme — quero antes vel-o acordado, ufanando-se da sua belleza com os paramentos da tempestade. Estoure lá em cima o trovão; aclare o relampago os pincaros da rocha; desça o raio cortando os ares;—e ficará então completo o quadro! A belleza do lago, que juncaes e salgueiros bordam, é a serenidade do espelho; a do oceano, marginado de escalvada rocha, é o movimento, o arremesso, a furia. É assim que elle é completamente bello.

Debruçava-me sobre a *Bocca do inferno* para observar melhor o effeito que sobre os cachopos produzia o mar, quando a meu lado, de entre as rochas, vi surgir um vulto. Era um velho que viera pescar, e voltava desanimado para a villa, porque o mar não lhe permittira aproximar-se da extremidade da costa.

—Tome tento não caia!—disse-me o velho.

Retrocedi, e dei a andar para elle. Tinha uma physionomia franca, como costuma ser a dos homens do mar, e os cabellos brancos como a neve. As rugas profundas do rosto, tostado pelo sol, mostravam a acção dos annos e do trabalho, posto que o corpo robusto e direito reagisse contra o pezo da velhice.

—Que grande temporal se está fazendo!—exclamou elle quando eu me aproximei. Deus se amerceie de quem anda sobre as aguas do mar!

E pelo tremor dos labios do velho suppuz que murmurava alguma oração.

—Não é bom chegar-se muito á beira dos cabeços — tornou elle dirigindo-se para mim—Pode resvalar-lhe um pé, e acuda-lhe Deus! Já ninguem de lá o levanta com a vaga que faz. Ainda não ha muitos annos que aqui houve um desgosto, na villa...

—Caiu alguem?

—Ai senhor, nem quero lembrar-me de tal!

—Pois ha de lembrar-se, e contar-me o que houve.

Tem muito que contar...

—Não importa. O sol vai alto—temos duas horas antes que seja noite.

A historia que o velho me narrou, com a sua rude linguagem de marinheiro e pescador, vou eu contal-a á leitora. Não acreditará talvez n'ella; mas ha acontecimentos, que desenvolvidos, sobre o palco, ou no romance, passariam por ficções, por creações phantasticas de alguma imaginação de poeta, e que são, todavia, realidades tristissimas da vida.

E qual é o homem que lá no extremo horisonte da existencia, volvendo os olhos para o seu passado, não encontra ahi episodios, que aproveitados fariam um romance ou um drama rico de lances? Realmente a vida não é mais que isto — peripecias encadeadas, que teem por desfecho a morte.

Drama, cujo primeiro acto é o berço, e o ultimo o tumulo. Os acontecimentos principaes, entre os dois extremos da vida, formam os actos intermedios. Os episodios dão o romance, cujos typos por mais exagerados que pareçam encontram sempre prototypo na vida real. Basta saber reconhecel-os atravez da mascara. Rasgae-lh'a, e vereis que a realidade alcança a ficção.

Depois do que deixo dito, perguntarei á leitora—acredita na verdade da minha historia?

(Continua.) A. D'OLIVEIRA PIRES.

VOLTAIRE

(Continuação.)

Voltaire representa a intelligencia humana na sua vasta complexidade.

Os espiritos athletas são como os crystaes de innumeras faces, reflectem simultaneamente myriadas de imagens; são como o largo oceano, abraçam todos os continentes.

Alguem disse a respeito do escriptor sobre que traçamos estas linhas: Voltaire desmedrou-se pela universalidade. Se o seu talento se concentrasse n'este ou n'aquelle ponto dos conhecimentos humanos, se as suas tendencias se dirigissem exclusivamente a um determinado ramo litterario, se o theatro, por exemplo, fosse o unico objecto dos seus amores, e applicasse n'elle toda a actividade, toda a força da sua intelligencia, Voltaire sobrelevaria a Racine, e emparelharia com o bravo Corneille.

Na prosecução d'esta noticia teremos de avaliar Voltaire em relação aos seus predecessores na tragedia; por em quanto diremos apenas, que, a restricção, que a dieta a que muitos criticos querem subjeitar o genio nos parece destituida de bom senso.

Voltaire foi o que a sua natureza quiz que elle fosse. Ha naturezas multiplices. Os troncos robustos bracejam varas para todos os lados; são esses ramos innumeros, florentes, flexiveis mas vigorosos que constituem a belleza, a magestade da arvore que os alimenta. Voltaire passa da *Zaira* para os Elementos da philosophia de Newton, como o Dante sae do *Inferno* para escrever o seu tratado *De Vulgari eloquentia*. Nisto não ha transviamento, ha repouso. O espirito cansado das grandes luctas, exhausto pelo voar constante, sentindo as azas fraquejarem pouco a pouco, descende, pousa, espairece, e readquire novas forças para se elevar a maiores alturas. N'estes periodos de descanço póde transigir com as puerilidades mundanas. É como a ave arrojada, que viesse lá de cima, das visinhanças do sol, e que ao abater o vôo no seu ninho de fragas se distrahisse em espicaçar os insectos. A mão que desenhou os maiores e os mais bellos vultos da scena moderna diverte-se em tracejar Falstaff; o poeta do Adamastor escreve os disparates da India. *La force, ce n'est pas Protée, c'est Jupiter;»* dizem ainda os que censuram a multiplicidade de assumptos de que Voltaire se preoccupou toda a vida; a imagem é graciosa, mas, ao que me parece, falsa, desde a raiz até á copa. Jupiter é a força, e ao mesmo tempo a metamorphose. O Deus do rayo, é o cysne de Leda, e o touro da Europa; transmuda-se perpetuamente, e em cada uma das formas de que se reveste imprime o cunho divino.

Concedo que em Voltaire não haja aquella vehemencia, aquella energia que se admira em Corneille, que as suas creações não tenham a austera severidade que muitas vezes demandam, que a palavra inflammada e ardente não caia em meio das grandes scenas ou dos elevados quadros epicos; mas a paixão sem exagero, a paixão natural, affectuosa, pathetica, docemente aquecida ao fogo interior, essa é a que nós encontramos nas suas tragedias, como talvez em nenhumas d'outro poeta da França. E mais, note-se o seculo em que Voltaire vivia, seculo de frivolidades e de descrenças, sem aspirações, sem grandeza, sem a hembridade altiva que robustece o poeta que em meio d'elle se move, e que por elle se inspira. É esta a razão porque na *Henriada* escasseam os traços epicos, porque lhe faltam os arrebatamentos da epopéa. O canto heroico não apparece indifferentemente em qualquer época; ha para elle uma quadra em todas as nações. Se essa quadra passou sem que os poetas quizessem ou podessem embocar a tuba homerica, debalde procurarão ao diante preencher o grande vacuo litterario. «—O seculo XVIII, diz Edgar Quinet,— adverso ás tradicções, e tentando isemptar-se d'ellas, era o contrario dos tempos epicos; as guerras da regencia não poderiam reacender o heroismo extincto. Por um esforço de genio, puramente individual, Voltaire conseguio elevar-se a brilhantes imitações da poesia alexandrina e romana. N'este genero de poesia, inutil é, porém, o trabalho de um homem; se o pensamento e a vontade de todos não contribuem de metade para a sua obra, tal obra será impossivel.—«É nos principios da vida litteraria de um povo que as epopeas apparecem de facto. Se a França do meio dia e do norte produzio na edade media alguns monumentos epicos, como ao presente se assegura, não o sabemos nós, nem nos parece mesmo que as rhapsodias do seculo XII e XIII possam merecer o verdadeiro nome de epopêas. Foi de certo no seculo XVI, no grande fervor das luctas religiosas, no grande embate das crenças e das paixões sublimes, quando o povo no seu viver tempestuoso e poetico respirava o enthusiasmo cavalleiroso e a nobreza dos puros affectos, foi então que soou para a França a hora d'ella dar ao mundo a Epopea. Ronsard, o maior de todos os poetas da *Pleiade*, atravessou a onda popular, sem lhe entender os profundos rugidos, ou sem descobrir na sua alma, naturalmente lyrica, um unico accento que podesse consagrar ás soberbas magestades heroicas. Depois, em seguida, veio a escola dura, secca, empertigada e methodica, d'aquelle Malherbe frio e coriaceo, de quem Boileau fez um Deus e a posteridade uma mumia. Começaram os grammaticos a aggredir os poetas; a goiva, o prumo, a lima eterna da pedanteria poz-se a fazer o seu officio contra a inspiração e contra o genio. Discutiam-se os solecismos e metrificava-se por bitola; as musas tinham quebrado a lyra, e andavam de regua e compasso.

Quando alguem sahia do carril pizado e recalcado, tinha sobre si a ferula dos mestres, e a imprecação dos asthmaticos.

> «Enfin Malherbe vint qui le premier en France
> Fit sentir dans les vers une juste cadence;
> D'un mot mis en sa place enseigna le pouvoir,
> Et reduisit la muse aux regles du devoir.

Não eram, pois, similhantes poetas que podiam

crear a epopêa. Os que lhes succederam, encontraram a bonança, a tranquillidade, a modorra do povo que prefere o somno solto ás ruidosas conflagrações da praça publica. O poema epico prescrevera de todo. Voltaire, na sua ancia de agricultar em todos os campos, de provar a mão em todos os assumptos, travou da cythara virgiliana, e acordou os eccos da sua patria com o som de um canto novo. Embora a *Henriada* não tenha o caracter epico, a virilidade heroica, a *furia grande e sonorosa* das verdadeiras epopêas, tem, comtudo, quadros, descripções, trechos de tal eloquencia que em nada cedem ao que a antiguidade possa apresentar de mais subido. A falla de Potier aos Estados da liga é justamente posta por Marmontel ao par dos mais notaveis rasgos poeticos. Quando este ou aquelle heroe se lhe apresenta, com que correcção de linhas o não deixa elle desenhado na tela?—Vêde Coligny, Henri de Guise, Mayenne e d'Aumale, Richelieu, Cromwell, immensa galeria que admiramos sempre, e aonde Voltaire revelou toda a firmeza dos seus traços e toda a riqueza do seu colorido deslumbrante. O que falta nesse poema, que é o tom varonil e severo, que é a serena dignidade do composto, que é finalmente esse ar olympico, esse rumor sagrado de heroes e de numes, que nos confrange ou nos ergue, que faz com que Miguel Angelo se sinta maior quando acaba de ler a Illiada, e com que Chateaubriand diga que a Jerusalem parece ter sido escripta em um campo de batalha, o que lhe falta, repito, procedeu, derivou logicamente das condições do seculo em que foi escripto. A grande gloria de Voltaire é ter podido, de certo modo, levantar-se ao de cima d'essas paixões pequenas que referviam e tumultuavam, e inspirar-se por vezes, encontrando o verbo sublime, e a forma digna e corrente. Este impeto, esta vontade energica, este remontar impetuoso, este arrancar o espirito das contendas triviaes, e das lides inglorias para o embeber em contemplações mais bellas, este quebrar um dia com as *cinco proposições* de Jansenius, e voltar costas a toda a cainçada dos Desfontaines, para estender a mão á deosa que sorri no limiar da historia, isto é sem duvida alguma o genio.

Cumpre attentar em todas as circumstancias que expozemos, reparar bem nos tempos em que Voltaire viveu, nas mundanidades que o cercaram, e nas guerras infames que lhe promoveram. Quando apezar de tudo vemos surgir a *Henriada*, quando ouvimos a nota epica resaltar do vozeio atroz de uma multidão de vulgaridades pifias e razas, é então que calculamos toda a pujança, toda a seiva, toda a flexibilidade d'aquelle talento incomparavel.

Encarando a physionomia litteraria de Voltaire, fomos insensivelmente levados a apreciál-o em primeiro logar sob o ponto de vista epico; estudemol-o agora em relação ao theatro, onde maior luz o illumina. É ahi que Voltaire patentea em maior copia as forças da sua intelligencia, é ahi que melhor poderemos medir a sua grandissima estatura.

Racine, e Corneille terão por vezes de ser citados em confronto; quanto a Crébillon penso que não será preciso remechel-o na cova.

Continua

E. A. Vidal.

CASTELLO DE KENILWORTH

Não é estranho este nome aos leitores de Walter Scott; logo lhes acode de certo á memoria o magnifico romance que tem este titulo, romance admiravel, que se baseia na sombria tradição da morte da condessa de Leicester, e em que o grande escriptor escocez soube pintar com tão largos traços os esplendores e os mysterios da côrte de Isabel de Inglaterra, e o caracter a um tempo varonil e apaixonado, austero e affecto á lisonja da energica rainha, que regeu com mão tão habil e tão firme os destinos do seu paiz, mas sobre cujo reinado projecta uma sombra immensa a morte da infeliz Maria Stuart.

O sangue da formosa e estouvada escoceza macula de um modo que a historia não póde deixar de registar, o alvo manto da rainha que tanto folgava com que lhe dessem o cognome da rainha virgem

O romance de Walter Scott tem por assumpto, como disse, a morte da infeliz condessa de Leicester, sacrificada por seu marido, elegante ministro de Isabel, que aspirava a partilhar o thalamo e o throno da rainha, á ambição, que fôra despertada pela manifesta ternura que a energica rainha sentia por elle.

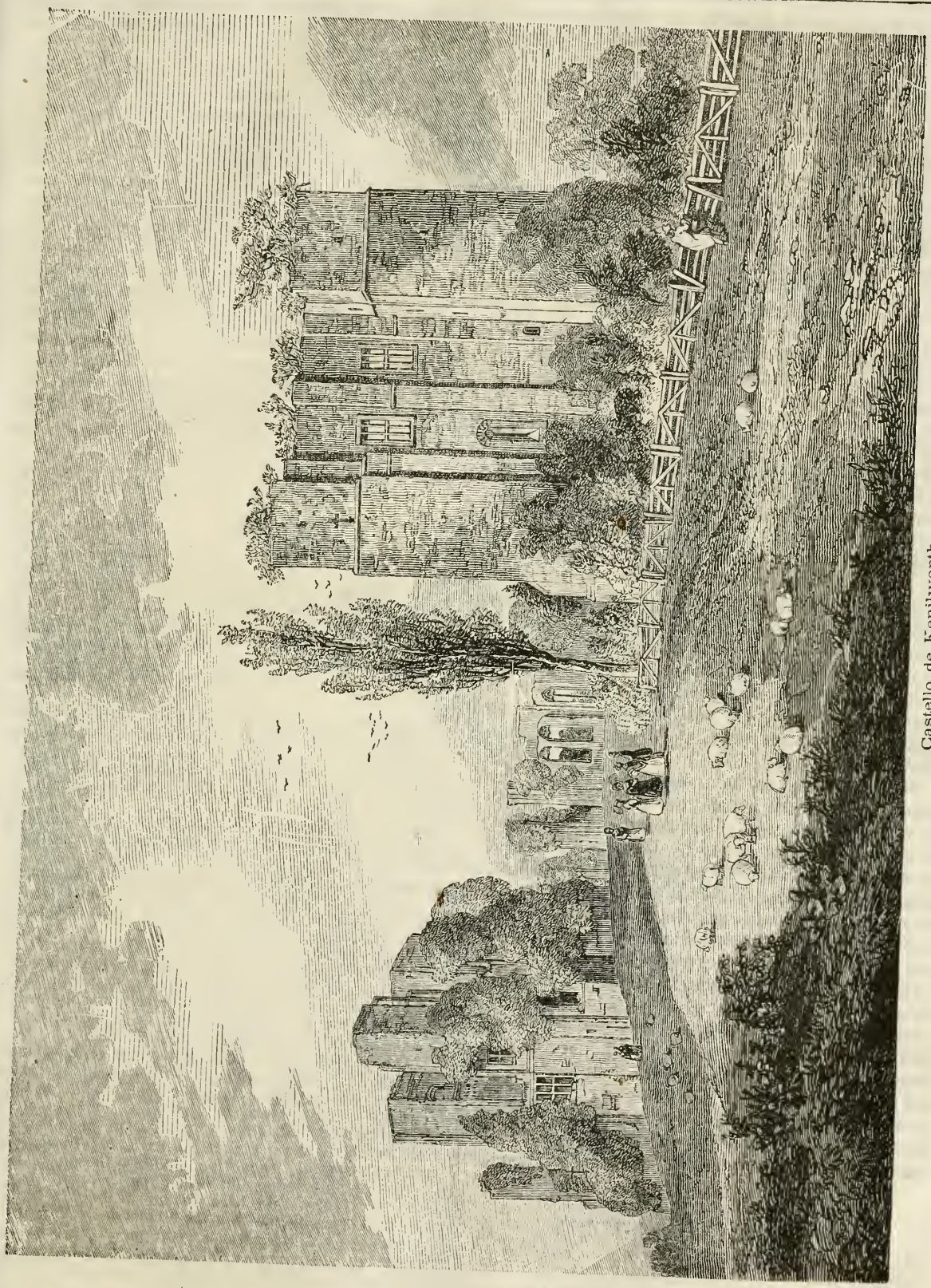
No quadro da narração entram naturalmente, e descriptas como Walter Scott sabe descrever, as magnificas festas dadas pelo conde á rainha n'esse opulentissimo palacio, que é hoje o que a gravura o mostra, uma ruina.

Fica situado no condado de Warwich. O que elle era no tempo do seu esplendor, será o mesmo Walter Scott quem nol-o dirá quando no seu bellissimo romance descreve a chegada da infeliz condessa ao palacio, d'onde seu marido a queria afastar por todos os modos, porque não confessára á rainha o seu casamento, e convinha-lhe que Isabel o considerasse livre dos laços matrimoniaes. Cedamos a palavra ao grande romancista.

«Emfim surgio o castello magnifico de Kenilworth; para o embellezar e para melhorar os dominios que d'elle dependiam, gastára o conde de Leicester, segundo se diz, sessenta mil libras esterlinas, somma que n'esse tempo equivalia a meio milhão de libras na actualidade.

«Os muros exteriores d'esse edificio soberbo e gigante abrangiam sete acres, uma parte dos quaes era occupada por vastas cavallariças e um jardim de recreio com elegantes matas, e canteiros cheios de flores; o resto formava o primeiro pateo ou pateo externo.

«O edificio construido no meio d'este espaçoso recinto compunha-se de muitos palacetes magnificos, que pareciam ter sido construidos em differentes épocas, e que rodeavam um pateo interno



Castello de Kenilworth

O nome e os brazões de cada parte separada lembravam potentes fidalgos fallecidos em antigos tempos, e cuja historia, se a ambição a podesse ou soubesse ouvir, daria uma lição util ao orgulhoso valido que adquirira e augmentara os seus dominios.

O vastissimo torreão que formava a cidadella do palacio da'ava da mais remota antiguidade, bem que não houvesse noticia alguma, digna de credito, sobre a época em que fôra construido.

«Tinha o nome de Cesar, talvez por causa da

sua parecença com a cidadella do mesmo nome que se vê na Torre de Londres. Affirmavam alguns antiquarios que fôra este forte elevado por Kenelph, rei saxonio de Mercia, que déra o seu nome ao castello, e outros que fôra construido pouco tempo depois da conquista dos Normandos. Nos muros exteriores campeava o brazão dos Clinton, que os tinham fundado no tempo de Henrique I da mesma forma que o brazão de Simão de Montfort, vulto ainda mais temivel, que, nas guerras dos barões, defendera muito tempo Kenilworth contra o rei Henrique III. Mortimer, conde de March, famoso pela sua elevação e a sua queda, alli dera festas e torneios, emquanto o seu soberano desthronisado, Eduardo II, definhava nas proprias masmorras do castello. O velho João Ganut, da antiga raça dos Lancaster, augmentara muito este edificio, construindo a aza, que ainda hoje tem o nome de palacio de Lancaster; mas Leicester vencera os seus predecessores, apezar d'estes serem bem ricos e bem poderosos, erigindo uma immensa fachada, que desappareceu debaixo das suas proprias ruinas, monumento da ambição do seu fundador. Os muros exteriores d'esta residencia verdadeiramente regia eram banhados por um lago, em parte artificial, sobre o qual Leicester mandara construir uma ponte magnifica, a fim de que Isabel podesse entrar no castello por um caminho, feito para ella só. A entrada habitual era pelo lado do norte, onde Leicester erguera, para defeza do castello, uma torre altissima, que ainda existe, e que vence, pela sua extensão e pelo estylo da sua architectura, muitos castellos de alguns chefes septentrionaes.

Do outro lado do lago havia um parque immenso, povoado de gamos, cabritos, veados, e toda a especie de caça. Este bosque era plantado de arvores soberbas, do meio das quaes a fachada do castello e as suas torres macissas pareciam sair magestosamente. Não podemos deixar de accrescentar agora que este nobre palacio, que recebeu monarchas, e que foi illustrado por guerreiros que alli deram serios e sanguinolentos assaltos, e por justas cavalheirescas em que a belleza distribuia os premios obtidos pelo valor, não offerece hoje senão uma scena de ruinas. O seu lago transformou-se n'um prado humido, onde os juncaes vecejam, e as suas immensas ruinas servem só para dar uma idéa do seu antigo esplendor, e para fazer apreciar melhor ao viajante que reflecte sobre a vaidade das riquezas do homem, a ventura dos que desfrutam a sua mediocridade com um virtuoso contentamento.

O ESTUDO DA HISTORIA

Apologo

—Quereis saber, dizia um Indio a um Europeu, como eu quereria que se iniciassem as creanças na historia dos homens?

Observai este punhado de lodo apanhado no leito do Aracan. Que numero infinito de moléculas, e comtudo quão poucas particulas do metal precioso que procuramos! Que trabalho tão longo e difficil para descobril-as e separal-as do lodo em que estão enterradas!

Pois bem, o mesmo se dá com a historia das gerações que se teem succedido desde a creação do mundo. Que de acontecimentos! mas os, verdadeiramente, dignos de memória, que derramam luz sobre a natureza do homem, sobre a sua missão cá na terra, que lhe offerecem exemplos nobres, que lhe desenvolvem o coração e a intelligencia, esses são raros e só a vista do sabio os pode discernir.

Ensinai unicamente ás creanças os factos pouco numerosos e escolhidos. Poupai-os á fadiga de revolverem inteiramente a montanha de fragmentos pulverulentos agglomerados pelo tempo, para procurarem alli algumas raras particulas de ouro. Guiai-os logo ás fontes do verdadeiro saber, ao thesouro que a philosophia tem obtido da experiencia de milhares de gerações extinctas.

THEATRO DE D. MARIA II.

III

É o theatro de D. Maria II um dos mais formosos edificios de Lisboa, e no seu genero, pode competir com os de maior nomeada, não só na decoração e riqueza de ornatos, senão tambem na distribuição interior.

A ordem architectonica adoptada é a jonica, como estão mostrando as columnas do peristylo, as pilastras das fachadas, as molduras e volutas.

Seria esta de feito a ordem architectonica, que mais convinha?

Não se deveria antes, seguindo as bellas tradicções herdadas, construir um edificio no gosto dos Jeronymos ou da Batalha?

Esta opinião aventada por alguns criticos pouco sabedores e demasiado patriotas, não tem fundamento na arte.

É necessario ignorar profundamente os mais singelos preceitos do gosto para defender a arte romantica em edificio d'esta ordem.

Encantadoras e sobre todas formosissimas, são em verdade as architecturas christãs, brincadas, floridas, arrendadas, com as suas crastas silenciosas e poeticas, com as suas arcarias mudas e melancolicas.

Nada mais admiravel do que um velho mosteiro, no pendor da serra, illuminado pela lua, cercado de arvoredo remançoso, lá dentro o claustro com as suas ogivas, com as suas portas sobrepostas, com as suas columnatas rendilhadas, com as suas filagranas de marmore, com as suas estatuas, e brutescos meio sombreados.

Nada mais poetico do que esse perfume religioso que se alevanta em ondas, do silencio do templo, todo laçarias imaginosas, que irrompem ardentes em feixes, e se desdobram até se espalharem nas abobadas, como as crenças redivivas dos fundadores e dos artistas, crenças possantes, fervidas que se erguiam da terra e iam abraçar o ceu, enramando de grinaldas e festões o throno da Virgem. Que architecturas sublimes! Como a alma se expande em effluvios de harmonia, e a prece sae fremente! E depois aquellas janellas escondidas e docemente veladas, e os vidros corados, em que a luz bruxulea formando auréolas celestiaes! E acima de tudo, involvendo tudo, um manto de santidade e candura, casto e singelo como as crenças d'aquellas eras religiosas!

Oh! Mas quem ousaria profanar os sacrosantos mysterios do mosteiro transportando para a praça publica, para o theatro essas architecturas mysticas que só convem aos penetraes em cujo seio se aninharam os que fitavam olhos piedosos no ceu? Para os theatros e para todos os edificios de egual natureza, Roma e Athenas, Augusto

e Pericles, legaram-nos modelos eternos, que é força imitar, porque ninguem excede a perfeição.

Representa a architectura grega uma grande idéa e a pujança e força de um povo, que chegou á maturidade, ao apogeu da gloria e explendor, ao acumen da riqueza.

As linhas severas e harmonicas, rectas e inflexiveis como o destino, sobrepondo-se parallelamente, não conhecendo limites, aquelles frontões carregando sobre columnas, que se conservam erectas e orgulhosas, as columnatas robustas, os festões e volutas, os hypogriphos e caduceus, todos os symbolos e hierogliphos, os nichos, os vasos, os balaustres os acanthos, tudo nos está mostrando que a architectura classica, empregada no Parthenon e no templo da Paz, era a que mais convinha a dois povos, cuja civilisação correra o mundo, cujas idéas se haviam espalhado por toda a parte, cujos exercitos tinham, cada qual segundo a si, esmagado Dario e Xerxes, ou vencido o oriente e o occidente.

Em Vitruvio devia pois encontrar o architecto a norma, que o guiasse na traça do edificio.

E assim foi. O theatro de D. Maria, apezar dos seus defeitos, é explendida amostra da architectura classica, é um monumento formoso e rico, é um edificio nobre, que não desdourára Paris e Londres.

Tem este edificio quatro fachadas, symetricas duas a duas, deitando cada qual para o seu largo, o que produz optimo effeito e mais realce dá ao monumento.

Para a praça de *D. Pedro* olha a fachada principal, que é a do sul, para o *largo do Regedor* a do norte, para o *largo do Camões* a de oeste, para o *largo de S. Domingos* a de leste.

Representa a nossa gravura a fachada principal e a de oeste, e deixa ver o largo de Camões e o de S. Domingos em cujo topo se divisa o palacio dos condes de Almada, aonde se reuniram os heroicos e gloriosos conjurados de 1640

A fachada principal, assim como as de mais, são de marmore, sendo roseo o do liso das paredes e superiormente ao andar nobre, e liós o resto.

É o peristylo assente em seis columnas jonicas; no vertice do frontão campéa a estatua de Gil Vicente e nos acroterios as estatuas de Melpomene e Thalia.

Sobrepostos ás janellas e no attico do andar nobre, vêem-se quadros allusivos, bustos de poetas, e outros ornatos, os quaes, assim como as estatuas, muito honram a Academia das Bellas Artes.

A frente septemtrional é similhante a esta e só differe em não ter peristylo e nas esculpturas.

As fachadas que deitam para oeste e leste são em tudo identicas, e ambas tem o seu vestibulo com arcada de cantaria, sendo o vestibulo occidental serventia dos espectadores, e o oriental dos actores, empregados e artistas.

Em frente do vestibulo occidental e quasi no mesmo nivel está o salão da entrada, cujo tecto se apoia em quatro columnas de marmore sem sóco, como era de rasão, para não empecer a passagem.

Mede o salão dezeseis metros de comprimento sobre dez de largura. No andar superior e occupando a mesma posição, está o salão nobre, ricamente decorado, rodeado de duas ordens de galerias em sacada e sustentadas por columnas. O pavimemto todo de mosaico corresponde aos camarotes de primeira ordem, e as duas ordens de galerias communicam com as outras ordens de camarotes.

Do salão da entrada sobe-se a uma galeria, que circumda a platéa, e permitte communicações com os diversos andares.

Conta a sala setenta camarotes distribuidos em quatro ordens, contando as frisas. Ha uma tribuna real e uma galeria. Aquella é rica e perfeitamente ornada, tendo as paredes revestidas de espelhos, e sendo o tecto em forma de cúpula de oiro e azul. Toma em altura duas ordens de camarotes; contiguas á tribuna real ha duas salas, que dão para um gabinete, uma copa e um vestibulo sendo que cada camarote tem uma sala especial e um gabinete de toucador.

A area da platéa é de cento e oitenta e dois metros quadrados. O palco mede vinte metros de largura e vinte e tres de fundo, e em volta d'elle, encontram-se os camarins, gabinetes, arrecadações, sala do commissario, da direcção, *foyer* etc.

Tal é mui resumidamente, sem minucias prolixas a descripção do actual theatro de D. Maria, que já foi modificado em 1858, porque a principio contava mais uma ordem de camarotes, em forma de galeria, o que, sobre desfeiar o theatro, tirava-lhe todas as propriedades acusticas, porque havia uma resonancia, que não permittia ouvir.

Diminuiu-se tambem a platéa, avançando o palco, abriram-se camarotes no proscenio, frisas na galeria inferior, diminuiu-se o fundo dos camarotes e separaram-se por decipimentos.

Com serem grandes estes melhoramentos, que eram ha muito requeridos, outro havia, de não menos necessidade, qual era mudar a cobertura do tecto, feita de folhas de ferro galvanisado.

Quiz-se experimentar o ferro que era muito encarecido por architectos estranhos, e a experiencia custou-nos cara, porque deu pessimos resultados.

Não são as folhas de ferro para o nosso paiz, e muito menos para um theatro de declamação.

Quando chovia, e todos sabem que as chuvas em Portugal são torrenciaes, era tal o ruido, que ninguem ouvia os actores. Ajuntava-se a este defeito a ruina prematura e rapida dos madeiramentos, porque as agoas escoavam-se pelas junctas, e orificios dos pregos. As folhas estalavam e enrugavam-se no verão e fazendo saltar os pregos de tal sorte aqueciam, que queimavam as madeiras. Estas alternativas continuadas da secca e humidade acarretavam a ruina do madeiramento.

Em virtude d'estas ponderosissimas rasões foi substituida a cobertura de ferro pelas chamadas telhas hollandezas, chatas, acinzentadas, que removeram todos os inconvenientes.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

As unhas, que usurpão o titulo de bentas, são aquellas, que empolgando piedades, fazem a preza em latrocinios. Pe. ANTONIO VIEIRA.

INVOCAÇÃO

Em que recesso te escondes,
O anjo da minha paz?
Não me escutas? Não respondes?
Onde existes? Onde estás?
Que espesso sendal te vela
A serena fronte bella
Que gruta escura te encerra,
E te occulta aos olhos meus?
Já baixaste acaso á terra,
Ou inda moras nos ceus?!

Formosa imagem sonhada,
Um dia vem, outro apoz,
E tu, ó mystica fada,
Sempre muda á minha voz!
Nas leves nuvens te embalas?
Nas densas florestas fallas
Pela voz do rouxinol?
Junto ao sol, n'elle te abrazas?
Ou libraste as brancas azas
Para os mundos de alem-sól?

Quanto mais te julgo perto
Para mais longe tu vaes,
E é mais árido o deserto
Que se franqueia a meus ais!
Cada instante, novas fórmas:
N'uma estrella te transformas
E eis-te no espaço a brilhar!
Ora és a flor que perfuma,
Ora passas sobre a espuma
Que orla a tunica do mar!

Vem das plagas do infinito!
Desce, chega, ó anjo, vem;
Que eu sei que não és um mytho,
Que eu sei que vives tambem!
Não; não és uma chymera.
És a eterna primavera,
És a esperança louçãa,
És a luz, o riso, a festa,
Para a vida que me resta
És a perenne manhãa!

Sei-o. Senti-o. No berço
Adivinhei-te, e, de então,
Para mim todo o universo
Resumiu esta paixão.
Não mente o sonho. Sonhei-te
Alva, pura como o leite
Da só virgem que foi mãe,
Radiante do brilho immenso
Que, por entre ondas de incenso,
Da ideia de Deus nos vem!

O sonho encantado eu posso
Traço a traço repetir.
Vi-te eu mesmo. Que alvoroço!
Como houvera a fé mentir?
Embora de extranha essencia,
Pulsa-me a tua existencia
Nas minhas veias, bem vês,
Arfa-te o seio em meu seio,
Penso, sinto, vivo, e creio,
Porque tu vives e crês!

Um dia em que na vereda,
Que percorro por te achar,
Entre a sombria alameda
Me sentei a descansar,
Suppuz chegado o momento
De attentar n'esse portento
Que a minha alma anhela e quer,
Jurára que o paraiso
Me acenava no sorriso
Dos labios de uma mulher!

Irrisão! Tremi, corri-me,
A face verguei ao pó:
Respirava a infamia, o crime
A falsa deidade só.
Ai, debalde te imitava!
Ergui-me, parti, a escrava
Deixei do mal sem pudor;
Pedi-te perdão do insulto,
E volvi para o teu culto,
Caminhei ao teu amor!

Exhausto de força, o ermo
Mais tarde sem fim pensei,
E dentro do peito infermo
Toda a agonia pezei.
Como que pensei,—perdoa—,
Mentida a tua corôa,
Que eras um brinco infernal,
E tentei buscar o olvido
E o descanso no ruido
Infrene da bachanal!

Jorrava o vinho nas taças
Os topasios, os rubis,
Amei-o, e, com elle, as graças
Das Messalinas mais vis!
Mas eis de repente, em meio
Da festa devassa, o seio
Freme em doce estremecer;
Nova crença em ti surgia!
E o facho apaguei da orgia,
Corri longe por te vêr!

Sempre tu, a mesma, aquella
Que eu não vi, mas de quem sou,
A mesma lucida estrella
Que o futuro me rasgou!
Dia e noute, n'um deserto,
No baile, em sonhos, desperto
Sempre aquella que não vi!
Sempre este aspirar constante
Ao bem ignoto, distante,
Ao desconhecido, a ti!

Como pois a ti voara
N'este anceio que seduz,
Se o Senhor te não creara
De um raio da sua luz?
Fôras illusão, mentira,
E dentro em mim não sentira
Os divinos dons da fé!
Quando um falso Deus se adora,
Qual das crenças não descora?
Qual a que fica de pé?!

Oh, existes, sim! Já'gora
Não tardas, não te detens!
No explendor virás da aurora?
Nos raios da lua vens?
Quero amal-os, quero vel-os,
Os teus ondados cabellos,
Teu phantastico sorrir,
Quero fartar os desejos
De prelibar em teus beijos
Toda a ventura por vir!

Oh, existes, sim! Das veias
Percebo-o nas pulsações:
Assomas, pairas, volteias,
Entre lucidas visões!
Extasis de puro goso!
E no dia venturoso
Que me surgir onde estás,
Por seguir-te os aéreos traços;
Deixa cingir-te em meus braços,
Ó anjo da minha paz!

Mal n'este canto se fixar o amado,
O teu sonhado olhar a cujo encanto
Estes versos sagrei,
Oh! d'onde quer que estejas, rasga o manto
Que assim te encobre, solta ao longe um brado,
E aos pés te cahirei!

Vae longo o caminhar! Afrouxa o passo!
Que mais te não procure, anjo, debalde!
Por não morrer, ó flor,
Da magoa de não ver-te, ou de cansaço,
Consente emfim que a fronte te engrinalde
Com rosas d'este amor!

fevereiro, 1866.

ERNESTO MARECOS

Hum animo nobre, mais se obriga da cortesia alhêa, que da vontade propria.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO

Grande remedio he contra os males desviar d'elles o sentido, e ocupal-o em cuidados differentes. E posto, que o que muito se sente não dá logar nem liberdade ao pensamento para se entregar a outra cousa, comtudo, como a natureza apetece novidades, sempre em algum breve espaço lhe dá ouvidos.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO

Typ. Franco-Portugueza, Rua do Thesouro Velho, 6.

ILHA DA BARBADA

Esta ilha foi uma das muitas, que a audacia dos navegadores portuguezes revelou á Europa, e foi tambem uma das ultimas. Quando nós a descobrimos estava já Portugal em plena decadencia, e o leão de Castella empolgára nas suas garras as quinas portuguezas. Comtudo, devemos dizer que está demasiadamente desprezada a historia de Portugal durante os sessenta annos em que fez parte do reino das Hespanhas. Os filhos da Lusitania, mesmo reconhecendo como seus monarchas os tres Philippes, mostraram-se dignos dos heroes de quem descendiam. Será bom que reivindiquemos a gloria que é nossa, e que os hespanhoes chamam a si, porque a historia universal, não

Ilha da Barbada

distinguindo n'esses sessenta annos Portugal da Hespanha, lhes attribue as grandes acções emprehendidas pelos nossos antepassados.

Assim, por exemplo, o grande navegador Pedro Fernandes de Queiroz, que descobrio uma grande parte das ilhas da Oceania, é considerado pela historia como hespanhol, quando elle era portuguez.

Esta ilha da Barbada tambem os portuguezes a descobriram ahi por 1600, sem que se saiba ao certo nem o anno, nem o nome do descobridor, nem o motivo porque lhe deu esse nome visivelmente portuguez. Mas, nós já n'esse tempo não fundavamos colonias, e, depois de a termos descoberto, deixamol-a desamparada, sem aproveitarmos ou sem conhecermos a riqueza dessa joia, uma das mais brilhantes, da grinalda das Antilhas.

Em 1605 alli arribou um navio inglez, em 1624 alli os inglezes se estabeleceram, e em 1628 fundaram a cidade de Bridgetown; a ilha estava então coberta de bosques de madeira tão rija, que houve um trabalho immenso para os deceparem, a fim de estabelecerem a lavoura. Venceu todos os obstaculos a perseverança dos colonos, teimosos como inglezes que eram. Em poucos annos prosperou incrivelmente a Barbada. Quando rebentou na mãi patria a guerra civil, que terminou com a morte de Carlos I no cadafalso, alli se refugiaram muitas familias realistas, que, conservando-se fieis á causa dos Stuarts, recusaram reconhecer a authoridade de Cromwell, proclamado protector. Foi necessario que este enviasse uma esquadra, que a reduzio á sujeição em 1651, não sem difficuldade. Para a punir d'isso prohibio-lhe Cromwell o commercio com o estrangeiro. Esta

circumstancia fez parar o desenvolvimento rapido da Barbada, que uma grande parte da sua população abandonou para ir habitar nas outras ilhas. Custou-lhe depois a recobrar-se das consequencias d'este golpe.

A Barbada é a mais oriental das Antilhas; tem 22 milhas de comprimento, e 10 na sua maior largura. O seu aspecto é formosissimo, o seu clima quente, mas saudavel, coisa rara nas Antilhas. Um recife de coral, que a orla pelo lado do norte e de leste, não permitte que se approximem d'ella navios de mais de 50 toneladas; as outras praias são protegidas por boas fortificações. A sua principal producção é a do assucar. A sua população tem sido muito variavel. Augmentou com incrivel rapidez, mas depois diminuio sensivelmente. Em 1628, quando os inglezes fundaram Bridgetown, havia na ilha uns cem habitantes. Em 1676 constava de cincoenta mil brancos e de cem mil negros e mulatos. Em 1724 já havia só uns dezoito mil brancos, e em 1786 uns dezeseis mil. O recenseamento de 1832 deu o seguinte resultado: oitenta e um mil e quinhentos escravos, doze mil setecentos e noventa e sete brancos, seis mil setecentos e quatro homens de côr livres.. De 1834 para cá havia de diminuir a população, porque n'essa época foi abolida alli a escravatura.

A capital da ilha, Bridgetown, fica situada á beira da magnifica bahia de Carlisle, unico porto bom da Barbada. É uma linda cidade, d'uns cinco mil habitantes, e que possue alguns bons edificios, entre os quaes se notam a cathedral, cujo orago é S. Miguel, que tem uma torre que pouco se eleva acima do tecto, por causa dos tufões periodicos, que assolam a ilha, e cuja violencia é enorme; o palacio do governador, o tribunal, os quarteis, o forte de Sant'Anna, quasi inconquistavel, e um arsenal bem fornecido de armas e munições. Esta cidade possue alem d'isso algumas bibliothecas e uma sociedade litteraria.

Não sei que invencivel tristeza se nos apodera do espirito ao descrevermos a prosperidade d'esta ilha, descoberta pelos portuguezes, e possuida pela Inglaterra; comparamol-a involuntariamente com o estado miserando das nossas colonias, e não podemos deixar de sentir que, para bem da humanidade, não fossem parar tambem a mãos que os soubessem tratar esses vastos e fertilissimos territorios, que a nossa incuria deixa estar por essa Africa sem cultura nem civilisação.

DESCONFIAI DAS FLORES DURANTE A NOITE

Na obscuridade e durante a noite, as plantas exhalam um gaz venenoso, o acido carbonico. É, pois, mui contrario á hygiene conservar de noite e de dia flores dentro dos quartos de dormir: as flores querem sol e vasta liberdade de athmosphera; captivas, castigam os seus imprudentes admiradores viciando o ar que elles respiram: d'ahi dores de cabeça, vertigens, e, mais ou menos, uma indisposição, uma languidez, cuja verdadeira causa, muitas vezes está longe de ser conhecida.

Muitas senhoras sacrificam a saude ao excessivo amor pelas flores.

HENRI BARTH

Esboço biographico

Uma das perdas que as sciencias geographicas e historicas experimentaram durante o anno de 1865, a do dr. Barth é, seguramente, das maiores e mais dolorosas.

O grande viajante, o intrepido e sabio explorador da Africa central morreu em Berlim no dia 25 de novembro, cheio de vigor e vida, ferido por um d'estes golpes tão rapidos e certeiros, que matam sem ameaçar.

Henri Barth nasceu em Hamburgo em 18 de abril de 1821. Seu pae era abastado negociante; porém Barth ainda bem novo manifestou a mais invencivel repugnancia por aquella carreira. Mostrou desde verdes annos para o estudo rara assiduidade e admiravel áptidão. Era para elle o trabalho da escola antes vivissimo goso, do que afanosa tarefa

Em mais de um escriptor lemos, que desde os 12 annos havia traçado o plano de uma leitura methodica de todos os auctores da antiguidade, e este plano seguio-o com surprehendente constancia, ampliando-o de todas as acquisições subsidiarias, bebidas na edade media e tempos modernos, que são proprias para fortificar e desenvolver fructuosamente as noções aprendidas nos valiosos livros, que a antiguidade nos legou.

Com similhante disposição de espirito e tal ordem de estudos, Barth no seculo XVI ou XVII havia de ser um laborioso erudito: n'esta época o saber sério e solido d'elle impellio-o para as investigações activas, e produzio um dos viajantes, que serão honra e gloria d'este seculo.

Em 1830, Barth vai a Berlim para ali cursar as aulas universitarias. Coração impetuoso, imaginação impacientemente ardente, quiz beber em todas as fontes. A archeologia grega e romana, as antiguidades germanicas, a historia de todas as épocas, a philosophia antiga e a escholastica, o direito allemão e o direito romano, tudo abrangeu simultaneamente: coisa rarissima, senão unica, tinha tempo para devorar tantas sciencias!

As sciencias physicas, parece que o occuparam menos; aprendia, porém, escutando as lições do mais eminente geographo do presente seculo, Karl Ritter, a encarar o estudo da terra nas suas relações elevadas e fecundas, e a não separar este estudo do da historia da humanidade.

Receiava-se que a attenção disseminada não tocasse senão mui de leve na superficie das coisas, deixando por isso de profundal-as. Um pensamento predominante produzia felizmente a unidade n'esta multiplicidade de investigações, e encaminhava-as por uma direcção commum, sem a qual não é fructifero qualquer estudo.

A idéa constante a que alludimos, era a antiguidade classica.

As lições de Bœckh contribuiram muitissimo

para fazel-o presistir n'aquella idéa. O illustre philologo havia promptamente distinguido e tomado grande affeição ao joven estudante, no qual transparecia, a par d'esta rara aptidão para as sciencias historicas, uma energia de vontade que mais tarde havia de manifestar-se brilhantemente.

Ao encerrar o seu primeiro anno da universidade, Barth sentio o vehemente desejo de ver uma parte, pelo menos, dos paizes que foram o theatro dos grandes acontecimentos do mundo antigo.

Seu pae forneceu-lhe os meios de emprehender uma viagem á Italia. Passou 4 mezes em Roma e muitas semanas na Sicilia. Ainda impressionado pelas solidas lições de Ritter, Barth abraçava com a vista, em presença dos monumentos das suas civilisações mortas, todo o theatro onde ellas se desenvolveram. Desde então concebeu o tentador projecto de uma longa viagem, a qual, todavia, só decorridos 4 annos se verificou.

Queria executar o periplo do Mediterraneo, ver os logares que foram os fócos da chamada, talvez impropriamente, civilisação antiga, Tyr, Carthago, Cyrene e Alexandria e as plagas tão admiraveis e formosamente recortadas, onde o genio hellenico, manifestando-se debaixo de suas multiplas faces, mostrou ao mundo, pela primeira vez, até onde pode chegar o espirito humano na poesia, arte e liberdade. Esta excursão de Barth a Roma e a Syracusa teve no destino d'elle uma influição decisiva. Abriu-lhe as portas de um explendoroso futuro.

Regressando a Berlim prosegue os estudos universitarios, e continua-os ainda durante 3 annos, até 1844. Na these latina para o doutorado dedicada ao seu excellente professor e amigo Bœckh, na qual toma por assumpto a historia de Corynthio, vê-se estampado o cunho da sua preoccupação dominante. O pensamento da grande viagem ás extensas, poeticas e historicas ribas do Mediterraneo não o abandona, pelo contrario, havia amadurecido e fortificado com a reflexão.

A ausencia devia ser mui longa e a despeza crescida; pouco mais ou menos 9 contos de réis da moeda portugueza. Não o faz, porém, sustar esta consideração na execução do porfiado empenho.

No fim de janeiro de 1845 dirige-se a Londres; passa dois mezes curvado sobre as ricas collecções do *museu britannico*, ao mesmo tempo que encetava o estudo dos primeiros elementos da lingua arabe, cujo uso lhe era essencial. D'ali parte para França. Atravessa este paiz e a Hespanha, como viajante que tem um fim, que parece lhe tarda alcançar, não, comtudo, sem lançar um golpe de vista sagaz e curioso por sobre os interessantes logares onde passa e, essencialmente aquelles que accordam uma emoção poetica, ou lembram um facto notavel.

Em 7 de agosto saltava em terra africana.

Era ali que começava realmente a viagem. Costeia Marrocos; penetra em Argel, onde o impressiona o trabalho activo da transição, que se opera sob a influencia da civilisação europea; corta em diversos sentidos as regencias de Tunis e Tripoli; contorna as Syrtes; visita a Cyrenaica, cuja contemplação desperta na alma recordações historicas tão antigas; costeia a ilha de Chypre e a Asia Menor, toca em Constantinopla; lança um olhar por sobre o que foi Grecia e entra na Allemanha pelo Adriatico.

Tal foi, pois, o seu itinerario. A relação d'este devia abranger dois volumes, dos quaes um apenas se publicou, e é esse que leva o leitor ás portas do Egypto. Intitula-se, «Excursões pelas regiões litoraes da Africa carthagineza e Cyrenaica,» *Wanderungen durch das Punische und Kyrenaeische Kustenland;* é essencialmente pelos detalhes geographicos que se assignala a discussão da situação das localidades antigas. A idéa primitiva do viajante talvez comporte algumas pesquizas mais diffusas e sérias ácerca do estado das populações, dos destinos historicos d'ellas e da influencia do desenvolvimento do estado social, nas suas relações com as condições physicas d'esta zona meridional do Mediterraneo; considerações de que Volney deixou tão excellentes modelos para o Egypto e Syria. Talvez que Barth houvesse reservado para a segunda parte, que devia terminar a obra, os desenvolvimentos que suggere aquelle vasto e bello assumpto do papel do Mediterraneo na historia da humanidade.

Uma circumstancia imprevista vem surprehender Barth em meio d'aquelle relevante trabalho, para novamente o arrojar na carreira activa das explorações.

Preparava-se em Londres uma expedição destinada ao interior do Sudan, expedição cujo plano havia traçado James Richardson e que teria, como a d'Oudney e Clapperton, em 1821, ou, com mais propriedade, como todas as expedições inglezas, um caracter conjunctamente commercial e scientifico.

James Richardson escassa sciencia possuia; urgia, pois, aggregar-lhe bons observadores. Por instigação do eminente sabio Bunsen, n'aquella conjunctura embaixador da Prussia em Londres, foi á douta e admiravel Allemanha que a Inglaterra os requereu. A respeitablissima sociedade de geographia de Berlim indigitou o doutor Overweg, naturalista distincto, grande especialista em geologia, o qual, sendo oriundo de Hamburgo, determinou o seu compatriota Henri Barth a reunir-se á expedição.

A posição dos dois mancebos allemães era a principio inteiramente subalterna; todavia o desenvolvimento imprevisto que adquirio aquella memoravel empreza, os descobrimentos famosos que a illustraram, o vivissimo e persistente interesse que todos lhe ligaram, o echo que produzio na Europa e a resplandecencia que a coroou, tudo isso é devido ao impulso que lhe imprimiram os dois jovens eruditos desde o inicio d'ella, á direcção que lhe deram, á actividade sobrehumana que manifestaram, e, talvez ainda mais, á fria e perseverante energia que nem um instante sequer afrouxou n'aquelle grande espirito de Barth, no

meio das duras privações que durante cinco annos houve a cortir.

Os companheiros d'elle caem um após outro, extenuados com a fadiga e corroidos pelo clima. Olha em redor, e vê-se sósinho. Em uma occasião quasi sem recursos, no coração d'aquellas regiões ardentes, é cercado por povos ignotos, em paizes onde a cada passo se topa com um perigo, onde cada relancear da vista é uma suspeita ou uma ameaça, e sem meio algum de communicar com a Europa. Durante mezes a vida d'elle está dependente de uma unica palavra, de um acaso, de uma imprudencia ou capricho. Mas que importa? Nada o desvia da sua mira. Observa e estuda. Desde a região do lago Tchad até á mysteriosa Timbucktu, onde consegue penetrar, de toda a parte colhe uma quantidade incrivel de informações, no meio dos perigos, como nos momentos da maior tranquillidade.

Tem fé em Deus e em si proprio, e as suas fagueiras esperanças não deverão de ser frustradas.

Foi o unico dos desditosos membros da expedição que tornou a ver a patria após cinco longos annos de trabalhos, fadigas e perigos inauditos! As acclamações com que o saudaram no regresso inesperado d'elle, pagaram em um dia cinco annos de martyrio.

Foi a elle que coube o pezado cargo de desenrolar perante a Europa a longa narrativa d'aquella prodigiosa exploração, sem duvida a mais completa de quantas a nossa época ha produzido. E é por isso que a relação d'ella se estende por cinco grossos volumes, (1) e ainda estes cinco volumes não foram sufficientes para conter tudo. Barth publicou em separado, de 1862 a 1863 uma collecção de vocabularios colhidos em toda a extensão do Sudan. (2) Esta collecção subministra preciosos subsidios á ethnologia africana. Em uma terceira parte, que havia de completal-a, Barth propunha-se a submetter o alludido conjuncto de documentos linguisticos a uma elaboração comparativa, que, indubitavelmente, projectaria grande luz sobre a ethnographia do norte da Africa.

A morte ferio o escriptor antes que elle houvesse imprimido a conclusão do seu trabalho; mas assegura-se que o manuscripto está completamente acabado, e que a sciencia não terá a deplorar uma nova perda além da do illustre viajante.

Barth, depois de regressar á Europa, havia fixado a sua residencia em Berlim, onde a sociedade de geographia o escolheu para presidente.

Havia elle contrahido o habito de fazer cada anno uma excursão scientifica em qualquer parte, pouco visitada, dos paizes classicos. Estas explorações annuaes eram *as suas férias*; uns pequenos passeios em seguida ás suas longas jornadas.

D'esta sorte visitou o norte da Asia Menor, a Thracia, a Macedonia e o Epiro. Estas excursões, que foram successivamente publicadas, são, debaixo de uma forma modesta, mui interessantes e uteis acquisições para a sciencia.

Barth, por isso, foi tão grande que mesmo nos seus ocios soube servir a sciencia até á morte.

ALFREDO MAY

(1) Com o titulo de *Travels and Discoveries in North and Central, Africa*, 1849—1855. Lond. 1857—1858. A chamada edição franceza é uma ruim traducção de um resumo allemão em 2 volumes.

(2) *Sammlung und Bearbeirtung Central — Afrikanischer Vocabularien*. Gotha, 1862—63, 2 vol.

UTILIDADE DOS CYCLONES

Se os cyclones devastam os paizes que se acham directamente em sua passagem, se fazem correr os navios os maiores perigos, são elles tambem que fertilisam as regiões que visitam espalhando ahi beneficas chuvas. Parece que estes terriveis flagellos teem uma missão a cumprir, e que o seu util effeito excede muito os desastres que causam. A estação invernosa seria a ruina das messes da zona torrida, mirradas pelo ardor de um sol implacavel, se frequentes chuvas não temperassem o clima d'aquellas abrasadoras regiões. É preciso pois que as aguas vaporisadas nas regiões do equador vão ser derramadas nos paizes intertropicaes. Os cyclones são os motores destinados para este transporte: é á sua passagem que se devem as grossas chuvas que fornecem as grandes massas de saes ammoniacaes, d'acido carbonico e de electricidade tão favoraveis á vegetação; chuvas beneficas, cuja acção salutar chega muitas vezes a reparar os estragos causados pelo furacão.

COMO SE FAZ O GELO EM BENGALA

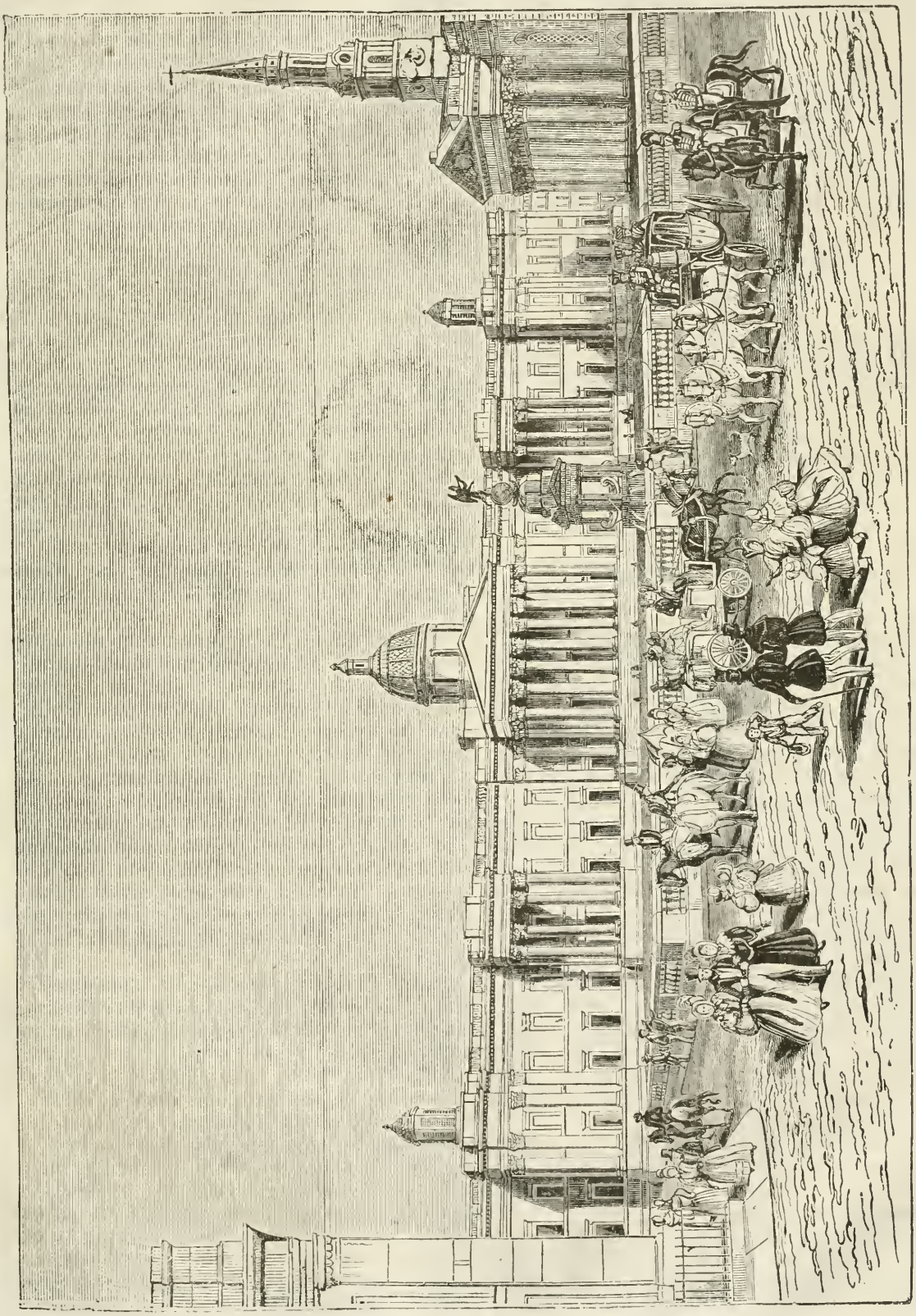
Nunca a temperatura em Bengala desce a ponto de se congelar a agua. Mas, obtem-se alli o gelo artificial, procedendo do modo seguinte: Abrem-se covas pouco profundas que se enchem em parte de palha; sobre a palha collocam, ao ar livre, alguidares cheios de agua a ferver. A agua tem, como é sabido, uma grande força de radiação; espalha abundantemente na athmosphera o calor que contem: ora, o calor perdido d'este modo não póde ser substituido pelo da terra, porque os alguidares estão separados do solo por meio da palha, que é mau conductor e detem-lhe a passagem. Antes mesmo do sol nascer, a agua dos alguidares está convertida em gelo. Dizem, que para obter esta congelação devem-se escolher noites claras e serenas e durante as quaes caia mui pouco orvalho. É preciso tambem observar que a palha não esteja humida, porque o vapor que d'ella sairia e se elevaria ao de cima dos alguidares, suspenderia a dissipação do calor da agua, ou por outros termos, a sua radiação.

GALERIA NACIONAL DE LONDRES

A immensa capital da Grã-Bretanha é a cidade que talvez possue maior numero de collecções particulares, de galerias, de museus, de edificios destinados a archivarem os productos da arte, e os exemplares zoologicos, emfim tudo quanto chama a attenção, e attrahe a curiosidade dos viajantes.

Os mais notaveis estabelecimentos d'este genero são: *Museu inglez*, edificio enorme, talvez sem ri-

val no mundo, que possuia tamanha quantidade de objectos relativos a sciencias e artes, litteratura, archeologia, etc. que não bastaram trinta annos a uma sociedade de sabios para organisar o catalogo; o *Soane's museum* destinado exclusivamente para objectos archeologicos, que atulham vinte e quatro salas, e entre os quaes se distingue um celebre sarcophago de alabastro encontrado nas



Galeria Nacional de Londres.

minas de Thebas; o museu de medicina; o museu de cirurgia; o museu geologico de Saull; o museu de antiguidades de Londres, rico em medalhas que sobem até á época do dominio romano; o museu entomologico; o museu zoologico; o museu da Academia Real que possuia cartões de Raphael, telas de Rubens e da maior parte dos pintores; a Galeria Vermon que possue principalmente quadros inglezes, e finalmente a Galeria nacional, que a nossa gravura representa, e cujo edificio se distingue pela sua nobre architectura.

Já veem, por este leve especimen meu, que não era exaggerado o nosso suavissimo poeta João de Lemos quando exclamava, saudoso da sua patria e mirando os explendores da opulenta cidade ingleza:

Vastas serras de tijolo,
Estatuas, praças sem fim,
Retalham, cobrem o solo...
Mas não me encantam a mim.

Tinha rasão o grande poeta. Fica-te embora; ó Londres gigante, com a tua Galeria Nacional, os teus museus, os teus palacios e templos que...

Na minha terra uma aldeia
Em noites de lua cheia
É tão bella, é tão feliz!
Amo a casinha da serra
C'o a lua da minha terra
Na terra do meu paiz.

A BOCCA DO INFERNO

II

Que sol tão brilhante! que lympida athmosphera! Como entre as arvores gorgeiam contentes os passaros! Como a natureza sorri! É um lindo dia de agosto, que convida a viver e amar!

Mas a noite esteve ventosa, e o mar está crespo. Os navios que passam diante de Cascaes vão ao largo e parece que se arreceiam da barra, por causa do vagalhão que alli rebenta sobre os chopos.

Lá se avista um lindo brigue com o panno solto ao vento. Como se emballa sobre as ondas revoltas! Está muita gente na praia observando o brigue, que ora se levanta alteroso no largo dorso de uma vaga, ora parece descer ao abysmo. Demanda a embocadura do Tejo, pára, observa, hesita e volta de bordo, obedecendo rapido e ligeiro á manobra. O mar na foz referve em cachões; está a maré baixa e a vaga é immensa. Que procura o navio? Navega para a enseada de Cascaes. Aproxima-se; pára; ouve-se o apito do official marinheiro: o panno ferra-se. Segue-se um ruido surdo. É a amarra que passa velóz pelos escouvens; é o brigue que dá fundo!

A população de Cascaes corre quasi toda á praia para reconhecer o navio. De bordo larga uma lancha, levada a oito remos, e trazendo, sentado a ré, um official de marinha.

O sol reflecte-lhe nos galões de ouro da farda e do bonet. Na praia, alguns corações femeninos batem de curiosidade e ancia por ver de perto o official que traz os cordões do leme, guiando tão bem a fragil embarcação sobre as ondas furiosas, sereno e intrepido, como valente marinheiro que é.

A lancha abicou, e um gentil moço de 24 a 25 annos saltou em terra. Era segundo tenente. Na physionomia tinha esses traços severos que revelam energia e denodo. A cabeça era de um bello perfil grego. Tinha o rosto tostado pelo queimor do sol intenso dos tropicos.

Os olhos eram negros e grandes; a barba preta e bem talhada. Por baixo do bigode alvejavam-lhe magnificos dentes, cuja brancura faria inveja ao mais puro marfim da Ethiopia.

Entre as diversas familias que n'aquella época se achavam em Cascaes, havia uma que constava somente de tres pessoas, e cuja descripção vou rapidamente esboçar.

D. Thereza de Brito era viuva de um velho fidalgo, administrador de vinculo, e morto havia tres annos. Ficára com um filho, que por direito de varonia herdára o morgado, e uma linda filha de 21 annos, com quem Deus fora prodigo em graças. Christina era o seu nome—Christina Adelaide, se não me engano. Havia no seu rosto uma suavidade melancolica que encantava. Advinhava-se-lhe no olhar languido um mundo de mysterios. A boca, da côr vermelha do cravo, sorria esses sorrisos meigos que enfeitiçam. Os cabellos preciosos completavam aquella linda imagem de mulher, que representada na tela, os apostolos da arte tomariam por ficção, por sonho, por alguma inspirada visão de Cimabué, Rembrandt, ou Rafael.

Na fronte de Christina havia, além da belleza attraente da forma, esses reflexos de luz superior, que são o poder fatidico da fascinação, e que parece terem sido o segredo dos triumphos de Cleopatra, de Aspasia, e de lady Hamilton, a celebre amante de Nelson.

A formosura do rosto juntava Christina a perfeição esculptural da figura. Realisava na suavidade dos contornos e na harmonia das proporções o bello ideal da plastica, que na antiguidade pagã celebrára o Jupiter de Phidias e a Venus de Praxiteles. Tinha d'aquelle a magestade, desta a formosura. No porte o ar de soberania do rei dos deuses—nas feições a languida ternura da amante de Mavorte.

Quando Christina passava, com a sua figura de rainha, nos saraus de Lisboa, todos a admiravam como um grande astro que não se podia fixar sem deslumbramento.

Eu gosto de ver na mulher bella esse ar de superiodidade, de soberania, que tão bem quadra á realeza da formosura. Christina do alto da sua magnificencia olhava como por favor para as turbas dos cortesãos que aos pés lhe moviam thuribulos, envolvendo-a no fumo do incenso. Não eram esses thuribularios de profissão que podiam captival-a. Alma elevadissima, aspirava a gozos superiores, que não esses que lisonjeiam a vaidade sem darem ao coração verdadeiros prazeres. Sonhava com o amor, mas na paz, no

remanso, na solidão. Esse que se manifesta, quasi sempre falso, no tumulto dos bailes; que se exprime com phrases parvoinhas e vulgares, a que faltam inspiração e enthusiasmo; que se declara calçando as luvas, endireitando os collarinhos, ou compondo as pulseiras, esse, repugnava-lhe. Coração formapara comprehender tudo que é grande e superior, não poderia nunca impressionar-se pelos sentimentos vulgares e methodicos dos pretendentes de salão.

Christina contava por este tempo 24 annos.

Alguns paes se tinham apresentado a requerer para seus filhos a mão da donzella, mas ella regeitára todos; e quando a morgada um dia lhe perguntou se tencionava ficar solteira, Christina respondeu:

—Não sei ainda, mamã. O que posso dizer-lhe é que só casarei com o homem que o meu coração escolher. Dos que tem até hoje pretendido a minha mão nenhum me agrada. Que quer? Não posso tolerar estas creaturas que apenas sabem fallar dos seus cavallos, e cuja linguagem ás vezes importuna mais do que deleita as mulheres, dotadas quasi sempre de instinctos delicados, que elles não comprehendem... Aquelle que quizer ser meu marido ha de amar-me de outro modo.

—Ora ahi está o que se chama ser creança. Creio que o amor foi sempre a mesma coisa em todos as épocas.

—É verdade, mas em todas as épocas houve tolos, e houve homens superiores. Se soubesse como os tolos me enfastiam!

D. Thereza não comprehendeu bem o que Christina queria dizer. Fez um trejeito, e retirou-se dando graças a Deus por ter uma filha com tanto juizo.

É que á morgada faltava o que Christina possuia em alto grau—intelligencia e imaginação. Se é bom ou mau dote, não tento eu discutir. Para a mulher creio que é sempre presagio de desventura.

As imaginações vivas são ricas de visões. Christina teve muitas, visões candidas, que povoam a mente dos adolescentes e arrastam muitas almas para precipicios, em busca da felicidade que o mundo não póde realisar.

Ás vezes são estas as imaginações que a sociedade chama desregradas. Christina pertencia porventura a ellas—oh! mas bemdita a mulher que se deixa viver nas regiões doiradas da phantasia, e foge de cair no charco das vilezas e das aberrações moraes, que na linguagem do mundo se chamam conveniencias da razão, e similhantes.

A. D'OLIVEIRA PIRES

(*Continua.*)

O QUE ACONTECERIA SE O MOVIMENTO DA TERRA CESSASSE SUBITAMENTE

Superfluo seria dizer que procurando nós responder a esta curiosa questão, lhe não damos por isso mais importancia do que ella deve ter. Que o nosso globo cesse um dia subitamente de girar, é o que nós podemos sem receio declarar impossivel, e isto com toda a auctoridade que pertence aos principios da mechanica celeste. Da parte do nosso mundo não temos a esperar,—a receiar—essa phantasia. A receiar, porque, com effeito, eis as consequencias inevitaveis que resultariam de semelhante phenomeno.

Convem, porém, antes de tudo, dizer que a velocidade de um corpo situado na superficie da terra compõe-se de dois elementos: movimento de rotação diurna do globo á roda do seu eixo e movimento de translação á roda do sol. Em virtude do primeiro, os corpos collocados no equador terrestre percorrem 417 leguas por *segundo*. Esta velocidade diminue do equador, aonde ella é maxima, para os polos, aonde é nenhuma, por quanto os corpos teem naturalmente tanto menos caminho a percorrer quanto menor fôr o circulo de latitude. Pelo que diz respeito ao segundo movimento da terra, da sua revolução no espaço á roda do sol, todos os seus pontos indistinctamente percorrem 456 leguas por minuto, ou 7 $^{6}/_{10}$ leguas por *segundo*. Poder-se-ha fazer uma idéa d'esta velocidade se se reflectir que um comboio expresso, expedido com toda a força, não anda mais de 16 metros por segundo, e que uma bala de 24 apenas percorre na mesma unidade de tempo 390 metros.

Todos os pontos, que pertencem a um systema material em movimento, sendo animados do mesmo movimento, se, por uma suspenção repentina este systema cáe subitamente em repouso, os pontos que se podem descollocar na sua superficie continuarão, em consequencia da velocidade adquirida, a mover-se na direcção primitiva. É em virtude d'este principio que, quando succede um cavallo atrellado a um carro cair de improviso na sua carreira, os individuos que elle conduz, saltam desastradamente por cima da cabeça do pégaso; é ainda em virtude d'este mesmo principio que é preciso tomar certas precauções quem desce de uma carruagem em movimento, a fim de, pousando subitamente no solo immovel em quanto que o corpo está ainda animado da velocidade adquirida, não ir beijar os rastos do vehiculo.

A terra é, como temos visto, uma carruagem mais rapida do que os omnibus, caleches, wagons. Se parasse de repente, escusado é dizer que, todas as precauções, para evitar uma morte instantanea, seriam inuteis. Todos os objectos que não estão implantados e fixos no solo, que só adherem á superficie pela lei da gravidade, seriam immediatamente e de um só jacto lançados no espaço, com uma velocidade inicial de 8 leguas por segundo, rapidez de que somos dotados presentemente. Os passeantes tranquillos, os trabalhadores e os individuos em repouso, os animaes domesticos e os que vivem nas florestas, os passaros, as nossas carroagens, machinas, em fim, tudo isto se precipitaria de um salto na direção do movimento da terra.

Quanto ao oceano, que cobre os dois terços do globo, a sua massa liquida, beijando as praias, submergiria, em um abrir e fechar de olhos, as ilhas e continentes, coroando o edificio da morte; de-

pressa galgaria as mais elevadas montanhas e faria passar o nosso globo por uma transformação de superficie como nenhuma das antigas revoluções, que o teem atormentado.

Os theoricos que se teem entretido em procurar no diluvio biblico uma causa natural não teem deixado por vezes de pôr em scena essa causa poderosa e de affirmar que o choque de um cometa podia facilmente operar a suspensão de movimento e as suas pesadas consequencias. Hoje sabemos que um cometa poderia passar sobre a terra sem que nós dessemos por tal.

Outro facto muito curioso, que se seguiria ao anniquilamento da velocidade da terra, é este. A força centripeta, que attrahe os planetas para o sol, deixando de ser contrabalançada pela força centrifuga, a terra cairia em linha recta no sol. Se houvesse ainda sobre o globo outros seres alem dos peixes poderiam então ver o astro brilhante, que tão pequeno nos parece, crescer, crescer, crescer giganteamente. A terra chegaria lá 64 dias depois da sua sahida do lugar que occupava e desappareceria na superficie do planeta ardente, como um aerólitho sobre aquella.

O nosso globo não é uma excepção á regra geral; a mesma sorte estaria reservada aos outros planetas, se se achassem no mesmo caso. Assim, se a velocidade de Mercurio, de Venus, de Jupiter, ou de Saturno fosse anniquilada, estes planetas iriam tambem, immediatamente, dar um passeio até ao sol, o primeiro em 15 dias, o segundo em 40, o terceiro em 767, o ultimo em 1900.

Mas, eis-aqui uma cousa ainda mais curiosa.

Está reconhecido que o movimento não pode deixar de existir, assim como atomo algum de materia; pode combinar-se, dividir-se, perder-se em uma certa somma de forças parciaes, mas nunca anniquilar-se. Pode, e é este o ponto importante, transformar-se em calor; e transforma-se effectivamente todas as vezes que parece perder-se como força motriz. Assim, dando-se repetidos golpes sobre um prégo cravado e por consequencia immovel; o movimento do motor, não se communicando ao prego, transforma-se em calor: isto facilmente se percebe pelo tacto. Sem multiplicar exemplos, todos teem affirmado por experiencias esta transformação mechanica do movimento em calor.

Ora, se por uma causa qualquer parasse instantaneamente o movimento multiplo que anima o nosso globo, este movimento soffreria a transformação, de que acabamos de fallar. A terra aqueceria de repente;—e quer saber, leitor, em que grau?—A quantidade de calor gerado pela suspensão, equivalendo a um choque colossal, bastaria não sómente para *fundir* toda a terra, mas ainda para reduzir a sua maior parte a *vapor*.

Esta consequencia domina todas as precedentes e absorve-as. A terra deixaria de ser um planeta; a sua massa, o seu volume, a sua densidade, inteiramente mudados, não mais permittiriam as applicações que acima assignalamos, sobre o movimento desordenado dos corpos na sua superficie, a effusão dos mares, e a queda no sol; todos estes elementos dados pela mechanica seriam modificados segundo o modo mais ou menos rapido com que se tivesse operado o phenomeno.

Se a suspensão em vez d'instantanea fosse um afrouxamento progressivo, cujo complemento demandasse da duração de alguns minutos, a terra poderia tornar-se tão quente que todos os seres vivos que existem na sua superficie perecessem subitamente.

Terminamos estas reflexões como as começamos, dizendo que a questão é mais curiosa que importante, e que, com toda a certeza, podemos dormir tranquillos, e sem os mais leves indicios dos temores imaginarios que ella momentaneamente poderia fazer nascer em nosso espirito.

MONUMENTO ERIGIDO Á MEMORIA DE RENÉ CAILLÉ

A colonia franceza do Senegal, quiz, segundo consta, prestar um testemunho da sua sympathia á memoria de René Caillé, ao qual se devem as primeiras noções positivas relativas á Africa central, mandando levantar em Deboké, assente no rio Nunez, um pequeno monumento em cuja construcção a administração da colonia gastou 4000 francos, (640000 réis prox.)

A inscripção gravada em uma das faces é da fórma seguinte:

«Este monumento foi levantado á memoria do illustre viajante René Caillé. Tendo partido d'este logar em 29 de abril de 1827, chegou em 7 de setembro de 1829 a Tanger, havendo passado por Timbuktu »

A. May

SONETO

Os poetas, que o são de *raça fina*,
Entenderam que é ter grande finura
Elevar o *sublime* a tal altura
Que o mundo não perceba *patavina*.

É sua linguagem *tão divina*,
Que lhe não mette dente a creatura;
E cuida, ao escutar coisa *tão pura*,
Que ella aos *deuses do olympo* se destina:

Chama-se a isto *genio transcendente*,
Que, traduzindo *idéas singulares*,
Não lhe é dado fallar *lingua de gente:*

Estes são da poesia os *luminares*;
Deixam o mundo, e devem, certamente,
No Parnaso habitar *quintos andares*.

J. I. d'Araujo.

Não ha cousa que traga mais certo o somno ás moças, que a dôr grande: e ás velhas, tira-lho.

B. Ribeiro

Bemaventurado se pode chamar nesta vida quem tem dôr que se suporte; pois segundo parece não se pode viver sem ella, assim, ou assim.

B. Ribeiro

Typ. Franco-Portugueza, Rua do Thesouro Velho, 6.

O LEOPARDO

A *panthera* e o *leopardo* são duas especies que pertencem á raça *felina* e que se confundem muitas vezes uma com a outra. O *leopardo* (*Felis leopardus*, do lat. *leo* leão, *pardus* panthera) habita na Africa e na Asia; a *panthera* (*Felis pardus*) só se encontra na India e nas ilhas da Sonda. O primeiro é maior que a segunda e attinge por vezes 1 metro 30 de comprimento, não comprehendida a cauda. A côr do pello do leopardo é de um louro claro com 6 a 10 fileiras de manchas pretas,

O Leopardo

em forma de roseta, isto é formadas de tres a quatro laivos simples, sobre cada flanco. A da panthera é de um amarello carregado, com um grande numero de manchas igualmente em forma de roseta, porém mais proximas umas das outras. Estes dois animaes vivem nas florestas, e sobem, dizem, ás arvores com extrema agilidade perseguindo os macacos, aos quaes fazem uma caça activissima. Os seus costumes são muitissimo semelhantes aos dos outros animaes felinos de grande corpo.

Existe na ilha de Java uma especie d'esta mesma familia, que se chama *Mélas* e *Arimaú* (*Felis melas*,) porém mais commummente *Panthera negra*, que excede algumas vezes, as especies de que fallámos, em tamanho; mas, ordinariamente tem o corpo e a forma geral da panthera, e a côr do pello negra deixa ainda distinguir signaes, como os d'esta, de um preto mais carregado. Muitos auctores olham este animal como uma especie distincta, e outros consideram-n'o simplesmente como uma variedade da panthera vulgar. Seja como fôr, é impossivel existir um animal mais cruel, e de aspecto mais feroz. Durante o dia, não sae do covil; mas, logo que a noite cobre com o seu negro manto a terra, torna-se um objecto de terror para todos os entes vivos.

O leopardo tem logar entre as figuras heraldicas.

O TABACO

(Conclusão)

A maneira de fumar o tabaco está tambem longe de ser indifferente.

Os cachimbos turcos ou hollandezes teem a vantagem de despojar o fumo dos seus oleos empyreumaticos e de tornal-o menos prejudicial. O charuto, pelo contrario, colloca os fumadores na posição de mascar e engulir o succo do tabaco, o que dá lugar a effeitos de irritação local, assim como a effeitos de absorpção muito incommodos. Os fumadores teem os beiços e as gengivas inflammadas, os dentes amarellos, fuliginosos e com o esmalte alterado. Emfim, o abuso do tabaco póde gerar o cancro nos labios, doença

terrivel, que de anno para anno se tem tornado mais frequente. Segundo uma estatistica devida a M. Leroy, o cancro dos labios figura apenas $^1/_{100}$ entre a mulher, em quanto que no homem eleva-se a mais de $^1/_{26}$. O cancro da lingua poderia, como o dos labios, merecer o nome de *cancro dos fumadores;* a sua causa é quasi sempre o abuso do cachimbo, especialmente do cachimbo curto, dito *queima-guelas*, cujo fumo entra quente e agro na bocca. Tambem, por uma estatistica de M. Borgeron, o cancro do estomago é mais frequente no homem do que na mulher, e a causa deve-se procurar nos funestos effeitos do tabaco de mascar. O celebre philosopho francez Mallebranche morreu d'esta terrivel molestia: tinha-se habituado a mascar tabaco.

Passemos agora a fallar dos effeitos do fumo do tabaco, o qual, segundo M. Melsens, contem, pouco mais ou menos, 7 por cento de nicotina.

É sabido que n'um espaço cheio de fumo de tabaco, não se pódem reunir muitas pessoas e demorarem-se alli algum tempo sem experimentarem dôres de cabeça, nauseas e mesmo syncopes. Eis um caso dos mais frisantes. Um mancebo de dezesete annos tinha ido visitar seu tio, que occupava, em uma casa de campo, um quarto pequeno e pouco arejado. O tio entrou proximo das Ave-Marias em companhia de dois amigos e todos tres estiveram fumando até á meia noite. Logo que os amigos se retiraram, o tio quiz deitar-se ao pé do sobrinho; mas, qual não foi a sua admiração, quando, ao entrar na cama, encontrou o mancebo inteiramente frio. Pediu soccorro, mas já era tarde. O joven tinha succumbido a uma congestão cerebral determinada pela asphyxia.

É nas fabricas do tabaco, especialmente, que os peritos pódem fazer as suas observações. A maior parte dos operarios são obrigados a suspenderem, de vez em quando, os seus trabalhos, por causa das dôres de cabeça, nauseas, dyspepsia, etc. Ainda não ha muito tempo que um infeliz, que tinha adormecido na casa da fermentação, morreu asphyxiado. Os operarios acostumados a esta athmosphera, conservam sempre um ar de soffrimento, com certos caracteres physicos de velhice prematura; teem má côr, soffrem da cabeça e do estomago, emmagrecem, teem tremores, etc.

A maior parte d'estes symptomas, com especialidade as dores de cabeça e digestões difficeis, observam-se tambem nos fumadores de profissão. Experimentam habitualmente uma sêde mais ou menos viva, alternativas de prisão de ventre e de diarrhea. A estes symptomas juntam-se o embotamento dos sentidos, a demora da concepção, o enfraquecimento da memoria, a falta de precisão nos movimentos musculares, o tremor dos membros; n'uma palavra, tudo o que denota um estado morbido dos centros nervosos. Os orgãos do ouvido e da vista soffrem tambem com o abuso do tabaco, como o provaram M. Bonnafont, Sichel, Hutchinson e outros medicos.

Segundo as averiguações experimentaes de M. Claude Bernard e do doutor Decaisne, o tabaco exerce principalmente os seus effeitos sobre os centros nervosos, com especialidade sobre a fibra motriz. Ultimamente citou-se o exemplo de um estudante ainda novo, que tinha chegado a um estado de idiotismo epileptico, resultado da embriaguez permanente de tabaco. Sir Charles Pastings observou um caso de epilepsia muito grave em um menino de doze annos, que fumava em excesso havia dois annos, e que se achou curado logo que conseguiu abandonar este funesto habito. M. Michéa, encontrou muitos exemplos de ataxia locomotriz entre os fumadores incorrigiveis. O Doutor Hiffelsheim contou na *União Medica*, um caso de *delirium tremens* sem delirio, devido ao abuso do cachimbo, e que desappareceu com a causa do mal.

Mas o que sobre tudo é muito grave, é a parte evidente que o tabaco toma no desenvolvimento das doenças mentaes, e especialmente d'esta forma de alienação mental, que se designa sob o nome de geral e progressiva. Dois medicos belgas, Gaislan e Hagon, foram os primeiros a mostrar a influencia do tabaco e das bebidas alcoolicas sobre o desenvolvimento quasi inaudito d'estas doenças. Por uma estatistica do doutor Rubio, vê-se que o numero relativo de alienados é muito mais consideravel nos paizes do Norte, onde o consummo das bebidas alcoolicas e o do tabaco é muito maior, que nos paizes meridionaes, muito sobrios e pouco fumadores. Segundo M. Moreau, de Tours, não se encontra um só caso de paralysia geral na Asia Menor, onde se não abusa das bebidas, e onde se fuma um tabaco quasi isento de nicotina. Pelo contrario, as doenças mentaes multiplicam-se de uma maneira espantosa na Europa, á medida que o consummo do tabaco augmenta.

Já se viu que de 1830 a 1862, o rendimento do tabaco, ao thesouro de França, elevou-se de 30 a 200 milhões de francos. Ora, durante o mesmo periodo, o numero dos alienados elevou-se, alli, de 8000 a 44000. Estas cifras não comprehendem, além d'isso, senão os alienados sequestrados; porque se se lhe ajuntasse a dos que são tratados em seus domicilios, chegaria provavelmente a 60000!

Em summa, contando as outras doenças dos centros nervosos, que testemunham uma etiologia commum e que não figuram nas estatisicas, seria preciso escrever — 100:000 — para mos-trar o numero dos individuos que, em França sómente, soffrem os effeitos toxicos do fumo do tabaco.

M. Jolly procurou nos asylos publicos e particulares documentos proprios para esclarecer a questão de que estamos tratando, e assim poude convencer-se de que nos homens é sempre a *paralysia muscular* ou *nicotica* que domina, a ponto de constituir ella só por si o excedente da cifra normal dos alienados, quando as outras formas de alienação mental soffrem apenas fracas variações de numero. Nos asylos das mulheres alienadas, pelo contrario, não se encontram senão as formas antigas e por assim dizer classicas da loucura, e as paralysias geraes raras vezes apparecem.

Poderão objectar que tudo isto não passa de simples coincidencias. Mas quando as coinciden-

cias se multiplicam, equivalem a uma demonstração. Vêmos a principio que a paralysia geral ataca de preferencia os individuos que fazem uso de tabaco mais ou menos saturado de nicotina. Os militares, os marinheiros sobre tudo, que excedem o resto da população no uso do cachimbo e do charuto, figuram sempre em primeira linha na cifra dos alienados paralyticos; pelo contrario, as mulheres são quasi isentas d'esta doença. As populações que não fumam, ou que fumam um tabaco sem nicotina ou outras plantas, taes como lupulo, chá, etc. gosam da mesma immunidade.

Objectou ainda M. Jolly que o abuso das bebidas alcoolicas associa-se muito a miude ao abuso do tabaco, para que se possam separar os effeitos d'estas duas causas. Sem negar os effeitos perniciosos do absintho, da aguardente e de outras bebidas alcoolicas, M. Jolly crê ter demonstrado que o abuso do tabaco deve ser considerado como séde principal das causas da paralysia geral dos alienados, e eis aqui a razão: M. Jolly viu (e outros medicos teem já confirmado esta observação) paralyticos bebendo apenas agua, mas fumando desmedidamente. M. Grisolle observou um doente que, muito sobrio nas bebidas, fumava uma parte do dia e da noite e que tinha caido em um estado quasi de demencia paralytica. Achou-se promptamente curado logo que, avisado da causa da sua doença, renunciou o tabaco. O doutor Maillot, presidente do conselho de saude militar, affirmou que entre o grande numero de paralyticos, que se offerece annualmente á inspecção, encontram-se muitos que se distinguem pela sua sobriedade no que diz respeito ás bebidas alcoolicas, mas que abusam do cachimbo e do charuto. Emfim, em certas provincias da França, Saintonge, Limousin, Bretanha, aonde se fuma muito pouco, mas é grande o consummo da aguardente, a paralysia geral é quasi desconhecida.

Este concurso de factos e testemunhos é mais que sufficiente para provar que é, especialmente, ao abuso do tabaco, que se deve attribuir a causa essencial da paralysia geral, doença que figura hoje em França por dois terços na cifra total dos alienados.

Um tal facto não póde deixar de ter influencia no movimento da população. Effectivamente, as estatisticas provam que a população em vez de augmentar tem diminuido.

Antes de 1844, o excesso annual dos nascimentos sobre os obitos era de 150000 almas. Em 1847, notou-se, pela primeira vez, um excedente na mortalidade de 107000 sobre a cifra dos nascimentos. Em 1854, confirmou-se um excedente de 69000 obitos; o que, sommado com a cifra 150000, que tanto foi o de 1853, dá uma perda de 219000 almas em dois annos. Em vão se tem procurado explicar estes tristes resultados pela carestia dos viveres, pelas guerras, epidemias, causas todas estas que, geralmente, produzem fracas oscillações no movimento da população; e não se tem attendido ao numero crescente dos alienados e paraplegicos, com os quaes senão póde contar para a reproducção da especie. Além disso está provado que o tabaco actua como um anaphrodisiaco, e M. Légalas citou ultimamente um exemplo frisante. O abuso, pois, d'esta planta prejudica não sómente as forças musculares e intellectuaes, mas ainda a conservação da especie.

O exame dos mappas de mortalidade n'estes ultimos vinte annos, mostra tambem que, de trinta a cincoenta annos, os obitos são muito mais numerosos nos homens do que nas mulheres; de sorte que o numero d'estas que, antes d'esta época, era inferior ao d'aquelles, hoje é superior. Este resultado, decididamente, não póde contribuir para o augmento da população. Procurando a causa d'esse vacuo immenso que se opéra nas fileiras dos homens na época mais florescente da sua vida, a estatistica da mortalidade diz-nos que o maior numero d'estes obitos é devido ás doenças dos centros nervosos, ás differentes formas de doenças mentaes e de paralysias. Ora, como temos demonstrado que o abuso do tabaco vem em primeiro lugar entre as causas d'estas affecções, não se poderá contestar que este veneno não tenha uma influencia manifesta no nenhum augmento da população, mostrado pelas estatisticas. O tabaco viria da America para esgotar as fontes da vida?

Uma vez que o mal chegou a um tal grau de gravidade, é tempo de se lhe procurar remedio. Eis aqui as differentes medidas que M. Jolly propõe:

Em primeiro lugar, substituir no commercio os tabacos mais ou menos saturados de nicotina, pelos do Levante, Grecia, Arabia, Havana, Paraguay, Brazil, quasi isentos d'aquelle alcaloide. Ao mesmo tempo dar-se-ia á agricultura essa grande porção de terreno que França está empregando na a cultura de uma planta venenosa.

Infelizmente, não é provavel que um tal projecto possa ser realisado. Mas n'este caso, M. Jolly propõe outra medida, que consiste em despojar os tabacos indigenas do seu excesso de nicotina. Difficilmente se chegaria ao desejado fim, mas nada impede o introduzir bolinhas de algodão nos tubos dos cachimbos e nas boquilhas para não poder passar a nicotina. Em todos os casos os chimicos deveriam dirigir os seus esforços para este lado, isto é: a eliminação da nicotina; fariam com isso um verdadeiro serviço á humanidade.

O que tambem é necessario é esclarecer o publico sobre o valor relativo das diversas especies de tabaco no ponto de vista hygienico, e sobre as doenças que devem a sua origem ao abuso de tal planta. Dever-se-hia emfim proscrever severamente o tabaco em todos os estabelecimentos de instrucção publica, e prohibir a venda d'esta planta aos individuos que contassem menos de dezeseis annos de idade. Estas medidas prohibitivas impediriam bom numero de crianças de se habituarem a uma cousa tão funesta, n'uma idade em que não podem prever as consequencias, e arruinarem o seu temperamento e força antes de terem acabado o seu desenvolvimento physico.

UM BAILE DE ESTRELLAS NO SECULO XVII

No anno 1612, por occasião do casamento de Isabel de Inglaterra com Frederico V, houve em Londres festas magnificas, que terminaram pela representação de uma especie de baile ao qual se julgou mui acertado dar o nome de *Moralidade*.

Orphêo appareceu primeiro seguido de um camello, de um tigre e de um leão, aos quaes fascinava com os melodiosos sons da sua lyra. Cousa surprehendente! mas a idéa não era nova; em 1472 já havia figurado no theatro o *Orfeo* de Ange Politien, peça áqual a Italia havia dado o nome de tragedia, e que foi representada diante do cardeal Francisco de Gonzaga. O Orphêo do theatro inglez estava naturalmente submettido ao poder do grande Jupiter. Ora, quando conseguiu amansar os animaes ferozes que se achavam reunidos á roda d'elle, um mensageiro divino, Mercurio, veio pedir-lhe da parte do rei dos deuses outro milagre: convidou-o a fazer dansar as estrellas prolongado os sons da sua lyra. Immediatamente as estrellas se agitaram nos céos e dansaram uma giga muitissimo animada; cavalleiros armados de lanças negras guiavam estes astros, e quando dansaram sufficientemente no Olympo, desceram á terra para divertirem os mortaes. Mas, subito, as estrellas femininas desceram do céo e, depois de terem figurado entre as nuvens, não desdenharam vir procurar os dansadores e executarem com elles uma sarabanda. Eram as almas das fieis damas que provavam d'este modo a sua constancia aos bellos cavalleiros com os quaes haviam promettido unir-se. N'isto, sem duvida, é que estava a moralidade.

Affirma-se que este baile, que não é mais extravagante que muitos outros, teve uma fama surprehendente, não diremos voga: estas peças misturadas de canto, apenas tinham uma representação e não serviam senão para a solemnidade que as havia feito nascer.

TASSO

Rosquejo biografico

Torquato Tasso nasceu em Sorrento, a 11 de de março de 1544. Descendente de uma das mais illustres familias de Italia, recebeu em Napoles uma educação esmerada.

Quando Carlos V desterrou de Napoles os partidarios do principe de Salerno, foi entre elles Bernardo Tasso, pae de Torquato. A estrella funesta, que, não sei porque mofino sestro, acompanha sempre os grandes genios poeticos, attribuiu Bernardo Tasso um especial influxo nas suas desventuras; e para logo resolveu tolher a extraordinaria vocação para a poesia que em seu filho se manifestára desde a idade de sete annos, mandando-o estudar direito em Pádua.

Mas o genio reagiu; e, por entre as agruras da jurisprudencia, cresceu breve a flor da poesia que—magestoso florão—engrinaldou depois o inspirado cantor da *Gierusalemme liberata*.

Logo aos dezesete annos publicou um poema, sob o titulo de *Reinaldo*. Mas o *Reinaldo*, como nota Voltaire, não passa de uma imitação de Achilles, com quanto desperte mais interesse. Todavia a estreia do joven poeta teve um acolhimento bastante lisongeiro, que o animou a encetar aos vinte e dois annos a *Jerusalem*.

Tasso procurou um Mecenas, e alcançou o patrocinio do duque Affonso II, sendo bem recebido na côrte de Ferrára.

Affirma-se que Torquato Tasso se apaixonára profundamente por D. Leonor, irmã do duque. Affonso II, breve foi iniciado nos suavissimos mysterios d'aquelles dois corações, e o poeta começou a ser mal tratado na côrte.

Sem bens, sem pae nem patria, mal visto pelo duque, e conhecedor da impossibilidade de realisar as suas mais intimas aspirações, Torquato Tasso tornou-se extremamente melancolico, caindo por vezes n'um tal furor, que o fazia passar por louco. D'estes accessos momentaneos lançou mão Affonso II, para o afastar do seu palacio, encarcerando-o no hospital de Sant'Anna, que era então o hospital dos doudos.

Depois de alguns annos de prisão, poude tornar a ver a luz do dia, não para entrar de novo na explendida côrte de Ferrára, mas para ir a Surrento pedir a uma irmã algum allivio para as sua desventuras; porém o poeta voltou para Ferrára coberto de andrajos, e de novo foi encarcerado!

Ao cabo de vinte annos de penas e privações, os inimigos de Torquato Tasso curvaram-se diante da auréola do genio, e o poeta foi arrancado aos braços da miseria.

O cantor das crusadas foi mesmo chamado a Roma por Clemente VIII, para receber a *corôa de louro*, que n'aquelle tempo era uma grande honra. Porém, adoeceu durante os preparativos da ceremonia; e, ao romper do dia, em que havia de ser coroado no capitolio, foi receber da mão de Deus a corôa immarcessivel da gloria eterna.

CANDIDO FIGUEIREDO.

Ha chorar com lagrimas, chorar sem lagrimas, e chorar com riso: chorar com lagrimas é signal de dôr moderada; chorar sem lagrimas é signal de maior dôr, e chorar com riso é signal de dôr summa e excessiva.

. . . . . .

A dôr moderada solta as lagrimas, a grande as enxuga, as congela e as séca. Dôr, que póde sair pelos olhos não é grande dor.

P.e ANTONIO VIEIRA

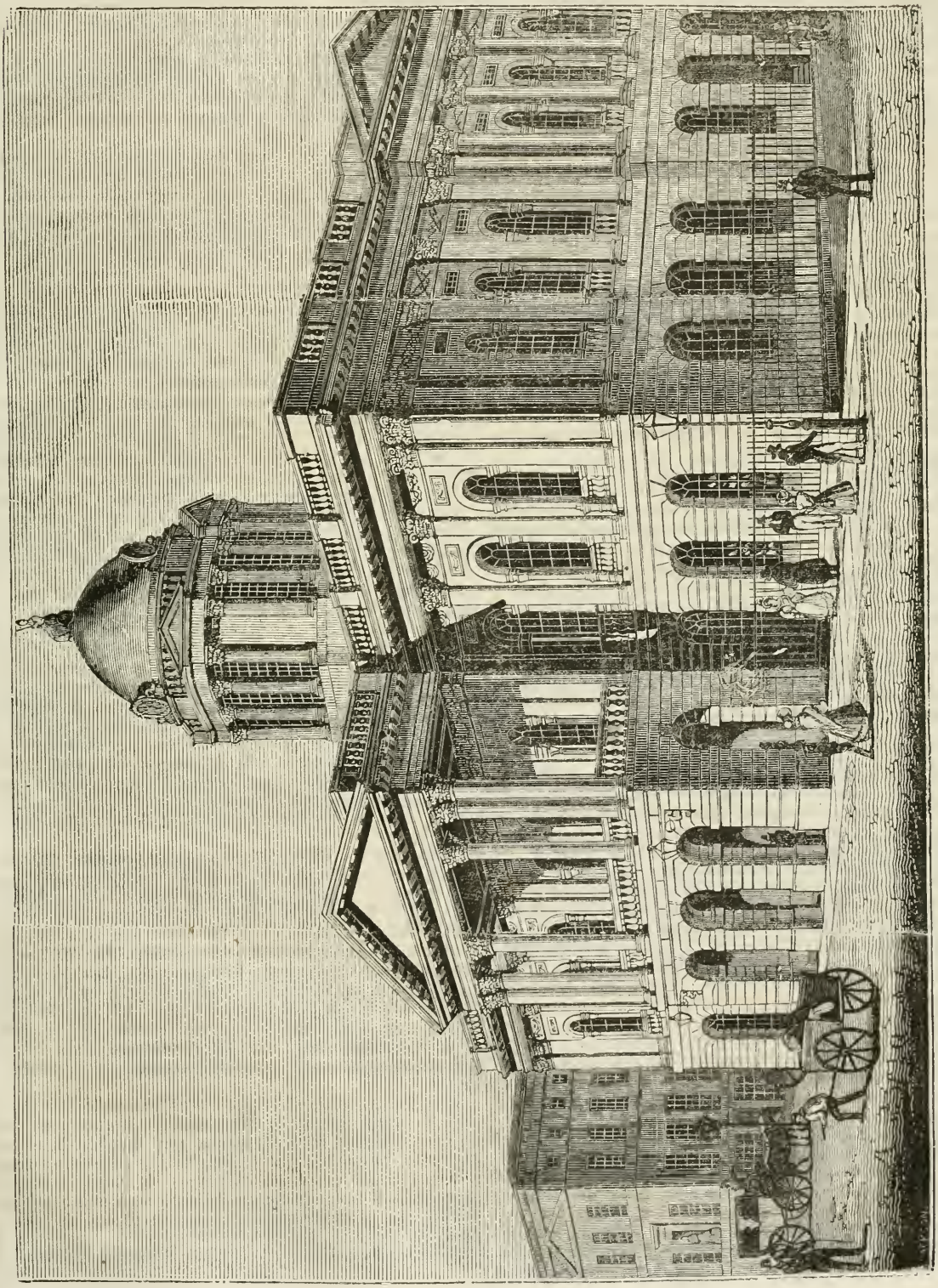
LIVERPOOL

Casa da camara

É, depois de Londres, a cidade mais commercial do Reino-Unido. Faz parte do condado de Lancaster, e debruça-se no espelho cristallino do rio Mersey, que tem, no sitio em que a banha, uma largura de dois kilometros, e que, tres kilometros mais abaixo, se vai lançar no mar da Irlanda. É uma formosa cidade, construida em amphi-

theatro, não poisada em collinas ingremes como a Liverpool portugueza, a cidade do Porto, mas espraiada por um plano suavemente inclinado. Cinge-a uma formosa faxa de lindas casas de campo que matizam os prados relvosos em que já se presente a viçosissima verdura da Irlanda que lhe fica fronteira.

Conta esta cidade trezentos mil habitantes, e podiamos até dar-lhe quatrocentos mil se mettessemos n'este numero a população dos arrabaldes, e os marinheiros do seu porto. As principaes occupações d'esta população numerosa são o commercio e a navegação; mas a industria não está por isso menos desenvolvida, e não deixa de occupar uma grande quantidade de braços na construcção dos navios, no fabrico dos chronometros, dos pannos para vélas, das ancoras, das amarras, dos artigos d'aço, das machinas de vapor, dos cristaes, do assucar, etc.



Liverpool

Não soffreu esta cidade, como a sua rival Manchester, e como o resto do seu condado (o de Lancaster) com a guerra americana, que produziu a crise do algodão. A unica manufactura d'este genero, que alli se estabelecera, arrazou-a um incendio em 1853.

A natureza e a arte ligaram-se entre si para fazerem de Liverpool uma das mais importantes cidades commerciaes do mundo. A sua posição no occidente da Inglaterra torna-a mais propria do que Londres para o commercio da America, porque esta lhe fica a muito menor distancia; estando defronte da Irlanda é naturalmente o centro de todo o commercio entre as duas ilhas, que formam o reino de S. M. a rainha Victoria. Accresce a isto o ser esta cidade o porto natural dos ricos condados manufactureiros de York e Lancaster.

Serviços regulares de paquetes a vapor põem Liverpool em communicação com os portos mais importantes da Grã-Bretanha e de Irlanda, do resto da Europa, das duas Americas, das Indias e da China; com as cidades manufactureiras do interior ligam-n'a canaes e caminhos de ferro. Caminhos de ferro vão alli parar cinco; um que foi o primeiro que se construiu em Inglaterra, liga-a com Manchester, e não só este caminho de ferro, mas tambem um canal põe em communicação estas duas importantes cidades. Um outro canal, que é o mais grandioso de todos os canaes inglezes, une esta cidade com a de Leeds.

Por todos os motivos mencionados é Liverpool o grande centro da importação dos productos americanos; a tonelagem sommada dos navios que entram annualmente no seu porto é maior do que a dos navios que entram em Londres. Por aquella porta entra tambem na Inglaterra a seda e o chá da China, o gado, o pez, as carnes salgadas, as farinhas, e os pannos d'Irlanda; e tudo isto é tanto mais prodigioso quanto Liverpool se póde dizer que não tem porto, ou que o não teria se a actividade ingleza não operasse verdadeiros prodigios.

Com effeito Liverpool, situada junto da foz do Mersey, não offerece o minimo abrigo aos navios, que ficavam expostos aos furacões, e que, na vasante, se enterravam no lodo. Estas difficuldades fariam desmaiar qualquer povo; não trepidou diante d'ellas a Inglaterra; o genio dos seus melhores engenheiros hydraulicos começou a procurar o meio de obviar a todos estes inconvenientes creados pela natureza, e encontrou... encontrou as *dokas*, esses maravilhosos portos artificiaes, que obrigam as ondas a estacarem perante obstaculos, que a mão dos homens, e não já a mão de Deus, lhes poz diante como barreira insuperavel. A primeira doka foi construida em 1699, depois seguiram-se-lhe outras e outras, e o desenvolvimento do commercio de Liverpool é em grande parte devido a essa causa.

As dokas de Liverpool são de certo os mais curiosos e mais notaveis monumentos d'esta grande cidade. É em geral accusada a nossa época de burgueza, chata, mesquinha, incapaz de comprehender o grandioso, de erguer essas moles gigantes, que affrontam os evos, e em que a mão dos Romanos gravou os poemas da sua gloria. A esta accusação respondem triumphantemente as dokas de Liverpool e outras construcções semelhantes. Que importa que não ergâmos Colyseus, templos erguidos á ferocidade depravada d'um povo corrupto e gasto, thermas colossaes, que não attestam senão a voluptuosidade, indolencia e desenfreado amor do luxo dos degenerados netos dos Catões e dos Gracchos? Que importa, se em troca d'isso, erguemos monumentos que mais valem, dokas imponentes em cujos diques de granito, em cujas muralhas agigantadas quebra o mar com respeito as suas ondas espumantes? Estes é que são os verdadeiros monumentos d'uma civilisação illuminada pelo fulgor do Evangelho, mil vezes superiores aos monumentos erguidos pelo futil e depravado sensualismo pagão da decrepita Roma.

São doze as dokas de Liverpool, e prolongam-se pelas margens do rio durante mais de tres kilometros; não fallando nas dokas gigantes, começadas a construir em 1844 á custa d'uma sociedade d'accionistas, dokas que tiveram já por feliz resultado transformarem a aldeola de Birkenheade n'uma cidade de mais de quarenta mil habitantes. As mais bellas dokas de Liverpool são as de Clarence, de Wellington e sobretudo a do principe Alberto, cuja construcção custou um milhão de libras. Junto das dokas ha formidaveis telheiros e armazens, alguns dos quaes chegam a ter doze e quinze andares. Entre as muralhas das dokas e o rio correm uns pequenos caes que servem de passeios publicos.

A cidade apresenta o aspecto geral de todas as cidades inglezas modernas, um conjuncto de magnificencia e de miseria, vastas praças, ruas largas e bem arejadas, e viellas estreitas e immundas, onde uma população miseravel se roja nos tremedaes mais asquerosos da pobreza e do vicio. Ruas como a de Escocia (*Scotland-road*) d'uma extensão de perto de tres kilometros, orladas de lojas sumptuosas, e becos infectos onde os indigentes se accumulam em pateos escuros e doentios.

A parte mais bella da cidade é ainda assim a parte oriental, onde se admira o lindo passeio que se intitula *Mount pleasant*, do qual se desfructa um admiravel panorama que abrange a cidade toda, o porto e as casas de campo dos arrabaldes.

Liverpool debaixo do ponto de vista artistico pouco offerece de notavel ao viajante: os seus monumentos são frios e pesados. Ha n'esta cidade cento e sessenta e dois templos, capellas, igrejas, e synagogas, tudo edificios extremamente simples. Os mais consideraveis são a igreja de S. Paulo, que tem um portal, que se esteia em formosas columnas, a igreja de S. Jorge, cuja nave é toda de ferro fundido, extravagancia perfeitamente ingleza! A alfandega, a praça do commercio, os mercados da carne e do peixe, manteiga, legumes etc., reunidos n'um edificio que se denomina o mercado de S. João, o mercado do trigo, os differentes Bancos, a caixa economica, e a casa da camara que a nossa gravura representa, são os edificios mais notaveis da cidade.

Ha em Liverpool a mania das grandes edificações. Para se construir um grande deposito na rua de Waterloo foi necessario demolirem-se cento e cincoenta casas; para se construir a estação de um caminho de ferro tornou-se necessaria a demolição de cincoenta casas e uma igreja.

Apezar de se entregar toda ao commercio, não se imagine que a cidade de Liverpool desdenha o movimento scientifico e litterario, ou que presta menos attenção á beneficencia e á instrucção publica. As classes illustradas da Inglaterra fazem os mais louvaveis esforços para arrancarem o proletariado á situação terrivel, em que se acha por muitas causas que seria longo enumerar. Em Liverpool abundam as instituições de beneficencia e os asylos de crianças pobres. Uma das instituições mais uteis e mais originaes que lá se encontram é o *asylo nocturno para os pobres sem casa*. São alli recebidos os pobres e os estrangeiros que não teem onde ficar. Ha tambem hospitaes fluctuantes para marinheiros; um d'elles é de invalidos, e recebe junctamente com os maritimos, que não podem continuar a sua trabalhosa vida, suas mulheres e seus filhos. Liverpool possue tambem muitas instituições litterarias e scientificas, entre outras o *Mechanic Institute*, cujo jardim botanico passa por ser o mais rico de Inglaterra.

A historia de Liverpool conta-se em poucas palavras. Como a da maior parte das cidades inglezas, mostra-nos um rapido e incessante desenvolvimento. Em 1561 era uma aldeia de pescadores que possuia uns cento e quarenta habitantes, senhores de uns doze barcos. Já em 1644 é uma cidadesinha rodeiada de muralhas. Em 1699 constroe, como dissemos, a sua primeira doka. Em 1700 conta cinco mil habitantes; em 1736 doze mil, em 1760 vinte e seis mil, em 1773 trinta e quatro mil, em 1790 cincoenta e seis mil, em 1801 setenta e sete mil, em 1821 cento e dezenove mil, em 1841 duzentos e vinte e cinco mil, actualmente conta mais de trezentos mil. É maravilhoso!

Esta prosperidade deveram-n'a os habitantes de Liverpool ao trafico iniquo da escravatura, e á guerra da successão de Carlos II de Hespanha que, impedindo os negociantes hespanhoes de traficarem impunemente, entregou aos pouco escrupulosos navios da cidade ingleza o monopolio d'esse commercio odioso. Sua muito sangue o oiro que se empregou no desenvolvimento de Liverpool.

PINHEIRO CHAGAS

INVOCAÇÃO

Vontade sublime e viva que nome algum póde exprimir, que idéa alguma póde abraçar, eu posso, comtudo, elevar a ti o meu coração; porque tu e eu não estamos separados! Dentro de mim a tua voz faz-se ouvir; em ti, o incomprehensivel, a minha propria natureza e o mundo inteiro tornam-se-me intelligiveis; todo o enigma da minha existencia está resolvido e uma perfeita harmonia reina em minha alma. Diante de ti vélo o meu rosto e ponho a mão sobre os labios. O que tu és realmente, o que te mostras a ti mesmo, é-me tão impossivel vel-o como chegar a ser teu semelhante. Depois de mil vidas iguaes ás dos espiritos superiores, eu estaria tão pouco no caso de comprehender-te como hoje o estou no fundo da minha prisão d'argila. O que eu comprehendo, segundo o meu proprio entendimento, é finito, e por progressão alguma poderia transformar-se em infinito; porque tu differes do finito, não em grau, mas em especie.

Não emprehenderei, pois, o que a minha natureza finita me impede de emprehender; não procurarei conhecer a essencia e a natureza do *ser*. Comtudo, as tuas relações comigo e tudo o que é finito acham-se patentes a meus olhos. Creaste em mim a consciencia do meu dever, a do meu destino na série dos seres racionaes; ¿como? ignoro-o; ¿mas tenho necessidade de sabel-o? O que é certo, é que tu conheces os meus pensamentos e acceitas as minhas intenções, e a contemplação de tuas relações com a minha natureza finita basta para tranquillisar-me e tornar-me feliz. De mim mesmo não sei o que devo fazer; operarei simples, tranquillamente e sem malicia, porque é a tua voz que m'o ordena, e a força com a qual cumpro o meu dever é a tua propria. Não tenho medo algum dos acontecimentos d'este mundo porque este mundo é o teu. Todo acontecimento fazparte do plano do universo eterno e da bondade. O que n'este plano, é positivamente bem, ou sómente meio de evitar o mal, ignoro-o. No teu universo, *tudo acabará bem*; é sufficiente para mim, e n'esta fé estou firme. Que importa que eu não conheça o que é puro germen, flor ou fructo perfeito! A unica coisa para mim importante é o progresso da rasão e da moralidade atravéz das fileiras dos seres racionaes. Ah! quando o meu coração se fecha a todo desejo terrestre, como o universo me apparece sob um aspecto glorioso! As massas mortas e incommodas que servem sómente para encher o espaço desvanecem-se, e, em seu logar, uma eterna onda de vida, de força e de acção, dimana da grande fonte de vida primordial, da tua vida, ó tu, eterna unidade!

A BOCCA DO INFERNO

III

Luiz de Mello, o segundo tenente do brigue, pertencia a uma distincta familia portugueza. Tinham-no deixado seguir a carreira de marinha para lhe contrariar a vocação.

Luiz gostava do mar, porque, dizia elle, era alli que sentia a alma desligar-se das cadeias da terra. Sonhára desde criança com a gloria e com o amor, copula abençoada entre uma aspiração e um sentimento, da qual resultam muitas vezes heroismos. Creio mesmo que andam sempre ligados. A ambição dos triumfos que levava os heroes da cavallaria, os soldados da media idade aos campos da Palestina, ás plagas inhospitaleiras do Oriente, não era apenas ateada pelo fervor religioso—havia talvez o desejo voltar á Europa podendo depôr os elmos laureados aos pés da castellã promettida. A inspiração que na alma do Dante creou os segredos sublimes do Inferno, insufflou-a Beatriz, a quem coube colher as palmas do genio da poesia moderna. Quando o Tasso concebia a conquista de Jerusalem, e a imaginação fervente de enthusiasmos creava Tancredo, e produzia Armida,—o anjo dos seus sonhos, a *bella Eleonora*, imprimia talvez com um osculo na fronte do poeta o condão dos seus destinos immortaes. Quando Rafael de Urbino, traçava na téla esses bustos inspirados das suas *madonas*, Fornarina prestava ao genio da pintura os encantos do seu rosto e a ternura da sua alma apaixonada.

Que glorias não tiveram o incitamento do amor?

Luiz, que sonhava com os triumfos ganhos nas lides da intelligencia, estudava e escrevia; mas no meio das suas justas aspirações, sentia elle as vagas anciedades do coração, que anhela por sentimentos mais suaves e não menos bellos — Luiz desejava, precisava amar.

As ligações occasionaes, que forçosamente devera ter tido durante a vida, não lhe satisfaziam as necessidades da alma, que pedia os gozos superiores do affecto.

Passara no mar o melhor tempo da mocidade—dos 14 annos aos 25, e no mar não apparecem dessas creaturas formadas por Deus de uma parte do homem, para serem d'elle eternas companheiras.

Correra os oceanos; visitára quasi toda a Europa; vivêra muito tempo nas regiões tropicaes; passára mais de uma vez o equador; e de mar em mar, de tormenta em tormenta gastára, esses bellos annos da vida. Se nos curtos intervallos d'esta existencia passada sempre sobre as aguas, acertava de encontrar alguma mulher bella a quem podéra amar—a visão desapparecia rapidamente, passava-lhe de relance deante dos olhos — e elle continuava a seguir a sua sorte, velas largas pelos oceanos!

Depois de alguns annos de ausencia da patria, Luiz de Mello voltava a Lisboa, e como o tempo não permittisse a entrada sem risco no Tejo fundiava defronte de Cascaes.

Quando Luiz desembarcou, muitas das pessoas que estavam na praia vieram offerecer-lhe serviços. O mancebo agradeceu cordialmente, e perguntou onde podia fallar ao capitão do porto. Acompanharam-no alguns homens, entre os quaes foi o irmão de Christina.

Pedro de Brito, que assim se chamava o filho

da sr.ª morgada, conhecia quem então exercia as funcções de capitão do porto e apresentou-lhe Luiz de Mello. Acabada a conferencia entre os dois officiaes, Pedro saiu com Luiz e convidou-o a descançar em sua casa. A morgada, fiel aos deveres da hospitalidade, recebeu o tenente com a cortezia que lhe era peculiar.

O enthusiasmo com que o mancebo fallou das suas viagens; as descripções cheias de verdade e poesia que fez do oceano e das tempestades, fascinaram Christina. O extraordinario principiava a produzir seu effeito no espirito da donzella.

Luiz não sentira menores impressões quando Pedro de Brito o apresentou a sua irmã, e poude ver uma bella physionomia de mulher, que fixou n'elle um languido olhar.

Durante a conversação Christina mostrou os dotes de espirito que possuia, e revelou que a par d'aquella opulenta natureza, existia um coração enthusiasta, e uma intelligencia distincta.

O accaso, ou a providencia, aproximava aquelles dois entes tão irmãmente organisados!

Para que hei de demorar mais uma confissão que a leitora perspicaz já adivinhou?

Luiz amou Christina, e foi correspondido.

A. d'Oliveira Pires.

(*Continua.*)

SOMBRAS

Á memoria de J. M. Cruz Lima (1)

I

Vai a gente vivendo n'este mundo
como baixel sem rumo no oceano,
até que emfim um dia desça ao fundo,
mysterios d'alem-tumulo a sondar...
No entanto, as illusões passam e correm
—falsas miragens, que nossa alma prendem;
mas passam! e com ellas tambem morrem
aquelles que no pó vão descansar.

A morte! a morte é o ómega da vida,
sêlo que fecha o livro da existencia;
anjo, que ao fim de senda dolorida,
nos conduz ao repouso tumular;
nuvem ignea que vem a este inferno
lagrimas enxugar, queimar abrolhos,
e levar-nos lá acima aonde o eterno
os martyres da vida sóe c'roar.

A vida, curto epilogo das dores
que alanceiam as almas dos precitos,
?quem a pode chamar jardim de flores,
quem ha dos homens que inda a possa amar?
Por isso, o nosso coração duvida
se ha purgatorio que não seja o mundo;
e os que estalam os vinculos da vida
é sorrindo que o mundo vão deixar.

E pois que aqui se pena e além se gosa,
?p'ra que chorar quem d'este val de lagrimas
sobe entre risos á mansão ditosa,
onde não ha nem sombra de pezar?
Mas, viajor no deserto da existencia,
eu choro um companheiro de viagem,
não sei se por sentir a sua ausencia,
se por o não poder acompanhar!...

(1) Foi um poeta de bastante merecimento, que chegaria a ser uma distincta gloria de Vizeu, se o não arrebatasse a morte no verdor dos annos. Publicou algumas poesias na *Grinalda* do Porto, e n'outras folhas periodicas; e deixou muitas, meditas, que, se não me engano, breve serão offerecidas á apreciação do publico.

II

Eu vi-lhe na fronte pálida
o estigma do soffrimento;
e da dôr a pobre victima
não soltava um só lamento:
curvado já para o tumulo,
á desgraça o vi sorrir,
e com as flores do genio
os espinhos da existencia
encobrir...

Da eternidade ao vestibulo,
inda então vinha involvel-o
com as suas azas candidas
da poesia o archanjo bello;
mas em sua fronte livida
breve o riso feneceu,
e o fenecer d'esse jubilo
foi transição momentanea
para o ceu.

Depois... ao ceu subia uma alma pura,
e um cadaver baixava á sepultura.

III

Ás horas do crepusculo,
quando desmaia o dia,
e o sol, involto em purpura,
um triste adeus envia;

e quando além suspira
a brisa; e a luz da lua,
na campa fria e nua,
da cruz a sombra estira;

quando o cipreste trêmulo,
das auras agitado,
entorna sobre os tumulos
um canto dolorido:

irei verter meu pranto,
soltar tristes endeixas;
e do cipreste ás queixas
irei casar meu canto.

Na lápida marmórea,
á noite a sós prostrado,
segredarei aos tumulos
meu canto magoado,

que ao ceu, o subtil bando
das auras, erguer hade,
as vozes da saudade
no espaço murmurando.

E tu hasde escutar-me, ó alma pura;
e hasde pedir a Deus, saudoso amigo,
que eu vença emfim o mal, e entre comtigo
na partilha do bem que sempre dura.

Candido Figueiredo.

RESPOSTA A UM TOLO

Um tolo exprobando a um lord o ter sido aprendiz de barbeiro, o grande personagem respondeu-lhe:

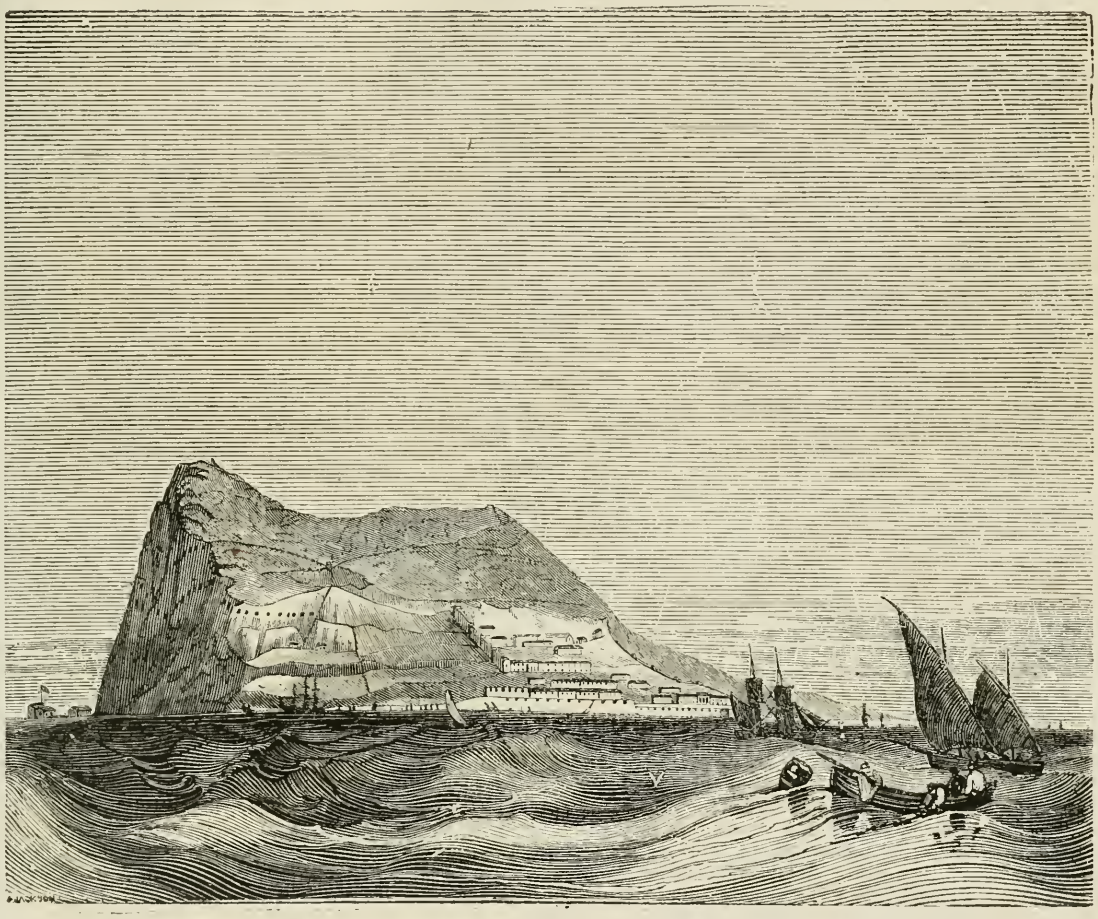
«A differença que ha entre vós e eu, é que, se tivesseis sido aprendiz de barbeiro, ainda hoje o serieis.»

Typ. Franco-Portugueza = Rua do Thesouro Velho, 6.

GIBRALTAR

Esta notavel cidade, a fortaleza mais temivel do globo, e uma das mais importantes possessões da Grã-Bretanha, está situada na extremidade meridional da Hespanha, á beira do estreito do mesmo nome que liga o Mediterraneo com o Oceano Atlantico. A natureza fizera o rochedo, em que a cidade está construida, de difficil accesso; a arte tornou-o inexpugnavel. É um promontorio que está ligado ao continente por uma estreitissima lingua de terra de perto de 900 metros de comprimento. A cidade conta 17000 habitantes. No tempo do ultimo cerco foi completamente reduzida a cinzas, mas das cinzas renasceu mais pomposa, senão mais bella, porque se oppõe a isso a particularidade que vamos mencionar.

Todas as casas são pintadas de preto, em parte para que os olhos sintam menos a reverberação dos raios do sol, em parte para, em caso de ataque tornar mais difficil ao inimigo o vel-as distinctamente. Em Gibraltar reina o clima mais quente da Europa. Um calor africano, temperado pelos ventos refrigerantes do mar, consente que alli se cultivem todas as plantas meridionaes. Não é, como se poderia suppôr, um rochedo nú e esteril. Pelo contrario, nas suas anfractuosidades, as cabras e os carneiros acham alimento sempre verde, e não ha uma pollegada de terra que não esteja coberta de arvores de fructo de toda a especie, umas crescendo espontaneamente, outras pertencendo a especies aperfeiçoadas pela cultura. Gibraltar é tambem o unico ponto do novo continente, em que se encontram macacos; e quer a tradição que para alli viessem pela Gruta de S. Miguel, profunda cavidade toda coberta de stalactites, situada ao pé do cume do rochedo, de que se não encontrou o fundo, e que se julga que fórma uma via de communicação submarina com o continente africano.



Gibraltar.

Foi em Gibraltar que embarcaram os Vandalos para irem invadir a Africa, alli, em paga, desembarcaram os Arabes para virem invadir a Hespanha. Tarik fundou uma fortaleza, que teve o nome de *Geb-al-Tarik*, etymologia do nome actual. Em 1302 tomou-a aos Moiros Fernando II de Castella, retomaram-n'a elles em 1333; mas, durante o reinado de Henrique IV de Castella, tomou-lh'a definitivamente o duque de Medina Sidonia.

Carlos V foi o primeiro que percebeu a importancia d'esta praça, e que principiou a fortifical-a formidavelmente.

Corremos ligeiramente por estes primordios da historia de Gibraltar, porque queremos dar circumstanciada noticia aos nossos leitores dos cercos, que fizeram a sua reputação, e que são effectivamente das paginas mais interessantes da historia militar. Para isso traduzimos uma porção do artigo, que a este respeito escreveu o sr. A. Tardieu na *Encyclopedia moderna*.

«Não daremos, diz o distincto escriptor francez, um rol exacto das fortificações que, nos tempos modernos, se não tem deixado de accumular desde Carlos V em todo os pontos d'este rochedo, posição militar talvez unica no mundo. Mas, como nos falta o espaço, limitar-nos-hemos a fazer conhecer o estado em que os trabalhos successivos do illustre Daniel Specke, do principe d'Hesse, d'Hornec, e do coronel Montrésor pozeram o lado septemtrional, quer dizer a parte mais inaccessivel; por ahi se poderá

avaliar a força do resto. Sem fallar em casamatas flanqueadas por canhões do mais grosso calibre e ligadas entre si por galerias cobertas, e uma linha dentada de baterias dispostas em escalão sobre diversas alturas, entre as formidaveis baterias *Willis*, e a do *Rock-Mortar*, com que se corôa o vertice da montanha, ahi vai em seguida a enumeração das obras, que dominam a communicação unica aberta entre a cidade e o continente, calçada de seis para sete metros de largura, apertada entre o mar e essa lagôa ou inundação artificial de que o principe de Hesse teve a primeira idéa, e que foi acabada pelos seus successores. De frente esta calçada é defendida por uma cortina, chamada a *grande bateria*, e por dois baluartes, que se apoiam um no mar outro no escarpado do rochedo. Esta frente, que cobre a cidade pelo lado do norte, é precedida por um grande fosso sem agua, por um caminho coberto, por uma praça de armas, e por esplanadas minadas. Á direita da calçada e por cima da inundação, o escarpado, dividido na sua altura em muitas partes, fórma outros tantos degraus ou terraços inaccessiveis, que se chamam linhas do Rei, linhas da Rainha, e linhas do Principe. Por outro lado, á direita da grande cortina, as sete baterias do castello dispostas em escalão segundo o traçado das linhas dentadas, e as baterias de *Hanover*, e da *rainha Carlota* á esquerda do baluarte do norte, o cavalleiro da montanha, e a terrivel bateria do Velho Molhe, que entra pelo mar, á flor d'agua, cruzam sobre o mesmo ponto fogos por tal fórma fulminantes, que no grande cerco de 1779, os hespanhoes deram a esta entrada da cidade o nome de *boca de fogo*.

«Todos sabem que foi em 1704, quando estava mais accesa a guerra da successão da Hespanha, que a cidadella de Gibraltar caío nas mãos dos inglezes, alliados do archiduque Carlos. Mas o facto foi contado de differentes maneiras. Uns dizem que o almirante sir Jorge Rook, envergonhado de ainda nada ter feito com a bella esquadra que commandava, reunio proximo de Tetuão um conselho de guerra, no qual, tendo sido proposta uma nova tentativa sobre Cadiz, e regeitada como impraticavel, por falta de tropas de desembarque, se decidio atacar-se Gibraltar que se sabia que tinha n'essa occasião uma guarnição insufficiente. Por conseguinte, no dia 21 de julho, apresentava-se diante de Gibraltar a esquadra combinada da Hollanda e da Inglaterra; o principe d'Hesse-Darmstadt desembarcava com mil e oitocentos homens no isthmo arenoso para cortar toda a communicação entre a cidade e o continente, e intimava o marquez de Salinas governador para entregar a praça ao archiduque; recusando o marquez, o ataque, demorado dois dias por causa do vento contrario, principiava no dia 23; os capitães Hick, Jamper, e Whitaker apoderavam-se das fortificações do Novo Molhe, abandonadas pelos hespanhoes, e Salinas, vendo o inimigo senhor de uma parte dos fortes do sul, aceitava a capitulação offerecida. Mas, segundo outra versão muito mais espalhada, depois do bombardeamento, alguns marinheiros ebrios tinham ousado desembarcar, do lado da ponta da Europa, n'um sitio que se julgava inaccessivel, tinham conseguido escalar o rochedo e fazer prisioneiras todas as mulheres da cidade, que haviam saido para irem a uma pequena capella dedicada á Virgem da Europa; o que decidira Salinas a capitular. Louville, nas suas *Memorias*, accusa formalmente o governo hespanhol de não ter feito caso do aviso que o duque de Grammont, embaixador de França, lhe déra de uma proxima tentativa da Inglaterra sobre Gibraltar.

«Fosse como fosse, depois de tomada a cidade, devemos prestar justiça aos hespanhoes dizendo que fizeram todos os seus esforços para a retomarem. Logo, no dia 11 de outubro de 1704, o marquez de Villadarias abria a trincheira diante de Gibraltar, á testa de forças francezas e hespanholas, mas sem ter podido impedir que a praça fosse abastecida por sir John Leake. Foi n'este primeiro assedio, no dia 31 de outubro, que uns voluntarios, debaixo das ordens do coronel Figuerra, e guiados por um cabreiro do sitio, chamado Simão Lusarte, passando pela *Quebradura*, proximo da *Cave-Guard*, conseguiram alojar-se, sem terem sido vistos, na espaçosa caverna de S. Miguel, d'onde tornando a sair quando foi noite fechada, escalaram a muralha de Carlos V e mataram a guarda de *Middle-hill* desde o primeiro até ao ultimo soldado; se são sustentados conseguiam infallivelmente tomar a praça; mas espalhou-se o alarma na cidadella, e os assaltantes foram repellidos com perda de cento e sessenta homens.

«N'uma segunda tentativa, no dia 12 de janeiro de 1705, quinhentos a seiscentos granadeiros francezes e walões, sustentados por mil hespanhoes, ás ordens do tenente general Tuy, tomaram d'assalto duas brechas, uma chamada da *Torre Redonda*, na extremidade das linhas de El-Rei, a outra mesmo no entrincheiramento da montanha, que Villadaria sabia que estava quasi abandonado a certa hora do dia. Ia ser tomada a cidade quando uma carga desesperada d'uns quatrocentos ou quinhentos homens, commandados pelo tenente coronel Moncal, repellio os inimigos para fóra das fortificações. Depois d'este segundo assalto Villadarias foi substituido pelo marechal de Tessé, que, apezar do poderoso concurso de Pontis, encarregado de bloquear o porto com a sua esquadra, nada pôde emprehender por causa do máo tempo, e teve até, depois de sir John Leake abastecer pela segunda vez a praça, de retirar as suas tropas para fóra das linhas, e de se reduzir, mesmo por terra a um simples bloqueio. Assim terminou o primeiro cerco, que custou aos alliados mais de dez mil homens.

«Depois interveio o tratado d'Utrecht, cujo artigo 10.º cedia á Grã-Bretanha, sem a minima reserva, a plena e inteira propriedade da cidade e do castello de Gibraltar *conjunctamente com o porto, e com as defezas e fortificações que lhe pertencessem*. Mas, como é natural, esta cessão custara muito á Hespanha; e em 1720, certo de que o seu governo lhe não recusaria o apoio moral, o marquez de Leda, sob pretexto de soccorrer Ceuta, cercada pelos Moiros, reunia uma força importante, na intenção secreta de surprehender Gibraltar. Ainda d'esta vez foi esse projecto descoberto, e a praça abastecida e soccorrida a tempo pelo coronel Kane, governador de Minorca.

«Por essa mesma occasião esteve a diplomacia quasi para restituir á Hespanha o que a força e a astucia não tinham podido entregar-lhe. Disse-se, e parece certo, que Philippe V só consentio em entrar na Quadrupla Alliança depois do regente de França lhe ter assegurado que Gibraltar lhe seria restituida proximamente; até existe, nos *Archivos da Corôa* em Madrid, uma carta d'el-rei Jorge I de Inglaterra, em que essa restituição é formalmente promettida. A authenticidade d'essa carta, bem que seja atacada na Inglaterra, é hoje reconhecida geralmente, e, se no duplo tratado de 13 e 14 de Junho de 1727 se não faz allusão alguma a essa promessa real, sabe-se, por o ter dito o proprio lord Stanhope embaixador em Madrid, que fora recommendado o silencio a esse respeito ao gabinete hespanhol, para seu proprio interesse, afim de não sobresaltar a nação ingleza. Philippe V reclamou; mas não se fez caso d'essa reclamação; e até em 1728, depois de um inquerito solemne do parlamento de Inglaterra, as duas camaras unanimemente intimaram el-rei Jorge, para nunca, nos seus tratados ulteriores, abandonar os direitos incontestaveis da nação ingleza sobre esta preciosa conquista. Não tinham os hespanhoes pois outra esperança que não residisse na força das armas. Em 1730, sendo governador de Gibraltar o general Sabine, principiaram os hespanhoes a construir os fortes de S. Philippe do lado da bahia, e o de Santa Barbara do lado do mar, ligados entre si por essas formidaveis linhas que apenas ficam a uma milha de distancia do rochedo; por occasião do grande cerco e do bombardeamento da cidade (1781) sentiram os inglezes o erro que haviam commettido em não inquietar e impedir a construcção d'estas linhas.

«Temos pressa de chegar ao assedio memoravel que fez a reputação militar de Gibraltar; por isso não insistimos na conspiração de Reed, soldado do 73 de linha, que, movido por um descontentamento qualquer, tentou entregar a praça aos hespanhoes, e quasi que o conseguio (1760). Emquanto á guerra de 1762, rebentou e acabou tão de repente, que nem os hespanhoes tiveram tempo de preparar uma expedição séria contra Gibraltar; mas a guerra da independencia da America ingleza, em que o gabinete hespanhol podia contar com uma diversão poderosa e com

o activo concurso da França e da Hollanda, pareceu com razão uma occasião unica de tentar um supremo esforço do lado do rochedo inexpugnavel. Tendo o marquez de Almodoval, no dia 16 de junho de 1779, apresentado á corte de Londres a declaração da guerra, cessou, no dia 21 do mesmo mez, toda a communicação entre Gibraltar e a Hespanha, e no dia 5 de julho principiaram as hostilidades.

«Constava então a guarnição de seis mil trezentos e oitenta e dois homens, entrando officiaes; mas o governador Jorge Augusto Elliott, que tinha sido nomeado para esse posto importante por causa de uma ferida recebida na batalha de Dettingen, e por serviços eminentes, que prestára como engenheiro em 1777 no cerco de Havana, era um prodigio de bravura, de sangue frio, e de abnegação. No dia 16 de julho bloqueiam os hespanhoes o porto; no dia 26 estabelecem os seus arraiaes na planicie de S. Roque. No principio de outubro o corpo dos cercadores consistia em quatorze mil homens, commandados pelo tenente general D. Martin Alvarez de Soto Mayor, os quaes tinham já soffrido muito com uma invenção nova do capitão inglez Mercier, que vinha a ser umas granadas e uns balazios ôcos de cinco pollegadas e meia munidos de um foguete, bellico artificio que durante o cerco todo os assaltantes procuraram imitar, sem nunca o conseguirem. Os trabalhos dos hespanhoes avançavam vagarosamente, tanto mais quanto os inglezes, do cimo de uma plataforma acabada havia pouco e chamada *Rock Mortar*, descobriam os seus mais leves movimentos tanto nas linhas como nos arraiaes. Com o anno de 1780 a fome, em consequencia do rigor do bloqueio, declarou-se na cidade; mas no dia 18 de janeiro, o almirante sir Jorge Rodney, depois de ter batido a esquadra hespanhola e de ter feito prisioneiro o almirante D. Juan de Langara y Huarte, que a commandava, conseguio abastecer a praça. Parte, e logo no dia 27 o almirante hespanhol Barcelo reformava o bloqueio. Todavia não se limitava a isso a actividade dos marinheiros hespanhoes, e o diario do cerco falla de frequentes tentativas nocturnas, que, mais do que tudo, fatigaram a guarnição. A primeira, na noite de 6 para 7 de junho, compunha-se de nove brulotes dirigidos, seis em fórma de crescente contra os navios fundeados no Molhe Novo, e tres contra a náo *Panthera*, que se achava fundeada na Buenavista. Na data do 1.º de outubro de 1780, a guarnição achava-se n'uma situação deploravel; atacada pelo escorbuto, falta de viveres, e dizimada todos os dias pelas canhoneiras e bombardas, teria talvez succumbido se então se tivesse tentado um vigoroso ataque; mas em vez de atacarem, entretinham-se os hespanhoes a fabricar obras d'assedio e a continuar um bloqueio inutil. No dia 12 de abril, estava a praça de novo abastecida, e a occasião perdida de vencer os sitiados pela fome não se tornava a encontrar. De puro despeito, os hespanhoes bombardearam a cidade, que logo foi convertida n'um montão de cinzas, sem que uma só casa ficasse de pé. Ao mesmo tempo as tentativas nocturnas das canhoneiras e bombardas tornavam-se mais frequentes e ameaçadoras, até porque o general Elliott, para poupar as suas munições de guerra, prohibira que fizessem fogo sobre ellas; mas, como avançavam cada vez mais, lembrou-se de mandar fundear a meio tiro d'espingarda da frente do Novo Molhe um brigue raso, depois de collocar em frente do Molhe Velho um morteiro de treze pollegadas, atraz seis canhões a 42.º de elevação. Ora no dia 28 de junho, quando pela primeira vez se ensaiou este novo meio de defeza, houve susto geral no acampamento dos hespanhoes; e um batalhão, que se achava em armas, foi dispersado tres vezes.

«Desde esse dia todas as vezes que as embarcações faziam fogo para a cidade o Molhe Velho respondia para o acampamento, hespanhol; mas se o bombardeamento, no dia 1 de julho, tinha quasi completamente cessado em compensação estreitava-se sempre o bloqueio; por isso os sitiados recorriam mais vezes ás sortidas. No dia 27 de novembro principalmente, ás tres horas menos um quarto da manhã, houve uma muito felizmente dirigida pelo brigadeiro Ross, a quem Elliott se juntára como simples voluntario, e que assombrou os hespanhoes; as obras avançadas foram completamente destruidas pelo fogo, encravados dez morteiros de dezoito pollegadas e dezoito canhões de calibre vinte e seis.

«Emquanto os sitiadores trabalhavam em reparar o estrago o mais depressa possivel, Elliott multiplicava-se, preparava melhores abrigos aos artilheiros, mandava ensaiar um novo reparo inventado pelo tenente de artilheria Kohler, com cujo auxilio se podia apontar em todos os angulos, entre 20.º acima e 70.º abaixo do horisonte, o que permittio varejar com favoravel successo as obras avançadas do inimigo, sobretudo a bateria de S. Carlos. No principio de abril de 1782, correndo a noticia que se approximava o momento critico e que se faziam enormes preparativos em Cadiz e nos portos do Mediterraneo, que ia chegar o duque de Crillon com o conde de Artois e o duque de Bourbon, e um celebre engenheiro de Arçon de quem se esperavam maravilhas, Elliott mandou distribuir pelas baterias da praça fornalhas para pôr em braza as balas, e no dia 6 de setembro um fogo de balas rubras, bem dirigido pelo general Boyd, segundo commandante da praça, reduzia a cinzas a bateria Mahon, a do flanco, e a parallela adjacente, e arruinava gravemente as baterias de S. Carlos e de S. Martinho. Ora attribuio-se a este desastre inesperado a precipitação com que foi ordenado e distribuido o ataque geral, e que deitou a perder sem recurso algum todo o successo do cerco. Consta com effeito que, no dia 9 de setembro, quando o duque de Crillon mandou abrir o fogo, muitas das suas baterias estavam longe de estar acabadas. Seja como fôr, o apparato bellico desenvolvido pelos assaltantes ainda era formidavel; do lado da terra, obras admiravelmente executadas, armadas com duzentas e cincoenta bocas de fogo, e defendidas por quarenta mil homens, commandados por um general, até então habituado a vencer, e animado pela presença de dois principes da familia real de França; do lado do mar quarenta e sete náos de linha e uma quantidade innumeravel de fragatas, brigues, canhoneiras, bombardas, e chalupas fluctuantes, e coroando isto as dez baterias fluctuantes de Arçon, insubmergiveis e incombustiveis, taes eram os poderosos meios de destruição que iam ser empregados para subjugar uma guarnição de seis mil homens, prostrados pela fome e pelo cançasso.

«As côrtes de Hespanha e de França, cançadas de verem prolongar-se indefinidamente o inutil bloqueio de Gibraltar, com que se divertiam a Europa e os proprios sitiados, tinham, havia muito tempo, pensado seriamente em tomar esta fortaleza por algum meio extraordinario, contra o qual a sua posição inaccessivel, a sua formidavel artilheria, e a habilidade do general Elliott fossem insufficientes. Houve então uma como que aposta entre os engenheiros a ver qual inventava planos mais audaciosos e extravagantes. Propunha-se formalmente construir na frente das linhas de S. Roque um enorme cavalleiro, que, levantando-se ainda mais alto do que Gibraltar, lhe tirasse o seu principal meio de defeza. O author calculára a quantidade de toezas cubicas de terra que ahi se deveriam amontoar, o numero de braços que eram precisos, os dias que se deviam gastar, e provava que esse prodigioso trabalho seria menos dispendioso e menos mortifero do que a continuação do cerco do modo como fôra principiado. Outro imaginára as bombas asphyxiantes. O projecto de Arçon, engenheiro natural do Franco-Condado, fixou mais seriamente a attenção do governo hespanhol; mas esse projecto, tão bem concebido, foi mal executado, e gorou por um concurso de circumstancias que o genio de Arçon não podéra prever.

«Dez galeras tinham sido construidas de modo que apresentassem aos fogos da praça um costado coberto de uma blindagem de tres pés de espessura e conservado n'um estado continuo de humidade por um mecanismo muito engenhoso para que as balas rubras se apagassem no mesmo sitio em que penetrassem. Primeira medida que só foi executada imperfeitamente; a falta de geito dos calafates impedio o jogo das bombas que deviam alimentar essa humidade. Só a bordo de uma d'ellas, a *Talla piedra*, é que isso se realisou. Em segundo logar as posições, designadas a cada uma das galeras depois de se ter sondado escrupulosamente, não foram observadas; e D. Ventura Moreno, marinheiro valente, mas incapaz de combinar e de executar um plano, mettido em brios por uma carta em que o general francez Crillon lhe mandava dizer no dia 12 de setembro á noite: «Tel-o-hei por covarde se não dér

começo ao ataque» não tomou tempo de concertar bem as suas medidas, nem sobretudo de bem calcular as distancias. O que resultou d'esta precipitação? Só duas galeras poderam collocar-se na distancia convencionada, a duzentas toêzas da frente da praça, a *Pastora*, commandada pelo proprio Moreno, e a *Talla-Piedra*, dirigida pelo principe de Nassau, e onde estava Arçon; e de mais a mais ficaram expostas á bateria mais temivel, a do baluarte real, emquanto no projecto de Arçon deviam estar todas agrupadas defronte do Velho Molhe e receber só de lado os fogos d'esta bateria. D'este modo essas duas galeras soffreram mais do que offenderam. A *Talla-Piedra*, sobretudo recebeu um golpe mortal. A despeito da blindagem uma bala rubra penetrou na parte secca do navio. O seu effeito foi vagarosissimo. A galera rompera o fogo pelas dez horas da manhã; a bala cravou-se-lhe no costado das tres para as cinco, e o incendio só rebentou de um modo irremediavel á meia noite. Ao lado a *San Juan* teve a mesma sorte. Parece averiguado que as outras oito ficaram intactas. Para cumulo de desventuras faltaram a um tempo todos os recursos; ancoras de soccorro, chalupas para receberem os feridos, etc. O ataque devia ser apoiado por dez navios de guerra, e por mais de sessenta chalupas, canhoneiras e bombardas; nem canhoneiras, nem chalupas, nem vasos de guerra appareceram. Emfim Arçon contára, para reduzir a silencio a artilheria da praça com uma superioridade de mais de duzentas peças. No momento do ataque, os assaltantes não tiveram senão sessenta para setenta peças a oppôr ás duzentas e oitenta dos sitiados. Alem d'isso a esquadra combinada conservou-se espectadora immovel do combate. Guiche, commandante da esquadra franceza, mandar propor a Moreno sustental-o; este recusou.

«Voltemos á scena de desordem e de horror, que se seguio ao incendio da *Talla Piedra*. No dia 14 de setembro, á uma hora da manhã, estava essa galera devorada pelas chammas; e o fogo como dissemos, pegára-se á bateria proxima, a *San Juan*; ás quatro horas oito fluctuantes estavam a arder. O capitão inglez Curtis partio então com as suas embarcações para ver se salvava uma porção das tripulações; mas a explosão de duas das fluctuantes, que até fez sossobrar um dos seus barcos, interrompeu-o n'essa missão de humanidade, e só pôde levar para terra nove officiaes, dois capellães e trezentos e trinta e quatro soldados e marinheiros. Ás onze horas mais tres baterias vão pelos ares, e outras ardem á flor d'agua. Ainda restam duas fluctuantes, pega-se o fogo a uma, e os Inglezes, não podendo capturar a outra, incendeiam-n'a. Na tarde do segundo dia já nada existia d'essas terriveis machinas de destruição. A perda dos alliados, n'este funesto dia 13 de setembro passou de dois mil homens, emquanto que os inglezes contaram apenas ao todo um official e quinze soldados mortos e sessenta e oito feridos. Houve por occasião d'este desastre um jogo de amarissimas recriminações entre as quaes será custoso reconhecer a verdade. O duque de Crillon, nas suas memorias, procurou justificar-se, e attribuir ao conde de Florida-Blanca a responsabilidade de uma precipitação, que não permittira travar o combate como elle merecia travar-se. Arçon, pela sua parte, publicou, além das *Memorias para servirem á historia do cerco de Gibraltar* uma justificação em regra do seu projecto e do seu procedimento, debaixo do titulo de *Conselho de guerra privado sobre os acontecimentos de Gibraltar em* 1782; mas o que os justifica melhor a um e outro é essa nova actividade que elles desenvolveram para continuarem o cerco de Gibraltar segundo um novo plano que a imaginação viva e fecunda de Arçon de novo concebera. Conseguira elle abrir uma entrada no proprio rochedo do lado do Mediterraneo, fazendo ir pelos ares as baterias baixas da fortaleza, depois fizera uma segunda abertura na entrada da vereda que se estreita entre o sopé da montanha e o Mediterraneo, e que vai ter á ponta da Europa; mas não lhes foi dado ver o effeito d'estes novos trabalhos, que fizeram, segundo se diz, estremecer Elliott quando, depois de levantado o cerco, os vio pela primeira vez, porque no dia 3 de fevereiro de 1783 o duque de Crillon informava Elliot que estavam assignados os preliminares da paz geral, e, tres dias depois, que estava levantado o bloqueio maritimo. Em fim no dia 10 de março trazia a fragata *Thetis* a noticia official da paz; e no dia 13 Crillon e Elliott tinham uma entrevista a meio caminho dos entrincheiramentos hespanhoes e da base da penedia.

«Assim terminou, depois de tres annos sete mezes e doze dias de duração, um dos cercos mais memoraveis dos tempos modernos, e que assegurava para todo o sempre á Inglaterra a posse d'esta chave do Mediterraneo.

KARL CHRISTIAN RAFN

Celebre antiquario e philologo dinamarquez. Nasceu no dia 16 de janeiro de 1795 em Braborg na ilha de Funen; morreu em 20 de outubro de 1864 em Copenhague. O trabalho ao qual Rafn deve, principalmente, a sua notoriedade europea, foi a grande obra d'elle ácerca das antigas navegações dinamarquezas e noroeguezas na Groenlandia e nas plagas N. E. do continente americano, obra que foi publicada, em Copenhague em 1837, em um grosso volume em 4.° com o titulo de *Antiquitates Americanae, seu Scriptores septentrionales rerum antecolumbianarum in America*. Além d'este importantissimo estudo, muitos outros trabalhos, todos relativos ás antiguidades historicas e geographicas das altas regiões do norte, occuparam a longa carreira d'este laborioso sabio. Trabalhos d'aquella natureza haviam-se tornado para elle um verdadeiro culto; foi, pois, para lhes imprimir mais unidade e actividade que em 1825 promoveu e organisou a fundação da celeberrima *Sociedade dos Antiquarios do Norte* de que foi secretario perpetuo e alma d'ella até ao fim da sua vida.

Ha poucas sociedades na Europa, que hajam assignalado a sua existencia por trabalhos tão numerosos como a *Sociedade dos Antiquarios do Norte*. Além de uma serie já consideravel e sobejamente importante de volumes de memorias, deve-se-lhe uma collecção em 3 volumes das «Historias heroicas do Norte ou dos Sagas mythicos ou de imaginação»; uma «Colleção dos Sagas historicos do Norte» egualmente em 3 volumes; o Livro das tradições de Fœroe (Fœreyinga Saga) com commentarios criticos; os «Monumentos historicos da Groenlandia,» em 3 volumes; as «Antiguidades russas;» em dois volumes; etc. etc. Todas estas obras, texto ou traducções são em dinamarquez; algumas, porém, são acompanhadas de traducções latinas, ou teem sido vertidas para allemão.

Aquella lista é muito incompleta e Rafn collaborou prodigiosamente na maior parte de todas essas publicações.

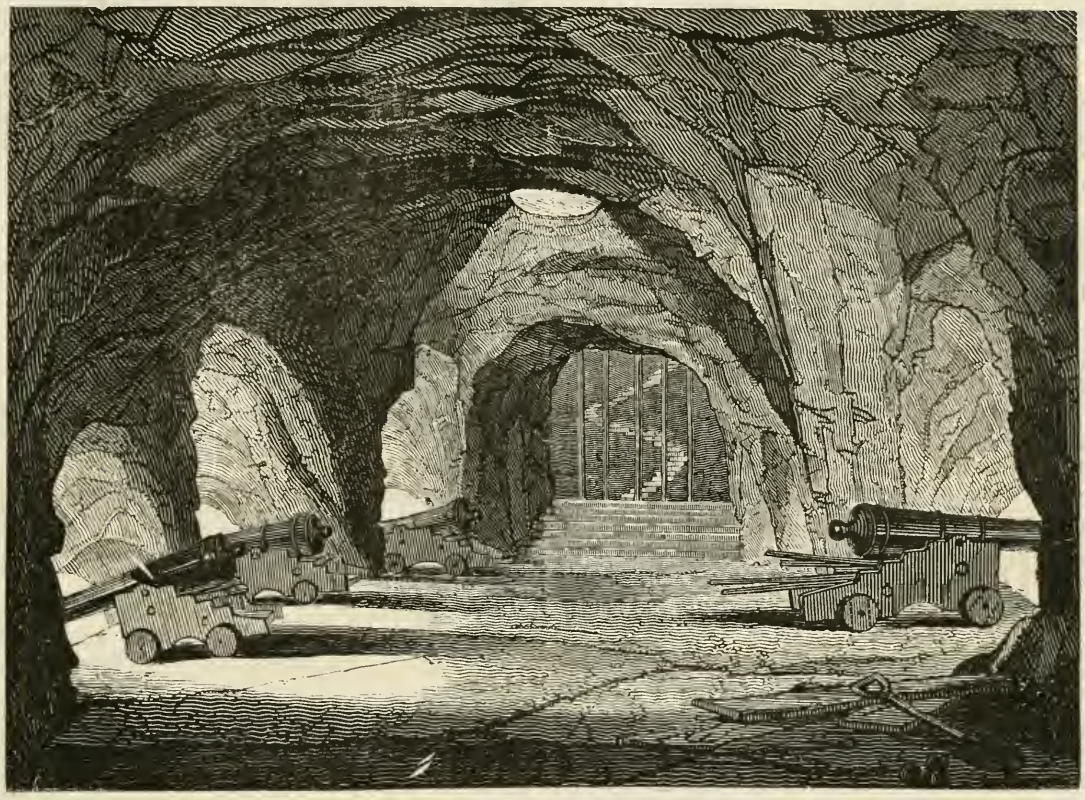
ALFREDO MAY

.....Que esta qualidade tem a virtude, todolos trabalhos estimar pouco e os vicios muito menos.

FRANCISCO DE MORAES.

Do homem, que é mau do berço á sepultura,
Uma só coisa á natureza deixam
Os habitos ruins que não pervertam;
Do coração é o primeiro impulso.

GARRETT



Gibraltar (fortaleza)

A BOCCA DO INFERNO

IV

D. Thereza deixou Cascaes, passou o inverno e verão em Lisboa, e no outono voltou a tomar banhos. Luiz de Mello, que durante todo este tempo continuára as suas apaixonadas relações com Christina, vinha vel-a a Cascaes muitas vezes. A sr.ª morgada é que não podia conformar-se com a lembrança de sua filha se apaixonar por um homem que, sobre não ter capitaes, andava habitualmente mar em fóra, e devia por tanto ser um pessimo marido; ella, que se não cançava de contar os seus amores com o morgado, que vivêra sempre junto della, sem embargo, accrescentarei eu, de lhe fazer por fóra suas infidelidades, segundo era voz publica.

Era uma santa creatura D. Thereza de Brito! Revia-se nos filhos, porque ambos, dizia ella, lhe recordavam o defunto marido. Tinha um os olhos do morgado, outro a bocca, e ambos a alma! Como ella fazia esta ingenua partilha da alma do morgado, que talvez estava então dando contas a Deus!

No seu amor de mãe sonhára um dia com o filho embaixador e a filha viscondessa. D. Thereza achava immensamente eufonica a palavra viscondessa, titulo que lhe parecia facil de adquirir, tendo Christina, além dos alimentos que lhe pertenciam, um bom dote em bens livres, que o defunto morgado adquirira e não quizera encorporar no vinculo para deixar a filha em melhor situação.

Ora ver D. Thereza que Christina desprezára optimos casamentos para agora se apaixonar por Luiz de Mello, causava-lhe grande desgosto.

Por algum tempo a sr.ª morgada contentou-se em dirigir a sua filha mil exclamações de espanto. Depois passou a um monologo quotidiano de exprobações. Finalmente, como visse que nem conselhos, nem boas razões afastavam de mau trilho o coração da donzella, procurou obstar por todos os modos á continuação das suas relações com Luiz de Mello.

Christina, firme no meio d'esta luta, sugeitou-se ás deliberações de sua mãe, offerecendo a melhor de todas as resistencias, a resistencia passiva.

Amando Luiz como ella o amava, podiam atiçar-lhe paixões ruins de ambição e soberba, que todo o empenho seria baldado. Esta é, se não a maior, uma das grandes virtudes do amor, n'este seculo em que tudo se sacrifica ao interesse e ao egoismo.

Mais do que as considerações de D. Thereza valia o amor de Christina, que se alimentava de esperanças, como todos os amores, esperanças muitas vezes irrealisaveis, mas que teem o dom precioso de enganar. É o mel com que Deus adoça as bordas do calix de absyntho que o pobre amante chega aos labios, e no qual, como disse o Tasso no

primeiro canto do seu poema, vae enganado bebendo a vida:

Succhi amari ingannato in tanto ei beve,
E dall'inganno suo vita riceve!

No entanto, estas contrariedades constantemente levantadas por D. Thereza faziam soffrer muito Christina, e arrancavam-lhe lagrimas, que em vez de destruirem o sentimento parece que mais vigor lhe dão.

Digam embora os felizes, os que do amor só provaram o mel, que são tolos os que lhe haurem o absyntho, e consentem que o coração se lhes esmigalhe debaixo do pezo dos soffrimentos. Quanto não valem mais; que mystico encanto não tem mais as lagrimas do amor verdadeiro e santo, que os risos e as alegrias buliçosas do amor fragil e vulgar!

Os que só tem sentido o coração pelas affeições ardentes e desinteressadas, os que no regaço da mulher adorada teem chorado com ella as perseguições do mundo, esses comprehenderão o amor de Luiz e Christina, grandioso como todos os sentimentos sanctificados com o baptismo das lagrimas.

Oh, amor! amor! mysto da alma e dos sentidos, como te chamou Chateaubriand, de que a amizade é a parte moral, como ainda hoje fluctuas grande, virginal, á superficie d'este oceano de paixões sordidas em que se precipita a humanidade, impellida talvez pelo destino da sua comdemnação! Só tu, amor, no cataclysmo que arrasta para o abysmo tudo quanto é nobre e bom, e vae produzindo uma subversão monstruosa na alma humana, só tu não foste ainda envolvido! Surges, como o genio da poesia e da saudade no meio das solidões, como o anjo que aponta para o futuro sobre as ruinas de um mundo que desaba, bello, grandioso, imponente de magestade!

Digam embora os que hoje sacrificam só ao bezerro de ouro, sem receio de que sobre elles cáia a colera de um novo Moysés—que o amor foi vencido pelo calculo, que a criança debil e meiga ficou para ahi moribunda n'alguma encruzilhada. É falso. O dinheiro, estendendo por toda a parte as suas garras de abutre, procurando empolgar tudo, até a consciencia, ainda não chegou ao coração. Está ahi a scentelha divina, que Satanaz não póde apagar.

Digam embora que o amor passou com o mundo antigo. Não. Quando aos pés da cruz victoriosa expiravam as saturnaes da impudica Venus, o amor acompanhou o mundo moderno convertido em culto do coração, em aspiração de uma alma para outra. Foi um raio da luz sublime que illuminava a fronte do Christo que converteu na alma de Magdalena o amor material e pagão que comdemna, no amor espiritual que salva e regenera!

Eterno companheiro da humanidade, nasceu com Adão no Paraizo, para só morrer com o ultimo homem. Henrique Kleist apunhalando-se obedecia á sua influencia; Buckingham sacrificando um exercito, e talvez a propria Inglaterra, curvava-se ao seu imperio; Nelson traindo a capitulação de Napoles ajoelhava, elle o vencedor, elle o heróe, aos pés de Emna Hamilton, que era para elle a personificação do amor.

«Quand l'amour—disse Madame Cottin—n'est pas une flamme qui échauffe, mais un feu qui brûle, qui consume, qui dévore, il etouffe tout, tout, jusqu'á la conscience!.»

(Continua.) A. D'OLIVEIRA PIRES.

APPLICAÇÃO DO BELLO ÁS SCIENCIAS, ÁS LETRAS E ÁS ARTES

As proporções e as relações reciprocas dos sendos immateriaes são a base das differenças que distinguem as sciencias, as letras e as artes, assim como as suas diversas escólas e os genios que as teem illustrado.

As sciencias, taes como a geometria, astronomia, historia natural, geographia, etc., teem por fim a averiguação do *verdadeiro* e dependem quasi exclusivamente do sentido logico.

As letras teem por fim a imitação da natureza ou a combinação dos factos naturaes, em uma nova ordem, sob a inspiração do verdadeiro, do util, do sentimento da fórma e do bello. Dependem dos quatros sentidos intellectuaes; mas, propoem-se particularmente á união do sentido moral e do sentido poetico, isto é, o bello moral. Collocadas entre as sciencias e as artes, comprehendem dois generos de trabalhos: sciencias litterarias e artes litterarias.

As sciencias litterarias, taes como a historia, a philosophia, procuram o verdadeiro e o util, e dependem especialmente do sentido logico e do sentido moral.

As artes litterarias, eloquencia, poesia, arte dramatica, etc., buscam o verdadeiro, o util, a fórma, o bello e particularmenteo bello moral. Dependem dos quatro sentidos intellectuaes, mas sobre tudo do sentido poetico.

As artes tambem, como a pintura, a esculptura, a musica, a dança, etc., teem por objecto a imitação da natureza ou a combinação, em uma nova ordem, das fórmas naturaes. Dependem dos quatro sentidos intellectuaes e procuram o verdadeiro, o util, e o bello, mas com especialidade o bello plastico.

Assim as letras, que unem as sciencias ás artes, differem das primeiras, porque ajuntam á investigação do verdadeiro a do util, da fórma e do bello; das ultimas, porque dão á parte moral do bello a preferencia, em quanto que estas a concedem á parte plastica.

A proporção do sentido logico, que caracterisa o pensador, com o sentido plastico, que caracterisa o artista, estabelece duas classes distinctas em cada ramo da arte e da litteratura. Uns cingem-se mais ás idéas; outros á fórma; estes á força, aquelles á graça. O mais proximo da perfeição é o que, em lugar de apresentar esse antagonismo eterno da fórma e do fundo, reune, no mais subido grau e em justa proporção, os dois elementos do bello.

É, applicando este principio, que se poderá, com algum resultado, comparar e apreciar os grandes espiritos que, no mesmo genero, são habitualmente oppostos uns aos outros: Homero e Virgilio, Aristoteles e Platão, Thucydides e Xenophonte, Zeuxis e Phidias, Tacito e Tito Livio, Demosthenes e Cicero, Dante e Tasso, Miguel Angelo e Raphael, Corneille e Racine, Gluck e Piccini, e, entre os contemporaneos, Hugo e Lamartine, Cousin e Villemain etc.

As relações do sentido poetico com os sentidos logico, moral e plastico, ou do sentimento do bello com o do verdadeiro, do util e da fórma, dão conta das differentes escolas artisticas e litterarias.

O fim geral da arte é a procura e a imitação do bello que a intuição nos revela na natureza.

O fim da arte classica é o ideal, isto é, a investigação de um bello um pouco excepcional no verdadeiro, do util e das fórmas naturaes. Exagerando o seu principio e afastando-se muito do real á procura do ideal, pinta-se uma natureza de convenção.

O Romantismo é o nome da revolução que quiz conduzir a arte ao sentimento da realidade. Mas foi além do fim; e, em vez de procurar o bello no real, julgou encontral-o no commum, que levou até ao trivial, e ornal-o pelo extraordinario, que perseguiu até ao *desagradavel*, isto é, até ao contrario do verdadeiro, do util e da fórma natural.

Esta revolução produzio duas escólas romanticas, que ora se separam, ora se prestam mutuamente os seus erros: são o *Realismo* e o *Fantasismo*.

O Realismo faz consistir o bello na imitação perfeita do real e na photographia, por assim dizer, da natureza. É o Romantismo prosaico.

O Fantasismo comparte com o Realismo o defeito de multiplicar as individuações e as descripções estudadas a microscopio, e distingue-se por uma affectação de independencia, pelo gosto do extraordinario e pelo descommunal das proporções, effeito de optica devido ao processo.

A arte néo-classica é uma escola de conciliação que colloca o bello na alliança medida do real e do ideal.

BAZIN

Sinologo francez, nasceu em Saint-Brice (Seine-et-Oise) em 26 de março de 1799 e falleceu em Paris nos principios de 1863. Desde 1843 professava o curso de chinez vulgar na escóla das linguas orientaes vivas. Publicou no *Nouveau journal asiatique* numerosos trabalhos ácerca da lingua e litteratura moderna da China; entre outros muitos um estudo importante intitulado *le Siécle des Yonen, ou Tableau historique de la litterature chinoise* (1850—1852.) No *Univers pittoresque* da livraria Didot, a *Chine moderne* de Bazin, que fórma o complemento da *Chine ancienne* de Pauthier, é um dos mui raros volumes que pódem dar algum valor serio áquella vasta compilação.

A. May

ESCRUPULOS HONROSOS DE DOIS HOMENS ILLUSTRES

Mungo-Park, o primeiro e talvez ainda hoje o mais interessante dos exploradores da Africa, tinha o costume de contar a miude, em intima sociedade, muitos incidentes curiosos e engraçados da sua celebre viagem á procura do Niger, incidentes que havia omittido na obra que imprimio.

Um dos seus amigos admirando-se d'isto, perguntou-lhe um dia a rasão.

—Sabe, replicou Mungo-Park, que fui a Africa com a missão expressa de explorar certas regiões; ora, importava muito que não sómente as pesquizas fossem feitas com consciencia, mas que os resultados dados ao mundo fossem tão criveis como exactos.

—De accordo, tornou o amigo; mas uma vez que nas muitas historias que nos tem contado, coisa alguma se nota que não seja tão real como tudo quanto publicou; ¿ porque, sem motivo, privar o publico de factos interessantes e tirar ao livro um exito ainda mais feliz?

—Não andei de levante no negocio, respondeu o viajante. É possivel que a narração d'essas aventuras dessem á obra uma voga ephémera; mas eu punha a mira mais alto. Entendi que havia sido chamado a cumprir um grande dever. Encarregado de um trabalho importante, desempenhei-o conforme a minha capacidade o permittio, e, cumprida a tarefa, senti-me ligado pela obrigação, não menos grave, de dar á minha narrativa um tal caracter de authenticidade, de boa fé, de que pessoa alguma podesse suspeitar a menor parte. Se me abstive de contar, aos que não me podem conhecer senão pelo meu livro, as anecdotas que se afastam do curso ordinario das coisas, e que não me atrevo a dizer senão aos meus intimos amigos, é porque temi que um facto estranho, por mais averiguado que tivesse sido, fosse enfraquecer a auctoridade do todo; não queria correr esse risco.¿ Deveria eu, pelo futil prazer de fazer rir alguns ociosos, ou fazel-os abrir muito os olhos, comprometter a minha reputação de veracidade, da qual sou responsavel perante o publico, que me elegeu seu servidor e delegado no vasto campo das descobertas?

Depois da morte de Mungo-Park, um escriptor que preparava uma biographia d'este consciencioso e perseverante viajor, dirigio-se a um dos seus amigos, dotado de uma memoria das mais felizes, e pediu-lhe a communicação d'essas anecdotas cuja fama havia transpirado fóra do pequeno circulo d'escolhidos.

Este amigo, que não era outro senão Walter Scott, reflectio um momento e disse:

—Não, não repetirei uma só palavra, embora me estejam bem presentes, e eu convencido da sua veracidade. Uma vez que o meu honrado amigo Mungo-Park, não julgou acertado, depois de maduro exame, dal-as á publicidade, eu faltaria á sua memoria contribuindo a fazel-as conhecer depois da sua morte.

IMAGEM DA VIDA

...Embarquei de noite... Coisa alguma se podia distinguir... Pouco a pouco foi apparecendo a aurora; os objectos que me rodeavam tomaram a principio fórmas confusas, depois foram-se tornando mais claras, até que em fim o dia mostrou-se inteiramente. Este foi cheio de peripecias e de interesse: diversas perspectivas no horisonte; ora borrascas, ora bonança e bom tempo; uma companhia distincta, conversações variadas. A viagem, que no momento da partida me pareceu devia ser longa, não o foi. O tempo desapparecia com o rapido andar do navio... Depressa declinou o sol; as risonhas côres apagaram-se e d'ahi a pouco apenas se divisava no espaço essa infinidade de estrellas que nos enviavam de todas as partes a sua mysteriosa luz... Mas eu sabia que o porto não estava longe, tinha confiança em quem nos guiava, e fatigado, do dia, adormeci em paz.—Tal é, me parece, a historia de uma vida.

O JANOTA LITTERATO

Do janota litterato
Eu vou tentar a pintura;
Se ficar bom o retrato
Heide comprar-lhe moldura,
Obra de talha em ornato.

Não faltarão estrangeiros
A pasmar dos meus pinceis;
Conto já com bons dinheiros,
E vencer os *Raphaeis*,
Que em lojas pintam letreiros.

Um janota bem pintado
Enfeita sempre uma sala,
Na parede pendurado;
Toda a bella se regala
Em lhe gabar o frisado.

E se ajunta este idiota
Ser esbelto ao ser taful,
Como prodigio se nota,
Porque é ouro sobre azul,
Luz da testa até á bota.

Comecemos: — bigodinho
Nas guias enserolado,
O cabello frizadinho,
O gargalo levântado
A saltar do colarinho.

Chapellinho posto á banda
Em ar de certo desdem,
Camiza de fina hollanda,
Collete, que mostra bem
Quanto nos bolsos chato anda.

Casaquinho aprimorado,
Botinha de polimento,
Um charuto desmarcado,
Que lança fumos ao vento...
E eis o janota esboçado.

Mas janota— e litterato—
É tão chistosa figura,
Que se requer fino tacto
Em quem fizer a pintura
Deste sabio carrapato.

Comtudo para pintal-o
N'um botequim vou entrar:
Eis lá vejo um *a cavallo*
N'uma cadeira, a fumar
Monstruoso, havano talo.

Falla d'um drama, portento
Que saiu da sua penna:
« Original pensamento! »
Diz, sem ver que á lusa scena
Tem ido eguaes mais d'um cento.

Eis surge um severo critico
A castigal-o, sem dó;
Fica o *auctor* paralytico,
Afoga as magoas n'um *grog*,
Tacha o censor d'impolitico.

Outro apregôa o seu chiste
Por diversos botequins,
Diz que n'elle o *sal* existe,
Que leiam seus folhetins,
E acaba tudo que é triste.

Este com grande ousadia
A um bom auctor faz offensa,
Outro mui parvo elogia...
E os aprendizes da imprensa
Corrigem-lhe a orthographia!

Aquelle em phrases mui ricas
Louva as modas invasoras,
Gaba das bellas as nicas,
E para agradar ás senhoras
Faz o papel de maricas

Descrevendo uma *soirée*
Aquell'outro estraga a tinta;
Um grande sabio se crê...
Mas em toleima requinta
Cuidando que alguem o lê!

.....
.....

Fiz um pessimo retrato...
É bem grande a minha dor!
Trabalhei por ser exacto,
Mas não pude ser pintor,
Nem fingir de litterato!

Quiz pintar... e causei dó
Por não estudar em Roma!..
Dá-me ó *Marrare* um *liró*,
Que hei-de guardal-o em redoma,
E pol-o sobre um tremó.

J. I, D'ARAUJO

—Um tyranno,
Quando deixa de o ser, é sempre escravo.

GARRETT

A vingança é virtude e é peccado;
Peccado emquanto mal a executamos,
Virtude emquanto só por zelo honrado
As affrontas do proximo vingamos.

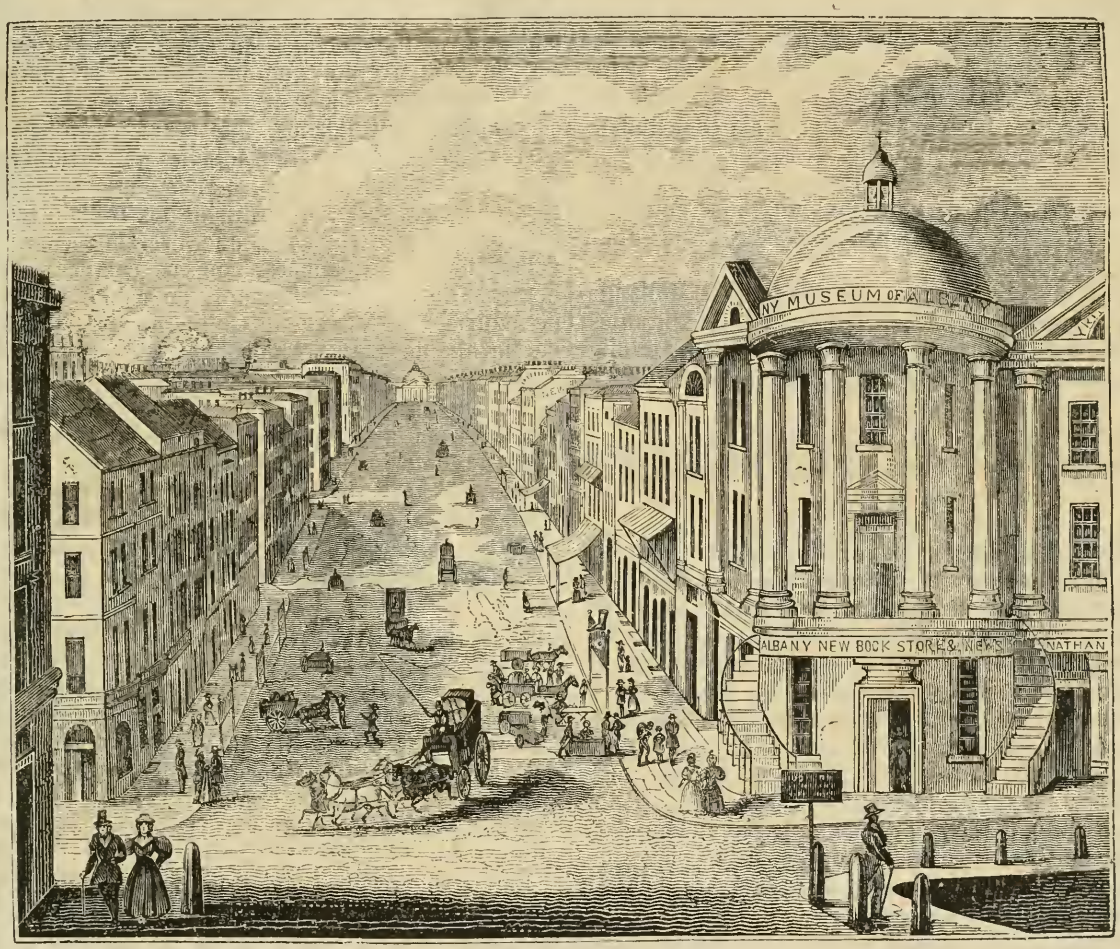
BRAZ GARCIA DE MASCARENHAS.

Typ. Franco-Portugueza. Rua do Thesouro velho, 6

UMA RUA DE ALBANY

Os Estados Unidos acabam de passar por uma longa e dolorosa crise. A republica fundada por Washington, que até aqui era apontada como o modelo dos governos republicanos, e a demonstração evidente da bondade d'essas instituições, servio por alguns annos de argumento aos monarchistas, que, sorrindo-se com desdem, apontavam triumphantes para a guerra titanica, em que se debatiam os estados da America, e diziam: Vêde o fructo das vossas theorias, vêde-o no proprio paiz, que apresentaveis como exemplo da sua proficuidade.

Não acreditamos que essa deploravel guerra que inundou de sangue os ferteis plainos do novo mundo abale por fórma alguma as convicções dos democratas; parece-nos que pelo contrario as deve



Uma rua de Albany.

robustecer. A republica americana atravessou um periodo doloroso, como todos os estados podem atravessar, como todos atravessam quando no seu seio se levanta uma questão a que esteja ligada a sua existencia politica. Quando uma monarchia absoluta se transforma em monarchia constitucional, ha lucta inevitavel; ha lucta muito maior quando se tenta a abolição de direitos feudaes, de privilegios seculares de uma classe, ¿como não haveria uma lucta de gigantes quando se tentou abolir a escravatura n'um paiz cheio de força e de vitalidade, a escravatura essa instituição secular, a que estavam ligados tão poderosos interesses? Quem se póde espantar, por conseguinte, de que, no momento de se operar essa grande reforma, houvesse lucta? Quem se pode espantar de que essa lucta fosse terrivel, sabendo quaes são os immensos recursos d'essa tão prospera republica? Quanto mais vigorosos são os combatentes, tanto mais sanguinario é o combate! Mas o que devemos admirar é como, no meio d'esse formidavel cataclysmo, se conservou o respeito da legalidade, não havendo mais do que uma scissão na republica! O que devemos admirar é não ter ido cair o poder nas mãos de algum soldado feliz! O que devemos admirar é a magestosa serenidade com que a republica, finda a lucta, voltou ao seu estado normal, sem que uma só das suas instituições politicas perecesse no naufragio!

Desculpem-nos a digressão; era difficil de evitar.

Vamos já ao assumpto a que a gravura nos chama.

A gravura representa uma rua de Albany, cidade das mais antigas da União, e séde do governo do mais poderoso Estado do Norte, o de Nova-York.

A cidade de Albany fica situada na margem direita do Hudson, no meio de um territorio fertil e bem cultivado. O Hudson, que vai desembocar no Oceano junto da populosa e commercial cidade de Nova-York, é accessivel até Albany a barcos de vapor, que põem em communicação a cidade que deu nome ao estado com a cidade que foi escolhida para capital. Um caminho de ferro liga Albany com Boston; duas estradas commerciaes, uma que é a via terrestre, outra maritima, o canal Erié, ligam-n'a com Buffalo, centro do commercio, com as regiões de Oeste e com o Canadá. Por isso Albany é o ponto de passagem obrigado de todos os emigrados europeus, que vão tentar fortuna n'esses vastos ermos ainda inexplorados.

Esta cidade, fundada em 1614 pelos Hollandezes, conta actualmente perto de 50000 habitantes.

Os seus edificios mais notaveis são o Capitolio, ou palacio do governo, feito de marmore branco, um theatro e um museu.

D. JORGE DE MASCARENHAS, GOVERNADOR DE MAZAGÃO

Os nossos chronistas habitualmente, e mesmo os nossos modernos historiadores, deslumbrados pelo esplendor da nossa grande época, pelo brilho das façanhas de Duarte Pacheco, do genio militar de Affonso de Albuquerque, só consideram como digno da sua attenção esse glorioso cyclo que, abrindo-se no fim do seculo XV, no momento em que Vasco da Gama põe o pé na tão almejada praia do Indostão, se fecha no fim do seculo XVI no lugubre instante em que os valentes portuguezes perdem de vista o doirado elmo de D. Sebastião no meio das ondas de mourisma, que, flagelladas pelo vento da sua espada, de todos os lados o procuravam subverter.

Comtudo é necessario pensarmos que a gloria portugueza não se resume toda n'essa época; é necessario não nos deixarmos por tal fórma cegar pelos esplendores da boa fortuna que só consideremos como dignos da immortalidade os grandes feitos dos nossos maiores no tempo em que um destino propicio bafejava as quinas portuguezas. Não supponhâmos que o vasto imperio lusitano se desmoronou sem lucta, e que os filhos dos Castros e dos Athaydes renegaram logo a herança da gloria que seus pais lhe haviam deixado. Não! Portugal luctou por grande espaço de tempo contra a má fortuna, e a historia da sua queda heroica não é menos digna da nossa attenção do que a historia do seu glorioso desenvolvimento. Levantemos o negro véo, que nas nossas chronicas esconde os sessenta annos do captiveiro hespanhol, como na galeria dos retratos dos doges em Veneza esconde um véu igualmente negro o sitio em que devia estar o retrato de Marino Faliero, decapitado por traidor. Ha razão para isso; Portugal tambem fôra decapitado, e decapitado por ter traído, em beneficio de uns frades perversos e fanaticos, a alta missão civilisadora, que a Providencia lhe confiára.

Levantemos pois esse véu, e convençâmo-nos de que a lista dos grandes feitos dos portuguezes não finda na segunda defeza de Dio; convençâmo-nos até de que talvez fosse necessario mais desesperado heroismo aos soldados de então para caírem com gloria, do que aos seus antepassados para lançarem os fundamentos do seu immenso imperio. Se estes tiveram que luctar com os Indios, que defendiam a sua patria e a sua religião, com os valorosos Musulmanos, que eram n'essa época o terror da Europa, tiveram aquelles que luctar com esses mesmos Musulmanos, e além d'isso com essa raça energica, forte, e obstinada dos Hollandezes, com os valentes soldados, que fizeram recúar os velhos terços hespanhoes, com os companheiros heroicos do conde de Egmont, do conde d'Horn, de Mauricio de Nassau, de Guilherme o Taciturno, de Marnix de Sainte-Aldegonde; e em que circumstancias emprehendiam essa lucta! quando estavam sujeitos a um dominio estrangeiro e odiado, quando viam a sua patria enluctada, quando tinham de combater pelos oppressores d'elles, quando os seus mais valentes irmãos de armas lhes eram arrancados para irem ensopar no seu sangue as terras frigidas de Flandres, quando a politica hespanhola parecia tender unicamente a sacrificar, a enfraquecer o reino, que approximára Filippe II do sonho doirado da monarchia universal.

Contaremos um dia algumas das façanhas com que os nossos antepassados se oppunham ao desenvolvimento do poder hollandez; hoje evocaremos apenas das trevas do passado um dos vultos heroicos, que, nas nossas praças africanas, continuavam as tradições dos heroes de Ceuta e Arzilla, e vingavam nos mouros o desastre de Alcacer-Kebir, que fôra origem de tamanhas desventuras.

Em 1616 era governador da praça de Mazagão um valente fidalgo portuguez, D. Jorge de Mascarenhas, que foi depois conde de Castellonovo. Era homem da velha raça dos combatentes da Africa, pelejador intrepido, que só folgava de viver no meio do ardor das batalhas, que tinha o cheiro da polvora pelo mais delicioso perfume, e as correrias contra os arabes pelo festim mais deleitoso.

Elle é que podia dizer com a ballada antiga

> Minhas galas são as armas
> Meu descanço o pelejar

Durante o seu governo pouco descanço tiveram os mouros. Não esperava elle que o viessem atacar; mas tomando a iniciativa, ia á testa dos seus cavalleiros, mal assomava no céu a estrella d'alva, espalhar o terror nos aduares dos filhos do deserto. Sempre de espada em punho, sempre armado de ponto em branco, parecia aos seus compatriotas o espectro gigante de uma época já extincta, o ultimo dos companheiros de D. João I, o ultimo dos bravos pelejadores de Aljubarrota, e dos intrépidos conquistadores de Ceuta.

No dia 5 de julho, pois, do anno de 1616 quizeram os beduinos tomar vingança da constante inquietação em que D. Jorge os tinha, e proclamando os seus marabutos de novo a guerra santa, invocando as recordações de Alcacer-Kebir que ficou sendo para todo o sempre a grande gloria nacional dos marroquinos (1) vieram em grande numero e em grande grita insultar as muralhas de Mazagão. Não era D. Jorge de Mascarenhas homem que supportasse muito tempo essas provocações, abrigado por traz dos muros da sua cidade. Poz-se á testa de um punhado de portuguezes, e saío a planicie rasa a combater com os mouros. Esperavam-n'o elles bem apercebidos, e, deixando-o avançar levado pelo seu ardor impetuoso, descobriram de subito grandes forças emboscadas, por entre as quaes se viram os portuguezes obrigados a retirar. Mas D. Jorge de Mascarenhas, todo affogueado pelo ardor da peleja e levado pelo seu ardor cavalheiresco, despresando os soldados que fugiam e voltando-se para os poucos fidalgos que o acompanhavam, bradou-lhes:

—Pelejai, cavalleiros, que se perdem os soldados e aquella bandeira de el-rei; voltai-vos e vêde como o vosso capitão morre.

E, cravando as esporas no fino murzello, arremessou-se nos moiros, sem ver se alguem o seguia. Ninguem o pôde acompanhar na impetuosa carreira, e só, a pouca distancia d'elle, mas tentando debalde pôr-se-lhe a par, galopava o adail Braz Gonçalves, que lhe dizia! «Senhor para que quereis morrer?»

Não o ouvia D. Jorge, e, com a lança em riste entrava no mais cerrado da brava turba dos arabes, derrubando, ferindo e dispersando os cavalleiros do deserto, que revoluteavam em torno d'elle, espantados de tanta audacia. Com uma lançada derribou um moiro, mas, acudindo outro, recebeu o valente cavalleiro uma lançada no peito; já a este tempo se haviam approximado alguns cavalleiros portuguezes; com elles rompeu o governador, continuando a fazer proezas dignas d'esses heróes dos romances de cavallaria, de que Cervantes zombára havia pouco tempo. Quando voltou para junto dos seus cavalleiros trazia cinco lanças no corpo, quatro espetadas nas roupas, por baixo das quaes n'essa época se escondia a armadura, e a outra quebrada na mão. Julgavam os portuguezes que vinha finalmente dar a ordem da retirada; enganavam-se. D. Jorge vinha apenas procurar outra lança porque a sua lhe ficára embebida no corpo de um moiro. Armado de novo, tornou a entrar no mais acceso da peleja. Defendiam-se vigorosamente alguns cavalleiros, entre os quaes o alferes que hasteava a bandeira, contra os arabes que forcejavam por lh'a arrancar. Chegou D. Jorge, como um raio, em auxilio dos seus compatriotas, mas os inimigos já o temiam tanto, que não ousáram esperal-o. Abrindo um largo circulo em torno d'elle, arremessaram-lhe pedras, uma das quaes, bateu na cabeça do cavallo, e matou o fino corcel. Caío D. Jorge em pé, e assim aparou o embate dos arabes, que o assaltaram com novas pedradas, uma das quaes, dando-lhe no elmo, lh'o deitou ao chão, porque o trazia desatado. Assim combateu de cabeça descoberta, recebendo duas feridas na mão esquerda, até que os portuguezes, caindo em massa sobre os inimigos, livraram o seu capitão, e voltaram com elle para dentro dos muros da cidade, onde todos os receberam com o enthusiasmo, que estas façanhas dignas da idade d'oiro da cavallaria deviam facilmente inspirar.

Estas façanhas conta-as Antonio de Sousa Macedo no seu livro intitulado *Flores de España, Excellencias de Portugal*, livro escripto em hespanhol, dedicado a D. Filippe IV, e publicado em 1630. Tudo isto parece indicar que o seu auctor, que tinha n'esse tempo a idade de vinte e dois annos, era adherente ao jugo hespanhol, e que estava resignado á união. Pois apezar d'isso n'esse livro dedicado ao rei de Hespanha, se percebe o odio latente que animava os portuguezes contra os seus dominadores, e o bom do escriptor, ao passo que enumera os grandes feitos de D. Jorge de Mascarenhas, não se esquece de dizer que eram elles tamanhos, e tão assombrosas as forças do inimigo que, estando em Mazagão um soldado hespanhol, e vendo a grande quantidade de arabes, que se apinharam em torno da cidade foi para casa e morreu de medo. (1) Isto é dito sem a mais leve reflexão, e com a mais perfeita innocencia. Mas eu estou vendo o sorriso magano, que se havia de desenhar nos labios dos leitores portuguezes, quando chegavam a este ponto, e as bulhas que haveria, nas ruas de Lisboa por causa do facto mencionado pelo travesso escriptor.

Não nos despedimos ainda d'este nobre vulto de D. Jorge de Mascarenhas, d'este heróe da nossa decadencia. No segundo capitulo veremos que o valente governador de Mazagão não era menos terrivel no mar contra os corsarios argelinos, do que na terra contra os cavalleiros bereberes.

(*Continua.*)

PINHEIRO CHAGAS

(1) Conta Léon Plée na sua historia das guerras de Alger, que na batalha d'Isly, ganha pelo marechal Bugeaud contra as tropas do imperador de Marrocos, andavam os marabutos percorrendo as fileiras musulmanas, animando os soldados com as lembranças da batalha d'Alcacer-Kebir. Perto de tres seculos depois ainda as tradições populares conservam a memoria d'aquella terrivel batalha.

(1) Otras vitorias muy grandes e señaladas tuvo Magazan mientras D. Jorge Mascarenas la governó, entre las quales fueron contra tân gran numero de Moros, que hallando-se ali un Castellano de Olva, y llegando al muro, viendo tantos enemigos, y el desigual partido de los nuestros, que con ellos andavan peleando, se fué para su casa, y murió subitamente, parece que con ansia de desconfiar de la vitoria, y tener-se yá por cativo ó muerto.

FLORES DE ESPANA PAG. 223.

VOLTAIRE

Continuação

O theatro francez começa em Pedro Corneille; antes d'elle encontramos apenas o cahos do poema dramatico. Racine fez o elogio d'este grande homem, indicando a sua alta significação litteraria. A apotheose do auctor do *Cid* é notavel na bocca do poeta da *Athalia:« Quelles obligations ne lui a point notre poésie! Dans quelle état ne se trouvoit*

la scène françoise lorsqu'il commença à travailler! Quel desordre! quel irrégularité! Nul gôut, nulle, connoissance des véritables beautés du théâtre.» Corneille apparece, e com elle a arte dramatica entra no verdadeiro caminho da razão, para subir, cercada de pompas, até á elevada altura em que depois a contemplamos. Corneille é a força, o impeto, a vehemencia nas paixões, a magestade, a magnificencia no estylo. Nascido em um seculo eivado pelo mau gosto, lucta contra elle, e consegue quasi leval-o de vencida. A mordacidade e o fel dos émulos que desbaratara, cae-lhe em chuva sobre os louros nascentes, mas os louros reverdecem mais viçosos ainda, e na larga sombra que projectam occultam os Scudérys raivosos. A Hespanha é o jardim opulento onde elle colhe as mais bellas flores, para depois fabricar os favos do seu mel delicioso. Guillen de Castro inspira-o. D'este volver de olhos constante para alem dos Pyrenéos, d'este amor cego pela hyperbole castelhana, procede, logicamente, o principal defeito de Corneille: a affectação. Entendamo-nos sobre esta palavra.

A affectação, nas admiraveis creações do poeta dos *Horacios*, não consiste na frivolidade elegante, no dizer amaneirado, no porte cortezão e delambido, ao contrario; rezide na bravata enfollada, no tom de *mata moiros* com que se expressam os seus heroes.

Por vezes sentimos nas suas tragedias um certo rumor de farruscas, e uma parlenda guttural de asturianos façanhosos. Camillo, imprecando contra Roma, tem versos de um exagero manchego. Eis ao que eu chamo a affectação de Corneille, e nada mais.

D'este ponto em diante o theatro francez progride. Não é o nosso fim acompanhal-o no seu andamento constante, e estudar-lhe as suas phazes diversas. Citámos o iniciador do poema dramatico em França, por nos parecer impossivel deixar de commemoral-o n'um estudo d'esta indole. A nossa missão é, proseguindo na apreciação litteraria de Voltaire, deitar sobre este vulto a luz que lhe é divida.

Voltaire fórma, com Racine e Corneille, uma das mais bellas trilogias. Collin-d'Harleville grupou-os em alguns versos memoraveis. No poeta do *Cinna* encontramos a altivez cavalleirosa; no de *Andromaca* a suavidade amoravel, no de *Mérope* o calor santo dos nobre affectos, a chamma do enthusiasmo. O vivo manancial das scenas patheticas e das commoções profundas rebenta n'elle vigoroso. *Il a passionné le dialogue et les situations*, — diz Emile Deschamps com extrema verdade.

Educado nos bellos modelos antigos, Voltaire soube tirar-lhes o mimo, o beijo dos seus primores. Por isso n'uma das representações do *Oreste*, vendo o publico levantar-se e proromper em bravos, elle, levado pelas generosas effusões da sua alma, levantou-se tambem, gritando: *Applaudi, applaudi athenienses; isto é o puro Sophocles!»*

De todas as suas tragedias a *Zaira* é a que para nós realça mais brilhantemente. Ha n'ella a perturbação, o movimento dramatico, natural sempre, caloroso sempre, agitado, eloquente, cortado pelos estremecimentos do terror ou da esperança; as phrazes saem do coração espontaneas, simples, graciosas, com todo o perfume dos intimos affectos, com todo o fogo das paixões violentas. O segundo acto é inexcedivel. Lusignan, velho, captivo, oppresso pela desgraça, vergado pelas recordações mais afflictivas, vendo de um lado cahida a religião porque elle combatera tantos annos, e do outro perdidos os filhos que idolatra, Lusignan respira um não sei que de sobrenatural e de celeste. *Zaira* entra, com o rubor nas faces, e os olhos inundados de lagrimas. Oh! como esta scena rivalisa com quanto o theatro francez possue de mais gabado; como ella nos impressiona com toda a sua simplicidade affectiva. Zaira confessa tudo; a momentanea alegria do velho será trocada pelas mais lancinantes angustias:

—«Sous les lois d'Orosmane.
«Punissez votre fille... elle était mussulmane!

É então que resôa o famoso brado de Lusignan, aquelle assombroso trecho em que as lagrimas do velho se misturam com os arrebatamentos da indignação, trecho que por si só bastaria para dar a Voltaire um dos primeiros logares entre os poetas de França.

—«Que la foudre en éclats ne tombe que sur moi!
Ah! mon fils! à ces mots j'eusse expiré sans toi!
Mon Dieu, j'ai combatu soixante ans pour ta gloire,
J'ai vu tomber ton temple, et perir ta mémoire;
Dans un cachot affreux abandonné vingt ans,
Mes larmes t'imploraient pour mes tristes enfans;
Et, lorsque ma famille est par toi rémie,
Quand je trouve une fille, elle est ton ennémie!»

Confessemos francamente, em Racine ou em Corneille não ha situação onde o pathetico sobreleve ao do segundo acto de Zaira. Aquelle, teve, por ventura, em *Iphigenia* um momento de inspiração egual; foi quando escreveu o dialogo entre ella e Agamemnon; Corneille, no *Pelyeucte*, é inferior na verdade do coração humano.

O assumpto da *Zaira* deu ao theatro inglez uma quasi que traducção da tragedia franceza. O seu auctor é Aaron Hill. Esq.

Depois da *Zaira*, a *Mérope* e a *Sémiramis* teem immediato logar. N'esta ultima ha uma scena moldada nas puras fórmas eschylanas, tão simples e tão vigorosa é ella; refiro-me ao dialogo do quarto acto, entre a rainha e Arzace. Aqui; Voltaire conseguio trazer para a scena a simples grandeza dos *Choephoros*. A phrase cortada naturalmente, a paixão precipitando-se em hemystichios abruptos, tudo isto dá á situação um fervor, um tumultuar grandioso.

Brutus e *Cesar* são tragedias onde em algumas scenas achamos o aspero sabor de Corneille. Ha n'ellas a força, a altivez do *Cinna*, mas a pompa é mais esplendida e fastosa. O canto da liberdade sem nada perder da sua feresa ingenita, é ao mesmo tempo harmonioso e persuasivo. *Mahomet* é uma das tragedias onde os rasgos sublimes se encontram mais frequentes. Ha n'ella uma tal originalidade de bellezas, uma tal abundancia no estylo, um tamanho orientalismo na dicção, que Racine

se acaso a lesse, deveria dizer d'ella o que Voltaire disse um dia ao acabar de ouvir o monologo da *Phedra*.

A falla de Mahomet a Zopiro, sobretudo, tem lanços de uma elevação prodigiosa.

—«Vois quel est Mahomet; nous sommes seuls, écoute:
Je suis ambitieux, tout homme l'est sans doute;

.....
.....
.....

Il faut un noveau culte, il faut de nouveaux fors,
Il faut un nouveau Dieu pour l'aveugle univers.

Rousseau, fallando d'esta scena na sua *lettre sur les spectacles*, diz não conhecer no theatro francez outra alguma em que mais sensivelmente se manifeste o cunho do genio. Foi esta mesma tragedia, *Mahomet*, que Crébillon repellio dez annos e que só ao cabo d'elles foi dada a publico, em vista da approvação de d'Alembert.

Eis, resumidamente, alguns dos pontos mais salientes no theatro de Voltaire. Todos os assumptos lhe são familiares, todas as bellezas lhe são proprias. Passa do *Œdipo* para *Zaira*, como do *Brutus* para o *Orphão da China*. Quando a rajada do furor o impelle, ergue-se coruscante e flammeja das nuvens; quando os sentimentos maviosos o assaltam, expande-se em verdadeiros arrulhos. O coração do homem é ao que elle mira principalmente; conhece todos os caminhos que vão dar a este abysmo, e é por elles que conduz o seu talento Sem ter aquella rudeza que nos confrange, tem aquella variedade que nos deleita. Não é um promontorio nu e alpestre, cortado a prumo, e severo nas suas rectas enormes; é um monte arrelvado e florido, onde as rosas se baloiçam, mas aonde tambem se erguem as arvores seculares e possantes.

(Continua)

E. A. Vidal.

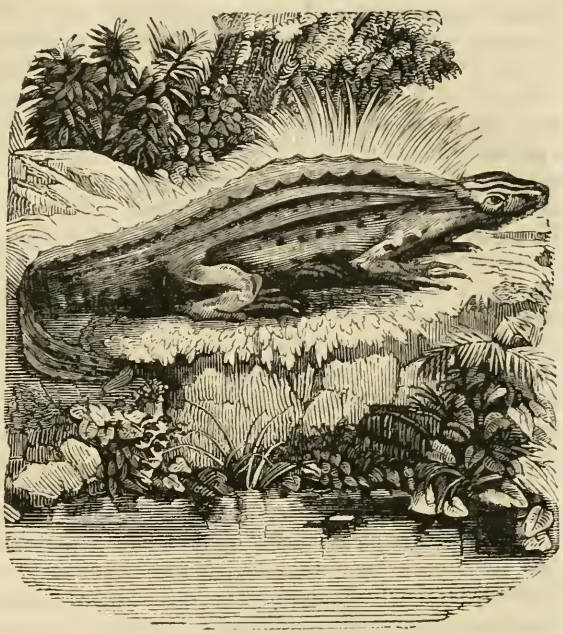
AS FLAUTAS DO GRANDE FREDERICO

O principal entretenimento do rei da Prussia, Frederico II, consiste em tocar flauta; mas é tão escrupuloso, tem tanto receio de commetter faltas em musica ou enganar-se, que, quando ensaia uma nova peça, fecha-se no seu gabinete muitas horas para estudal-a. Apesar d'esta precaução, treme todas as vezes que se trata de começar com os acompanhamentos.

Possue uma excellente collecção de flautas, e presta-lhes o maior cuidado.

Um homem, que não trata d'outra coisa, está encarregado d'ellas, a fim de preserval-as, segundo a estação, da seccura ou da humidade. São todas do mesmo auctor e paga-as até cem ducados. Na ultima guerra, quando elle a todos dava dinheiro falso, diligenciava sempre que o seu fabricante de flautas fosse pago em boas peças de ouro, com medo de que este, por seu lado, o não enganasse na qualidade dos seus instrumentos.

O mundo assemelha-se a uma loteria na qual um ganha e mil perdem.



A SALAMANDRA

O genero *Salamandra* de Cuvier, que foi constituido em familia pelos erpétologistas modernos sob o nome *Salamandridas*, pertence á secção dos *Batracios urodêlos*. Os reptis que o compõem teem o corpo allongado, quatro pés e uma comprida cauda; o que lhes dá a fórma geral dos *Lagartos*; mas apresentam além disso todos os caracteres dos Batracios. A cabeça é achatada, as orelhas estão occultas sob as carnes e não teem tympanos; os dois queixos são guarnecidos de dentes numerosos e pequenos, a lingua disposta como a das rãas, o esqueleto offerece elementos de costellas e teem quatro dedos nos pés de diante e cinco nos detraz. Os seus embryões respiram por uma especie de guelras, em fórma de poupa, no numero de tres de cada lado do pescoço e fluctuantes, que depois se obliteram. Os membros apparecem successivamente; mas os pés de diante desenvolvem-se primeiro que os de traz. No estado adulto, as Salamandras respiram como as rãs. Distinguem-n'as em *terrestres* e *aquaticas* ou *Tritões*.

As *Salamandras terrestres* ou *Salamandras* propriamente ditas (*Salamandra*) teem, no estado perfeito, a cauda redonda e não se conservam na agua senão durante o estado de embryão ou quando querem desovar. Os pequenos nascem no oviducto e executam promptamente as suas methamorphoses. O typo d'este genero é a *Salamandra commum* ou *maculada*, (*Sal. maculosa*) tem 10 centimetros de comprido, e a côr é de um preto luzidio levemente tincto de rosa, com grandes manchas de um amarello vivo. Pelos lados teem fileiras de tuberculos, dos quaes ressumam no perigo um liquido lacteo, amargo e de um cheiro activo. É esta particularidade que deu lugar á fabula espalhada na antiguidade, e que chegou até aos nossos dias, que não sómente o fogo não matava a Salamandra, mas ainda que este reptil tinha a fa-

culdade de apagal-o. Um outro preconceito popular quer que estes animaes sejam muito venenosos: é um erro. Effectivamente, não teem glandulas salivaes de veneno e os dentes são muito pequenos para poderem offender a pelle. Só o liquido que ressumbram os tuberculos de que fallámos é que irrita um pouco os olhos quando se lhes chega com os dedos depois de haver tocado em algum d'estes reptis. Ha ainda duas outras especies chamadas *Salamandra negra* que se encontra nos Alpes e *Salamandra de occulos*, negra pele parte superior, e amarella com manchas pretas pela inferior. Este animal, que se acha nos Apenninos, só tem quatro dedos em cada pé. As Salamandras vivem em lugares humidos e nos buracos subterraneos; sustentam-se de lombrigas, insectos e pequenos molluscos. Todas são de pequeno corpo.

Os *Tritões* ou *Salamandras aquaticas*, teem a cauda comprimida verticalmente e passam quasi toda a sua vida na agua. Estes reptis são oviparos e não ovoviparos como as Salamandras terrestres. Encontram-se frequentemente nos nossos climas em aguas estagnadas, onde são tão ageis e vivas quanto lentas e embaraçadas na superficie do solo. São sobretudo notaveis pela facilidade com que reparam as mutilações do seu corpo: a cauda e mesmo as patas recrescem muitas vezes depois de terem sido cortadas, e isso com os ossos, musculos etc. Teem além disso a singular faculdade de, no gelo, poderem viver muito tempo, D'este genero encontram-se muitas especies: contentar-nos-hemos com o mencionar a *Salamandra de crista* que apresenta as côres laranja, branco e preto. No numero das especies exoticas citaremos a Grande Salamandra do Japão que tem o comprimento de um metro. As suas côres são as mais sinistras; a pelle sobre a cabeça e as costas é coberta de protuberancias e de tuberculos que, fóra d'agua, ressumam um humor viscoso e fetido. Lembramos tambem a celebre Salamandra fossil de Œningen, que durante algum tempo foi tomada por um esqueleto humano.

NECESSIDADE DE UMA MONOGRAPHIA ÁCERCA DA PROVINCIA DE PERNAMBUCO

Debaixo do ponto de vista commercial a provincia de Pernambuco é hoje a segunda do imperio brasileiro, posto que não seja a mais extensa e povoada.

A situação feliz d'ella, em virtude da sua proximidade relativa da Europa, devido aos vapores transatlanticos, é tal que da nossa Lisboa apenas dista 13 a 15 dias, e lhe dá por isso certas vantagens commerciaes, de que não gosam as demais provincias d'aquelle vastissimo estado.

A população é alli abundante e activa. Grande numero de estrangeiros tem-se estabelecido n'ella. A cultura do algodão e da cana de assucar tem adquirido immenso desenvolvimento; tudo, finalmente, na provincia em questão progride consideravelmente, apesar de estar ella situada na zona torrida, desde o 7° até ao 15° de latitude sul, visinha do mar, sobre o qual tem duzentos kilometros de costas, e não obstante, desde 1850, haver sido visitada pela febre amarella e cholera, desconhecidas alli antes da mesma data fatal.

Considerada geographicamente, toda a parte proxima do oceano Atlantico está perfeitamente estudada. As costas teem sido examinadas sobejas vezes pelos navegadores portuguezes, hespanhoes, inglezes e francezes. São muito apreciaveis os trabalhos do almirante Roussain ácerca do alludido assumpto, e é sabido que Mouchez, distincto official da marinha franceza, ha executado, recentemente, um novo reconhecimento.

Com as regiões sertanejas não succede outro tanto. A configuração das cadeias de montanhas, que cortam a provincia de norte a sul e de leste a oeste, não é bem conhecida. Ignora-se a sua altitude, posto que não pareça exceder 1200 a 1500 metros. A sua composição geologica é parcialmente desconhecida, e diminutas pesquizas mineralogicas se tem n'ellas executado.

A parte septemtrional da provincia apresenta largas planicies ferteis, em quanto a região austral é atravessada de norte a sul por uma longa cadeia, que limita ao occidente o grande rio de S. Francisco, o qual separa esta provincia da da Bahia.

O curso do S. Francisco está perfeitamente reproduzido em um bello atlas especial consagrado áquelle rio, e que foi, ha alguns annos, lithographado no Rio de Janeiro. Tudo, porém, que demora ao occidente d'este rio carece de ser reconhecido geographicamente, pois não existe ainda nenhuma boa descripção topographica da provincia.

A ultima obra publicada em francez, sobre o Brazil, a de Lahure, não fornece senão uma simples nomenclatura dos rios, cordilheiras, cidades, villas e aldeias que se encontram n'esta parte do Brazil, sem descer a particularidades algumas.

Pelo que respeita á bella obra em dois volumes de Lallemand, *Reise durch nord Brasilien*, ainda não foi vertida para francez.

A escriptura d'estes apontamentos foi-nos, em parte, suggerida pela recente noticia da nomeação de um homem intelligentissimo e de provada illustração, Osmin Laporte, para o cargo de consul francez em Pernambuco. Visto que esta provincia não possue ainda uma monographia, aquelle cavalleiro por certo a fará com toda a proficiencia, estudando acuradamente os elementos que ainda estão desconhecidos não só porque qualquer das provincias brazileiras, em geral, é mais extensa que o nosso paiz, e algumas incomparavelmente muito mais, mas tambem porque o Brazil é um paiz que nasceu hontem, o qual muito tem progredido em relação ao seu clima ardente, na maxima parte da sua extensão, e ao sangue portuguez, que não é do mais apropriado para rapidos desenvolvimentos na senda do progresso. Deixemos as digressões, e vamos reatar o fio das considerações que temos a fazer, despertadas pelas leituras dispersas que hemos feito em muitas obras francezas, inglezas e algumas brasileiras, relativas ao Brazil.

De feito, assim como indicamos precedentemente, exceptuando alguns pontos, nenhuma posição de localidade foi provavelmente determinada por observações directas. O sr. Osmin poderá, pois, com alguma vantagem, fazer uma descripção do Rio de S. Francisco, cujo regimen é conhecido pelas observações do botanico viajante, A. Saint Hilaire, que percorreu uma parte do seu valle desde 1820 a 1825.

É tambem mui util estudar a parte montanhosa, região a mais despovoada d'esta provincia, onde restam ainda algumas tribus indianas de *tupis*, *ananés* e *chacriabas*, pertencentes á raça *guarini*. Estes restos da antiga população indigena diminuem lentamente, tanto pela mortalidade propria, as bexigas, a escassa fecundidade das mulheres, como pela sua fusão com o resto dos brasileiros.

Por emquanto não podémos obter esclarecimentos com respeito á cifra a que esta população póde hoje chegar. Quanto á população brazileira propriamente dita, compõe-se ella de descendentes de portuguezes, emigrados durante tres seculos e meio para a provincia de Pernambuco, de grande quantidade de outros europeos que ali tem ido estabelecer-se, desde 1820, e finalmente dos negros, e mestiços de todos os gráos, elemento que ora é considerabilissimo. Uma porção d'estes negros e mestiços são ainda escravos; porém ha já uma outra egual porção d'elles que são livres e considerados cidadãos brasileiros. É muito importante, a nosso ver, o saber-se qual é a lei da progressão d'esta população tão differente d'origem, e que mostra crescer com rapidez, a despeito das doenças tropicaes, da febre amarella e da cholera. Lemos em Lahure que aquella população, era segundo o recenseamento de 1860, de 950:000 individuos; no dizer de Warden, em 1831, era apenas de 550:000!

Affirma-se, que a provincia de Pernambuco, apesar da situação d'ella ser na zona torrida, é mui salutifera, sobretudo na porção nordeste que confina com a provincia de Piauhy. É muito importante haver conhecimento da proporção em que os brasileiros e os europeus emigrados tem sido accommettidos pela febre amarella, introduzida na capital em 1850. Desde essa época tornou-se endemica, apesar de ser desconhecida ali anteriormente, exceptuando talvez uma epidemia passageira em 1688, sobre a qual ha informações muito incompletas. Esta doença, tão mortifera para os brancos em geral, tem sido benigna para os negros e mulatos, ao passo que todos os que tinham sangue africano nas veias pagaram avultado tributo á cholera.

Qual é a medida da emigração europea ha meio seculo? Além dos nossos compatriotas, que são os mais numerosos emigrados, entrando n'essa classe já se vê, os açorianos, qual é o numero aproximado dos allemães, inglezes, norte-americanos, francezes, hespanhoes que vão estabelecer-se n'aquellas plagas? Regressam para o seu paiz natal, casam com brasileiras e, consequentemente, estabelecem-se indefinidamente no paiz? Qual é o seu estado de saude habitual, a sua longevidade? Conservam as suas forças physicas e intellectuaes? Tudo que diz respeito a esta parte da biologia humana é altamente curioso.

Carece-se tambem de detalhes relativos á sua posteridade, á nova geração que se forma da mistura do sangue europeu, introduzido no Brasil, com o dos portuguezes, este mais ou menos impregnado do dos indigenas ou dos africanos, importados durante os tres precedentes seculos.

Uma questão mui importante, e que não pode ser elucidada senão por factos, é a de estabelecer definitivamente se é verdade que, apesar das origens e misturas diversas, o sangue caucasiano vai lentamente, porém d'um modo seguro, predominando entre os habitantes do Brasil; em outras palavras, se cada recenseamento dá um numero cada vez mais consideravel de brancos, o dos negros puros ou o dos mestiços conservar-se-ha estacionario ou mesmo diminuirá? Precisa-se finalmente saber, se colonias agricolas, á maneira das que hão sido fundadas nas provincias do Rio Grande do Sul, S. Catharina e S. Paulo, tem sido estabelecidas na provincia de Pernambuco, e qual é o seu estado actual.

Todos os que tomam a peito o progresso geral dos conhecimentos geographicos, como essenciaes para o desenvolvimento commercial, asseveram que ha muitas noções uteis a beber d'uma região, séde de transacções tão extensas. Além da producção do algodão, do café, do assucar e tabaco, culturas industriaes principaes, que constituem a fortuna da provincia, quaes são os objectos d'um verdadeiro valor que a agricultura ali produz? Em que estado se acha a industria manufactureira, e pode-se prever a época em que verdadeiras fabricas possam ser estabelecidas no paiz, senão para exportação, pelo menos para prover ás necessidades locaes? Qual é o estado das vias de communicação ordinarias e dos caminhos de ferro? São perguntas cujas respostas não, por certo, dão as folhas dos livros que ha nas linguas mais usuaes, ácerca d'aquella interessante provincia brasileira; e por isso o mundo geographico espera ancioso que o sr. Laporte elabore a monographia de Pernambuco, que seguramente vem preencher uma deploravel lacuna existente na geographia do Brazil.

É sabido que a agricultura brasileira soffre muitissimo na presente hora pela carencia de braços. O commercio da escravatura suspenso desde 1850 não fornece mais os escravos, sobre cujo trabalho se estribava a producção agricola. A morte, as alforrias em grande escalla, reduzindo, todos os annos, o numero dos trabalhadores de cor, que outr'ora formavam o pessoal das plantações, como póde a agricultura brasileira sair d'esta crise? O solo de Pernambuco é bastantemente salubre para que os brancos possam, apesar do clima tropical, dedicarem-se á cultura?

Estas e muitas outras observações e perguntas servem, apenas, para demonstrar exuberantemente a necessidade urgente d'uma descripção

geographica, applicada essencialmente ao commercio d'uma provincia tão importante do Brazil, como é a de Pernambuco, com a qual toda a Europa, particularmente Portugal, tem intimas ligações mercantis.

As communicações do antigo com o novo continente multiplicam-se diariamente.

A maxima parte dos estados e das provincias da America do Sul são pouco conhecidas; tudo que póde contribuir pois, para mostrar á Europa os seus recursos infinitos, a sua riqueza nativa, que só espera por braços, para ser fructuosamente explorada, é um verdadeiro beneficio para a humanidade.

Interessemo-nos, pois, nós, portuguezes, que démos o ser áquelle colossal imperio, pela sua prosperidade e engrandecimento moral, intellectual e material.

ALFREDO MAY.

Non semper arcum tendit Apollo HORACIO

Apollo nem sempre arma o seu arco; isto é, nem sempre a desgraça nos acompanha.

A BORBOLETA

Á Excellentissima Senhora D. Symi Phillips

(NO SEU ALBUM)

Eu conheço-a, oh! se a conheço!
sempre volitando anciosa,
esbelta, fugaz, airosa,
esquiva, amante, esquecida;
eterno enigma na vida!...
Eu conheço-a, oh! se a conheço!
Estimo-a; estimal-a é grato;
quero entendel-a... endoideço!

Paira a mirar-se na fonte;
bate as azinhas subtis,
desce ao prado, sobe ao monte,
requesta, endoidece as flores,
e engeita-as! Procura a chamma,
illude-a, foge... Não ama!
Deixae-a fingir amores!
são tudo anceios febris;
eu conheço-a, oh! se a conheço!

Dizem as flores do monte:
—«Sabeis porque ella nos foge?
«somos serranas e pobres!
«ella é fidalga e vaidosa;
«lá quer amores mais nobres!
«a lisongeira da fonte,
«mostrou-lhe o espelho e prendeu-a
«só com dizer-lhe:—És formosa.»—

Diz a fonte co'um suspiro:
—«Vão lá fiar-se das bellas!
«eu, tão pura em meu retiro,
«e tão recatada e amante,
«eu, que regeito ás estrellas
«o amor que em seus raios leio,
«eu, que lhe disse anhelante:
—«Desce! bebe do meu seio
«todo o nectar peregrino!...—
«pobre de mim! que fiz eu?
«julgou-me lodosa e insossa!...
«Só liba nectar divino,
«gotas do orvalho do ceo!»—

E diz a gota do orvalho.
—«Desci, desci toda a noite
«para a ver de madrugada,
«foi bem pago o meu trabalho!
«sorriu-me, e passou! mais nada!
«Ella quer lá gotas d'agua
«tremula, fria, incolor?!
«quer lume, incendios! (e é magoa!)
«quer chammas vivas no amor!»—

—«Porque me foge a inconstante?
murmura trémula a chamma;
«será que um delirio amante
«a attrae ao regato?... ás flores?...
«carinhos de maior preço?...
«côres de novo matiz?..»—

Nada! nada! eu sei: não ama!
deixae-a fingir amores!
são tudo anceios febris;
Eu conheço-a, oh! se a conheço!

Engana-se o orvalho e a fonte,
a chamma e as flores do monte.
É varia, como os matizes
das suas azas doiradas;
não póde lançar raizes;
quer liberdade sem meta;
ir, sem saber onde vá;
timbra de ser borboleta!...
não ha prendel-a! não ha!
.....
Não ha?... quem sabe? Os segredos
das formosas mais esquivas,
teem romanticos enredos
que o mundo nem sempre vê.
Pelos caminhos da vida
o amor sabe armar uns laços,
e ás vezes... prende-se um pé!
depois prende-se a cintura!
lucta-se e... prendem-se os braços;
e eis rendida a formosura!

A flor, essa, de innocente,
ama, deseja...mais nada;
apenas sente... que sente!
não sabe fazer-se amada!
Mas a chamma que é ladina,
á formosa que a requesta
e a afaga co'a ponta d'aza,
rouba a innocencia divina!
co'o fogo as azas lhe cresta;
com beijos de fogo a abraza!!...
.....

Nada! eu volto á minha idéa:
esta borboleta é intrepida,
não teme laços nem chamma;
não ha paixão que a submetta!
se a amarem, sorri sem dó!
se finge amores, não ama,
que o juro aqui! vende só
desdens por subido preço.
Ha de morrer borboleta.
Eu conheço-a, oh! se a conheço!

Lisboa, 21 de março de 1866.

THOMAZ RIBEIRO.

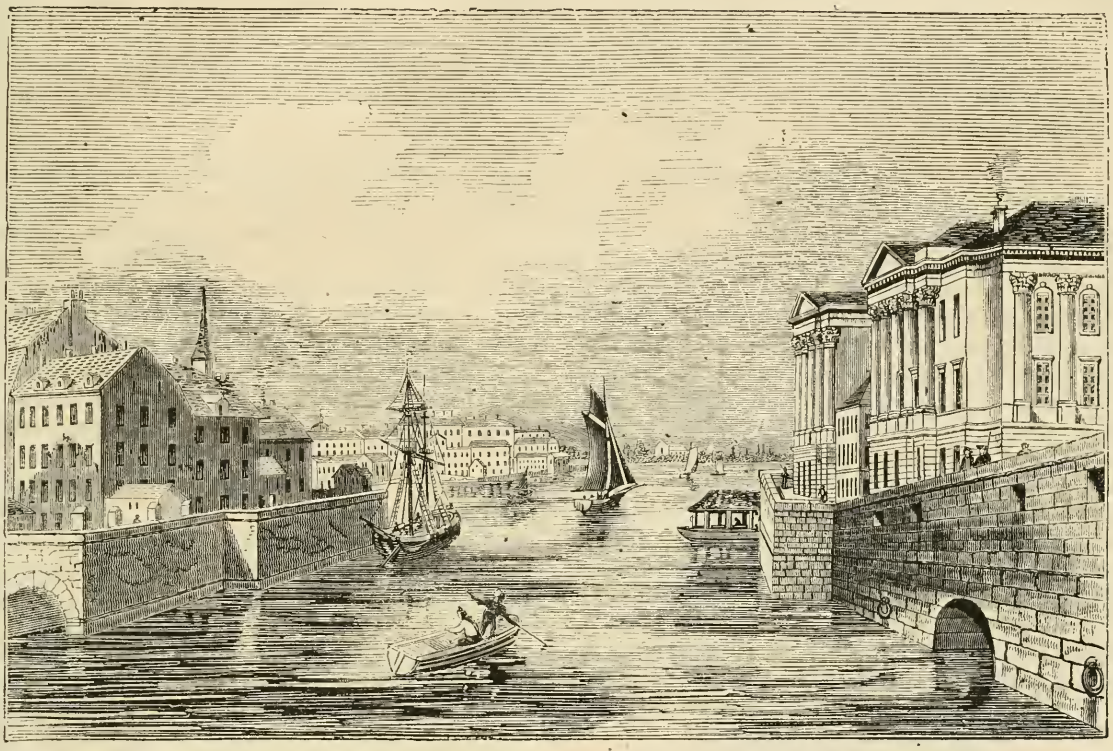
O amor do dinheiro nunca foi paixão do verdadeiro sabio.

O vicio e a pobreza levam o homem á practica de toda a sorte de crimes.

Typ. Franco-Portugueza = Rua do Thesouro Velho, 6.

STOCKOLMO

Apezar do seu céo nebuloso, apezar do seu clima frigido e um tanto insalubre, a capital da Suecia é uma das mais formosas cidades do Norte. Está construida nas margens septemtrional e meridional do lago Melaren no ponto em que este confunde as suas aguas com as do Baltico. Compõem-n'a muitas ilhas formadas pelos golphos do Melaren e pelo mar, e que se ligam entre si e com as margens por numerosas pontes, o que dá á cidade um aspecto muito semelhante ao que apresenta a rainha do Adriatico. Por isso Stockolmo tem merecido dos viajantes estrangeiros, deslumbrados por essa formosa apparição italiana que lhes surge de subito do meio das aguas do Baltico, debaixo d'um céo carregado de nuvens, o nome de Veneza do norte.



Stockolmo.

Effectivamente, a cidade, principalmente quando se vê do rochedo de Mosebacke, apresenta um magnifico panorama. Falta-lhe só o esplendor do sol d'Italia, que beija amorosamente as marmoreas fachadas dos palacios da cidade dos doges, as grandes recordações que enlevam o mundo inteiro e que pullulam a cada passo do seio da formosa peninsula, e a seductora harmonia das vagas azues do Adriatico beijando os degráos dos caes.

Mas ainda assim esse panorama é encantador. As casas, quasi todas de tijolos, erguem-se em amphitheatro, alinhando-se em formosas ruas, as mais notaveis das quaes são a da Rainha e a da Regencia, e formando seis bairros, que se chamam: a *cidade*, que se compõe de tres ilhas, o *bairro do Norte*, em terra firme, *Ladugoraslandet*, que se agrupa n'um promontorio em que termina a leste essa terra firme, a *ilha d'El-Rei*, a *ilha do Almirantado*, a que outras duas, a *ilha da Cidadella* e a *ilha de S. Braz* se ligam por meio de pontes fluctuantes, e emfim o *bairro do Sul*.

No bairro da cidade encontra-se o paço, edificio quadrado, construido n'uma eminencia e todo cercado de jardins. As ruas d'este bairro são quasi todas sombrias e irregulares, exceptuando com tudo a rua de *Skeppsbron*, que se desenrola ao longo do caes e em que está concentrada toda a actividade commercial. N'esse bairro ha tres igrejas: a sé, onde se nota um orgão magnifico e uma bella collecção de quadros de pintores suecos, a igreja allemã, e a igreja finlandeza. Os outros edificios notaveis d'este bairro são a praça do commercio, a casa da camara, o correio, o banco, a moeda, e o palacio dos nobres, onde se reune a nobreza durante a dieta, e em cuja fachada campeiam os brazões de todas as grandes familias da Suecia.

N'uma das ilhas, que formam este bairro, vê-se tambem a igreja, onde estão os tumulos de todos os reis entre cinco mil estandartes, que dão testemunho irrefragavel da gloria militar que a Suecia soube conquistar, dirigida, no seculo XVII, no seculo XVIII e no seculo XIX, por generaes tão distinctos como foram Gustavo Adolpho, Carlos XII, e Bernadotte o general francez, que por tão estranho acaso pôde subir ao throno sueco, e fundar dynastia. Debaixo d'este glorioso docel dormem o seu somno eterno os herdeiros de Gustavo Vasa.

Passemos agora ao bairro do Norte. Alli encon-

traremos outro palacio regio, defronte do qual se ergue o edificio da Opera, mandado construir por Gustavo III. Atravessando d'este bairro para a ilha de S. Braz, com a qual communica directamente, veremos um grande numero de palacios sumptuosos: d'essa ilha iremos por uma das pontes fluctuantes á ilha do Almirantado, atravessando por uma longa alameda e onde se accumulam arsenaes, estaleiros, casernas, e d'ahi passando á ilha da Cidadella encantar-nos ha o seu pittoresco aspecto. Um enorme rochedo de granito forma toda a massa da ilha, e nas suas ladeiras vicejam arvores, taboleiros de relva, tapetes de musgo, por entre os quaes serpeiam lamedas. Um dos pincaros do rochedo domina a entrada do porto; n'outro ergue-se o observatorio.

Stockolmo tem vinte praças amplas, sendo a mais bella a que se chama *Stottsbacken*. Formam-n'a d'um lado o palacio real, do outro uma fileira de formosas casas; n'um dos topos está a cathedral e um obelisco de granito. A praça vem descendo em amphitheatro, e alargando-se até ao caes onde se ostenta uma estatua de bronze de Gustavo III. As estatuas não faltam em Stockolmo. Na praça da *casa dos Nobres* campeia a de Gustavo I, na de Gustavo Adolpho a d'esse grande homem, na praça d'armas a de Carlos XII. Tudo isto contribue para embellezar a cidade; em cujo porto se vê sempre uma selva de mastros, porque o seu commercio, tanto de exportação como de importação, está desenvolvidissimo. Em 1851 a sua população era de noventa e tres mil almas.

Eis o que é em rapido esboço a cidade, que a nossa gravura mostra aos leitores, a Veneza do Norte, a capital da monarchia sueca.

A BOCCA DO INFERNO

V

Era por uma linda tarde de outono, á hora em que o sol, meio envolto no manto de nuvens, esparge sobre a terra tibios reflexos.

Creio que não é esta a hora dos amantes; mas fiel, como devo ser, á chronica, cumpre-me pôr de parte todo o effeito scenico que podér colher do ceu cravejado de estrellas, e da luz melancolica da lua, para contar ao leitor a verdade em toda a sua pureza.

Ninguem crê mais do que eu na magia de uma noite de estio, cheia de segredos e mysterios! Que encanto, o d'essas noites claras de agosto, quando a lua caminha explendida no céo, as estrellas scintillam na abobada azul, o rouxinol trina melodias entre as ramadas do bosque, e as flores teem mais perfume, mais frescura a rosa, mais pureza o ar! Como n'essas noites voluptuosas do Meio Dia o coração se inspira de santo enthusiasmo e pulsa avido de ternura! Como então são mavioses os suspiros! como é brando o susurrar dos beijos!

Mas não foi, repito, á hora dos amantes que Luiz e Christina combinaram encontrar-se nos rochedos da *Bocca do Inferno*. As rochas soltas, fendidas, apresentam largas voragens, por onde na obscuridade, é facil cair: o caminho é, além d'isso, escabroso por pouco trilhado, e se aqui se encontra uma lagea lisa e espaçosa, além teremos de saltar sobre agudas pontas de rochedo com difficuldade de sustentar o equilibrio.

D. Thereza julgava que Luiz de Mello estava em Lisboa. Era assim; mas no dia aprazado para o encontro, que elle proprio designára para communicar a Christina noticias graves e importantes, chegára o mancebo sol nado á villa, e não apparecera em parte alguma até á hora convencionada.

Ao cair da tarde saío Christina de casa e foi caminho da costa. Quando lá chegou já Luiz a estava esperando.

Christina empregára n'aquelle dia mais esmero na sua *toilette*. Ia esplendida de graça, elegancia e formosura. Vestia de branco. Na garganta trazia um grosso fio de contas pretas. Os cabellos magnificos, que eram n'ella, como a juba no leão, um soberbo ornamento, caíam-lhe em ondadas spiraes sobre as espaduas. Cobria-lhe a cabeça um bonito chapeu de palha com grande pluma branca.

Luiz de Mello estava sentado na base dos rochedos, á beira mar, olhando de quando em quando para o cume dos cabeços que lhe ficavam a cavalleiro.

De repente o vulto de Christina alvejou sobre os negros alcantis. Se a photographia podesse n'aquelle momento reproduzir a imagem de Christina, far-se-ia um bello quadro.

Immovel sobre as escalvadas penhas; fluctuando-lhe ao vento as brancas roupagens; destacando a fórma regular e bem modelada no fundo azul dos horisontes; batendo-lhe no rosto um raio fugitivo do sol que se atufava ao longe nas aguas; fixando a immensidade do oceano que lhe bramia aos pés em frocos de espuma—parecia o anjo das tempestades repoisando na penedia, para depois, batendo as azas, seguir nos seus vôos atravez dos espaços, em demanda de outros mares.

Mas se não era o que a ficção podia conceber; era um anjo de amor, era a mulher convertida pelo sentimento em anjo de consolação.

—Christina!—exclamou Luiz vendo-a.

A donzella sorrio um d'esses sorrisos de mulher que teem o quer que é do céo, porque resumem a esperança e a felicidade.

Luiz de Mello galgou n'um instante pelas rochas até aos pés de Christina. Apertou-lhe convulsivamente a mão, que levou depois aos labios. O beijo foi sofrego e ardente, como se lhe fôra n'elle a alma.

—Oh Christina! foste tão boa em vir! E vieste só?!...

—De quem precisava eu mais? Até aqui o meu amor servia-me de guarda—aqui basta-me Luiz...

—Basta-te sim, Christina. O nosso amor acompanha-nos!

Poupe-me o leitor á transcripção das apaixonadas scenas que se seguiram. Sentados um ao pé do outro, conversavam de seu amor e das esperanças que entreviam no futuro. Eram sonhos doi-

rados aquelles, que um mau fado não quiz realisar.

O mar fervia espadanando espumas na *Bocca do Inferno:* ouvia-se o mugir surdo do oceano quebrando-se em longes praias. Luiz e Christina olharam por um instante para a garganta do despenhadeiro, como que possuidos de respeito.

Christina poisou o braço nu e formoso sobre o hombro de Luiz; depois reclinou sobre elle a cabeça. Luiz tinha as mãos d'ella enlaçadas nas suas.

Era assim que Paulo e Virginia deviam estar em S. Domingos na vespera da partida d'ella para a Europa, contemplando o oceano, que ia separal-os, e o sol que baixava no occidente marcando o seu ultimo dia de ventura.

Luiz soffria tambem como elles. Sabia que lhe era necessario separar-se de Christina, e não tinha coragem para lh'o dizer. Ha hesitações que martyrisam, e esta era uma d'ellas.

—Vês além aquella galera?—exclamou Luiz indicando as velas brancas de uma embarcação que passava ao largo.—Como vae empavesada e elegante! Que linda mastreação! e como se leva ligeira!...

Nos olhos do marinheiro passava um raio de enthusiasmo—era um lampejo d'essa paixão que na infancia o conduzira ao oceano!

—Gostas ainda muito do mar?—perguntou Christina.

—Oh, muito, Christina! muito!—

—Mais do que de mim!—tornou ella tristemente.

—Não; isso não. Quero ao mar e quero-te a ti. Attrae-me para elle uma fascinação diabolica, de que ás vezes tenho medo. Creio que o mar me ha de servir de tumulo. O que eu agora desejava era levar-te comigo por esse oceano fóra, onde o mundo se resumisse em nós. Mas o mar para mim é a vida, é o espaço...

—E o meu amor o que é, Luiz?

—Oh!—exclamou elle tristemente—o teu amor é tudo! Mas é necessario voltar para o mar, é necessario deixar-te.

—Deixar-me!—exclamou Christina mais pallida que uma defunta.

—Deixar-te sim, e dentro de dois dias.

Christina não respondeu. Estava trémula e a voz ficára-lhe preza na garganta. Passava-lhe atravez do coração uma angustia excruciante. As lagrimas soltaram-se-lhe lentamente dos olhos; depois vieram grossas, abundantes.

—Oh! não chores!—dizia elle acariciando-a.

—É uma separação curta. Volto depressa, e seremos um do outro.

—E se me achares morta quando voltares?...

—Não digas isso, Christina—redarguiu elle meio desvairado—Não vês como soffro? Que queres tu que eu faça? Recebi ordem para sair para Cabo Verde; mas volto depressa, Christina, prometto-te, ainda que tivesse de fugir. Agora, porém, que exiges de mim? Que deixe o serviço? Obedecer-te-ia se fosse possivel—mas não é tempo... amanhã devo sair inevitavelmente.

—Parte, pois.

—E esperas me resignada?

—Hei de esperar-te. Quem tanto te tem amado, não ha de saber sacrificar-se? Vae!... esperarei por ti, se tivér forças para resistir á ausencia; se as não tivér... irei procural-as alli!

E apontou para o fundo do abysmo, onde os rochedos agrupados e fendidos pareciam mil gargantas da morte.

—Que dizes?!—bradou Luiz empallidecendo.

—Já não parto, Christina.

—Has de partir.

—Não, sem jurares que esperas por mim.

—Juro.

—Por Deus?

—Por Deus e por meu pae.

—Um beijo, Christina!

E o osculo concedido legitimou o juramento.

No dia seguinte, ao pôr do sol, Christina estava no mesmo sitio, vendo passar um brigue que ia ao largo pelo oceano. Luiz ia n'esse navio. Uma tentação, um poder diabolico arrastava-o para o mar.

A infeliz estava debulhada em lagrimas. Na mão esquerda tinha uma medalha, com o retrato de Luiz, que levava sofregamente aos labios.

Quando nos horisontes se sumiram as velas brancas da embarcação, Christina exclamou com as mãos erguidas para o céo:

—Dai-me forças para soffrer, meu Deus!

E o vento silvava pelas quebradas da rocha! e o oceano rugia, como o leão nos ultimos arrancos! e os milhafres passavam guinchando e roçando a aza negra pelo rochedo! e a este concerto infernal juntava-se um rumorejar de agua, como que despenhando-se de uma cascata!

Era a onda que fugia lá em baixo pela abertura da *Bocca do Inferno.*

A. D'OLIVEIRA PIRES

(*Continua.*)

LOUIS DUBEUX

orientalista

Nasceu em Lisboa de paes francezes, em 2 de setembro de 1798 e falleceu em Paris a 4 de outubro de 1863. O pae era armador de navios. A sua primeira educação foi inteiramente portugueza, e então é que elle se iniciou no estudo da lingua hebraica.

Tendo 20 annos, a familia passou a residir em Paris. Continuou ali os estudos orientaes, que, no tempo de Luiz Philippe, lhe deram posse da cadeira de turco na escola de linguas vivas, e em 1838 a successão provisoria de *Quatremère* na cadeira da mesma lingua no Collegio de França. Seus trabalhos, dos quaes grande quantidade foi dada no *Nouveau Journal Asiatique*, pertencem á litteratura da Asia; ligam-se á historia e á geographia pela sua traducção da chronica de Tabari, emprehendida por conta da *Sociedade das traducções de Londres*, cuja 1.ª parte, apenas, saio a lume (Lond. 1836, em 4.º), e por 2 volu-

mes escriptos para o *Univers pittoresque* da livraria Didot, a *Perse*, 1840, e o Afghanistan (em collaboração com Valmont), 1848. A noticia sobre as *Researches in philosophical and comparative philology* de Rœrrig é particularmente interessante para a athenologia philologica da Asia central.

Esse estudo encontra-se no *Nouveau Journal Asiatique* t. I de 1850 (t. XVI da 4.ª serie) pa. 283—309.

ALFREDO MAY

APONTAMENTOS GEOGRAPHICOS ÁCERCA DA PROVINCIA DE PARANÁ

A provincia de Paraná é uma das mais ferteis do imperio do Brazil.

O seu clima doce e temperado reune as vantagens do clima dos tropicos ás do clima de Portugal e Italia.

O Paraná produz todos os vegetaes dos paizes intertropicaes dos do sul da Europa. Todavia aquella provincia tão fertil não exporta ainda senão madeiras de construcção, para queimar, e o chá do Paraguay (*herva mate*), que produz em abundancia e que é objecto de immenso commercio com as republicas hispano-americanas.

A arvore que produz o chá do Paraguay (*Ilex paraguayensis*) dá-se unicamente no Paraguay e na provincia de Paraná, e excepcionalmente em alguns pontos da provincia do Rio-Grande do Sul. Effectua-se a colheita quebrando os ramos novos cumulados de folhas; em seguida submettem-se a uma ligeira torrefacção e reduzem-os a fragmentos, ou a pó mais ou menos grosso. As folhas são permanentes e não caem mesmo no inverno; a fôrma d'ellas é elliptica; tem uma côr verde muito carregado e são espessas e lusidias. As flores são dispostas em ramalhetinhos de trinta a quarenta flores cada um; teem quatro petalas e egual numero de pistillos, collocados nos intervallos.

A *herva mate* é usada como uma bebida de primeira necessidade para os indigenas que, assim como os hispano-americanos, o substituem com proveito ao chá das Indias e mesmo ao café.

Colonisação—A provincia de Paraná possue uma enorme quantidade de terrenos incultos, de excellente qualidade, que são offerecidos aos colonos, quer gratuitamente, quer pelo preço de meio decimo de real, proximamente, a braça quadrada!

Bicho de seda—O Paraná é, de todos os paizes da America do Sul, o que se presta mais á cultura do bicho de seda, principalmente do *Bombyx arrindia* que se alimenta de folhas do ricino, e que produz cinco a seis colheitas annuaes de casulos.

Café, assucar, tabaco—O café e a canna de assucar vingam perfeitamente na provincia em questão; produzem magnificas colheitas.

O tabaco do Paraná tem sido reconhecido como superior aos tabacos da Bahia, e pelo menos egual ao de Havana.

Baunilha—A baunilha cresce espontaneamente nos arredores de Paranaguá e em todas as localidades da provincia. O perfume d'ella não o cede ao das melhores baunilhas de Venezuela e do Mexico.

Chá—O arbusto de chá da India prospéra no clima do Paraná; porém os fabricantes indigenas ignoram os processos de preparação, e a especulação ali encontraria facilmente um ramo de commercio que ainda não foi explorado.

Algodão—O algodão produz duas boas colheitas por anno.

Legumes—Os arrozaes, milho e todos os legumes farinaceos cultivam-se com bom exito no Paraná.

Madeiras—A provincia de Paraná abunda em madeiras excellentes para construcção e marcenaria.

É preciso, principalmente, assignalar a *Arariva* vermelha, amarella e preta; *Canella* amarella e negra; *Coruidila*, o *Tujuba*, quasi tão duro como o ferro o *Jequitiba*, o *Peroba* encarnado, o *Sassafras* branco, encarnado e preto.

Mineraes—O Paraná está litteralmente coberto de marmores, porphyros, agathas, minerios de ouro, de ferro e de galena argentifera.

Em uma das extremidades da cidade de Paranaguá existe uma jazida de mercurio tão abundante, que na época das chuvas o mercurio se escôa caindo de um talude na borda do mar.

Diamantes e *pedras preciosas*—A maxima parte dos rios d'esta provincia são auriferos; alguns, assim como o Tybagy, encerram brilhantes, esmeraldas, topazios, amethistes, turquezes e rubis. Quasi todos os dias, negros ou os camponezes vendem por infimo preço os diamantes que encontram nos rios.

Plantas medecinaes—A ipecacuanha, a quina, a salsa parrilha *Japecanga* abundam n'este paiz; acha-se ali igualmente o *Cambara* antisyphilitico, muito superior a todos os vegetaes conhecidos, da mesma especie a *Carroba* empregada nas mesmas enfermidades, o balsamo de copahiba, a *Jahopha curcas*, a *Quassia amara*, o *anguro* cuja resina e a casca são reputadas no paiz como antidoto da phtysica.

Peixes—A bahia de Paranaguá, uma das mais vastas e seguras do globo, tem 12 leguas de profundidade e 60 de circumferencia. Abunda em peixes. Outr'ora os habitantes da provincia de que se trata forneciam o peixe salgado a todas as regiões da America hespanhola.

ALFREDO MAY

BEDUINOS

É esta a denominação dos arabes, que adoptaram a vida nomada. São elles os habitantes aborigenes da Arabia. A significação do seu nome em lingua arabe é «filhos do deserto.»

É essa com effeito a sua verdadeira patria, e o sitio em que elles folgam de usufruir a sua selvagem independencia. Partindo do deserto da Arabia, as suas tribus espalharam-se pelos desertos da Syria e do Egypto, e quando essas primitivas civilisações se desfizeram, arrojaram-se elles ás vastas planuras da Mesopotamia e da Chaldêa.

Como os passaros sinistros, que só nas ruinas se

comprazem, os Beduinos esperam que a mão do tempo reduza a esqueletos as cidades gigantes, para se irem então sentar nos fustes partidos de Palmyra, nas moles derrocadas de Balbek. O viajante, que percorre essas immensas solidões onde se agitaram outr'ora innumeros povos, sente uma lugubre impressão ao ver alvejar por entre as ruinas carcomidas o branco albornoz do Beduino, como qualquer de nós não pode deixar de estremecer quando no claustro musgoso do convento solitario sente o vôo pesado e triste do morcego.

No septimo seculo os Beduinos, caminhando sempre em direcção aos sitios onde sentiam ir a velha civilisação baqueando, conquistaram toda a Africa septemtrional, e ahi se estabeleceram da mesma fórma que no Grande Deserto, entre o Mar Vermelho e o Oceano Atlantico, territorio que ainda hoje occupam. Nas partes d'essa vasta zona

Beduinos

onde é possivel a cultura, encontram-se os Beduinos misturados com outros povos, mas no deserto são elles sós os dominadores.

D'ahi proveio, como era natural, a necessidade de terem uma vida errante, e de tratarem só de criar gados, e de roubar os viandantes. Esta vida solitaria cheia de perigos, nomada fez d'elles um povo essencialmemte bellicoso, extremamente hospitaleiro, intrépido e frugal. O seu caracter tem tambem uma vaga e selvatica poesia. O deserto, da mesma fórma que o mar, poetisa os animos mais prosaicos. Aquellas duas immensidades ensinam aos que as frequentam não sei que grandiosos pensamentos.

Esta vida independente é tambem propria para desenvolver e levar ao excesso as qualidades predominantes de uma raça. A voluptuosidade e a vingança naturaes á raça semitica, transformam-se nos beduinos em paixões impetuosissimas.

Os beduinos são uma bella raça de homens. A fadiga e as privações, a que andam expostos, acanham-lhes um pouco a estatura, e emmagrecem-n'os; apezar d'isso são vivos, energicos, e pouco susceptiveis de se deixarem prostrar pelo cançasso. Os seus olhos ardentes revelam uma extrema finura. As feições caracteristicas, o nariz ordinariamente aquilino denunciam uma certa altivez. Como todos os nomadas dos desertos, os seus sentidos, especialmente o da vista, são levados a um acume rarissimo.

A excepção de algumas tribus que habitam a Syria e uma das quaes até se diz que professa o

christianismo, os beduinos são musulmanos. As funcções sacerdotaes são desempenhadas por marabutos, homens a quem as suas occupações asceticas e theologicas asseguram uma grande influencia.

A sua cultura intellectual está pouco adiantada; comtudo teem muito bom senso natural, espirito vivo e imaginação ardente. Os seus costumes têem a dupla marca da sua religião e do seu genero de existencia. São hospitaleiros e vingativos.

Ha mais liberdade nas relações entre os dois sexos, do que é habitual entre os Orientaes sedentarios. As suas mulheres não estão sujeitas a uma reclusão severa, e a polygamia não é usada; em compensação mudam frequentemente de esposa. Os seus divertimentos predilectos são o jogo da pella e a caça. Primam em montar a cavallo. Adoram a dança, gostam de ouvir contar historias, de beber café, e de fumar indolentemente o seu cachimbo. Sustentam-se dos productos vegetaes que se lhe deparam, do leite dos seus rebanhos, e da caça. Vestem-se com estofos de lã, que elles mesmos fabricam. Usam uma tunica branca longa e ampla a que chamam «haik», que ao mesmo tempo lhes cobre a cabeça, em torno da qual fica atada com uma corda de pello de camello. Por cima do haik, trazem um manto branco tambem, a que chamam albornoz. Os mais nobres e os mais ricos é que trazem calças e camiza por baixo do haik.

A sua industria limita-se ao fabrico dos utensilios e dos estofos que lhes são mais indispensaveis; e o seu commercio á venda dos productos dos seus rebanhos, que lhes serve para comprarem armas e munições. O seu estado social e politico é ainda o da vida patriarchal. Uma ou muitas familias, cujo chefe toma o titulo de *scheick* fórma o centro da tribu, e constituem com os marabutos uma especie de nobreza. Entre elles é que se escolhem os cadis, que são os chefes superiores da tribu. Estes são generaes em tempo de guerra, e magistrados e juizes em tempo de paz. Cada tribu comprehende muitos aduares ou aldeias moveis, que a maior parte das vezes só consistem em tendas fabricadas simplesmente, com pelles de camello e dispostas circularmente, no meio das quaes de noite se mettem os rebanhos. Os seus principaes animaes domesticos são o camello e o cavallo, o jumento, o carneiro, e a cabra.

A GALATÉA MODERNA.

VI

D. Violante á baroneza do Alpedral.

Oh! É indesculpavel o pobre Alfredo. Não ha forças que vençam a sua mania romantica, a qual, pelos modos, o accommetteu com maior intensidade n'estas campinas minhotas. Lembras-te de Romeo Montaigu? Lembras-te d'essa creação infinitamente poetica, poetica de mais, para que possa existir no prosaico mundo, que habitamos? Pois o *meu* Alfredo *imita*, (oh! tem mão, por Deos! Não te contorsas em espasmos de riso!) o pobre Romeo. E o peior é que quer fazer de mim a sua Julieta, que de certo já lhe houvera descantado o derradeiro gorgeio do rouxinol moribundo:

> É forçoso partir, e viver,
> Ou ficar junto a mim... e morrer!

com accento profundamente melancolico, como de quem vê, com olhos d'alma, os negrumes do tumulo em não longinquo cemiterio.

Mas não! N'esta época de prosa vil e chã, quando os proprios passarinhos da floresta como que cantam, só para que lhes não derrubem as arvores, em cujos ramos se aninharam, encontrar um Romeo. Oh! querida baroneza! Já alcançaste um triumpho assim? As victimas que has ceifado, nada são em parallelo com este pobre vencido, que me segue, qual sombra plangente e eternamente amorosa. Não pódes phantasiar, se bem que a tua phantasia seja capaz dos maiores arrojos, o que por aqui vae de sentimento. Toda eu sou ás vezes, ora uma elegia, tão triste como o ruido que se alevanta dos campos, por noite de outono, ora um ponto de admiração por esses longos amores da edade media em mil cantos, como um saga scandinavo, amores que os bardos da lingua d'*oc* começavam a titubear no berço, e quando morriam ainda lhes faltava muito, o principal talvez.

Aqui me tens, pois, minha querida baroneza, em perpetua meditação amorosa, vendo lavrar o incendio, que eu propria accendi, desviando-me porém, por me não queimar.

E olha que estou cercada de perigos, que só a minha vasta sabedoria e profundissima prudencia poderiam evitar. Alfredo ama-me loucamente, digo-t'o sem rebuço, sem louca vaidade. Ama-me como um perdido, porque lhe causei uma impressão, que annos e desenganos nunca jámais poderão obliterar. Estou certa d'isto. Assim o estivera da minha felicidade. Vê pois que cuidado não hei de ter, para domar os impetos, os delirios, as impaciencias de um amor que irrompeu subito, como a lava de um vulcão, que accorda, após longo somno? Como dizer á lava que se desentranha em chispas de fogo: não vás mais longe, que me queimas a orla do vestido?

E depois, quando succede a melancolia do amor, e o vulcão já não estruge; quando Alfredo me enleia n'um olhar, e intenta rasgar até ao coração, como obrigal-o a calar? Como deter as mil confissões, que estão saltando a flux? Como não ouvir a palavra, que, segundo o poeta, que tantas vezes hei lido,

> .... Depuis cinq mille ans
> Le suspend chaque nuit aux lèvres des amants!

Como lograr tudo isto, no meio de tantos perigos, quando o *matrimonio* acode em soccorro do coração?

Ai! tenho medo de mim! Nasci para a lucta. Quero luctar, e não sei se me sairei bem. Chamas-me louca e romanesca. Eu, romanesca? Eu, que sou tua discipula? Eu, que tenho por gloria seguir os teus exemplos?

Deus me livre de amar Alfredo, que seria esse o castigo eterno, o perpetuo flagicio da minha vida! Amal-o, seria fugir d'elle, e para sempre. Amal-o, fôra a solidão do convento por companheira constante. Amal-o fôra a estamenha da monja, fôra o cilicio doloroso. Se eu o amasse, adeus mundo, que sonho, os triumphos que ante-

vejo, os explendores, que descortino. Se eu amasse, não poderia desposal-o. Não te admires, minha querida. Põe os olhos em ti. Amas acaso o pobre barão? Amas o teu marido, esse servo fiel e obediente dos teus caprichos. Não. E por isso reinas despoticamente, imperas no baile, redopias na walsa, acorrentas escravos, dominas o mundo, vives em fim a vida dourada, senão a vida do oiro. Mas imagina por um pouco, que amavas o teu barão. Trocavas o sceptro pela roca, tornavas-te submissa, como uma matrona romana, não tinhas vontade, não surgias radiante toda luz, toda brilho, no meio dos festins. Pois comigo, aconteceria peior ainda. Sou pobre, devera tudo a Alfredo, e o meu amor confundir-se-ia com a gratidão. Os transportes da alma tornar-se-iam um dever de esposa agradecida e respeitosa, que só tem olhos para o seu marido. A paixão morria afinal n'essa athmosphera placida e socegada. Os arroubos de um amor intenso, os extasis que nos lançam em timido pelago de sensações ignotas, os mil soffrimentos, compensados por mil venturas, todos esses combates, que são a vida do amor, esvaecer-se-iam perante esse viver tranquillo e monotono, como o caudal se some nas aguas socegadas do lago.

Os meus sonhos mais queridos, as minhas esperanças mais arreigadas desfolhara-as o casamento por amor!

Por isso, ó minha querida, não queiras que eu ame Alfredo, e desejes ver nos unidos pelos sagrados laços do hymeneu, como se dizia outr'ora.

Mas deixemos divagações. Queres ouvir Alfredo? Queres assistir a uma das nossas conferencias phylosophico-sentimentaes, em que nós discutimos, não sem alguns suspiros de Alfredo, os themas mais abstractos do coração? Eil-o que vem convidar-me para passeio. A tarde vae fresca e amena. Estamos na primavera. A brisa atufa as nuvens, que são o gaze dos espiritos aereos. Os passarinhos enchem a solidão, com os seus quebros melodiosos. As folhas do arvoredo espargem-se, humidas ainda, aos ultimos raios do sol. E' a hora da melancolia.....

.....

A. Osorio de Vasconcellos

(*Continua*)

LIÇÃO A UM LISONGEIRO

Um dia, nos Paizes-Baixos, achando-se o bravo coronel escossez Edmunds almoçando com muitos dos seus officiaes, um dos seus compatriotas entrou e dirigio-lhe estas palavras: «Mylord, vosso nobre pai e todos os cavalleiros e gentishomens seus filhos e primos, estão de perfeita saude.» O coronel sorrio-se e encolhendo os hombros disse:

«Senhores, não acrediteis uma palavra do que acabais de ouvir. Meu pai é um pobre padeiro de Edimburgo, cujo trabalho mal lhe dá para viver. Em toda a minha familia não se encontra um nobre. Este homem queria lisongear-me e fazer acreditar que eu nasci em algum castello. Enganou-se, meu camarada, nasci em uma loja, e não córo por isso.»

A ambição e a cobiça não attendem nem á justiça, nem á razão.

OS ESCRUPULOS

O grande moralista Jacques-Joseph Duguet, escreveu pelos annos de 1717 um tratado dos escrupulos. N'aquelle tempo, a palavra escrupulo não tinha o sentido que hoje se lhe dá. «O escrupulo, diz Duguet, é uma duvida em materia de moral, que não tem fundamento ou se o tem é mui leve, ainda que vá algumas vezes até á persuasão, e encha a consciencia de inquietação e perplexidades.»

Escrevendo o seu tratado, tem por fim levar ás almas timoratas «o socego e a paz esclarecendo-as, e de conservar á virtude o privilegio de tornar o homem feliz, o que só convém a ella, rasgando-lhe o véo lugubre com que o espirito das trevas procura cobril-a a miude. O nome de escrupuloso, accrescenta elle, tem o quer que seja de humilhante na opinião do mundo; mas o mundo é injusto. Ha muita gente a quem melhor fôra soffrer d'essa doença que os faz sorrir, do que viver na falsa tranquillidade e perfeita confiança em si, que só veem da sua muita ignorancia e do que ha de mais denso e obtuso no sentido moral.

Nada mais perigoso do que o não guardar fidelidade para esse grito da consciencia, que é a regra pessoal de cada particular, e que dá a cada uma das suas acções a applicação das regras geraes da lei natural. Quando se procura abafar essa voz secreta, merece-se nada mais ouvir, e expõe-se a andar toda a vida nas trevas que se lhe hão preferido. O homem de bem, sabe isso, e é muito para lastimar quando a sua consciencia o adverte fóra de tempo, e que lhe faz, sobre acções desculpaveis, ou mesmo innocentes, reproches tão vivas, tão assustadoras como se essas acções fôram criminosas. Porque não se lhe pode dizer. «Não escuteis nunca a vossa consciencia.» Nem tão pouco: «Escutai-a sempre.»

O meio entre estas duas extremidades é difficil, e é preciso uma razão sã e esclarecida para conservar-se n'elle. Se se pende muito para o lado opposto ao que insinua a consciencia, cáe-se no risco de habituar-se a não ter bastante fé n'ella. Se se abandona ao escrupulo, é para temer que a causa não seja «uma fraqueza natural do espirito ao qual tudo faz impressão, que, como a cera, toma de todos os pensamentos uma especie de cunho, e que recebe de quasi todos os objectos um certo abalo que o inquieta. Esta disposição, quando é levada ao excesso, limita muito a liberdade e a razão, ou mesmo extingue-as completamente.»

Outra causa da fraqueza do espirito é a sua pouca extensão. Incapaz de comparar o que poderia esclarecer o escrupulo com o que o produz, o espirito não vê as causas senão por este unico lado, e é de ordinario o mais afflictivo. É uma fonte inesgotavel de falsos raciocinios, de falsos receios, de falsos preconceitos, o não considerar mais do que um ponto e n'elle fixar-se.

Se o espirito é confuso, se não distingue coisa alguma com precisão, se conserva no discurso a

desordem e o embaraço de pensamentos, sente-se uma grande difficuldade em socegar os escrupulos. Não ha outro meio senão procurar-lhe distinguir claramente as differentes partes do que concebe e confunde, e demonstrar-lhe quanto cada ponto separado comporta de exageração.

Muitas vezes sentimo-nos perturbados pela nossa imaginação, que nos apresenta visões assustadoras e que nos indignam. Mas nós devemos pensar que a nossa imaginação não é o *eu*: é a nosso respeito como um poder estranho; não somos obrigados a impulsar-nos os seus impetos, e não respondemos senão pelo nosso proprio coração. Quanto menos nos deixarmos atemorisar pela imaginação, menor será o seu imperio sobre nós: é o medo que se tem d'ella que rodobra a violencia e a assiduidade, em quanto que o despreso é o remedio.

Não deveriamos formar uma ideia muito alta da virtude: é preciso sómente que ella esteja em relação com as condições essenciaes do nosso estado n'esta vida. Por isto torna-se essencial uma união perfeita da delicadeza da consciencia e da rectidão do juizo. É necessario conciliar todos os seus deveres. Somos escrupulosos na má accepção da palavra se vêmos que, para satisfazer a um só d'entre elles, se sacrificam os outros que teem os mesmos direitos e não importam menos á perfeita honestidade. Ha virtudes que se expõem a serem suspeitas e quasi odiosas, por esta preferencia que injustamente se lhes dá, e pelo pouco zelo que se mostra para o resto das leis moraes.

«Uma attenção mui grande a examinar-se e a observar todas as suas acções e todos os seus motivos degenera algumas vezes em incerteza. Quanto mais de perto e mais tempo se olham, menos se conhecem. É preciso um certo ponto de vista para discernir os objectos e quando estão muito proximos, tornam-se tão confusos ou mesmo tão invisiveis como se estivessem muito distantes. Não ha ainda mais do que o meio entre as duas extremidades, ou ver-se sempre, ou nunca ver-se, quem for esclarecido.

«É preciso tanta equidade para si como para os outros; ser humilde, mas recto e sincero; não cair na ingratidão para evitar o orgulho; e preferir uma quietação, que conduza á confiança, a um desassocego duvidoso que não faz mais do que conservar o receio e que leva ao desalento.»

Entre os remedios que Duguet aconselha para a emenda dos escrupulos desarrezoados ou excessivos, o trabalho entra em primeira linha: recommenda estudos importantes, o exercicio da caridade fóra de casa, a conversação com pessoas de uma razão superior. Depois emprehende um exame das especies particulares de escrupulos, e entra em uma ordem de reflexões que se referem especialmente á religião.

A *Verdade* se acolheu, á unha de cavallo, dos conselhos e tribunaes, temendo algum desacato, e deixou nas côrtes seu filho o *Odio*, a quem os grandes casaram com a *Privança*, primeiro logar n'ellas; de cujo ajuntamento nasceu o *Desengano*, o qual os cortezãos criaram com todo o aparato que se pode imaginar: porém como chegou a uso da razão, e quiz exercitar o seu officio, determinaram acabal-o.

Elle que presentiu o pouco que parecia gentilhomem, perigrinou grande parte do mundo, até dar comsigo na Thebaida, onde vive apartado de toda a conservação. Ó santo Desengano, quantos naufragios tendes passado! M. Affonso de Miranda

(*Tempo de agora*)

IMMENSIDADE

Ah! se a nossa vista fosse tal que podessemos descobrir, alli, onde apenas distinguimos pontos luminosos no fundo negro do céo, os sóes resplandecentes que gravitam na extensão e os mundos habitados que os seguem em seu curso; se nos fosse dado abraçar em um olhar geral essas myriadas de systemas solares; se, avançando nós com a velocidade da luz, atravessassemos durante seculos esse numero illimitado de sóes e de espheras, sem nunca achar termo a essa immensidade onde Deos fez germinar os mundos e os seres; voltando para traz os nossos olhos, mas não sabendo em que ponto do infinito pára esse grão de pó que se chama Terra, ficariamos fascinados e confusos por um tal espectaculo e unindo a nossa voz ao concerto da natureza, diriamos do fundo da nossa alma: «Deos todo poderoso! quão insensatos eramos em julgar que nada havia além da terra, e que só a nossa pobre morada tinha o privilegio de fazer reflectir a tua grandeza e o teu poder!»

ILHAS DE GÉLO

Encontram-se ilhas de gêlo fluctuantes de 3 a 8 kilometros de extensão e de 30 a 60 metros de altura. A parte coberta pelo mar deve ser (conforme as densidades relativas do gêlo e da agua) seis ou oito vezes mais consideravel, que a parte visivel. A espessura total pode ser, de 500 a 600 metros.

L'AMOUR, C'EST LA VIE!

I

Um dia, vi-te só! estavas triste,
pendida a frente, e os olhos rasos de agua;
e, ao ver que te opprimia funda mágua,
perguntei-te porquê, mas não me ouviste.
Certo, o quadro da vida contemplavas,
e, saudosa do céo d'onde vieras,
em teu seio archangélico anhelavas
por deixar d'este mundo as primaveras.
Tinhas rasão! E eu perguntei-te ainda
se na terra um incanto não achavas
que te levasse allivio ao coração.
Ergueste a fronte pállida, mas linda,
e respondeste — não!

II

Mais tarde... quando o amor, em doce calma,
em azas de ouro e neve te envolvia,
e na fronte gentil te entretecia
a c'roa de rainha da minh'alma;
quando o amor, seus sorrisos entreabrindo,
veio fechar depois nossos abraços;
e, sobre a terra flores espargindo,
por flórea senda nos guiou os passos:
logrei um ceu em cada teu sorriso,
li a ventura no teu rosto lindo,
vi-te ditosa, e perguntei-te emfim,
se este mundo não era um paraiso,
e respondeste — sim!

Vizeu 9 de maio, 1866.

Candido Figueiredo.

Typ. Franco-Portugueza. Rua do Thesouro velho, 6

Praça de Luiz de Camões.

Ha de muita gente julgar fóra de proposito a publicação d'esta estampa, por figurar uma scena que já vae bem longe; e, comtudo, vale mais a presente gravura, do que outra que desenhasse o estado actual do meio alinhavado monumento de Camões.

Quando sua magestade, el-rei D. Luiz, foi lançar a primeira pedra da suspirada memoria, tudo tinha, até esse jubiloso momento, corrido com tanto fogo, que a todos pareceu resolvido o insoluvel problema de completar, nos prasos marcados, as obras começadas; e muitos chegaram a suppor que teriamos inauguração antes do termo das condições.

Esse acto do nosso monarcha foi, portanto, uma revelação de confiança, de alegria e de enthusiasmo patriotico, que o seu luzimento inspirou, robustecida pelos precedentes auspiciosos que a tinham definido.

E hoje?

Hoje, ha mais alguma coisa. Certamente. Ha o pedestal completo, que se compõe de muitas pedras, de muita cal, de muitas quinas, de muitos ornatos, de muita terra, e pó tambem. É mais alto do que um homem, é. Todos o veem. Porem... ninguem se lembra d'elle.

Tal é o lapso de tempo, carregado de irrisorias peripecias, que attesta aquella representação plastica do *statu quo*, e que tão desapiedadamente nos ameaça com um novo galheteiro, mais delicado, mais janota, mais pomposo, é verdade, do que o extincto galheteiro do Rocio; mas... um galheteiro.

Portanto, a estampa que figurasse este novissimo, correcto e augmentado galheteiro seria uma estampa... para rir, ou, se quizerem, para chorar; e o nosso fim não é fazer rir das coisas sérias, nem entrar na complicada tarefa de phantasiar portuguezes que, á semelhança de Scipião, chorem sobre as ruinas da patria.

Eis a rasão porque a nossa gravura tem mais valor. É uma recordação de passadas alegrias, sempre bem vinda n'este mar procelloso de angustias em que, desde muito, navegamos.

Já lá vão os tempos em que o genio nos despontava rapido e viçoso, e as difficuldades economicas e plasticas se apagavam instantaneamente ao sopro da vontade, da confiança e da energia.

Morreram com o reinado de D. Maria I, e, ao menos, consolemo-nos por terem morrido religiosamente.

Quando cortaram as azas ao ministro de D. José I, marquez de Pombal caío das maiores alturas da gloria, a que o seu vôo seguido e rapido o havia elevado. A sua queda estremeceu o paiz, e desde então nunca mais o infeliz Portugal logrou saude. Ninguem se mostrou culpado em tamanho delicto; mas o convento da Estrella foi, talvez, uma manifestação piedosa movida pelo remorso, um voto nascido de um erro politico, que só a Deus se revelou.

Hoje, que não podemos resuscitar os mortos; que não é possivel restituir á vida aquelles politicos estacionarios e despoticos que animaram o marmore em vultos gigantescos, e fizeram brotar das cinzas ainda tepidas uma cidade explendida; que acharam e criaram sabios e artistas que não tropeçavam em qualquer difficuldade, nem, cobertos com as vestes da fama, dormiam embriagados pelo perfume dos loiros; hoje tomámos o partido de importar a cultura do progresso.

Porém, como?

Esquecemo-nos de que nos faltava o estrume; e eis o progresso, planta de eterna e crescente belleza, convertido em uma especie de caranguejo: andando mais para traz, de cada vez que o impurram para diante.

Proclamam-se Machados de Castro, como quem apregoa laranja da China; Sebastiões de Carvalho... Minto. Hoje, ninguem quer ser Sebastião de Carvalho... Decretam-se Colberts, como quem offerece pitadas de rapé; semeam-se artifices, como quem annuncia charutos Zamacoes. Depois, mãos ás obras. Espera-se, espera-se... até que se desespera. Que será, que não será... Espreita-se o caso, e encontra-se:

Os Machados de Castro a scismarem sobre o modo porque de um bocado de pedra em bruto ha de sair uma figura que não venha torta; uma figura direita, perpendicular, aprumada; tendo, apenas, a liberdade simples de poisar um pé adiante do outro, ou de apalpar a região do coração;

Os Colberts... a *scismarem* sobre a causa de tudo lhe sair negativo, empregando constantemente o signal de mais;

Os artifices... a *scismarem* sobre a razão porque se lhes partiram as fôrmas, e, em lugar de uma figura de Camões, lhes saío uma cascata.

Vae para um seculo que, em o nosso paiz, deixaram, pouco a pouco, cair completamente as obras d'arte nos braços da infelicidade. Quasi todos os projectos ficam nos traços do tira linhas, ou no modelo; e os que, por acaso, conseguem vingar, accusam sempre na phisionomia contrahida os bons tratos que a economia, o mau gosto, a parcialidade da compadrice, e o mysterio lhes deram.

O theatro de D. Maria II é uma triste victima de todas essas coisas. Devia ter nascido dos traçados de Pedro Monteiro, e saío dos mal engendrados plagiatos de outro architecto, que nem talento tinha para fazer d'aquelles traçados uma parodia feliz. Houve dinheiro para construir um theatro de lapis-lazuli; mas a economia cortou e o mysterio ainda mais.

O pensamento que deu origem ao celebrado galheteiro do Rocio foi outra victima. O genio que se propoz eternisar pela plastica os feitos do immortal imperador, dormia lá fóra. A tuba pregoeira do concurso accordou-o, e elle, abrindo as azas, voou para nós. Não esperando, porém, encontrar em paiz tão pequeno, tão grande e alto monumento, como é a estatua equestre de D. José I, n'ella esbarrou, partindo o nariz, porque assim póde dizer-se de quem ousou collocar em a mesma terra, e á curta distancia da rua Augusta, uma parodia da obra prima de Machado de Castro, ainda mais infeliz do que os plagiatos feitos aos planos de Pedro Monteiro.

Os resultados d'esta comedia todos os leitores conhecem bem.

Depois de levantado o pedestal, a estatua não quiz subir; e disse-se que era porque, faltando-lhe dinheiro para comprar abafos, não estava resolvida a ir expor-se permanentemente á chuva. Mais tarde, desmentio-se esta desculpa e attribuio-se-lhe outra. A estatua tinha vergonha de desempenhar o papel de argola de galheteiro. D'esta se convenceu o senado, e, achando-lhe razão, mandou arrazar a estulta cassoada.

Assim é que morreu o desgraçado galheteiro do Rocio; e é assim que muita gente principia já a desconfiar que morrerá o galheteiro da moderna praça de Luiz de Camões.

Terá o destino marcado no seu livro mysterioso a realisação de tão endiabrado agoiro?

NOGUEIRA DA SILVA

A BOCCA DO INFERNO

VI

Luiz vae encostado á amurada do brigue com os olhos fitos nas aguas e o pensamento muito longe d'alli. Nem sequer se lembra de que está no seu querido oceano, que fôra outr'ora a sua paixão.

Affasta-te da borda, e observa como o brigue é veleiro! A barquinha marca muitas milhas; as velas vão empavezadas, e tu immovel ahi, quando n'outro tempo passeavas na tolda com os olhos ora nas vergas ora na prôa do barco; na agulha, ou nos horisontes! Então no rosto queimado transverberava o intimo prazer, nos labios saltava um sorriso! Porque estás agora triste e pensativo, fazendo o quarto silencioso, quando outr'ora a tua voz, cheia de energico vigor, retumbava de pôpa a prôa dirigindo a manobra? É que ha soffrimentos taes, que absorvem todo o ser moral.

Já não encontras Christina a teu lado. Se a chamas, responde-te o gemido lugubre do oceano. Oh! deve ser horrivel esse soffrimento!

E o oceano estendia-se em redor agitado, crespo, rugidor! e o vento susurrava nas enxarcias, fazendo ranger os moitões! e a agua formava brancos cachões na prôa do brigue!— Era um quadro magnifico, ante o qual outr'ora a alma de Luiz se extasiava. Agora, porém, tudo passava desapercebido para elle. Já não achava poesia nas ondas, nem já a vôos largos deixava subir o pensamento aos seios da immensidade!

Encostado à borda, olhos fitos nas aguas, o coração retalhado de saudades, e a ideia na patria, ia-se o pobre mancebo pelos mares fóra, demandando outros portos, que não os do seu querido paiz, onde, se outr'ora o prendia o ninho patrio, hoje o prende ainda mais o consorcio do coração!

Se vos recordaes, leitora, do mancebo que encontrastes na praia de Cascaes, hesitarieis agora em affirmar que era o mesmo. Então representava o marinheiro que não tem paixão maior do que aquella que o oceano alimenta no remanso da bonança ou no rugir da tempestade, paixão que attrae o homem para elle por um diabolico poder, paixão que nem o naufragio cura, porque o naufrago, que um milagre salvou da morte, vae ainda outra vez lançar-se ancioso nos braços do oceano, sem já se lembrar de que esteve para ser por elles esmagado!—Agora o que ahi vêdes a bordo

do brigue, costeando o archipelago de Cabo Verde, é outro, magro, pallido, como quem soffre do mal das saudades. É que é só para os espiritos superiores abraçarem-se com a dôr, e como que alimentarem-se d'ella. Não são para as vulgaridades os grandes soffrimentos. Deus só trava as luctas gigantes do espirito e do coração nas organisações elevadas, onde o combate pode ser heroico.

Por isso tambem o genio, disse Chateaubriand, usa depressa o corpo que o encerra: as almas grandes, assim como os grandes rios, tendem a devastar as suas margens.

Havia dois annos que Luiz de Mello e Christina se tinham despedido em Cascaes. N'esta já longa ausencia, o que a ambos consolava, o que a ambos amparava na beira resvaladia do tumulo, era a esperança, a vara magica da esperança, unico arrimo dos desfortunados da terra.

Nas cartas de Christina havia a resignação evangelica de quem aceita tudo das mãos de Deus e só d'elle espera o remedio. Por isso as suas palavras eram todas de consolação, e n'este mister santissimo da mulher, em que ella se converte em anjo de piedade, ia Christina dando coragem e vida ao desgraçado.

Um dia Luiz pensou seriamente em voltar a Portugal quanto antes.

Imaginou para isso uma doença e a necessidade de ares patrios.

Tomada definitivamente a resolução, não houve considerações que o demovessem do intento.

VII

A senhora morgada, D. Thereza de Brito, habitava em Lisboa uma casa grande e de veneranda velhice. D. Thereza tinha odio a reformas e melhoramentos. Amava as suas antigas cadeiras de espaldar, as mesas de pau santo, o contador e a papeleira; e não havia fazel-a acreditar na elegancia da mobilia moderna, e das decorações do tempo. Agarrada ás suas opiniões, como o berbigão se agarra ao rochedo, atacassem-na, combatessem-na, ou pretendessem convencel-a, que era embalde. Tinha um respeito religioso á antiguidade, e não admittia alteração nos seus usos e costumes.

Deduz-se d'aqui que D. Thereza vivia muito concentrada. Se não fôra o irmão, Christina não conheceria as *soirées* e os bailes, e teria de sujeitar-se á companhia effectiva do parocho e do velho procurador da casa, que costumavam vir á noite fazer a partida do *cassino* ou do *voltarete* com a senhora morgada.

De dias a dias acontecia apparecerem algumas senhoras, correligionarias de D. Thereza nas ideias e nos usos. Eu não dispenso o leitor de ouvir a descripção de uma das frequentadoras, mais assidua.

Era uma donzella de cincoenta e sete annos, que debalde se esforçara nos tempos da sua mocidade por encontrar um coração que comprehendesse o seu. Isto dizia ella. Agora eu direi que ninguem quiz adivinhar o tal mysterio incomprehensivel do coração. Os cabellos, que, segundo diziam as más linguas, eram já todos brancos, appareciam da côr do azeviche, graça ao inventivo progresso que, apezar de lhe aproveitar, ella tanto guerreava. Dentes, prestara-lh'os a arte de Vitry. As faces desbotadas, rugosas, pareciam ás vezes incendiadas com os laivos carregados do carmim: outras levemente rosadas como o enrubecer de innocente donzella. Era este um dos arrebiques em que D. Capitolina mudava frequentemente: errava sempre, apezar da pratica quotidiana, a porção do carmim. O que ainda illudia um pouco eram os olhos. Deviam ter sido bellos aos vinte ou vinte cinco annos, ardentes aos trinta—e se lhes faltava hoje o brilho d'esse tempo, a luneta fixa suppria a falta, porque atravez do vidro christalino, brilhante parecia o christalino dos olhos. Da moda colhera D. Capitolina todas estas excrecencias insupportaveis—o que não acceitou, porem, foi justamente o elegante d'ella. Os seus trajes não soffriam alteração; e ao ver a refolhada touca da decrepita donzella, a manga justinha, o comprido espartilho, os grossos caracóes, e a porção dos anneis, transportava-se o observador a trinta annos atraz. Para os que gostam de estudar o passado tinham alli a imagem viva d'elle.

Respeito a velhice; lamento a caducidade; mas detesto a velhice pretenciosa. Era este o defeito de D. Capitolina. Gostava ainda de fallar em amor, e nas novellas do seu tempo, em que dois amantes eram perseguidos pelo rigor da sorte, ou por algum tyranno escondido, para virem casar e viver felizes, com muitos filhos, na ultima pagina do livro. E tanto sympathisava D. Capitolina com os nomes floridos e apollineos das suas novellas mais queridas, que a um afilhado pozera o nome de Valdemiro. Supponho que assim se chamava algum amante fiel.

E era esta a sociedade de D. Thereza de Brito. Quando Pedro levava a irmã a um baile, ou trazia um amigo a jantar, tornava-se caso estranho na familia. Christina chegava mesmo a pedir-lhe que trouxesse sempre alguem. O procurador não sabia fallar se não em negocios do foro: o parocho nos negocios da Igreja.

Quando Christina perguntava ao primeiro:

—Que novidades ha, sr. Mathias?

—Está o juiz de tal vara com uma grande constipação—respondia o pobre homem.

Se Christina se dirigia ao padre, ouvia:

—Festeja-se tal dia o dogma da Conceição...

E era a isto que as novidades dos dois interrogados se cingiam.

Se havia, pois, visita nova, Christina e Pedro aproveitavam a occasião para ridiculisarem todas as antigualhas o que desagradava summamente a D. Thereza.

Quero que o leitor tenha a condescencencia de seguir-me aos paços da senhora morgada, em noite que D. Capitolina se achava presente. Pedro de Brito ficara tambem em casa, tendo anteriormente convidado um amigo para o acompanhar. A quinquagenaria donzella vinha essa noite mais rubicunda e graciosa. Quando divisou o amigo de Pedro,

que era um rapaz elegante e amavel, D. Capitolina estudou um sorriso, que se esforçou por tornar tentador; deitou-lhe um olhar meigo, grata recordação do seu tempo de rapariga; fez um requebro, o mais gracioso que poude, e cortejou o mancebo.

Christina estava presente. Contra o costume, apresentava o semblante risonho. A propria morgada estranhou muito sua filha. Parecia que lhe illuminava o rosto o raio de algum prazer occulto.

O parocho, o procurador, D. Thereza, e D. Capitolina sentaram-se ao jogo. Pedro de Brito e o seu amigo Noronha foram collocar-se ao pé da meza. Jogou-se o *Cassino*. D Thereza quiz mudar de parceiros.

—Faz mal — acudio D. Capitolina — Devemos ser constantes por isso que a constancia é natural nas senhoras.

—E porque não será nos homens? — atalhou Noronha.

—Oh! não! nos homens não!

—Minha senhora—redarguio Noronha, atiçado pelo filho da morgada — peço em nome do meu sexo que seja mais indulgente com elle.

—Indulgente! Merece elle indulgencia? oh! não!... os homens!... os homens!...

—São maus, não he verdade?

—Muito maus! oh! muito maus!

D. Capitolina aprendera nas novellas esta serie infinita de exclamações. Quando pronunciou *muito maus*, foi tal o doce requebro que deu á voz e aos olhos, e tamanha a distracção que as cartas lhe cairam das mãos sem que o sentisse.

—Por Deus! Mostra o jogo, parceira?! gritou-lhe o padre prior—olhe, lá tem um az... e é *mão*... perde-o por força...

A donzella recolheu pressurosa as cartas. Noronha tornou com a mesma affabilidade.

—V. Exª. não imagina quanto me custa vel-a apreciar tão mal os homens. Foi algum injusto com V. Exª.?

—Oh! sim! todos são injustos e ingratos. Oh! infelizes as mulheres que se deixam illudir! Oh! os homens não teem coração!

—Eu creio que teem de mais... e é talvez esse o seu mal—redarguio Noronha sorrindo.

D. Capitolina completamente distraida e não sei se já suavemente impressionada não vio mais o jogo, nem as cartas.

—Lá deitou o *cassino*! exclamou o procurador. Aproveite D. Thereza. Dos descuidos comem os escrivães...

—Ponho impedimentos! o jogo assim não continua!—gritou o prior esbaforido, por ver que a parceira o levava direito a um capote.

—E eu agravo! — retrucou o procurador com um sorrisinho de rabula nos beiços esbranquiçados.

D. Capitolina estava passada. Que queriam? Não era senhora de si a pobre mulher quando ouvia um rapaz novo e bello a fallar-lhe de amores. Noronha levantou-se, deu o braço a Pedro, e sairam com elle da sala. Christina ria muito. D. Thereza estava pasmada, e o padre e o procurador gritavam, um contra o outro, sobre se o jogo devia ou não proseguir, apezar dos desacertos de D. Capitolina.

Eram estes os episodios extraordinarios da vida monotona da morgada e sua familia; e valiam de muito para Christina não morrer de aborrecimento.

A noite continuou interrompida com alguns d'estes graciosos episodios, que Christina achava agora muito mais interessantes.

É que o estado do seu espirito era outro. A saudade tinha já uma consolação, que era a esperança.

Recebera carta de Luiz em que lhe dizia que voltava brevemente a Lisboa.

D. Capitolina é que se retirou mais triste, porque empregára debalde toda a arte de seduzir, que por recordação lhe ficara dos tempos juvenis, para ver se Noronha adivinhava a esphynge; isto é, se possuia um coração capaz de comprehender o seu, e d'este modo realisar a felicidade, como ella muito modestamente dizia.

(Continua)

A. D'OLIVEIRA PIRES

DOUTOR JENNER

Entre os muitos flagellos, que opprimem a humanidade debaixo do nome de doenças, um dos mais terriveis, o que infundia sustos maiores aos nossos antepassados do seculo XVIII era o que recebera o nome de bexigas. O vago terror que se apodéra de nós quando ouvimos pronunciar o nome de febre amarella, de cholera, que são na Europa actual, os dois mais activos auxiliares do anjo da morte, não póde dar idéa da profunda impressão, que o terrivel nome de bexigas, nos tempos anteriores á descoberta da vaccina, produzia. É porque esse flagello não se limitava a travar com a humanidade uma lucta suprema, em que matasse ou fosse vencido, mas, no requintado odio que votara á especie humana, não passou nunca atravez de um povo sem deixar vestigios horrorosos da sua passagem nos cadaveres de que juncava o solo, ou na face dos vivos que conservavam, ainda que saissem triumphantes da pugna fatal, o estygma indelevel do combate. O algoz tinha n'uma das mãos o cutello, na outra o ferro em braza. Se a voz de Deus lhe dizia «Perdoa» o cutello destruidor pendia inoffensivo, mas o ferro flammejava, e, marcando o rosto da victima que se julgava salva, abria-lhe largos sulcos nas faces, ensanguentava-lhe as palpebras, desfigurava as feições mais correctas, amortecia o esplendor dos olhos mais vividos. Ao pestifero halito d'esse anjo máo, perdia a flor o perfume e o colorido, se não murchava de todo; dissipava-se a belleza, se não se extinguia a vida.

Por isso as bexigas inspiraram tamanho horror aos nossos antepassados. As mães, contemplando as faces rosadas, os olhos azues dos filhos, apertavam ao peito as criancinhas, temendo a cada instante sentir o vôo pesado da epidemia, e ver ao sopro malefico desbotar-se o viço d'essa florinha querida, que protegera contra os frios agrestes do

inverno, e contra as calmas abrazadoras do estio! A noiva gentil, vendo ajoelhar-lhe aos pés, enlevado na sua formosura, o enamorado moço que não via outro sol senão o dos seus olhos, empallidecia de subito se um pensamento atroz lhe salteava a mente. O que faria esse eleito do seu coração se a esplendida belleza, que o captivara, de um instante para o outro se apagasse? E era essa uma hypothese gratuita? um d'esses vagos terrores que o amor phantasia, terrores sem causa, nuvens sem motivo que a imaginação forma no ceu azul da mocidade só para que um sorriso as dissipe, caprichos como o de Polycrates que temia a superabundancia da sua ventura? Não! a hypothese era bem fundada, o terror era justificado, o perigo era real; porque esse demonio cruel, que pairava nos ares, não poupava nem sexo, nem idade, nem formosura, ou antes fazia uma selecção atroz,

Doutor Jenner

porque envenenava de preferencia os calices mais doces da existencia, entenebrecia os dias mais luminosos, cortava os fios da vida mais doirada, murchava as mais ridentes primaveras, maculava, como o caracol, as rosas mais radiantes de formosura e viço.

Foi então que appareceu, como um verdadeiro enviado da Providencia, o homem cujo retrato apresentamos hoje aos nossos leitores. O doutor Jenner nasceu no dia 17 de maio de 1749 em Berkeley, cidade do condado de Glocester na Grã-Bretanha. Principiou a estudar medicina com um chirurgião de Sudbury provincia de Bristol, depois foi para Londres, onde continuou os seus estudos. Na grande metropole tomou conhecimento com o doutor John Hunter, celebre chirurgião e anatomista distincto, a cuja amizade deveu ser escolhido para classificar os objectos d'historia natural, que o afamado Cook trouxera da sua primeira viagem á roda do mundo. Precedido de grande reputação, como medico e naturalista, voltou Jenner para a sua patria, onde em breve adquirio numerosa clientela, que, apezar de lhe dar grande trabalho, sempre lhe deixava alguns instantes livres que elle consagrava aos seus estudos predilectos d'historia natural.

Em 1775 principiou a entrever a descoberta, que lhe devia dar tanto nome e ser para a hu-

manidade de tamanho proveito. Principiou n'essa época a germinar no seu espirito o que alguns camponezes lhe tinham dito acerca da força preservativa que tinham contra as bexigas esses botões que se formam no ubre das vaccas atacadas d'epizootia. Quantas vezes o instincto popular precede as descobertas da sciencia! Louco, bem louco é o sabio orgulhoso que despreza as praticas singelas d'esses rudes confidentes da natureza! Jenner não as desprezou, estudou-as. Depois d'um trabalho assiduo de 13 annos, convenceu-se afinal em 1788 da efficacia do *cow-pox* contra as bexigas. Comtudo só em 1796 ousou fazer a primeira experiencia. Proporcionou-lhe ensejo para ella uma epizootia que então grassou no gado. No dia 14 de maio d'esse anno inoculou a vaccina n'um rapazito chamado James Phipps. Depois inoculou-lhe as bexigas, e com que tremor o não faria! mas que jubilo não seria tambem o seu quando vio a molestia impotente! Estava subjugado o monstro, estavam decepadas as cabeças da hydra, estavam arrancados os dentes e as garras a esse tigre avido de sangue juvenil.

Como sempre, a sciencia official recusou reconhecer o novo invento. As *Philosophical Transactions*, especie de encyclopedia medica, recusaram publicar a memoria que elle escreveu a esse respeito. Vio-se então obrigado a publicar a sua importante descoberta n'um escripto a que deu o titulo de *Inquirynto the causes and effects of lhe variole vaccine*. Acolhida admiravelmente na Europa e na America, o seu auctor mereceu o nome de bemfeitor da humanidade. Não lhe escassearam as recompensas. Em 1802 recebeu dez mil libras, e em 1807 vinte mil a titulo de recompensa nacional. Depois da sua morte, que succedeu no dia 26 de janeiro de 1823, a Inglatera erigio-lhe estatuas.

Coisa notavel! quando Jenner n'um obscuro canto da Inglaterra fazia a sua primeira experiencia, despontava tambem na Italia entre os resplendores da victoria o sol napoleonico. Pouco depois d'este se extinguir em Santa Helena terminava tambem Jenner a sua carreira benefica. Aos olhos da posteridade imparcial qual das duas glorias será maior? a gloria deslumbrante do guerreiro, ou a gloria modesta do medico? a que se ergue n'um pedestal de cadaveres, ou a que sobe para os ceus entre as bençãos dos convalescentes? Não sei; mas, se para a humanidade deslumbrada vale mais a auréola que cinge a fronte do conquistador, não será esse igualmente o juizo de Deus. O Omnipotente presta mais attenção á oração singela da mãe jubilosa, que vê já sem medo florescerem as rosas da saude nas faces do filho querido, do que aos canticos enthusiasticos dos povos que saúdam os Cesares. Bemdito mil vezes aquelle cuja apotheose é feita pela simples lagrima de reconhecimento que deslisa d'uns olhos maternaes! Triste do triumphador que, no seu carro ovante, escuta, em vez dos insultos do escravo, a maldição das mães!

PINHEIRO CHAGAS.

LENDAS INDIANAS

Por Mathews (1)

A Estrella da Manhã.

Em tempos, que foram, pereceram todos os habitantes de uma aldêa, á excepção de uma donzellinha, e de um rapazinho que era ainda de berço. Dormiam ambos quando pai e mãi se finaram. A donzellinha, que era mais velha, accordou primeiro; mas como não visse senão o irmãosinho, que dormia entre sorrisos, voltou-se no leito, começou novo somno.

Dez dias eram passados, quando o innocente estremeceu no berço, mas não abrio os olhos. Corridos outros dez dias, mudou de posição e continuou a dormir, e certo que sonhava lindos sonhos, porque quando a irmã o contemplava, via rebrilhar um sorriso celeste no rosto da criança, cuja cabeça era cingida por aureola luminosa, que illuminava tambem a choça.

A donzellinha foi crescendo e era já mulher feita, a tempo que o rapazinho augmentava mui pouco de estatura. Levou muito tempo para que podesse rebolar no chão, e passaram annos e annos, que não havia suster-se de pé. Mal poude caminhar, a irmã deu-lhe aljava e frexas, e pondo-lhe uma concha no pescoço, disse:

— De hoje em diante serás Dais-Imid, ou o Anão da Conchinha.

Desde então Dais-Imid começou a caçar passarinhos. Foi um melharuco a sua primeira victima, e a donzella para influir brios no irmão, fez-lhe uma ceia opipara. No dia seguinte matou uma harda purpurina, que comeu tambem á noite, e no terceiro dia apanhou uma perdiz, com que os dois se regalaram á tripaforra.

Pouco a pouco foi-se Dais-Imid animando e afastou-se mais e mais da choça; cada vez era mais dextro, e afinal caçador já experiente não temia atacar as bestas-feras da floresta. Repartia sempre com a irmã as parcas da caça. Com ser porém entrado na idade madura, era pequeno de corpo, e tanto que recolhia a casa, logo lhe brilhava a aureola em volta da cabeça e illuminava a choça.

Por um dia de inverno chegou á beira de uma lagôa, toda gelada, e vio um gigante a caçar castores. Em comparação d'aquelle homem, Dais-Imid parecia um insecto; assentou-se porém na praia, e seguio attento os gestos do caçador.

Este, apoz grande matança, carregou as victualhas em um carro, que puchou com uma das mãos, e poz-se a caminho de casa. Dais-Imid brandio a conchinha maravilhosa, cortou a cauda de um castor e fugio de arrancada para a choça.

O gigante ficou muito espantado ao ver que um dos seus castores tinha a cauda cortada.

No dia seguinte o nosso heroesinho voltou á lagôa e poz-se á socapa. O gigante já tinha carregado o carro e ia-se embora, quando Dais-Imid lhe foi no encalço, e cortou a cauda de um castor.

Mal chegou a casa o gigante bradou raivoso: «Quem me dera conhecer o ladrão, que havia saber o comprimento da minha garrocha.» Não se lembrava que os castores habitavam n'um la-

(1) O viajante Mathews colheu entre as tribus da America, algumas lendas, que publicou, e que hão sido traduzidas em quasi todas as linguas cultas. Como amostra de poesia popular entre os *peauxrouges*, traduzimos esta lenda que nos pareceu das mais caracteristicas, porque explica poeticamente um phenomeno da natureza.

go, que pertencia ao anão e a sua irmã. No outro dia voltou á lagôa: mas andou tão vidareiro, que Dais-Imid só poude apanhal-o quando cruzava já os hombraes da casa.

O gigante encheu-se de raiva e desespero, e o que mais o enraivecia, era não descortinar inimigo, por isso que o anão da conchinha podia á vontade tornar-se invisivel.

Blasphemando e jurando lá ia o gigante na pegada do anão; baldo porém era o seu empenho, que não encontrava o mais leve vestigio. Determinou emfim para se vingar do ignoto inimigo, partir de madrugada; e tão presto andou, que o anão teve de procural-o em casa, aonde o encontrou a estripar os castores.

Ao passo que Dais-Imid, sempre invisivel, o contemplava, disse para si: é de justiça que o gigante possa ver-me uma vez.

Meu dito, meu feito, e mal o colosso, (que era o celebre Manabozho) ergueu a cabeça, vio o anão, a quem fallou assim:

— Quem és tu, traquinas? Estou vae não vae a esganar-te.

— Não te acobardes; que não conseguirás teu ruim intento.

Palavras não eram ditas, estendia Manabozho os braços, mas quando abrio os dedos, já Dais-Imid se havia escapolido.

— Aonde estás agora, traquinas? rouquejou Manabozho.

— No teu cinto, respondeu o anão.

E o gigante cuidando esmagal-o, deu em si com toda a força; desenrolando porém o cinto, não encontrou o anão.

— Aonde te escondeste, diabrete? gritou Manabozho, incendido em raiva

— Na tua venta direita, disse o anão. Manabozho apertou o nariz, mas como ouvisse a dois passos de distancia a voz do seu inimigo convenceu-se que o seu nariz fôra quem tinha pago as custas.

— Muito bons dias, Manabozho, gritava o invisivel adversario. Conta as caudas dos castores, e verás que levo uma para minha irmã; porque, mesmo brincando, o anão lembra-se da fada do seu lar. Até á vista, caçador de castores.

E ao tempo que se apartava, o anão tornou-se visivel; e a sua aureola resplandecia em volta da cabeça e illuminava o espaço, coisa que Manabozho não poude explicar, porque era de natureza muito bronco e soez.

Quando Dais-Imid entrou em casa, disse á irmã que era chegado o tempo de se separarem.

— Eu de mim, acrescentou, vou-me embora. Ninguem foge ao seu destino. Tu deves tambem deixar esta morada. Aonde queres habitar?

— Quizera estancear nos plainos, aonde nasce o sol, aonde fulguram os primeiros clarões do dia, aonde os esplendores do céo são mais formosos. Quando eu estiver lá, ó meu irmãosinho, e vires nuvens retinctas brilhar no firmamento, cuidarás que tua irmã está pintando as faces com o carmim do céo.

— E eu, disse o anão á irmã, viverei nos alcantis, e poderei ver-te mal surjas do seio do mar. Nos pincaros o ar é puro e as torrentes espadanam aguas transparentes. Esta luz brilhante cingirá a minha cabeça e serei chamado Pusk-Inince, ou o anão das montanhas. Antes, porém de nos separarmos para sempre, é força que conheças quaes são os manitus, que governam a terra, e os que nos serão favoraveis. O anão deixou a irmã, correu toda a superficie do mundo, e desceu até ás entranhas do globo. Recebeu boa acolheita em toda a parte. Chegado á morada de um gigante, que era parente de Manabozho, foi mal recebido a ponto de ser lançado na enorme caldeira que fervia em cachão. Dais-Imid envolveu-se na conchinha milagrosa, vasou n'um abrir e fechar d'olhos a caldeira, e fugio são e escorreito.

Voltou á choça e contando á irmã todos os seus trabalhos, acabou assim:

— Minha irmã, ha um manitu em cada canto da terra; por sobre elles, e nas profundezas do céo, habita o Ente Supremo que a todos governa. Ha tambem um ente mau, que rasteja nos seios do mundo. Havemos de escapar ambos ao seu poder. Quando os ventos soprarem dos quatro cantos da terra, levar-te-hão ao sitio, que escolheste. Eu de mim ascenderei ás montanhas, que sempre aprouveram aos meus similhantes.

Dais-Imid tomou de um bordão, e começou a galgar a montanha; cingia-lhe a fronte uma aureola, e cantava assim:

«Soprae, ventos, soprae! minha irmã suspira na mansão celeste, aonde a manhã, com os seus roseos dedos, lhe pintará as faces com o carmim do céo. Para ella se voltarão os meus primeiros olhares; os seus sorrisos, reflectidos nas nuvens, ser-me-hão guia e fanal nas aguas ou nos recessos das florestas, quando vaguear nos alcantis, ou me esconder nos valles verdejantes, aonde florece a roseira junto á fonte queixosa.»

Os ventos começaram então a soprar assim como Dais-Imid havia predito, levaram nas azas invisiveis a virgem para o oriente, aonde viveu até hoje com o nome de *Estrella da Manhã*.

A. O. de Vasconcellos.

O centro de todos os males é o jogo, e morada de todas as maldades, blasfemias, juramentos falsos, furtos, e os mais que a este se agregam.

M. Affonso de Miranda.

DE QUE VIVEM AS PLANTAS

As plantas compõem-se de carvão, agua e de uma grande quantidade de hydrogenio; alem d'isso conteem um quarto corpo simples, o azote, que se encontra em diminuta proporção, mas cuja presença é essencial á vida. A athmosphera fornece abundantemente o carvão; as chuvas, a agua ou o oxigenio e o hydrogenio; a terra, o azote, mas que, por ser raro, se lhe introduz sob a forma de estrume: é esta a grande preoccupação do agricultor; é a mais avultada, a mais inevitavel e a mais productiva de todas as suas despezas.

A CRITICA LITTERARIA

O espirito da critica é um espirito de ordem; conhece os delictos contra o gosto e leva-os ao tribunal do ridiculo; porque o riso é muitas vezes a expressão da colera, e os que o censuram não reflectem que o homem de gosto antes de fazer uma ferida recebeu vinte. Diz-se que o homem tem o espirito da critica quando recebeu do céo não sómente a faculdade de distinguir as bellezas e os defeitos das producções que julga, mas uma alma que se apaixona por umas e se exaspera com outras, uma alma a qual o bello arrebata, o sublime transporta, e que, furiosa contra a mediocridade, esmaga-a com os seus desdens, e opprime-a com os seus enojos.

PROVERBIOS ARABES

—A melhor sciencia é a que offerece utilidade.
—O que foi mordido por uma serpente tem medo de uma corda.
—O corvo não tira os olhos a seus irmãos.
—Não se mettem duas espadas na mesma bainha.
—Se a gallinha tivesse dinheiro, não se lhe cortaria o pescoço.
—A morte do burro é uma festa para os cães.
—Não ha scentelhas na cinza.
—As doçuras do mundo são para aquelle que o não conhece; as amarguras para o homem esclarecido.
—O tanque forma-se gota a gota.
—O sabio em sua patria é como o ouro em sua mina.
—O que dá é mais feliz do que o que recebe.
—A mão de cima vale mais do que a de baixo.
—Aquelle, cujo termo é chegado não tem mais a fazer do que estender as pernas.
—Os dias do homem estão contados; porque receiar a morte?
—Todo o cão ladra á sua porta, todo o leão é altivo na sua floresta.
—O que sobe ao carro da esperança tem por companheira a pobreza.
—Quem te disser mal de outrem diz mal de ti.
—O sabio conhece o ignorante, porque o foi, mas o ignorante não conhece o sabio, porque nunca foi sabio.
—No paiz das palmeiras sustentam-se os burros com tamaras.
—Se todos os homens se entregassem unicamente á meditação, a terra tornar-se-ia inculta.
—Todos os que andam vestidos de pelle de tigre não são corajosos.
—Aquelle que se aquece ao fogo conhece-lhe o calor.
—O leão sustenta-se sómente da sua caça.
—Se a lua é brilhante, o sol ainda o é mais.
—Se os homens procedessem bem, o cadi cousa alguma teria a fazer.
—O que dá aos outros a beber é sempre o ultimo que bebe.
—Na frente, espelho; por detraz tesouras, (fallando do hypocrita).
—Allumia os outros e queima-se.

Tres partes hade ter o que quizer louvar algum sujeito; verdade na lingua, autoridade na pessoa, elegancia no modo. M. Affonso de Miranda.

NA PRIMAVERA.

Je suis la fleur des murailles,
Dont avril est le seul bien.
Il suffit que tu t'en ailles
Pour qu'il ne reste plus rien.
V. Hugo.

Desfez-se a nevoa do inverno,
Começa a vir o calor;
No campo despontam rosas,
No seio palpita amor.

As andorinhas fugaces
Chilrando alegres já vem;
Sorriem-se os pequeninos
Nos ternos braços da mãe.

O sol beija com seus raios
Os cimos dos alcantis;
Desdobra a relva um tapete
Do mais gracioso matiz.

O vento suspira e brinca
Nos ramos da larangeira;
O cysne canta e deslisa
Pelas aguas da ribeira.

Tudo é luz, tudo perfumes,
Tudo alegrias singelas;
De manhã vicejam flores,
De noite brilham estrellas.

Como a vida corre amena
N'esta florida estação!
Quando a sombra foge aos campos,
Foge a magoa ao coração.

Aqui respira-se a vida,
Aqui traga-se o prazer.
A nuvem d'uma tristeza
Não vem turbar-nos, sequer.

Oh, dá-me o braço, querida,
É nossa a quadra do amor:
O sol é grato aos amantes,
Como ao campo e como á flor.

Vem, não temas, divaguemos,
Não fiques, não penses mais.
Como os beijos são tão doces
Á sombra dos laranjaes!

E eu quero aspirar comtigo
Todo este aroma subtil,
Em teus braços reclinado
Contente saudar abril.

Sim, eu amo a primavera,
Os vivos clarões do sol,
De noite as brandas endeixas
Que modula o rouxinol.

Amo tudo o que scintilla,
Tudo que é raio e explendor;
O canto que vem das aves,
O cheiro que vem da flor.

Mas sem teu meigo sorriso
Nada me encanta e seduz;
Nas rosas perde-se o viço,
Nos astros desmaia a luz.

Que tem que o sol encha a terra
Com seu fulgente clarão,
Se escura noute sentimos
Toldar-nos o coração?

Que importava a primavera,
Que engrinalda a terra e o ceo,
Se os teus olhos não dissessem
Que és minha como eu sou teu?

Vem, pois, comigo, querida,
Gosar do campo o frescor;
O campo é grato aos amantes,
Como o sol é grato á flor.

Vem, não temas, não vacilles,
Não fiques, não penses mais:
Que doces beijos daremos,
Á sombra dos laranjaes!

E. A. Vidal.

A mentira é salteador que rebuçado ao meio dia nos rouba não nas estradas e charnecas, mas nas cidades e praças, e de quem os mais levantados intendimentos e honrados sujeitos não poderam escapar. Por esta se perderam imperios, se destruiram monarchias, se entregaram cidades, se odiaram reinos, e se desunem e descompõem as maiores amizades e se dividem os mais ligados parentescos.

M. Affonso de Miranda.

Typ. Franco-Portugueza, Rua do Thesouro Velho, 6.

O CAPITÃO CORAM

Ha para mim não sei que indizivel attractivo na gloria modesta d'esses bemfeitores da humanidade, que passaram no mundo sem que a historia official se dignasse registrar-lhes o nome no seu livro de ouro. Sinto um doce prazer em me debruçar sobre essas campas quasi de todo olvidadas, e em fazer surgir á luz do futuro os vultos d'esses obscuros obreiros da civilisação, cujo nome até se foi rapidamente obliterando da memoria das gerações. Diz-se que a hora da justiça sôa ao mesmo tempo que a hora do passamento; nem sempre. Ás vezes a posteridade é tão injusta como os contemporaneos. A posteridade deixa-se deslumbrar pelo clarão devorador dos grandes meteoros da historia, e despreza a luz serena e modesta das estrellas, que brilharam n'um canto do céo azul, e cujos raios

O Capitão Coram.

tranquillos e vivificantes choveram consolações e allivios sobre os tristes d'este mundo.

Folheiem os diccionarios biographicos, e encontrarão alli registrados os nomes dos mais obscuros generaes divisionarios de Napoleão, dos mais insignificantes chefes das esquadras inglezas, do mais insulso romancista, do dramaturgo mais espalmado, do poeta mais prosaico. E no meio d'essa pleiade de eleitos da celebridade, de aristocratas da gloria, os quaes muitas vezes difficilmente apresentam documentos que lhe justifiquem o fôro de nobreza, não encontrarão o nome do homem, cujo retrato apresentamos hoje aos nossos leitores, do homem que foi um dos mais tenazes, um dos mais zelôsos applicadores da doutrina da caridade, do homem que toda a sua vida consagrou ao allivio das miserias dos seus semelhantes!

Thomaz Coram, capitão de navios na marinha mercante ingleza, nasceu em Londres no anno de 1668. A sua vida resume-se n'uma breve pagina, mas que immortal não devia ser essa pagina de gloria que não humedecem outras lagrimas que não sejam as lagrimas de gratidão dos infelizes, de quem elle foi o amparo constante! Nunca desempenhou cargos importantes, nunca representou um grande papel na historia do seu paiz. Viveu para fazer bem, e só para fazer bem sem que os

seus actos de caridade lhe servissem de degrau á ambição. Os seus rendimentos, ou herdados ou grangeados na vida commercial, despendeu-os até á ultima mealha para allivio dos pobres. Essa abnegação extraordinaria, porque o capitão Coram nunca foi nem sequer empregado pelo governo como dispensador da beneficencia publica, nem teve uma só das honras que em geral as nações reconhecidas votam aos homens, que se consagram á improba tarefa, em que Thomaz Coram consumia a sua existencia e os seus haveres, essa abnegação extraordinaria é principalmente assombrosa n'um marinheiro rude, educado antes para affrontar as tempestades, do que para enxugar as lagrimas, n'um homem cuja educação religiosa se limitava á leitura assidua da sua Biblia, n'um homem, emfim, a quem o seu ministerio não impunha, nem sequer moralmente, os deveres que o sacerdocio impõe aos ministros de Deus, deveres que elle a impulso do seu coração desempenhava com jubilo, ao passo que os que teem estricta obrigação de os cumprir só desempenham essa obrigação tanto quanto baste para não produzirem escandalo.

No tempo em que vivia este benemerito de Deus ainda não havia em Londres a instituição que Portugal se ufana de ter possuido primeiro que todas as outras nações europeas, que a Hespanha deve ao zelo religioso da sua rainha Isabel a Catholica, que em França teve origem graças á poderosa iniciativa de S. Vicente de Paula, um hospicio dos expostos. Debate-se hoje muito a questão se estas instituições caridosas são uteis ou não á moralidade social. Diz-se que muitas vezes mais protegem o vicio do que alliviam a miseria, que antes servem para favorecer a indifferença criminosa de algumas mãis do que para alliviar as dores excruciantes d'outras, as quaes sem a roda, essa muda confidente das suas agonias e dos seus remorsos, veriam seus filhos expirando ao desamparo, ou vergando ao peso do estygma estampado por uma sociedade hypocrita na fronte innocente do anjo, que nasceu do peccado, como do peccado tambem nasce o arrependimento. Mas o arrependimento acolhe-o um sorriso meigo de Jesus, o fructo do amor peccaminoso acolhem-n'o os desprezos dos homens, e as Magdalenas trementes não encontram pés divinos sobre que possam derramar o nardo das suas angustias, enxugando-os com as suas tranças, banhando-os com as suas lagrimas. As peccadoras tremem d'aquelles que, não receando encontrar o olhar limpido do Filho do homem, não receariam tambem apedrejal-as e insultal-as. Por isso, caminhando de noite, com o fardo precioso escondido sob o manto, vão entregar á caridade publica a criança banhada das lagrimas maternaes, e abençoam em voz baixa o desconhecido santo, que prevendo as suas angustias, abrio primeiro os braços misericordiosos para receber no suave amplexo os filhos do amor e os filhos da miseria.

Pallidas peccadoras a quem o remorso persegue! mãis anciosas que tremeis de ver definharem-se-vos nos braços ao sopro da miseria essas florinhas tenras que vos brotaram no seio, e que alimentarieis com o vosso proprio sangue, se o sangue podesse dar vida aos mimosos botões, abençoai tambem esse obscuro marinheiro, cujo retrato hoje apresentamos! O pobre Thomaz Coram, o singelo capitão de navios, foi o primeiro que fundou na opulenta Inglaterra um hospicio de expostos. Esse não discutio friamente se iria auxiliar o vicio ou favorecer a virtude, vio as crianças abandonadas no chão gelido de Londres, e levantou-as nos braços, vio as pobres avesinhas implumes a tremerem de frio n'essas manhãs brumosas de um inverno inglez a um canto das ruas silenciosas, e o marinheiro, com as lagrimas nos olhos, aquentou-as no peito, deu-lhes calor, abrigo, e vida. Depois foi ao canto da sua arca, onde estava accumulada talvez a quantia que destinava para fiar d'ella o repouso, a tranquillidade, o agazalho, o bem-estar da sua velhice, e com uma singeleza sublime, sem vãs declamações, sem ostentação alguma, arrojou a pesada bolsa aos pés de um architecto, e disse: «Erga-se um asylo para as crianças abandonadas.» E emquanto os opulentissimos proprietarios da Grã-Bretanha despendiam loucamente os seus dinheiros, uns a prepararem conspirações para o restabelecimento dos Stuarts no throno, outros a serem o escandalo do povo nas orgias, que fizeram a côrte dos primeiros reis da casa de Hanover digna rival da côrte de Luiz XV e de Philippe d'Orleans, o pobre capitão, sem auxilio de pessoa alguma, lançava os fundamentos do seu monumento caridoso, e gastava até o ultimo penny dos seus haveres, grangeados honestamente com o seu trabalho, em levar a cabo a realisação da sua tão evangelica idéa.

E não se supponha que fallamos no figurado dizendo «até ao ultimo penny». Tocante facto que vale por si só o mais pomposo panegyrico! O homem, que fôra a providencia dos pobres, o homem que erigira o primeiro hospicio dos expostos na Inglaterra, vio-se no fim da sua vida obrigado a recorrer á caridade publica! Não lhes faz lembrar isto aquelle bispo francez da *Festa e caridade* de Thomaz Ribeiro, ácerca do qual o nosso grande poeta escreveu estes dois magnificos versos:

> E quando achou vasia a sua mão tão nobre
> julgou-se mais feliz, era o primeiro pobre?

Foi necessario que o principe de Galles e alguns dos seus amigos se cotisassem entre si para lhe dar uma pensão até á sua morte, que succedeu em 1751, tendo elle de idade oitenta e tres annos.

O que diria o honrado homem se resuscitasse e assistisse á discussão que no nosso seculo philantropico se trava ácerca da utilidade dos estabelecimentos, de que elle foi um dos fundadores? Duvidaria da sua obra? Não; diria talvez, fluctuando-lhe nos labios o mesmo sorriso meigo com que acolhia as criancinhas desamparadas, diria que, perante um facto dilacerante, não se trata de discutir, trata-se de remediar, que quaesquer

que sejam as culpas das mãis, a criancinha innocente é irresponsavel por ellas, e que o logar no banquete da vida, que os seus labiosinhos imploram, não póde a sociedade recusar-lh'o sob pretexto algum; diria mais ainda, diria que, se os legisladores legislassem de vez em quando mais com o coração do que com o espirito, o que de certo lhes não faria mal algum, comprehenderiam que as mãis que repellem seus filhos sem necessidade pungentissima e fatal são excepções monstruosas, e que as leis sociaes da mesma fórma que as leis da natureza não se curvam ante a existencia das aberrações; diria, emfim, que os homens de Estado que ousam discutir o amor maternal são uma especie d'eunucos, que, mil vezes mais infelizes do que os guardas do serralho, nem sequer comprehendem a paternidade pelo lado do sentimento moral, e que, não comprehendendo a paternidade que illumina com um raio de luz celeste a figura grotesca de Triboulet, ainda menos comprehenderão o amor de mãi que inunda de esplendor o vulto hediondo de Lucrecia Borgia.

E, depois de dizer isso, o honrado capitão Coram esvair-se-hia como uma sombra que hoje é, e voltaria ao paraiso dando o braço a S. Vicente de Paula, causando assim grande estranheza ao Summo Pontifice, que de certo não comprehenderá esta ligação tão intima entre um santo e um protestante.

PINHEIRO CHAGAS.

A verdade é uma saude que nunca enferma, uma vida que nunca morre, uma mésinha que a todos sara, um sol que nunca se põe, uma lua que nunca se eclipsa, uma porta que a ninguem se fecha, e um caminho que a todos descança.

M. AFFONSO DE MIRANDA.

AMOR Á PATRIA

Indubitavelmente, entre os povos antigos, os gregos e os espartanos eram os que possuiam em mais subido gráo, em toda a sua nobre pureza, o amor á patria de que tanto hoje debalde se blasona. Vejam-se alguns notabilissimos exemplos que a historia nos legou.

Condemnado injustamente, por inveja dos seus concidadãos, o celebre Phocio, um dos mais famosos personagens da antiga Grecia, estava já para beber o fatal veneno, quando lhe perguntaram se desejava despedir-se de seu filho, e fazer algumas disposições. «Trazei-m'o aqui,» respondeu; e ao vel-o, lhe disse: «Querido filho! Não te recommendo outra cousa senão que sirvas sempre a tua patria com o mesmo zelo e lealdade com que eu a servi, e que olvides que o premio dos meus serviços foi uma morte injusta!»

Em Esparta, sobretudo, o amor á patria era geral.

Homens, mulheres, crianças, emfim, individuos de todas as idades e condições disputavam-se a gloria de fazerem pela patria os maiores sacrificios; e ambos os sexos, animados do mesmo zêlo, consagravam-se sem reserva á salvação, ao bem-estar e á gloria do Estado. Alguns rasgos que a historia tem conservado, darão a conhecer o genio patriotico d'aquelles famosos republicanos,

Uma mulher de Lacedemonia dizia a seu filho no momento em que o estava armando, e entregando-lhe o escudo para marchar ao combate: «Volta com elle ou sobre elle;» alludindo ao costume de trazer os mortos nos seus escudos.

Outra fazia perguntas a seu filho que acabava de chegar da guerra, e como este lhe respondesse: «Todos os meus companheiros morreram,» cheia de indignação agarrou em uma telha e arremessou-lh'a com furia e modo taes que o matou, e ao vêl-o cair, disse: «Mandaram-te a ti miseravel, para nos annunciares as suas desgraças?»

Outra ao receber a noticia de que um dos seus filhos tinha morrido gloriosamente em um combate, exclamou: «Não me causa estranheza, era meu filho.» E dizendo-se-lhe no mesmo momento que o outro havia fugido cobardemente: «Não era meu filho!» disse com viveza aquella generosa mãi.

Outra, tendo sabido que seu filho havia escapado do combate, escreveu-lhe, dizendo-lhe: «Levantou-se um murmurio injurioso á tua honra; fal-o cessar, ou morre.»

Outra ao ouvir seu filho relatar-lhe a morte gloriosa do irmão, que tinha sido traiçoeiramente morto em quanto combatia, lhe disse: «¿Porque não o acompanhaste desgraçado?»

Outra que tinha cinco filhos no exercito, estava ouvindo contar os promenores da batalha, e dirigindo-se a um escravo que n'aquelle momento chegara, este lhe disse: «Os vossos cinco filhos morreram.» — Vil escravo, replicou a mãi, é isso que te pergunto? — «Ganhamos a victoria,» tornou o escravo; e a mãi dirigio-se immediatamente ao templo a dar graças aos deoses.

Outra, vendo, no assedio de uma cidade, seu filho primogenito cair morto a seus pés, exclamou: «Chamem seu irmão para substituil-o.»

Quando chegaram a Lacedemonia os que deviam annunciar a perda da famosa batalha de Leuctra, estava-se celebrando na cidade uma grande festa, á qual havia acudido uma infinidade de estrangeiros, attraidos pela curiosidade. Os córos de jovens de ambos os sexos celebravam seus ritos em pleno theatro segundo as instituições de Licurgo. N'aquelle momento chegaram a Esparta os portadores da triste nova; porém não se interromperam os jogos, nem houve mudança no apparato da festa. Unicamente se mandaram a todas as casas os nomes dos mortos que lhes pertenciam. Ao amanhecer do seguinte dia já se sabia de todos os que haviam escapado ou morrido; os pais e parentes dos que deixaram de existir iam á praça publica, abraçavam-se e saudavam-se com semblante alegre, assim como os pais e parentes dos que se tinham salvado do ferro inimigo, se occultavam em suas casas. Se algum d'elles se via obrigado a sair á rua para os seus negocios, apresentava-se com semblante, voz e olhar que bem denunciavam a

sua tristeza e abatimento; e na desgraça commum da patria, não havia goso domestico.

A BOCCA DO INFERNO

VIII

Fair defect of nature! — diz Milton da mulher. E todavia é a esse *erro formoso da natureza* que nós levantamos altares! Tirae do mundo a mulher e desapparecerão muitos desvarios, muitas contendas, e até muitos crimes, é a opinião de alguns: mas então o mundo diz um dos nossos escriptores, seria um ermo melancolico, os prazeres apenas o preludio do tedio.

Um inferno fôra elle, penso eu, sem a mulher, esse ser abençoado que tem balsamo para todas as desgraças na só meiguice de um olhar. Se aqui faz um martyr, purifica alli um coração, regenera além uma alma. Póde matar com o despreze, mas tem o poder de resuscitar com um sorriso.

Deus que vos fez bellas, que vos concedeu a fascinação soberana do olhar e do gesto, foi porque quiz collocar no mundo quem podesse abater os fortes, exaltar os humildes, consolar os desgraçados, incitar emfim todas as virtudes e enxugar todas as lagrymas!

Sois fracas, e a vossa força é immensa, porque a tiraes do proprio desvalimento. Perguntae á sombra de Anna d'Austria (já que as exhumações de S. Diniz lhe dispersaram os ossos!) perguntae-lhe se não era muito mais rainha quando Bukingham lhe sacrificava um exercito, do que quando, envolta nos arminhos da realeza, se sentava no throno da França! Perguntae á sombra de Cleopatra se não se julgava muito mais soberana, dominando o coração de Cesar ou vendo quebrar-se-lhe ás plantas a espada laureada de Marco-Antonio, que quando o Egypto inteiro lhe prestava vassalagem? Diga Joanna de Napoles se não era mais despoticamente senhora quando com o olhar, que promettia um mundo de venturas, fazia do duque de Tarento um regicida?!

As vossas glorias, a vossa grandeza, toda a vossa supremacia está ahi. Na cabeça da esposa de Luiz XIII a corôa era quasi irrisão:—um cardeal torcia-a entre os seus dedos de ferro. A filha de Ptolomeu vio como o sceptro era fragil — e como lhe era mais facil dominar um coração, do que dominar um povo. A esposa de André da Hungria sabia que o reinar em Napoles, sob a influencia de uma favorita, valia bem menos que dictar despoticamente a lei nos *tribunaes d'amor!*

É que sobre vossos cabellos formosos fica melhor a corôa de rosas, perfumadas de candidos aromas, que os diademas que representam a soberania dos estados! A mulher nasceu para dominar pela blandicia dos sentimentos carinhosos, ou pela scentelha ardente das paixões. Todo o poder que não seja este deve estalar-lhe nas mãos como vidro fragil e quebradiço. Dominio pela influencia do coração, esse sim que o exerce ella, que o exercia Christina sobre Luiz.

Era curvado a essa influencia que Luiz de Mello desprezava a sua carreira, sacrificava o seu futuro, punha de parte os affectos que o prendiam á vida aventurosa do mar, e voltava a Lisboa.

No primeiro navio que de Cabo Verde saio para Portugal embarcou o mancebo com a esperança de volver depressa á patria. Com o olhar cravado nos horisontes, anhelava ver surgir os montes das costas de Portugal—e á noite, quando a lua espargia sobre o dorso movediço das vagas os seus pallidos lampejos, contava-lhe elle confidencias e segredos, que o vento levava nas azas. A alma generosa, como é sempre a alma dos poetas e dos artistas, abria-se n'aquellas evocações ao amor e á saudade, á mulher e á patria, cantos de um poema sublime em que se resumem todos os sentimentos do homem na idade inspirada da juventude!

A. d'Oliveira Pires

(Continua)

DA UTILIDADE DE UMA LINGUA UNIVERSAL (1)

É incontestavel que todos os povos caminham hoje para uma organisação commum, para uma sociedade universal. A religião, a politica, a philosophia, as artes, as sciencias, a industria, o commercio conduzem igualmente a esta conclusão. Mas se tal é o futuro, o proximo futuro, talvez, da humanidade, a primeira consequencia d'este grande acontecimento deve ser o estabelecimento d'uma lingua commum, que, deixando subsistir os idiomas nacionaes, testemunho da individualidade dos povos, seja comtudo o *medium* das relações internacionaes entre os povos e entre os individuos; que sirva ao mesmo tempo para a expressão d'essas supremas verdades que são o laço commum das sociedades e por cujo titulo devem por toda parte revestir uma fórma identica e universal.

PORTSMOUTH

Já aqui n'este volume do *Panorama* démos noticia de Woolwich, o primeiro arsenal da Inglaterra; isso levou-nos naturalmente a apresentarmos aos nossos leitores a gravura e a descripção do seu principal porto militar. Com effeito assim podemos considerar a cidade de Portsmouth.

Fica situada esta cidade no condado de Hampshire; está construida n'uma ilha paludosa, que se chama Portsea e que fica n'uma bahia do canal de S. Jorge. Divide-se em duas cidades distinctas, a de Portsmouth propriamente dita e a de Portsea, que fica para o norte, que só em 1792 recebeu essa denominação, e que hoje é muito mais consideravel, e é tres ou quatro vezes mais povoada do que a sua rival. As duas cidades reunidas contam setenta e tres mil habitantes

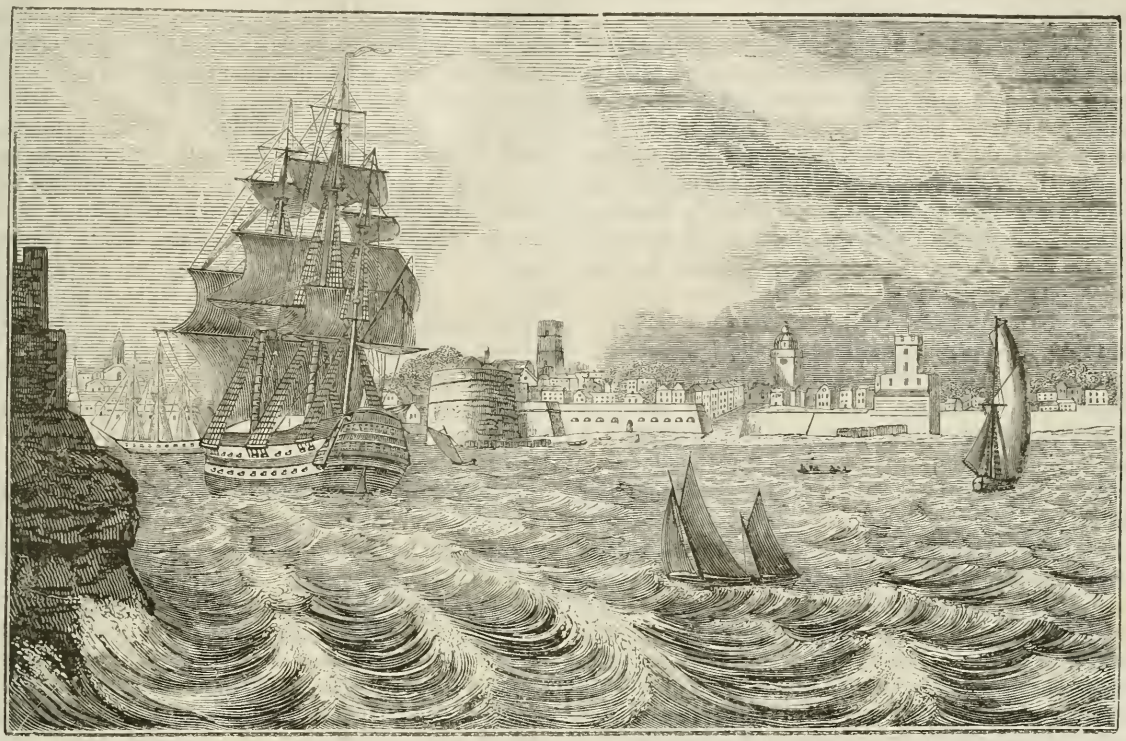
O seu porto é o mais vasto e o mais seguro de todos os portos orientaes da Grã-Bretanha; formidaveis fortificações lhe defendem a entrada, e tanto a ilha de Portsea como a cidade de Portsmouth estão por todos os lados rodeadas de magnificas obras de defeza. Comtudo ultimamente os baluartes da cidade foram em grande parte transformados em passeios.

Os estabelecimentos de mais importancia que alli existem são os estaleiros, o arsenal, a escóla

(1) *Estudo pratico da lingua grega*, por M. Gustave d'Eichthal.

de marinha, e o celebre e vasto hospital que póde receber tres mil marinheiros. Ao sul de Portsmouth, na extremidade nordeste da ilha Wight, fica a magnifica enseada de Spithead, ponto de reunião habitual das esquadras inglezas.

Na celebre festa maritima, que ultimamente demonstrou as estreitas ligações politicas da França e da Inglaterra, festa em que se reuniram com grande apparato as esquadras dos dois paizes, foi Portsmouth o ponto escolhido pela Inglaterra para



Portsmouth.

receber os seus hospedes, como foi Cherbourg o ponto escolhido pela França para fazer honras iguaes aos Inglezes.

Realisa-se actualmente a hypothese que tanto assustava o nosso grande Bocage, quando o poeta exclamava:

> Um triumpha no mar, outro na terra!
> Se as mãos se dérem que será do mundo?

Os triumphadores deram-se as mãos, e o mundo não soffreu com isso grande abalo. Bocage, se resuscitasse, havia de ficar estranhamente surprehendido. Apezar da famigerada alliança, a Dinamarca é roubada escandalosamente nas barbas das esquadras de Cherbourg e de Portsmouth pela Prussia e pela Austria, e a Polonia continua a tentar erguer em vão o triplice peso que a esmaga.

Quem tal diria!

D. JORGE DE MASCARENHAS, GOVERNADOR DE MAZAGÃO

II

Promettemos, no precedente capitulo, contar as façanhas maritimas d'este homem, que em terra sustentava com tanto denodo e brio a honra da bandeira portugueza. Vamos cumprir a promessa; parece que mais folgamos em ver estes relampagos de heroismo no meio das trevas da nossa decadencia, do que mesmo em contemplarmos o esplendor da grande época da nossa historia.

Mas, apressemo-nos em dizel-o, feliz ou infeliz, a bravura dos nossos maiores nunca se desmentio. Erros de governantes, fatalidade, corrupção social motivaram a rapida degeneração da nossa patria, mas os seus filhos mostraram-se sempre dignos, mesmo na desventura, do nome glorioso que haviam sabido conquistar em epocas de mais prospera fortuna.

Digamos comtudo que uma verdade para nós axiomatica é a seguinte; «são os generaes que fazem os soldados»; o italiano, o portuguez, o hespanhol, o francez, o allemão, o inglez, o russo podem ter uma bravura differente; aqui mais enthusiastica, além mais tranquilla, mas o brio militar não os deixa recuar diante das balas, quando teem chefe que saiba arrastal-os á peleja. Suppôr o contrario seria entregar á força bruta os destinos das batalhas, quando pelo contrario é sempre a intelligencia que as decide. Quem havia de dizer que os francezes, esses vencedores do mundo inteiro no principio d'este seculo, eram os mesmos que haviam soffrido em Rosbach uma das mais vergonhosas derrotas de que ha memoria nos annaes militares? Quem havia de suppôr

tambem que os prussianos, esses vencedores de Rosbach, haviam de ser os mesmos tão miseravelmente destroçados em Iena? E porque não foi o valor cégo dos soldados quem ganhou as batalhas de Rosbach, e d'Iena, foi Frederico, foi Napoleão, foi o genio dirigindo as massas, foi a intelligencia guiando a força brutal.

Assim tambem os nossos soldados déram provas sempre de um valor incomparavel, mas na época da nossa grandeza tinham por generaes os membros d'essa pleiade brilhantissima que formou a côrte de D. Manoel, generaes que se chamavam D. Francisco de Almeida, Affonso de Albuquerque, Duarte Pacheco, Vasco da Gama e quantos! No tempo da nossa decadencia as campanhas dos Paizes Baixos absorviam a flor dos nossos guerreiros, e só nos ficavam para defendermos as conquistas contra os ataques dos Hollandezes, e contra a sublevação dos povos conquistados, o refugo das nossas valentes legiões, refugo, que, ainda assim, desanimado e indeciso, sustentava, senão com a pratica da guerra e a experiencia militar, pelo menos com o denodo e a intrepidez tradicionaes, a honra do pendão das quinas.

Em 1619 regressou D. Jorge de Mascarenhas, já então conde de Castello Novo, do seu governo de Mazagão. Trazia comsigo sua mulher e seus quatro filhos, sendo os dois mais novos ainda crianças. A esquadrilha, que elle commandava, compunha-se apenas de tres navios. No dia 21 de outubro sobreveio uma forte ventania, que os dispersou, separando os dois navios, que navegavam de conversa, da capitania onde estava D. Jorge. Quiz a fatalidade que fosse exactamente n'essa occasião que appareceram de subito no horisonte tres velas barbarescas, que se dirigiram a todo o panno para o navio portuguez, assim que o viram isolado na liquida arena do oceano.

Seria talvez facil ao navio portuguez, tão proximo, como estava, das costas da peninsula hispanica, fazer força de vela, e demandar um dos portos da Andaluzia, Cadiz ou Gibraltar, aonde chegaria talvez a tempo de se pôr a abrigo dos insultos dos piratas. Mas D. Jorge, que não estava habituado em terra a virar as costas aos esquadrões bereberes, não queria no oceano tomar o máo costume de dar a popa aos navios dos infieis. Pensava que, na decadencia em que ia a sua patria, esses actos de louca temeridade serviam ao menos perante a historia para dar magestade suprema á queda d'este grande povo. A sua tripulação compunha-se apenas de cincoenta homens; eram tres as náos argelinas, uma tinha trinta e seis peças de artilheria e trezentos homens de peleja, outra vinte e seis peças e duzentos e cincoenta homens, a terceira em fim vinte peças e cento e sessenta homens. D. Jorge deu o signal da investida.

A excepção das tres velas barbarescas, estava ermo o vasto plaino do oceano. No horisonte não surgia o mais leve ponto alvejante, que annunciasse uma das velas da esquadrilha de D. Jorge. Talvez o valente portuguez esperasse que o troar do canhão attrahisse os outros navios, que, apparecendo de subito, tornariam de certo a peleja menos desigual.

Ia-lhe saindo o calculo certo. Feliz no primeiro impeto, e arrojando-se ás duas naus argelinas que vinham na frente, como um volcão fluctuante, vomitando ferro e fogo por todas as baterias, conseguio repellil-as com perdas graves, e obrigal-as a affastarem-se da proximidade do terrivel navio. Mas o terceiro vaso moiro, que era o mais poderoso, caío, com a sua tripulação fresca e intacta, sobre o navio portuguez bastante avariado e sobre a sua tripulação diminuida. O combate era extremamente desigual. Tres vezes entraram os moiros no navio de D. Jorge, trez vezes foram repellidos. Deram um quarto assalto os argelinos e foram, como era de esperar, mais venturosos. A extenuada tripulação portugueza, dirigida pelo valente conde, vio-se obrigada a refugiar-se na praça da artilheria, deixando os inimigos senhores dos castellos de prôa e de popa. Mas não se imagine que pensaram em se render; o combate continuou cada vez mais encarniçado.

Animava-os n'isto uma esperança, que viram frustrada com profundissima dor. Tinham surgido afinal no horisonte os navios portuguezes, mas, ou porque o vento lhes fosse contrario, ou por qualquer outro motivo desconhecido do historiador, conservaram-se immoveis espectadores da peleja! Os Argelinos, vendo surgir este reforço inesperado, não se tinham atrevido a concentrar todas as suas forças no sitio onde se defendiam com intrepidez sobrenatural esses poucos leões das aguas. Mas, notando a estranha immobilidade dos recem-chegados, perderam o susto, e conservando em observação um dos dois navios, que D. Jorge primeiro repellira, chamaram o outro para domarem com a superioridade do numero essa tenacissima resistencia.

Já a este tempo estavam reduzidos á ultima extremidade os portuguezes da coberta, mas não recuavam um passo, animados sempre pelo exemplo do seu valente capitão. Esse é que parecia invulneravel; verdadeiro Achilles dir-se-hia que as balas o temiam ou que não passavam junto d'elle senão para prestarem homenagem ao seu nobre vulto. Já muitos projectís lhe tinham batido na armadura, quando uma bala de artilheria lhe levou a espada da mão, sem lhe fazer a mais leve offensa, mas deixando-o desarmado. Deu-lhe outra espada seu filho, D. Francisco de Mascarenhas, o qual no mesmo instante caío ferido gravemente, mas bradando: «Meu pai, morrâmos, sem nos rendermos.» Dir-se-hia que o mesmo espirito animava toda aquella valorosa familia.

Havia um poder magico que parecia proteger D. Jorge; pensarieis que eram incantadas as suas armas como as dos heroes dos romances de cavallaria. Postrado pela fadiga e pela dor de ver os seus dois filhos mais velhos, um ferido gravemente como dissemos, o outro, D. João de Mascarenhas, já morto, D. Jorge, inclinando a cabeça sobre o peito, deixou-se cair sentado n'um tambor. Vem outra bala

de artilheria, atravessa o tambor, de um ao outro lado, deixando ficar incolume o intrepido cavalleiro. Não tendo já artilheiros, dirige-se, acompanhado por um fidalgo chamado Manoel da Fonseca a uma peça que lhes restava e cujo fogo queria dirigir contra o inimigo. Caminham ambos lado a lado, uma bala parte ao meio Manoel da Fonseca, sem tocar em D. Jorge; a morte, como de costume, esquivava-se ao heroe que a procurava; mas, deixando ficar de pé o altivo roble, decepava-lhe as raizes que o prendiam ao solo, os filhos que elle estremecia.

Afinal D. Jorge vio que a resistencia era inutil e não pensou senão em procurar gloriosa morte, que o livrasse dos ferros de Alger. Voltou-se friamente para os poucos portuguezes que o ouviam consternados, e disse-lhes; «Preparemo-nos para morrer com gloria, mas antes preciso de degolar minha mulher e meus filhos.» Sublime ferocidade que lembra os grandes rasgos da primitiva Roma, ou a celebre resolução dos habitantes de Numancia!

Mas depois, voltando os olhos para a bandeira portugueza que ainda tremulava ufana ao vento do combate, salteiou-o um outro pensamento, e exclamou:

«Pois ha de cair nas mãos de infieis aquelle pendão sagrado? Não! deitemos fogo ao navio.

A ordem, dada com esta simplicidade, foi com não menos singeleza executada por Luiz de Lomba.

Eram perto de cinco horas da tarde, e pelejava-se desde as oito da manhã.

Estava-se fatigado de um e d'outro lado, e os moiros contemplavam com assombro o punhado de heróes, que por tanto tempo haviam ousado resistir-lhes. Era em outubro, como dissemos, e a noite vinha proxima. Não mandando logo deitar fogo ao paiol da polvora, o que abreviaria a catastrophe, e a tornaria terrivel para os argelinos accumulados nos castellos da proa e popa, o conde de Castello Novo abria uma ultima porta á ultima possibilidade de salvação. Os navios barbarescos arredar-se-hiam de certo; talvez podessem então os poucos portuguezes, que restavam, metter-se n'uma chalupa, e ir procurar os dois outros navios, que não tinham querido tomar parte no combate. A noite cobriria a retirada com o seu manto de trévas.

Aconteceu ao principio o que D. Jorge previra. Logo que os moiros viram as chammas lamber os mastros, e enroscar-se em torno d'elles como rubidas serpentes, recuaram em desordem e lançaram-se ao mar para fugirem á explosão.

D. Jorge contemplava sereno este espectaculo, mas alguns dos portuguezes, commovidos pela innocencia dos dois filhos infantis do seu general, D. Pedro e D. Simão, e, não podendo ver a sangue frio a morte horrorosa d'essas candidas victimas da guerra, e da exaltação pundonorosa do conde, que n'esse instante fazia calar a voz do amor paternal, tomaram nos braços os dois pequeninos, e chamaram os escaleres argelinos, que andavam salvando os seus, bradando-lhes que se rendiam. Vendo os seus filhos em poder dos moiros, e ouvindo ao seu lado os prantos da afflicta mãe, D. Jorge sentio vergar o seu orgulho de guerreiro, vencido pelas angustias do pai. Chamou tambem os botes, e entregou-se com sua mulher, e com seu filho D. Francisco de Mascarenhas, que mal se podia arrastar.

D'ahi a pouco ia pelos ares o navio, avermelhando o céo e o mar com os horridos clarões da explosão. Os navios barbarescos navegavam para Alger, levando a sua presa preciosa, da qual tiraram um valioso resgate.

Eis em rapido esboço a historia militar de um vulto que, na época dos nossos grandes infortunios, ainda se ergue como o representante de uma geração extincta, da geração de heróes, cujo valor fundára o immenso imperio Lusitano.

PINHEIRO CHAGAS.

A TERRA

Que provas positivas existem de que é redonda, que gira sobre si e á roda do sol!

Conheci um certo numero de individuos de muito boa fé, excellentes pessoas, na verdade, que, todas as vezes que me encontravam, depois de me perguntarem pelo meu estado de saude, passavam immediatamente a dirigirem-me mil questões de astronomia; e ainda não haviam recebido as minhas respostas, já riam com a maior ingenuidade do mundo. A seus olhos os sabios eram visionarios, que julgavam saber, mas que, na realidade, não se avantajavam ao commum dos mortaes a ponto de acharem a solução do enigma da natureza. Conheci outros, um pouco mais instruidos que os precedentes, que estudavam durante o dia a licção que á noite haviam de dar no botequim a outros tão instruidos como elles, e que só passavam carta d'intelligente e erudito ao homem que se apresentava fallando com muita facilidade em tom bombastico e empolado, empregando um infinito numero de imagens colhidas aqui e alli em campos de diversos donos, que não citavam; conheci outros, digo, que, talvez para me desfructarem, considerando as differentes phases da historia das sciencias, os seus successos bons e maus, diziam que andavamos em um circulo vicioso, que não tinhamos o verdadeiro conhecimento das cousas e que os nossos systemas, por mais solidamente fundados que parecessem, nunca deviam ser recebidos senão a titulo d'hypotheses.

A questão cosmographica que nos toca mais de perto, a do isolamento e do movimento da terra no espaço, tem particularmente o privilegio de levantar as duvidas de que fallamos. Aos que as teem querido formular e que nem sempre tem tido em mãos provas irrefragaveis a fornecer, aqui lhes damos os pontos fundamentaes sobre os quaes se apoia este elemento do novo systema do mundo.

Dizemos primeiro que a terra é redonda, que tem a fórma de uma esphera achatada nos pólos. O primeiro facto que attesta isto é a convexidade da immensa extensão d'agua que cobre a maior parte do globo. A observação de um navio no mar basta para mostrar esta curvatura. Chegado á li-

nha azul que parece formar a separação do céo e das aguas, o navio que se afasta parece n'esse momento collocado no horisonte. Um pouco mais tarde, desapparece, não pela parte superior, mas pela inferior. O mar eleva-se a principio entre o convez e o observador; depois vão-se escondendo as vélas pouco a pouco; os topos dos mastros é a ultima cousa que deixa de se avistar. Um phenomeno similhante gosa o observador collocado no navio: somem-se primeiro as costas baixas; os edificios, as terras elevadas e os pharóes são os objectos que mais se demoram sobre a linha de visibilidade. Este duplo facto demonstra evidentemente, a convexidade do mar. Se, pelo contrario, fosse uma superficie plana, só a distancia faria perder de vista o navio, e, n'este caso, desappareceria tudo ao mesmo tempo, tanto as vélas superiores como as inferiores.

Resulta mais d'esta mesma ordem de observações que a curvatura do oceano é a mesma em todas as direcções: ora, esta propriedade só pertence á esphera.

A convexidade do mar estende-se em terra firme. Apezar das desigualdades do terreno, a superficie dos continentes não differe essencialmente da superficie dos mares, porque está conhecido que as mais elevadas cadeias de montanhas estão longe de produzir sobre a superficie geral da terra, protuberancias comparaveis ás rugosidades da casca de laranja. Ora, a superficie dos rios que cortam a terra firme em todo o sentido para se reunirem ao oceano é pouco superior ao nivel d'este, e póde ser considerada como a superficie prolongada do mar em toda a extensão dos continentes. As medidas barometricas sobre a altura das montanhas teem, por outro lado, confirmado este facto. O solo dos continentes, pois, afasta-se pouco d'este nivel, e apresenta no seu todo uma convexidade inteiramente similhante á das aguas. Em fim, tanto em terra firme como no mar, os objectos mais elevados são sempre os primeiros e os ultimos que o viajante avista.

As viagens de circumnavegação teem, por outra parte, dado uma prova palpavel da esphericidade da terra. O primeiro dos navegadores que commetteu a grande e arriscada empresa de dar a volta em roda do mundo, o nosso Fernão de Magalhães, que por ter recebido a recompensa que os governos d'esta terra em todos os tempos hão dado a quem por sua infelicidade bem os serve passara ao serviço de Hespanha, partio d'alli no anno de 1519, dirigindo-se sempre para o *occidente*. Sem mudar a sua direcção, um dos seus navios chegou á Europa tres annos depois, como se tivesse vindo do *Oriente*. As numerosas viagens de circumnavegação feitas desde essa época até aos nossos dias, teem superabundantemente confirmado esta verdade: A terra é redonda em todo o sentido.

Uma nova prova da convexidade da terra é fornecida pela mudança de aspecto que apresenta o céo durante as viagens. Quer nos dirijamos para o polo, quer nos approximemos do equador, descobrem-se incessantemente novos astros, assim como se perdem de vista os das latitudes de que nos afastamos. Este facto não póde concordar senão com a redondeza da terra; se esta fosse plana, estariam sempre visiveis os mesmos astros.

A sombra projectada pela terra sobre a lua é sempre circular, seja qual fôr o lado que o disco terrestre apresente ao disco lunar nos diversos quartos e eclipses. Esta sombra arredondada, observada universalmente, é mais uma prova a favor da esphericidade da terra.

Taes são os factos vulgares que demonstram de uma maneira positiva a verdade a que temos avançado. Se quizessemos entrar na geodesia ou mecanica racional, apresentariamos considerações ainda mais rigorosas; mas as provas precedentes são bastantes para aqui. Vejamos agora sobre que sólido fundamento se apoia a questão de que a terra está isolada e se move no espaço.

A difficuldade que certos espiritos teem manifestado em acreditar que a terra está suspensa como um balão no espaço e completamente isolada de toda a especie de ponto de apoio, provém d'uma falsa noção das forças da natureza. A historia da astronomia antiga mostra-nos uma anciedade profunda entre os primeiros observadores, que começavam a conceber a realidade d'este isolamento, mas que não sabiam como impedir a queda d'este globo tão pesado sobre o qual andamos. Os primeiros chaldéos fizeram a terra oca e similhante a um bote; podia fluctuar sobre o abysmo dos ares. Outros suppunham que se estendia indefinitamente abaixo dos nossos pés. Todos estes systemas eram concebidos sob a impressão d'uma falsa idéa do peso. Para fugir a esta antiga illusão, é preciso saber que o peso é um phenomeno constituido pela attracção de um centro. Um corpo cáe só quando a attracção de outro corpo mais importante o sollicita. As imagens de alto e de baixo não se podem applicar senão a um systema material determinado, no qual o centro attractivo será considerado como o *baixo*: fóra d'isto cousa alguma significam. Quando, pois, suppomos o nosso globo isolado no espaço, não fazemos com isso cousa alguma que possa dar importancia á objecção que acima notamos; temer que a terra caia não se sabe onde.

A terra póde, pois, estar isolada no espaço. E não só o póde, que o está na realidade. Se se achasse apoiada sobre um corpo qualquer, este apoio, que necessariamente deveria ter enormissimas dimensões, seria visto certamente quando d'elle se approximassem. Ver-se-ia sahir da terra e perder-se no espaço. É escusado dizer que os viajantes que teem dado a volta em roda do globo nunca viram similhante apoio: a superficie da terra está inteiramente desligada de tudo quanto possa existir á roda d'ella.

(Continua)

O rosto não é sempre o verdadeiro espelho do coração. M. de Turenne.

Typ. Franco-Portugueza, Rua do Thesouro Velho, 6.

EHRENBREITSTEIN

Podemos chamar a esta fortaleza a Gibraltar do Rheno. Construida na margem direita d'este rio, defronte de Coblentz, liga-se por uma ponte de barcas com esta cidade, cujo systema de defesa completa. Está edificada pelo systema Montalembert, e o seu forte principal compõe-se de duas e tres fileiras de baterias casamatadas, abobadadas e sobrepostas umas ás outras. A cidadella póde receber uma guarnição de quatorze mil homens. Nos seus immensos armazens cabem provisões de todo o genero, sufficientes para abastecerem á farta uma guarnição de oito mil homens por espaço de dez annos.

Segundo todas as probabilidades, o sitio em

Enrenbreitstein

que esta fortaleza campeia era no tempo dos Romanos um ponto fortificado. Se o era effectivamente, só no seculo XIII foi reconstruido pelo arcebispo de Treves Herman, d'onde lhe veio o nome de Hermanstein. No decorrer do tempo foram-se-lhe desenvolvendo as fortificações, de fórma que já na guerra dos trinta annos era uma posição importante. Em 1798 esta fortaleza foi investida pelos francezes, emquanto principiavam as negociações no congresso de Rastadt, que terminou, como é sabido, pelo assassinio dos plenipotenciarios de França. Desfeitas, por conseguinte, as esperanças de paz, que o tratado de Campo-Formio imposto por Bonaparte aos Austriacos inspirara á Europa, continuou o bloqueio da fortaleza de Ehrenbreitstein, que no fim de quatro mezes se rendeu por falta de subsistencias. Ainda então não existiam os famosos armazens de viveres em que fallámos. Em 1801 desmantelaram-n'a os vencedores.

Emtorno das fortificações da cidadella espraia-se uma cidade do mesmo nome, centro de um grande commercio, que principalmente consiste em vinhos. No seculo XVII era esta cidade conhecida pelo nome de *Miilheim in Thall*. Depois chamou-se Philippsthal. Hoje tem o nome de Ehrenbreitstein. Possue uma nascente de agua ferrea, e um palacio que foi em outros tempos residencia dos eleitores de Treves, e que hoje está convertido em armazem militar.

Ora em 1803, quando se tratou de serem secularisadas as possessões ecclesiasticas da Allemanha, para serem distribuidas como indemnisação aos principes, privados dos seus territorios pela invasão da França consular que chegára aos seus tão ambicionados limites do Rheno, em 1803, pois, foi esta cidade de Ehrenbreitstein com a sua fortaleza dada como indemnisação ao principe de Nassau-Weilbourg. Em 1815 o congresso de Vienna en-

tregou-a á Prussia, que mandou reconstruir as fortificações, e que as levou ao estado de aperfeiçoamento em que hoje estão. Essas obras emprehendidas em Ehrenbreitstein desde 1815 custaram ao governo prussiano mais de dezoito milhões de francos.

Mas o que mais deve agradar ao pacifico *touriste* do que este apparato guerreiro é saber que do alto dos baluartes da cidadella se desfruta a vista de uma das mais esplendidas paizagens do Rheno, que é n'ellas tão fertil.

A PENNA D'AÇO (1)

A penna d'aço é a causa final dos males que opprimem actualmente a sociedade inteira. Ha não sei em que poeta uma eloquente imprecação contra o primeiro que açacalou o ferro, e que fez uma espada d'essa massa inerte, mas por Deus! maldito seja e cem vezes mais maldito o primeiro que fez do ferro uma penna! Quem fabricou a primeira espada concorreu apenas, por fim de contas, para matar corpos, quem fabricou a penna d'aço matou a alma, assassinou o pensamento! Vil scelerado que armou a especie humana com um estylete mais formidavel do que todos os punhaes envenenados da Italia!

Basta comparar a penna d'aço de que actualmente nos servimos com a benevola penna de pato, de que se serviam os nossos bons e amaveis avós. A penna d'aço, essa invenção moderna, produz-nos immediatamente uma impressão desagradavel! Tem uma incrivel semelhança com um punhalsinho imperceptivel molhado em veneno. O bico é aguçado como uma espada; tem dois fios como a lingua de um calumniador. A esse bico junta-se um cabo, um pedaço de madeira sêcco, disforme, e nú, que nos magôa a face emquanto a nossa mão se trilha cruelmente á força de carregar n'esse ferro, que em torno de nós range, escarrando no papel o nosso pensamento. Na penna d'aço tudo é rude, triste, severo, e faz-nos frio na vista e na mão.

Mas a penna de pato, pelo contrario, essa é que é uma facil e querida confidente dos nossos mais predilectos pensamentos! Associa-se a mil felizes e benevolas recordações. Vimol-a espanejar-se brandamente no cristal do lago ou enxugar-se ao sol, resplandecendo com a luz de mil perolas; essa penna é prima-co-irmã da macia pluma em que recostâmos á noite a cabeça; o animal d'onde saío deu-nos os seus ovos e os seus filhinhos; não nos póde ella trair. Que differença no duplo aspecto d'esses dois instrumentos da idéa, que sem razão têem o mesmo nome. A penna de pato é alva, nítida, leve! O seu canudo flexivel freme de prazer entre os dedos que anima. A sua rama affaga ligeiramente a face; o bico docil presta-se a todas as combinações do estylo; caminha de manso, sem esforços, sem um só d'esses horriveis escarros e gritos da penna d'aço. A travez d'esse limpido canal parece-nos que vemos as nossas idéas descerem devagar e em boa ordem, como devem brotar d'uma cabeça bem formada.

O menor inconveniente da penna d'aço é estar sempre e a todos os instantes prompta a escrever sobre todos os assumptos. Não agarrâmos nós a penna d'aço, é ella que nos agarra; segura-nos pela redea, obriga-nos a seguil-a. É andar, correr para a direita e para a esquerda, por montes e por valles. É a machina de vapor do pensamento! A medida que a nossa mão se cança e se irrita por ter de segurar n'este horrivel estylete, o nosso espirito irrita-se tambem e exalta-se involuntariamente; fica sendo a um tempo mais irreflectido, e mais despiedoso. Perguntâmos porque é que fulano, de genio tão meigo e amavel, é terrivel e sem piedade com a penna na mão? Escreve com penna d'aço! Porque é que aquelle pobre homem que outr'ora se entretinha em pescar á canna, e em tomar banhos de calçotas, hoje se compraz em escrever obscuras e ignobeis calumnias, que não divertem pessoa alguma, e o horrorisam e lhe repugnam a elle mesmo? É a influencia da penna d'aço! Fallam da polvora, dos foguetes á congréve, das cartas constitucionaes! tudo isso são insignificancias comparadas com a penna d'aço.

Mas a penna de pato! a penna de pato, pelo contrario, é a penna que gera as obras primas. Devemos-lhe os mais bellos livros que teem honrado o espirito humano; é a mãi da reflexão. Graças á penna de pato, era o homem outr'ora obrigado a escrever o seu pensamento com prudente vagar, e esse vagar era a origem de mais apurada belleza de estylo. A penna de pato, longe de estar prompta sempre como a penna d'aço, exige mil pequenos preparativos. Em primeiro lugar temos de a aparar com as nossas proprias mãos, e é esse um momento solemne no nosso trabalho. Emquanto afiâmos o bico da penna, o nosso pensamento afia-se tambem; vamos procurar a idéa no fundo do cerebro, assim como vamos procurar a medulla da penna; quando a penna está aparada, precisâmos de a experimentar antes de começarmos a escrever, e é mais uma pequena demora de que o nosso pensamento se aproveita, se o nosso pensamento ainda não está bem nitido, se não vemos d'um relance, o que é a primeira condição d'um escriptor, o principio, o meio, e o fim do nosso discurso.

Bem sei o que alguns espiritos me podem objectar em favor da penna d'aço. Descende, dirão elles, do estylete antigo. *Sæpe stylum vertas.* Mas que pessima e fallaz defesa! O estylete antigo traçava as letras n'uma camada de cera, que lhe amortecia a furia, a penna d'aço não encontra o minimo obstaculo; obrigado a abrir caminho n'essa camada resistente ia elle a passo; ella corre a galope. Com muito custo gravava elle algumas linhas, que era facil apagar voltando contra as letras o outro bico da penna; a penna d'aço grava no papel, como se gravaria em cobre, e nunca retrocede. É uma improvisação que não sabe nem apagar-se, nem corrigir-se, nem suspender-se;

(1) Este formoso artigo, este delicioso e curto folhetim, cuja traducção apresentamos aos nossos leitores é da penna illustre do celebre escriptor francez Julio Janin.

tem de caminhar, sem attender aos erros, aos crimes e ás calumnias que deixa pela estrada.

Dizem-me que grandes genios (que mereciam um tiro) se estão occupando de aperfeiçoar a penna d'aço! Aperfeiçoar a penna d'aço, Deus do céo! Oh! desgraçados, com que fim? Consistiria esse aperfeiçoamento em encontrar uma penna, que levasse comsigo e distillasse a tinta. Por esse meio uma nova rapidez se ajuntaria a esta rapidez já assustadora; a mão do escriptor ficaria constantemente pregada no papel, sem que o espirito podesse dispôr sequer do pequeno intervallo, que ainda separa a penna d'aço do tinteiro onde se embebe. Se caímos n'esse progresso, acabou-se! está proximo o fim do mundo, o espirito humano fica sem defesa contra os seus proprios excessos, e a sociedade, invadida de subito por uma improvisação sem fim, sem termo, e sem contrapezo, voltará á grande confusão de Babel! Na verdade não conheço perigo mais terrivel do que o progresso!

ACADEMIA DO CACHIMBO

Com este nome se designava a roda das pessoas mais da intimidade de Frederico II da Prussia que se reuniam quasi sempre depois das cinco horas da tarde nos quartos particulares de Sua Magestade em Berlim, em Potsdam ou em Wiesterhausen. A Academia compunha-se, dos officiaes do estado maior de Frederico, dos sabios que passavam por Berlim, de alguns fidalgos, e tambem de plebeus honrados e instruidos. Não mettemos em conta os bobos da côrte, ou os que consentiam em serem tratados como taes. Os estatutos da Academia obrigavam os seus membros a fumarem emquanto duravam as sessões ou pelo menos a terem um cachimbo na boca.

Cada membro tinha diante de si um jarro de cerveja; de quando em quando circulavam fatias de pão com manteiga, e para o fim da noite servia-se vinho, que se podia beber á vontade. N'essa extravagante Academia liam-se e commentavam-se os jornaes, faziam-se reflexões sobre os acontecimentos politicos do dia, e contava-se quantos boatos andavam pela cidade. Ás vezes transformava-se a Academia n'uma assembléa de senhoras visinhas; os ditos mordazes, as chalaças grossas cruzavam-se no ar sem que el-rei com isso se escandalisasse.

Os estatutos da Academia não permittiam que membro algum se levantasse á entrada de qualquer pessoa, ainda que fosse el-rei. Os unicos jogos permittidos eram o xadrez e as damas. Esta Academia tinha uma grande importancia, porque era no seu seio que el-rei e os ministros fallavam com mais desaffogo dos negocios politicos. Os embaixadores das côrtes estrangeiras procuravam sempre saber o que se dizia, para informarem com exactidão as suas côrtes.

Acabaram as sessões d'esta Academia, porque um dos seus membros esqueceu-se uma vez dos estatutos, e levantou-se vendo entrar o principe real. El-rei enfureceu-se tanto que logo saío da sala, e nunca mais os Academicos do Cachimbo tiveram licença para se reunirem nos seus aposentos.

Não era esta uma das menores extravagancias d'esse rei a quem a historia deu o titulo de grande.

CERVANTES

Em que circumstancias foi composto o romance de Don Quichote

Não é de hoje que se pergunta porque motivo, entre tantas aldeias hespanholas, Argamasilla foi a escolhida por Cervantes para ahi collocar o domicilio do immortal Don Quichote. Com suas ruas limpas e regulares, seus encantadores arrabaldes, Argamasilla devia inspirar-lhe lembranças agradaveis. Não disse elle na sua obra que queria esquecer aquella risonha terrinha? O grande homem era um ingrato; foi Argamasilla que o immortalisou; mas em compensação elle eternizou-lhe o nome. No nosso seculo de investigações, tudo se descobre com os annos; e é a um poeta muitas vezes inspirado, que é tambem um sabio, Eugenio Hartzenbusch, que devemos o saber em que circumstancias foi escripto o livro illustre que fez rir até Philippe III.

Apertado pela pobreza, Cervantes aceitara um lugar na administração militar; era fiscal do exercito; mas nem tudo era rosas n'aquellas funcções: via-se obrigado muitas vezes a usar de certos meios de violencia para os pagamentos andarem em dia. Devem-se desculpar algumas distracções a um homem tal como Cervantes; a verdade, porém, força-nos a dizer que, usando contra certos habitantes de Argamasilla, nem sempre redigira com bastante regularidade as sentenças de execução. A justiça do lugar valeu-se de algumas d'estas faltas para mandar prender o pobre Cervantes, que, no momento, não passava de um auctor de comedias pouco conhecido. Foi, pois, agarrado pelos alguazis da villa e encerrado na casa de um certo Medraño, que, á falta de outra mais propria para alojar os presos, servia então de cadeia. Ora, o que por muito tempo se ignorou, é que o principal motor d'esta prisão fôra um tal Don Rodrigo Pacheco, cavalleiro mui distincto (segundo elle se dizia) cuja modesta habitação estava cheia de brazões por todos os lados, e que se havia extremamente irritado por Miguel Cervantes, despresando as considerações que se deviam a um fidalgo tão fidalgo como elle, ter feito um requerimento contra uma sua irmã ou uma de suas primas. N'este ponto, os biographos não estão todos de accordo. Navarrete attribue a vingança de Pacheco a uns chascos que o fiscal teve a ousadia de dirigir-lhe. Todos, porém, são unanimes em dizer que Don Rodrigo não tinha o juizo muito são, que houve mesmo uma época em que elle andou com o cerebro muitissimo desorganisado.

No côro da igreja parochial de Argamasilla, do lado do evangelho, vê-se ainda um altar com o seu retabulo dourado, obra de marcenaria remon-

tando, sem duvida alguma, ao tempo de Philippe III, retabulo cujo fundo, formado de uma tela pintada a oleo, mostra uma Nossa Senhora subindo ao céo entre os anjos. Na parte inferior do quadro, estão uma dama e um senhor, ao que parece, nobre: ella, joven; elle, de idade um pouco mais madura, tendo o rosto comprido e estreito, olhos esgazeados, bigode com grandes guias, e a quem não iria mal o nome de cavalleiro da triste figura. Na parte superior, em um ornato que apresenta o retabulo, lê-se, em caracteres pretos sobre fundo dourado, a seguinte inscripção, que facilmente se decifra, não obstante muitas letras estarem a cavallo umas nas outras:

«Nossa Senhora appareceu a este cavalleiro, «quando foi atacado de uma gravissima doença e «abandonado pelos medicos, no dia de S. Matheus «do anno 1601. Tinha-se encommendado á Vir«gem, e promettera-lhe uma alampada de prata, «acclamando-a de noite e de dia, em razão da «grande dôr, que sentia no cerebro, proveniente «de um resfriamento.»

Era talvez este cavalleiro anonymo (Don Rodrigo Pacheco) que Cervantes transformou em fidalgo da Mancha; o resfriamento que lhe caíra no cerebro era naturalmente a insigne doudice (gravissima doença, na verdade) da qual o padecente se achava atacado. Além d'isso, existem ainda na extremidade da villa certas ruinas de antigas habitações onde se elevam unicamente alguns restos de paredes: era alli que se achava a morada de Don Rodrigo, ou, se o querem, a casa de Don Quichote. «Mostra-se mesmo ainda a abertura da janella do quarto onde Cervantes depositou os livros do digno fidalgo. Mas sê o tempo, ao qual nada resiste, destruio a casa do gentilhomem a quem Cervantes offendeo, a que a este servio de prisão existe ainda de pé, se bem que o corredor que conduz ao pateo esteja maltratado e quasi que em ruina. O resto da construcção subsiste e parece duravel.»

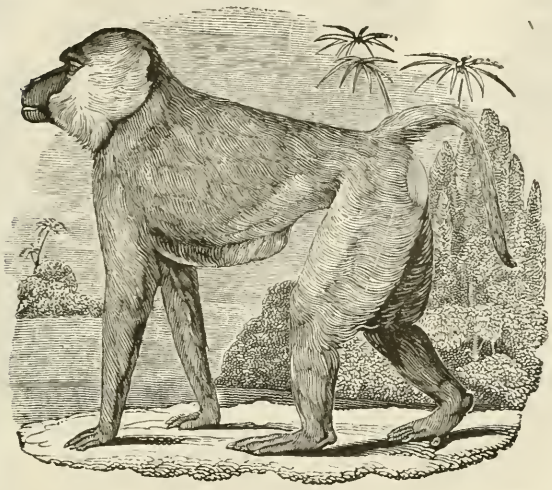
Alli, em um lugar obscuro, a cuja minuciosa descripção pouparemos os nossos leitores, foi concebido o *Don Quichote;* alli foram creados os personagens tão vivos que animam este immortal romance. Para todo o hespanhol um pouco zeloso das glorias litterarias do seu paiz, a triste casa de Argamasilla tornou-se um lugar venerado, e quizeram prevenir a sua destruição, como ultimamente preservaram das injurias do tempo o pequeno convento da Arrabida, lembrando-se que Christovam Colombo, opprimido de cançaso, alli fôra pedir uma gota de agua para seu filho, e onde achou, graças ao grande coração do bom Marchena, uma nova porta aos seus vastos projectos.

O infante Don Gabriel tornou-se possuidor da pobre casa de Argamasilla. Auxiliado por um dos escriptores mais estimados da Hespanha, Rivadeneyra fez transportar para a antiga casa de Medraño todo o material de uma imprensa, e, na pequena camara obscura onde acordou o genio de Cervantes para illuminar repentinamente o mundo da fantasia, fez-se uma edição do seu livro. Este *Don Quichote*, revisto por Hartzenbusch, é um primor typographico, e póde mesmo dizer-se um primor de critica.

Sabe-se que tres edições primitivas saíram, em vida de Cervantes, dos prelos de Cuesta. A primeira de todas, a de Madrid 1605, não póde ser vista pelo auctor, que ao tempo residia em Valladolid, e saío com muitissimos erros; a segunda, publicada igualmente em 1605 por Cuesta, não foi melhorada; o illustre escriptor não havia deixado a sua antiga residencia, e além d'isso estava dolorosamente preoccupado com os mil cuidados da sua vida para se dar ao trabalho da inversão de tal ou tal capitulo, ou do nome escripto de dous modos differentes que elle dá á mulher do malicioso Sancho. O effeito fôra subito; a hilaridade fôra completa entre um povo que ri pouco; o successo não podia ser duvidoso. Foi para a terceira reimpressão que Cervantes reservou os seus melhoramentos no texto, e é esta a que Hartzenbusch e Rivadeneyra reproduziram.

OS BUGIOS OU SÍMIOS

Os *bugios* ou *simios* constituem a primeira e a mais numerosa secção da grande familia dos *Quadrumanos*. São de todos os animaes os que mais se approximam do homem, já pela fórma, já pela estatura; comtudo, differem d'elle essencialmente, mesmo no ponto de vista anatomico. Os bugios teem o focinho um tanto prolongado, o nariz um pouco saliente, o corpo ordinariamente refeito e os membros habitualmente delgados. A face, quasi sempre nua, é ás vezes colorida de preto ou de vermelho, ou malhada de branco, encarnado, azul. O pello que lhes cobre o corpo tem um *facies* particular, e distingue-se em muitas especies do dos outros mamiferos. As côres são, ora elegantes e vivas, ora tristes e uniformes e ennegrecem com a idade. Entre muitos, estes pellos fornecem ornamentos variados simulando crinas, cabelleiras, pennachos, corôas, barbas, etc.: os da cabeça dos orangotangos teem a mesma implantação que os do homem. O craneo é quasi sempre arredondado, e o angulo facial, muito variavel, está longe de exprimir com exactidão o seu grau de intelligencia. Alem d'isso, a grandeza d'este angulo varia muito entre a idade nova e a adulta ou velha. A face curta nos novos, é muito mais proeminente entre os adultos. O cerebro dos Chimpanzés e dos Orangotangos é o que, pela sua fórma, mais se approxima do cerebro humano; mas, se bem que melhor organisado que o de certos idiotas, é comtudo muito inferior, pelo volume e pela disposição, ao da nossa especie. Os bugios teem quatro mãos, todas com o pollegar opposto aos outros dedos, e servem-se de todas com extrema facilidade. Apezar d'isto, os pollegares das mãos de diante nunca são tão desenvolvidos como no homem, e as proprias mãos estão muito longe de terem a mesma habilidade. Em algumas especies, o pollegar está reduzido a um simples tuberculo, ou não existe. Todos os dedos teem unhas, chatas nos bugios superiores, mas que se vão tornando arqueadas á medida que se desce na série. A disposição das mãos inferiores, que não pousam no solo senão pela extremidade exterior, a estreitesa da pelvis, e a frouxidão da articulação dos joelhos não lhes permittem conservar por muito tempo a posição vertical: todavia, podem, especialmente ajudados por um páo, andar algum tempo n'esta posição, ainda que d'um passo mal seguro. São, pelo contrario, admiravelmente organisados para trepar, graças á flexibilidade de seus membros e ás suas mãos posteriores, que servem para agarrar os objectos do mesmo modo que as anteriores. A cauda é ou nenhuma, ou curta, ou longa, ou muito longa. Differe igualmente na fórma, segundo a sua fraqueza ou força. Os



Bugios ou Simios

bugios de *cauda forte* ou *prehensil*, servem-se deste orgam como de uma quinta mão, com a ajuda da qual se suspendem nos ramos, equilibram-se e formam o salto; appoiam-se tambem sobre ella quando se assentam. Os bugios são essencialmente frugivoros; todavia o seu systema dentario approxima-se muito do nosso. Em cada queixo teem quatro incisivos direitos; os molares só teem, como os nossos, tuberculos obtusos e variam em numero dos simios do mundo antigo para os do novo. Quanto aos caninos excedem os outros dentes, e tomam um tal desenvolvimento, em algumas especies que exigem um espaço entre os dentes correspondentes da maxilla opposta para se alojarem quando a bocca se fecha.

Os bugios habitam nas florestas, onde vivem ordinariamente em bandos, e estão quasi sempre sobre as arvores. As femeas teem de cada vez um ou dous filhos que criam com grande ternura.

A intelligencia d'estes animaes é geralmente muito notavel; mas varia em extremo de um genero a outro na mesma tribu, de uma especie a outra no mesmo genero, assim como de uma idade a outra na mesma especie e no mesmo individuo. Em idade tenra, a maior parte são doceis, intelligentes e faceis de domesticar. Envelhecendo, perdem todas as suas boas qualidades e docilidade. Esta mudança manifesta-se sobretudo entre os mais intelligentes, taes como os Orangotangos, Chimpanzés, Magós. Tornam-se tão turbulentos, tão perigosos, quão submissos e obdientes haviam sido até alli. É tambem muito para notar a variedade, a inconstancia, a finura dos seus instinctos, as manhas que costumam empregar para se apoderarem do que lhes agrada, a sua curiosidade e a tendencia para a imitação que os leva a reproduzir os nossos gestos e as nossas acções.

Os simios estão espalhados pelos paizes quentes e especialmente pelas regiões intertropicaes dos dous hemispherios. Mas as especies que habitam no antigo continente differem das que vivem no novo mundo. Por consequencia estes animaes estão divididos em duas grandes secções: *Bugios do antigo continente* e *Bugios do novo continente*. Os primeiros denominam-se *Catharrinios*, porque teem as ventas abertas abaixo do nariz, e levemente separadas uma da outra. Alem d'isso o seu systema dentario é composto, como no homem, de 32 dentes a saber: $^{4}/_{4}$ incisivos, $^{2}/_{2}$ caninos e $^{10}/_{10}$ molares. A cauda não é *prehensil* e apresentam quasi sempre callosidades ischiaticas. Em fim, teem muitas vezes *faceiras* ou covas nas faces, communicando com a bocca. Os segundos pelo contrario receberam o nome de *Platyrrhinios*, porque teem o nariz achatado com as ventas espessamente separadas uma da outra. O seu systema dentario compõe-se de 32 ou 36 dentes, mas com uma formula differente da do homem, mesmo quando identico o numero. Os dentes molares são em numero de 12 em cada queixo. Finalmente, nunca teem callosidades nem faceiras, em quanto que na generalidade a cauda é *prehensil*.

Os bugios do antigo continente formam cinco grupos ou familias, a saber: *Orangotangos, Semnopitecos, Cercopitecos, Macacos* e *Cynocéphalos*. Os do novo continente compõe-se unicamente de tres grupos: *Helopitécos, Gélopitecos* e *Hapalienses*.

O desenho que offerecemos aos nossos leitores representa um dos animaes que formam a quarta tribu dos *Quadrumanos catarrhinios* ou *Bugios do antigo continente*, chamada dos Cynocéphalos. A maior parte d'estes pertencem á Africa; algumas especies, porem, são proprias da Asia meridional.

A sua estatura, em geral, é, pouco mais ou menos, a de um cão grande. As pernas são pesadas e refeitas, pelo que teem menos agilidade que os bugios das tribus superiores. Os seus membros são fortes e vigorosos, a parelha anterior um pouco mais curta que a posterior e as pernas não teem barrigas pronunciadas. O focinho é muito allongado e como que cortado na extremidade, o que lhes valeu o nome generico sob o qual se designam. A face tem faceiras notaveis pela sua amplidão, e é coberta de pellos pouco espessos, cujo colorido varia segundo as especies. Uns apresentam cauda e outros não, e todos teem nas nádegas grandes callosidades. O seu aspecto é feroz.

Os *Cynocéphalos* não habitam sómente nas florestas; muitos preferem as montanhas ou collinas semeadas de rochedos; pois, o modo de andar dos quadrupedes lhes é muito familiar. Cada especie parece circumscripta em regiões distinctas.

Estes animaes vivem em bandos bastante numerosos que defendem pertinazmente, mesmo contra os homens, o accesso dos logares em que teem fixado o seu domicilio. Se bem que os caninos destes bugios sejam tão longos como os do tigre, nem por isso são carnivoros; o seu alimento é quasi inteiramente vegetal, e são um verdadeiro flagello para os pomares e jardins junto dos quaes habitam e que devastam com a mesma tactica dos cercopithécos. Emfim, a julgar pelos individuos em prisão, o seu caracter é assaz docil até á idade da puberdade, a partir da qual se tornam de uma extrema maldade, que os castigos não pódem reprimir. A sua lubricidade adquire ao mesmo tempo proporções que se não encontram entre as outras especies de bugios.

A tribu dos Cynocéphalos divide-se muito naturalmente em tres generos, cujos trataremos em um dos proximos numeros: *Cynocépitéco, Théropitheco* e *Cynophalo* propriamente dito.

A FAMILIA DOS SAXE-COBURGO-GOTHA

Lisboa, ou antes os nossos reis acabam de ser visitados pelo duque Augusto de Saxe-Coburgo-Gotha e por sua esposa a princesa do Brazil D. Leopoldina Theresa. Foi uma visita de familia, porque os augustos viajantes são parentes dos nossos monarchas.

A historia dos Saxe-Coburgo é uma historia curiosa, e para não largar mão do assumpto vou contal-a em resumo ao leitor do *Panorama*: poder-se-lhe-ia chamar a HISTORIA DE UM PEQUENO DUCADO E DE TRES COROAS.

Desdobrai um mappa da Allemanha e procurai attento um ducado microscopio, perdido nas fronteiras da Baviera. Tão pequeno é elle que o nome de Saxe-Coburgo o cobre em toda a sua extensão. Vivia ali no fim do decimo oitavo seculo um soberano allemão, que se presava de reunir debaixo do mesmo sceptro o principado de Coburgo, o principado de Saalfelde e um pedaço do condado de Henneberg. Cincoenta legoas quadradas, uma população de sessenta mil habitantes (exactamente a quinta parte da população de Lisboa), duzentos e setenta mil crusados

de rendimento, e um exercito de duzentos homens, tal era o territorio, o numero de vassallos, a receita e por ultimo a força armada deste soberano.

Devemos confessar, para sermos verdadeiros em tudo, que o duque parecia á primeira vista o rei de um conto de fadas. Mas o favor das fadas é precioso e vale bem tomar a coisa ao serio: aquellas concederam ao duque de Saxe-Coburgo-Gotha uma existencia feliz e numerosa prole. O que eu não sei é se ellas lhe prometteram tambem deslumbrante futuro para seus filhos. Seja como fôr, ahi vae o que succedeu.

O duque teve um filho chamado Ernesto que soube agradar a uma princesa das visinhanças, á filha do duque de Gotha. Casou com ella em 1817, herdou o dominio de seu sogro e reinou n'um ducado com o nome de Ernesto I, duque de Saxe-Coburgo-Gotha.

O velho duque teve outro filho de quem foi herdeiro o rei artista, tão querido sempre dos portuguezes, o esposo d'uma rainha constitucional, o pai de dois reis bragantinos, sua magestade el-rei D. Fernando: assim passou á pequena casa allemã a primeira corôa.

O velho duque teve terceiro filho que se chamava Leopoldo e que tambem soube agradar á princesa ingleza Carlota Augusta. Casou com ella em 1816, e como Carlota fosse filha do principe regente, depois Jorge IV, rei de Inglaterra, d'aqui se póde inferir os destinos que esperavam Leopoldo.

«Esta alliança, dizem, as chronicas da época, não tem nenhuma relação com a politica; a escolha da princeza foi unicamente determinada pela sympathia. O principe Leopoldo, com pouco mais de cinco lustros de idade, chamou a attenção em Londres, ha desoito mezes, pela distincção da sua pessoa e dignidade das suas maneiras. E' bastante instruido, não só na sciencia militar, mas tambem na da economia politica. Attribuem-se-lhe mesmo diversos escriptos de muita valia. O seu exterior produzio uma impressão favoravel no publico inglez.»

Infelizmente a princeza Carlota morreu de repente em 1817, um anno depois de casada, sem deixar filhos. O principe Leopoldo parecia, pois, perder aquella protecção da sorte que se estendia a todos os membros da sua familia. Bem longe d'isto, estava-lhe reservado ser escolhido por outra mulher e eleito por outro povo. Casou com uma filha do rei Luiz Philippe, e quando este soberano recusou a corôa da Belgica para o duque de Nemours, os belgas acclamaram rei o principe Leopoldo; assim passou á casa allemã a segunda corôa.

O velho duque tambem tinha uma filha, e esta chamada Victoria, casou na idade de dezesete annos, em 1803, com Erico Carlos de Linange, principe allemão, que nunca devia ser rei. O destino não reservava, pois, os seus prodigos favores á princeza Victoria: succedeu o contrario, viuva em 1814 casou em 1818 com o duque de Kent, quarto filho do rei Jorge III, de quem os filhos viriam a ser os herdeiros presumptivos do throno.

Quando morreu o duque de Kent, em 23 de janeiro de 1820, deixou uma filha. Mas em Inglaterra as mulheres sóbem ao throno: esta filha foi por conseguinte a rainha Victoria. Ainda mais, estava escripto que a casa de Saxe-Coburgo reinaria ali; um novo principe chegou da Allemanha para casar com a soberana, e este foi seu primo, o principe Alberto, filho do duque Ernesto I.

Em 1840 escrevia-se em Londres que o principe «chamara a attenção dos inglezes pela distincção da sua pessoa e dignidade de suas maneiras.» Dizia-se mais: «é instruido e tem muito discernimento; o seu porte é decente e reservado; tambem soube impressionar favoravelmente o publico inglez; a joven rainha distinguio-o entre um grande numero de pretendentes e dá-lhe a preferencia.»

Assim passou á casa allemã a terceira corôa. Portugal, a Belgica e a Inglaterra teem ou tiveram reis ou rainhas desta familia, e os filhos destes, por meio de novas allianças, vão estendendo por toda a Europa a dynastia pacifica e amada dos Saxe-Coburgo-Gotha.

Mas como, sem ter produzido nem grandes homens de Estado, nem grandes homens de guerra, esta casa conseguio similhante exito com tanta constancia? Devel-o-hemos attribuir ao acaso, dizendo que elle preside a tudo n'este mundo? Não!

«A casa de Saxe-Coburgo, diz um escriptor, deve a sua elevada fortuna á duqueza de Kent, de quem a grande influencia foi habilmente secundada pelo rei Leopoldo da Belgica.

«Do que não é possivel duvidar, é que a casa de Saxe-Coburgo proseguio na sua elevação, despercebida, sem commoções, sem auxilio estrangeiro, sem que grandes e variados acontecimentos a fizessem conhecida. O que adquirio deve-o ás qualidades sensatas e apreciaveis dos seus membros, á sua acção pessoal, á sua perseverança infatigavel, á sua attenta previdencia, á sua grande arte de agradar e seduzir, ao seu tacto instructivo de nunca offender ou irritar alguem, livre sempre de sobrancerias que affugentam a estima dos pequenos, e que nunca são bem vistas da aristocracia.

«Foi com estas qualidades solidas que a duqueza de Kent e o rei Leopoldo alcançaram para sua familia, em poucos annos, tão prodigiosos resultados, que apenas são criveis com relação ao ponto de partida.»

A duqueza de Kent morreu em Londres ha seis annos, sendo universalmente chorada. Toda a cidade manifestou solemnemente a sua estima por meio de inequivocos signaes de respeito e de pesado luto. O commercio suspendeu as suas transacções, fecharam-se as lojas; a Inglaterra tinha perdido uma parente querida. Não menores foram as provas testemunhadas pelo povo de Londres por morte do principe Alberto, ou pelos belgas no recente trespasso do rei Leopoldo, ambos elles da felicissima e sempre adorada dynastia dos Saxe-Coburgo-Gotha.

SOBRE O ESTYLO

Escrever negligentemente, é confessar que não se dá grande valor aos pensamentos, porque da convicção que nós temos da verdade e da importancia das nossas ideas, nasce um enthusiasmo sufficiente para impor ao nosso espirito um cuidado infatigavel na escolha das expressões mais claras, mais bellas, mais energicas;—tal como o que se emprega n'essas reliquias, n'esses preciosos objectos de arte dos receptaculos de ouro e de prata.

A BOCCA DO INFERNO

IX

Chegára o outono, e a senhora morgada não se esqueceu dos banhos do mar. Foi para Cascaes, como era velha usança na familia.

Christina gozava melhor saude. É que a esperança lhe doirava os dias. Tinha fé profunda no futuro, que ella enxergava em roseos horisontes.

Aquelle coração ainda não esterilisado pela influencia dos desenganos, cria e esperava, e a imaginação enthusiasta rasgava um campo illimitado aos projectos de felicidade futura.

Era assim que ella ia contando os dias da ausencia, entregue toda á sua namorada fantasia, aos magnificos esplendores da sua brilhante concepção, que levantava palacios de oiro e crystal para morada dos seus amores; que produzia canticos suavissimos para lhe deliciarem a vida toda passada ao pé de Luiz. Em torno d'aquella fronte intelligente adejavam a fé e o enthusiasmo!

Fossem lá desnoivar-lhe o coração d'aquellas illusões! Fossem lá dizer que a separação d'ella e Luiz era possivel! Rejeitaria esta idéa, porque o amor lhe fallava de presentimentos deliciosos.

E todavia o mau fado devia inutilisar esses presentimentos; apagar violentamente aquelle enthusiasmo; arrancar pela raiz todas essas flores de poesia e de esperança que lhe enchiam a alma de perfumes!

Havia mais de quinze dias que a morgada fôra para Cascaes. O mez de setembro estava tempestuoso, como se o inverno estivera em todo o seu imperio. Nas altas regiões onde se geram as tempestades, durára muitos dias essa lucta de titães que se trava ao som do trovão.

As elegantes, que costumavam nos annos anteriores ir banhar-se na praia á luz de um sol vivificante e convidativo, que vinha affagar-lhes com um raio as humidas tranças, estranhavam muito os luctos de um prematuro inverno. Nem uma só d'essas manhãs claras, em que o oceano se estende como uma planicie esverdeada até aos horisontes, e a onda vem lamber de manso as areias da praia! nem uma só d'essas noites mysteriosas, em que a lua surge do seio das vagas, para se levantar depois, como a deusa do amor e da melancolia, na vastidão lympida e infinita do espaço! Era tudo feio, era tudo triste. Já debaixo dos pés lhe estalavam as folhas seccas do outono, varridas pelo sopro do norte: as ruas dos prados estavam enxarcadas, frias, incommodas!

E aquellas almasinhas, frescas como a relva dos jardins, puras como a agua dos lagos, tinham de viver encerradas nas suas habitações, olhando atravez dos vidros para o céo nebuloso, para o oceano encapellado, como se fossem rouxinoes presos na gaiola, para os quaes a falta de liberdade é a tristeza, e a morte!

D. Capitolina fôra este anno para Cascaes na companhia da morgada. Esta sympatisava muito com a robusta donzella. Christina era-lhe tambem affeiçoada. D. Capitolina como não conseguia já fazer-se heroina de aventuras proprias, déra em protectora dos amores dos outros. Gostava de fallar ás raparigas nos namorados, e n'essas conversações saia-lhes ás vezes do peito um suspiro. Eram saudades do seu tempo, eram as sombras do passado que deslisavam em cortejo por deante dos olhos, mas já com fórmas vagas e indecisas.

Sabendo que Christina amava, insinuou-se facilmente na alma da rapariga, fallando-lhe de Luiz.

No isolamento em que Christina vivia, o encontro de um coração affavel e amigo, que lhe recebesse confidencias e desafogos pareceu-lhe uma ventura que Deus lhe deparava. Aproveitou-a e D. Capitolina (aparte a monotonia das exclamações) sabia ter palavras consoladoras para taes soffrimentos.

—Olha, minha filha, dizia-lhe ás vezes—nós, mulheres, nascemos para amar e soffrer! Ah! foi a nossa sina cá no mundo! Ah! resigna-te que não ha outro remedio! Ah! foi tambem o meu!...

Um dia estavam ambas sentadas ao pé da janella. Chovia muito. O sul soprava violento e tempestuoso; fuzilava para diversos quadrantes. Nenhum barco saira ao mar, e até os homens que costumam ir pescar á linha para a borda dos rochedos não haviam podido approximar-se da extremidade da costa.

Chistina com a cabeça encostada aos vidros olhava para o céo; as lagrimas corriam-lhe abundantemente.

— Pensas no teu Luizinho? murmurou D. Capitolina.

— Peço a Deus pelos que andam sobre as aguas.

— Ah! não te afflijas, Deus hade trazel-o a porto e salvamento.

— Deus a ouça!

E a pobre rapariga ficava do mesmo modo immovel e muda, invocando a misericordia divina. Chorava. As lagrimas nos olhos da mulher revelam dôr ou sentimento; porque ou a elevam á sublimidade da martyr, ou a levantam até a nivelarem com os anjos — fazem d'ella, a imagem pungente do soffrimento, como a Virgem aos pés da Cruz do Filho; — ou a imagem do amor celestial, como a Magdalena abrindo o coração aos sentimentos duros!

De repente entrou um criado na sala dizendo que da Guia se avistava uma galera correndo desmastreada e sem rumo, a sabor do oceano; que de bordo se havia lançado uma lancha ao mar, e que parte da tripulação demandava terra no pequeno barco.

Christina fez-se livida como uma defuncta: o coração déra-lhe um salto no peito.

Duas horas depois chegaram outras noticias e mais aterradoras. Havia um naufragio e victimas a contar d'elle.

(Continua.)

A. D'OLIVEIRA PIRES

O mundo é um circulo que passa da guerra á paz e da paz á guerra.

SENSIBILIDADE DE CONSCIENCIA

Thomaz Curson era um armeiro muito conhecido na cidade de Londres. Morava perto de Bishopsgate. Um dia, um actor pedio-lhe emprestada uma espingarda velha que estava misturada com muitas outras, já fóra de uso, a um canto da loja. Este actor, ordinariamente, não entrava senão em peças comicas; por excepção, tinha de figurar em um drama como soldado. Á noite, appareceu em scena, e, como pedia o papel, disparou um tiro; mas, infelizmente, a arma achava-se carregada com balla, havia muitos annos, e o homem que devia fingir-se morto caio, na realidade, ferido mortalmente. Thomaz Curson, ao receber tão triste nova caio em um violentissimo accesso de desespero, e desde logo se considerou responsavel por este accidente, no qual a sua vontade não tinha tido parte alguma, e que havia sobrevindo fóra da sua presença de uma maneira inteiramente imprevista. No dia seguinte dirigio-se á casa da camara e declarou que dava metade da sua fortuna, muitas centenas de libras, aos pobres, querendo expiar a morte de um homem ajudando a viver o maior numero possivel de familias indigentes.

CASTA DIVA

Era no tempo candido,
Vivaz, risonho e limpido,
Em que o sol surge esplendido
Dourando as illusões!
A primavera flórida
Rescende auras balsamicas:
Passam no ar murmurios,
Notas de mil canções!

Ethereo e casto jubilo
Me transportava o espirito;
Era o exalçar d'um extasis!...
Era um voar ao ceo!!
Librava as azas timidas
Pelos espaços lucidos!...
Sorria a vida placida,
Envolta em roseo veo!

Sentia o enlevo intimo!...
—Infinda e alma volupia!—
Hauria o alento vivido
Da esp'rança festival!
E a alma desprendia-se,
Pela amplidão cerulea
No fluctuar diaphano
De um sonho virginal!

E então no sanctuario
Dos intimos anhélitos
Vibrava ardente e energica
A voz da inspiração!
Vinha outras vezes languida
Como um segredo ingenuo,
Nas horas do crepusculo,
Fallar-me ao coração!

Mas, oh!... passou bem rapido
Da aurora o roseo idyllio,
Como é furtivo o hálito
Da flor do laranjal!...
Qual da toada o frémito
Resoa apoz o cantico,
Saudade melancholica
Exhala o idéal!

Sumio-se a visão fulgida
Deixando a sombra pallida,
Como o luar seguindo-se
Á luz de sol vivaz!
Desfez-se o encanto magico,
Bem como a espuma férvida
Que á flor da vaga túmida
Rebenta, e se desfaz!

Cessou a alegre musica...
E da alma a branda cythara
Soltou vago preludio;
Mas logo emmudeceu:
Em vez dos hymnos módulos
Veio o silencio lugubre...
E então, não sei que angustia
Meu peito confrangeu.

Por que fugiste pudica,
Ó mensageira sylphide
Dos vividos effluvios
Do deus revelador?!
Triste na ausencia... evoco-te...
Oh! vem, de novo, próvida,
Fazer-me as confidencias
Do matutino alvor!

Trazendo a esp'rança mystica
Do peito ao tabernaculo
Desce, qual pomba incolume
Voltando da amplidão!...
Ou vem outra vez languida,
Suave e melancholica,
Nas horas do crepusculo,
Fallar-me ao coração!

João M. Tedeschy.

Abril de 1866.

DIVISÃO DO TEMPO

Os chinos contam por cyclos de 60 annos começando tres seculos antes de J. C., época em que se adoptou este systema.

Os annos compõem-se do mesmo numero de dias que os nossos. Este anno de 1866 é o 63 do cyclo 75.

Tambem computam o tempo como alguns povos da Europa; isto é, escrevendo, que tal successo teve lugar no terceiro dia da segunda lua do anno 27 de Kien-Lung.

O dia é dividido em 12 partes e cada uma d'estas em 8 mais pequenas, equivalentes ao nosso quarto de hora de 15 minutos.

Geralmente servem-se dos relogios europeus.

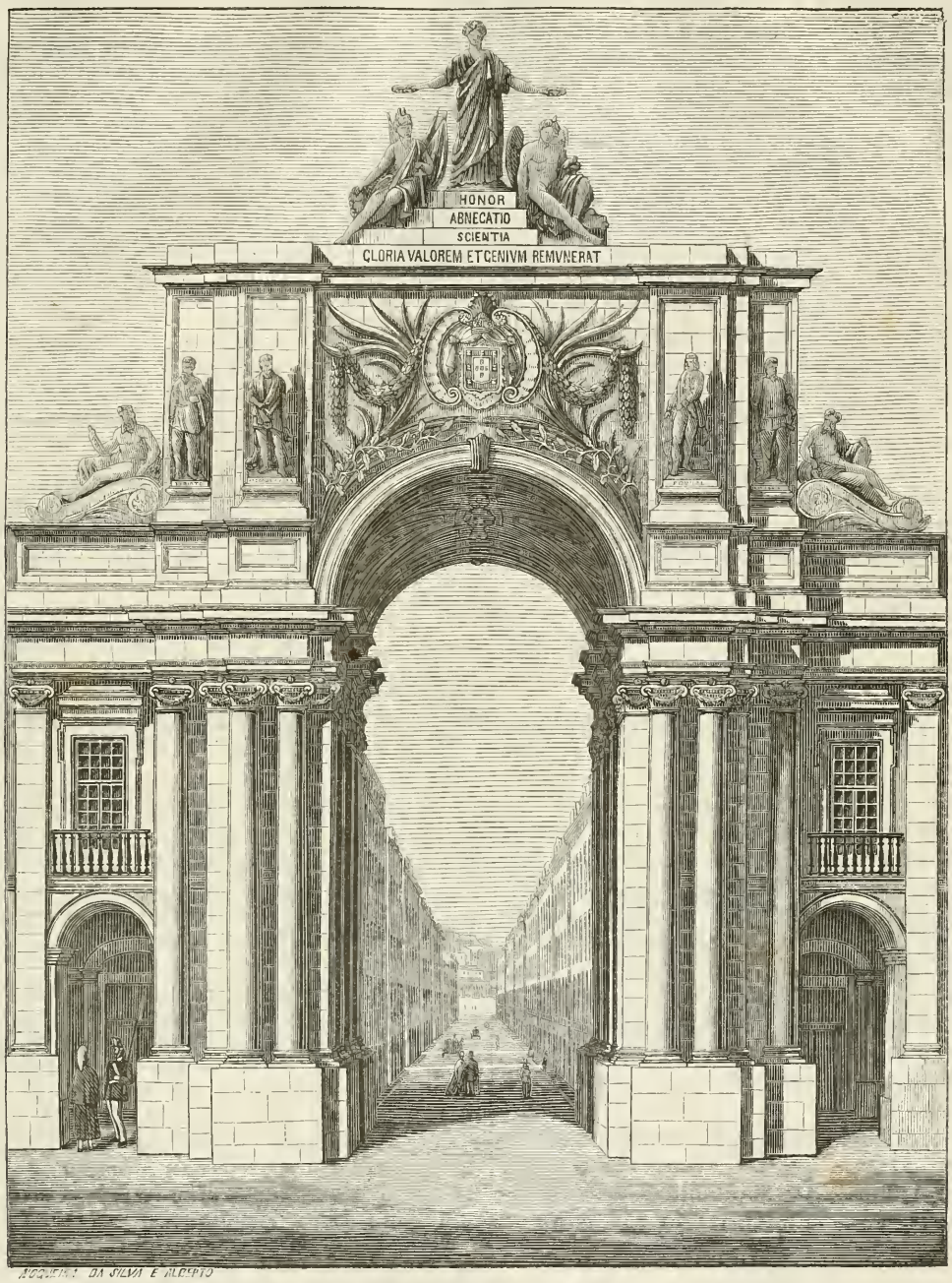
Os seus relojoeiros fabricam-n'os de madeira. Os homens trazem os relogios suspensos da cintura. A moda é usar dois, um de cada lado; isto explica o motivo porque n'aquelle paiz se vendem sempre os relogios aos pares.

Tambem possuem quadrantes solares. Parece que aprenderam a construil-os com os missionarios europeos.

Desde tempos muito antigos teem relogios que marcam as horas por meio da agua, como nós temos os de arêa; porém não ha semelhança alguma entre uns e outros.

O modo mais geral de marcar as horas consiste em queimar uma especie de vara de incenso, posta perpendicularmente em um castiçal. O pedaço de vara queimado indica o tempo que se passou.

Typ. Franco-Portugueza, Rua do Thesouro Velho, 6.



Arco da Rua Augusta

A gravura, que hoje o *Panorama* apresenta aos seus leitores, tem por fim justificar o nosso seculo perante a posteridade. Quando os historiadores futuros tratarem de mytho o arco da rua Augusta, quando asseverarem que essa construcção existio apenas na cabeça dos estadistas portuguezes, a nossa gravura responderá triumphantemente asseverando aos nossos netos que existio um plano, que houve um desenho, que a porta sumptuosa da cidade chegou a viver completa, pelo menos, no papel.

O arco da rua Augusta ha de ser, estamos d'isso convencidos, um monumento de seculos. Cada geração ha de trazer uma pedra, accrescentar um festão, bordar um lavor, juntar uma estatua, rendilhar uns cinzelados, prolongar um entablamento, tecer uma nova grinalda. Em quanto existir Portugal, ha de estar em via de construcção o arco da rua Augusta. N'um romance de Alexandre Dumas ha uma noiva, que, esperando a volta do esposo, borda o seu vestido nupcial, calculando o trabalho de maneira que dê o ultimo matiz no dia

em que deve chegar o escolhido do seu coração. Demora-se o noivo e o bordado continúa, entremeiando novas flores, enchendo a tela, que ainda ficára desoccupada. Parece-nos que não havemos de errar egualmente, e que a ultima pedra do arco ha de ser posta na vespera do *Juizo final*.

O arco da rua Augusta tem tido effectivamente uma existencia legendaria. Pesa sobre elle a maldição que fulminou outr'ora a egreja de Santa Engracia. Como esta sua irmã mais velha, já deu origem a proverbios. «O relogio da rua Augusta» figura tantas vezes nas palestras populares como as «obras de Santa Engracia» e a lenda ainda ha de vir a apoderar-se d'aquelle monumento fabuloso, que, da mesma fórma que os palacios das fadas, os jardins d'Armida, ou o castello de Bella e da féra, só parece existir na imaginação dos poetas do ministerio das obras publicas.

Em um dos proximos numeros daremos aos nossos leitores a historia d'este monumento. Por hoje, limitar-nos-hemos a explicar resumidamente o projecto apresentado pelo distincto artista francez, o sr. Calmels, que era, como se vê na gravura, digno de ter apparecido um seculo antes, e de haver sido comprehendido por Sebastião José de Carvalho, o ultimo homem que soube em Portugal executar grandes cousas.

O grupo, que domina o arco, fórma a parte allegorica, e representa a Gloria coroando o Genio e o Valor. D'este grupo, cuja execução foi confiada ao sr. Calmels, auctor do plano, estava o modelo na exposição internacional do Porto, onde foi objecto da admiração de todos os que o contemplaram. O sr. Calmels, com quem o governo portuguez tem zombado em todas as obras que lhe confiou desde o monumento a D. Pedro IV até ao arco da rua Augusta, empregou n'este grupo colossal todos os recursos do seu notavel talento, e fez effectivamente d'elle uma obra prima, digna de se fitarem logo n'ella os olhos do estrangeiro, que desembarca nas praias da nossa formosa Lisboa.

As quatro figuras inferiores representam Viriato, Nuno Alvares Pereira, Vasco da Gama e Marquez de Pombal. Os dois vultos lateraes são ainda allegoricos, e figuram o Tejo e o Douro.

A TERRA

Que provas positivas existem de que é redonda, que gira sobre si e á roda do sol

Vamos agora ao terceiro ponto d'esta noticia, ás provas positivas do movimento da Terra.

Notemos primeiramente que as apparencias dos objectos exteriores serão para nós identicamente as mesmas, ou seja que, estando a Terra em repouso, estes objectos estejam em movimento, ou que, estando estes objectos em repouso, a Terra esteja em movimento. Se a Terra em seu curso arrasta todas as cousas que lhe pertencem, as aguas, a athmosphera, as nuvens, etc., nós não poderemos ter consciencia d'este movimento, cujo participamos, senão pelo aspecto vario do céo immovel. Ora, sendo em um e outro caso as apparencias sempre as mesmas, a hypothese do movimento da Terra explica tudo, e sem ella cae-se em uma inaceitavel complicação de systemas.

Se a Terra gira sobre si em vinte e quatro horas, podemos vêr immediatamente que, sendo o seu raio medio de 1432 leguas, e a sua circumferencia de 9000, um ponto situado sobre o equador percorrerá *um decimo de legua por segundo*. Esta velocidade, que parece consideravel, tem sido olhada como uma objecção contra o movimento da Terra. Mas vejamos agora de que velocidade sem igual seria necessario animar as espheras celestes para fazel-as percorrer cada uma a circumferencia do céo no mesmo lapso de vinte e quatro horas.

Em primeiro lugar, o Sol estando afastado da Terra 23000 vezes o raio terrestre, na hypothese da immobilidade da Terra aquelle astro descreveria uma circumferencia 23000 vezes maior que os pontos do equador, o que dá uma velocidade de 2300 leguas por segundo.

Jupiter está pouco mais ou menos cinco vezes mais longe: a sua velocidade seria de 11500 leguas por segundo.

Neptuno, trinta vezes: deveria percorrer 69000 leguas por segundo.

Taes seriam as diversas velocidades de que os planetas deveriam estar animados para girarem á roda do nosso globo, como parecem fazel-o. Vê-se, pois, que a objecção contra o movimento da Terra de um decimo de legua por segundo nada é comparativamente com o que resulta de semelhantes numeros.

O que seria se considerassemos as estrellas fixas?! A estrella α do Centauro, deveria percorrer 520 milhões de leguas por segundo. E, gradualmente, até ás estrellas longinquas, chegariamos ao infinito sem encontrarmos um numero que podesse exprimir a velocidade dos astros para girarem em torno d'este ponto invisivel que se chama Terra.

Accrescentemos a isto que estes astros são, um 1400 vezes mais volumoso que a Terra, outro 1400000 vezes, outros ainda maiores; que não estão reunidos entre si por laço algum solido que podesse ligal-os a um movimento das abobadas celestes; que estão todos situados em mui diversas distancias; e esta medonha complicação do systema dos céos testemunhará por si mesma da sua não existencia — poderiamos dizer da sua impossibilidade mechanica.

Mas não sómente pela admissão do movimento da Terra em roda do seu eixo se póde comprehender o movimento diurno da esphera celeste; os movimentos dos planetas no zodiaco, as suas estações e as suas retrogradações, reclamam com o mesmo rigor o movimento da Terra á roda do Sol. Para explicarem as apparencias planetarias, suppondo a Terra immovel, os antigos imaginaram vinte e quatro circulos mettidos uns nos outros, circulos solidos ou céos de cristal cuja complicação nada podia igualar, e que, se podessem existir um instante, immediatamente seriam feitos em pedaços pelos cometas vagabundos ou pelos aérolithos que girassem no espaço.

Por outro lado ainda, a analogia vinha confirmar singularmente a hypothese do movimento da Terra e mudar a verisimilhança em certeza. O telescopio mostrava nos planetas terras analo-

gas á nossa, com um movimento de rotação á roda do seu eixo, movimento de rotação de vinte e quatro horas para os planetas mais proximos e de menor duração para os mundos distantes do nosso systema. Assim a simplicidade e a analogia são a favor do movimento da Terra. Ajuntemos tambem que este movimento é rigorosamente exigido e determinado por todas as leis da mechanica celeste.

A grande difficuldade que se tinha avançado contra o movimento da Terra, e que foi aceita durante algum tempo era esta: Se a Terra gira debaixo dos nossos pés, elevando-nos no espaço e achando o meio de conservar-nos alli alguns segundos ou minutos, deveriamos caír, depois d'este lapso de tempo, em um ponto mais occidental que o ponto de partida. O individuo, por exemplo, que, no equador, achasse meio de sustentar-se immovel na athmosphera durante trinta segundos, deveria caír tres leguas ao occidente do lugar donde tinha partido. — Excellente maneira de viajar. — Alguns sentimentalistas, Buchanan entre outros, deram á objecção uma fórma mais affectuosa, dizendo que, se a Terra girasse, a rola não ousaria saír do seu ninho, porque depressa perderia inevitavelmente de vista os seus filhinhos. — É de uma grande innocencia.

O leitor já respondeu a esta objecção reflectindo que tudo quanto pertence á Terra participa, como em um artigo o dissemos, do seu movimento de rotação, e que, até aos ultimos limites da athmosphera, o nosso globo arrasta tudo em seu curso.

A observação directa de diversos phenomenos tem confirmado a theoria do movimento da Terra, e tem-na confirmado com provas materiaes irrecusaveis.

Se o globo gira, desenvolve uma certa força centrifuga; esta força será nenhuma nos polos, terá o seu maximo no equador, e será tanto maior quanto mais distante se achar do eixo de rotação o objecto ao qual ella se applica. Será em ponto grande o que existe em ponto pequeno, em uma funda ou em uma roda livre em movimento rapido. Ora, supponhamos que se fixa um prumo no cume de uma torre, e que o pezo que o estende desce até á superficie do solo. A direcção d'este prumo para o centro da Terra, isto é, seguindo a perpendicular ao nivel da agua, será um pouco modificada pelo effeito da força centrifuga resultante da rotação do globo, medida ao pé da torre. Se igualmente se fixa no cume da torre, a uma pequena distancia a leste do primeiro, um segundo prumo muito mais curto, cujo pezo fique situado um pouco abaixo do ponto de partida; este segundo prumo não terá inteiramente a direcção do primeiro, porque a força centrifuga devida ao movimento da Terra, sendo maior no cume da torre que na sua base, fará desviar o cordel um pouco mais a leste. — Esta observação minuciosa tem sido feita e repetida com o maior cuidado: é portanto, mais uma prova do movimento da Terra.

As oscillações da pendula de segundos confirmam o precedente facto. Não é sómente, pelo raio equatorial ser maior que o raio polar, que as oscillações são mais lentas no equador que nos polos; a differença é muito grande para ser attribuida unicamente a essa causa. No equador, a força centrifuga attenua em parte o effeito do pezo. Uma observação curiosa é, que no equador esta força regula $^1/_{289}$ do pezo. Ora, como o pezo cresce proporcionalmente ao quadrado da velocidade de rotação, e que 289 é o quadrado de 17, se a Terra girasse 17 vezes mais rapida, os corpos collocados no equador *não pezariam:* uma pedra lançada no espaço não cairia.

Eis outro facto, não menos positivo que os precedentes, e mais facil a apreciar em suas consequencias, a favor do movimento da Terra. Se a Terra fosse immovel e que a esphera estrellada girasse em torno d'ella em 24 horas, os astros nunca passariam pelo meridiano, e nunca nasceriam nem se poriam, no instante em que o indica a linha da sua longitude no céo. Os raios luminosos que nos enviam, havendo intervallos desiguaes, segundo as suas distancias reciprocas, fariam uma extrema confusão nas horas da sua passagem apparente. Tal astro que, na realidade, passa agora pelo meridiano, está situado a uma tal distancia que a sua luz demora seis horas para chegar até nós; não apparecerá, pois, senão seis horas mais tarde, isto é no momento do seu occaso. Tal outro astro levará doze horas para se mostrar; tal outro, mezes, annos, etc. Eis uma nova prova material de que não são as espheras celestes que se movem, mas sim a propria Terra.

Os movimentos proprios annuaes das estrellas no céo, de que opportunamente fallaremos, fornecem igualmente uma prova positiva do movimento da Terra em roda do Sol. O mesmo se dá com o phenomeno da abherração da luz.

A physica do globo tem, tambem por seu lado, fornecido um bom contingente de provas á theoria do movimento da Terra, e póde-se dizer que todos os ramos que se prendem, de perto ou de longe, á cosmographia, acham-se unidos para a confirmação d'esta theoria. A propria fórma da espheroide terrestre mostra que este planeta foi originariamente uma massa fluida animada de uma certa velocidade de rotação, conclusão a que os geologos teem chegado nas suas averiguações pessoaes.

Outros factos, como as correntes da athmosphera e do oceano, as correntes polares e as monções, teem sua causa igualmente na rotação do globo.

AZARIA

Foi uma rude luta a que os nossos avós travaram com os mouros. Não foi uma serie de guerras, separadas por tratados de paz, foi um combate constante, de cada dia, de cada hora, sem um minuto de descanço. As praças fronteiras estavam constantemente em pé de guerra contra as correrias dos mouros, e tambem para irem levar ás cidades, aldeias, e campos inimigos o mesmo terror e o mesmo sobresalto que elles traziam aos nossos. D'ahi provinha a formidavel organisação militar da idade media, os almogavares com o seu adail, as atalayas, os esculcas, os arricaveiros e vigias a cujo cargo estava a defensão das cidades, ou a aggressão dos mouros, que andavam sempre á espreita receiando vêr accender-se ao longe o fogo das almenares mouriscas,

temendo sentir de subito o galope dos cavallos inimigos, e divisar por entre a escuridão da noite os alvejantes albornozes dos arabes. Não havia tréguas, nem repouso, nem intervallo para aquelle combater frenetico, raivoso, e incançavel.

Os habitantes das povoações fronteiras não ousavam affastar-se um instante desarmados da sombra dos seus muros, e para prevenir as consequencias sempre fataes d'algumas imprudencias, os nossos reis haviam providenciado de diversos modos prohibindo a saída de um bando qualquer de christãos sem que fossem acompanhados de gente armada.

Uma das occupações mais perigosas da rude vida dos habitantes da raia era o irem cortar lenha. Não havia floresta, que se não assemelhasse ao incantado bosque do Tasso, e que não estivesse cheia de perigos, emboscadas, e traições. Cada arvore podia esconder um inimigo, e ao som da cuspide do machado lascando o carvalho podia responder de subito o grito de guerra dos corredores mouriscos. Por isso era expressamente prohibido saír-se das praças fronteiras para cortar lenha nos mattos sem ir o bando dos rachadores acompanhado por um troço de gente armada.

Era raro por conseguinte que se fizesse provisão de madeiras sem que o sangue tingisse o solo: emquanto as arvores caíam decepadas pelo machado dos portuguezes, revoluteava a peleja a pouca distancia, e o montante christão, e o alfange mouro abriam largos sulcos nas fileiras dos combatentes.

Estranho destino o dos nossos antepassados! Estranha existencia essa que contava uma peleja sanguinolenta no numero dos seus mais vulgares incidentes! E que heroica geração! que espirito de bronze não era necessario para affrontar com serenidade esses perigos de cada instante, essas tribulações, essas angustias pungentes, esse tremer de cada momento pela sorte do esposo, e dos filhos, quando a propria vida lhe fosse indifferente.

Com tudo isto não dissemos ainda como as pelejas travadas no acto de irem os nossos antepassados cortar lenha se ligam com o titulo que démos ao nosso artigo. Vamos dizel-o agora. Esses combates já previstos, á força de se repetirem, recebiam o nome de azarias, e a distribuição das prezas que n'elles se faziam estava sujeita a uma legislação especial.

A etymologia d'esta palavra *Azaria* dá-a Santa Rosa de Viterbo no seu *Elucidario* da seguinte maneira.

O nome do machado n'esse tempo, na infantil linguagem portugueza, era *aza*. Ora, como n'esse serviço de cortar lenha é o machado o instrumento que se emprega, ficou a essas expedições (assim lhes podemos chamar) o nome de *Azarias*. Nos foraes antigos de algumas villas se encontram as leis que regiam, como dissemos, a distribuição das prezas feitas n'essas escaramuças, prezas que consistiam quasi unicamente em cavallos. Assim se os corceis tomados chegavam apenas para que cada homem da expedição ficasse com um cavallo, nada reclamava o senhor da terra; se a preza era mais abundante pertencia então a este a quinta parte do valor da preza total.

MOZART

Porque motivo apparecem na musica, mais do que em qualquer outra manifestação da intelligencia humana, essas crianças prodigios, que, na idade em que as outras apenas balbuciam a nossa linguagem, conhecem já todos os segredos da grande arte, e transformam o teclado sonoro do piano, as cordas vibrantes da rebeca n'outras tantas vozes cheias de lagrimas e palpitantes de commoção, que vão despertar no auditorio estupefacto sentimentos ainda desconhecidos dos proprios que os excitam? Porque motivo a historia da musica insereve nas suas paginas os nomes gloriosos de Liszt, de Mozart, d'Arthur Napoleão, em quanto a poesia e a pintura, limitando-se a apontar o talento precoce d'alguns dos seus cultores mais notaveis, nunca se ufanaram de contar nos seus fastos crianças rivaes de Virgilio, pintores infantis rivaes de Raphael?

É porque os entes privilegiados para quem a musica tem de vir a ser a linguagem sublime, em que hão de traduzir as concepções do seu genio, aprendem-n'a, como nós, crianças vulgares, aprendemos o idioma banal, o idioma de todos, o idioma que, segundo formos ou não fadados para as grandes coisas, nos bastará para as necessidades vulgares da existencia ou com o qual luctaremos corpo a corpo, frementes de raiva ao sentirmos a commoção, a poesia, o elevado pensamento esvair-se ao contacto das frias palavras da linguagem humana. Esta linguagem aprendemol-a nós dos labios maternaes, e se é ainda musica na voz suave da infancia, é porque não teve tempo de se esvair a fragrancia de poesia, com que a perfumou o coração das mãis, se ainda então é gorgeio, é porque a nossa alma, passarinho exilado, conserva umas vagas lembranças das melodias do céo. Depois vem a prosa da vida, e só a alma dos poetas saberá conservar, no meio do turbilhão social, as doiradas reminiscencias da celeste patria.

Mas os poetas da musica, os poetas sobre todos os outros filhos dilectos de Deus, se tiveram, como nós, o anjo maternal para lhes suavisar a rude lingua da terra, tiveram um outro anjo, que lhes apparece e lhes falla em sonhos, e n'essas visões luminosas lhes ensina uma outra linguagem, uma linguagem do céo, um idioma privilegiado e immaculado, que lhes poisa nos labios o mel fragrantissimo da poesia, que os baptiza com os orvalhos do Empyreo, que lhes abre de par em par a porta, para nós cerrada a sete chaves, d'esse mundo prestigioso intermediario á terra e ao paraizo, mundo todo povoado de sylphos e fadas e duendes, mundo de visões sublimes, mundo de harmonias mysteriosas, escada de Jacob por onde os anjos descem a visitar os homens, e por onde o pensamento humano sobe enlevado e embevecido a contemplar de perto as maravilhas do olympico fulgor.

Esse mundo sublime, essa escada mysteriosa é a musica.

Um d'esses escolhidos, uma d'essas crianças predestinadas foi Mozart. Nascido em Salzburgo a 27 de janeiro de 1756 já em 1762 arrebatava, em Munich e em Vienna, todos quantos o ouviam, com as torrentes de melodia que os seus dedos pequeninos sabiam fazer jorrar do piano e com a sua maravilhosa e magistral execução. Seu pai, musico distincto, principiara a ensinar-lhe a sua arte quando elle tinha quatro annos. Na idade em que as outras crianças alinham em ordem de batalha os soldados de chumbo das caixas de Nuremberg, em que espreitam curiosos a cauda do piano, ou despedaçam, se podem, o bojo das rebecas para verem que rouxinol mysterioso descanta lá dentro essas ineffaveis melodias, o loiro allemão debruçava-se pensativo sobre as teclas, e dava com as alvas mãosinhas voz ao desconhecido passarinho, que os seus companheiros de brinquedos phantasiavam.

Mozart.

Uma das originalidades d'aquella criança original era o não querer tocar senão diante de entendedores. A sua delicada organisação de sensitiva parecia que se assustava com os applausos inconscientes do vulgo, como o seu ouvido finissimo estranhava a mais leve desharmonia. O juvenil Ganymedes adivinhava nos seus presentimentos que o genio, essa aguia de Jupiter, o havia de empolgar nas garras e transportal-o ao céo, e não podia já contentar-se com o licor inebriante do elogio banal, desejava só o nectar que circula na meza dos immortaes. Em Vienna pedio com todo o desembaraço ao imperador Francisco que mandasse chamar o celebre musico Wagenseil. Veio o grande homem, e a criança de seis annos, sem a mais leve hesitação, tocou um dos concertos que elle já compunha, e acolheu com modestia, mas com jubilo, os applausos do mestre.

Até então exercitara-se elle apenas no piano; acompanhava-o sua irmã, criança tambem, que possuia um raro talento de executante. Mas no piano não tinha mais que aprender; estava tão senhor do instrumento, como o poderia estar um velho pianista. Tentou-o então a rebeca, e, apenas empunhou o arco, mostrou logo n'essa nova lingua a mesma superioridade. Seu pai, louco de contentamento, e, vendo na torrente de harmonia, que jorrava dos dedos de seu filho, um verdadeiro Pactolo, decidio aproveital-o emprehendendo com elle viagens artisticas. Aos sete annos deslumbrou Paris, aos oito annos Londres. Começava-se já tambem a revelar o genio do compositor. Na capital da França publicou sonatas para piano, na capital da Inglaterra, nos concertos que deu, só tocou symphonias da sua composição. Tinha nove annos quando percorreu a Hollanda, onde esteve perigosamente enfermo. Voltou de novo a Paris, atravessou a Suissa, e no fim do anno de 1766 entrava em Salzburgo, não contando ainda onze annos de idade, e com a fronte ornada de mais loiros, do que os que habitualmente conquista um grande homem no decurso d'uma longa vida.

É uma estranha biographia esta de Mozart! Os annos da infancia, que n'um rapido esboço biographico habitualmente se passam em claro para depois se ir tomar o heroe no momento em que verdadeiramente nasce para a immortalidade, são exactamente aquelles que o biographo de Mozart deve narrar mais circumstanciadamente. Parecia que o grande espirito do maestro allemão, sabendo que pouco tempo havia de habitar no fragil corpo que escolhera para morada, tinha pressa de viver, e de deslumbrar o mundo. O fogo, que aos trinta e seis annos havia de consumir Mozart, não brotava primeiro n'uma fragil scentelha que se ia a pouco e pouco aclarando, que lavrava em silencio até se revelar em pleno fulgor. Não; a chamma irrompia logo abrazadora e esplendida, o sol assomava no horisonte, quasi sem ter aurora, subia ao zenith, illuminava novos e mais vastos horisontes, e depois descia rapidamente tambem, esmorecia no occaso, atufava-se no oceano da eternidade, mas deixava no mundo um longo rasto de luz.

Em 1768 vamos encontral-o em Vienna, com doze annos, compondo por ordem do imperador José uma opera intitulada *La finta simplice*, opera, que nunca se representou, mas que obteve os applausos do maestro Hasse, e de Metastasio, o poeta cesareo, o grande lyrico, o companheiro d'ovações de todos os grandes musicos da época.

Pouco depois na inauguração d'uma igreja, é o Offertorio composto por elle, e é a criança de doze annos quem rege a orchestra formada dos primeiros executantes de Vienna.

Faltava-lhe ainda percorrer a Italia, a velha matriarcha das artes, a soberana do mundo, que, deixando rolar aos pés dos estranhos o seu diadema de rainha, conservou sempre incontestada a corôa de flores que a proclamava soberana artistica. A varinha branca do genio de Mozart produzio na formosa peninsula as costumadas maravilhas, e os Italianos, soberbos desprezadores da musica estrangeira, tiveram de se curvar perante o *barbaro* germanico, e de presentir n'elle um mestre, mais do que um mestre, um iniciador.

Em Milão, no fim d'outubro de 1770, contando pouco mais de quatorze annos, compoz a opera de Mithridates, que foi representada pela primeira vez no dia 26 de dezembro d'esse anno e que obteve grande numero de representações.

Em 1771 temol-o de volta a Salzburgo, onde compõe para o casamento do archiduque Fernando uma serenata theatral, intitulada *Ascanio in Alba*. O compositor tem quinze annos.

Em 1772, para a sagração do novo arcebispo, compõe a serenata *Il sogno di Scipione*. Tem dezeseis annos o auctor.

Em 1773 compõe a opera *Lucio Silla*, que se representa vinte e seis vezes seguidas. Sóbe ao capitolio o triumphador aos dezesete annos, quando os outros ainda nem fizeram as primeiras armas.

Em 1775, com dezenove annos escreve a opera comica *La finta Giardiniera*. Depois duas missas, e uma serenata *Il Re pastore*. Chamam-n'o de Pariz os Francezes curiosos de verem o prodigio, que tanto avultára depois que elles tinham assistido ao balbuciar do seu genio. Prende-se Mozart bastante tempo na corte juvenil de Maria Antonieta, que ainda nem sequer presente o seu triste destino, e quando volta a Vienna em 1779 é nomeado compositor da camara imperial.

(Continua)

A BOCCA DO INFERNO

X

No dia seguinte entraram em Cascaes onze homens rotos, com os rostos macerados, implorando compaixão. Eram os tripulantes que se haviam salvo do naufragio da galera.

A morgada, que era esmoler e possuia excellente coração, pedio para que lh'os trouxessem á sua presença porque desejava soccorrel-os. Inquiridos por D. Thereza, os naufragos contaram que haviam saído de Cabo Verde para Lisboa; que a tempestade os assaltára já á vista das costas de Portugal, rasgando as velas ao navio e desarvorando-o. O mar levára-lhe depois o leme e as bitaculas. Quando se avisinharam da costa, impellidos á mercê das ondas, o navio fazia já tanta agua, que as bombas não podiam esgotal-a. O capitão mandara-os então arriar a lancha, que o mar ainda respeitára, ordenando-lhes que embarcassem nella e se salvassem. Elle, o piloto, o contramestre, e um segundo tenente da marinha real que vinha de passagem reservaram-se para o fim. Eram bravos marinheiros aos quaes a idéa da morte não amedrontava. Os onze tripulantes — quantos a barca podia conter — fizeram-se de remos procurando salvar-se. O official, contava um, ficára agarrado a um resto da amurada com os olhos fixos em terra. Depois, diziam elles tristemente, a galera tremeu n'uma convulsão prolongada, como o estorcer da agonia, principiou a redemoinhar, estoirou, e desappareceu. O tenente descêra firme para o fundo.

Chamava-se Luiz de Mello.

Quando este nome saío dos labios de um dos naufragos, gelaram todos de espanto. Christina caío desamparada no chão.... como a açucena que o tufão pende na haste.

Depois de recuperar os sentidos pareceu caír n'uma perigosa excitação mental. Passava as mãos pela fronte, d'onde manava suor frio, como se quizesse arrancar de lá uma imagem dolorosa. Os que sentem como ella arder no cerebro o fogo de uma imaginação exaltada, fujam de o atear, porque no incendio póde ir-lhes o entendimento.

Torturava o coração observar a mudez insensata de Christina, a pallidez que lhe cobria as faces, o espesso véo que lhe entenebrecia as feições. O infortunio passara por aquelle rosto a sua mão destruidora; a angustia saccudira as negras azas sobre a fronte virginal, d'aquella que talvez hoje cinge, reluzente de divinos resplendores, a corôa dos predestinados de Deus!

A este estado de excitação seguio-se a atonia profunda. Era impossivel arrancar-lhe uma palavra, provocar-lhe um movimento.

No dia seguinte a alvorada invadindo com seus magicos clarões o aposento de Christina, veio encontral-a mais repoisada das lutas do espirito em que durante a noite se debattera. No seu rosto pallido havia uma doce serenidade, como se a esperança animasse aquelle pobre coração! Parecia resignada. Por entre os labios saía-lhe o susurro das orações. Dir-se-ía que uma inspiração divina, provocada pela fé viva d'aquella alma, descêra sobre a infeliz para lhe fazer encontrar remedio nas consolações religiosas dos que recebem o infortunio das mãos de Deus, e se lhe curvam submissos, como a decretos da Providencia, cujas intenções não é dado á creatura discutir, nem averiguar!

A resignação, porém, era apparente.

Aquella serenidade exterior repousava no desespero de uma resolução tremenda.

Pedio que a deixassem só porque, dizia ella, queria chorar livremente; mas quando horas depois voltaram ao quarto já não a encontraram Tinha saído sem ser vista, e foi debalde. que D. Thereza expedio criados em busca d'ella.

Um pescador que pelo caír da tarde se approximou da costa e olhou para a *Bocca do inferno*, vio um pedaço de vestido branco preso a uma ponta da rocha. Lá em baixo não havia mais vestigios — a onda varre quanto lá encontra.

Mas na madrugada foi visto passar distante da praia um cadaver boiando á mercê das ondas.

Um barco tripulado por quatro homens foi ao alcance do cadaver. Era já noite cerrada quando volveram á praia. As vagas estiravam-se espumosas sobre a areia, e o desembarque foi difficil; mas á luz de alguns archotes os quatro homens levantaram nos braços um vulto de mulher, envolto em roupagens brancas, com os loiros cabellos soltos e alagados.

Era o cadaver da pobre Christina.

E a tempestade não serenára ainda; e o mar rugindo na sua cholera tremenda por entre os rochedos da *Bocca do inferno*, preludiava um hymno de morte, hymno solemne e terrivel, á pobre martyr que fôra no seio d'elle procurar um tumulo.

A. d'Oliveira Pires

O SOMNO DAS PLANTAS

Quando a luz do céo tinge de uma côr pura e brilhante as flores da terra; quando os prados se desenrolam ante nossos olhos com o rico adorno da sua verde relva e das suas flores; quando os insectos alados zumbem por entre estas e a leve mariposa lhes revolutea em torno; então sentimos pezar que a noite estenda o seu negro manto sobre este vasto quadro da natureza e que divida por um entreacto mysterioso o grande drama do mundo.

O homem destinado a assistir a este sublime espectaculo descansa apenas desapparece o sol no horisonte, do mesmo modo que aquelles seres; deixa suas sensações para o dia seguinte e dorme tranquillo ou agitado por ambiciosos desejos.

Não turbemos o seu socego; vamos, porém, aos campos em uma noite de estio: corramos as collinas e os prados cobertos de flores, que antes tanto nos haviam chamado a attenção, ou vamos debaixo da abobada sombria dos bosques seculares, que durante o dia servem para resguardar do ardor do sol. Não temamos cousa alguma n'este passeio, pois de noite não são os sentidos que nos produzem as impressões: a alma é que sente e julga; a estas horas parece que os espiritos celestes se aproximam da terra e exercem sua influencia sobre os vivos. Ah! porque não haviamos de reconhecer esses seres incorporeos destinados como nós a considerar os prodigios da creação! Porque não nos haviamos de entregar áquelles presentimentos que tão raras vezes nos enganam e que nos são suggeridos por seres superiores? Se cada alma pura tem um anjo da guarda que a conduz por entre os escolhos, n'esse caso nada receiemos e emprehendamos o nosso passeio nocturno.

O influxo religioso da noite, começa no momento em que o sol diz «Adeos» á terra, quando o mundo animado lhe envia a sua sublime despedida.

Então já não é tão puro o azul do céo; os vapores condensam-se formando leves gases, que o zéphyro conduz a seu capricho em tiras fluctuantes, e que se reunem formando um espesso véo para occultar o astro resplandecente no momento mesmo em que termina a sua carreira; porém durante algum tempo inunda de luz o horisonte mostrando todas as côres desde a purpura até á roza. Ligeiras nuvens semelhantes a rolos de algodão, desprendem-se da massa geral e correm em direcção ao zenith para alcançarem alli o ultimo raio do astro moribundo, e o crepusculo estende suavemente suas sombras, cujos contornos passam velozes como o tempo e fugazes como a vida. N'este instante cessa o ruido do dia e não resôa a voz sublime da natureza em suas distinctas acclamações, que se elevam até á divindade. A ave que poisa sobre os ramos flexiveis da madresilva ou se occulta nos ramalhetes de flores do espinheiro branco, cessou os seus cantos de amor; os insectos dobraram as suas azinhas debaixo da coberta dourada que as occulta e embalados docemente no calix odorifero da flor descançam sob uma cortina de purpura e saphira. O eco já não repete os cantos dos pastores; tudo dorme na natureza; nós, porém, velaremos junto das flores que se acham sob a influencia do somno.

No campo, no bosque, junto ao arroio, no prado, seja qual for o lugar que visitarmos, por toda a parte encontraremos as plantas adormecidas; a tempestade fal-as vergar sem acordal-as; o trovão estrondea sem perturbar a sua tranquillidade, a chuva humedece-as sem interromper o seu repouso. A delicada sensitiva dorme profundamente todas as noites; reune as suas pequeninas flores, dobra as suas largas folhas e espera immovel que a luz novamente a desperte. Se a agitam, se a movem, se o vento sopra com violencia, tudo isto serve só para prolongar a sua immobilidade; o socego, porém, torna-a á vida. No trifolio da India, descoberto em 1777 por lady Monson em Bengala, em um dos pontos mais ardentes e humidos do grande delta do Ganjes, a noite parece exercer uma influencia ainda maior.

Cada ramo d'esta sensivel leguminosa tem tres folhas como o nosso trevo; no centro a folha maior, e as duas menores aos lados; durante o dia, a do centro conserva-se horisontal e immovel; de noite inclina-se sobre a haste como se o cansaço a convidara ao repouso; esta folha permanece sempre immovel em quanto que as duas dos lados se encurvam e endireitam com uma mobilidade incessante e incrivel, sem empregar em qualquer d'estes movimentos mais de um minuto. Agitam-se, elevando-se ou abaixando-se, como uma imagem d'esses seres atormentados que nunca encontram tranquillidade desde que nascem até que morrem; são inquietas na sua juventude, como nós, e moderam os seus movimentos quando a velhice chega, quando a morte as ameaça. No curso do dia apenas ha um instante em que uma folha está parada em quanto a outra continúa o seu movimento. O vento suave dobra o talo da planta sem perturbal-a na sua agitação, porém a tempestade torna-a immovel. A's vezes o calor suffocante d'aquelles paizes fal-a descansar um momento como se fôra uma sésta e então ambas as folhas ficam tranquillas. O *hedysarum gyrans* conserva uma parte da sua actividade em nossas regiões durante o inverno; longe, porém, do sol abrasador da sua patria, longe do ar humido d'aquelles pantanos, os seus movimentos são mais lentos e menos regulares e teem-se visto ás vezes no seu desterro entregarem-se a largas horas de somno.

Tudo é prodigioso debaixo do lindo céo da India; alli tambem se encontra uma arvore grande da mesma familia da sensitiva, cujas flores e folhas dormem e velam alternativamente, como se entre ambos os orgãos existira uma especie de aversão a agitarem-se e a viverem ao mesmo tempo.

Mas não necessitamos ir tão longe para buscar exemplos de phenomenos tão estranhos; visitemos de noite os nossos bosques e os nossos prados; vamos á selva silenciosa quando está allumiada pela luz prateada da lua, que penetra por entre a folhagem, e prestes veremos como ha mudado o aspecto de todas as plantas.

Os trifolios uniram as suas folhas, que dormem em seus largos talos; a terna oxalida inclinou as suas, que dormem cansadas da sua actividade diurna. As folhas da armoles reclinam-se sobre os seus renovos e descansam; as onágras tão communs nas margens dos rios, unem pela noi-

te as suas folhas superiores formando uma especie de docel debaixo do qual a flor póde dormir ou velar a seu gosto; as malvaceas, com as suas flores de um dia, adormecem e abandonam-se descuidadas sobre a sua haste e no dia seguinte levantam-se novamente.

Em outras partes vemos enrolarem-se as folhas das malvas com as suas bellas flores de côr de lilaz e aproximarem se d'estas ao tempo do repouso.

Quando ao anoitecer as ervilhas de cheiro dos nossos jardins despedem as suas aromaticas emanações, então unem as suas folhas umas ás outras e no meio d'aquelle perfume delicioso cáem em profundo somno.

A colutea tem folhas que pela noite se separam das flores e que descansam, como as sensitivas unindo a parte exterior. Em uma multidão de plantas vê-se que as folhas servem como que de resguardo ás flores e que estas não dormem em quanto se não acham protegidas por aquelle abrigo: assim succede com o formoso *lotus ornithopodioides*, no qual Linneo observou pela primeira vez o somno das plantas e vio que as tres folhas que formam o seu involtorio se levantavam quando a planta dormia para protegerem completamente as suas tres flores finaes. Em outras plantas, pelo contrario, as folhas elevam-se separando-se da flor, voltam-se e dormem deitadas sobre o reverso. No *lupinus albus*, vê-se esta singular disposição em algumas partes dos Pireneos onde esta planta e o trifolio roxo se cultivam juntos formándo preciosos quadros em que as flores brancas do lupinus estão entrelaçadas com as flores carmineas do trevo; mas de noite tudo muda; o lupinus parece ter perdido as suas folhas e o trifolio não mostra flôr alguma; o rico matiz que antes apresentavam não se conhece quando dormem.

(*Continua*)

O SECULO XVIII

Alguns homens denominam *seculo das ruinas* o seculo passado; eu charmar-lhe-ia antes o *seculo do mau gosto* e deixaria fallar os que d'elle dizem mal, não percebendo que mordem no seio da sua nutrix. João Baptista Niccoline dizia um dia a um d'esses vaidosos e ingratos filhos do seculo ultimo: «Vós fazeis como o pigmeo que, depois de ter subido aos hombros do gigante, para ver mais longe, bate-lhe na cabeça, gritando-lhe;—Vejo melhor do que tu. —Ao que o gigante poderia responder:—Não dirias isso se te não tivesses empoleirado nas minhas costas.»

CONTO INDIANO

Em uma cidade situada nas margens do Ganges vivia um religioso mendigo que tinha feito publicamente o voto de nunca fallar. Um dia pedindo esmola á porta de um negociante abastado, a filha d'este veio pessoalmente trazer-lh'a. O mendigo deslumbrado pela belleza d'esta menina, disse comsigo:

—Eis aqui a esposa que os deuses me deveriam ter dado.

Retirou-se muì perturbado. Quiz expellir este pensamento da imaginação; mas não poude. Finalmente, exclamou:

—Um ente de tão rara formosura, de qualidades tão distinctas, não é, certo, para um miseravel como eu; mas se podesse conduzil-a ao templo! obteria facilmente dos brahmanes a cerimonia que a uniria para sempre á minha sorte.

Aferrado a tão abominavel designio, foi novamente pedir esmóla á porta do negociante, e saindo este na occasião com sua filha, o mendigo começou a gritar, apezar do seu voto:

—Ó desgraça! ó desgraça!

E afastou-se.

O negociante, impressionado deveras, seguio-o, e logo que se acharam sós:

—Porque faltaste ao teu voto e pronunciaste palavras tão aterradoras?

O mendigo respondeu:

—Tua filha veio ao mundo sob o influxo d'uma desgraçada estrella. Logo que ella casar, tu, tua mulher e teus filhos morrerão. Quando a vi e conheci o seu destino experimentei tal dôr (tens sido tão caritativo para comigo!) que não pude conter a voz. Faltei ao meu voto por tua causa. Queres fugir ao perigo que te ameaça? Esta noite, mette tua filha em uma caixa, sobre a qual porás uma tocha accesa, e abandona-a á corrente do Ganges.

O negociante muito assustado prometteu de seguir o conselho; e, logo que veio a noite, este pai credulo fez, derramando uma torrente de lagrimas, o que o mendigo lhe disséra.

Entretanto o hypocrita disse a dois homens da sua casta, que lhe eram dedicados:

—Ide ás margens do Ganges. Alli vereis fluctuar uma grande caixa com uma luz em cima. Trazei-a diante da porta do templo; eu vos precederei; mas, não vos atrevais a abril-a, ainda mesmo que de dentro vos fallem.

Antes d'estes homens chegarem ao lugar indicado pelo mendigo, um mancebo, que tinha ido tomar banho no rio, vendo brilhar uma luz sobre as aguas, ordenou aos seus servos que fossem examinar o caso um pouco estranho. Prestes veio a caixa para terra; e o mancebo abrindo-a, qual não foi a sua admiração ao ver aquella encantadora menina, que ainda respirava! Sem mais reflexão mandou metter na caixa um macaco selvagem, accendeu o archote, e lançou-a no rio. A menina, recobrando vida, respondeu ás perguntas do mancebo, que a conduzio immediatamente a casa de seus pais

Chegam depois os dois homens. Avistam a luz, agarram a caixa e apresentam-na ao mendigo que se apressa a abril-a. Logo, sae o macaco furioso, e lança-se ao mendigo, rasgando-lhe o nariz e as orelhas com as unhas e os dentes.

No dia seguinte toda a gente da cidade sabia d'esta estranha aventura e ria gostosa do castigo que, por ser mau, o mendigo havia soffrido. De outro lado, o negociante foi muito feliz: a sua querida filha, dentro em pouco tempo, casou com o joven e nobre indio que a tinha salvado.

Typ. Franco-Portugueza. Rua do Thesouro velho, 6

O PALACIO DAS CORTES

De todas as ordens religiosas do Occidente, a mais importante, a que maiores serviços prestou ao christianismo foi, indubitavelmente, a ordem dos Benedictinos. A sua fundação deve-se a S. Bento de Nursia, varão de raras virtudes, que pelos annos 529 mandara construir no monte Cassino, em Napoles, um convento, que logo denominou dos Benedictinos.

A regra d'esta utilissima instituição era uma escolha dos melhores regulamentos observados nos mosteiros do Oriente; tinha por fim principal prevenir os inconvenientes da vida puramente contemplativa e fazia do trabalho um dever. Esta regra foi considerada de modo tal superior a todas quantas até então haviam regido o clero regular, que os frades não quizeram outra; d'ali em diante, as abbadias tornaram-se em verdadeiras colonias agricolas, e, se nos permittem a expressão, verdadeiras colonias intellectuaes, disseminadas nos paizes os mais selvagens para ahi ensinarem o trabalho e derramarem todos os fructos da civilisação christã.

Palacio das Côrtes

Não se prolongou, porém, por muito tempo essa dedicação, esse exemplar procedimento com que os monges benedictinos penetraram os umbraes do mundo christão, que deram lugar a que a sua ordem attingisse o mais elevado grau de esplendor e opulencia e se tornasse a mais respeitada de todas as instituições monasticas; infelizmente, como quasi todas as outras ordens religiosas, a de S. Bento começou a proceder tão irregularmente, a commetter abusos taes, que descaío muitissimo do conceito em que a tinham todos os povos; e, apezar das diversas refórmas que depois soffreu, nunca mais poude readquirir o seu antigo credito e grandeza.

Mas, o nosso fim, não é escrevermos a historia d'esta ordem; e se acêrca d'ella traçamos meia duzia de linhas, é porque tem toda a relação com o assumpto de que, mui resumidamente, vamos fallar.

A primeira casa conventual que os Benedictinos tiveram em Lisboa foi edificada no sitio chamado hoje Largo da Estrella. Concorreu para a sua construcção o cardeal infante D. Henrique, a quem o abbade geral e reformador da ordem, frei Pedro de Chaves, propoz a fundação de um mosteiro de S. Bento, em Lisboa. Até então os monges d'esta ordem, que tantos conventos tinham edificado nas provincias de Portugal desde o seculo onze, não possuiam casa na capital. Levou dois annos a fabricar a egreja com acommodações para trinta monges; e foi na noite de Natal de 1573 que n'ella se celebrou a primeira Missa.

Em 1597, porém, resolveram os benedictinos, em capitulo geral, fundar um outro convento que mais proximo ficasse da cidade, e em sitio mais benigno que não o da Estrella, por ser continuadamente mui castigado pelos ventos que ali li circulam. Não dista muito o lugar escolhido para esta segunda fabrica; mas, não obstante, avantajava-se ás condições da primeira, porque, por uma parte se póde dizer que ficava no campo, condição requerida pela profissão da vida monachal; e por outra, como estava assás proximo da cidade, mais facilmente podiam os habitantes visitar a egreja, e procurar os padres do convento. Tomou conta da obra o celebre architecto Balthazar Alvares, que tanto se tinha já distinguido em muitas obras de vulto; e levantou-se o edificio de S. Bento, tal como o vemos, e não como deveriamos vêr, porque uma parte ficou em desenho. Foi superintendente o

padre frei Pedro Quaresma, o qual, sendo geral da congregação o mui reverendo frei Balthazar de Braga, deu principio á obra no anno de 1598.

Tudo parece, pelo menos para a épocha d'esta grandiosa fundação, apropriado e previdente na traça geral do edificio, em cuja frente se estende um vasto largo, para dar lugar a muitas carruagens, cercado n'esse tempo de um muro com duas portas, que de noite se fechavam e uma das quaes olhava para o frontespicio da egreja, e a outra, collocada a um lado da frontaria, olhava para o sul.

Todos conhecem o edificio de S. Bento, por isso achamos prolixo e superfluo descrevel-o.

Este edificio foi um dos raros que o horrivel terramoto de 1755 respeitou completamente. As modificações que hoje apresenta são poucas e datam de 1834, em que pela extincção das ordens religiosas se destinou o convento para palacio das côrtes, arborisando-se parte do largo, que em 1852 se terraplenou, e fazendo-se-lhe a bella cortina, que hoje vêmos, com os dois largos e magestosos lances de escadaria de pedra, para a rua de S. Bento.

No extincto mosteiro, tambem se acha o archivo nacional ou torre do tombo, que, do Castello de S. Jorge, para ali se mudou em 1755; e modernamente a repartição geodesica e topographica do reino, de que é dignissimo director o sr. Filippe Folque.

A nossa estampa dá, pouco mais ou menos, uma idéa d'este notavel e historico edificio. Em quanto ás obras recentemente principiadas na parte de oeste nada diremos, porque a opinião que temos ácerca do modo porque a sua fabricação correu não poderia deixar de ser inconveniente para a indole e programma d'esta folha.

VOLTAIRE

(Conclusão)

Procurámos mostrar em rapidos lineamentos as principaes feições do poeta da *Zaira;* sendo a nossa missão consideral-o, principalmente, em relação ao papel que lhe coube na litteratura franceza do seculo 18.º, indicámos de leve o pensamento salutar da sua philosophia, a sua influencia, e os resultados que derivaram d'ella, por nos parecer que a apreciação de um escriptor, como Voltaire, ficaria incompleta se lhe não buscassemos, primeiro, as verdadeiras crenças e os intimos intuitos. Agora pouco mais nos resta. Não é n'uma tentativa humilde que podem caber as largas considerações e os profundos raciocinios; demais, o espirito de Voltaire abrangeu uma tão grande area de conhecimentos, produzio um tamanho numero de trabalhos diversos, que mal os poderiamos apresentar em catalogo. Ha muito que a boa critica se occupa d'este vulto eminente; os doestos de sacristia, as imprecações fradescas, as excommunhões que os synodos de beatas velhas e de irmãos-terceiros haviam lançado sobre o auctor do *Diccionario philosophico*, teem-se sumido de todo. Hoje em dia, a razão dos povos, mais esclarecida e mais lucida, principia a comprehender o que ha de respeitavel n'estes revolucionarios sublimes, e a saber que a unica benção de que a humanidade carece é d'aquella que o proprio Voltaire deitou ao neto de Franklin: «*God and Liberty!*»

Terminaremos, pois, este bosquejo relanceando o olhar pelas obras historicas do grande homem; convém mesmo averiguar se Voltaire, como historiador, póde entrar na primeira linha dos que trabalham em taes assumptos, ou se apenas foi um compilador, sem a agudeza, a logica, o largo traço, a concatenação nas idéas, tudo, emfim, que deve ser attributo de quem ousa afastar a sombra dos seculos do vasto edificio do passado.

Chateaubriand disse d'elle as seguintes palavras: «—*Voltaire, c'est peut-être encore, après Bossuet, le premier historien de la France.*»— Semelhante gabo na bocca de um homem tão insuspeito como o auctor do *Genio do Christianismo*, bastaria de per si para firmar os creditos d'aquelle que o recebe; é bom, comtudo, descermos um pouco á analyse, e vermos ainda o que o *après Bossuet* póde significar rigorosamente.

O que é o *Discurso sobre a historia universal?* O proprio Chateaubriand que se encarregue de nol-o dizer: — «A primeira parte d'elle é admiravel pela narração, a segunda pela sublimidade do estylo e elevado alcance das idéas, a terceira pela gravidade das reflexões moraes e politicas.» — Eis o conceito, eis o juizo, eis a sentença do mestre. Quando se trata da exposição dos factos, conhece-se n'esse livro a segura facilidade do homem para quem os successos remotos são como que acontecimentos presentes; que os relata com aquella fluencia que só vem das intimas fontes do saber e do talento. Depois, o estylo levanta-se; o que era apenas esboço converte-se em magestoso quadro; os olhos recream-se pelas magnificencias de um colorido harmonioso, e o espirito começa a profundar as secretas disposições que prepararam as cousas. Mas, porque ha de avultar sempre, em meio dos maiores imperios e dos maiores succedimentos, uma raça de homens erradios e pequenos? Porque ha de voltear em torno d'elles, como em torno de um grande principio, tudo o que foi mais nobre e mais sublime! Eis a macula capital de Bossuet; eis o defeito que lhe aponta V. Cousin. Na historia da humanidade não se póde encarar exclusivamente um simples elemento; é preciso tratar de todos que formaram, pelo seu conjuncto, a harmonia social, e que levaram os homens atravez de todos os seculos e de todos os aperfeiçoamentos.

Bossuet, pelo seu caracter, pelo seu seculo, pela sua posição especial, vio a historia sob o ponto theologico, fez reflectir sobre ella a acção constante de Deus, agrupou em volta da religião todos os acontecimentos, dando, por este modo, ao seu trabalho um optimismo incessante. Ergue-se o povo judeu, e na penumbra do seu vulto perdem-se todas as nacionalidades; apparece o mosaismo, e nas paginas dos seus livros escondem-se todas as religiões, mais ou menos vastas, que formam o culto do universo; espraiam-se os olhos procurando a immensidade, e os olhos pa-

ram nos curtos limites d'Israel! Bossuet escreveu, não uma historia universal, mas a historia do povo judeu, considerada em relação com a historia dos outros povos. Sei-o, sim, sei que esse povo foi maravilhoso; mas n'um quadro geral, n'um quadro de todos os homens, o que é elle para os Assyrios, para os Persas, para os Egypcios, para os Gregos, para os Romanos? Como poderá absorver e eclypsar esses imperios grandiosos onde ao lado da força brutal e da ostentação fastosa radiam as alvoradas eternas dos descobrimentos?

No quadro dos povos, o hebreu deve apparecer como todos; mas não erguer em meio d'elles a milagrosa columna do deserto, para se collocar a si do lado em que a luz brilha, deixando o resto da humanidade coberta pela escuridão da noite.

Voltaire firmou a historia no seu verdadeiro terreno; deitando a vista pelos largos horizontes das nações, vio-lhes os costumes, o espirito, as artes, as sciencias, as leis, a administração publica, tudo o que constitue a vida dos povos, e sem o que não poderá ser util a historia. Do seu *Ensaio* é que, até certo ponto, procede a escola ingleza, a cuja frente se inscrevem os nomes de *Hume*, de *Gibbon* e de *Robertson*. Accusaram-no então de frivolo como diz Condorcet, por ser claro; de inexacto, porque este ou aquelle erro de data se encontrava em favor de tamanho folego; de parcial, porque soube assentar o latego sobre os enormes feitos do despotismo sacerdotal.

— «*L'auteur n'a peut-être à se reprocher que de n'en avoir pas assez dit;*» — escrevia elle n'uma replica graciosa a não sei que fanatico da época; a posteridade fez justiça, e entre os maiores historiadores modernos deu lugar honroso ao auctor do *Ensaio* e do *Seculo de Luiz* 14.º Antes d'elle, Bossuet, como já dissemos, havia traçado com o seu admiravel estylo de propheta a historia do povo de Deus, mas historia circumscripta, sem a profunda observação philosophica, nem o estudo do intimo viver dos povos; no *Discurso*, o que prepondera é a eloquencia. Voltaire veio, e sem roubar á historia as galas da elocução nem tam pouco as florescencias imaginosas, tornou-a mais entranhadamente observadora, fel-a apreciar melhor os factos, confiou-lhe um poder mais amplo. Os povos, desfilando ante esse juiz perscrutador e recto, sentiram-se inundados pela viva luz do seu olhar; os cancros e as torpezas tiveram de ostentar a sua hediondez repugnante.

Tal foi em resumo Voltaire, o maior genio do seculo 18.º Espirito de uma vastidão incalculavel, lucta com Euler, cria, por assim dizer, em França o poema epico, corôa-se com os louros de Racine e de Corneille, dá a mão a Diderot e a d'Alembert para levantarem o templo da redempção social, escreve o *Diccionario philosophico*, esse soberbo repositorio de todos os conhecimentos, trava da lyra horaciana e desfere-lhe os sons mais melodiosos, escreve *Candido*, esse modelo de humorismo, estende uma das mãos a Frederico da Prussia e outra a Parny, isto é, encaminha a realeza com a auctoridade do seu conselho, e educa a poesia com a delicadeza do seu gosto, porfia em dotar a humanidade com as obras mais valiosas, até que em fim, prostrado pelos seus trabalhos herculeos, descança na immortalidade.

Na vida de Voltaire, sejamos em tudo justos, ha duas maculas capitaes, duas maculas de que o proprio V. Hugo não ousa ainda hoje remil-o, e que lhe hão de ficar indeleveis: o seu poema a *Pucelle*, e as suas affrontas a Shakespeare. A gargalhada do sarcasmo póde ser bella em face do jesuita Nonotte, do poeta Rousseau, de la Beaumelle, ou ainda mesmo do *barbaro* Crébillon; mas é sempre imperdoavel, quando com ella se tenta aviltar o genio e menoscabar a virtude.

E. A. Vidal.

O SOMNO DAS PLANTAS

Mas, ¿em que consiste essa grande differença entre o lupinus e o trifolio? ¿porquê tendencias tão distinctas entre duas plantas da mesma familia? ¿porquê essa antipathia? A uma dellas fal-a crescer o orvalho ¿poderá prejudical-a tanto á outra que tenha necessidade de resguardar-se d'elle?

Se em os nossos paizes é tão grande a differença entre o dia e a noite no estado das plantas, esta differença é muito maior nos paizes intertropicaes; pela tarde começam já seus movimentos regulados pelo astro que desce, cujos ultimos resplendores allumiam ainda no curto crepusculo o momento do seu breve adormecimento. As mimosas e os tamarindos da America (plantas que dormem muito) fecham as folhas 25 ou 30 minutos antes do pôr do sol e não as abrem senão muito tempo depois da apparição do brilhante astro do dia.

Em S. Jeronymo e outros pontos da America meridional encontram-se nos campos, entre a herva, uma multidão de plantas da familia das sensitivas que, abatidas pelo calor do dia, adormecem de tarde antes do sol posto, pelo que se lhes deu o nome de *dormideiras*. Os animaes que frequentam aquelles lugares procuram com ardor aquellas plantas. Se durante o dia alguma dellas é destroçada por algum animal faminto, deixa-se cair por terra em seguida e communica a sua sensação ás visinhas, de modo que annuncia o perigo; e vêem-se então as pobres flores agitarem-se e cairem sem poderem fugir á morte.

Vêem-se tambem plantas dormir como os animaes e este somno põe-nas em um estado mui proximo do da sua infancia. O renovo recorda confusamente como estava dobrado quando, antes de abrir, jazia no somno lethargico do inverno, involto suavemente e resguardado do frio pela sua impenetravel capa, e todas as noites trata de procurar a sua antiga postura, como se sentira ter perdido a tranquillidade e quizesse recobrar a posição da sua primeira idade; ha, porem, outras plantas de maior semelhança com os animaes, que na sua juventude dormem muito e cujas folhas, á medida que envelhecem, velam mais e vão dormindo pouco até chegarem a não dormir e vir a morte em lugar do somno.

Esta propensão ao somno na infancia é mui notavel na acacia de Santa Helena (*Acacia pendula.*) Esta planta dorme todas as noites, como a

sensitiva, elevando as suas folhas; durante alguns mezes apresentam-se estas folhas que dormem; mas depressa apparecem as verdadeiras folhas, que não dormem e se conservam sempre na mesma posição.

Tudo na natureza se toca e encadêa; na folha de uma pequena planta vêmos a imagem da nossa propria existencia: a debilidade da infancia e a frescura da juventude; o largo somno dos primeiros annos: logo a actividade constante, a falta de flexibilidade e de somno na velhice, e a tranquillidade na morte.

Ha flores cujo somno começa muito cedo e acaba muito tarde; outras teem um somno que nada o interrompe e do qual lhes custa a sair quando está nublado; e algumas vezes não sáem do seu estado de somnolencia em quanto a athmosphera não se acha completamente pura e desembaraçada.

A chicoria silvestre fecha as suas formosas flores azues ás onze horas da manhã e permanece no mais profundo somno até ás tres ou quatro horas da tarde.

A myosotis, com a sua dourada flor, abre a corolla á luz, porem fecha-a durante a força do sol

As rosas d'agua, com a sua corôa de folhas polpudas, dormem sobre as ondas, como as aves aquaticas e não despertam em quanto não sentem a viração da manhã. Vêem-se como açucenas fluctuantes, estendidas nos arroyos e nos lagos esperando a luz do dia, para levantarem as suas hastes, abrirem os seus calices e mostrarem todo o seu esplendor.

Não é só em os nossos paizes que dormem as rosas d'agua: tambem o loto e o nelumbo que se dobram aos ventos nas planicies do Nilo e do Ganges e a magnifica nymphacea chamada *Victoria regina*, que adorna o Amazonas, dormem durante a noite sobre as mansas ondas do rio ou se submergem n'elle, como o loto egypcio, até que o sol fira a superficie da agua e acorde o insecto que dorme no leito côr de rosa, de alabastro e de purpura, formado pela flor. Estes insectos sabem instinctivamente que o mysterioso mecanismo que lhes subministra uma morada tão prasenteira debaixo d'agua, lhes dará a sua liberdade ao sentir o ar da manhã.

Os rainunculos, que muitas vezes vemos nos tanques ou nos lagos e que se estendem sobre a agua semelhantes a estrellas brancas como a neve, cobrem de noite a especie de vaso que contem a sua semente com uma parte da mesma flor, como se fôra com um véo de gase ou de limão.

Por isto, não devia parecer que durante a noite tudo seria silencio e tranquillidade, como se a natureza inteira tivesse morrido, como se tivesse cessado o movimento do mundo? Porem nada d'isto ha; a obscuridade da noite está tão animada como a manhã com o sol; a noite tem as suas luzes, seus actores e sua vida; a scena mudou, mas o espectaculo não foi interrompido.

As estrellas brilhantes da noite, as constellações zodiacaes e a lua allumiam com a sua luz prateada os mysterios de amor das flores; velam lhes o somno em quanto o zéphiro as embala suavemente, até que a aurora as desperte e se nos apresentem pela manhã com toda a sua frescura e aspecto agradavel. As flores dormem, porem o amor das plantas continua quando estão acordadas, como uma especie de somno cuja imagem enganosa o dia em vão procura apagar.

Durante a noite é precisamente que a maior parte dos vegetaes exhalam os seus aromas que embalsamam o ambiente nas noites de primavera e de estio e que o vento leva a grande distancia. De tarde as flores preparam os ricos trajos que as vestem para celebrarem o resplendor da luz da noite, os mysterios cujo cumprimento lhes impoz a natureza. As chamadas *mirabilis* estendem os fios do seu calix para se abrirem ao cair da tarde e verem afundar-se o sol no oceano. O *geranium triste* começa a abrir as suas flores escuras e cheirosas á hora em que a maior parte das plantas da sua especie caem no somno; a fumaria vela aberta até ao crepusculo da manhã. As rosas silvestres dos campos, as ervilhas silvestres dos bosques, as chamadas onágras, que vegetam nas margens dos rios, todas florecem nos mysterios da noite.

Nunca na ausencia do sol ha uma calma completa; pelo contrario, durante a noite o ouvido percebe e distingue mil sonidos que nas horas do dia se confundem e ouvem juntos; a natureza quasi que não conhece o silencio. Zumbe o insecto no calix meio aberto de algumas flores, agitam-se no ar essa multidão de moscas brilhantes, que se vêem de noite nos paizes meridionaes, quando já no Oriente apparece uma facha de rosada côr, indicio da aurora, que traz comsigo a agitação e o ruido da vida, que vem dominar o suave murmurio da noite. Pouco depois eleva-se magestosamente o astro que allumia o mundo; as perolas do rocio nocturno dissolvem-se no oceano do ar, o perfume das flores e o canto dos passaros com o hymno da natureza inteira sobem como a homenagem da terra até ao throno do Eterno.

Então as plantas nocturnas inclinam-se ou buscam algum abrigo para dormirem resguardadas do ardor do dia ao passo que as outras acordam e se adornam com seus ricos matizes.

Assim, cada vegetal tem suas horas de repouso e actividade; porem a natureza em todas ellas manifesta a sua vida e seu incessante trabalho, ainda que este se ache algumas vezes involto no véo de um profundo mysterio que a sciencia acaso poderá penetrar algum dia.

TRES LADRÕES

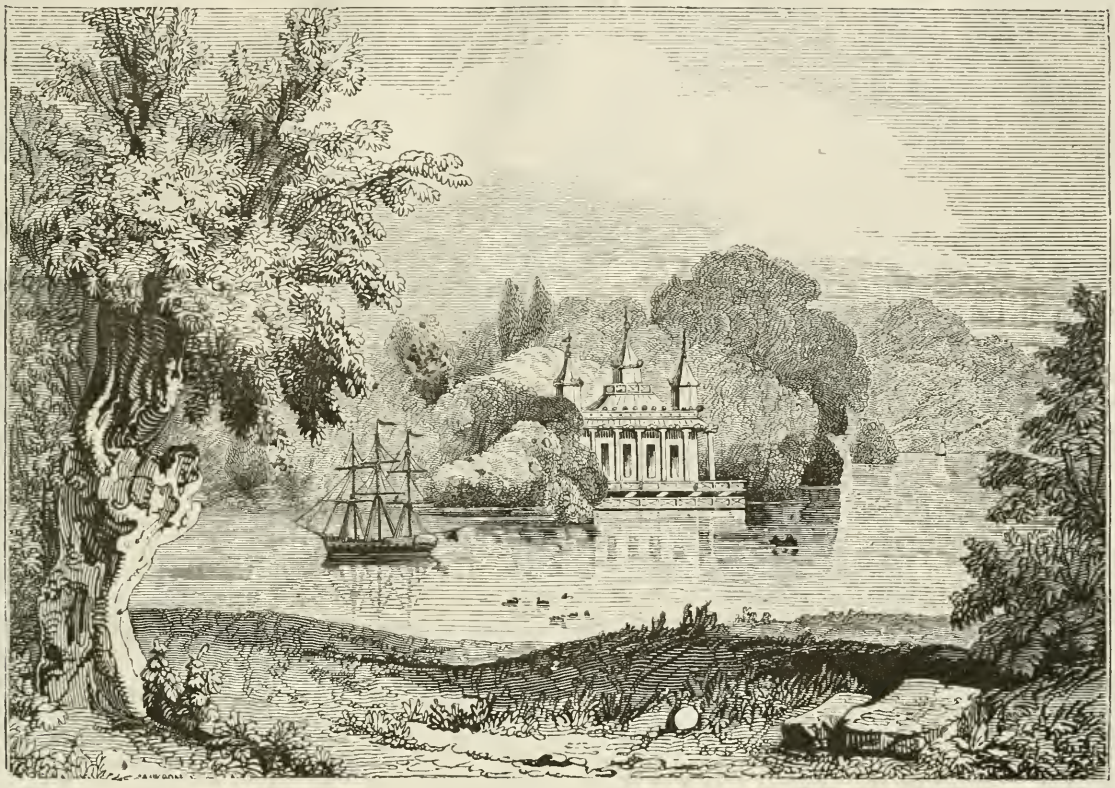
Tres ladrões, tendo roubado uma mala-posta e achando-se possuidores de uma somma consideravel, resolveram dividir entre si este dinheiro e de abandonar para sempre a sua criminosa profissão. Mas, antes de se separarem, quizeram fazer juntos uma festa. Um d'elles foi á cidade proxima buscar provisões. Os outros dois, na sua ausencia, assentaram que seria mais agradavel dividir a somma em duas partes do que em tres, e portanto quando o companheiro chegou, mataram-n'o; mas este, tendo tido o mesmo pensamento que elles, havia envenenado as provisões: comeram-n'as sem desconfiança, e no dia seguinte foram encontrados mortos os tres miseraveis.

Entre mãos não é possivel haver confiança.

WINDSOR

Junto da pequena villa d'este nome, situada no condado de Berks em Inglaterra, a trinta e dois kilometros de Londres, na margem meridional do Tamisa, ergue-se um magnifico palacio

real, cuja origem remonta a Guilherme o Conquistador. Pouco tempo depois de ter tomado posse da Inglaterra, o audacioso normando construio esse castello que Henrique I escolheu para sua residencia depois de o ter reconstruido por um novo plano. Carlos II concorreu tambem muito para o embellezamento d'esse palacio, que, d'essa época em diante, passou a ser a habitação pre-



Windsor

dilecta dos reis de Inglaterra, e sua residencia habitual durante o estio. Jorge III principalmente consagrou a Windsor (onde se lhe erigio uma estatua colossal) um affecto muito particular.

Os paços de Windsor merecem essa predilecção, porque, além de serem uma residencia verdadeiramente deslumbrante, pela magnificencia dos seus aposentos onde se admiram optimas pinturas, estão rodeados por uma vasta e magnifica tapada. Admira-se n'elles um terraço, unico do seu genero, que tem seiscentos e vinte e tres metros de comprimento, e uma largura proporcionada. A vista, que d'alli se gosa, é soberba. Além o Tamisa serpeando por entre a planicie, semeada de lindas casas de campo, de brancas aldeias, mais perto a floresta com os seus umbrosos retiros, os seus lagos encantadores, e os seus graciosos pavilhões.

A nossa gravura representa um dos sitios mais pittorescos d'essa tapada. É aquelle onde o passeiante encontra de subito o lago mais formoso e mais amplo da floresta real.

A GALATÉA MODERNA.

VI

D. Violante á baroneza do Alpedral.

Minha querida. Torno a atar o fio d'esta carta, que a vinda subita de Alfredo cortou tão fóra de geito. Foi-me necessario algum tempo de repouso e solidão para socegar e descançar da lucta.

Era ao pôr do sol. As campinas matizadas de relva resplandeciam osculadas pelos derradeiros bruxuleios do sol. As encostas, mosqueadas de espessura, ostentavam a sua belleza magestosa e pittoresca. A brisa do crepusculo começava os seus gemidos maviosos, as suas toadas plangentes, os seus rumores angustiosos.

Que magestoso espectaculo! Estavamos sentados junto á fonte. É um sitio rustico e alpestre, com sua formosura serena. Imagina um monte granitico escalvado e ermo, com rochedos aprumados sobre o abysmo e encastellados uns sobre os outros. Parece que a natureza arrojou das entranhas, em hora de angustias, aquelles granitos formidaveis, que ameaçam os valles e as campinas, que vicejam ao longe.

Quando as sombras da noite se alargam e vão cobrindo a amplidão com o seu crepe de tristezas; quando nenhum ruido interrompe a calada profundamente ascetica d'esta Thebaida, julgamos que os granitos são craneos de gigantes, os quaes em tempos primitivos, ali combateram e deixaram as suas ossadas.

Mais para baixo, em um reconcavo formado por uma lapa agigantada, serpeia por entre limos,

um veio de agua, que se ajunta em uma bacia granitica, para correr depois, irriquieto e louco, seguindo ondulações caprichosas, pelos fraguedos e selvados, até desembocar n'uma ribeira, que banha o valle.

Tal é a *fonte fresca*, a minha fonte de Arethusa, a minha Castalia, tosca e humilde e perdida n'estas fragas, tão distantes do bulicio. Tal é a minha fonte sob cujo olmeiro, que a ensombra, venho sentar-me, em horas de melancolia, dando largas á minha imaginação, que se recreia em illusões e enganos! Deixal-a, a pobrinha, seguir o arroio nos seus meandros, e perder-se com elle no mar dos destinos! Deixal-a bater as azas e folgar livre á tardinha, que é a hora dos loucos pensares, e do scismar undivago.

Ah! Que extasis não tenho sentido ali, sob a copa do velho olmeiro! Quantas vezes ai! quantas, mal podendo soffrer as tristezas da solidão, não tenho passado ali, horas e horas, cravando bem fundo o punhal no peito, cingindo o cilicio doloroso, sorvendo, com acre voluptuosidade, as lagrimas, que me caíam a jorros e me orvalhavam o rosto ennegrecido! Quantas vezes, vendo-me só, desamparada, Agar intemerata d'este deserto, não tenho invejado o destino das pastorinhas, que levam, rindo e cantando, o fardo da vida que pouco lhes peza. Para ellas, mil vezes hei pensado, é ligeira a vida n'estes fraguedos alcantilados. São como as flôres selvagens que desabroxam e se espanejam nos estevaes. Que importa que o vento sopre e o trovão estrondeie em furia? Abriga-as o rochedo inabalavel, e passada a tormenta, o sol ha de voltar e algum raio as aquecerá. Tudo olvidam então. Secca-lhes o pranto a brisa, que as embala. As petalas abrem-se outra vez e exhalam os seus perfumes, que haviam escondido no seio. Quando vier o inverno, já passaram a primavera em sorrisos, já se desentranharam em sementes no estio. Que importa a morte agora?

Mas eu o que sou? Violeta perdida nas fragas temo a tempestade, que póde derrubar-me. Em vão exhalo mil fragrancias, que se perdem no pinheiral sombrio. Como posso encontrar encantos na solidão? Falta-me um abrigo. Se o vendaval attentar em mim, quando desencadeiar as suas furias, não hei resistir. Serei levada ao longe, e macerada, quasi desfeita em pó, lá irei revoluteando ao sabor do vento até desapparecer no espaço.

Mas se alguem me colhêr, não emmurchecerei logo? Não serei esquecida, mal perder o frescor e o viço campestre? Assim tenho pensado mil vezes, e não podes medir as angustias, que hei soffrido. Outras vezes, porém, em horas mais propicias, deixo-me embalar nas ondas do esquecimento. Como o rouxinol, que entristece na gaiola, que mão traidora lhe teceu, se acerto de quebrar os grilhões, que me algemam, abro as azas, elevo-me ás alturas, pairo nas nuvens, e vejo o mundo a meus pés, como uma esphera de ouro que me segue submissa. Goso então momentos fugazes de ineffavel ventura. Todos os ruins sentimentos se esvaecem, como fumo. Desprendo-me da vida, esqueço os enredos do mundo e os liames que me tolhem os movimentos. Nada póde conturbar então os esplendores, que a minha phantasia arranca do cahos.

Remonto ás edades primitivas, quando a terra, joven ainda, rangia nos eixos, e se desentranhava em seres fabulosos.

Tudo é serena e pura harmonia nas alturas, aonde me libro. Tudo é limpido e azul. Mas eis-me sentada junto de Alfredo, sob as ramas do olmeiro, ouvindo o chilrear dos passaros na espessura, e o doce murmurio da limpha, que se despenha no granito.

Estamos silenciosos. Como que em vão queremos ouvir o pensar mutuo. Derepente Alfredo fita-me e exclama:

—Que tarde! Que esplendores lançados a flux por todas essas veigas, que se desenrolam no sopé das montanhas como listões viridantes! Que profusão de lindezas com que a terra se arraia nos seus dias felizes! Que ornatos e enfeites! Na cumeada debruçam-se os gigantes de pedra, na encosta agita-se a ramaria, nos valles espaneja-se a relva. E a agua, a limpha cristallina a fecundar tudo isto! E as flôres a matizarem as campinas, a desabroxarem aos raios do astro! E os fructos a irromperem já por entre flôres! E a brisa a gemer, a soluçar, e a sacudir os ramos do arvoredo umbroso! E além no fundo o mar, retincto com os ultimos raios do dia. E no extremo do horisonte, na orla afastada, o sol que mergulha e sorri para a terra. Tudo isto, Violante, exclamou Alfredo travando-me da mão, são fremitos de amor. Tudo ama no mundo, porque o amor é a harmonia. A terra é um altar immenso, sobre cuja ara sacrosanta tudo se liga pelo amor. O proprio rochedo é sympathico com a agua. O perilampo, que voeja em raios de luz, arde em ancias amorosas. O insecto que zumbe, a chrysalida que se transforma, a agua que corre, o vento que geme, a floresta que murmura, os passaros que cantam, os campos que se adornam, os rochedos que se desfazem, o ar que se agita, o trovão que rouqueja, o raio que fulgura, o mar que ondêa, a propria terra, que gravita em torno do sol, como que namorando-o, e a lua, que segue a terra, e os planetas que cortejam o astro, e as estrellas que sulcam a amplidão, e as nebulosas, que se desenfloram em mundos, tudo isto ama, tudo isto é a paixão, é o concerto unico e melodico do amor, é a orchestra divina da harmonia, cujas modulações infindas, ferindo as ethereas ondas, convergem para a derradeira e perfeita harmonia! Porque a vida é o liame sympathico, que une em intimo consorcio a creação e o creador. Porque o movimento é a melodia perenne e eterna, é a musica suavissima, é o fremito d'essa harpa, cujas cordas são os mundos, e cujo rythmo é o amor, cujas modulações são os canticos, que se alevantam do seio dos mundos. Nenhuma nota se perde, nenhuma discorda. A afinação é per-

petua. Oh! quem me déra amar tambem! Quem me déra ajuntar o meu hymno de amor á harmonia do universo! Quem me déra erguer-me e exclamar: eu amo, e no concerto suavissimo da natureza, achei eco do meu amor! Quem me déra encontrar um peito de mulher, um peito de anjo, aonde repousar das fadigas, aonde contar as pulsações do meu coração! Porque n'esse peito estaria eu todo, a minha alma, a minha vida. Esse peito seria o meu tabernaculo, o meu altar.

E depois....

— Como o sol mergulha no oceano! interrompi eu, sentindo-me arrastada, perdida, quasi louca ao ouvir as palavras inspiradas de Alfredo, que d'esta vez se me afigurava um vidente, um verdadeiro poeta, e não um homem mesquinho e vulgar. E era necessario interrompel-o. Eu seguia as suas palavras pasmada, absorta, como que vendo descerrarem-se novos mundos e horisontes novos nas trevas, que me circumdavam. Mas a vida, a vida real, negra, pobre, e misera! Ao lado d'aquelles esplendores via o derrocado solar de meus antepassados, que era forçoso reconstruir. Ao lado da poesia de Alfredo via o meu caracter derrancado pela educação, pela pobreza, e por ti, minha querida e pelos teus perfidos conselhos. Ah! Esta é a tristissima verdade. Sou incapaz de elevações. Como o passarinho ferido na aza, em vão quero alçar o vôo, que logo caio dolorida, rastejando nas sarças e silvados da vida. Mas era tal o meu enlevo, que não me atrevi a interromper Alfredo com uma observação futil ou zombeteira.

— Eil-o, exclamou logo Alfredo erguendo-se como o propheta sobre as ruinas de Babylonia. Eil-o, o rei do universo, a patria da suprema luz. Lá parece mergulhar nas ondas entumecidas, que enlouquecem de amores. Lá precipita no oceano o seu rio de fogo, que se espraia em jorros fervidos na athmosphera incendiada! Lá parece reclinar-se por entre franjadas de mil côres purpurinas, no throno real! Mas não! Mais altos são os seus destinos. Outras regiões o chamam, que de todos é vida. Todos os planetas o querem, todos o cortejam. Se eu pudera seguir-te, ó sol, no teu caminhar radioso! Se eu pudera bater as azas, como a borboleta, e volitar humilde e contente a cegar-me na tua luz! Se eu pudera levar nas azas aquella que eu amasse! Como me engolphara nas tuas ondas, ó sol! Como arquejára venturoso! Com que prazer eu deixára a terra! Vira tudo a meus pés! tudo me parecêra pequeno e desprezivel!

Embalado nas ondas luminosas, circumdado de mundos, cujo fragor não me assustára, eu fôra o mytho eterno do supremo anceiar da poesia humana.

Ah! mas sou apenas homem, sou fraco, e por mais que nade no infinito oceano, jámais chegarei á terra da promissão.

E Alfredo, como se a vida lhe houvéra faltado derepente, encostou-se ao tronco do olmeiro, e ficou pensativo e mudo. Eu estava assentada á beira da fonte. Paz-me a contemplal-o! Como aquelle homem era digno de amor! Que thesouro de poesia não encerrava aquelle coração! Que felicidade immensa para quem podesse colhel-o! E era eu, tão moça, era eu, com os meus dezoito annos, que assim pensava! Eu, sim, porque desejo a minha felicidade e a de Alfredo, porque não *quero* amal-o nem *devo* ser amada.

Iam entanto as sombras da noite invadindo a terra. No valle já não se divisava a casaria senão fossem os clarões, que brilhavam de quando em quando. Ergui-me e toquei no hombro de Alfredo, o qual como que accordou de profundo lethargo, em que a lembrança do presente se esvaecesse perante o devaneiar da phantasia.

— Ámanhã, disse-lhe, responderei.... poeticamente.

— A resposta é simples. Ama-me, ou não me ama? Sim ou não!

— Se eu soubesse! Ámanhã á tardinha aqui seremos. Venha armado de ponto em branco, que a liça hade ser de respeito. Tem em mim um adversario terrivel.

— Já estou vencido. Pertence á rainha da belleza o premiar-me.

— Eu sou apenas campeador.... por emquanto. Quem sabe aonde está a rainha da belleza? Talvez bem distante. O futuro a Deus pertence. Vamos, vamos. Meu pai já hade estar impaciente, á espera do chá.

E pusemo-nos a caminho. Felizmente a distancia é pequena, e passados dez minutos estavamos em casa.

Agora minha querida baroneza, que estou mais socegada, não sei como me poude sair do combate. Foi rude, não é assim? Mas como heide vencer Alfredo? O que heide fazer? Seriam vãos todos os meus projectos, e acabaria por amal-o, como qualquer camponeza? E as minhas juras? Não serei tão má, como me julgo? Serei capaz de uma grande paixão? Não quero pensar nem estudar. Entrego-me á sorte. Proteja-me o acaso.

Envia-te um beijo pelas auras a tua — VIOLANTE.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS

(Continua)

MOZART

Temos o grande maestro chegado ao apogéu do seu talento. Em 1781 escreve o *Idomeneu*, que foi representado em Munich. Esta opera indica a transição dos fructos precoces da sua infancia e da sua adolescencia para os fructos sasonados da sua mocidade. As formosas, mas de certo mais ou menos incorrectas, composições dos seus primeiros annos transformam-se n'esta opera na belleza perfeita, grave e classica. Engana-se comtudo quem suppozer que Mozart parou n'este ponto, em que se completa o desenvolvimento rapidissimo do seu talento. A aguia implumou-se rapidamente, subio de fraga em fraga, de alcantil em alcantil, attingio finalmente o pincaro sublime, onde só vê em torno de si raros companheiros, e onde póde sentir uma vertigem ao contemplar nos degráos d'essa escada de fraguedos, que elle subio velozmente, impellido pela febre do genio, os talentos de segunda ordem, que o

viram passar aterrados como que envolto n'um turbilhão; a seu lado, os velhos mestres, os patriarchas da arte do seu tempo, contemplam com espanto o moço de vinte e cinco annos, cheio de ardor e de enthusiasmo, que se lhes vem reunir no sitio aonde elles só chegaram depois de improbas fadigas. Mas Mozart nada vê do que o rodeia; levanta os olhos, e divisa a immensidade azul, a vastidão dos desconhecidos horisontes, o sol radiante em que os outros não ousam cravar os olhos. Foi então que elle se sentio devéras aguia, e que se arrojou com um grito d'enthusiasmo a esses espaços não sulcados.

Foi o amor quem lhe deu o arrojo, foi o amor quem o ensinou a pairar n'esse ambiente luminoso. Casára n'esse anno de 1781 com a celebre cantora Lange. Noivo ainda, em toda a effervescencia da sua paixão, na flor do seu affecto, compoz, por ordem do imperador José II, a opera *Belmonte e Constancia*. Esta opera, representada em 1782, foi o primeiro passo dado por elle na nova carreira.

A musica, até ahi, seguindo o exemplo da poesia, e moldando-se pelo espirito acanhado do seculo, tomára por ideal a correcção, a frieza classica, e não ousára eximir-se das regras, que prescreviam a magestade serena, que obrigavam a instrumentação a não passar de simples e pobres acompanhamentos, que dividiam cautelosamente os generos pondo para um lado o comico, o tragico para outro. O espirito allemão, ainda que mais livre do que o espirito das outras nações, agitava-se comtudo apenas nas abstracções da phylosophia, e na litteratura esperava ainda a palavra emancipadora de Goethe. Na musica a Allemanha reconhecia submissa a preeminencia da Italia, e recebia as licções dos seus mestres. Mozart não era ainda o homem que havia de emancipar o espirito nacional; o seu genio fogoso, doirado por um reflexo do sol italiano, que vai, reverberando nos gelos dos Alpes Tyrolezes, illuminar no sul da Germania a linda cidade de Salzburgo, não perceberia talvez o genio scismador de Beethoven, e a vaga e immensa melancolia do auctor d'Euryanthe. Mas o de que elle era muito e muito capaz era de revolucionar a arte, introduzindo-lhe a paixão, de ceder aos caprichos da sua inspiração, sem alterar muito sensivelmente as velhas formas, porem fazendo circular por baixo do tecido marmoreo da formosa mas fria estatua, que symbolisava a antiga arte, um sangue juvenil e ardente. O seu papel na musica corresponde ao que Bocage desempenhou entre nós na litteratura, ao que André Chénier desempenhou em França. Depois Weber e Beethoven na Allemanha, Rossini na Italia completariam a transformação.

Em 1785, continuando o caminho encetado, escreveu o *David Penitente*, e as *Bodas de Figaro*. Esta opera, que era a sua predilecta, assustou o publico de Vienna, que costumado a farças musicaes, não podia comprehender este novo genero d'opera comica com tanta vida, tanta amplidão, tão brilhantes melodias. Era a predecessora e a rival do *Barbeiro de Sevilha* de Rossini. Ainda hoje se representa com successo igual, ao que obtem a obra prima do maestro de Pesaro.

Finalmente em 1787 escreveu a sua grande obra, a que só por si lhe poderia dar a immortalidade, o *D. Juan*. Era a final um verdadeiro poema cheio de paixão, de elegancia, de sentimento, e ao mesmo tempo de alegria fina e ligeira. Para se avaliar a que distancia arrojára já o leão as velhas correntes das regras, basta lêr-se o conto d'Hoffmann *D. Juan*, e as estrophes, que Alfredo de Musset no seu poema *Namouna* consagra á serenata d'essa opera. Pedimos aos leitores que leiam ou releiam os trechos que indicamos.

Mas o homem caminhava para o occaso da existencia, sem que o genio perdesse um só dos raios da sua corôa. Tudo são obras primas d'ahi em diante: *Cosi fan tutti*, composta em 1790; em 1791 a *Flauta encantada*, a *Clemencia de Tito*, e o famoso *Requiem* a que não poude dar a ultima demão, e que servio para as suas proprias exequias. No dia 5 de dezembro d'esse mesmo anno, morreu d'uma hydropisia cerebral, em todo o vigor do seu genio, não tendo ainda completado trinta e seis annos!

Vendo desapparecer tão cedo da scena do mundo este vasto genio musical, o maior talvez de todos os tempos, occorre-nos o pensamento, que nos occorre tambem, vendo morrer Bocage, com quem já o comparámos, na mesma idade, tambem no vigor do seu genio, e deixando tambem um *Requiem* sublime—os sonetos, que dictou no leito do moribundo.

Esse pensamento é o seguinte: O que fariam estes grandes homens, se a morte os não arrebatasse, quando ainda a sua intelligencia, em pleno sazonar, promettia tantos fructos? Quem sabe? Sairam talvez a tempo. Estes audaciosos Titães, cuja fronte sublime topeta no Olympo, devem sair da scena antes que os esmaguem os montes que sobrepuzeram. Deus, que não quer vingar-se como o phantasiado Jupiter, não consente que os audazes Prometheus cheguem a tocar no fogo sagrado. *Le ciel*, diz Alfredo de Musset

...ressemble á l'âme humaine.
Il s'y trouve une sphère ôu l'aigle perd haleine,
Oú le vertige prend, oú l'air devient du feu,
Et l'homme doit mourir oú commence le Dieu!

PINHEIRO CHAGAS.

RESPEITO Á INFANCIA

Respeitaes a velhice, muito bem; mas respeitae tambem a infancia! respeitae n'essa alma, apenas emanada do seio da natureza, a imagem de Deos, que o halito corrompido da sociedade ainda não embaciou; respeitae os designios providenciaes que repousam n'esse berço.

Essa criança poderá ser um Homero, um Camões, um Descartes, um Washington, um Miguel Angelo; e se não é nada d'isto, não é já para vós a lembrança viva dos extasis do amor, o penhor e como que o sorriso da vossa immortalidade!?

....Porque para dar, e não para se guardarem as riquezas mundanas se hão de desejar.

FRANCISCO DE MORAES

Typ. Franco-Portugueza. Rua do Thesouro velho, 6

A CATARACTA DE CORRA-LINN

É o Clyde um dos rios mais pittorescos e mais consideraveis do sul da Escocia. Nasce este das montanhas de Lanark, banha as cidades de Lanark, Hamilton, Glasgow, Renfrew e Dumbarton, e lança-se, depois de um curso de perto de cem kilometros, no mar de Irlanda, proximo do castello de Dumbarton. O Clyde, navegavel até Glasgow para navios de grande tonelagem, fórma nas montanhas muitas cataractas celebres; citam-se entre outras a de Corra-house que tem vinte e oito metros de altura, a de Stonetyren que tem perto de vinte e sete, e a de Corra-Linn,

A cataracta de Corra-Linn.

que a nossa gravura representa, e que, não competindo com as outras na elevação, d'onde as suas aguas se despenham, as vence no pittoresco da situação.

O rio Clyde dá o seu nome ao golpho de Clyde, formado pelo mar da Irlanda no sitio onde esse rio desemboca, e ao canal do Clyde ou de Glasgow, que o liga com o Ford. O paiz, que as suas aguas banham, é um dos mais romanticos, dos mais ferteis e dos mais povoados d'essa parte da Grã-Bretanha. Um pouco acima de Glasgow encontram-se as forjas e as officinas de ferro do Clyde, que são as mais consideraveis da Escocia.

PALESTRAS HYGIENICAS

O pão

O pão é hoje considerado o principal alimento, não só pelo motivo da extrema diffusão do seu uso, como tambem por conter em si todos os principios nutritivos que a physiologia considera indispensaveis para a reparação e conservação das forças: fecula de assucar, materias gordas, substancias azotadas, principalmente gluten. É um alimento completo, no sentido que a hygiene liga a esta palavra; isto é, que empregado como sustento exclusivo, offerece, senão elementos de uma soberba reparação, pelo menos um mantimento sufficiente para a dilação de algum modo indefinita da vida. N'este caso póde tornar-se insufficiente por monotonia do regimen, mas não por falta de recursos alimentarios que apresente. Os gregos exprimiram esta idéa fazendo derivar a palavra pão de um verbo que significava *alimentar*. Denominavam o pão, *panos*, o alimento, como chamavam ás escripturas santas, *Biblos*, o *livro* por excellencia. Assim o uso do pão encontra-se no berço das mais antigas civilisações. A descoberta recente das aldeias lacustres ou aquaticas na Suissa fornece-nos uma nova prova do que avançamos. Effectivamente, achou-se no lago de Constancia, um antigo armazem contendo cem medidas de cevada e de trigo em espiga, e um pão, meio consumido pelo fogo, feito de cevada moida grosseiramente. Ora, esta civilisação lacustre, embora nos não tenhamos detido em calcular o numero de seculos ao qual é licito fazel-a remontar, não podemos, comtudo, deixar de a considerar como muito antiga. Depois, o peccado do nosso primeiro pai, pelo qual foi condemnado a ganhar o pão com o suor do seu rosto, consagra ainda melhor que outro qualquer testemunho historico a antiguidade do uso d'este alimento, e, em quasi todas as linguas, exprime methaphoricamente, não só a alimentação no seu todo,

mas ainda tudo o que constitue as necessidades essenciaes da vida.

Entre os povos mais antigos, o pão propriamente dito, isto é, o pão preparado por fermentação, não existia: o grão era simplesmente pizado ou pulverisado de um modo grosseiro; faziam depois a massa com agua e coziam-na em fornos ou debaixo da cinza, como o indica a sagrada Escritura. Este primitivo systema de fabrico existe ainda hoje entre certos povos, principalmente entre os Arabes do norte da Africa.

O desejo ardente, entre alguns homens eruditos, de saber se os mais antigos povos conheciam e utilisavam a arte de fazer pão fermentado, tem dado lugar a calorosas questões. Parece-nos, porém, que o facto do emprego do pão asmo em certas ceremonias religiosas implica necessariamente a idéa de que aos Hebreus não era estranho o pão de levadura. Os pães depositados todos os sabbados sobre as mezas de ouro do sanctuario e a festa dos Asmos, instituida em memoria da saída do Egypto, são a prova. Emfim, uma passagem do Exodo levanta toda e qualquer duvida a este respeito: «Comereis, diz o Senhor, pão sem fermento durante uma semana. Desde o primeiro dia, não consentireis fermento de qualidade alguma em vossa casa. Todo o que comer pão levedado durante os sete dias será expulso do reino d'Israel.» Quanto á origem do emprego da levadura, não se póde determinar, e é muito provavel que esta descoberta, tão importante no ponto de vista hygienico, seja, como muitas outras, resultado do acaso.

Os gregos faziam uso do pão com mais parcimonia do que nós, e é muito de notar que Homero, tão prolixo quando descreve os banquetes dos seus heroes, esquece quasi sempre o pão no meio da enumeração das comidas e bebidas de que usavam. Comtudo, este alimento acha-se indicado em dois pontos da Odyssea: na descripção do festim dado por Euméo a Ulysses e do offerecido por Menelau a Telemaco.

O uso do pão espalhou-se, pelo contrario, muito entre os Romanos, que adquiriram a arte de fabrical-o com uma certa perfeição e cujas fórmas e aspectos variaram com uma tal fertilidade de imaginação que as nossas padarias de luxo, certo, não desdenhariam. O pão de primeira qualidade era feito de trigo de Campania (Macrobio, *Satyricon*, lib. II, cap. XII). O pão de rala (*panis autopyrus* ou *panis secundarius*) fabricavam-no de farinha grossa da qual não separavam o farelo. Augusto preferia-o a qualquer outro, e os Romanos conheciam perfeitamente as suas propriedades laxantes, restituidas em honra dos nossos dias. O lictor, Habinnas, no Banquete de Trimalcião, descreve-as em termos que mostram que o latim nem sempre affronta impunemente a honestidade. É provavel que o *panis gradilis*, que se distribuia publicamente em nome dos imperadores nos dias de liberalidade, não passasse de pão de rala. O pão era redondo e sobre o comprido. Na padaria (*pistrinum*) descoberta em Pompeu, acharam-se muitos pães d'esta fórma, tendo pouco mais ou menos $0^{m},23$ de diametro, e cuja parte superior arredondada apresentava um lavor grosseiro. Um d'estes pães tinha em relevo a marca *siligo grani* (farinha de frumento), e os outros *é cicera* (farinha de chicharos). Esta precaução, tomada para garantir a fidelidade da venda, valia, certamente, a pena de ser renovada em nossos dias. O *artopticus* era um pão cozido em uma pequena fórma. Os Romanos coziam o pão em um vaso de barro esburacado (*clibanus*) ou em uma especie de forno de campo (*artopta*). Faziam uso tambem do pão sem levadura, já como alimento de appetite (*despticius panis*), já para a preparação dos biscoitos (*artos dipuros*) inteiramente analogos á nossa bolacha de embarque e que os soldados levavam nas suas longinquas expedições.

É uma das necessidades da nossa intelligencia o procurar a origem de todas as cousas; certamente, não digeriremos melhor um bocado de pão por sabermos donde elle vem e quaes as successivas transformações por que passou o grão na viagem da terra ao estomago; porém, digeril-o-ha com mais dignidade a creatura que obedece ás necessidades physicas, mas que as raciocina. Vamos entrar no dominio da chimica, mas de uma chimica que póde ser intelligivel sem deixar de ser exacta.

Dá-se um pouco impropriamente o nome de pão a todo o alimento preparado pela cozedura de uma farinha ou antes de uma fécula amassada com agua; taes o pão de frumento, de milho, de mandioca, de batata, etc. Numerosas tentativas, tendo por fim reduzir a pão a maior parte das féculas, hão sido feitas e ainda continuam a fazer-se; mas os seus productos, no ponto de vista do aspecto e sobretudo das qualidades hygienicas, não merecem o nome de pão. Este nome deve estar reservado só para o resultado da cozedura das massas de cereaes que passam por um principio de fermentação. O verdadeiro pão é este; os outros todos são imperfeitos.

(*Continua.*)

O CONDE ALLAMISTAKEO

O *symposium* da noite precedente havia-me deveras fatigado os nervos. Sentia uma horrivel enxaqueca e Morphêo perseguia-me tão furiosa e tenazmente, que me obrigava, bem contra minha vontade, a cortejar a miude minha mulher, que, depois de ter fallado as estopinhas, viera assentar-se defronte de mim com as contas na mão, dormindo e resando ao mesmo tempo. Em vez, pois, de sair de casa como tencionava, occorreu-me que o mais prudente era ceiar e, logo em seguida, metter-me na cama.

Naturalmente uma ceia *leve*. Eu adoro as torradinhas com manteiga. Ora, comer mais de uma em certas occasiões, não será muito rasoavel. Comtudo, não póde haver objecção material no numero dois. E, na realidade, entre dois e tres existe apenas a insignificantissima differença de uma unidade. Aventurei-me talvez a comer quatro. Minha mulher teimou que foram cinco; mas, evidentemente, confundio duas cousas bem distinctas. O numero abstracto cinco, estou disposto a admittil-o; mas no ponto de vista concreto refere-se ás garrafinhas do *puro Collares*, sem o adubo do qual as torradinhas podem causar gravissimos incommodos.

Escusado é dizer que a minha cara metade, durante a ceia, não esteve callada um minuto.—Vês, me dizia ella, assim é que procede todo o homem que, como tu, tem a felicidade de possuir uma mulher das mais nobres e distinctas qualidades. Deixa-te de noitadas, meu filho, e de acompanhares com esses que se dizem teus amigos. Os amigos nunca deram bom pago. Hão de ser a tua desgraça! Tu conhecerás o erro. Eu, aqui, feita uma escrava, e o senhor sempre, sempre em divertimentos! Mas está muito enganado comigo. Julga uma cousa e ha-de-lhe sair outra.—E foi seguindo uma escala progressiva até chegar á mais solemne descompostura que tenho levado em dias de minha vida. Foi este o resultado do meu bom procedimento.

Eu, já se vê, não proferi uma palavra. Concluido o banquete, entrei logo no meu quarto, puz o barrete da noite com a firme esperança de gozar d'elle até ás onze horas, pelo menos, do dia seguinte, deitei a cabeça sobre o travesseiro, e, graças a uma excellente consciencia, caí prestes em profundo somno.

Mas quando se realisaram completamente as esperanças do homem? Não tinha talvez concluido o terceiro ronco (o leitor não imagina o barulho que eu faço dormindo) quando uma furiosa campainhada retinio na porta da rua e logo impacientes argoladas, que me acordaram sobresaltado. Um minuto depois, e como eu ainda esfregava os olhos, minha mulher, a minha santa mulher, dirigindo-me, como sempre, as palavrinhas mais doces que é possivel imaginar, verdadeiras lasquinhas de ouro, pespegou-me mesmo em cima do nariz um bilhete do meu amigo doutor Alexandre, que dizia assim:

«Logo que receba este bilhete, meu amigo, deixe tudo e corra a esta sua casa. Venha participar do nosso jubilo. Finalmente, graças a uma pertinaz diplomacia, obtive o assentimento do director do museu para o exame da minha mumia; sabe de qual se trata. Deu-se-me licença para desenfaixal-a e mesmo para abril-a, se o julgar necessario. Só alguns amigos estarão presentes: superfluo é dizer que o tenho n'essa conta. A mumia está em minha casa, e o exame deverá começar pelas onze horas.—Seu amigo—*Alexandre.*»

Antes de chegar á assignatura, conheci que estava perfeitamente acordado. Saltei da cama n'um estado de delirio, remexendo tudo quanto tinha no quarto, vesti-me com uma ligeireza verdadeiramente milagrosa e dirigi-me a toda pressa para casa do doutor.

A sociedade que fui ali encontrar reunida não podia ser mais animada nem mais distincta. Estava tudo impaciente pela minha chegada. A mumia achava-se sobre a meza da casa de jantar; e logoque entrei, começou o exame.

Esta mumia era uma das que tinha trazido, havia alguns annos, o capitão Arthur, primo de Alexandre. Achou-as em uma sepultura perto de Elethias, nas montanhas da Libya, a uma distancia consideravel de Thebas. N'aquellas paragens, os carneiros, ainda que não tão magnificos como os sepulchros de Thebas, são comtudo de mais alto interesse, porque offerecem um numero infinito de *illustrações* da vida privada dos Egypcios. A sala d'onde havia sido tirado o nosso specimen passava por ser uma das mais ricas em documentos d'esta natureza; as paredes eram completamente cobertas de pinturas a fresco, e de baixos-relevos; estatuas, vasos e um mosaico de riquissimo desenho attestavam os grandes teres dos defuntos.

Esta raridade havia sido depositada no museu exactamente no mesmo estado em que o capitão Arthur a achára, isto é, o ataúde ficára intacto; e durante oito annos, assim esteve exposta á curiosidade publica, sómente o que diz respeito ao exterior. Tinhamos, pois, a mumia completa á nossa disposição, e os que sabem quão raro é chegarem antiguidades a nossas regiões em bom estado, poderão julgar das razões fortes que tinhamos para nos felicitarmos da nossa boa fortuna.

Approximando-me da meza, vi uma grande caixa de sete pés, pouco mais ou menos, de comprimento, tres de largura e dois e meio, talvez, de altura. Era oblonga, mas não em fórma de esquife. A principio suppozemos que era de madeira de sycomoro; mas, dando-se-lhe um golpe, reconhecemos que era de cartão, ou para melhor dizer, de uma especie de massa muito dura feita de *papyrus*. Era ornada grosseiramente de pinturas representando scenas funebres e diversos assumptos tristes por entre os quaes serpeava uma linha de caracteres hieroglyphicos, dispostos em todos os sentidos, que, sem duvida, significavam, o nome do defunto. Felizmente, o padre Gilberto fazia parte da companhia, e traduzio-nos sem custo os signaes, que eram simplesmente phoneticos, e formavam a palavra *Allamistakeo.*

Deu-nos algum trabalho o abrir a caixa sem causar-lhe prejuizo; mas, logoque o conseguimos, encontrámos uma segunda em fórma de féretro, cujas dimensões eram muito inferiores ás da primeira, mas, em tudo o mais, semelhante. O intervallo entre as duas caixas estava cheio de resina, que, até certo ponto, tinha deteriorado as côres da interior.

Depois de abrirmos esta, o que fizemos facilmente, achámos uma terceira, egualmente em fórma de caixão, e não differindo em cousa alguma da segunda, senão na materia, que era cedro, e exhalava o cheiro fortemente aromatico que caracterisa esta madeira. Entre a segunda e a terceira caixa não havia intervallo; esta adaptava-se exactamente áquella.

Abrindo a terceira caixa, descobrimos, em fim, o corpo e levantamol-o. Esperavamos achal-o, como de costume, rodeado de muitas fitas, ou tiras de linho; mas, não succedeu assim: estava mettido em uma especie de bainha, feita de *papyrus*, e revestida de uma camada de gesso toscamente pintada e dourada. As pinturas representavam va-

rios assumptos com relação aos diversos deveres suppostos da alma e á sua apresentação a differentes divindades; depois um grande numero de figuras humanas,—provavelmente retratos de pessoas embalsamadas. Da cabeça até aos pés estendia-se uma inscripção columnaria ou vertical, em hiéroglyphos phoneticos, dando novamente o nome e os titulos do defunto e os nomes e os titulos de seus paes.

Á roda do pescoço, que nós facilmente tirámos do seu envoltorio, tinha um collar de contas de vidro cylindricas, de differentes côres, e dispostas de modo que figuravam imagens de divindades, a imagem do Scarabéo, e outras com o globo alado. Na cintura via-se um collar semelhante.

Levantando um pouco o *papyrus*, encontrámos as carnes perfeitamente conservadas e sem cheiro algum sensivel. A côr era avermelhada; a pelle dura, lisa e lusidia. Os dentes e os cabellos mostravam-se em bom estado. Os olhos, ao que parecia, haviam sido tirados e substituidos por outros de vidro, magnificos e simulando admiravelmente os naturaes; salvo a sua fixidade um pouco pronunciada. Os dedos e as unhas estavam dourados brilhantemente.

Da côr avermelhada da pelle, o padre Gilberto inferio que o embalsamento havia sido praticado unicamente pelo asphalto; mas, raspando-se-lhe a superficie com um instrumento de aço e lançando no fogo os grãos de pó obtidos d'este modo, sentimos desenvolver-se um perfume de camphora e outras gommas aromaticas.

Examinámos cuidadosamente o corpo, para acharmos as costumadas incisões por onde se extrahem as entranhas; mas, grande surpreza! não podemos descobrir o menor signal. Nenhum dos da sociedade sabia ainda que não é raro encontrar mumias intactas, sem incisões. Ordinariamente os miolos tiravam-se pelo nariz, os intestinos, por uma pequenissima incisão no flanco, e o corpo era em seguida rapado e salgado; deixavam-n'o n'este estado algumas semanas e depois, por assim dizer, é que começava a operação do embalsamento.

Como se não podia encontrar signal algum de abertura o doutor Gilberto preparava os seus instrumentos de dissecção, quando lhe fiz ver que eram já mais de duas horas. Á vista d'isto, concordámos todos em deixarmos o exame interno para a seguinte noite; e estavamos já para nos separarmos quando alguem suggerio uma ou duas experiencias com a pilha de Daniel.

A applicação da electricidade a uma mumia que tinha pelo menos os seus tres ou quatro mil annos era uma idéa, senão muito sensata, sufficientemente original, e por tanto abraçamol-a sem mais reflexões. Para este magnifico projecto, no qual entrava uma parte de serio e nove boas partes de brincadeira, dispozemos uma bateria no gabinete do doutor e transportámos para ali o Egypcio.

Não foi sem grande custo que conseguimos descobrir uma parte do musculo temporal, que parecia de uma rigidez menos marmorea que o resto do corpo, mas que naturalmente, como bem esperavamos, nenhum indicio de susceptibilidade galvanica apresentou quando o pozemos em contacto com a corrente. Este primeiro ensaio pareceu-nos decisivo; e desatando todos a rir do disparate, já reciprocamente nos desejavamos uma feliz noite, quando os meus olhos encontrando-se por acaso com os da mumia ficaram presos com espanto. De facto, o primeiro olhar foi sufficiente para assegurar-me de que os globos, que nós todos tinhamos julgado serem de vidro, e que a principio se distinguiam por uma certa fixidade singular, estavam agora tão naturalmente cobertos pelas palpebras que só uma pequena porção da conjunctura era visivel.

Dei um grito, e attrahi a attenção sobre este facto, que immediatamente se tornou manifesto para todos.

Não direi que estava *atemorisado* pelo phenomeno, porque a palavra atemorisado, no meu caso, não seria precisamente a palavra propria, e até estou persuadido que, sem a minha provisão do *Collares*, o facto não me teria causado a mais leve admiração. Mas, os outros personagens da sociedade! esses é que não poderam occultar o seu terror. O doutor Alexandre fazia dó vel-o. O padre Gilberto, não sei porque processo particular, tinha-se tornado invisivel, e o barão de Sousa não póde negar que fez de quadrupede debaixo da meza. O caso, na verdade, não era para menos.

(*Continua.*)

O CHACAL E A RAPOSA

O Leão achando-se doente, todos os animaes correram a visital-o, excepto a Raposa. O Chacal, que desejava compromettel-a, approximou-se do rei das féras, e disse-lhe:

—Senhor, todos os vossos subditos vieram vervos; só a raposa faltou a este dever. Um tal esquecimento é uma offensa a Vossa Magestade.

Informado d'este caso, a astuta Raposa dirigio-se immediatamente á morada do Leão.

—O que te prendeu? lhe perguntou este.

—Senhor, respondeu aquella, sabendo da vossa doença, tratei logo de procurar um remedio para curar-vos; corri por montes e por valles, até que, felizmente, o descobri.

—Qual é, pois, esse remedio? tornou o Leão.

—Um especifico que existe na pata do chacal.

O Leão, logo que isto ouvio, lançou-se ao Chacal e partio-lhe a perna; escusado é dizer que tal especifico não encontrou.

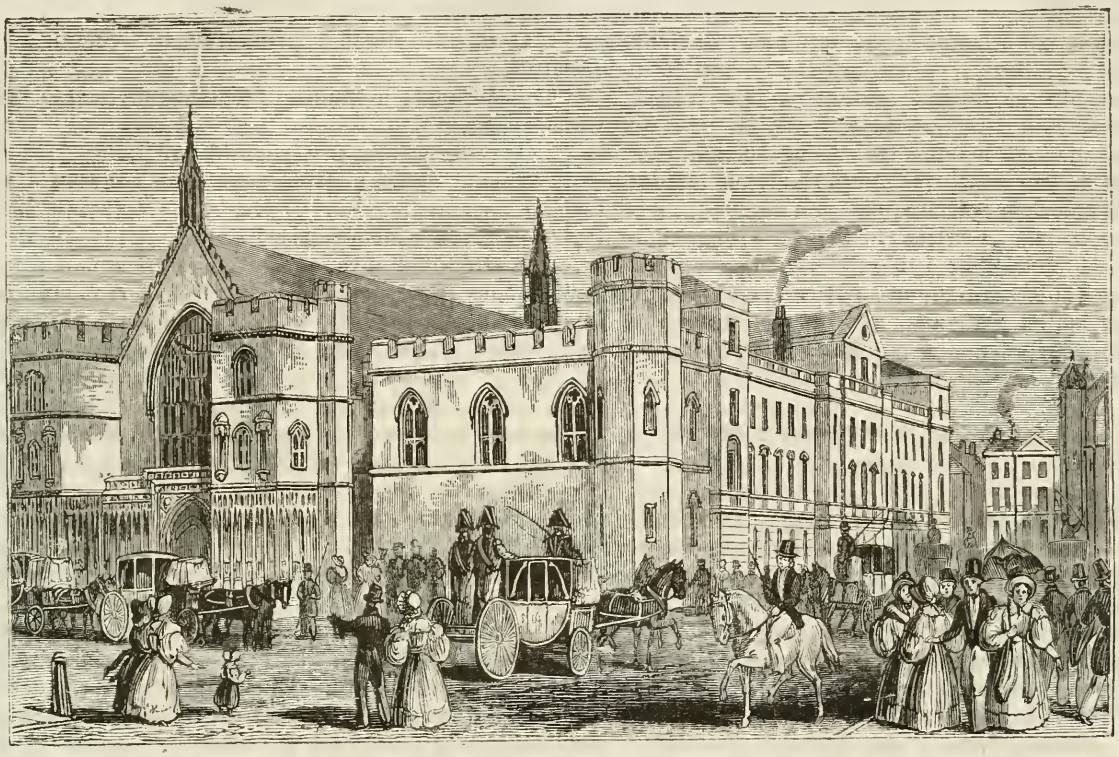
Quando o traidor saio, a Raposa foi-lhe na pista e dirigio-lhe as seguintes palavras:

—Olá! meu nobre cavalheiro, de hoje em diante quando vos achardes na presença do rei, aconselho-vos a que ponhais um freio na lingua. A boa fé deve presidir a estas assembléas. (1)

(1) Compare-se com a fabula de Lafontaine, liv. VIII, fabula III

WESTMINSTER-HALL

Defronte da sumptuosa abbadia de Westminster ergue-se um edificio, que se denomina *Westminster-Hall,* ou sala de Westminster, nome que lhe vem de uma sala magnifica, mandada construir por Guilherme II, filho de Guilherme o Conquistador. Esta sala é a maior da Europa, depois da do palacio de justiça de Padua, e da do theatro d'Oxford. Tem trinta metros de altura, noventa e dois de comprimento, sessenta e tres metros e trinta e tres centimetros de largura. O tecto abobadado, feito de nogueira artisticamente lavrada, esteia-se em magnificos pilares.



Westminster-Hall.

Foi construida para n'ella se celebrarem festas da côrte, e na coroação de Ricardo II deu-se alli um jantar a dez mil convidados. Ha muito tempo que serve para os grandes processos politicos, e para os julgamentos da camara dos pares. Mas acima de tudo tem esta sala uma triste celebridade. Ali se pronunciou a sentença do infeliz Carlos I.

No vasto edificio, onde este magnifico salão existe, reuniam-se tambem as duas camaras do parlamento e os tribunaes superiores de Londres. Mas no dia 16 de outubro de 1834 um terrivel incendio destruio a parte de *Westminster-Hall* que servia para as sessões da camara dos communs, e em consequencia d'isso tratou-se de se erigir um novo edificio, destinado especialmente ao parlamento. Este novo e sumptuoso palacio, cuja construcção foi dirigida pelo architecto Carlos Barry, principiou a ser edificado em 1840 e já no dia 15 de abril de 1847 ali se reunia pela primeira vez a camara dos pares.

O actual edificio do parlamento denomina-se *Westminster-Palace.* Westminster-Hall pertence agora exclusivamente aos tribunaes superiores.

.....*Omnia vincit amor.* VIRGILIO.
O amor nada acha invencivel.

O POLYPHEMO DOS RUSSOS

O leitor, sem duvida, conhece, pelo episodio que o grande Homero introduzio no nono canto da *Odyssea*, o Polyphemo dos Grégos, esse gigante com um só olho no meio da testa, que vivia em um antro e devorava os desgraçados que lhe caiam nas mãos. Lembra-se, como o astuto Ulysses conseguio enganal-o, prival-o da vista e escapar-se-lhe, emfim, com muitos dos seus companheiros. Pois, nem só a antiga Grecia conheceu este mytho. «Foi igualmente popular, diz o erudito Grimm, entre os Persas e os Tartaros; e ainda hoje ouvireis d'elle fallar em regiões mui distantes umas das outras: entre os povos da Transylvania, na Esthonia, entre os Finlandezes, nas montanhas da Noruega e mesmo em Allemanha. Mais do que outro qualquer parece poder ser proposto como um exemplo da maneira como se espalham e se conservam as tradições poeticas. No momento em que pela primeira vez nos apparece, esconde-nos logo a sua origem e faz-nos presumir que teve uma existencia anterior. Mostra-se em paizes afastados uns dos outros, conserva-se atravez dos seculos, e desapparece para renascer forte e vivaz. Longe de prender-se ao solo em que nasceu, percorre differentes regiões, mudando por toda parte de fórma

e de côr, desenvolvendo-se ou comprimindo-se, mas deixando sempre adivinhar a sua grandeza primitiva no meio d'estas incessantes metamorphoses.»

É na memoria, d'onde estas linhas foram extraidas, lida na Academia de Berlim em 1857,[1] que é preciso seguir as curiosas transformações que o mytho soffreu, passando de idade em idade e de povo em povo. Comtudo, n'este estudo o celebre Grimm não esgotou todas as fontes; contentou-se com reproduzir, para comparal-as, um certo numero de narrativas que offereciam traços mui distinctos e caracteristicos. Eis aqui, pois, uma de que elle não fez menção, e que foi publicada depois de sua morte na collecção allemã *das Inland*. Esta narração barbara, que contrasta com a fabula ornada pelo espirito brilhante e engenhozo da Grecia, approxima-se por diversos rasgos das lendas conservadas em alguns paizes, especialmente na Servia e na Esthonia; mas encerra outros que lhe são proprios e que se não encontram em outra parte.

A papa-gente, o ferreiro e o alfaiate

CONTO RUSSO

Era uma vez um ferreiro, que disse comsigo:

— Nunca até hoje experimentei o mais leve desgosto. Conta-se, não obstante, que o mal existe: quero tambem conhecel-o.

E logo se poz a caminho, com o seu martello, á procura de aventuras. Encontrou um alfaiate.

— Deos te abençoe, lhe disse.

— Aonde vais? respondeu o alfaiate.

— Dizem, amigo, que ha mal no mundo; eu não o conheço, e portanto vou em busca d'elle.

— Então, viajemos juntos, tornou o alfaiate; tenho sido sempre feliz, e procuro tambem a desgraça.

E partiram ambos. Depois de algumas horas de caminho, acharam-se em um bosque espesso e sombrio; seguiram por um pequeno atalho e chegaram a uma casa de bella apparencia; como fosse já noite fechada resolveram parar.

Entraram: não havia ninguem. Assentaram-se. D'ahi a pouco viram apparecer uma mulher de grandissima estatura, magra, e que só tinha um olho.

— Vejo que tenho hospedes, disse ella; sêde bem vindos.

— Boa noite, mãesinha; vimos pedir-te agasalho.

— Muito bem; terei ao menos de que ceiar.

Os dous aventureiros não ficaram com este dito muito senhores de si.

A velha foi buscar um grande braçado de lenha e lançou-lhe o fogo para aquecer o forno; depois, examinando um e outro dos seus hospedes, agarrou o pobre alfaiate, degolou-o, assou-o, e comeu-o.

O ferreiro, logo que vio o seu companheiro devorado pela velha, disse:

— Mãesinha, eu sou ferreiro.

— Que sabes tu fazer?

— Sei fazer tudo.

— N'esse caso, quero que me forjes um olho.

— De muito boa vontade; mas, tens uma corda? Porque é necessario que eu te ligue, aliás nunca poderia satisfazer o teu desejo.

A velha foi buscar duas cordas, uma delgada e outra muito grossa.

O ferreiro ligou-a primeiramente com a mais fraca.

— Vejamos mãesinha, faze um movimento com o corpo.

A velha mexeu-se e a corda partio.

Tomou então a corda mais grossa e atou a velha fortemente.

— Move-te agora, mãesinha.

A velha agitou-se, mas a corda resistio. Logo, o ferreiro pegou em uma barra de ferro, pol-a ao fogo, e, em seguida, applicando-a em braza sobre o unico olho da sua victima enterrou-lh'a com todas as suas forças, auxiliado pelo martello; mas, a velha atormentada pela grande dôr, sacudio os membros de modo tal, que partio a corda e correndo immediatamente a collocar-se diante da porta, exclamou:

— Espera, espera, malvado, não me has de escapar.

O ferreiro vio outra vez os seus negocios muito malparados. Pensava no que faria, quando os carneiros voltavam do campo. A velha, conforme o costume, deu-lhes entrada em casa para passarem a noite. Na manhã do dia seguinte, quando estavam para sair, o ferreiro lançou mão da sua pelliça, feito de pelles de carneiro, e cobrio-se com ella, tendo o cuidado de voltar o pello para fóra; depois, andando com os pés e as mãos, seguio os carneiros. A velha fazia-os passar a um e um, agarrando-os pelo lombo e atirando-os para fóra da porta. O ferreiro, felizmente, tambem saio, e logo que se vio fóra de casa, poz-se de pé e exclamou:

— Adeos, velha excommungada; bastante me fizeste soffrer; mas agora não tens mais poder sobre mim.

— Espera, espera, disse a velha; ainda não se te acabaram os trabalhos.

O ferreiro seguio o atalho que o tinha conduzido á casa da gigante. Avistou uma arvore onde estava enterrada uma machadinha, cujo cabo era de oiro; quiz apoderar-se d'ella; mas a mão ficou-lhe presa e não poude dar nem mais um passo. A velha corria atraz d'elle.

— Vês, patife, lhe disse ella, não me escapaste.

O ferreiro, não vendo boas nem más tirou o martello da algibeira e partio com elle o braço; foi por este preço que o infeliz conseguio libertar-se. E quando chegou á sua terra, poude então dizer:

— Agora conheço o mal. Vêdes o meu braço mutilado? Apenas perdi a mão, mas o meu camarada perdeu a vida.

1 Foi traduzida na *Revista Germanica* de 31 de Março de 1860

CHRONICA GEOGRAPHICA

Duchaillu no rio Fernando Vaz—O paiz Ashira e o regulo Olinda — Os territorios de Bekelai, Komba e Avia — Explica-se a verdadeira causa porque Duchaillu não atravessou a região dos Apingi — As bexigas attribuidas a Duchaillu — O que é o *alumbi* — Os Apono — Negros anões — Mulheres de 4 pés d'altura — O paiz accidentado dos Ashango — Incidente funesto — Aggrava-se a situação — Lucta — Duchaillu é ferido — Observações de Owen, Edwin, Read, Harris e Crawfurd relativamente á viagem de Duchaillu.

Uma das viagens que ultimamente prenderam mais as attenções de todos os que se interessam pelos progressos da civilisação foi, por certo, a de Duchaillu pelas regiões marginaes do rio Fernando Vaz na costa occidental da Africa.

Aquelle viajante foi recebido com inequivocas demonstrações de sympathia pelos indigenas: desgraçadamente, porém, perdeu a embarcação que encerrava a maior parte dos instrumentos d'observação. Em quanto esperava a remessa d'outros empregou o tempo a colligir specimens da *fauna* e *flora* do paiz.

Vencidas muitas difficuldades para a organisação da partida, chegou á aldeia do regulo Olinda, situada no paiz d'Ashira: pelo caminho que levou o explorador, aquella aldeia demora a 110 milhas (177 kilom.) da embocadura do rio Fernando Vaz. Olinda acolheu perfeitamente Duchaillu, o qual, em breve comprehendeu que tão magnifica recepção era interesseira, e tinha apenas em mira os presentes que o regulo esperava obter do viajante.

Deixando o paiz d'Ashira, atravessou os territorios dos Bekelai, dos Komba e dos Avia para vêr as cataractas de Samba-Nagoshi, ás quaes elle não havia podido chegar na sua primeira viagem.

Tendo alcançado e descido durante algumas horas o rio Ovigui, o viajante e a sua comitiva desembocaram no grande Rembo que ia mui caudaloso pelas chuvas.

Finalmente entrou na aldeia de Suba, que pertence á tribu dos Avia. As regiões que atravessou tem muitas aldeias abandonadas, que lhes dão um aspecto monotono e melancholico.

Regressando Duchaillu para junto d'Olinda propoz-lhe internar-se no paiz dos Apingi; Olinda, porém, observou-lhe que aquella viagem não era possivel, por isso que, breves dias apoz a sua primeira visita aos Apingi, Remandji, o chefe da tribu, havendo morrido, o povo attribuio a sua morte ao estrangeiro que o tinha assassinado *para viajar com o seu espirito*. Em presença d'este facto, resolveu, pois, Duchaillu passar pelo territorio dos Otanda, um pouco ao sul dos Apingi.

Em quanto Duchaillu fazia os preparativos de viagem uma aterradora epidemia de bexigas se manifestou; augmentaram, conseguintemente, os perigos e as difficuldades da sua situação. Olinda succumbio ao flagello, e o viajante foi accusado de o haver feito morrer por artes magicas.

Conseguio finalmente deixar o paiz dos Ashira pelo dos Otanda. Ainda ali as bexigas grassavam por toda a tribu; apenas o chefe d'ella não tinha sido ainda acommettido: recusava, porém, receber Duchaillu, porque affirmava elle, o homem branco para toda a parte por onde caminha leva comsigo a morte e mata o chefe, e d'isso eram testemunhas Remandji e Olinda. A fatalidade quiz que, 4 dias depois da sua chegada a Mayolo, o regulo Otanda caisse doente, e que a vida d'elle fosse ameaçada com a morte.

Emfim restabeleceu-se e o explorador preparou-se para continuar a viagem.

Mayolo não era máu, porém sim muito interesseiro.

Duchaillu em pouco tempo descobrio que Mayolo se propunha exercer sobre elle um estratagema aconselhado pela superstição, que se denomina o *alumbi*. Eis aqui em que consiste: quando morre um regulo, corta-se-lhe a cabeça e colloca-se em um vaso no meio d'uma massa d'argila; todas as partes molles e as liquidas são absorvidas e o craneo é conservado na casa *d'alumbi;* o chefe, por essa occasião penetra ali e raspa uma certa quantidade de pós dos ossos, que se misturam com o alimento, e que se dá ao hospede sobre o qual se pretende operar o encantamento.

As suspeitas de Duchaillu nasceram da pontualidade com que lhe era remettida uma comida já perfeitamente preparada. Com o tempo havendo sido avisado da existencia d'este costume, recusou tocar nas comidas que lhe mandavam.

Depois de ter deixado a aldeia de Mayolo situada a 40 milhas (64 kilom.) E. S. E. da aldeia d'Olinda, capital dos Ashira, marchou quasi directamente para o lado de leste atravessando o paiz dos Apono, onde os indigenas lhe suscitaram mil embaraços temendo a invasão das bexigas. Uma vez lançaram fogo ás florestas para impedir a marcha d'elle.

Os Aponos tem o singular costume d'arrancarem dois dentes incisivos superiores. São muito guerreiros, porém excessivamente dados á embriaguez. Internando-se mais para leste, foi entre elles que Duchaillu achou a ultima noção dos objectos ou armas de fogo dos europeus.

Desde ali entra-se nos dominios das tribus primitivas.

Aos Apono succedem os Ishogo, população benevolente, que prima na fabricação dos fatos com a epiderme das folhas de palmeira.

Foi ali que encontrou uma tribu errante de negros de pequena estatura. Nunca trabalham, levam uma vida vagabunda, residem pouco tempo no mesmo lugar, e parecem constituir o typo inferior dos seres humanos. Apanham a caça em armadilhas e laços e trocam-na por outros objectos nas tribus em que residem.

A pelle d'elles apresenta uma leve coloração escura; ainda que sejam de pequena estatura são bem conformados, geralmente cabelludos em grande parte do corpo. Os cabellos são mais curtos que os dos negros d'esta região.

As mulheres, das quaes elle medio algumas, teem de 4 pés a 4 pés e 5 pollegadas d'altura.

Apartando-se dos Apono entrou no territorio dos Ashango. Á medida que caminhava achava o paiz mais montanhoso e cortado d'accidentes que demoram consideravelmente a marcha. A estrada

era uma vereda estreitissima, atravez da espessura da floresta: a escolta do viajante era obrigada a marchar a um de fundo, transpondo as collinas e os valles, os rochedes, e as arvores derrubadas, que obstruiam o caminho.

Na aldeia de Mongon pertencente aos Ashango a 265 milhas (426 kilom.), pela estrada, da foz do Fernando Vaz, o barometro aneroide deu uma altitude de 2472 pés (733 metros). Para a frente appareciam, intervalladamente, os cumes d'uma cadeia de montanhas mais elevadas; não ha, porém, planuras elevadas; tudo são subidas e descidas. O céo n'aquella altitude, era geralmente encoberto por nuvens, e um tenue vapor pardacento velava os topos das collinas revestidas de frondosos arvoredos.

Para fallar com propriedade, diz o viajante, não ha estação secca n'aquella região accidentada, onde chove mais ou menos durante todo o anno. As maiores chuvas que Duchaillu observou foram de 6 ½ pollegadas ($0^m,165$) em 24 horas.

Os Ashango mostraram-se mais hospitaleiros, posto que sejam um povo bellicoso. As suas aldeias, assaz consideraveis—ha algumas de 300 cabanas — são afastadas uma das outras; communicam-se por caminhos abertos nas florestas.

A viagem parecia dever continuar com egual felicidade; porém Duchaillu foi demorado muitos dias na aldeia de Monaou-Kombo a 440 milhas do rio Fernando Vaz pelo chefe da tribu, o qual lhe disse que uma povoação collocada á beira da estrada estava resolvida, a oppôr-se á passagem d'elle. Decorrido pouco tempo, chegavam á aldeia 4 enviados d'aquella povoação, e o chefe Monaou-Kombo deu de conselho aos homens da comitiva do viajante que atemorisassem aquelles emissarios atirando tiros. «A espingarda d'um homem dos meus, — diz Duchaillu—tinha accidentalmente, ferido mortalmente um indigena, que morreu sem estrebuxar.» Os naturaes fugiram em todos sentidos, e, julgando a posição grave, Duchaillu procurou reconduzil-os e apazigual-os offerecendo-lhes o preço de vinte homens. Estas negociações teriam provavelmente proseguido se a balla, que havia feito uma primeira victima, não houvesse produzido uma segunda, penetrando atravez das paredes d'uma cabana: a segunda victima era a irmã do indigena que mais propenso estava para a reconciliação.

O tambor de guerra retumbou por toda a parte; os viajantes foram forçados a operar, atravez da aldeia, uma retirada, em a qual foi abandonada a parte mais preciosa das bagagens; em torno d'elles chovia uma saraivada de flechas; Duchaillu e um dos d'elle foram feridos; tendo chegado os homens da escolta aos caminhos das florestas, atiraram fóra tudo que levavam, para fugirem mais rapidamente; Duchaillu, que guardava a rectaguarda com o homem que tinha causado aquelle accidente, soffreu o doloroso desgosto de ver os seus instrumentos, collecções, photographias, cadernos de notas juncarem o terreno e perdidos irremediavelmente. Ao retirar recebeu uma nova ferida, feita com uma flecha envenenada a qual, felizmente, resvalou pelo cinturão do revolver. Apoz estes successos e varias outras peripecias, a expedicção chegava no fim de setembro do anno passado ao rio Fernando Vaz.

Ahi fica pois a noticia resumidissima da ultima exploração do intrepido viajante. É um extracto do que ha poucos mezes a *Sociedade de geographia de Londres* escutou attentamente. Em seguida á leitura da descripção da viagem houve as seguintes observações por parte de homens muito notaveis. Por isso aqui as registramos.

O professor Owen, em particular, recordou que o *British Museum* devia a esta segunda viagem de Duchaillu interessantes *specimens* de pelles de gorillas, um lagarto de escamas, animal de sangue quente do genero *Manis*, que se alimenta com as termites, tão numerosas n'aquella parte da Africa, um ninho de chimpanzé, etc., etc. — O presidente observa que Duchaillu tinha trazido d'esta ultima viagem uma harpa dos naturaes do paiz; as cordas são feitas de fibras herbosas, e todavia podem produzir sons musicaes. — M. Edwin Dunkin dá interessantes detalhes ácerca das observações astronomicas do viajante; são estas muito numerosas e a posição de Mayolo, particularmente, foi determinada em longitude por 30 observações de distancias lunares. — Winwood Read, que em 1862, percorria os paizes dos Fans affirma que estes povos são canibaes, assim como Duchaillu o sustenta. — Harris confirma o dizer de Duchaillu, quanto á harpa indigena, que tambem é usada na Serra-Leôa. Um costume analogo ao do *alumbi* se encontra no districto de Sherboro; ali, não se conservam os restos dos antepassados na casa; porém fazem-lhes sacrificios quando partem para viagem ou emprehendem negocio importante, Harris encontrou uma tribu canibal, os Bushy, que levam em cestos a carne dos seus prisioneiros e sustentam-se d'ella durante muitos dias. — Crawfurd não admitte que os anões de quem fallou Duchaillu formem uma tribu separada; não seriam, porventura, individuos pertencendo á mesma raça que os indigenas da visinhança, e expulsos por causa da sua pequena estatura? — Duchaillu observa que os indigenas da Africa equatorial occidental teem cabello comprido, ao passo que estes anões teem cabello curto no alto da cabeça. Assimilham-se aos Bushmen da Africa austral.

ALFREDO MAY

.....Silencio! deixa
Ao coração do triste o seu segredo
Espreitar indiff'rente os pensamentos
Que os labios do infeliz feixam no peito,
Curiosidade é van, mal generosa
E de animo insensivel: não exijas,
Se o podes consolar, preço tam duro
Por teus confortos. Pouco vale a dextra
Que não inxuga as lagrimas do afflicto,
Sem lhe rasgar primeiro os seios d'alma
Para lhe esquadrinhar do peito a causa.

GARRETT.

Typ. Franco-Portugueza, Rua do Thesouro Velho, 6.

MONUMENTOS NACIONAES ANTIGOS

I

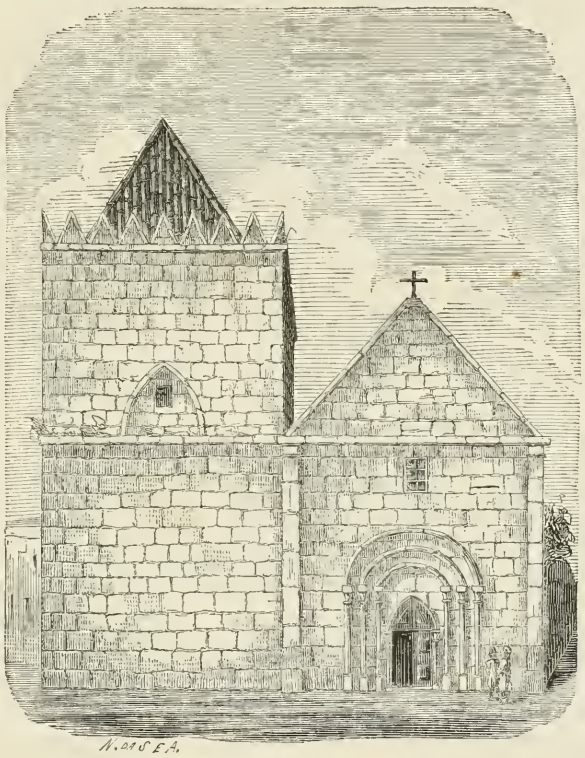
Igreja de Santa Maria d'Aguas Santas

> Hoje em mosteiros, em igrejas, em cathedraes teriamos inestimaveis monumentos, se n'esta terra tivesse havido um vislumbre de gosto puro.
> Sr. ALEXANDRE HERCULANO, no vol. 2.º do *Panorama*; pag. 268.

Verdadeira, e algum tanto a proposito vem a epigraphe. Em Portugal, e principalmente nas provincias do norte, em geral, são os nossos templos anteriores ou pouco posteriores á fundação da monarchia. Mas, a não o dizer a historia, quem seria capaz de o reconhecer pela sua actual architectura? Quem não lamentará a maneira pouco delicada com que desagradecidos temos adulterado as obras de nossos maiores? Mas passemos ao assumpto, porque nossas queixas nada podem já remediar, e vamos dizer algumas palavras a respeito da antiquissima igreja de Santa Maria d'Aguas Santas, da igreja digo, porque do mosteiro nem ruinas já existem.

A mui pouca distancia da cidade do Porto encontram-se tres igrejas notaveis principalmente pela sua antiguidade — Leça do Balio, Santa Maria d'Aguas Santas, e S. Verissimo de Paranhos. Esta ultima, tirada sua muita antiguidade, nada tem que na actualidade a torne notavel, senão o ser muito frequentada por occasião de suas procissões. (1) Leça do Balio é monumento sumptuoso, e de recordações historicas. (2) A igreja d'Aguas Santas, no Concelho da Maia, não tendo sumptuosidades de edificio, é com tudo mais rica em recordações historicas, que a de Paranhos, e d'ellas vamos fazer resumida menção, em harmonia com os limites concedidos pelo *Panorama*.

Sahindo do Largo da *Agua Ardente*, na cidade do Porto, mettendo-nos em a extensa rua do Costa Cabral, entramos no fim d'esta na Estrada da Travagem. A meia legua aproximadamente do principio d'esta estrada, defronte da casa conhecida vulgarmente pelo nome do *Brazileiro*, (3) ha um comprido atalho, que nos leva á Igreja *d'Aguas Santas*, nome que parece derivar-se d'uma fonte proxima do templo, da qual tambem o Mosteiro bebia. (4) A proximidade do templo é assignalada por algumas cruzes de pedra, e pela capella de S. *Miguel o Anjo*, a qual exteriormente mostra antiguidade. A poucos passos d'aqui vamos entrar n'um pequeno largo, do qual enxergamos extensos campos, quintas, e as alvas paredes da igreja de S. Thiago de Milheirós.



A frente da igreja de Santa Maria d'Aguas Santas, pelo esguio da porta, antiga torre de sinos ao lado, e carcomido do seu granito, mostra veneranda ancianidade.

No lado do norte ha uma pequena porta, que leva á Sachristia, e a poucos passos encontra-se a porta travessa da igreja, e dois sarcophagos antigos.

Do lado do Sul ha tambem seis sarcophagos, ou antes caixões de pedra, dos quaes os tres primeiros e o quinto não têem inscripção alguma; do quarto apenas se podem perceber palavras, que designam estar ali enterrado um certo Manoel, da casa da Maia, e as do sexto estão já inintelligiveis por se acharem a maior parte das palavras inteiramente apagadas.

Nada offerece de notavel o interior da igreja alem dos vestigios de sua muita antiguidade. É templo pequeno, mas de duas naves, o que não é vulgar em Portugal, tendo cinco capellas, e dois pequenos altares no cruzeiro.

No tempo, em que Luiz Cardoso (5) escrevia o seu Diccionario geographico, era esta igreja Commenda da Religião de S. João Baptista de Malta, e o parocho Vigario perpetuo apresentado pelo Commendador, e collado pelo Vigario Geral da mesma Ordem, e tinha quatro beneficios simples, cada um com sua casa de residencia, e pertencendo a todos em commum a terça parte dos dizimos e renda da igreja, e as outras duas partes ao Commendador, para quem a commenda rendia tres mil cruzados.

É antiquissima a fundação d'esta igreja,

A existencia d'ella no tempo de D. Thereza é authenticamente confirmada pelo livro da demanda do Bispo D. Pedro (6), onde se encontra uma carta regia pela qual a Rainha D. Thereza dá ao Bispo D. Hugo e successores da Sé qualquer herdade, que Aguas Santas tivesse até esta data na nova demarcação do Couto do Porto. Era 1158, dia da Paschoa, em Abril, isto é, aos 14 das calendas de Maio, anno 1120 (7). Tambem d'ella nos faz menção Viterbo (8) como existindo com moradores em 1120, por ser uma das expressamente nomeadas (*De aquis Sanctis*) na Bulla de Calixto II, ás quaes se manda, que obedeçam e paguem direitos á Cathedral do Porto conforme se vê no Censual d'esta Sé (9).

Em 1130 havia n'este Mosteiro conegos com seu Prior, como se vê pelo contrato feito n'este anno, e do qual nos dá noticia D. Rodrigo da Cunha, (10) entre D. Hugo, bispo do Porto, e o prior e clerigos de Santa Maria d'Aguas Santas, no qual este bispo cede do direito, que tinha, de receber annualmente um jantar do referido Mosteiro, recebendo em compensação toda a terra, que o Mosteiro possuia na villa de Paramos, assim em reguengo, como em ganancia, e seis bragaes em cada anno.

A respeito d'esta igreja e Mosteiro existem ainda no cartorio da camara municipal do Porto os seguintes documentos.

(1) A procissão de Passos em Paranhos é a mais concorrida das que se fazem nos arrabaldes do Porto. Vá de passagem—as procissões no Porto e seus arredores são em tudo muito superiores ás de Lisboa e seus contornos.

(2) Ha uma boa descripção d'esta igreja feita pelo seu abbade Antonio do Carmo Velho de Barbosa. O interior da torre d'este templo, donde se descobrem extensos horizontes, acha-se n'um estado tal, que é um verdadeiro precipicio para quem a subir. No largo d'esta igreja ainda em janeiro se representam os autos do Nascimento, fazendo recordar a infancia do theatro. O mesmo se faz em S. Salvador de Moreira, e em outras igrejas.

(3) Nas provincias do norte dá-se em geral o nome de *Brazileiro* a um homem, que esteve no Brazil, embora seja Portuguez.

(4) Não averiguei, se esta fonte ainda existia, quando visitei a igreja em 1863.

(5) Diccionario geographico de Portugal, vol 1.º pag. 85.

(6) É uma obra inedita das mais preciosas e authenticas para a historia dos primeiros tempos da nossa monarchia. Existe muito bem conservada no Cartorio da Camara Municipal do Porto.

(7) Livro da Demanda do bispo D. Pedro, pag. 36. E' um vol. em fol. maximo.

(8) Elucidario pag. 314 do vol. 2.º da 1.ª edição.

(9) J. Pedro Ribeiro. Dissertações vol. 5.º pag. 7.

(10) Catalogo dos bispos do Porto, part. 2.ª, pag. 13.

1.ª Inquirição porque se julgou ser do padroado real a igreja, e que o lugar de Paramos abrangia 16 casaes, sendo um de herdade, foreiro ao Hospital, que era privilegiado; os outros pertenciam a militares e a ordens, d'elles se pagava ao rei o terço da colheita, não havendo reguengo algum; era couto, e demarcava, a saber, principiando em fonte de D. Froie, por fim do monte Arroio desce a prega dos Campos, daqui a pedra do Palacio do Fundo, depois pelo fim do Vallo de Vergal ás Lagens de Soutello, e das Pedras do Voval, e a pedra do Covello, depois as pedras Medianas, d'aqui a Pedras de Barreiro, d'aqui a Val Máo, vai a foz do Avenszo, por agua do Avenszo até Ossos, daqui a fim do Comaro, depois a Pedras Covas, e a Cova, d'aqui a Miranci, a fonte de D. Froie a onde principiamos. De 16 Maio. Era 1296 (11).

2.ª Inquirição porque se julgou que o lugar de Pedroços na dita freguezia (Aguas Santas) abrangia, 19 casaes, todos pertencentes á igreja da freguezia, não se pagando d'elles nada ao rei, nem no mesmo lugar havia reguengo algum. Que o lugar de Sangimir abrangia 11 casaes tambem da mesma igreja (12). De 16 Maio. Era 1296.

3.ª Inquirição porque se julgou que o lugar de Ardegães na dita freguezia abrangia 20 casaes, pertencentes 11 ao Hospital, 8 a herdadores, e um á igreja d'essa freguezia, não havendo no lugar reguengo algum, nem el-rei n'elle tinha cousa alguma (13).

4.ª Inquirição porque se julgou que o lugar de Revordaos da mesma freguezia abrange mais casaes, todos da igreja, porem que cada casal tinha sua leira do Couto, no termo do Castello da Maia, e d'essas leiras tinha el-rei a terça parte dos frutos. Que no castello da Maia havia quatro casaes, e d'elles tem el-rei a terça parte dos frutos, e cada casal paga alem disso 1 frango, 1 cordeiro e dez ovos, etc. De Maio. Era 1296 (14).

5.ª Inquirição julgando-se que a dita igreja possuia no Lugar de Tras Leça, Freguezia de S. Vicente de Queimadella no sobredito julgado 2 casaes, que obtivera por testamento, nos quaes el-rei não tinha cousa alguma. De 16 Maio. Era 1296 (15).

6.ª Inquirição julgando-se possuir o mosteiro 1 casal no Lugar da Cruz, que obteve dos Gulfaros, mais 3 casaes no Lugar de Agua Longa, que comprou, tudo na freguezia de S. Julião, julgado de Refoios. Era 1296 (16).

7.ª Inquirição julgando possuir alguns casaes na freguezia do Salvador de Penamaior, julgado de Refoios, na qual não havia reguengo. De 16 Maio. Era 1296 (17).

8.ª Inquirição que mandou ficasse, como estava, composta de 2 coutos e 1 honra, a saber Aguas Santas, couto, Parada, couto, Ardegaes, honra: que não havia na freguezia Juiz, pois que quando precisavão, vão a Maia. De 2 Outubro. Era 1345 (18).

9. Sentença porque se julgou pertencer a el-rei e a suas justiças da Maia a jurisdicção civil e criminal, e não ao prior do convento do dito Couto. De 26 d'Agosto. Era 1377 (19).

10.ª Inquirição declarando-se que os lavradores que trazião terras do Convento pagavão de lavradio o terço e o quarto e do sorteado de novo o quinto da colheita, e tambem a geira. Que este convento demarcava por marcos, e começando na agua do Rio Leça vai a Ponto Cavallar, nome que tem uma pedra, que ahi está entre o dito convento e Ardegães, d'aqui vai a outra pedra que está entre S. Lourenço e Recandaos, e d'ahi outra pedra, que está entre o dito convento e as herdades do rei no castello da Maia, d'ahi a pedra de Granja, que parte com Rio Tinto, d'ahi por S. Romão, e vai aos Mormoiraes, com quem parte o Hospital e Aguas Santas a deveza da Rainha (20).

(11) Livro grande da camara municipal do Porto. fol. 96. Deveria tambem ser publicado, quanto antes.
(12) Idem fol. 96.
(13) Idem idem.
(14) Livro grande fol. 97.
(15) Idem fol. 100.
(16) Idem fol. 107.
(17) Idem fol. 109.
(18) Idem fol. 60.
(19) Idem fol. 25.
(20) Idem fol. 145.

11.ª Inquirição porque se julgou devassos e não honras os lugares que pagavão direitos ao Hospital, a saber Villa Nova, Alpedrados, e Carcavellos, todos na freguezia de S. Thomé no julgado de Refoios de Riba Ave, e que ficasse n'elles d'ahi por diante entrando o cobrador d'el-rei. De 2 d'Outubro. Era 1345 (21).

Eis quanto me occorre actualmente a respeito d'Aguas Santas.

É notorio que nas provincias do norte de Portugal quasi cada freguezia tem seu vestuario proprio, e algum bem engraçado. Os homens d'Aguas Santas nos dias festivos costumam andar embuçados em grandes capotes, que lhes tocam os pés, trazendo na cabeça chapeos redondos com abas d'um tamanho extraordinario.

MANOEL BERNARDES BRANCO.

O CONDE ALLAMISTAKEO

Passado este primeiro espanto, resolvemos tentar uma nova experiencia. Dirigimos então as nossas operações contra o dedo grande do pé direito. Fizemos uma segunda incisão na parte inferior do *sesamoideum pollicis pedis*, e chegámos d'este modo ao ponto onde nasce o musculo *abductor*. Ajustando a bateria, applicámos novamente o fluido aos musculos descobertos, quando, com um movimento mais vivo do que a propria vida, a mumia levanta o joelho direito, como que para aproximal-o o mais possivel do abdomen, e logo, sacudindo a perna com uma força inconcebivel, mimosea o doutor Alexandre com um pontapé, que teve por effeito mandar este cavalheiro, qual projectil d'uma catapulta, por uma janella que se achava aberta, medir a altura do andar á rua.

Corremos logo todos, como loucos, para trazermos os restos mutilados do infeliz; mas tivemos a satisfação de o encontrarmos já na escada, subindo apressadamente, fazendo as suas reflexões philosophicas, e, mais do que até então, resolvido a proseguir nas experiencias com zelo e rigor.

Foi, pois, por seu conselho que fizemos em seseguida uma profunda incisão na ponta do nariz do tal Allamistakeo; e o doutor lançando-se a elle, immediatamente o poz em contacto com o fio metalico.

Moral e phisicamente, methaphorica e litteralmente, o effeito foi electrico. Primeiro, o cadaver abrio os olhos e piscou-os com extrema rapidez durante alguns minutos, como o actor Isidoro em quanto andou pelos theatros de segunda ordem; depois, espirrou; espriguiçou-se; esfregou as mãos e fez um movimento, que se o doutor Alexandre não foge precipitadamente, apanhava um formidavel sôco; o que, na verdade, não era muito peitoral em cima de um pontapé; em fim, voltando-se para o padre Gilberto e barão de Sousa, dirigio-lhes no mais puro egypcio, de que não percebi patavina, o seguinte discurso:

«— Devo confessar-vos, meus cavalheiros, que estou tão surpreso, quanto desagradado do vosso procedimento para comigo. Do doutor Alexandre não podia esperar outra coisa; é um pobre tolo que apenas sabe jogar as carambolas e mais não disse. Tenho dó d'elle, perdoo-lhe. Mas o senhor

(21) Idem fol. 56.

padre Gilberto e V. Sr.ª, senhor barão de Sousa! (aqui o barão mostrou-se um tanto offendido no seu amor proprio) que tem viajado e residido no Egypto, a ponto que muitos o tomarão como natural das nossas terras—V. S.ª, (o barão de um pulo) digo, que viveu tanto tempo entre nós, que falla o egypcio tão correctamente, como, estou convencido, escreve a sua lingua materna, (o barão fez uma careta)—V. S.ª, (outro pulo) a quem eu me tinha acostumado a olhar como o amigo mais desinteressado das mumias,—com franqueza, esperava da sua parte mais alguma delicadeza do que a que me tem dispensado. ¿O que hei de eu pensar d'essa sua impassivel neutralidade, quando sou tratado tão brutalmente? ¿O que hei de eu suppor, quando V. S.ª (outro pulo) consente a Pedro e a Paulo que me tirem d'onde eu estava tão tranquillo e me despojem da minha vestimenta n'este terrivel clima de gelo? ¿Como hei de considerar, finalmente, o facto de V. S.ª (outro pulo) ajudar e animar esse miseravel parlapatão, o doutor Alexandre, a puxar-me pelo nariz?»

O leitor julgará, sem duvida, que, ouvindo nós um discurso d'estes em taes circumstancias corremos espavoridos para a porta, ou caímos em violentos ataques de nervos, ou ficámos olhando uns para outros boquiabertos, sem podermos pronunciar uma palavra. Qualquer d'estas tres cousas, effectivamente, podia muito bem acontecer; porque, na verdade, eram as mais legitimas. E, sob palavra de honra, não posso comprehender o motivo que nos levou a não seguirmos alguma d'ellas. Talvez que a razão esteja no espirito d'este seculo, que procede inteiramente pela lei das contrarias, considerada hoje como solução de todas as antinomias e fusão de todas as contradictorias. Ou, póde ser, emfim, que concorresse para isso o modo excessivamente natural e familiar da mumia, que tirava ás suas palavras todo o poder terrifico. Fosse o que fosse, os factos são positivos; nenhum membro da sociedade se mostrou assustado, nem tão pouco pareceu acreditar que se tinha passado alguma cousa irregular, extraordinaria.

Pela minha parte, estava convencido de que tudo era muito natural, e o que fiz unicamente, foi procurar uma posição fóra do alcance da mão do amigo egypcio. O doutor, que já se conservava a respeitosa distancia, metteu as mãos nas algibeiras das calças, olhou para a mumia de certa maneira exquisita, e fez-se encarnado como um rabano. O padre Gilberto, attentando em uns e outros, ora puxava o collarinho, ora se esticava e puxava o collete. O barão de Sousa, esse, abaixou a cabeça e metteu o pollegar da mão direita no canto esquerdo da bôca.

O egypcio olhou-o com severa physionomia durante alguns minutos e por fim disse-lhe em ar de chacota:

—Porque não falla, senhor barão de Sousa? Ouvio, ou não, o que eu ha pouco disse? Ora, por quem é, tire o dedo da bôca; isso parece-me de criança!

O barão estremeceu; tirou o pollegar direito do canto esquerdo da bôca, e em compensação metteu o pollegar esquerdo no canto direito da sobredita.

Não podendo obter uma resposta do barão, a mumia voltou-se para o padre Gilberto e pedio-lhe peremptoriamente lhe dissesse o que nós queriamos.

O padre respondeu immediatamente em *phonetico;* e se não fosse a ausencia completa de caracteres *hieroglyphicos* nas nossas typographias, teria o prazer inexplicavel de transcrever integralmente e na lingua original o seu excellente *speech*.

Aproveito esta occasião para observar ao leitor que toda a conversação subsequente, em que tomou parte a mumia, teve lugar em egypcio primitivo, servindo de interpretes para mim e para os de mais da sociedade, que não tinham viajado, o padre Gilberto e o barão de Sousa. Estes cavalheiros, ao que parecia, fallavam a lingua materna da mumia com uma graça e uma abundancia inimitaveis; mas não pude deixar de notar que os dois viajantes,—sem duvida, por causa da introducção de imagens inteiramente modernas e, naturalmente, novas para o estrangeiro,—eram algumas vezes obrigados a empregar fórmas sensiveis para traduzirem o sentido das palavras. Houve um momento, por exemplo, em que o padre Gilberto não podendo fazer comprehender ao egypcio a palavra—*Politica*—teve a feliz idéa de desenhar na parede, com um bocado de carvão, um homem muito baixo e muito magro, com o rosto picado de bexigas e um nariz de descommunal tamanho, collocado sobre um pedestal, perna esquerda á rectaguarda, mão direita estendida para diante, punho fechado, olhos esgazeados levantados para o céo, bôca aberta formando um angulo de 90 gráos; e de roda do pedestal muitas carinhas, em algumas das quaes se notava o descontentamento, em outras a admiração, o espanto, e em outras, finalmente, grande alegria e enthusiasmo.

O mesmo aconteceu ao barão de Sousa, que jámais conseguiria traduzir-lhe com fidelidade a palavra moderna *Philantropia*, se lhe não occorresse o desenhar igualmente na parede um homem gordo, bem vestido, que denominou Paulo, rodeado de muita gente, que pelo trajo parecia pobre, e a quem fazia menção de dar alguma coisa; e ao lado uma especie de jornal no qual traçou em caracteres hyerogliphicos as seguintes palavras:—*O philantropico Paulo continúa praticando os seus costumados actos de beneficencia e de caridade evangelica.*

O discurso do padre Gilberto, como era natural, versou principalmente sobre as immensas vantagens que a sciencia podia tirar do desenfaixamento e do exame das mumias; meio subtil de justificar-nos de todos os desarranjos que lhe haviamos causado, a ella em particular, mumia chamada Allamistakeo; e concluio insinuando—porque não foi mais do que uma insinuação,—que uma vez esclarecidas todas as pequenas questões, era tempo de começar o projectado exame. Aqui,

o doutor Alexandre preparava os seus instrumentos.

Relativamente ás ultimas suggestões do orador, parece que Allamistakeo tinha certos escrupulos de consciencia, sobre a natureza dos quaes não fui claramente informado; mas, mostrou-se satisfeito com a nossa justificação e, descendo da meza, em todos deu tocarollas e abraços mui apertados.

Terminada esta ceremonia, occupamo-nos immediatamente de reparar os damnos que o escalpello lhe tinha causado. Curamos-lhe a ferida que tinha na fonte, ligamos-lhe o pé, e applicamos-lhe um parche de seda preta sobre a ponta do nariz.

Notámos então que o conde — tal é, ao que parece, o titulo de Allamistakeo, — sentia alguns arripios — por causa do clima, sem duvida alguma. O doutor dirigio-se logo ao seu guarda-roupa, e trouxe um casaco preto, uma calça de casimira côr de flôr de alecrim, um collete de velludo azul, um raglan, uma camisa, umas ceroulas, um par de meias de linha e outro de lã, um par de botas do Sttelpflug, uma bengala de cana da India, um chapeu alto, luvas de casimira, uma luneta azul, um par de polainas, uma gravata e um collarinho. A differença de estatura entre o conde e o doutor, — a proporção sendo como dous para um, — deu causa a termos tido não pouco trabalho para ajustarmos o fato ao corpo do egypcio; mas terminada a tarefa, não se pode dizer que ficou mal. O padre Gilberto deu-lhe o braço e conduzio-o para um sophá junto do fogão; e o doutor mándou vir charutos e vinho.

A conversação logo tomou calor. Escusado é dizer, que todos mostravamos grande curiosidade relativamente ao facto um pouco singular da resurreição de Allamistakeo.

— Confesso-lhe conde, disse o barão de Sousa, que o julgava morto ha muito tempo.

— Como! replicou o conde muito espantado; não posso ter mais de setecentos annos! Meu pai viveu mil, e morreu em seu perfeito juizo!

(Continua.)

ABORIGENES DA AUSTRALIA

Este immenso continente, para onde agora se dirige de preferencia a corrente da emigração européa, está destinado a desempenhar um grande papel na historia da civilisação futura. Descoberto em 1606 por um navio hollandez o *Duythen*, que partira de Amboine, recebeu primeiro o nome de Nova-Hollanda. Principiavam então os nomes d'esses audazes republicanos, e das terras da sua patria a substituir nas cartas geographicas as denominações portuguezas. Os valentes hollandezes (prestemos-lhes essa justiça) não tinham conquistado a nossa herança a beneficio de inventario, tinham-n'a acceitado com todos os seus encargos, e tinham-se proposto a substituir-nos não só nos proventos que auferiamos das nossas conquistas indianas, mas tambem no desempenho da missão que tinhamos tomado de descobrir novas terras, e de alargar a cada passo o campo da geographia.

Apenas tinham assentado o seu dominio nas Indias Orientaes, apenas se tinham visto de posse das Molucas, apenas nos tinham arrancado dos hombros a purpura imperial, matizada com essas perolas do mar indico, pensaram logo os Hollandezes em sulcar as ondas quasi virgens do mar do sul. Já o nosso Magalhães na sua famosa viagem de circumnavegação déra uma vaga idéa dos numerosos archipelagos que povôam esses longinquos mares. Depois de descobrirem a Nova Guiné pensaram os nossos successores em proseguir o novo rumo das descobertas. Em 1606, como dissemos, aportavam ao continente australiano.

Pouco depois um acaso conduzio a essas paragens o navegador hespanhol Torres. Mas, por um estranho descuido, as suas participações e os seus relatorios ácerca d'essa navegação ficaram sepultados nos archivos das Philippinas d'onde saíram apenas, graças aos Inglezes, quando estes conquistaram Manilha em 1762. Foi então que se prestou homenagem á sua memoria, dando-se o seu nome ao estreito de Torres!

Entretanto os Hollandezes haviam continuado as suas descobertas. Em 1616 o acaso e a força das correntes n'estes mares levaram á costa occidental da Australia o navio *Eendracht*, em 1619 o navegador Edel, e pouco depois Witt; por isso a costa occidental recebeu o nome de terras de Witt, de Edel, e de Eendracht. Em 1622 o navio *Leeuwin* divisou a ponta do sudoeste, que recebeu o nome d'esse baixel. Em 1623, dois navios, o *Pera* e o *Amboine* foram de proposito com a missão de intentarem novos descobrimentos, e a uma grande extensão da costa septemtrional, onde aportaram, denominaram Carpentaria em honra de C. Carpenter, n'essa época governador geral das Indias hollandezas. Em 1621 Peter Nuyts percorreu uma porção das margens do golpho central, e á terra que descobrio deu o seu nome. Em 1636 o governador Van-Diemen enviou uma nova expedição, que deu em resultado a descoberta da terra que por isso se chama de Van-Diemen. Nos ultimos annos do governo d'este illustrado hollandez, o celebre navegador Abel Tasman descobrio novos territorios a que tambem se não esqueceu de dar o seu nome. Ah! como os nossos piedosos chronistas se indignariam com o orgulho d'estes hereges, que não tinham, como os descobridores portuguezes, a modestia de baptizarem as terras que encontravam com os nomes da religião, e de fazerem dos mappas geographicos uns verdadeiros kalendarios!

Vão entrar em scena os novos dominadores dos mares, e nomes inglezes vão principiar a figurar na lista dos grandes navegadores. Ainda em 1696 o hollandez Vlaming, e em 1699 o francez Dampier se assignalam por novos descobrimentos; mas em 1770 as quilhas dos navios de Cook sulcam as vagas do Oceano austral, e esse vasto continente surge da obscuridade, d'onde o não tinham podido arrancar até ahi as ligeiras informações dadas pelos primeiros descobridores. N'esse anno aportou elle a Botany-Bay e deu á costa meridional o nome de Nova-Galles do sul. Immediatamente se revelam os instinctos essencialmente colonisadores do povo que entra na liça abandonada por nós e pelos Hollandezes. Em 1788 o governador Philipp funda a colonia de Sydney. As explorações do interior succedem ás explorações maritimas, mas logo se

volta ao estudo mais apurado das costas, e n'essas novas investigações distinguem-se os navegadores Flinders, Grant, e Bass. Depois succede-lhes em 1801 o francez Boudin, e finalmente os inglezes King de 1817 a 1822, e Stokes de 1837 a 1843 levam ao seu auge esses trabalhos de exploração.

Começou então uma nova era para a colonia; escolhida primeiramente para residencia dos degradados, a Australia revelou aos que lhe exploraram o interior um territorio tão vasto, tão salubre, tão fertil que a emigração voluntaria acudio a esses novos territorios, e começou a arroteal-os, e a desenvolver ahi a creação dos gados, para que eram eminentemente proprios pela riqueza e vastidão das suas pastagens.

Do territorio da Inglaterra sáem todos os annos milhares de navios conduzindo emigrados que a miseria expulsa da mãi-patria. Esses emigrados correram quasi todos para a Australia,

Aborigenes da Australia.

assim que se lhes abrio esse novo campo á sua actividade. É facil de perceber com que difficuldades teve de luctar o governo da colonia, vendo-se a braços com esses dois grandes elementos de dissolução, o crime exacerbado, e a miseria avida. Os inglezes são, mais do que nenhuns outros, proprios para sustentarem uma lucta. A ordem estabeleceu-se a ponto de se poder seguir ali o systema dos parlamentos coloniaes adoptado em toda a parte pela Inglaterra. A descoberta das minas de oiro conduzio uma nova torrente de emigrados, e uma nova causa de dissolução. Veio a raça dos aventureiros. Finalmente os acontecimentos politicos de 1848 arremessaram para ali a massa dos refugiados politicos francezes, allemães, e italianos. Estes eram os agitadores.

Pois d'estes elementos heterogeneos conseguiram as instituições inglezas, e a habil energia dos seus funccionarios formar uma raça forte, civilisadora e trabalhadora, que tem elevado a Australia a um ponto inaudito de prosperidade, que tem aproveitado as inexhauriveis fontes de riqueza do seu solo, e que tem desenvolvido as explorações scientificas d'esse territorio virgem. E entretanto o que é feito dos indigenas? Assustados como sempre por esta actividade febril das raças européas, offuscados pelo fulgor da civilisação teem ido cedendo o passo aos conquistadores, tem-se ido estiolando, definhando, e concentrando nos sitios, que lhes parecem mais inaccessiveis, da sua patria. Fazer-lhes comprehender o beneficio do trabalho é completamente impossivel. Cada vez mais selvagens, não mostram ser susceptiveis de civilisação, como o teem sido os habitantes da Polynesia. Vão-se retraíndo sempre, sempre diante dos inglezes que, devemos confessal-o, não os tratam com a brandura, que os poderia captivar. Os pobres selvagens são caçados, como bestas féras, e conduzidos depois para a ilha de Bass, onde tentam *civilisal-os* n'uma especie de colonia penitenciaria. Esta philanthropia violenta não dá, como se póde suppôr, bons resultados. Os indigenas esquivam-se

aos seus *bemfeitores*, e voltam para as suas florestas, por onde vagueiam tristes e desanimados, e cada vez comprehendendo menos as vantagens da civilisação.

Os aborigenes da Australia dividem-se como todos os habitantes da Oceania em dois grupos, o dos negros, raça abjecta que só differe da raça africana na conformação do craneo, e a dos malaios polynesios, raça dominante, que impera principalmente na parte occidental, e que é a unica que tem opposto alguma resistencia aos colonos europeus. D'aqui a pouco infelizmente esta raça, que, como se tem visto nas ilhas Sandwich e de Taiti, é muito capaz de se civilizar, terá desapparecido, e a raça colonisadora européa terá inundado esse novo e vastissimo territorio.

UMA OBRA DO SECULO IX

De entre os curiosos monumentos litterarios que nos trazem á memoria os tempos antigos e os successos dos passados heroes, escolhemos para apresentar aos nossos leitores o muito apreciado *Chronicon* intitulado *Albeldense*, escripto no seculo IX, porque foi o primeiro que appareceu em Hespanha depois da formação da monarchia christã de Asturias, e o que rasgou o denso véo que cobria a historia dos primeiros dias da gloriosa restauração nacional começada em Covadonga. O nome com que se distingue este notavel escripto, procede de ter-se encontrado inserto em um velhissimo codice do mosteiro de Albelda (1), que se conserva hoje na bibliotheca do Escurial. Dois são os auctores que n'ella tomaram parte: em quanto ao primeiro, embora uns designem um certo religioso chamado Romão, e outros o presbytero toledano Dulcidio, ignora-se o seu verdadeiro nome e só por suas palavras podemos colligir que escreveu nos estados de Affonso III, o Magno, e provavelmente em Oviedo, sendo, sem duvida, um dos laboriosos monges que n'aquelles tempos de sangrentas e continuadas guerras eram os unicos depositarios das artes e das sciencias. O segundo auctor, um seculo depois, que copiou o *Chronicon* e lhe addicionou os factos mais importantes occorridos até o seu tempo, é conhecido: chamava-se Vijilo, e era monge do mosteiro de Albelda. Além da simplicidade e clareza que costumam reinar nos escriptos d'aquelles tempos remotos, são muito de notar no *Chronicon Albeldense* as curiosas noticias geographicas e historicas que nos apresenta como exordio. Em quanto ao latim em que está redigido, é como o de todos os documentos da época: grosseiro, corrompido, desalinhado. Caunedo, escriptor hespanhol, procurou fazer uma traducção a mais litteral possivel, conservando os nomes proprios antiquados e barbaros de que usa o chronista para não roubar a originalidade a este interessante trabalho historico.

CHRONICON ALBELDENSE

Descripção de todo o mundo

I — Todo o mundo está descripto, desde o tempo de Julio Cesar, por varões sapientissimos, como Nicodoso, Didimito, Teodoto e Policlito. Empregaram para medir o Oriente XXI annos, II mezes e VIII dias; o Occidente XXVI annos, III mezes e XVII dias; o Septemtrião XXIX annos, II mezes e III dias, e o Meio Dia XXII annos, I mez e XXX dias.

II — O Oriente tem VIII Mares, VIII Ilhas, VII Montes, VII Provincias, LXXV Cidades, XVII Rios, e XL Nações. O Occidente consta de VIII Mares, XIX Ilhas, XV Montes, XXVII Provincias, LXXV Cidades, XVI Rios e XXV Nações. No Septemtrião ha XII Mares, XXV Ilhas, XIII Montes, LVIII Cidades, XVIII Rios, XXIX Nações e XVII Provincias. No meio dia contam-se II Mares, XVII Ilhas, VI Montes, XIII Provincias, LXII Cidades, VI Rios e XXIV Nações. No tempo de Julio Augusto contavam-se em todo o mundo XXX Mares, LXIX Ilhas, XLI Montes, LXIV Provincias, CCLXX Cidades, LVII Rios e CXXIII Nações.

Descripção de Spania

III — Primeiramente por Ibero se chamou Iberia; depois por Ispalo, Spania. Tambem se diz Hesperia pela estrella Occidental denominada Espero. A sua situação é entre a Africa e a Gallia: Ao Septemtrião estão os Montes Pyreneos, e por todos os outros lados está rodeada de Mares. É fecunda em todo o genero de frutos e riquissima de toda a sorte de metaes e pedras preciosas. Tem VI Provincias com Sédes Episcopaes. Os Rios de Spania IV. O Betis corre CCCCX milhas, o Tagus corre DCII, o Minius CCCXIII e o Iberus CCCIV.

As sete maravilhas do mundo

IV — I o Capitolio de Roma. II o Farol de Alexandria. III o Belerophonte de Esmirna. IV o Theatro de Heraclio. V o Colosso de Rhodes. VI o Templo Quicio. VII Tetrapulum-Emetis ou a Igreja de Santa Sophia em Constantinopla.

Propriedades das nações

V — I Dos Gregos a sabedoria. II dos Godos a força. III dos Chaldeos o conselho. IV Dos Romanos a soberba. V Dos Francos a fereza. VI Dos Bretões a ira. VII Dos Escocezes a sensualidade. VIII dos Saxonios a dureza. IX dos Persas a cobiça. X dos Judeos a inveja. XI Dos Ethiopes a paz. XII dos Gallos o commercio.

Cousas celebres de Spania

VI — Trigo floreal de Narbona.—Vinho de Vilarz. — Figos de Beatia.—Trigo dos Campos Godos.— Machos de Hispali.—Cavallos de Terra de Mouros, — Ostras de Mancarso.— Lampreas de Tantiber. — Lanças da Gallia.—Escandea de Asturias.— Mel de Galicia.—Disciplina e sciencia de Toledo.— Estas eram as cousas principaes no tempo dos Godos.

Das letras

VII — As letras A, E, I. O, U, chamam-se vogaes porque se emittem sem violencia e formam a voz por um impulso natural da garganta.

São semi-vogaes F, N, L, M, S, R, porque começam com o E vogal e produzem um som suave.

As letras B, C, D, T, P, Q, G, são mudas, porque não se podem pronunciar sem o auxilio das vogaes.

(*Continua*)

(1) Sancho-Abarca, rei de Navarra fundou-o e dotou-o em 923 na villa do mesmo nome, a duas leguas de Logroño. Hoje existe convertido em collegiada, e sob a sua antiga invocação de S. Martinho.

JOHN HARISSON

Da descoberta das longitudes no mar

Antes da invenção dos chronometros, os navegadores podiam facilmente, por meio da bussola, dirigir-se para o norte ou para o meio dia, para leste ou para oeste; mas estavam na impossibilidade de conhecer, de uma maneira precisa, as distancias que tinham percorrido, o que os expunha a graves incidentes ou a perdas de tempo, prejudiciaes tanto aos homens como ás mercadorias.

Philippe III, rei de Hespanha, convencido da importancia das longitudes no mar, prometteu uma recompensa de cem mil escudos a quem fizesse a descoberta. Os Estados da Hollanda imitaram breve o exemplo d'este principe, e propozeram um preço de trinta mil florins para este objecto.

Os inglezes, tornados no principio do seculo XVIII os primeiros navegadores, deviam naturalmente preoccupar-se da sciencia das longitudes; assim, a 30 de junho de 1714, o parlamento nomeou uma commissão para o exame d'esta grave questão. Newton, Clarke e Wisthon assistiram a ella. Newton apresentou uma memoria na qual expoz differentes methodos proprios para se achar a longitude no mar, bem como as difficuldades de cada um. Para honra da relojoaria, o primeiro meio proposto pelo maior homem que tem apparecido na carreira das sciencias foi o da medida exacta do tempo. Muitas conferencias tiveram lugar entre os commissarios, e, por seu parecer, foi apresentada uma proposta ás communas, pela qual a rainha Anna promettia vinte mil libras sterlinas a quem satisfizesse ás condições do programma. Esta proposta foi unanimemente approvada; e, a contar d'este momento, um grande numero de sabios de todas as nações europeas pozeram mãos á obra, com a esperança de obterem bom exito.

O relojoeiro Sully, que vivia sob a poderosa protecção do regente, foi o primeiro em França que, entrando atrevidamente na liça, tornou-se notavel pela invenção de um relogio cujo andamento pareceu muito regular; mas, desgraçadamente, este relogio tinha defeitos: desorganisou-se, e o artista não foi ao concurso.

N'esta época, Londres possuia muitos relojoeiros de fama; taes como Barlon, Ellicoot, Graham, Thomaz Mudge, etc.: todos fizeram tentativas, que não produziram o resultado que esperavam; mas tiveram por effeito enriquecer a relojoaria de muitas invenções uteis,

A honra da descoberta da longitude no mar, estava reservada para John Harisson, de cujos trabalhos nos vamos occupar: mas convém primeiro dizer algumas palavras sobre a maneira como se opera, depois da invenção dos chronometros, para achar a longitude a bordo dos navios.

É sabido que, partindo um navio do equador, e dirigindo-se constante e directamente para o norte ou para o meio dia, nunca muda de meridiano, e que em todos os lugares em que se ache tem o meio dia no mesmo instante. Não acontece, porém, o mesmo dirigindo-se para o occidente ou para a oriente, porque então muda a todo momento de longitude ou de meridiano, e em tal caso seria impossivel apreciar as distancias se faltasse, como outr'ora, um relogio maritimo.

Hoje, verificada a hora do lugar em que se navega tomando a altura do sol ou d'uma estrella com o auxilio do sextante, que dá a latitude, basta, para ter a longitude, conhecer exactamente as horas que são no ponto d'onde se partio. Supponhamos que este lugar é Lisboa e que o navio se dirige para a Martinica: estar-se-ha á vista d'este ponto de mar quando, marcando o chronometro 3 horas e 28 minutos da tarde, não for mais de meio dia no lugar da observação; porque ter-se-ha percorrido um arco de 53° 15' para o occidente, o que dará a longitude, se o chronometro não tiver variado; é este o ponto capital.

John Harisson, cujo nome anda ligado a esta bella descoberta, nasceu em Barrow, cantão de Lincoln, em 1694. Exerceu a profissão de marceneiro até á idade de dezoito annos; mas já havia notado em si um gosto muito pronunciado para a mechanica, e os biographos inglezes asseguram que, na idade de dezeseis annos, sem mestre e sem o soccorro de livro algum, construira um relogio de madeira de um trabalho admiravel.

Aos vinte annos, tendo a consciencia das suas felizes disposições para a relojoaria, Harisson dirigio-se a Londres para ahi exercer a sua nova profissão e adquirir, pelo estudo e frequentação dos melhores artistas, os conhecimentos de que carecia. Em 1726, já tinha nome em Londres pela excellencia da sua mão d'obra, e principalmente pela sua magnifica descoberta da pendula de compensação, de que ainda hoje se faz uso.

Foi em consequencia d'estes successos varios, que Harisson emprehendeu a construcção de um relogio proprio para achar a longitude no mar. Trabalhou durante muitos annos com uma coragem e uma perseverança inexcediveis; e acreditou que havia conseguido os seus fins, porque o seu relogio tendo sido submettido á approvação da Sociedade real de Londres, em 1749, Folkes, presidente d'esta sociedade, agraciou-o com a medalha de ouro que a illustre companhia conferia publicamente todos os annos a quem houvesse feito a descoberta mais curiosa e mais util nas artes industriaes.

Harisson julgou, comtudo, que o seu relogio era susceptivel de aperfeiçoamento; quiz sobretudo diminuil-o de volume; em pouco, depois de ter executado successivamente quatro relogios, e havendo dado a preferencia ao terceiro, o qual apenas occupava um pé quadrado com todos os seus accessorios, julgou dever dirigir-se á commissão das longitudes, que, depois de diversas detenças, consentio que a prova do relogio fosse feita conforme o acto do parlamento. Harisson filho foi designado, a pedido de seu pai, para fazer a viagem á Jamaica. Escolheu-se este destino porque, para ali chegar, a machina tinha de passar por temperaturas mui differentes.

O relogio foi embarcado no navio *Deptford*, que partio de Portsmouth em 18 de novembro de 1761. Os promenores da viagem são muito interessantes. Dezoito dias depois da saida, a 6 de dezembro do mesmo anno, os pilotos do navio julgavam-se a 13° 50' de longitude *leste* de Portsmouth, em quanto que a machina dava 15° 19'; uma differença de grão e meio; de sorte que já condemnavam o relogio como inutil e mau. Mas

Harisson affirmando que se a ilha de Portland estava bem marcada na carta, no dia seguinte tel-a-hiam á vista, o capitão teimou em não mudar de rumo; e, com effeito, no dia seguinte, ás 7 horas da manhã descobrio-se esta ilha, o que restabeleceu Harisson e o seu instrumento na estima de toda a equipagem do *Deptford*, que, sem a exactidão do relogio, não abordàra á ilha de Portland, e assim, durante toda a viagem ter-lhe-ia faltado os refrescos de que necessitava.

O reconhecimento da Desirada, uma das Antilhas, foi para Harisson um novo triumpho; por que, por meio do seu relogio, annunciou esta ilha, assim como todas as que se encontram até á Jamaica. O navio chegou, finalmente, a Porto-Real.

A volta de Harisson a Portsmouth não foi menos favoravel para o seu instrumento. Logoque, obteve os certificados necessarios das verificações feitas na Jamaica, embarcou em um navio muito pequeno para a Europa e entrou em Portsmouth cento e sessenta e um dias depois da partida. Fizeram-se então as necessarias observações para verificar a hora que marcava o relogio depois de um intervallo de tempo tão consideravel, e achou-se que a tinha conservado a 1′ 5″ aproximadamente, o que dá um pequeno erro de 18 milhas inglezas ou menos de um terço de grau, na viagem de ida e volta. Não deixaram comtudo os homens da commissão de levantarem algumas difficuldades tendentes a enfraquecer as vantagens do relogio. Harisson respondeu a estas difficuldades de uma maneira satisfatoria; mas a commissão arrastada pelas suggestões do artista, ou com o fim de melhor verificar a descoberta, declarou que a primeira viagem não era sufficiente e exigio uma segunda mais decisiva. Harisson annuio a esta preten.ão; desejando, porém, mudar algumas peças, pedio uma espera de quatro a cinco mezes, que lhe foi concedida. A commissão, n'esse momento, deu-lhe por conta a somma de duas mil quatrocentas e sessenta libras sterlinas promettendo-lhe o resto da recompensa se a segunda viagem tivesse um successo completo.

Harisson filho partio, pois, segunda vez para a America, em 28 de março de 1764: o termo da sua viagem foi a Barbada, aonde chegou em 13 de maio; a 18 de setembro do mesmo anno chegava de volta a Inglaterra. Fornecido dos documentos que justificavam o bom resultado, apresentou-se aos commissarios, que reconheceram unanimemente que tinha determinado a longitude da Barbada, mesmo nos limites prescriptos pelo acto da rainha Anna para a recompensa inteira.

Recebeu então cinco mil libras sterlinas; o resto devia ser-lhe pago quando elle ensinasse a construcção do seu relogio e pozesse os artistas ao alcance de os fabricarem. Harisson satifez igualmente a estas condições; mas fallava-se ainda, antes de ser pago completamente, em impôr-se-lhe outras novas: o artista reclamou, os commissarios não insistiram. Harisson, recebeu, finalmente, a totalidade da recompensa promettida: tinha então setenta e cinco annos. Quatro annos mais tarde escreveu os principios do seu relogio em uma memoria que produzio em Londres profunda sensação.

Este grande artista, de que se honra ainda hoje a Inglaterra, morreu em 1776, tendo oitenta e dous annos de idade.

REPOUSO

Quis dabit mihi pennas sicut columbæ? Volabo et requiescam.

DAVID.

Já não canto; minh'alma abatida
Vae perdendo a alegria passada,
Em vão sonho, ao romper da alvorada,
Inspirar-me do antigo fervor;
Em vão sonho; que um dia d'inverno,
Por mais luz de que inflamme o horisonte,
Não dissipa os regêlos do monte,
Nem dos campos inflora o verdor.

Que me serve lembrar o passado,
De venturas tão rico e tão cheio,
Se a saudade que enluta meu seio
Tristemente me obriga a scismar?
Quando o ninho em que alegre vivemos
Vae nas ondas á toa levado,
O que fica na praia exulado
Como póde aos seus cantos tornar?

Como póde sorrir ás delicias
De uma vida, que foge, tão bella,
Quando ao perto vem negra a procella,
E lhe ruge o tremendo escarcéo?
Ai, quem ha de ensinar-lhe de novo
O seu canto das noutes formosas,
Se não sente a fragrancia das rosas,
Se não brilha uma estrella no céo?

Ser poeta, cantar em delirios
De prazer ou de magoa insoffrida,
Divagar pelos campos da vida
Innundando-a de vago esplendor,
Abrasar-se por tudo e por todos,
Levantar sobre as turbas a fronte,
É ter fé no que esconde o horisonte,
É ter crença, ter sonhos d'amor.

É sentir dentro d'alma os presagios
D'essa gloria que accende e que inspira,
Distinguir nos accordes da lyra
Uma voz que do empyreo desceu,
Entender-lhe o murmurio das fallas,
Escutar-lhe entre notas supremas:
—«Vem comigo, não pares, não temas,
Que o futuro, que a gloria sou eu!»

—«Ergue o vôo, que um raio celeste
Ha de em breve mostrar-te o caminho;
Se adormeces no florido ninho
Ai, da vida sonhada por ti!
Ergue o vôo, desprende-te e sóbe
D'essa treva em que vives prostrado;
Vem comigo, que um mundo encantado
Suspirando te aguarda e sorri!»

E eu não creio; que est'alma abatida
Já perdeu a alegria passada;
De saudades agora rallada
Nem sequer me palpita de amor.
É que o sol quando aponta no inverno,
Por mais luz de que inflamme o horisonte,
Não dissipa os regelos do monte,
Nem dos campos inflora o verdor!

E. A. VIDAL.

Degeneres animos timor arguit. VIRG.

O temor trae os corações pusillanimes.

Typ. Franco-Portugueza = Rua do Thesouro Velho, 6.

Monte Sinai.

Quem não conhece este nome? Quem não conhece a magnifica tradição biblica que cinge de relampagos a corôa granitica d'este serro arabico para que Deos possa communicar a Moysés as suas leis divinas? Hoje a terra onde se realisou a tremenda entrevista compõe-se de tres montes, um a que a tradição dá especialmente o nome de Sinai e que se chama *Gebel-Musa*, (o monte Moysés) outro ao norte um pouco mais baixo, que é o Horeb, e, finalmente, o monte de Santa Catharina situado a sudoeste e 350 metros mais elevado do que o Gebel-Musa. Esta tradição principiou apenas com a era christã, e robusteceu-se pelo facto de ter o imperador Justiniano mandado ali construir em 527 um convento fortificado, que se chamou de Santa Catharina de Monte Sinai, com uma igreja da Transfiguração de Jesus-Christo onde tambem se mostram algumas reliquias de Santa Catharina.

Comtudo, esta tradição tem sido impugnada por alguns sabios, que mostraram claramente, pelo exame attento das localidades, que a scena biblica não se podia ter effectuado senão no monte Horeb. Assim parece estar hoje demonstrado. Comtudo o convento do Monte Sinai lá subsiste, tal como a nossa gravura o representa, e esse nome santo continua a ser dado ao monte *Gebel-Musa*.

Antigamente n'este monte, agora quasi deserto e escalvado, existiam capellas e ermidas, e alguns mosteiros, entre outros o dos Quarenta Martyres, que ficava situado no valle occidental.

A GALATÉA MODERNA.

VIII

Toma o auctor a palavra

Se o leitor me perguntasse os motivos porque tomo a palavra, houvera de escrever grosso tratado das faculdades psychicas, da maneira porque se exercitam e produzem effeitos diversos segundo os estados da alma. Dissera, entre muitas cousas al-

tamente philosophicas, que o entendimento e a vontade formam um dualismo nem sempre harmonico, em virtude do qual se produz a actividade do espirito. Depois de muito discretear e alvidrar d'ahi supremacias para as ingenitas faculdades, acabaria por onde devera ter começado, e dir-lhe-ia á puridade, que narrando eu uma historia muito veridica e singela, e antepondo a verdade a quaesquer outras considerações do *bello* e *deleitoso*, publiquei, sem individuações e rebuços de estylo, as primeiras cartas dos meus heroes, porque d'esta maneira mais facil me era apresental-os quaes são em verdade, e desenhal-os na tela.

Esta a grande vantagem da correspondencia epistolar, que dispensa preambulos, e permitte que a narrativa corra livre e natural.

Mas se taes são as vantagens da correspondencia epistolar, porque rasão interrompel-a, e tomar a palavra, quando estava promettida uma carta de Alfredo ao seu amigo?

O leitor minaz, e ainda não conheci algum que o não seja, raciocina perfeitamente e foi, de certo, inspirado pela logica mais subida. Lembre-se, porém, que no trafico do mundo nem os vendilhões vendem o que não tem, e só as mulheres dão amor que nunca sentiram.

Recorra á *Arte de Furtar* do Padre Vieira e lá achará explanado e explicado este ponto.

Estava eu uma noite em S. Carlos, ouvindo não sei já que harmonias de um dos grandes maestros italianos, que souberam alancear-se no rythmo ás sidereas regiões da harmonia.

Todo eu me embebia com immensa voluptuosidade nos canticos que reboavam n'aquella athmosphera asphixiante e calida, que acura e sobreexcita a sensibilidade. Era um enflorar melodias a voz de Mongini n'aquella noite. Ainda não estavamos acostumados ao viço, ao frescor, á valentia, ao vibrar cristallino d'aquella voz melodica, cujo timbre tem ás vezes a sonoridade metallica do aluminium.

Eu estava no setimo céo. O meu espirito corria longe, longe, atraz das notas que se esvaeciam no ar e morriam na amplidão.

As harmonias, que ouvia, traziam-me á lembrança outras mais superiores, archangelicas, celestiaes, e a phantasia lá ia buscal-as, endoidada, perdida, fremente, nas ondulações do ether.

No meio d'aquelle embevecimento abstraira do mundo, do mundo que me cercava, e nem tinha o sentimento da vida, da existencia material e palpavel. Vivia, mas uma vida interior, toda ideal, cataleptica. Era um d'aquelles momentos em que a alma se separa docemente do corpo, para seguir mais altos destinos. Se a morte assim fosse, seria a liberdade. De repente voltei á vida real. Acordei do sonho. Era Antonio Alvares, meu amigo intimo, e intimo amigo de Alfredo, que me bateu no hombro.

— O que é? disse mal acordado.

— Muito ou nada, como quizeres, respondeu apontando o binóculo para um camarote de primeira ordem. Segui com a vista a mesma direcção e topei com a baroneza do Alpedrial, que se encostava esplendida e scintillante, dominando com os olhos a multidão, que enchia a platéa.

— É uma formosura peregrina, não achas? continuou Antonio.

— Demasiado plastica. Foi vasada no molde da velha Grecia. É correcta como uma filha de Heliconia. Póde dominar como Venus na sua côrte; mas eu prefiro Psyche á creação de Milo.

— Que de cousas amontoaste para nada. Terrivel gente a geração moderna. Prolixa, palradora, sem opinião. Era melhor dizeres que não gostavas da baroneza por ser demasiado adiposa, porque faz um formoso refego na barba, porque tem uns olhos chammejantes, porque o nariz parece dilatar-se haurindo fogo, porque, emfim, é uma natureza potente.

— Raciocinio de naturalista.

— Raciocinio de homem que preza a verdade.

— Será o que quizeres. Dize-me, porém, o motivo porque me interrompeste nas minhas meditações?

— O motivo é simples. Quero prestar-te um serviço.

— Não percebo. Que relação tem a baroneza com tudo isto.

— Já te não lembras de Alfredo e Violante?

— Eu tenho a memoria do coração.

— Que é de todas a peior. Mas, vamos adiante. Sabes da vida da baroneza?

— Sei que lhe apráz perder-se nos bosques, para que o deus travesso lhe vare o coração com uma setta hervada.

— Deixa-te de mythologias, e falla com rigor e em linguagem commum. Lembra-te que estamos em Portugal, n'este recanto do occidente, aonde todos adoram Victor Hugo e o arremedam. O proprio Byron e Lamartine, e o Goethe e o Espronceda já não ha quem os leia. De Mazoni ninguem falla. Ora Victor Hugo nunca provou o mel do Hymetto. Sê pois nebuloso, se quizeres, invoca o proprio Hegel, e a perfectibilidade, mas não falles na Grecia, n'esse berço das letras, porque ficas grego. Ninguem te entende. E depois, meu caro, o ridiculo persegue os arcades. Acabaram os pastores. Fallar de Cupido e da sua aljava é suicidar-se. Está proscripto o genero infantil da arcadia. E o peior é que de envolta com essas velharias lá se nos vae o sabor portuguez, o conceituoso, a clareza, a fidalguia da boa dicção. A aguia de Victor Hugo empolgou nas garras aduncas os nossos pobres rouxinoes, e deixou por cá as corujas e os mochos que piam nos escombros.

— Menos furia, meu caro Antonio.

— Tens razão. Não comprehendo o progresso. Adiante. Sabes por tanto que a baroneza...

— É um pouco leviana, como a castellã da idade media que por horas mortas da noite contava as estrellas nos olhos de um pagem ladino e lindo como um sylpho.

— És incorrigivel. Passas da Grecia para a idade media sem mais reparo, como quem pula de Lisboa para Cintra.

— De que modo heide então definir a baroneza?

— Dize primeiro que é formosa.

— Nego.

— A formosura é uma qualidade relativa, que varía de objecto para objecto, de sujeito para sujeito.

— Deixa-te de philosophias, com que malsinas o teu caracter de homem assisado. Pelos modos tambem divides a formosura em objectiva e subjectiva! Horror! Mulher formosa é a que rende o maior numero e não se rende a ninguem.

— Logo a baroneza é formosissima porque agrada a todo o mundo.

— Agrada, mas não rende, seja dito sem calemburgo. Não subjuga! Mas por Deus! Acabou o primeiro acto. Perdi esta musica divina do divino Donizetti, por tua culpa e da tua baroneza.

— Já agora ouve, que has de agradecer-me. E pois que encontras tanta difficuldade em definir a baroneza, prosigamos o nó gordio.

— Vamos, pois, adiante, mas não fiquemos no mesmo sitio.

— Sabes que fui o melhor e talvez unico amigo de Alfredo.

— Perfeitamente.

— Não ignoras que o amparei em todas as tribulações da sua vida, nos desenganos, que lhe cavaram a ruina, nos desalentos que lhe compungiram horrivelmente aquella alma de poeta, nas immensas dores que elle curtio, quando se revolvia voluptuosamente nos espinhos que lhe juncavam o caminho. Sabes tudo isto, porque foste testemunha dos meus baldos esforços em lançar balsamo na ferida sanguinosa, em levar um raio de luz ás trevas do carcere em que elle gemia chumbado á propria dôr. Muitas vezes has desejado estudar esse problema chamado Alfredo de Mello, não como um ornato vulgar, como um Desgrieux insulso, que corre atraz de uma Manon devassa, senão como o symbolo de um homem que gira perpetuamente em volta de um ponto fixo até cair redondo no chão, para depois se erguer como Anteu e exclamar: *homo sum*. Esse Alfredo que arrojou a todos os ventos a vida, a alma, o coração; esse louco para quem o mundo era pequeno ambito aonde expandisse as lavas da sua actividade vulcanica; esse homem que foi mais poeta do que Espronceda, porque saío impolluto da orgia; esse homem que tu tantas vezes contemplaste pasmado e estatico, proque não lhe comprehendias o sorriso de mumia galvanisada; esse semi-deus bi-fronte como Jano, que ora arremettia com um mundo, ora fugia espavorido de uma creança; esse complexo de qualidades e defeitos, argilla e ether a um tempo, demonio e archanjo, umas vezes seraphico como S. Agostinho, outras sceptico como Fausto, aqui topetando com as nuvens, acolá infimo e desprezivel chafurdando no lodo, confundindo Magdalena com Aspasia, e Patmos com a ilha de Chio, a ambrosia com o phaterno; esse mortal, emfim, que quizera que todas as mulheres fossem Artemisas, para que todas lhe elevassem um mausoléo, podes estudal-o completamente, analysal-o, dissecal-o como um exemplar exotico da especie humana, como um ser monstruoso, teratologico, informe, antediluviano, representante de uma fauna oblitterada, naufrago de um cataclismo antigo, fossil de uma paleontologia desconhecida.

— Como? bradei eu a final.

— Simplesmente. Olha-me com attenção para a baroneza. É uma formosura potente, luxuriante como um feto arborescente, e não sei se diga luxuriosa como um demonio ou como um hippopotamo.

— E depois? Estou farto de contemplar a baroneza.

— Só ella te póde dar a chave do enigma, ella, a companheira inseparavel de Violante, ella o anjo caído que a tentou e offuscou com ouropeis enganosos, ella, a pagã, que nem mesmo é idolatra, porque ousa conculcar os penates e vilipendiar o marido, ella, a mulher-carne, a Venus Adiposa, o vicio esplendido, a incansavel, a insaciavel, a verdadeira Aspasia que não se vende nem se entrega, porque domina e compra. Essa mulher, borboleta que ao sair da chrisalida para logo queimou as candidas azas no brazeiro das paixões, guarda como um thesouro as cartas de Violante, que foi o unico e verdadeiro amor de Alfredo.

— E como queres que eu arranque esse thesouro de mãos tão avaras e aferradas? Como convencer a baroneza?

— Não sei. Aventura-te n'esse vulcão de lodo, a que ella chama consciencia.

— Ó Tantalo, imagem eterna e eternamente joven do homem, Vejo o fructo e não posso colhel-o. Desde que conheci Alfredo sempre foi desejo meu mais intimo e entranhado o seguir passo a passo, com a sonda na mão aquelle viver insolito, aquelle despenhar de loucuras, aquella catadupa de grandes esforços e grandissimas fraquezas. E agora que seguro e palpo o extremo do fio, que havia de guiar-me no labyrintho, quebra-se-me nas mãos de encontro a um rochedo inabalavel.

Antonio Alvares olhou fito para mim.

— O teu desapontamento parece-me verdadeiro.

— Ainda duvidas, barbaro?

— Eu duvido sempre, porque fui muito credulo. Felizes tempos! O papel de sceptico não é já agora da moda no drama da vida, porque o drama volveu-se comedia. Assentámos todos em nos rirmos das proprias e alheias fraquezas, como Democrito e Diogenes. É o cynismo e o estoicismo. Ha, porém, uma cousa tão santa e pura, um sentimento tão elevado e divino, que é sacrilego quem se ri d'elle. Ninguem escarneça da amisade e das oblatas, que no altar d'ella depoem os fieis Acredito, pois, na tua dôr. Confio do teu coração. Foste amigo de Alfredo; de razão é que desejes saber-lhe a vida.

— Agradeço e admiro a tua rara agudeza. Parece-me que não é necessario ser OEdipo para adivinhar isso. Invocar a amisade em crise tão natural, qual é a curiosidade de penetrar um enigma, é sobejidão a que tu és muito atreito.

— Desculpo-te as imprudencias. Vamos ao caso. Eu posso contar-te miudamente a vida de Alfre-

do, para a romanceares á vontade. Sei, porém, que a baroneza guarda com especial carinho as cartas de Violante. Já vês a vantagem de obter esses documentos de alta valia. Como? Não sei. Quando? Ignoro. Tactêa e espreita a occasião azada. Isso te pertence.

—Amanhã hei de ter as cartas de Violante, exclamei erguendo-me com uns modos inspirados, dignos de um vidente.

—És dotado de dupla vista?

—Não. Conheço as mulheres em geral, e a baroneza em especial.

—E depois?

—Cá tenho a minha tactica. Amanhã á noitinha serei em tua casa, continuei com um tom fatidico, como quem dá um aprazamento fatal.

—Amanhã te aguardarei e verei se foste o Alexandre d'este caso intricado.

—Adeos.

—Aonde vaes?

—Ao camarote da baroneza.

—Tem mão. Não te percas.

—Infelizmente já não estou na idade de perder-me! Quem dera! Foram tempos que não voltam, ainda mal!

—Vae pois. Guie-te Mercurio, o deus dos ladrões.

—E o mensageiro dos carnaes amores da côrte olympica.

E saí.

Antonio Alvares estava boqui-aberto. Era a imagem do espanto. Estava erecto com a cabeça levemente pendida, olhos semi-velados, sorriso algum tanto sardonico e incredulo Parecia-me um ponto de admiração seguido de uma reticencia mysteriosa.

(Continua.)

ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE O CEREBRO

O cerebro do cão não excede o do carneiro e é mais pequeno que o do boi. O cerebro do elephante pesa tres vezes mais que o cerebro humano. A baleia e muitos outros cetaceos teem tambem o cerebro superior ao do homem.

Se se compara o peso do cerebro com a massa do corpo, acha-se que o cerebro do homem é, relativamente, inferior ao de muitas especies de bugios, do pardal, do melharuco e do canario. O cão, relativamente, tambem tem o cerebro mais pequeno que o morcego e o cavallo menor que o coelho.

Comparando-se igualmente as circumvoluções ou pregas variadas e irregulares que se vêem no cerebro de alguns animaes, e que certos auctores teem considerado como signaes de superioridade, nota-se que o burro tem muitas circumvoluções e que o elephante tem mais do que o homem.

Geralmente admitte-se que um homem, cujo cerebro pese menos de 1000 grammas, é, necessariamente, privado d'intelligencia. É ponto controverso, qual a idade em que o cerebro attinge o seu peso maximo e se ha alguma epoca em que elle diminue. Segundo o distincto naturalista e elegante escriptor, Pedro Gratiolet, (1) «o cerebro cresce sempre, pelo menos nas raças caucasianas, desde a infancia até á decrepitude.

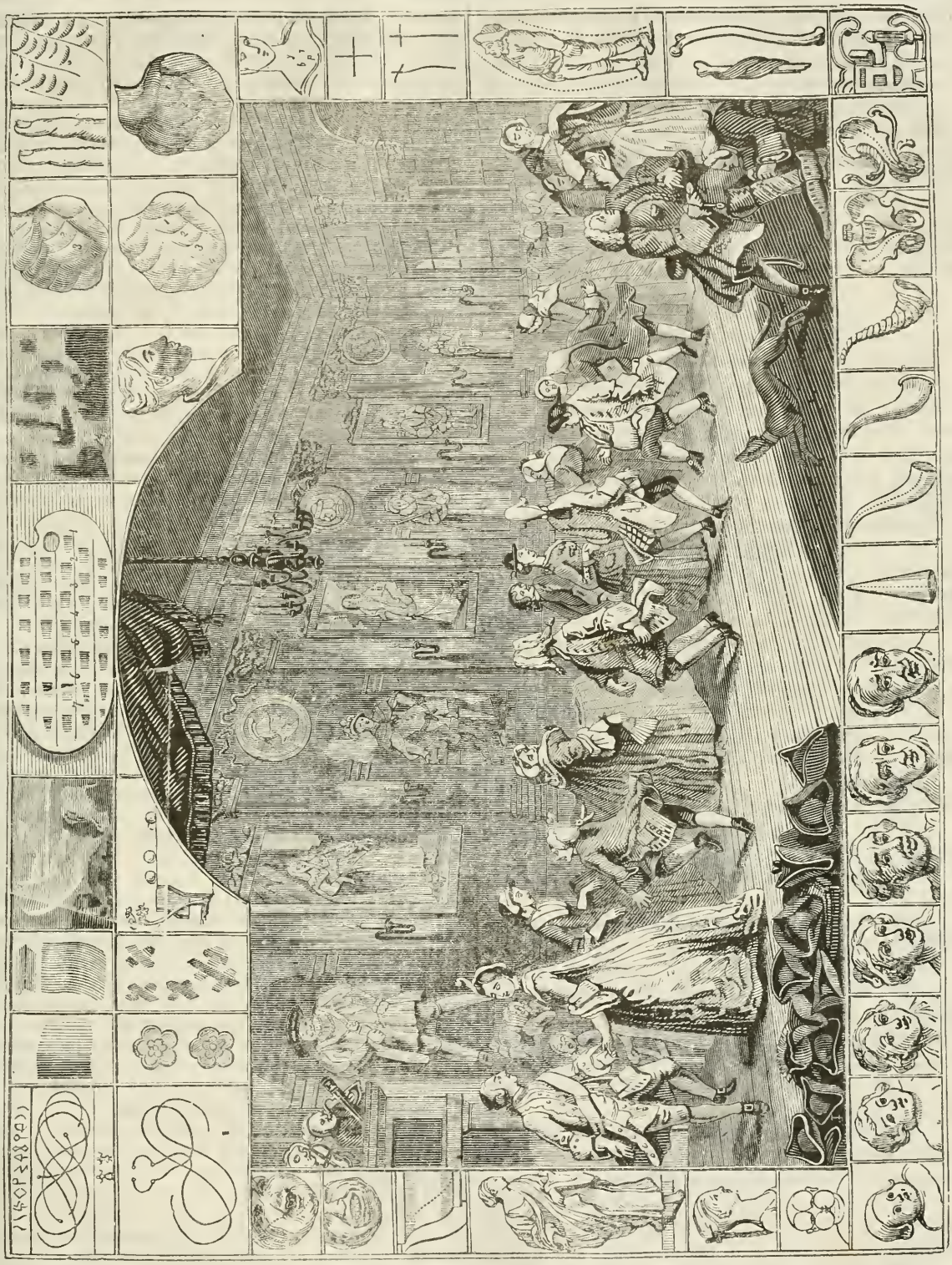
Diz-se que o cerebro de Cromwell pesava 2238 grammas, o de Byron 2238 e o de Cuvier 1829; mas estas cifras, que não são incontestaveis, nada provam. Raphael, Descartes, Voltaire, Napoleão, Schiller e outros muitos homens illustres, tinham cabeças pequenas, e os seus cerebros não podiam exceder muito o peso medio, que varia entre 1328 e 1424 grammas.

A CONTRADANÇA RIDICULA

Já n'este volume do *Panorama* figuraram duas gravuras de Hogarth. A primeira, denominada o *Infeliz Poeta*, era uma d'estas gargalhadas, que occultam lagrimas, um drama contado com voz ligeiramente ironica; a segunda, intitulada o *Musico enraivecido*, considerámol-a como um verdadeiro folhetim, como a producção espontanea de uma hora de bom humor. A que hoje se apresenta aos nossos leitores póde-se tomar como o typo mais perfeito da caricatura humoristica ingleza, como o exemplo mais notavel d'esse comico phantastico, peculiar das nações septemtrionaes, que produz na litteratura os *Contos extravagantes* de Achim d'Arnim, e as *Historias extraordinarias* d'Edgar Poe.

Os inglezes e os allemães, até mesmo nas horas em que soltam as suas gargalhadas *Fallstafficas* (permitta-se-nos o termo) revelam as tendencias idealistas, que deram á sua litteratura o cunho original, que a fez prevalecer sobre todas as outras, quando a Europa, fatigada d'uma longa crise, e vendo-se no meio das ruinas das suas velhas instituições, sentio um vago desejo de penetrar n'esses mundos desconhecidos e nebulosos, por onde esvoaçava a musa melancolica dos poetas do norte. O francez tem menos tendencia para se despegar da realidade, e o seu culto pelo bom senso, que formou sempre a physionomia particular da sua litteratura, não consente que a extravagancia transponha certos limites. O espirito gaulez, como elles lhe chamam, admitte a ironia, a mordacidade, mas não comprehende o *excentrico*. A adoração, que, durante certo tempo, mostraram por Hoffmann, e pelos romancistas allemães da sua escola, foi uma adoração ficticia, uma moda exotica, que já principia a passar. O *humorismo* inglez nunca poude implantar-se completamente na sua litteratura, apezar dos esforços de muitos escriptores. Esta seriedade no comico, esta impassibilidade no extravagante, no absurdo, que os Allemães e os Inglezes consideram como o supremo gráo do chiste, nunca foi acolhido pelos Francezes senão com um meio sorriso. Em compensação a mais leve allusão satyrica do folhetim, e a gargalhada franca e burlesca do *vaudeville* transporta d'enthusiasmo esses Athenienses de Paris.

(1) Pedro Gratiolet, lente de zoologia da Faculdade de sciencias de Paris. Morreu em 16 de fevereiro de 1865.



A contradança ridicula.

Ora a *Contradança ridicula* d'Hogarth é a expressão do comico inglez. É uma phantasia grotesca, é uma visão estapafurdia, é um devaneio disparatado. Não se cancem a procurar allusões que as não encontram; não julguem que as figuras do quadro se vão contorcer em momos e esgares de *vaudeville*; os vultos da contradança agitam-se com uma seriedade glacial, e tomam com um aspecto funebre as posições mais capazes de despertar a hilaridade. Em torno d'elles volteia a phantasia do desenhador, formando a esse quadro a moldura mais caprichosa e excentrica. O lapis traça os arabescos mais extravagantes, sem aspirar um momento só a ligar entre si os episodios que foi

formando na tela. Um francez, se tentasse fazer uma caricatura n'este genero, formaria uma collecção de figuras *désopilantes*, como as póde conceber quem tem o espirito exaltado pelos fumos provenientes dos copos espumosos do Champagne, bebidos no meio d'um tiroteio alegre de rolhas e de bons ditos; mas a caricatura d'Hogarth é um sonho de bebedor de cerveja, que absorveu uns poucos de *bocks*, fumando silencioso o seu cachimbo, e que, deixando depois cair a cabeça em cima da banca, vio, entre uma nuvem vaporosa, agitar-se-lhe em torno essa grave e ridicula contradança.

PINHEIRO CHAGAS

OS TRES FILHOS DE FAMILIA

Anecdota arabe

Um dia, Naaman, bey de Constantina, mandou publicar na cidade um aviso prohibindo os passeios nocturnos, sob pena de morte para todo o individuo que fosse encontrado pela policia; e ao mesmo tempo prescreveu ao caid-dar o fazer pessoalmente a ronda.

Quando chegou a noite o caid fez a sua oração, e, ao sair da mesquita, chamou cinco agentes, e começou o seu giro. Chegados ao Souq-el-Herguema (rua das casas de pasto tunisianas) encontraram tres mancebos, bem vestidos, conversando.

—Mancebos, gritou o caid-dar, que motivos tendes para vos achardes aqui a esta hora?

—Nenhum, responderam elles.

—E de quem sois filhos? accrescentou o caid.

—Eu, replicou um d'elles, sou filho d'aquelle diante do qual se curvam as cabeças dos homens.

—Eu, disse outro, sou filho d'aquelle que dá de comer a quem tem fome.

—E eu, disse o terceiro, sou filho d'aquelle que dá de beber a quem tem sêde.

Depois de um momento de reflexão, o caid-dar disse-lhes:

—Não posso por-vos em liberdade sem que o sultão vos veja.

No dia seguinte conduzio-os á presença de Naaman-Bey. Os mancebos deram-lhe as mesmas respostas que tinham dado ao caid.

O principe immediatamente os mandou soltar; depois, voltando-se para os grandes da côrte:

—Notastes, lhes disse, a delicadeza e a finura d'estes adolescentes?

—Perdemo-nos em conjecturas, senhor, responderam elles, e estamos admirados de ver como agarrastes o sentido das suas palavras.

—Muito bem, continuou o Bey, eis aqui a explicação: o primeiro é filho d'um barbeiro, o segundo d'um padeiro e o terceiro d'um aguadeiro.

A estas palavras os cortezãos exclamaram:

—Que Deos vos conceda toda a sua infinita misericordia, ó grande principe e senhor nosso. É o vosso espirito que nos esclarece.

MYTHOLOGIA SCANDINAVA

Nos confins da Europa septemtrional, nos paizes proximos aos gelos polares, habitava em outro tempo o povo scandinavo, que, originario do Oriente, viera, depois de uma longa peregrinação, estabelecer-se nas inhospitaleiras regiões do Norte, tão distinctas do seu paiz natal. A sua religião era um paganismo grosseiro, muito differente do risonho sensualismo da mythologia grega, e do caracter philosophico dos primeiros dogmas da India; era uma religião de sangue propria de um povo que considerava a paz como uma cousa vergonhosa e que só achava prazer nos combates. Esta religião durou por espaço de muitos seculos, porque a luz do Evangelho tarde penetrou n'aquelles paizes: já muito tempo havia que em toda a Europa se tinham derribado os altares de Jupiter e de Teutates e ainda na Scandinavia se venerava Thor e Odin.

O paiz, que este povo habitava, contribuia poderosamente para que a sua religião tivesse um caracter sombrio; pois é um facto indubitavel que a influencia da localidade deixa-se sentir, até, nas crenças do homem. Os scandinavos deviam sentir esta influencia ao contemplar o seu céo sempre toldado, os seus rochedos selvagens nas bordas de um mar tempestuoso, e o seu aspero clima n'aquelles prolongados invernos; invernos em que a natureza parece envolta em um manto de luto, quando o sol pallido e sem brilho apenas permanece algumas horas sobre o horisonte, allumiando fracamente um paiz agreste e gelado, como que para suspender por um momento a tristeza das suas noites eternas.

A mythologia scandinava, apresenta-nos uma multidão de seres sobrenaturaes, cujos poderes, mais ou menos limitados, estão ao serviço do bem ou do mal, segundo a classe a que pertencem. N'esta religião não está tão marcado, como na maior parte das outras, esse dualismo do bem e do mal, que fórma geralmente a base das crenças de quasi todos os povos; mas, sim, domina uma côr sombria, que não se encontrará acaso em nenhuma outra; os seus deuses teem que defender-se dos ataques dos gigantes, e sabem que chegará um dia em que o mundo será presa das chammas, e que a maior parte d'elles perecerá para não mais resuscitar.

O primeiro de todos os Asas ou deuses é Odin, dominador de todas as cousas; os outros deuses obedecem-lhe e respeitam-no. Sua esposa Frigga lê no coração dos homens e penetra os seus designios antes de serem executados; d'ella e de Odin descendem todos os Asas. Odin tem sempre dois corvos sobre os hombros, os quaes manda todas as manhãs correr os mundos para lhe contarem o que se passa n'elles.

O segundo dos Asas é Thor; este deus é o ser mais forte que existe no universo, e habita um palacio que tem quinhentas e quarenta habitações; geralmente anda em um carro puxado por dois bodes. Thor tem uma clava que é fatal aos gigantes, e além d'isso possue um cinto, que lhe duplica a força quando o ajusta, e umas luvas de ferro. As façanhas de Thor são infinitas, e bastariam para encher um volume. No combate final dos deuses com os gigantes, Thor lucta com a serpente Midgard e é derribado por este monstro. Thor é a personificação do valor e da força.

O terceiro dos Asas é Baldur, deus da bondade, da riqueza e da formosura; o seu rosto é tão resplandecente que despede raios, e é o mais sabio, o mais eloquente e o mais bondoso de to-

dos os Asas; ninguem póde contrariar as suas sentenças. Na sua morada tudo é puro. Uma vez sonhou que havia perigos que ameaçavam a sua vida. Os deuses reuniram-se e resolveram preserval-o de todos quantos males podessem existir. Frigga fez com que o fogo, a agua, o ferro e todos os metaes, a terra e as pedras, as arvores, as enfermidades e os venenos, os quadrupedes, as aves e os insectos, todos os seres, em fim, jurassem que jámais causariam o menor damno a Baldur. Um dia os Asas entretinham-se em perseguil-o, sabendo que não podiam fazer-lhe mal; Loki, porém, deus do mal, vio isto e propoz-se a matal-o. Tendo-lhe constado que a leste do Valhalla, ou palacio dos bemaventurados, existia um arbusto ao qual Frigga não havia exigido o juramento a respeito de Baldur, porque o julgou mui pequeno, correu ao sitio, cortou-o e voltou para junto dos Asas. Hodur estava fóra do circulo, porque era cego; ¿ «porque, lhe disse Loki, não persegues tambem Baldur?» ¿«Porque não vejo aonde está, e além d'isso não tenho armas, respondeu Hodur.» «Faze como os demais, tornou Loki, e honra a Baldur; eu t'o indicarei: atira-lhe com esta varinha.» Hodur agarrou na varinha e arremessou-a na direcção que Loki lhe mostrava; a varinha foi directamente atravessar o corpo de Baldur e lançou-o morto por terra. Os Asas ficaram gelados de espanto; não podiam, porém, vingar aquella morte por ser um lugar sagrado. Então Frigga perguntou quem era o que se atrevia a descer ao reino das sombras para offerecer á morte o resgate de Baldur. Hermodur, o veloz, filho de Odin, disse que não punha duvida em ir desempenhar tal missão. Durante nove noites caminhou por valles escuros e medonhos até que chegou ao rio Gioll, cuja ponte é coberta de ouro. A donzella que guardava esta ponte disse-lhe que na vespera tinham passado cinco pellotões de homens mortos, e, não obstante, não faziam mais ruido do que elle; — perguntou-lhe tambem aonde ia, pois não lhe achava côr de cadaver. Hermodur, contou-lhe o fim da sua viagem, e, continuando o seu caminho, chegou em fim, ao palacio da morte, onde vio Baldur no posto mais honroso. Quando no dia seguinte Hermodur pedio á morte que lhe concedesse levar comsigo Baldur para renascer a alegria em Asgard, a morte respondeu-lhe que se todos os viventes e todos os objectos inanimados quizessem chorar a desgraça do deus, permittiria então que este tornasse para o seio dos Asas. Hermodur de volta, os Asas enviaram mensageiros a todas as partes pedindo que chorassem a desgraça de Baldur para este bom deos poder saír das mãos da morte: os homens e os animaes, a terra, as pedras, as arvores e os metaes, todos choraram por Baldur; só uma velha permaneceu muda; em vão lhe pediram que chorasse; negou-se obstinadamente a isso, dizendo que guardasse a morte o que já tinha em seu poder. Os Asas, conhecendo que era Loki, resolveram castigal-o, como o fizeram depois.

Niord é o terceiro dos Asas; dirige o curso do vento e domina na agua e no fogo. Niord não é propriamente da raça dos Asas; por seu nascimento pertence aos Vanes. Sua esposa Skadi é filha do gigante Thiassi. Niord tem dois filhos: Freir, que dirige o tempo, dispõe do sol, da chuva, da paz e da fertilidade, e Freia, que é a mais bella de todas as deusas; a esta pertence metade das almas dos que morrem nos combates, assim como a outra metade pertence a Odin. Freia anda em um carro puxado por gatos; é affeiçoada aos cantos de amor e deve ser consultada em assumptos amorosos.

Outro dos Asas é Tyr, deus da guerra; o seu valor e atrevimento são extraordinarios. Quando os Asas procuravam persuadir o lobo Fenris para que se deixasse prender, este disse que o não faria sem o grande Tyr lhe metter a mão dentro da boca até o termo da sua prisão; como o lobo, fortemente encadeado, vio não mais poder recobrar a sua liberdade, cortou com os dentes a mão de Tyr, que desde então ficou maneta; mas que nem por isso é tido por pacifico.

Bragi é outro Asa que se distingue por sua eloquencia e destreza na poesia; sua esposa Iduna conserva em uma vasilha de ouro as maçãs que dão aos deuses uma juventude perpetua.

Heimdall, chamado o Asa branco, foi dado á luz por nove irmãs; dorme menos que um passaro e vê tanto de dia como de noite; o seu ouvido é tão fino que sente nascer a herva e a lã das ovelhas. Heimdall vela sempre á entrada da ponte por onde hão de passar os gigantes quando forem luctar com os deuses. O som da sua trombeta, chamada Giallar, ouve-se em todos os mundos.

Outro dos Asas é Hodur, o cégo, que matou Baldur; é extremamente forte.

Vidar é denominado o Asa silencioso; tem um sapato ao qual cousa alguma póde causar o menor damno. Vidar é o mais forte depois de Thor e é a elle que se entregam os deoses em todos os perigos.

Os outros Asas são: Ali ou Vali, filho de Odin e de Rinda; é atrevido nos combates e bom archeiro. Uller, habil em patinar, é de rosto agradavel e de aspecto guerreiro; é o deus dos desafios. Forseti, filho de Baldur e de Nanna, é o que decide as questões dos homens.

Entre os Asas conta-se tambem Loki, a que alguns chamam o blasphemo, o deus do engano e do opprobrio. Seu pai foi o gigante Farbauti e sua mãi Laufeya. Loki é formoso, mas de caracter perverso e inconstante; a sua maldade tem causado grandes pezares aos deuses; em compensação, porém, em algumas occasiões tem-n'os salvado dos perigos. Sua esposa chama-se Sygin e d'ella tem um filho chamado Nari ou Narvi; além d'isso, de uma mulher gigante teve por filho o lobo Fenris, que devorará Odin, a serpente Midgard, que rodeia a terra, e a Morte. Os Asas criaram o lobo Fenris, mas sabendo que este monstro um dia causaria a sua ruina, resolveram prendel-o; foi quando em vingança cortou com os dentes a mão de Tyr. Os deuses vendo-o encadeado, pozeram-no entre penhas, mettendo-lhe na bóca uma espada com a ponta para cima e o punho na lingua; assim permanecerá até o fim do mundo e dos Asas.

A primeira das deosas é Frigga, cuja formosura é superior a tudo; a segunda deusa Saga; a terceira Eir, especie de Esculapio feminino; a quarta, Gefion, patrona das donzellas; a quinta, Fulla. A principal depois de Frigga é Freia que, abandonada por Odur, seu marido, quando este foi vêr os paizes longinquos, correu todo o mun-

do procurando-o e derramando lagrimas de oiro, as lagrimas da fidelidade. As outras deusas são: Siofn, que apazigua a colera dos homens; Lofn, que corta os obstaculos que se oppõem ao verdadeiro amor; Vara, que ouve os juramentos que fazem os amantes e castiga os que a elles faltam; Syn, que guarda as portas do palacio dos eleitos, e nega a entrada aos que não são dignos; Hlin, que defende os protegidos de Frigga e Gna, emissaria de Frigga.

A mythologia scandinava apresenta-nos além dos Asas ou deuses uma multidão de seres sobrenaturaes, como: As Nornas que habitam junto da enzinha Iggdrasil, das quaes a primeira é Urd (o passado, o tempo primitivo), a segunda, Skuld (o presente, o peccado), a terceira, Vernandi (o porvir); estas Nornas são como as Parcas da mythologia grega. As Valkyrias, (as que elegem) divindades guerreiras de extraordinaria belleza que correm pelos ares a cavallo e que presidem aos combates, nos quaes designam os que hão de morrer para leval-os depois ao Valhalla ou palacio dos eternos gozos. Além d'estas divindades havia tambem os gigantes, os anões, os Alfas e os Vanes.

Os scandinavos criam que havia nove mundos; mas um dos principaes era Muspell, onde dominava o terrivel Surtur, que virá um dia vencer os deuses e abrasar o universo.

As idéas dos scandinavos ácerca da creação, eram muito estranhas. O inferno, segundo elles, existia antes da terra; e o genero humano ainda não existia quando em certo dia a vaca Andhumla, lambendo a geada que tinha uma pedra, fez saír a cabeça de um homem; este homem chamou-se Buri e teve por si só um filho chamado Bor, que era alto e formoso, e que casou com a filha de um gigante, da qual teve tres filhos, Odin, Vili e Ve, a cujas mãos morreu o gigante Ymir, que havia nascido de um modo estranho. Com as differentes partes do corpo do gigante formaram o mundo em cujo centro levantaram uma fortaleza para resistir aos ataques dos gigantes. Depois criaram o céo e o palacio chamado Valhalla, para onde vão as almas dos que morrem como valentes; o Valhalla é um lugar onde os seus habitantes se entregam diariamente aos combates; mas as feridas que n'elles recebem são curadas de noite; de sorte que no dia seguinte podem continuar a tarefa. Odin, Vili e Ve edificaram tambem Asgard (morada dos Asas) e depois criaram um homem e uma mulher, chamados Ask e Embla, dos quaes descende o genero humano.

A mythologia scandinava não diz quando ha de ser o fim do mundo e dos deuses; só refere que hão de vir antes tres invernos rigorosissimos, sem que haja entre elles nenhum estio; antes d'estes tres invernos o mundo ha de ser desolado por guerras horrendas, nas quaes combaterão filhos contra pais, irmãos contra irmãos. Depois hão de apparecer signaes funestos; o lobo, que segundo os scandinavos perseguia o sol e o fazia andar depressa, devoral-o-ha para grande desgraça do genero humano. Outro lobo, que tambem persegue a lua, apoderar-se-ha d'ella, e as estrellas cairão do céo. A terra tremerá, as arvores arrancar-se-hão pela raiz; os montes desmoronar-se-hão e todas as cadêas serão quebradas. O lobo Fenris vêr-se-ha livre e o mar sairá dos seus limites espargindo-se pela terra, porque a serpente Midgard animada do mau desejo da sua raça de gigantes, buscará a terra. O Naglfar, navio construido das unhas dos mortos, caminhará sobre as aguas guiado por Hrymr; o lobo Fenris crescerá a ponto de tocar com um queixo no céo e com outro na terra, lançando fogo pelos olhos e pelas ventas; a serpente Midgard vomitará veneno que incendiará o ar e o mar, e o céo rasgar-se-ha por todas as partes. Os filhos de Muspell virão então conduzidos por Surtur, com a sua espada ardente e atraz d'elles virá um fogo abrasador. Loki acudirá tambem com Hel (a morte) e com todos os filhos de Muspell.

Heimdall ao ouvir o estrondo tocará a trombeta e convocará todos os deuses. Odin irá consultar o manancial de Mimir; a enzinha Iggdrasil agitar-se-ha e os Asas preparar-se-hão para o combate; Odin, irá adiante levando a seu lado o valente Thor; Odin tem que combater com o lobo Fenris e Thor com a serpente Midgard; Freir combate com Surtur e succumbe por lhe faltar a sua boa espada. Tyr combate contra o cão da caverna de Gnipa e ambos morrem. Thor consegue matar a serpente, mas é derribado pelo veneno que lhe lança o monstro. O lobo devora Odin, porém o terrivel Vidar põe sobre a queixada inferior do lobo o seu pé coberto com o invulneravel sapato e agarrando-o depois pela queixada superior, fal-o em dois pedaços causando-lhe a morte. Loki peleja contra Heimdall e ambos perecem; mas Surtur espalha o fogo pela terra e abrasa o mundo inteiro.

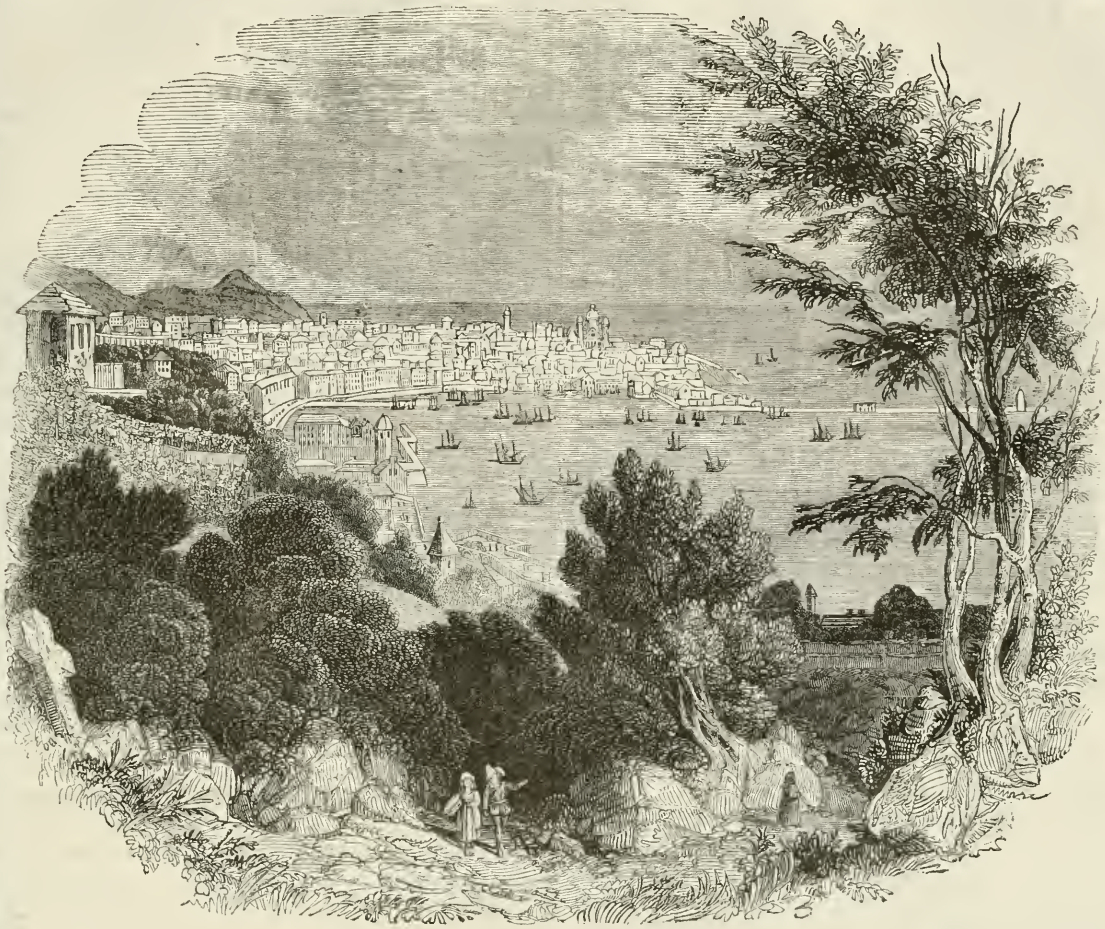
Depois d'esta catastrophe, a terra sae do mar verde e formosa, e dá frutos sem necessitar cultura. Vidar e Vali continuam vivendo, porque nem o mar nem o fogo poderam prejudical-os; existem ambos no campo de Ida, onde outr'ora esteve Asgard; ali vão tambem os filhos de Thor com o seu martello. Baldur e Hodur voltam do reino da morte; todos se assentam no Ida e fallam das cousas passadas, da serpente Midgard e do lobo Fenris; na herva acham as taboas de ouro dos Asas.

Dois seres humanos, chamados Lif e Lifthrasir, que se tinham escondido em um lugar recondito na occasião do fogo de Surtur e que se haviam alimentado de rocio, povoam novamente o mundo, e uma filha do Sol, que segue o mesmo caminho que seu pai serve para alumiar de novo a terra.

Esta religião, que parece tão grosseira, encerra um symbolismo profundo em alguns pontos; mas não é possivel aqui explical-o, assim como não podemos dar d'ella senão uma idéa geral: para explical-a em todas as suas particularidades e em sua significação seria necessario um volume.

Os scandinavos parece terem tido alguma idéa de um Deus eterno e increiado, mas só uma vez o menciona a sua mythologia dando-lhe o nome de Pai Universal; este nome é depois dado muitas vezes a Odin; além d'isso ao fallar de um Deus supremo e eterno mencionam um lugar que não é outra cousa senão o inferno, mas não como o pintam ao fallar dos outros deuses. Seja como fôr, as suas idéas acerca d'estes pontos parecem ter sido bastante confusas e vagas; talvez como resto de uma tradição perdida ou como uma idéa tomada de outros povos de distincta religião.

Typ. Franco-Portugueza. Rua do Thesouro Velho, 6



Genova.

Decaida da sua grandeza, mas conservando ainda o nome de *soberba*, e as suas ruas de palacios, esta cidade, que foi na idade media capital d'uma republica poderosa e rival de Veneza, dominadora do mar, e que partilhava com a rainha do Adriatico o privilegio do commercio oriental, antes que o nosso heroico Vasco da Gama, descobrindo um novo caminho para a India, e Affonso d'Albuquerque, estabelecendo n'essas longiquas regiões o nosso dominio incontestado, dessem a essas potencias italianas um golpe de que se não poderam levantar, Genova é hoje capital d'uma provincia italiana.

Habitada por um povo guerreiro, os Ligurios, que fizeram muitas vezes parte dos exercitos carthaginezes, Genova teve de se curvar a final, como toda a Italia, debaixo do jugo dos conquistadores Romanos. Quando a torrente dos barbaros inundou o imperio, Genova partilhou o destino commum, e foi escrava dos Lombardos antes de ser escrava de Carlos Magno e dos seus successores. No fim do seculo XI, aproveitando-se das dissenções intestinas do imperio, proclamou a sua independencia e estabeleceu um governo democratico, cujos chefes receberam a denominação de consules. Mas a intriga e ambição logo produziram desordens, e os Genovezes obviaram a esses inconvenientes por um meio bastante estranho. Fizeram-se governar por dictadores estrangeiros, que se denominavam *podestás*, auxiliados por um conselho de oito cidadãos.

Começou então a sua era gloriosa. Os mouros invadiram a Italia, Genova bateu-os, tomou a ilha de Corsega, e uma parte da de Sardenha, ousou invadir a Hespanha arabe tomando d'assalto as cidades d'Almeria e de Tortosa, auxiliou poderosamente os cruzados ganhando assim grandes vantagens pecuniarias e commerciaes, resistio energicamente aos imperadores Frederico I e Frederico II, soccorreu o pontifice, impoz tratados humilhantes ás republicas de Pisa, e de Veneza, suas rivaes, e fundou colonias na Asia e, até, no fundo do Mar Negro.

Em 1270 termina o governo dos *podestás*, substituidos por dois nobres com o titulo de *capitães da liberdade*, e uma especie de tribuno popular com o nome *d'abbade do povo*. Depois as discordias dos Guelfos e Gibelinos ensanguentam a republica e produzem uma longa e dolorosa guerra civil. Voltou-se de novo ao systema de dictadores

estrangeiros, depois veio a tyrannia dos *doze*, depois a dos *vinte e quatro*, depois foi eleito um *imperador*, a final a republica submetteu-se ao dominio de Roberto, rei de Napoles, e depois ao do papa João XXII.

Em 1331 principiou o governo dos doze durante o qual foram tantas as agitações, que a republica teve de se collocar no fim do seculo XIV, debaixo da protecção dos duques de Milão, e dos reis de França.

Apesar d'estas agitações politicas, a prosperidade commercial não diminuia, quando veio de subito a descoberta do novo caminho para as Indias. Seria esse o signal da morte da republica, se não surgisse exactamente n'essa época um grande homem que galvanisou o cadaver. Esse grande homem foi André Doria, especie de *condottiere* maritimo, que poz as suas esquadras ora ao serviço de Carlos V, ora do papa Clemente VII, ora de Francisco I, e que levou sempre a victoria nas pregas da sua bandeira. Este homem fundou na sua patria um governo aristocratico, e o impulso d'essa mão poderosa foi bastante forte para que a republica genoveza tivesse ainda mais de dois seculos de existencia. Mas perdera todas as suas colonias, toda a sua importancia maritima, e quando rebentou a revolução franceza, a aristocracia de Genova governava apenas um Estado de quinhentos mil habitantes, que é o mesmo que hoje constitue a provincia d'esse nome.

Os exercitos revolucionarios atravessando a Italia lançaram por toda a parte a semente das novas idéas. Quatro republicas ephemeras se erigiram na peninsula italiana. A Lombardia chamou-se republica cisalpina, os Estados do Papa tomaram o nome de republica romana, Napoles passou a ser a republica parthenopéa, e a republica aristocratica de Genova transformou-se na republica democratica, que se denominou liguriana.

Durou oito annos essa republica. Em 1805 Napoleão reunio-a ao imperio francez, e Genova passou a ser a capital d'um departamento d'esse colossal imperio.

Em 1800 sustentara essa cidade um cerco memoravel, em que Massena adquirio talvez a gloria mais brilhante da sua carreira militar. Em 1814 não foi essa cidade igualmente feliz, e a guarnição franceza que a defendia teve de a entregar ao general inglez lord Bentinck, que deixou restabelecer-se a antiga constituição republicana de Genova. Mas em 1815 o congresso de Vienna reunio-a com o seu territorio aos estados do rei da Sardenha.

A situação d'esta cidade é admiravel, o seu porto é magnifico, e o seu aspecto deslumbrante.

Os Apenninos, em cujas faldas está construida em amphitheatro, recurvam-se em semi-circulo para formarem o seu maravilhoso golpho. Comtudo, o aspecto interior da cidade não corresponde nem á sua esplendida perspectiva, nem ao seu titulo de soberba. Apertada entre o mar e os Apenninos, dispõe de pouco espaço para se estender, de fórma que as suas ruas são empinadas, juntando a isso o serem immundas. Em compensação tem quatro ou cinco ruas compostas unicamente de palacios de marmore, que maravilham o estrangeiro. As magnificas fachadas, e escadarias, os primores d'arte, que n'essas sumptuosas habitações se encontram, demonstram a opulencia e o bom gosto dos antigos dominadores do Mediterraneo. Esta cidade encerra tambem magnificos edificios publicos, um dos mais bellos theatros da Italia, o de *Carlo-Felice*, e passeios deliciosos.

Conta Genova actualmente perto de cento e quarenta mil habitantes, é sede d'um arcebispado, e liga-se por um caminho de ferro com Alexandria e Turim. O seu commercio ainda é importante, e póde-se dizer uma cidade prospera ainda que esteja decaida do seu antigo poderio. Mas se não é a capital d'uma d'essas poderosas republicas, que monopolisavam na idade media o commercio do mundo, e avassallavam os mares, é italiana ao menos, emquanto a sua rival, a triste Veneza, muda e sombria no fundo das suas lagoas, vê com lagrimas de desespero tremular nas grimpas de S. Marcos a aguia odiosa dos Austriacos.

Findará agora o seu martyrio? e a guerra que rebenta na Europa quebrará afinal os grilhões da rainha do Adriatico?

A NOVA EDIÇÃO DOS CLASSICOS

I

O Elucidario portuguez, por Fr. Joaquim de Santa Rosa Viterbo

É a litteratura franceza que exerce um dominio incontestavel em Portugal. A belleza litteraria das producções dos seus escriptores, o dom especial que possue aquelle idioma e o povo que o falla de captivar o espirito dos estrangeiros, e, mais do que tudo isto, a incrivel barateza a que tem chegado os seus livros são os motivos principaes da preeminencia que esta litteratura estranha exerce sobre todas as outras, e, até, sobre a propria litteratura nacional. E não se supponha, comtudo, que é o frivolo romance dos escriptores parisienses que rouba leitores ás chronicas pulverulentas dos nossos maiores, e ás pesadas epopéas que constituem a maxima parte da nossa velha bagagem poetica. Não; porque as edições dos classicos francezes, feitas a miude em París, encontram entre nós sempre saída; não; porque nas estantes dos nossos livreiros campeiam triumphantemente os livros de Froissard e de Brantôme e de Commines, as poesias de Ronsard, e de Marot, e de Du Bellay, as traducções de Amyot, os livros philosophicos de Descartes e de Pascal, e todos esses livros se vendem e desapparecem, emquanto as pessoas estudiosas debalde procuram nas mesmas estantes as chronicas de Fernão Lopes, de Azurara e de Ruy de Pina, as poesias de Ferreira e de Sá de Miranda, e de Diogo Bernardes, os livros de Amador Arraes e de Heitor Pinto, as comedias de Simão Machado ou os romances de cavallaria de Francisco de Moraes.

Resulta d'aqui um phenomeno estranho no espirito da classe estudiosa portugueza: não ha ponto obscuro da historia de França ácerca do qual não tenhâmos consultado os documentos

originaes; não ha vulto notavel nos seus fastos, cuja verdadeira estatura não conheçâmos, cujas feições não possâmos descrever, cujo viver intimo não saibâmos a fundo, ao passo que a nossa historia só a conhecemos muito elementarmente, e os nossos heróes antigos apparecem-nos vagamente estampados nas brumas do preterito, com a fronte rodeada d'esse vaporoso nimbo, que é o caracteristico dos Achilles e dos Ulysses, dos heróes da epopéa homerica, dos semi-deuses das épocas ante-historicas.

Ha muitas razões para que se dê esse facto; mas, uma das principaes é a falta de edições economicas, é o descuido que tem havido na reproducção dos livros antigos, é o preço enorme que se nos pede por um exemplar de qualquer dos nossos velhos escriptores.

Appareceu agora um editor, que tentou remediar essa falta, que se abalançou á temeraria, mas patriotica empresa da publicação dos classicos. Esta empresa, que devia ser auxiliada não só por todos os portuguezes que prézam a sua patria, mas tambem pelo governo, que tem obrigação de favorecer todos os que procurarem derramar a instrucção nas classes menos allumiadas por ella, e darem vigor á nossa nacionalidade que não póde subsistir sem as tradições, e, por conseguinte, sem o conhecimento amplo d'esses venerandos livros, que são os depositarios d'ellas; essa empreza, pois, digamol-o para vergonha nossa, está arrastando uma existencia enfezada, e findará, de certo, se um relampago de patriotismo não illuminar por acaso a mente dos portuguezes e o espirito do seu governo.

O *Panorama*, cuja divisa foi sempre desenvolver o gosto pela historia e pela litteratura nacional, não póde deixar de pugnar pela conservação de uma empresa d'onde o paiz póde auferir tantos proveitos, e de recommendar com muita instancia aos seus leitores o auxilio d'essa nobre tentativa. É indispensavel que Portugal possúa um corpo completo das obras dos seus antigos escriptores. São os elos que ligam o passado ao presente, formando a cadeia das tradições nacionaes, são os pergaminhos da nossa autonomia, são as fontes maravilhosas onde se pódem retemperar os fios embotados do nosso patriotismo.

As obras publicadas até agora pelo sr. Fernandes Lopes, que foi o editor que emprehendeu corajosamente esta improba tarefa, tem sido as seguintes: *Elucidario portuguez*, por Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo; *Chronica da Companhia de Jesus nos estados do Brazil*, pelo padre Simão de Vasconcellos; *Trabalhos de Jesus*, por Fr. Thomé de Jesus; e os dois primeiros volumes da *Historia de S. Domingos*, por Fr. Luiz de Sousa.

A revisão d'estas obras foi confiada pelo editor ao sr. Innocencio Francisco da Silva, de certo entre nós, pelos seus estudos especiaes, e pelas tendencias do seu espirito, o mais apto para levar a cabo um trabalho d'esta ordem.

Com o *Elucidario* abrio o editor a serie das suas publicações, e foi, devemos dizel-o, acertadissima a escolha. No seculo XIX e ao estado a que chegaram actualmente a philologia e a sciencia historica, não se lêem o que se convencionou chamar livros classicos com o fito unico de ir procurar nas suas paginas lições de boa e pura linguagem portugueza. Convencemo-nos a final de que as linguas não são immoveis, e estudamos os classicos não como modelos, mas como guias onde aprendemos o modo como os grandes escriptores concorrem para o desenvolvimento da linguagem. Perante o homem verdadeiramente estudioso, que se engolpha n'estes estudos aridos, mas sublimes, um livro de Fr. Luiz de Sousa tem o mesmo valor que um velho chronicão fradesco do seculo XIII; porque se aquelle lhe representa o estado da lingua na sua idade aurea, representa-lhe este a época infantil do idioma, que não é decerto a menos curiosa e a menos digna de estudo.

Se os leitores, por conseguinte, estão com animo firme de entrarem nas mais sombrias devezas da vasta floresta do passado, se em vez de se recostarem voluptuariamente á sombra das floridas larangeiras, que vicejam no formoso pomar de Fr. Luiz de Sousa e dos seus contemporaneos, têem a firme resolução de explorarem o labyrintho da historia, é o *Elucidario* o fio de Ariadne que os ha de guiar nos intrincados meandros d'essas velhas chronicas, d'esses restos informes da litteratura da idade media. Trabalho de benedictino, o *Elucidario* de Viterbo, como o *Glossaire* de Du Cange, é uma d'estas obras colossaes, que, sem darem ao seu auctor uma gloria brilhante, preparam aos outros os elementos de uma reputação estrondosa. Sem estes livros, recheiados de indigesta erudição, compilados laboriosamente no fundo sombrio de uma cella, alvo das zombarias da litteratura corteza, occupação da vida inteira de um pobre frade, para quem olhavam com motejador desprezo os poetas de outeiro, os chronistas elegantes, e os derretidos vates de mysticos dulçores, sem estes livros não seria possivel que os Thierrys, os Macaulays, os Herculanos, os Cantús, levassem a cabo as obras que os immortalisaram, e que déram ao seculo XIX a mais brilhante escola historica de que se póde ufanar a humanidade.

O *Elucidario* de Viterbo, para quem o lêr e manusear com attenção e cuidado, não tem só uma importancia de diccionario, não vale só pelos esclarecimentos com que ajuda os ledores das obras antigas, dando-lhes a explicação dos termos obsoletos, tem tambem grande valia como livro que sirva para texto de estudos historicos e philologicos. Effectivamente nos extractos dos documentos dos antigos cartorios, desde as mais remotas eras, vai-se seguindo passo a passo o desenvolvimento da linguagem portugueza, assiste-se ao esphacelamento do latim, corrompido pela rude linguagem dos godos, n'esse cadaver do idioma do Lacio vê-se palpitar o novo idioma, que ha de ser a lingua de Camões. Como na chrysalida se presente a borboleta, assim nas grosseiras expressões dos antigos documentos se adivinham as phrases energicas e doces que hão de exprimir depois, quando as murmurarem os labios dos grandes poetas e dos grandes prosadores, os sentimentos mais elevados e mais suaves, os impetos do patriotismo ou as meigas expansões do amor.

E que livro de historia valerá os singelos ensinamentos do *Elucidario!* Onde poderemos encontrar, reproduzidas mais photographicamente (se nos permittem o termo) as usanças e as crenças dos nossos antepassados? São, para assim dizermos, apanhados os nossos maiores em flagrante

delicto de sinceridade. Os chronistas, ainda mesmo os que não têem, como Fernão Lopes não tem, a mania da erudição e da imitação greco-romana, mania que veio depois produzida pelo grande movimento da renascença, os chronistas, ainda mesmo esses, não se podem esquivar a alindar um pouco a historia, a arranjal-a, a vestil-a segundo a etiqueta como quem tem de se apresentar perante os vindouros, e de se sujeitar á sua apreciação. Mas nos documentos, e, por conseguinte, no *Elucidario*, que nos apresenta uma ampla collecção, e uma collecção ordenada, de extractos d'esses documentos, a historia apparece em *négligé*, como quem pensa nos seus proprios negocios, e de modo algum nas observações que os vindouros podem colher do modo como esses negocios eram tratados pelas gerações que se iam succedendo na terra portugueza, e nos esclarecimentos que involuntariamente nos estão dando sobre a sua vida e gestos, o seu viver e crer.

Já vêem, pois, qual é multipla importancia do *Elucidario*, e a muita razão que teve o editor, o sr. Fernandes Lopes, de abrir com esse livro a serie das suas publicações; iniciados pelos trabalhos de Santa Rosa de Viterbo nos mysterios da historia, e do pensamento dos nossos maiores podemos com muito mais esclarecido criterio percorrer as paginas dos escriptores notaveis, que nos transmittiram nos seus livros um reflexo, avivado pelo seu genio particular, das idéas das gerações a que pertenceram.

Em successivos artigos iremos dando conta ao publico das outras obras que o sr. Fernandes Lopes tem já reimpressas, ou irá reimprimindo.

PINHEIRO CHAGAS.

FASTIDIOSOS PRELIMINARES

No dia de Maulud (nascimento do Propheta) estavam assentados varios mahometanos na grande mesquita, quando chegou um homem da tribu dos Zmul; lançou-se nos braços do tâleb, e, depois das saudações do costume trocadas reciprocamente, disse-lhe este:

— O que ha de novo? Como passam os de nossa casa?

O homem respondeu com socego:

— O falcão, que havieis educado, morreu.

— Como assim?

— Comeu muita carne.

— E donde veio essa carne?

— Dos vossos quatro cavallos que morreram.

— O que significa isso? O que se passou, pois, no aduar?

— Houve um grande incendio; aos gritos de soccorro, reunio-se toda a gente, e foi tal o trabalho que os vossos cavallos tiveram na condução de agua para o apagar, que por fim morreram.

— Pois que! um incendio? Como succedeu isso?

— Os criados tinham accendido vélas; dormiam tranquillamente, quando de subito rebentou o fogo.

— Que necessidade tinham elles de accender vélas?

— Para o serviço funebre de vossa mãe.

A estas palavras, o taleb não póde conter o pranto; lamentou a perda de sua mãe e por fim exclamou:

— Maroto! grande maroto! porque me não fallaste logo de minha mãe? Era-me ella mais cara que todos os objectos do teu estupido palavrorio. Dize-me ao menos de que morreu.

— De ciume.

— Ella ciosa! e de quem?

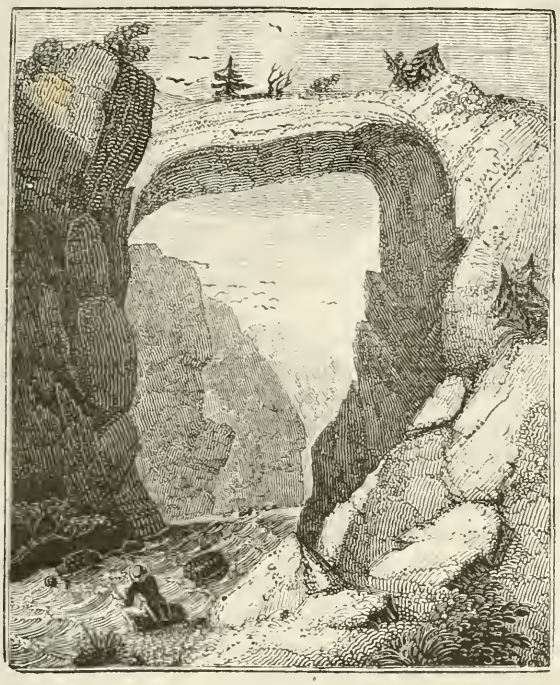
— Vosso pai acabava de desposar segunda mulher.

PONTE NATURAL NA VIRGINIA

Aquelle brilhante cavalheiro, que Walter Scott desenhou no seu romance de Kenilworth como um dos ornamentos da côrte de Izabel, Walter Raleigh foi tambem um intrepido descobridor, um aventureiro audacioso. Em honra da sua formosa soberana deu o nome de *Virginia* a uma vasta extensão das costas da America do Norte, e esse nome ficou a um dos Estados meridionaes da União Americana. Está limitado ao norte pela Pensylvania e pelo Maryland, a leste pelo Oceano Atlantico, ao sul pela Carolina do Norte e pelo Tennessée, a oeste pelo Kentucky e pelo Ohio, e abrange uma superficie de vinte mil e duzentos kilometros quadrados. A natureza, formando o solo d'este paiz, dividio-o em duas partes bem differentes pelos seus caracteres physicos: aqui uma planura elevada coroada pela cordilheira dos Alleghannys, de clima temperado, de vegetação septemtrional, de verdejantes alfombras, e cujas perspectivas são tão opulentas quanto variadas; além, do sopé d'estas terras elevadas até ás praias do Oceano uma planicie em declivio, regada por innumeraveis correntes de agua, primeiro pouco fertil emquanto se conserva ainda afferrada ás montanhas, depois rica e fecunda, mas ao mesmo tempo doentia e paludosa, porque as aguas correm lentamente debaixo de um céo de fogo. O tabaco, o arroz, o trigo, são as riquezas d'esta zona, e as arvores das suas florestas são o cypreste, e o sycomoro, emquanto o carvalho, o pinheiro, e o azevinho embellezam os districtos occidentaes. Como de certo os leitores já adivinharam, a paizagem, que a nossa gravura representa, pertence á parte montanhosa da Virginia.

A mesma differença se acha nas populações. Aqui a raça é elevada, forte, vigorosa, e trabalhadora; não precisou de acorrentar o negro Africano ao terreno que ella mesma lavra. O habitante da planicie, pelo contrario, mais delicado, indolente, amigo dos prazeres, grande amador de formosos cavallos, entrega aos escravos todo o trabalho. Emtorno d'elle meio milhão de individuos agrilhoados protesta ou antes protestava contra a sua ridicula pretensão ao republicanismo, virtude que só de nome conhece e pelo exemplo de alguns homens illustres. O Virginiano actual, da mesma fórma que o antigo colono, é essencialmente aristocrata, e por conseguinte separatista; e comtudo a Virginia foi a patria de Washington e de Jefferson!

Pelo que dissemos, é facil de vêr qual seria o papel adoptado por este paiz na ultima guerra; foi o centro da confederação meridional; a sua capital Richmond foi tambem capital dos Estados separados, e os Virginianos resistiram com uma intrepidez digna de melhor causa aos seus ir-



Ponte natural na Virginia.

mãos do Norte que pretendiam abolir a escravatura; foram vencidos depois de uma guerra, que espantou a Europa pelo seu encarniçamento, e que produzio um tão grande abalo em todo o mundo.

Não sabemos a que ficou reduzida a Virginia depois de essa tremenda lucta; em 1850 era ella o Estado mais povoado da Confederação a baixo dos de New-York e da Pensylvania. Tinha um milhão quatrocentos e vinte um mil seiscentos e sessenta e um habitantes.

A região superior possue minas de oiro, de ferro e de chumbo, mas as importantes são as de ferro, carvão de pedra e sal. A agricultura e a criação de gados constituem a principal riqueza da Virginia; a cultura do tabaco tem principalmente uma grande importancia. Ainda que a Virginia ficasse muito atraz dos Estados do Norte pelo que respeita a via de communicações, comtudo desde 1850 empregaram-se numerosos capitaes na construcção de canaes e de caminhos de ferro.

Em religião, a Virginia offerece a variedade de seitas habitual na America do Norte. A maior parte dos habitantes são anabaptistas, mas ha tambem methodistas, presbyterianos, episcopaes, judeus, quakers, unitarios, e universitarios. Os catholicos estão já em grande numero, e teem dois bispos, um em Richmond, outro em Wheeling.

Em estabelecimentos de instrucção publica é esse Estado abundante. A universidade de Charlottesville, fundada em 1819, e que tem uma rica subvenção do Estado, é um dos estabelecimentos d'esse genero mais consideraveis da America do Norte.

Não fallámos nas instituições politicas da Virginia; todas se baseavam na existencia da escravatura, e o resultado da ultima guerra transformou-as naturalmente, ou está-as ainda transformando.

A Virginia divide-se em quatro regiões subdivididas em cento e cincoenta condados. As suas cidades principaes são Richmond, capital; Norfolk; Alexandria que tem dez mil habitantes, uma academia, um bom porto, e um commercio muito desenvolvido; Charlottesville, onde existe a universidade de que fallámos, mas que tem apenas dois mil e quinhentos habitantes; Petersburgh com doze mil habitantes; Wheeling com onze mil.

A GALATÉA MODERNA.

IX

No camarote

Mal saí da platéa e entrei no salão foi-se-me diminuindo a pouco e pouco o impeto e a esperança de animo, que me apparentava facil a missão. Não havia, porém, recuar. Decidira comigo mesmo que era necessario haver as cartas de Violante, e jurára não descançar sem as obter.

Entestei, ou antes, arremetti com o corredor, tal era o fogo heroico que me animava, e entrei no camarote da baroneza.

Estava só.

Eu tinha relações antigas com ella, que me davam azo a menosprezar a etiqueta mundana. Conhecera-a quando era noiva ainda, e fazia andar á roda a pobre cabeça do barão, que com ser bastante ossea e dura, não era lá das mais robustas. A baroneza teve sempre pelos modos certa sympathia pelo barão, e fez d'elle ou base de operações ou ponto objectivo, como dizia um official de bastante prestimo.

Este official já ia na quarta parellela do sitio, que puzera á baroneza, e preparava-se a saltear os ultimos reductos, que promettiam ruim defesa.

Não persigamos, porém, n'este terreno escorregadio. Más linguas ha no mundo, que em tudo lançam veneno. São ladrões da reputação alheia, porque perderam a propria. De tudo fazem escarcéos. Microphylos descarados lhes chama o meu amigo Antonio Alvares, que não perdoa o idioma hellenico. Matilha de cães aculados, lhe chamam outros, que foram mordidos. Deixemo-nos, porém, de divagações, e voltemos á questão. A baroneza estava só. Mau guardião era o marido, que só vivia bem, quando deixava a esposa ao desamparo. O que havia ella de fazer senão amparar-se a alguem? Apesar de bastante gorda e cheia de alvissimas carnes, não perdera a flexibilidade, a nativa elegancia, o mimo que faz da mulher verdadeiramente linda uma hera viçosa, que necessita de enroscar-se ao tronco do roble, abraçal-o intimamente, enlaçal-o em mil enleios, para evitar a queda. Mas se o tronco lhe falta, que muito é que a mulher formosa se encoste ao primeiro arbusto, que se lhe depare? Não mais se póde elevar tão alto, ha de rastejar pelo chão; mas, mais lhe vale isso, do que emmurchecer de todo e ser pisada.

A baroneza assim fez. Faltou-lhe um esteio firmou-se n'outro. Era, porém, de uma pujança admiravel; era uma natureza vigorosa e robusta; era como as junças de Java, cujas latadas natu-

raes cobrem as serranias. Pouco era um esteio só, para sustentar as ramadas abundantes, que cada vez cresciam mais e se espanejavam á folga aos raios da amorosa paixão do amor fervido. Os seus cabellos, que a cobriam até os pés, eram outras tantas raizes, que, em terrenos fecundos, deitam os proprios troncos. Carecia, pois, de muitos e muitos esteios. E o que havia de fazer a pobre baroneza? Haverá por ahi alguem que sonhe ainda paraizos descorados e scandinavos? Que vele o rosto e fuja para os gelos do polo. A baroneza é do meio-dia. Por isso agarrou-se ao primeiro esteio, depois ao segundo, ao terceiro, e a mais outro e outros. Que lá contal-os não sei eu, nem posso. Não sou forte em numeros, e quando se trata de multiplicações erro quasi sempre. O que é certo é que a baroneza deu-se perfeitamente com o tratamento. Era, pelos modos, therapeutica boa de levar. Não parecia disposta a mudar para os homœopathas... que só receitam doses muito pequenas. Remedios heroicos são sempre os melhores.

Saúde ou morte.

Aconteceu, porém, com a baroneza, o que sempre acontece em casos identicos. Á medida que tomava o remedio ia-se acostumando a elle e tinha de augmentar as porções. Chegára, a final, a dóses verdadeiramente grandiosas e assustadoras. Os liames que a sustinham aos diversos robles iam-se afrouxando mais e mais. Por isso succediam-se estes a miude, e cada qual por sua vez offerecia encosto á formosura peregrina, que não podia viver sem resguardo e abrigo, apesar da pujança e valentia de que era dotada. Altos mysterios phisiologicos, que obrigavam a baroneza a espalhar innumeros braços por toda uma floresta. E que a trepadeira cada vez tinha mais viço e frescor. Nenhuma apresentava tanta robustez. Nenhuma se desatava em tantos fructos, sem que as rosas do rosto se desbotassem por isso.

Era uma creatura singular a formosa e mundanal baroneza!

Entrei, pois. Pela terceira vez o digo, e será esta a ultima. Estava a baroneza encostada levevemente ao braço direito, o qual se apoiava no rebordo do camarote. Os seus olhos dirigiam-se distrahidos para todos os sitios, sem que um ponto determinado lograsse captivar-lhe a attenção. Parecia aborrecida. Não procurava ninguem, porque o seu rosto denotava apenas enfado. Tambem não esperava, porque tinha as costas voltadas para a porta da platéa.

— Minha senhora, disse eu, mal me assentei ao fundo do camarote. Muito ha que não tenho o prazer...

— Phrase ôca e sonora, que não quer dizer nada. Diga-me ao que veio. Estou lendo nos seus olhos que me quer pedir alguma cousa, algum pequeno serviço consoante com o meu fraco prestimo.

E a baroneza abaixou modestamente os olhos, como quem está conscia do seu poderio.

— São os olhos espelho da alma, na qual se retrata fielmente o nosso pensar, disse necessariamente algum dos sete sabios da Grecia.

— E se elles o não disseram, dil-o o senhor, o que é o mesmo.

— Agradeço do intimo a excellente opinião que tem de mim.

— Vamos, vamos. Estou impaciente. Já sou bastante velha para dispensar comprimentos gongoricos.

A baroneza abaixou outra vez os olhos, e contemplou, atravez dos rendilhados do leque chinez, o seio turgido que arquejava divinamente.

— Obedeço, como sempre, ás ordens de V. Ex.ª

— Se obedece, obedeça já.

— Em primeiro lugar, devo dizer-lhe que está um calor insupportavel, provavelmente porque não ha ventilação no theatro.

— Bom. E depois?

— Em segundo lugar, que Mongini tem cantado de um modo admiravel.

— Excellente. E depois?

— Em terceiro lugar, que V. Ex.ª está impaciente, e eu impacientissimo.

— Admiravel. Sabe adivinhar... como simples propheta. Avie-se. Continue.

— Em quarto lugar, que sou pessimo diplomata.

— Adivinhou agora.

— E a final que...

— Seja affoito. Conte desde já com uma recusa.

— Pois então ha de ouvir-me até o fim. Venho aqui cheio de humildade e contricção pedir-lhe que me dê noticias circumstanciadas do amor de Violante.

— Oh! Isso é facil, respondeu a baroneza derrubando os sobrolhos e fitando-me de um modo singular. Isso é facillimo. Violante foi como Ophelia. Foi vogando rio abaixo, colhendo as rosas, que encontrava, até se perder no oceano ignoto.

— Isso é tudo e é nada ao mesmo tempo.

A baroneza sorrio acremente, como quem lhe peza lembranças de scenas desagradaveis, que o tempo foi oblitterando.

Calou-se um pouco, agitou o leque com a mão febril, ao mesmo tempo que os olhos pareciam vasculhar o passado, e affugentar para longe as sombras, que o encobriam.

— Sabe o que pede? Um impossivel.

— Já esperava essa resposta, e vinha preparado para ella.

— Então para que teimou?

— Porque quiz convencer-me.

— De que?

— De que V. Ex.ª foi a actriz d'esse drama, cujo enredo tenho na mão.

— Menos philaucia, *caro mio*, como dizem os cantores que estamos ouvindo.

— Oh! minha senhora. Eu não sou romancista. D'essa pecha estou livre. Nasci, porém, em ruim conjunção, que foi a de Mercurio com Marte. Desfaço enredos e ando em guerra com os preconceitos. Tal é o meu horoscopo. O meu amigo Antonio Alvares, que é um sabio, leu a minha sorte nos astros.

— Antonio Alvares! Pois ainda vive esse original?

— São e escorreito, como sempre. Não ha mal, que o acabrunhe. Lá está elle na platéa approvando com a cabeça o rondó da prima-dona. Jurou pelos penates que nunca havia de dar palmas, ainda que o enthusiasmo transponha o delirio. É, com effeito, um original.

A baroneza seguio com os olhos a direcção que eu indicava.

Fez-se pallida, corou depois ligeiramente, e ciciou:

— Sabe uma cousa? Não me aprazem conspiradores.

— Já não ha conspirações.

— Mas ha tramas horrendos e calumnias infames.

— Ha sim, minha senhora, assim como a sociedade encobre muita ulcera e muita chaga. Os que as descobrem não calumniam. Mostram a podridão, para que todos se acautelem.

— E fazem bem, interrompeu a baroneza com um ar contricto de Magdalena paradisiaca. O peior é que os incautos deixam-se sempre apanhar. Deixemos, porém, moralidades, e vamos antes ao seu pedido. Supponha que não posso contar-lhe nada. Perde muito com isso?

— Muito. Uma historia patetica narrada por V. Ex.ª é manjar, que não posso regeitar. As suas palavras, minha senhora, são perolas.

— Então se perde só isso, não perde muito.

— Mas não só isto. Está enganada. V. Ex.ª, que foi amiga intima da pobre Violante, conhece a historia a fundo, com todas a individuações; tem talvez algumas cartas...

— Traidor! Apanhei-o em fim. É um perfeito Machiavel. É um negro politico. Dissimulou.

— Quem não sabe dissimular não sabe reinar, disse o mesmo Machiavel, no seu livro *Do Príncipe*. E se bem que eu não queira reinar, quero saber a verdade para meu governo e socego de animo.

— Pois bem. Vou-lhe dar um conselho... em vez das cartas.

— Tudo, tudo minha senhora, para o favor ser completo.

— Não seja tão ambicioso, que se perde. Nunca peça d'esses favores a uma mulher, que conhece o mundo e ainda não fugio d'elle.

— V. Ex.ª não póde abandonar os seus subditos.

— Lisongeiro! Menos ironia por favor, e mais verdade. Sabe, por ventura, as ligações que houve entre mim e Violante? Sabe se eu posso atraiçoar uma amiga, que, apesar de haver desconfiado de mim, alliou-se comigo como nunca fez com outrem? Confidencia oral, não a espere. As cartas... queimei-as.

— Ainda que V. Ex.ª fosse Vestal, e só tivesse esse combustivel para alimentar o fogo sagrado, estou certo que o deixava apagar.

— Engana-se. As cartas queimavam-me e por isso... queimei-as. Fallavam ellas de uma época feliz de vida nas tribulações do presente, e a saudade tem, ás vezes, tantos espinhos, quando a esperança bate as candidas azas! Ah! meu caro amigo, e sei que posso dar-lhe este nome, não pode comprehender as immensas dôres que hei soffrido sob falsas apparencias de felicidade e ventura. É o mundo um complexo de mentiras, e a calumnia, sempre a calumnia... Lembre-se da aria de D. Basilio.

— Perfeitamente, minha senhora. Bem sei eu o que é o mundo. Bem sei o que são as mil calumnias que se revolvem nos charcos como os infusorios. V. Ex.ª, porém, está illesa.

— Ninguem evita o veneno.

— O contraveneno é a verdade. Não conheço outro antidoto.

— Quem a quer ouvir?

— Eu.

— Pois bem. Ouvil-a-ha toda e inteira, mas como a representavam os antigos, hedionda até. Amei um dia. Enlouqueci, não lhe parece? Amar n'este seculo é assignar a propria sentença. Amei com as veras de um coração frivolo, que de repente se sentio preso. Foi um delirio, que nunca passou. Foi uma vertigem. Depois... Ha no deserto um vento desolador, que arranca as arvores mais annosas, derrúe casas, cresta a selva, secca as fontes e espalha por toda a parte a morte e a destruição. Quando sopra esse vento infernal erguem-se vastas ondas de arêa, que correm encapelladas, como mensageiras do demonio.

Desgraçados dos peregrinos que são colhidos por esta vaga furiosa. Nada lhes resta senão a morte. Suffoca-os a arêa, que lhes escalda o sangue nas veias. Morrem tisnados e sepultos nas immensas molles abrasadoras, que os tragam como monstros enraivecidos. Depois cessa a tormenta. Vão crescendo as arvores nos oasis; tornam as naiades a chorar nas grutas; reverdecem os relvedos; mas não resuscitam os mortos. Pois o meu amor foi como o vento do deserto. Causou a morte de um ser querido, cuja vida eu resgatára á custa do proprio sangue. Ahi tem a historia. Abrio as feridas, e o sangue corre em fio. Foi barbaro. Deus lhe perdoe, e a mim, que pequei. Enviar-lhe-hei as cartas ámanhã. São poucas, porque poucas foram as que escaparam ao fogo. Escreva agora o seu livro.

— Deus me livre, senhora.

— Escreva. Os mysterios, que revelar, só eu os conheço, e o seu amigo Antonio Alvares. Elle que lhe conte o resto. As cartas de Violante podem guial-o. O mundo, se ler o livro, cuidará que tudo foi obra de uma imaginativa creadora e fecunda. E oxalá assim fosse!

— Não agradeço, porque estas cousas não se agradecem. Não tenho merecimentos para ser o confidente de V. Ex.ª Eu só queria apurar a verdade. Perdoe-me, pois, V. Ex.ª

Despedi-me e saí. Descrever ao leitor o meu espanto é obra superior ás minhas forças. Continuaria a baroneza a representar o seu papel? Continuaria a ser actriz consummada? Seria mentira o que me disse? Amaria ella alguma vez na

vida? Teria espinhos alguma rosa das muitas que colheu? A minha ignorancia era supina e cabal. Vagava em um mar de duvidas, sem norte e sem rumo. Felizmente, porém, o meu amigo Antonio Alvares promettêra-me as suas confidencias, as quaes, combinadas com as cartas de Violante, poderiam guiar-me na resolução d'esse problema, que se denomina Alfredo de Mello. Se eu podesse, em fim, apanhar esse camaleão, que por tantas vezes zombou dos meus estudos mais profundos e aturados!

Fui ter com Antonio Alvares; contei-lhe o que tinha passado com a baroneza, e, ao mesmo tempo, exigi-lhe o cumprimento da sua promessa

Foi todo o outro dia entregue a confidencias, a leituras de cartas, a confronto de documentos. Depois comecei o livro, e aonde me falhavam cartas (e muitas e repetidas eram as falhas) tive eu de compor, seguindo, todavia a verdade, que me era indicada por Antonio Alvares.

Tal é a razão porque eu tive de tomar a palavra, quando o leitor esperava, talvez, alguma carta de Alfredo de Mello. E agora que é tempo de encerrar este já longo parenthesis, prosigamos na nossa narrativa com a maxima rapidez.

A. O. DE VASCONCELLOS.

UMA OBRA DO SECULO IX

CHRONICON ALBELDENSE

Começa a ordem dos annos referida brevemente

VIII — Desde Adão até o diluvio, MMCCXLII. — Do diluvio a Abraham, DCCCCXLII annos. — De Abraham a Mosés, DV. — Da saída dos Israelitas do Egypto, até a sua entrada na terra da Promissão, XL annos.—Desde esta entrada até Saul, primeiro rei de Israel, depois dos Juizes, CCCLVI. — Saul reinou XL annos. — Desde David ate o principio da construcção do Templo, XLIII annos. — Desde a primeira edificação do Templo até a transmigração de Babylonia, houve Reis por CCCCXLIII annos.

No anno LXX do captiveiro do Povo e desolação do Templo, foi este restaurado por Zorobadel. —Desde a restauração do Templo até á Encarnação de Christo, decorreram DXL annos.

Deduz-se do que fica dito, que todo o tempo, decorrido desde Adão até á vinda de Christo, foi de VMCXCVIIII annos.

Da Encarnação de N. S. Jesuchristo ao primeiro anno do reinado do Principe Wambano, DCLXXII annos.

Do tempo de Wambano até o nosso, que é a Era DCCCCXXI, passaram CCXI annos.

Collige-se, finalmente, que todo o tempo, desde o principio do Mundo até a Era presente, DCCCCXXI e XVIII anno do reinado do nosso Principe Adefonso, filho do glorioso Rei Ordonio, foi de annos VIMLXXXII; e da Encarnação do Senhor até nós DCCCLXXXIII.

Das seis idades do mundo

IX — Primeira idade: de Adão até o diluvio, MMCCXLII annos.

Segunda edade: do diluvio até Abraham, annos DCCCCXLII.

Terceira idade: de Abraham até David, annos DCCCCXLI.

Quarta idade: desde David até a transmigração de Babylonia, CCCCLXXVI annos.

Quinta idade: desde a transmigração até Christo e o Imperador Octaviano, em cujo tempo da Virgem Maria e do Espirito Santo nasceu Christo.

Sexta idade: que começa desde Christo, tem agora na era de DCCCCXXI, DCCCLXXXIII annos. —Quanto sobre isto se pretenda saber, só de Deos é conhecido, para nós occulto, como o diz o Senhor no Evangelho. «Não é para vós o conhecer os tempos, nem os momentos que o Pae conserva sob a sua potestade.»

(Continua)

EVGMOULA

Canto grego

Evgmoula a bella acaba de casar-se; acaba de unir-se a um marido pallikar.

Ella gaba-se de não temer a Morte; um mau passaro, porém, vai dizel-o a esta, e a Morte dispara-lhe uma frecha fatal.

Evgmoula começa a empallidecer: «Minha mãe, digo-te adeus; veste-me com os meus vestidos de noiva, e quando elle vier, o meu querido Constantino, não o afflijas, e prepara-lhe a ceia. Toma esta alliança, e entrega-a a Constantino para que elle possa novamente ligar-se a outra esposa, afim de adquirir novos parentes, alcançar novos amigos.»

Constantino atravessa o campo a cavallo, com quinhentos senhores e mil pallikars. Vê uma cruz á sua porta e padres no pateo.

«Morreria algum dos meus?»

Mette as esporas ao cavallo e entra no pateo: «Eu vos saudo a todos. Para quem é este esquife? — Evgmoula, a formosa Evgmoula morreu!

«Faze a cova, coveiro, faze a cova para duas pessoas; uma cova larga, uma cova profunda.»

Em seguida puxou do seu punhal e enterrou-o no coração. Foram ambos para a mesma cova.

Sobre esta cova brota uma flôr, sobre esta cova brota um cypreste; e quando o vento sacode os ramos, a flôr e o cypreste abraçam-se.

AGUA DOCE SOBRE AGUA SALGADA

Encontram-se na Noruega golphos, ou *fiords*, onde a agua é doce na superficie e salgada no fundo. O doutor Berna, Vogt e Gresoly na sua viagem ao Norte, estudaram um *fiord* onde a agua salgada começava a $1^{m},50$, pouco mais ou menos, de profundidade. A agua doce, mais leve, conduzida pela ribeira, conservava-se á superficie. A draga trazia do fundo ouriços, conchas e peixes do mar. As algas e outras plantas maritimas apresentavam uma vegetação miseravel, pois a agua doce, que é hostil ao seu desenvolvimento, substituia durante o verão a agua salgada. Esta, porém, predomina no inverno, quando os regatos e ribeiros, formados pela fusão da neve, param ou congelam, e os ventos veem perturbar as tranquillas aguas do *fiord*, e misturar a agua salgada do fundo com a doce da superficie.

Typ. Franco-Portugueza, Rua do Thesouro Velho, 6.

O feld-marechal de Benedek

Bastante conhecido é hoje, entre nós, o nome d'este homem de guerra, e bem vulgares os seus recentes feitos, para que nos detenhamos em uma descripção minuciosa do papel que tem desempenhado na pendencia entre a Austria e a Prussia, que traz suspensos todos os povos da Europa. Publicando, porém, o seu retrato, ao qual succeder-se-hão, certo, os de todos os outros personagens importantes, que andam empenhados na sangrenta lucta, não podemos deixar, apesar mesmo de outros, n'esta parte, nos haverem precedido, de acompanhal-o com duas palavras biographicas.

Luiz de Benedek nasceu em Oldemburgo no anno de 1804. Seu pai, medico, mandou-o educar no collegio militar de Neustadt, e, em 1822 entrou como porta-bandeira no exercito austriaco, onde, subindo rapidamente de postos, attingio o de coronel em 1843. Dous annos mais tarde, tomou uma parte activissima na repressão dos movimentos revolucionarios da Gallicia, obtendo, por essa occasião, as insignias da ordem de Leopoldo. Em 1848, eil-o na Italia dando aos seus soldados o exemplo do valor, do sangue-frio, por occasião da retirada de Milão, e distinguindo-se em Curtatone, onde oppoz uma tenaz resistencia aos impetos immoderados dos estudantes de Toscana. Mencionado na ordem do dia pelo marechal Radetzky, o coronel de Benedek, em recompensa d'estes ultimos serviços, foi condecorado com a ordem de Maria Thereza. Em 1849, terminado o armisticio, contribuio para a entrega de Mortara e combateu denodadamente á frente dos seus soldados em Novara.

Nomeado major general no exercito do Danubio, de Benedek augmentou ainda a sua reputação na campanha da Hungria, e com especialidade no combate de Szornycors-Ivany, onde foi ferido por um estilhaço de bomba. No fim d'esta guerra passou á Italia na qualidade de chefe de estado maior do 2.º corpo do exercito, onde permaneceu até o fim da guerra de 1859. Depois da batalha de Magenta, cobrio, de Milão para o Mincio, a retirada do exercito austriaco, combatendo energicamente em Malegnano. Em Solferino, o general de Benedek, achava-se á frente da ala direita, e depois da derrota, substituio o marechal Hess no commando superior do exercito.

Quando a paz foi assignada, de Benedek passou a commandar as forças austriacas do Veneto. O imperador Francisco José, elevou-o, ultimamente, á dignidade de feld-marechal e, emquanto o archi-duque Albretch foi a Verona tomar o commando do exercito italiano, de Benedek recebeu o do exercito do norte, reunido na fronteira da Silesia. O feld-marechal de Benedek está considerado como o militar mais eminente da Austria.

JOÃO DE MATTOS FRAGOSO

É o nome de um portuguez distincto, pouco de nós conhecido, como, infelizmente, muitos outros engenhos que esta terra tem produzido, mas que foi um dos mais infatigaveis dramaturgos do fecundissimo seculo XVII e um dos que alcançaram maior celebridade no reino visinho.

João de Mattos Fragoso nasceu pelos principios d'aquelle seculo em Alvito, na provincia do Alemtejo, quando Portugal gemia sob o pesado jugo castelhano. Estudou em Evora, e foi cavalleiro professo na Ordem de Christo (1); mas, domiciliado em Madrid, que era então a côrte, e, por consequencia, o ponto onde os talentos mais podiam brilhar, ali se dedicou exclusivamente ao cultivo das musas, com especialidade a dramatica, até o ultimo dia da sua dilatada vida, que foi a 18 de maio de 1692.

Do seu merito como auctor portuguez nada podemos dizer, porque não nos consta que escrevesse obra alguma no nosso idioma; como escriptor hespanhol, porem, não acontece outro tanto: o grande numero de comedias que produzio, as incontestaveis bellezas que em todas ellas, mais ou menos, resaltam, a sua extrema facilidade em versificar, a ligeireza, a graça da sua expressão comica, e, finalmente, os grandes elogios que sempre lhe teceram os homens de letras da patria de Pelagio, tudo isto nos auctorisa a consideral-o como um talento notavel e, por conseguinte, a apresental-o como um dos melhores poetas castelhanos do seculo XVII.

Rebentara então em Hespanha uma d'essas grandes revoluções do espirito, sempre utilissimas para a humanidade, e que nós desejáramos igualmente rebentasse entre nós, para que as letras patrias, até hoje tão votadas ao desprezo, podessem sair do marasmo em que teem vivido. A extraordinaria excitação e, por assim dizer, o appetite sobrenatural que as inesgotaveis veias de Lope e Calderon haviam gerado no publico para os espectaculos scenicos, necessitava de alimento diario, infinita e continua variação; e ainda que as quasi innumeraveis producções d'aquelles colossos bastassem para sortir durante um seculo inteiro os theatros de toda a Europa, era tal a sêde do theatro hespanhol, que consummia e devorava estas e não conseguia, ainda assim, applacal-a com os centenares de obras com que tambem o brindavam as fecundas pennas de Tirso, Roxas, Alarcon e Moreto.

E é preciso notar que ao lado d'estes grandes e privilegiados mestres da arte, appareceram outros muitos que, com maior ou menor fortuna, luctaram n'aquelle esplendido palanque do engenho, contribuiram para a erecção do sumptuoso monumento nacional e alcançaram laureis, mais ou menos, immarcesciveis e duradouros. Estes, porem, teriam sido menos felizes se o gosto do publico d'aquelle seculo, extraviado pelos magnificos erros dos seus primeiros genios, não houvesse aberto tão larga porta á irrupção das medianias, tivesse sugeitado a provas mais difficeis a ostentação do talento e o cultivo da poesia dramatica. O theatro hespanhol, então, não seria, seguramente, tão rico, nem tão abundante o catalogo dos seus dramaturgos; em troca, porem, não seriam eclipsados os seus primores pela nuvem de desacertos que offusca e contradiz a sua belleza.

Como em todas as obras, porém, nasce o abuso ao lado da sua maior perfeição, assim succedeu com o cultivo do theatro hespanhol na segunda metade do seculo XVII, tendo-se reduzido a uma especie de officio (que não sabemos se era lucrativo) e a côrte de Philippe a uma immensa fabrica dramatica, na qual o proprio monarcha dava o exemplo sob o anonymo de *um engenho da côrte*, obras, por certo, não as mais incorrectas; seguiam-lhe o gosto e *dramatisavam* tambem os cortezãos e favoritos, ministros, embaixadores, prelados, conselheiros, prégadores, e até as freiras; todos alternavam com o laborioso enxame de poetas que ás ordens do rei e do Conde-Duque trabalhavam para sortimento dos coliseos *del Buen-Retiro*, *del Pardo y la Zarzuela*.

Entre todos estes incansaveis cultivadores da arte, sobresaía Moreto, como o mais engenhoso e perspicaz dos fabricantes de peças theatraes; e não bastando ao seu extremo ardor a invenção propria e o seu talento admiravel, lançava mão das obras dos outros para adoptal-as, reformal-as ou refundil-as, melhorando-as, certamente, em suas discretas mãos, ainda que renunciando á sua propria espontaneidade e a uma boa parte do seu credito e fama. Isto de que hoje o argue a critica, já lh'o lançaram em rosto os seus contemporaneos, e muito especialmente o poeta Cancer, que no seu *Vejámen poético* diz: «E no meio d'este perigo reparei que D. Agustin Moreto estava assentado e revolvendo uns papeis que me pareceu serem comedias antiquissimas de que já ninguem se lembrava. Estava dizendo comsigo: isto nada vale, d'aqui póde tirar-se alguma cousa; mudando isto um pouco póde-se aproveitar. Enojou-me vel-o com aquelle fleugma quando todos estavam com as armas na mão, e disse-lhe porque não ia pelejar como os outros. Ao que me respondeu: Eu pelejo aqui mais do que outro qualquer, porque estou sondando o inimigo. V, repliquei, parece-me que deseja aproveitar alguma cousa d'essas comedias velhas. Exactamente, me tornou; é por isso que digo que estou sondando o inimigo.»

Não contente Moreto com aquella exhumação e apropriação de muitas obras dos poetas anteriores, formou, ao que parece, para attender ao sortimento com outras novas, uma especie de associação em commandita, pelo gosto da que renovou Eugenio Scribe no moderno theatro francez; e o mais interessante é que o mesmo Cancer, que o censurou, foi depois o mais intrepido dos seus associados ou collaboradores: e tanto que se não conhece comedia alguma exclusivamente sua, se-

(1) Dicc. Bibliographico; tom. 3.º pag. 417.

não em concorrencia com Moreto, Mattos, Villaviciosa, Zavaleta, os Figueroas, Rosete, etc.

Foi n'esta estranha sociedade que trabalhou muito activamente João de Mattos Fragoso, como póde ver-se em muitas das suas obras dramaticas, taes como *Caer para levantar*, *Amor hace hablar los mudos*, *El Principe prodigioso*, *El Redentor cautivo*, *Solo piadoso es mi hijo*, *Oponer-se á las estrellas*, *El mejor par de los doce*, *El letrado del cielo*, *El bruto de Babilonia*, *El vaquero emperador*, e outras.

Tambem imitou Moreto (ainda que não com igual exito) na censuravel adopção de pensamentos, planos e caracteres estranhos, de que se offerecem entre outros exemplos as de *Ver y creer*, e *El hijo de la piedra*, imitadas das de Tirso de Molina, *La firmeza en la hermosura*, e *La eleccion por la virtud*. Não obstante, não podemos deixar de reconhecer em Mattos uma grande dóse de engenho e de invenção propria, que lhe permittiram produzir por si só meio cento de comedias, nas quaes brilham o seu elevado talento, a sua fertil imaginação e veia poetica.

(*Continua.*)

PALESTRAS HYGIENICAS

O pão

As farinhas das gramineas que são empregadas no fabrico do pão contêem um grande numero de principios, entre os quaes citaremos como os mais importantes: 1.º amido ou fecula; 2.º dextrina; 3.º gluten; 4.º materias gordas; 5.º saes; 6.º agua. Estes elementos combinam-se em diversas proporções que dão ás farinhas suas qualidades e seu valor commercial. A fermentação e a cozedura são os dois agentes da transformação das farinhas em pão. A fermentação que se opera na farinha amassada com agua, levada a uma temperatura conveniente e posta em contacto com um fermento (levadura de cerveja ou massa um pouco antiga), consiste na separação das materias assucaradas e a sua transformação parcial em alcool e em gaz acido carbonico. Este gaz, cuja tensão augmenta pelo calor, dilata o gluten durante a cozedura, põe em acção a sua elasticidade, e dá ao pão esse aspecto aréolar que caracterisa uma boa fabricação. Ao mesmo tempo, os grãos da fécula, intumecidos pela agua, dilatam-se, rebentam e deixam transsudar a materia gommosa soluvel que fórma o seu contheudo. Os diversos tempos da fabricação do pão, factura do fermento, sovadura, estensão e divisão da massa em bocados, tudo isto se effectua já por meios mechanicos, já a braços; e a qualidade do pão depende tambem, em uma certa medida, da habilidade com que são conduzidos estes trabalhos: a cozedura contribue muito para o bom exito. Em Inglaterra, preparou-se, n'estes ultimos annos, sob o nome de pães não levedados (*unfermented breads*) um pão sem fermento, no qual o acido carbonico proveniente da fermentação é substituido por este mesmo gaz fornecido pela acção do acido chlorhydrico introduzido na agua que serve para fazer a massa sobre o bicarbonato de soda misturado com a farinha. Este pão tem o esponjoso e a estructura vesicular do pão commum. Os *unfermented breads* do doutor Whiting teem grande consummo e são muito estimados em Londres. Os seus partidarios attribuem-lhes, bem entendido, uma multidão de vantagens sobre o pão ordinario; mas é ponto duvidoso que a hygiene as ratifique: a ingerencia da chimica na preparação dos alimentos inspira-nos uma desconfiança preventiva.

O pão está fabricado, importa reconhecer se é de boa qualidade. Os processos scientificos, tão precisos quando se trata de julgar da adulteração das farinhas, faltam aqui completamente, e só o exame organoleptico, isto é, o testemunho dos sentidos, nos póde esclarecer sobre o valor d'este alimento. O pão é de boa qualidade e bem fabricado quando tem um cheiro e sabor agradaveis; quando o miolo é homogeneo, cheio de buracos, de dimensões iguaes, sem grandes aberturas; quando é muito elastico e retoma depois de uma pressão o seu volume primitivo; quando, em fim, difficilmente se reduz a pó depois de ter sido amassado com os dedos; a auzencia de grumos de farinha e a adherencia interna do miolo com a codea são tambem indicios de boa qualidade.

Seria um erro gravissimo, no duplo ponto de vista hygienico e economico, o pensar que a qualidade do pão sóbe á proporção que se apura o peneiramento da farinha, que serve para o seu fabrico. Tal cousa não se dá. Os trabalhos de chimicos muito auctorisados, particularmente os de Millon e Poggiale, teem demonstrado que o farelo, regeitado como inutil para alimentação, contém, na realidade, mais materias albuminoides e por consequencia mais azote do que a farinha bruta. Peneirando-se a farinha com muita perfeição, enfraquece-se, por tanto, até certo ponto, o seu poder nutritivo. A rapidez com que o farelo engorda os animaes é um facto de vulgar notoriedade, que devera preceder as provas da chimica. Póde-se dizer, pois, que n'esta materia, como em muitas outras cousas, o melhor é o inimigo do bem. Um pão muito branco sustenta menos, é menos saboroso, e, além d'isso, como todos os alimentos que abandonam pouco residuo á elaboração digestiva, debilmente estimula as funcções do intestino, e, como o proprio Hippocrates já o havia notado, torna o ventre preguiçoso. Um hygienista insistio recentemente sobre este facto, e attribuio esta inercia intestinal, tão commum em nossos dias, ao fazer-se uso geralmente de um pão fabricado de farinhas muito apuradas. A utilidade dos pães grosseiros de centeio ou de cevada, e do pão ainda mais ordinario, preparado com partes iguaes de farinha e farelo, é uma contra prova d'este facto.

O pão não é um alimento de boa conservação, e a natureza chimica muito incerta dos seus elementos, bem como a grande quantidade de agua que contém são a prova do que avançamos. Cobre-se facilmente de bolor que lhe altera o gosto e que lhe póde mesmo communicar propriedades toxicas. Este bolor umas vezes é branco, outras côr de laranja, e o mais commummente verde. Citaram-se já dois casos em que o uso do pão coberto d'estas manchas determinou mui serios accidentes. Em 1848, notou-se um bolor vermelho, devido a um oïdium particular, o *oïdium aurantiacum*. Segundo M. Payen, que es-

tudou particularmente esta alteração, este bolor altera profundamente a constituição do pão: decompõe o amido em agua e em acido carbonico, e as materias gordas e azotadas servem para a sua vegetação. Certos hygienistas, e particularmente M. Guerard, que descreveu este parasita sob o nome de *penicillium roseum*, não o julga toxico por si mesmo. Não ha tambem motivo para que o pão assim alterado deva causar suspeita. O melhor meio de evitar o bolor do pão consiste em deixal-o arrefecer ao ar livre e em não o ter fechado em um espaço muito apertado.

N'estes ultimos tempos, a chimica, regulando os principios constitutivos dos alimentos mais usuaes e fixando as proporções de azote, de carbóne e de materias gordas que encerram, pretendeu servir-se d'este critério para classificar as substancias alimentarias segundo a sua ordem de maior nutrição, e foi levada a attribuir ao pão uma força muito reparadora. Nada diremos sobre a infallibilidade dos juizos da chimica, que, para ser consequente comsigo mesma, deveria, por causa da questão do azote, collocar como alimento o carvão de pedra ao lado do lombo de vaca; ha um azote nas combinações alibiles, e outro do qual a nutrição não sabe o que ha de fazer. A vida, que é um reactivo mais delicado que o cadinho e a balança, distingue-os perfeitamente um do outro. Comtudo, convém confessar que esta descoberta da chimica está singularmente confirmada pela experiencia universal, que attribue ao pão propriedades muito reparadoras. Esta vantagem é ainda corroborada, pela appetencia geral que manifestam quasi todos os povos por este alimento, e por este facto notavel que entre todos talvez nunca provoque a saciedade.

O HOMEM QUE NÃO RI

conto arabe

Existia em um principado proximo do lago Tchad, no interior d'Africa, uma familia arabe que havia sido forçada a emigrar pela tyrannia do pacha de Tripoli. Esta familia favorecida pelas circumstancias, isto é, pela vontade de Deus, adquirira em pouco tempo uma d'essas riquezas fabulosas de que se falla mutas vezes nas *Mil e uma noites*. O pai e a mãi morreram, deixando um filho que contava apenas dezeseis annos de idade, mas, cuja tendencia para o luxo e prazeres não conhecia limites.

Zerzuri, (era o nome do herdeiro,) começou desde logo a dar grandes festas, e, portanto, immediatamente se vio rodeiado de muitos amigos. A prodigalidade nasceu no meio dos prazeres: tornou-se prodigo, e o dinheiro escapou-se-lhe das mãos como a agua que cae das nuvens. A pouco e pouco, vendeu escravos, palanquins, trens e casas; vendeu mesmo as joias de sua mãi. Tres annos bastaram para consummar a sua ruina.

No dia seguinte ao da ultima festa, Zerzuri estava esquecido. Já ninguem sabia que fôra elle quem enchera a cidade de Mellj com o seu fausto e a sua generosidade; e quando o desespero o levou a fazer-se jornaleiro para ganhar o pão de cada dia, foi um desconhecido que lhe estendeu a mão.

Um dia que, vestido com uma gandura alvadia, como os homens do povo, estava assentado junto de um muro esperando trabalho, um estrangeiro de aspecto agradavel parou diante d'elle e saudou o. Zerzuri correspondeu civilmente ao comprimento, mas sem ousar levantar os olhos; tal era o seu estado de humilhação por ter dado tão grande queda.

— Mancebo, lhe disse o desconhecido com voz affectuosa; parece-me que soffreis; interessa-me a vossa presença. Adivinho na vossa physionomia que já estivestes em melhor posição. Se quereis trabalho, posso vol o dar.

As palavras do estranho fizeram rebentar as lagrimas dos olhos de Zerzuri; e respondeu:

— Senhor, salvais-me a vida; Deos vos recompensará. Minha mãi tinha razão de dizer que o Senhor dos mundos nunca abandona aquelles que se entregam em suas mãos.

Dizendo estas palavras, fitava os olhos no seu interlocutor, que era um homem dos seus quarenta annos, de rosto sympathico, mas triste, e coberto com um vestido de seda verde. E accrescentou com voz timida:

— Que emprego tencionaes dar-me?

O desconhecido disse-lhe:

— Habito uma casa distante do fosso da cidade, em companhia de nove amigos. Vivemos ali em um absoluto retiro. Necessitamos de alguem para servir-nos, e, sobre tudo, uma pessoa discreta. A vossa physionomia convem-me. Vivereis comnosco, fareis parte da nossa existencia, como se fosseis da familia. Tereis vestidos elegantes; o dinheiro não vos faltará, e Deos permittirá, sem duvida, que vós gozeis, graças a nós, de uma brilhante existencia. Acceitais o emprego que vos offereço?

— Ouvir, é obedecer, exclamou Zerzuri, cujo coração pulava de alegria.

— Primeiro que tudo, disse o homem de vestido verde, tenho uma recommendação a fazer-vos: é de respeitar o nosso segredo. Quando nos virdes chorar, guardai vos de interrogar-nos sobre a causa da nossa dor.

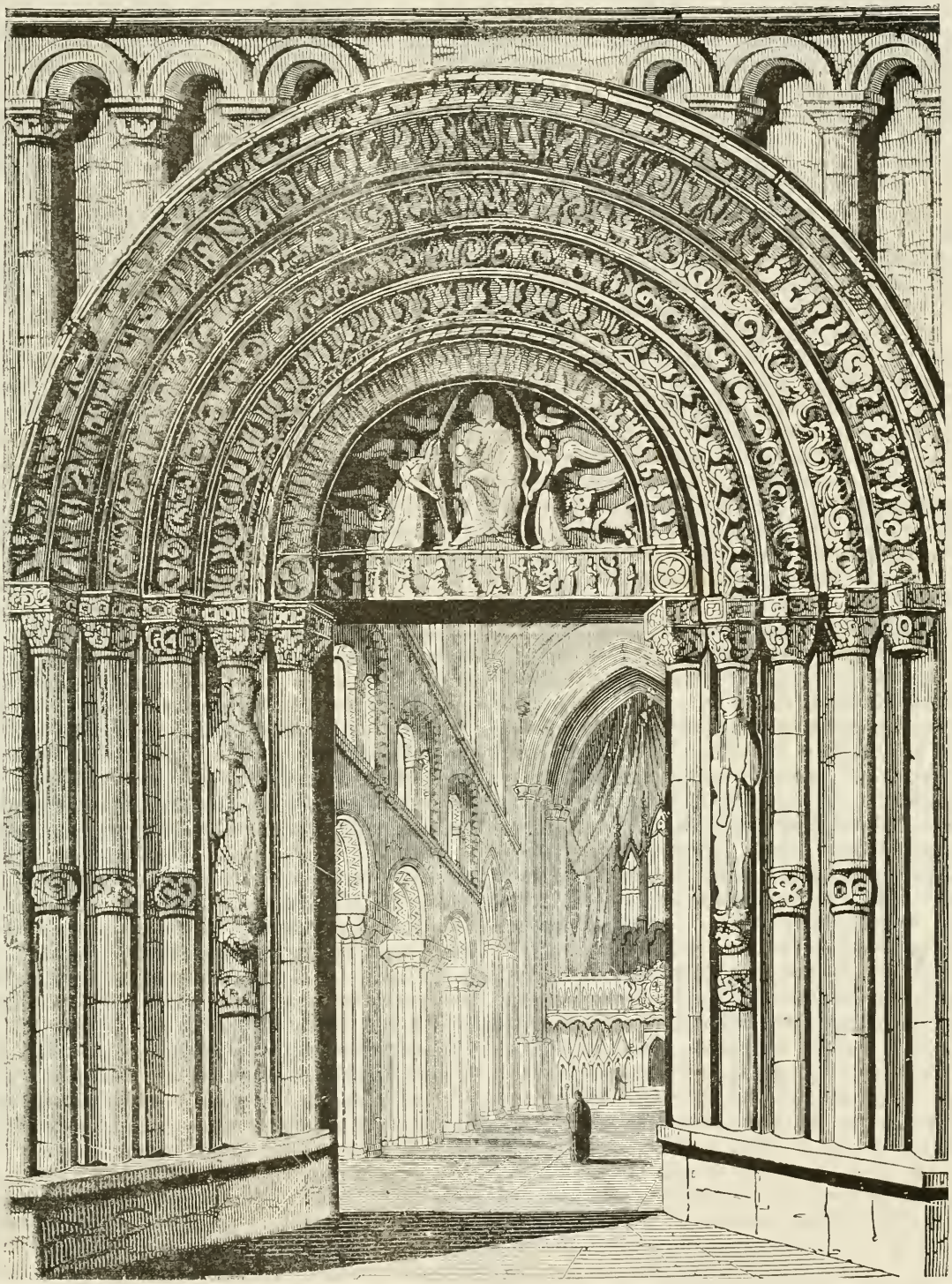
— O Creador não me castigou por que eu houvesse commettido o peccado de curiosidade.

Terminado este dialogo, que poucos instantes durou, os dois personagens pozeram-se a caminho, seguindo um atraz do outro, para o banho mais rico da cidade, onde Zerzuri, sob as vistas de seu amo, fez uma limpeza completa desde a cabeça até os pés. Depois de banhado, e perfumado, vio-se rodeado de negros que o vestiram inteiramente de novo; tornando assim o mancebo a poder mostrar a elegancia do seu corpo e a belleza de suas feições, que a pobreza e miseria não deixavam brilhar. É de uso entre os musulmanos, despojar do fato velho o homem que entra em uma casa na qualidade de creado.

(Continua)

.....Sapiens vitatu, quidque petitu
Sit melius, causas reddet tibi.... HORACIO

O sabio dir-vos-ha as razões porque uma cousa é boa ou má, o que convem evitar e o que se deve procurar.



Cathedral de Rochester

Ethelredo, o Saxonio, rei de Kent, pouco tempo depois da sua conversão ao christianismo, fundou a igreja de Cantorbéry e Rochester. A casa de Bromley foi dada a esta ultima no seculo VIII; e depois, os bispos de Rochester ali tiveram sempre um palacio. Esta igreja é pobre; a causa d'isto attribue-se ás frequentes e ruinosas invasões dos Dinamarquezes. Durante a conquista, este estado de pobreza chegou a tal ponto, que o serviço divino esteve interrompido por algum tempo.

A cathedral de Rochester, que se acha edificada no centro da cidade e a uma pequena distancia

da rua principal, tem, como quasi todas as outras cathedraes, a forma de cruz O seu comprimento é de trezentos e seis pés: cento e cincoenta desde a porta de oeste até o côro e cento e cincoenta e seis desde este até a janella de leste. Á entrada, no côro, tem uma nave, sobre o centro da qual está uma torre, cuja apparencia é moderna; effectivamente, foi restaurada ha quarenta e tantos annos, época em que lhe tiraram o campanario. Esta nave conta cento e vinte pés de extensão de norte a sul. Na extremidade superior do côro tem uma segunda nave para o oriente de, pouco mais ou menos, noventa pés. Entre estas duas naves, ao norte, existe uma torre muito arruinada, cuja altura não excede a da cathedral, e que, em outro tempo, era denominada a *torre dos cinco sinos.* Foi construida no reinado de Guilherme Rufus, pelo famoso Gandulpho, ou para conter os sinos, ou, talvez, para servir de archivo. Esta torre é de uma solidez prodigiosa; as paredes teem dez pés de grossura, não obstante o quadrado não contar mais de quarenta pés. Foi o mesmo Gandulpho quem construio a grande torre da cathedral de Rochester; está mui bem conservada e offerece um dos mais curiosos modelos da architectura normanda. A nave da cathedral e a bella frontaria de oeste são tambem obra d'este habil architecto. O lado do norte da nave oriental, foi levantado depois de um incendio que arruinou uma grande parte da cathedral, em 1279, e a parte do sul foi accrescentada no seculo seguinte. O côro foi construido nos reinados de João e Henrique III, com o producto dos presentes offerecidos ao altar de S. Guilherme. Este santo era um piedoso e rico padeiro, natural da Escocia, que tinha emprehendido uma peregrinação a Jerusalem; mas que foi roubado e assassinado pelo seu criado, junto de Rochester. Tendo sido enterrado na cathedral d'esta cidade, a sua canonisação foi o resultado dos milagres que se operaram em sua sepultura.

A frontaria de oeste é magnifica, mas offerece differentes generos de architectura. A porta principal, de que dá uma boa idéa a nossa gravura, abre-se sob um arco de grandes dimensões, semi-circular e ricamente ornado; a parede, por cima d'este arco, parece estar dividida em ordens de nichos com pequenos arcos. A maior parte d'estes nichos estão mal acabados, e, além d'isso, foram cortados para dar lugar á grande janella de oeste. Esta janella é mais nova que as partes que temos descripto: tem uma apparencia que não está em harmonia com o resto As numerosas reparações feitas na cathedral de Rochester, eram indispensaveis para a segurança do edificio, cujos pilares da parte do sul se desviavam já um pouco da perpendicular.

Entrando-se na cathedral pela porta de oeste, descem-se alguns degráos até a nave que, na maior parte, tem conservado o seu caracter primitivo. As cinco primeiras columnas de cada lado pertencem ao estylo normando. Todas as columnas do mesmo lado são differentes, mas cada uma corresponde exactamente á que lhe está opposta. Por cima d'estes arcos, existe outra ordem da mesma dimensão, entre as quaes se veem arcos mais pequenos com suas columnas curtas e maciças. Acha-se ahi uma galeria que communica com a escada circular nos angulos da frontaria de oeste. Os arcos do oriente da nave são de uma architectura mais moderna, as columnas mais leves e lavradas com mais perfeição; o tecto, de madeira, está sustentado por anjos armados de escudos.

Dez degráos conduzem ao côro, por debaixo de um arco, sobre o qual está collocado o orgão. O côro foi renovado em 1743, quando se lhe accrescentou o throno do bispo e os bancos do capitulo. Por cima das naves orientaes ha quartos para os quaes se sobe por uma escada construida na parede. É n'estes quartos que se guardam de noite as vestes sacerdotaes, joias, vasos sagrados e outros thesouros pertencentes aos altares de S. Guilherme, S. Paulino e outros santos que se vêem no côro. A igreja subterranea, que se estende sob uma grande parte do edificio, e que se julgava ter sido construida pelos normandos, não é, provavelmente, mais antiga que a frontaria de oeste ou a torre de Gandulpho.

Encontram-se n'esta cathedral muitos monumentos antigos e curiosos, entre os quaes é para notar um simples tumulo de pedra, que contém, dizem, os restos do bispo Gandulpho. Ao pé d'este, vê-se outro sobre o qual está esculpida, em marmore, a figura de um bispo de Petworth. Ha ainda muitos outros monumentos dignos de excitar a curiosidade, entre os quaes se distingue o de Walter de Merton, fundador do collegio de Merton, em Oxford. Este monumento é construido, em parte, de alabastro, mas é de uma data moderna, relativamente á época em que Walter Merton viveu. A nave oriental da capella de S. Guilherme, contém o tumulo do bispo Warner, fundador do collegio de Bromley. Um rico monumento colorido, e a figura de um dos primeiros bispos de Rochester, foram descobertos durante as reparações feitas na cathedral. Na parte do sul vêem-se tambem o tumulo e o busto de Ricardo Watts *Esquire*, que foi tabellião de Rochester e membro do parlamento no reinado de Isabel. Fundou um hospicio em Rochester e morreu em 1579. Eis os termos e estranhas condições escriptas na frontaria da casa, que está situada no centro da cidade:

« Ricardo Watts *Esquire*, por seu testamento datado de 22 de agosto de 1579, fundou este hospicio para seis pobres viajantes, com a condição que não sejam ladrões nem *procuradores;* receberão por uma noite pousada, comida e oito soldos cade um, etc.»

Explica-se d'este modo a causa da antipathia de M. Watts para com os procuradores. Tendo escolhido, durante uma perigosa doença, um procurador para lhe tratar do seu testamento, notou, quando se achou restabelecido, que o homem da lei tambem se tinha feito seu herdeiro.

O vinho abre o gabinete do coração e tira d'elle todos os segredos.

A FORTUNA

Encontra-se o primeiro pensamento da admiravel fabula *o Carvalho e o caniço* n'estes poucos versos de Lucilio, poeta grego que viveu no tempo dos Antoninos:

«O que não póde a fortuna, a despeito da nossa esperança e dos nossos votos! Eleva os pequenos, abate os grandes. O teu orgulho, o teu fausto, ella os abaterá, ainda mesmo que um rio te prodigalisasse as suas palhetas de ouro. O vento nunca derriba o junco e o musgo, mas deita por terra os carvalhos colossaes e os altos platanos.»

O CONDE ALLAMISTAKEO

A isto seguio-se uma serie importuna, atroadora, de questões e calculos, pelos quaes, a final, se poude descobrir que a antiguidade da mumia tinha sido pessimamente calculada. Havia cinco mil e cincoenta annos e alguns mezes que fôra depositada nas catacumbas de Eléthias.

— Mas, a minha observação, tornou o barão de Souza, não dizia respeito á idade de V. Ex.ª (aqui o conde abrio muito os olhos) na época em que foi sepultado, — todos nós não podemos deixar de concordar que V. Ex.ª é muito novo; — eu referia-me ao grande periodo, durante o qual, segundo a explicação que nos deu, esteve de conserva no asphalto.

— Em que?! disse o conde.

— No asphalto, repetio o barão.

— Ah! sim; tenho como que uma idéa vaga do que quer dizer: — effectivamente isso podia produzir bom resultado; mas no meu tempo só se fazia uso do bichlorureto de mercurio.

— Mas o que deveras não podemos comprehender, disse o doutor Alexandre, é que, tendo V. Ex.ª morrido e sido sepultado no Egypto, ha bons cinco mil annos, esteja hoje perfeitamente vivo, e com um aspecto de saúde admiravel.

— Se n'essa época estivesse morto, como diz, — replicou o conde, — é mais do que provavel que n'esse estado ficaria; porque, noto que os homens ainda estão na infancia do galvanismo, e que não podem obter por este agente o que em outros tempos era cousa vulgarissima. Mas o facto é que eu havia caído em catalepsia, e os meus amigos julgaram-me morto ou que o devia estar; foi por isso que me embalsamaram immediatamente. Provavelmente, conhecem o principio capital do embalsamento?

— Não conhecemos, não!

— Ah! comprehendo; deploravel condição da ignorancia! Não posso agora entrar nas particularidades d'este assumpto; mas é indispensavel explicar-lhes que, no Egypto, embalsamar, fallando com propriedade, era suspender indefinitamente todas as funcções animaes submettidas ao processo. Sirvo-me do termo *animal* no seu mais amplo sentido, como implicando o ser moral e vital, e bem assim a existencia physica. Repito, o principio capital do embalsamento, entre nós, consistia em suspender e conservar perpetuamente n'este estado todas as funcções animaes submettidas ao processo. Emfim, para ser breve, em qualquer estado que se achasse o individuo na época do embalsamento, n'esse estado ficava. Agora, como eu tenho a felicidade de ser do sangue do Scarabéo, fui embalsamado vivo, tal como me estão vendo presentemente.

— O sangue do Scarabéo! exclamou o doutor Alexandre.

— Como diz. O Scarabéo era o emblema, as armas d'uma familia muito distincta e pouco numerosa. O ser do sangue do Scarabéo, é simplesmente pertencer á familia da qual o Scarabéo é o emblema. Fallo figuradamente.

— Mas o que tem isso de commum com o facto da existencia actual de V. Ex.ª?

— Antes de responder-lhe, permitta-me que lhe faça uma pequena questão. Porque motivo, em vez de *senhoria* teem empregado a palavra *excellencia?* Dar-se-ha o caso de se quererem divertir á minha custa? Ridicularisarem-me?

— O' sr. conde! longe de nós semelhante idéa? Temos usado da palavra *excellencia*, porque assim se costuma tratar hoje as pessoas distinctas.

— N'esse caso estou em grande divida para com o barão.

— Essa é boa, senhor conde, respondeu aquelle um pouco confuso.

— Pois, tornando ao assumpto; effectivamente, era costume no Egypto, antes de embalsamar um cadaver, tirar-lhe os intestinos e os miolos: só a raça dos Scarabéos não estava sujeita a isso. Por consequencia, se eu não fosse um d'estes, teria soffrido essa operação; e viver sem essas visceras não é lá das melhores cousas.

— Comprehendo agora, disse o barão de Souza, e visto isso, todas as mumias que vemos inteiras são da raça dos Scarabéos.

— Sem duvida.

— Eu julgava, disse o padre Gilberto, que o Scarabéo era um dos deuses dos egypcios.

— Um dos *que* dos egypcios? exclamou a mumia dando um grande salto e ficando de pé.

— Um dos deuses, repetio o viajante.

— Senhor padre Gilberto, estou devéras admirado de ouvil-o fallar d'esse modo, disse o conde tornando a assentar-se. Nenhuma nação do mundo reconheceu ainda mais do que *um* Deus. O Scarabéo, o Ibis, etc., eram para nós (o que outras creaturas teem sido para outras nações) os symbolos, os medianeiros pelos quaes offereciamos o culto ao Creador, muito augusto para ser directamente aproximado.

Aqui fez-se uma pausa. O doutor Alexandre tomou então a palavra.

— Segue-se, pelas explicações que V. Ex.ª se tem dignado dar-nos, que nas catacumbas que se acham perto do Nilo, existem outras mumias da raça do Scarabéo em identicas condições de vitalidade?

— Isso não póde nem deve ser objecto de questão, replicou o conde; todos os Scarabéos que por incidente foram embalsamados vivos, estão vivos.

Alguns mesmos dos que foram embalsamados *de proposito* podem ter sido esquecidos pelos seus testamenteiros, e, por consequencia, lá existem ainda nas suas sepulturas.

— V. Ex.ª, disse eu, tem a bondade de explicar-me o que entende por *embalsamados de proposito?*

— Com todo o gosto, retorquio a mumia, depois de me ter examinado bem com a luneta; porque era a primeira vez que eu me atrevia a dirigir-lhe directamente uma pergunta. Com todo o gosto, disse ella. A duração ordinaria da vida humana, no meu tempo, era de oitocentos annos, pouco mais ou menos. Poucos homens morriam, salvo por muito extraordinarios accidentes, antes da idade de seiscentos; tambem mui poucos viviam mais de dez seculos; mas oito seculos eram considerados como o termo natural. Depois da descoberta do principio do embalsamento, tal como já lhes expliquei, occorreu aos nossos philosophos que se poderia satisfazer uma louvavel curiosidade, e, ao mesmo tempo, servir consideravelmente os interesses da sciencia, dividindo a duração media e vivendo esta vida natural por periodos. Relativamente á sciencia historica, a experiencia mostrára que se devia fazer alguma cousa n'este sentido, alguma cousa indispensavel. Um historiador, por exemplo, tendo attingido a idade de quinhentos annos, escrevia um livro; dépois fazia-se embalsamar com todo o cuidado, deixando ordem aos seus testamenteiros *pro tempore* de resuscital-o decorrido um certo lapso de tempo, — quinhentos ou seiscentos annos, supponhamos. Tornando á vida no fim d'essa época, encontrava invariavelmente a sua obra convertida em uma especie de caderno de notas accumuladas ao acaso, isto é, em uma especie de arena litteraria aberta ás conjecturas contradictorias, aos enigmas e ás contestações pessoaes de todos os bandos de commentadores exasperados. Estas conjecturas, estes enigmas que passavam sob o nome de annotações ou correcções, tinham de tal modo embrulhado, torturado, destruido o texto, que o auctor via-se obrigado a andar n'este labyrintho com uma lanterna na mão á procura do seu proprio livro. Mas uma vez achado, o pobre livro não valia os trabalhos que o pobre auctor tinha tido para o tornar a ver. Depois de reescrevel-o de principio a fim, restava ainda uma importantissima tarefa, um dever imperioso: era emendar, segundo a sua sciencia e experiencia pessoaes, as tradições do dia concernente á época em que primitivamente tinha vivido. Ora, este processo de recomposição e de rectificação pessoal, seguido de tempos a tempos por differentes sabios, dava o resultado de a nossa historia não degenerar em uma pura fabula.

— Peço perdão, — disse o doutor Alexandre, pondo a mão sobre o braço do egypcio, — peço perdão, senhor conde; mas, concede-me que o interrompa por um momento?

— Porque não! meu caro senhor, replicou o conde, afastando-se um pouco.

— Desejava simplesmente fazer-lhe uma pergunta, tornou o doutor. V. Ex.ª fallou de correcções pessoaes do auctor relativamente ás tradições que diziam respeito á sua época. Em que proporção, pois, se achava a verdade misturada com essa Babel de mentiras?

— Achou-se, geralmente, que essa Babel de mentiras, — para servir-me da sua excellente difinição, — estava exactamente a par com os factos referidos na historia não refundida; isto é, não se via em circumstancia alguma um simples *jota* de um ou de outro que não fosse absoluta e radicalmente falso.

— Mas, visto ser tão claro, tornou o doutor, que, depois do enterro de V. Ex.ª, teem, pelo menos decorrido cinco mil annos, tenho como certo que os vossos annaes n'essa época, senão as vossas tradições, eram sufficientemente explicitas sobre um ponto de interesse universal, a Creação, que teve lugar, como deve saber, pouco mais de dez seculos antes.

— Senhor?! disse o conde, abrindo os olhos.

O doutor repetio a mesma observação; mas não foi sem muitas explicações addicionaes que conseguio fazer-se comprehender do estrangeiro. Por fim, disse este, não sem hesitação:

— As idéas que apresenta, confesso que são para mim inteiramente novas. No meu tempo, nunca encontrei pessoa alguma a quem tivesse occorrido uma idéa tão singular, que o universo (ou este mundo, como lhe aprouver) podia ter tido um principio. Recordo-me, comtudo, que uma vez, e tambem unica, um homem de grande sciencia fallou-me de uma tradição vaga relativamente á origem da raça humana; e este homem servia-se igualmente da palavra *Adão* ou terra vermelha. Mas empregava-a n'um sentido generico, como referindo-se á germinação espontanea pela argilla, — tal como uma infinidade de animalculas, — á germinação espontanea, de cinco vastas hordas de homens, brotando simultaneamente em cinco partes distinctas do globo quasi iguaes entre si.

Aqui, todos os da sociedade encolheram os hombros, e um ou dois esfregaram o rosto com um modo muito significativo. O barão de Souza lançando um rapido olhar pela região occipital de Allamistakeo, fallou n'estes termos:

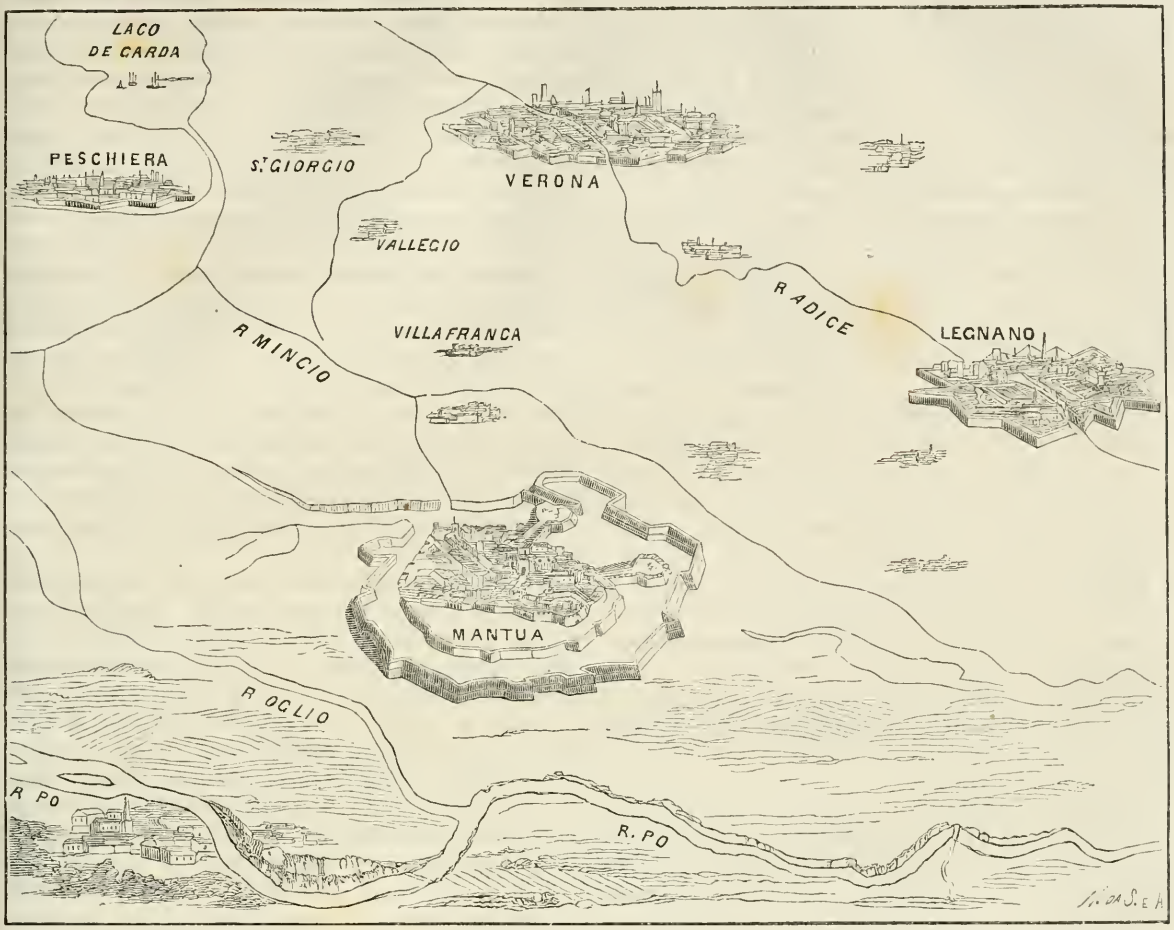
— A longevidade humana no tempo de V. Ex.ª, unida a essa pratica frequente que nos tem explicado, consistindo em viver por periodos, deveria, na verdade, contribuir poderosamente para o desenvolvimento geral e accumulação de conhecimentos. Presumo, pois, que se deve attribuir a inferioridade notada dos antigos egypcios em todas as partes da sciência, quando se comparam com os modernos, unicamente á espessura mais consideravel do craneo.

— Declaro novamente, replicou o conde com toda a urbanidade, que não posso comprehender; diga-me, de que partes da sciencia quer fallar?

A esta pergunta, toda a companhia, unanimemente, citou as affirmações da phrenologia e as maravilhas do magnetismo animal.

(*Continua.*)

Typ. Franco-Portugueza, Rua do Thesouro Velho, 6



O Quadrilatero.

Foi breve a lucta nos historicos campos da Italia. Assignalou-a um grande revez, a batalha de Custozza; as inauditas victorias dos prussianos na Bohemia, obrigando os austriacos a accudirem pela defeza da sua capital, obstaram a que os exercitos da Italia podessem tomar desforra da batalha que perderam, victimas dos inexplicaveis planos dos seus generaes. Hoje póde dizer-se que a Italia deve Veneza e o famoso quadrilatero ao esforço dos prussianos; não permittio a sorte que os filhos da peninsula realisassem o moto *Italia fará da se*. Os Venezianos que agradeçam a liberdade proxima antes ao general Moltke e ás espingardas de agulha do que ao esforço dos seus irmãos d'além Pó. Não que faltassem aos italianos enthusiasmo ardente, brios guerreiros e generosas aspirações de consolidar o novo reino com o esplendor das victorias; tinham braços para ferir, corações intrepidos para expôr ás balas inimigas, mas careceram de cabeça para dirigir. Por mar e por terra tiveram soldados valentes, por mar e por terra lhe faltaram generaes habeis; o esforço dos soldados inutilisou-o a impericia dos chefes. Entretanto, aprouve á fortuna dar-lhes, apesar dos revezes, o que não souberam conquistar; mas muitos outros resultados conseguiria a Italia se a victoria coroasse os seus esforços. Não serão as acquisições territoriaes tão extensas, e quando o fossem, quando a Italia ficasse verdadeiramente livre dos Alpes ao Adriatico, não ganhará no augmento de territorio devido a alheios feitos a força moral e a confiança no proprio valor que só a victoria lhe podia dar.

Foram-se e não voltam os tempos em que a duração das guerras se contava por annos e annos. A ligação dos interesses economicos, os apuros dos thesouros e o proprio aperfeiçoamento dos meios de communicação e dos engenhos mortiferos tornam impossiveis guerras diuturnas. Poucos dias de combate abateram as soberbas aguias austriacas aos pés da Prussia, e excluindo o imperio dos Habsbourg da confederação germanica, quasi o riscaram do rol das grandes potencias europeas. Não deixa saudades, em boa verdade seja dito. Esta rapidez com que as maiores guerras se decidem, se é motivo para folgar a humanidade, colloca em gravissimos embaraços os jornaes que, como os francezes e inglezes, não dispõem de grandissimos recursos. Assim foi que, apesar da sua boa vontade, a empreza do *Panorama* só agora

conseguio obter uma gravura representando o famoso quadrilatero, base da defeza da antiga fronteira militar austro-italiana. E a estreiteza do tempo obstou tambem a que a pequena gravura que hoje apresentamos, possa satisfazer a todas as condições que seriam para desejar. Entretanto, a succinta descripção que vamos dar, supprirá facilmente as imperfeições do desenho.

A poderosa fronteira militar de que as victorias dos prussianos privaram os austriacos na Italia, é formada essencialmente por algumas ramificações dos Alpes, que vão morrer nas planicies da Lombardia e pela linha do Mincio, continuada desde Governolo até o mar pelo curso do Pó.

Nasce o Mincio no lago de Garda, e correndo de noroeste para sudoeste, atravessa as lagoas de Mantua e vae desaguar no Pó, em Governolo, tendo percorrido uns 66 kilometros (13 leguas). No ponto onde o Mincio sae do lago de Garda está a praça de Peschiera, uma das quatro do quadrilatero. O Mincio não é navegavel entre Peschiera e Mantua, e nas primeiras sete legoas a contar de Peschiera não apresenta difficuldades a um exercito que pretenda transpol-o. Tem pequena largura, profundidade insignificante, vaus no verão, e do lado italiano collinas que dominam a margem opposta desde Péschiera até Vallegio. De Vallegio para baixo, o leito do rio alarga e entra nas famosas lagoas de Mantua.

Acima de Peschiera a fronteira é formada pelo lago de Garda e por montanhas que um exercito só póde atravessar por tres estradas, que correm em desfiladeiros estreitissimos, difficeis e bem defendidos.

A contar de Governolo, onde o Mincio desemboca no Pó, é este rio que defende a fronteira. O Pó é largo, profundo, sem pontes fixas e dividido em braços que cortam terrenos pantanosos, alagadiços e, em parte, inferiores ao nivel do rio. O exercito que passasse o rio, da Italia para o lado austriaco, ia desembocar n'uma estreita tira de terra, cortada de pantanos, canaes e diques, entalada entre o Pó e o Addige, e bem defendida pelos austriacos nos pontos mais accessiveis.

Por detraz do lago de Garda, do Mincio e do Pó, quasi paralellemente aos dous rios, corre o Adige, que desemboca em Verona, das montanhas do Tyrol, e vae desaguar no Adriatico. É este rio de corrente impetuosa, largo, profundo e sem vaus. O Adige deve ser a verdadeira fronteira militar dos italianos para o lado da Allemanha. Disse-o o maior capitão do nosso seculo e demonstra-o a configuração do terreno. A linha do Adige, ás condições apontadas, reune as circumstancias vantajosas para a defeza, de ser pouco extensa e de não haver meio de torneal-a, porque, de um lado, a defendem as montanhas do Tyrol, e do outro, desemboca no Adriatico. A distancia do Adige ao Mincio e ao Pó é pequena, não excede oito leguas nos pontos em que mais se afastam. Entre os pontos mais proximos não passa de tres leguas.

Assim se vê, que o ponto mais vulneravel da fronteira era a pequena extensão (sete leguas) do curso do Mincio comprehendida entre Peschiera e Vallegio, mas o exercito italiano que passasse o rio entre estes limites (e assim o fez antes de Custozza) tinha nos flancos as duas praças de Peschiera, á esquerda, a de Mantua á direita, e na frente o Adige e Verona, terceira e mais forte praça do quadrilatero. A quarta e menos importante é Legnago e não Legnano, como vulgarmente lhe chamam, abaixo de Verona sobre o Adige.

Ao sul do lago de Garda, no centro de um amphitheatro semi-circular de collinas, nas margens do golpho formado por um prolongamento do lago de Garda, entre a margem oriental do lago e a peninsula de Sermione, está a cidade e praça de Peschiera, em cujo recinto o Mincio sae do lago. Fica a cidade quasi directamente ao noroeste de Mantua. É pequena, e ainda em 1848 não tinham grande força defensiva as suas fortificações; o infeliz Carlos Alberto tomou-a sem grande difficuldade. Depois os austriacos augmentaram lhe as fortificações.

Pelo lado do lago de Garda, que os austriacos dominam com a sua esquadrilha, não era Peschiera atacavel. Apesar d'isso é defendida por uma linha continua de muralhas e por um grande baluarte que domina o lago. A artilheria das muralhas e do baluarte destruiria qualquer flotilha não couraçada que pretendesse atacar a praça. Na margem esquerda (austriaca) do Mincio construiram um grande acampamento entrincheirado que póde conter 15 mil homens e está abrigado pelas fortificações do Mandella.

Este acampamento domina a cidade propriamente dita que está assente na margem italiana, e é defendida pela antiga cerca que forma um pentagono abaluartado. Em torno do corpo da praça ha 14 fortes isolados cujo fogo domina todos os arredores. A cidade liga-se com o acampamento por meio de uma ponte estreita e bem fortificada. A artilheria de todas estas fortificações era composta, na data das ultimas noticias de 60 peças de Lahitte, 120 do systema prussiano, 36 peças de sitio, 70 obuzes e 40 morteiros. Total 326 boccas de fogo de grande calibre.

A importancia de Peschiera não depende só da sua força defensiva como praça de guerra, mas tambem do que contribue para a defesa de Mantua. Peschiera é a valvula do Mincio. Quando se abrem as comportas que existem no interior da praça, as aguas do lago de Garda correm impetuosas e vão inundar os arredores de Mantua. Fechando-se as comportas fica o Mincio quasi em secco e Mantua emerge do seio das aguas.

Ao sudoeste de Peschiera, na margem direita e no angulo reentrante de um lago pantanoso de 3 leguas de extensão, está a cidade de Mantua com uma população de 30 mil almas. O lago cerca-a ao norte e ao oriente.

No lado do norte a cidade communica com a cidadella de Porto na margem austriaca pela ponte de Molina. Ao oriente passa-se tambem para a margem austriaca por outra ponte que vai terminar no forte de S. Giorgio.

A oeste a cerca do corpo da praça é constituida por uma linha abaluartada precedida pelo forte Belfiore. Ao sul na margem italiana as obras de defesa consistem exteriormente nas trincheiras de um acampamento para 30 mil homens; pela parte interior corre uma linha abaluartada que vae do forte Migliaretto até o de Portuelo; no interior d'esta fica o corpo da praça. Fóra do acampamento na margem meridional está o forte Pietole para defender as comportas que pódem despejar os lagos que cercam a praça. O armamento de todas estas fortificações consta de 70 peças de Lahitte, 110 do systema prussiano, 40 de sitio, 120 obuzes e 60 morteiros. Total 400 boccas de fogo.

Quando se abrem as comportas de Peschiera a agua do lagode Garda enche o lago superior de Mantua e por mei o das comportas da ponte do Molina inunda todos os arredores da cidade. Pelas comportas do forte Pietole ou se despeja a agua para a parte inferior do curso do Mincio ou se faz passar pelo canal chamado Fosso-Pajolo para o lago inferior. Em poucas horas pelo jogo d'estas comportas ficam completamente cheios de agua os lagos, os fossos e uma grande extensão de terreno em volta do acampamento entrincheirado. Mantua é então uma ilha cercada por extensos lagos que obstam aos trabalhos de aproxes.

Ha em Mantua uma torre elevada do alto da qual se fazem signaes para Verona; de Verona os avisos são transmittidos para Peschiera e á vista d'elles se augmenta ou diminue a inundação. Finalmente a natureza pantanosa do terreno torna mui doentios os arredores de Mantua e a cidade.

Para completar a defesa do Mincio os austriacos tambem construiram fortificações ao longo do rio nas pontos mais accessiveis.

(Continua)

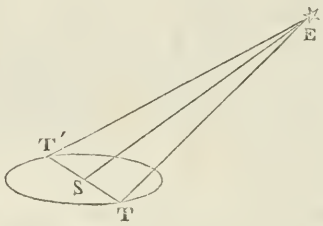
COMO SE DETERMINA A DISTANCIA DAS ESTRELLAS A' TERRA

Ha em astronomia factos que surprehendem por sua grandeza, e sobrepujam de modo tal a esphera das concepções habituaes do homem, que se é tentado a pôl-os em duvida, apesar da affirmação dos astronomos, e a collocal-os na fileira das pretensões enganadoras com que a sciencia algumas vezes se tem apresentado ao vulgo. A este numero pertencem as principaes conquistas da astronomia stellar, e, principalmente, as determinações relativas á distancia das estrellas.

Procuraremos expôr o methodo de que se faz uso para obter estas distancias, e de afastar, por esta exposição, a idéa desfavoravel que um grande numero de individuos ainda acceita contra os calculos perfeitamente fundados da astronomia moderna.

Uma reflexão d'alguns momentos bastará para fazer admittir que se a terra se move no espaço, durante o seu curso annual á roda do sol, deve d'ahi resultar para nós uma mudança apparente dos outros astros no céo. Ninguem ainda metteu a cabeça pela portinhola de um wagon que não julgasse ver as arvores, as casas, as collinas, os diversos objectos que matisam o campo moverem-se em um sentido opposto ao andar do vehiculo; os objectos mais proximos são os que, parece, soffrem uma deslocação maior, em quanto que os mais distantes movem-se lentamente, até o horisonte, que se mostra quasi immovel. Resulta, pois, do movimento da terra no espaço, que as estrellas situadas em uma região do céo, da qual a terra se afasta em uma certa época do anno, parece que se unem, emquanto que aquellas das quaes a terra se approxima parece que se afastam umas das outras. Este effeito será necessariamente tanto menos sensivel quanto maiores forem as distancias das estrellas.

Se se podesse medir o valor do desvio de uma estrella, occasionado pelo movimento da terra, achar-se-hia a distancia d'essa estrella. Eisaqui como:



Seja esta ellipse a curva seguida pela terra no seu giro annual em torno do sol; seja S o sol, T S T' um diametro da orbita terrestre, T e T' as posições da terra nas duas extremidades d'este diametro, isto é, a seis mezes de intervallo (visto que a terra faz o seu giro completo em um anno); seja, emfim, E a estrella cuja distancia se pretende medir.

Quando a terra está situada no ponto T, mede-se o angulo S T E, formado pelo sol, a terra e a estrella; quando a terra está em T', mede-se o angulo S T' E. Sabe-se que em todo o triangulo a somma dos tres angulos é igual a dois angulos rectos, isto é, a 180°; logo, fazendo-se a somma dos dois angulos observados S T E e S T' E, e diminuindo-se esta somma de 180°, ter-se-ha o valor do angulo E, subtenso á estrella pelo diametro da orbita terrestre. E este valor será tão exacto como se nos houvessemos podido transportar á estrella para medil-a directamente. A metade d'este angulo, isto é, o angulo S E T, é o que se chama *paralaxe annual* da estrella E. Assim, a paralaxe annual d'uma estrella, é o angulo sob o qual um observador, collocado na estrella, veria de frente o raio da orbita terrestre.

Tomando sempre observações correspondentes a dois pontos diametralmente oppostos da orbita da terra, obter-se-ha, no curso do anno, um grande numero de medidas da paralaxe annual. No nosso exemplo, e na nossa figura, a estrella está situada no polo da ecliptica; a operação é a mesma, ainda que um pouco menos simples, para as outras diversas posições do céo. Na pratica obtem-se de um modo exacto o valor dos angulos S T E, S T' E, comparando as posições successivas da estrella observada a uma estrella relativamente fixa, que não tenha paralaxe. A grande maioria das estrellas acha-se n'este caso.

As averiguações dos astronomos teem demonstrado que não existe uma só estrella cuja paralaxe seja igual a 1". Todas lhe são inferiores. Pa-

ra se fazer uma idéa d'este valor, é preciso saber que a circumferencia dos circulos astronomicos que servem para as observações está dividida em 360 partes chamadas gráos, cada gráo em 60 minutos e cada minuto em 60 segundos. Este valor de um segundo é tão pequeno, que um fio de aranha posto sobre a reticula do oculo esconde inteiramente a porção da esphera celeste onde se effeituam os movimentos apparentes das estrellas iguaes, o maximo, a 1".

A estrella que estas especies de observações teem confirmado estar mais perto, é a α da constellação do Centauro; a sua paralaxe é igual a 91 centesimos de segundo (0."91). Da estrella α do Centauro o raio da orbita terrestre está, pois, reduzido a 0".91. Ora, para que a grandeza apparente d'uma linha recta vista de frente se reduza a 0".91, é necessario que esta linha esteja a uma distancia da vista igual a 226400 vezes o seu comprimento. É uma certeza mathematica. Logo, a estrella α do Centauro está afastada 226400 vezes o raio da orbita terrestre, isto é 226400 vezes 38 milhões de leguas, ou 8603200000000.

É esta a estrella mais proxima. A luz, que percorre 70000 leguas por segundo, leva tres annos e oito mezes para chegar á terra.

A estrella que se segue é a 61 da constellação do Cysne. A sua paralaxe é igual a 0".35. O mesmo raciocinio colloca-a a 589300 vezes o raio da orbita terrestre, ou 22:735:400:000000 de leguas. A luz gasta nove annos e cinco mezes para atravessar esta distancia.

Sirius está situado a 52 trilliões de leguas d'aqui. A estrella polar, a 73 trilliões 948 milhares de milhões; a luz leva um pouco mais de trinta annos para chegar a nós, correndo sempre 70000 leguas por segundo.

Vê-se, pois, pelo exposto, que estes resultados, por prodigiosos que pareçam á primeira vista, são devidos a methodos mathematicos de uma grande simplicidade. Toda a difficuldade d'estas especies de determinações consiste na observação extremamente minuciosa, longa e penosa, da pequena mudança da estrella no céo.

JAZIGO DA RAINHA D. LUIZA DE GUSMÃO

No convento das religiosas Grillas, perto do Beato

> «A rainha D. Luiza, desgostosa de seu filho el-rei D. Affonso VI, depois de lhe entregar as redeas do governo, que mantivera com muita prudencia e firmesa durante a sua menor idade, e em circumstancias graves e difficeis, recolheu-se a este convento, estando ainda por acabar, e n'elle falleceu pouco tempo depois. O seu mausoléo ergue-se no côro. É de marmore primorosamente lavrado.»
>
> *Sr. Vilhena Barbosa, a pag. 213 do 7.º vol. do* Archivo Pittoresco.

Um mausoléo de marmore primorosamente lavrado para D. Luiza de Gusmão! Um mausoléo para aquella rainha, á qual Portugal deve, em parte, a sua independencia! Pois é assim que Portugal costuma recompensar os benemeritos da patria!...

Mas oxalá que assim fôra! Oxalá que as cinzas de D. Luiza de Gusmão, d'essa mulher heroica, a quem Portugal deve relevantissimos serviços, não estivessem ameaçadas de se perderem, como se perderam as de Affonso de Albuquerque, Luiz de Camões, Duarte Pacheco Pereira, João Pinto Ribeiro, e de tantos outros varões illustres.

Quereis então saber qual é o mausoléo primorosamente lavrado, onde descançam os restos mortaes de D. Luiza de Gusmão?

Ide ao convento das religiosas Grillas, fundação d'esta rainha (1); não demandeis o côro, mas dirigi-vos á capella mór. Entrai no vão que ha entre o altar mór, e a parede sobre a qual se acha o throno. N'este vão vollai as costas para o côro. Ficam-vos em frente umas corrediças de madeira, que tapam uma abertura feita na parede. Abri essas corrediças. Encontrais logo uma corôa de latão, já com a côr algum tanto desbotada. Se levardes creanças, talvez ellas brinquem com essa corôa, ou com ella se coroem, como eu o fazia, quando era da mesma idade. Ao pegar n'ella, vereis um athaúde, envolvido n'um pano preto. Podeis tambem tirar o pano, e ver á vontade esse athaúde. Póde ser que a madeira esteja podre... Sabeis o que se conta terem os francezes feito ao corpo de D. Ignez de Castro, e os portuguezes a tantos outros?

Eis, pois, descripto fielmente o mausoléo de marmore primorosamente lavrado, onde estão os ossos de D. Luiza de Gusmão, da mulher de D. João IV, da filha do duque de Medina Sidonia, da mulher que nascida hespanhola, contribuio para a independencia de Portugal, da mulher que fez com que seu marido aceitasse a corôa portugueza (2). D'uma mulher consultada por seu marido, porque elle reconhecia no seu discurso soberana intelligencia, e era o seu peito o centro do segredo (3). D'essa, que dirigindo o leme do governo do estado no tempo das maiores tormentas (4) guiou o fragil batel por mares encapellados e por entre temiveis parceis a porto de salvamento. D'essa, que com sua valorosa constancia, actividade, e grande intelligencia fez mudar a face dos negocios dos hespanhoes, que tão indecentes demonstrações deram de alegria pelo fallecimento de D. João IV.

Manoel Bernardes Branco.

INFLUENCIA DOS ETRUSCOS

... Os Etruscos, seja qual fôr a sua origem, foram um dos povos mais precoces e mais originaes que existiram. Em vez de aspirarem ás conquistas, sentiam-se feitos para os estabelecimentos tranquillos, instituições civis, commercio, artes, navegação, á qual muito favorecia a disposição das praias da Etruria. Em quasi toda a Italia, até a Campania, fundaram cidades coloniaes, propagaram as artes, estenderam o commercio, e é a elles que um grande numero de cidades, as mais celebres d'aquella região, devem a sua origem.

Herder

(1) Barbosa, *Catalogo das Rainhas*, pag. 128.
(2) *Portugal Restaurado*, vol. 1.º, pag. 92, ed. 1710.
(3) Id. pag. 259.
(4) *Historia de Portugal* por uma sociedade de litteratos inglezes, vol. 3.º, pag. 144, ed. 1788.

Quinta e palacio de Knowle.

A quinta e palacio de Knowle, situados no centro de uma extensa tapada pouco distante da cidade de Svenoaks, no condado de Kent, são, como muitas outras herdades que se encontram por todo o territorio inglez, dignos, realmente, da attenção do estrangeiro. A sua origem é perfeitamente desconhecida; ignora-se mesmo a época em que foi edificada a parte mais moderna da casa. Sabe-se, porem, que no tempo do rei João, achava-se Baldwin de Bettun de posse d'esta propriedade e que por successão passou ás mãos dos condes de Pembroke e de Norfolk. Uma parte consideravel da casa foi reduzida a cinzas no anno de 1613, e durante a republica, tendo sido sequestrada a propriedade por ordem de Cromwell, ali se reunio o conselho na grande sala que hoje serve de casa de jantar.

Esta magnifica propriedade tem de circumferencia perto de cinco milhas; o seu solo é riquissimo; e na immensa tapada, que a rodeia, encontra-se grande quantidade de veados que são mui nomeados pelo excellente sabor da sua carne.

O edificio termina em duas torres um pouco elevadas, com tres andares, tendo ao centro o grande portico da entrada. Nos angulos vêem-se diversas estatuas bem cinzeladas, entre as quaes se distinguem as do Gladiador e de Venus. A sala principal tem setenta e cinco pés de comprimento, vinte e sete de largura, vinte e sete de altura, e está guarnecida de obras dos mais notaveis artistas, como Rubens, Giordano, Suyders. Ali se encontram, uma estatua representando Diogenes, o grande orador grego, que é considerada como uma das melhores obras de estatuaria da antiguidade, e, entre outros muitos quadros admiraveis, o do triumpho de Sileno, que é, talvez, a melhor producção de Rubens. Nas outras salas tambem existe um grande numero de pinturas, entre as quaes algumas de grande merecimento; e em uma das galerias vê-se uma collecção de retratos de personagens celebres que viveram nos ultimos tres seculos.

Emfim, a casa de Knowle, interessante não só pelo que temos dito e pela sua muita antiguidade, como tambem pelos signaes que ainda apresenta da sua primitiva grandeza e pelas recordações de haver servido de domicilio a pessoas muito illustres de Inglaterra, casa que viajante algum ainda se mostrou arrependido de ter visitado, porque para qualquer lado que o homem ali se volte en-

contra uma nova belleza que o attráe; a casa de Knowle, pois, tem fornecido aos pinceis de muitos artistas copias de objectos que são a admiração e o recreio de todas as idades.

O HOMEM QUE NÃO RI

conto arabe

Do banho, dirigiram-se á habitação, que era, effectivamente, situada no meio da espessa verdura dos jardins do burgo. Entrando, o nosso mancebo não ficou menos maravilhado do plano geral da habitação que da symetria das suas mais pequenas cousas. O conjuncto era formado por quatro corpos principaes, em cujo centro se desenhavam muitos taboleiros de flores separados uns dos outros por um lago onde folgava uma multidão de cysnes. Todos os quartos tinham janellas de grade, por onde a vista podia deliciar-se n'aquelle encantador recinto. Não se via senão flores; não se ouvia mais do que o suave gorgeio dos passaros. Mas, que contraste formava esta risonha morada com os personagens que n'ella viviam! E quão longe estava o pensamento de Zerzuri do espectaculo que o esperava!

— Vinde por aqui, lhe disse o homem de vestido verde, quero apresentar-vos aos meus amigos.

Tomou-o pela mão de um modo cordial e introduzio-o em uma espaçosa sala, cujos tapetes, que escondiam o sobrado, rivalisavam em sumptuosidade com o esmalte azul do tecto estrellado de ouro e prata. Em uma das extremidades, sobre um estrado dominado por um largo docel de pennas de abestruz, estavam assentados nove respeitaveis anciãos de compridas barbas brancas, envoltos em caftans de seda. Choravam, soluçavam e lamentavam-se. Era uma scena que cortava o coração. Mas, o criado, lembrando-se da recommendação que se lhe fizera, poz freio na lingua, e esforçou-se em procurar uma distracção em todos os objectos que o deslumbravam.

O xeque Ali, (assim se chamava o desconhecido) sem parecer notar a sua commoção, abrio um cofresinho de madreperola com fechadura de prata, e disse lhe:

— Aqui tens quarenta peças de ouro de que poderás dispor, como te approuver, para as nossas necessidades e tuas despezas. Ficas sendo o nosso intendente. Faze tranquillamente o teu serviço, ninguem te contrariará; os nossos costumes são muito simples. Mas, nada de perguntas sobre o que vires e ouvires.

Zerzuri inclinou-se respeitosamente e respondeu:

— Ouvir é obedecer.

N'esse mesmo dia entrou no exercicio das suas funcções: limpou as casas, preparou o jantar e servio os seus chorosos amos com tanta habilidade, que parecia, á primeira vista, que em toda a sua vida não tinha feito outra cousa.

Em quanto andava de um para outro lado no serviço, os gemidos continuavam de mais em mais lamentosos e afflictivos. Julgar-se-hia assistir a uma d'essas ceremonias funebres em que as carpideiras choram, sem um momento de descanço, uma dôr que não sentem, mas que o dinheiro lhes faz sentir. Não obstante, o nosso homem, seguio o partido que lhe convinha; acostumou os ouvidos a esta infernal musica, como succede a quem habita nas proximidades de uma catadupa.

No fim de um anno, um dos velhos pagou a sua divida ao Senhorio dos mundos. Os seus companheiros pegaram n'elle debaixo de todo o silencio e depois de o terem lavado, como o determina o rito malekita, enterraram-no sem pompa em um bosquete contiguo á habitação.

Quando a morte entra em uma casa, não pára. A sua destruidora mão ferio um segundo velho, depois um terceiro, quarto...; emfim levou-os a todos, excepto o xeque Ali, que ficou só com Zerzuri no meio d'esta vasta morada, onde viveram mais dez annos juntos e como em familia. Entretanto o corvo da separação crocitou por cima das suas cabeças. O xeque, quebrado pela velhice e attenuado por uma dôr sem consolação, preparava a sua alma para a eternidade, quando o fiel servo se approximou do seu leito e lhe disse com um accento de compaixão e afago:

— Senhor, enganei a vossa esperança? Não vos tenho servido e tratado com todo o affecto? Não tenho respeitado o vosso segredo?

— Oh! sim, meu filho, respondeu o doente; todos morremos contentes de ti, e é para provar-te o nosso reconhecimento que te legamos uma casa, que se assemelha a um palacio, com o resto dos nossos thesouros. Estás muito novo ainda, tens um bello futuro diante de ti. Vive, pois, e diligenceia esquecer o doloroso espectaculo de nossos pezares.

A estas palavras, a curiosidade de Zerzuri, tanto tempo refreada, soltou-se.

— O' meu amigo, o melhor dos amos, replicou elle, tinheis pois desgostos? Não poderei saber a causa d'elles? Dignai-vos, supplico-vos, revelar-me esse segredo.

— Deus te preserve, meu filho, da desgraça que experimentamos. A sepultura reclama-me; poucos momentos terei de vida; é preciso que te salve por um ultimo conselho... Aquella porta, accrescentou elle, estendendo a mão que o frio da morte tornára pesada, foge de abril-a, se não queres ser condemnado a passar o resto de teus dias entre lagrimas e gemidos. Se tivesses a imprudencia de desprezar a minha recommendação, expor-te-hias a comprehender toda a extensão dos nossos soffrimentos, e quando quizesses arrepender-te, já não seria tempo.

Acabando de pronunciar estas palavras, o xeque Ali, deixou cair o desmaiado rosto sobre a almofada, e deu o ultimo suspiro.

Eis Zerzuri só. Depois de ter depositado o corpo do seu unico amigo ao lado dos nove anciãos, reflectio. Pareceu-lhe impossivel que as mesmas circumstancias inspirassem os mesmos sentimentos em individuos de natureza differente. A mocidade é presumpçosa. Prometteu a si proprio conservar-se impassivel, e formou de antemão um coração de ferro. Por outro lado, era mais depressa o desejo de romper a monotonia da sua existencia, que o levava a tentar a aventura, do que a propria curiosidade.

Um dia, dirigio-se com passo firme e resoluto para aquella porta mysteriosa, e sacudio precipitadamente as teias d'aranha que a cobriam. Fez saltar quatro fortes fechaduras de aço, abrio-a de par em par e transpoz a soleira. O coração batia-lhe com violencia.

— Por vida minha, murmurou elle, Deus é o

senhor dos destinos. Quem poderia oppor-se á sua vontade?

Um corredor escuro e tortuoso estendia-se diante d'elle; andou por espaço de tres horas á luz de um archote. Finalmente, chegou á borda de um lago. Mas, no momento em que procurava attentar na linda paisagem que se desenrolava diante dos olhos, um passaro gigantesco agarrou-o e voou com elle ás alturas. O movimento havia sido tão rapido e tão violento que o pobre Zerzuri desfalleceu. Quando recobrou os sentidos, achou-se só, deitado junto de um bosque onde vegetavam formosos limoeiros. A brisa da manhã agitava-lhe brandamente os vestidos, e uma harmoniosa musica enchia-lhe a alma de uma alegria desconhecida. Levantou-se. Em quanto olhava para a esquerda e para a direita, um bando de elegantes cavalleiros passou diante d'elle. O guerreiro, do qual este bando parecia formar o cortejo, avançou e saudou graciosamente Zerzuri, pedindo-lhe que montasse em um cavallo magnificamente ajaezado que um criado trazia pela redea. O nosso aventureiro não se fez rogar, e saltou ligeiro sobre a sella bordada a ouro.

Pozeram se a caminho sem que ninguem sequer pensasse em interrogar o recemchegado sobre a sua origem, nem sobre o motivo que o levava áquelles lugares. Foi o objecto de mil attenções. Depois de terem percorrido os jardins, aos quaes não poderá de certo exceder em belleza o delicioso lugar promettido por Mohamed aos verdadeiros crentes, acharam-se na frente de um magnifico palacio edificado com infinita arte e ornado de esculpturas que se poderiam attribuir á mão dos genios.

— Que grande asneira faria, dizia comsigo Zerzuri, passando os meus bellos annos detraz d'aquella portinha! Evidentemente o xeque Ali, de saudosa memoria, perdeu uma parte da sua força intellectual n'aquella prisão systematica a que se condemnou com os seus companheiros. Se eu podesse somente, com o auxilio de Deos, trazel-o á vida por instantes, mostrar-lhe-hia todas estas maravilhas e gozaria da sua surpresa.

Durante este monologo, uma multidão de pagens mui jovens e desembaraçados rodeou o estrangeiro. Um segurou logo na redea do cavallo e outro lançou mão do estribo.

Apenas se apeou, o chefe do cortejo, que era um elegante personagem de maneiras mui distinctas e agradaveis, introduzio-o n'aquella morada real, dirigindo-lhe pelo caminho as mais affectuosas expressões. Vio um vasto salão formado em hemyciclo no fundo do qual se elevava um throno rutilante de ouro e pedrarias. O seu companheiro fez-lhe signal para que se sentasse; depois, tomando lugar ao seu lado, exprimio-se assim:

— Abençoamos, caro hospede, o acaso que vos trouxe entre nós. Este paiz é uma ilha que obedece ás minhas leis. Eu sou rainha.

Pronunciando estas palavras, o personagem levantou a viseira que lhe occultava o rosto, e Zerzuri, na attitude do extase, poude contemplar uma belleza capaz de despertar ciumes nas huris.

— Os meus ministros e os meus officiaes, continuou a rainha, são mulheres. O trabalho cabe ao outro sexo. A nós a auctoridade, aos homens a obediencia. Podereis, porém, ser exceptuado dos outros se me desposardes. Reino, escravos, thesouros, tudo vos pertencerá, menos a chave da porta do parque. Só uma palavra tendes a proferir.

Zerzuri tinha a cabeça transtornada por tanta felicidade. Quiz responder; mas os beiços tremiam-lhe. Este movimento machinal foi tomado por um signal de assentimento; porque a um aceno da rainha, as depositarias da lei immediatamente foram conduzidas aos pés do throno. Era uma velha investida das funcções de cadi; e seguida de outras duas matronas de cabellos brancos e annellados, que lhe serviam de assessores. Emquanto redigia gravemente o acto de cazamento, um pagem, mais esbelto que uma gazella do Sahara, poz a corôa sobre a fronte do real esposo.

Seis mezes depois d'esta inesperada união, a felicidade não havia abafado na alma de Zerzuri a sêde do mysterioso, essa necessidade do desconhecido ao qual devia a estranha serie de aventuras.

Pensava na porta, cuja chave estava em poder da rainha.

Faltava-lhe uma cousa no meio de tantas venturas, uma só! mas de um irresistivel attractivo.

Desejava tornar a ver a casinha da cidade de Melli, errar novamente nos lugares que tantas vezes havia percorrido, saborear a commoção do contraste entre as recordações do passado e as maravilhas da sua presente condição.

Em vão a voz do bom senso o aconselhava a que abandonasse o passado. Não era bastante o infinito numero de bens que lhe prodigalisara um poder mysterioso, para o tornar o mais feliz dos mortaes? O desejo resistia a todas as reflexões, perseguia-o, absorvia-o, tirava-lhe, até, o somno.

Uma noite, pois, aproveitando-se do somno da rainha, apoderou-se da chave que ella tinha sempre debaixo do seu travesseiro, e deslizou como uma sombra no jardim. Mas, apenas abrio a porta e transpoz o liminar, tornou-se presa de uma ave gigantesca, cujas azas se assemelhavam a um pavilhão desfraldado. Uma voz vinda de cima gritava-lhe no momento:

Adeus prazer! Adeus reino! Desgraçado d'aquelle que não sabe limitar os seus desejos.

O monstro levou o até as nuvens, e voou com rapidez tal, que Zerzuri perdeu a respiração e desmaiou...

Quando tornou a si e abrio os olhos achou-se quasi nu, perto de um aduar, cujos habitantes o haviam despojado sem ceremonia dos seus vestidos de principe.

Tal era o castigo que Deus lhe infligia. Mas ninguem póde deter o destino no seu andar. O infeliz Zerzuri arrastou-se até Constantina, mendigando o pão de aldeia em aldeia, escrevendo amuletos para os credulos e beijando os rozarios dos marabutos de nomeada. A tristeza infinita do pezar apoderou-se da alma do mancebo e divorciou-o com o riso.

Foi então que comprehendeu a dor dos seus inconsolaveis amos.

Quando na vida se alcança uma posição feliz e tranquilla, é mui acertado não procurar ir

além. Mais tarde, por detraz da porta dos desejos e curiosidades insaciaveis, póde ser que o individuo se veja transportado ao centro dos encantos! mas se tem a imprudencia de transpor a soleira, a razão perturbada perde o seu equilibrio. Quem é bastante forte para conservar-se moderado e prudente no meio dos enlevos de uma fortuna mui rapida? Debruça-se o homem, é tomado de vertigem, cáe no abysmo. Foi o que aconteceu aos nove anciãos em uma serie de aventuras differentes das que contamos: todos passaram duas vezes a porta, e Zerzuri seguio-lhes o exemplo.

UMA OBRA DO SECULO IX

Averiguação das milhas de umas cidades a outras

X. — Desde Gadis até Córdobam CC milhas. — De Córdobam a Toleto CCXX. — De Toleto a Cesaraugusta CCC. — De Cesaraugusta a Oscam LX. — De Oscam a Ilherdra LXXX. — De Ilherdra a Gersona L milhas. — De Gersona a Gerunda CXXX milhas. — De Gerunda ás fronteiras XL. — Das fronteiras a Ruscilion XX. — De Ruscilion a Narbona XL. — De Narbona a Biterris XV. — De Biterris a Neumasia LXXV. — De Neumasia a Avinion XXV milhas. — De Avinion a Valencia CII milhas — De Valencia a Turnos CCL — De Turnos a Mediolano CLXX. — De Mediolano a Roma CCCXVI. — De Roma a Thesalonica DCCCXLII. — De Thesalonica a Heraclea CCCXVI milhas. — De Heraclea a Constantinopla CXXX milhas.

Fazem IIIMCCLXXXI milhas.

Noticia dos bispos e suas sédes

XI. — A Séde Real (1) occupa-a Hermenegildo. — Flaiano em Bracara, e succedeu a Lupo e a Recaredo. — Tudemiro tem as de Dumio e Mendumieto. — Sisenando a de Iria em S. Jacobo. — Naustio tem a séde em Coimbra. — Branderico em Lamego. — Sebastião em Auriense. — Justo em Portucale. — Alvaro em Velegie. — Felmiro em Oxima. — Mauro em Legion, e Ranulfo em Astorica.

Os referidos prelados resplandeceram na Igreja pela protecção do Rei.

Tambem ó Rei Adefonso, de que já temos fallado, tornou-se admirado por todo o mundo; elevado ao solio, foi habil na guerra, esclarecido para com os Asturianos, forte e valeroso com os Vascões, castigou os Arabes e protegeu os cidadãos. A este Principe, favorecido pelo Capitão Christo, foi-lhe concedida a sagrada victoria. Seja para sempre esclarecido, triumphe vencedor no seculo, e resplandeça no proprio céo. Consagremos-lhe aqui este triumpho, já que se despojou ali do Reyno. Amen.

(Continua)

(1) Era Oviedo

A CRENÇA GAULEZA

A crença gauleza, o druidismo, dominando as religiões todas terrestres da Grecia e de Roma, apresenta, no fundo do occidente, um desenvolvimento theologico e philosophico igual ao das grandes religiões do oriente, mas n'um espirito muito opposto ao pantheismo indo-egypcio, e que parece não ter tido affinidade moral senão com o *mazdéismo* de Zoroastro. A lucta victoriosa da liberdade e da vontade contra os fataes poderes, a indestructivel individualidade humana elevando-se progressivamente do mais baixo grau do ser, pela intelligencia e pela força, até as summidades infinitas do céo, sem nunca confundir-se com o Creador: taes, parece, terem sido os fundamentos da crença druidica e o segredo da intrepidez e da independencia gaulezas.

Henri Martin.

A UMA ROSA

¿Para que afastas irosa
o rosto, alvo de neve?
acaso um anjo se atreve
a negar o que me deve?

Não fujas! — ouve-me, Rosa:
tu prometeste-me um dia
que o teu amor pagaria
da minha ausencia a agonia.

Vê bem: — tres annos ausente,
ora do teu lado me vejo;
e, quando a paga desejo...
de ti recebo um só beijo!

Concedo que um beijo ardente
n'esse rosto de açucenas
compense um anno de penas...
¿Quantos faltam? dois apenas!

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

RAZAILA (1)

Li ha tempos um conto arabe que era assim concebido:

Havia, em um bosque muito afastado, uma Cabrinha que passava o tempo a pastar e a ouvir cantar os passarinhos, sem nunca se desviar muito do lugar que lhe servia de azylo.

Era muitissimo serviçal para com todos os seus visinhos. Á timida Lebre, offerecia-lhe metade da sua caminha. Á Toutinegra, ensinava-lhe os cantos da floresta onde estavam caidos em maior abundancia os bagos da ceregeira brava. Ao proprio Milhafre, indicava-lhe o regato onde poderia ir refrescar a guela e lavar o bico sujo de sangue.

Isto chegou aos ouvidos do rei Leão.

Primeiramente, este senhor, mandou annunciar por todos os pontos do bosque, como o pedia a sua dignidade, que a linda Cabrinha, que tinha feito taes e taes cousas, não podia deixar de ser mui bem recebida se se apresentasse ao sultão. — A Cabrinha não fez caso.

O Leão mandou, pela segunda vez, convidar indirectamente a Cabrinha para ir á sua presença. — O resultado foi o mesmo.

Emfim, o rei dos animaes, impaciente, cheio de colera, mandou intimar a pobre Cabrinha para comparecer na côrte. — «Que Sua Magestade me perdoe, respondeu ella ao enviado. Sou uma pobre filha dos bosques e não conheço as maneiras dos senhores. Que figura faria eu diante do sultão? E, além d'isso, algumas palavras, filhas da minha ignorancia, não poderiam desagradar-lhe? Tenho ouvido dizer que a pata do Leão é pesada, e que as feridas causadas pelas suas garras não teem cura.

(1) Cabrinha.

Typ. Franco-Portugueza, Rua do Thesouro Velho, 6.

Os Brahmanes

O *Brahmanismo* é a religião que professa a grande maioria dos habitantes do Indostão; deriva-se de *Brahma*, que é, entre elles, o nome da divindade suprema. Ainda não tem decorrido um grande numero de annos depois que os homens começaram a occupar-se seriamente da historia religiosa e litteraria da India; assim, apesar dos esforços perseverantes dos sabios inglezes, francezes e allemães, estamos ainda longe de possuir um conhecimento completo do Brahmanismo e das diversas phases que tem percorrido esta antiga religião.

O Brahmanismo teve, certamente, sua origem n'esse immenso e magnifico valle regado pelos rios Djumna e Ganges; mas a época da sua apparição tem sido muito controvertida e não se póde estimar senão por approximação. Entre os livros sagrados da India, o mais antigo é o *Rig-Véda*: ora, a este livro está annexo um calendario astronomico que o celebre Colebrooke attribue ao seculo XIV antes da nossa era; tem-se, pois, podido concluir, com alguma probabilidade, que a redacção d'este livro remonta a dezeseis ou dezesete seculos antes de Jesus Christo. Quanto ás pretensões dos Brahmanes, ellas não podem sustentar o exame quando se compara a sua fabulosa chronologia com a chronologia positiva da Escriptura Sagrada.

Os principaes livros sagrados da India e os mais antigos, são os *Védas*, em numero de quatro: o *Rig-Véda*, o *Yadur-Véda*, o *Sama-Véda* e o *Atharva-Véda*. O primeiro é uma collecção de hymnos; o segundo compõe-se de orações em prosa; o terceiro, de orações para serem cantadas, e o quarto contém apenas algumas formulas de consagração, imprecações e sortilegios. Este é, evidentemente, o mais moderno dos quatro. Depois dos Védas, veem dezoito livros chamados *Pouranas* ou commentarios, que são d'uma época sensivelmente mais recente. Cada Pourana abraça cinco assumptos: a creação do mundo, seus progressos, sua renovação pelo diluvio, a genealogia dos Deuses e dos heroes, a chronologia, a historia dos heroes e uma cosmogonia. Os Pouranas foram, segundo os Indios, inspirados a *Vajasa*, o compilador dos Védas. Uma compilação das *Brahma-*

nas, ou preceitos dogmaticos dos Védas, conhecida pelo nome de *Oupanichads*, é contada igualmente no numero dos livros sagrados.

O *Manava-Dharma-Sastra* ou *Leis de Manu*, é um monumento que os Brahmanes consideram como divinamente inspirado. Este livro, tal como hoje existe, está escripto em verso, e compõe-se da 2:685 *slocas* ou disticos. O estylo d'este codigo tem um caracter manifestamente mais antigo que todos os outros livros indios, á excepção dos Védas. Entre os personagens que se encontram ali citados, nenhum parece posterior ao seculo XII antes da nossa era. E', com os Védas, o monumento mais authentico do Brahmanismo. E' preciso, porém, notar que n'este livro, não se faz menção alguma da Trindade india, e que Vischnu e Siva, que, com Brahma, constituem este trio divino, não são nomeados em Manu senão uma unica vez, e de passagem. Além d'isso, nenhum papel desempenham no systema de criações e destruições successivas do universo exposto n'esta obra. Emfim, os indios, embora os não considerem revelados, consagram o maior respeito ás duas epopéas sanscritas, intituladas *Ramayana* e *Mahabharata*.

Mas qual é a natureza da religião brahmanica? Os sabios que, mais cuidadosamente, teem estudado a origem e o desenvolvimento do brahmanismo, estão mui longe de concordarem n'este ponto. Uns pensam que a antiga doutrina da India é um verdadeiro monotheismo; outros consideram-na como um polytheismo mui complexo; muitos, emfim, olham-na como um pantheismo mal disfarçado sob apparencias polytheistas.

O mais antigo dos livros sagrados do brahmanismo, o Rig-Véda, pertence evidentemente a uma crença e a um culto polytheistas. Acham-se ali os nomes de trinta e tres divindades, que são, em geral, personificações das forças da natureza. Comtudo, ou porque a tradição do culto monotheista primitivo da raça humana se conservasse entre alguns homens, ou porque, entre os redactores dos Védas posteriores, alguns conseguissem elevar-se, por suas proprias forças, á concepção de um Deus unico, encontram-se n'estes livros diversas passagens nas quaes esta concepção está claramente formulada. Tal é esta: «Existe um Deus vivo e verdadeiro, eterno, incorporeo, impalpavel, impassivel, todo-poderoso, sabio, infinitamente bom, que produz e conserva todas as cousas.» Certos philosophos indios, como Rammohun-Roy, teem-se valido d'esta passagem para affirmarem, não obstante a multiplicidade das divindades enumeradas nos Védas, que o brahmanismo primitivo é um puro Deismo; mas esta escóla tem feito poucos adeptos na India. Todavia, a crença primitiva d'este paiz, ou tenha sido polytheista ou monotheista, apparece-nos, nos Pouranas e no Manava-Dharma-Sastra, como um pantheismo confuso, com um cortejo infinito d'emanações, e com um systema de cosmogonia, que não passa de uma traducção exacta da propria doutrina theologica. Ora, como toda a concepção theologica d'este genero tende necessariamente a uma mythologia interminavel, pela inevitavel personnificação de cada uma das emanações divinas, segue-se que, se o brahmanismo é um verdadeiro pantheismo para um pequeno numero de brahmanes, é um puro polytheismo para o resto da população, que toma á letra o ensino contido nas formulas do culto, isto é, nas orações e nas ceremonias exteriores. Além d'isso, os Pouranas e as epopéas indianas não são mais do que um repertorio de fabulas mythologicas dadas como narrativas historicas, e estes livros são os unicos conhecidos da grande massa da população.

(Continua.)

O MICROSCOPIO E O TELESCOPIO

Da invenção d'estes dois instrumentos

Augmentar o alcance da vista, é alargar o horisonte da intelligencia. Isto é mui facil de dizer hoje, porque sabemos, que a vista armada do telescopio e do microscopio, colloca o homem entre dois infinitos. Mas, antes de conseguir este resultado, que de obstaculos não foi preciso vencer! Quantas cousas nos pareceriam impossiveis, como pareciam aos nossos antepassados, se, fazendo abstracção dos conhecimentos adquiridos no intervallo que nos separa d'elles, podessemos, por um momento, pôr-nos em seu lugar! Que diríeis, ha trezentos annos, se um astronomo, precedendo a sua época, vos dirigisse o seguinte discurso:—Aquelles pontos rutilantes, que se vêem no céo, são tantos centros de mundos, tantos sóes semelhantes ao nosso; e o nosso proprio céo, com todas as suas estrellas reunidas, não é mais que uma pequena nuvem suspensa na immensidade. Que diríeis, se, para servir de apoio ao seu discurso, este singular orador vos mostrasse um tubo de muitos pés de comprimento, tendo, nas extremidades, dois vidros dispostos, pouco mais ou menos, como o ensinára, no seculo XIII, Roger Bacon, e continuasse n'estes termos: — Dirigi este tubo para a parte do céo na apparencia a mais pobre d'estrellas; não tardará muito que não avisteis, em uma incalculavel distancia, atravez de uma brecha da abobada celeste, um clarão estranho, semelhante á luz de uma vela, posta por de traz de uma lamina de osso ou de marfim. Attentai bem n'esse clarão: vereis que é uma multidão de estrellas condensadas, como grãos de areia em uma pedra.

A nossa abobada estrellada, vista áquella distancia, parecer-vos-hia uma pequenina nuvem redonda, phosphorescente. E o numero d'estes clarões stellares, d'estas conglobações de mundos, é desconhecido.—Supponhamos ainda, que, a estas palavras do astronomo, viessem juntar-se as de um naturalista que, com outro tubo, mais pequeno, pretendesse mostrar-vos, em uma molecula de pó, em uma gota de agua, uma criação inteira de seres organisados!

Em harmonia com os vossos contemporaneos considerarieis estes dois homens loucos ou impos-

tores. Tel-o-hieis feito, não duvidai, a não se dar o caso de serdes vós mesmo um d'esses eleitos que, enganando-se nas horas, veem, de tempos a tempos, rasgar as trevas. É, atravez dos seculos que os obreiros do pensamento se dão as mãos, para a obra commum do progresso; mas, da sua passagem ephemera, fica um rasto indelevel, a luz que se desprende lentamente do chaos das agitações e das crenças humanas.

Estes dois maravilhosos instrumentos, dos quaes um approxima os objectos muito afastados, e outro augmenta os objectos mui pequenos para serem vistos a vista desarmada, o telescopio e o microscopio, em que época, tem-se muitas vezes perguntado, foram inventados? Questão não resolvida, porque tem sido mal assente. Tem-se feito sabias dissertações para provar que a origem d'estes instrumentos remonta ao começo do seculo XVII, e que a invenção do microscopio precede alguns annos a do telescopio, que, dirigido pela primeira vez para o céo em 1610, fez descobrir a Galileo os quatro satellites de Jupiter.

Mas o uso de um instrumento não coincide necessariamente com a data da sua invenção; esta, muitas vezes, tem tido lugar muito tempo antes. Os inventores não tiveram no passado mais de um motivo serio para occultar os seus segredos? Vêde o frade Roger Bacon! Expulso do convento, encarcerado como magico, era preciso que fosse muito desgraçado para exclamar, no seu leito de morte, que os homens não mereciam que se occupassem do seu adiantamento. Ha alguns seculos, era, em geral, mais prudente guardar o segredo de uma invenção scientifica, do que vantajoso divulgal-a.

Estas considerações levam-nos a crêr que o microscopio e o telescopio eram conhecidos muito anteriormente ao seculo XVII, e que se tomou por época da sua invenção o momento a partir do qual o seu conhecimento não podia continuar a ser ignorado do publico. A narrativa de Jeronymo Sirturus, sabio milanez, que viajava em 1609 na Hollanda, vem em apoio da nossa opinião Um desconhecido, diz elle, apresentou-se um dia em casa de Lippersheim, celebre fabricante de oculos, e encommendou-lhe muitas lentes concavas e convexas. No dia marcado foi buscal-as, escolheu duas, uma convexa, outra concava, applicou-as á vista, experimentou-as aproximando ou afastando uma da outra, sem dar a conhecer o fim d'este exame, pagou e desappareceu. Lippersheim repetio immediatamente o que vira fazer, e conhecendo o augmento produzido pela combinação das duas lentes, adaptou-as ás extremidades de um tubo e offereceu este novo instrumento ao principe Mauricio de Nassau. Foi com um oculo d'este genero de que se servio Galiléo.

Está reconhecido que toda a descoberta importante tem os seus signaes percursores. É, para nos servirmos do dito de Arago, uma *força* que absorve ou concentra uma multidão de factos isolados; é a brilhante apparição de muitos ensaios, que, até o momento, teem vivido na sombra.

A luz. O angulo visual. A graduação

Os antigos deram-se a um grande trabalho para saber se o que se chama *luz*, é materia, força ou movimento. Mas, de todas as suas hypotheses, só restam, como dignos de serem conservados, os principios seguintes, deduzidos dos factos que estão ao alcance de todos.—Em um centro homogeneo, a luz propaga-se em linha recta; o seu angulo d'incidencia e igual ao angulo de reflexão; passando de um centro homogeneo para um centro differente, desvia-se da recta, destroe-se, de fórma que o angulo de separação deixa de ser igual ao angulo d'incidencia.—Mas em que relação estão estes dois angulos entre si? Eis o que todos os physicos ignoravam até Descartes, que demonstrou que os angulos d'incidencia e de refracção estão em relação constante. Tambem se havia reconhecido cedo que a distancia e a grandeza dos objectos percebidos são apparentes, mas que é necessario o concurso de alguma cousa superior ao sentido para distinguir a apparencia da realidade.

Ninguem se enganará sobre a grossura de uma bomba, comparada com a cabeça de um alfinete, se se olhar uma e outra em igual distancia. Mas a bomba afastando-se da vista, póde tornar-se tão pequena como a cabeça de um alfinete e acabar mesmo por desapparecer inteiramente. É o que acontece quando ella subtende um angulo menor de um minuto; por outros termos, quando os raios luminosos, partindo das extremidades do objecto, veem reunir-se na vista sob um angulo mais pequeno que a 60.ª parte de um grão, ou do que a 5400.ª parte de um angulo recto. O angulo subtenso pelo objecto que se pintou na vista chama-se *angulo visual*. Ora, a experiencia ensina que o angulo subtenso será duplo se a distancia primitiva estiver reduzida a metade; será triplo se a distancia estiver reduzida a um terço, etc. Assim a vista, collocada successivamente em *b*, em *c*, etc., verá o mesmo objecto, *d e*, duas, tres vezes, etc., maior que em *a*.

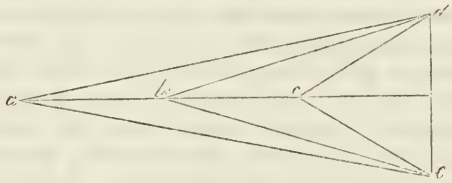


Fig. 1

Existe um meio simples de augmentar os objectos: consiste em observal-os de muito perto. Mas, esta mesma proximidade, tem limites. Exercida de muito perto a visão é tão confusa como se fosse exercida de muito longe; é preciso que o objecto esteja collocado no ponto para ser visto distinctamente. Este ponto, que mede a extensão da vista normal é de 20 a 25 centimetros: além a vista é *presbyta*; áquem é *myope*.

É util o individuo construir propriamente um microscopio. A gota de agua. O olho do coelho.

O crystallino e o globulo de vidro. Anecdota singular.—«Se quereis, dizia um dia um habil optico, se quereis conhecer o microscopio e contribuir para o seu aperfeiçoamento, fazei-vos constructor; diligenciai construir, vós mesmo, um, para vosso uso; deixai, provisoriamente, as vossas theorias e os vossos calculos, que não serviriam senão para embaraçarem as vossas primeiras experiencias. Contentai-vos, primeiro, com uma pequena força amplificante, e depois ireis, gradualmente, até um augmento de 300 vezes; e raro passai além: com maiores ampliações perdereis em luz e em clareza, cousas tão necessarias para as boas observações.»

Mas, como se fabrica um microscopio? A primeira cousa que ha a fazer, tanto n'este como em todos os outros casos, é distinguir o accessorio do principal. O accessorio, é a armação, o tubo, com os seus brilhantes enfeites; emfim, o que attrahe, mais depressa, os olhos do profano. O principal, são as lentes; eis de que é necessario, primeiro, occupar-se o individuo.

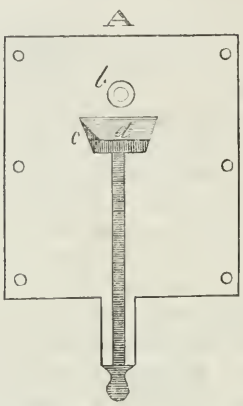
Nos vossos passeios matutinos, não passeis indifferente por uma perola de rocio. Os objectos, vistos atravez d'essa perola, não parece que estão augmentados? Observai, para vos assegurardes, os grãos de pó ou os veios da folha, sobre a qual a perola está collocada. Que admiravel cousa! Os antigos tinham, certamente, conhecimento d'ella; testemunha-o esta passagem de Seneca:—«Por mais pequena que seja a escripta, parece maior vista atravez de uma bola de vidro cheia d'agua.»

Ja tivestes, caro leitor, a curiosidade de dissecar um olho? A experiencia é facil: o olho de um coelho será sufficiente. A primeira cousa, que vos ha de causar alguma admiração, picando-o, sómente, com a ponta de um canivete, é a grande quantidade de liquido aquoso que d'elle sae. Depois da saída d'este liquido, abri a pellicula com uma incisão praticada na covinha negra (*pupilla*) que rodeia um circulo colorido (*iris*); tres cousas se vos apresentarão ao mesmo tempo: primeiro, uma materia preta, como a tinta da China, *pigmentum* d'uma membrana muito delgada (*choroide*) que forra quasi todo o interior; segundo, uma especie de gelêa transparente como vidro (*humor vitreo*); terceiro, uma pequena bola, d'uma certa consistencia, limpida, como a agua de rocha.

Lancemos mão d'este ultimo orgão, que se denomina *crystallino*. Approximai-o, o mais perto que poderdes, d'uma escripta muito fina; vel-a-heis augmentada, mas os caracteres serão transtornados: diremos adiante porque. Eis ahi, o microscopio em toda a sua primitiva simplicidade. É pena que não possa servir por muito tempo; o crystallino greta-se, facilmente, logoque se disseca, e perde, pouco a pouco, a sua transparencia. Não desanimeis; substituil-o-heis vantajosamente por um globulo de vidro. Para obter este globulo, não tendes mais do que fundir, á luz de uma alampada, um fio de vidro muito puro. Terá alguma quebra; sereis obrigado a recomeçar mais d'uma vez; mas podereis depois, facilmente, escolher, de entre as perolas assim preparadas, as que vos parecerem mais perfeitas.

Estes globulos são as lentes do microscopio simples. Era com este genero de lentes que Hooke e Hartsœker faziam, no seculo XVII, as suas bellas observações microscopicas. A arte de fundir globulos de vidro foi proseguida, com successo, pelo jesuita napolitano Della Torre, pelos annos de 1770, e levada a um subido gráo de perfeição em nossos dias, por Gaudin. É com lentes de crystal de rocha e de vidro d'Inglaterra, meitidas em uma rolha de cortiça, que este homem engenhoso conseguio construir microscopios de algibeira com uma força augmentativa de 50 a 300 vezes.

Os primeiros observadores fabricaram elles proprios os seus instrumentos, dando-lhes a fórma mais simples. Uma lente engastada em uma armação metallica (composta de duas laminas) á qual se adaptasse o porta-objecto, movido por um parafuso, tal é o microscopio com o qual Leewenhœk fez os seus admiraveis trabalhos micrographicos. E nem mesmo se servia de espelho para dar claridade aos objectos; tinha o seu pequeno apparelho na mão voltando-o para a luz do dia ou de uma alampada. A figura junta representa o microscopio, legado por Leewenhœk á Sociedade real de Londres: *a*, é uma chapa metallica, *b*, a lente, *c*, o porta-objecto.



Os mais antigos microscopios simples, chamavam-se *tumulos* ou *cemiterios dos pequenos animaes*, *vitra pulicaria*, *vitra muscaria*, porque os empregavam particularmente no exame das pulgas e das moscas. Compunha-se de um tubo muito curto (pouco mais ou menos uma pollegada ou tres centimetros de comprimento); em uma das extremidades estava fixada uma lente e na outra um vidro chato, sobre o qual estava collado o objecto que se queria observar. Para ver os insectos vivos, mettiam-se no tubo, que tinha a fórma de uma caixinha.

Gaspar Schott, na sua *Magia universalis naturae et artes* (Bamberg, 1677), conta, a este respeito, uma historia muito curiosa, que merece ser aqui referida. Um viajante caío doente em uma aldeia do Tyrol e morreu. Antes, porém, de ser enterrado, as auctoridades foram examinar os objectos do desconhecido. Entre estes objectos achava-se um *vitrum policarium*. Era um magico! exclamaram logo todos os assistentes. Em quanto se discutia se se lhe devia dar sepultura, o *maire* lembrou-se de abrir a horrivel caixa. Saío uma pulga. Não ha duvida; é o diabo transformado em pulga, que o magico tinha dentro da caixa. O estrangeiro, a quem a ignorancia privou de sepultura, era um dos mais celebres sabios do seu tempo; chamava-se Scheiner. Voltando d'uma viagem a Hollanda, passara pela Baviera e pelo Tyrol para se dirigir á Austria.

BRISTOL

Ponte suspensa sobre o Avon

Bristol, capital do condado de Somerset, é uma cidade rica, e o seu porto um dos principaes da Inglaterra. Está situada em um valle rodeiado de outeiros e serranias sobre o Avon, a cento e oitenta kilometros O. de Londres, e compõe-se de duas partes: cidade velha, anterior quatro seculos á era christã, e cidade nova, bonita e bem construida. As suas praças e ruas, em geral, são espaçosas e elegantes, e encontra-se ali um grande numero de edificios magnificos, taes como, a igreja de Santa Maria de Radcliffe, uma das melhores de Inglaterra, e onde existe uma primorosa estatua de Guilherme Penn; a cathedral, obra do seculo XII, a casa da camara, a alfandega, a bolsa, obra magestosa, fundada em 1810, a universidade, fundada em 1829 e a bibliotheca. Além disso, contém muitos caminhos de ferro, mais de vinte hospitaes e varios estabelecimentos para pobres, dos quaes o principal é o da rainha Isabel.

O commercio de Bristol é immenso; o que não deve causar admiração, por ser terra ingleza, tão vantajosamente situada, e possuir um molhe que, sem exageração, é um dos melhores da Europa, e onde entram annualmente mais de tres mil navios. As industrias tambem ali teem tido um grande desenvolvimento n'estes ultimos annos: possue um grande numero d'estaleiros para construcção de navios de todos os lotes, fabricas de sabão, de louça, de folha de Flandres, de alfinetes, de fazendas de lã e de algodão, laboratorios chimicos, fundições de metaes, etc.

Os arrabaldes de Bristol são lindissimos e muito productivos; encontra-se nas montanhas umas pedrinhas que imitam o diamante e que por isso se denominam *diamantes de Bristol*, e as planicies dão muita herva, de que resulta o paiz abundar em gados. Nas margens do canal de Bristol vegeta uma planta marinha de que os habitantes costumam fazer uns bolos, que dizem ser muito sãos e nutritivos.

A população da cidade de Bristol, regula por cento e oitenta mil habitantes.

A magnifica ponte suspensa, que se acha representada na nossa gravura, foi construida entre os annos 1805 e 1809, e conservou-se sem a mais leve alteração até 1855, época em que, com espanto geral, desabou repentinamente. Esta ponte, uma das mais bellas que se tem feito n'este genero, já pela sua altura e extensão, já pela construcção e solidez, estava firmada de ambos os lados sobre dois grandes rochedos, denominados de S. Vicente, e era a estrada real, que conduzia á cidade. Para se formar uma idéa de semelhante obra, bastará marcar as suas dimensões: altura do estrado da ponte acima do nivel d'agua 240 pés; largura entre os dois pilares de suspensão 700 pés; largura do estrado da ponte entre os passeios 20 pés; dita dos passeios lateraes 6 pés; extensão total da ponte 900 pés; altura dos pilares de suspensão 50 pés. As portas, formadas pelos pilares de suspensão, eram no estylo egypcio e iguaes ás maiores que se conhecem n'este ge-

nero. Os passeios lateraes ficam do lado de fóra das cadêas de suspensão. Por baixo d'esta ponte passavam todas as embarcações que se dirigiam para Bristol, e ainda os maiores navios da companhia das Indias.

JOÃO DE MATTOS FRAGOSO

Muitas, é verdade, a maior parte das suas producções acham-se offuscadas por aquelle resaibo do gosto gongorico, contra o qual todos os poetas clamavam, e a que todos, principalmente Mattos, rendiam tributo, sem duvida por comprazer para com o publico, que devia saber-lhe bem o que não entendia; muitos dos seus argumentos são em extremo disparatados e extravagantes; muitos dos seus caracteres inverosimeis; muitos dos seus raciocinios alambicados e incomprehensiveis. Em troca, porém, d'estes achaques, communs a todos os escriptores d'aquella época, e filhos do mau exemplo de Lope e da sua *Nova arte de fazer comedias*, pode escolher-se uma duzia de producções de Mattos em que campêa o seu grande engenho com mais regularidade e em que brilham os seus dotes poeticos em toda a sua louçania e vigor. Estas comedias são as intituladas: *El sabio en su retiro y villano en su rincon*, *Lorenzo me llamo y carbonero de Toledo*, *El yerro del entendido*, *Con amor no hay amistad*, *La venganza en el despecho*, *El traidor contra su sangre y siete infantes de Lara*, *El galan de su muger*, *Poco aprovechan avisos*, *La dicha por el desprecio* e mais algumas de cujos nomes nos não lembramos agora.

El sabio en su retiro, com especialidade, é a nossos olhos uma producção magnifica; por si só bastaria para engrandecer o nome do seu auctor; a novidade do argumento, a criação do singular caracter de Juan Labrador, a discreta combinação do plano e a poetica belleza do estylo, reunem-se n'esta comedia para fazel-a uma das mais notaveis, se não a primeira do theatro hespanhol de segunda ordem. Não é acaso menos rica em originalidade e engenho a de *Lorenzo me llamo*, nem lhes cedem em combinação e enredo as de mais citadas; mas, como não é possivel n'este artigo descer á sua analyse critica, nem ainda dar uma idéa do plano e desempenho d'ellas, contentar-nos-hemos com o offerecer algumas amostras do estylo poetico, pelas quaes ver-se-ha que se o poeta Mattos adoecia frequentemente da enfermidade do purismo dominante, tambem ostentava ás vezes uma facilidade, uma graça e uma energia de expressão, que o collocam n'este ponto a par dos mais felizes auctores hespanhoes.

Referindo-nos á primeira comedia, *El sabio en su retiro*, ser-nos-hia difficil escolher trechos, raciocinios ou dialogos que dessem a conhecer o seu estylo poetico, porque sendo muito abundantes e extensos corriamos o risco de copiar todo o drama; e tambem porque a principal belleza d'elle consiste na disposição do argumento, no movimento da acção e na lucta animada dos caracteres. Bastará dizer que muitas das suas sympathicas scenas não desdizem das mais celebres do *Garcia del castanar* e do *Rico hombre de Alcalá*, com as quaes tem muita semelhança na situação; especialmente a visita que faz o rei disfarçado ao honrado Juan que toda a sua vida recusou vel-o. Não podemos, porém, resistir á tentação de transcrever os conselhos que o mesmo lavrador dá a seu filho quando o manda para a côrte.

A la corte vas, Montano,
rico y mozo, y será justo
que con la sonda en la mano
navegués mar tan profundo.
La primer plana del arte
en que prudente te industrio,
es la virtud, que esta sola
es de todo riesgo escudo.
Mide el gasto con la renta;
no te empenes con recurso
de que al tiempo de la paga
se cumple tambien el juro.
Caudal se llama el talento
y caudal la ciencia; juzgo
que lo tiene solo aquel
que lo tiene todo junto.
Es ruindad el ser escaso;
ser perdido es riesgo sumo;
lo que gastas, te hace falta;
lo que guardas, te hace mucho.
Al fin consiste el acierto
en saberle dar su punto,
de suerte que te conserves
siempre ageno y siempre tuyo.
Con agrado y con sombrero
gana el afecto del vulgo:
sé bien quisto, que esto solo
poco cuesta y vale mucho.
Aunque no aplaudas á todos,
no murmures de ninguno;
que lo nota el que te escucha
sin tenerte por mas que uno.
En lo que toca á mugeres
ni te aconsejo ni apuro,
con Constanza eres casado,
que harás lo mejor presumo.
Pero tampoco te quiero
con las damas tan sanudo,
que pase el chiste á desaire,
ni lo cortés á lo rudo.
Acompanarte procura
con hombres de honra y de punto,
que aunque seas tu quien fueres
como los otros te juzgo, etc.

Na do *Carbonero de Toledo*, ainda que menos verosimil e correcta, ha tambem um caracter bello e singular, que é o do aventureiro Lorenzo, elevado por seu valor e generosos sentimentos aos mais subidos cargos da milicia e á nobreza de cavalleiro. Veja-se com que dignidade e energia está representado este caracter nos seguintes versos que o mesmo Lorenzo dirige ao seu general, quando este pretende premiar as suas façanhas com o habito de S. Thiago.

LORENZO... Senor, diciendo verdad,
no tengo mas calidad
ni padre mas generoso,
que este brazo y esta espada.
Soy un pobre labrador
que no tuve mas honor
que el arado y el azada;

pero muy cristiano viejo
por vida del rey; que no hay
en las tiendas de Cambray
cristal de mas puro espejo.
De esta manera naci,
si es que la virtud se alaba,
que como en otros acaba
mi linaje empieza en mi:
porque son mejores hombres
los que sus linajes hacen,
que aquellos que los deshacen
adquiriendo viles nombres.
Hay una gran necedad
en el mundo introducida:
en viendo en alto subida
la virtud sin calidad,
todos afrentarla intentam;
y á los que miran perdidos
alaban por bien nacidos,
cuando su linaje afrentan.
No me dieron á escoger
padres, gran senor, y asi
donde quiso Dios naci,
que por mi comienzo a ser.
Lo que soy no es heredado;
que nadie me agradeciera,
si yo mismo no me hiciera,
lo que otro me hubiera dado.
Y no he de volver atrás;
de hoy mas, con favor de Dios
lo que fuere, á Dios y á vos
y á mi lo debo, no mas.

Baste isto para apreciar a elevação de sentimentos, a gravidade do estylo de que mui frequentemente fazia ostentação a penna de Mattos Fragoso. Querendo-se ver tambem a sua extrema facilidade em escrever, a ligeireza, o chiste, a graça da sua expressão comica, leiam-se os seguintes trechos que se encontram nas comedias *Ver y creer*, *El marido de su madre*, *La dicha por el desprecio*, *etc.*

De limosna y sin dinero
la barba hacia á un pastor,
con la navaja peor,
desazonado un barbero.
Como la navaja estaba
com mil mellas que tenia,
el cabello no partia,
mas el rostro desollaba.
Conoció el pastor el yerro,
y sin poder estorballe:
en este tiempo en la calle
daban de palos á un perro.
«¿Que será aquello?» decia
el barbero á sus oidos,
viendo que con alaridos
el perro los aturdia.
Respondió el pastór: «Alli,
á aquel perro que se escarba,
deben hacerle la barba
de limosna, como á mi.»

Mira, la fortuna es una
dama de gallardo cuerpo,
llena de joyas y galas,
que causa á todos respeto.
Esta anda entre los concursos
mayores del universo;
y los discretos que ven
venir con garbo y despejo
una muger tan bizarra,
como corteses y atentos,
á los lados se retiran
porque ella passe por medio
haciendo como entendidos:
y como los majaderos
no hacen caso ni se apartan,
y se estan quedos que quedos,
la fortuna, que va andando,
es fuerza topar con ellos.

Calla, que no has advertido
el mal que pasa un marido
al remo de su muger.
Si acaso es gorda, no entra
sin peregil al tragalla;
si es chica, nunca se halla,
si es alta, siempre la encuentran;
si es muy callada, es gran dano;
si preguntona, cruel;
si es celosa, digalo el
que la sufre todo el ano.
Si paridera, es rigor;
si estéril, nunca hay regalo;
si come mucho, es muy malo;
si nada come, peor.
Si rica, ha de obedecerla;
si es pobre, ha de sustentarla;
si es hermosa, ha de celarla;
y si es fea, ha de temerla.
Y asi en la varia fortuna
que ensena el norte de amor,
imagino que es mejor
no casarse con ninguna.

Esta serie de citações poderia ser levada muito longe, porque é grande o numero de bellezas que esmaltam ainda as peiores comedias de Mattos; mas, para dar uma idéa do seu agudo engenho, da sua facilidade e graça em manejar o idioma hespanhol, bastam as que acima transcrevemos.

Das cincoenta e tantas comedias de Mattos apenas se acham traduzidas em portuguez as seguintes: *Os dous prodigios de Roma*, *O bruto de Babilonia*, *O melhor par entre os doze*, *Só o piedoso é meu filho*, *O sabio em seu retiro.*

UMA OBRA DO SECULO IX

Começa na seguinte chronica a ordem dos romanos

1. Em Roma reinou primeiro Romulo XXXVIII annos. Este edificou Roma.

Tito-Tatio, Rei dos Sabinos, V annos.

Numa Pompilio, XXXII annos. Este foi o primeiro que ordenou o anno em XII mezes.

Tulo-Hostilio, XXXIII annos. Este foi o primeiro que vestio a purpura.

Anco-Marcio, reinou XXVIII annos.

Tarquino-Prisco, reinou XXXVIII annos. Este fez o Capitolio.

Servio-Tulio, reinou XXXVIII annos. Este foi o primeiro que estabeleceu o censo.

Tarquino o Soberbo, reinou XXV annos. Este foi expulso do reino, porque o mereceu.

Houve Consules por CCCLXXVI annos.

Os Decemviros I anno.

Desde Romulo e a fundação de Roma, até Cayo Julio Cesar, DCXCVI annos.

Primeiramente Cayo Julio Cesar governou IV annos. Este pelejou com Pompeyo pelo imperio.

Começa em seguida a VI idade.

2. Octaviano, reinou LVI annos. No XLII do seu reinado nasceu Christo. Este só, governou todo o Mundo.

Tiberio, filho de Gaio, reinou XXIII annos. No

XVIII foi crucificado N. S. Jesus Christo. Em quanto Tiberio por cobiça, captivava os Reis que se acolhiam a elle, apartavam-se muitas nações do Imperio Romano.

Gaio-Caligula, reinou IV annos. Foi avaro, cruel e escravo da luxuria. Por este tempo S. Matheos o Apostolo foi o primeiro que escreveu o Evangelho na Judea.

Claudio, reinou XIV annos. N'esta época entrou em Roma S. Pedro Apostolo, e S. Marcos escreveu o seu Evangelho em Alexandria.

Nero, foi muito cruel, reinou XIV annos, e entregou-se á luxuria. Pescava com redes de ouro. N'este tempo foram mortos S Pedro e S. Paulo; um em uma cruz e o outro a golpes d'espada.

Vespasiano, reinou VIII annos, XI mezes e XXII dias; esqueceu as injurias, e no II anno do seu reinado, Tito apoderou-se de Jerusalem, onde morreram á fome e a cutiladas onze vezes cem mil judeos, e cem mil foram vendidos publicamente.

Tito, reinou II annos. Foi affavel, piedoso e amado dos homens.

Domiciano, irmão de Tito, reinou XVI annos. Ensoberbecido ordenou que lhe chamassem Deus, matou os Senadores e começou a perseguição contra os christãos. Durante o seu imperio foi o Apostolo S. João desterrado por quatro mezes para a ilha de Patmos.

Nerva, varão moderado no seu imperio, reinou 1 anno. No seu tempo o Apostolo S. João foi a Epheso: e recomchegado e a instancias dos Bispos da Asia, publicou o seu Evangelho.

3. Trajano, reinou XIX annos e VII mezes. N'este tempo morreu o Apostolo S. João.

Adriano, reinou XXI annos. Este restaurou Jerusalem, e por seu nome chamou-se Aelia.

Antonino o Piedoso, reinou XXII annos. Foi mui clemente, e mereceu o nome de Pai-da Patria. Galeno, medico, oriundo de Pérgamo, floresce em Roma.

Antonino o menor, reinou XVII annos. Foi vencedor.

Commodo, reinou XIII annos.

Helvio Pertinaz, reinou contra sua vontade durante 1 anno, e recusou chamar esposa a Augusta.

Severo pertinaz, reinou XVIII annos. N'este tempo, Origines instruio-se em Alexandria.

Antonino Caracalla, filho de Severo, reinou VII annos. Foi libidinoso, e desposou Nubercа.

Macrino, reinou 1 anno. Nada fez digno de memoria.

Aurelio Antonio, reinou III annos. Foi morto em uma sublevação militar, porque o merecia.

Alexandre, reinou XIII annos. N'este tempo brilhou Origines em Alexandria.

Maximiano reinou III annos, perseguio os christãos.

4. Gordiano, reinou VII annos. Morreu por intrigas dos seus.

Filipo, reinou VII annos. Este foi o primeiro imperador christão; a sua conversão teve lugar no anno milesimo da fundação de Roma.

Decio, reinou 1 anno. Foi perseguidor dos christãos, e no seu tempo floresceu no Egypto Santo Antonio Monge, o primeiro fundador de Mosteiros.

Galo e seu filho Vilasiano, reinaram II annos

Valeriano com Galerio, reinou XV annos. N'esta época, S. Cipriano, Bispo, recebe a corôa do martyrio.

Claudio, reinou dois annos. Venceu os godos que assolavam a Iliria e a Macedonia.

Aureliano, reinou VI annos. Persegue os christãos, aprisiona o Rei dos Persas, e envelhece e morre na prisão pelo sentimento que lhe causou a sua deshonra.

Tacito reinou 1 anno.

Probo, reinou VI annos. Foi valente na guerra, e alcançou assignaladas victorias.

Caro, reinou II annos e, ferido d'um raio, morreu.

Diocleciano e Maximiano, reinaram XX annos. Diocleciano perseguio os christãos, e foi o primeiro que mandou que no fato e no calçado se trouxessem pedras preciosas, pois até ali os Principes usavam unicamente a purpura. Havendo ambos deixado o imperio, viveram como particulares.

Galerio, reinou II annos.

(*Continua.*)

A roda que se pinta á fortuna deve de ser de engenho de nora, aonde os homens são alcatruzes, uns cheios, outros vasios, uns no fundo, outros no alto.

D. F. MANUEL.

A FORMIGA E A ARANHA

conto esthoniano

Os pastores haviam queimado o ninho da formiga, porque ella mordia os a todo o momento. A formiga, não podendo vingar-se d'elles, foi ter com o Senhor, e accusou os de esperdiçarem todos os dias muitas migalhas de pão; mas não fallou do formigueiro, porque sabia perfeitamente que por sua causa é que tinha sido queimado.

— Póde haver verdade no que me expões, disse Deus; mas não tens testemunhas do facto? É preciso que m'as apresentes.

A formiga dirigio-se á aranha:

— Vinde comigo, minha irmã, necessito de uma testemunha no meu processo contra os pastores.

A aranha acompanhou-a ao céo.

— Será verdade, como o assegura a formiga, que os pastores todos os dias perdem pão? perguntou-lhe o bom Deus.

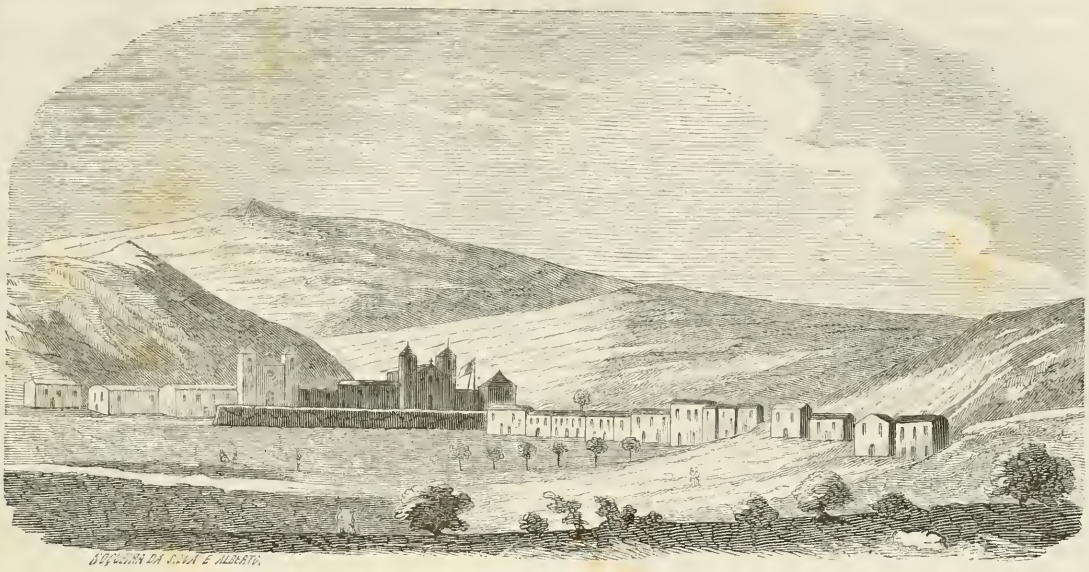
— É verdade, mas não o fazem de proposito; a culpa tem-na a formiga, que os não deixa socegar um momento: morde-os incessantemente, quer durmam, quer velem, quer andem, quer estejam parados.

— Disseste a verdade, e, para recompensar-te, quero prover-te de um fio que trarás sempre comtigo e com o qual poderás subir ao céo, e descer quando te approuver. — Mas tu, invejosa formiga, que fazes mal aos teus visinhos e vens depois accusal-os falsamente, mereces outro premio.

E applicou-lhe sobre o espinhaço uma bengalada tão forte, que lhe entrou nas costas de modo que ficou, como a vemos, mais delgada no meio do corpo. (1)

(1) Extrahido do *Das Inland* (Interior do paiz), revista das provincias balticas da Russia.

Typ. Franco-Portugueza = Rua do Thesouro Velho, 6.



Benguella.

Quando, após as audaciosas navegações dos descobridores portuguezes, assoberbavamos o mundo com o poder das suas espadas, e levavamos á sombra da cruz o dominio de Portugal até os confins do remoto oriente, eram tantos os paizes a que dictavamos a lei e que tinhamos de explorar, que quasi parece impossivel que d'este cantinho da Europa, se governassem tão largas e tão distantes colonias! E comtudo, o mecanismo da administração, era de certo mais simples e menos desenvolvido do que actualmente!

Mas, o que, com certeza, succedia, como resultado immediato de tão vasto imperio, é que consideravamos algumas d'essas terras como filhas dilectas da mãe patria, em quanto que desprezando outras como enteadas, deixamol'as á revelia seguir a passos mais que lentos, no caminho da civilização. Depois, quando já n'este seculo chegaram as horas d'atribulação, e que nos vimos reduzidos sómente ao que até ahi — se não desdenharamos como inutil, ao menos abandonaramos como de pouco preço — começaram os gritos e os lamentos, continuam os choros e as vociferações, e tudo é dizermos que as colonias não rendem, que não dão fructo, que são um onus para a metropole!

Se não semeáramos como queriamos colher?

Todos, ou quasi todos os esforços se haviam empregado para a America, deixava-se tudo mais por ella; e quando além soou a hora da independencia, e que as *náos dos quintos* deixaram de subir o Tejo, offegantes com o peso do seu ouro, velámos os olhares da scena do mundo a que não podiamos já deslumbrar com o luzir das pedrarias.

Perdido o Brazil julgamo-nos perdidos, porque nenhuma das outras colonias se achava em estado de nos dar igual producto; e se depois o interesse nos tem feito lançar avidas vistas por sobre a nossa Africa, tem vindo as mais das vezes a incuria, ou a inepcia, fazer dar de mão a quantos proveitos reaes d'ella poderiamos tirar.

Considerava-se o Brazil como a fonte de todas as riquezas, e a Africa só como viveiro aonde se buscavam os trabalhadores que lá se precisavam. Era esta a maneira de então olhar as cousas, e desgraçadamente para Portugal, ainda muitos não as olham por outra fórma.

Temos sido descuidados e muito, modernamente na administração das colonias, mas o estado de esmorecimento em que ellas ainda se encontram, é mais do que a isso, devido ao uso em que muitos dos nossos se pozeram — de ganhar muito, com pouco trabalho — e por tanto julgaram a Africa só criada para a exportação de braços!

A escravatura tem sido o cancro roedor das provincias de Angola e Moçambique.

Corre n'alguns escriptos, já com fóros de verdade demonstrada, que Portugal não fôra fadado por Deus para nação colonisadora, e ainda que o estado geral do nosso ultramar dê alguma razão de ser a este dito, comtudo póde elle soffrer séria contestação. Aquelles que avançam uma proposição tão offensiva dos nossos brios como nação que descobrio meio mundo, e que primeiro d'entre as modernas formou colonias, apontemos-lhe para o Brazil, a que em menos de tres seculos fizemos quasi o que é, desbravando terrenos, levantando e povoando cidades e villas, fundando engenhos e escolas, civilizando os naturaes, ligando a sua historia intimamente com a nossa até a data da independencia, e emfim tornando aquella terra tão homogênea com a mãe patria, que não pareciam separadas por toda a largura d'um oceano.

Deve-se crer, pois, que muito podemos ainda fazer pelas nossas provincias africanas, se é que não degenerou a raça dos portuguezes d'outr'ora.

Vai longo o prologo, para quem tem de tratar só do que representa a estampa da frente do artigo; mas é que não se póde fallar das nossas cousas esquecidas de alémmar, sem occorrerem as reflexões geraes que em resumo fizemos.

A cidade de S. Filippe de Benguella, capital do districto de Benguella e segunda da Africa portugueza áquem do Cabo na costa occidental, está situada por doze graus e meio de latitude ao sul do equador, quasi a meio caminho entre Ambriz e Mossamedes, pontos extremos do litoral, em que hoje verdadeiramente dominamos; ainda que reservando sempre os nossos direitos de descobrimento e conquista, muito além d'estes limites quer para o norte, quer para o sul.

Pela sua situação, é, pois, um ponto importante para o commercio de cabotagem n'aquella extensa costa, embora abstraindo da riqueza agricola e mineira do seu districto, e de ser o sitio aonde principalmente corre todo o negocio da nossa Africa central. Não póde, pois, jámais deixar de ser cidade de importancia commercial, apesar do seu mau clima, e ainda das idéas de muitos que julgavam a colonia mais moderna de Mossamedes, destinada a roubar-lhe toda a consideração.

O clima é na verdade bastante mau, mas ha muitos

outros pontos do globo que o teem ainda peior, e aonde comtudo florescentes cidades se ostentam garbosas da sua riqueza e poderio. Sirvam de exemplo, Bombaim, Calcutá, Batavia.

Benguella soffre das causas geraes aos climas africanos, e ainda mais particularmente das da sua posição, que a topographia do local basta para indicar.

Collocada a cidade no reconcavo d'uma larga bahia, sobre os terrenos alagadiços da extensa baixa, que separa a praia das elevadas montanhas do interior, está portanto subjeita ás emanações pestilenciaes de quantos pantanos formam as aguas represadas, que as chuvas torrenciaes despenham das alturas, e que só morosamente se infiltram pelas areias barrosas do solo. É bem lavada de ares pelos ventos mareiros da viração, mas estes em geral carregados de humidade, não são por isso muito sadios, e mesmo se varrem os miasmas para fóra da cidade, embatem logo contra as chapadas dos montes que formam como a parede do fundo á planicie, e d'onde a noite as brizas do terral os acarretam novamente para cima das habitações.

Tiradas as poucas horas em que sopra a viração, respira-se uma athmosphera paludosa, anda-se cercado d'um ambiente humido de vapor, e quasi que se palpa um ar grosso e pesado de gazes irrespiraveis, que, comtudo, é agradavel de perfumes, das exhalações balsamicas de mil plantas tropicaes.

A cidade é pouco espaçosa e não tem grande numero de casas elevadas, mas com as suas cercanias cheias de hortas ou fazendas verdejantes de cultura, torna-se bonita e de apparencia pitoresca.

Para quem anda cruzando ao longo da desolada costa d'Africa, encontrando só com a vista areáes adustos, ou na maior parte dos sitios encostas escalvadas e ribanceiras nuas de verdura, é aprazivel, vindo do norte, demandar o porto de Benguella, costear as salinas do Lobito, rastejar pela povoação da Catumbella toda cercada de luxuriante vegetação e coroada pelo seu pequeno forte a meia subida da montanha, e por fim dar fundo defronte da cidade de S. Filippe, vendo na frente do quadro algumas casas de agradavel apparencia, depois os arvoredos e as hortas, tudo fechado ao fundo pelas serranias áridas que vão terminar ao sul no morro do Sombreiro, e por cima das quaes campeam altivas a entestar com as nuvens, as cordilheiras negras que domina o Pão d'assucar!

O morro do Sombreiro, bem conhecido de todos os navegantes d'aquellas paragens, é uma montanha de mediana altura, perto da borda d'agua, e á qual a natureza caprichosa se divertio a talhar o pincaro por fórma, que de todos os lados que se veja parece um barrete de clerigo, assente e cobrindo o apice d'um monte pyramidal de larga base. Todos os navegadores procuram nos diversos sitios do globo, pontos ou marcas de fórmas conhecidas, que sirvam de indicação de lugar; mas não ha em parte alguma, nenhum de mais facil reconhecimento do que o morro do Sombreiro.

O nome provem, pois, do seu aspecto geral, e não, como disse um distincto escriptor nosso, n'uma obra official, d'um monte de arvores que tenha no cume com parecenças de barrete de padre.

Houve outr'ora a idéa de collocar sobre a planura do Sombreiro, um farol que servisse de guia a quem demanda o porto de noite vindo do sul, para assim com mais facilidade se evitarem sinistros possiveis na praia das Salinas; mas este pensamento, como em geral todos aquelles de alguma utilidade, foi abandonado, e só restam lá no alto como padrão d'incuria, as ruinas inglorias da casa do faroleiro.

O porto ou bahia de Benguella é máo; não tanto por se achar exposto e desabrigado de todos os ventos desde oessudoeste pelo norte até o nordeste, que poucas vezes são demasiadamente frescos, como principalmente por estar subjeito ás terriveis *calémas*, que difficultam sempre, e impedem por vezes as communicações com a terra.

É a *caléma* o esbravejar das vagas nas proximidades da praia, atirando-se depois sobre ella em alvos lençóes de espuma; succedendo por vezes que se levantam tão magestosos rollos de mar, que ao desdobrar-se necessariamente embrulham e quebram tudo que encontram na sua marcha altiva para a praia.

Nada ha na sciencia, que explique ainda satisfatoriamente este phenomeno das *calémas*: que nada dependem da braveza do oceano, porque este muitas vezes a pouca distancia da costa está lizo como um espelho, em quanto na praia ostenta todas as suas furias; nem das correntes, porque estas continuam ao longo da costa a sua marcha constante para o norte, sem desviarem caminho por causa d'ellas; nem das marés, porque não apparecem em periodos determinados, nem reconhecem como causa primaria as attracções lunares; nem mesmo, como alguns teem dito, dos temporaes do cabo da Boa-Esperança, porque então devia sentir-se fóra o mar *escandalisado* do temporal o que não se dá, e ainda mais deviam as *calémas* ir diminuindo de força successivamente para o norte, o que tambem não succede, pois que se dá o caso de haver *caléma* bravissima ao norte, conservando-se as praias do sul na mais perfeita quietação.

Seja o que fôr que motive as *calémas*, é um facto averiguado para todos os habitantes da cidade, e para os frequentadores do porto de Benguella, que as grandes *calémas* d'outro tempo são hoje ali muito mais raras; apparecendo com longos intervallos, e não sendo mesmo da força e valentia que então tinham.

Ao contrario, nas praias do norte teem augmentado; e ainda o anno passado (1865), na contra costa da ilha que fecha o porto de Loanda, batiam as *calémas* com tal furia que varavam ao outro lado interior, e chegavam a cercar a casa do negociante Flores, em que habitava s. ex.ª o governador Andrade.

Não havia memoria ou noticia de caso semelhante, e diziam os antigos de Loanda, que era a primeira vez que se dava. A ilha de Loanda, tem n'aquelle ponto talvez cento e cincoenta metros de largura, e a sua elevação no combro do meio das duas costas, não deve ser de menos de cinco metros acima do nivel do mar.

Não será por ventura este facto, um tanto ou quanto dependente das differenças de nivelamento dos fundos? por terem as aguas accumulado areias para um lado, e roubado n'outros.

As proximidades da praia do fundo da bahia de Benguella, podem ser hoje menos esparceladas do que antigamente, o que não daria tanto lugar á subida successiva das ondas, maneira porque os sabios francezes explicam o *mascaret* da foz do Senna, que deve ter muita semelhança com o desenrolar da *caléma*. Isto é possivel; porque hoje encontram-se no porto alfaques, ou corôas de areia e lôdo, de que não fallam os velhos roteiros; e que, quem sabe se servirão como de quebra mar? É esta uma questão que demanda sério estudo, e que não vem para aqui a proposito d'uma simples noticia descriptiva.

C. E. Correa da Silva.

(Continua)

O CONDE ALLAMISTAKEO

Tendo-nos escutado com muita attenção até o fim, o conde começou a contar-nos algumas anecdotas que nos provaram claramente que os prototypos de Gall e Spurzheim tinham florescido e descaido no Egypto, mas em uma época tão antiga que a lembrança d'ella estava quasi perdida, — e que os processos de Mesmer eram miseraveis enganos em comparação dos milagres positivos operados, pelos sabios de Thebas, que creavam pulgas e uma multidão de outros seres semelhantes.

Perguntei então ao conde se os seus compatriotas eram capazes de calcular os eclypses. Sorrio-se com certo desdem e affirmou-me que sim.

Isto embaraçou-me um pouco; não obstante começava a fazer-lhe outras perguntas relativamente aos seus conhecimentos astronomicos, quando alguem da sociedade, que ainda não tinha aberto a

bôca, me disse ao ouvido que, se eu precisava de esclarecimentos sobre este ponto, andaria melhor consultando um certo Ptoleméo, ou um tal Plutarco, no artigo *De facie lunæ*.

Questionei então com a mumia sobre os vidros ardentes e lenticulares, e geralmente sobre a fabricação do vidro; mas, não tinha ainda acabado, já o meu silencioso camarada me tocava com o cotovello, e me pedia, pelo amor de Deus, que lançasse um olhar sobre o Diodoro de Sicilia. Quanto ao conde, perguntou-me simplesmente, se, nós outros modernos, possuiamos microscopios que nos permittissem gravar agathas finas com a perfeição dos egypcios. Em quanto eu procurava uma resposta, o pequeno doutor Alexandre aventurou-se a uma cousa muito extraordinaria.

—Veja o nossa architectura, conde,—exclamou elle com grande indignação dos dous viajantes, que lhe puxavam pelas abas do casaco e lhe davam belliscões, mas sem conseguirem fazel-o callar.

—Vá vêr, conde, continuava elle com grande enthusiasmo, o magnifico pedestal do grande monumento que os lusos tencionam erguer á memoria do immortal cantor das nossas antigas façanhas; veja tambem as costas do palacio das côrtes, obra soberba começada sob a inspirada direcção de um dos nossos mais distinctos personagens!

E o pobre homem, sem attender a cousa alguma, levado pelo seu patriotismo e idéas progressistas, foi até descrever minuciosamente o edificio em questão. Mostrou que o portico tinha sufficiente largura para poderem entrar, sem inconveniente, os pares da nação; marcou a dimensão e a distancia das janellas; e emfim, disse o numero d'estas, das portas secundarias e de columnas que se encontram em todo o edificio.

O conde disse que sentia não poder lembrar-se n'aquelle momento da dimensão precisa de algumas das principaes construcções da cidade de Aznac, cuja fundação mergulhava na noite dos tempos, mas cujas ruinas existiam ainda de pé, na época do seu enterro, em uma vasta planicie de arêa ao oeste de Thebas. Tinha, comtudo, uma idéa vaga, a respeito de porticos, que havia um de segunda ordem em uma especie de villa chamada Carnac, formado de cento e quarenta e quatro columnas de trinta e sete pés de circumferencia cada uma, e distantes umas das outras vinte e cinco pés. Chegava-se do Nilo a este portico por uma alameda de duas milhas de comprimento, formada por sphinges, estatuas, obeliscos de vinte, sessenta e cem pés de altura. O palacio, em si, teria umas cinco milhas de comprimento; no todo não tinha menos de doze. Não pretendia affirmar que dentro das suas paredes se poderiam edificar mil ou mil e quinhentos palacios de côrtes; mas parecia-lhe que não haveria grande difficuldade em pilhar ali, d'estes, tres a quatro mil. Este palacio de Carnac, a final de contas, era uma insignificante construcção. Não obstante, o conde não podia, em consciencia, deixar de reconhecer o estylo engenhoso, a magnificencia e a superioridade das costas do palacio das côrtes, tal como o doutor as descrevera. Era forçado mesmo a confessar que nunca tinha visto no Egypto, nem em parte alguma do mundo, um trabalho de tanto effeito e gosto; que só das nossas mãos podia sair uma cousa d'aquellas!

Perguntei então ao conde o que pensava dos nossos caminhos de ferro.

—Cousa alguma de particular, disse elle. Vejo que teem sido um sorvedouro de milhões; mas acho-os fracos, mal concebidos, e de grosseira construcção. Não podem ser comparados com as vastas calçadas guarnecidas de encaixes de ferro, horisontaes e directos, sobre os quaes os egypcios transportavam templos inteiros e obeliscos maciços de cento e cincoenta pés de altura.

Fallei-lhe das nossas forças mechanicas. Conveio que sabiamos fazer alguma cousa n'este genero, mas perguntou-me como procederiamos nós para collocarmos as impostas sobre as vergas das portas do mais pequeno palacio de Carnac.

Julguei mais acertado fingir que não ouvia esta questão, e perguntei-lhe se tinha alguma idéa dos poços artesianos; mas elle simplesmente franzio as sobrancelhas, em quanto que o padre Gilberto me fazia um signal com os olhos muito pronunciado, e me dizia em voz baixa que os engenheiros encarregados de explorar o terreno para achar agua no Grande Oasis tinham descoberto um muito recentemente.

(*Continua*)

OS REIS E RAINHAS D'INGLATERRA

Desde a conquista até 1688

Os homens collocados no cume da sociedade deveriam considerar que são elles, particularmente, quem tem obrigação de dar o exemplo de uma vida honesta; porque, debaixo sempre das vistas de todos, estão destinados, quer seja da sua vontade, quer não, a servirem de modelos. Por que fatalidade, pois, estes homens, quasi em todos os tempos, teem estado abaixo da mais mediocre e mais vulgar moralidade? Por que motivo muitos d'entre elles teem sido os primeiros a darem o exemplo dos vicios mais despreziveis, dos mais nefandos crimes?

Eis o excerpto de um livro no qual um notavel historiador (1) pinta em rapidos traços (somente no sentido de lealdade e humanidade) o procedimento dos reis e rainhas de Inglaterra desde a conquista dos Normandos até a revolução de 1688, que fundou a liberdade ingleza.

«Não são, diz elle, senão revoluções domesticas e parricidas: filhos contra paes, irmãos contra irmãos.

«Roberto, filho primogenito do conquistador, começa por atacar seu pai. Depois é desapossado por seus irmãos mais novos: Guilherme II toma-lhe a Inglaterra; Henrique I, leva-lhe com a Inglaterra a Normandia e conserva-o vinte e oito annos em uma prisão. Henrique II supplanta a raça d'Estevam, e acaba o seu reinado no meio da revolta de seus filhos, Ricardo e João.

«João mata seu sobrinho Arthur; seu filho

(1) H. Wallon: Richard III, episodio da rivalidade da Franç com a Inglaterra.

Henrique III não escapa ás guerras de familia senão para cair nas guerras civis. Eduardo I consegue livrar-se d'ellas e morre naturalmente; mas Eduardo II é desthronado e assassinado por sua mulher, desejava poder dizer sem a menor connivencia de seu filho Eduardo III.

«Ricardo II, o neto e herdeiro de Eduardo III, é derrotado e morto por seu primo Henrique de Lancastre (Henrique IV); Henrique VI, por Eduardo d'York (Eduardo IV); os filhos d'Eduardo pelo rei Ricardo III; Ricardo III, por Henrique VII.

«Henrique VIII, repudiando ou matando suas mulheres, lega uma herança de odios reciprocos e de vingança aos filhos nascidos d'estes matrimonios; — Eduardo VI, que prepara pela desgraça os reinados violentos de suas duas irmãs; — Maria que mata Joanna Grey, e persegue Isabel, — Isabel, que manda matar Maria Stuart, a mãi do seu proximo herdeiro.

«A casa de Stuart sobe ao throno pelos degraos tintos do seu proprio sangue (depois d'uma revolução e uma restauração)... E na sua qualidade de genro, é em nome e com a cumplicidade da filha de Jacques II, sua mulher, que Guilherme d'Orange a expulsa em 1688.»

Que horrivel historia! E é somente a dos crimes! Que seria se se lhe accrescentasse, por exemplo, a dos costumes! Não é, realmente de uma grande felicidade que em Inglaterra, como nos de mais paizes, a maioria dos cidadãos tenha sido quasi sempre melhor que os seus soberanos? Se assim não fosse a sociedade humana ha muito não existiria.

A verdade é como o orvalho do céo: para a conservar pura, é mister recolhel-a em vaso puro.

B. DE SAINT-PIERRE — La Chaumiere.

O CUSCUS

A palavra — Os habitantes da Africa septemtrional comprehendem em geral sob esta denominação toda a especie de manjar composto de farinha branca ou parda e cosido a vapor no *keskass*, vaso semelhante a uma escudella cujo fundo fosse crivado de muitos buracos.

A. Cherbonneau, director do collegio imperial arabe-francez em Alger, pensa que a palavra *cuscus* ou *kuskus* é uma onomatopéa. As letras e syllabas que a compõem só servem para imitar a bulha produzida pelo vapor quando os grumos de farinha passam atravez dos buracos do vaso.

Preparação do cuscus. — Depois de terminada a colheita, ás mulheres reunem em um lugar descoberto e muito isolado a quantidade de trigo rijo destinado para a preparação do cuscus. Este trigo é completamente molhado, e depois posto ao sol em monte coberto com pannos humidos. No fim de algumas horas, estando o grão bem inchado, e sem esperar que comece a germinação, estende-se em cama delgada, sobre *haïks* ou em terreno batido. Quando a desseccação está muito adiantada, passa-se o grão por entre duas mós de calcareo rijo. A mó superior é movida a braço, ordinariamente por uma mulher; os grãos são só reduzidos a fragmentos da grossura de bagos de milho; expoem-se novamente ao sol, e então basta joeiral-o para eliminar as pelliculas. Depois é mettido em pelles de carneiro ou de cabra.

Differentes especies de cuscus. — Contam-se oito especies de cuscus, das quaes eis a definição:

1.º A *berbucha*, segundo o costume dos habitantes de Constantina, prepara-se com farinha escura. É o cuscus mais commum: forma quasi exclusivamente o sustento da classe pobre.

2.º O *medjbur* é feito de massa de primeira qualidade ou de farinha européa. Os grãos d'este cuscus devem ter a grossura do chumbo de caça. Misturam-no com carne de carneiro, gallinhas, pombos ou perdizes. Depois d'esta primeira operação cose-se mais duas vezes no keskass; ajunta-se-lhe então manteiga derretida, e, quando se come, deita-se-lhe caldo (merga).

3.º O *mahwèr* prepara-se com os mesmos ingredientes que o *madjebur*, com a differença, porem, que o grão deve ser mais miudo. O *mahwèr* mais estimado é o chamado *nemli*, porque se assemelha pela tenuidade dos seus grãos a cabeças de formigas (*nemla*). Adubam-no com carnes frescas, mas nunca com khelie ou kaddide. (1)

4.º O *harache fi harache* é assim chamado porque a farinha de que se compõe é de grossa moedura. Mui pouco differe do precedente. Preparam-no com carnes frescas, khelie ou kaddide. O adubo ordinario d'este cuscus é composto de cebolas, sal, pimenta, chicharos e de bolinhas de carne da grossura de uma balla d'espingarda.

5.º O *mesfufe* fabrica-se com a primeira qualidade de frumento. Cose-se do mesmo modo que todos os outros cuscus; somente lhe misturam bagos de passa ou de romã. Quando, para tornal o mais delicado, lhe ajuntam *lebén* (soro de leite) ou leite puro, toma o nome de *barbukr*.

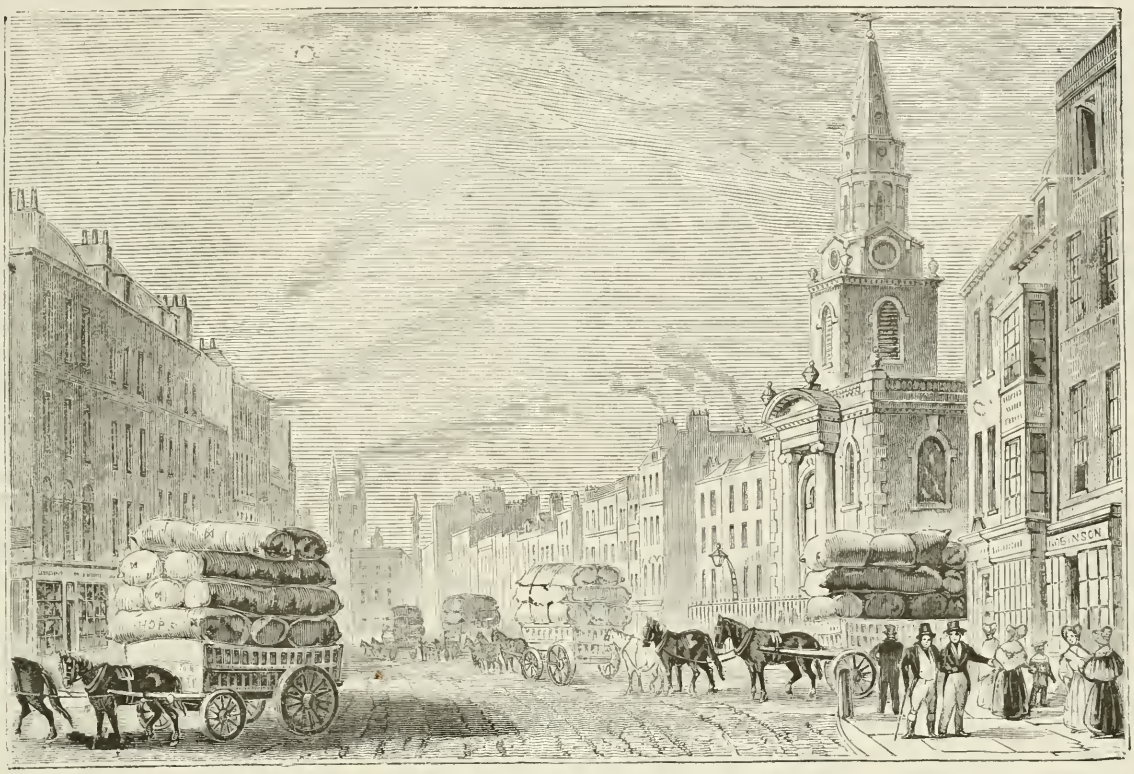
6.º O *mechrub* não é geralmente muito estimado. Quando, em consequencia de abundantes chuvas, a agua tem penetrado nos silos e chega ao trigo que n'elles existe, este trigo embebe-se (*ichrob*) e adquire ao mesmo tempo um gosto agro e um cheiro repugnante. Depois de o ter tirado do silo, põe-se a seccar, moe-se, e é d'esta farinha que se faz o *mechrub*. Assim, este genero de cuscus está longe de ser fino.

7.º Quanto ao *mezeut*, eis de que se compõe: entre os silos, ha alguns cuja terra é boa, e quando se extrae o trigo que ali tem existido dois annos e algumas vezes mais tempo, sem nunca ter sido tocado pela agua, encontra-se adherente ás paredes da cavidade o que os indigenas chamam *mezeut*, uma especie de crosta produzida pela humidade que a terra communica sempre aos grãos que encerra. Esta crosta apresenta uma côr parda e o gosto é levemente assucarado. Faz-se d'ella o *medjebur*. Ao que dizem os Arabes, é um manjar exquisito, o prato dos amigos. O cuscus mezeut prepara-se com manteiga fresca e carne de carneiro.

8.º O *aïche* assemelha-se á sopa de arroz, com a differença que os grumos de cuscus substituem os bagos de arroz. Cose-se em calda de damascos seccos, designados no dialecto barbaresco pela palavra *fermasse* (em latim) *firmus*?).

Nas épocas de escasseza, quando aos Arabes faltam o trigo e a cevada, recorrem ao *beguga*, vulgarmente *draconcio* dos Gregos ou mão de vitella (em hespanhol, *el caudil del diablo*). É o pão da fome.

(1) O Khelie é uma comida composta de carnes de vaca e de carneiro. O Kaddide corresponde á carne salgada.



High-street.

Londres não expressa simplesmente uma cidade na accepção ordinaria d'esta palavra, mas, uma agglomeração de cidades, uma provincia coberta de casas, monumentos e palacios atravessada por um braço de mar. Para o leitor poder formar uma idea adequada do que é a capital da Gran-Bretanha, seria necessario que fizesse um esforço de imaginação e figurasse todo o reino de Portugal convertido, por obra e graça de uma revolução monstruosa, em uma cidade chamada Lisboa, capital da Lusitania, ou a Belgica inteira transformada em Bruxellas, capital da França.

A área de cada um d'estes estados, assim convertidos, seria, talvez, maior, e superior a sua população; mas nem as suas riquezas nem a sua importancia actuaes excedem, não dizemos bem, igualam a riqueza e a importancia de Londres. Aqui ha alguns annos podia perfeitamente applicar-se á metropole de Inglaterra a mesma celebre phrase com que o astuto diplomata de Vienna designava a Italia. Hoje mesmo estamos quasi tentados a dizer que esta capital é uma simples expressão geographica, não obstante Dawning-street, as camaras de Westminster e o palacio de Buckingham.

Desejando formar uma metropole digna de tão poderoso imperio, o parlamento inglez, tomou quatro condados e meia duzia de cidades, disse *fiat London* no mesmo tom imperioso em que Deus pronunciou o *fiat lux* ao tirar o mundo do cahos, e criou a capital de Inglaterra.

A cidade de Londres é de todas da terra a mais povoada; conta nada menos de tres milhões de habitantes que despendem annualmente em comida e vestuario 400:000:000:000 de réis. Esta povoação é uma quarta parte maior que a de Pekin, um terço maior que a de Paris, cinco vezes maior que a de Constantinopla, seis vezes como a de S. Petersburgo, dez como a de Madrid, doze como a de Lisboa, duas como a de Nova York, cinco como a de Vienna, e seis vezes tão grande como a de Berlin.

Uma só linha não interrompida dos edificios d'esta moderna Babylonia, desde Highgate até Camberwell, estende-se na immensa distancia de doze milhas inglezas. E se todos os que contém se pozessem alinhados a um de fundo, bastariam para cruzar com elles a Inglaterra e atravessando o canal da Mancha e o imperio vizinho irem beijar as agrestes faldas dos Pyrenéos. Fazendo andar os seus 3:000:000 de habitantes a dois de fundo, formariam outra linha de 720 milhas que, caminhando a razão de tres por hora, empregariam nove dias e nove noites em percorrer igual distancia.

Um passeio a pé á roda de Londres seria quasi tão laborioso como uma viagem, se possivel fosse, de circumvalação á roda do mundo. O viandante não o poderia effectuar em menos de tres dias, ainda que caminhasse a razão de vinte milhas cada jornada. A sua extensão de norte a sul, é sómente de oito milhas; de oriente a occidente, porém, não conta menos de dezoito. Para formar outra Londres seriam precisas, pouco mais ou menos, cincoenta cidades consideraveis de Inglaterra.

Segundo observa o famoso astronomo Herschell, esta capital occupa quasi o ponto central do hemispherio terrestre, devendo, sem duvida, a esta circumstancia, combinada com a da sua situação insular no caminho real das nações, a sua emi-

nencia commercial. Cidade maritima, mercantil e industrial, contém em si todos os grandes elementos que constituem a verdadeira grandeza dos povos e tornam poderosos os estados. Embora situada nas ourelas do Tamisa, e a 15 milhas do mar, Londres goza de todas as inapreciaveis vantagens de um excellente e seguro porto. A sua área é de perto de 40 milhas quadradas, e entre ruas, praças, travessas, *squares*, os seus habitantes contam dez mil vias de communicação. A extensão de todas estas ruas postas em linha recta, seria de 3:000 milhas. O numero de ruas com passeios aos lados eleva-se a 5:000 e a longitude d'estas é de 2:000 milhas, cuja construcção custou ao governo 67:200:000:000 de réis. Os gastos da sua reparação sobem sómente a réis 8:640:000:000. O numero de casas excede 340:000.

A cidade de Londres gasta, além d'isso, todos os annos, 10:080:000:000 réis na illuminação de gaz, formada por 420:000 luzes, que consommem 14:000:000 de pés cubicos cada noite.

Este gaz é fabricado com 1:000:000 de toneladas de carvão de pedra e circula por uma linha de canos de 2:000 milhas de comprimento. A importação do carvão de pedra no porto de Londres é feita por 12:000 navios e eleva-se a 4:000:000 de toneladas annualmente.

Os canos da agua são quasi tão largos como os do gaz, e distribuem entre a sua povoação cerca de 80:000:000 de galões diariamente d'este liquido.

O porto de Londres estende-se ao longo do Tamisa desde Limehouse até Gravesend, cidade situada na sua margem direita a 30 milhas de distancia. As suas exportações e importações elevam-a 672:000:000:000 réis por anno, e o numero de navios que ali entram e saem, no mesmo periodo, sobe a muitos milhares. Os direitos das suas alfandegas excedem 11:000:000:000 esterlinos annualmente, apesar das liberaes reformas feitas por Mr. Gladstone.

Londres é o emporio do commercio e o foco de industria maiores do mundo. Uma só casa commercial d'esta poderosa cidade tem effeituado em um anno transacções no valor de 14:400:000.000 réis. Em 1862, um dos seus banqueiros, Mr. Peabody, fez um donativo aos pobres da metropole de 720:000:000 réis. O banco de Inglaterra contém, geralmente, em suas caixas de 76:800 a 86:400:000:000 réis em especie e as suas notas em circulação não importam em menos de 20:000:000 de libras esterlinas. Os empregados d'este estabelecimento monetario, formam um exercito aproximadamente, de mil homens. Os outros bancos da cidade possuem um capital de 336:000:000:000 réis. A somma empregada diariamente nos descontos eleva-se a 384:000:000:000 réis e as companhias de seguros teem segurado um capital que sobe á cifra consideravel de 8160:000:000. Os fundos disponiveis d'estas companhias regulam por 192:000:000:000 réis.

Cosmopolitas em suas transacções mercantis como em suas aventuras, os negociantes de Londres abastecem de objectos diversos uma grande parte do genero humano, e os seus artefactos e manufacturas gastam-se e usam-se em todos os mercados da terra. A civilisada Europa e a joven America, a Africa inculta, a industriosa Australia e a Asia estacionaria, todas as regiões da terra, todos os povos do oriente ao occidente, do Polo Arctivo ao Antarctico, rendem, emfim, tributo á energia e á industria dos ricos potentados, que dirigem o commercio do mundo lá dos seus escriptorios, como o general os exercitos da sua tenda.

A industria é tão florescente em Londres como o commercio, e a esta circumstancia deve, sem duvida, a solidez da sua grandeza. O engrandecimento da Grecia antiga estribava-se nos seus sabios, nos seus artistas, nos seus tribunos; o poderio de Roma fundava-se nas suas legiões, e o commercio era a alma da riqueza e o poder da rainha do Adriatico; a força, porém, da Inglaterra está assentada sobre a larga base de todos estes elementos reunidos e uma civilisação infinitamente mais elevada sustentada por essas modernas alavancas de Archimedes, chamadas imprensa, electricidade, vapor e liberdade.

A civilisação britannica, synthese da da Europa, não morrerá, pois, como morreram as ephemeras e transitorias civilisações antigas. Nenhum Marco futuro sentado sobre as suas ruinas chorará a perda da sua grandeza. Nunca o viajante, apoiado sobre um robusto e troncado pilar da Ponte de Londres, exclamará: «Aqui foi a capital de Inglaterra.»

Não quer isto dizer que a civilisação ingleza fosse dotada com a immortalidade do espirito; o que desejamos significar é que a ruina de tão solida civilisação arrastaria comsigo a destruição do mundo. Um grande escriptor disse que o abalo que destruisse as pyramides do Egypto arruinaria ao mesmo tempo o globo terraqueo. O mesmo se póde dizer do cathaclismo politico ou social que destruisse a civilisação da Grã-Bretanha:

(*Continua*)

MYTHOLOGIA DA NOVA ZELANDIA

A mythologia da Nova Zelandia, tal como a dos outros povos, está composta de um conjuncto de lendas e tradições que celebram as façanhas dos deuses, dos heroes e dos homens em constante e reciproca sympathia. A mythologia é a personnificação da crença popular, a religião formada por uma imaginação ignorante. Historias ou conjecturas a respeito da creação do mundo, explicações fabulosas dos phenomenos da natureza, lendas ácerca da origem e dos primeiros progressos de cada nação ou das desgraças e aventuras de sêres divinos ou semideuses são, em geral, o fundo heterogéneo e caracteristico de todas as religiões pagãs. A mythologia é um producto especial da imaginação e do sentimento, radicalmente distincto da historia e da philosophia. Nem nos mythos da Grecia, nem nas sagas da Scandinavia, nem nas selvagens lendas da America septemtrional, nem nas tradições da Nova Zelandia tomadas em seu todo, é possivel reconhecer um systema de symbolisação artificial, nem a alteração de um facto historico; umas e outras não são mais do que o resultado produzido na imaginação dos povos pela contemplação dos phenomenos ou das forças da natureza, porque o homem, ainda no estado mais selvagem sente sempre a necessidade de crer em um ente superior a si, embora esta crença seja muitas vezes grosseira e n'ella representemos seus

deuses cheios de defeitos e de fraquezas proprias da humanidade.

Os maoris, ou naturaes da Nova Zelandia, parece não terem idéa de um Deus supremo; a crença em um Deus unico repugna á sua idolatria. «¿Não ha entre vós, dizia um chefe do paiz aos europeus, fallando a respeito da sua religião, uns homens que são carpinteiros, outros ferreiros e outros constructores navaes? pois assim foi no principio do mundo: um fez isto, outro aquillo; Tane formou as arvores; Ru, as montanhas; Tangaroa, os peixes. A vossa religião é de hoje, a nossa pertence á mais remota antiguidade.»

Esta religião da antiguidade mais remota formada de lendas e tradições póde considerar-se como um paganismo completo que indica a sua procedencia do fetichismo e que termina no idealismo. As tradições da Nova Zelandia estabelecem seis periodos successivos para a criação; o periodo do pensamento, o da noite, o da luz, o da terra, o dos deuses e o dos homens. A geração das idéas abstractas precede a das realidades concretas; assim da concepção veio o producto, e, por uma serie de emanações, nasceram o pensamento, a memoria, a consciencia e o desejo. A palavra deu fructo e produzio a noite, a profunda, a sublime, a impalpavel noite, em cujo reinado não ha vista no mundo. O quarto periodo, começa com o nada que faz nascer a força productiva e a abundancia, e chega a ser o remoto progenitor da athmosphera, do firmamento, da lua e do sol collocados no espaço como os principaes olhos do céo, da aurora, da manhã, do meio dia e do esplendor do dia. Com a athmosphera e a humidade termina a genealogia metaphysica e começa o fetichismo; Rangi, o céo, filho da humidade, dorme com Papatwanaku, a superficie externa, a terra. O céo e a terra foram paes dos deuses da luz; porque havia duas grandes ordens de deuses, a primeira e a mais antiga das quaes, era a dos deuses da obscuridade, cuja avó commum era Hinenui-te-po, a noite.

Os habitantes da Nova Zelandia creem que o céo é um corpo solido e opaco, estendido sobre a terra, a qual imaginam que é plana como uma taboa. Contam dez ou onze céos distinctos uns dos outros; o mais baixo, separado da terra por uma substancia solida e trasparente, semelhante a gelo ou a cristal, é o que contem a chuva. Uma vez Tawaki rompeu o pavimento d'este céo bailando sobre elle e a chuva caio sobre a terra e produzio um diluvio. Dos outros céos apenas se mencionam o dos ventos, o dos espiritos e o mais alto e mais glorioso de todos, o céo da luz, a morada principal dos deuses.

Os primeiros descendentes de Rangi e de Papa foram objectos inanimados, Kumava, a batata e o féto, que ama a obscuridade, porque no principio o céo e a terra estavam tão fortemente adheridos um a outro, que a luz não podia penetral-os, e os seus filhos viam-se obrigados a viver na obscuridade. O primeiro ser vivente que produziram, foi Tane ou Tane-mahuta, pae das arvores, dos passaros e dos insectos da selva; o segundo foi Tiki, pae dos homens, talvez designado com mais exactidão com o nome de Haumiatiki-tiki, deus do alimento não cultivado dos homens. O crepusculo não parece ter nascido n'aquella época; diz-se que foi formado pelo calor vacillante do sol e do echo. O terceiro filho de Rangi e Papa foi Tutenganahau, o auctor do mal, ou, talvez mais correctamente, Tumata-uenga, o deus dos homens e da guerra. O quarto filho foi Tuhu, o auctor do bem, ou, segundo uma variante, o deus do alimento cultivado dos homens. Tawirimatea, é o nome do pae dos ventos e Tangaroa, o do deus dos peixes e pae do Oceano; o nome de Tangaroa é um adjectivo, que um pouco modificado em sua fórma, encontra-se tambem em outras ilhas da Polynesia, como Tongo, Tahiti e Hawai.

Cansados da continua obscuridade, os filhos de Papa e de Rangi, imitando, sem saber, os Titães da fabula, resolveram formar um conselho para decidirem o que havia a fazer com seus paes para darem fertilidade á terra. O deus do mal ou da guerre opinou que deviam matal-os, mas o deus dos bosques foi de parecer que os separassem á força. Todos os irmãos consentiram n'esta ultima proposição, excepto o deus dos ventos, que se oppoz violentamente a este divorcio primitivo, apoiado, além d'isso, por seus filhos os ventos poderosos; e temendo que o mundo podesse chegar a ser demasiado bello, produzio a guerra dos elementos pela primeira vez na disputa que teve com seus irmãos sobre a separação de seus paes. Esta separação foi, em parte, effectuada por Tutenganahau ou Tumata-uenga, e, em parte, por Tane-mahuta, que firmou a cabeça em sua mãe, a terra, e apoiou os pés contra seu pae, o céo. D'este modo o céo e a terra ficaram separados por Tane, deus das selvas, e a noite e o dia se differençaram um do outro; ainda que, porém, separados para sempre por seus desobedientes filhos, diz a poesia mythologica do paiz, o céo e a terra conservam, todavia, o seu mutuo amor. Os suaves e ardentes suspiros que exhala a terra elevam-se sempre para o céo desde as montanhas e valles cobertos de bosques, e é o que os homens chamam nevoas; e o vasto céo, quando durante as largas noites chora a separação da sua amada, derrama frequentemente lagrimas sobre o seu seio e os homens, ao vel-as, dão-lhes o nome de rocio.

Esta curiosa tradição não está limitada á Nova Zelandia; encontramol-a, igualmente, em Tahiti, onde tambem achamos os deuses Tane e Tiki e Hine-nui-tepo ou a avó noite, e onde chamam Ru ao deus que por meio da modesta planta *draconitum polyphillum* levantou o céo, que, até então, tinha estado unido com a terra.

(*Continua*)

EPITAPHIO

No sepulchro de um rei de Chypre, lia-se em grego o epitaphio que segue:

Todo o tempo que os immortaes deuses me deram de vida, esta foi a ordem que tive em governar a minha republica.

O que pude fazer por bem, não o fiz por mal.

O que pude alcançar com paz, nunca o tomei com guerra.

Aos que pude vencer com rogos, nunca os espantei com ameaças.

O que pude remediar em segredo, nunca o castiguei em publico.

Aos que pude emendar com avisos, nunca os lastimei com açoutes.

A nenhum jámais castiguei em publico, que primeiro o não avisasse em segredo.

Nunca consenti que a minha lingua dissesse mentiras, nem permitti que meus ouvidos ouvissem lisonjas.

Refreei o meu coração a que não desejasse o alheio, e persuadi-lhe a que se contentasse com o seu proprio.

Trabalhei por consolar aos amigos, e desvelei-me por não ter inimigos.

Não fui prodigo em gastar, nem cobiçoso em receber.

Nunca a uma cousa castiguei, sem que primeiro não perdoasse quatro.

Do que castiguei tenho pena, e pelo que perdoei tenho alegria.

Nasci homem entre os homens, por isso comem minhas cinzas aqui os bichos.

Fui virtuoso entre os virtuosos, e por isso descança o meu espirito com os deuses.

(Extrahido da *Escóla decurial* de D. Fradique Espinola).

A nobresa é um verme que careia insensivelmente a liberdade. MACHIAVEL.

VISÕES Á BEIRA D'AGUA.

. . . the lover and the poet
Are of imagination all campact.
SHAKSPEARE.

Hontem, que o sol se escondia
atraz do viso do monte,
fui sentar-me ao pé da fonte,
a recordar-me... de ti!
Ás veses, se a um bello dia
foge a doce claridade,
dá-nos tão funda saudade
como eu hontem a senti.

O sol não quero pintar-te,
quando, involto em véus purpúreos,
banha da serra os tugurios
com seu ultimo clarão...
pois falta-me ingenho e arte,
e tu já sabes que anceio,
a essa hora, no seio
nos agita o coração!

E eu sentei-me á beira d'agua!
o crystal adormecido
era um espelho esquecido,
e, mais claro, nunca o vi.
Eu quiz ver se a minha mágua
no rosto lavrara fundo:
um pouco esqueci o mundo,
e a mirar-me... adormeci.

Sonhei. Hálito p'regrino
vinha alli de ao pé da fonte—
refrigerava-me a fronte,
descia-me ao coração:
era um hálito divino,
como os que ás veses nos calma
as ardentes febres d'alma,
soffridas na solidão.

Ergui de prompto a cabeça,
julgando ver-te a meu lado,
de meu peito maguado
a bafejar tristes ais...
Illusão!—a aura travêssa
é que soprava contente
sobre a limpida corrente,
e entre os virides junçaes.

E eu de novo dormitava.
Mas, como vaga harmonia,
não sei que vozes ouvia,
que alguem me vinha dizer:
falas taes eu escutava,
que o mundo, tão doces falas,
não sabe pronucial-as,
nem intendel-as sequer!

Acreditei por momentos
que éras tu quem murmurava
o himno que me incantava...
e acordei mais uma vez!
chamaram-me esses acentos,
mas, ah! por desdita minha,
era a limpida fontinha
quem murmurava a meus pés.

Poucos instantes passados,
de novo inclinei a fronte
por sobre o espelho da fonte;
e não sei se adormeci:
meus olhos meio-cerrados,
no fundo da agua entrevia
meigo rosto que sorria
os sorrisos de uma houri.

E eu julguei que nessa hora
tu te estavas remirando
no crystal sereno e brando,
sorrindo-te para mim;
mas triste de quem te adora,
preso sempre á imagem tua!
— quem me sorria era a lua,
lá dos espaços sem fim.

E ao meditar um instante
sobre o desengano amargo,
caí de novo em letargo,
e vi das aguas no asul
uma ignota luz brilhante,
que espargia seus fulgores,
como os olhos tentadores
de uma filha de Stambul.

E então cri, com cega crença,
que eram teus olhos risonhos
essa luz, que eu via em sonhos,
do mais vivido esplendor:
pois quem nos teus olhos pensa,
de prompto á mente lhe acode
que tal luz ninguem ter póde,
senão, tu, meu sol de amor!

Sim, a luz que brilha e arde
nos teus olhos de gasella,
eu jurava ser aquella
que eu via nos sonhos meus.
Mas... era a estrella da tarde,
que, nas orlas do horisonte,
se escondia atraz do monte,
enviando-me um adeus!

. . . . . .

Bem vês que a minha existência
enlutam estes enganos —
olha não passem os annos,
sem que o sol rompa d'alem...
Bem vês que os prantos da ausencia
só murcharão nos teus braços:
anjo, divide os espaços,
sacode essas asas, vem.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

Typ. Franco-Portugueza, Rua do Thesouro Velho, 6.

As nympheaceas

Compõe-se esta familia de cinco generos e cincoenta especies, habitando todos o hemispherio boreal. Bem que se encontrem alguns d'elles na extremidade austral da Africa, são, geralmente, raros no hemispherio meridional.

Na America do Sul, as nympheaceas, são representadas pelo genero *Victoria*. Estas plantas passam por sedativas e narcoticas; mas as virtudes que se lhes attribuem parece serem puramente imaginarias. O que lhes valeu esta reputação, foi, sem duvida, a alvura das flores de certas especies, e a sua vegetação em aguas tranquillas e frescas. Os Turcos fazem uma bebida refrigerante com as flores da *Nuphar* ou *Nenuphar* amarello (*Nuphar luteum*) que elles denominam *Puferciceghi*. As folhas d'esta planta passam por adstringentes.

As raizes das nympheaceas teem um certo gráo de amargor e de adstringencia, o que ha dado lugar a serem empregadas contra a dysenteria. Conteem uma grande quantidade de fecula, e, depois de muitas e successivas lavagens, podem ser tomadas como alimento, sem inconveniente.

As sementes d'estas plantas são mui procuradas, em tempos d'escasseza de mantimentos, pelos povos selvagens das regiões onde ellas vegetam. Teem o gosto das sementes de papoulas, e comem-nas cosidas ou cruas, como o milho.

Mas, de todos os generos e especies que constituem esta rica familia de plantas aquaticas, a mais bella e a mais gigantesca é, sem contradicção, a *Victoria regina*, da qual offerecemos hoje o desenho aos nossos leitores. Os habitantes da America do sul denominam-na *Milho d'agua*, por causa das propriedades nutritivas da fecula que contem em abundancia. Esta planta gigante, que pode ser collocada entre as maravilhas do reino vegetal, nasce nos grandes rios da Guyana e do Brazil septemtrional. As suas folhas arrodelladas, de um a dois metros de diametro, fluctuam sobre a agua, em forma de largos discos orbiculares, lisos e verdes pela parte superior, com uma borda em torno de seis centimetros, como a de uma grande bandeja. Pela parte inferior, as folhas são avermelhadas, e divididas em uma multidão de compartimentos por nervuras muito salientes, que deixam entre si espaços triangulares ou quadrangulares, nos quaes pode conservar-se o ar que contribue para sustentar as folhas ao de cima da agua. O peciolo, que parte do fundo das aguas, é todo coberto de espinhos, bem como as nervuras das folhas, o pedunculo e o calice da flor. As flores, algumas de trinta e tres centimetros de largura, teem o calice formado por quatro folhas de dezeseis a dezoito centimetros de comprimento, e oito de largura, avermelhadas pela parte exterior e brancas pela interior. Dentro d'estas folhas, ostenta-se, circular e symetricamente, um numero consideravel de petalas brancas a principio, mas que se vão tornando encarnadas á medida que a flor cresce. Esta flor exhala um perfume delicioso. O fructo que lhe succede é espherico, e no estado madu-

ro, apresenta o tamanho de um pão de arratel: está cheio, de sementes arredondadas e farinhosas proprias para servirem de alimento.

MYTHOLOGIA DA NOVA ZELANDIA

Os filhos deshumanos, cujo procedimento cruel referimos, são as seis divindades primitivas da Nova Zelandia. Reconhecem-nas pelo nome de Atua como objectos de adoração suprema aos quaes rogam pelas aves dos bosques, pela boa colheita dos fructos cultivados ou silvestres, pelo seu bom exito na guerra, pelos ventos favoraveis, pelo bom tempo e pela abundancia. A palavra Atua, que Thomson acha semelhante á voz sanscrita Deva, Deus, parece significar, segundo Taylor, *lá mais fóra* como a sombra de um homem, um espirito, um deus, ou qualquer cousa fóra da nossa comprehensão.

Quando as baleias se agitam e os peixes saltam fóra, da agua, os naturaes do paiz dizem que isto é feito em honra do seu deus Tangaroa; e quando os homens derribam as arvores dos bosques primitivos, para cultivarem a terra que occupavam, dizem: os filhos de Tanemahuta são derribados.

Segundo a versão da mythologia tradicional da Nova Zelandia, de Shortland, Te Tengata ou o homem, é o descendente de Tane e Paia. Segundo Taylor, Tiki é superior a Tane, apparecendo como o verdadeiro Prometheu da Oceania; porque diz-se que formou o homem á sua semelhança, tomando um bocado de argilla, amassando-o com o seu sangue, e dando alento a esta figura; ou amassando a argilla com agua misturada com ocre encarnada, modelando-a pela sua propria fórma, dando-lhe o seu proprio nome e chamando-lhe *semelhança de Tiki*. Outras tradições designam expressamante Tumata-uenga como pae do homem.

Os descendentes do homem assim criado, multiplicaram-se na terra até o nascimento de Maui, o grande heroe da mythologia da Nova Zelandia. Maui teve cinco ou seis filhos, o mais celebre dos quaes foi Maui, o da trança, o symbolo do poder de seu pae. Foi elle quem, ajudado por seus irmãos, pescou Hawaiki, com o queixo de seu avô, de sua avó ou de outro qualquer dos seus antepassados; foi elle tambem que, dirigindo-se um dia para Leste, para o verdadeiro ponto d'onde o sol se eleva, prendeu este astro á terra com grossas cordas, que desde então foram os raios solares; foi elle, igualmente, quem muito trabalhou na terceira divisão do mundo e, que, impotentes para impedir que o sol se occultasse no oceano, ligou-o á lua de modo tal que, quando o sol se põe, a lua se levanta do outro lado da terra; em fim, este semi-deus foi quem tratou de secar Hine-nuite-po e cuja prova e mau exito trouxe a morte ao mundo e toda a nossa afflicção.

Os successores de Maui são tão numerosos, que devemos passal-os em silencio; mencionaremos, com tudo, Tu, deus da guerra no Norte; Maru, deus da guerra no Sul; Tonga, deus das enfermidades, e Manika, pae do fogo. Varios poderes relacionados com Tonga, que habitavam na frente, dominavam as differentes partes do corpo humano e lhe inflingiam castigos ou o secavam e lhe produziam a sua consumpção. De alguns d'estes seres sobrenaturaes, nascidos da terra, procediam algumas familias do reino animal, como a enguia, o lagarto e outras.

O culto dos deuses está unido, na Nova Zelandia, ao dos antepassados; suppõem que os espiritos dos mortos estão intimamente relacionados com os acontecimentos terrestres; em geral o interesse d'estes espiritos está limitado ao povo ou tribu a que pertenceram. Seguem o exercito, dirigem os seus movimentos, dão conselhos ou inspiram valor; estes espiritos omniscientes são as almas dos chefes distinctos; d'elles provem todos os castigos d'este mundo. Elles guardam, com sollicito cuidado, a sagrada instituição chamada Tapu. Entram em pequenas figuras de madeira grosseiramente trabalhadas e dedicadas aos espiritos dos antepassados, fazem d'ellas a sua morada e d'ali conversam com os vivos. Umas vezes communicam a sua vontade em sonhos, outras, approximam-se dos mortaes, quando estão acordados, fallando-lhes com voz mysteriosa, como um murmurio ou como um silvo, semelhantes aos espiritos da mythologia grega, um sonido tão parecido aos *susurros* do verdadeiro nigromante, que, o que estuda a religião da Nova Zelandia acha-se inclinado a resolver esta articulação sobrenatural considerando-a como o modo de proceder de um ventriloquo.

O culto dos antepassados toma aqui algumas vezes, a fórma de uma especie de sabeismo, porque os naturaes do paiz suppõe que os heroes convertem-se em estrellas, mais ou menos brilhantes, conforme o numero de victimas que teem feito na guerra e de cujo espirito e poder se haviam apossado por meio da vista. O povo d'estas ilhas consagra o arco iris a um dos seus divinos antepassados. Não sómente é a residencia de Uenuku, senão que serve tambem como um oraculo, segundo a sua posição á direita ou á esquerda, annunciando a approvação ou desapprovação de uma empresa. Em algumas occasiões os espiritos d'estes antepassados divinisados vão habitar os corpos dos lagartos, das aranhas, dos passaros, dos vermes e das moscas e entram tambem na bôca dos sacerdotes, cujas palavras ou factos durante este periodo estão considerados como os actos immediatos da divindade que n'elles habita. Os deuses e os heroes divinos teem os seus medianeiros na terra; o sacerdocio rodeado de um circulo sagrado, está representado pelas familias mais nobres do paiz. Os cantos que dirigem aos seus deuses, estão compostos em um idioma inintelligivel para os que não pertencem ao sacerdocio, o qual é uma prova da sua extraordinaria antiguidade. O summo sacerdote hereditario conta, entre suas funcções, a obrigação de fazer cumprir as leis de Tapu, a cura dos enfermos, o ceremonial da morte e do nascimento (porque o baptismo das criaturas

é um rito da religião da Nova Zelandia) e a instrucção dos jovens nos cantos e tradições populares. Elles tambem pintam o corpo e formam parte do conselho na guerra e na paz, na fome e na abundancia; especialmente servem para interpretar os desejos dos deuses, observando o vôo das aves, os meteoros, o brilho e posição das estrellas ou deduzindo-os pelos sonhos, pelo arco-iris, ou pela sombra que faz a agua.

Os habitantes da Nova Zelandia acreditam em uma vida posterior a esta; não admittem a resurreição do corpo, mas affirmam a immortalidade da alma. Po, ou a noite, é o nome do inferno; ha n'elle duas moradas para a alma dos mortos; uma é Reniga, situada no meio do mar e accessivel por uma caverna em um rochedo escarpado junto do cabo de Santa Maria, na terra de Van Diemen; e a outra, uma das divisões mais inferiores de Rangi, ou o céo; mas nenhum d'estes pontos era para soffrer, porque os peccados são castigados n'este mundo e não no outro. As distincções sociaes conservam-se na vida futura: o chefe torna a ser chefe e o escravo continúa escravo. N'esta religião ha tambem, como na grega, um ente destinado a conduzir a alma dos mortos.

Os Taniwhas e Ngararas, os dragões d'esta mythologia, espalhavam em outro tempo o terror e a desolação por toda parte; Taniwha, porém, transformou-se de baleia em lagarto, de lagarto em crocodillo e de crocodillo em enguia, ficando unicamente para provar que o antigo espirito não morrera. A Taniwha attribue-se-lhe essa terrivel catastrophe que ainda em nossos dias condemnou a uma morte prematura sessenta homens de Taupo, inclusivè o seu temivel chefe, que se chamava a si proprio, descendente da grande montanha de neve Tonga Riro, cujo nome provinha da questão que tivera com outra montanha masculina, sua rival no affecto de uma pequena imminencia feminina e vulcanica que havia nas cercanias.

Entre os monstros fabulosos contam-se Maero, o selvagem das collinas, que, ás vezes, desce ás planicies para levar o que póde colher, e Taipo, espirito errante e nocturno, que falla com os homens, mas que desapparece no momento em que uma mulher abre a bôca.

O mundo mystico da Nova Zelandia não é sómente povoado pelos deuses e semideuses; ha, além d'isso, os Patu-paearches, ou gigantes vestidos de branco, das montanhas, que estão estreitamente ligados com os Tuariki ou pequenos deuses, cuja origem é, provavelmente, a deificação das nevoas da manhã; vêem-se unicamente de manhã e raras vezes sós: são altos, comprazem-se em ouvir a flauta, amam os mortaes e consideram-nos parentes dos albinos; d'elles aprenderam os homens a pescar e a tecer as redes, e parece preferirem o imaginario ao real, pois, segundo uma lenda do paiz «levavam contentes as sombras das joias de Te Kanawa deixando atraz os objectos, porque satisfaziam-se com o apanhar unicamente as sombras.»

O homem mais perfeito é o que mais util é a seus irmãos. ALCORÃO.

O CHOLERA

I

Dispõe-se o pastor á dança;
Arraia-se de louçainhas,
Por brilhar mais na folgança;
Todos se ajuntam á sombra,
Revoluteiam na alfombra.
Tra la la la
Traderi la
Assim cantam pastorinhas.

Salta, pula, acotovela
Rapariga descuidosa;
Exclama então a donzella,
Com as faces côr de roza:
Que rapaz tão mal creado!
Holá! ah! ah!
Traderi la
Vè se arranjas outro agrado.

Rodopia a dança a eito;
Fluctuam saias á brisa;
Braço a braço, peito a peito,
Salta um par, o outro deslisa.
Tra la la la
Traderi la
Ninguem foge ao bom preceito.

Uma diz: eu não te creio;
Não finjas essa ternura.
O rapaz, no seu anceio,
Leva-a comsigo á espessura
Sob a copa do salgueiro.
Holá! ho! he!
Traderi lá, traderi lé
Que festa vae no terreiro!

Assim cantam os bons aldeãos, por entre folguedos e bailados, dando largas á sua rustica alegria. Era tudo festa, tudo sorrisos e amor.

Apparece então o doutor Fausto. Era bello o vêr como os aldeãos começam de abraçal-o e festejal-o, entoando-lhe elogios e agradecimèntos, porque os libertara de uma epidemia que os flagellára.

Fausto sorri cynicamente.

Arrastado pela verdade, que se lhe erguia no peito e lh'o entumecia em ondas de amargura, trava do braço de Wagner, seu complacente interlocutor, e brada em um accesso de profundo e, desgraçadamente, verdadeiro scepticismo:

«Subamos ainda um pouco até esta pedra, para descançar.

«Muitas vezes me sentei aqui, immerso em meditação, extenuado pelo jejum e pelas rezas. Rico de esperanças, firme na minha fé, á força de prantos e suspiros, com as mãos postas esperava obter do céo o fim d'esta epidemia. Agora os suffragios da multidão parecem-me amarga ironia! Oh! se tu podesses ler no fundo da minha alma o quanto o pai e o filho são indignos de tanta gloria! Meu pai era um pobre homem obscuro, que tinha a pecha de inquerir a natureza e os seus sacros mysterios, lá á sua moda, com quanto honradamente e para bem dos outros.

«Rodeado de adeptos, encerrava-se no enfumado laboratorio, e seguindo innumeras receitas, aprazia-lhe combinar os contrarios. . . . . .

«Administrava-se o remedio, morriam os doentes e ninguem perguntava quem tinha curado. Assim n'estes montes e n'estes valles, com os nossos mixtos infernaes, fizemos mais victimas do que o contagio. Eu proprio ministrei o veneno a milhares; morreram. Sobrevivi para ouvir celebrar os assassinos arrojados.

«*Wagner*, Porque razão vos atormentaes assim?

«Pois um homem honrado não cumpre o seu dever, quando executa pontual e conscienciosamente a arte que lhe ensinaram?

«Mancebo, se respeitas teu pai, aprazer-te-ha o seu ensino; se fizeres progredir a sciencia, poderão teus vindouros pôr a mira em mais altos destinos.

«*Fausto*. Oh! Bemaventurado o que ainda espera surgir d'este oceano de erros. Carecemos de muito, e isso é o que ignoramos; sabemos pouco, e isso é o superfluo.

«Mas, porque turrar com tão mofino pensar a dulcissima ventura d'esta hora? Olha como os clarões do occidente batem nas choças mergulhadas na verdura. O sol declina e extingue-se, expira o dia, mas vae levando a outras regiões nova vida! Oh! se eu tivera azas para me librar no ether e seguir o sol continuamente!

«Contemplara o mundo silencioso a meus pés, envolto em eterno crepusculo! Vira inflammar as grimpas, escurecer os valles e o argenteo riacho perder-se nos rios de oiro!

A montanha nemorosa não mais se opporia ao meu vôo divino! Já o mar entreabre os seus golphos ardentes aos meus olhos espavoridos. E, comtudo, o deus lá vae desapparecendo. Reanime-se o meu esforço e prosiga a embriagar-me nos seus eternos jorros. Diante de mim o dia; atraz de mim a noite; lá em cima os céos; a meus pés as ondas! Sonho sublime que se esvaece! Ai! dor! O corpo não tem azas para seguir o espirito, e, comtudo, ninguem ha que não seja levado pelo sentimento para além das nuvens, quando nas alturas, perdida no azulado céo, a andorinha solta o seu agudo trinado, quando dos pincaros alcantilados e umbrosos se ergue a aguia batendo as azas, quando por sobre a planura e o mar volta o grou á sua patria.» (1)

. . . . . .

II

Quereis saber, leitor, necessariamente amigo, porque vos dei estas paginas de Gœthe?

O *Panorama* não podia eximir-se a dar algumas das suas columnas, embora poucas, ao terrivel hospede do Ganges. Este seculo foi o primeiro que o vio na Europa, sendo esta ultima já a terceira visita que tão importuno hospede nos faz. E' elle dos acontecimentos notaveis do seculo; é na actualidade um dos assumptos mais *palpitantes;* o objecto de estudo dos sabios; o thema predilecto das conversações d'aquelles mesmos que, pouco ha ainda, (2) mudos e tranzidos de terror iam saber do telegrapho os progressos que em sua marcha ia fazendo; é por isso, repito, que o *Panorama* tinha forçosamente de lhe dar cabida em suas columnas.

Fôra eu o encarregado de fazer a apresentação de tal hospede aos leitores. Fui guardando essa tarefa, na verdade não muito agradavel, para quanto mais tarde poude, e n'isso se me antolhavam algumas vantagens: o assumpto tornava-se cada vez mais estafado; todos os jornaes scientificos o tinham tomado á sua conta; n'este caso, tendo poucas novidades a dar, menos trabalho teria, desculpe-se-me esta franqueza, e menos enfadaria os meus leitores: embora o inimigo vá fugindo, é elle de natureza tal, que mesmo já pelas costas ainda assusta, e fallar n'elle não é lá das coisas mais agradaveis.

A final não houve remedio senão pôr-me á minha meza de trabalho, e, rodeado de jornaes que só do cholera se occupavam n'uma infinidade de paginas, procurar novidades que dar a meus futuros leitores.

Passadas assim algumas horas em baldado procurar, disposto já quasi a deixar o cumprimento de tal tarefa para um eterno amanhã, peguei de um livro ao acaso e esse acaso quiz que o livro fosse o Fausto; quiz mais o acaso que logo me dessem na vista as poucas paginas que acabais de lêr. Pasmei então de vêr n'essas paginas, em admiravel resumo a historia de todas as epidemias de que ha memoria. O povo então, como sempre, como hoje, esquecendo em folguedos e danças o flagello que o açoitou; a sciencia não podendo dizer hoje mais que então disse pela boca de Fausto, d'esse mytho eterno e eternamente verdadeiro da encyclopedia humana!

Para logo fiz tenção, amigo e benevolo leitor, de vos dar essas paginas a troco do que vos teria a dizer sobre a actual epidemia. As paginas ahi ficam já; do que vos não livro porém é de mais algumas da minha lavra.

O unico meio que tenho a meu dispor para me fazer perdoar a temeridade de fallar depois e em seguida a Goethe, é ser o mais resumido e laconico possivel.

E' o que vou fazer.

(*Continua*)

(1) Fausto de Gœthe. Trad. ined.
(2) Note-se que isto foi escripto ha oito mezes.

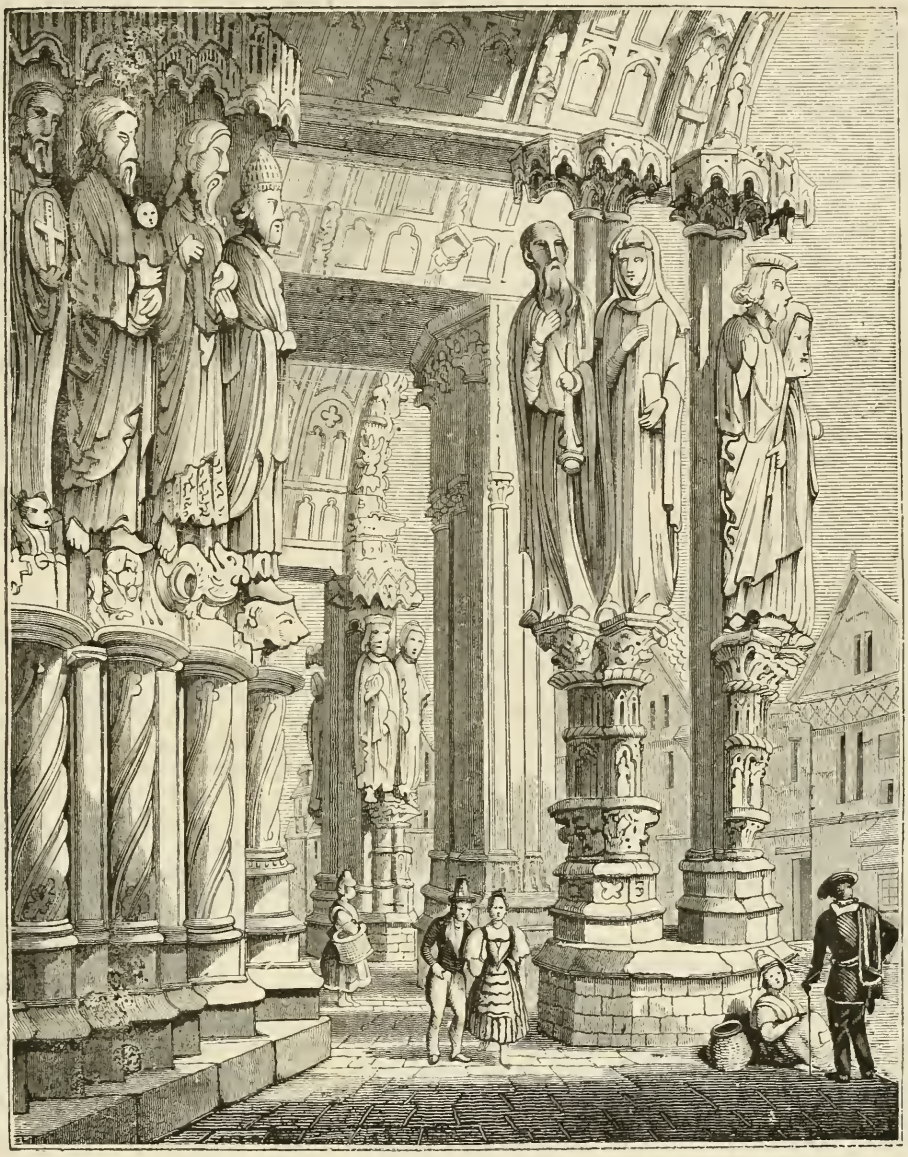
UM SONETO DE LEONARDO VINCI

Que todo aquelle que não póde obter o que quer, queira o que póde, porque é loucura querer-se o impossivel: logo, é acertado o homem não querer o que não póde.

Se o nosso prazer degenera em desgosto porque se não sabe querer o que é possivel, sómente póde aquelle que faz o que deve e tira a razão da sua propria natureza.

Nem sempre se deve querer o que é possivel, porque muitas vezes o que parece dôce é amargo, e por vezes tenho-me arrependido, depois de as ter obtido, de haver querido certas cousas.

Logo, ó leitor d'estes versos, se queres ser bom para ti e caro a outrem, quer sempre poderes o que deves poder.



Cathedral de Chartres

A cidade de Chartres, capital do departamento d'Eure-et-Loire, na França, está situada no cume de uma montanha, junto da qual passa o rio de Eure, que banha uma parte das suas muralhas e vivifica os seus lindos arrabaldes. Esta cidade está rodeada de velhas fortificações, que testemunham ao mesmo tempo a sua antiguidade e importancia. Datam ellas dos seculos XI e XII, e são construidas com solidez tal, que muito tempo antes da invenção da artilheria, passavam quasi por inexpugnaveis. O facto é que Henrique IV, em 1591, sitiou a e não pôde assenhorear-se d'ella. Consistiam estas fortificações em uma cerca de muralhas muito altas, apoiadas sobre um terrapleno de muitas toesas de largura, e flanqueadas de grossas torres redondas. As portas são em numero de sete. A mais notavel é a porta Guilherme, que recebeu o nome do vidama de Chartres no tempo do qual foi construida. O seu aspecto guerreiro é imponente. De um e outro lado elevam-se duas torres unidas por uma cortina, e guarnecidas de amêas e setteiras.

Nem todo o espaço comprehendido n'esta vasta cerca de muralhas estava coberto de casas. Uma grande parte compunha-se de jardins, praças e mesmo bosques e terras de semeadura; pouco a pouco, porem, foram utilisando estes terrenos, e por toda parte se elevaram edificios, igrejas e conventos: mas estas construcções nunca foram muito longe, porque a cidade poucas casas modernas apresenta. Tudo ali, mais ou menos, falla dos tempos antigos. As ruas são estreitas e mal alinhadas, e, em alguns pontos da chamada cidade baixa, de tal modo escarpadas, que se tornam inaccessiveis a trens: algumas das que seguem o declivio da montanha teem a forma d'escadas. As casas, quasi todas edificadas de madeira e terra, teem as portas em ogiva, ornadas de esculp-

turas gothicas. Não obstante, porem, a cidade no seu todo estar mal construida, encontram-se ali alguns bairros agradaveis, e algumas praças publicas vastas e muito regulares.

Quanto a monumentos, Chartres conta poucos notaveis, á excepção das igrejas, que todas são visitadas com interesse. Citaremos as de Saint-Aignan e de Saint Pére, e, primeiro que tudo, a cathedral, uma das mais bellas construcções da architectura gothica em França. «Tenho observado um grande numero de monumentos, diz Fréminville, mas nunca vi nenhum que reunisse, como este, a extensão do plano á grandeza das proporções, o arrojo da construcção e a admiravel delicadeza dos ornamentos. Este edificio, enriquecido d'estatuas, de baixos relevos executados em differentes epocas, é um verdadeiro museu d'esculptura franceza de todas as idades, onde se pode abraçar só com um relancear de olhos os progressos successivos da arte e a chronologia dos costumes.»

Tem-se já fallado d'esta cathedral por tantas vezes e tão minuciosamente, que julgamos inutil entrar de novo em uma longa descripção: diremos apenas algumas palavras. A primeira basilica de Chartres foi incendiada pelos Normandos em 858, e reparada pouco tempo depois. No decimo seculo foi novamente presa das chammas, e, em fim, em 1020, um terceiro incendio, occasionado, dizem, pelo fogo do céo, consummio a cathedral e quasi toda a cidade. Achava-se então ali o bispo Fulbert, que desde logo começou a empregar todo o seu zelo e actividade, para fazer sair a cathedral das ruinas em que o grande desastre a tinha lançado. A rogos seus um grande numero de habitantes contribuio, conforme as suas posses, para o restabelecimento do templo, e quando, em 1028, Fulbert morreu, o edificio achava-se quasi reconstruido. Dois dos seus successores e a princeza Mahaut, viuva de um duque da Normandia, fizeram continuar os trabalhos. O grande portico e a torre velha foram concluidos em 1145. A outra torre, pyramide magestosa, na qual trabalhavam em 1506, porque havia sido parte destruida por um raio, o capitulo determinou que se fizesse toda de cantaria.

Esta cathedral, cuja construcção se prolongou pelo espaço de cento e trinta annos, foi dedicada á Virgem, em outubro de 1260.

No exterior admira-se o frontispicio e as duas portas lateraes, que parece pertencerem ao decimo terceiro seculo: são ornadas d'estatuas, galerias, nichos, figuras e columnas de riquissima esculptura.

Os grandes florões que adereçam os portaes, são de um trabalho preciosissimo. No angulo meridional da igreja nota-se uma figura muito curiosa: é a de um burro, esculpido em pedra, que parece estar tocando harpa; designam-no no paiz pelo *burro que toca sanfona*. Talvez isto seja uma recordação da extravagante festa do burro, que se celebrava na idade media em muitas partes da França.

O interior da cathedral não é menos digno de attenção. Admira-se ali a grande harmonia das suas proporções e a magestade religiosa das suas abobadas, debaixo das quaes reina uma luz mysteriosa. Todo o edificio está guarnecido d'estatuas, na generalidade, bem trabalhadas; mas a mais notavel d'estas esculpturas é uma que existe no côro, formando um grupo no qual sobresáe a attitude nobre e elegante da Virgem. Conta-se que em certa época os vandalos das artes quizeram destruir esta obra prima, mas que foi salva devido á coragem de um homem, que teve a feliz idéa de pôr um boné encarnado na cabeça da Virgem, transformando-a d'este modo em deusa da liberdade: graças a esta burlesca metamorphose, a cathedral de Chartres poude conservar um dos seus mais preciosos ornamentos.

O ambito exterior do côro, começado por João Texier, em 1514, e terminando segundo o seu risco, excita, igualmente, a attenção dos artistas pela riqueza da sua architectura e bella execução dos seus mais pequenos lavores. Esta obra é no estylo gothico mais rico e elegante.

Por debaixo da igreja, ha uma outra, dita *igreja subterranea*, para a qual se desce por cinco escadas differentes. Ha ali uma capella da Virgem, onde os fieis costumavam depositar as suas offertas; junto do altar está um poço chamado o *poço dos Santos*, porque no tempo do imperador Claudio, o governador de Chartres, tendo feito passar ao fio da espada um grande numero de christãos, mandou lançar os seus cadaveres n'este poço.

Taes são as partes mais notoveis d'este edificio, que, pela quarta vez, em 1836, foi victima de outro incendio, que lhe causou gravissimas perdas. Felizmente, o governo francez deu logo todas as providencias e a cathedral dentro em pouco achou-se restaurada.

O commercio e a industria, no departamento do qual Chartres é a capital, não teem grande importancia. O ramo principal das suas exportações é o trigo, do qual uma grande parte é destinada ao abastecimento de Paris. A sua população não excede de 20000 almas.

OS PELOTIQUEIROS PATAGÕES

Ninguem ignora que um dos jogos mais innocentes e, na apparencia, mais assustadores dos pelotiqueiros indios consiste em introduzir pela boca até o esophago, uma lamina brilhante de aço.

Quando pela primeira vez, em 1521, o nosso Fernão de Magalhães e a sua gente se acharam em relação com uma horda de Patagões, aquelles enormes selvagens, vestidos de pelles, acolheram com gritos de alegria os pequenos presentes que se lhes deram: as imagens pintadas, a missanga, os busios, e os guizos excitaram-lhes o seu jovial enthusiasmo. Depois de terem dansado diante dos estrangeiros, quizeram divertil-os com um exercicio que tinha no bando grande successo. Um d'elles, agarrando em uma frecha armada da sua ponta aguda de silex, introduzio-a com toda a bravura no estomago.

Este caso de um pelotiqueiro patagão encontra-se na historia da primeira viagem de circumnavegação escripta em latim pelo Transylvano, e dictada por Sebastião del Cano, o feliz navegador que trouxe á Europa a *Victoria*.

LONDRES

As industrias que florescem n'esta capital são principalmente as da fabricação da cerveja, papel, licores, betumes, sabão, assucar refinado, vinagre,

cortumes, manufacturas de seda, productos chimicos, machinas, carruagens, relogios, alfaias, generos de todas as classes, quinquilharias, ferragens e outras muitas producções, que seria fastidioso enumerar.

Tão vastos negocios e cousas tão grandes não podem fazer-se com o estomago vasio sob a influencia de um clima que requer tão succulenta e nutritiva alimentação, e por tanto, os habitantes de Londres teem todo o cuidado em estivar os seus com a melhor carne, as melhores bebidas e o melhor pão que existem, para conservarem juntos e em boa harmonia o corpo com a alma. A povoação londrina digere annualmente, 300,000 novilhos, 40,000 vitellas, 1.100,000 carneiros, 250,000 borregos, 270;000 porcos, 20.000,000 alqueires de farinha de trigo reduzida a pão, 311.000,000 de batatas, 400.000,000 de peixes de todas as classes e tamanhos, 90.000,000 de couves, 5.000;000 de aves, 25,000 toneladas de queijo e manteiga e 600,000 coelhos e lebres de Ostende; além dos vegetaes não mencionados, fructas seccas e do tempo, e outros muitos generos que recebem do estrangeiro durante o anno.

Os meios de apagar a sede de tão poderosa e gastronomica communidade, não são menos prodigiosos. Um exercito de 20,000 vaccas poz cerco a esta capital e verte dia a dia torrentes de leite para os seus chás e cafés. Setecentas mil pipas de vinho, 2.000,000 galões de licores, 45.000,000 galões de cerveja e 2,166.000,000 chavenas de café e chá formam o estomacal molho dos seus alimentos solidos no mesmo periodo de tempo. Os hoteis, tabernas, não incluindo os *public-houses*, e casas de hospedagem, elevam-se, em Londres, a 2,407.

¿Como não ha de ser, pois, industriosa uma povoação com tão descommunal appetite e uns estomagos tão sem fundo? E, não obstante, ha desgraçados que morrem de fome em Londres, miseria infinita e pauperismo que causam espanto ao animo do humanitario philantropico, do reformador social e do homem politico. Não é, porém, este o lado que nos propomos mostrar aos viajantes, que esperamos sejam muitos, que queiram dispensar-nos a honra de acompanhar-nos com a imaginação n'esta viagem por Londres. Quando o dono de uma casa convida os seus amigos para que o visitem, tem sempre o cuidado de que estes não vejam, se é possivel, os quartos mais pobres e os moveis mais arruinados. Pois bem, é isto precisamente que nós procuramos observar nas nossas digressões por este *mare-magnum*.

Em uma capital tão vasta e populosa como Londres, comprehende-se facilmente que os seus habitantes tenham de valer-se de alheios pés para transitar por ella; e isto explica o facto, que de outro modo pareceria fabuloso, de que corra diariamente por suas ruas o prodigioso numero de 300,000 carruagens de todas as classes. Só os omnibus, em numero de 800, fazem 300,000 milhas de caminho todas as semanas com 1.000,000 de viajantes. Os individuos que navegam nos vapores do rio, de um a outro extremo d'esta metropole, elevam-se a 30,000 diariamente; a ponte de Londres estremece com o peso diario de 30,000 carruagens, e a estação do caminho de ferro alija todos os annos n'esta grande capital mais de 14.000,000 de individuos de todos os pontos da terra.

¿Que tem, pois, d'estranho, em vista d'esta agglomeração de homens, barcos, carruagens e animaes, que perecessem 750 criaturas atropelladas nas ruas de Londres, e que se afogassem no Tamisa outras 500 no anno de 1859? A primeira cousa que tem a fazer o viajante, que presa os seus delicados membros, antes de visitar esta capital, é aprender a andar por entre as pernas dos cavallos e as rodas dos carros, com a mesma impunidade que o celebre Blondin pela corda bamba; e no caso que se não julgue bastante agil para executar impunemente tal façanha, deve addicionar um capitulo respeitavel ao seu presupposto de viagem: *Gastos de locomoção em pés alheios pelas ruas de Londres.*

O methodo de vida de tão poderoso conjuncto de seres humanos não é menos digno de excitar a curiosidade e de occupar a attenção do viajante; esta materia, porem, por si só exigiria um livro. Um Inglez pode definir-se como um animal que come e trabalha muito e engole uma quantidade enorme de mostarda e cerveja. A sua grande virtude é o affinco ao trabalho. Ambicioso e livre por natureza, trabalha toda a sua vida para tornar-se a si proprio, a sua familia e a sua patria ricos, poderosos e independentes. O amor á liberdade é n'elle tão innato como o amor ao trabalho, á riqueza e á independencia, e este é o grande segredo da opulencia e poderio da nação britannica.

A raça anglo-saxonia foi dotada pela natureza com o genio de fazer dinheiro, e ainda que em seu afan por adquiril-o soffra com frequencia trabalhos e privações, o prestigio e os gozos reaes que o ouro lhe proporciona, recompensa-o com usura de uns e outros. O dinheiro é como o ar que se respira, sem o qual se não pode viver: torna o homem poderoso como a tromba ao elephante e os dentes e as garras ao leão.

As necessidades espirituaes dos habitantes de Londres são satisfeitas por 855 clerigos da igreja anglicana e um exercito de dissidentes de todas as crenças. O total dos templos e capellas d'estes obreiros espirituaes eleva-se a perto de um milhar. Os independentes contam com 140 lugares de adoração; os baptistas, teem 133; os methodistas, 154; os presbyterianos, 23; os unitarios, 9; os catholicos, 35; os moravianos, 2; e 94 as outras seitas, entre lutheranos, santos modernos, protestantes, francezes, gregos, allemães, italianos, etc. A communidade israelita, ali muito mais respeitada que entre nós, porque se compõe de homens, pela maior parte instruidos e de bons costumes, tem 11 synagogas, nas quaes rende culto ao Antigo Testamento.

(*Continua*)

O MUNDO DO MAR

O elemento liquido occupa, pouco mais ou menos, dois terços da superficie do globo terrestre; a relação da superficie banhada com a superficie não banhada é de 3.8 para 1.2; e dos cinco milhões de myriametros quadrados que constituem a superficie do globo, 3.800,000 pertencem exclusivamente á soberania das aguas. ¿Ora, seria possivel que esta immensa extensão fosse privada das bellezas e riquezas da vida, em quanto que a terra offerece na sua flora e no seu fauno uma tão grande variedade, uma tal opulencia? Os antigos naturalistas estavam longe de comprehender toda a riqueza dos oceanos, e o mesmo Linneo, fallando dos vegetaes do mar, mostrava conhecer uma quantidade insignificante.

Hoje a sciencia, menos incompleta, tem sondado as profundezas oceanicas, e, n'essas occultas regiões, tem achado uma exuberancia de vida não inferior á que se manifesta nos continentes. Existe ali um mundo, um mundo verdadeiramente novo, cujas classificações relativas ás plantas e animaes aerios não nos poderiam dar uma idèa bastante clara. O mar offerece ao observador um centro onde folgam mil formas animaes, florestas que abrigam hospedes mais numerosos e não menos variados que os das florestas terrestres.

Comtudo, devemos dizer que, se no mar existe incomparavelmente maior numero de animaes que na terra, a vida vegetal, ali, não é tão largamente representada; mas parece que ha n'isto compensação; porque o mundo dos polypos cria para o oceano uma serie de seres ao mesmo tempo vegetaes e animaes que lhe dá uma vida insolita, estranha, complicada.

Sim, o mar é um mundo novo, cujas ricas e variadas producções formam o ramo mais maravilhoso da historia natural. O livro posthumo de Moquin-Tandon revelou o valor d'este mundo, e pela primeira vez reunio em um mesmo cofre todas as perolas occultas do elemento liquido. Ouviremos hoje o que elle diz a respeito das plantas.

Observemos primeiro, com Schleiden, que toda a flora submarina comprehende quasi exclusivamente uma só grande classe de vegetaes, as algas ou os fucos, — que são, accrescentemos tambem, as primeiras plantas criadas. «Estas plantas offerecem uma tal diversidade de formas, que uma paizagem no fundo do mar não é nem menos interessante, nem menos variada do que a que apresenta uma região na qual o sol imprimisse o rico sello da vegetação luxuriante dos tropicos. Uma estructura particular, molle, gelatinosa em todas as suas partes; um conjuncto de orgãos arredondados ou alongados e estendidos, aos quaes as expressões de talos e de folhas não são applicaveis como nas outras plantas; brilhantes côres de um tom verde, azeitonado, amarello rosa e purpura, por vezes levemente sortidas sobre o mesmo orgão foliaceo, tudo isto imprime n'estes vegetaes um caracter estranho e magico.»

As plantas do oceano, diz o auctor do livro que acima citamos, não se assemelham muito ás que guarnecem os nossos bosques e os nossos valles. Em primeiro lugar, não teem raizes. As que fluctuam são globulosas ou ovoides, tubuladas ou membranosas, sem apparencia alguma de corpo radicular. As que adherem estão fixas por uma especie de pé superficial, mais ou menos, lobado e dividido. A terra em nada contribue para o seu desenvolvimento, porque o seu ponto de origem é sempre exterior. Tudo se passa na agua, tudo vem d'ella e tudo a ella torna.

«As plantas terrestres escolhem tal ou tal terreno; não prosperam senão em solo determinado. As plantas marinhas são indifferentes ao rochedo que as supporta. Quer este seja calcario, quer seja granitico, a ellas nada aproveita: assim crescem indistinctamente por toda parte; mesmo sobre os coraes ou sobre as conchas. Estas hydrophitas não possuem nem verdadeiros talos, nem folhas verdadeiras; dilatam-se muitas vezes em laminas, largas ou estreitas, de uma só ou de muitas peças que fazem parte d'este orgão. Assemelham-se ora a correias ondeadas, ora a estames encrespados; estes espessos e coreaceos, aquellas delgadas e membranosas. Ha algumas que poderiam ser tomadas por pequenos balões transparentes, por estofos regularmente estampados, por bocados de gelea, por fitas, por boldriés de pelle curtida, por leques de papel verde. A sua superficie é, ora lisa, polida, mesmo lusidia, ora coberta de papillas, de verrugas ou de verdadeiros pellos. Acha-se n'ellas uma especie de unto viscoso, um pó salino, uma efflorescencia assucarada, e, algumas vezes, um sedimento cretaceo. A côr é azeitonada, loura, amarella, de um pardo, mais ou menos, escuro, verde, mais ou menos, claro, rosa, mais ou menos, delicado, carmim, mais ou menos, vivo. Alguns auctores tem-nas dividido, segundo as suas tintas dominantes, em tres grandes secções: as pardas (*melanospermadas*) as verdes (*chlorospermadas*) e as vermelhas (*rhodospermadas*). As primeiras são muito mais numerosas. Enterram-se, mais ou menos, e parece occuparem no oceano tres regiões, mais ou menos, distinctas; são estas as que constituem a maior parte das florestas submarinas. As verdes são superficiaes e muitas vezes fluctuantes. As vermelhas encontram-se habitualmente em pequenas profundidades e sobre os rochedos pouco distantes da praia.»

UM DITO DE ISAAC NEWTON

O illustre Isaac Newton, a quem a sciencia moderna deve tão importantes descobertas, dizia, pouco tempo antes da sua morte: «Não sei o que pensa o mundo a meu respeito; mas quanto a mim, julgo que faço o effeito de uma criança brincando á borda do mar e entretendo-se a apanhar de tempos a tempos uma pedrinha mais polida, uma conchinha menos commum do que as outras, em quanto que o grande oceano da verdade estende-se mysterioso e insondavel diante de mim.»

Typ. Franco-Portugueza = Rua do Thesouro Velho, 6.

Bismark

Vejo que a civilisação é a paz alternada com a guerra; que a permanencia indefinida de qualquer dos dois estados significa a fadiga, o definhamento, a ruina, a miseria, a annulação. Se existem constituições independentes, nacionalidades viçosas, cuja vida data de tempos remotos, é que tão grande longevidade nasceu de um logico acordo, de uma habilissima combinação entre a guerra e a paz.

Com certeza.

O canhão deve rebentar, ou para abrir caminho ao legitimo desafogo das populações desenvolvidas, ou para sumir na voragem dos combates a superabundancia de braços. O canhão deve emmudecer onde principia o goso dos beneficios que a continuação das hostilidades degeneraria. Quando o amor da victoria não é só a significação de uma necessidade, mas tambem a paixão exclusiva da gloria, então a guerra, conquistando demais, enfraquece duplamente os seus heroes, a quem os golpes da luta ceifa, e a extenuação desbarata e isola entre as multidões inimigas.

Os povos que fizeram da conquista o elemento principal e continuo da sua existencia, o triumpho predilecto da sua vida politica, conseguindo evadir e quasi dominar o mundo, foram os que mais depressa desappareceram das cartas geograficas; e cousa semelhante aconteceu aos exclusivistas da paz, aos inimigos de sangue, aos evangelistas da perfectibilidade humana; aos republicanos, socialistas e communistas.

Onde estão os Saints Simon, os Owens, os Fouriers, os Louis Blanc, os Cabets, e os Proudhons?

Dormem uns no silencio eterno do tumulo, vegetam outros no recinto domestico, e da memoria de qualquer, apenas, na maçonaria, algum neophyto philosophico se aproveita para firmar o seu nome de guerra, mitigando, por este pacifico modo, as saudades dos bellos tempos dos tribunos populares.

O proprio Victor Hugo, o gigante litterario e poetico do seculo, clama no deserto. As suas obras, rasgando toda a massa muscular do progresso actual, mostram, com o mais deslumbrante e fixo colorido, que o esqueleto d'este monstro contem na medula principios energicamente deleterios; mas nem os que as leem com intelligencia, nem os que não as entendem, se movem para a urgente revolução.

Póde ser que no fundo de tão grande e inexplicavel desprezo se esteja forjando um tremendo vulcão. Não duvido. O que é certo, porém, é que até o presente, ainda não estoirou o cataclismo que ha de sumir nas camadas subvertidas as raças de sangue excepcional, e que mui difficilmente se dará um tal acontecimento.

As doutrinas de 1848 exaltaram os espiritos. Fallar em outra cousa que não fosse igualdade, liberdade e fraternidade, era estar fóra das tendencias

sublimes da época, deshonrar a dignidade humana, revelar um coração ferino, uma intelligencia curta, um cerebro idiota, uma ignorancia crassa. Rebentou a revolução, do seu triumpho surgio a republica, e sobre o primeiro altar d'esta benefica religião collocou o suffragio universal o vulto idolatrado do ameno Lamartine.

Que resultou, porém, de se ter salvo a sociedade franceza?

Extenuado pelas fadigas de uma luta encarniçada, e embriagado pelos perfumes da poesia, o povo adormeceu, e tão profundamente, que não havia despertal-o. Tinha razão; mas como tudo isto manifestava uma paz com todas as tendencias para a inalterabilidade, houve logo quem dissesse que a felicidade terrestre florescia sobre um abysmo. Esta revelação, assaz semelhante ás predicas dos santos padres, estremeceu os somnolentos no seu leito de rosas, e acordou-os. A consciencia do proprio abatimento reanimou a memoria dos tempos heroicos; mas nem o espirito nutria já a chamma do enthusiasmo, nem o corpo tinha o vigor preciso para levantar o immenso estandarte das glorias belicosas.

N'este lance angustioso, votou-se pela aventura. Depoz-se nos braços do prestigio de familia, o que não podia confiar-se ao prestigio dos factos. Correu-se o pano ao proscenio do grande theatro da obscuridade, em cujo fundo jazia a figura pouco volumosa de Luiz Napoleão; e a datar d'este momento todos sabem o que se passou.

Veio o memoravel 2 de dezembro, que mudou radicalmente a face da consciencia e da governação, porque se riscou n'esse dia, do diccionario politico, o valor religioso do juramento; porque se converteram os arraiais da republica em verdadeiro circo de martyrio, onde o ridiculo, monstro galhofeiro que derriba com um sorriso, e estrangula com uma gargalhada, satisfez o seu atroz appetite. Fecundaram-se os ovos esquecidos d'essa aguia enorme, que, ferida mortalmente em Waterloo, fôra cair entre os rochedos da ilha de Santa Helena, e foi o suffragio universal, o mesmo que na vespera havia proclamado a liberdade rainha da civilisação, que os chocou e criou as novas aguiasinhas que, no seu primeiro vôo, abriram com as pontas das azas as portas do imperialismo, e gravaram com as garras, aguçadas no desespero do exilio, condemnação das cousas e dos homens, sobre cujas ruinas e infortunio, poisaram e firmaram o seu dominio. Trancou-se tudo aos primeiros apostolos da liberdade e da civilisação, e apenas se lhes deixou dois caminhos para escolher: o deportamento ou a retratação.

Vio-se, então, Girardin rasgar, á face do universo attento e absorto, as paginas brilhantes da sua eloquencia social, e mergulhar, em seguida, nos pantanos do absolutismo, facto que mancharia irremediavelmente as alvas vestes da democracia, se esse sol immenso que, na constellação dos grandes homens immaculados, se chama Victor Hugo, não continuasse a inundar de luz os campos onde se peleja a causa da humanidade.

Depois, constituio-se nas baionetas a força do direito; fundou-se na agressão a legitimidade absoluta do respeito; declarou-se a honra patrimonio exclusivo dos poderosos; revestio-se a paz com os attributos da guerra; deu-se a esta os fóros de civilisação; e o mundo aceitou o programma, cobrio o auctor de prestigio, e proclamou-o Jupiter do novo Olympio politico, onde, mais tarde, veio tomar assento notavel o conde de Bismark, esse vulto prussiano que as espingardas de agulha mostraram, ha pouco, tão distinctamente, ao clarão de seus tiros; o grande diplomata da actualidade que segue, na applicação á politica do seu paiz, as theorias do autócrata da Europa, as theorias que hão de, ou tem já, talvez, atropelado gravemente os direitos mais sagrados dos povos.

E pois que consegui aportar ao assumpto da gravura, o que já tinha reputado impossivel, direi que Bismark é homem proprio para figurar excepcionalmente nos tempos presentes, porque assim o mostram as cruezas da sua carreira militar e diplomatica; porque assim o comprova a energia selvatica com que invadio quasi toda a Allemanha. Supposeram muitos que o primeiro ministro de Frederico Guilherme não era mais do que um simples instrumento de Napoleão, e eu fui do numero. Hoje, porém, nutro opinião inteiramente contraria.

Em presença dos ultimos acontecimentos, vejo que Bismark é um rival temivel do imperador dos francezes; que das Tulherias para o gabinete de Berlim não partem já senão faiscas de ciume, e que se o fogo pegar, só Deus sabe até onde o incendio chegará. NOGUEIRA DA SILVA.

A GALATÉA MODERNA.

X

O Serão.

Já ia noite fechada, quando Violante e Alfredo entravam em casa. Ouvia-se um fallar ruidoso e folgazão na sala do trabalho, *sancta-sanctorum* dos intimos da casa, tabernaculo sobre cujas aras havia sempre nocturno sacrificio ao deus-voltarete. Como o homem justo de Horacio, podia o mundo subverter-se, cairem imperios, baquearem thronos, que o voltarete havia de continuar a sua indisputada tyrannia sob o tecto do velho solar, quasi alluido. É que o voltarete é mais do que um jogo, é uma religião, um sacerdocio. Os que um dia, e dia afortunado é esse e muito de relembrar em horas de angustia e tristura, quando o desalento bate ás portas e vem aninhar-se com o seu cortejo no coração como os vermes em recente campa: os que um dia penetraram os sacrosantos mysterios do voltarete, os delirios de uma *cosca* bem pensada e ruminada, os enthusiasmos de um *voltarete de respeito em copas*, o delirio clamoroso e irrompente de um *geral*, a ironia pungitiva e lancinante de um *codilho*; os que hão experimentado todas estas peripecias uma vez, que seja, na vida, tocaram a meta da felicidade humana, e só lhes resta o cair no abysmo.

Eu, que ora estou aqui escrevendo estas linhas, no desconforto de umas paredes velhas fronteiras, batidas por um sol requeimante, sinto vivas saudades de algumas noites, que se me foram no conversar intimo com dois amigos a respeito do voltarete.

Era uma noite de verão. Estavamos em um quarto rente com o jardim, já amarellecido e despovoado, e para o qual defrontavam as janellas. Corria uma brisa do mar, que açoitava docemente a luz, a qual tremia e de quando em quando deitava-se docemente sobre a véla de stearina como se quizesse repoisar de tanta vigilia.

Começámos de jogar com brio, com a ancia de verdadeiros fanaticos. Mas foi-se-nos esmorecendo pouco a pouco o vigor. Aos ruidos do triumpho e ás amarguras não menos ruidosas da derrota, succedeu a melancolia, aquelle dulcissimo balsamo, que goteja do coração dos não descridos, porque o coração do que tem fé é como a ambula dos santos oleos, que conforta e anima o mesmo moribundo nas vascas do tormento.

Tocados todos tres do deus ignoto, que se entranha cá por dentro, e cá vive para conversar comnosco e alentar-nos em horas de silencio, quando o mundo palrador se cala e só murmura a consciencia, que, mensageira divina, vae do homem a Deus, encontrou-nos a aurora abraçados á melancolia, que entornára por sobre nós a sua urna de saudades!

Eu, desherdado e sósinho no mundo, revoluteando ao sabor do vento, como a folha que caio da arvore e tombou para o valle, cantava mansinho umas harmonias da *Favorita*, dessa obra divina. ultimo lampejo de um moribundo; o meu amigo * * * scismava, relembrando uns amores mal extinctos, que lhe requeimaram o coração e lhe embranqueceram os cabellos; e o outro, aquelle esforçado contra a sorte, aquelle gladiador contra o destino, sorria amargamente, rememorando os seus rudes combates, em que a vida se lhe vae.

Erguemo-nos todos, que lá por fóra começava já a vida, e o mundo pintava o rosto devasso para continuar a comedia de gargalhadas que encobrem dores. Erguemo-nos, pobres poetas, que era necessario envergar a armadura para o combate. São assim os desherdados que até a solidão lhes foge. A thebaida, só a tem quem a póde comprar a peso de oiro. O flagicio, que retempera a alma e a avigora com as dores do corpo, já não ha um remançoso claustro que o dê.

Erguemo-nos. Que faziamos nós ali? Já não tinhamos a solidão.

. . . . . .

Mas quão longe me vou do serão do velho fidalgo!

Começára já o voltarete; a tripode estava completa. Eram tres os parceiros, que o voltarete de quatro é pouco usado nas provincias. E teem rasão os provincianos, derradeiros cultores do jogo de nossos avós. Teem rasão. Ha uma certa voluptuosidade em formar a fatidica triologia, até no jogo. O quarto é sempre um intruso, uma excrecencia, um homem, que quer ver acabada a *mão* para lhe chegar a sua vez. É um egoista, que está ali com o unico fito de tripudiar sobre as ruinas dos parceiros. Que o *feito* ganhe ou perca; que o *fraco* codilhe ou o *forte* entregue o jogo, pouco importa. O que elle quer, o derramado egoista, é jogar. Tudo mais lhe é indifferente.

Eram pois tres os jogadores; e eram só elles que povoavam a vasta quadra, em cujo meio se erguia a meza de jogo, com um enorme candieiro de tres bicos, todos accesos. Eram tres figuras meditabundas, entregues d'alma ao demonio do jogo. Acurvados, mirando as cartas, ordenando-as, calculando *in mente*, tentando adivinhar o pensamento dos outros, ora falladores, ora silenciosos, disputando a proposito de uma carta mal jogada, e mimoseando-se de industria com bem cabidos motejos e chufas, que apenas lhes beliscavam a dura epiderme, taes eram os tres jogadores, victimas e vassallos do voltarete, d'esse tyranno domestico mais imperioso e mais cheio de caprichos do que um rajah do oriente.

Um dos jogadores era o morgado, que apresentámos já em outro logar, e que, como fidalgo de nobre linhagem, chamava-se D. José Maria de Vilhena Gualdim de Mattos, etc., etc., etc. Era fidalgo de casa-real de juro e herdade. Andava-lhe o foro na familia havia seculos. Os seus antepassados foram capitães de cavallos, em tempos mais felizes; tiveram pelos modos direito de baraço e cutello, como quem diz, enforcavam e degolavam. No porte e no gesto e na phrase estava-se revelando o homem, que, atraz de si, conta uma raça antiga e nobre, que durante seculos depurara o sangue e acrisolára essa realeza, que Deus poz no coração do homem, quando animou a argilla.

O outro conviva era o cura. Quizera eu alancear-me aqui a um capitulo obumbrado sobre o caracter divino do sacerdocio em geral, e sobre o singelo caracter do cura em especial. Livre-me Deus de ruins tentações. O nosso bom cura era simplesmente uma pobre alma, toda carinhos e meiguices para os que soffrem, incapaz de elevações, voando terra a terra como a andorinha, e, como ella, destruindo os vermes, que estragam a ceara do lavrador. O pobre cura nunca amara. A tempestade das paixões nunca se desenfreára pelo seu coração. Era um homem bondoso, singelo, pouco instruido, porque lia mais o breviario, a biblia e o evangelho, do que todas as conferencias dos zelosos philosophos tonsurados, que ainda hoje, fundando-se em S. Agostinho e Tertuliano,, andam a exorcismar a sombra de Spinoza. O cura dizia a sua missa das almas, visitava os doentes e com elles repartia os parcos haveres da minguada congrua, rezava as suas rezas e nunca ouvira fallar em Wiseman. Bem se lhe importava elle com o diluvio e com a geologia. Os fosseis, lá para elle, são os taes que se lançam em controversias ociosas, de que hão de sair mal, porque a igreja é uma necessidade social e moral, é, até, se quizerem, uma instituição politica, mas não é um monumento scientifico. Isto diria o bom do cura, se soubesse do que vae por esse mundo. Mas

n'esse tempo nem se fallava de Renan, e o singelo pastor queria-se com as suas ovelhinhas e com a sua igreja campestre, toda arraiada de rosmaninho em dia de festa.

Verdade é que o seu parco latim não lhe permittia divagações contra os *Strausses* do seculo, e o ancião saira do seminario, longos annos havia, mais afortunado com a sua quasi ignorancia estribada na fé, do que com a meia sciencia d'esses evangelistas palradores, que por ahi abundam.

No que o cura dava *sota* e *az* era no voltarete. E agora mesmo, o desgraçado juiz de paz do concelho, lavrador ricaço e de bons teres, posto que soez e bronco, valeu-se de todas as suas artes para fazer descambar um codilho em uma resposta, cousa, que muito arrenegou o padre, e com a qual muito folgou o fidalgo, porque via mais um *remissa*.

— Cousas do officio, exclamou o morgado, baralhando as cartas. O padre diz missa, e o nosso juiz, que é homem tambem de paz, faz remissa. Eu, que, a final de contas, sou um velho militar, apesar da carta constitucional, represento a espada de Brenno e hei de levantar o bolo.

— Abaixa-te e eu te elevarei, diz o evangelho. Os fracos cantam sempre victoria, quando os valentes não confiam de Deus.

— Isto é coima, que eu pago, respondeu o juiz, que se estava lembrando do officio.

Nisto entraram os dois primos.

— Ora até que em fim voltaram do passeio romantico, disse o morgado beijando a filha, ao tempo que apertava a mão de Alfredo.

— E que passeio! interrompeu a donzella, ainda com a animação do caminho, rosada e arquejante.

— Então aonde foram espairecer o aborrecimento deste velho casarão, e do velho pai.

— Um pai sempre é novo para a filha, que o ama.

— E para o moço amigo, que o respeita.

— E para o parceiro, que perde, resmoneou o juiz, o qual, quando se agastava, tinha intervallos lucidos, com o que não se gosavam muito os clientes, que, se obtinham uma decisão justa, era depois de soffrerem as zangas, aggravos e alguns sotaques physicos á mistura. Santo juiz de paz, que para ser justo, carecia de começar pela tyrannia!

Felizmente, porém, o fidalgo não o ouvia e exclamou jubiloso:

— Agradecido, filhos. Sois a minha ventura. E tu, minha Violante, que me pareces uma rosa, deixa-me respirar os teus aromas. Tu tambem, Alfredo, representante de uma illustre e honrada familia, filho do meu primeiro amigo de infancia, vem sentar-te aqui ao pé de mim. Aqui, aqui no coração é que vos quero, bem unidos como vergonteas do mesmo tronco, como flores que viçam com a mesma seiba. A morte ha de chegar, e em vós, só em vós, cá me fica a saudade da vida.

E o velho começou a chorar; mas as suas lagrimas eram de consolação. Não lhe marejavam os olhos, antes os tornava mais limpidos, para que nelles se espelhassem os rostos gentis d'aquellas flores *que viçavam com a mesma seiba*.

— *Beati qui lugent*, tartamudeou o padre, que tambem sentia um enternecimento a embargar-lhe a voz.

A cabecinha formosa de Violante encostou-se ao hombro do pai, cujos cabellos se confundiam harmonicamente com as longas tranças da filha. Alfredo, erecto, algum tanto sombrio, antevendo talvez negras nuvens no futuro, agarrava as mãos do seu velho amigo com os modos severos de Pythagoras, quando duvidava das palavras do mestre ionico.

O sacerdote, com a voz tremula e o corpo alquebrado, parecia estar-se revendo, em uma scena do evangelho.

Só o juiz de paz, cada vez mais *bellicoso*, e por isso mais *lucido* reconcentrava a attenção na remissa, e jurava levantal-a por intermedio dos *azes*, que elle ajuntava na mão muito sorrateiramente.

E digam lá que as scenas patheticas não inspiram até o aldeão mais boçal, ainda que seja juiz de paz!

A. O. DE VASCONCELLOS.

(*Continua.*)

OS DOIS RAPAZES

Quadro de Murillo

Se se quizesse começar a historia das bellas artes em Hespanha com as primeiras tentativas, seria preciso remontar ao decimo seculo, e talvez mais longe. Estas tentativas consistem em miniaturas executadas nos manuscriptos. Como por toda parte, vê-se ali dominar o estylo bysantino, depois o estylo gothico. A Alhambra contem notaveis spécimens d'este ultimo, que, segundo toda apparencia, são devidos a Hespanhoes, porque a lei religiosa não concedia aos Mouros que exercitassem as artes em gesso. Estes trabalhos ornam os tectos de algumas salas. Um d'elles corre ao longo das paredes, e representa uma caçada; de um lado, vêem-se Arabes; do outro, cavalleiros christãos. Outro desenho offerece á vista uma audiencia de Mouros; um terceiro, emfim, combates entre Hespanhoes e infieis. Todos estes trabalhos, porém, mostram ser do decimo quinto seculo. Foi por esta época, que a arte na peninsula começou a desenvolver-se e a produzir obras importantes. Schepeler descreve assim as qualidades particulares da escola iberica no seculo XV. «O colorido não tem tanto brilho como o dos antigos pintores germanicos; é, porém, mais suave; parece que fluctua um véo sobre a imagem: a execução é grandiosa. Mais tarde, a escola veneziana encantou os Hespanhoes; o seu amplo desenho e vigoroso colorido concordavam com o estylo nacional. Accrescentai a isto um grande arrojo de pincel, uma facilidade em reproduzir as concepções de uma imaginação ardente, e tereis os traços distinctivos da escola hespanhola.»

O seculo dezesete vio a arte hespanhola attingir o mais elevado gráo d'esplendor. Á influencia italiana juntou-se então a imitação de Rubens e de Van Dyck. Sabe-se que o primeiro visitou a peninsula. As differentes escólas delineam-se fa-

Os dois rapazes

cilmente; a de Sevilha produz o maior numero de homens celebres. No principio do seculo, nasce e desenvolve-se; pelo meiado, desenrola todo o seu brilhantismo. Entre os seus fundadores, notam-se Roelas e Francisco Herrera; Roelas introduzio em Hespanha o colorido veneziano; imitava a natureza com grande perfeição, e sabia ennobrecer-lhe as fórmas. Cheio de ardor e de coragem trabalhava constantemente; as igrejas de Olivares, de Sevilha, de Madrid, as academias de Aranjuez e de Cordova estão cheias das suas obras. Herrera pintava de um modo arrojado, até então desconhecido Executava com uma especie de furor; o seu caracter não mostrava menos arrebatamento. Servia-se de juncos para desenhar e de brochas para applicar o colorido. Quando estava apressado, mandava a criada espargir sobre a tela tintas diversas, ao gosto d'ella, e, em seguida lançava mão dos pinceis e deitava-se com frenesi ao trabalho, mudando, em um abrir e fechar de olhos, os borrões em figuras enroupadas e de grande caracter. Este é um facto que não admitte a menor duvida. Juan del Castillo e Vasquez pertenceram á mesma época; suas obras, como quasi todas as da escóla hespanhola são em extremo correctas, e em grande numero; o colorido, porém, em algumas d'ellas não apresenta grande brilho, e resentem-se de uma grande falta de sentimento e suavidade, cousas que tanto realçam nos quadros de quasi todos os grandes pintores hespanhoes d'aquelle seculo e, com especialidade, em Murillo, que foi inquestionavelmente, o primeiro. E não nos enganamos. Em todas as obras d'este grande artista encontra-se em toda a sua pureza o caracter da escóla hespanhola, e nada lhes falta para serem perfeitas: arte de composição, sciencia anatomica, imitação fiel da natureza, sentimento, nobreza, suavidade, harmonia

do colorido, brilho, tudo, em fim, n'ellas se acha em profusão. E depois, Murillo não se contentava só com um genero de pintura. O seu flexivel talento levava-o para todos os lados: ora desenhava paisagens, flores, fructas, ora navios e vistas maritimas, assumptos historicos e essas scenas de rapazes pobres e miseraveis, que nas grandes cidades se dão tão frequentemente, e que elle, realmente, aproveitou com muita felicidade.

A nossa gravura, copia de um dos seus quadros que existe no collegio de Dulwich, na Inglaterra, intitulado «os dois rapazes,» attesta o que deixamos dito. Não carece de longa descripção; bem clara se mostra, á vista do expectador. É um grupo de dous *picarillos*, dos quaes um está assentado no chão desafiando o outro para jogar a pella ou a bilharda, a ajuizarmos pelos instrumentos que tem junto de si. O garoto, que está de pé, mostra, pela bilha que tem na mão, que ia fazer algum recado; mas tão embaraçado ficou com a proposta que o outro lhe fez de jogar, que se esqueceu, até, de mastigar o pedaço de pão que mettera na boca. Não é menos interessante a posição do animal, que está namorando o bocado de pão que o rapaz tem em uma das mãos.

O QUADRILATERO

É Legnago, como já dissemos, a terceira praça do quadrilatero, situada sobre o Adige a 35 kilometros e a juzante de Verona e quasi a igual distancia de Mantua. A povoação é pequena e não excede nove mil almas, sendo a area das fortificações mais extensa que a da cidade. Dois fortes isolados, duas cabeças de ponte nas margens direita e esquerda do Adige e uma cerca abaluartada constituem as fortificações da praça. O seu armamento era de 30 peças de Lahitte, 60 do systema prussiano, 30 peças de sitio, 20 obuses, e 15 morteiros. Total 155 bocas de fogo. Como em Mantua, mas em proporções muito menores, a defeza da praça póde reforçar-se por meio de inundações, abrindo comportas convenientemente dispostas no Adige. Apesar de tudo Legnago é a fortaleza menos importante do quadrilatero, e, verdadeiramente só tem valor pela ponte lançada no seu recinto entre os duas margens do Adige. Os austriacos, senhores de Legnago, dominam o curso do baixo Adige e podem á vontade passar de uma para outra margem, como mais convenha aos seus planos offensivos ou defensivos.

Verona, chave de toda esta formidavel fronteira militar, principal praça do quadrilatero e baluarte do dominio austriaco na Italia, está no sopé e na encosta dos ultimos prolongamentos dos Alpes para as planicies da Italia, na curvatura mais rapida do Adige, e guardando as gargantas por onde o rio sae das montanhas. Divide-a o Adige em duas partes ligadas por cinco pontes.

Na margem esquerda é o arrabalde chamado de Veronetta, assente n'uma ladeira aspera e apertada entre montes. É defendida por uma cerca construida segundo o antigo systema de fortificação italiana, com tres baluartes e precedida pelos fortes Scholl e Isabel. A cerca interior parte do Adige, corre na planicie, sobe pela encosta, reduzindo-se a uma simples muralha na face oriental; chegando ao alto dobra-se em angulo agudo e desce outra vez para o Adige por ladeiras abruptas. No vertice do angulo voltado para as alturas está o forte de San Felice, que domina toda a praça, mas é dominado pelos montes que continuam progressivamente a subir. Para protegerem este forte construiram os austriacos 5 torres isoladas nas alturas até a distancia de tres mil passos. Aqui é o ponto fraco da praça. De feito, a face oriental, n'uma extensão de tres mil metros, é defendida apenas por uma muralha simples e sem baluartes. Alem d'isso, se os italianos tomassem posições nas alturas, poderiam sem grande difficuldade vencer as 5 torres isoladas e o forte San Felice, d'onde dominariam toda a cidade como os francezes em Malakoff dominavam Sebastopol.

A difficuldade, e difficuldade grandissima, consiste em poder tomar posições nas montanhas, e note-se tambem que o exercito atacante teria na rectaguarda Veneza tornada quasi inexpugnavel pelos fortes de Malghera, Chiaggio, Malamocco e Lido.

No centro de todas as fortificações desta margem esquerda, abaixo do forte de San Felice, ergue-se o forte de S. Pedro, cujos fogos dominam a ponte, a cidade, as muralhas e lhes serve de cidadella.

Ao occidente, n'um monte separado dos precedentes por um valle inclinado para o Adige, ha os 3 fortes de S. Mathias, S. Leonardo e Santa Sophia, ligados com as 5 torres e formando do lado occidental a primeira linha de defesa.

A cidade de Verona, propriamente dita, envolvida n'uma curvatura do Adige, é construida na margem direita e defendida ao occidente pela antiga cerca melhorada e aperfeiçoada. Formam-n'a 8 baluartes irregulares, com orelhões, escarpas pelo systema de Carnot e esplanados a meio das cortinas para facilitar as sortidas. A contar da planicie de Verona, o terreno sóbe em amphitheatro semi-circular coroado na parte culminante pelas aldeias de Chieva, Croce-Bianca, S. Massimo, Santa Lucia e outras. Parte do Adige uma linha semicircular de 10 fortes isolados que, coroando o amphitheatro e descrevendo um semi-circulo extenso, vae morrer a juzante da cidade na margem do Adige. Estes fortes eram em 1848 fortificações passageiras de terra; hoje teem a consistencia e importancia de fortificações permanentes. Todas são armadas de peças de grosso calibre e systema moderno e podem conter algumas companhias de guarnição. Distam 1000 a 1200 metros uns dos outros cobrindo com a rede dos seus fogos a planicie que se lhes dilata na frente; protegendo-se mutuamente. Todos teem caminho coberto e os fossos flanqueados por *capoeiras*. Na gola são fechados por parapeitos com canhoneiras voltadas para o interior.

Depois da guerra de 1859 que terminou na paz

de Villa Franca, construiram os austriacos por fóra desta linha de defesa outra que consta de cinco fortes, erguidos na planicie que precede o amphitheatro do lado da Italia. Assim tem Verona, na margem direita ou lombarda do Adige, 3 linhas de fortificações: os 5 fortes exteriores que cruzam os fogos na planicie, os 10 fortes que coroam o amphitheatro e o corpo da praça. No recinto das fortificações exteriores póde facilmente abrigar-se um exercito de cem mil homens, e tanto é Mantua praça defensiva como Verona tem todos os caracteres de offensiva. Os exercitos que forem senhores da cidade podem facilmente sair para acossar o inimigo que se atrever a entrar no quadrilatero. O systema das 4 praças do quadrilatero presta-se por isso a variadissimas combinações estrategicas como exuberantemente demonstraram Radetzky em 1848 e o archiduque Alberto em 1866.

Todas as fortificações de Verona podem, segundo as melhores informações, jogar 76 peças do systema Lahitte, 128 do systema prussiano, 140 peças de sitio, 130 obuzes, 50 morteiros. Total 534 bocas de fogo.

Verona é tão formosa e pittoresca como Mantua triste e monotona. Assenta a cidade na planicie aformoseada pelas suas muralhas antigas, pelas preciosas ruinas romanas que a cercam, por palacios e torres. Na margem opposta do Adige sobem pela encosta as casas brancas de Veronetta, os negros cyprestes de Giusti, as baterias dos fortes trepando pelas ladeiras do Monte Cimo, e dominando as extensas planicies italianas limitadas no horisonte pelos recortes da cadeia azulada dos Apeninos.

O interior da cidade não deslustra a nobreza do seu aspecto exterior. A poucas das formosissimas cidades da Italia cede Verona a palma, ornando-a o antigo castello da idade media, o circo romano, palacios elevados sobre porticos, os tumulos gothicos dos antigos barões feudaes, a Scalla, etc.

É grandioso o aspecto dos fortes, das baterias blindadas, dos perfis recortados, das fortificações modernas trepando em amphitheatro pelas montanhas.

Para terminar esta rapida descripção do quadrilatero mencionaremos ainda os reductos que defendem o caminho entre Verona e Legnago, os 4 fortes de Pastrengo, que defendem o desfiladeiro entre o Adige e o lago de Gorda e cortam o passo ao assaltante que, depois de tomar Peschiera, quizesse ir cortar a linha ferrea de Trento, á rectaguarda de Verona, e tomar esta praça de revez. Finalmente, a descripção não ficaria completa se não fallassemos das linhas ferreas que ligam as praças do quadrilatero, e das communicações deste com o interior do imperio austriaco pelo Tyrol e pelo Veneto. É assumpto para outro artigo.

HISTORIA DA ROSA

A rosa é a mais bella de todas as flores; a primavera reconhece-a como a rainha de todas as suas filhas, e, até, nos mais remotos tempos a que alcança a historia foi sempre e em todas as partes a favorita dos poetas e das mulheres, o symbolo da formosura e do amor. É uma flôr que nunca passa de moda.

Não nós é possivel dizer em que época da historia da terra nasceu a rosa. Baste-nos, porem, saber que ja adornava o jardim do Eden, e contentemo-nos com o que a mythologia grega nos conta acerca da sua origem.

Anacreonte, o poeta grego, crê que a rosa nasceu, como Venus, do mar. Uma porção d'espuma que tinha ficado pegada ao corpo da deusa caio no chão e deu vida a uma roseira, cujas raizes se elevaram a grande altura para denotar com sua belleza o lugar do nascimento da deusa, enchendo de suave perfume o ar que Venus respirou pela primeira vez; a rosa, porem, era branca como a espuma do mar donde tinha saido. Segundo Ovidio e Bion, a sua côr provem do sangue de Adonis, e segundo Aphtonio do da mesma deusa. Quando Adonis, apesar das supplicas da deusa, foi á caça do javali, que lhe roubou a vida, Venus apressurada para prestar-lhe auxilio, ferio um pé nos espinhos de uma roseira, e algumas gotas de sangue salpicaram a rosa, dando-lhe a côr que ora tem e espargindo na athmosphera um odor agradavel. Segundo outros poetas, Cupido, jogando na mesa dos deuses, entornou o nectar que estava em um copo; o liquido humedeceu as rosas que estavam ali proximas, e deu-lhes a côr que antes não tinham.

A crença mahometana suppõe que a rosa foi produzida pelo suor do propheta, e por isso os turcos teem todo o cuidado em não a pisar nunca. A tradição india diz que Pagodasini, esposa de Vischnu, foi achada em uma rosa.

Voltando-nos para a Grecia, vemos que a rosa estava consagrada a varios deuses. Alem de o estar a Venus, estava-o a Dionyso (Bacho), que não só era o deus da vide, mas tambem de toda a natureza florescente; tambem o estava a Diana de Epheso na qual se venerava a natureza infinita. Alem disso, era o attributo das musas; Hymeneu e Como o deus do riso e da alegria, traziam coroas de rosas. A arte antiga representava a paz com um ramalhete de rosas, espigas e ramos de oliveira; emfim, a hora da primavera estava representada com uma rosa na mão.

Uma multidão de poetas religiosos e profanos indicam-nos em numerosas passagens quão estimada era a rosa ainda nos tempos mais antigos. Na Biblia vemos mencionada a rosa de Saharon; « levemos coroas de ternas rosas..» diz o livro da Sabedoria. Homero descreve o escudo de Achilles adornado com rosas, e o cadaver de Heitor foi embalsamado por Venus com varios perfumes, entre os quaes havia rosas. Sapho chamava á rosa a rainha das flores; Anacreonte dedicou-lhe uma das suas odes, e Theocrito comparava-a com o curso da vida humana. Virgilio cita-a varias vezes com prazer; Horacio e Catullo, Ovidio e Maciel mencionaram-na repetidas vezes.

A rosa era indigena em todo o mundo conheci-

do dos romanos; não obstante, é provavel que se não conhecessem mais que as quatro classes principaes que se encontram ainda hoje na Grecia; uma d'estas classes era a de cem folhas, trazida á Europa por Alexandre Magno. As rosas mais bellas eram as de Campania, as mais cheirosas as de Malta, as mais proprias para oleo as de Cyrene, mas, as mais celebres de todas eram as de Pestum; cresciam ali em uma abundancia extraordinaria, florescendo duas vezes por anno. O viajante que visita hoje esta cidade de Pestum, só encontra ruinas grandiosas, mas em vão procuraria aquella flor, que não existe nem no mesmo jardim do bispo.

Os antigos serviam-se das rosas quasi sempre para fazerem coroas, umas vezes entremeiadas com mirtos e violetas e outras desacompanhadas de toda e qualquer outra flor; estas coroas usavam-se, principalmente, nos banquetes. As noivas romanas traziam tambem uma coroa de rosas e ramos de mirto debaixo do seu véo de purpura; tambem se punham coroas de rosas a todas as estatuas de deuses e de homens celebres, e com grinaldas de rosas se ornava a porta por onde entravam os generaes victoriosos, e atiravam-se-lhe ao carro lindos ramos d'ellas. Nas ceremonias funebres empregavam-se frequentemente as rosas; com ellas cobriam a cabeça do defunto e ao deitar na urna os ossos reduzidos a cinza misturavam-lhe folhas e agua de rosas, para o que destinavam certas quantidades no testamento. Disposições d'esta classe eram então mui communs nos testamentos; em alguns ordenava-se que o anniversario do nascimento do defunto deveria ser celebrado plantando em cada anno tres mirtos e tres roseiras.

(Continua)

O amor não envelhece, morre criança.

ARSENE HOSSAYE

A linda poesia de João de Deus, que em seguida publicamos, devemol-a ao caracter obsequioso do nosso amigo o sr. Antonio Pereira Ferraz Junior, o qual, possuindo, engastada pela propria mão do auctor, essa magnifica perola no seu album, e havendo-lhe nós manifestado o desejo que tinhamos de com ella mimosearmos os nossos leitores, immediatamente e sem a mais leve hesitação nos facultou, até, para a copiarmos, o seu interessante livro.

E tambem só d'este modo poderiamos alcançar, facilmente, versos de um poeta tão distincto; porque, João de Deus, mui raras vezes tem lançado mão da penna com a ideia de que as suas producções vejam a luz da publicidade. Algumas poesias, poucas, que teem apparecido em diversos periodicos do paiz, e pelas quaes o seu nome se tornou geralmente conhecido e admirado, hão sido obtidas, ou de alguns dos seus amigos e condiscipulos que souberam apoderar-se dos bocadinhos de papel que o poeta, depois de n'elles ter disposto, por mera distracção, as brilhantes flores do seu raro engenho, inutilisava com a maior indifferença; ou então d'aquelles que, como o sr. Ferraz, teem a fortuna de as possuirem nos seus albums. Não se julgue, porem, pelo que deixamos dito, que João de Deus tem escripto pouco: seria um engano. O numero das suas admiraveis poesias é infinito; mas, infelizmente, uma grande parte acha-se completamente perdida.

Fora superfluo tecer aqui encomios a João de Deus. A sua merecida reputação acha-se ja tão solidamente baseada, que tudo quanto procurassemos dizer em seu louvor seria, certo, abafado pela grande voz do publico.

Eis a poesia:

DESCALÇA

Quem és? que a gente vendo-te suspira
E em puro amor desfaz-se?
Raio crepuscular do sol, que nasce?
De lampada, que expira?

Como os teus pés são lindos! Como é doce
A curva do teu peito!
Oh! se o meu coração fosse o teu leito!
E o teu amado eu fosse!

Que preciosas perolas descobre
teu meigo humido labio!
E, virgem! como Deus foi justo e sabio
Em te deixar tão pobre!

Não tens fofo veludo onde se atole
teu lindo corpo, ó bella!
Mas quando é bello o céo? bella uma estrella,
E quando é bello o sol?

Limpo de nuvens, nu, derrete a neve
E a aguia até desmaia!
Tu não tens mais do que uma pobre saia
E, essa, curtinha e leve!

Ingenua como a flor que nasce e cresce
Não para estar occulta
Onde o corpo te alteia a saia avulta,
Onde te abaixa, desce...

Encerram-se em ti mesma teus desejos,
De nada, flor! precisas!
E que eu nem seja o marmore que pisas...
Calçava-te de bejos!

JOÃO DE DEUS.

Los buenos sirven a buenos,
los viles quedan se a tras,
los dichosos valen mas,
y los desdichados menos,

LOPE DE VEGA — Peregrino.

Amor que pode crescer não é amor perfeito.

P. VIEIRA.

Typ. Franco-Portugueza, Rua do Thesouro Velho, 6.

Os Koranás

Ha, na extremidade meridional da Africa, uma raça isolada, completamente distincta dos outros povos do continente africano, pela sua lingua e pela sua constituição physica. Esta raça, que a si mesma se denomina *Anaquona*, ou *Koukoua*, e que dos europeus recebeu o nome de Hottentotes, divide-se em quatro tribus principaes: os *Kouakouas* do Cabo; os Koranás, que a nossa gravura representa; os Namas, e os Boschimans.

A sua tez azeitonada, a sua fronte deprimida, a fórma do semblante que tornam quasi quadradas as maçãs do rosto, largas em geral e extremamente salientes; o seu nariz achatado entre dois olhos pequenissimos; emfim, a exiguidade da sua estatura, fazem dos Hottentotes uma raça feiissima. As feições do rosto da maior parte dos individuos, principalmente dos mais velhos, são repugnantes, e approximam-se do macaco, por causa da grande saliencia da bôca. Só os Koranás differem dos outros por uma estatura mais elevada e pelo vigor do seu corpo, olhos vivos, rosto mais bem conformado, e tambem por mais intelligencia. A sua lingua, a que faltam quasi todos os elementos de formação ou inflexão, possue uma infinidade de sons gutturaes fortemente aspirados, saindo da cavidade peitoral rapidamente e com voz rouca.

Os Hottentotes verdadeiros só se encontram no paiz chamado Orange-River-Sovereignty, a parte mais septemtrional d'estes paizes, que só foi recentemente incorporada á colonia do Cabo. Com effeito, os que se chamam Hottentotes coloniaes, quer dizer, os que habitam para áquem dos limites da antiga colonia ingleza do Cabo, que o governador Burk assimilou legalmente aos brancos por um acto publico em 1828, misturaram-se com europeus, cafres, e, talvez, tambem com outros emigrados, e pretos; por isso a sua lingua compõe-se de palavras hottentotes, hollandezas, e cafres. Ainda que porcos e muito dados á bebedeira, e como em geral são pobres diabos, ordinariamente probos e serviçaes, os cultivadores do Cabo tomam-nos a seu serviço como pastores ou carreiros. O seu numero sobe a perto de 5000.

Das relações dos europeus com as mulheres dos hottentotes proveio uma raça particular, chamada de Bastardos, que vence os hottentotes propriamente ditos, debaixo do ponto de vista do desenvolvimento physico, e que mostra muita disposição pelas artes da vida civilisada. Formam uma população especial, que, com o tempo, chegou a completar a somma de perto de vinte mil cabeças, cujos membros tinham ido, no decurso do seculo passado, estabelecer-se ao norte, onde vivem uma vida nomada nas regiões situadas entre New-Gripp

e Kay-Gary, ou que constituiram pequenos estados com alguns pontos centraes, como Philippopolis e que praticam a agricultura.

O CHOLERA

III

O cholera appareceu pela primeira vez na Europa em 1831. E' elle originario da India, onde é endemico.

Como se gera lá?

Não se sabe. Vê-se que pela eterna lei da harmonia, n'aquellas paragens não se podia gerar uma doença menos lethal!

Tudo debaixo d'aquelle sol é grandioso.

Nos deltas do Ganges e do Indus, de um dia para o outro, formam-se ilhas, cobrem-se de pasmosa vegetação, innumeros animaes as povoam, e, tudo desapparece, para dar lugar a outras scenas iguaes de vida e de morte, passageiras, mas admiraveis.

Em vez de infusorios, fermentam n'aquellas aguas, reptis e mammiferos, (1) cactos e palmeiras. Que admira que da infecção d'aquella athmosphera sáia o cholera? Mais custa a perceber o como elle, gerado e alimentado n'aquelles lugares, os deixa para vir de vez em quando fazer uma viagem pelo mundo inteiro, viagem demorada, caprichosa, não se podendo atalhar nem prever, viagem tão assombrosa como o proprio viajante, como a região d'onde partio.

Houve quem suppozesse, no principio d'esta ultima, ou antes, infelizmente, da actual epidemia, que o cholera se tinha gerado fóra da India, em Meca, e que d'ahi se estendêra a toda a Europa.

Não é exacto.

O Egypto foi o intermedio que dispartio a epidemia com terrivel rapidez.

Percebe-se bem o como.

Os musulmanos, que vem annualmente a Meca, reunem-se primeiro em duas grandes columnas: uma, que reune todas as tribus do Mogreb; isto é, de Marrocos, Alger, Tunis, de todo o Sahara, comprehendendo a Nubia; esta reune-se no Cairo; a outra parte de Stambul, pára em Damasco, onde se lhe aggregam todas as columnas vindas da Asia.

Foi n'estas ultimas columnas, pelos musulmanos vindos da India, que o cholera se transportou a Meca.

A reunião de tantos milhares de individuos, aspirando ao titulo de *Hadji* com as praticas religiosas as mais anti-hygienicas explicam o incremento que elle ali teve; a dispersão d'esses individuos semeando cadaveres cholericos por todo o caminho, levando comsigo grande parte d'esses cadaveres, dão conta da sua irradiação.

Vinha a ponto dizer alguma cousa do modo porque se suppõe que o cholera caminha; parece-nos, porém, que pouco proprio é de um jornal litterario o entrar na interminavel questão de infecção e contagio, interminavel porque vae-se transformando em questão de palavras; e por isso muito em resumo direi o que parece ter sido demonstrado n'esta epidemia a tal respeito: para poucos entra hoje em duvida o contagio do cholera: o que, porém, parece certo, é que elle se não transmitte corpo a corpo, nem mesmo por inoculação, mas, sim, por intermedio de uma certa porção de ar e a isto se apegam os infeccionistas para sustentarem a sua opinião. Ou admittam a infecção, ou o contagio, ou ambos combinando-se e ajudando-se, o que é um facto é que na presente epidemia o cholera foi sendo o rasto dos crentes que deixaram Meca.

O que é um facto bem averiguado é que elle em todas as epidemias tem marchado com os exercitos, com os peregrinos, com as caravanas; que a rapidez da sua marcha está em relação com a rapidez das communicações, que é ao maior desenvolvimento d'essa rapidez que se deve o elle agora ter caminhado mais depressa que na precedente epidemia. (1)

Na marcha do cholera é muito para se notar a immunidade, já não digo de individuos, que essa foge a todos os calculos e previsão, mas de localidades. Assim que, a Suissa tem sido até hoje refractaria ao cholera.

Tem querido a sciencia achar a causa d'essa particularidade, mas até hoje debalde.

Querem uns que seja devida á altitude; mas lá temos pontos mais elevados e flagellados pelo cholera. Nepaul, as chapadas da Tartaria estão n'este caso. Que tambem o não é á temperatura, prova-o o elle desenvolver-se em localidades muito mais frias. Outros querem que seja isso devido á difficuldade de communicações pelo montanhoso do paiz; não colhe pelo mesmo motivo porque não colhem as razões precedentes.

Ha quem queira achar a explicação d'aquelle phenomeno na natureza do solo. Vale a pena, parece-me, que nos demoremos um pouco mais n'este ponto.

Pensam alguns que o estudo das revoluções physicas do globo hade chegar um dia a fazer-nos perceber bem o passado e a prever até certo ponto o futuro das epidemias.

Que ha doenças filhas de circumstancias locaes, e por isso mesmo estacionarias, não padece duvida: para exemplo bem notavel temos o bocio. Por que nasce o cholera nos deltas do Ganges, a peste nos do Nilo e a febre amarella nos do Mississipi? Circumstancias climatericas, ainda não apreciaveis, darão um dia a explicação da geographia das doenças. Com referencia, porém, ao cholera, de que estamos tratando, é opinião de Pettenkofer que a porosidade do solo, a sua permeabilidade ao ar e á agua, a presença d'aguas subterraneas a pequena profundidade, são as circumstancias mais favoraveis á propagação d'elle.

Ora é o opposto de tudo isto que se dá na Suissa e tambem na Baviera, nos pontos até hoje não

(1) Entre estes deve contar-se mais de tres milhões de cadaveres humanos annualmente: os indios deitam os seus mortos no Ganges.

(1) Antigamente a peregrinação a Meca era feita a pé, parece que a lei de Mahomet assim o ordena; hoje, como sabem, faz-se em barcos de vapor.

tacados pelo cholera, e d'aqui a sua immunidade. Verdadeira, ou não, esta explicação, o que é um facto é a immunidade de certos paizes, e, no mesmo paiz, de certas localidades: na actual epidemia o cholera passando de Marselha a Pariz, deixou incolume Lyão, e já nas precedentes epidemias o mesmo tinha succedido; apenas em 1854 houve alguns casos, mas poucos, de cholera em Lyão. Milhares de casos analogos se podem apontar; até na mesma cidade na força da epidemia se tem notado pontos refractarios a ella.

D'um estudo completo da marcha de tão terrivel epidemia é claro quaes as vantagens que derivam: muito embora se não possa combater, impedir-lhe a marcha será já um grande bem.

Vinha a ponto o tratar agora dos meios que tem sido apontados para se obter aquelle almejado fim, e que são principalmente: quarentenas e cordões sanitarios.

Levarnos-ia isso demasiado longe, e para não abusar muito da paciencia do leitor vou relatar-lhe o que sei se deu de mais notavel a tal respeito n'esta ultima epidemia; as conclusões o mesmo leitor que as tire. Todos sabem o que succedeu em Constantinopla e em quasi todas as cidades do Mediterraneo; em Salonica, cidade da Turquia que conta uns 90:000 habitantes, não houve um caso de cholera.

Quando os habitantes de Salonica se viram, por todos os lados cercados da epidemia, encheram-se de um grande pavor. O povo lançou mão das armas contra os que se lhe approximavam da cidade, não os querendo nem sequer no lazareto, que tinham por muito visinho a ella; á sua custa fizeram um outro lazareto mais distante, que apromptaram em cinco dias, custando-lhe uns 60:000 francos (1). Estaria n'estas medidas a immunidade de Salonica?

Ainda pelo que diz respeito á marcha do cholera, havia dois pontos a tocar dignos de igual interesse, mas sobre que, parece-me, pouco de novo tenho a dizer aos leitores; refiro-me ás medidas que foram apontadas para impedir o cholera de nos tornar a visitar, e são: 1.º matal-a á nascença, isto é, modificar os deltas do Ganges e Indus de modo que não mais produzam o cholera; 2.º regularisar a peregrinação annual dos musulmanos a Meca por forma que não tornem a ser o vehiculo d'elle para a Europa.

Pelo que toca ao primeiro ponto, basta lembrar ao leitor que se ignoram absolutamente quaes as causas que produzem o cholera na India, e que elle não é endemico só nos deltas do Ganges e Indus, mas n'um tracto extensissimo de terreno.

Em quanto ao regularizar-se a peregrinação, para o que se julga necessario: 1.º obstar a que os cholericos das caravanas vindas da India por mar ou por terra cheguem a Medina ou a Meca; 2.º estabelecer uma organisação sanitaria nas caravanas que passam pelo Egypto e que teem de atravessal-o segunda vez quando voltam, (2) ha simplesmente a notar que de quatro epidemias de cholera que tem visitado a Europa, tres vieram pelo Norte, e só esta pelo Egypto; de fórma que sendo util a adopção d'aquellas medidas, não nos põe ellas a coberto de uma outra epidemia.

(1) Gazette Hebdomadaire, n.º 42.
(2) Gazeta Medica de Lisboa, n.º 24.

IV

Tempo é de rematarmos o nosso trabalho e, ainda que pouco da indole d'elle, bem quizéramos aconselhar aos nossos leitores qual o tratamento que deveria preferir no caso de se vêr ou aos seus, a braços com inimigo tão formidavel como o cholera.

Desgraçadamente, como exprimindo uma grande verdade a tal respeito, dar-lhes-hei a repetição das palavras de Fausto, que no principio do meu artigo já leram:

«Administrava-se o remedio, morriam os doentes, e ninguem perguntava quem tinha curado. Assim que, n'estes montes e n'estes valles, com os nossos mixtos infernaes, fizemos mais victimas do que o contagio.»

. . . . . .

«Bemaventurado o que ainda espera surgir d'este oceano de erros. Carecemos de muito, e isso é o que ignoramos, sabemos pouco e isso é o superfluo.»

F. França.

Portalegre — janeiro de 1866.

LONDRES

As necessidades intellectuaes d'estes 3000000 de habitantes aos quaes acabamos de ver trabalhar, comer e beber, são satisfeitas por uma producção immensa de livros, 30 jornaes diarios, 120 periodicos semanaes e 70 quinzenaes, mensaes, trimestraes e muitos outros que veem a luz em dias e periodos irregulares. Estas publicações são impressas, vendidas, e disseminadas por 510 impressores, 808 editores e 335 agentes. Para a educação da mocidade ha, alem d'isso, 858 academias particulares, 132 escolas pias, 62 inglezas e estrangeiras, 17 nacionaes, 57 collegiadas para a concessão de gráos e uma universidade.

A universidade de Londres foi estabelecida em 1837, e entre as suas principaes sociedades scientificas e litterarias figura a Sociedade Real de Antiquarios as de Linneo, Horticultura, Medicina, Cirurgia, Geologia, Astronomia, Geographia; as sociedades Asiatica, Zoologica, de Estadistica e outras mais instituições litterarias e scientificas.

O mal moral é combatido por 98 escólas diarias, para os desvalidos e andrajosos; 128 domingueiras, 117 de tarde; 15 lugares de refugio; 84 escólas industriaes; 12 sociedades, que teem por objecto a reforma e melhora dos costumes e moral publica; 18 para receberem mulheres de má vida e convertel-as em mulheres industriosas e honradas, detendo ao mesmo tempo os progressos do vicio e o crime geralmente unidos; 12 para soccorro das familias decentes; 14 para ajudar o industrioso que não póde exercer o seu officio por falta de recursos para comprar ferramentas, ins-

trumentos, etc.; e 11 para os surdo-mudos e cegos. Ha, além disso, 113 hospicios; 16 instituições caritativas para concederem pensões; 74 sociedades provisorias, para determinadas classes; 13 asylos para os orphãos; 50 sociedades de propaganda d'educação religiosa e distribuição de biblias, livros, tratados, cathecismos, etc. etc.; 200 e tantas sociedades de temperança, para deter os espantosos progressos que tinha feito ultimamente o ignobil vicio da bebida; e uma infinidade de associações e instituições, cujo objecto é atacar o mal moral sob todos os aspectos imaginaveis, e cujo numero não desce de 530 e tantas, que não poderiam ser enumeradas n'esta viagem sem dar-lhe as dimensões de um livro.

As instituições para o tratamento do mal physico nos pobres de Londres, estão representadas por 50 hospitaes geraes e especiaes, cujas entradas annuaes sobem á respeitavel somma de réis 1.440:000$000, além de 60 boticas que lhes subministram os medicamentos gratis e que possuem entradas não inferiores a 144:000$000 por anno.

Ha tambem as instituições da Samaritana, a dos lunaticos e as destinadas á educação das enfermeiras, cujos recursos, juntos ás sommas anteriores, formam um total, invertido somente em Londres em obras de beneficencia, de 2.400:000$ de réis annuaes.

A força que guarda e defende as vidas e fazendas dos habitantes d'esta capital contra as depredações dos beduinos da civilisação, não é, comtudo, um grande exercito como o de Napoleão, nem uma policia tão mysteriosa e innumeravel como a franceza actualmente, ou a de Napoles no tempo d'esses monarchas cujas criminosas consciencias os obrigava a empregar metade da nação em espiar a outra metade. A capital de Inglaterra está guardada e defendida simplesmente pelo modesto numero de 5:800 agentes de policia, perfeitamente estranhos ás questões politicas, (e que, sem prejuiso de terceiro, deixam cada um fazer o que quer) uma grande veneração pela lei, e uma duzia de magnificas prisões modelos.

Preparado agora devidamente o animo do leitor para apreciar com exactidão a grandeza e poder da capital da Gran-Bretanha, vamos pôr termo a esta viagem com algumas reflexões suggeridas pela sua contemplação.

A primeira idéa que occorre ao estrangeiro, que visita Londres pela primeira vez, é a do infinito. Como os espaços incommensuraveis, esta capital a seus olhos não tem principio nem fim. Um mundo em si mesmo, estende as suas ramificações como um monstro de cem mil braços, em todas as direcções, ora em fórma de travessas estreitas e sujas que resoam com os wagons e carros carregados com os productos da industria e commercio do mundo, ora por largas e magnificas arterias como o Strand, Oxford-Street, ou o rio Tamisa, ora por pontes canaes e viaductos de todas as classes que vão perder-se ao longe no horisonte.

Povoação densissima e pobres casarias distinguem o Oriente; riquezas sem conto, movimento commercial como não póde conceber a imaginação, palpitações e agitação como as do coração do mundo, atropellamento, ruido e confusão sem fim, constituem a que se chama a City; ruas esplendidas formadas por milhares de alinhados palacios, lojas sumptuosas, amenos e espaçosos squares, cobertos de verde relva e frondosos arvoredos, parques vastissimos e ricos de vegetação, e jardins tão deliciosos como os de Armida formam as aristocraticas e sumptuosas regiões do occidente de Londres.

A cathedral de S. Paulo, com a sua magnifica cupula e as suas symetricas e grandiosas proporções; o palacio de Westminster, reflectindo as suas elegantes torres e gothicas ogivas nas aguas adormecidas do caudaloso Tamisa; a riquissima em tradições abbadia de Westminster; a historica e interessante Torre de Londres, palpitante ainda com o recordação das tragedias de que tem sido theatro; Guildhall, cara a todo o amante do municipio, e o self-government paladion da liberdade e base do bom governo dos povos; Mansion-house, residencia do primeiro potentado da City; o Banco de Inglaterra e do mundo, com seus riquissimos thesouros; o palacio do correio, que desempenha no corpo social d'esta nação as mesmas funcções que o sangue no corpo humano; o monumento commemorativo da destruição de Londres por um incendio; a multidão de torres, chaminés, estatuas, columnas, agulhas que se vêem por todas as partes e que occultam os seus elevados picos e cruzes na nevoa, tudo contribue para fazer de Londres uma capital sem igual em nação alguma da terra.

FRANCISCO PIZARRO

I

A conquista das Indias Orientaes pelos portuguezes é, nos primeiros tempos, um dos mais brilhantes espectaculos que a historia nos offerece. A audacia aventurosa d'este pequeno povo, que entrou serenamente em lucta com as potencias, que faziam tremer a Europa, e que as foi provocar a duas mil leguas da patria, nos sitios onde ellas exerciam um dominio incontestavel, a magestade, e grandeza d'alma, as proporções verdadeiramente epicas dos nobres vultos, que ao principio nos capitaneiaram, derramam n'essas breves paginas da nossa historia um esplendor immenso e immaculado. Durante vinte annos fomos verdadeiramente os dignos representantes da civilisação européa, e D. Francisco d'Almeida e Affonso d'Albuquerque formam, emquanto a mim, o mais elevado ideal do conquistador, que se sente forte porque nos lampejos da sua espada fulgura a idéa civilisadora, porque vai, atravez de mil perigos, assegurar o predominio justo e necessario d'uma raça intelligente e forte sobre uma raça embrutecida e enervada, e porque tem a vaga consciencia de que é apenas um instrumento na mão de Deus, um meio de que se serve a Providencia para fazer dar ao progresso um d'esses passos gigantes que acceleram o caminhar dos seculos.

Pizarro.

Pelo contrario a conquista das Indias Occidentaes pelos hespanhoes apresenta logo, apesar do heroismo dos seus chefes, uma perspectiva repugnante. Os vultos, que figuram no primeiro plano, aquelles a quem maior gloria cabe, não são dos que a historia venera como varões dignos de figurarem na lista de Plutarcho, são dos que a posteridade se vê forçada a admirar sem que elles lhe inspirem a mais leve sympathia, são d'estes homens excepcionaes, aptos para as grandes coisas mas que, desprovidos de toda a moralidade, se lançam affoitamente no mal, e são Fra-Diavolos quando a sociedade os repelle, Pizarros quando elles mesmos se esquivam ás suas leis, heroes obscuros ou bandidos sublimes conforme o destino ordena que tenham por adversarios n'essa lucta, que emprehendem contra as leis divinas e humanas, ou os soldados heroicos de Murat, ou os timidos guerreiros dos incas peruvianos.

Não nos desvaira o orgulho nacional. Houve entre nós tambem d'esses bandidos heroicos, mas os seus vultos secundarios somem-se na sombra projectada pelos grandes capitães que dominam com a sua estatura agigantada a nossa epopéa oriental. Que um Antonio de Faria roube os tumulos dos imperadores da China, que outros assolem impudentemente as ilhas Molucas, que este se dessedente no sangue dos miseros Indios, que aquelle jure sobre um Cancioneiro para poder trair o seu juramento, são todos vultos secundarios, e não os chefés, os conquistadores, os homens de plano e resolução. Esses chamam-se Almeidas, Albuquerques, Castros, Gamas, Salvadores Ribeiros, e, grandes pela intelligencia e pela audacia e firmeza de caracter, rivalisam muitas vezes em desinteresse, em abnegação, em em amor da patria com os vultos mais affamados dos annaes gregos e romanos, com os Scipiões e com os Aristides, com os Phocions e os Fabricios.

Mas estava reservada á nossa visinha Hespanha a monstruosa producção d'um vulto, que ligasse ao genio a malvadez, á firmeza heroica a avareza insaciavel, ás qualidades mais eminentes do estadista e do guerreiro a indole mais sanguinaria e cruel, d'um d'estes vultos que fazem descrer da Providencia, que nos obrigam a perguntar porque motivo deu Jehovah, que é a suprema bondade, a suprema intelligencia, e a misericordia suprema, tanto poder ao mal, tanta grandeza ao crime, d'um d'estes vultos, emfim, que nos fazem comprehender essa individualidade mysteriosa que apparece em todas as religiões, e em que se personifica o mal com toda a sua hedionda magestade, esse ente horrendo e fascinador a um tempo, que podia ser anjo e quiz ser demonio, e que se chamou Lucifer, e foi senhor da luz, e preferio chamar-se Satanaz, e ser o rei das sombras.

Este homem incomprehensivel, este vulto grandioso e horrendo foi Francisco Pizarro, o descobridor e o conquistador do Peru.

II

Esta anomalia, que se repete frequentes vezes na historia do Novo Mundo, esta ligação do heroismo e do genio com o vicio e o crime, esta fatalidade que macula sempre as grandes acções praticadas na America pelos hespanhoes, e a que apenas em parte se exime Fernando Cortez tem uma explicação. As Indias eram para Portugal o theatro da actividade dos seus filhos; era n'essas regiões distantes que se concentrava a attenção do governo, era essa a estacada gigante onde a flor dos nossos cavalleiros ia quebrar lanças, e abolar arnezes. Na Hespanha não succedia o mesmo, principalmente n'essa época. Reinava Carlos V, o

poderoso imperador, o rival de Francisco I e o arbitro dos destinos da Europa. As regiões que mais o tentavam eram os ferteis plainos do Milanez, as populosas campinas da França; os adversarios que o inquietavam eram o amante da duqueza d'Etampes, e o frade de Wittemberg, o orgulhoso Luthero; o seu sonho querido era a monarchia universal européa. A grandeza colonial não o seduzia; os seus terços não os empregava elle nas magnificas regiões americanas, mas sim na disputada conquista de dois palmos de terreno na Italia. O proseguimento das descobertas de Colombo, e das conquistas de Cortez competia aos aventureiros que estavam para isso dispostos. O governo deixava-os livres, reclamava o quinto das presas, ordenava que se lhe reconhecesse a soberania, e não pensava mais n'esses paizes distantes. Esta liberdade aproveitavam-na os avarentos e os ambiciosos; os que amavam a gloria e a patria ganhavam a batalha de Pavia, e homens sem freio das leis e sem nobre incitamento, impellidos apenas pela cobiça, repartiam entre si tranquillamente os thesouros do novo mundo.

Francisco Pizarro foi um d'elles. Filho bastardo d'um gentilhomem, nasceu em Truxillo na Estremadura, e passou os seus primeiros annos na miseria e no abandono, chegando a ser incumbido de guardar porcos. Esta injustiça da sorte, este desprezo immerecido que seu pai lhe votara, quando elle, pobre criança, tanto precisava de carinho e de affectos, azedou-lhe por força a indole, e lançou-lhe no amago do peito os germens da crueldade, e da indifferença pelos males alheios. Apenas saido da primeira adolescencia, alistou-se nos terços hespanhoes e foi pelejar na Italia. Ahi, perdido nas fileiras dos soldados, deu provas de valor sem que podesse sair nunca da obscuridade, a que o seu nascimento o condemnava. Por esse tempo principiavam as conquistas dos hespanhoes na America; Pizarro percebeu que era esse o campo mais proprio para dar largas á sua ambição. Ali, entregues os aventureiros ás suas proprias forças, voltando, para assim dizermos, ao estado primitivo para combaterem povos primitivos, desappareciam todas as vãs distincções sociaes, e só subsistiam as que dá a superioridade unica estabelecida pela natureza, a do valor e da intelligencia. Pizarro embarcou para a America.

Logo nas primeiras expedições se distinguio, e as suas brilhantes qualidades, que nunca se haviam podido manifestar nas fileiras disciplinadas dos exercitos de Carlos V, revelaram-se logo n'essas expedições, em que tinha cada um de luctar individualmente com os mil obstaculos que a cada passo lhe surgiam. Apesar de ter uma instrucção tão limitada que nem sequer sabia ler, logo lhe foram confiados commandos e sempre elle os desempenhou com felicidade e proficiencia. Acompanhou Ojeda na sua expedição ao isthmo de Darien, e depois de varias outras excursões estabeleceu-se na colonia de Panamá, que era então governada por um fulano Pedrarias.

Descobrira por esse tempo Nunes de Balboa o mar Pacifico. Explorando o interior na direcção do Occidente, subira a um morro, e vira de subito desdobrar-se diante d'elle uma liquida extensão em cujas vagas se atufava o sol no occaso; grande novidade para quem havia muito que via sempre surgir o sol das aguas, e esconder-se por traz da cortina das florestas. Além d'essa importante noticia trouxera Nunes de Balboa aos estabelecimentos hespanhoes vagas informações que recebera dos indios ácerca d'esse paiz maravilhoso, que ficava para o sul, e onde abundava o oiro. Bastou isso para inflammar a imaginação dos hespanhoes, e logo se prepararam expedições para o descobrimento d'essas terras, mas todas foram infelizes, e sempre encontraram apenas bosques espessos e aridas montanhas, de fórma que passou em julgado terem sido sonhos de Balboa, ou mentiras dos indios as maravilhas, cuja vaga noticia elle transmittira aos seus compatriotas.

Empreza, perante a qual todos trepidavam, era das mais proprias para excitar a energia de Pizarro. Quiz o acaso que se lhe deparasse na colonia um homem de tempera igualmente rija, bem que de talentos inferiores aos do bastardo. Esse homem era Diogo d'Almagro. Menos feliz ainda no seu nascimento do que Pizarro, se este era filho natural e desprezado, era engeitado aquelle. A estes dois juntou-se como socio capitalista, um Fernando de Luque, padre e mestre-eschola. Um mestre-eschola capitalista é uma d'aquellas maravilhas, que só se viam no século XVI. E' certo que o padre possuia grandes riquezas adquiridas na America, e que, seguindo o proverbio francez *«L'appétit vient en mangeant»* se deixou deslumbrar pela perspectiva de elevar essa opulencia a uma altura fabulosa.

Constituida a associação e approvada pelo governador de Panamá, foi nomeado Pizarro pelos seus socios chefe da expedição, e ficou Almagro encarregado de alistar mais aventureiros, a fim de os enviar em reforços successivos a Pizarro. Este partio a 14 de novembro de 1524, commandando um só navio e levando ao todo cento e doze homens. Foram sempre assim os exercitos com que os hespanhoes subjugaram a America, e, maravilha ainda mais estupenda, orçavam pelo mesmo numero as tropas portuguezas, que derrotavam os soldados do sultão do Egypto, e os bellicosos Musulmanos da India.

Depois de setenta dias de navegação, achava-se Pizarro ainda nas costas agras e selvagens, que já haviam desanimado os seus antecessores. Mas era de outra tempera o espirito do novo descobridor. Vendo a sua equipagem fatigada e dizimada pela doença, não quiz por fórma alguma abandonar a empreza, e estabeleceu os seus quarteis em Chuchama, defronte das ilhas das Perolas, onde esperou os reforços de Almagro.

Já este saira com setenta homens de Panamá, porém julgando os seus companheiros mais avançados foi aportar muito para baixo do sitio onde elles estavam, e, quando se julgou proximo, desembarcou e principiou a procural-os. Aqui temos nós os dois heroicos expedicionarios, perdidos um do outro; Pizarro espreitando com impaciencia o horisonte onde não avulta nem uma vela, Almagro abrindo caminho atravez de florestas virgens, soffrendo das intemperies do clima, combatendo a cada instante com bandos de indios selvagens, e procurando debalde os rastos dos seus companheiros n'essas mattas intrincadas, onde o pé do viajante curvando os ramos, deixa tantos vestigios como a quilha dos navios abrindo o sulco espumoso nas vagas do Oceano.

Reunio-os o acaso, mas não era já reforço que Almagro trazia ao seu companheiro; era um accrescimo de miseria e de desanimação. Não vergava facilmente o aço do espirito de Pizarro. Obstinou-se em ficar e enviou Almagro a Panamá para fazer novo recrutamento.

Não era facil a tarefa. A noticia das desgraças da expedição entibiou o animo de todos. Demais o novo governador D. Pedro de los Rios, homem prudente mas de espirito acanhado, temendo que a sua propria colonia se desbaratasse com a perda de braços, chamados pelo attractivo do lucro de expedições longinquas, prohibio que se alistassem novas tropas, e enviou um navio a Pizarro, com ordem peremptoria de o trazer a Panamá. Desobediente sublime, Pizarro desembainhou a espada, e traçando uma linha na areia, disse para os seus que a passassem os que não desejavam continuar a soffrer os riscos, a que elle se ficava expondo. Não encontrou echo no espirito desanimado dos seus companheiros esta nobre resolução, e apenas treze resolveram não abandonar o seu chefe. Mas os treze, que haviam resistido áquella prova tremenda, formavam um corpo de heroes, para os quaes o impossivel seria uma palavra desconhecida.

O governador de Panamá, irritado com esta desobediencia, protestou que abandonaria Pizarro á sua sorte. Mas a opinião publica reagio contra a decisão; a sublime loucura d'esses quatorze homens inflammou o espirito dos hespanhoes, e todos protestaram energicamente contra a idéa de os abandonar aos perigos da sua empreza. Cedeu o governador á voz geral, e enviou um navio a Pizarro, mas apenas tripulado com a gente indispensavel para a manobra.

Havia cinco mezes que os quatorze aventureiros soffriam incriveis inclemencias na ilha de Gorgona. A apparição d'um navio foi para elles causa de grande jubilo, e os companheiros de Pizarro saudaram com alegria a idéa de se irem refazer na colonia das suas incomportaveis fadigas. Ainda não conheciam bem o seu chefe. Em vez de satisfazer a esse geral desejo, Pizarro só teve uma idéa, marchar para a frente. A sua alma heroica retemperára-se no fogo da desventura, e a sua natural eloquencia, ajudada pelo exemplo da sua firmeza inabalavel, fascinou por tal fórma os que o ouviram que não só os seus treze heroes, mas tambem a equipagem do navio, que o vinha buscar, se deixaram arrastar por elle e se abalançaram a novos riscos, e a novos perigos.

Cortez queimára os navios para tirar aos seus a idéa de regressarem á patria, mas tinha diante de si um imperio magnifico, e podia mostrar-lhes a esplendida recompensa dos seus trabalhos; Pizarro, em paga da obediencia dos seus companheiros, não lhes podia ainda prometter senão miseria, fome, doenças, e naufragios.

O premio da sua constancia não se fez esperar. Vinte dias depois de partirem de Gorgona, descobriram um paiz cultivado e rico, semeado de aldeias populosas, e senhoreado pela cidade de Tumbez, onde os aventureiros deslumbrados poderam contemplar templos e palacios, em cujos muros scintillavam, á luz do sol americano, massas enormes d'esse fulvo metal, que fazia dos europeus heroes e bandidos.

Era finalmente o Peru.

Aqui finda a epocha mais brilhante da carreira de Pizarro. A firmeza heroica, a inabalavel constancia do seu animo conquistam sem custo o respeito da posteridade. Mas agora surgem as maculas, e o caracter do heroe vai-nos apparecer, como realmente era, um estupendo conjuncto de genio e de perfidia, de bravura e de crueldade, de abnegação e de avareza.

(*Continua*)

Volta hoje ás columnas do *Panorama* um dos seus filhos mais queridos. É Rebello da Silva; nome illustre a quem este jornal deve tão brilhantes paginas. Não foi necessario exaggerar os nossos rogos para obtermos do auctor da «Mocidade de D. João V» as eruditas e eloquentes linhas que se vão ler sobre a historia do nosso paiz; porque Rebello da Silva, não tinha ainda perdido o amor ao jornal onde manteve com sabia mão os creditos da escóla litteraria inaugurada pelo mestre inimitavel das nossas letras, Alexandre Herculano, o historiador sem rival.

Se o nosso agradecimento não offendesse uma prova de gratidão, nós, discipulos humildes, desde já nos declarariamos extremamente lisongeados por esta illustrada collaboração. Mas a legitimidade e grandeza da offerta estão acima dos nossos encomios. O que simplesmente nos resta, é fazermos votos para que tão valioso auxilio continue por dilatados volumes do *Panorama*.

Sr. redactor.

Satisfaço do modo possivel ao desejo obsequioso, que teve a bondade de manifestar. O *Panorama* é o mais antigo, e foi o mais illustre dos jornaes litterarios do paiz. Foi o primeiro que desbravou o terreno, que abrio e aplanou a estrada. Somos, quasi todos, discipulos do mestre, que ergueu ahi os padrões da restauração das letras, iniciando os progressos modernos. Desde «Mestre Gil» e as «Arrhas por Foro de Hespanha» até ao «Bobo,» desde os artigos sobre os «Monumentos» até ao bello estudo que se intitula o «Parocho de Aldeia» A. Herculano, inexgotavel senhor e soberano de todos os segredos da arte, percorreu com passos firmes e largos a estrada, por onde alguns de nós com tanta fadiga nos arrastâmos.

Coube-me depois a honra de tambem assentar uma, ou outra pedra rustica nos lanços desamparados do edificio, collaborando no *Panorama*. Sinto que outras occupações me roubem o tempo, e me não consintam dedicar-lhe ainda os cuidados, que em época mais feliz, quando me sorriam os annos juvenis, com tanto prazer lhe consagrei.

Faço o que posso, comtudo. Ahi vai esse fragmento do Livro I, do Tomo III da *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*. O periodo, a que se refere, é dos mais tristes e apagados na existencia nacional. Encetavamos, depois das côrtes de Thomar, a via dolorosa, que, por entre martyrios e provações, nos levou á revolução de 1640. Em 1581 a ilha Terceira era o asylo e o baluarte dos ultimos defensores da independencia,

como outra vez o foi em 1832. O episodio, que lhe envio, prova que, se outros homens houvessem dirigido a resistencia, nunca Portugal teria caido em captiveiro.

Desculpe V. a humildade da offerta, e creia que nasce da intenção sincera, e do apreço e estima, que merece o jornal, e abonam os esforços desinteressados de seus distinctos redactores. — Cintra, 5 de agosto de 1866. — De V. etc. — *Rebello da Silva.*

DERROTA DE VALDEZ NA TERCEIRA

Fragmento

A Terceira, tida já então por cabeça dos Açores, devia a preeminencia á posição. Escalla dos navios e armadas na derrota das indias, a braveza dos mares, que lhe rebentam em roda, a furia dos temporaes, que lhe semeavam as praias de naufragios, e a aspereza das costas quasi inaccessiveis, tornava a defesa facil. Enriquecida pela continuação das naus de S. Thomé e do Brazil, dos galliões da Mina, e das frotas de Castella e Portugal, os navegantes acudiam a seu porto para esquecerem os trabalhos e privações de longos mezes de viajem. Prospera e socegada até ao anno de 1580 só de nome conhecera as guerras, a escacez, e os contagios. Na ditosa ignorancia dos flagellos, que açoutavam o continente, engrossára de dia para dia com os lucros da exportação de seus trigos, de que se abasteciam a Madeira e o sul de Portugal, e com o fornecimento das esquadras, soccorridas com mão larga, graças á fertilidade do torrão. (1) Os sentimentos espontaneos da população sublevaram a ilha. As novas da morte de D. Sebastião e da acclamação de D. Henrique espertaram o amor da independencia. Cartas de D. Antonio e da camera de Lisboa, communicando os successos de Santarem e da capital, no mez de junho de 1580, e pedindo apoio, acabaram de decidir os moradores. Confiados na fortaleza da terra, e nos auxilios de França, abraçaram a causa do rei portuguez. Cypriano de Figueredo Vasconcellos, corregedor desde o anno de 1578, tambem optára pela defesa do throno popular, que a essa hora baqueava em Alcantara e no Porto, demolido pelos capitães de D. Philippe. Figueredo, modesto na prosperidade, mostrou-se depois superior aos revezes. A camera de Angra, e o procurador da cidade, proclamaram o prior do Crato. Os padres jesuitas, o bispo dos Açores D. Pedro de Castilho, João de Bettencourt Vasconcellos, e poucos mais, formando o nucleo dos adherentes de Castella, apenas protestaram com o silencio, ou com a ausencia. Os neutros e os indifferentes, recolhidos em casa, estranhavam como funestas todas as novidades, porém nas ruas e praças o enthusiasmo da plebe convertia em festa publica a ceremonia da acclamação.

Cypriano de Figueredo assumio o poder com applauso quasi geral. Depressa o apertaram as difficuldades de tão arriscada empresa. Seguio-se a verdade ás fabulosas victorias de D. Antonio, e calou o desalento nos animos dos timidos, e dos tibios. Soube-se que longe de contar em seu favor as armas do povo de Portugal, e as de França e da Gran-Bretanha, o Prior fugia destroçado deante dos terços de Sancho de Avila. As esperanças dos habitantes voltaram-se então para a protecção estrangeira, e, expostos ao resentimento do rei catholico, fitaram os olhos no mar com anciedade. As primeiras velas podiam annunciar os galliões de Castella, ou os soccorros desejados. (2)

A esse tempo não eram pequenas tambem as preoccupações de Philippe II em Lisboa. Avisado de tudo o que se urdia contra elle na Europa pelas confidencias do duque de Toscana, e pelos officios de Maldonado, de D. Bernardino de Mendonça, e de João Baptista Tassis conhecia os designios das côrtes de Londres e de Paris, embora os dissimulasse. Os perigos eram grandes. A Terceira, nas mãos de D. Antonio, proporcionava a Henrique de Valois e a Isabel Tudor grandes facilidades para se apoderarem d'ella a pouco e pouco com o pretexto de a defender; e se uma vez os navios do intrepido e aventuroso Drake, unidos aos do capitão Carlos de Bordéos, a dominassem, as armadas de Hespanha, e de Portugal encontrariam a ruina, ou o captiveiro nos portos aonde costumavam repousar-se, ou refugiar-se. Uma circumstancia propicia favoreceu então o rei. A ilha de S. Miguel não acompanhára a Terceira, e as ilhas de Santa Maria, do Corvo, e das Flores tinham preferido, imitando-a, a tranquillidade á desobediencia. O bispo dos Açores e os padres da companhia de Jesus de Angra foram os auctores d'esta deliberação, segundo se divulgou depois.

(*Continua*) REBELLO DA SILVA.

(1) *Relação das cousas que aconteceram na ilha Terceira.* — *Lettres contenant les Relations de tout ce qui s'est passé aux isles Tercéres, etc.* M. da Acad. Real das Sciencias de Lisboa cod. 19-13 p. 1-7.

(2) *Relação das cousas que aconteceram na ilha Terceira.* Capit. II, III, e IV. — *Lettres contenant tout ce qui s'est passé aux isles Tercéres*, etc. pag. 1-7.

A esperança do premio é o consolo do trabalho.

SENECA.

UM LEITOR DO SECULO PASSADO.

Um individuo chamado Texier, que adquirio, como leitor, uma grande reputação no seculo dezoito, dava, dizem, a certa comedia de Collé, um valor tal, que a punha muito acima do que realmente valia, como producção litteraria, e tornava-a ainda mais interessante que em scena. Luiz XV teve uma vez a fantasia de ouvil-o; mas, logo ás primeiras scenas o velho monarcha adormeceu. Texier offendido, ia levantando a voz; Luiz XV cada vez resonava com mais força. O leitor indignado, reforça uma das suas inflexões com um valente murro sobre a meza. O rei, acorda sobresaltado, levanta-se, e percebendo a intenção do leitor, manda-o pôr fóra da porta com um ☞ *Sahi!* cuja entoação ficou para sempre gravada na mente do pobre Texier.

Typ. Franco-Portugueza = Rua do Thesouro Velho, 6.

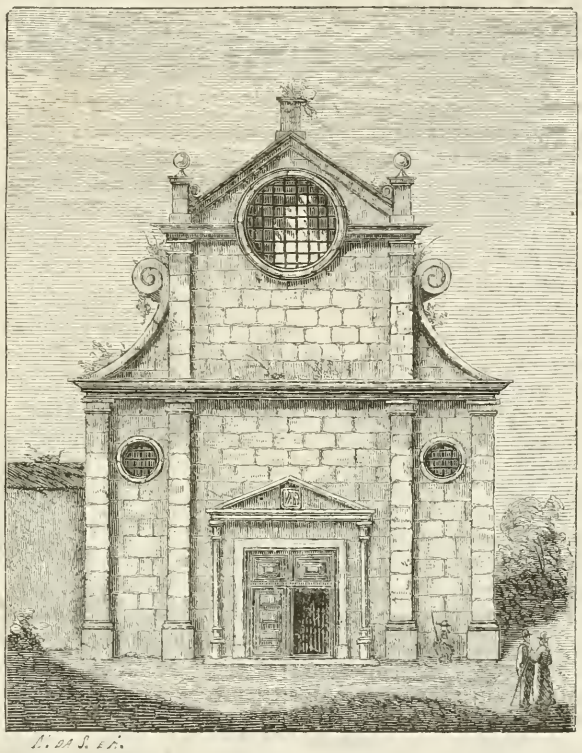
MONUMENTOS NACIONAES ANTIGOS

II

O tumulo de S. Fr. Gil estava vasio, a loisa levantada e quebrada!...
Quem me roubou o meu santo?
GARRETT. — *Viagens.*

Convento de S. Domingos de Santarem

Talvez nenhuma villa de Portugal contasse jámais no seu seio tantos monumentos antigos, como Santarem. Romanos, Godos, Mouros e Christãos, todos conheceram a importancia deste local, e n'elle, como á porfia, deixaram monumentos da sua existencia. Mas, como era natural, quem mais embellezou a antiga Scalabis dos Romanos, foram as ordens religiosas. Ide a Santarem, percorrei os antigos bairros da villa, e por toda a parte vereis as negras paredes dos templos ameaçando ruina: eram templos e mosteiros as obras de nossos antepassados: mas procurai tambem as obras dos modernos... certamente em nada os encontrareis adiantados nesta villa, senão na arte de empregar a picareta e o camartello na demolição de tudo, quanto é antigo, de tudo, quanto é nobre, de tudo quanto póde dar honra a nossos maiores. Santarem causa horror: e o antiquario, o amante das artes, o indagador dos monumentos historicos deve fugir desta villa.



Convento de S. Domingos de Santarem

Tambem S. Domingos de Santarem não escapou da assolação geral. Conta-se que, durante a guerra peninsular, chegando os Francezes a uma aldeia hespanhola com tenção de a arrasarem, e perguntando pelo seu nome, ouvindo que se chamava *Del Toboso*, nome tão conhecido no D Quichote, e immortalisado pela penna de Cervantes, deram uma gargalhada, e a aldeia ficou incolume. Dizem tambem as historias antigas, que os Macedonios abstiveram-se de arrasar uma cidade por ser patria d'um sabio illustre. Mas a S. Domingos de Santarem nada poude valer: nem a sua muita antiguidade, e recordações historicas, nem as cinzas de tantos varões illustres, que ali estavam dormindo o ultimo somno, nem as lendas religiosas e tão poeticas que se contavam dos seus antigos moradores, nem mesmo a penna maviosa de Fr. Luiz de Sousa! D'aqui por diante a capella-mór, obra do infeliz D. Sancho II, que ainda existe intacta, servirá de deposito de feno e palha. [1] As cinzas de Gil e Martim Ocem, e as dos infantes D. Affonso, e Fernando Sanches, e de tantos outros varões illustres serão espalhadas pelo chão, calcadas pelos cavallos e cobertas de estrume: os ricos jazigos destes varões illustres tambem pódem servir para bebedouro dos cavallos. Aquelles claustros, que tantas vezes ouviram os gemidos e os prantos de S. Fr. Gil, que tantas vezes foram borrifados com o sangue deste tão grande physico, peccador, feiticeiro, e santo, são hoje theatro, em que os toureadores exercitam sua arte cruel. Os povos não se reunem aqui para ouvirem as vozes eloquentes dos varões que, com sua palavra e viver, educavam os povos no caminho da verdade, porem hoje apinham-se neste recinto para ver maltratar animaes e escalavrar ou aleijar homens. As capellas são despejo das mais asquerosas immundicies. E tudo isto dentro em pouco cahirá em

(1) Veio ultimamente uma ordem para esta igreja se entregar tambem ao regimento de cavallaria alojado em S. Francisco

ruinas, e de S. Domingos de Santarem por largos annos apenas se verá um montão de entulho.

O convento de S. Domingos de Santarem teve seu principio na parte baixa da villa chamada Montyrás. [2] Mas, mais tarde, por causa do grande incommodo, que os frades tinham, quando subiam ao alto da villa a prégar, fizeram um pequeno mosteiro na parte superior da povoação, que tem o nome de Chão da Feira, em que havia uma ermida, dedicada a Nossa Senhora da Oliveira. Parece ter sido este convento fundado em 1225. Constou ao rei D. Sancho I a mesquinhez com que os frades levantavam o seu mosteiro, segundo a regra da sua ordem, e, como era amigo de edificações religiosas, ordenou-lhes que continuassem na fundação do convento segundo as leis da sua religião, mas que da igreja e claustro elle queria ser o fundador. Não teve este rei tempo para levar ao cabo esta obra, atalhado pela morte; porém foi continuada vagarosamente por seu irmão, D. Affonso III, e por fim terminada pelas esmólas dos fieis, compensadas com indulgencias, para o que conseguiram uma bulla de Alexandre IV em 1257. Em 1604, sendo Provincial Fr. Manuel Coelho, achava-se a igreja e claustro em tal estado de ruina, [3] que não houve outro remedio senão proceder a uma reconstrucção total, á excepção da capella mór, cruzeiro e algumas capellas, que se conservaram como estavam na primitiva, por se acharem em excellente estado de conservação. A igreja era sumptuosa, sendo toda de abobada de tijolo. Tinha tres naves com dez columnas, de ordem Toscana. O tecto da capella-mór era de abobada enredado de pedraria, lavrada e com engraçados florões. Era templo concorridissimo dos fieis, que ali se dirigiam movidos da devoção que tinham a S. Fr. Gil. [4] Muito mais poderia dizer a respeito deste mosteiro, mas para quê? Quem não poderá ler o assumpto tratado com desenvolvimento pela penna de Fr. Luiz de Sousa? Quem haverá tão desprezador da litteratura patria, que não passe horas deliciosas na leitura dos feitos e lendas de Fr. Gil? D'esse que foi escolhido pelo celebre D. Sueiro para continuar a introduzir a Religião Dominicana em Portugal?

M. Bernardes Branco.

HISTORIA DA ROSA

As rosas eram empregadas tambem de outros modos mui differentes Os sybaritas dormiam em leitos que estavam cheios de folhas de rosa, e bem conhecida é a anecdota do celebre Smindyrides, que não poude dormir uma noite porque uma folha de rosa se lhe enrolara debaixo do corpo. O tyranno de Syracusa mandava preparar leitos de rosas, e algum tempo depois os romanos acostumaram-se a assentar-se á mesa sobre almofadões de rosas. Cleopatra, em um banquete que deu em honra de Antonio, gastou immensa quantidade de rosas e ordenou que o solo da casa em que teve lugar a festa estivesse coberto com mais de uma vara de altura de folhas de rosa, sobre as quaes mandou lançar uma rede, para sugeital-as. Na celebre festa da agua de Bayos, toda a superficie do lago Lucrino foi coberta de rosas. Néro fazia com que em suas orgias chovessem rosas por aberturas praticadas no tecto da habitação. Heliogabalo levou esta exageração a uma tal demencia, que mandou afogar com flores uma multidão de convidados de que não podia desembaraçar-se. No tempo de Domiciano havia em Roma innumeraveis jardins de rosas que chegaram a ser plantações de uma extensão immensa, e cujo aroma era tal que mesmo nas ruas atordoava. «Egypcios enviai-nos cereaes que vos enviaremos rosas em troca,» dizia Marcial ao ver esta abundancia.

As rosas serviam tambem como medicamento entre os antigos; Hyppocrates julga-as um remedio efficaz contra a hydrophobia e logo se consideram como um medicamento adstringente e refrigerante. Depois foram, até, empregadas nos alimentos. Apicio descreve assim um manjar de rosas. «Tomem-se, diz este intelligente na arte culinaria, folhas de rosas lavadas; separe se cuidadosamente a parte branca da extremidade inferior da folha, deitem-se depois em um almofariz e pizem-se, ajuntando-lhes constantemente salsa picante. Depois accrescente-se-lhe mais uma pequena porção d'esta salsa, e passe-se tudo por um peneiro. Logo, tomam-se os miolos de quatro cabeças de vitella, e ajunta-se-lhes uma drachma de pimenta bem moida. Piza-se bem em um almofariz humedecendo-o com a dita salsa. Em seguida deitam-se oito ovos e mistura-se-lhe um copo de vinho e outro de licor, ajuntando-lhe um pouco d'azeite; por ultimo, depois de dar a esta massa a forma que se quer, humedece-se por fóra com azeite, e cose-se em um forno, de modo que receba tanto calor por cima como por baixo, e serve-se quente na mesa.»

As rosas serviam igualmente para preparar bebidas, como, por exemplo, o vinho de rosas. Plinio diz d'este: «Tomem-se 40 drachmas de folhas de rosa, e depois de tel-as espremido bem, passem-se para um panno, e ponham-nas em uma vasilha, com um peso em cima, para que se conservem sempre no fundo; depois deitar-se-hão sobre ellas 20 pintas de mosto e deixal-as-hão assim ficar por espaço de tres mezes.»

Os antigos faziam tambem oleo de rosa, mas era muito differente do que hoje se fabrica no Oriente; para extrail-o deitavam folhas de rosa em uma vasilha com agua que collocavam ao sol; a parte oleosa saía á superficie e tinham então o cuidado de colhel-a com um pedaço d'algodão muito limpo, espremendo-o depois em um frasco hermeticamente tapado; mas nem todas as classes de rosas davam igual quantidade de oleo. O melhor e mais puro tem uma côr de limão transparente, e conserva sempre o mesmo corpo, excepto quando se leva ao fogo, que se torna mais liquido. Introduzindo-se no frasco a ponta de uma agulha e tocando-se depois com ella em um lenço, este conservará por muitos mezes um aroma forte a rosa. A essencia de rosa chamada *Athar* ou *Ottor*

(2) Fr. Luiz de Sousa. Historia de S. Domingos, liv 2. cap. 1.
(3) Ignacio da Piedade e Vasconcellos. Historia de Santarem, vol. 2.º pag. 53.
(4) O tumulo deste celebre feiticeiro está hoje no museu de antigaidades no Carmo em Lisboa.

pelos Orientaes, é um artigo de commercio muito importante nas costas da Berberia, Syria e Persia, onde é pago a peso de ouro. A melhor essencia é a de Cachemira, depois a da Persia e depois a da Syria. O nardo da Biblia parece ser uma cousa analoga, posto que a rosa é chamada *nard* em arabe.

Nos tempos obscuros da idade media parece ter-se abandonado um pouco o cultivo da rosa, mas, com tudo, ha uma ordenança de Carlos o Grande que recommenda aos Francos a plantação e cultivo d'esta flor, Os benedictinos fizeram grandes esforços depois para estender o seu cultivo e em qualquer ponto onde se creasse um convento d'esta ordem fazia-se logo em seguida um jardim de rosas. A rosa foi mui cultivada pelos arabes que a apreciavam muito. O sabio Ewe-el-Awam, em um livro que escreveu no seculo XII sobre agricultura, dá varias noticias ácerca do seu cultivo. Os cruzados introduziram em França e em Allemanha differentes especies até então desconhecidas; assim foi semeada na Provença a rosa de Damasco no anno 1100. A rosa de cem folhas era uma cousa summamente estranha na idade media e o botanico Clusio, em uma obra que deu á luz em 1589, cita como caso extraordinario uma rosa de cem folhas que vira na Hollanda, accrescentando que em Francfort sobre a Mein vira tambem algumas em casas de pessoas de elevada jerarchia.

Lobel, o botanico de Jacob I d'Inglaterra, publicou em 1581 uma descripção de dez especies de rosas; Bauhin conhecia já 19 em 1629; Wildenow 36 em 1779 e Parsom 46 na sua *Sypnoses plantarum*, publicada em 1798, entre as quaes figura a linda rosa de Bengala, cuja patria é a China.

No occidente, porem, da Europa, nem mesmo nos grosseiros tempos da idade media, era esquecida a rosa; uma prova d'isto é a festa chamada da *roseira* em Salency cuja origem teve lugar no sexto seculo. A tradição diz que S. Medardo foi quem estabeleceu este costume; o seu objecto era dar á joven mais virtuosa do povo no dia 8 de junho de cada anno, um premio de 25 libras com uma coroa de rosas, e a fim de que se conservasse sempre este costume, legou para isso uma porção de terras que possuia; a primeira joven que obteve este premio foi a irmã do santo. Outras festas pelo estylo d'esta tinham lugar tambem em outro tempo em varios pontos da França, como Saint Sauveur, La Falaise, Nancy, Meaux, etc.

Em muitos escudos de armas de varios paizes encontram-se tambem rosas, como no d'Inglaterra, no de Lippe e nos dos ducados da Saxonia. Luthero tinha uma rosa no seu sello. Uma multidão de povoações da Allemanha teem o seu nome composto da palavra, como Rosenthal, Rosenau, Rosenberg, etc. etc. Nas armas do Vehma ou antigo tribunal secreto da Allemanha, havia a imagem de um cavalleiro com um ramo de rosas na mão. Quando qualquer dos individuos d'este terrivel tribunal via uma rosa era obrigado a beijal-a. A rosa era representada frequentemente nas obras de arte da idade media e figura em um grande numero de obras antigas, como na novella da Rosa, em Amadis, em Parzival, na novella de Perceforet e nas obras do Chaucer

A rosa occupa um lugar mui distincto na igreja da idade media. Em Allemanha ha varias tradições que se referem a uma rosa de Santa Izabel de Auringia e a outra do convento de Altenberg. Santa Dorothea recebeu tambem de um anjo um ramo de rosas com o qual a representam. Diz-se que depois de morto o bispo Luz, sobrinho de Luiz XI de França, saío-lhe uma rosa da boca. Da nossa rainha Santa Isabel, mulher de D. Diniz, conta-se, igualmente, que levando um dia em um lenço pedaços de pão e dinheiro para dar aos pobres, estas esmolas se transformaram em rosas; porque questionada por seu marido, que a encontrara fóra do palacio, sobre o contheudo da trouxinha, lhe respondera que eram flores. Em Roma ha o domingo de Rosas (o quarto da quaresma), no qual o Papa abençoa uma rosa de ouro para com ella presentear opportunamente alguma igreja ou alguma pessoa real, como succedeu por occasião do baptisado do actual principe imperial da França. Este costume tem sido seguido desde o undecimo seculo. Anteriormente, em França, levavam-se á igreja grandes jarros com agua de rosas para os baptisados. Quando baptisaram Ronsard, o poeta mais distincto do tempo de Henrique II, a ama que o levava nos braços á igreja deixou-o cair sobre um montão de flores e a mulher, portadora do jarro com a agua de rosas, teve tão grande susto, que derramou toda a agua sobre a criatura; o que foi interpretado como um indicio da boa sorte do menino, e a tradição attribue a este successo o grande exito das suas poesias.

Tornando, porem, á historia, acharemos varias ordens e sociedades secretas que se criavam nos seculos XVII e XVIII e que adoptaram por nome e symbolo uma rosa. Assim, por exemplo, os cruzados da rosa, que pretendiam fazer reformas na igreja e no estado, e cujo distinctivo era uma cruz de Santo André, com uma rosa rodeada de espinhos e com este distico: *Cruz Christi Corona christianorum*. Em Paris houve tambem a sociedade chamada dos *Rosati*, na qual não podia entrar ninguem que não tivesse feito alguma composição poetica em louvor da rosa. Em fim ha as tres ordens da rosa creadas ultimamente: a do duque de Chartres, que era a reunião de todos os libertinos de Pariz e de todas as mais notaveis cortezãs em 1780; a ordem da rosa, criada por D. Pedro I, imperador do Brazil e a ordem allemã da rosa, criada em 1784 por Grossinger.

A sciencia conta hoje umas 3:000 classes e variedades de rosas, cujos caracteres distinctivos só os conhece o verdadeiro intelligente na materia. O cultivo maior de rosas é o que se faz em França; tanto as d'este paiz como as d'Inglaterra e Allemanha teem uma merecida reputação; mas, parece-nos que não teem o aroma das nos-

sas ou das d'Hespanha e d'Italia. A imperatriz foi a primeira que deu impulso ao seu cultivo, fazendo com que o seu jardineiro puzesse no jardim do seu palacio de Malmaison todas as letras do seu nome formadas das mais estranhas rosas. Em França criavam-se escolas, em Paris, Versailles, Rouen, etc. onde se ensinava o cultivo d'esta flor. No condado de Hertford é onde estão os melhores jardineiros para rosas que a Inglaterra possue e ali publicou-se ainda não ha muitos annos um livro tratando d'esta flor.

Em Allemanha tinham fama as collecções de rosas de Cassel; na actualidade os maiores jardins d'ellas estão em Dusseldorf; tambem os ha muito bons em Witzleben, Koestritz, etc.

Concluiremos citando a maior roseira que se conhece no mundo; é uma branca que está no jardim da marinha de Toulon; conta já 40 annos, e em 1742 o seu tronco tinha dois pés e quatro pollegadas de circumferencia; a sua altura é de 15 a 18 pés, e quando floresce (que é do meiado de Abril a meiado de Maio), não dá menos de 50:000 rosas; o seu aspecto é magnifico, ou para melhor dizer encantador.

Em Caserta, ha outra roseira da mesma classe que attinge a altura de 60 pés. O barão Jaspes Nicholls de Goudrent em Inglaterra tinha uma que em 1854 deu de 17,000 a 18,000 rosas.

Quem pode exercitar a doçura de espirito no meyo das dôres, a generosidade no meyo das fraquezas, a paz no meyo das contradicções, este he mais que perfeito. A mansidão, a suavidade de coração, a igualdade de humor, são virtudes mais raras que a castidade: e assim as devemos ter em grande estimação. Não ha cousa que mais edifique, que a mansidão caritativa; nella como no azeyte da lampada, vive, e se nutre a chama do bom exemplo. MANUEL BERNARDES.

DON JOSÉ RIBERA.

O museu hespanhol do Louvre, essa vasta collecção de quadros que os francezes, sem maior ceremonia, foram levando de todas as provincias da Hespanha, acha-se aberto ha muito tempo, e tem-se podido distinguir, n'aquelle conjuncto de composições diversas, algumas telas dos grandes mestres, em que se reveiam eminentes qualidades. Mas, tambem, é forçoso confessar, uma grande parte d'aquellas obras não saem da existencia vulgar; prende-as uma grossa cadeia á vida terrestre. É justamente o contrario da escola italiana, que se eleva ás celestes regiões da arte. Em Hespanha, paiz que parece fugir da justiça, o artista pensa nas necessidades da vida, na ambição, na malvadez, no despotismo que o cercam. Se procura um assumpto, encontra a indigencia, e immediatamente cobre a sua téla de mendigos: as dores cruciantes dos martyres servem-lhe para exprimir a desolação que o rodêa. Alguns homens, porém, fizeram treguas por algum tempo com aquelle perpetuo gemido: citaremos Murillo, Luiz de Vargas e Ribera.

Ribera, a quem appellidaram o Espanholeto, unicamente para indicarem o paiz em que nascera, pertencia a uma familia nobre de Murcia. Destinado ao estado ecclesiastico, começou os seus estudos na universidade de Valencia. Frequentava tambem a esse tempo as aulas um dos filhos do pintor Ribalta. Relacionando-se, e tornando-se amigos, Ribera teve occasião de ver alguns desenhos d'aquelle artista, os quaes desde logo procurou copiar. Informado Ribalta da vocação do mancebo, e vendo o que elle fazia, disse ao filho que lh'o apresentasse, e deu-lhe licença para trabalhar na sua officina. Em pouco tempo, Ribera fez rapidos progressos, e seus paes, vendo a sua aptidão, consentiram em deixal-o partir para Italia. Dirigio-se a Roma, onde viveu sem meios, estudando todo o dia, e dormindo de noite debaixo dos alpendres. Assim andou muito tempo, até que em certo dia vio na igreja de S. Luiz algumas pinturas que lhe excitaram sympathia: eram obras do celebre Caravaggio. Ribera concebeu desde logo o projecto de procurar aquelle artista, que lhe poderia dar algumas licções. Não tardou muito que a fortuna lh'o não deparasse em um passeio: Ribera saio-lhe ao encontro, e disse-lhe, que desejava muito vel-o pintar. Caravaggio não fez mais que indicar-lhe que o seguisse e entraram ambos em uma casa de magnifica apparencia.

Imagina-se facilmente quão util não seria para o Espanholeto um ensino d'esta natureza. Caravaggio morreu, e o seu novo discipulo, começou a copiar muitas obras de Corregio: formou um estylo de pintura inteiramente novo, que não se assemelhava nem a Corregio nem a Caravaggio, mas que se sente inspirado pela a meditação d'estes dois mestres. A fortuna de Ribera estava feita, e em breve vio estabelecida a sua reputação. Um dia pondo a seccar ao sol um quadro do martyrio de S. Bartholomeu, foi tal a multidão que se apinhou para vel-o, que o duque d'Ossuna, avistando-a das janellas do seu palacio, mandou indagar do que déra motivo áquelle ajuntamento. Ordenou que lhe levassem o quadro, e desejou conhecer o seu auctor. Logo que soube que Ribera era hespanhol, nomeou-o seu primeiro pintor, dando-lhe uma consideravel pensão. Immediatamente começaram a pedir-lhe quadros para as igrejas de Napoles, para os conventos, palacios e para o rei de Hespanha. O exito que obtiveram a *Descida da Cruz* e a *Madona Bianca*, foi extraordinario.

Ribera enriqueceu em pouco tempo; a sua casa era magestosa, estava soberbamente mobilada, tinha carruagem, e dava a miude bailes esplendidos.

A opulencia, porem, em que vivia, não o fez abandonar o trabalho. Na officina, a sua applicação era tal, que lhe acontecia muitas vezes passar o dia todo sem comer, nem beber. Como esta distracção prejudicava o seu temperamento, viose obrigado a ter sempre um homem junto de si, que lhe dizia de tempos a tempos: « Senhor Ribera, ha ja tantas horas que trabalha. » Effectivamente, era preciso que elle estivesse completamente absorvido no seu trabalho para poder produzir tantas obras tão estudadas e ao mesmo tempo tão perfeitas. Os seus maiores quadros apenas lhe levaram alguns mezes de trabalho; quanto aos de meio corpo, nos quaes havia um só personagem, como o S. Jeronymo e outros, acabava-os, para assim dizer, em horas.

Adoração dos Pastores (Quadro de Rivera)

A melhor tela de Ribera, que possue o museu do Louvre é, sem contradicção, a *Adoração dos pastores*, da qual é copia a nossa gravura; está ali bem claro o typo valenciano e castelhano. Vêde aquelles homens robustos que avançam para o Menino Deus: pelo rosto morenado e selvagem, pela sua attitude e vestuario, julgareis que fazem parte de um bando de contrabandistas das montanhas das Asturias; e aquella virgem, triste e meditabunda, de olhos brilhantes e vivos como as filhas de Sevilha, Granada e Cordova; e o Menino Jezus de gordas carnes e maciças, symbolo da força e do vigor material; porque, repetimos, um defeito saliente da escola hespa-

nhola, e do qual exceptuaremos, unicamente, Murillo, é a falta de poesia; tudo nas suas composições é vulgar; ha talento, algumas vezes genio, mas nada ali é celeste e divino.

OS BRAHMANES

O systema theologico do Brahmanismo apresenta-nos, no cume da sua hierarchia de divindades, um trio (*Trimurti*) composto de *Brahma*, *Vischnu*, e *Siva*; mas esta concepção não apparece logo na historia da India. Já dissemos que nos Vêdas e no Codigo de Manu, apenas se faz menção de *Vischnu* e *Siva*, e que estes Deuses não desempenham ahi papel algum. O proprio Brahma não recebe no Rig-Veda nenhum dos attributos da suprema intelligencia que, mais tarde, lhe foram attribuidos. No Manava-Dharma-Sastra, *Brahm*, o Deus supremo, unico, eterno, infinito, incomprehensivel, existindo por si mesmo, do qual o mundo e tudo quanto o compõe não são mais do que manifestações, rege, sob o nome de *Brahma*, o universo do qual é criador e destruidor. Brahm é tambem chamado *Paramatmâ* (a grande alma). Segundo o Codigo de Manu, o universo, na origem das cousas, estava mergulhado na obscuridade, imperceptivel e destituido de todo attributo distinctivo, quando «Aquelle a cujo espirito só é dada a percepção, que escapa aos orgãos dos sentidos, que não tem partes visiveis, eterno, a alma de todos os seres, que ninguem pode comprehender, manifestou o seu proprio esplendor. Tendo resolvido em seu pensamento fazer emanar da sua substancia as diversas criaturas, produzio primeiramente as aguas, nas quaes depositou um germen. Este germen tornou-se em um ovo tão brilhante como o ouro, tão resplandecente como o astro de mil raios, e do qual o ser supremo nasceu, sob a forma de Brahma, o avô de todos os entes. É, por esta causa imperceptivel, eterna, que existe realmente e não existe para os orgãos, que foi produzido esse varão celebre no mundo chamado Brahma. Depois Brahma, de ter existido n'este ovo um anno o Senhor, só pelo seu pensamento, dividio este ovo em duas partes, e, d'estas duas partes, formou o céo e a terra; no meio collocou a athmosphera, as oito regiões celestes e o reservatorio permanente das aguas.» Depois, quando Brahma, sahido do ovo, vai criar os elementos que hão de formar todos os entes do universo, dá-lhes o nome de *Paramatmâ*, alma suprema. Mas, note-se que não é Brahma quem directamente dá o ser ás criaturas. Cria primeiro Manu, que é quem, depois, as produz por uma serie de emanações. Entre estas criaturas, observa-se uma multidão de deuses, semi-deuses, genios, demonios, nymphas, monstros, etc., emfim, todos os elementos da mais fantastica mythologia.

É nos Pouranas, com especialidade, que se encontra bem desenvolvida esta mythologia exuberante que distingue o Brahmanismo. Aqui, Brahma figura pouco; acha-se, para assim dizer, vivendo na solidão, em quanto que Vischnu e Siva, por uma mudança inexplicavel, apparecem no primeiro plano, e não só tomam lugar a seu lado, como seus iguaes, mas ainda em certas occasiões se mostram superiores. Os attributos de cada um dos deuses que compõem a Trimurti india classificam-se d'este modo: BRAHMA, *sol*, *criador*, *poder*, *passado*, *materia;* VISCHNU, *agua*, *conservador*, *sabedoria*, *presente espaço;* SIVA, *fogo*, *destruidor*, *justiça*, *futuro*, *tempo*. Brahma, Vischnu e Siva constituem, em sua trindade indossuluvel, o ser supremo ou *Parabrahma*, que é representado emblematicamente por um circulo inscripto em um triangulo, e designado pela syllaba mysteriosa AUM, pela qual se deve começar e acabar toda a leitura dos livros sagrados. Esta unidade da Trimurti acha-se energicamente exprimida n'esta passagem do *Bhagavat-Pourana*. Um patriarcha dirige-se a Brahma, Vischnu e Siva, e pergunta-lhes qual dos tres é o verdadeiro Deus. As tres divindades respondem-lhe: «Sabei, ó penitente, que não ha distincção real entre nós; o que tal vos parece, só é apparente. O ser unico apparece sob tres formas pelos actos de criação, conservação e destruição; mas é um só. Render culto a uma d'estas tres formas, é rendel-o aos tres, ou ao unico Deus supremo.»

O esquecimento em que caío Brahma explica-se facilmente. Os povos Indios nada mais esperam do Deus criador, mas teem tudo a esperar e tudo a temer das duas divindades cujas funcções especiaes são a conservação e a destruição. Por consequencia, não se encontra na India nenhum templo dedicado a Brahma; hoje, até, o seu culto e nome estão em completo esquecimento. Os Indios actuaes não honram senão Vischnu e Siva: d'ahi, tres seitas, ou, para melhor dizer, tres religiões distinctas e inimigas. Eis o quadro que d'ellas traça o abbade Dubois, de accordo n'esta parte com os homens que melhor teem estudado o estado religioso dos Indios de nossos dias: «Geralmente os indios fazem profissão de honrar igualmente as duas grandes divindades do paiz, que são Vischnu e Siva sem darem preferencia a esta ou áquella. Comtudo, acha-se entre elles um grande numero de sectarios dos quaes uns se inclinam exclusivamente ao culto de Vischnu e outros ao de Siva. Os primeiros são, em geral, designados pelo nome de *Vischnu-baktar*, que significa devotos de Vischnu, e os segundos pelo de *Siva-baktar*, ou devotos de Siva. Estes tambem se chamam *Lingadarys* e aquelles *Nahmadarys*. Estes nomes ultimos derivam dos signaes distinctivos que trazem para se darem a conhecer. O signal dos devotos de Vischnu é a figura chamada *Nahmam*, que elles imprimem na fronte: é formada de tres linhas, uma perpendicular e duas obliquas, que, reunindo-se na sua base, dão a este signal a forma de um tridente. A linha do meio é encarnada, as duas lateraes são brancas e traçadas com uma especie de terra chamada *nahmam*, donde deriva o nome que se deu a esta figura. O signal distinctivo dos devotos de Siva é ordinariamente o *lingam*. Trazem-no algumas vezes atado no ca-

bello ou nos braços mettido em um pequeno tubo de prata; mas, quasi sempre, suspendem-no ao pescoço, e a caixa de prata que o encerra desce-lhes sobre o peito. Cada seita exalta o Deus que adora, e procura deprimir o da seita opposta. Os devotos de Vischnu pretendem que é aos cuidados d'este deus que se deve tudo quanto existe; que é a elle só que Siva deve o seu nascimento e a existencia, porquanto foi elle quem o salvou em muitas circumstancias nas quaes, sem o seu soccorro, não poderia evitar uma perda certa; que está pois, a todos os respeitos infinitamente acima de Siva, e que só elle deve ser honrado. Os devotos de Siva, por sua parte, sustentam que Vischnu não vale nada e que nunca praticou senão baixezas, que o aviltam. Provam estas asserções com muitos episodios da vida d'este Deus. Siva, segundo elles, é o soberano senhor de tudo quanto existe, e concluem que só elle merece as adorações dos homens. Estas reciprocas pretenções dão lugar muitas vezes a grandes disputas e a rixas violentas.» É justo accrescentar: «Que a maior parte dos Indios e, sobre tudo, os Brahmanes, nunca tomam parte n'estas questões relgiosas. O systema destes ultimos é honrar igualmente as duas principaes divindades do paiz; e, ainda que, geralmente, pareça inclinarem-se mais para Vischnu, não deixam passar um dia sem offerecerem, em suas casas, um sacrificio ao lingam, emblema de Siva.»

(Continua)

A SUPERFICIE TERRESTRE

Transportemo-nos pelo pensamento ao longe no espaço, de modo que possamos d'ahi contemplar o nosso globo com todas as desigualdades da sua superficie. Os continentes parecer-nos-hão manchas negras e desiguaes, sobre uma superficie lisa, manchas que, soltas para o polo do sol, adherem ao vasto lençol gelado do polo do norte por meio de prolongamentos de uma alvura deslumbrante. Estes prolongamentos de gêlos eternos, a nivel com o solo polar, elevam-se gradualmente e desenham-se, serpenteando, como rios gelados cujas ramificações, seguindo as cimas sinuosas das mais altas cadeias de montanhas, estendem-se até o equador. Nas manchas negras, irregulares, domina a côr verde: são as roupagens da natureza vegetal. Nas dobras d'estas amplas roupagens, não vêdes agitarem-se aqui e ali, como grupos parasitas? São as legiões do reino animal das quaes o homem é o chefe. Os flancos abruptos d'estas dobras offerecem todas as colorisações proprias do reino mineral. Mas tudo ali parece immovel como sobre a neve eterna. A vida anima unicamente as aguas e as rochas cobertas de homens.

A cal, a argilla, a ocre e a silica, eis as substancias mineraes que constituem principalmente a crosta terrestre. Estão universalmente espalhadas pela superficie do globo; encontram-se em todos os climas, tanto na zona frigida como na torrida; a sua identidade de aspecto desperta no espirito do viajante a lembrança do solo natal, ao passo que tudo quanto vive em torno d'elle muda de fórma. O que é a cal, a argilla, a ocre e a silica? Durante milhares de annos estas substancias representavam unicamente aos olhos dos philosophos o elemento solido: era a terra diversamente modificada. Hoje sabe-se que são verdadeiros metaes cujas propriedades caracteristicas estão occultas pela sua combinação com um ou dois corpos aeriferos (oxigenio e acido carbonico). A cal, a argilla, a ocre e a silica são especies de *ferrugem*, dos oxidos ou carbonatos, cujos metaes se denominam calcium, aluminum, ferro e silicium. No estado de pureza, teem todas, mais ou menos, a côr e o brilhantismo da prata, a qual igualam ou excedem em dureza. Mas não tarda que não absorvam o oxigenio e o acido carbonico da athmosphera, e reteem estes gazes, sobretudo o primeiro, com tanta tenacidade que é necessario empregar os meios mais energicos para desoxydar a cal, a alumina (argilla pura) e a silicia. A ocre (mixto de oxydo e de carbonato de ferro impuro) reduz-se facilmente pelo simples emprego do carvão. Apresentando-se um mixto d'estes differentes corpos, quereis separal-os uns dos outros? Fazei uso da agua forte (acido nitrico:) esta reage sobre os carbonatos de cal e de ferro produzindo effervescencia ruidosa, devida á separação do gaz acido carbonico, em quanto que a silica e uma grande parte da alumina ficam intactas. Se no liquido filtrado se deitar acido sulfurico, vereis este dissolver o ferro, formando vitriolo verde (sulfato de ferro,) e a cal separar-se-ha no estado de gesso (sulfato de cal) quasi insoluvel. O mesmo acido poderá servir para distinguir o aluminium da silica. Em resumo, o ferro, appellidado pão da industria; o aluminium, cuja descoberta e applicações são recentes; o calcium e o silicium, que esperam ainda o seu uso; estes quatro metaes constituem — o ferro, pelas suas abundantes minas, o aluminium, o calcium e o silicium pelas grossas camadas de argilla, terra argillosa, greda calcaria, areias, lioz, quartzo, silex,— a quasi totalidade da crosta terrestre, todo o sob-solo do reino vegetal; de modo que se o oceano aerio, que de todas as partes rodea a terra, fosse um agente *reductor*, em lugar de ser um meio de oxydação, o nosso planeta, desnudado de todas as manifestações da vida, não seria mais do que um globo metallico cujos raios reflectidos imitariam o brilhantismo do sol.

O CAÇADOR D'ELEPHANTES

conto persa

A seguinte historia é narrada por um auctor persa que a ouvira, diz elle, a varios velhos do Sind e do Indostão, homens dignos de fé, e todos compatriotas ou amigos do proprio caçador que vai fallar.

«Eu costumava caçar em uma floresta frequentada por bandos d'elephantes, e raras vezes entrava em casa com as mãos vazias; effectivamente, tinha descoberto o sitio onde estes bandos

costumavam ir beber, e escolhia, no caminho que deviam seguir, uma arvore muito alta e copada donde podia observar os elephantes sem ser visto. Ordinariamente, era quando o rebanho voltava, depois de ter saciado a sede, que eu escolhia a minha presa, e a matava disparando-lhe uma frecha cuja ponta era envenenada. Logo que caía a victima, o resto do bando dispersava-se em um momento, porque estes animaes parece que teem horror aos cadaveres. Eu então descia do meu posto e apoderava-me da pelle e do marfim, cuja venda me dava o necessario para eu viver e minha familia.

«Um dia, feri um elephante. O animal caio dando gritos medonhos. Eu tive o cuidado de não sair logo do meu esconderijo, porque os elephantes, que primeiramente haviam, como das mais vezes, fugido espavoridos, não tardaram em retroceder. Um d'elles, que me pareceu ser o conductor do bando, approximou-se do animal moribundo, examinou attentamente a frecha e a ferida que sangrava, e desappareceu. Mas, poucos instantes depois, voltou acompanhado de todos os seus companheiros. Os elephantes agruparam-se em torno do ferido, que se estorcia em convulsões, e que em breve deu o ultimo suspiro. Separaram-se então, mas não para se dispersarem: começaram, pelo contrario, correndo de um para outro lado, como que procurando alguma cousa, examinando uma a uma todas as arvores, mettendo a tromba por entre os ramos. Á vista d'isto não havia que duvidar; a minha morte estava proxima. Julgue-se do grande medo que de mim se apoderou quando vi o principal do rebanho collocar-se debaixo da arvore sobre a qual eu me achava. Com a tromba afastava a folhagem; quando me avistou, não podendo chegar ao cimo onde me havia refugiado, diligenciou abalar o tronco; e, com effeito, embora esta arvore fosse de uma elevação e grossura pouco communs, conseguio desarraigal-a. A elasticidade dos ramos amorteceu a violencia da queda, apenas me magoei; mas esperava ser immediatamente pisado pelos elephantes, e, resignado com a minha sorte, nem mesmo procurei defender-me. No entretanto o conductor do bando afastava os que avançavam para mim; os seus olhos intelligentes brilhavam, fixando-se alternativamente sobre mim, sobre o arco e sobre a minha aljava cheia de frechas, que estavam a alguns passos de distancia. De repente agarrou-me com a tromba e collocou-me sobre as costas; em seguida, apanhando o arco e a aljava, entregou-m'os e poz-se a caminho por onde tinha vindo, seguido do seu bando.

«Depois de ter andado algum tempo parou, e pude ver sobre a areia, a curta distancia, uma enorme serpente adormecida. Acordada pela bulha dos passos, o monstruoso reptil endireitou a cabeça vibrando o seu ferrão, o que me pareceu assustar bastante todos os elephantes, excepto o que me conduzia. Este agarrou-me novamente com a tromba e poz-me no chão juntamente com o arco e a aljava; depois, indicando-me alternativamente as armas e a serpente, fez-me comprehender o que queria de mim.

«Disparei a primeira frecha, que penetrou na garganta da serpente, e uma segunda atravessou-lhe a cabeça de lado a lado. Logo, o meu elephante precipitou-se sobre ella e esmagou a com os pés. Terminando esta operação, tornou a porme em cima de si e partio; o rebanho seguio o seu conductor. Depois de muitas horas de rapido caminhar atravessou uma immensa floresta, onde nunca até então eu havia entrado, e que se estendia sobre um espaço de muitos *fersekhs* (1) quadrados, chegamos a um sitio cujo terreno estava todo todo coberto de ossadas e cadaveres d'elephantes: parecia ser o cemiterio d'elles.

«O elephante, que me levava, escolheu, como entendido, entre todos estes preciosos despojos, os melhores dentes, os quaes foi pondo sobre as costas dos seus companheiros, carregando-os com todo o peso que podiam; em fim, elle proprio tomou uma carga igual, que collocou entre a sua nuca e os meus joelhos.

«A caravana dirigio-se em seguida, atravez de uma extensa planicie, para o lado dos lugares habitados. Quando chegou á vista de um grupo de aldeas, o elephante que a conduzia, fez com que cada qual pozesse a sua carga no solo, que se elevou á altura de uma collina; collocou-me depois com as minhas armas ao lado do presente, e partio com todos os seus a galope.

«Corri logo á aldeia proxima, e ajustei com cincoenta homens para me ajudarem a conduzir o meu thesouro. Graças a Deus, os lucros que realisei com a venda de uma tal quantidade de marfim, tornaram-me, como sabeis, um dos mais ricos negociantes da minha terra natal. E, ainda hoje, não penso n'este caso estranho, que me não sinta cheio do mais vivo reconhecimento para com aquelle que, só, conhece todos os mysterios que encerram as almas das suas criaturas.»

Não ha modo de mandar, ou ensinar mais forte, & suave, do que o exemplo: persuade sem rhethorica, impelle sem violencia, reduz sem porfia, convence sem debate, todas as duvidas desata, & corta caladamente todas as disculpas. Pelo contrario, fazer hua cousa, & mãdar, ou aconselhar outra, he querer endireytar a sombra da vara torcida.

A SCIENCIA

Nós devemos encarar o estado presente do universo como o effeito do seu estado anterior, e como a causa do que segue. Uma intelligencia que, por um instante dado, conheceu todas as forças de que a natureza é animada e a situação respectiva dos seres que a compõem, se além d'isso fosse bastante vasta para submetter estes dados á analyse, abraçaria na mesma formula os movimentos dos maiores corpos do universo e os do mais leve atomo; nada seria incerto para ella e tanto o futuro como o passado estariam presentes a seus olhos. O espirito humano offerece, na perfeição que deu á astronomia, um fraco esboço desta intelligencia. Applicando o mesmo methodo a outros objectos do nosso conhecimento, conseguio levar a leis geraes os phenomenos observados, e a prever os que deviam nascer das circumstancias dadas. LAPLACE.

(1) Um fersekhs equivale a 4 milhas inglezas.

Typ. Franco-Portugueza, Rua do Thesouro Velho, 6.

Hyde Park.

Este formoso passeio de Londres, celebre já pelo seu opulento arvoredo, tornou-se agora ainda mais celebre pelos acontecimentos politicos que n'elle se realisaram. Não esqueceram, de certo, os leitores a noticia dos tumultos na Inglaterra, dos *meetings* dispersos pela policia, e, se tiverem boa memoria e se a perscrutarem bem, hão de achar o nome de Hyde-Park involto com a reminiscencia d'estes successos.

Effectivamente os *meetings* do povo de Londres fizeram-se n'esse recinto, e ahi os foi dispersar a policia, naturalmente porque ao ministerio não convinha que os seus administrados discutissem em massa a reforma eleitoral, questão momentosa para os governos, sempre mais ou menos conservadores, da Grã-Bretanha. O pretexto adoptado foi outro, comtudo. Allegou-se a lei que prohibe as reuniões populares em sitios que sejam propriedade da corôa. Ora Hyde Park é, na verdade, propriedade regia. Já veem que o pretexto era plausivel n'um paiz, como a Inglaterra, onde se respeita escrupulosamente a letra da lei, muitas vezes com prejuizo do espirito d'ellas.

Hyde Park era antigamente uma terra de caça. Quando Carlos I foi decapitado, e que em seguida se procedeu á venda dos bens da corôa, Hyde Park foi exceptuado, e reservado para ser vendido em particular. Compraram-n'o tres burguezes pelo preço de dezesete mil libras. Os novos proprietarios construiram casas n'um dos pontos do seu terreno, que se chama agora Hyde-Park-Corner. No mesmo sitio se erigio, por ordem de Olivier Cromwell, um forte, e outro no sitio a que se deu o nome de monte de Olivier, em honra do protector.

Quando Carlos II subio ao throno, resgatou a propriedade, erigio-a em coutada e deu as honras e emolumentos de couteiro d'ella a seu irmão o duque de Glocester. Depois da sua morte passou o cargo para sir James Hamilton, cujo nome se conserva em Hamilton-Place.

Depois da revolução de 1688 deu-se ao povo livre entrada no parque. Pouco a pouco foi-se transformando em passeio publico, e assim estava hoje sendo considerado; mas a corôa não abdicára os seus direitos; Hyde Park tinha por conseguinte as immunidades de dominio real, e o governo, dispersando o *meeting*, procedeu segundo a mais estricta legalidade.

DERROTA DE VALDEZ NA TERCEIRA

(Conclusão)

Nos conselhos convocados com frequencia ouviu D. Filippe o parecer dos capitães mais illustres, e o voto de ministros prudentes. Concordaram todos, em que a estação não consentia facções de guerra importantes, e em que um revez arriscado por temeridade na Terceira podia estimular no reino os brios dos descontentes. Accedeu sem hesitar. Mas encerradas as côrtes de Thomar, e aplacado o maior tumulto dos negocios, voltou logo os cuidados para a pacificação da Terceira, que a Graciosa, o Fayal, o Pico, e S. Jorge, chamadas as ilhas de baixo, tinham seguido, com os satellites, na resistencia. Os arbitrios, que seguiu, foram opportunos. Escolhendo Ambrosio de Aguiar, e encarregando-o na qualidade de

governador da generosa missão de afiançar aos erros e demasias o mais amplo perdão, esperava atrair a vontade dos moradores da ilha, aos quaes largas promessas de mercês e privilegios deviam acabar de resolver. Jorge de Covos partiu no mesmo gallião, despachado corregedor, e por singular acaso o navio, que levava o emissario de Filippe II, encontrou-se nas aguas de Portugal com o pequeno baixel, em que D. Antonio se evadia ás vinganças de seu poderoso competidor. (1)

Ambrosio de Aguiar não foi bem succedido. Apenas fundeou, e correu a noticia de sua chegada e dos motivos della, a plebe alvoroçada, dictando leis aos magistrados, saiu em assuada pelas ruas, jurando lapidar os que aceitassem outro rei, que não fosse D. Antonio. Tornou-se o arruido tão estrepitoso, que o governador nomeado por D. Filippe, tomou immediatamente o rumo de S. Miguel, aonde os amigos de Castella o receberam com aplauso. (2)

Mas as cartas do rei catholico e dos fidalgos de Lisboa aos parentes e pessoas conspicuas da Terceira reanimaram os partidarios da Hespanha. Censurando em publico os desatinos do povo, e reputando mais do que loucura a ousadia da ilha se oppor só a todo o poder de Filippe II, principiaram estes a inquietar o governo. João de Bettencourt, homem edoso, de boa familia, porem assombrado de juizo e pupilo dos Jesuitas, tramou uma conspiração leviana. Sem a menor certesa de auxilio, a cavallo, de lança em punho, atravessou as praças á hora do meio dia, amotinando a cidade, e aclamando o rei catholico. Ninguem o ajudou, e a multidão enfurecida desarmou-o e prendeu-o. Cypriano de Figueredo viu-se coegido então a proceder com severidade, abrindo devassas, e encerrando na cadeia os mais culpados. Os odios da população accusavam particularmente os padres da companhia, suspeitos de correspondencias e de tracto secreto com o bispo dos Açores, refugiado em S. Miguel. As outras ordens religiosas, transportando tambem, para a arena politica as contendas monasticas, não concorriam pouco por sua parte para exacerbar as paixões. O deploravel espectaculo do escandalo, com que muitos frades tinham aviltado no reino os claustros e pulpitos, repetia-se agora na ilha; os conventos trocavam a vida penitente e contemplativa pelas agitações do seculo, sobresahindo os franciscanos no afecto a D. Antonio, e os Jesuitas na dedicação a D. Filippe. O que a verdadeira piedade padeceu com estas profanações não foi de certo a menor desgraça de epocha tão fertil em adversidades e desacatos, nem o mais leve cuidado para Figueredo, que as vozes e desatinos da plebe muitas vezes distrairam da inspecção activa das obras de defesa, traçadas para repellir o proximo assalto das forças hespanholas. (3)

(1) *Relação das cousas que aconteceram na ilha Terceira*. Capit. II, III, e IV. — *Lettres contenant tout ce qui s'est passé aux isles Terceres*, etc. pag 1-7.

(2) *Relação das cousas que aconteceram na ilha Terceira*, etc. Capit. XII, Conestagio. *União de Portugal*. Liv. VII. Herrera. *Cinco Libros de la Historia de Portugal*. Lib. III.

(3) *Relação das cousas que aconteceram na Ilha Terceira*, etc. Cap. III. Conestagio. *União de Portugal*. Liv. VIII.

O rei catholico não intentára ja a occupação da ilha, segundo notamos, porque a occasião o não aconselhava; mas a tenacidade dos habitantes podia expor as náus das indias a um desastre irremediavel. Se Drake e Hawkins por felicidade delle não estivessem retidos pelas ordens de Isabel, ou se Henrique de Valois fosse menos timido, a Terceira, guarnecida de bons soldados, zombaria dos esforços empregados para a conquistar, e a frota do Peru, presa das velas inimigas, recompensaria os audaciosos aventureiros, contractados por D. Antonio, proporcionando ao pretensor avultados capitaes para acommetter depois a Mina, a Madeira e até as costas de Portugal. Neste aperto, convocado o conselho de novo em Lisboa, optou unanime por um golpe forte e decisivo, que soffocasse a rebellião no berço. Faltava quasi tudo, porem, ainda para o descarregar opportunamente. O marquez de Santa Cruz não quiz ser o ultimo a confessal-o. Apellou-se então para o alvitre, ja provado com vantagem das peitas e subornos, mas não existia na Terceira pessoa apta para representar o papel de D. Christovão de Moura, e os fidalgos, que annuiram a desempenhal-o, tiveram de se arrepender, salvando não sem custo a vida das iras da gentalha. Apesar de positivo assim mesmo este ainda desengano não dissuadiu Filippe II de insistir. Queria convencer os contrarios da sua moderação. A necessidade, e não a indole, compelia-o. O alvará de 16 de abril de 1581, assegurando esquecimento e perdão aos habitantes da Terceira, que se entregassem, comprehendia a Graciosa, o Fayal, S. Jorge, e o Pico na mesma amnistia. Acompanhando deste acto de clemencia a partida de D. Pedro Valdez para os Açores com alguns navios, enviados para assegurar o regresso da armada das indias orientaes ao porto de Lisboa, contava el-rei confirmar as boas disposições dos moradores fieis á sua causa, e captar a amisade de muitos outros. As instrucções passadas a Valdez prohibiam-lhe qualquer acto de hostilidade, em quanto D. Lopo de Figueiroa não se lhe reunisse com o grosso da esquadra. Os navios de Castella avistaram a ilha por meiados de Julho. A pequena frota compunha-se de oito velas grandes e de duas caravellas. (4)

Alvoroçou-se a terra. A armada aproximou-se, e, em quanto atravessada defronte do porto disparava a arcabuzeria, sem ancorar, os seus escaleres davam caça aos barcos de pesca. Pouco depois uma catraia trouxe as cartas de D. Filippe, e a intimação de Valdez aos habitantes, convidando-os a render-se para não supportarem as calamidades da guerra. Os moradores desprezaram a ameaça, e certos de que os navios eram poucos, e os soldados ainda menos, descuidaram-se na vigilancia. Os hespanhoes, desembarcavam de noute, e avesinhando-se das trincheiras levantadas por Cypriano de Figueredo, fallavam para dentro com os defensores da ilha. Esta negligencia despertou

(4) Archivo Nacional da Torre do Tombo. Liv. I das Leis. folo 117 v. Herrera afirma, que Valdez trazia 5 naus grossas sendo tudo o mais caravellas e avisos. Cabrera de Cordova. *Felippe II* e outro. auctores elevam o numero das velas a 20.

no animo impetuoso do sobrinho de Valdez a ideia de tentar um rasgo de ousadia, que, venturoso, tornasse o seu nome e o do tio assignalados. D. Pedro e os outros capitães cederam; a emulação prevaleceu sobre a obediencia; e demasiado confiados na fortuna, vespora do dia de Santiago, acercaram-se da villa de S. Sebastião e fundearam. Soou logo o rebate, acudio gente, e correu a noute entretida com fogueiras e vigias. Figueredo juntara a ordenança de pé e de cavallo, e avisado com rapidez por correios montados, achava-se prestes a acudir com rapidez aos pontos atacados. Valdez não contava mais de seiscentos homens, capitaneados por seu sobrinho, D. Diogo, e por D. Luiz de Baçan. A costa era descuberta e o mar estava manso. Sobre as quatro horas da madrugada os postos mais distantes da ilha ouviram os repiques da atalaya no sino da igreja de Santo Antonio. Soou logo o estrondo das salvas de mosquetaria, disparadas contra os bateis dos castelhanos e respondidas por elles. Quando chegaram os habitantes já os castelhanos tinham na praia duzentos soldados no sitio denominado — Casa da Salga — entre a cidade de Angra e a Villa da Praia. Os que resistiam seriam pouco mais de cincoenta, e aturavam com grande trabalho a frequencia dos pelouros. Os escaleres inimigos forçavam a remos afim de lançarem segundo golpe de gente. (5)

A melicia de S. Sebastião, apesar da brevidade do caminho, não chegou tão depressa que não encontrasse já quatrocentos homens formados com seus capitães, e que não devisasse os escaleres voltando das naus, carregados de feixes de piques, com o resto das companhias. Travou-se renhida escaramuça. O valor dos hespanhoes não desmentiu a arrogancia do feito; os moradores combateram com egual esforço. Ás nove horas da manhã dous a tres mil homens, vindos de Angra, da villa da Praia, e dos casaes e povoações da Serra, cubriam os montes, e baixavam a investir os castelhanos mal amparados com parapeitos de pedra solta, erguidos no meio do fogo. A lucta prolongava-se, mas de longe sómente. A destreza dos veteranos de Valdez tornaria perigoso um recontro regular. As caravelas da armada, bordejando favorecidas pelo norte, varriam a costa com a artilheria, e ao fumo e fragor do combate juntavam-se as labaredas das medas de palha incendiadas nas eiras. Intentaram por vezes os hespanhoes arrancar na ponta dos piques os bandos avulsos, que se tinham vangloriado na vespora de enxotar como rebanhos sem pastor. Baldou-se-lhes, porém, o empenho. A desesperação fazia soldados até dos pusilanimes. As mulheres, junto dos paes, dos maridos, e dos filhos levantavam os feridos, soccorriam de munições os combatentes, e algumas vingavam mesmo com as armas na mão o sangue vertido deante d'ellas. Ao meio dia as esperanças de Valdez estavam inteiramente desvanecidas. O fervor intrepido dos habitantes decidia-o a recolher-se ás naus com o presentimento de um grande revez. (6)

Este pouco se demorou. Creavam-se na ilha grandes manadas de bois e algumas pastavam perto. Um frade Cruzio lembrou quasi o ardil de Annibal. Os pastores aguilhoaram as rezes mais bravas, e enfurecendo-as, arremessaram-as contra o arraial castelhano, precipitando-se a gente atraz. Foi tal o impeto dos animaes e dos homens, que, envolto e entrado o campo por todas as partes, os que vinham na retaguarda já não acharam inimigos. As fileiras hespanholas rotas juncaram de cadaveres e embeberam de sangue a terra. A retirada para a beira-mar converteu-se em fuga desordenada. As ondas e os tiros não deixavam abicar os bateis. Valdez, como assombrado de raio, assistia do convez da nau ao immenso desastre sem animo de acudir com suas ordens. Os canhões dos navios calaram-se, quando deviam trovejar, e do meio das vagas erguiam as mãos os aflictos, implorando piedade nos seus e misericordia nos vencedores. Uns atirando-se ás aguas, e afundados com o pezo das armas, afogavam-se já proximos dos escaleres; outros, arrastados semi-mortos no rollo do mar, vinham expirar na praia retalhados de golpes Não se via senão luzir ferros de lanças e de piques, ou chispar lume dos mosquetes e arcabuzes.

Bandeiras, insignias, caixas, e armas, tudo caiu nas mãos dos portuguezes. Dos soldados da expedição voltaram apenas cincoenta a bordo esvaidos de sangue e cortados de terror. Diogo Valdez, D. Luis de Boçan, os alferes das companhias, e os veteranos mais valerosos pagaram a temeridade com a vida. Ferozes na victoria, os habitantes não perdoavam aos inimigos metendo-se pelo mar até aos peitos para os ferir. Cypriano de Figueredo e alguns capitães galopavam pelo campo, pedindo quartel para elles, mas em vão. Deshonrando o triumpho os ilheos decepavam as cabeças e as mãos dos mortos para arvorarem estes horriveis tropheus nas pontas dos ferros. (7)

REBELLO DA SILVA.

(5) *Relação das cousas, que aconteceram na ilha Terceira*, etc. cap. XVIII e XIX. *Lettres contenant les Relations de tout ce qui s'est passé aux isles*, etc. p. 8 a 25. Herrera. Lib. IV. Conestagio. Liv. VIII.

(6) Ibidem.

(7) *Relação das cousas que aconteceram* na ilha Terceira, cap. XVIII, XIX e XX. *Lettres contenant les relations de tout ce qui s'est passé aux isles Tercéres*. p. 13 a 29. Herrera. *Cinco Libro de la historia de Portugal*. Lib. IV. Conestagio. *Uniao de Portugal*. Liv. VIII.

O MUNDO DO MAR

Encontram-se a miude no mar — e a primeira navegação de Christovam Colombo offerece-nos um exemplo celebre — ilhas herbaceas de uma extensão immensa, fluctuando á superficie, e algumas vezes arrastadas pelas correntes a distancias prodigiosas. Estas ilhas, das quaes os Açores apresentam um banco extraordinario chamado *Mar dos sargaços*, são formadas de *fucaceas*. Para os primeiros navegadores, eram as columnas de Hercules do Oceano; marcavam os limites das aguas navegaveis. Alem dos sargaços e dos fucos, as alfaces do mar, com a sua delgada e larga folhagem, apresentam muitas vezes os mesmos oasis;

as algas estendem á superficie das aguas os seus filamentos tortuosos e agglomerados. Mas estes prados fluctuantes, uniformes e estereis, encobrem no fundo do Oceano ricos taboleiros de plantas; moutas onde o peixe, verdadeira ave dos mares, edifica o seu humido ninho; bosquetes e jardins onde folgam os habitantes do reino aquatico; bosques, florestas em cujos recessos se esconde, dos seus grandes perseguidores, a presa timida e silenciosa.

Um facto digno de reparo, é que, como a vegetação terrestre, as plantas marinhas prendem-se, quanto á sua distribuição, a preciosos limites geographicos. (Schleiden.) Considerando-se que estare partição está ligada em grande parte a condições differentes de calor e humidade, que o mar é pouco susceptivel de sentir estas differenças de temperatura, visto que a uma profundidade relativamente pouco consideravel possue debaixo de todas as latitudes o mesmo gráo de calor, não póde deixar de admirar-nos, com razão, o encontrar na flora sub-marina tantas variações, mesmo em regiões visinhas ou situadas a pouca distancia umas das outras. Comtudo, póde dizer-se que as algas desenvolvem toda a sua riqueza na zona temperada e diminuem gradualmente tanto para os polos como para o equador.

Mas, do fundo dos mares, quanto mais proximo do equador, mais luxuriante é a vegetação. «Deixemos, diz Schleiden, as florestas aquaticas dos mares do Norte e as suas plantas gigantescas entre as quaes algumas attingem o comprimento de 500 a 1500 pés; lancemos um olhar fugitivo pelas baleias que n'elles se abrigam, pelos bandos de lixas, pelas myriadas de arenques, bacalhaus, salmões e atuns; voltemo-nos para as regiões onde o sol é mais ardente, para ver se nos mares antarcticos encontraremos no fundo do Oceano a mesma profusão que ostenta a flora aeria; mergulhemos no crystal limpido do mar das Indias, e logo se nos apresentará á vista o espectaculo mais encantador e maravilhoso: multidão de arbustos de ramagem singular produzem flores vivas; massas compactas de meandrinas e astréas formam um estranho contraste com os orgãos palmados ou em fórma de copos que ostentam as explanarias e as tortuosas madreporas com seus grossos ramos articulados ou digitiformes. O colorido está acima de toda a descripção; o verde mais brilhante alterna com o alvadio ou o amarello; as cores de purpura confundem-se com o vermelho, o alvadio desvanecido e o azul escuro. Mulliporas de um vermelho desmaiado, amarellas ou de côr de flor de pecegueiro, cobrem as massas, e estão entremeiadas e semeadas de graciosas retiporas côr de perola e imitando as mais admiraveis esculpturas de marfim. A areia do fundo está coberta de milhares de ouriços e de estrellas do mar de formas estranhas e das mais variadas cores. Em torno das flores dos coraes folgam e volteam os colibris do mar, peixinhos de reflexos encarnados, ou azues, ou de um verde dourado ou prateado; semelhantes aos espiritos do abysmo, as medusas agitam brandamente as suas campanas azuladas atravez deste mundo encantado. Aqui as isabeis scintillantes, de côr de violeta ou de um verde dourado; além a tunaide rojando-se como uma serpente e assemelhando-se a uma fita prateada que reflecte cores rosadas ou azuladas. Veem depois os cephalopodes fabulosos affectando todas as cores do arco-iris, as quaes desapparecem e apparecem alternativamente, confundindo-se da maneira mais fantastica. E todos estes animaes succedem-se com a maior rapidez, formando os mais admiraveis contrastes de sombra e de luz. O menor sopro que agite a superficie da agua faz desapparecer tudo como por encanto.

Se agora o sol dirige o seu carro para o occidente e que as sombras da noite descem aos abysmos, este jardim fantastico recomeça a brilhar com um novo esplendor. Milhões de chispas de medusas e de crustaceos microscopicos dansam na obscuridade como outros tantos vermes reluzentes. Mais longe vê-se a magnifica pluma do mar, encarnada durante o dia, balancear os seus clarões esverdeados; por toda a parte não se veem senão chispas luminosas, raios de fogo brilhantemente coloridos; o que durante o dia se apaga no esplendor geral brilha agora com um esplendor gravado de todas as cores do arco-iris; e para completar as mil e uma maravilhas desta illuminação magica, accrescentemos que os porcos marinhos, formando discos prateados de perto de seis pés de diametro, nadam magestosamente no meio de myriadas de estrellas rutillantes. Terminemos com esta passagem. O viajante solitario que acaba de estudar as maravilhosas costas de Ceylão volta á sua morada. De repente, no meio da tranquillidade de uma noite serena, alumiada pelo clarão argentino da lua, uma agradavel musica semelhante á das harpas de Eolo, fere-lhe os ouvidos. Estes sons melancolicos, bastante fortes para cobrir o ruido das vagas, veem da plaga proxima e recordam o canto das sereias: são mariscos cantadores que fazem ouvir da praia uma doce e triste melodia.» (Schleiden, *a Planta*.)

Ajuntemos a este quadro o do conjuncto do mundo vegetal pelagiano, onde se não encontram nem folhas, nem calices, nem corollas, e o d'estes animaes estrellados que parece substituirem o lugar das flores neste estranho elemento «onde o reino animal floresce, e o reino vegetal não floresce»; accrescentemos-lhe ainda a formação dos coraes, dos zoophytos, e das suas ilhas circulares; e, fazendo abstracção do tempo, consideremos a perpetua mutabilidade do fundo dos mares, que, alternativamente, invadem e descobrem as regiões continentaes, e formaremos uma ideia approximada do poder, da importancia e da riqueza deste elemento, que a poesia expressiva dos Orientaes saudára como a origem primeira e eterna de todas as cousas.

Mas vale la honra que todo el dinero.

LOPE DA VEGA.

Uma scena da escravatura.

SCENA D'ESCRAVATURA

Esperamos que sejam d'aqui a pouco obsoletas scenas como a nossa gravura representa. Depois da formidavel lucta, que se travou na America do Norte, entre os defensores e os adversarios d'esta iniquidade social, lucta em que triumpharam os sãos principios, não é provavel que haja retrocesso, e que a escravatura, ainda que não seja de todo abolida, continue a ser causa de scenas tão barbaras, como essa, a proposito da qual estamos escrevendo estas linhas.

A exploração do homem pelo seu semelhante é uma das cousas mais repugnantes que só a barbaria tem, e é indigno de povos civilisados descerem ao nivel dos selvagens pretos dos sertões da Africa, que se vendem a si e aos seus por um barril de aguardente.

Este facto, que a barbaria explica, é um dos que são apresentados pelos defensores da escravatura como prova de que os negros não apreciam a liberdade. Mas quando nas praias inhospitas da Africa um capitão européo, e um chefe de negros estão fazendo um contrato de venda de carne humana, desejo que os vendedores me digam de que lado está o barbaro, e de que lado está o homem que preza a sua dignidade.

Mas os escravos são indispensaveis nas colonias, os brancos não podem trabalhar n'esses climas ardentes. Em primeiro lugar isso está longe de ser demonstrado. «Este principio que passa por axiomatico, diz Emile Carrey no seu formoso livro *Huit jours sous l'Equateur*, foi inventado pela indolencia dos credulos que o fez aceitar á Europa. Declaro que vi brancos habituados ao clima trabalharem optimamente debaixo de um sol abrazador.

Mas ainda que estivesse demonstrada a idéa da utilidade não arrasta comsigo a idéa da legalidade. «*Perissent les colonies plutot qu'un principe*» dizia um dia um deputado francez na assembléa nacional. Será este dito uma utopia, mas é uma utopia sublime e generosa, que abraçamos com fervor, e que esperamos ver em breve realisada, sem que morram nem as colonias, nem o principio.

OS PESCADORES E O URSO

Conto groenlandez (1)

Tres irmãos, dos quaes o primogenito se chamava Sitdliarnat, haviam estabelecido juntos o seu quartel d'inverno; a estação foi rigorosissima e todo o mar congelou, de sorte que não poderam sair no seu *kajak*. (2) Quando viram o gelo em estado de se poder por elle transitar sem perigo, correram a tratar da vida; mas não podiam pescar senão mui longe, no mar largo, em um sitio onde havia uma abertura praticada no gelo.

Um dia, que o tempo estava bom, os tres irmãos juntaram-se a um homem, que não era da sua familia, e partiram todos quatro para aquelle sitio. Emquanto pescavam, Sitdliarnat observou o tempo e notou que o vento impellia para o mar a neve das montanhas.

— Vamos ser assaltados pelo vento do sudoeste, disse elle aos seus companheiros; deixemos a pesca e partamos o mais depressa possivel para a nossa choupana.

Immediatamente largaram todos a correr para a costa; mas a tempestade caminhava mais rapida do que elles, e quando estavam proximos da terra, o gelo tinha-se quebrado e começava a fluctuar. Os infelizes caminhavam ao longo da costa, sem acharem ponto algum aonde podessem tomar terra.

O mais velho avistou um enorme pedaço de gelo boiando; diligenciaram approximar-se d'elle, e, emfim, conseguiram saltar-lhe para cima. Tudo em torno d'elles era mar.

Navegaram assim muito tempo; mas, não tardou a chegada da fome. Alimentaram-se primeiro de alguns peixes, que o mais novo dos tres irmãos, felizmente, levava. Depois, quando a fome os apertava, o mais velho, que se tornara o depositario das provisões, tomava um peixe, cortava um pedaço, que comia, e entregava o restante ao irmão mais novo; este cortava outro pedaço para si e dividia o resto entre o estranho e o outro seu irmão. Fizeram tambem uma cova no gelo, de modo que lhes servia de abrigo durante a noite.

Uma manhã, ao acordar, Sitdliarnat, depois de ter observado por muito tempo o horisonte, descobrio um ponto negro; depois outro que dominava o primeiro. Chamou immediatamente os companheiros, e disse:

— Amigos! não ficaremos sempre no mar; ha ali o quer que é...

Era a costa, da qual elles se approximavam a pouco e pouco; todas as provisões estavam comidas. Seguiram, durante algum tempo, ao longo da praia sem poderem abordar; finalmente, chegaram a um sitio accessivel.

— Serei eu o primeiro a saltar em terra, disse o mais velho, e vós seguireis os meus passos.

Logo que se acharam em lugar seguro, disse-lhes:

— Olhae para traz.

O pedaço de gelo tinha-se submergido, e em seu lugar apenas se via um grande lençol de escuma. Treparam pela encosta escarpada do rochedo, e, chegados ao cume, dirigiram-se para o sul, esperando encontrar alguns homens compadecidos. Effectivamente, descobriram, em uma pequena lingua de terra, uma casinha isolada e junto da qual não se viam habitantes. Estavam completamente exhaustos de forças; Sitdliarnat disse:

— Vamos para diante.

Os outros seguiram-n'o.

Na casa apenas havia um velho e sua mulher; os estrangeiros assentaram-se sem dar uma palavra, limitando-se a observar o ancião. Este perguntou-lhes d'onde vinham. Quando soube das

(1) Tirado do Grœlandske Folkesagn, ou Kaladlit Okalluktualliait, t. IV, pag. 109-123. Gadthaab, 1863, in-8.
(2) Barco forrado e coberto inteiramente de pelle de phoca.

suas aventuras, voltou-se para sua mulher e disse:

— Quem viaja tem sempre appetite.

Ella foi immediatamente buscar um bocado de toucinho de phoca, cozeu-o e apresentou-o em um prato aos hospedes. Mas, não obstante a fome que traziam, comeram mui pouco.

O ancião contou-lhe que seu filho, o unico amparo da familia, desapparecera havia um mez; pedio-lhes para ficarem todos em seu lugar e adoptou-os. Assim passaram juntos muitos invernos.

Um dia, o velho perguntou ao primogenito dos irmãos:

— Qual foi o genio protector que escolheram quando nasceste?

Sitdliarnat respondeu que fôra a gaivota. Os irmãos, interrogados sobre o mesmo assumpto, deram igual resposta; mas o companheiro disse que seus pais haviam preferido a raposa.

— Nesse caso, replicou o ancião, não tornarás a ver o teu paiz; mas os tres irmãos poderão voltar ao seu domicilio. Quando o tempo acalmar, conduzil-os-hei.

— Como poderá elle levar-nos á nossa terra, pensaram os tres irmãos, estando o gelo fundido, e não tendo kajak ou outros quaesquer meios de transporte?

Uma manhã o velho acordou-os.

— São horas de levantar-vos, disse elle. Se, realmente, tendes desejo de voltar á vossa terra, dirijamo-nos á praia; ajudar-vos-hei a atravessar o mar.

Quando chegou á praia, deitou-se na agua, mergulhou, e reappareceu sob a forma de um urso.

— Agora, disse elle a Sitdliarnat, se é verdade teres por genio protector a gaivota, segue-me.

Sitdliarnat hesitava; mas o urso fazendo-lhe ver que não havia outro meio para alcançar o que desejava, decidio-se a entrar na agua; logo que os pés tocaram na superficie, escorregaram como se fora sobre gelo; a gaivota estava ao pé d'elle. Ao mesmo tempo avistou um enorme pedaço de gelo para o qual subio. Os seus dois irmãos fizeram outro tanto; mas o estranho, procurando imital-os, caio no fundo do mar, e foi preciso que o urso mergulhasse para salval-o.

— Tu não tornarás a ver a tua patria, lhe disse elle, porque tens a raposa por protector; volta para nossa casa.

Depois accrescentou dirigindo-se aos tres irmãos:

— Fechai bem os olhos, porque se os abris, não podereis chegar ao fim da viagem; eu farei andar o pedaço de gelo.

Effectivamente, perceberam que o gelo mudava de lugar, e, passado algum tempo, sentiram um choque. Então, o urso disse-lhes que podiam abrir os olhos; viram que estavam perto de terra e reconheceram as suas antigas casas. Pediram ao urso que os acompanhasse para lhe darem provas do seu reconhecimento.

— Não peço recompensa, disse elle; queria unicamente fazer-vos um serviço. Mas se virdes um urso calvo durante o inverno, não consenti que vossos companheiros lhe atirem frechas.

Prometteram fazer-lhe o que elle desejava.

Um dia que estavam com os seus visinhos, vieram annunciar-lhes que na praia estava um urso. Todos lançaram logo mão das armas; mas os irmãos exclamaram:

— Esperae um momento.

Sairam logo de casa, dirigindo-se á praia, e reconheceram o urso.

— Não lhe façaes mal, disseram elles aos outros; se não fosse este animal já não existiriamos. Vamos dar-lhe de comer.

Seguiram o urso até casa. Ali o animal assentou-se á porta, olhando para o interior da casa.

Trouxeram-lhe phocas inteiras e pediram-lhe que comesse. Elle não se fez rogar. Quando encheu a barriga, adormeceu, e as crianças começaram a brincar em torno d'elle. Acordando, comeu novamente e dirigio-se para o mar; todos o seguiram com os olhos até que o perderam de vista. Depois nunca mais ouviram fallar d'elle.

GUILHERME TELL E SCHILLER

¿No decimo quarto seculo, em Uri, cantão da Suissa, um governador austriaco chamado Gessler mandou collocar o seu chapeu sobre uma percha, no centro da praça d'Altorf, e ordenou ao mesmo tempo, que todos os viandantes o saudassem, sob pena de prisão? ¿Este mesmo personagem obrigou depois um aldeão, por nome Guilherme Tell, que não quizera obedecer ás ordens, a trespassar com um tiro da sua besta uma maçã posta em cima da cabeça de seu filho; acto abominavel que, enchendo o coração deste ultimo de um sentimento legitimo de vingança, o levaria a matar o despota com uma frechada, e a dar com este homicidio o signal da liberdade do paiz? Taes são as perguntas que teem attrahido sobre si o exame de um grande numero de historiadores e de criticos celebres.

João de Muller pensa que este chapéo collocado sobre uma percha não era do governador, mas o chapéo ducal d'Austria, posto ali para reunir todos os que eram affeiçoados aos interesses desta casa. Reconheciam-se pela homenagem que lhe rendiam. A morte de Gessler pela mão de Tell não é certa. Quanto ao facto da maçã, é ainda menos provavel. O silencio dos contemporaneos, a analogia de um acontecimento semelhante contado por historiadores dinamarquezes do seculo doze, fazem nascer duvidas sobre esta historia. Voltaire, Rahn, Iselin e outros consideravam-n'a como fabulosa. Não obstante, Zurlauben, Balthazar de Lucerna e Haller de Berne colligiram as provas historicas que estabelecem a verdade do facto.

Para nós, em primeiro lugar, não é ponto muito duvidoso que o archeiro chamado Tell prestasse relevantissimos serviços ao seu paiz no tempo da liberdade: o grande numero de capellas con-

sagradas á sua memoria desde o seculo quatorze, tanto sobre a planta-forma situada perto de Fluelem como no caminho escalvado que conduz a Kusnacht parece attestal-o. Depois, acreditamos que o orgulho insensato de um despota subalterno póde muito bem haver-lhe inspirado a ideia de obrigar a curvar-se, diante da sua gorra, uma população de pobres montanheses, e, emfim, que a perversidade do coração humano é desgraçadamente, tão fecunda em invenções crueis, que póde tambem, a dois seculos de distancia, e em duas regiões differentes, ter forçado um pae de familia a jogar a vida de seu filho ao tiro do arco e da besta.

O poeta Schiller foi deste parecer. Aceitou todos os factos da vida de Guilherme Tell, e serviose desta rustica figura para compor com ella o poema dramatico da resistencia ao despotismo do estrangeiro; obra magnifica, uma das mais correctas que sairam da sua penna, e na qual o grande saber do historiador se combina admiravelmente com a habilidade do dramaturgo.

Não entraremos nos promenores desta tragedia; diremos unicamente que os auctores primitivos da conjuração da resistencia foram tres bravos cidadãos d'Uri, Unterrald e Schwitz, que prestaram o famoso juramento do Grutli, e que se chamavam Arnold de Melchtal, Werner Stauffacher e Walter Furst. Guilherme Tell não foi mais que o heroe accidental da redempção; mas o seu feito lançou, para assim dizer, fogo á polvora, e deu começo á ruina do poder austriaco. Schiller não o esqueceu, e é esta individualidade notavel que elle quiz fazer sobresair em toda a extensão do seu poema. Já, no seu marquez de Rosa, elle tinha exprimido, os ardores philantropicos de um homem de elevada classe, os ardis de um theorico da liberdade procurando converter o proprio sceptro em instrumento de regeneração. Com o personagem Guilherme Tell dá vida aos sentimentos generosos do homem do povo; pinta o cidadão das classes inferiores, pouco instruido, mas energico, que sente mais do que concebe, e que pratica mais do que medita. Á má fé, ao orgulho brutal e á crueldade, oppõe o instincto de um coração franco e honrado que não reivindica os seus direitos naturaes pela acção senão quando se sente ferido nos seus mais caros interesses, ameaçada a sua vida e a dos seus. Ha ainda muito ideial n'este typo de aldeão suisso; comtudo, o poeta, modelando-o, approximou-se da natureza; e, em geral, apresenta-se com tal simplicidade de linguagem e uma tão grande força de sentimento, que, de todas as concepções do mesmo genero, é esta, certamente, a que offerece mais vida e realidade.

Guilherme Tell, logo á sua primeira apparição, manifesta tudo que existe n'elle de bondade e bravura. Trata-se de salvar um pobre homem perseguido pelos satellites do governador; é preciso, o mais depressa possivel, fazel-o atravessar o lago, apesar da tempestade. Muitos recuam; mas Tell avança e diz: «O homem generoso não pensa em si; fiae-vos em Deus e salvae o opprimido.» Não ousando pessoa alguma arriscar-se, elle mette-se em uma barca e conduz por sobre as ondas o desgraçado fugitivo. Esta acção corajosa commove os assistentes, e o dedo popular designa-o logo, ainda que vagamente, como um dos libertadores do paiz. Outra scena representa-o em conversação com um dos cidadãos mais consideraveis do cantão de Schwitz, Werner Stauffacher. Este falla-lhe do despotismo de Gessler, da necessidade de pôr um termo a semelhante estado de cousas, e procura fazer entrar o honrado aldeão na trama que elle e muitos dos seus amigos teem urdido contra o odioso official. Mas Tell é um homem simples que tem peso de mulher e filhos, e que, sendo o seu unico amparo, não póde aventurar-se a inuteis tentativas. Apertado, comtudo, pelas palavras de Stauffacher, que lhe pergunta se a patria poderia contar com elle no caso que se tornasse necessario recorrer ás armas, elle responde: «Tell, que vai ao fundo de um abysmo para soccorrer um cordeiro, abandonaria os seus amigos!... Seja qual fôr a empresa que tenhaes formado, não me convideis para assistir aos vossos conselhos, porque não sei nem meditar, nem estar muito tempo indeciso; mas se tendes precisão de mim para uma acção resolvida, chamae Tell que vos não faltará.» É fallar bem segundo a sua natureza e condição; e a intelligencia dos conductores do movimento de resistencia comprehendendo esta alma nobre e franca, deixa-lhe a liberdade da acção, certa da sua vigorosa cooperação no momento decisivo.

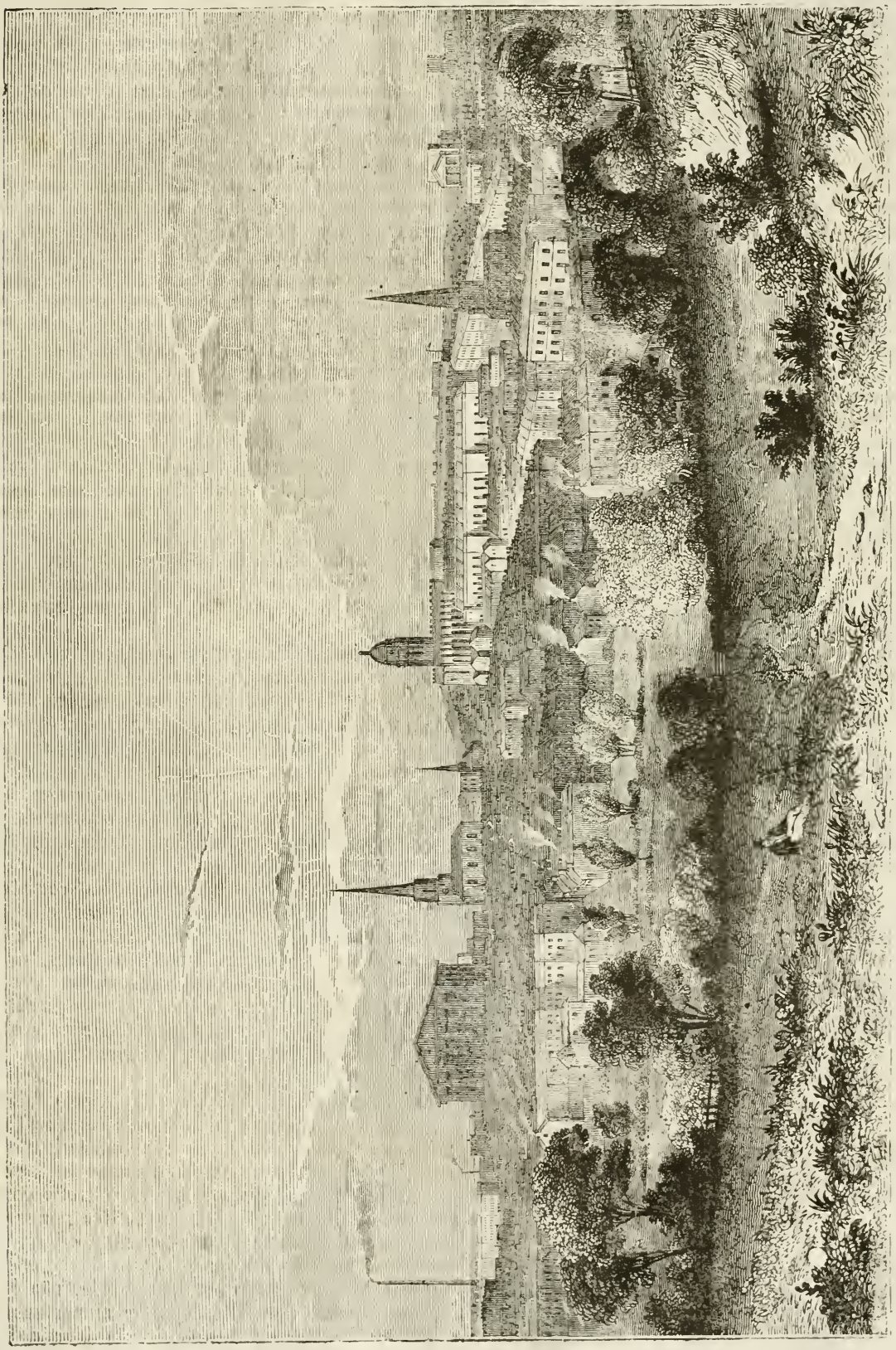
Em quanto a trama da liberdade se urde secretamente, esperando o dia da explosão, dia que os excessos de Gessler devem trazer, Tell occupa-se dos seus negocios e cuida de sua familia. Durante os poucos instantes que lhes consagra dentro da sua choupana, o seu trabalho de marcenaria e as respostas alternativas que dá á mulher e aos filhos formam um quadro de interior rustico dos mais encantadores. É um pae que ama seus filhos, mas que não vae, com a sua ternura, contaminar-lhe a alma e enfraquecer-lhe o genio; é um marido que adora sua mulher, mas não a ponto de, por este amor, perder o sentimento dos soffrimentos dos seus semelhantes, e de esquecer as miserias da patria. Quando sua esposa, inquieta por esta bondade d'alma que a faz affrontar com tantos perigos, exclama: «O meu Deus! todos os meus fogem á paz do lar!» Tell responde: «A natureza não me criou para não passar de pastor. Verdadeiramente não goso da vida senão quando todos os dias tenho de luctar com os perigos.» E, apesar das instancias de Hedwige, tendo necessidade de ir a Altorf, residencia do governador, decide-se a partir levando comsigo um de seus filhos.

(*Continua*).

O melhor meio de prender uma mulher é deixal-a livre.

MME. DE GRANDFORR.

Typ. Franco-Portugueza = Rua do Thesouro Velho, 6.



Birmingham.

BIRMINGHAM

Esta cidade é uma das mais vastas e das mais opulentas de Inglaterra. Está situada a 130 kilometros de Londres, ao noroeste do condado de Warwick, e ergue-se nas faldas d'uma serie de collinas, ao longo das quaes corre o Nea.

Já no seculo XIV esta cidade tinha alguma importancia, devida ao mercado, que ali se estabeleceu; no seculo XVI e XVII tornou-se bastante prospera, graças ao fabrico de ferro, de aço, e do coiro em que adquirio celebridade. As suas manufacturas de cutelaria, e d'armas de fogo tinham já fama sufficiente para que Henrique VIII, e depois Guilherme III fornecessem as suas tropas de armas fabricadas n'essa cidade. Mas a sua grandeza actual data principalmente da invenção das machinas de vapor, que foi uma grande fonte de receita para Birmingham.

Effectivamente, as grandes minas de carvão de pedra que existem nos seus arredores, desprezadas completamente até o fim do seculo XVIII adquiriram uma importancia subita quando James Watt, fabricando a sua primeira machina de vapor, abrio uma saida immensa a uma mercadoria até então inutil. Foi mesmo em Birmingham que James Watt e o seu socio Fulton estabeleceram a sua primeira fabrica de machinas de vapor. Desde essa epocha a população da cidade ingleza augmentou em proporções verdadeiramente inacreditaveis. Em 1700, Birmingham contava apenas quinze mil habitantes. Decorre um seculo, Watt, depois das tentativas dos seus predecessores Papin, Savery, Newcomen, inventa a machina de vapor, que ha de ficar definitivamente na industria; estamos em 1801; Birmingham conta já setenta e quatro mil habitantes.

Decorreram trinta annos, multiplicam-se as applicações da machina de Watt; Fulton inventa os barcos de vapor, a prosperidade da cidade augmenta proporcionalmente. Em 1831 sóbe a população a cento e quarenta e sete mil almas.

A machina civilisadora não pára no seu rapido desenvolvimento. Descobrem-se-lhe novas applicações; Fulton inventára a locomotiva maritima, Stephenson inventa a locomotiva terrestre. A cidade mãe desta nova industria, caminha velozmente nos rastos da sua vertiginosa filha. Decorreram dez annos. Em 1841 já se acha um augmento de trinta e cinco mil habitantes; a população da grande cidade industrial attinge o elevado algarismo de cento e oitenta e duas mil almas.

Hoje, que uma rede de caminhos de ferro cinge o mundo inteiro; hoje, que todos os povos, desde os Estados Unidos até a Turquia, teem nas suas esquadras guerreiras e commerciaes numerosos barcos de vapor; hoje, que esse poderoso agente referve nas machinas de todas as manufacturas, qual será a população da cidade iniciadora d'esse movimento immenso? Ascende com certeza a perto de trezentos mil habitantes.

Estas vantagens compra-as Birmingham com a ausencia completa de toda a belleza. Vê-se que o demonio da industria ergueu ali o seu throno. Emquanto as nossas ridentes cidades meridionaes, pobres, mas formosas, desdobram a sua casaria alvejante pelas faldas de collinas viçosas, debaixo d'um firmamento azul, Birmingham, triste e sombria, eleva-se no meio d'uma athmosphera artificial, composta pelo fumo das suas innumeras machinas de vapor, e apresenta aos olhos dos visitantes as suas casas de tijolos vermelhos, que lhe dão a mais triste e monotona physionomia.

Os monumentos desta cidade consistem em vinte e duas igrejas e capellas, entre as quaes se distingue a igreja de S. Philippe, notavel pela sua formosa architectura e situada n'um ponto culminante, duas synagogas, duas escholas do systema Bell e Lancaster, alem de mais de seiscentos estabelecimentos de instrucção de todo o genero destinados á educação do povo, duas bibliothecas que encerram mais de trinta mil volumes, notaveis instituições de beneficencia; um formoso palacio para as sessões do condado, um theatro, um magnifico hospital, construido de 1775 a 1778 só com o producto de subscripção voluntaria; uma casa da camara de proporções grandiosas, construido pelo modelo do templo de Jupiter Stator em Roma, e rodeado de columnas, e na praça do mercado uma estatua de bronze de Nelson. Como é de suppor, James Watt, o grande bemfeitor da cidade, não foi esquecido, e tem um magnifico monumento.

Este conjuncto de monumentos grandiosos, contrastando com o aspecto miseravel da cidade, é o symbolo verdadeiro e pungente do estado não só de Birmingham, mas de Inglaterra toda; opulencia e miseria. Grandes proprietarios, e proletarios morrendo de fome, uma minoria de donos de fabrica riquissimos e uma população operaria, que mal póde viver com os seus parcos salarios. Só em Birmingham a população attinge o algarismo enorme de sessenta mil individuos.

A planicie dominada pela cidade é completamente esteril. Só ali se encontram minas de pedra. Carvão de pedra por toda a parte. O seu negro pó cobre as estradas, fluctua nos ares, prende-se ao fato e ao rosto dos transeuntes, e como que imprime em todos os que teem a desventura de atravessar aquella succursal do inferno o estygma demoniaco. Essa planicie denomina-se a planicie dos cyclopes.

Birmingham não é só importante pelo fabrico de machinas, e pelo commercio do carvão. Teem fama em todo o mundo as suas cutelarias e as suas magnificas manufacturas d'armas de fogo. O seu commercio de quinquilharias é muito consideravel e tanto que o poeta Burke deu por isso a Birmingham o nome de *the-toy shop of Europe* (a loja de joias da Europa.)

O rio Nea, que passa por esta cidade, não é rio navegavel, mas esta falta supprem numerosos canaes, que põem em communicação Birmingham com Hull, Liverpool, Bristol, Londres, Oxford, Manchester, e Glasgow. Com estas ultimas quatro cidades ligam-n'a tambem caminhos de ferro.

Abaixo de Manchester é Birmingham a cidade industrial mais importante de Inglaterra, e talvez mesmo, depois da crise do algodão, que ferio profundamente a sua rival, lhe pertença o primeiro lugar.

BENGUELLA.

(Conclusão)

Não ha em Benguella cáes, ou qualquer outra obra que facilite os desembarques; estes, quer sejam de pessoas quer de generos, effectuam-se sempre ás costas dos negros, e correndo as probabilidades d'um banho, que se nos objectos causa avarias, nos individuos é quasi sempre a origem de perigosas febres. Não parece nem impossivel, nem excessivamente dispendiosa, a construcção d'um quebra-mar, com doca para abrigo de embarcações miudas. Mesmo esta obra, ou outra semelhante, já foi começada em 1837 pelo governador geral, Manoel Bernardo Vidal; mas tendo começado com grande fogo, tambem parou de repente, e nenhum dos successores d'aquelle governador se abalançou ainda a igual tentame. Depois d'isso, já lá houve uma singela ponte de madeira, do systema americano sobre forquetas, e que apezar de não servir para volumes pezados, sempre era de utilidade aos homens; mas parece, que o tempo ou mais ainda, o descuido de a desarmarem quando houvessem indicações de grandes calémas, deu causa a que fosse destruida, e que hoje nada exista senão a praia, aonde sempre custa a desembarcar.

Logo ao desembarque, e como primeiro padrão do desleixo pelas nossas cousas de ultramar, encontra-se a miseravel muralha, que, impropriamente, se alcunha de fortaleza. Consta de uma cortina em partes destruida, encerrando uns vetustos pardieiros, que servem de insalubre quartel da tropa, e sustentando por cima dos esbroados parapeitos, meia duzia de velhos canhões, com que responde, como póde, ás salvas dos navios. As pobres peças, pela podridão das carretas em que se acham montadas, estão já antevendo fim identico ao de suas carcomidas companheiras, que jazem pelo chão ao abandono, servindo de ninho a repellentes reptis.

A fortaleza não representa, nem póde representar como tal na actualidade. Na época da sua fundação podia servir para com seu fogo augmentar as difficuldades de um desembarque na frente da cidade, e mesmo assim vê-se que não satisfez a este destino; porque de fórma alguma conseguio evitar a descida dos piratas francezes que em 1704 metteram a saque e arrazaram a cidade: actualmente, nem sequer se póde pensar que podesse fazer opposição, que merecesse a pena de ser citada. Como cidadella para conter em respeito a população, tambem nada significa; porque não volta os malfadados canhões para o lado da terra, e por este mesmo motivo não póde impedir qualquer ataque do gentio.

Corre por tradição, que foi este forte construido por ordem e a expensas d'um particular, para n'elle guardar os escravos em que negociava, e livral-os assim das garras dos piratas, que por muitas vezes, em antigos tempos, infestaram esta parte da costa. Esta narrativa é destituida de fundamento, a não ser, que se refira a alguma reedificação; pois, vê-se, da historia da conquista de Benguella, que a fortaleza foi fundada por Manoel de Cerveira Pereira, mandado em 1617 a conquistar o reino de Benguella, o que effectuou.

Foi reedificada em 1710, logo depois da invasão dos francezes, e em 1769, como se lê no catalogo dos governadores de Angola; e nos ultimos tempos tem tambem soffrido alguns concertos, que, na maior parte dos casos se tem reduzido a caiar as paredes, para fazer vista do mar, ou a levantar algum panno de muro derrocado, por onde chegavam a entrar os animaes ferozes.

Tem, presentemente, as muralhas bem caiadas, os telhados dos aquartellamentos em bom estado, as paradas varridas e limpas, mostrando tudo que ha cuidado da parte de quem governa; mas nada disto faz que possa ser considerada nem como fortaleza, nem como quartel

Passando a fortaleza, encontram-se logo o edificio da alfandega, e o palacio do governo; construcções d'alvenaria, com primeiro andar e armazens, e conservando-se em bom estado ainda agora. Segue-se a cidade, que, por assim dizer, se compõe de meia duzia de ruas, largas e espaçosas; mas que se não distinguem pela belleza das casas, das quaes poucas são d'alvenaria e com sobrados, sendo a maior parte construidas de adobes, e muitas d'ellas a cair em ruinas, mesmo sem terem sido acabadas. Para se fazerem os adobes com que elevam os predios, cavam no terreno proximo para tirar o barro, de maneira que perto das habitações ficam grandes buracos, que são reservatorios d'aguas das chuvas e depositos de lixo e lama. São outros tantos pequenos pantanos, e focos permanentes de exhalações mephiticas. Era este um dos graves desleixos, que, ainda ha pouco tempo, concorria para o afeiamento e insalubridade da povoação; mas que, comtudo, vai progressivamente diminuindo; porque se trata ultimamente do aterramento dos caboucos, com o que já pela repartição de obras publicas se teem gasto não pequenas quantias.

Ha na cidade duas igrejas, das quaes uma quasi abandonada, e de que a outra, sob a invocação de Nossa Senhora do Populo, é a freguezia da população. Tem ainda ricos paramentos de altares, e celebram-se ahi os mysterios do culto com toda a devida solemnidade. A Misericordia conserva um hospital, que serve tambem de enfermaria militar; e tanto o hospital como as igrejas são construidas de pedra e cal.

Não ha outros edificios publicos na povoação, nem mesmo de outra qualquer natureza, que mereçam ser citados; a não fallar de um templo maçonico, que ainda está por acabar, e que, triste destino das obras dos homens, em vez de servir ás reuniões dos obreiros da *Arte real*, serve de albergue a uma recua de orelhudas alimarias. Não se julgue, que isto seja fazer espirito, ou crear expressamente situações comicas: a verdade é que, por dissenções entre os *irmãos*, ou por outra razão qualquer, deixou de se concluir o predio para o que estava destinado, e que por dentro d'aquella elegante frontaria, alojam-se actualmente, acima de sessenta jumentos, que um rico negociante de Benguella lá tem criado. O melhor de tudo é que os não vende nem os faz trabalhar, de maneira que as asininas criaturas, conservam se nas melhores disposições, gosando as delicias da ociosidade.

A cidade póde ter, quando muito, 500 a 550 fogos, e, talvez, 4:000 habitantes. N'este ponto não ha nem póde haver certeza; porque, se as estatisticas são em toda a parte subjeitas a graves erros, imagine-se o que ellas serão n'uma cidade em que faltam todos os elementos para um trabalho consciencioso d'essa ordem, e em que, além d'isso, ha, como em todas as terras africanas, causas particulares que tendem a falseal-as.

A população é, quasi na totalidade, composta de pretos, quer livres, quer escravos. Os primeiros, pela sua ignorancia, são sempre remissos em fazer as devidas declarações sobre as suas familias, e os segundos são, na maior parte, occultados por seus senhores, aos quaes não convém dal-os a rol, ou seja para fugir aos pagamentos de registro e outros, ou para estarem sempre livres de os considerar como fardos commerciaes. Bastam estes motivos para a estatistica de qualquer povoação portugueza d'Africa, ser sempre mentirosa.

Eis alguns exemplos:

Um mappa publicado nos Annaes maritimos e coloniaes referido ao anno de 1799 e assignado pelo governador, Alexandre José Botelho de Vasconcellos, dá á cidade de Benguella, n'essa época, 1:071 casas, com 2.136 habitantes! Parece absurdo tão grande numero de casas para tão pouca gente; e ainda mais considerando, que nas *cubatas* ha sempre agglomeração de negros.

Vêem-se erros identicos em trabalhos mais modernos, apesar de feitos com toda a consciencia. No mappa referido a 31 de dezembro de 1861 e publicado no Boletim official da provincia de Angola, diz-se que a cidade de Benguella tem 988 fogos para 4:000 habitantes; e n'um outro relativo a 31 de dezembro de 1863 dão-se 403 fogos para 3:641 individuos. Eis o que nos mostram as estatisticas de Benguella.

A força publica, que faz a policia da cidade e guarni

ção do forte, é composta por uma companhia de caçadores n.º 3 da provincia, regimento este, que tem a maior parte das praças e o seu principal quartel em Mossamedes.

Para a companhia de Benguella são sempre mandados dos peiores soldados, na maioria degradados dos mais facinorosos e incorregiveis; e achando-se aquella companhia quasi sempre sem os officiaes competentes e grande numero de vezes entregue, quando muito, a algum pobre sargento nomeado alferes para o ultramar, parece impossivel como ali se conserva alguma disciplina, e como taes homens depravados de costumes e contumazes no crime, se decidem a obedecer ás auctoridades. É o terror das *cargas de pao*, que contém parte d'elles; e a outros são as febres, que se encarregam de lhes quebrar os impetos do genio. São estes dois, os elementos principaes da disciplina das tropas africanas.

Ainda que um grande numero de soldados sejam brancos, d'estes poucos se vêem no serviço; porque em quasi todos os tempos estão com baixa ao hospital, para onde são conduzidos pelo deboche e pela crapula, mais talvez do que pela ruindade do clima.

O serviço de saúde tem sido constantemente das cousas mais descuidadas no districto, e entregue muitas vezes a Deus e á ventura. O hospital é soffrivel; ha na povoação duas boas e bem fornecidas boticas; mas, quasi sempre, faltam os homens habilitados como medicos, e tomam o seu lugar os mesinheiros e os charlatães. Ha bastante tempo que retiraram da cidade o cirurgião mór da provincia, e o unico facultativo que lá habitava, e ultimamente fazia o serviço nas enfermarias militar e civil, um cirurgião da escóla de Góa, que não parecia gosar das *sympathias* da população; pelo menos entre a gente mais subida, que, anciosa, esperava a chegada ao porto de navio de guerra, que levasse cirurgião.

Existem na cidade varios estabelecimentos mercantis e casas commerciaes de consideração; e ha um mercado publico, diario, sempre abastecido dos generos de primeira necessidade. Está construido n'uma vasta praça, é murado e gradeado, apresentando certa apparencia limpa e decente.

Não se póde negar que, nos ultimos annos, a cidade de Benguella tenha ganho muitos melhoramentos municipaes, e que, pelas obras publicas se tenham gasto grossas quantias em aterramentos de pantanos e covas; mas notam-se em todas as obras já feitas, a falta de pessoal technico, e uma direcção seguida conforme a um plano fixado d'avanço.

É só o capricho, ou a boa vontade dos governadores quem influe na continuação ou direcção dos trabalhos, e nem sempre aquelles tem sido dos mais esclarecidos, zelozos, ou desinteressados. Deve ser empregado em beneficio da cidade, e nas obras mais proprias a embellesal-a e saneal-a, todo o producto dos tres por cento *ad valorem* com que está sobrecarregado o commercio, e, comtudo, a voz geral accusou desperdicios, que, felizmente, parece terem cessado n'estes ultimos tempos.

Além dos paúes e cabouços que se tem aterrado, ha ainda na cidade uma regueira cavada pelas correntes da agua das montanhas no tempo das chuvas, e que, em quasi todo o anno, constitue um charco continuado e immundo. Ainda não houve a lembrança de cavar um leito a este riacho, e leval-o a desaguar á praia, de maneira que as aguas do monte, não se espalhassem pelas ruas!

Todas estas aguas infiltradas pelos terrenos, dão nascimento aos poços e cacimbas, de que bebe o geral da população; porém, como só se encontra agua pouco potavel e a mais d'ella salobra, os principaes habitantes e as guarnições dos navios abastecem-se da que mandam buscar ao *Cavaco*, rio que entra no mar cousa de uma milha ao norte da cidade.

Como resultado d'esta abundancia d'aguas, e mais ainda das cheias despenhadas das montanhas, a planicie em redor da cidade é excessivamente fertil, bastante productivas as hortas, e saborosos os fructos e hortaliças que n'ellas se dão.

O districto de Benguella é talvez o mais rico da nossa Africa occidental; e de tudo que exporta é a cidade de S.Filippe o deposito e lugar de despacho d'alfandega. Por isso, o seu commercio é ainda hoje summamente valioso, e continúa a ser o ponto da provincia em que se encontra maior quantidade de moeda, apesar de haver quasi cessado o embarque de escravos, que era outr'ora a grande fonte de receita. Pena é, que ainda hoje ali se encontre quem se empregue em tão nefando trafico; porque, em quanto sonham com os ganhos, na actualidade tão problematicos, do commercio illicito, deixam de entregar-se á agricultura e ao negocio, ou, se o fazem, é só em um grão sufficiente a servir como de capa da fraude, e perdem assim o tempo e quantiosos capitaes.

Apesar das activas diligencias das auctoridades superiores da provincia, do zelo e interesse de alguns dos governadores de Benguella, e do aturado serviço das estações navaes, é fora de duvida que em pontos distantes da capital do districto se teem feito embarques de pretos para além mar; embarques que teem sido na maior parte perdidos, mas que desfalcam a provincia, desviando o commercio dos interesses legaes, aventurando contos e contos de réis, e roubando braços á cultivação.

D'este districto exporta-se urzella, sal, cêra, gomma, couros, e já mesmo, grande quatidade de arrobas d'algodão.

O movimento do porto não é constante e soffre interrupções, mas póde dizer-se, que nunca é inferior a dez ou doze embarcações de cabotagem entradas e saídas, e que sempre ali ha fundeado algum navio de alto bordo; ha occasiões, e não são raras, em que se vêem em Benguella seis ou oito navios. Abastados negociantes do reino não tem abandonado aquelle importante balcão; lá conservam casas suas, ou seus agentes, e varios navios das praças de Portugal, fazem escala pelo Brazil, d'onde levam aguardente e outros generos á Africa, e retiram de Benguella com carregações para a metropole.

O districto de Benguella termina ao norte pelo conselho do Egito, com povoação á beira-mar, dominada por um bonito fortesinho, com algumas casas soffriveis, tudo entallado entre escalvadas encostas, e fechado ao fundo por uma elevada e abrupta rocha, que, na época das chuvas fórma uma vistosa cascata. Junto á base d'este rochedo corre um rio de excellente agua que alimenta os habitantes e sustenta a perenne vegetação, que circumda a aldeia.

Visto do mar o Egito, ou Logito é um sitio extremamente pitoresco, mas sempre de difficil accesso, pela extraordinaria ressaca que rebenta na praia.

É das rochas d'este ponto que tem saido uma grande parte da urzella que se tem exportado de Benguella.

Entre o Egito e a cidade de S. Filippe encontra-se a magnifica e espaçosa enseada do Lobito, porto fechado do lado do mar por uma extensa peninsula de areia, e do lado da terra por altas montanhas, que o defendem da furia do sopro das trovoadas.

Este porto socegado e tranquillo, de facil entrada, apesar de ficar completamente escondido pela lingua da peninsula, servia outr'ora de valhacouto e esconderijo de negreiros, e é hoje lugar de repouso dos cruzadores inglezes e portuguezes.

Por causa da belleza e segurança do porto, houve, ha trinta annos a idéa de transferir para ali a capital do districto e fazer d'aquelle sitio a nova Benguella; mas por causa da falta de agua potavel, que ou se havia ir buscar á Catumbella (quatro milhas distante do fundo da bahia, aonde se projectava a cidade) ou havia de encanar-se, o que se julgou excessivamente dispendioso; pôz-se de parte este plano, que, comtudo, era exequivel e que talvez de futuro désse grandes lucros, e abandonou-se completamente aquelle local.

Na contra-costa d'este porto e já perto da aldeia da Catumbella, ha salinas aonde se colhe grande quantidade de sal.

Passando a cidade para o sul do Sombreiro, dá-se primeiro com a bahia Farta, aonde conservam os seus estabelecimentos piscatorios varios habitantes de Benguella. É ali que se secca uma grande porção do peixe, que apparece depois nos diversos mercados da Africa, e que se faz d'outros o azeite que embarca para exportação.

Os mares da Africa são extremamente abundantes em peixe, e é na costa do sul que se applicam mais a esta industria.

Segue-se depois a extensa praia das Salinas, que, como

o nome indica, tem salinas é em grande numero, das quaes se alimenta, por assim dizer, toda a provincia.

No reconcavo formado pelo lado do sul d'aquella immensa praia, acha-se o portinho do Luacho, ou Cuio, que é hoje um dos sitios mais importantes da costa do sul.

Devido á iniciativa de honrados negociantes de Benguella, a quem cabe todo o louvor pelos esforços que para tal empregaram, é no Luacho que se vêem actualmente as mais bellas e productivas fazendas da cultura do algodão. São importantes plantações já agora de avultado rendimento, e que de futuro podem e devem ser um manancial de riquezas. Distingue-se entre todas a fazenda denominada de Santa Thereza, da casa — Torres Barruncho—e ha outras tambem muito boas de que os nomes não lembram; mas a todos estes audaciosos innovadores, que não temeram arrostar com os preconceitos arreigados na gente africana, que comprehenderam, e bem, qual é a verdadeira riqueza da Africa, muita honra e muito proveito lhes caiba, que tudo lhes é devido e bem merecem. Podessem estes exemplos tão productivos aos que os intentaram, produzir ainda mais um fructo utilissimo, um desengano pleno aos crentes do trafico barbaro de escravos, aos descrentes da agricultura!

É tambem no Cuio que vem embarcar o cobre extraido das minas proximas, e os outros generos do Dombe grande, e concelhos annexos.

Ainda mais para o sul do Loacho, ha outras fazendas em estado de prospera cultura, e feitorias aonde se faz bom negocio, mas tambem as ha, de que é permittido suppor que seja a colheita do algodão, o fim meramente ostensivo...

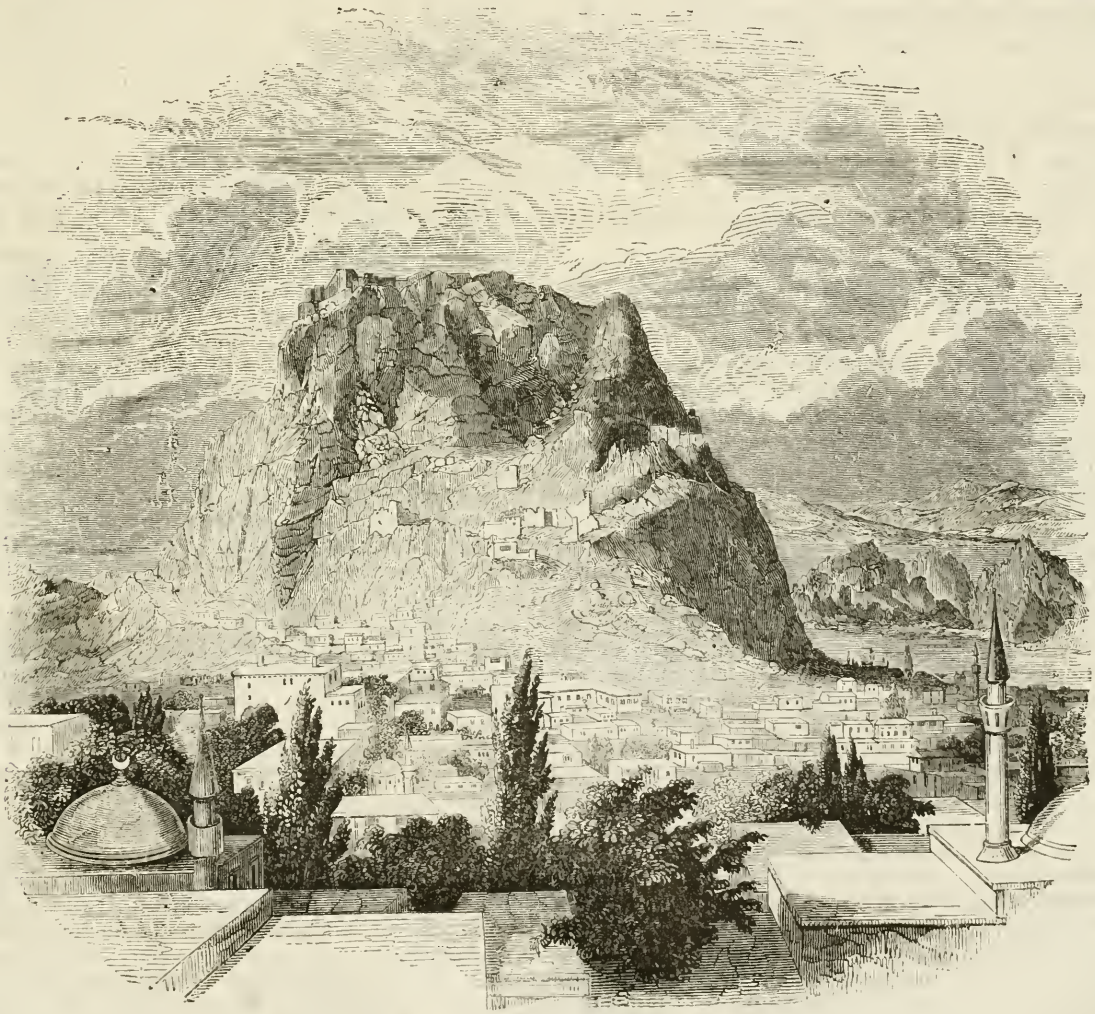
Entre as mais notaveis fazendas do sul, figura a Equimina, grande propriedade que foi em tempo d'um famigerado negreiro, e que hoje pertence a uma companhia de Loanda, que está no começo da exploração de tão vastas plantações.

Em rapidos traços ahi fica lançado um esboço da descripção da cidade e districto de Benguella, correndo ao longo da costa de um a outro extremo. Falta muito a esta descripção para ser completa; mas não era para agora a apreciação das medidas governativas, a historia do estabelecimento, os costumes do gentio, a visita ao sertão, e tudo que resta a contar sobre esta parte da Africa.

Não comportava o espaço tão largo quadro; mas tudo se fará a seu tempo e logar.

Julho de 1866.

C. E. Correa da Silva.



Kara-Hissar.

A cidade de Kara-Hissar, chamada tambem Afium-Kara-Hissar, pela grande abundancia de opio que se cultiva nas suas circumvisinhanças, é uma das mais lindas e importantes da Anatolia, provincia da Turquia da Asia situada no centro d'Angora, Hamid, Kutaich e Caramania.

A importancia, que esta cidade sempre teve e o elevado gráo de prosperidade em que actualmen-

te se acha, dimanam da sua bella posição na grande estrada que, de Esmirna, conduz á Persia, Georgia e outros mais paizes, proximos do Euphrates, que tem dado lugar a que ella haja sido sempre o deposito das mercadorias dos dois mundos. Os seus habitantes, em numero de sessenta mil, pouco mais ou menos, são mui activos e industriosos, e as suas lojas acham-se ricamente fornecidas. No seculo passado, eram muito apreciados, em varios pontos do Oriente, os sabres, armas de fogo, marroquins, e tapeçarias que se fabricavam, em grande escala, n'esta cidade.

Kara-Hissar offerece á vista um quadro de admiravel belleza. Aqui, grandes rochedos negros e escalvados, no cume de um dos quaes está construido o Castello Negro, hoje em abandono, mas que, fortificado, seria inexpugnavel. Ali, vastissimos campos cobertos de linda e proveitosa vegetação, que faz as delicias e a abundancia dos seus habitantes. Nas abas dos rochedos a cidade, com as suas dez mesquitas, algumas grandes e sumptuosas, e os seus pequenos, porém vistosos jardins. Pelas ruas da cidade, á semelhança da rainha do Adriatico, um pequeno rio deslizando-se doce e manso, e de cujo seio se vêem sair elegantes barquinhos, que servem para o transporte de mercadorias, e ao mesmo tempo para recreio dos individuos.

A nossa gravura dá uma idéa do que temos dito.

FRANCISCO PIZARRO

III

Apesar de ter attingido o fim que se proposera, e de ter desmentido brilhantemente os receios do governador de Panamá, apesar de ter feito entrar no dominio da realidade o que se julgara até ahi sonho esplendido mas mentiroso de navegadores illudidos pelas phantasiosas relações dos indios, Pizarro não conseguira vencer a má vontade de D. Pedro de los Rios, e nem o jubilo dos seus companheiros, nem os vasos de oiro e prata que elle trouxera como especimens da riqueza do paiz poderam quebrar a obstinação do chefe da colonia. O motivo que allegava de não conceder licença para novos alistamentos era o não se poder vencer tão poderoso imperio com tão diminutas forças, como eram as de que elle podia dispor. O verdadeiro motivo era o receio que elle tinha de ver fugirem-lhe os colonos e ficar, governador sem governo, com os velhos e as mulheres por subditos.

Em presença da teima do governador, resolveram-se os tres associados a entenderem-se directamente com o governo da metropole. Decidio-se portanto que fosse Pizarro á Europa, e que deslumbrasse a alma ambiciosa de Carlos V com aperspectiva da dilatação do seu dominio sobre tão vasto imperio. Os fundos dos socios estavam já tão reduzidos pelos esforços sobrehumanos a que se tinham elevado, que á muito custo poderam reunir a somma necessaria para Pizarro voltar á Europa, e apresentar-se decentemente na côrte.

Começa n'este ponto a revelar-se a perfidia de Pizarro. Convencionara-se entre os tres associados que Pizarro pediria para si o posto de governador, para Almagro o de seu lugar-tenente, para Luque a dignidade de bispo das regiões que iam conquistar. Apenas se vio na Europa, o honrado homem tratou unicamente de si. A eloquencia que conseguira arrastar de novo aos perigos d'uma expedição incerta homens fatigados pelos trabalhos e miserias d'um anno inteiro, e outros incredulos e confirmados na sua incredulidade pelo espectaculo que tinham diante dos olhos, essa eloquencia fascinadora não teve o minimo custo em deslumbrar o espirito dos ministros de Carlos, e o do proprio imperador, enthusiasta, como todas as grandes almas, de vastos projectos e de emprezas audaciosas.

Obrigou-se portanto Pizarro a levantar á sua custa duzentos e cincoenta homens, e a correr com todas as despezas da expedição; em troca foi nomeado governador, capitão general, e *adelantado* de todos os paizes que conquistasse, foi declarado independente do governador de Panamá, e deu-se-lhe poder de nomear, como entendesse, os officiaes que deviam servir com elle. Para Almagro pedio simplesmente o posto de governador da fortaleza que havia de erigir em Tumbez, o que era uma verdadeira zombaria, porque, sendo-lhe outhorgada a faculdade de nomear os seus officiaes, podia-lhe dar o commando de quantas fortalezas quizesse sem prévia auctorisação do monarcha. Só o padre Luque obteve o que pretendia; Pizarro vio que não podia ser elle mesmo bispo, e não teve por conseguinte difficuldade em pedir o baculo para o seu companheiro.

Devem suppôr qual seria a indignação d'Almagro, vendo-se logrado pelo seu perfido socio. Esteve a associação para se romper, e ter-se-hia realisado a ruptura se Pizarro, perspicaz como sempre, e sentindo as difficuldades que um successo tão escandaloso produziria, não tivesse apaziguado o seu companheiro, abdicando n'elle um dos postos que accumulára em si, o de adelantado, e promettendo obter-lhe depois um governo independente. Almagro, homem franco, e leal, perdoou tudo, mas seria exigir muito suppôr que, no fundo do coração lhe não tivesse ficado um germen de desconfiança, que, depois, viria a produzir fructos amargos.

Com cento e vinte e cinco homens viera Pizarro da Europa, metade, apenas, dos que se obrigára a levantar. Ainda que Fernando Cortez, o conquistador do Mexico, encontrando-o em Sevilha, e sabendo, por experiencia propria, o quanto podia ser lucrativa a expedição, lhe tivesse emprestado algum dinheiro, não tinham chegado os fundos para completar a força exigida pelo governo, e Pizarro, para se esquivar a investigações, dera á vela furtivamente. Em Panamá augmentára a sua tropa, elevando-a á força de cento e oitenta homens, dos quaes eram trinta e cinco de cavallaria. Com este punhado de hespanhoes, repartidos por tres navios, partio Pizarro para o Perú, no firme intento de conquistar um imperio que lhe podia oppôr um exercito de cem mil homens. De que desconhecido bronze era feito o espirito dos homens d'aquelle seculo, e que sybilla ignota, prophetisando-lhes victorias incredibeis, os decidia a affrontarem com tanta confiança perigos mysteriosos?

Em fevereiro de 1531 deu á vela a nova expedição. Almagro ficou em Panamá, como da pri-

meira vez, para levar os reforços que podesse obter.

Em treze dias fez Pizarro, já conhecedor das monções favoraveis, a viagem que fizera outr'ora em tres mezes, mas, impellido pelas correntes e pelos ventos, teve de ir desembarcar na bahia de S. Matheus, cem leguas ao norte de Tumbez. Este acaso ia fazendo gorar a expedição, porque os soldados novos, que, em vez de desembarcarem logo no centro da riqueza peruviana, eram obrigados a atravessar estereis desertos, e a soffrer mil calamidades, romperam em murmurios e dos murmurios passariam á revolta, se a energia de Pizarro, e as asserções dos primeiros expedicionarios os não tivessem apaziguado.

Chegaram, finalmente, á provincia de Coaque, e o explendor extraordinario dos templos que nas cidades encontraram, pagou-os bem de todas as fadigas e privações. Logo ahi se começou a sentir o immenso inconveniente que resultava para o governo hespanhol da sua não interferencia n'essas expedições. Dirigidas por delegados seus, não arruinariam os paizes conquistados, e dariam á corôa das Hespanhas uma provincia immensa, cujas contribuições regulares bastariam para enriquecer o fisco. Mas os conquistadores, movidos pela ambição pessoal, tratavam só de se enriquecer, e faziam como o desastrado que matava a gallinha dos ovos de ouro. Em Coaque principiaram esses roubos, incriveis, desmedidos que esgotavam o paiz e d'um imperio florescente faziam um deserto, de cujo solo devastado desentranhavam depois os Hespanhoes essas estereis riquezas do oiro das minas.

De tanta opulencia, conquistada de subito, quiz logo Pizarro tirar o maximo resultado; enviou um navio a Panamá, portador de grandes sommas para Almagro, afim deste fazer os alistamentos necessarios, e de provocar a cubiça no animo dos aventureiros da colonia. Effectivamente, á vista d'essa opulencia inesperada, como que um choque electrico abalou toda a população. Logo os alistamentos se succederam com rapidez, e, se os chefes admittissem tantos collegas á repartição dos lucros, a colonia em peso se transpunha para a America do Sul.

Entretanto, Pizarro continuava a sua marcha triumphal, encontrando fraquissima resistencia; o estranho aspecto dos europeus, as suas armas de fogo, os seus ginetes e o modo como os cavalleiros os guiavam, de fórma que, aos olhos dos ingenuos indios, affiguravam se uns centauros desconhecidos, tudo isso bastava para fazer com que o terror precedesse a marcha dos hespanhoes. Não precisaria Jasão de Medea, se fosse, como estes, o dragão que defendia o vello d'oiro da Colchida.

Só na ilha de Puna encontrou Pizarro uma resistencia mais seria. Seis mezes gastou em subjugar os habitantes, o que prova unicamente a obstinação d'estes, mas de modo nenhum, a sua firmeza no combate. Se a tivessem, no fim de seis mezes não havia um só hespanhol vivo. Mas, tentando defender-se com desespero, apenas troava um canhão, apenas uma carga de trinta cavalleiros de Pizarro fazia tremer o solo, dispersavam-se os pobres subditos dos Incas, e soffriam uma horrivel carnificina.

Em Tumbez as molestias retiveram ainda tres mezes a expedição. Ahi recebeu Pizarro dois destacamentos de reforço, pouco valiosos pelo numero) eram apenas de trinta homens cada um (mas immensamente pela qualidade dos officiaes que os commandavam. Chamavam-se elles Sebastião Benalcazar, e Fernando de Soto, officiaes experimentados, veteranos das guerras d'Italia, e costumados á disciplina hespanhola, que era, n'esse paiz, a grande causa da sua superioridade. Um corpo de duzentos homens, unido e compacto e obedecendo a uma vontade unica, ha de ter sempre grandes vantagens sobre uma confusa massa de trinta ou quarenta mil homens, combatendo individualmente, sem direcção nem unidade.

Na foz do rio Piura fundou Pizarro a primeira fortaleza hespanhola a que deu o nome de S. Miguel. Tendo-se assim assegurado uma base de operações, e já mais informado, graças ao vagar da sua marcha, da constituição politica do Perú, da sua situação actual e das suas dissenções intestinas, Pizarro pôz-se audazmente em marcha na direcção de Cuzco.

Sigamos o rasto de sangue que essa gloria immensa e iniqua vai deixando pelo caminho que percorre.

(Continua).

A PREDICÇÃO E PREVISÃO DO TEMPO

Predizer o tempo, é indicar um anno ou seis mezes antes o tempo que ha de fazer n'um dia ou periodo dados. Quando se trata de phenomenos regulares, periodicos, nada de mais logico e mais certo que estas predicções. Os astronomos calculam os eclipses com muitos annos de antecedencia e nunca se enganam, porque os eclipses resultam das posições respectivas da terra e da lua em relação ao sol. Estas posições são a consequencia necessaria de movimentos geometricos regulares, invariaveis e perfeitamente conhecidos. A predicção é, pois, não sómente possivel, mas tambem é certa. Do mesmo modo podemos saber com antecedencia qual será em cem annos a ordem de successão das estações do anno e o numero de horas durante as quaes o sol estará acima do horisonte em um dia e lugar dados. Estas predicções resultam do conhecimento do movimento da terra á roda do sol, combinado com a inclinação do eixo da terra sobre o plano da ecliptica. Não succede, porém, assim com as variações athmosphericas, com especialidade fóra dos tropicos.

As mudanças de tempo não são regularmente periodicas. Em vão se tem procurado ligal-as ás phases lunares. Todas as vezes que o estudo tem sido feito séria e pacientemente, sem preconceitos, os resultados teem sido negativos. A gente dos campos, que não teem tempo para se darem a longas averiguações estatisticas, obedece á vaga necessidade de ligar as mudanças do tempo a uma causa mais geral e de prevel-as em interesse dos seus trabalhos agricolas: assim, o cultivador acredita, geralmente, nas influencias lunares. Impressionado por alguns casos em que a mudança de tempo tem coincidido com uma phase da lua, esquece todos os casos em que não tem tido lugar

a coincidencia, como o medico prevenido a favor do remedio que applica, esquece os seus revezes e apenas se lembra dos resultados felizes.

É tambem muitissimo raro não se esquecerem completamente, apreciando estas predicções, as noções mais simples de probabilidade. Geralmente, os prophetas annunciam tempestades, chuvas abundantes para as estações em que ellas costumam ter lugar. Mas é necessario ter em vista que nestas estações, especialmente no meio dia da Europa, a probabilidade é a favor da chuva. Ainda mais: tem-se calculado, que, em certos pontos, póde-se apostar 40 contra 60 em como, n'um dia marcado, choverá. Em outros, clima mais seco, a probabilidade da chuva para um dia qualquer não excede de 25 contra 75; mas na primavera e no outomno será de 50 contra 50, isto é, ha tantas probabilidades de chuva como de bom tempo.

As predicções não passam de coincidencia, porque não se pódem deduzir de leis conhecidas na variação do tempo. As mudanças athmosphericas que sobrevem no nosso paiz são a repercussão das alterações que se produzem, a centenares de leguas de distancia, sob a influencia da temperatura do ar, da pressão athmospherica, de ventos reinantes ou accidentaes, da evaporação, mais ou menos, dos mares e das terras, de tensões electricas, etc. etc. Prever com muito tempo de antecedencia a existencia, a força relativa, os effeitos destes elementos que se juntam uns aos outros, se modificam ou se destroem, é completamente impossivel. A mais vasta intelligencia, abraçando só com um relancear de olhos o conjuncto da athmosphera terrestre, e dotada de todos os conhecimentos physicos e meteorologicos da nossa época, seria incapaz de predizer de uma maneira infallivel o tempo que hade fazer em um lugar dado, um mez antes, que fosse.

Se a sciencia e a logica condemnam as predicções meteorologicas, estão de accordo para proclamarem a legitimidade e a utilidade das previsões athmosphericas, isto é, as predicções a curtos prasos, dois ou tres dias, por exemplo. Ellas repousam sobre este facto incontestavel, que a mudança de tempo é sempre precedida de alguns symptomas que a denunciam e a preparam. Assim, em todos os paizes conhecem-se os ventos chuvosos e os que o não são. A substituição d'um destes ventos por outro auctorisa a prevêr uma mudança de tempo. Na maior parte das regiões da Europa, o barometro desce sob a influencia destes ventos chuvosos; ao mesmo tempo, certas nuvens apresentam-se no céo; o hygrometro annuncia que o ar cada vez se vai tornando mais humido, a sua transparencia augmenta, os objectos afastados approximam-se. Todos estes signaes permittem prever uma mudança de tempo com grande probabilidade. Comtudo acontece algumas vezes mudar o vento: todos os presagios de chuva se dissipam e o tempo torna-se bellissimo.

A telegraphia electrica fornece-nos outros elementos proprios para prever o tempo. Por ella somos informados do estado athmospherico da Europa desde o norte até o meio dia. A força de reunir factos póde saber-se em que direcção o mau tempo chega ordinariamente a uma cidade ou a um porto. Quando se souber pelo telegrapho que é mau n'esta direcção, ter-se-ha um elemento importante, mais uma probabilidade. O almirante Fitz-Roy, em Inglaterra, armado de todos os dados de que fallámos, expedia pelo telegrapho, muitas vezes para todos os portos avisos para os barcos de pesca não se aventurarem ao mar largo. E quasi sempre o acontecimento justificava as suas previsões. Marié-Davy, no observatorio de Paris prosegue os mesmos estudos, e alguns dos seus prognosticos tem-se verificado.

Entre nós tambem tem succedido o mesmo. Mas isto não é mais do que uma probabilidade annunciada dois ou tres dias antes, probabilidade que a multiplicidade das observações tenderá a approximar da certeza, sem nunca poder attingil-a. Comtudo, proseguindo-se n'estes estudos, talvez que no fim de muitos annos se possa estimar esta probabilidade numericamente, e dizer ao navegador, n'um estado meteorologico determinado: Apostamos 60 contra 40 em como ao saír do porto encontrará mau tempo. Então cumpre ao marinheiro reflectir no risco que vae correr; consultar a sua coragem e os seus interesses

Assim como a *predicção* do tempo é um trabalho vão e sem resultado, tal a *previsão* é um exame logico e cheio de futuro. Para julgarmos uma e outra, desejariamos, em primeiro lugar, que nos dissessem quantas vezes as previsões athmosphericas se teem verificado no decurso de um anno e quantas teem falhado. Por outro lado, quereriamos que os prophetas tivessem a coragem e a boa fé tambem de marcar no Almanak de 1868 o tempo de cada dia ou de cada periodo de muitos dias, á sua escolha. Mathieu Laensberg deu-lhes o exemplo e adivinhava algumas vezes; mas, feitas as contas, enganava-se muito: hoje ninguem o acredita; mas o espirito humano, amigo do maravilhoso e do extraordinario, aceita sempre os novos prophetas; desacreditar-se-hão tambem, sem que o homem, que não tem estudado sufficientemente para saber ignorar e duvidar, renuncie a querer penetrar os segredos do futuro e a conhecer o que é vedado aos mortaes.

Os grandes do mundo são escravos da sua grandeza. Não se podem arrojar, sem levar comsigo tantos grilhões, & bragas, quantos pontos de honra, & razões de estado. Se descaissem do estado, ou o renunciassem, então ficarião forros.

O mundo he mar, a ambição he sede. Não me espanto que o ambicioso se não sacie com os bens do mundo; porque a agua salgada não apaga, antes acende as seccuras. Impossivel he apagar bebendo, a sede que nasce de beber: & satisfazer possuindo, a cobiça que nasce de possuir.

MANUEL BERNARDES.

Typ. Franco-Portugueza, Rua do Thesouro Velho, 6.

Weymouth

Ao contrario de muitas outras cidades da Gran-Bretanha, que de dia para dia teem ido enriquecendo, Weymouth, outr'ora de grande importancia pela sua magnifica situação na embocadura do Wey, que lhe dava um excellente e seguro porto, acha-se hoje em perfeito estado de pobreza, devido á agglomeração de areias, que, gradualmente, lhe foram obstruindo a barra, a ponto de a tornarem quasi intransitavel. O seu commercio actual é insignificante; apenas alguns navios de pequeno lote, que navegam para a Terra Nova e para varios portos do nosso paiz, ali vão levar e receber cargas pouco avultadas.

Apezar, porém, da sua decadencia, a cidade de Weymouth, não desappareceu completamente da memoria dos laboriosos filhos de Albion; porque, se muito perdeu em riqueza, ganhou immenso em belleza e elegancia. Actualmente, as suas lindas praias são, de todas as d'aquella nação, as mais frequentadas no tempo dos banhos. É ali que se reune a côrte e tudo quanto ha de nobre e opulento na Inglaterra.

A ponte que se vê na nossa gravura, obra de madeira edificada pelos annos de 1770 e mui digna de attenção pela sua elegancia e solidez, une Weymouth a Melcombe-Regis.

Weymouth conta tres mil habitantes Foi n'esta cidade que desembarcou em 1471 Margarida de Anjou, em companhia de seu filho Eduardo, depois de restabelecer no throno seu marido, Henrique VI.

FRANCISCO PIZARRO

IV

O imperio peruviano era na America do Sul o unico paiz civilisado, como na America do Norte era tambem no Mexico só que havia uma tal ou qual civilisação. Não porque fosse um reino compacto que se tivesse desenleiado da barbaria, mas porque o poder dos Incas havia ido sugeitando pouco a pouco os paizes, civilisados tambem, que rodeiavam o primeiro nucleo do imperio, e sujeitando todos a um unico dominio. Ainda pouco antes da chegada de Pizarro, o inca Huana Capac fizera a conquista do poderoso reino de Quito, completando assim a unidade peruviana, e como que dando a todos os povos civilisados da America meridional uma cabeça unica para que a espada de Pizarro lh'a decepasse d'um golpe.

Os incas exerciam no imperio um despotismo absoluto. Como todos os chefes dos povos chegados apenas ao primeiro estado de civilisação, os incas peruvianos robusteciam o seu poder temporal com as tradições sacerdotaes, dizendo-se de raça divina e conquistando d'essa fórma não só o respeito humilde do povo, mas tambem a sua veneração. A familia dos incas formava uma familia á parte, cujo sangue se não devia macular misturando-se com o de outras raças. Comtudo, o ultimo inca ousára infringir essa lei fundamental do imperio. Namorado da filha do rei vencido de Quito, casára com ella, d'ella tivera um filho chamado Atahualpa a quem legára os estados de seu avô, deixando a Huescar, seu filho mais velho, o antigo territorio do imperio.

Mas o povo peruviano, por muito obediente que fosse aos seus monarchas, estranhou esta infracção aos usos estabelecidos, e começou a murmurar altamente. Vejam como o espirito humano é o mesmo em toda a parte! O que succedeu a Huana Capac no Perú, succedeu depois a Luiz XIV em França. Emquanto vivo todos obe-

deciam a um gesto seu; depois de morto rasgaram-lhe o testamento. E assim como os bastardos reaes filhos de M.me de Montespan, foram esbulhados da regencia, que seu pae lhe deixára, por Philippe d'Orleans, firmado na opinião publica, assim Huescar, vendo as boas disposições do seu povo, resolveu desobedecer ás vontades de seu pae, e despojar da sua herança o profano intruso na familia divina dos incas.

Mas aqui finda o simile; Atahualpa não era, como o duque de Maine, um principe timido e indolente. Acceitou o repto de seu irmão, bateu-o, e para que se não renovassem pretensões identicas, exterminou toda a familia dos incas, encerrou n'um carcere Huescar, deixando-lhe a vida para que podesse legalisar de certo modo a sua usurpação, apresentando-se como lugar tenente do monarcha legitimo, e dando ordens em seu nome. Como se vê, Atahualpa adivinhava o procedimento do nosso D. Pedro II com seu irmão D. Affonso VI.

Estas dissenções civis foram altamente favoraveis aos hespanhoes. Mais occupados das suas discordias, do que repellirem uma invasão que lhes parecia ridicula, attendendo ao numero dos invasores, os dois rivaes reservaram para depois de se decidir pelas armas a sua sorte tratar de lançar ao mar os atrevidos brancos. Não censuramos os incas; como podia dar unidade a um imperio poderoso o desembarque de cento e tantos homens nas suas praias? Mas é certo que se, n'esse primeiro momento, conhecendo a immensa superioridade militar dos recem-chegados, tivessem caido sobre elles com todas as suas forças reunidas, é certo que, por muito grande que essa superioridade fosse, a massa enorme dos indios abafaria o corpo hespanhol. Não succedeu assim, e Pizarro, aproveitando esse erro, marchou, como dissemos, resolutamente para o interior.

Reforçado já por algumas expedições de Panamá e Nicaragua, Pizarro, depois de deixar uma pequena guarnição na fortaleza de S. Miguel, pôde avançar com a força enorme de sessenta e dois ginetes, e cento e dois infantes, dos quaes eram vinte besteiros e apenas tres mosqueteiros. Á testa d'este numeroso exercito caminhou Pizarro para a cidade de Caxamalca, proximo da qual Atahualpa estava reunido com o grosso das suas forças.

N'isto sobreveio um novo incidente que mudou completamente a face dos negocios. Informado dos pequenos combates que houvera já entre os peruvianos e os hespanhoes, e da superioridade immensa que estes tinham revelado, Atahualpa, cego sempre pelo odio a seu irmão e pelo desejo de conquistar o throno, pensou que seria melhor, em vez de combater os estrangeiros, attrahil-os a si, e servir-se d'elles para fazer triumphar a sua causa. Politica deploravel que sempre servio o projecto dos conquistadores, que aplanou sempre os obstaculos, que os povos mais fracos lhe poderiam oppôr, se os seus governantes, em vez de se occuparem de mesquinhas rivalidades, despertassem o sentimento nacional, e levantassem um paiz em massa contra os invasores. Atahualpa cedeu aos desejos das suas más paixões. O pobre inca não tinha lido, de certo, a fabula do «cavallo, o veado e o homem.»

Pizarro, como habil que era, aproveitou o erro do inimigo, recebeu o valioso presente que este lhe enviou, declarou que era embaixador de um rei muito poderoso, e que estava disposto a auxiliar Atahualpa com todo o seu poder. Depois continuou a avançar, entrou em Cahamalca, vendo que era uma cidade fortificada, collocou as suas tropas em posições vantajosas por traz dos baluartes, e d'ali enviou a Atahualpa Fernando de Soto para lhe renovar os seus protestos de amizade, e pedir-lhe uma entrevista.

(Continua)

GUILHERME TELL E SCHILLER

Durante o caminho, o pae e o filho conversam juntamente, e, a proposito de algumas interrogações do joven Walther, o bom cidadão d'Uri expõe-lhe em poucas palavras a sua politica.

WALTHER

Meu pae, existem paizes onde se não encontrem montanhas?

TELL

Quando, seguindo o curso das nossas ribeiras, se desce dos montes, chega-se a vastissimas planicies onde os olhares, sem que nada os impeça, abraçam a immensidade do espaço. As messes verdejam ali, como se foram ricos prados, e o paiz offerece o aspecto de um jardim bem cultivado.

WALTHER

Porque motivo, pois, meu pae, não corremos a esse bello paiz, em vez de ficarmos aqui n'um espaço tão estreito?

TELL

Essa terra de que te fallo é fertil e risonha como o proprio céo; mas os que a cultivam não recolhem as riquezas que n'ella depositam.

WALTHER

Que! Não possuem livremente a sua propria herança?

TELL

Não; os campos pertencem a um bispo ou a um rei.

WALTHER

Não obstante pódem caçar á sua vontade nas florestas?...

TELL

As aves, os gamos, as lebres, tudo, emfim, pertence ao senhor.

WALTHER

Tambem não pódem pescar nos seus rios?

TELL

Os rios, o vasto oceano, o sal, são propriedade do rei.

WALTHER

Quem é, pois, esse rei que todos devem temer?

TELL

É aquelle que os sustenta e protege.

WALTHER

Não acham elles em suas forças protecção!

TELL

Nenhum individuo ousa confiar a outro os sentimentos do seu coração.

WALTHER

Ah! meu pai, deve-se viver muito oppresso n'esse paiz. Prefiro ficar aqui, debaixo das avalanchas.

TELL

Sim, meu filho, estas montanhas de gelo são menos para temer que os máos!...

Que predisposição para a lucta terrivel com o governador! e para o filho, que licção de coragem e de liberdade! Que satyra sangrenta dos vicios do regimen feudal e dos abusos da realeza! Emfim, como a dignidade da alma, preferida ás voluptuosidades da vida, se faz já sentir nas respostas do mancebo! É assim que se formam os homens verdadeiramente fortes, que se elevam á direcção dos seus proprios negocios e á intelligencia da cousa publica. A politica simples da justiça, e do esforço individual, é, a nosso parecer, a melhor.

Guilherme e seu filho acham-se depressa em Altorf e passam por diante do chapéo do governador. Aqui o poeta deu ao caracter do heroe um colorido sobre o qual convem chamar a attenção do leitor. Ainda que Tell tenha o espirito republicano, não é homem inclinado á destruição das leis estabelecidas e á rebellião. A sua natureza não é aggressiva. Passa, pois, por diante do chapéo sem saudal-o; mas, se procede deste modo, é por inadvertencia e preoccupado com outras cousas, e confessal-o-ha com toda a sinceridade ao proprio governador. Comtudo, esta falta sendo olhada pelos esbirros como uma intenção má da sua parte, é preso e arrastado á prisão. É então que tem lugar a formosa scena da maçã. Esta scena, é, certo, uma das melhores da peça, e uma das mais pateticas do theatro allemão. Vê-se ali o coração de um pae rasgado nas suas fibras mais sensiveis, a tyrannia excedendo as forças da humanidade. Nada ali é superfluo. Neste horrivel duelo, cada palavra é uma setta, e commove profundamente. Tell é um coração energico, mas bom: faz tudo quanto é possivel para afastar o homem da sua acção iniqua. Supplica-o, conjura-o, por tudo o que ha de mais sagrado no mundo, para que renuncie ao seu designio; depois, quando perde inteiramente toda a esperança de fazer mudar aquelle barbaro coração, toma a sua resolução e invoca o auxilio de Deus, auxiliando-se elle proprio. Emfim, a coragem e a innocencia triumpham; mas a perversidade ainda não se desarma. Persiste em opprimir a sua victima. Então o pobre montanhez, conhecendo que o combate é mortal, decide-se a aproveitar a primeira occasião favoravel para acabar com o seu algoz, tirar-lhe a vida. O voto que faz de matar o homem que o expunha a immolar seu innocente filho, voto espontaneo e arrancado ao excesso do soffrimento, medita-o e reflecte muito em quanto espera a passagem do oppressor. «Eu vivia, diz elle, tranquillo e innocente; esta arma só era dirigida contra os hospedes das florestas e a idéa de um assassinio jámais me manchou o pensamento. Ó governador, tu anniquilaste esta afortunada paz, accostumaste-me a acções de que a natureza estremece!... Governador, as novas e debeis crianças, as ternas esposas, é preciso que as salve do teu furor!...» E deste generoso sentimento, volta aos soffrimentos particulares que o affligiram quando dirigio uma frecha sobre a cabeça de seu filho. A imagem das suas criancinhas passa-lhe diante dos olhos; cuida nos seus joguinhos com elles, pensa no prazer que lhes dava quando lhes levava alguma cousa da caça. E agora, é outra a presa que elle persegue; e solta este ultimo grito: «Sois vós, meus queridos filhos, sois vós unicamente quem me occupa o pensamento; e se eu estendo o meu arco, é para proteger a vossa timida innocencia!»

Schiller era pae de familia na época em que compoz o seu drama. Era necessario que o fosse, para ter sentido tão profundamente, e haver descripto tão justamente as angustias da ternura paternal esmagada pela mão de ferro de um poder implacavel.

O malvado é morto. Logo depois de o ver cair sob a sua frecha, Tell volta á sua choupana, e, entrando, as suas primeiras palavras são uma explosão de felicidade conjugal e de enthusiasmo paterno. «Ó Hedwige, Hedwige, mãe de meus filhos, Deus tem estado comnosco; nenhum tyranno jámais nos separará!...» E abraça sua mulher e filhos. Comtudo, a meiga esposa receia que seu marido tenha commettido um assassinio: «Esta mão, diz ella, posso ainda apertal-a?»

—«Esta mão, responde Guilherme com energia, esta mão libertou-nos; salvou a patria e eu levanto-a livre para o céo!» Estas ultimas palavras tranquillisam a consciencia inquieta de Hedwige. Se Tell se sentisse culpado; levantaria a mão manchada de sangue para o céo?

Esta resposta, comtudo, não bastou ao poeta. Querendo pôr o seu heroe ao abrigo de toda a censura, imaginou um encontro entre elle e João o parricida, duque de Souabe. Este principe, assassino do imperador de Allemanha, seu tio, porque este ultimo queria apoderar-se dos seus bens, proscripto e fugitivo nas montanhas da Suissa, vem pedir hospitalidade á mulher do bravo archeiro justamente no momento em que este entra.

Resulta do contacto destes dois homens um colloquio, no qual Schiller imprime claramente a differença que existe entre o homem que mata com um interesse privado, mesmo o seu inimigo, e aquelle que, tomando as armas para a sua propria defeza, da dos seus filhos e do seu paiz, só opera em vista da justiça e dos interesses geraes.

TELL

Assassino de teu pai e do teu imperador, como ousas tu penetrar neste innocente asylo? Como

ousas encarar um homem honrado e reclamar os direitos da hospitalidade?

JOÃO O PARRICIDA

Esperava encontrar no vosso coração alguma compaixão pelo meu infortunio. E vós, tambem, vos vingastes do inimigo que vos opprimia.

TELL

Desgraçado! Atreves-te a confundir o cruento crime da ambição com a defeza legitima de um pae? Tinhas a salvar a cabeça de um filho querido, a santidade dos lares domesticos a defender? Procuraste arrancar os teus á desgraça que pesava sobre elles? Eu levanto para o céo as minhas mãos innocentes, e amaldiçoo-te a ti e ao teu attentado! Eu vinguei as santas leis da natureza; mas tu violaste-as. Nada ha de commum entre nós. Tu assassinaste aquelles que devias respeitar, e eu defendi o que tenho de mais caro no mundo.

Tell, separando a sua causa da de João, não fecha, comtudo o seu coração ao dó que elle lhe inspira. Anima o infeliz principe, e aconselha-o a que se dirija á Italia e vá lançar-se aos pés do soberano pontifice, confessando-lhe o seu crime, para assim remir a sua alma.

A scena é engenhosa, o dialogo é acertado e elegante; mas no ponto de vista dramatico, achamol-o frio e pouco natural. Conhece-se perfeitamente que só ha ali um arrasoado do poeta a favor do seu principal personagem. Não havia precisão d'isto; as poucas palavras de Tell a sua mulher eram sufficientes. Schiller não considerava a arte, e com especialidade a theatral, como uma simples distracção do espirito, um objecto de commoções ardentes e passageiras; queria que fosse um ensino duravel e profundo, e que o espectador d'uma peça de theaatro saisse da contemplação d'ella, melhor e mais serio; só queria deixar no espirito do publico altas inspirações do bem. É, pois, á extrema delicadeza do senso moral do poeta que se deve esta ultima scena, que não é mais, para assim dizer, que uma superfetação, e que, ordinariamente, é supprimida nas representações.

Em summa, esta figura heroica da Suissa no decimo quarto seculo, reproduzida por Schiller, dá a maior honra ao seu pincel. É d'aquellas que como Lucrecia e Virginia, dizem á tyrannia, descobrindo os profundos sentimentos do coração paterno, os pudores da virgem e a honra da esposa: Não avançarás a tanto; ou se te atreveres a levar até ahi o insulto, acharás, certo, a tua ruina.

Guilherme Tell, foi a ultima obra importante do grande poeta; terminou a sua brilhante carreira dramatica com um canto de liberdade honrado e popular. Começara-a compondo o drama dos *Salteadores*, obra na qual a paixão pelo direito e o odio pela injustiça se manifestaram debaixo das formas da revolta e da destruição. Estes sentimentos mantiveram-se no sublime sonho do marquez de Posa, e, pela ultima vez exprimiam-se nobre e virilmente pelo orgam simples e franco de uma pobre criança da Helvecia, não pedindo para si e para os seus senão o meio de mover-se com liberdade, dignidade e segurança, no pequeno circulo de vida onde os collocara a Providencia.

Não se póde acabar melhor.

UMA OBRA DO SECULO IX

5. Constantino, reinou XXX annos. Havendo-se convertido ao christianismo, tolerou os christãos. Por esta época, Helena, sua mãe, encontrou a Cruz do Senhor. Mandou que se celebrasse o Concilio Niceno, como dizemos em outra folha.

Constancio e Constante, reinaram XXXIII annos. Constante, arrianno e cruel por seus costumes, persegue os christãos. Seu amigo Arrio, morre em Constantinopla. Hilario brilha por sua doutrina. Donato, que floresceu em Roma na arte da grammatica, morre ali por este tempo. Antonio Monge, morreu tambem n'esta época. Os ossos dos Santos Apostolos André e Lucas trasladam-se para Constantinopla.

6. Juliano reinou II annos. Primeiro clerigo, e logo Imperador; e pagão, adorou os idolos, martyrisou os christãos, e por odio a Christo, mandou restaurar o templo dos judeus em Jerusalem; mas o Senhor não lh'o consentio, e Juliano morreu assetteado pelos Persas.

Joviano, reinou I anno. Este, sendo christão, recusou tomar as redeas do governo, e accedeu aos rogos do exercito, quando este se converteu ao christianismo. Immediatamente restituio aos christãos todas as liberdades e privilegios e mandou fechar os templos dos idolos.

Valentiniano e seu irmão Valente reinaram XIV annos. Os godos dividem-se em duas porções mandadas por Atanarico e Fridigerno. Alarico excede Fridigerno. Este, com o auxilio do Imperador arriano, Valente, e pela influencia d'este, abraça o Arrianismo com todôs os seus Godos. Golfilo, bispo, ensina-lhes o uso das letras.

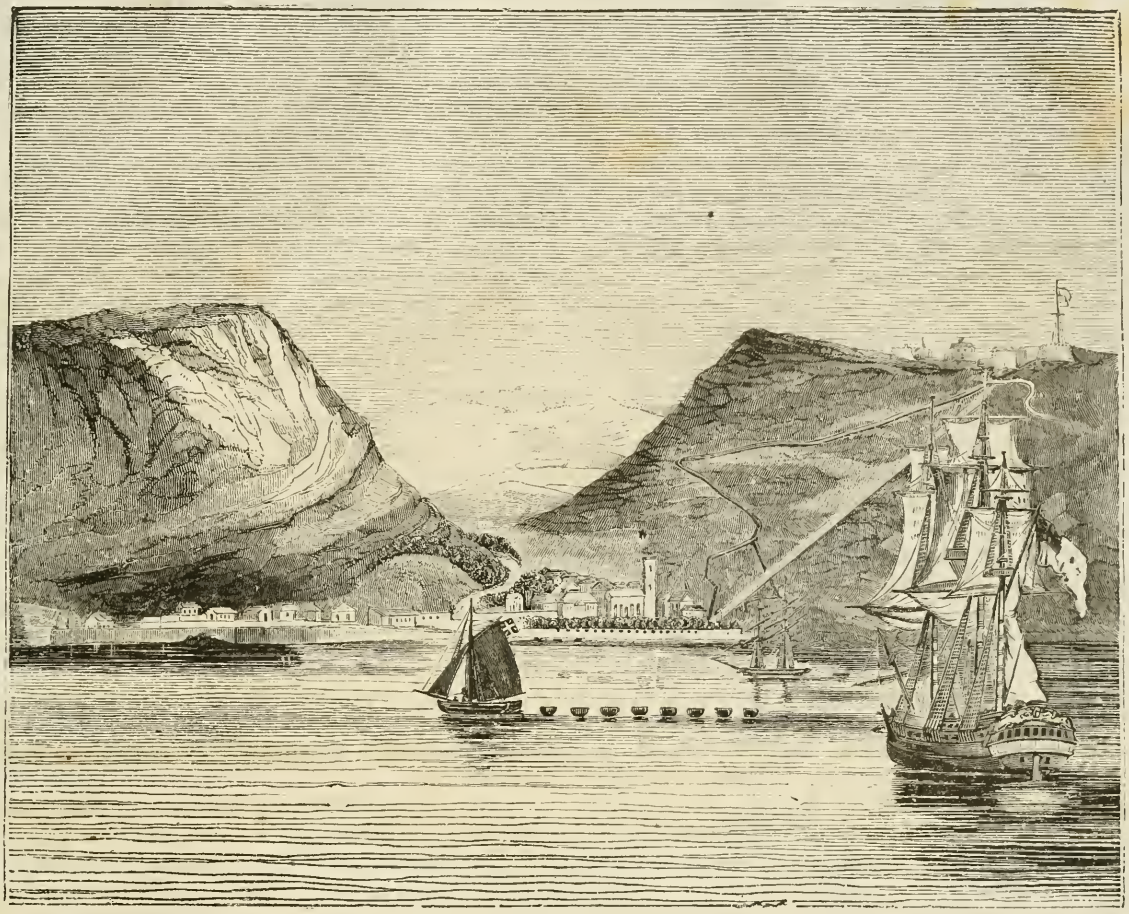
Graciano com seu irmão Valentiniano, reinou VI annos. Florescem Ambrosio, bispo de Milão e S; Martinho, bispo Turonense, assignalando-se este por seus milagres nas cidades da Gallia.

7. Valentiniano com Theodosio, reinou VII annos. Celebra-se um synodo em Constantinopla, composto de CL Bispos. O presbytero Jeronymo, floresce em Belem, e em todo o mundo. A cabeça de São João Baptista, é trasladada para Constantinopla, e enterrada a VII milhas da cidade. Theodosio derroca o templo dos idolos,

Theodosio com Arcadio, reinou III annos. Por aquelle tempo, o Anachoreta João, brilhou por seus milagres.

(Continua)

A palavra revestida de brandura tem muyto mais força, e lustre: e revestida de colera, hua, e outra cousa perde. Nada menos se persuade ao proximo, do que o que se lhe intenta persuadir como modo apayxonado, ou imperioso.



Santa Helena.

Que nome este! que poema nos não desperta logo na phantasia a imagem d'uma pequena ilha pedregosa, perdida no meio dos mares, ninho de rochas onde foi expirar a aguia, que deixara cair o raio apagado nos campos de Waterloo! Santa-Helena é a consagração poetica do grande homem do seculo, é o sello de chammas estampado na fronte do gigante, que podia ser apenas um grande general como Frederico, um grande administrador como Colbert, um grande estadista como Richelieu, e que tomou, graças a esse captiveiro na ilha solitaria, as próporções enormes do Prometheu da mythologia.

O odio é cego, tanto o das nações, como o dos individuos. O punhal de Ravaillac veio canonisar o bom Henrique IV; a perfidia de Castlereagh divinisou Napoleão. Quem sabe? o homem estava cançado, o genio estava exhausto, a aguia, com as azas quebradas, não pedia senão que a deixassem desprender o vôo rasteiro e obscuro de telhado em telhado. A isso se reduziria talvez a ave imperial, que, desembarcando no golpho Juan, annunciava orgulhosamente que voaria de campanario em campanario até ir poisar nas torres de Notre-Dame. Se o deixam viver, como elle pedia, simples particular n'um canto da Inglaterra, se lhe restituem mesmo o seu imperio lilliputiano da ilha d'Elba, tinham assassinado com o ridiculo a gloria mais collossal do universo, tinham dado um fim burguez a essa existencia heroica, tinham arrancado a esse Edipo collossal o tragico manto da fatalidade, e tinham-n'o transformado no pacato Geronte d'uma comedia de Molière.

Mas o odio cegou-os, desvairou-os o medo. Levantaram a estatua caída, deram-lhe o pedestal sublime d'um infortunio immenso, e collocaram-n'a ali isolada em Santa Helena, no meio das vagas tempestuosas, longe da Europa e, comtudo, presente sempre á imaginação europea. Ao homem, que se quizera confundir com os outros homens, deram a grandeza do eremiterio, e o vago mysterioso do longinquo, trocaram-lhe a coroa imperial pela coroa cem vezes mais brilhante do martyrio, e fizeram assim do homem um Titão, do imperador um Deus.

Não podia haver fecho mais sublime para a grandiosa epopéa napoleonica; o Prometheu gigante, que espalhou pelo mundo a chamma sagrada da revolução, que levou a liberdade, sua mãe, maniatada ao seu carro de triumpho, mas que assim mesmo em grilhões a fez admirar aos povos, senão em si mesma, pelo menos n'elle a sua obra mais completa, filho ingrato, mas filho augusto e grande, o Prometheu do seculo brota do seio de

um rochedo do Mediterraneo; como a aguia, que ha de ser seu symbolo, abate o vôo juvenil sobre Toulon, e com o raio, que leva nas possantes garras, fulmina a cidade rebelde, depois em vendemiario entra de novo em scena, e de novo a sua pallida figura affugenta a contra-revolução. Eil-o outra vez nas montanhas, em que tanto se compraz, desce dos Alpes italianos, atravessa a Italia como uma nuvem de fogo, fulminando exercitos, e só pára fremente e offegante no cume dos Alpes Tyrolezes, dictando a lei ao inimigo.

Depois as suas azas immensas ambicionaram deixar-se illuminar pelos esplendores do Oriente, e a aguia ousada vai pousar triumphante, entre as nuvens, no cume das Pyramides, ao lado das vaporosas figuras dos quarenta seculos. Eil-o agora na Europa, enviado pela Providencia para salvar a revolução. Os Alpes outra vez o vêem poisando sobre os seus pincaros nevados, indo saciar-se em Marengo no corpo dos inimigos.

Depois a coroa imperial cinge-lhe a fronte, e é quem lh'a cinge um papa. Começa então a carreira victoriosa, hoje Austerlitz, ámanhã Iena, depois Friedland, Somo-Sierra em seguida, Wagram, Moskowa. A aguia fatigada mal póde já despregar as azas ás brisas da victoria; se hoje se banha no Tejo, banhar-se-ha ámanhã no Borysthenes. Afinal o collosso tem que recuar, mas os seus passos retrogrados são victorias que os assignalam: Lutzen, Bantzen, Dresde, Hanau, Montereau, Montmirail, Champaubert. Nas mesmas victorias vae perdendo o sangue; cáe afinal desfallecido na ilha d'Elba, ergue-se de novo, regressa a Pariz, junta um nome—Legny—á sua lista triumphal, mas a negra pagina de Waterloo apaga esses ultimos clarões, e a aguia prostrada está á disposição dos caçadores. Prometheu sente no peito os joelhos dos deuses d'esse Olympo monarchico, joelhos que tanta vez se macularam de pó diante d'elle.

A epopéa ameaçava acabar d'um modo desastroso; se Carlos V é, emquanto a mim, um tanto ridiculo, entoando o cantochão em S. Justo, se as alfaces cultivadas por Diocleciano em Salona têem o privilegio de nos fazer rir, que despoetisação não seria a d'esse grande vulto napoleonico, se a Europa fosse informada de que o illustre abdicatario se entregava ao fabrico da manteiga, ou á criação de porcos n'uma bonita herdade do Middlesex ou do Derbyshire!

Mas a Ingleterra não quiz. Deu á aguia de novo uma attitude real, encerrando-a n'essa gaiola penhascosa, levantou o Prometheu, que ia a tombar na prosa, e, para que o mundo podesse avaliar melhor a sua estatura collossal, agrilhoou-o, no meio dos mares, ao Caucaso de Santa-Helena, e poz-lhe ao lado, para completar a semelhança, esse hediondo abutre que se chamou Hudson Lowe.

O que desejam os leitores saber mais de Santa-Helena? Tão grande nome enche a pequena ilha. Comtudo sempre diremos duas breves palavras ácerca d'essa terrinha, escolhida para carcere do colosso.

Foi no dia 22 de maio de 1502 que João da Nova, fidalgo gallego ao serviço de Portugal, descobrio esta ilha a que poz, segundo o costume dos nossos descobridores, o nome da santa venerada n'esse dia pela igreja. Era completamente deserta. Os portuguezes estabeleceram ali algumas plantações, mas logo as abandonaram porque, sendo a ilha pouco attrahente, e havendo tantos territorios magnificos, que elles podiam desbravar, não quizeram perder tempo e fadigas com essa terra pouco importante. E, apesar d'isso, como, se para elle se rasgassem os véos do futuro, o celebre escriptor Antonio Galvão dizia desta pobre ilha deserta: «Santa-Helena, cousa pequena, mas muito nomeada.»

Para que o honrado escriptor não se pavoneie com as honras perigosas de propheta, diremos que o motivo que lhe dictava estas palavras era simplesmente o ser a bahia de Santa-Helena muito segura, e optimo porto de refrescos para as esquadras que se dirigiam á India.

Foi por isso que os portuguezes, apesar de a não quererem para si, expulsaram constantemente os Europeus que lá encontravam, procurando fundar algum estabelecimento. Afinal, quando principiou a nossa decadencia, os Hollandezes, que nos tomavam colonias de mais importancia, tambem conseguiram manter-se definitivamente nesta pequena ilha.

Em 1650 abandonaram-n'a elles á Companhia Ingleza das Indias Orientaes em troca do Cabo da Boa-Esperança. As duas republicas do Norte, a Inglaterra era então republicana, debaixo do protectorado de Cromwell, dividiam entre si a seu bel-prazer os retalhos da nossa tunica soberba.

Só em 1660 fundou a Companhia o seu primeiro estabelecimento, que em 1673 os Hollandezes lhe tomaram por surpresa. N'esse mesmo anno lh'a retomaram os Inglezes, e, para evitarem novos desastres, erigiram n'ella o forte de St. James.

A capital da ilha é *St. James Town*. Fortificações numerosas fizeram desta cidade uma outra Gibraltar. Por isso o governo inglez, quando, relanceando os olhos pelos vastos mares sujeitos ao seu imperio, procurou um carcere seguro para o homem, que vinha confiadamente, e segundo a sua propria frase, sentar-se, como Themistocles, junto dos lares dos seus maiores inimigos, fixou-se logo em Santa-Helena.

Ali residio Napoleão durante os ultimos seis annos da sua vida, torturado pela mesquinha vigilancia e pela brutalidade ignobil de sir Hudson Lowe, consolado pelo respeito e dedicação do marechal Bertrand, do conde Montholon, do seu creado de quarto Marchand, do conde de Les Casas, cortezão do seu infortunio, e do medico irlandez Barry O'Méara, que, designado pelo governo para ser um dos seus algozes, escolheu o papel mais nobre de ser um dos servidores affectuosos do exilado sublime.

Foi em Longwood que elle habitou, pequena residencia collocada no ponto mais doentio da ilha,

mas tambem no ponto d'onde mais impossivel seria uma fuga. Ali esteve o colosso desde os fins de 1815 até 5 de maio de 1821, em que essa grande alma, desprendendo-se do involucro terrestre, voltou ao seio do Criador, que a elle, mais do que a todos, illuminára com um reflexo da sua omnipotencia.

Dezenove annos repousou o corpo de Napoleão á sombra do salgueiro celebre, cujas folhas tanto tempo foram consideradas como inestimaveis reliquias pelos admiradores do grande homem.

Finalmente em 1840, reinando em França Luiz Philippe, veio uma fragata franceza, a *Belle-poule*, commandada pelo filho do monarcha, o principe de Joinville, buscar os restos mortaes do gigante, para os ir collocar ao lado dos de Turenne debaixo das abobadas da igreja dos Invalidos, á sombra das mil bandeiras, que as suas armas victoriosas haviam arrancado a todos os exercitos da Europa.

Mal previa o principe illustre que ia buscar á terra do exilio o cadaver do grande proscripto, que, oito annos depois, pizaria elle tambem a terra estrangeira, expulso pela França, essa madrasta, que engeita os filhos, a quem deve a sua gloria immensa.

Dir-lhes-hei o meu ultimo pensamento? Sinto que arrancassem o cadaver de Napoleão ao tumulo sublime que a Providencia lhe dera. Napoleão é um destes grandes homens, que um paiz não póde confiscar em seu proveito exclusivo; reclama-o a humanidade. Aquella rocha negra, aquella cratera devastada, aquella penedia anfractuosa, onde a vaga rebenta por todos os lados, era digna de conter esse volcão extincto, essa torrente estagnada, que depois de abrasar o mundo com as suas chammas, depois de alastrar os povos com a sua espuma, foi apagar-se e morrer no seio da immensidade. PINHEIRO CHAGAS.

OS BRAHMANES

Os cultos de Vischnu e Siva parece dividirem quasi igualmente a povoação india: esta divisão existia já no oitavo ou nono seculo. Comtudo, a confusão produzida no espirito das populações pela multiplicidade das divindades masculinas e femininas do pantheon indio, e pela das legendas que se lhes referem, determinou a formação de uma infinidade de seitas, que escolhem de entre todos estes deuses um objecto de adoração especial ou mesmo quasi exclusivo.

Dos dois cultos principaes da India, o mais humano é, sem contradicção, o de Vischnu. Effectivamente, este Deus não é só a divindade conservadora; é tambem o redemptor da humanidade e do universo. Segundo o systema theogonico e cosmogonico do Brahmanismo, ha para o mundo épocas de destruição e restauração; n'estas épocas, que, no passado, elevam ao numero de nove, necessita-se da intervenção de um Deus para salvar o universo: ora, o mundo deveu a sua salvação a Vischnu, que se incarnou outras tantas vezes descendo sobre a terra. Entre estas incarnações ou *Avatars* de Vischnu a mais celebre é aquella em que elle se manifestou sob a fórma de *Krischna*. O Bhagavat-Pourana e o Mahabharata são destinados quasi inteiramente a celebrar os seus altos feitos: este avatar é o oitavo na ordem dos tempos. A decima e ultima incarnação de Vischnu terá lugar no fim da presente idade. Apparecerá montado em um cavallo branco e armado com uma cimitarra brilhante para punição eterna dos máos. Vê-se, pois, que ha no culto de Vischnu como uma longinqua lembrança, como uma tradição obscura e desfigurada da promessa de redempção feita depois da queda do primeiro homem.

Quanto a Siva, os seus sectarios adoram-n'o, ora como o principio de geração, ora como o principio de destruição, sob o aspecto de um Deus terrivel e ameaçador. O mesmo succede com *Bhovani*, sua mulher e sua irmã, que é tambem honrada debaixo da fórma de Kali, deusa dos infernos. É sabido que esta horrivel seita dos *Thugs* ou Estranguladores, que espalhou, ainda não ha muitos annos, o terror por toda a India, pretendia tornar-se agradavel a esta medonha divindade, diminuindo tanto quanto fosse possivel o numero dos vivos.

Segundo Wilson, existem hoje na India vinte seitas de *Vischnuitas* e nove de *Sivaïtas*. Mas, tendo-se em consideração as divindades subalternas que recebem um culto quasi exclusivo, das crenças, para assim dizer, locaes, e das alterações que as diversas escólas philosophicas teem introduzido nas differentes partes do systema brahmanico, póde dizer-se que as seitas indianas elevam-se a muitas centenas.

Apesar de todas as diversidades que se observam, já nas crenças, já nos cultos da India, todas as seitas estão de accordo sobre dois pontos que, por este motivo, pódem ser considerados como o seu laço commum, e como constituindo o caracter essencial e distinctivo do Brahmanismo; queremos fallar da instituição das *castas* e do dogma da *transmigração*.

A distincção das castas é d'origem divina. «Para a propagação da raça humana, diz o codigo de Manu, Brahma produzio da sua boca, do seu braço, da sua coxa e do seu pé, o *Brahmane* (padre) o *Kchatriya* (guerreiro), o *Vaisiya* (lavrador, negociante) e o Soudra (servo, proletario).

«Para a conservação desta criação, o Ser soberanamente glorioso marcou differentes occupações a cada um dos que assim tinha produzido. Deu por missão aos Brahmanes o estudo e o ensino dos Védas, o cumprimento do sacrificio, a direcção dos sacrificios offerecidos por outros, e o direito de dar e o de receber. Impoz por deveres, ao Kchatriya, proteger o povo, exercer a caridade, sacrificar, ler os livros sagrados e não se entregar aos prazeres mundanos. Cuidar dos gados, dar esmolas, sacrificar, estudar os Livros santos, negociar, dar dinheiro a juro, cultivar as

terras, são as funcções do Vaisiya. Mas o soberano Senhor não impoz ao Soudra senão uma obrigação: a de servir as classes precedentes, sem depreciar o seu merito... O Brahmane, vindo ao mundo, é collocado no primeiro lugar nesta terra; soberano senhor de todos os entes, deve velar pela conservação do thesouro das leis.

«Tudo quanto o mundo encerra é propriedade do Brahmane; por sua primogenitura e por seu nascimento, tem direito a tudo quanto existe.»

O livro de Manu é consagrado, sobretudo, a estabelecer os direitos e os deveres das tres primeiras castas; mas o objecto principal da preoccupação do auctor, são os privilegios dos Brahmanes. «O Kchatriya ou o Vaisiya, diz elle, que se precipita sobre um Brahmane com o intento de feril-o, mas que o não fere, é condemnado a girar, pelo espaço de cem annos, no inferno chamado *Tâmisra*. Se por colera e de proposito o fere, ainda que seja com um insignificante vegetal, deve renascer, durante vinte e uma transmigrações, no ventre d'um animal ignobil. Quantos grãos de pó o sangue do Brahmane absorve, caindo na terra, outros tantos annos o que fez correr este sangue será devorado por animaes carnivoros no outro mundo.

«...Que o rei evite matar um Brahmane, quando mesmo elle tenha commettido todos os crimes possiveis; expulse-o do reino deixando-lhe todos os seus bens, e sem fazer-lhe o menor mal... Não ha no mundo maior iniquidade que o assassinio d'um Brahmane; eis porque um rei nem mesmo deve conceber a idéa de condemnar á morte um Brahmane.» Quanto aos Sondras não gosam de direito algum, nem mesmo do de ler os Livros santos e sacrificar. «Uma cega obediencia ás ordens dos Brahmanes versados no conhecimento dos Livros santos, donos de casa e afamados por suas virtudes, é o dever principal d'um Soudra e o que lhe dá a felicidade depois da morte... Que o Brahmane não dê ao Soudra nem um conselho, nem os restos da sua comida, a não se dar o caso deste ser seu creado; não deve ensinar-lhe a lei, nem pratica alguma de devoção expiatoria; o que declara a lei a um homem da classe servil, ou lhe faz conhecer uma pratica expiatoria, é precipitado com elle na tenebrosa morada que tem por nome *Asamvrila*.

«Um Soudra não deve amontoar riquezas superfluas, ainda mesmo que o possa, porque um Soudra, logo que adquire grandes teres, vexa os Brahmanes com a sua insolencia... Um Soudra, embora liberto por seu senhor, não está fóra do estado de escravidão; porque, sendo-lhe este estado natural, quem poderia exemptal-o?... Um Brahmane, se cáe em pobresa, pode, com toda a segurança de consciencia, apropriar-se dos bens de um Soudra.»

(Continua)

Adverte que a froxidão, & ignavia he a mãe dos vicios; porque os bens que adquiriste, fará que os percas: & os que te faltão, fará que os não adquiras. MANUEL BERNARDES.

PROFISSÃO DE FÉ

I

Creio em Deus, porque só elle,
um anjo dar-me podia;
que taes perfeições revele,
que tenha uma tal magia,
como tu, rosa de amor.
Creio n'elle! que o Senhor
mandou ao mundo — p'ra mim. —
do seu ethéreo jardim
a mais graciosa flor.

Se é errada a minha fé,
pede por mim ao Senhor,
em quanto te adoro, flor,
ao pé de ti, sempre ao pé.

II

Eu creio na Providencia,
que me deu um paraizo,
que me inflorou a existencia
co'as galas do teu sorriso,
com mil grinaldas de amor.
Creio n'ella! que o Senhor
meus anhelos attendeu,
como quando concedeu
orvalhos á murcha flor.

Se é errada a minha fé,
pede por mim ao Senhor,
em quanto te adoro, flor,
ao pé de ti, sempre ao pé.

III

Creio na sabedoria
d'esse Deus todo perfeito,
que uma alma n'um fausto dia
infundio dentro em teu peito,
mas uma alma toda amor.
Creio, sim, porque o Senhor
deu-te bellesa sem par,
da gasela deu-te o olhar,
deu-te o perfume da flor.

Se é errada a minha fé,
pede por mim ao Senhor,
em quanto te adoro, flor,
ao pé de ti, sempre ao pé.

IV

Creio que alem d'esta vida,
d'esta vida transitoria,
a minha alma, á tua unida,
viverá na eterna gloria,
alimentada de amor.
Creio, sim! porque o Senhor
nossas almas não quer ver
desunidas fenecer
como a essencia de uma flor.

¿É errada a minha fé?
Oh, não! — se eu te adoro, flor,
tambem adoro o Senhor,
ao pé de ti, sempre ao pé.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

E impossivel olhar fixamente o sol e a morte.
LA ROCHEFOUCAULD.

Não ha cousa mais cara que a que custa vergonha.
FERNÃO MENDES PINTO.

Typ. Franco-Portugueza, Rua do Thesouro Velho, 6.

O Corvo e a Raposa.

Em todos os tempos e em todos os paizes, parece que a verdade tem tido medo dos homens e que os homens teem tido medo da verdade; pois, compulsando a historia do passado, encontramos a fabula ou apologo, que foi a primeira fórma allegorica sob a qual a verdade foi exposta, entre os mais antigos monumentos litterarios de todos os povos. A invenção, porém, deste engenhoso genero de litteratura, é fóra de duvida que pertence ao Oriente; isto é, ao paiz onde a verdade, para melhor ser comprehendida e amada, devia apresentar-se coberta com um denso véo. Mas quem foi o seu auctor? O seu nome? Quaes as primeiras fabulas? Eis o que até hoje não tem sido possivel descobrir. Querem alguns escriptores eminentes, e Phedro foi o primeiro a dizel-o, que o auctor da fabula fôra um escravo em quem nascera o desejo de mostrar, sem correr perigo, ao tyranno, seu senhor, a linguagem da razão e do bom senso, para, assim, o afastar da estrada da deshumanidade. O nosso erudito escriptor, José Maria da Costa e Silva, que, entre nós, foi um dos mais incansaveis na cultura do apologo, a ponto de nos legar um livro de seiscentas paginas, prenhe de fabulas, achou esta explicação mais poetica que verosimil, porque, diz elle: «se a lição dada pelo escravo era tal que podesse offender o amor proprio, ou o orgulho do Senhor, pouco importava que elle a ouvisse em phrase clara, ou que a conhecesse por conjectura.» Parece-nos bem pouco logica a deducção, e se seguissemos, nesta parte, as ideias de Costa e Silva, outro seria o nosso argumento; mas a nossa opinião diverge da do luso fabulista. A explicação de Phedro satisfaz-nos muitissimo; só ella nos poderá servir de guia, na escabrosa senda dos seculos, até o ponto que desejamos conhecer: se é que ainda lá não chegámos. ¿O celebre Senhor, a quem o Escravo, por um modo artificioso, quiz manifestar o seu pensamento, não seria o Orgulho ou Amor-proprio, o mais soberbo e tyranno de todos os senhores que teem vindo ao mundo? ¿E o Escravo, por consequencia, não seria o fraco Genero-humano? Decididamente, foi aquelle o Senhor, que o pobre Escravo tentou, inventando o apologo, conciliar com a verdade. A sabedoria só nos póde dar lições, sem offender-nos, excitando a nossa curiosidade, recreando a nossa imaginação.

Das fabulas dos tempos remotos que poderam chegar até nossos dias é, igualmente, ponto controverso, quaes d'ellas foram as primeiras. Todos quantos teem escripto sobre o assumpto discordam entre si. Florian, que no seu pequeno, mas eloquente estudo sobre a fabula, mostra ter sido a India o berço d'ella, e o seu auctor um brahmane, quer que os apologos de Bidpay ou Pilpay sejam os mais antigos de todos quantos se

conhecem. William Jones diz, tambem: «As fabulas de Vischnu-Sarma, a quem ridiculamente dão o nome de Pilpay, são as melhores, senão as mais antigas do mundo.» Effectivamente, ainda se não encontrou *collecção* alguma que houvesse precedido esta; os mesmos apologos de Lokman, poeta arabe a quem alguns escriptores dão uma existencia anterior a Vischnu-Sarma, e outros querem que seja o proprio Esopo, não passam a nosso ver, de uma traducção dos d'aquelle; mas, se Vischnu-Sarma, como ainda não ha muito tempo o affirmou um notavel escriptor allemão, viveu cerca de mil annos antes de Christo, como poderemos considerar os seus apologos os primeiros, vendo no livro dos juizes a fabula *As arvores escolhendo um rei*, e no livro dos Reis a do propheta Natham *A ovelha furtada?* Aos sabios a solução do problema. (1)

As fabulas de Vischnu-Sarma acharam-se escriptas primitivamente em sanscrito, formando um volume que tinha por titulo *Pantcha-Tantra* e *Hitopadesa* ou *instrucção amigavel*, especie de romance allegorico politico e moral, cujos principaes personagens são dois chacaes, animaes a que os indios attribuem a mesma astucia, que nós attribuimos á raposa. Esta obra acha-se traduzida nos idiomas, pehlvi, antiga lingua da Persia que substituio o zend, arabe, hebraico, latim e francez. Em 1826 o abbade Dubois publicou uma traducção do proprio sanscrito. Não nos deteremos na analyse destas fabulas: baste dizer que, á excepção das de Phedro, Lafontaine e Gellert, ainda nenhumas as igualaram.

Voltemo-nos agora para a Grecia, que, verdadeiramente, tem sido o ponto de partida de quasi todos que se teem dado ao trabalho de escrever sobre este assumpto. É claro, á vista do que temos expendido, que não foi Esopo, como por vezes, erradamente, se tem dito, quem inventou a fabula; e agora digamos: não foi elle o primeiro a cultival-a na patria de Homero. O apologo appareceu na Grecia como auxiliar da philosophia: foi contemporaneo da poesia gnomica e associou-se igualmente á poesia didactica. Em Hesiodo, poeta que se julga ter sido coetaneo do grande Homero, e que viveu, pelo nono seculo antes de J. C., encontramos a fabula do *Rouxinol e o Gavião*. Mais tarde ligou-se á poesia lyrica. Archilocho, juntamente com as suas odes, deixou-nos duas: *A Aguia e a Raposa*, dirigida contra Lycambo, e a *Raposa e o Macaco*. A fabula, pois, á sua apparição na Grecia, não formava um genero particular; e Esopo, apesar de ser o que mais se entregou á cultura d'ella, não conseguio libertal-a dos laços que a prendiam a outros generos. Annos depois, quando formou um dominio á parte, ainda não era completamente livre; esteve muito tempo ao serviço da eloquencia: provam n'o, a fabula do *Homem e o Cavallo*, que Stesichoro contou aos Himerianos, quando Phalaris tomou o mando das tropas, a dos *Membros e o Estomago*, de que Mnenius Agrippa se servio para reconciliar o povo com os patricios, e, finalmente, muitas outras que se encontram nos diversos historiadores gregos e romanos.

Não sendo, por tanto, a fabula um genero distincto e independente, era narrada em prosa, e tudo leva a crêr que Esopo não escreveu em verso. ¿Escreveria elle mesmo as suas fabulas? A opinião contraria tem mais verosimilhança. O que, porém, nos não parece ponto duvidoso, é que elle fosse o criador da fabula chamada *Esopica*. E se não, quaes são as obras dos fabulistas que o precederam que estejam no caso de contestar a propriedade das d'elle, a prioridade da invenção?

Sobre a sua vida e obras quasi tudo quanto até hoje se tem dito não passa, a nosso ver, de um acervo de disparates. Os que não querem que o disforme fabulista Phrigio existisse dizem, como Florian, pouco mais ou menos: «O que é certo é que os apologos indios, entre os quaes se encontra o dos *dois pombos*, foram traduzidos em todas as linguas do Oriente, ora sob o nome de Bidpai ou Pilpai, ora sob o de Lochman. Depois passaram á Grecia sob o titulo de fabulas d'Esopo.» (Isto poderia ter seus visos de verdade se entre as fabulas de Bidpay e as de Esopo houvesse, pelo menos, alguma semelhança, mas tal cousa não existe.) Os que são de opinião contraria, apresentam-n'os um amontoado de tradições sem critica e de contos a maior parte delles inverosimilhantes, como a *Vida d'Esopo* por Planudio, a qual, o que devéras nos admira, Lafontaine se deu ao trabalho de traduzir e, o que é mais ainda, não teve receio de a publicar juntamente com a sua collecção de fabulas!

(Continúa)

(1) Alguns escriptores teem querido descobrir nos Vedas, a fabula, propriamente dita, e, por conseguinte, não admittem que se conheçam fabulas mais antigas do que as da India, que foi, accrescentam, onde nasceu este genero de litteratura. Nesta ultima parte, emfim, estamos de accordo. Com o que, porém, nos não podemos conformar, é com a outra ideia, a não ser que confundamos a parabola com a fabula ou apologo, que são, é verdade, duas especies particulares da allegoria, mas distinctas entre si. A parabola é uma narração allegorica, curta, sentenciosa que encerra sempre implicitamente uma lição de moral. O apologo ou fabula (porque não existe differença essencial na significação destas duas palavras) é geralmente um pequeno poema cuja forma é dramatica e na qual o auctor enuncia o preceito moral que dimana da licção proposta.

OS BRAHMANES

(Conclusão)

O dogma da *transmigração das almas* ou da *Metempsycose*, como o leitor já poude reconhecer pelo castigo pronunciado contra aquelle que ousa ferir um Brahmane, é a sancção da lei civil e religiosa dos indios. Segundo Manu, os males que affligem o homem são a punição e a consequencia inevitaveis dos seus peccados. A vida actual é uma expiação, porque é o seguimento das vidas anteriores. Comtudo, o homem, depois de uma serie, mais ou menos longa, de transmigrações, póde chegar a um tal gráo de perfeição que mereça ser recebido no seio de Brahma e ficar dispensado de voltar a esta terra de provas. «O homem, diz ainda o Manava-Dharma-Sastra, que pratica frequentemente actos religiosos interessados, chega a entrar na ordem dos deuses;

mas o que executa a miude obras piedosas desinteressadas, despoja-se para sempre dos cinco elementos, e obtem libertar-se dos laços do corpo. Vendo igualmente a alma suprema em todos os seres, e todos os seres na alma suprema, offerecendo a sua alma, identifica-se com o ente que brilha com o seu proprio resplendor... As almas dotadas da qualidade de bondade, adquirem a natureza divina; aquellas que são dominadas pela paixão participam da condição humana; as almas mergulhadas na obscuridade, passam para os animaes: taes são as tres principaes especies de *transmigrações*. Se a alma se tem dado frequentemente ao mal e raras vezes ao bem, depois da morte, despojada do corpo, tirada dos cinco elementos, e revestida de outro corpo formado das particulas subtis dos elementos, é submettida ás torturas infligidas por *Yama* (rei dos infernos.)»

O dogma da metempsycose, por mui estranho que nos pareça, deriva naturalmente do systema das emanações e forma o remate necessario de toda a doutrina religiosa fundada sobre o pantheismo.

Mas, esta concepção da metempsycose tem produzido consequencias que importa muito dar a conhecer: queremos fallar do desenvolvimento exagerado da vida eremitica e contemplativa, e do esquecimento das obras pelas austeridades e formas expiatorias, por meio das quaes, pensam os indios, que se pódem evitar as transformações, muitas vezes desagradaveis, de que está ameaçado o homem culpado, o violador da lei. «Os grandes criminosos, diz Manu, e todos os outros homens culpados de diversas faltas, são descarregados dos seus peccados por austeridades praticadas com exactidão. As almas que animam os vermes, as serpentes, os gafanhotos, os animaes, as aves, e mesmo os vegetaes chegam ao céo pelo poder da devoção austéra. A letra A, a letra U, a letra M, foram exprimidas dos tres livros santos pelo Senhor das criaturas. Dos tres Védas (trata-se aqui dos tres primeiros), o Altissimo, o Senhor das criaturas extraío tambem, estrophe por estrophe, essa invocação chamada *Savitri*, que começa pela palavra *Tad*. Recitando, em voz baixa, de manhã e de tarde, o monosyllabo AUM, e esta supplica precedida das tres palavras *Bhour*, *Bhouvah*, *Swar*, todo o Brahmane, que conhece perfeitamente os livros sagrados, obtem a santidade que o Véda procura. Aquelle que, durante tres annos, repete todos os dias esta supplica, sem nunca faltar, irá juntar-se á suprema divindade, tão ligeiro como o vento, revestido de uma fórma immortal.»

As penitencias voluntarias que, muitas vezes, se impõem aos anachoretas indios, chamados *Djoguis* e *Sannyasis*, conforme a classe a que pertencem, teem sido sempre objecto de grande admiração para os viajante. Muitas d'entre ellas estão enumeradas no codigo de Manu: «Que o anachoreta se roje pela terra, ou que se conserve nas pontas dos pés durante todo o dia; que nos calores do verão, se rodeie de cinco fogueiras; que, na estação das chuvas, se exponha, sem abrigo, ás nuvens; que, na estação fria, traga vestidos humidos, e que augmente gradualmente o rigor das suas penitencias; que se inflija as mais terriveis mortificações e que, deste modo, vá destruindo o seu involtorio corporal... Que sempre caminhe em linha recta para a região septemtrional, vivendo unicamente de ar e de agua, até que o seu corpo caia no pó.» Estas mortificações, como se vê, vão até o suicidio, e os preceitos de Manu foram religiosamente seguidos. E' por isso que na celebre festa de Djaggernâth, indios devotos fazem-se esmagar debaixo das rodas do carro que conduz o idolo do deus; é ainda por isso que na festa solemne, que se celebra todos os annos proximo de Calabhairana, muitos se precipitam do alto d'um rochedo. Nos tempos antigos, o queimar-se o individuo em vida parecia ser cousa muito usada. Os philosophos indios Calanus e Sarmanochagas, que, segundo os historiadores gregos, se queimaram, o primeiro em Pasargade, na presença de Alexandre, e o segundo em Athenas, são exemplos do que deixamos dito. Comtudo, estas austeridades, na generalidade, tão horriveis, que descrevem as relações, são, a maiór parte das vezes, inspiradas pela vaidade e pelo desejo de receber homenagens.

A moral ensinada pelos Livros sagrados da India tem sido muito gabada. Effectivamente, como todas as legislações possiveis, consideram crimes grandes o assassinio, o roubo, o adulterio, etc.; contém prescripções admiraveis relativas á caridade, á esmola, á hospitalidade; mas estas prescripções estão radicalmente viciadas pela instituição religiosa das castas. As passagens que temos citado bastam para demonstral-o.

Tambem tem sido muito exagerada a cifra dos sectarios do Brahmanismo: não deve, porém, exceder de sessenta milhões; porque esta religião não se estende fóra do Indostão, e esta vasta região é ainda habitada por muitos milhões de individuos que professam o Mahometismo, o Sabeismo, ou o Nanekismo.

CARLOS II DE HESPANHA

Sua menoridade

Depois de um longo e fatal reinado de quarenta e quatro annos, durante os quaes continuara rapidamente, e com mui curtos intervallos, a desmembração do imperio de Carlos V e Philippe II, deixou de existir Philippe IV (terceiro de Portugal), no dia 17 de setembro de 1665.

Posto que dos seus dois matrimonios, celebrados o primeiro com D. Isabel de Bourbon, e o segundo com D. Marianna d'Austria, resultassem varios filhos varões e femeas, só lhe sobreviveu, dos primeiros, o desventurado Carlos II, ultimo ramo masculino da regia arvore dynastica, e este na tenra idade de quatorze annos incompletos, como nascido que era em novembro de 1661.

Tres dias antes de morrer, outorgára Philippe o seu testamento, no qual nomeava a rainha D. Marianna tutora de seu filho e herdeiro, e regente

do reino na sua menoridade, em termos tão expressivos, como estes: «para que só com esta nomeação, sem outro acto, nem diligencia, nem juramento, nem discernimento da dita tutela, possa, desde o dia em que eu fallecer, entrar no governo do estado na mesma fórma e com a mesma auctoridade como eu o faço; porque é minha vontade dar-lhe a que tenho e toda quanta mais fôr necessaria, sem reservar cousa alguma, a fim de que, como tutora do filho ou filha nossos, que me succeder, tenha todo o governo e regimento de todos os meus reinos em paz e em guerra, até que o filho ou filha que me succeder tenha quatorze annos completos, para poder governar.» Não obstante, e afim de auxiliar a rainha viuva com seus conselhos e serviços, Philippe instituio uma junta consultiva composta do cardeal arcebispo de Toledo e inquisidor geral; do conde de Castrillo, presidente do conselho de Castella; D. Cristóbal Crespo, chanceller ou presidente do de Aragão; do marquez de Aytona, grande de Hespanha, e do conde Penaranda, conselheiro de Estado.

D. Marianna sentio sinceramente a morte de seu augusto esposo, e pareceu disposta a seguir as instrucções que d'elle recebera e os conselhos da junta consultiva que lhe fôra legada; mas, depressa deu a conhecer que outro influxo superior dominava a sua consciencia e havia tambem de subjugar a sua auctoridade soberana. Esta perniciosa influencia, e estranha dominação, eram as que exercia no animo da rainha o seu confessor, o jesuita allemão padre João Everardo Nitard. Este astuto personagem (a quem se não póde negar certo dom de talento politico) acompanhára Marianna, na qualidade de seu director espiritual, quando ella foi casar com Philippe, em 1646; e ainda que de origem humilde e mediana capacidade, soube ganhar certa reputação no collegio de jesuitas de Vienna, na sociedade cortezã d'aquella capital, insinuou-se no animo do imperador, que se dignou recommendal-o a sua irmã, a futura rainha de Hespanha, e, por fim, na vontade desta senhora, que, durante os vinte e um annos do seu matrimonio com Philippe, nunca apartou do seu confessionario o religioso allemão. O rei tambem respeitava e queria muito ao director espiritual de sua augusta esposa; apesar, porém, das instancias desta, para que lhe conferisse outras dignidades ecclesiasticas, Philippe nunca deu ouvidos, deixando-o tranquillamente no seu delicado ministerio, sem adiantal-o na sua carreira.

Assim, provavelmente, caminhariam as cousas se não fosse a morte de Philippe e a regencia do reino não passasse ás mãos de Marianna; occorrida, porém, aquella e encarregada esta do poder supremo, o primeiro uso que fez da sua auctoridade foi a favor do padre Nitard; porque, morto o cardeal Sandoval no dia seguinte áquelle em que falleceu Philippe IV, e nomeado, em seu lugar, arcebispo de Toledo o cardeal D. Paschoal de Aragão, e inquisidor geral, a rainha empenhou-se para que este renunciasse ao ultimo cargo, o que lhe não foi difficil conseguir, e investio n'elle immediatamente o seu confessor, sem fazer caso da junta consultiva. Esta arrojada determinação, esta disposição de um emprego tão importante, qual o de inquisidor geral, sem consulta alguma, poucos dias depois de tomar as redeas do governo, e feita a favor de um estrangeiro nascido e educado, segundo se dizia, nos seus primeiros annos na seita lutherana, e que, além d'isso, não contava a menor sympathia nos conselhos da coroa nem no publico, deu motivo ás primeiras murmurações e desgostos, que, todavia, a destresa de Marianna e o manejo dos principaes cortezãos poderam abafar; mas, que não deixaram de semear o germen de futuras discordias, invejas e attribulações. E estas cresciam de dia para dia tanto, quanto o predominio do padre confessor e inquisidor geral augmentava, não só na direcção da consciencia regia com actos meramente religiosos, senão tambem nos que diziam respeito ao governo temporal do reino; e em termos, que já era designado publicamente com o titulo de favorito ou valido, e superior em poder a todos os ministros e dignidades do Estado.

Á testa dos descontentes e personificando as inimisades da côrte e do povo para com o inquisidor Everardo, appareceu logo um grande personagem, que se propoz a oppor a sua alta posição e relevantes dotes á desmedida elevação em que soubera collocar-se o astuto padre. Este poderoso personagem era D. João José d'Austria, filho natural de Philippe IV, fructo dos seus amores com a celebre actriz Maria Calderon.

(Continua)

A TORRE DE LONDRES

Poucos monumentos recordam tantos factos historicos como a torre de Londres; contemplando aquellas grossas paredes, as scenas de dôr de que foram testemunhas desenham-se em multidão na memoria; a imaginação penetra n'aquella sombria morada, que tantos seculos servio de prisão, não só a homens culpados, mas a nobres e generosos corações victimas da anarchia e do despotismo. O seu destino actual não excita nenhuma commoção penosa, e o viajante corre a visital-a como um resto de antiguidade ligada estreitamente a mais de uma pagina da historia.

A parte mais antiga do edificio tem sido, por vezes, attribuida a Julio Cesar; disse-se mesmo que existira n'aquelle sitio uma fortaleza romana; mas este facto, que se não appoia na auctoridade de nenhum historiador, não nos parece sufficientemente attestado pela descoberta recente de medalhas e outras antiguidades que não offerecem nenhuma relação com o lugar onde foram encontradas. A torre branca, que fórma hoje a parte mais notavel, foi edificada no reinado de Guilherme I, pelos annos 1080, por Gandulpho, bispo de Rochester, afamado por seu talento na arte das fortificações. Em 1140, no reinado de Estevam, tornou-se residencia real. Tres annos depois, Geoffrey de Mandeville, foi ali sitiado pelos ha-

Torre de Londres.

bitantes de Londres, partidarios de Estevam, que o aprisionaram e obrigaram a demittir-se do cargo de governador, então hereditario em sua familia, uma das que seguira o conquistador em 1189. Lonchamp, bispo d'Ely, a quem Ricardo confiara o cuidado do reino e a guarda da torre, fortificou-a e rodeou-a de um fosso. O rei João tambem ali fez trabalhos consideraveis, e nos ultimos annos do seu reinado ali teve a sua côrte; mas os barões revoltados apoderaram-se d'ella e entregaram-na a Luiz de França. Em 1217, foi restituida a Henrique III, o qual mandou construir a capella, a sala de estado e a grande galeria. Ralph Flambard, bispo de Durham, ministro e confidente de William Rufus, no tempo de Henrique I é o primeiro prisioneiro de quem falla a historia; o celebre Hubert de Burgh, conde de Kent, ali foi successivamente governador e captivo, em 1232. Henrique III refugiou-se n'ella muitas vezes durante as guerras civis e accrescentou-lhe muitos meios de defesa. Eduardo I acabou os trabalhos emprehendidos por seu pae; foram estes os ultimos trabalhos importantes que se fizeram. Seiscentos judeus foram ali encerrados pelo crime de moeda falsa, e o famoso William Wallace ali passou alguns dias, em 1305, antes de terminar a sua vida de heroe pelo supplicio de um criminoso.

Este edificio mudou muitas vezes de dono durante o turbulento reinado do infeliz Eduardo II, e a invasão da França por Eduardo III, tornou-o ainda habitação de illustres personagens; os condes d'Eu e de Tancarville para ali foram conduzidos com trezentos cidadãos de Caen; em pouco tempo a batalha de Nevill's Cross, ganha pela rainha na ausencia do vencedor de Crêci, deu-lhes por companheiros de captiveiro David Bruce e os lords de Fife e de Monteith, aos quaes foram juntar-se no fim de alguns mezes Carlos de Blois e o bravo João de Vienna, governador de Calais, com doze dos principaes cidadãos desta cidade. João e seu filho para ali foram tambem conduzidos em 1359, depois de terem estado prisioneiros em Savoy-Palace em Londres e em Windsor-Castle.

O tratado de Bretigny, que deu, em 1360, a liberdade ao rei de França, foi seguido de alguns annos de um socego, que se póde chamar relativo. Mas as agitações de que a torre foi theatro manifestarem-se no reinado de Ricardo II; em 1377 abriram-se as suas portas para deixarem passar o cortejo que o acompanhava a Westmins-

ter, e logo depois do rei, a sua familia e os principaes senhores do reino ali foram sitiados por Wat Tyler, á frente de 60:000 rebeldes. Ricardo foi novamente atacado nesta fortaleza em 1387, por seu tio, o duque de Glocester; logrado por uma falsa reconciliação, vio morrer muitos dos seus ministros pelas ordens do duque, e um d'elles, Simão Burley, foi a primeira pessoa decapitada em Tower-Hill, lugar que depois foi muitas vezes escolhido para execuções semelhantes. Emfim, Ricardo cedeu o throno em 1497 a Henrique Bolingbroke, que, como elle, saío da torre para se dirigir a Westminster no fim de um lapso de tempo muito curto. O rei desthronado foi conduzido sem vida para aquella triste habitação, onde, por uma exposição publica, se esperou destruir certas suspeitas que, dizem, eram mui bem fundadas.

Nos reinados de Henrique IV e seu successor, a torre servio muitas vezes de prisão de estado; ali encerraram em 1406, contra toda a justiça, James, principe da Escocia, que apanharam na costa, no momento em que embarcava para França, onde ia ser educado; seu pae, Roberto III, morreu durante a sua prisão, e assim foi James, o terceiro rei da Escocia que, no espaço de um seculo, habitou na torre. Este principe deixou sob o titulo de Livro do rei, *the king's quhair*, um poema que prova um verdadeiro talento; compol-o em Windsor, para onde foi transferido; era tratado com muito respeito, tinham com elle todas as attenções e o rei parecia estimal-o muito, mas o principe, só recobrou a sua liberdade em 1423, e foi obrigado a dar caução para o pagamento de um resgate de 40:000 libras. Os duques d'Orleans e de Bourbon com muitos outros senhores francezes foram enviados para a torre no tempo de Henrique VI, durante as guerras de França. Em 1450 os revoltados, á testa dos quaes estava Jock Cade, sitiaram-na. Lord Say e Sir James Cromer, seu genro, foram victimas da sanha popular; mas esta commoção passageira foi apenas o preludio de numerosos acontecimentos que assignalaram as guerras das duas rosas. Lord Scales, atacado em 1460 pelo conde Salysbury e lord Cobham, entregou-se quando soube da prisão de Henrique VI em Northampton que, depois das alternativas de victorias e de derrotas, foi, em seguida á batalha de Hexham, em 1564, encerrado na torre onde esteve muitos annos, durante os quaes o seu feliz rival Eduardo VI ali habitou mais habitualmente que os ultimos reis. É curioso seguir na historia as estranhas vicissitudes destas reaes existencias; ver Henrique subido ao throno em 1470, desthronado no anno seguinte por Eduardo, trocar novamente a corôa pela prisão aonde, dentro em pouco, lhe foi fazer companhia Margarida, sua mulher, que vira fenecerem as suas ultimas esperanças em Tewksbury; a penna de Shakspeare immortalisou o tragico fim de Henrique, mas este facto não foi bem esclarecido pela historia. O que se sabe com certeza, é que Henrique morreu poucos dias depois da entrada triumphante de Eduardo na capital. O duque de Clarence, irmão do rei, em 1478, foi encarcerado, julgado e executado debaixo d'um frivolo pretexto; diz-se que fôra afogado em um tonel de Malvasia; mas não se póde empregar muita attenção em libertar a authenticidade da historia das versões populares e dramaticas que muitas vezes deturpam os mais importantes acontecimentos. Poucas épocas são tão obscuras como a que se segue immediatamente á morte do rei e á elevação do duque de Glocester ao protectorado. Julga-se que os lords Hastings, Stanley e o bispo de Ely foram presos na sala do estado onde deliberavam; o ultimo foi executado immediatamente. Este attentado servio de prologo á usurpação do duque; mas é provavel que nunca venha a saber-se positivamente, em que lugar foi commettido o mais horrivel dos seus crimes: o assassinio dos seus sobrinhos. Eduardo Plantagenet, filho do duque de Clarence, foi executado na torre, victima do ciume de Henrique VII, e no reinado seguinte, pereceu, de morte semelhante, sua irmã, a condessa de Salisbury, ultima vergontea desta raça real.

(Continua)

FRANCISCO PIZARRO

Poucas narrações haverá tão curiosas na historia universal, como a da primeira entrevista de Pizarro com o pobre Atahualpa. Não sabemos bem qual dos sentimentos se apodera com mais violencia do nosso espirito, se a profunda repugnancia pela perfidia abjecta do chefe hespanhol, se a admiração pela sua audacia, ou se a compaixão pela infantil ignorancia e timidez dos Peruvianos. Com os seus cento e oitenta homens de pé e de cavallo, e as suas duas peças de artilheria, esperou Francisco Pizarro a visita amigavel do inca. Este, sem intenções offensivas, mas apenas para desenvolver um luxo e um poder que déssem delle aos estrangeiros a mais elevada idéa, appareceu n'um palanquim sumptuoso, acompanhado pelos seus principaes servidores, e seguido por trinta mil homens de tropas, todos cobertos d'armas luzentes, cuja vista, em vez de aterrar os hespanhoes, não fez senão excitar-lhes a cobiça.

Foi no meio destas forças collossaes que Pizarro formou o projecto de lançar mão do inca. Um fanatico monge, que o acompanhava, proporcionou-lhe o ensejo. Dirigindo-se a Atahualpa fez-lhe um longo discurso, começando pela criação do mundo. Era caso para o inca lhe dizer: «*Avocat, passons au déluge.*» Mas o pobre peruviano não percebia palavra, e o interprete, que pouco mais percebia do que elle, traduzio-lhe o resumo da historia ecclesiastica do reverendo do modo mais incomprehensivel. Só quando o frade citou a bulla d'Alexandre VI, que doava o Peru, em que o papa nunca ouvira fallar, ao rei de Castella, e quando lhe disse que elle inca devia considerar-se vassallo de Carlos V, Atahualpa respondeu indignado que era sua a corôa, e que não percebia que direito se arrogava esse monarcha de terras distantes para d'ella o esbulhar, accrescentando que era tão extraordinario o que o monge lhe dizia, que desejava saber quem lhe ensinára essas cousas. O padre

Valverde, todo ufano, sacou d'um breviario, e apresentou-o ao inca. Este mirou-o, e remirou-o, pol-o ao ouvido, e respondendo: «Isto nada me diz» atirou-o fóra. Logo o diabolico frade, voltando-se para os seus compatriotas, bradou:

«Insulta a palavra de Deus! Matae o pagão!»

Era o que Pizarro desejava. Deu logo o signal do ataque. Rufaram os tambores, o morrão dos artilheiros approximou-se do ouvido das peças, que estrondearam vomitando fogo; os cavallos, animaes desconhecidos que os peruvianos miravam com espanto, partiram a galope, obedecendo ás esporas dos cavalleiros, a infanteria deu uma descarga de mosquetes e béstas, que prostrou vinte ou trinta homens. Nada mais foi necessario para que os trinta mil peruvianos se dispersassem, cheios de terror, abandonando as armas, e tapando os ouvidos para não sentirem o brado clamoroso da artilheria, e o tropear dos cavallos. Só os que rodeavam o Inca tentaram uma defesa, que de nada valeu, porque os hespanhoes arrancaram do meio d'elles Atahualpa, que permanecia no palanquim cheio de espanto e de terror.

Scenas são estas que fazem com que nos envergonhemos da qualificação altiva que tomamos de povos civilisados, da ufania que sentimos do nosso nome de Europeus. Aqui temos a civilisação orgulhosa dos nossos antepassados em presença da civilisação juvenil dos povos peruvianos, e a civilisação superior abusa da sua superioridade para esmagar, para torturar o povo, que não deu ainda passos tão largos no caminho do progresso. Era assim que deviam proceder os missionarios do Evangelho, os seguidores de Christo?

Não se póde imaginar o desespero do inca Atahualpa, vendo-se privado do throno e da liberdade por uma horda de aventureiros, cujo desembarque nem julgára necessario impedir. Agora sabia bem qual era o poder d'esses homens, e de que ignotos recursos elles dispunham para subjugar o seu imperio, recursos que faziam de cada hespanhol um deus para os seus aterrados subditos. Conscio de que não podia recuperar pelas armas a liberdade, resolveu-se a appellar para a cobiça dos vencedores promettendo-lhes um resgate que excedesse os mais audazes devaneios da sua imaginação. O resgate que elle mesmo fixou foi tal effectivamente que o proprio Pizarro se julgou transportado a plena região de fadas e incantamentos. Prometteu Atahualpa encher até o tecto com vasos d'oiro o quarto em que estava preso, e que tinha vinte e dois pés de comprimento e dezeseis de largura!

Logo o inca prisioneiro expedio as ordens necessarias para se reunir o tributo collossal, e a tão despotico jugo estavam habituados os seus vassallos que nem foi necessaria a intervenção dos hespanhoes para o cobramento do imposto. De todas as partes do imperio vieram os indios trazendo as suas quotas, e no dia de S. Thiago póde Francisco Pizarro fazer a distribuição d'essas riquezas immensas entre os seus subordinados.

N'esse meio tempo desembarcara Almagro com um reforço que duplicára o numero das tropas de Pizarro. Este, reservando alguns vasos de forma curiosa para offerecer ao imperador Carlos V, mandou derreter o resto, e tirando o quinto para a corôa, e cem mil pesos, que destinava para gratificar os recem-chegados, ainda póde distribuir pelos seus a somma enormissima de um milhão e quinhentos e vinte e oito mil e quinhentos pesos.

Imagine-se o effeito que produziriam aquellas riquezas no espirito d'esses aventureiros, onde fermentavam todas as más paixões. Uns saciados quizeram retirar-se para gosarem do fructo das suas rapinas, outros, inflammados por este preludio, sentiram a sua avareza accender-se ainda mais e incital-os a não recuarem diante de crime algum para attingirem aos supremos limites da opulencia.

Continua)

A GOMES DE AMORIM

(depois da leitura dos **Ephemeros**)

Hoje, que a pristina crença,
e as nossas glorias passadas,
as vemos embaciadas
pelo gelo da indif'rença—
dentro d'este peito moço
sinto não sei que alvoroço,
chóro de intimo prazer,
quando vejo a mão da gloria
nas folhas da nossa historia
ir mais um nome escrever.

Poeta! no rosto puro
vae cingir os verdes louros
que são despojos, thesouros
da conquista do futuro!
Do futuro! que o presente
talvez da c'roa fulgente
afaste os olhos... talvez!
Mas, poeta, não te importe!
pois tiveram esta sorte
mil genios como tu és!

Tiveram! se negra lama
o rosto lhes salpicava,
mais tarde o mundo escutava
os écos da sua fama!
tiveram! mas os vindouros
prodigaram-lhes os louros
que o presente lhes negou!
Poeta, dobra os joelhos
diante d'esses espelhos
que o porvir desempanou!...

Como esses, que da desgraça
os golpes exp'rimentaram,
e tristes cantos mesclaram
ás vaias da populaça:
tu, joven e desditoso,
cruzaste o oceano iroso,
e, nas plagas de alem-mar,
do exilio os amargos prantos
foste adoçar com teus cantos,
a *escravidão* adoçar!

Lá, medisté o genio altivo
pelas altivas palmeiras;
e, se ellas foram primeiras
a subirem, tu — cativo —
a alma ergueste acima d'ellas,
e a teus pés viste as estrellas,
viste desertos, sertões...
nas clareiras d'esses matos
de eternos, enormes cactos
viste tigres e leões!

Lá, tudo era magestoso,
tudo inspirava poesia,
e tudo em si reflectia
a imagem do Poderoso!
Através de cipós densos,
de mil curimbós immensos,
por entre os carajurús,
o sol coava-se ardente,
infiltrando docemente
na tua alma doce luz.

E essa luz rompia as sombras,
que o seio te povoavam
de areaes rosas brotavam,
vias regatos e alfombras;
de espinhos fazias flores,
e, esquecendo tuas dores,
louvavas o Creador,
ou da patria te lembravas,
e saudoso lhe enviavas
ternos canticos de amor.

Mais tarde, uma nova estrella
desviou-te dos palmares:
de novo crusaste os mares,
quando o rugir da procella
para ti já tinha incantos,
que traduzias em cantos
de sublime inspiração!
— Que poeta não sentira
inspirada a sua lira,
do mar ante a immensidão?!

Quando o raio lá fusila
entre nuvens pardacentas;
quando estalam as tormentas,
e o tufão ruge e sibila,
os mastaréos agitando;
quando o baixel, vagueando
entre os abysmos do mar,
vacila ao choque da vaga,
que o lais das vergas alaga
e no convez vem quebrar:

que ignotos arroubamentos
sentirá n'alma o poeta
nesse oceano sem meta,
ao rugir de soltos ventos,
ao ver ondas, uma a uma,
formarem serras de espuma
que vão topetar os céos!
Digam-n'o as notas sonoras
que te inspirou nessas horas
o bramir dos escarcéos!

Depois, quando o *mar em calma*,
seu manto azul estendia,
oh que suave poesia
se albergava na tua alma!
sentada pelas amuras,
olhavas essas planuras
e dos astros o fulgor,
cantando em lira sentida:
«cada onda adormecida
encerra um mundo de amor!»

Mas o amor, que com mais ancia
o coração te agitava,
era o amor que te ligava
ao berço da tua infancia:
de longe — por sobre os mares,
ou entre os verdes palmares —
era a patria o sonho teu;
por ella, noites e dias,
desprendeste as harmonias
que a saudade te deu.

Amor patrio! — a alma jubila
ver que d'este amor a chamma
ainda entre nós se inflamma,
ainda luz e scintila
nas trevas que o egoismo
quer lançar ao patriotismo
— brazão de nossos avós!
Poeta, salvê tres vezes!
mostra que és dos portuguezes,
deixa ouvir-me a tua voz!

. . . . . .

E quando o terreno pisas,
onde vieste á luz do dia,
a tua alma se inebria,
sofrego aspirando ás brisas
o perfume que beberam,
e, no perpassar, trouxeram
do olorante roseiral;
e do Minho o nobre filho
com seu canto augmenta o brilho
ao jardim de Portugal.

E quando — ave foragida —
ao buscar o patrio ninho,
já não achas o carinho
do pae e da mãe querida;
e, por flores de outra idade,
só encontras a saudade
no teu formoso torrão,
— que terna *melancolia*!
como sae doce a poesia
d'entre as vozes da *oração*!

Amor de filho; amor santo,
nobre filho da virtude!
quem nas cordas do alaúde
a esse amor sagra um canto,
um canto assim inspirado —
em seu peito maguado
mostra haver um coração,
onde morreu a alegria,
mas o gérmen da poesia
mas a crença, essa, não!

A crença! virgem celeste!
oh! como ella te inspira,
quando pranteias na lira
os amigos que perdeste!
— Sobre tantas sepulturas,
e entre tantas amarguras,
ergues os olhos aos céos;
resignado as mãos levantas,
e o cálix de maguas tantas
recebes das mãos de Deus!

E esses jorros de poesia,
de tua alma derivados,
e da crença bafejados,
¿hão de extinguir-se n'um dia?!
Ephemeros!... Tal modéstia,
bem vês, a fama reveste-a
de corôa perenne!
— É que o genio nunca morre,
mas com os seculos corre;
joven sempre, é immortal!

Ephemeros!... Não, poeta!
Quando vires tua vida
anoitecer, esvaida
dos seculos na ampulheta,
teus cantos immorredouros
farão lá entre os vindouros
o teu nome reviver!
E a uma gloria tamanha
dá-me que eu já hoje venha
devidos preitos render.

Vizeu, 1866. CANDIDO DE FIGUEIREDO.

Typ. Franco-Portugueza, Rua do Thesouro Velho, 6.

Uma vista de Veneza

A cidade de Veneza, de que já fallámos neste mesmo volume do *Panorama* a proposito da ponte de Rialto, apparece agora aos nossos olhos cheia de um esplendor mais vivo e de uma belleza mais radiante. A rainha do adriatico parte os grilhões que lhe arroxeavam os pulsos, e entretece grinaldas para se coroar jubilosa. Resuscitou Veneza, *Venezia la bella*, o paiz das gondolas e dos cantares, do luar pallido e dos palacios mysteriosos, dos Foscari e de Desdemona, dos ciúmes e das voluptuosidades, das vinganças e dos extasis. O seraphim da poesia adeja outra vez sobre as aguas transparentes dos seus canaes, e de noute, quando a lua vem dourar as cupulas dos edificios, os amantes estremecem ouvindo o canto melancolico dos gondoleiros. A ultima nuvem de pó que os estrangeiros, partindo, fizeram erguer d'esse sólo, foi já dourada pelos clarões da liberdade, pela luz d'essa aurora immensa accesa pela Italia, e abençoada por Deus.

Salve, magna parens frugum, Saturnia tellus
Magna virûm...

A Veneza dos doges enlaça-se nos braços de suas irmãs. Volveu-lhe a quadra da mocidade e do amor, dos longos beijos e das barcarolas, das effusões ardentes e dos passeios silenciosos. O leão de S. Marcos desperta emfim do lethargo, e accorda, rugindo, a loba de Roma. Desde os Alpes até o Adriatico o hymno da redempção fere os ares; e Veneza, a poetica, a bella, a opulenta, mira-se nas ondas que, arrojando perolas, lhe beijam lascivamente os pés.

Oh, a Italia uma, a Italia livre, a Italia remoçada pelo enthusiasmo: a patria do Dante e de Miguel Angelo realentada para os nobres affectos e para as altas aspirações; a mãe fecunda que deu ao mundo os seus filhos mais gloriosos santificada pelo sôpro da liberdade — eis o que é grande, eis o que faz bater o coração.

Dissiparam-se os lamentosos sons que as musas de Bembo Pietro, de Alexandre Marchetti e de Filicaja haviam entoado tristemente; o céo da Italia, illumina-se hoje com a brilhante alvorada que lhe assoma, e orvalha os louros que a deusa da arte havia deixado emmurchecer na fronte.

Os que hontem se haviam deitado servos acordaram hoje cidadãos, os que sentiam amordaçada na alma a voz do direito levantam-se hoje em

nome do plebiscito, e elegem na soberania da sua vontade a bandeira a cuja sombra querem repousar. Partem-se os jugos, destendem-se os circulos da tyrannia, os velhos conquistadores amparam os diademas que cambaleam, as aguias que se afferravam sobre as muralhas rotas dos povos subjugados começam a ensaiar o vôo, para se recolherem aos ninhos donde vieram. Que são estes vapores que se condensam na athmosphera? São os fumos das aspirações dos povos que se debatem, fumos que se farão nuvens, nuvens que se carregarão de fogo, fogo que partirá em raios fulminando as eminencias das serras. A terra sente-se gravida do futuro; os horisontes purpuream-se de auroras. Celeridade incrivel dos acontecimentos! Não ha muito ainda que um bello talento poetico da Italia escrevia a um dos nossos mais sympathicos homens de lettras:

Edor?... Silenzio... mormora
Terribile pei cieli
Sconvolgitori uragano,
Che del futuro i veli
All'universo attonito
Alfine squarcierá...

Frante dalla sua folgore
Dell'adria le catene,
Venesia ancora sorgere
Vedremo dalle pene;
Ringiovanita splenderne
Vedremo la belta.

O vulcão passou, de feito, as tempestades dissiparam-se, o rumor das armas desvaneceu-se, e Veneza estende agora a mão ás suas irmãs italicas. Não ha resistir a este movimento impetuoso das nações, a este affirmar de direitos que ha mais de setenta annos conquistaram os povos.

De um a outro cabo a idéa redemptora solevanta os espiritos; e os labios descollam-se no grandioso côro da liberdade. Os pequenos reinos ou procuram constituir-se n'uma existencia independente e áparte, ou tendem para alliar-se á mãe commum. O passado é-lhes norma. A Polonia saccode como Lazaro a sua mortalha ensanguentada, e não podendo espadaçar os laços que a cingem, rasga as feridas no desespero, e espera a voz do novo Christo; na Irlanda, a santa faisca ainda viva entre as cinzas de O'Brien e de O'Connel promette lavrar e irromper em incendio; no Mexico a fermentação é continua; Creta discute com o imperio ottomano, e atira á liça o seu terrivel argumento de quarenta mil baionetas; a Italia funde-se n'um corpo solido e homogenio, e de cem perolas disseminadas fórma a sua corôa real.

Saudemos os povos que se libertam. Sobre as ruinas das velhas instituições que baqueam, e dos thronos feudaes que se desconjuntam é que a humanidade tem de formar esse grupo de familias, chamadas nações, que terão por limites as suas barreiras naturaes, e por codigo a justa liberdade commum.

E. A. Vidal.

A felicidade é uma phantasma que floresce nas campinas do ceu, e que não pode aclimar-se na terra.

R. de Bastos.

ADRIANO BRAWER

Pintor flamengo

Vimos ha dias noticiado n'um jornal da capital, o valioso presente que o sr. Francisco Lourenço da Fonseca acaba de fazer á Academia das Bellas Artes de Lisboa, d'um quadro do celebre pintor da escóla flamenga, cujo nome se acha escripto á frente deste artigo. Este magnifico brinde despertou-nos a vontade de esboçar em breves phrases a desvairada, curta e infeliz vida d'aquelle extravagante artista, tal como a achamos descripta n'outros escriptores.

Como Bocage, Mozart e alguns outros privilegiados, Adriano Brawer, Braur, ou Broor (que de todos estes modos o achamos escripto) parece ter sahido artista das simples mãos da natureza. Nascido em Oudenarde, (1) em 1608, ficou sem pae de tenra idade. De poucos annos ainda, e mal sahido da infancia, era o seu passa-tempo pintar em pequenos bocados de panno, flores ou aves, que sua mãe vendia ás aldeôas das visinhanças, tirando d'ahi alguns meios de subsistencia.

Decorrido algum tempo neste primeiro balbuciar do genio, um dia acertou de passar por aquelle lugar, onde Brawer como que brincava com os primeiros rudimentos da arte, um pintor já notavel Francisco Hals. Este pintor (que teve a honra de retratar Van Dyck, e ser por elle retratado) admirado do talento que revelava aquella criança em seus incultos ensaios, propoz á pobre mãe de o levar e instruir na arte, para que mostrava as mais raras disposições. Qual não seria o prazer do pequeno Adriano ouvindo semelhante proposta! Acceite o partido, eil-o, solto das doces caricias maternaes, crendo-se já nos penetrais da gloria.

Partio. E ao lado do mestre que lhe ia communicar os segredos da arte, que elle já em parte adivinhára, que idéas não discorreriam pela phantasia do pequeno Adriano! Hals era agora para elle um Deus, que o arrancára da obscuridão, e lhe ia desenrollar á sua vista, ainda timida, um turbilhão de luz. Infeliz! mal sabia o destino que o aguardava! que transes lhe não havia de custar a iniciação nos mysterios do sacerdocio da arte!

Entrado em casa de Hals, foi contado no numero de seus discipulos, mas despresado e tratado como o infimo d'elles. Hals, porém, era dissoluto. A maior parte do seu tempo ia-se entre a crapula e a devassidão, pelas tabernas e bodegas, (o que succedeu a uma grande parte dos pintores flamengos); as necessidades de sua mulher e familia, e o seu desregramento resolveram-n'o, como o faria um avarento, a lançar mão d'um meio de gosar dos commodos da vida sem fadiga. Apesar de despresado, Brawer era já conhecido por seu mestre com uma grande vocação, e lembrado do pequeno interesse que a mãe delle colhia dos seus pueris trabalhos, tratou Hals de extrahir dos novos todo o producto de que precisava. Adriano foi obrigado por seu mestre, fóra da vista dos

(1) Segundo outros, em Harlem

outros discipulos, a compor pequenos quadros, que este vendia por bom preço. Hals já tinha com que satisfazer as necessidades da familia, e a sua extravagancia. E ainda ao menos se tratassem o pobre Adriano como deviam! mas receiando as indigestões ou as apoplexias, ministravam-lhe apenas tão escasso sustento, que Brawer magro e macilento, mais parecia um cadaver, que um joven na primavera dos annos!

Augmentando a ambição na proporção dos recursos que semelhante mina lhes produzia, trataram, Hals e sua avára metade, de melhor a aproveitarem. Brawer foi separado de todo de seus condiscipulos, e encerrado dia e noite n'um celleiro, onde a um trabalho o mais aturado, correspondia o mais insignificante alimento. Pobre Adriano!

Brawer porém era singelo, bom moço, e posto que mal trapido tinha a sympathia de seus collegas. A sua ausencia ou afastamento fez scismar estes, que procuraram por todos os meios informar-se do que fazia o pobre Adriano. Aproveitando as frequentes ausencias do mestre, descobriram a prisão de Brawer, e vendo em que elle trabalhava, ficaram espantados dos lindos quadros que executava o seu condiscipulo, reconhecendo no miseravel e despresado Adriano um artista de primeira ordem. Logo um d'elles lhe propoz que, se lhe pintasse *os cincos sentidos*, lhe daria cerca de 40 reis por peça: foi um triumpho o seu trabalho! outro lhe pede *os doze mezes;* e assim continuaram algum tempo, julgando o nosso preso uma grande fortuna, o producto dos pequenos quadros que compunha a occultas.

Como, porém, já dissemos, a avareza dos Hals era insaciavel, e ou porque fosse aguçada pelos grandes lucros que tiravam dos quadros de Adriano, ou porque suspeitassem dos seus trabalhos escondidos, o encerro mais se apertou ainda, e a vigilancia foi cada vez mais activa, nomeadamente da parte da terrivel carcereira, que sobrecarregando-o de obra, cada vez mais lhe escasseava o sustento.

Adriano não podia já dispôr de um unico instante. A desesperação começava a apoderar-se d'aquella alma simples e ingenua, quando um seu collega lhe propoz a fuga, e lhe proporcionou meios para ella. Brawer fugiu. Mal enroupado, sem consciencia do seu valor, sem conhecimento da vida externa, mal preparado para os azares da fortuna, achou-se quasi idiota e inerte no goso da suspirada liberdade. Sem se saber governar, entrou n'uma paderia, e gastou todo o seu peculio em pão; passou pela igreja, entrou; e julgando-se ahi mais seguro encostou-se por baixo do orgão, pensando no que faria para melhorar a sua vida. Entregue a taes cogitações é reconhecido por alguem, que o reconduz a casa do mestre, que já em vão o fizera procurar. Adriano queixa-se então do máu tratamento que soffria, e não compromette quem lhe dera o conselho. Francisco Hals, que via fugir com Brawer o seu *El-dorado*, prometteu-lhe d'então em diante melhor tratamento, e com effeito parece haver cumprido, ainda que tardiamente, esta acertada resolução. Compra-lhe immediatamente um fato, mas n'um adélo, e d'ali em diante o alimento começa a ser melhor.

Animado com a mudança de posição, Brawer entrega-se com mais afan ao trabalho, sempre em proveito do mestre. Mas o primeiro passo fôra dado. Adriano aspirára o ar da liberdade, e a memoria d'um dia que fôra exclusivamente seu, pulava-lhe na imaginação. O captiveiro de Brawer tocava pois o seu termo. Da boca dos condiscipulos soube, que as suas obras se vendiam por bons preços. Excitado por estes indicios do proprio merito, e pela aversão á subjeição, soube com mais destreza evadir-se, não parando senão em Amsterdam. Ahi albergou-se em casa de um negociante de quadros que lhe fez bom gasalhado o onde por excepção o guiou uma vez a ventura. «Julguem, diz um auctor, que prazer não sentiria Brawer, ao saber que suas obras eram assás procuradas, e se vendiam por consideravel preço!» Conhecidos os seus talentos por todo o paiz, era elle o unico que os ignorava!

Em breve lhe encommenda um amador um quadro, que paga por quasi cem ducados, que o artista a medo ousou pedir. Louco com a posse de tal quantia, o artista corre ao seu quarto, estende-a por sobre a cama, deita-se e rebola-se por cima, depois junta-a, sáe, váe para a taberna, onde durante dez dias gosa com gente da infima plebe, todas as *delicias* do desregramento e devassidão. Quando esgotado o seu peculio volta a casa, e o negociante lhe pergunta o que fizera ao dinheiro, responde com a maior indifferença: «Felizmente desliz-me d'elle, agora estou livre.»

D'aqui já se póde aventar qual será d'ora avante a vida do artista. Trabalho e miseria, desordem, devassidão, e todas as fraquezas d'uma educação mal dirigida, vão gastar em poucos annos uma natureza privilegiada, e uma alma formada para as grandes cousas! O primeiro periodo da sua existencia deixou-lhe no animo uma impressão terrivel, que influirá em toda a sua vida futura, da qual o sentimento dominante será — o horror á dependencia!

D'ora avante solto de quaesquer ligações, vel-o-heis vagar de terra em terra, sem casa, sem familia, vel o-heis fazer da taberna o seu gabinete; trabalhar, largar o pincel para se entregar á dissolução; empenhar-se em rixas com a relé do povo, ou adormecer no seio da embriaguez; pintar um quadro, receber o seu preço, e não tornar a pegar da palheta senão depois de não ter dinheiro; e quantas vezes, para pagar as suas despezas, terá de esperar na bodega que lhe vão vender um quadro! Miseravel destino!

Mil peripécias, nascidas de uma vida sem freio e sem concerto, encherão os intervallos deste deste drama do acaso. Ora o roubam os ladrões em uma jornada, e o deixam sem fato; Brawer compra um pouco de panno de linho, manda fazer um vestuario completo, prepara-o, pinta-o das

mais bellas flores ao modo das chitas da India. As damas illudidas pela belleza do desenho querem possuir igual droga para seus vestidos. Brawer vae a um theatro, sóbe ao palco, pega d'uma esponja molhada, e n'um momento apaga, ante todos, a pintura que os enganára. Outr'ora vendo que os seus parentes o despresavam por andar sempre mal vestido, finge-se commovido, e resolvido a apresentar-se de modo que os não envergonhe. Compra um bello fato de velludo, e começa a mostrar-se ricamente vestido. Um primo convida-o logo para as suas bodas. A meza todos gabam o bom gosto e magnificencia do trajo. Adriano toma um prato de molho e derrama-o por todo o fato, besunta-o de manteiga, dizendo que se devia regalar, visto ser este o convidado e não elle. Em seguida deitando um olhar de despreso á parentela absorta, despe o fato, lança-o ao lume á vista de todos, e corre a encerrar-se na taberna «onde o cachimbo e a aguardente (como diz um escriptor) lhe faziam as vezes das riquezas e grandezas deste mundo.»

Comtudo, apesar da dissipação, Brawer não pinta materialmente. Quando a mão trabalha, o seu espirito está concentrado e todo entregue ao assumpto, e o pincel segue obediente e fiel a inspiração que agita o artista. Como o Dominiquino que, dominado pelo assumpto, exprimia no rosto, o gesto, a paixão que o pincel ia arrancar da téla; Brawer era ouvido fallar francez, alemão, hespanhol, italiano, segundo o caracter que o seu genio criava. Este ardor da composição, esta compenetração do assumpto é o que dá vida, vigor, e eternidade ás criações destes deuses da arte.

Por um largo periodo os paizes do norte, que são hoje a Belgica e a Hollanda, foram theatro de crueis guerras, com que a ambição dos principes disfarçada sob o manto da religião, ensanguentou aquelles então malaventurados paizes. Francezas, italianas e castelhanas hostes trataram por muito tempo aquelles infelizes povos, com a mesma voracidade, com que um trepel de mastins disputam um esbrugado osso. Era pois n'uma d'essas guerras. Ardia a Flandres com o fragôr das armas; e por um pendor irresistivel para as não procuradas aventuras, foi então que Brawer foi tomado d'um desejo vehemente de ir a Anvers. Debalde seus amigos lhe representaram a imprudencia e perigos de semelhante passo. As suas resoluções eram inabalaveis; qualquer subjeição o irritava; Brawer partio. Apenas chegado a Anvers é preso por espião, elevado á cidadella onde fica recluso. Por fortuna encontrou ahi um distincto cavalheiro, o duque d'Aremberg, que se jactava de ser amigo de Rubens. Brawer informou o duque da sua profissão, o qual pedio a Rubens fornecesse áquelle preso, tudo o que fosse preciso para pintar, o que o pintor promptamente executou. Apenas Rubens vio o quadro do preso, arrebatado exclama: «este quadro é de Brawer!» e quiz absolutamente dar por elle a bella somma de seiscentos florins. Immediatamente emprega toda a sua grande influencia com seus amigos, para conseguir a liberdade do desgraçado pintor. Alcançada esta, leva-o para sua casa, aloja-o, veste-o como entendeu dever fazer, em summa manifestou-lhe o seu grande apreço, fazendo tudo o que um grande homem como Rubens, podia fazer a outro, que seria tão grande como elle, se a sua sorte não fosse tão differente. Brawer porém não podia subjeitar-se á minima dependencia, fugio de caza de Rubens para gosar da liberdade que apreciava acima de tudo. Tal foi o horror que os primeiros annos da sua vida de pintor deixaram impresso no seu caracter a toda a especie de escravidão!

Cansado emfim de tanto vaguear (e *vadiar* póde-se dizer sem injustiça) contraío amizade com um padeiro de Bruxellas, casado, segundo consta, com uma bella mulher. Este padeiro dava tambem hospedagem, e sympathisando com o pintor, encarregou-se de o albergar, sustentar e de cuidar d'elle. O padeiro amava excessivamente sua mulher, e era ciumento em excesso; comtudo, cousa singular, Brawer soube fazer-se igualmente estimar dos dois esposos. Entre o pintor e o padeiro estabeleceu-se uma ligação tão sincera e estreita, que jámais quizeram separar-se. Brawer em reconhecimento de tão bom acolhimento prestava alguns serviços á sua hospeda, e ensinou o padeiro a pintar. Este será conhecido entre os artistas com o nome de José Van Craesbeek, e é curioso saber como Brawer fez de um homem condemnado a amassar e a fornear, um pintor de merecimento. Quando Craesbeek acabava de coser o pão, vinha para o pé do seu amigo vêl-o pintar. Observava a maneira como elle esboçava, trabalhava e finalisava seus quadros. Em seguida iam os dois amigos para a taberna. Passado tempo achando Craesbeek que já poderia pintar, pegou dos pinceis e da palheta, e guiado e ensinado pelo amigo em breve soube aproximar-se dos talentos do mestre, cujos costumes, segundo o mesmo auctor, nada lhe havia custado seguir.

Unidos por tão estreita amizade, pintavam, e embriagavam-se de parceria. Rixas, pendencias, provenientes d'aquelle genero de vida, não tardaram a compromettel-os com a justiça. Tiveram de emigrar. Brawer, vagando de terra em terra chegou a Anvers cansado, gasto, sem fato quasi, sem meios, e roido das inclemencias de semelhante vida. Adoece, entra no hospital, e expira passados dois dias, no meio da sua carreira, no vigor da idade, aos 32 annos, em 1640!

Enterrado no cemiterio sem distincção, logo chegou o successo á noticia de Rubens. Este grande homem vertendo lagrimas sinceras sobre o desgraçado termo d'uma vocação tão verdadeira, faz desenterrar o cadaver, e fal-o inhumar de novo com a pompa digna de um grande homem. Estas honras foram completadas com o magnifico tumulo que a municipalidade d'Anvers lhe dedicou.

Eis as principaes feições d'um pintor celebre, e que maior pareceria se a sua vida tivesse tido

outra direcção. As suas obras são muito apreciadas, ainda que em geral, como quasi todas as pinturas flamengas, as scenas que descreve são populares. Quem quizer mais algumas noticias sobre este assumpto lêa Felibien, Descamps, d'Argenville, Anecdotes des Beaux-Arts etc. etc.

20 de julho de 1866.

JACINTO PERES.

Leeds.

A cidade de Leeds é hoje contada no numero das grandes e das mais importantes da Inglaterra. Acha-se situada, no condado de York, cerca de trezentos kilometros ao noroeste de Londres. A sua população ascende a perto de cento e noventa mil habitantes. Contem um grande numero de edificios, as ruas são espaçosas e elegantes, e as praças e squares magnificos.

No seculo passado ainda esta cidade era pouco considerada; o gráo elevado de prosperidade em que actualmente a vemos, deve-o ao grande desenvolvimento que, nestes ultimos annos, teem tido as industrias commercial e manufactureira. Leeds tornou-se o grande emporio do commercio das lãs, e os seus pannos, de uma medida especial, ditos *pannos de Leeds*, são muitissimo estimados pelo seu apurado fabrico e fina qualidade.

Além d'isso encontra-se ali um grande numero de fabricas de louça, de tecidos de algodão e de seda, fundições de machinas, etc.

A historia de Leeds mui' pouco ou nada nos apresenta de interessante. Foi outr'ora uma praça forte; e o seu castello, cuja perspectiva se vê em a nossa gravura, servio de prisão a Ricardo II, em 1399.

OBRAS INÉDITAS

I

Noticia d'uma traducção inédita da Eneida em verso portuguez

Parece incrivel haver quem assevere terem os Portuguezes escripto pouco! Quem tal diz, parece nunca ter visto os volumes da Bibliotheca Lusitana, ou do Diccionario Bibliographico, obras que devem andar nas mãos de quantos querem fallar da Litteratura Portugueza.

Igualmente dá mostras de ignorar a existencia de tantas obras inéditas, guardadas nas bibliothecas do reino, e dos paizes estrangeiros, havendo d'ellas catalogos impressos, e por isso não causa tanta admiração de que não tenha conhecimento d'aquellas de que os nossos classicos fazem menção, e que se julgam para sempre perdidas. É immenso o numero das publicadas e não publicadas, e não sei mesmo se relativamente á pequenez do nosso paiz tambem no numero d'ellas levamos vantagem a varios outros povos; mas o que sei com certeza é que considero uma vergonha nacional o não se terem ainda dado á luz algumas, ao menos das escriptas em lingua nacional: visto as latinas hoje terem poucos leitores, attendendo ao des

prezo que actualmente se tributa em Portugal ao estudo do Latim, lingua em que geralmente nossos maiores escreviam como lingua universal (1) que era, por ser reputada a lingua dos sabios, e em fim por ser lingua mais estudada que a portugueza.

A vista pois do cuidado com que nossos maiores estudavam a lingua de Virgilio e Ovidio, não deve causar admiração o grande numero de traducções que nos legaram d'estes dois grandes poetas, e com especialidade do primeiro. Não deve causar estranheza que a *nação espirituosa* (2), se applicasse com fervor á deliciosa leitura das obras d'um dos maiores poetas, que jámais existiram, e que procurasse em linguagem vernacula traduzir (se é que traduzidas podem ser as bellezas de tão grande escriptor) as bellezas do rei da harmonia. E d'aqui se seguio que tenhamos um numero avultado de traducções de todas as obras de Virgilio de cujos traductores de passagem farei uma resenha.

TRADUCTORES DAS ECLOGAS

Leonel da Costa. — Antonio José de Lima Leitão. — Manoel Odorico Mendes. — José Pedro Soares. — Francisco Antonio Martins Bastos.

DAS GEORGICAS

Leonel da Costa. — Antonio Josè Osorio de Pina Leitão. — Francisco Freire de Carvalho. — Manoel Odorico Mendes.

DA ENEIDA

João Franco Barreto. — Luiz Ferraz de Novaes. — Antonio José de Lima Leitão. — José Victorino Barreto Feio, (esta concluida por José Maria da Costa e Silva). — Manoel Odorico Mendes. — João Gualberto dos Santos Reis. (3)

São estes os traductores de Virgilio, dos quaes tenho conhecimento. Ha tambem muitas traducções inéditas, das quaes differentes escriptores teem dado noticia. Existe, porém, uma que tem atravessado os annos completamente desconhecida, é a de Luiz José Lopes Carneiro Pereira, da qual é possuidor o Sr. Dr. P. A. Dias, e residente na cidade do Porto.

Tem o seguinte titulo: Eneida de Virgilio traduzida em verso portuguez para seu uso pelo Padre Luiz José Lopes Carneiro Pereira, Conego da Insigne e Real Collegiada de Cedofeita. Porto. 1801.

Para se fazer uma idéa do modo como esta traducção foi feita copiarei o principio do liv. 4:

At regina gravi jamdudum, etc. etc.

A rainha porém ha muito tempo
Gravemente ferida, vai filtrando
Nas veias o veneno, occultamente
Lacerando-lhe o peito surdas chammas.
A gloria do varão, sua nobreza
Recorda sem cessar: o seu semblante
Suas vozes guardando impressas n'alma
Nem lhe deixa o cuidado achar repouso
Do horisonte apartando as sombras frias
Na seguinte manhã brilhante aurora
C'a luz do sol abria a porta ao dia,
Quando a rainha inferma d'este modo
A' concordante irmã segue dizendo:
— "Anna, querida irmã, que tristes sonhos
Duvidosa me assaltaõ! Que homem novo
Aportou perigozo ás nossas terras!
Que presença elle mostra! Como ostenta
Generozas acções de hum peito forte!
Eu creio certamente, e não me ingano,
Que elle descende dos sagrados deozes:
Ai! Que immensos trabalhos tem soffrido!
Quantas guerras passadas referia!
Se eu não tivesse n'alma ainda gravado
O proposito firme invariavel
De não querer-me unir a qualquer outro
Por lassos conjugaes desde esse tempo
Em que a paixão primeira me illudira
Frustada pela morte do marido,
Se me não motivassem tedio as nupcias,
Talvez nesta só culpa cahiria.
Por quanto, cara irmã, eu te confesso
Do misero Siqueu depois da morte
Em que o crime do irmão manchara os deoses,
Eneas tão sómente meus sentidos
Tem podido mover: sómente Eneas
Póde agitar minha alma vacilante:
Eu persinto signaes do amor antigo,
Mas antes se abra a terra, e me devore,
Ou Jupiter supremo um raio vibre,
Que nas infernais sombras me sepulte,
Essas sombras fatais, profunda noute,
Do que eu chegue, Pureza, a violar-te,
Ou queira quebrantar os teus direitos.
Aquelle que primeiro em lasso estreito
A ti me sociou, levou comsigo
Meu sensivel amor; comsigo o tenha,
Comsigo mesmo o guarde no sepulchro."—
Assim fallando, as lagrimas rompendo
Encheram-lhe o regaço. Anna responde:
— "Minha querida irmã, a quem mais amo
Inda que a mesma vida, por ventura
Has de esfolhar a bella mocidade
Sem companhia, só, sempre penando?
Não terás o prazer dos doces filhos?
Nem gosarás jámais premios de Venus?
As frias cinzas, sepultadas sombras
Acreditas acaso que isto exijaõ?
Embora seja assim. Naquelle tempo,
Em que te lastimavas, não poderão
Avidos pertendentes dimover-te,
Em Tyro os despresaste, e mais na Lybia:
Abandonaste Jarbas, outros muitos
Valentes generais, que a terra de Africa
Sempre victorioza produzira:
Por ventura taõbem vencer pertendes
Essa grata paixão! E não te lembras
De quem são estas terras, onde habitas?
Desta parte nos cercaõ da Getulia
As cidades guerreiras, bravos Numidas,
E as perigosas Syrtes? D'outro lado
A região dezerta esteril de agoas,
Igualmente os Barcitas dezomanos.
E que te direi eu das grandes guerras
Que Tyro brevemente te declara?
E do rancor fraterno das ameassas?
Eu creio na verdade que os bons deozes,
Que Juno favoravel obrigaraõ

(1) De passagem direi que o latim ainda hoje se pode considerar como lingua universal. São innumeraveis as obras que diariamente n'esta lingua se publicam nos paizes Europeos. Em Septembro de 1866 chegou de Riga um navio ao Porto. N'esta cidade puzeram difficuldade na admissão do navio por suspeitas de vir d'uma terra inficionada de cholera. O capitão do navio mandou vir da Russia um attestado em como na terra da procedencia não havia cholera: veio o attestado, mas escripto em latim. Ha annos estiveram uns padres chinezes, em Lisboa, sómente poderam ser entendidos por meio do latim.

(2) Voltaire. Essai sur la Poesie Epique. Camoens.

(3) Alem d'estas traducções impressas ha bastantes manuscriptas, e muitas parciaes de varias obras de Virgilio. O sr. Castilho está traduzindo as Georgicas.

A surgir n'esta praia as naus Troiannas.
Que dif'rente verás esta cidade!
E quanto crescerão os teus reinados
Na feliz união deste consorcio!
Estes Carthaginezes quam depressa
Gloriosos serão, serão distinctos
Acompanhados das Troiannas armas!
Tu sómente o favor aos deozes pede,
E feitas oblasoens, dilata o tempo,
O tempo da hospedagem, procurando
Motivos de demora: até que o inverno,
E o chuvoso Orion levante os mares,
Nem sua frota esteja inda composta,
Nem tão pouco se mostre o ceo sereno.» –
Em seu peito abrazado estas palavras
Amor inflamaõ; e na mente incerta
Aviva na esperança, e foge o pejo.

M. Bernardes Branco.

A ORIGEM DOS HOMENS BRANCOS, DE COR E PRETOS

Tradição dos Seminolas (1)

Quando a Florida foi convertida em territorio dos Estados Unidos, o governador William P. Duval, homem grande e generoso, concebeu o designio de preparar a civilisação dos indigenas dando-lhes primeiramente os elementos da instrucção. Para este fim, reunio em conselho os chefes indigenas, e fez-lhes vêr que o desejo de seu Pae residente em Washington, era que entre elles houvesse escólas e mestres, e que seus filhos adquirissem instrucção como os filhos dos brancos. Os chefes ouviram silenciosos e com dignidade, segundo o seu costume, o longo discurso, no qual o governador fez sobresahir todas as vantagens que resultariam para elles desta acertada medida; e quando terminou, pediram a espera de um dia para deliberarem sobre esta grave questão. No dia seguinte, houve uma nova assembléa solemne e um dos chefes fallou nestes termos em nome de todos os outros:

«Meu irmão, reflectimos sobre a proposta do nosso Pae de Washington, de mandar-nos mestres e estabelecer escólas entre nós. Estamos penhoradissimos pelo interresse que elle toma na nossa felicidade; mas, depois de termos maduramente pensado, resolvemos recusar a offerta. O que seria muito util aos homens brancos não o seria aos homens vermelhos. Sei que vós outros, homens brancos, dizeis que todos descendemos do mesmo pae e da mesma mãe; mas enganaes-vos. Temos uma tradição que nos legaram os nossos antepassados e que julgamos ser verdadeira: é que o Grande-Espirito, quando emprehendeu criar os homens, fez primeiramente o homem preto; era o seu primeiro ensaio, e já não era pouco para um principio; não obstante vio que não tinha conseguido o que desejava. Decidio-se a fazer um novo esforço: criou o homem de côr. Preferio-o ao homem preto; mas não era ainda o que elle queria. Pôz, pela terceira vez, mãos á obra, e fez o homem branco; então ficou satisfeito. Assim, já vêdes que fostes os ultimos, e é por esta razão que vos chamo o meu irmão mais novo. Quando o Grande-Espirito concluio estes tres homens, mostrou-lhes tres caixas. A primeira estava cheia de livros, cartas geographicas e papeis; a segunda continha arcos, frechas, facas e *tomahawks*; a terceira, machados, pás, enxadas e martélos. «Meus filhos, disse elle, eis-aqui os instrumentos com o auxilio dos quaes podeis prover á vossa existencia; escolhei entre elles confórme o vosso gosto.» O homem branco, sendo o preferido, escolheu primeiro. Passou por diante da caixa dos instrumentos de trabalho sem para ella olhar; mas quando chegou ao pé das armas de guerra e de caça, parou e observou-as com attenção. O homem de côr tremeu, porque o seu coração ardia já com o desejo de possuir esta caixa. O homem branco, comtudo, depois de a ter bem examinado durante alguns momentos, passou adiante, e escolheu a caixa de livros e papeis. Seguio-se a vez do homem vermelho; escusado é dizer que não hesitou em lançar logo mão, cheio de alegria, do arco, frechas e tomahawks. Para o homem negro não havia a liberdade de escolher; não tinha senão a caixa dos instrumentos de trabalho. É, pois, manifesto, que a intenção do Grande-Espirito era que o homem branco aprendesse a ler e a escrever, a conhecer tudo quanto se refere á lua e ás estrellas, e, em uma palavra, a fazer todas as cousas, incluindo o *rhum* e o *whiskey*. Quiz que o homem de côr fosse um grande caçador, um valente guerreiro, mas que não aprendesse cousa alguma nos livros, por quanto não lhe tinha dado nenhum; nem que fizesse o rhum e o whiskey, com receio de que á força de beber se arruinasse. Quanto ao homem negro, como só tinha instrumentos de trabalho, é claro que fôra destinado a trabalhar para os homens brancos e de côr e é o que sempre tem feito. (2) Devemos submetter-nos ás vontades do Grande-Espirito, porque d'outro modo estariamos sempre rodeados de desgraças. Saber ler e escrever é um grande bem para os homens brancos; mas será um grande mal para o homem de côr. Isso torna o homem branco melhor, mas faria o homem vermelho peior. Alguns dos Criks e Cherokees aprenderam a ler e a escrever, e tornaram-se os maiores malvados de todos os Indios. Foram a Washington, dizendo que iam ter com seu Pai para tratarem assumptos d'interesse nacional. Quando chegaram escreveram em um pedaço de papel; e os homens da sua nação não souberam o que elles haviam escripto. Mas, o agente indio, chamando-os, mostrou-lhes o papel, no qual, disse elle, estava escripto um tratado que seu irmão concluira em nome delles, com o seu Pae de Washington; e como elles não sabiam o que era um tratado, o agente levantou ao ar o bocado de papel: todos olharam por debaixo. Oh! cobria uma grande extensão de terreno, e viram que seus irmãos, porque sabiam ler e escrever, tinham ido a Washington, vender as suas casas, as suas terras e os tumulos de seus paes, e que os homens brancos,

(1) Povos indigenas da America do Norte.

(2) Os Seminolas nunca viram os negros senão na qualidade de escravos; ignoram o que são em Africa, no estado de liberdade.

porque sabiam ler e escrever, tinham-se tornado senhores de tudo. Eis porque, dizei a nosso Pae de Washington, não podemos satisfazer o seu desejo recebendo professores entre nós; saber ler e escrever é muito bom para os brancos mas muito mau para os Indios. (3)

A TORRE DE LONDRES

(Continuação)

Seria mui longa a enumeração de todos os personagens celebres que habitaram na torre de Londres e acharam ali termo a seus soffrimentos; mas não devemos passar em silencio as scenas tragicas do reinado de Henrique VIII. Sir Thomaz More, nomeado por seu talento e bondade, foi preso em 1534, com Fisher, bispo de Rochester, por ter recusado reconhecer a supremacia do rei, e ambos pereceram no anno seguinte; a rainha Anna Bolena soffreu, em 1536, a fatal consequencia dos barbaros caprichos de seu marido, e todos os annos vio chegar novas victimas: os lords Thomaz Howord, Darcey, Montague e o marquez de Exeter, accusados de traição, perderam a vida no cadafalso. Cromwell, conde d'Essex sabio e fiel conselheiro do rei, foi executado em 1540, por ter sido o auctor principal do seu casamento com Anna de Clèves, mulher que se lhe tornou odiosa. Pouco tempo depois o mesmo cutelo decepou as cabeças de sua quarta mulher, Catharina Howard e da amiga intima desta, lady Rochford.

Estes logares que pareciam consagrados á desgraça, foram por um contraste singular, testemunhas de um genero de morte muito differente: Arthur Plantagenet, filho natural de Eduardo IV, morreu de alegria, sabendo que fora reconhecida a sua innocencia. Os tormentos de Joanna Grey e de seu esposo, lord Guilford Dudley, ambos victimas da ambição do duque seu pae, que arruinou a familia e os amigos, e as torturas pelas quaes a rainha Anna fazia passar todos que não compartilhavam das suas idéas religiosas, formam as principaes scenas do tragico drama do seu reinado. A torre servio tambem d'asylo á princesa Isabel, e quando, seguindo o exemplo de seus predecessores, ella a deixou para a ceremonia da sua coroação, nenhum soberano, talvez, em taes momentos recebeu provas de mais sincero interesse. Comtudo, é preciso convir, que, apesar da prosperidade deste reinado, nunca se vio na torre maior numero de prisioneiros de todas as condições. Encontra-se em um relatorio apresentado ao conselho, em 1561, seis bispos, um abbade de Westminster, dois condes, lady Catharina Grey e mais doze individuos. Howard, duque de Norfolk, preso em 1569, foi executado tres annos depois por seus manejos a favor de Maria Stuart, assim como seu filho o conde de Arundel, e o conde de Northumberland pelo crime de traição; este ultimo querendo impedir a rainha de lhe confiscar os bens, não esperou pelo bill e suicidou-se.

(3) Washington Irving.

Um dos homens mais bravos, e tambem o mais habil e o mais infeliz do seu seculo, sir Walter Raleigh, foi capturado, em 1582, por ligações que tinha com uma donzella de honor da rainha, mas, desposando-a, prestes obteve a liberdade. No reinado seguinte, porém, terminou o seu longo captiveiro pelo ultimo supplicio. Devereux, conde d'Essex, cujo destino cruel projecta uma sombra enorme na memoria d'Isabel, e os condes de Southampton e de Rutland, pertencem ao numero dos que ali foram encarcerados durante este reinado.

Os dois mais notaveis prisioneiros, no tempo de Jacques I, são: lady Arabelle Stuart, cujo parentesco com Maria despertou o ciume de Isabel, e mais tarde o de Jacques. Surpresa com seu marido, William Seymour, no momento em que esperava salvar-se, endoudeceu de pesar, e morreu na prisão em 1615; o outro é Thomaz Overbury que foi perseguido e condemnado á morte por intrigas do infame conde de Somerset, e da sua amante lady Essex. O conde de Strafford, ministro muito affeiçoado a Carlos I, e o arcebispo Land, conduzidos para a torre em 1640, foram executados ali em pouco tempo.

Seria de uma grande impossibilidade entrar nos promenores dos factos que se passaram na torre no reinado dos dois Carlos e durante a republica; os revezes da fortuna que para ali levaram alternativamente os partidarios das duas causas, são do dominio da historia. Carlos II foi o ultimo rei que habitou na torre antes de ser corôado; desde então deixou de ser residencia real. A maior parte dos que foram implicados no processo de Carlos I, soffreram, sob o reinado de seu filho, morte lenta e cruel ou prisão perpetua.

Em 1666, foi descoberto um projecto de ataque contra a torre e os seus auctores sentenciados á morte; no mesmo anno houve um grande incendio, que destruio parte da cidade, mas a bastilha de Londres ficou de pé. O duque de Montmouth, sobrinho do rei, foi executado em Tower-Hill em 1685. Mas, ou por falta de vigor, ou por timidez, o executor ferio-o tão levemente que o duque levantou a cabeça e encarou-o como que para censurar-lhe a sua inepcia; diz-se que só ao quinto golpe o carrasco conseguio separar-lhe a cabeça do corpo.

(Continua)

O antigo editor do **Panorama**, desejando proporcionar aos actuaes srs. assignantes, e mesmo a quaesquer outras pessoas que o não sejam, a maneira de poderem possuir, sem grande sacrificio a collecção completa deste interessante jornal, que conta hoje **15 volumes** publicados, deliberou, para esse fim, abrir nova assignatura, não alterando o preço que teve a antiga, sendo o custo de cada volume broxado 1300 réis, e encadernado 1600 réis, isto unicamente para aquelles que se inscreverem como assignantes. As pessoas que assignarem para esta obra receberão um ou mais volumes cada mez, conforme melhor lhes convier, sendo o importe dos mesmos pago no acto da entrega. E as que tenham a collecção do **Panorama** incompleta, podem da mesma forma assignar para os volumes que lhes faltarem, bem como para qualquer numero que lhes faltar.

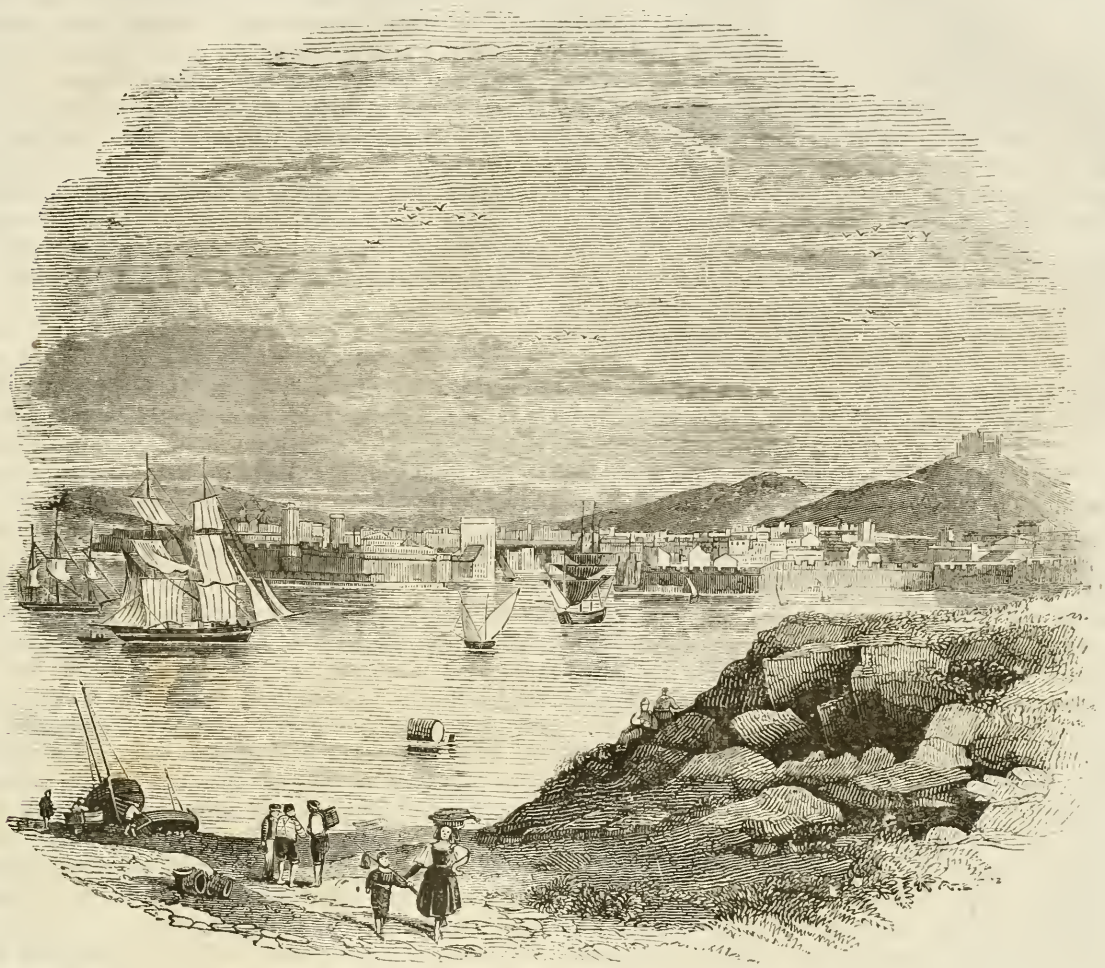
As assignaturas fazem-se nos seguintes locaes:

Rua Aurea n.º 132 e 134; na redacção do Panorama, rua do Thesouro Velho n.º 6; e em todas as mais livrarias.

Em Braga, Porto, Coimbra e Vianna, em todas as livrarias.

De quaesquer outras terras do reino podem dirigir-se, em carta franca, com o importe da assignatura em valles do correio, ao antigo editor, rua Aurea n.º 132, accresce ao preço da assignatura, o porte do correio que é de 250 para os volumes em broxura e 310 réis para os encadernados.

Typ. Franco-Portugueza, Rua do Thesouro Velho, 6.



Marselha

Esta cidade é uma das maiores e das mais importantes da França. O estado florescente em que se acha, é devido á sua magnifica situação na costa do Mediterraneo, e ao seu excellente porto, unico que a França ali possue, para receber navios de grande lote. Dista de Pariz 802 kilometros pela estrada e 862 pelo caminho de ferro, e conta uma população de 260,000 almas.

Marselha é antiquissima. Foi fundada por uma colonia de Phoceos, sob o direcção de Simos e Protis, cerca de seiscentos annos antes da era christã. O primeiro cuidado deste povo logo que pizou o terreno da Provença, foi de collocar-se debaixo da protecção dos habitantes mais proximos: eram os Celto-Lygos que tinham por chefe Nannus. Este acolheu a colonia mui amigavelmente, e concedeu-lhe que se estabelecesse em suas terras; desde logo os Phoceos lançaram os fundamentos d'uma cidade que chamaram *Massilia*; edificaram-n'a no sitio onde ella existe ainda hoje.

Pela constante protecção de Nannus, a colonia nascente teve um augmento rapido; mas Comanus, filho e successor d'aquelle chefe, não herdou de seu pae os sentimentos de amizade para com os Marselheses; estes estrangeiros pareceu-lhe serem visinhos perigosos; um dos seus servidores fez redobrar os seus receios, contando-lhe a fabula da cadella que depois de ver os filhos criados se apoderára do lugar que o pastor lhe cedera para ella ir ter os filhos. «Assim, accrescentou, os Marselheses, que só occupam hoje um terreno emprestado, tornar-se-hão um dia senhores de todo o paiz.» Comanus formou desde logo o projecto de apoderar-se da colonia phocea. Os Marselheses celebravam as festas de Flóra; Comanus fingio querer adorar os deuses d'elles, e enviou á cidade muitos soldados. Fez tambem entrar carros cobertos de folhagem, dentro dos quaes iam tambem soldados escondidos. Elle mesmo foi pôr-se de emboscada com um exercito nas montanhas proximas. Os guerreiros que haviam entrado em Marselha deviam de noute abrir as portas, e assim a matança seria geral. Uma rapariga, porém, descobrio este trama. Immediatamente os Marselheses lançam mão das armas; todos os Lygurios encontrados na cidade são mortos; o exercito de Comanus é completamente desfeito; este chefe perece no combate com sete mil dos seus. Depois deste acontecimento, os Marselheses, convencidos

da má fé dos indigenas, vigiaram-nos attentamente, e tomaram em tempo de paz as mesmas precauções, como se fôra em época de guerra.

Desde os primeiros dias da sua existencia politica, os Marselheses contaram com os recursos que o mar podia offerecer-lhes; applicaram-se com perseverança a aproveitar a sua posição vantajosa para o commercio e navegação. A pesca tornou-se para elles um objecto importante; cultivaram a vinha com exito; implantaram a oliveira nas Gallias, ainda antes de ser conhecida na Italia. Todos os portos da Grecia e da peninsula italica lhes foram abertos; procuraram nestas regiões o que a natureza do seu sólo lhes recusava, e em troca davam o vinho e o peixe salgado. A sua situação, o seu porto soberbo, a natureza ingrata do seu territorio, a actividade dos seus habitantes, tudo, emfim, contribuia para que Marselha fosse uma cidade maritima e commercial. Os Carthagineses, ciosos do seu poder, attacaram-na, e durante esta longa guerra, a importancia de Marselha, longe de descair, augmentou. Dois dos seus cidadãos, Pytheas e Eutymene, adquiriram grande reputação por suas viagens e descobertas. No terceiro seculo antes de Christo, Marselha era a Athenas das Gallias, uma cidade modelo de sabedoria e boa administração. O seu governo era republicano e composto de seiscentos senadores. Allion-se com Roma, e oppoz-se em vão á invasão de Annibal; caíra, certo, nesta occasião, se Annibal chega a subjugar os Romanos. Marselha abraçou a causa de Pompeu contra Cesar; este, vencedor, punio severamente a cidade; destruio as fortificações, as machinas de guerra, e fez com que lhe fossem entregues as armas, os navios, o thesouro publico e a cidadella, onde aquartelou duas legiões. Marselha, privada do seu poder, perdeu a influencia politica nas Gallias, mas formou uma republica commerciante, independente, sob a protecção romana. No sexto seculo os Borguinhões, os Ostrogodos e os Francos talaram-na; em 732 os Sarracenos destruiram-na completamente; todos os monumentos antigos que possuia, desappareceram.

Do decimo ao decimo terceiro seculo, foi governada por bispos e viscondes, cuja administração foi má. Sobretudo, um uso estabelecido na familia dos viscondes, foi-lhe muito funesto: dividiram os seus dominios até o infinito; os filhos repartiam entre si a herança do pae; as filhas recebiam em dote senhorios. A maior parte dos ramos dos viscondes adoptaram um nome differente do que usaram a principio; empobreceram, perderam todos os traços de sua origem e cairam em profunda obscuridade. Os Marselheses tomaram uma parte mui activa no grande movimento dos Crusados; o seu papel, porém, foi mais commercial do que bellicoso; as guerras proporcionaram-lhes grandes vantagens mercantis. Nunca nos mais brilhantes dias da antiga republica, a cidade vio tanta actividade; o porto cobrio-se de navios, todas as riquezas ali affluiram; Marselha via incessantemente chegar aos seus muros Crusados de todos os paizes e fornecia-lhes então navios, provisões e armas. A fabricação de espadas e lanças tornou-se um dos principaes ramos do commercio marselhez; as officinas deste genero eram tão numerosas, que uma rua muitissimo extensa recebeu o nome de *Lancerie*. No anno 1267 a republica de Marselha foi submettida á auctoridade dos condes de Provença, até a morte do ultimo destes principes, Carlos III, em 1481, época em que Luiz VI tomou posse desta provincia; Marselha e o seu territorio foram assim reunidos á corôa.

(Continua)

O GRANADEIRO

Eh! Eh! meus rapazes! ainda não viram o que eu vi e mais não tinha barba quando vi o que vi. Desde então já comi muito alqueire de sal e muito pão duro como a pelle do diabo; mas olhem que isto de guerra nem sempre é a gente deitar-se em boa cama, e dar um beijo na patrôa quando é alvorada. Rufam os tambores e bota-arriba. Andem, rapazes, paguem lá mais meio quartilho se querem que eu conte o que vi, e mais não tinha barba quando vi o que vi. Contar historias sem molhar a palavra!... é como quem faz da lingua um carvão em brasa. E tu lá, recruta, dá cá um cigarro que a vida é fumo e quem não fuma não vive. Eh! eh! Muitas coisas acontecem que não veem nos livros. E então quando as descargas conversam com o echo, as bayonetas namoram o sol, e as peças espirram grosso e teem catharro nas goelas... eh! eh! levem os diabos aos que não mordem o cartucho e tapam as ventas para não cheirarem a polvora.

Olhem bem para mim, meus fedêlhos! Já enguli um bom par de janeiros e nem por isso tenho a barriga mais cheia. Velhos tempos! velhos tempos! Tempos revelhos digo eu. Bons eram. N'esse tempo andava eu direito como um fueiro, e por mais que bebesse...

Os recrutas pagavam então, sem pestanejar, meia canada a um veterano e ainda em cima diziam —*muito obrigado*. Dá cá mais meio quartilho, que o fallar é como a alface. Boa palavra boa rega. Eh! eh! Que diacho ia eu a dizer?...

Bons tempos! Quando o inglez vermelho como um tomate dizia: *goddam*, respondia o portuguez: *salta para fóra, bruto!* E carregavamos os francezes!... Era bayonetada para a frente, coronhada para o lado, que até os castelhanos preferiam o sangue de francez ao sangue de touro! E os rios diziam: — Com mil demonios! Véem as aguas tão vermelhas, que até já temos sede!

Bons tempos! Hein! E então se todos vissem o que eu vi, e mais não tinha barba quando vi o que vi, nem sombras de buço! Ás vezes tinha a cara negra. Eram beijos de polvora, que de vez em quando... ft! e a escorva ardia, e eu ria-me para ella; e a bala, trap! e o francez chorava. Bons tempos! e eu que o diga, que vi o que vi, e mais... Hoje, pelas tripas do diabo, tenho a cara sempre branca e os cabellos tambem. São beijos do tempo. Apre lá! Os janeiros são como

os caiadores. Engole a gente um anno e vae se não quando, é uma demão de cal na frontaria.

Então não tinha nem sombras de buço, e hoje... com os démos, tenho os bigodes brancos. Tinta com elles! Venha do roxo...

Ora pois, formem quadrado aqui, em volta de mim.

Eu cá sou o mestre da musica... para tudo ir a compasso.

Era no pino do inverno. Chovia se Deus a dava, pelos cerros dos Pyrineus. Pedra havia em barda. A respeito de terra havia assim a modo um raizèdo, tanto bonda para enterrar um homem... de companhia com os lobos, que andavam de alcatéa a fazer cruzes na boca, os excommungados! como se fossem bons christãos. E que frio! Era *taró* de matar bicho! Fazia um vento.. aquillo parecia folle de ferreiro em fornalha apagada! Lá por aquelles agachizes, chorava o tal vento, que parecia um rebanho de cabritos a caminharem para o açougue. E que poças pelos carreiros! A gente a andar e os pés a dizerem clap! clap! como se os dedos fossem rãs! Fóme de palmo! Havia por lá inglez, que comeu a lingua cuidando que era bife!

Nós caminhavamos na avançada na colla dos francezes, que iam de rota batida a sete pés. Que lá de feição eram elles e tambem o velho raposa (1) que ficara na rectaguarda. Bons tempos! O general ia na frente na avançada, e atraz na retirada. Bons tempos! E eu que o diga, que vi o que vi, e mais não tinha barba nem sombra de buço, quando vi o que vi!

De repente, pensei que o diabo accendera a lumeeira e mastigava em seco. Era fogo nos piquetes, por todos aquelles montes, e lá no fundo roncava um rio, aonde iam parar os que escorregavam nos penhascos.

Mau! disse com os meus botões. Os diabos levem as noites, em que a gente dorme de pé e tem destes pesadellos.

Ah! rapazes. Lembrei-me da minha choça, e da velhita desdentada, que deitou cá para fóra esta cegonha, que aqui vêem. Eu sei lá o que me lembra? Levei com um balasio. Ruim cereja que só tinha caroço! Caí de bruços pendurado por uma perna para um fojo, á laia de pintasilgo apanhado no laço. E se não havia de cair! Vá lá um homem ficar direito! Cambalear... ora! E a gente beber um pingo. Cair assim... só com um balasio, que vase o peito.

Se eu dormi não sei: os sonhos não haviam de ser dos mais bonitos. Quando acordei... eh! eh! rapazotes.

A guerra é assim coisa de adega de lavrador rico. Ha lá de tudo.

Zurrapa e vinho fino! zurrapa já eu a levava, faltava o vinho fino!

Era uma rapariga guapa e gorducha como um anjo. Boas cores, bons dentes, bom cabello... Com os demonios! Eu cá não sou pintor.

Era viuva. Morrera-lhe o marido n'uma refrega. Casa com escriptos, resmunguei. Saio ao pintar. Compral-a não, que lá está a companhia á minha espera; mas alugal-a... E bem dito bem feito. Estava ainda fraco como um pisco. Não importa. Chamo a moça e digo-lhe com voz magana: menina, venha d'ahi uma garrafa para matar a sede do coração. E a moça rio-se com um ar aberto, e deu-me uma garrafa de cidra. Fiz uma careta, mas fui bebendo.

Que boa vida! A ferida custava a curar, mas cá dentro abria-se outra.

Passados dias a moça era minha companheira. Salta aqui, rapariga. Traze isto, leva aquillo. Bastava um aceno... Emfim, boas moças ha nos Pyrineus. Ás vezes tambem são levadas do diabo e teem pacto com o tinhoso. Diga-o eu, e basta. Uma noite, já eu estava melhor, e comera á tripa-forra, ao pé da rapariga, que não via outrem senão a mim. Fumando e bebendo, fazendo as minhas festas no rosto da viuva, adormeci. Lá o que aconteceu por alta noite, não sei; mas a respeito de companheira, nada. Apalpo, e não a encontro. Eh! Temos feitiço! Volto-me para o outro lado, finjo que durmo, quando ouço uns gemidos.

Oh! lá camarada, passe palavra, digo eu. Ninguem respondeu.

Ergo-me... ia assim a cambalear um pouco. Cae aqui, tem-te acolá, chego ao larario, accendo a candêa, *bt!* fico ás escuras. Accendo outra vez, *bt!* Á terceira o mesmo. Alto lá, camarada, gritei testo. Nada de brincar com um caçador portuguez. Responde-me a bruxa da rapariga, saltando não sei d'onde, abraçada a uma aventesma... feia como uma raposa. Que diacho é isto? Anda cá, moça, que vou ver se as costellas estão no seu lugar. Mas qual! Não veio nem á mão de Deus Padre. Parecia um recruta de resinga com o cabo de esquadra. Avancei, mas o phantasma pega n'um zambujo e dá-me uma tunda, que quando me lembra andam-me as costellas a passo de carga.

E a feiticeira ria-se, e deitava-me uns olhos!..

O que havia de fazer? Botei-me ao phantasma e qual debaixo qual de cima...

— Que diabo tens tu, camarada? diz-me o anspeçada da companhia que dormia ao meu lado no piquete.

— Hein? digo eu esfregando os olhos.

— A modo que a cidra fez-te mal quando viste da vedeta? Ferveu-te lá dentro nas tripas! Boa era ella, e mais a rapariga que a deu! Malditos sitios. Pedras e mais pedras, nem a gente sabe como ha de *ferrar o olho!* E tu que ainda estás ferido, meu velho! Fez-te mal cidra, hein?

Eh! eh! rapazes. Isto de guerra é coisa do diabo.

E a respeito dos Pyrineus ninguem me falle. Bruxas e pedras!

E cidra ruim! Venha de lá mais meio, que é melhor! Boa terra esta! Bons tempos os de então! E eu que o diga, que vi o que vi, e mais não tinha barba quando vi o que vi, nem sombra de buço.

A. Osorio de Vasconcellos.

(1) O marechal Soult.

CARLOS II DE HESPANHA

(Continuação)

Criado secretamente em Ocana, só elle, de entre os filhos naturaes de Philippe, obtivera da ternura maternal o reconhecimento publico e solemne de sua augusta origem; e, ou pelo carinho com que tratava sua mãe, que, no dizer de seus contemporaneos, offerecia as mais raras qualidades de belleza e discrição, e que fez esquecer os seus extravios, professando de religiosa carmelita em um convento da Alcarria, ou, pelas distinctas prendas de talento e valor que D João desde tenra idade annunciava, o certo é que o rei orgulhava-se de ser seu pae e enchia-o de graças e honras proprias de uma pessoa real. O povo tambem, e os cortezãos, que a principio murmuraram e censuraram apaixonadamente a origem bastarda de D. João, e que chegaram, até, a duvidar da realeza do seu sangue, attribuindo-o ao duque de Medina de las Torres, que, parece, havia tambem galanteado a Calderon, e com o qual pretendiam achar-lhe maior semelhança, acabaram, á vista dos dotes e qualidades verdadeiramente regias do joven D. João, por dissipar as suspeitas e presumpções contrarias, e por sympathisar com elle e amal-o tão entranhavelmente como a um principe legitimo.

Effectivamente, D. João era um principe valente, discreto e elegante; um homem honrado e cavalleiroso, e que figurara dignamente desde os seus primeiros annos nos mais altos cargos e dignidades do estado: como governador dos Paizes Baixos e de Borgonha, como vice-rei e general victorioso do reino de Napoles, como grão prior de Castella na ordem de Malta, e, por ultimo, como presidente do conselho de estado, e intimo confidente do rei, seu pae.

Pouco tempo depois da morte de Philippe, observando D. João o rapido e assombroso ascendente que o padre confessor (já conselheiro de estado) tomava no espirito da rainha, e não conseguindo logo de prompto oppor-lhe o seu fraco predominio, teve de afastar-se voluntariamente da scena politica, retirando-se para o seu castello de Consuegra, residencia ordinaria dos gran priores de S. João; mas, complicando-se depois as pretensões do rei de França sobre os estados dos Paizes-Baixos, a ponto de apoderar-se com mão armada de algumas de suas praças, e promover uma guerra desastrosa para defendel-as, foi chamado D. João para castigar aquelle attentado, confiando-se-lhe o commando do exercito, que já em outras occasiões soubera conduzir á victoria. Neste ponto a rainha operara tambem politicamente, para ter longe da côrte o principe, em cujas francas demonstrações podéra notar certo desdem e aversão ao jesuita favorito, demonstrações e palavras umas vezes graves, outras festivas, que chegaram ao extremo de dizer em pleno conselho e diante do interessado, *que o seu parecer era que fosse enviado para Flandres, o padre Nitard, santo varão a quem o céo nada poderia negar; e a prova da sua milagrosa virtude (accrescentou sorrindo) é, sem duvida alguma, o posto em que o vemos hoje.* — «Eu creio firmemente, replicou contrito o confessor, que nada é negado pela misericordia divina áquelles que confiam sinceramente n'ella; mas tambem conheço que o meu dever e a minha profissão me chamam a outros serviços differentes dos de um general do exercito. — *Não seria esta, tornou D. João, a primeira cousa estranha á vossa profissão e ao vosso caracter, nos quaes vos vemos brilhar todos os dias, meu padre.*

Resolveu-se, emfim, que D. João se pozesse á frente do exercito que devia passar a Flandres: aprestaram-se os navios necessarios para o transporte, em Cadiz e Corunha; e D. João, do ultimo destes portos, ia enviando os corpos a pouco e pouco, não achando prudente romper logo combate com a armada franceza, muito superior em numero, que crusava n'aquellas aguas. Entretanto os inglezes e hollandezes, feitas as pazes entre si, uniam-se á França contra a Hespanha, e arrastados pelo ascendente de Luiz XIV, o eleitor de Tréves, o Palatino, os duques de Baviera e de Brunswick formavam uma liga em defesa propria e com o fim de obrigar as potencias belligerantes a harmonisarem a differença, que entre ellas havia, de uma maneira conveniente para todos. Por fim, o proprio papa interveio na contenda, e a paz foi firmada em Aix-la-Chapelle.

Neste intervallo, e emquanto D João, como fica dito, esperava na Corunha o momento opportuno para embarcar, chegou a seus ouvidos a noticia do supplicio de D. José Malladas, fidalgo aragonez muito seu partidario, a quem, debaixo de todo o segredo, o governo mandára prender e tirar a vida em poucas horas por causas, que se não poderam averiguar, mas que se suppozeram forjadas pela malevolencia do confessor. D. João, profundamente sentido pelo tragico fim de uma pessoa a quem tanto estimava, e exasperado ao ultimo ponto pelo ultrage que, nesta morte, julgava ter recebido do padre Nitard, determinou não partir para Flandres, suppondo que o que se pretendia era afastal-o da côrte e, talvez, abandonal-o sem recursos ás forças superiores do rei de França, e sob pretexto de uma doença de peito, escreveu á rainha pedindo-lhe que o dispensasse do commando do exercito.

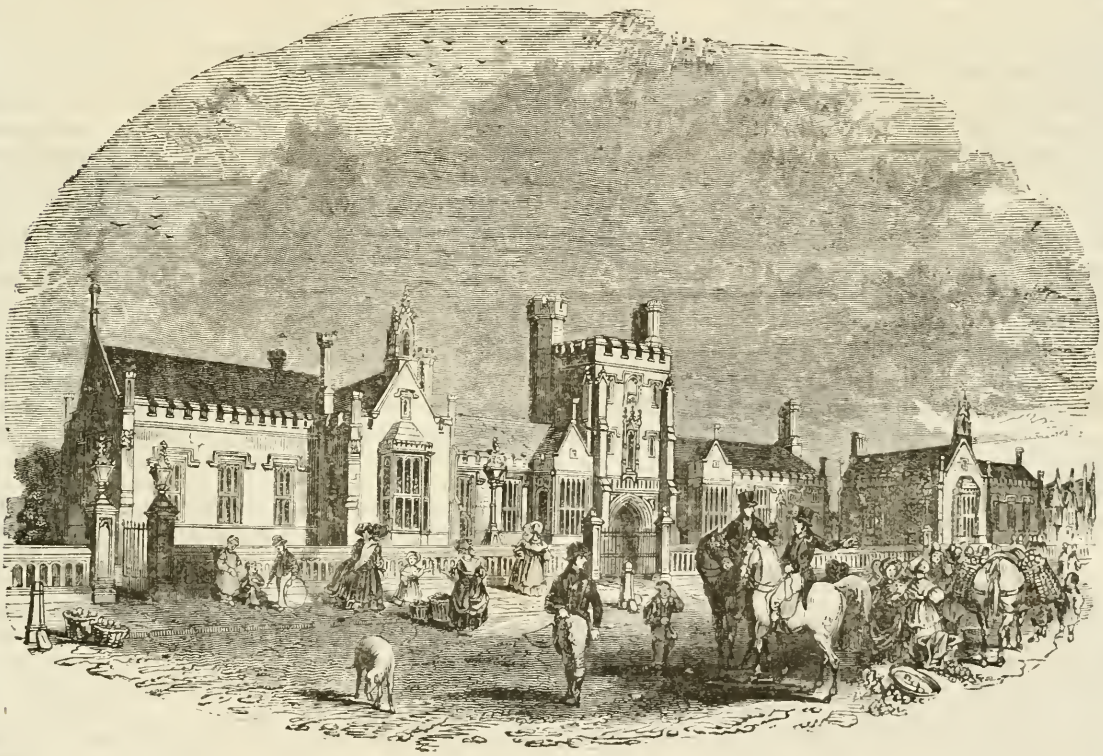
Tão subita mudança e tão alheia do valor reconhecido de D. João, causou uma estranha surpresa na côrte e um sentimento profundo na rainha e no confessor. Estes, comtudo, poderam penetrar na causa verdadeira da recusa, e reconhecer a sua imprudencia no sacrificio de Malladas; mas não podendo já remedial-o communicaram a D. João as ordens para entregar o mando ao condestavel de Castella, que conduziria as tropas a Flandres, em quanto que elle, D. João, devia retirar-se immediatamente para Consuegra.

O principe obedeceu sem replica; mas a sua obediencia, longe de aplacar a ira da rainha, deu-lhe novas forças para apresentar pessoalmente no conselho um terrivel decreto contra D. João, alle-

gando a sua falta de respeito em negar-se ao commando das tropas em um momento tão critico, e sob o falso pretexto de uma doença simulada, com o que faltara á verdade e ao throno.

Tudo isto chegou breve ao conhecimento de D. João, o qual foi tanto mais sensivel a este procedimento da rainha, quanto julgava havel-a desarmado com o não queixar-se publicamente da morte de Malladas. Todavia, porém, occorreu outro incidente que acabou de irritar os animos. Um capitão chamado D. Pedro Pinilla, sollicitou e obteve uma audiencia da rainha, na qual, sem duvida, poude revelar-lhe alguns dados importantes contra D. Bernardo Patino, irmão do secretario de D. João; porque, no dia seguinte foi preso com grande rigor, ao mesmo tempo que o marquez de Salinas, capitão da guarda hespanhola, recebeu ordem da rainha para se dirigir com forças sufficientes a Consuegra, e prender o principe; advertido, porém, este opportunamente por seus numerosos amigos, poude evitar o encontro, e fugio, deixando uma carta para a rainha, datada de 21 de outubro de 1668, na qual em termos mui fortes, lhe confessava a causa da sua recusa em ir a Flandres, o seu justo resentimento pela morte de Malladas, que não duvidava ser obra do padre Nitard; que um tal attentado reclamava uma terrivel vingança, e que antes d'elle contribuir por sua parte para leval-a a cabo, supplicava-lhe que afastasse do seu lado um tão máo conselheiro; concluindo a sua carta com um severo protesto contra a necessidade em que se punha um individuo da sua jerarchia e com taes serviços a fugir do paiz e a procurar um asylo no estrangeiro contra tão odiosa perseguição.

(Continua)



Uma escola de Bedford.

Bedford é um pequeno condado da Inglaterra situado entre Huntingdon, Cambridge, Hertford e Buckingham, e a 72 kilometros ao N-N-O de Londres.

A sua população eleva-se a cento e trinta e cinco mil almas, espalhadas sobre uma superficie de cento e vinte mil hectares. O sólo desta provincia, na sua maior parte plano, mas, para o meio dia, coberto de estereis montanhas calcareas, é, na generalidade, bem cultivado, e mesmo, para oeste, de uma notavel fertilidade. Os seus habitantes, laboriosos como todos os filhos de Albion, entregam-se, com exito, á agricultura, horticultura e criação de gados; a sua industria manufactureira, porém, limita-se a fabricação de rendas, flanellas, pannos, chapéos de palha e quinquilharias. Tambem exportam, com vantagem, a *greda*, muito commum n'esta parte da Inglaterra e de uma qualidade superior. As communicações entre este condado e Londres acham-se facilitadas desde 1849, pela construcção de um entroncamento do *London and North Western railway*.

A capital deste condado chamada, igualmente, Bedford, está situada sobre o Ouse, que, n'aquelle ponto se torna navegavel; é o deposito das manufacturas do condado e o centro de um commercio activissimo em trigos, carvão, madeiras de construcção, ferro e cobre. O numero, porém, dos seus habitantes não excede a cifra de treze mil e quinhentos.

Esta cidade, conhecida outr'ora por *Bedicanford*, foi theatro no sexto seculo de um combate entre os saxonios e os bretões, em seguida de varias pelejas entre aquelles e os dinamarquezes; e pelos annos de 1010, estes ultimos quasi que a reduziram a cinzas. Em 1137, foi tomada pelo rei Eduardo e no principio do decimo terceiro seculo por Faulkes de Bréant, que, confiado nas suas tropas e na defensa do castello, por muito tempo disputou a victoria ás tropas que Henrique III mandára contra elle. O principe Plantagenet, ou, como o chama Shakspeare, o principe João de Lancastre, filho de Henrique IV, que em vida de seu pae fôra governador de Berwich e depois regente de França, foi nomeado duque de Bedford no segundo anno do reinado de seu irmão Henrique V. Dois seculos mais tarde, o titulo passou á familia Russell.

A cidade tem sido, nestes ultimos annos, muito aformoseada e possue uma ponte magnifica de cinco arcos, construida em 1810 no lugar onde havia outra de sete, que, dizem, fôra feita com os materiaes do castello desmantellado. Entre as suas cinco igrejas, é notavel a cathedral, veneravel monumento de architectura gothica construido entre os annos 1350 e 1400. Além d'isso conta um grande numero de edificios elegantes, um hospital d'alienados, um vasto penitenciario, uma bibliotheca publica e um grande numero de escolas, das quaes a principal é a que se vê em a nossa gravura, e que foi construida no reinado de Henrique IV por sir William Harpur.

FRANCISCO PIZARRO

(Continuação)

O crime chama o crime, o sangue provoca o sangue. O medo produz o mesmo effeito na alma do vencido que a crueldade no espirito do vencedor. Atahualpa sabendo que seu irmão Huescar fôra na sua prisão visitado por Hespanhoes, e temendo que elle tivesse sabido excitar a cubiça e provocar as paixões sanguinarias dos seus ferozes vencedores, deu ordens secretas para que o desgraçado prisioneiro fosse assassinado, ordem que fielmente se executou. E' assim que o sangue provoca o sangue, é assim que as represalias começam, é assim que estas luctas, onde o vencedor não respeita as leis da justiça e da moralidade, tomam em breve um caracter horrendo e inscrevem o assassinio e o crime nos pendões d'esses e d'outros adversarios.

Entretanto os hespanhoes dividiam entre si solemnemente o producto dos seus roubos e da sua perfidia. No dia de S. Thiago, do padroeiro das Hespanhas, depois de terem ouvido devotamente uma festiva missa, dita por aquelle padre Valverde, de cujo estupido e sanguinario fanatismo já informámos os leitores, depois de terem invocado o Omnipotente, para que elle viesse sanctificar os horrendos crimes commettidos em seu nome, procederam os conquistadores a essa cubiçada repartição. Torrentes d'oiro correram então diante dos olhos deslumbrados dos companheiros de Pizarro, e o fulvo reflexo d'esse metal fascinador, em vez de os saciar, ainda mais lhes accendeu a cobiça, a avareza, todas as paixões vis que fermentavam no baixo espirito desses aventureiros.

Tendo pago o seu resgate, o misero Atahualpa reclamou a sua liberdade. Mas esse mesmo prompto pagamento foi causa da sua ruina. Tinha tanto de manhosa como de pouco escrupulosa a politica de Pizarro. Se os Peruvianos obedeciam com tanta promptidão ás ordens do seu monarcha prisioneiro, é porque a realeza exercia sobre elles todo o seu prestigio. Conservando Atahualpa debaixo de perpetua ameaça, conservava tambem o imperio submisso. Fôra essa a politica empregada por Cortez com Montezuma, soberano do Mexico. Mas, se Pizarro, com a perspicacia do genio, concebia grandes planos, não tinha, como o conquistador do imperio dos Azteques, a pratica dos negocios, a finesa que só a educação desenvolve; Cortez soubera conservar Montezuma debaixo do seu jugo, não lhe coarctando em apparencia a liberdade, e deixando-o no throno como um titere cujos fios elle em segredo movia. Pizarro rodeou de guardas o inca, alienou completamente o seu espirito, e, excluindo Almagro e os seus companheiros d'uma parte igual no resgate, provocou as suas suspeitas. Já vimos a tocante confiança que estes bandidos depositavam uns nos outros. Desconfiaram os recem-chegados, e provavelmente com bastante razão, que Pizarro, conservando o inca prisioneiro, chamaria a si todas as quantias que podesse angariar, allegando que eram o complemento do preço da sua liberdade. Em vista d'isso pediram, voz em grita, que Atahualpa fosse condemnado á morte.

Uma questão mesquinha de amor-proprio decidio a sorte do pobre Peruviano. Certo respeito que Fernando Pizarro, e Fernando Soto lhe manifestavam conciliára as suas sympathias, ao passo que os grosseiros modos do chefe da expedição lhe repugnavam. Esta preferencia, que elle não soubéra disfarçar, irritára sobremaneira o nosso heroe, susceptivel, como todos os homens, superiores só por um lado e que reconhecem a sua inferioridade no resto. Demais Atahualpa de todas as artes européas a que mais apreciára era a do ler e escrever. Parecia-lhe isso um dom divino. Não sabia elle se era talento natural ou adquirido. Pedio uma vez a um soldado hespanhol que escrevesse a palavra Deus no muro da sua prisão. O hespanhol satisfez-lhe o desejo. Em seguida pedio o Inca a todos que lhe appareceram que lessem essas letras, e todos, sem hesitarem um instante, leram a mesma cousa. Veio o chefe, e o inca repetio a pergunta, e, sendo Pizarro obrigado a confessar que não sabia ler, o inca não pôde occultar o despreso que lhe inspirava um general menos instruido do que os seus soldados. Nunca lh'o perdoou esse espirito, que a tanta alteza de pensamentos juntava sentimentos tão baixos, e a morte do soberano do Peru foi desde então caso decidido.

Foi então que se revelou plenamente o cynismo fanatico destes homens; foi então que se representou uma comedia, horrenda e repugnante, se os actores a representaram com a consciencia plena e inteira do que faziam, estupenda se julgavam praticar um acto naturalissimo. Os vencedores não quizeram invocar simplesmente, para assassinarem Atahualpa, o direito do mais forte, não se limitaram a usar em toda a sua extensão, do direito de conquista, palliaram o seu crime com as formalidades mais burlescas, e, invasores, sem motivo, de um paiz independente, em que nunca tinham ouvido fallar, e que nunca ouvira fallar d'elles, constituiram-se em tribunal, julgaram e sentenciaram Atahualpa, accusado e convicto dos seguintes crimes:

1.º De ter, sendo bastardo, expulso do throno o seu legitimo soberano e de o ter mandado assassinar. O crime era verdadeiro, mas só um compatriota de D. Quixote se podia julgar com direito de intervir nas mudanças politicas d'um paiz, com o qual nunca tinha tido as mais leves relações.

2.º De ser idolatra, e de ter offerecido sacrificios humanos aos seus falsos deuses. Singular meio de prégar a religião christã!

3.º De ter um grande numero de concubinas. Francisco Pizarro feito propugnador da moralidade universal!...

4.º De ter, depois da sua prisão, desbaratado os seus thesouros reaes, que desde esse momento pertenciam aos seus conquistadores. Como a bolsa do viajante pertence ao ladrão, logo que este lhe põe o punhal ao peito.

5.º Finalmente de ter incitado os seus vassallos a pegarem em armas contra os Hespanhoes. Era a fabula do lobo e do cordeiro posta em acção por Pizarro que nunca lêra Phedro, mas que o adivinhára.

Esta sanguinolenta comedia representou-se com todo o apparato judicial. Nomeou-se um advogado *ex-officio* para defender o inca prisioneiro, foram chamadas e inquiridas testemunhas, lavrou-se auto do processo.

O pobre Atahualpa assistio estupefacto a esta representação que não podia perceber, e não sabia se mais se devia rebellar contra a crueldade e perfidia dos seus vencedores, se admirar o seu impassivel descaramento. O inca foi condemnado á morte.

Finalmente, para que nada faltasse a esta farça de que não ha outro exemplo na historia universal, veio tambem a scena religiosa. O padre Valverde ousou propôr a Atahualpa que adoptasse a religião, cujos ministros e sectarios se lhe apresentavam debaixo d'um aspecto por tal fórma hediondo e vil. Tambem devemos confessar que o unico argumento de que se servio foi a promessa de se lhe conceder morte mais suave, se consentisse em deixar-se baptisar. Atahualpa, abatido já por tão largo martyrio, e não sabendo que horrendas torturas poderia inventar a fecunda imaginação dos seus algozes, a tudo se resignou para que os seus padecimentos findassem d'um modo menos cruel. Effectivamente essa ultima promessa cumprio-se. Em vez de ser queimado vivo, Atahualpa foi simplesmente enforcado.

A morte do infeliz inca abateu completamente a pouca energia dos seus subditos, mas os seus ultimos gemidos resoaram na historia, e o seu espectro devia perseguir bastantes vezes os sonhos de Pizarro, como persegue perante a posteridade o seu nome, que pronunciamos com admiração e horror. O sangue de Atahualpa estampou eterna macula na gloria do descobridor, e conquistador do Perú.

Mas a justiça divina não esperou que soasse a hora do passamento para fulminar o criminoso. Na morte do inca finda a segunda parte da existencia de Pizarro. Agora continuam os crimes, e a prosperidade, mas já começa a expiação.

(*Continua*)

OS OVOS E OS CAVALLOS

Conto dinamarquez (1)

Era uma vez um homem que visitava todas as cidades, villas e campos com uma carruagem cheia de ovos e um grande numero de cavallos. Deixava ovos nas casas onde a mulher representava de chefe, e cavallos n'aquellas em que o homem governava. Assim distribuia uma quantidade infinita d'ovos, mas dos cavallos nunca podia desfazer-se.

Um dia, entrou em uma casa onde tudo parecia indicar que o homem era o dono. Resolveu passar ali a noite, e, na manhã do dia seguinte, quando tratava de fazer as suas despedidas, disse ao marido que se dignasse escolher de entre dois cavallos, um alazão e outro preto, o que mais lhe agradasse; pois desejava offerecer-lh'o como prova do seu reconhecimento pelo bom tratamento que lhe fizera.

— N'esse caso, disse o homem, ficarei com o alazão.

— Não, exclamou a mulher; pareces-me tolo...; o preto é melhor.

— Bem, replicou o marido; uma vez que assim o entendes, minha filha, escolherei o preto.

Mas ficaram envergonhadissimos quando viram o estrangeiro retirar-se com todos os seus cavallos e deixar-lhes apenas um ovo.

UMA OBRA DO SECULO IX

Arcadio com seu irmão Honorio, reinou XIII annos. N'esta época, o bispo S. Agostinho resplandecia com a sabedoria da sua doutrina, e Donato bispo de Epiro assignalava-se por suas virtudes. Este, vendo um enorme dragão e cuspindo-lhe no focinho, matou-o; e oito juntas de bois apenas podiam arrastal-o á fogueira em que foi queimado. Pelo mesmo tempo, os corpos dos Santos Prophetas Habacuh e Micheas, são descobertos por divina revelação. Floresce Theophilo. Os Godos acommettem a Italia e os Vandalos e os Alanos as Gallias.

8. Honorio com Theodosio menor, filho de seu irmão reinaram XV annos. Durante o imperio dos Godos apoderaram-se de Roma, e os Vandalos, os Alanos, e os Suevos, occupam as Spanias. Celebra-se em Carthago um concilio composto de CCXIV Bispos.

(1) *Gamle danske Minder i Folkemunde:* Velhas recordações do povo dinamarquez editadas por Svend Grundtvig. Nova serie. Copenhague, 1857, p. 125.

Cyrilo, que era bispo de Alexandria, assignala-se particularmente.

Theodosio o Menor, filho de Arcadio, reinou XXVII annos. Os Vandalos passam d'Hespanha a Africa, e arruinam ali a fe catholica com a impiedade arriana. Reune-se em Epheso um concilio de Bispos contra Nestorio. Pelo mesmo tempo, o diabo, apparecendo em Creta aos judeus em figura de Moysés, promette-lhes conduzil-os por mar a pé enxuto á terra de promissão, mas tendo morrido muitos, converteram-se outros ao christianismo.

9. Marciano, reinou VI annos. No principio do seu reinado, celebra-se um concilio em Calcedonia. Theodorico, rei dos Godos, á frente de um numeroso exercito, entra em Spania.

Leão Maior, com Leão Menor, reinou XVI annos.

Zenon, reinou XVII annos. N'aquelle tempo, e pela revelação do mesmo, encontrou-se o corpo de S. Bernabé Apostolo, e o Evangelho de S. Matheus.

Anastacio, reinou XXVII annos. N'esta occasião, Fulgencio, Bispo, resplandeceu por sua sabedoria e doutrina. Nascem muitas heresias.

(Continúa)

TERÇA FEIRA!

Rompêra a manhã sombria,
D'estas, que fazem tristeza.
Em profunda calmaria
Repousava a natureza.

Repousava. As ondas mansas
Vinham quebrar-se na areia.
Que mar tanto para esp'ranças!
Que enganadora sereia!

O arraes, por entre os palheiros,
«Ao mar!,» grita, «ao mar! aos remos!
«Para as lanchas, companheiros,
«Grande safra hoje teremos.»

E a pobre gente da costa,
Essa raça destemida,
Que a morte, sem medo, arrosta.
N'um momento é toda erguida.

Eil-os na praia. Cantando,
Se dão á tarefa santa.
Que n'esse valente bando,
Quem mais trabalha, mais canta.

São todos? Todos, não. Falta
Da companha o mais valente.
Esta nova sobresalta
O peito d'aquella gente.

«Partir sem elle! Por Christo,
«Que a primeira vez seria.
«Em qualquer lance imprevisto,
«Quem tanto nos valeria?

Tudo pára, tudo hesita,
Mãos nos remos, mão no leme;
Que o seio a muitos palpita,
Que a muitos o braço treme.

Ora, no pobre palheiro
Do pescador, que tardava,
Eis o que, ao alvor primeiro
D'esta manhã, se passava:

Elle acordara e, na esposa
Que ao lado dórme tranquilla,
Repousa a vista amorosa
E, ao despertal-a, vacilla.

Vacilla — se é tão suave
Aquelle dormir, tão brando!
Mas não sei que idéa grave
Lhe está na mente pesando.

Terno, a esposa ao seio aperta
E lhe diz, com gesto ameno:
«Mulher, teu filho desperta,
«Acorda-me esse pequeno.

A joven mãe estremece;
«Que acorde meu filho, dizes!
«Deixa-o dormir. Deus lhe désse
«Sempre assim somnos felizes.

—«Acorda teu filho, acórda;
«Tal dormir não é p'ra elle.
«Tempo é que da lancha á bórda,
«Como os outros tambem vele.

—«Ás lanchas! ao mar! pois queres...»
E a mãe empallidecia.
—«N'esta vida de mulheres
«Não é que um homem se cria.

—«Mas tão novo...»—«Inda mais novo
«Meu pae me levou comsigo.»
—«Mas..»—«Já se falla entre o povo
«Do rapaz»—«Mas ouve, amigo.»

E a voz tremula, chorosa
Quasi em pranto se afogava.
Curvara-se ao mar a esposa,
Mas a mãe, essa, hesitava.

Hesitava, que se lhe ia
A alma toda, dando aos mares
O filho, a sua alegria,
O lume dos seus olhares.

—«Ouve»—murmura chorando,
«Por Deus te vou pedir isto!»
E depois, em tom mais brando
«Em nome de Jesus-Christo!

«Deixa-m'o ficar, marido,
«Hoje só, ai, hoje ao menos,
«Fraco auxilio o recebido
«Dos braços d'esses pequenos.

«Bem sabes que tudo os cança;
«Sempre sois tão deshumanos!
«E depois essa criança
«Inda não fez os dez annos.

—«Agoura-me bem o dia,
«Para lhe abrir a carreira;»
—«Porém, ó virgem Maria,
«E hoje então, que é terça feira!»

—«Mulher, deixa essas idéas,
«Iguaes são todos os dias.
«Em maus agouros não creias,
«Se é que no Senhor confias.»

«Aprompta, teu filho, aprompta,
«Que hoje ha de entrar na partilha.
«E olha que o sol já desponta,
«Anda, acorda-o, minha filha.

(Continua.)

Typ. Franco-Portugueza — Rua do Thesouro Velho, 6.

Castello e porto de Dover.

A cidade de Dover, situada a 110 kilometros E. S. E. de Londres, sobre a Mancha e em frente de Calais, é um dos cinco principaes portos da Inglaterra. Está assentada em um grande valle rodeado de um semi-circulo de montanhas, no cume de uma das quaes se eleva a sua antiga e bem construida cidadella. A população regula por dezeseis mil almas.

A vasta bahia que possue, as soberbas collinas cobertas de selvas e a excellente agua concorreram, sem duvida, para os Bretões ali se estabelecerem.

Os habitantes d'estas costas foram outr'ora celebres pelo seu caracter bellico; e quando Julio Cesar, á frente de um numeroso exercito invadio a Gran-Bretanha, encontrou nas montanhas de Dover um grande numero de homens que se oppozeram energicamente á sua entrada. Não obstante, a cidade, apesar do esforço de seus habitantes, vio-se em pouco tempo submettida ao jogo dos Romanos, que muito a aformosearam, e suppõe-se mesmo que no lugar onde hoje se vê a moderna fortaleza, existia outra construida por Julio Cesar. Dover desde logo adquirio grande importancia pela sua magnifica situação na costa e proximidade da Gallia, e ainda hoje é o ponto principal de communicação entre a Inglaterra e o continente.

No tempo dos saxonios esta cidade gosava de muitos privilegios importantes. Todos os seus habitantes depois de um certo numero de annos em que pagavam impostos ao rei, eram isentos de todo o direito de portagem no resto da Inglaterra. Segundo alguns velhos chronistas, os mensageiros que se dirigiam a França, pagavam seis soldos pela passagem de um cavallo no inverno, e quatro soldos no verão; a gente da cidade era obrigada a procurar um barqueiro e um ajudante; se, porem, se exigia um maior numero de homens, o rei fornecia-os á sua custa. É o mais antigo regulamento que existe sobre o preço da passagem de Inglaterra para França.

No reinado de Henrique III, o preço da viagem era de dois schellings para um cavalleiro e doze soldos para um peão. Ricardo II fez uma lei que impunha a todos os estrangeiros, fossem peregrinos ou viajantes, de embarcarem e desembarcarem neste porto.

Era em Dover que em tempo de guerra se juntavam as frotas e os exercitos que se deviam dirigir contra a França. Em 1189, o bravo Ricardo I, cognominado Coração-de-Leão, embarcou neste porto, para ir combater os infieis e apoderar-se de Jerusalem. Seguiram-n'o cem naus e oitenta galéras, e nesse mesmo dia desembarcou em Gravelines. Foi neste mesmo porto que o fraco monarcha João-sem-Terra, convocou os condes, barões e cavalleiros do reino, e reunio todas as suas forças de mar e terra para se oppor ao desembarque de Philippe Augusto, que, segundo as ordens do papa Innocencio III, se dispunha a invadir a Inglaterra.

Em 1216, Luiz, delphim de França, desembar-

cando em Stonar, perto de Sandwich, e havendo-se assenhoreado de muitas praças fortes, sitiou o castello de Dover; mas não poude tomal-o. No reinado de Eduardo I, uma grande parte da cidade, assim como muitos conventos, foram incendiados pelos Francezes. Quando o imperador Sigismundo foi visitar, em 1416, seu primo Henrique V, o duque de Glocester, e muitos outros senhores, esperaram no armados na praia, afim de lhe embargarem a entrada na cidade, no caso que elle mostrasse intenções hostis. Em 1520, o imperador Carlos V foi recebido em Dover pelo rei Henrique VIII, e os dois soberanos partiram juntos para Cantorbery afim de ali celebrarem as festas do Pentecostes. Henrique, convencido da importancia de Dover, que se chamava então a chave do reino, contribuio com oitenta mil libras sterlinas para a construcção de um molhe que se concluio no tempo de Isabel. Em 1814, o principe regente, depois Jorge IV, acompanhou Luiz XVIII até Dover, quando este principe foi tomar posse do throno de seus paes.

Do cume das montanhas que, em semi-circulo, rodeam a cidade, avista-se ao longe o mar e a costa de França. Dover é uma cidade bem edificada; encontram-se ali construcções modernas muito elegantes. Uma rua, que tem mais de uma milha de extensão atravessa-a de uma a outra extremidade, e as outras ruas são todas mui limpas, largas e ornadas de magnificos edificios. Os seus arrabaldes são deliciosos, e em toda a parte encontram-se pontos de vista admiraveis.

No cume de um rochedo, como acima dissemos, da altura de quinhentos pés, pouco mais ou menos, vê-se a cidadella chamada Shakspeare, que domina a cidade e está bem fortificada. Uma parte das suas fortificações são de origem normanda; mas trabalhos recentes attestam os receios que inspiraram ao governo inglez, os preparativos que Napoleão fizera em Bolonha, para fazer uma visita á sua rival. Os viajantes notam sempre com interesse uma escada em espiral praticada na rocha, pela qual se desce do castello para a cidade.

Esta cidadella em todos os tempos, por assim dizer, inexpugnavel, foi tomada por doze homens no tempo de Carlos I. Um ousado republicano chamado Drake, escalou o rochedo, e dirigio por tal forma o seu ataque, que a guarnição realista julgou ter um exercito em sua presença e entregou-se á discrição.

ESTUDOS SOBRE A CIDADE DO PORTO

I

Antiguidade d'esta cidade

A famosa cidade do Porto, a segunda do nosso paiz, e uma das principaes entre as de segunda ordem na Europa, notavel por muitos motivos, não é d'aquellas, cuja origem se perde na obscuridade dos tempos, como a de Lisboa, Setubal, Marselha, e a de muitissimas outras. Póde-se provar até á evidencia, que mesmo no tempo dos romanos o local, em que seculos depois se fundou esta cidade, não passava d'um terreno inculto e despovoado, ou, quando muito, d'uma insignificante povoação de pescadores. Essas differentes opiniões que remontam a origem desta cidade até os tempos fabulosos, nem se quer merecem a honra da refutação. A cidade do Porto, patria do infante D. Henrique, e de Garrett, constante propugnadora da liberdade, assidua introductora da civilisação em o nosso paiz, adquirio a nobreza por seus proprios feitos, não ha mister vangloriar-se de genealogias fabulosas, (1) e de bom grado cede taes honras a esses nescios presumidos, que inhabeis para attrahirem pelos meritos pessoaes as attenções ou respeitos, pretendem obtel-os fazendo-se passar para com o vulgo ignorante de descendentes, pelo menos, dos antigos *portucalenses*, que da nossa Peninsula expulsaram os Mouros.

Houve uma epoca, (bem conhecida é ella pela existencia dos Britos, dos Lousadas, dos Cerqueiras Pintos, e de tantos outros), em que as cidades, desprezando suas proprias glorias, só aspiravam á de terem por seus fundadores um filho, ou, pelo menos, um neto de Noé. (2) Tal época passou, e nunca mais ha de voltar; porque a humanidade, abrindo cada vez mais os olhos, ha de procurar uma gloria solida, e não ficticia; inabalavel, e não cadente á applicação da regra mais somenos da critica. Pódem, porém, as fabulas e patranhas d'esses tempos servirem aos poetas e romancistas, verdade já conhecida no tempo de Tito Livio; e por isso d'ellas farei breve mensão, lamentando ao mesmo tempo que engenhos, aliás distinctos, tivessem perdido tão inutilmente seu tempo: tão difficil é ser qualquer superior ás preoccupações do seu seculo!

Uma d'ellas attribue a fundação da cidade do Porto aos Gregos da provincia da Thracia que habitavam nas margens do rio Axio, aos quaes denominavam *Mydones*. Querem que estes Gregos, impellidos por uma furiosa tempestade, apportassem á Foz do Douro, e subindo por elle, tivessem ido até Gaia, e d'ahi passando para a parte septemtrional, nella fundassem uma cidade com o nome de Lavra, que com o decorrer dos seculos veio a corromper-se no de *Portucale*.

Outros, achando ainda pequena uma tal antiguidade, escreveram ter sido o seu fundador Gathello, filho de Neolo, rei d'Athenas, pois que, fugindo á crueldade de seu pae, passára ao Egypto no tempo de Moysés, onde servira a Faraó contra os Ethiopes, e em remuneração de seus serviços, o rei do Egypto o casára com uma filha chamada Escota; e que, embarcando-se sem demora com ella na companhia d'um grande numero de Egypcios, fôra procurar novas aventuras, e depois d'uma prolongada navegação pela Costa d'Africa, e pelo Meidterraneo, passado o Estreito de Gibraltar, chegára ao sitio, onde actual-

(1) É realmente pasmoso o grande numero de obras genealogicas, que se escreveram nos dois ultimos seculos precedentes ao nosso. A maioria d'ellas existem ineditas: mas uma tal falta de publicação de modo algum affecta a nossa litteratura. Porém para se ver a critica, que n'ellas reina, omittindo o de muitas outras, citarei o titulo do codice n.º 223 da Bibliotheca Publica Portuense — *Declaração genealogica em que se prova que o illm.º e exm.º sr. Luiz Pinto de Sousa, morgado de Balsemão descende dos imperadores de Allemanha, de Constantinopla, de Roma etc. etc. por 813 linhas!* — Tenho noticia de muitas outras no mesmo gosto.

(2) É por isso com rasão que o sr. Alexandre Herculano diz ironicamente na sua introducção á Historia de Portugal: «*A gente portugueza achou-se uma das mais antigas do Universo, descobrindo o seu berço nos cimos do Ararat, donde os filhos de Noé desceram a repovoa a terra.*»

mente está o Porto, e aqui fundára esta cidade, a que deu o nome de *Porto Gathello*, em memoria do seu nome, e aos habitantes chamára *Escocezes* em lembrança de sua mulher.

É a terceira opinião, que Diomedes, (3) rei de Etholia, um dos principaes capitães de Troia, navegára pelo Mediterraneo até sahir pelas Columnas de Hercules para o Oceano, e, abordando á foz do Douro, desembarcára na parte septentrional, e ali depois de longa demora, lançára os fundamentos d'uma povoação, que com o andar dos tempos se chamou Gaia, e seus habitantes Grajos, por descenderem dos Gregos, fundadores desta cidade, e tambem por se chamarem *Grecanios* seus ritos e costumes.

Querem outros que Meneláo, irmão de Agammenon, e marido de Helena, o causador da destruição de Troia, desterrando-se de sua patria, passára do Mediterraneo para o Oceano, e navegando até as alturas do Porto, aqui fundára esta cidade, cingindo a para sua defesa de fortes muralhas.

Ha outros, que, afastando se inteiramente destas opiniões, seguem a de que a fundação desta cidade deve ser attribuida aos Gallos Celtas, asseverando terem estes passado o Alemtejo para a Estremadura na companhia dos Turdetanos, e que, depois de conquistarem as provincias da Beira e Minho, levantaram para defesa o castello de Gaia, e depois, passando para o norte, fundaram uma cidade, que chamaram Portucale. Já se vê que estes fautores d'uma tal opinião não se mostram tão lidos em Virgilio e Homero, como os antecedentes, attribuindo tal fundação aos tempos heroicos.

Pondo, porém, termo a uma tal collecção de disparates basta só dizer que ha ainda quem attribua a Julio Cesar o principio do Porto, dizendo terem-se encontrado umas lettras antiquissimas na cathedral desta cidade, que juntas queriam dizer Julius. Ainda ha quem apresente por fundador a Noé; e tambem a Calais, filho de Boreas, rei de Thracia, argonauta, que tinha fundado muitas cidades em diversos lugares, depois do decantado vellocinio d'ouro da ilha de Colchos; e que era de toda probabilidade ser o nome Gaia derivado de Calais pela semelhança, que os nomes tinham entre si.

Eis as opiniões, que em diversos tempos appareceram a respeito da fundação desta cidade: quasi todas ridiculas, e abaixo da critica.

Existiria porém esta cidade, ou mesmo povoação pequena em tempos remotos? Não: porque della não fazem menção nem, ainda mesmo debaixo de qualquer outro nome, nem Ptolomeo, nem Strabon, nem Pomponio, nem Plinio, nem Deão Cassio. E tambem não em tempo dos imperadores, porque fazendo se em differentes épocas divisões administrativas na Hespanha, (4) e devendo a cidade do Porto ficar incluida em alguma d'ellas, em nenhuma apparece mencionada, ao passo que se falla do rio *Durius*, que a banha.

Temos ainda outra prova no Itinerario de Antonino. Nesta obra descrevendo-se a *via militar* de Lisboa a Braga, *ab Olisipone ad Bracharam Augustam*, medem-se do modo seguinte as distancias de varias povoações do nosso paiz n'aquelle tempo:

Jerabricam (Alemquer)	M. P.	XXX
Scalabin (Santarem)	M. P.	XXXII
Cellium (Ceice)	M. P.	XXXIII
Conimbricam (Condeixa Velha)	M. P.	XXXIV
Eminium (Agueda)	M. P.	XL
Talabricam (Aveiro) (5)	M. P.	X
Lancobricam (Feira)	M. P.	XVIII
Cale (Gaia)	M. P.	XIII
Bracharam (Braga)	M. P.	XXXV

E nem palavra de povoação alguma, que estivesse situada no lugar, em que hoje vemos a cidade do Porto, approximadamente no anno 160 de Christo, em que se diz ter sido escripto este itenerario.

Por conseguinte nem em epochas anteriores, nem em tempo dos Romanos existio povoação no sitio do actual Porto. Havia então uma povoação chamada *Cale*, mas no lado opposto, no sitio a que hoje se dá o nome de Castello de Gaia, (6) e talvez tambem pela sua encosta e margem do rio. (7)

Esta povoação chegou a ser importante por causa do grande numero de embarcações, que a demandavam para transacções commerciaes, e d'aqui lhe proveio o nome de *Portus Cale* (Porto de Cale), que mais tarde se converteu no de Portucale, Portugale, e Portugal, nome que tambem passou para a diocese, e mais tarde para um territorio mais amplo do que a diocese. (8) Visto ser uma povoação importante havia mister de fortificações para resistir a qualquer invasão dos povos que a demandavam, e teve-as com effeito, pois se acha nos antigos escriptores *Portucale castrum antiquum*, e d'ella nos faz menção Idacio, pelos annos de 457, 459, e 461 depois de Christo.

Eis agora o que nos diz D. Fr. Francisco de S. Luiz a respeito do começo do actual Porto:

«Era natural que na margem opposta do rio, ao norte d'elle, se fosse pouco a pouco estabelecendo, (como em semelhantes circumstancias costuma acontecer), outra igual povoação, tanto para commodidade dos povos, que habitavam uma e outra margem, como para facilidade do trato commercial e maritimo com as terras, que ficavam mais ao interior das provincias, que o rio separava e demarcava. Neste lugar, e no mais alto delle se fundou tambem castello para defesa, segundo a pratica d'aquelles tempos. E, como pelo decurso dos annos crescesse e prospe-

(3) Todas estas opiniões veem mencionadas pelo padre Agostinho Rebello da Costa na sua obra — Descripção da cidade do Porto — impressa no Porto em 1789.

(4) Estas divisões foram tres. A primeira depois da segunda guerra Punica, sendo expulsos da Hespanha os Carthaginezes, sendo então dividida em Citerior e Ulterior. A segunda no tempo de Julio Cesar imperador, em tres provincias, Betica, Tarraconense e Lusitania. A terceira em tempo de Constantino em seis, Betica, Lusitania, Galliza, Tarraconense, Carthaginense e Tingitana. É duvidoso se por esta occasião ainda teve por setima provincia as Baleares. V. Antonio Pereira de Figueiredo no vol. 9.º das Memorias da Academia.

(5) Na edição deste Itinerario por wesseling (Amsterdão, 1735) veem marcadas as distancias do seguinte modo:

Eminio	M. P.	X
Talabrica	M. P.	XL

(6) Nem vestigios existem presentemente deste castello e povoação antiga, que mais tarde teve a honra de dar o nome a todo o paiz. Ficava fronteira á parte da cidade chamada hoje Massarellos.

(7) A existencia de Cale (hoje Gaia) fronteira á cidade do Porto no tempo dos Romanos é ate reconhecida em uma inscripção achada em Roma Sepulchral de um Hespanhol que se diz casado com Claudia Lupa *Calense*. J. P. Ribeiro. Reflexões historicas. Part. 1.ª pag. 16.

(8) V. Fr. Francisco de S. Luiz no vol. 12 das Memorias da Academia.

rasse mais esta povoação, foi ella tomando, e ficou conservando quasi exclusivamente, a denominação de Portus Cale, designando-se nos antigos documentos ora com este simples nome, ora com o de Castrum *Portucale;* ora com o de *locus Portucale*, e chamando-se talvez castrum novum para differença do outro *Portucale*, que se dizia Castrum antiquum. (9)

Este mesmo lugar continuou a crescer em povoação, e chegou a ter igreja cathedral, e bispo, de sorte que já no Concilio III Tolentino, celebrado no anno de 589, anno 4.º do Rei Recaredo, se nomea *Portucalense*, tanto o bispo catholico Constancio, que a elle assistio, como o bispo Aiano, intruso por Leovigildo, que ahi abjurou a heresia. E d'ahi em diante nos concilios Toletanos, no Bracarense provincial III, e em outros escriptos se acham frequentes subscripções, ou memorias, dos bispos portucalenses, assim denominados da cidade capital, que deu o nome á Sé, e da qual se estendeu (como era pratica) a toda a diocese, que tambem se chamou *Portugalense.*»

O sr. Alexandre Herculano inclina-se a crer que esta cidade começou a ser habitada, quando as conquistas dos christãos se dilataram até o Douro. (10)

Seguio-se uma longa serie de annos, mas a historia tem de ficar muda por falta de documentos; sabe-se apenas o nome de alguns bispos do Porto, que assistiram nos concilios celebrados pelos Godos.

Chegou a época, em que a Peninsula tinha de ser invadida pelos Arabes chamados pelo conde Julião, e dirigidos por Muza. «Os Godos tinham perdido aquella energia militar, que os tinha feito tão terriveis, quando eram povo conquistador. Tinha-se ella já enervado, desde que a velha espada gothica se tinha submettido ao baculo episcopal, e sobre tudo desde que se tinham entregado aos gosos e deleites da vida molle e delicada.»(11) Na batalha de Guadalete (12) ficou completamente destruido o poder Christão, e tudo ficou sugeito ao dominio sarraceno, que não foi tão oppressor, como os christãos quizeram fazer acreditar, sendo os Mouros tolerantes e generosos para com os vencidos, permittindo até que estes seguissem a religião Christã e tivessem templos. O Porto teve tambem de succumbir, e com effeito cahio em poder dos vencedores no anno 716, conquistado pelo general Arabe Abdelaziz. Alguns annos depois foi a cidade libertada por D. Affonso I, rei das Austrias, (13) porém o receio de que ella fosse de novo invadida, fez com que a despovoasse de christãos, levando-os para o interior do reino. Tornou a ser povoada por Affonso III, e debaixo do governo de seus successores se conservou até o anno de 987, tendo neste intervallo seis bispos, pelo menos titulares.

Por este tempo era a nova povoação chamada Portugal tão insignificante, que D. Ordonho II de Leão na doação, que fez no anno de 922 ao bispo de Coimbra D. Gomado, e ao seu Mosteiro de Crestuma lhe dá o titulo de *villa*, titulo, que pela mesma occasião dava a Lever, Arnellas, Ovar e Paradella, (14)

De novo tornou o Porto a cahir debaixo do jugo sarraceno. Almançor então regente do reino de Cordova por Alcova, viuva de Alken II, de quem era mordomo, na menoridade de Ileschen II tinha invadido os estados do rei de Leão nos annos 975, 976 e seguintes e n'um delles (parece que em 987) se apoderou do Porto. (15)

Diz o illustre João Pedro Ribeiro «que a cidade não se conservou por muito tempo em poder dos Sarracenos, por quanto os filhos do conde D. Gonçalo Moniz passando a Gasconha ahi apromptaram uma armada, com que entraram nas aguas do Douro, e reconquistaram o territorio. Este facto é por uns attribuido á Era 1037 (anno 999) por outros á Era de 1060 (anno de 1022). Nesta armada se affirma terem vindo Nonego e Sesnando; dizendo-se este ser filho do mesmo D. Gonçalo Moniz, succedendo um ao outro na Prelasia do Porto. O primeiro, a que tambem dão o nome de Inigo, assigna em uma escriptura, Ennegus Portugalensis sedis Episcopus, na Era 1063 (anno 1925.)» (16)

Na historia antiga do Porto é a entrada dos Gascões um dos successos mais notaveis, mas que infelizmente não póde ser bem comprehendido por falta de documentos authenticos que o confirmem.

Da rua Chã para o Largo da Sé passava-se por debaixo d'um arco de época remota, conhecido pelo nome de *Arco da Vandoma*, cuja fundação era attribuida a estes Gascões. (17) Foi demolido em 1855: ignoro com que fim, mas não o posso attribuir a outro, senão ao furor que se apossou da geração actual, o de demolir tudo que apresente vestigios d'antiguidade.

Mostrei pois, fundado em escriptores veridicos, que o Porto actual não existia como cidade no

(9) É inutil dizer que destes tempos quasi nada resta no Porto. A maior antiguidade desta cidade é a igreja de Cedofeita, mas esta ficava a distancia do Porto antigo. Inclino-me a crer que esta igreja é anterior ao dominio dos Mouros, embora o sr. A. Herculano n'uma carta dirigida ao conde de Raczynski siga opinião contraria. Aquella architectura não parece de época posterior. Algumas paredes da Sé datam de tempos proximos ao conde D. Henrique. Eis o que esta cidade offerece de maior antiguidade. A respeito do demolido Arco de Vendoma (*Vendome*) fallarei adiante.

(10) Ha quem diga que os Christãos levantaram um castello no lugar, em que hoje se eleva a cathedral, para se defenderem contra as forças de Attaces, rei dos Alanos, que os queria despojar de seus estados.

(11) Lafuente. Historia d'Espagna. vol. 2.º pag. 168.

(12) Actualmente *Xeres de la Frontera.*

(13) João Pedro Ribeiro. Dissertação historico juridica pag. 9.

(14) Id. id.

(15) Id. id.

(16) Id. pag. 10.

(17) No alto do Arco da Vandoma havia uma capella, na qual estava uma imagem da Senhora, conhecida por uma tal invocação, que donotava a maior antiguidade. Em 1855, por occasião da demolição do arco, foi esta imagem levada para uma das cappellas do claustro da Sé, onde se lhe estabeleceu uma confraria com o fim de fazer annualmente uma festividade a esta imagem. No acto de se remover a imagem do altar, onde esteve por tantos seculos, encontrou-se uma ambula, da qual passo a fazer descripção, segundo as informações dadas pelo sr. Henrique Cherubini Lagôa, paleographo da Misericordia do Porto, e pessoa amante das nossas antiguidades nacionaes, e que a possue actualmente. «Esta ambula é pouco maior do tamanho d'uma noz grande: segundo parece é feita de pao de pereira: divide-se ao meio por uma rosca: dentro contém um vaso de chumbo: este divide-se em dois repartimentos: o primeiro e superior contém dentro uma materia esponjosa, da qual rescende ainda um aroma agradavel: no repartimento inferior e mais pequeno vêem-se adheridas ás paredes internas particulas de saliva. Parece ser uma ambula de bispo. Sobre a face inferior vê-se dentro d'um circulo, symbolo heraldico da igreja, uma aguia imperial de duas cabeças, suspensa no ar, e com as garras abertas: no campo do escudo ovado se notam ainda restos d'ouro.»

Na opinião do possuidor desta antigualha, é ella um monumento heraldico, e a aguia de duas cabeças significa a reunião de dois imperios o do Oriente e o do Occidente, conquistado por Carlos Magno; o que então contituiria o sello das authoridades ecclesiasticas francezas.

Este arco da Vandoma era no tempo da sua fundação uma das portas da pequenissima cidade d'aquelle tempo.

tempo dos Romanos; que no seculo V, em tempo dos Suevos, começam os escriptores a mencional-a como povoação d'alguma importancia; resta, porém, ver se é possivel esclarecer alguma cousa esta entrada dos Gascões no Porto, entrada toda envolvida em trevas, e que será o assumpto do seguinte artigo.

MANOEL BERNARDES BRANCO.

O folguedo dos camponezes (Quadro de Van-Ostade)

Adriano Van Ostade, pintor da escóla hollandeza, foi um dos artistas que mais se distinguiram na representação fiel de scenas da vida commum. Em todas as suas producções se encontra a par de um colorido soberbo, a firmesa do desenho, graça e, sobretudo, muita verdade.

A nossa gravura é copia de um quadro mui estimado deste artista, que existe na galeria nacional de Londres. Representa tres velhos camponezes assentados em torno de uma mesa, contentes, alegres, um fumando, outro bebendo e o terceiro tocando. «Um cuidadoso exame deste quadro obrigará o expectador a confessar que a expressão das tres figuras é admiravel: a viva e expansiva satisfação do homem da saude contrasta excellentemente com a complacencia silenciosa do homem do cachimbo, e ao mesmo tempo parece produzir no tocador uma grande dóse de satisfação, que se manifesta através de uma seria gravidade artistica. Além desta notavel expressão das figuras, ha tambem que admirar neste quadro a bem combinada disposição do claro-escuro e a extrema fidelidade da perspectiva. O estylo da execução é acuradamente aperfeiçoado, e isento de superfluos e desnecessarios accessorios.»

A TORRE DE LONDRES

(Conclusão)

Lord Russell, condemnado como cumplice de Montmouth, e que os proprios juizes não julgavam criminoso, escolhera para advogado sua mulher, porque, dizia elle, reunia aos conhecimentos de um homem a terna affeição de uma esposa;

quando desta se separou, um pouco antes de subir ao cadafalso, disse a Burnet, que lhe assistio nos ultimos momentos: «Eis passada a afflicção da morte!»

O conde d'Essex, preso tambem por esta conspiração, achando-se por obra cruel do acaso no mesmo quarto donde seu pae fôra conduzido ao supplicio, e onde lord Northumberland, avô de sua mulher, se suicidára, sentio uma tão forte impressão que se degolou com uma navalha de barba. Era este o mesmo Arthur que, muito novo ainda, mostrara uma coragem tão notavel no cerco de Glocester, em 1651.

A ultima execução que teve lugar n'aquelle edificio, regado com o sangue de tantas victimas, foi em 1747, quando cortaram a cabeça a lord Loval por ter conspirado a favor da familia exilada; os seus cumplices, lords Kilmarnock e Balmerino, tinham perecido no anno precedente; desta época em diante a torre tem servido para varios usos, não deixando, comtudo, de ter sido sempre a prisão destinada para os criminosos de alta traição.

Depois de rapidamente termos tocado nos principaes pontos historicos deste notavel edificio, passemos á sua descripção.

O terreno occupado por esta immensa construcção, os edificios exteriores e um certo espaço que o rodeia, forma um districto particular, chamado —immunidades da torre. A jurisdicção e privilegios deste districto são independentes da cidade de Londres; mas, os seus limites e a natureza dos seus direitos, teem sido uma origem continua de discussões, interminaveis talvez, porque a questão não parece ainda bem esclarecida. Um *constable*, cujas funcções são tão antigas como a torre, governa a praça; gosa de privilegios e de consideraveis emolumentos e recompensas de serviços importantes, talvez arrancados pela ambição dos governadores á fraqueza dos reis no meio das agitações.

Existe uma lista authentica de cento e dezoito *constables*, desde Geoffrey de Mandeville, o primeiro de todos em 1066, até o duque de Wellington. Encontram-se entre elles, homens da mais elevada jerarchia. A guarnição desta fortaleza é sempre grande. As fortificações foram reparadas no fim do seculo passado, pelo receio mal fundado de uma sublevação; tomaram-se logo todas as precauções para tornar inuteis as tentativas que o espirito buliçoso d'aquelle tempo podesse fazer presentir.

As muralhas cercam um espaço de perto de 5,260723 hectares; o fosso que as rodeia, cujo aspecto é o de um pentagono irregular, tem 31 metros de largura em alguns sitios; está separado do Tamisa por um caes ou plataforma. Do lado do meio dia, estão as bocas de fogo, que costumam salvar nos dias de festa. A entrada principal é defendida por duas torres bem construidas. Outr'ora antes da ponte tinha uma barbacan; mas hoje não existe vestigios alguns d'ella.

No centro da fachada do meio dia está a torre de S. Thomaz, chamada a *porta dos traidores*, por causa d'uma passagem de abobada que communica com o rio e por onde se introduziam os prisioneiros. Esta porta está bem conservada e offerece um modelo da architectura do tempo de Henrique III; mas hoje não se faz uso d'ella: collocou-se ali uma machina hydraulica para serviço da guarnição.

A torre branca, o principal edificio, é quadrangular, e conta cento e sessenta pés de comprimento sobre noventa de altura; está collocada no centro de todas as outras construcções. Dos lados do norte e sudueste vêem-se torres quadradas, que se elevam a grande altura; a que está no angulo do nordeste é circular e contém a escada principal; o lado opposto termina em um grande semi-circulo. Neste angulo ha tambem uma torre para corresponder ás outras tres: estas quatro torres dão á cidadella um caracter particular. O seu nome deriva do uso em que se estava de embranquecel-a de tempos a tempos; o que é provado por um documento muito curioso do anno 1241, escripto em latim, que contem varios regulamentos sobre as reparações da torre. Tem tres andares; mas o tempo e as successivas mudanças teem feito quasi desapparecer todos os vestigios da primitiva architectura. As muralhas não teem menos de quinze pés de espessura na sua base, e doze nos andares superiores; cada um dos andares está dividido em tres aposentos; tres subterraneos abobadados, que nada teem de notavel, servem de armazens. O mais pequeno aposento a rez do chão, é de abobada; é muito simples, mas curioso pela sua antiguidade. Uma porta occulta dá entrada para um quarto escuro, construido na parede, de dez pés de comprido, sobre oito de largo. Dizem que este quarto foi occupado por Walter Raleigh, e que foi ahi que elle escreveu a sua historia do mundo. Não ha duvida que servio de prisão. Distinguem-se ainda em um dos lados da porta varias inscripções traçadas por tres individuos presos como cumplices da revolta de sir Thomas Wyatt em 1553. Os andares inferiores servem de arsenal. Existem ahi uma grande collecção de armaduras de differentes seculos e outras curiosidades militares.

A capella real dedicada a S. João, o Evangelista, é no primeiro andar; uma das suas naves entra pela muralha e estende-se de norte para sul, rodeada pelo semi-circulo de que atraz fallamos. As paredes da capella foram inteiramente cobertas de gesso, o que faz com que se não veja o primeiro trabalho; mas axaminaram-n'a com muito cuidado, e tiraram o gesso em varios sitios. O trabalho é solido, bem executado, e o monumento offerece no seu todo um magnifico resto d'architectura normanda. Ignora-se a época precisa em que o capellão, estabelecido por Henrique III, cessou as suas funcções; mas, é certo que no reinado de Carlos II uma parte dos archivos estava, como hoje, neste lugar. Dois quartos do segundo andar merecem ser notados; o maior denomina-se salla do conselho; suppõe-se que ali

tinham lugar as sessões quando o rei habitava na torre. Tudo aqui apresenta signaes de antiguidade, que estão perfeitamente em relação com o resto do edificio. A maior torrinha servio de observatorio até a construcção do de Greenwich. No angulo de nordeste do pateo interior está situada a capella de S. Pedro, que foi construida no tempo de Eduardo I, sobre as ruinas de uma antiquissima capella.

Havia outr'ora por detraz desta capella um pequeno eremiterio a miude mencionado nas memorias do tempo de Henrique III; o eremita recebia um penny por dia da munificencia real.

No lado do sul da torre branca encontram-se juntas as armaduras dos reis e cavalleiros inglezes, entre as quaes se distinguem as de Henrique VIII, Carlos I, conde Essex, etc. O arsenal da rainha Isabel é um edificio que se acha na frente da torre branca. Vêem-se ainda os restos de treze torres, que serviam para defender o pateo interior, em uma das quaes se suppõe que teve lugar o assassinio dos principes Eduardo V e duque de York.

FRANCISCO PIZARRO

(Continuação)

IV

No meio d'esse bando de ignobeis aventureiros, que arvoraram a bandeira hespanhola na America do Sul, alguns dignos gentis homens havia que ainda conservavam no fundo d'alma brios e pundonor. Distinguiam-se entre elles Fernando Pizarro, filho legitimo do fidalgo de quem era o nosso heróe bastardo, e Fernando Soto, valente official, costumado a militar nas fileiras heroicas dos soldados do Grão-Capitão. Esses dois tinham sido desviados por Francisco Pizarro, que sabia não os poder ter por cumplices no acto nefando que praticava. Por isso, assim que resolveu suppliciar o inca, enviou seu irmão para a Europa, e mandou Fernando Soto governar Caxamalca. Apesar d'isso alguns outros officiaes indignados protestaram contra uma violação tão atroz do direito das gentes e ainda que esses protestos foram vãos, comtudo bastaram, como diz acertadamente Robertson, *to save their country from the infamy of having perpetrated such a crime.* (1)

Entretanto Pizarro, indifferente aos clamores dos seus companheiros e á voz da sua propria consciencia, tentava emendar o erro, que o seu orgulho offendido o impellira a praticar, e, cingindo com o diadema dos incas a fronte d'uma criança filha de Atahualpa, julgou ter assim adquirido um instrumento docil dos seus projectos. Mas os Peruvianos não acceitaram o automato e proclamaram para seu soberano Manco Capac irmão de Huescar. Demais estes acontecimentos extraordinarios tinham completamente desorganisado e desmoralisado o imperio, e uma anarchia horrivel reinava por toda a parte. Em cada provincia um regulo se levantava, e o governador de Quito, depois de ter assassinado o irmão e os filhos de Atahualpa, proclamava a independencia do antigo reino de Quito, fundido, como dissemos, havia pouco tempo, na vasta unidade do imperio peruviano.

(1) Para livrar o seu paiz da infamia de ter praticado tal crime.

Desenvolve-se agora de novo a energia e a audacia do caracter multiplo de Pizarro. Sem perda de tempo avançou para Cuzco. É verdade que não precisou de mostrar a mesma intrepidez temeraria, porque, além de saber já o caso que devia fazer dos exercitos indigenas, a noticia das riquezas do Perú trouxera-lhe ás fileiras tão grande reforço, que, depois de guarnecer o forte de S. Miguel com um destacamento numeroso collocado ás ordens de Benalcazar, póde ainda romper a marcha com um exercito de quinhentos homens, verdadeiro exercito de Xerxes para quem estava habituado a dispôr apenas d'um punhado de soldados.

As batalhas, em que destroçou as forças indigenas que tentavam oppôr-se á sua marcha, nem merecem narrar-se. Quatro ou cinco hespanhoes mortos e outros tantos feridos eram o preço habitual porque elle comprava o desbarate completo, e a mortandade immensa dos peruvianos. Depois de vencer estes frageis obstaculos, entrou socegadamente em Cuzco, onde encontrou riquezas que lhe saciariam amplamente a cobiça, se essa paixão ignobil fosse, n'aquelle caracter ardente, susceptivel de ser saciada.

Entretanto Benalcazar não ficava ocioso na sua guarnição de S. Miguel. Reforçado por um novo bando de aventureiros, que veio do Panamá, póde deixar na cidadella um destacamento sufficiente, e marchar com o resto das suas tropas contra a cidade de Quito. Obstaculos maiores tinha elle a vencer do que o seu chefe, não só os que lhe offerecia o terreno agreste e pantanoso do norte do imperio, como tambem os que lhe eram oppostos pelo rebelde governador, general mais habil do que os seus compatriotas, e que dispunha das melhores tropas do Perú. Tudo o hespanhol superou, porque era official energico e valente, e entrou victorioso em Quito. Comtudo ali o esperava um grande desapontamento. Conhecedores já da insaciavel cobiça dos hespanhoes, os peruvianos haviam imaginado logral-os, e, fugindo, tinham levado comsigo todos os seus thezouros.

Um novo acontecimento veio surprehender Benalcazar. O governador de Guatemala, Pedro de Alvarada, allegando que o reino de Quito não entrava na jurisdicção de Pizarro, invadira-o pelo norte, e superára tambem com as suas tropas terriveis obstaculos, affrontára igualmente perigos e intemperies. Soube Pizarro do acontecido, e enviou contra elle Almagro. Começavam os cães a rosnar em torno do osso. Comtudo desta vez limitaram-se a mostrar os dentes. Benalcazar juntou-se a Almagro, e, ou porque Alvarado julgasse que não podia oppor-se com as suas tropas fatigadas aos dois corpos inimigos (inimigos já!) ou porque cedesse aos conselhos de pessoas prudentes, consentio em retirar-se, recebendo como indemnisação a quantia de cem mil pesos.

Mas a discordia fermentava por toda a parte, a velha inimisade, que o procedimento de Pizarro em Hespanha originára entre elle e Almagro, adormecida durante algum tempo pela necessidade de debellar o inimigo commum, recomeçáva a accender-se. Fernando Pizarro fôra, como dissemos, enviado á Hespanha, e as immensas riquezas, de que era portador e que deviam entrar no thesouro regio, asseguraram-lhe um acolhimento distinctissimo. Carlos V, sem ser Danaé, re-

cebia com o seu mais amavel sorriso, o Jupiter que lhe desabava da America, envolto n'uma chuva d'oiro. Todas as honras e recompensas pedidas lhe foram dadas, tanto mais quanto a generosidade nesse ponto nada custava a Sua Magestade Imperial. Confirmou Pizarro em todas as suas dignidades e privilegios, e concedeu-lhe jurisdicção sobre mais setenta leguas para o sul. Se Pizarro lh'o pedisse, seria capaz de lhe conceder até jurisdicção sobre a lua. Almagro não foi desta vez olvidado, e teve um governo de duzentas leguas tambem para o sul da do seu companheiro. Chegáram ao Perú uns vagos rumores deste caso, e logo Almagro, dizendo que entrava Cuzco nos limites do seu novo governo, pretendeu apoderar-se delle. João e Gonçalo Pizarro oppozeram-se a isso, e a questão já sendo cortada pelo gume das espadas, quando Francisco appareceu, e teve artes de se reconciliar com Almagro, com a condição deste emprehender a conquista do Chili, devendo ser indemnisado com uma porção do Perú, se fosse infeliz na empreza.

Ainda neste periodo de socego, que precedia a tempestade, se nos revela, como um lampejo de céo azul entre duas nuvens, uma das grandes qualidades de Pizarro. Administrador por instincto, como por instincto era general e diplomata, o nosso heróe divide a sua conquista em varios districtos, nomeia governadores, estabelece um corpo judicial, organisa o trabalho das minas, promulga decretos sobre o modo como os Indios devem ser tratados, e como se devem lançar e arrecadar os tributos, funda Lima no delicioso valle de Rimac, e nessa nova capital edifica para si um magnifico palacio, em torno do qual os seus opulentissimos officiaes, erguendo casas de magestosa apparencia, fazem logo da cidadinha nascente uma Genova americana.

Era necessario tambem dar alimento á actividade inquieta dos seus companheiros, decididos todos a juntarem em pouco tempo fabulosas riquezas. Para isso Pizarro consentio que os seus subalternos se dispersassem para tomarem posse das varias provincias do imperio, e d'essa fórma dispersou as suas tropas por tão vasto paiz. Pagou caro essa imprudencia. Manco Capac, vendo o descuido dos seus oppressores, arvorou o estandarte da revolta, e assassinando quantos hespanhoes isolados encontrava, marchou com um exercito de duzentos mil homens contra Cuzco onde estavam os tres irmãos do governador, João, Gonçalo e Fernando (que voltára havia pouco de Hespanha á testa de cento e setenta homens.) Ao mesmo tempo um corpo consideravel cercava Lima, onde estava em pessoa Francisco Pizarro.

Em Cuzco desenvolveram os Peruvianos toda a energia de que eram capazes. Combatendo debaixo dos olhos do seu inca, faziam prodigios de valor temerario, e affrontavam a morte com desespero. Mas o valor e a disciplina hespanhola triumphavam sempre, apesar das desastradas imitações que os Peruvianos faziam do seu modo de combater, e das suas tentativas para usarem tambem das armas dos seus inimigos. Isso de nada lhes servio; só o seu prodigioso numero d'alguma cousa pôde valer, porque, apesar da heroica defesa dos tres Pizarros, Manco Capac tomou posse de metade da sua capital.

Foi então que appareceu Almagro diante das muralhas de Cuzco. Almagro, que no Chili encontrára uma nação cem vezes mais bellicosa do que os Peruvianos, a nação araucana, que sustentára contra elles rudes combates, e que as novas da insurreição do Peru haviam feito retrogradar, mais talvez na esperança de se aproveitar dos despojos dos seus companheiros, do que de os soccorrer n'aquelle grande perigo.

Isso mesmo presentiram os tres irmãos. Caso singular que pinta melhor do que tudo quanto se podesse dizer a indole d'esses aventureiros e o caracter d'essa conquista. Um punhado de Europeus estão em paiz inimigo a milhares de leguas da sua patria, cercados por um exercito innumeravel. Reduzidos á ultima extremidade vêem apparecer no horisonte um destacamento dos seus compatriotas, e, em vez de darem graças ao céo, de se alegrarem, de tirarem as portas da fortaleza, como os nossos defensores de Dio quando D. João de Castro apparece com o promettido soccorro, em vez de se entregarem a essas demonstrações tão naturaes de regosijo, preparam-se em silencio para um novo e mais terrivel combate, e julgam a cada instante ver as fileiras dos Indios engrossadas com os seus recem-chegados compatriotas.

Almagro, pela sua parte, avançava lentamente, calculando os prós e os contras das differentes resoluções que podia tomar. Os Indios tomaram afinal a iniciativa. Sabedores das discordias que lavravam entre os seus vencedores tinham querido aproveital-as e tinham feito diversas propostas a Almagro, que sempre as repellira. Afinal tentaram uma noite surprehendel-o. Almagro vio-se na necessidade de se pôr em defesa, e destroçou o exercito peruviano fazendo-lhe immensa mortandade. Desta fórma achou-se Cuzco descercada.

Mas os Pizarros tinham fugido de Scylla e caido em Charybdes. Almagro, homem generoso e affavel, tinha sympathias na guarnição de Cuzco, desgostada com a altivez rude do seu chefe. Uma noite as sentinellas da cidade deram-lhe entrada, uma parte das forças defensoras pronunciou-se a seu favor, a outra parte teve de ceder, Fernando e Gonçalo Pizarro (João morrera durante o cerco) foram presos, e Almagro reconhecido governador de Cuzco, cidade que elle, mais do que nunca, á vista dos documentos que ultimamente recebera d'Hespanha, dizia estar situada dentro dos limites da sua jurisdicção.

(Continua)

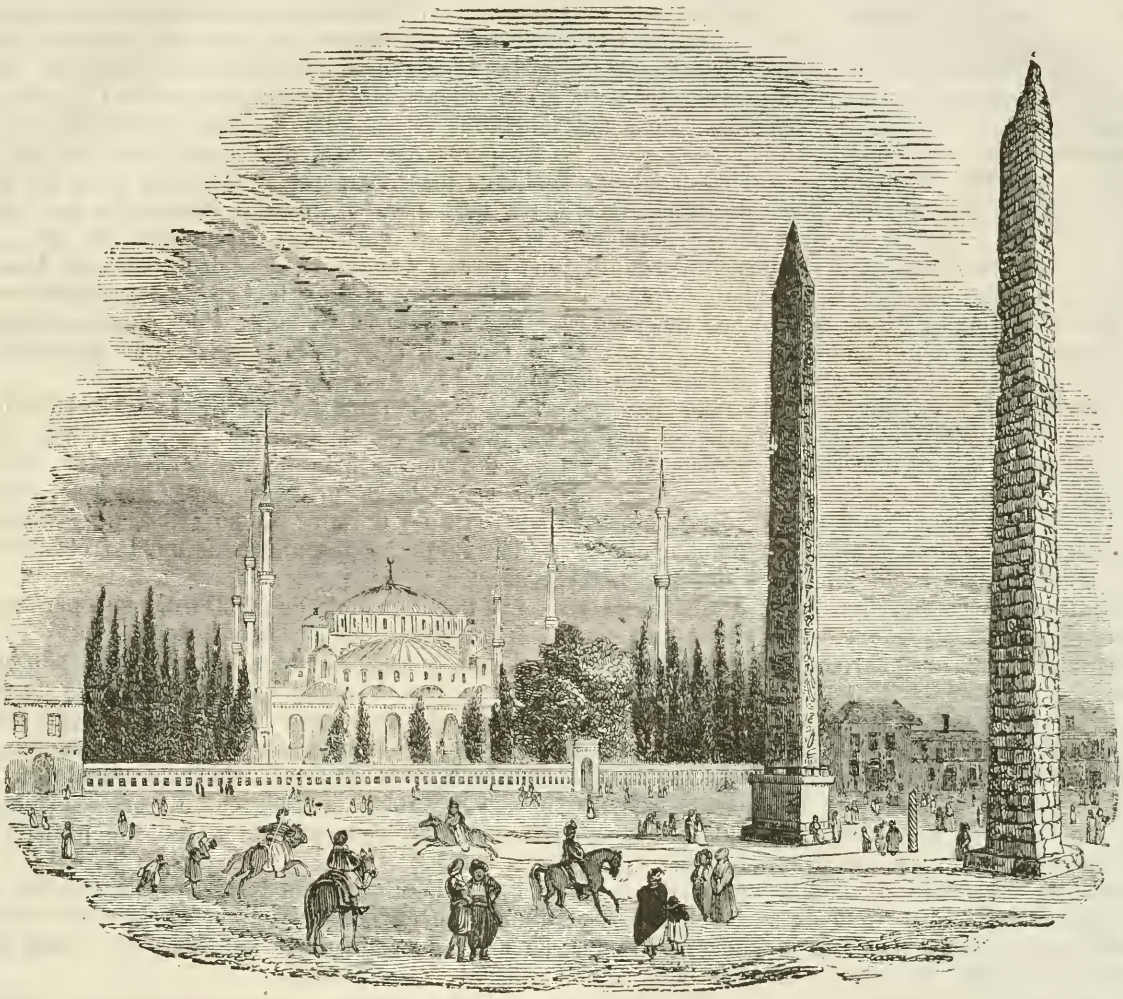
O antigo editor do **Panorama**, desejando proporcionar aos actuaes srs. assignantes, e mesmo a quaesquer outras pessoas que o não sejam, a maneira de poderem possuir, sem grande sacrificio a collecção completa deste interessante jornal, que conta hoje **15 volumes** publicados, deliberou; para esse fim, abrir nova assignatura, não alterando o preço que teve a antiga, sendo o custo de cada volume broxado 1200 réis, e encadernado 1600 réis, isto unicamente para aquelles que se inscreverem como assignantes. As pessoas que assignarem para esta obra receberão um ou mais volumes cada mez, conforme melhor lhes convier, sendo o importe dos mesmos pago no acto da entrega. E as que tenham a collecção do **Panorama** incompleta, podem da mesma forma assignar para os volumes que lhes faltarem, bem como para qualquer numero que lhes faltar.

As assignaturas fazem-se nos seguintes locaes: Rua Aurea n.º 132 e 134; na redacção do Panorama, rua do Thesouro Velho n.º 6; e em todas as mais livrarias.

Em Braga, Porto, Coimbra e Vianna, em todas as livrarias.

De quaesquer outras terras do reino podem dirigir-se, em carta franca, com o importe da assignatura em valles do correio, ao antigo editor, rua Aurea n.º 132, accresce ao preço da assignatura, o porte do correio que é de 250 para os volumes em broxura e 310 réis para os encadernados.

Typ. Franco-Portugueza, Rua do Thesouro Velho, 6.



O Atmeidan

O Atmeidan é uma praça de Constantinopla, outr'ora o hippodromo, e que nos tempos modernos tem sido por varias vezes theatro de desordens e motins populares. Em 1808, por occasião da revolta dos janisaros, ali esteve por alguns dias pendurado pelos pés, em uma arvore, o cadaver do infeliz Beiraktar, que, vendo-se prestes a cair nas mãos dos insurgentes, fizera voar em estilhaços o edificio onde habitava. Mais tarde, em 1826, foi nesta mesma praça que deu o ultimo suspiro uma grande parte d'essa orgulhosa e altiva milicia, que, novamente, se sublevára, e cuja dissolução fora pronunciada pelo sultão Mahmud II. A praça conta apenas oitocentos e cincoenta metros de comprimento e cento e sessenta de largura; e o seu aspecto é pouco agradavel; porque se de um lado se eleva elegante e magestosa a grande mesquita de Achmet, e um magnifico e bem construido hospital, do outro, por um contraste singular, só mostra pobres e arruinados edificios.

Antes da entrada dos cruzados em Constantinopla, o Atmeidan continha um grande numero de estatuas de pedra e de bronze, entre as quaes sobresaiam algumas de grande merecimento artistico; mas, com o andar dos tempos e com as successivas reformas dos diversos conquistadores, foe ram desapparecendo todas essas obras de arte, , hoje apenas ali se vêem o pilar de Constantino-porphyrogeneto, quasi todo de marmore, o obelisco de Theodosio, e, entre estes dois monumentos, uma pequena columna, que dizem ser um resto da tripode de Delphos.

Nos tempos antigos, cada uma destas enormes massas de pedra tinha a sua applicação. O pilar de Constantino marcava a extremidade da liça nas corridas dos carros; o obelisco de Theodosio indicava o centro do estadio. O trabalho deste ultimo é admiravel e rivalisa com o que se tem encontrado de mais primoroso nesses restos da antiga esculptura.

A GALATÉA MODERNA

XI

Sem titulo

De noite, quando a callada profundamente mystica dá á terra o caracter e a serenidade de um grande templo, cujos lampadarios são os cardu-

mes de estrellas, que sulcam a amplidão, se receios e esperanças andam em lucta travada em um coração juvenil, não julgueis, ó beatificos sacerdote da materia, que o trovador de antigas eras podia encerrar-se no seu quarto de cama, enterrar o classico *bonnet de algodão*, e refocillar, como um bemaventurado, em fôfo leito!

Um namorado de hoje tem as horas contadas. Carece de dormir um certo praso de tempo. Logo que sôe a hora fatidica, capaz é elle, o desalmado, de se desenlaçar do seio da donzellinha gentil, para se entregar nos braços do velho Morpheu.

Raça degenerada é esta que só tem incensos e perfumes para a deusa materia.

Dizem que o mundo caminha! No dominio do sentimento digo eu que não. Estamos por um pouco no materialismo romano o qual, se perdeu em sumptuosidade e intensidade, ganhou em extensão.

A cathedra curul temol-a na cadeira humilde dos parlamentos, que governam o mundo, e o sophá desengraçado e giboso, está a mil leguas do triclinio de ouro e marfim, sobre o qual os lascivos romanos se deitavam depois do festim, confundindo a orgia do phalerno com a orgia de Venus.

Hoje, um namorado, contempla com mais voluptuosidade os rolos de fumo do seu habano, do que os rolos postiços do cabello da sua amada.

As espiraes ondeantes e tenuemente azuladas de um cachimbo turco convidam mais o mancebo de vinte annos do que as curvas fugidías e graciosas de uma formosa, cujo corpo se requebra em donaires fingidos. O modo de trazer a *badine* com primor requer muito mais cuidados, do que agradar a uma elegante, que toda ella se está enlevando em umas luvas que lhe fazem a mão *sympathica*. Um collarinho retezado e a prumo, que dê um certo ar de graveza e meditação em transcendencias politicas, mal permitte uma posição cheia de melancolias amorosas.

Hoje, que a philosophia anda desgrenhada pelas ruas e os mesmos poetas cantam mythos de civilisações extinctas, de aspirações para um ideal incomprehensivel, o qual se traduz ás vezes nas trovas populares de um *fandango* andaluz ou nos ossos de um masthodonte junto ás pyramides do Egypto; hoje, que todos estudam a politica aos quinze annos e já ninguem lê romances senão philosophicos; hoje, que a sombra inulta de Spinoza é invocada pelos rapazes até nos seus devancios amorosos; hoje, emfim, que o culto do *eu*, puramente *subjectivo*, derriba dos altares todas as ficções, que traziam o mundo atrelado, só por excepção se encontra um pobre Alfredo enamorado, animal quasi extincto, ridiculo como D. Quixote, estupido como Romeo, idiota como Werther, porque, louvado Deus, nós pomos a par com o heroe da Mancha os vultos dos dois enamorados, que morreram pelo amor! Para nós não ha differença entre Dulcinêa del Tuboso, e Julieta ou Carlota!

Aonde param os suaves amores da idade media! Aonde os torneios, as cavalhadas em que as damas eram o symbolo sympathico do amor e da valentia? Quem ousa cantar ainda, senão alguns poetas desalmados, esses refrãos apaixonados, que os trovadores cantavam ás suas bellas? Aonde a janellinha escusa com as suas columnatas gothicas, por entre cujos florões saía uma formosa e delicada mãosinha, que agitava um lenço bordado a ouro para o trovador enamorado, que tangia, sob as copas das larangeiras em flor, a sua harpa? Aonde estes encantamentos de Armida? É que os jardins de Armida transformaram-se nos bosques da Cythera, e por desgraça nossa, tão rareados estão estes bosques, que nos envergonhamos de lá entrar!

Não se admirem, comtudo, os leitores. Alfredo é um trovador da idade-media. O seu coração virgem de emoções bate-lhe ancioso e fervido, aquecido pelo fogo do primeiro amor. Por isso, como havia elle de dormir? Como havia de obedecer ás leis iniquas e tyrannicas de um barrete de algodão?

Era por uma noite de primavera, toda perfumes e fragrancias, toda poesia e flores.

A lua, a casta confidente dos amores, não brilhava no céo. Verdade é que Alfredo saía do seu quarto, não para fazer confidencias, senão para espairecer e dar largas a esse embevecimento, a esse peso immenso, que acurva os amantes e os obriga a evocar do nada mil illusões hybridas e phantasticas, com que se prazem de povoar os seus sonhos.

Era tudo silencio em torno. Só de quando em quando se ouvia ao longe o quebrar das ondas na praia e o murmurio lamentoso do vento nas ramadas.

Alfredo, criança como os namorados, assentou-se em um banco de pedra, junto a um pequeno repucho, que refrescava o solitario jardim. Como trovador que era, todo entregue ás delicias do primeiro amor, cravára os olhos na janella do quarto de Violante, e começára de scismar tão profundamente, que não attendera nas horas, que corriam rapidas.

Pobre rapaz!

Quem póde comprehender hoje esse sonhar acordado, por horas mortas da noite, em uma aldeia perdida nas serras, quando se póde apanhar uma boa pneumonia!

Ah! Quixotes da minh'alma, que não ha Cervantes que vos matem de vez!

De repente...

Ahi vae já o leitor imaginar alguma entrevista dos nossos dois heroes, sob as copas dos laranjaes.

Engana-se...

De repente surgio, como por encanto, do meio da espessura, um anão, que saltava e pulava como um possesso, e agitava os braços, dando uma gargalhada desentoada.

Alfredo acordou subito do seu scismar.

Parecia-lhe saír de um sonho para cair n'outro.

— Eh! eh! meu senhor! Fresca vae a noite e boa para namorados.

— Quem és? interrompeu Alfredo, erguendo-se e approximando-se do anão.

— Quem sou? Pergunte ao rio como se chama que verá como elle responde. O rio corre para o mar, que é esse o seu destino. Ás vezes geme junto aos salgueiros; outras vezes tópa um rochedo, e despenha-se furioso; mas o mar lá o espera. Eu cá sou como o rio, e vou correndo para a morte. Canto ás vezes, outras chóro, danço e pulo, mas nem por isso hei de escapar á morte.

— Quem és? responde.

— Chamam-me por ahi innocente, porque tenho mais malicia do que elles.

— O que vens aqui fazer?

— Eu venho colher a rosa
Mais linda deste rosal.
Ninguem das rosas se fie
Que picando fazem mal.
Pois a rosa orvalha, chora
Prantos, que d'ella não são.
Triste de quem a namora
Que triste só elle geme;
E a rosa não chora, não,
Que quem não ama não teme.

E o innocente continuou a saltar e a pular, fazendo esgares em volta de Alfredo, que cada vez estava mais enleiado.

— Quem és? O que vens aqui fazer? Tornou Alfredo, ameaçando o innocente.

Este, como se nada ouvisse, entranhou-se pelo rosal, e repetio, cantando com voz tremula e desafinada:

— Eu venho colher a rosa
Mais linda deste rosal.
Ninguem das rosas se fie
Que picando, fazem mal.
Pois a rosa orvalha, chora
Prantos, que d'ella não são.
Triste de quem a namora
Que triste só elle geme;
E a rosa não chora, não,
Que quem não ama não teme.

Alfredo, vendo que não podia perseguir o innocente, e tendo acordado dos seus sonhos de amor, dispunha-se a entrar em casa, quando o seu interlocutor lhe embargou o passo e tomou-lha e mão que beijou.

— Que queres?

— Uma esmola.

E o innocente deitou a correr, ao tempo que ia cantando:

Ai! triste de quem namora
Uma rosinha em botão
Que só elle, o triste chora,
E a rosa não chora, não.
Tristezas trazem amores.
Ai! triste de quem namora!

A voz perdeu-se, emfim, ao longe, e Alfredo entrou em casa.

A. O. DE VASCONCELLOS.

(Continua.)

A Morte, segundo os selvagens, é uma donzella extremamente formosa, a quem não falta senão o coração. CHATEAUBRIAND.

PIZARRO

(Conclusão)

Estava lançada a luva, e ao espectaculo das crueldades commettidas pelos hespanhoes sobre os povos conquistados ia succeder o espectaculo ainda mais vergonhoso da disputa sanguinolenta entre irmãos na presença do inimigo commum. Se esse inimigo fosse habil e destemido os audaciosos conquistadores perdiam o fructo das suas precedentes victorias, e nem um só d'entre elles voltava á Europa a dar noticia do desastre; mas, em vez de se aproveitarem dos odios que armavam uns contra os outros os filhos da mesma patria, os indios viram-n'os dilacerarem-se mutuamente, não fizeram um movimento, e contentaram-se em observar as peripecias da lucta, como podiam contemplar o combate de dois tigres. Pizarro dispersara os indios que cercavam Lima, e, sabendo das pretenções d'Almagro, enviou contra elle Affonso d'Alvarado á testa de quinhentos homens. Saío-lhe Almagro ao caminho, procurou ganhal-o com as suas doutrinas, não o conseguindo, formou os seus em ordem de batalha e derrotou completamente o inimigo.

Se aproveita a victoria, estava a lucta decidida a seu favor. Mas um escrupulo, ridiculo na situação extrema em que se collocara, impedio-o de invadir a provincia, que el-rei concedera ao seu rival. A revolução, que fizera, tinha só por fim tomar posse de Cuzco que entrava, sem a minima duvida, na porção de territorio que lhe fôra arbitrado. Vingado d'essa injustiça, limitavam-se a isso as suas pretenções. Almagro não sabia que a pessoa que entra na senda ardente da revolta, não póde depois recuar, nem parar mesmo. Uma vontade estranha se apodera d'elle e o impelle na direcção que lhe convem.

Entretanto Pizarro não desaproveitava, como o seu rival, o tempo que tão necessario lhe era para receber reforços por mar, para pôr de novo em pé de guerra um exercito que podesse debellar o seu contendor. Recorreu para isso á astucia, e cousa notavel, Almagro tantas vezes logrado por elle, ainda d'esta vez se deixou lograr! Protrahiram-se por mezes as negociações que Pizarro propoz como um caminho para a reconciliação. No fim d'esse tempo eram rompidas o mais sem-ceremonia possivel, e Pizarro, á testa d'um luzido exercito, marchava contra Almagro, derrotava-o, tomava Cuzco e augmentava a sua riqueza e as dos seus companheiros com os despojos dos vencidos, despojos que elles tinham arrancado aos pobres indios, e que pelos seus proprios compatriotas lhes eram arrancados.

Sem attender á antiga amizade que os unia, ao prestimo e aos serviços d'Almagro, a quem elle na ultima batalha fizera prisioneiro, Pizarro mandou-o julgar por um tribunal composto das suas criaturas, condemnar á morte e executar. Era assim que esse monstro pagava o auxilio poderosissimo que Almagro lhe prestara, era assim que elle, em nome da patria e do rei de quem era representante, recompensava os heroes que tinham descoberto e conquistado o Peru! A taça das iras do Senhor ia-se enchendo, o dia do castigo devia estar proximo.

Mas Deus dementava o homem que queria perder, Pizarro não percebia que aquelle sangue derramado viria a resaltar-lhe á cara, e que, des-

presando as ordens regias, desprestigiando a authoridade emanada da metropole, desprestigiava-se a si mesmo, e dava aos seus subordinados um funesto exemplo que elles um dia saberiam aproveitar.

V

Tantas dissenções, tantas crueldades, actos por tal forma arbitrarios tinham emfim chamado a attenção da côrte de Madrid. Carlos V julgou afinal que era da sua dignidade intervir n'essas questões que deshonravam o nome hespanhol, e davam bem fraca idéa da auctoridade do seu soberano. Os horrores commettidos por Pizarro, a sua perfidia, o seu intoleravel despotismo e o modo como ultimamente condemnára á morte Almagro, seu collega no commando da expedição, e seu igual ou quasi seu igual no governo dos paizes da America do sul, tudo isto contrabalançou sufficientemente os grandes serviços por elle prestados, e os ministros do imperador, summamente irritados, não hesitaram em mandar carregar de ferros Fernando Pizarro que de novo se achava em Hespanha. O homem de bem, que, seguindo o impulso da politica de seu irmão e chefe, procurava sempre comtudo abrandar-lhe a ferocidade e attenuar-lhe o despotismo, expiava as maculas do nome que elle tentara conservar illibado. Ou punam ou recompensem, uma cegueira fatal impellio sempre os reis a deixarem cair o premio ou a espada do castigo sobre as cabeças que o não merecem, emquanto os verdadeiros autcores das acções gloriosas e infames, ficam escondidos na sombra ou passeiam alegremente a sua impunidade á vista das suas victimas.

Assim, n'este caso, tendo sido nomeado para ir syndicar no Perú um sujeito d'alta capacidade chamado Vaca de Castro, levou este nas suas instrucções a ordem de tratar com o maximo respeito o governador, e de ter por elle a maior consideração. Seria em attenção aos serviços immensos prestados pelo criminoso? Não, porque a maior prova de que já estavam esses serviços olvidados, era o facto de ser mettido n'uma enxovia, onde permaneceu vinte annos, o proprio irmão do descobridor e conquistador do Peru. O verdadeiro motivo era o receio que o poder de Pizarro inspirava ao governo, a necessidade de não irritar um homem contra quem não se podia enviar uma expedição, e que dispunha d'um corpo de destemidos aventureiros.

Entretanto Pizarro continuava, como que impellido pela mão de Deus, a accumular erros sobre erros, inebriando-se com o triumpho, entregava-se a todas as más paixões que lhe referviam no espirito, e olvidava a politica astuciosa, perfida mesmo, mas habil emfim, a que devera até ahi a sua constante superioridade. Saboreava a plenos tragos a vingança, esse vinho dos deuses, sem pensar que amargas fezes encontram os simples mortaes no fundo d'essa taça embriagadora.

Em vez de conciliar o affecto dos seguidores de Almagro, entregou-se ao prazer de os calcar aos pés, e provocou d'essa fórma descontentamentos que tinham de se traduzir debaixo d'uma fórma fatal para o imprudente. Na divisão das terras do Peru, a que procedeu, tratou o mais favoravelmente possivel os seus partidarios, e olvidou ou fez mesquinhas concessões aos seus inimigos. Politica absurda, que Pizarro decerto não teria adoptado, se a fortuna, como sempre acontece, não o desvairasse com a protecção constante que lhe dava.

A insurreição dos indios dissipara-se como por encanto, e d'esse lado nada tinha que temer o celebre conquistador. Muitos hespanhoes, levados pelo amor das aventuras que a descoberta e a conquista de dois paizes tão opulentos como o Perú e o Mexico haviam accendido em todos os espiritos, penetraram no interior das terras e estenderam para todos os lados o dominio das armas hespanholas. De todos esses aventureiros os mais celebres foram Pedro de Valdivia, que entrou no Chili, onde já Almagro penetrara, derrotou os araucanos, e fundou a cidade de Santiago, e Gonçalo Pizarro, irmão do governador, Gonçalo Pizarro a cuja arrojada iniciativa se deve a descoberta do curso completo do Amazonas, ainda que uma traição nefanda do seu companheiro Orellana assegurasse a este a gloria de ter dado complemento á empreza. Depois de trabalhos sem conto, Gonçalo Pizarro voltou a Quito, onde encontrou as tristes noticias do caso que vamos narrar.

Como dissemos, o procedimento impolitico de Pizarro augmentára d'um modo extraordinario o numero dos descontentes, e a morte de Almagro fôra-lhes um pretexto para os designios funestos que principiavam a alimentar. O infeliz Almagro deixara um filho muito novo ainda, e foi esse adolescente a bandeira que os revoltosos arvoraram. Dos murmurios passara-se a pouco e pouco a uma conspiração que logo mostrou as intenções de attentar contra a vida de Pizarro. Este foi avisado, mas, altivamente descuidoso, respondeu estas palavras onde já se sente o orgulho do successo, e a vertigem da omnipotencia: «Ninguem ousará conspirar no Perú, emquanto souberem que estou resolvido a cortar toda e qualquer cabeça que abrigar semelhante pensamento.»

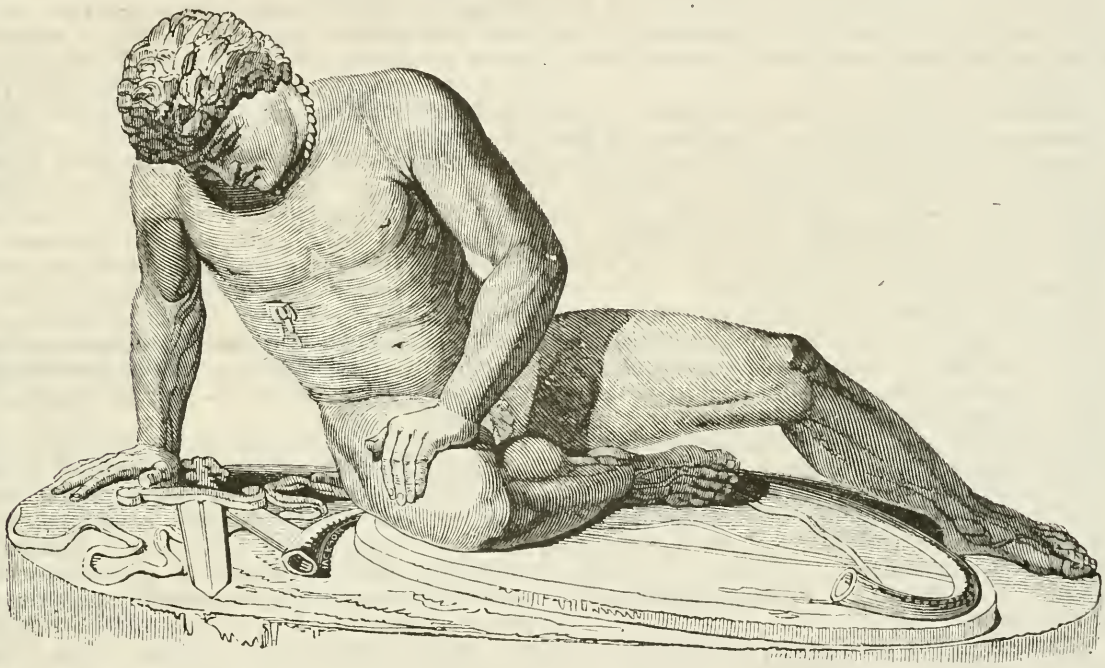
N'um domingo, 26 de junho de 1541, á hora do meio dia, quando todos dormem n'esse clima ardente, saío Juan de Herreda, um dos principaes conspiradores, da casa que o joven Almagro possuia em Lima, á testa de dezoito dos seus companheiros todos armados de ponto em branco. Apenas se vio na rua, desembainhou a espada, e, soltou o grito: «Viva el-rei, morra o tyranno.» A este grito juntaram-se a elle os outros conspiradores, e todos em tropel marcharam para o palacio de Pizarro. Por um inexplicavel descuido ou terror a guarda numerosa, que rodeava Pizarro, deixou-os atravessar sem obstaculo os dois pateos. Só ao fundo da escada um pagem foi correndo avisar seu amo. Um terror panico se apoderou de todos os que estavam no palacio. Uns fogem pela janella outros escondem-se. Pizarro, conservando todo o seu sangue frio, levanta-se, pega n'uma espingarda, e seguido por uma pequena phalange d'amigos dedicados ordena a Francisco de Chaves que feche a porta. Mas este, com a cabeça de todo perdida em vez de obedecer corre ao cimo da escada, e pergunta aos conjurados o que desejam. Só lhe respondem crivando-o de punhaladas, e continuando a entrar. Mas Pizarro com um valor digno da sua carreira epica, ainda que apenas de espada e escudos emquanto os seus companheiros estão armado,

de todas as peças, combate com heroico denodo e mantem duvidosa a victoria, apesar da immensa desproporção do numero. Afinal, quando já está todo cercado de cadaveres, a espada d'um dos conjurados enterra-se-lhe na garganta, e arranca-lhe a vida prostrando-o no chão do seu palacio.

Assim morreu o heroe, que doara á sua patria um immenso imperio, que completara feitos mais que humanos á força de audacia, intrepidez, e genio. A morte coroou dignamente a sua vida. Morreu como que n'um campo de batalha, mas aos golpes dos seus compatriotas, que elle tanto se aprouvera em espesinhar. Caracter vil, espirito elevado, homem cheio de paixões ardentes, e igualmente energico para o bem e para o mal Pizarro adquirio uma reputação que, por não ser immaculada, não deixa de ser universal.

A sua morte não terminou as desordens, em que vimos empenhados os hespanhoes. Estas dissenções vergonhosas e estas luctas civis cruentas, a tantas leguas da patria, no seio d'um paiz inimigo, entre um povo submisso mas fremente, que esperava das mãos dos seus proprios vencedores a liberdade que não soubera reconquistar, baldaram por muito tempo os esforços da metropole para produzir a ordem, e só muitos annos depois se apagaram as ultimas centelhas d'esta guerra fratricida, e poderam os reis de Hespanha estabelecer o seu dominio n'um paiz devastado, mas que assim mesmo foi para elles fonte d'uma opulencia de dois seculos, opulencia a que succedeu um longo abatimento, e que foi talvez a causa d'elle.

M. Pinheiro Chagas.



A morte do Gladiador.

Um dos mais notaveis costumes do povo romano era a dos combates de gladiadores. De todos foi este espectaculo sanguinario o que mais deleitou a cidade eterna até o tempo de Constantino, que o prohibio; não se conseguindo todavia a total extincção de tão barbaro costume, senão, 76 annos depois, no tempo do imperador Honorio.

O uso que deu origem a estes combates, tal como os Romanos o tomaram dos Etruscos, consistia em mandar matar escravos e prisioneiros de guerra, junto dos sepulchros dos varões mais illustres.

Pelo correr dos tempos, julgando-se que estes sacrificios humanos eram crueis, uma singular philosophia criou, para os substituir, os combates de gladiadores, inventando assim maior atrocidade: porque o numero de victimas cresceu, e prolongaram-se-lhes os soffrimentos! De *bustum* se chamou então aos gladiadores *bustuarii*. (1)

O primeiro espectaculo publico desta natureza foi dado, no anno de Roma 490, por Marco e Décio Bruto, nas exequias do pae. (2)

A principio estes espectaculos só tinham lugar em honra dos homens illustres e principaes, e os gladiadores eram tirados então de entre os escravos condemnados *ad ludum* ou *ad gladium*; mas foram gradualmente generalisando-se e, dentro em pouco eram moda em todas as exequias. Os Romanos designavam em seus testamentos, o numero de gladiadores para o espectaculo do seu funeral,

(1) Moris erat in sepulchris virorum fortium captivos necari: quod post quam crudele visum est, placuit gladiatores ante sepulcra dimicare, qui a busti cineribus bustuarii dicti.
Serv. Aeneid

(2) Val. Max. II. 4. 7.

munnus (3) juntando esta horrivel pompa da morte ás demais pompas funebres que muitos antegosavam, dispondo-as para além da vida.

Era o requinte do egoismo que, na impossibilidade de eximir se da natural condição, arrebatava na sua quéda aquelles cuja vida, pelo mais abusivo dos poderes, estava subjeita aos caprichos de um homem.

Tão miseravel era a sorte do escravo, que até de um cadaver era escravo ainda!

O sopro da morte, que tudo géla, não paralisava o braço cruel que lhe apertára as algemas. De dentro já do tumulo, esse braço poderoso estendia-se ainda para elle, arrastava-o até á gelida morada, e feria-o sem lucta, sem resistencia, sem vingança possivel! Vingança! quem sabe?! a sombra homicida, escoando-se para os abysmos da eternidade, talvez estivesse lá sentindo, em fogos do inferno, a reverberação da fogueira, que alumiava cá o horrivel sacrificio!

Deste temor se não levava o povo-rei, cuja paixão desmedida por tão cruel divertimento crescia de dia para dia, chegando a ponto que hoje nos parece incrivel.

Fundaram-se collegios, *ludi*, nos quaes os gladiadores eram sustentados e exercitados na arte da esgrima por mestres chamados *lanistæ*. Estas casas eram verdadeiros armazens de destresa e força, onde qualquer, quando queria dar um espectaculo de gladiadores, os ia comprar ou alugar por uma somma de sestercios, na razão dos seus respectivos merecimentos!

Não era já sómente nos funeraes que havia estes combates. Havia-os nos regosijos publicos, nas festas particulares, sob qualquer pretexto.

A arte gladiatoria, que fôra exclusiva de escravos, já era praticada por homens livres. Chegava o enthusiasmo a tal ponto, que até as mulheres desciam á arena e combatiam tambem!

Minotauro de nova especie, o povo romano carecia d'aquella carnificina que os magistrados lhe arremessavam a miudo, como a fera perigosa. Em vão pretenderia ser popular o pretor, questor, ou edil, que se eximisse deste horroroso tributo!

Além das festas publicas e particulares, em que havia combates de gladiadores, até dos banquetes eram parte essencial; e a sumptuosidade do festim era aferida pelo numero de combatentes! Os convivas assistiam alegres áquellas scenas hediondas, e se qualquer dos infelizes caía trucidado, como era trivial, davam palmas ao vencedor, do mesmo modo que, talvez no mesmo lugar, um romano da actualidade applaude qualquer actor no theatro *di Valle*. Ao gladiador vencido davam-se palmas tambem, se elle tinha caido com certa elegancia, no que todos punham o maior cuidado. Era dos preceitos da arte morrer com graça!

Os combates tinham lugar principalmente no *Foro boario*. No dia aprazado para elles dispunham-se os gladiadores de modo que a cada um correspondesse um adversario de igual, ou proxima destresa e força. Depois, em quanto se examinavam as espadas, que deviam ser approvadas pelo *editor*, simulavam elles um combate com espadas de madeira, *arma lusoria*. Este preludio chamava-se *venitare*. Quando a trombeta dava o signal, vinham as armas homicidas; o que d'ahi em diante se passava chamava-se *dimicatio ad certum*.

Se entre os diversos gladiadores que entravam no combate havia os *mirmillones*, o espectaculo era mais variado. Estes, que ordinariamente eram gaulezes, vinham armados de um escudo e de uma fouce, e traziam um capacete, no cimo do qual se via a imagem de um peixe, *mirmillo*, donde tiravam o nome. Eram seus adversarios os *retiarii*, que usavam de um tridente e de uma rede, na qual procuravam envolver a cabeça do adversario cantando:

> Non te peto,
> piscem peto:
> quid me fugis, Galle?

Quando um gladiador ficava ferido, o povo gritava *hoc habet*: então se elle abaixava as armas confessava-se vencido. Todavia a sua sorte estava ainda dependente da vontade do povo, da de quem fazia as despesas do espectaculo, e principalmente das vestaes, que não podendo ser do seu sexo pelo amor de esposas e de mães, não eram tambem do seu sexo na tranquilla indifferença, com que viam correr pela arena tanto sangue innocente. Se as vestaes pronunciavam o perdão, se o povo erguia as mãos abaixando os dedos polegares, ou se o imperador chegava, estava salvo o gladiador. Se ao contrario as vestaes ficavam mudas, se o povo erguia os punhos cerrados, se o gladiador em vão dirigia os olhos supplicantes para o lugar imperial desoccupado, a sentença de morte estava, sem appelação, pronunciada.

A estatua, representada na gravura que o *Panorama* hoje apresenta aos seus leitores, é uma das mais celebres, entre as que se julgou representarem um d'esses infelizes combatentes. E' porém de suppor que esta estatua geralmente conhecida pela designação de *o gladiador morrendo* não represente um gladiador, mas sim um guerreiro barbaro. Deu-se-lhe aquella denominação, provavelmente, pela mesma causa porque de muitas outras se decidio que representavam gladiadores, quando da maior parte das que foram descobertas, principalmente nos seculos XV e XVI, se acha hoje evidentemente demonstrado foram outros os assumptos. A estatua a que nos estamos referindo, é, de todas essas, a que tem sido objecto dos mais escrupulosos estudos dos antiquarios.

Representa ella um homem nu, ferido do lado direito do peito e caido com a agonia mortal, que se exprime admiravelmente, não só nas feições de uma angustia indescriptivel; mas em toda aquella figura meio erguida n'um supremo esforço.

A força phisica, a intensidade da dôr, a serenidade da resignação e a total perda de esperança manifestam-se ali n'uma linguagem sublime, que é de todos os tempos e de todos os povos.

Fôra impossivel emfim exprimir melhor, n'uma figura só, todo o horror da morte e toda a formosura da vida.

São diversas as opiniões ácerca do assumpto d'esta estatua.

Querem uns, que representa um arauto dos

(3) Sen. De. brev. vit.

(6) As differentes denominações dos gladiadores eram: *Mirmillones — Retiarii — Secutores — Tracios — Essedarii — Sumuitis — Andabates — Coesariani — Laqueares — Suppositatii* e *Meridiani*.

jogos olympicos, e fundam-se para isso em que a corneta, que se vê sobre o escudo, semelha a dos arautos, e que o collar da figura representa a corda que elles usavam, para augmentar a intensidade da voz.

Querem outros, que o collar assim como a cabeça sejam obra muito posterior á feitura da estatua.

Outros finalmente pretendem, que representa um escravo fiel, mortalmente ferido na defeza de seu amo, o qual reconhecido lhe fizera erigir.

Estas opiniões teem sido combatidas, e segue-se geralmente a de Visconti, o qual é de parecer que representa um guerreiro barbaro, ferido de morte, e expirando no campo de batalha, onde se vêem esparsos varios instrumentos de guerra. Neste caso, será a corneta o *lituus*, e a corda o *torques*, dos Romanos.

Tem este primor d'arte o nome de Ctesilau: contesta-se porém, e ao que parece plausivelmente, a antiguidade da inscripção.

Cita-se de feito, entre as obras do celebre estatuario, um guerreiro ferido; mas era de bronze essa estatua, e esta é de marmore.

A gravura que o *Panorama* apresenta, é copia de uma estatua de bronze, que foi fundida por Kepller e que está em Paris. O original é uma das mais raras maravilhas d'arte que o viajante admira no museu do Capitolio em Roma.

A. P. Ferraz Junior.

DO MOVIMENTO NO UNIVERSO

Quando uma noite profunda e silenciosa cobre, com o seu negro manto, o universo; quando nossos olhares, errantes de estrella em estrella, deixam a alma contemplativa embalada no espaço; quando o somno da natureza produz em torno de nós o socego, a paz, parece que a immobilidade, a inactividade, o repouso absoluto nos rodeiam.

Comtudo, em quanto sonhamos no meio deste socego profundo, e deste placido universo, ha no espaço certo globo de tres mil legoas de diametro, isolado de todas as partes, e suspenso solitario no seio de um espaço infinito. Este globo não está immovel, mas sim, corre atravez da extensão com uma rapidez prodigiosa, ao lado da qual a velocidade das melhores locomotivas se assemelha ao andar da tartaruga. Para bem se apreciar o curso deste globo seria preciso collocarmo-nos em um ponto do céo, não longe do caminho que elle segue; então veriamos este globo luminoso apparecer ao longe. Esphera rodopiante, eil-a que se approxima, cresce, torna-se immensa, monstruosa... passou... desappareceu com a rapidez do relampago; afasta-se com toda a velocidade, levada pela mesma carreira vertiginosa, sem tregoa nem repouso, eternamente. Qual é a velocidade com que este globo corre os céos sem limites? Vinte e sete mil e quinhentas leguas por hora; mais de trinta mil metros por segundo!

De noite e de dia, sem cessar, este astro continua a sua carreira pela extensão estrellada.—E porque motivo, perguntarão, se não vê esse globo atravessar o céo placido e puro, cujas estrellas scintillam com tanta doçura?—A explicação é muito simples; este astro, cuja eterna carreira nos assusta, é a terra que habitamos.

A impressão dos sentidos é tão poderosa que a illusão produzida por ella nos domina de uma maneira absoluta. Não nos poderemos subtrair á surpresa, na verdade mui legitima, que faz nascer em nós a ideia de um tal movimento, do qual partecipamos sem termos consciencia d'isso; e quando mesmo o conhecimento desta verdade e o habito destas considerações mathematicas nol-as tornem mais familiares, não podemos pensar no facto em si mesmo, sem nos admirarmos do seu poder. É que effectivamente nada ha mais opposto a nossos sentimentos originarios sobre a estabilidade do globo, e nada contraria mais a ideia longa e solidamente estabelecida em nós pela observação vulgar. O facto em si mesmo parece-nos ter alguma cousa de prodigio, e comtudo só elle é verdadeiro, em quanto que as nossas primeiras ideias são no fundo erroneas.

Ora importa para aquelle que quer ter uma noção verdadeira da disposição e da natureza do universo, desenganar-se da illusão produzida pelos sentidos e admittir o ensino dos factos observados. Em vez de deixar em nossa presença esse panorama da noite tranquilla, dos astros em repouso, do céo adormecido, contemplemos os movimentos celestes na sua realidade, e não temamos ver desvanecer-se com a illusão o aspecto poetico da noite estrellada: a realidade é por sua natureza infinitamente superior á ficção, quando mesmo se olhe para ella com os olhos do sentimento; em lugar d'uma apparencia de morte, veremos abrir-se diante de nós o reino do movimento e da vida.

Eis pois a terra viajando incessantemente com uma velocidade de 30,550 metros por segundo. Effectivamente ella tem de percorrer em 365 dias e um quarto toda a extensão da orbita que descreve á roda do sol; esta orbita, de 38 milhões de leguas de raio, tem a extensão de 241 milhões de leguas. Tal é o caminho que tem a percorrer em um anno. Ora para isto é preciso voar com uma rapidez de 660,000 leguas por dia. Não esqueça que além deste movimento de translação a terra é animada de um movimento de rotação sobre si mesma, que deita a 164 metros por segundo.

Dirigindo-nos para o sol, encontram-se os planetas Venus e Mercurio. O primeiro descreve uma orbita de 472,600,000 leguas, e o seu anno é de 225 dias, pouco mais ou menos. Para effectuar o seu movimento neste lapso de tempo, é necessario percorrer 36:800 metros por segundo, equivalentes a 32,190 leguas por dia. Esta velocidade é ainda superior á nossa. Póde aqui repetir-se a mesma pergunta que acima fizemos: Porque se não vê este astro correr d'esse modo pelo céo? O leitor já achou a explicação, e sabe que a distancia dos astros impede-nos de apreciar o valor dos seus movimentos—que se tornam tanto menos sensiveis quanto maior é a distancia—e cuja amplitude não póde ser conhecida senão quando se sabe a distancia.

Os movimentos planetarios tornam-se tanto mais rapidos quanto mais proximos estão do sol. Assim, sendo a velocidade da terra por segundo de 30,550 metros e de Venus de 36,800, a de Mercurio deve ser de 58000 metros. Animado desta velocidade, o planeta percorre 52,520 leguas por hora, 1,260,000 leguas por dia, e no espaço de 88 dias, tem percorrido a sua orbita de 111 milhões de leguas.

Voltando sobre nossos passos, e afastando-nos do sol para os limites do systema, encontraremos successivamente Marte, Jupiter, Saturno, etc. A orbita do primeiro destes planetas apresenta um desenvolvimento total de 362 milhões de leguas de quatro kilometros. A velocidade media do planeta é de 22,000 leguas por hora, isto é, de 24,448 metros por segundo. Dizemos velocidade *media* (e este termo é applicavel a todos os mundos), porque cada planeta anda tanto mais depressa quanto mais perto está do sol, o que succede na época do perihelio de cada uma das suas revoluções, que não seguem uma orbita vigorosamente circular, como se sabe, mas approximam-se mais ou menos da forma elliptica. Reciprocamente, o planeta anda mais lentamente quando percorre os pontos da sua carreira mais afastados do sol. Esta differença nos movimentos celestes é sobretudo natural entre os cometas, cuja ellipse é mui alongada Ha cometas que percorrem 30 leguas por segundo na sua passagem pelo perihelio e alguns alguns metros sómente pelo seu aphelio.

Jupiter emprega doze dos nossos annos para descrever a sua curva orbitaria, igual a 1 milhar 214 milhões de leguas. A sua velocidade é de 12,972 metros por segundo, 778 kilometros por minuto, 11,675 leguas por hora, 280,200 leguas por dia.

O caminho percorrido por Saturno, em sua orbita de 10,760 dias, é de 2 milhares 287 milhões 500,000 leguas. A sua velocidade media é de 112,600 leguas por dia, 8858 legoas por hora ou 9842 metros por segundo. A distancia de Uranus, cuja orbita, de 4 milhares 582 milhões 120000 leguas, é percorrida em 84 annos, a velocidade não póde ser de mais de 149,300 legoas por dia ou 6000 leguas por hora. A evolução da orbita de Neptuno apresenta uma extensão de 7 milhares e 170 milhões de leguas; a velocidade do planeta sobre esta orbita, que percorre em 164 annos, é de 20,000 kilometros por segundo. Vê-se quanto a velocidade tem successivamente diminuido de Mercurio para cima, que percorre 58 kilometros na mesma unidade de tempo. Apresentadas em uma mesma linha estas velocidades respectivas, por kilometro e por segundo, offerecem de Mercurio e Neptuno a relação seguinte:

58, 37, 30, 24, 13, 10, 7, 5.

Taes são as velocidades com que as espheras celestes percorrem as regiões do espaço. Não fallamos dos pequenos planetas, cujo numero caracteristico occupa a lacuna que separa 24 e 13 na linha precedente, Estes innumeraveis corpinhos, do tamanho de uma provincia, giram, effectivamente em torno do sol com uma velocidade media de 18 kilometros por segundo, ou 16,200 leguas por hora.

Os satellites são levados pelos seus planetas na translação destes á roda do sol e pelo mesmo movimento; além d'isso giram rapidamente á roda destes planetas. Assim redopiam no céo Terra, Lua, planetas, satellites, cometas, como uma rapidez de que nenhuma velocidade sensivel nos póde dar ideia. Assim andam todos os astros do céo. As estrellas chamadas fixas são animadas umas e outras, das maiores velocidades que até hoje se tem achado. Tal estrella, que nos parece fixa em uma constellação, Arcturus, por exemplo, gira nos pontos longinquos da extensão com uma velocidade de 21 leguas por segundo; de 7682 leguas por dia; mas a distancia que nos separa d'ella é tão grande, que esta mudança de posição da estrella no céo é apenas d'aqui perceptivel. Tal outra estrella, a sessenta e uma do Cysne, move-se no espaço com uma rapidez de 18 leguas por segundo; tal outra, a cabra, corre com uma velocidade de dez e meia leguas por segundo; tal outra ainda, Sirius, com uma velocidade de mais de 9 leguas na mesma unidade de tempo. Pense-se por um bocado no caminho real percorrido por estes astros em uma hora, em um dia, em um anno, em um seculo. Comtudo, a distancia que as separa de nós é tão prodigiosa, que este immenso espaço percorrido em um seculo, espaço que os nossos numeros mais elevados apenas poderiam exprimir, não cobre sobre a esphera estrellada a largura apparente de um dedo. É n'isso que consiste o segredo da invisibilidade destes formidaveis movimentos, da apparente fixidade dos astros, da paz tão profunda das noites estrelladas.

Assim, sem darmos por tal, somos levados no espaço com diversas velocidades: 300 metros por segundo, consequencia do movimento de rotação, na latitude de Lisboa; 30,000 metros por segundo, consequencia do movimento de translação da terra á roda do sol. Accrescentemos ainda o movimento de translação do sol no espaço, que arrasta com o astro central todos os corpos que lhe pertencem, e que não seria inferior a 8000 metros por segundo. Eis, pois—sem contar os secundarios—tres movimentos principaes que nos conduzem, O Sol, com o seu systema, é um facto que cáe no abismo dos espaços com a rapidez prodigiosa que acabamos de mencionar. Estrella tambem, corre os desertos do vacuo como as estrellas suas irmãs, cujas ethereas peregrinações acima narramos.

Será bom que a impressão que resulta deste relancear de olhos por sobre os movimentos celestes nos desengane da illusão dos sentidos, e que nos deixe não sómente com a certesa desta actividade permanente das diversas partes do universo, mas ainda com a certesa de que não poderiam impunemente cessar, e que a sua existencia é uma condição da duração do mundo.

Typ. Franco-Portugueza — Rua do Thesouro Velho, 6,

A Virgem e o menino (Quadro de Van Dick)

O admiravel quadro, do qual é copia a gravura que damos hoje aos nossos leitores, encontra-se no museu do Louvre, e deve-se ao inspirado pincel do discipulo de Rubens, o famoso Van Dyck, que, se nem sempre póde ser collocado a par do mestre, como pintor historico, excedeu-o muito na suavidade, na graça, na harmonia do colorido. Reynolds, artista fecundissimo, um dos mais notaveis pintores da Gran Bretanha, fallando ácerca deste quadro, diz, que é uma das obras mais primorosas do insigne mestre da escóla flamenga, uma das mais admiraveis criações do espirito humano, uma das melhores pinturas do mundo. Nunca o genio de Van Dyck se manifestou tão claramente, como nesta inimitavel producção, que tão alta idéa nos dá do seu grande talento e do elevado grau de perfeição a que chegára no genero historico, se os retratos o não houvessem distraido tanto. «Effectivamente, surprehendem as bellezas do estylo, a correcção do desenho e a execução. A extatica expressão do rosto da Virgem, a sublime e angelica puresa de seus olhos levantados para o céo, e a graça immaculada de seus formosos labios, que parece respirarem o halito da virtude, estão acima de todo o elogio. A cabeça do Menino Jesus é de rara perfeição; o rosto apresenta uma admiravel combinação da divina intelligencia com a graça infantil. O desenho das extremidades, isto é, das mãos das duas figuras e dos pés do Menino, são da maior correcção e verdade. A disposição das roupas é graciosa; o contraste do claro-escuro excellente; e o colorido em geral, rico, harmonioso e encantador.»

Os vermes do sepulchro começam a roer a consciencia do malvado, antes de lhe devorarem as entranhas. CHATEAUBRIAND.

A GALATÉA MODERNA.

XII

Sub tegmine fagi

No outro dia, conforme os nossos dois heroes haviam aprasado, devia Violante responder aos apaixonados protestos de Alfredo.

Entardecia já. O sol afundava-se no oceano, e as roxas cores do crepusculo tauxeavam de listões phantasticos a athmosphera, que parecia um mar cujas ondas immensas fossem de gaze tufadas pelo vento.

A serena e formidavel harmonia da natureza irrompia em jorros pelo vasto horisonte, e no céo, tão ligeiras corriam as nuvens, que mais pareciam o bafejar de anjos, que corressem á profia a alistar-se no paraiso, sob os olhos do Senhor. E a Fonte-Fresca, tão poetica e formosa, lá estava no seu lamento sonoro, e chorando aguas cristallinas, em cujos seios purissimos se revia a immensa coma do olmeiro, que só de quando em quando, por dias de estio, deixava passar um raio de sol, sylpho luminoso, que vinha brincar, saltar e beijar a limpha murmurosa.

Quando Alfredo chegou não vio ninguem, nem mesmo o raio de sol, que tão baixo ia e tão junto do horisonte, que já as grandes sombras abraçavam a terra.

Passado pouco ouvio Alfredo uma voz maviosa vinda do tronco do olmeiro, que assim dizia:

— Pobre Menalca! Outr'ora, vivia aqui uma Dryade, loura e formosa, que Faunos e Sylvanos amaram loucamente. Hoje...

— Hoje, ó Dryade gentil, ó deusa propicia, ó fanal dos meus amores, responde-me do seio da folhagem, entôa os teus gorgeios mysteriosos, e dize-me que é amado o pobre pastor, que por ti se corôa de myrthos e pampanos!

— Pobre louco! Pedes amor e ninguem t'o póde dar, que o amor é só invocado pelos poetas! Queres arrancar das cinzas um seio requeimado? Queres neste seculo, que as Dryades de Theocrito e Virgilio! Ai! meu desgraçado Menalca, quão enganado andas! Liber já me não protege; não me envolve em amorosos liames o aureo pampano, e a limpha não o serpêa em torno de mim com queixumes brandos e voluptuosos. Venus morreu tambem; Psyche fugio para sempre, e ninguem me anima a primavera, nem os amores com que eu entretecia a vida nos ramos deste olmeiro.

— Ouve, ó Dryade gentil, ouve os meus lamentos. Eu adoro Ida, linda e pudica como o botão da rosa, que abre os raios ao sorrir da aurora, no recato da noite. Quando me ella falla sinto fallar amor; se ri, ou chora, ou canta, canta, chora, ou ri amor. Assim é ella, ella é amor. Em tudo se conformam; e em tudo quizera tambem conformar-me. A ella ergo as minhas antisterias, por ella entôo Evohé. Quando a vejo tão bella, como a flor do acantho, brilhante como um raio de Phebo, vaporosa como Amphitrite, canora como Acheloide, mais formosa do que a lua que, por noites de estio, beija a relva do prado, aonde saltam pyrilampos, sinto que a adoro.

— Ai! Procuras a morte, julgando encontrar a vida, ó pobre Menalca. A tua Ida é como a andorinha, que vem com a primavera e foge mal assomam os primeiros signaes do inverno. Não te fies d'ella, ó peregrino, que Ida é traidora. Não corras atraz d'ella, que as Galateas, quando fogem, levam o coração dos que as perseguem. Acredita na pobre Dryade, que te quer...

E Violante, toda rubra, saio do olmeiro, com os cabellos arraiados de um festão de hera entrelaçado de folhas de carvalho, e appareceu mais formosa do que a propria Dryade.

Alfredo proseguio:

— Se tu me amas, ó Dryade, se por amor de mim, tu te animaste como a estatua de Pygmalião, eu esqueço Ida, a linda bachante, por ti, que és mais formosa.

Violante parou, arrancando a corôa, e lançando-a para longe, exclamou n'um repente arrebatado:

— Ó meu caro primo, nunca julguei que tomasse tanto a serio o seu papel de Menalca ou Melibeu. Deixe-me rir, primo. Ha muito que não passo uma tarde tão divertida. Olhe que me custou a aprender o papel de Dryade. Devorei o diccionario da mythologia... porque me parece, salvo o erro, que estas suas confissões são verdadeiramente mythologicas. E demais, lembre-se da época em que vivemos. Obrigar-me a representar de Dryade, a mim, cujo futuro é morrer na clausura de um convento! Eu, que nasci para me rojar, victima innocente, nas lages de uma igreja, resando a Deus, não só pela salvação dos outros, senão para que me leve deste mundo de tristezas, desta solidão sem conforto, posso jámais comprehender esses loucos devaneios, em que o primo combina a mythologia, perpetua facecia amorosa, com os fremitos de uma paixão, que póde nascer de repente e matar-me com torturas incomportaveis!... Ah! Alfredo, que mal lhe fiz, para tanto escarneo? Julga-me acaso algum joguete? Não sabe que o coração póde um dia quebrar-se, como a corda de uma harpa tangida por mão descuidosa? E depois, se na solidão, aonde me houver arrojado, perdidas as poucas illusões, que me restam, eu gritar maldição como o naufrago no oceano tormentoso, poderá queixar-se de mim? É necessario acabar com isto, Alfredo, proseguio a donzella travando-lhe da mão com força. Amanhã será tarde talvez. O peito, que hoje soluça, quebrará logo, e o riso de ha pouco gerou as lagrimas de agora.

E Violante deixou-se cair sobre um banco rustico, tapetado de hera. Os soluços embargavam-lhe a voz. As lagrimas corriam-lhe em fio e sulcavam-lhe o rosto lindo que não perdera a altiveza. Ergueu-se de repente. Recobrou o porte senhoril, e olhando fito para Alfredo, exclamou n'um impeto:

— Não, Alfredo. Eu sou pobre, e as mulheres de minha raça não se vendem.

—Que diz, Violante? bradou Alfredo, segurando-a convulso. Eu, compral-a? Eu, que a amo com todas as véras de um coração juvenil, que se julgava descrido e que de repente, como a flor que recebe o rocio da madrugada, reviveu para a esperança! Quer quebrar a felicidade, em um momento, a felicidade, que tenho urdido com tanto afan guiado pelos raios do seu amor? Quem nos tolhe de sermos felizes? Pois não tem visto nestes brinquedos o meu amor, grande como o oceano, santo como uma caricia materna? E quer-me fugir! E quer abandonar-me á beira do caminho, a mim, que rastejo humilde no seu sulco de luz e amor! Oh! lançe um raio nas trevas da minha vida; seja a estrella que me guia na solidão.

—Não, Alfredo. Não alevantemos edificios na arêa. Lembre-se quem eu sou e quem é o primo. Eu, pobre e mimoso passarinho batido da tormenta rugidora logo ao nascer, quebradas as azas no berço, marcada com o sello da desgraça, hei de recalcar no coração todos os impetos, todas as aspirações. O meu ideial é a escuridão do carcere. A minha liberdade as grades de um convento. O meu sorriso o tremendo amargor da clausura. E até o pranto, que me irromper do peito em soluços de angustia e desespero, esse mesmo pranto, que ninguem póde negar ao afflicto, porque perante a dôr todos somos iguaes e não ha despotismo, que lá chegue; esse pranto abafal-o-hão as psalmodias da igreja e os sons dos orgãos em dia de finados. Mas ó primo! que de esplendores não antevê! Que ondas de harmonia não pódem baloiçal-o na sua carreira radiosa! Que de ambições não póde saciar no grande combate da vida! Ah! deixe-me! deixe-me! Bem basta o mal que me fez! E quer que eu lhe derrame luz! Eu, que nas trevas hei vivido, e nas trevas hei de morrer! Não junte a zombaria e o escarneo á minha dôr!

—Violante! Oh! querida Violante déra a vida por convencel-a do meu amor!

—Ah! deixe-me desafogar. Lamentações, não as quero. Vou fallar a verdade, a verdade só, entende? Quando o vi, julguei-me mais forte. Sabia que meu pae queria unir-nos e levantar, com os seus, os bens arruinados d'elle. Tudo isto adivinhei, porque ninguem m'o disse. Ao principio, e quão louca fui, acreditei que podia fazer a vontade a meu pae. Enganei-me. Não me pergunte o motivo. Não quero dizer-lh'o. Arranque-me, se quizer, este coração maldito, que nem assim saberá a verdade. Essa, talvez nunca a saiba, e ai! de mim se a souber algum dia. Amanhã chega aqui a minha querida amiga baronesa. Traz-me um noivo. Não sei se me agradará. Bem sabe que sou de ruim contento, porque nem o primo me contentou, ao que parece. Mas não vê além aquelle cruzeiro, sobre aquelle monte? Hei de resignar-me, e unindo os meus aos braços da cruz, desposar-me-hei com o Senhor. Adeus! Esqueça-se de mim. Não lhe peço o sacrificio de continuar a viver comnosco.

E Violante ergueu-se, toda nervosa e convulsa, mas senhoril.

Alfredo ficou irresoluto, attonito e estupido como quem se vê á beira de um abysmo e não sabe se ha de tentear salvar-se ou precipitar-se e achar descanço na morte.

Alevantou-se emfim e deu um passo para seguir Violante, que já ia longe, meio encoberta com as sombras da noite.

Mas baldo foi o esforço, que não poude mover-se. Parece que o destino implacavel lhe fincára os pés na lage humida e escorregadia.

Em vão sentia o coração a bater-lhe no peito com ancia; em vão o vulto gracioso de Violante fugia, como uma fada gentil, pela devesa; em vão as arvores ramalhavam e agitavam as sombras; em vão o mar se espelhava ao longe com os derradeiros clarões do crepusculo. Era tudo em vão, que Alfredo só tinha olhos para a cruz, quasi tombada sobre as ruinas de uma capella. Era aquella a sua imagem, imagem melancolica de todos os afflictos.

Elle, que sentia força e animo para suster nos braços e amparar a virgem, cujos caprichos pareciam dores e amarguras; elle que quizera consolar-se amando uma donzella incomprehensivel, tornou-se instrumento de supplicio, e cruz viva, sentindo as proprias e alheias dores, ficára ahi tombado, nas brenhas do seu viver.

Como se fosse movido por uma força superior, começou a caminhar rapido para o cruzeiro. Assentou-se, fitos os olhos no mar, espirito amarrado á dor e olhos rasos d'agua.

O que elle pensava, sabem-n'o os que os choraram um dia amargos prantos, por uma mulher adorada, que se esvaeceu de repente, em um rasto luminoso, e os deixou nas sombras. Esses sim, e raros são, que pódem comprehender a suprema dôr d'esses momentos, cujo conforto é a propria desgraça.

Pouco durou este supplicio.

Perto de Alfredo surgio um vulto, que saltava, e pulava, e começou de entoar em voz sumida:

Ai! triste de quem namora
Uma rosinha em botão,
Que só elle, o triste, chora,
E a rosa não chora, não.
Tristezas trazem amores.
Ai triste de quem namora.

Já então vinha rompendo o luar, luar de maio, melancolico, empanado de nuvens de trovoada, como a luz que brilha no carcere do condemnado.

O vulto do innocente agitava-se e projectava a sombra confusa e esfumada na penedia agreste. E a voz tremula repetia a trova.

Alfredo ergueu-se então, e exclamou:

—Não. Ella não me ama! Porque luctar com o destino? Hei de ser homem. Hei de levar o supplicio até ao fim. Hei de assistir o enterro da minha alma.

E dirigio-se para o solar.

O innocente lá continuou cantando a sua trova cheia de desenganos.

(Continua)

CARLOS II DE HESPANHA

(Continuação)

A leitura desta carta levou ao mais subido gráo a aversão natural da rainha para com D. João, e accendeu de modo tal a sua colera, que estalaria com grande estrepito, se estivesse nas mãos da religiosa soberana o perdel-o ou anniquilal-o; e se não fosse tambem pelo receio de desagradar altamente á corte e ao povo, que, geralmente, dispensavam ao principe grande estima e respeito, e defendiam publicamente o seu procedimento, dando-lhe razão e culpando a rainha e o favorito da injusta morte de Malladas e da prisão de Patino.

Estes rumores perigosos, que augmentavam de dia para dia, collocaram a rainha em a necessidade de fazer uma declaração, affirmando que aquelles dois homens haviam ido a Madrid encarregados de executar os projectos de D. João; que se convencera d'isso pela confissão dos dois facciosos, e que só com a evidencia do crime se decidira a condemnar Malladas. O confessor, entretanto, mandou imprimir e publicar uma especie de apologia propria, em forma de representação dirigida á rainha, na qual se estendeu muito em dissertar sobre a nobreza da sua linhagem e os grandes serviços dos seus antepassados; e ao mesmo tempo accusava a D. João de haver attentado por differentes vezes contra a sua vida, protestando por sua parte a maior innocencia na morte de Malladas e na prisão de Patino, e allegando em prova d'isso, que na occasião em que occorreu aquella estava elle lendo o seu breviario na companhia do padre Bustos.

Pouco tempo depois, tornou novamente a rainha a apresentar ao Conselho outra accusação contra o principe; disse que em certa occasião fallando com um astrologo de grande merecimento, este lhe mostrou claramente as suas ousadas pretenções e desmedida ambição, crime mui digno de castigo em um subdito rebelde e ingrato, que tantos favores recebera da corôa. Mas o principe tinha amigos de mais para não achar por toda a parte quem tomasse a sua defesa, e provar á evidencia que o seu nobre coração era incapaz de abrigar um designio tão cobarde e criminoso, como o do assassinato do confessor; que se houvera concebido alguma vez semelhante projecto, muitas occasiões tinha tido para o levar a cabo, e que a melhor prova que podia dar de que nunca o pretendera fazer, era que effectivamente o não tinha feito. Que mui longe de proceder traiçoeiramente, se mostrava franco e decidido accusador do favorito, e pedia o seu apartamento da côrte, expondo-se deste modo á colera do throno: que de um lado estava um principe cheio de merecimentos e gloriosos serviços, e de quem a nação esperava ainda mais, e do outro um religioso estrangeiro e intrigante, sustentado unicamente pela bondade da rainha, cheio de honras, pensões e empregos importantes, e cuja saída do palacio não podia occasionar grandes perdas; e por ultimo attribuiam a este o intento de ter querido desfazer-se de D. João em Barcelona e em Consuegra, e promover, em consequencia de seus excessos, uma revolução espontanea e geral no reino.

Tal era a opinião mais vulgar da côrte e do povo neste conflicto; tal era o objecto de todas as conversações, de todos os pensamentos; e os interesses encontrados, correndo e desenvolvendo-se em todas as classes, em todas as condições, chegaram a ter defensores até nas pessoas do bello sexo, até nas damas da côrte, que se dividiram ostensivamente em dois bandos denominados *Austriacas* e *Nitardinas*.

Em quanto as cousas apresentavam este aspecto em Madrid, D. João encaminhava-se para Barcelona. A rainha, que ignorava o seu rumo, estava na maior anciedade pelas consequencias deste rompimento; mas chegado aquelle á dita cidade, dirigio a Sua Magestade outra carta mui respeitosa, na qual sem embargo insistia novamente e com a mesma energia em supplicar-lhe o afastamento do confessor. Isto, longe de applacar a ira da soberana, dava-lhe novas forças contra o seu ousado antagonista, e mais motivo achava para não se separar de um homem em quem depositava toda a sua confiança; e julgando que D. João se entremettia indevidamente em cousas que lhe não diziam respeito e só por uma aversão cega contra o padre jesuita, teimava em conservar este junto de si com todo o seu regio poderio, crendo com isto dar uma prova da energia da sua soberana vontade.

O padre Nitard por sua parte não sabia a que determinar-se em tão duro combate. Por um lado lisongeava-o o favor e a protecção de tão grande rainha; por outro calculava o poder e os recursos do seu adversario; temia por sua propria vida, e em cada um dos cortezãos e individuos do proprio conselho suspeitava um inimigo occulto. Todas estas reflexões o levaram, não uma vez só, aos pés da rainha para supplicar-lhe com as lagrimas nos olhos que o deixasse retirar; ella, porém, dando-lhe novas seguranças, conseguia tranquillisal-o e desvanecer-lhe momentaneamente os seus justos receios.

D. João, não contente com o escrever á rainha nos termos já ditos, dirigio-se tambem aos ministros, exhortando-os a unirem-se a elle para sollicitarem da real bondade a separação d'aquelle estrangeiro. Estas continuas instancias enchiam de amarguras e receios o padre Everardo e de susto os amigos deste e a propria rainha, que não contando já com grande segurança, mandou vir reforço de tropas, e desejosa de romper abertamente as hostilidades, tratou de declarar rebelde D. João; aconselhada, porem, melhor, pelas pessoas do seu Conselho, a quem propozera todas estas cousas, quiz apurar os meios de conciliação, e ganhar, se podesse, por bem, a vontade do que não podia vencer com o seu rigor; e, effectivamente, escreveu-lhe uma carta muito attenciosa e estudada, mandando-o regressar a Consuegra, onde lhe garantia com sua real palavra a completa segurança de sua pessoa.

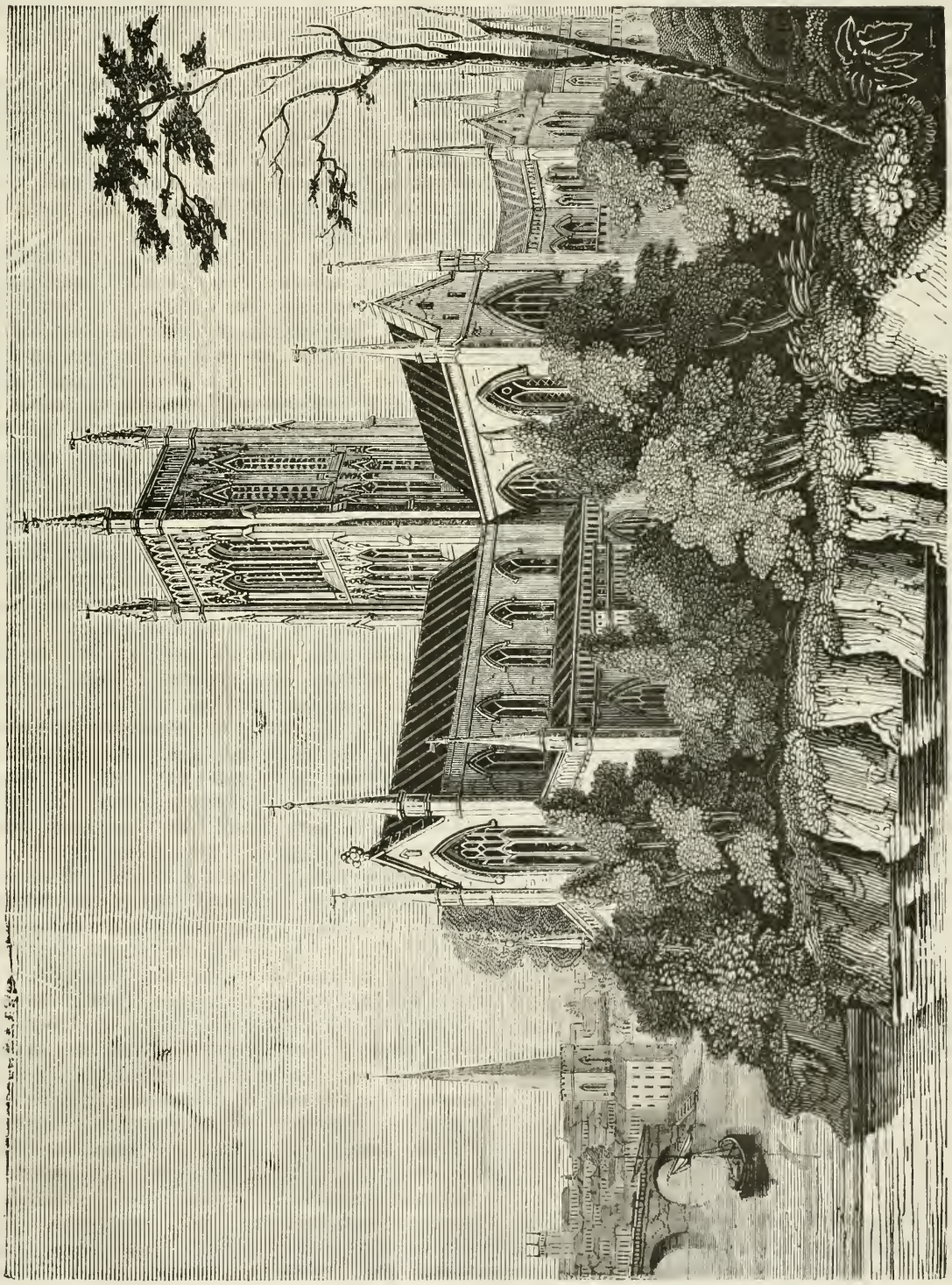
A principio D. João pôz alguma difficuldade

em obedecer áquella ordem real, ou porque temesse (segundo manifestou á rainha) cair de novo nas redes do padre Nitard de que por casualidade tinha escapado, ou porque, effectivamente, tivesse outros projectos mais atrevidos; mas o duque de Osuna, que ao momento governava Barcelona, lhe fallou com tanto empenho e instou tanto para que obedecesse ás ordens de Sua Magestade, que conseguio vencel-o, e partio logo para Consuegra com tres companhias de cavallos que o mesmo duque lhe deu para o acompanhar.

(Continua)

Um amor de seis mezes na côrte é um velho decrepito.

LOUVDT.



Cathedral de Worcester

A CATHEDRAL DE WORCESTER

A 176 kilometros N.O. de Londres, e a 38 de Birmingham, da qual a separa um pequeno canal, está situada a bonita e bem construida cidade de Wercester, capital de um condado que d'ella recebeu o nome e o qual junto com o de Glocester, fórma a parte mais importante do valle de Stern, mui nomeado por sua fertilidade. A população da cidade em 1851, era de vinte e sete mil habitantes; hoje conta approximadamente trinta e dois mil. Ainda no seculo passado, Worcester era mais uma cidade de recreio do que, como quasi todas as outras da Inglaterra, uma cidade industrial; no presente seculo, porém, as industrias tem ali bastante progredido, e na actualidade conta um grande numero de fabricas, entre as quaes sobresaem as de porcellanas, de luvas e de calçado, e é centro de um grande commercio de cereaes. Ao norte encontra-se grande abundancia de carvão de pedra, e as melhores salinas da Inglaterra são as de Droitwich, logar que fica a mui curta distancia de Worcester.

Foi n'esta cidade, outr'ora *Caer Guorangon* uma das principaes dos Bretões, e segundo bispado de Mercia no tempo dos Saxonios, que Cromwell ganhou uma assignalada victoria sobre os realistas, em 1651.

Os principaes edificios de Worcester são a prisão nova, o hospital, o theatro, e a soberba cathedral, cuja perspectiva se vê na gravura que acompanha este artigo, e que é, talvez, um dos templos mais elegantes da nação britannica. Esta cathedral foi construida pelos annos 680, e dedicada originariamente a S. Pedro; no oitavo seculo, porém, recebeu a denominação de Santa Maria, pela qual hoje é conhecida. Mas não se julgue, que esta igreja não soffreu a mesma sorte que todas as demais da Inglaterra. Em 1041, os soldados de Hardicuto devastaram-n'a; em 1103 e 1202, foi victima de dois incendios, cujos estragos, felizmente, foram pouco consideraveis, e no reinado de Carlos 1.º as tropas do parlamento invadiram-na e praticaram ali as maiores profanações: abriram os tumulos, roubaram a bibliotheca, fizeram quartel da casa do capitulo, e, emfim, os objectos mais venerandos serviram-lhes de brinquedo. Annos depois foi reparada e o seu estado actual não é de ruina.

A fórma d'esta cathedral é a de uma cruz com dois braços, e a sua architectura d'estylo gothico: mas, á excepção da torre, o templo não tem profusão de ornamentos como se encontra em quasi todos os d'este genero. Os principaes monumentos que contém são os tumulos do rei João, d'Elysa Digby e o do bispo Hough pelo celebre Roubillac, o maior esculptor que teve a Inglaterra. Entre os seus bispos distinguem-se Wolstan, a quem se deve a maior parte do edificio que hoje existe, e Hough-Latimer, um dos primeiros reformadores da igreja anglicana.

O CONDE ALLAMISTAKEO

Fim da primeira parte.

Citei-lhe então os aços; mas o estrangeiro levantou o nariz e perguntou-me se os aços modernos poderiam executar as esculpturas tão vivas e nitidas que adornam os obeliscos e que foram inteiramente executadas com instrumentos de cobre.

Isto embaraçou-nos de modo tal, que julgámos mais acertado fazermos uma diversão sobre a methaphysica. Mandámos buscar um exemplar de uma obra, cujo nome não me lembra, e lemos-lhe um ou dois capitulos sobre um assumpto que não é lá muito claro, mas que os nossos sabios definem: Grande Movimento ou Progresso.

O conde disse simplesmente que no seu tempo os grandes movimentos eram cousas terrivelmente communs, e que, em quanto ao progresso, foi em certa época uma grande calamidade, mas que nunca progredio.

Fallamos-lhe então da grande belleza e da importancia do governo constitucional, e tivemos não pequeno trabalho para fazer ver ao conde a natureza positiva das vantagens de que nós todos gosávamos, vivendo em um paiz onde o suffragio, por assim dizer, era *ad libitum*, e onde o rei por si só cousa alguma podia fazer.

Escutou-nos com todo o interesse, e, em summa, mostrou-se encantado com o systema. Quando, porém concluimos, disse-nos que nas suas terras já outr'ora se tinha passado alguma cousa semelhante. Treze provincias egypcias resolveram um dia tornarem-se livres e darem assim um manifesto exemplo á humanidade. Reuniram-se os sabios e os amigos da liberdade, nomeou-se um chefe *in nomine*, e organisou-se a mais engenhosa constituição que é possivel imaginar. Durante algum tempo, caminharam as cousas maravilhosamente: só um ou outro caso de abuso, da parte dos ministros. Mas, depois, como era de esperar, morto moralmente o chefe supremo, e entregue o mando a homens de maus costumes e de reconhecida incapacidade, degenerou tudo na mais perfeita anarchia e despotismo. Era um inferno: ninguem se entendia; todos queriam governar; todos faziam leis; todos castigavam por sua conta e risco. Em fim, chegou a tal ponto a desmoralisação da parte dos gerentes do estabelecimento, como costumava dizer um velho, meu amigo, que, além de praticarem as maiores prepotencias, demittindo empregados habeis para admittirem os inhabeis, dando empregos e distinctivos por dinheiro e fazendo tudo quanto póde repugnar á moral e á razão, alem de tudo isto, levaram, com as costumadas sangrias, o thesouro a um estado tal de abatimento e doença, que já ninguem arriscava por elle uma moeda de papyrus! Tão critica situação requeria serios cuidados, medidas energicas. Lembraram-se então os peritos de um celebre mineral, que havia em um paiz pouco distante, do qual, diziam elles, se podia extrair um xarope muitissimo salutar, unico remedio capaz de curar semelhantes enfermidades. Mandou-se, portanto, immediatamente buscar o milagroso mineral, e applicou-se o remedio com toda a cautéla. Mas, foi peior a emenda que o soneto: o mal cada vez caminhava mais rapido, e quando, desenganados da ineficacia do xarope, os homens pediram contas ao correspondente, para liquidal-as, passaram pelo grande desgosto de ver, que, todo

o paiz em peso com todos os seus habitantes, não chegava para satisfazer a quantia exigida. Foi então que os povos acordaram do longo e pesado lethargo em que até ali tinham jazido; sublevaram-se, castigaram severamente os gerentes dos seus negocios, e nomearam um monarcha absoluto, porque, diziam elles, mal por mal, antes aturar um tyranno que mil. Effectivamente, dentro em curto periodo, dominava o absolutismo. Eis como terminou esta questão de liberdade.

— E cessaram os abusos com o novo systema? — perguntou o barão de Souza — viveram felizes e tranquillos os povos d'ahi em diante?

— Qual historia! — respondeu o conde. — Ainda não tinham decorrido seis mezes, já tudo gritava contra o soberano que, guiado pelos falsos conselhos dos aduladores que o rodeavam, se tornara o maior despota e trazia todo o povo sob um jugo insupportavel.

— Eu entendo de mim para mim — disse emphaticamente um official de sapadores, que até ali não proferira uma palavra — que todos os governos são maus.

O conde, que não tinha ainda reparado n'este novo personagem, examinou-o com a luneta durante alguns momentos, e por fim exclamou com certa indifferença:

— O que o obriga a fallar desse modo?

— A longa pratica que tenho das cousas deste mundo — tornou o official. — v. ex.ª, de certo, não conhece ainda os homens; porque se os conhecesse não se mostraria tão admirado do que eu ha pouco disse. Não ha governo possivel, acredite. Todo e qualquer systema por mais...

— V. ex.ª — interrompi eu, dirigindo-me ao conde, para evitar que o pobre sapador dissesse algum grande disparate, e por consequencia ficassemos todos considerados como perfeitos asnos — V. ex.ª poder-me-hia dar alguns esclarecimentos sobre a instrucção publica no seu paiz?

— Da melhor vontade — respondeu a mumia — mas noto que os senhores todos, mais ou menos, estão a braços com o destemido Morpheu, e por isso acho mais prudente deixarmos a palestra para outra occasião.

— O senhor conde! — exclamou o padre Gilberto — estamos todos satisfeitissimos; e bem sabe que quando a companhia é sympathica e a conversação animada e instructiva, é perfeitamente impossivel ceder ao somno.

— Concordo — tornou a mumia — o assumpto, porém, é vasto e complicado; vae roubar-nos agora muito tempo, e os meus amigos necessitam de descanço; e eu, fallando-lhes com franqueza, acho-me tambem fatigado.

— Como fôr da vontade de v. ex.ª — disse o doutor Alexandre, que já havia um bom bocado não fazia senão piscar os olhos — E nesse caso... — continuou, voltando-se para os de mais da companhia.

— Nesse caso — disse eu, pegando no chapéo e fazendo uma rasgada cortesia — se me permittem, retiro-me.

— E nós igualmente — disseram todos os outros a um tempo.

O conde recebeu as nossas despedidas com muito agrado, e todos promettemos voltar nesse mesmo dia.

Eram quatro horas e meia quando entrei em minha casa. Minha mulher disse cousas de fazer desesperar um santo; mas eu não lhe dei resposta, e do que tratei unicamente foi metter-me na cama. Ás dez horas levantei-me, almocei, e em seguida tomei estas notas para instrucção de minha familia e da humanidade. Depois de jantar tenciono ir visitar a mumia e desafial-a para dar um passeio pela cidade.

Queixam-se muitos dos nosso escriptores de que as suas obras não teem aquella extracção que deviam ter, e que esse mesmo pequeno consummo cujo producto, a maior parte das vezes, mal chega para cobrir as despezas da impressão, é extremamente moroso, não obstante os multiplicados annuncios nos jornaes, cartazes nas esquinas e as mais altas diligencias empregadas pelos vendedores. Teem carradas de razão. Mas qual é a origem d'esse *oidium tuckery* que ataca toda a nossa litteratura? Julgam que dimanada pouca sympathia dos portuguezes pelas letras? Enganam-se! O mal vem do pessimo gosto, da falta de expressão e de verdade nos titulos dos livros! Que interesse poderá excitar, por exemplo: *Camões*, *Viagens na minha terra*, *O Monasticon*, *Amor e Melancolia*, *Queda de um anjo*, *D. Jaime*, etc? Qualquer d'estes titulos dizem alguma cousa? — Não dizem nada!

É, pois, necessario mudar de systema, não só para o bom resultado dos trabalhos, como tambem para sair-se d'este marasmo em que se vive: titulos pomposos... titulos que exprimam... emfim, pouco mais ou menos, como os seguintes, que poderão servir de norma:

Desempenho festivo, ou triumphal apparato com que os illustres Bracharenses pelas ruas da Augusta Braga tiraram a publico o Eucharistico Manná da Lei da Graça, Epilogo de Maravilhas, saboroso sustento de angelicos espiritos, e saboroso Corpo de Christo sacramentado em o anno de 1729: *por José Leitão da Costa. Lx.ª por Ant.º Pedroso Galvã* 1729. 4.º

—

Discursos predicaveis sobre a vida, virtudes e milagres do gigante dos menores, Hercules portuguez, divino Atlante, St.º Ant.º Parte 1. *Sobre a vida do Santo do tempo da sua meninice até se exercitar no officio de Mestre. Lx.ª por H. Valente d'Oliv.ª* 1663. 4.º

2.ª *Parte. Do tempo em que o Menino Jesus se lhe poz em os braços até que na eternidade se lhe manifestou glorioso. Lx.ª por Dom.os Carn.º* 1669. 4.º

—

D. Madalena da Gloria. Astro brilhante em novo Mundo, fragrante flor do Paraiso plantada no Jardim da America — Historia Panegyrica de St.ª Rosa de S. Maria. Lx.ª 1733. 8.º

Aguia Real, Phenix abrasada, pelicano amante — Historia panegyrica e vida prodigiosa do inclito Patriarcha S. Agostinho. Lx.ª 1744. 4.º

—

A Fenix de Portugal, a Flor transformada em Estrella, a Estrella transformada em Sol. A Idéa moral e politica, e historia de tres Estados, discursada na vida da Rainha Santa Isabel, Infanta de Aragão. fragrante flor; casada com Elrei D. Diniz de Portugal, estrella resplandecente; viuva terceira de S. Francisco, Sol flamante. Offerecida á Sern.ª Sr.ª Princeza a Infanta Nossa Senhora a Sen.ª Isabel Maria Josepha etc. Por Fr. Antonio de Escolar. Cintra por Manuel Dias 1680. 4.º

TERÇA FEIRA!

(Continuação)

III

—«Filho, filho, ergue-te, acorda
«Para que, só Deos o sabe.»
E em lagrimas lhe trasborda
A dôr, que na alma não cabe.

«Sonhavas talvez brinquedos,
«Pois que sorrias, dormindo.
«Verás brincar nos rochedos
«Esse mar, que está bramindo.

«Vae, ainda quente do berço,
«Inda quente dos meus beijos.
«Para um mundo bem diverso
«Do sonhado em meus desejos.

«Vae; tu, que sempre dormiste
«Ao som de minhas cantigas.
«Ouvirás a canção triste
«D'essas ondas inimigas.

«E sorris, anjo querido,
«Ao passo que eu chóro tanto!
«Pois não sabes o sentido
«D'este doloroso pranto?

«Não sabes, que se me parte
«O meu coração no peito.
«Ao vir assim acordar-te
«Em teu socegado leito?

«Não sabes que a minha vida,
«Pobre filho, vae comtigo.
«E que n'esta despedida
«Deixas p'ra sempre este abrigo,

«Este abrigo do meu seio,
«Trocado pelos cançaços?...
«Não sei, não sei que receio,
«Ao tirar-te dos meus braços.

«Choras filho? Ai, não, não chores,
«Que me tiras todo o alento.
«Já me bastam minhas dores,
«Basta-me o meu pensamento.

«Deus é bom. Nem sempre os mares
«Se alevantam com tormentas.
«Não chores, que, se chorares,
«O meu pesar accrescentas.

«Socega. Esta cruz benzida
«Leva comtigo e descança;
«Pois quem é tão bom na vida,
«Deve em Deus ter confiança.

«Vae, que eu, á Nossa Senhora,
«Áquella virgem das Dores
«Que é a tua protectora,
«Resarei, logo que fôres.

«Limpa essas lagrimas, vamos,
«Que teu pae t'as não conheça.
«E a oração, que te ensinamos,
«Ai vê lá; nunca te esqueça.»

E vio-os partir. E o pranto
Lhe inunda as faces. Desmaia.
Dos pescadores o canto
Se escuta ao longe na praia.

Ó que tristesa tamanha!
Que presentimento amargo
Quando as lanchas da companha
Se fazem, remando, ao largo.

Junto á imagem de Maria
Esta outra mãe dolorosa
De joelhos, todo o dia,
Lhe ergue preces, fervorosa.

«Ó mãe de Deus! luz divina,
«Que alumias nossas almas!
«Ó estrella matutina,
»Que as tempestades acalmas!

«Baixa á terra esses olhares,
«Nossa unica esperança,
«E voltando-os sobre os mares,
«Protege aquella criança!

«Compadece-te, Senhora,
«D'estas lagrimas sentidas.
«E estende a mão protectora
«Sobre aquellas pobres vidas.

«Vê que me andam sobre as aguas
«Todos quantos estremeço;
«Mãe, que entendes minhas magoas,
«Vê se essas vidas tem preço.

«Pela angustia, que sentiste
«Junto da cruz, ó Maria,
«Vale-me n'esta hora triste,
«Vale-me n'esta agonia!»

No meio da ardente prece,
Ergue-se inquieta, palpita.
Fitando o céo, que escurece,
Ouvindo o mar, que se agita.

Era ao tempo das trindades;
As aves, que presagiam
O chegar das tempestades,
Amedrontadas gemiam.

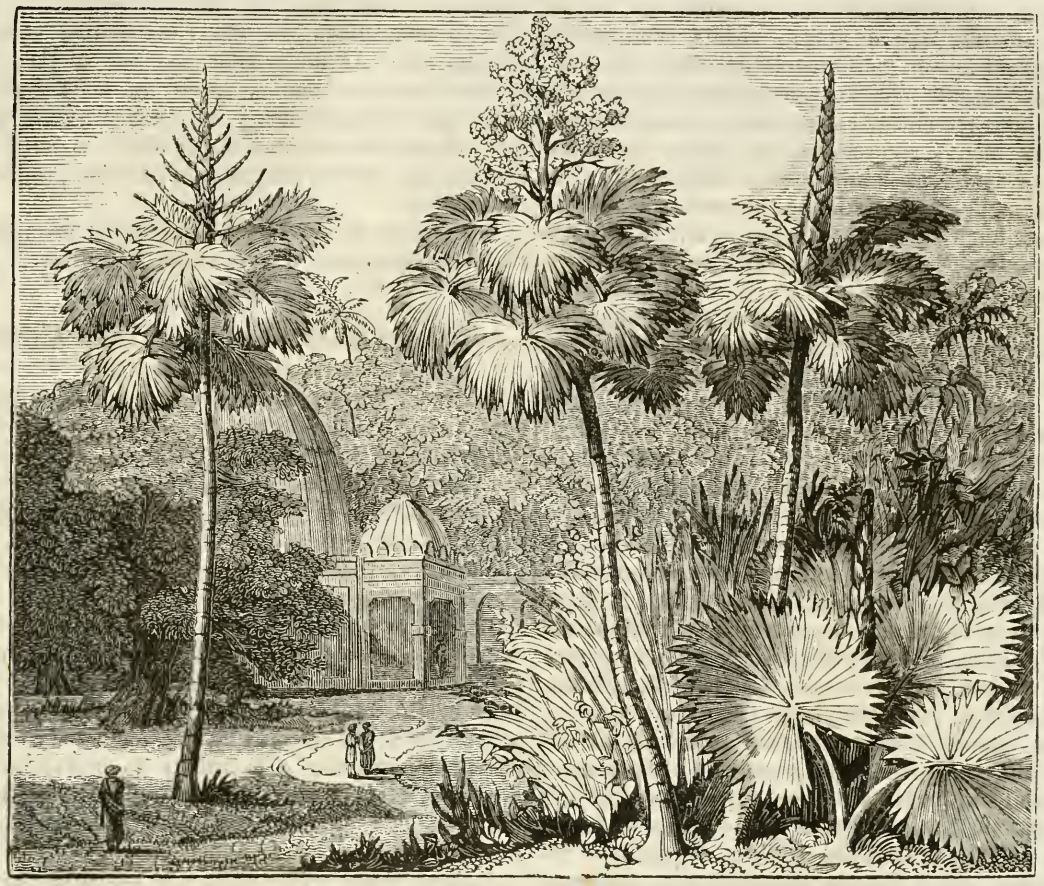
A mãe segue na carreira
Uma vaga e outra vaga.
«Terça feira! terça feira!»
Lhe diz uma voz presága.

Já treme. Os olhos velados,
Onde a angustia se revela,
Pelos mares agitados
Não descobrem uma véla.

E as nuvens correm velozes,
E o vento revolve a areia.
Ouvem-se confusas vozes
Na praia de gente cheia.

(Continua)

Typ. Franco-Portugueza, Rua do Thesouro Velho, 6.



A palmeira Talipot ou Corypha umbraculifera

O estudo das palmeiras apresenta grandes difficuldades; mui poucas especies se encontram na Europa; são, pela maior parte, grandes arvores, cujas flores e fructos só teem desenvolvimento no cume, e, por consequencia, difficeis de attingir. Algumas habitam no meio de florestas virgens, nos lugares mais espessos; um grande numero nas margens dos rios e regatos, ou á borda do mar; muitas nas regiões alpinas; outras, emfim, vivem isoladas ou em pequenos grupos nas planicies. Existe um grande numero de especies; mas descriptas, apenas quatrocentas, que os naturalistas dividiram em setenta e tres generos, formando cinco tribus.

As palmeiras, ora são grandes e formosas arvores, cuja altura attinge e excede algumas vezes cento e setenta metros, e de uma apparencia inteiramente particular; ora, o que é mais raro, formam pequenos arbustos, em certos casos desprovidos completamente de tronco, e cujas folhas sustentam uma especie de prato, que sobrepuja a raiz. Algumas especies pelo seu tronco delgado assemelham-se a gramineas gigantescas.

O tronco das palmeiras tem por caracter essencial não apresentar nem casca nem pau formado de camadas concentricas, como no carvalho e na maior parte das arvores das nossas regiões; mas sim, uma massa composta de fibras esparsas no meio de um tecido esponjoso que as une umas ás outras; as mais velhas e mais duras destas fibras estão na circumferencia; as mais novas e mais tenras no centro.

Desde que uma semente de palmeira começou a germinar, desenvolve-se um grande numero de folhas, que formam uma primeira ordem circular e que estão ligadas á raiz por uma camada de fibras collocada no interior da precedente. Esta segunda camada tende a abrir e a rebotar a primeira. O mesmo succede com todas as outras camadas dos annos seguintes, que, successivamente, veem recalcar e estender as fibras das camadas exteriores, até que estas, tendo adquirido pela idade toda a duresa da madeira, resistem plenamente á pressão dos filamentos do interior; então todo augmento em diametro cessa no annel solido formado pela reunião de todas as fibras, annel que se torna em base do tronco da palmeira.

Quando o tronco attinge toda a sua grossura, já não póde senão crescer em altura por toros semelhantes, que se ajuntam successivamente uns aos outros, e que produzem os renovos que se desenvolvem cada anno na extremidade do tronco. Este crescer é uniforme, porque sáe sempre dos renovos o mesmo numero de folhas, e ficam os

mesmos ajuntamentos de fibras e força de resistencia. A uniformidade na espessura do tronco suppõe todavia que a arvore vegeta sempre em bom terreno e que a influencia do clima não muda sensivelmente. Se se transportasse a palmeira de um bom terreno para um mau, a sua vegetação seria menos vigorosa, e nos anneis formados pelas novas folhas tendo menos largura, produzir-se-ia uma contracção. Se, depois, a levassem para melhor terra, a parte superior do tronco desenvolver-se-ia mais vigorosa e produzir-se-ia um augmento de volume.

As palmeiras são os mais ricos ornamentos da vegetação intertropical. Effectivamente, são as regiões dos tropicos que se devem considerar como o berço e a verdadeira patria destes interessantes vegetaes. Segundo Martius, no hemispherio austral, não vão além de 35.° em quanto que no boreal vão até 40.° Cada especie de palmeira tem geralmente seus limites fixos, além dos quaes raras vezes se vêem crescer. Tambem em cada parte do globo se encontram especies particulares deste vegetal, que, d'algum modo, formam um dos caracteres da sua vegetação. Comtudo um numero de especies, sobretudo as que crescem á borda do mar, parecem, de algum modo, cosmopolitas; tal é, por exemplo, o coqueiro.

Esta familia encerra vegetaes, não só muito notaveis pela belleza e elegancia de suas formas, mas muito importantes pelos numerosos serviços que prestam aos habitantes das regiões onde vegetam. Muitos d'elles são arvores de primeira necessidade, cujos fructos constituem o alimento quasi exclusivo de certos povos. Assim os fructos da tamareira para os habitantes de toda a costa meridional e occidental do Mediterraneo, o coqueiro para os habitantes da India, da America e das ilhas do oceano Pacifico, são uma alimentação tão abundante como necessaria.

Muitos destes vegetaes fornecem uma especie de fecula conhecida pelo nome de *sagu*, que é muito procurada pela gente da Europa que soffre do estomago e do peito; outras dão um principio adstringente, uma especie de sangue de drago; algumas produzem oleo.

Emfim, estas arvores offerecem ainda aos habitantes das regiões equatoriaes madeiras de construcção para suas habitações, largas folhas para cobril-as, fibras resistentes para fazerem redes, cordas etc. A fava de um grande numero de especies é susceptivel de produzir, fermentando, um licor alcoolico que se obtem pela distillação.

Juntamos a este artigo uma gravura na qual se mostra a palmeira talipot nos seus differentes estados. Esta arvore formosissima, hoje mui rara, encontra-se unicamente na ilha de Ceylão e na costa do Malabar, e é uma das mais uteis ao homem. Floresce apenas uma vez e quando o fructo amadurece começa a sua decadencia; pouco tempo depois inclina-se, verga e cáe, para não mais se levantar. Extrae-se d'ella uma grande quantidade de fecula a que se dá o nome de *sagu*, e as suas folhas, cada uma das quaes póde abrigar até doze pessoas, cortadas em certa época e fazendo-as passar por um simples processo, tornam-se amarelladas, e tão consistentes como o pergaminho. As flores sobrepõem-se á folhagem e dão á arvore uma elevação de mais vinte ou trinta pés. N'estas flores encontra-se uma grande quantidade de sementes do tamanho e feitio das cerejas, que servem unicamente para a reproducção da especie.

Irmos mais longe com a descripção desta arvore seria repetirmos o que acima fica dito.

SOBRE AS MEMORIAS DOS VINTE ANNOS

(Carta a Julio de Castilho)

Ex.mo sr. e amigo: — Ha quatorze para quinze annos que o não vejo, dès que o tratei collega nas aulas do Portico, quasi collega nos brincos infantis, e no emtanto estou-o reconstruindo aqui no pensamento, e em toda a candidez da sua alma, com este seu livro, tão original e tão seu, que me obriga a quebrar o silencio, e ao cabo de tanto tempo volvido, escrever-lhe esta carta.

Ha sempre um escolho temivel na vida dos que nasceram *favoneados com o auxilio* (digamol-o por emquanto assim) de um grande nome. É o preconceito nos dois vulgos, o dos chamados judiciosos e o dos ineptos e detractores da extincção do talento com o extinguir do individuo! é a negação da sua transmissibilidade; e tudo isto em desfavor dos que *são culpados* em haver nascido á sombra d'aquellas frondosissimas arvores!

Loucos! que seria então esta gloria de hereditarios, esse jubilo de um appellido, ás vezes já insculpido em pedra tumular; se o fogo sagrado os não illuminasse tambem? se a intelligencia inspiradora não estivesse já premindo os conhecedores intimos a preparar as grinaldas rescendentes, que os decorassem na primeira manifestação? se todo esse brilho devia ser de ouropel, e a consciencia estava a remorder da sua mentira, e a assegurar que o lampadario, que os alumiára, tinha-se apagado para todo o sempre?

No emtanto é esta uma triste verdade: os diccionarios historicos e as noticias biographicas, todos os Desobry e os Bouillet, os Moreri e os Vapereau teimam em reconquistar o favor publico para essas joias tão trabalhadas, e ás vezes tão brilhantes do mundo intellectual; que serve isso? A nossa hediondez de desconhecedores do poder de Deus vae-se toda lampeira (direis n'isso que vae certa de quanto é pequenina), e tira de uma familia, muitas vezes pleyade, toda ella luzente, um nome, e esse é o assoalhado, o imposto ás turbas desensinadas, o vilipendiado tambem do vilipendio dos esquecidos.

Ás vezes, comtudo, por mais que façam estes propaladores da obra de Satan, estes semeadores de joio pelas campinas verdejantissimas por quanto se pódem alargar os olhos, a celebridade fica-se immune; então é o estorcer d'aquelles damninhos, que, em phrase mais commum e mais positiva, são as personificações do seu Gaspar No-

gueira. A mim parece-me no emtanto que a celebridade assim immune, entristece-a quasi sempre algum grande revés. Afóra o dar-se o caso que n'uma mesma congregação familiar sejam varias as provincias do saber em que se distingam os seus membros, e isso vêde a confusão; afóra isto, são ordinariamente as individualidades marcadas e retidas nas consciencias voluveis por caracteres inapagaveis, mas por ventura desastrosos: que renome teriam trinta irmãos poetas, se Deus lh'os houvera dado, ao pé d'esse Milton, cego e audaz, que se atirava para além-tumulo, e rasgava os arcanos do viver de Deus ás turbas insoffridas? que renome trinta irmãos poetas, ao pé d'esse Tasso, louco e enfraquecido, mas sublime, mas vidente, que da sua enxerga do hospital fazia palpitar ancioso o coração de todo um mundo, que pretende esquecel-o? que renome de poeta pódem assumir, tão grandioso, os irmãos de Castilho Antonio, a esquecer esta alma da Grecia e do Lacio, que se hade finar abraçado á sua lyra, e a ouvir o hosannah da industria de hoje, o *Hymno do trabalho?*

Isto tudo, com estas divagações, mostra que, a acrescer á exigencia de um publico difficultoso pela recordação de um nome benemerito, não hão de faltar ainda ao Julio os doestos, as maledicenciasinhas, as calumnias, segredadas com hypocrisia, dos que hão de dizer que o seu livro, escreveu-o toda a gente, talvez o imperador da China, o da Russia, o Grão-Vizir, quem sabe? toda a gente, menos o auctor.

— O auctor, esse que o assigna, dirão elles, isso é que nunca; o auctor! ora o auctor! Pois é lá possivel que o irmão ou o filho de um litterato tenham geito para alguma cousa! que, Deus cançou-se a crear dois homens habeis! Pois não vêem a pag... o tom sentencioso do pae; e a pag... aquella descripção não póde ser senão de F.; anda tanto com elle! e a pag..., aquillo então é claro como agua, foi o G.

A unica resposta, Julio:

Gloria á Bondade Summa, que diminuiu dois pés em animaesitos de quatro!

. . . . . .,

Uma das partes em que prima o seu livro, a principal talvez, e uma das mais necessarias no romance, é a verdade fidelissima dos caracteres descriptos. Quantos dos seus leitores não hão de recordar no typo matriarchal da Rosa de Teyve alguma d'aquellas santas mulheres, que nos amimaram na infancia, e a que a frequencia dos antepassados quasi já dava um lugar na familia, e com elle a imposição do respeito, e de uma certa veneração?

Nuno de Macedo, esse, advinhou-o v. ex.ª? ou dar-se-ha o caso que não haja homem de coração a quem Deus não envie como purificador, ou então como procurador do mau espirito, a cousa anda pelo mesmo, um dos taes monstrenguitos? Eu conheci já dois governadores de Pungo-Andongo; tratei até com um terceiro ha annos, e sinto ainda aqui o asco, que me motivou em criança aquella ridicularia gloriosa de Deus!

Do pae de Magdalena, do calumniadorsito do Gaspar Nogueira, de algum outro, que me não lembre, e lá pelo livro enxameie em identica altura na craveira da moralidade, ou antes da immoralidade, nem uma palavra. Bem fez o Julio em não apimentar a narrativa, carregando em considerações. A illação tira-se dos factos. Muito bem. A lama ninguem vae dizer: *és hedionda.* Daria vontade de rir.

Cheguemo-nos outra vez aos amigos, de quem nos separámos na boa da Rosa.

Sebastião, tem-n'o v. ex.ª ainda n'algum, em muitos posso dizer, d'esses veteranos que viram ainda as ultimas glorias da sua terra, e quem sabe se os ultimos esforços pela independencia da nação.

O pae de Luiz, esse é adoravel. Aquellas idéas absoluto-liberaes de uma grande alma encontrei-as eu tambem personificadas. Ha um ancião venerando, que já passou dos oitenta, e a quem eu respeito e amo, talvez o velho assim o não saiba, como se fosse meu pae. É uma das minhas poucas affeições desobrigadas, que se tem enraizado fundo, porventura a unica. Ás vezes ouço-o, silencioso e commovido, a fallar-me das suas crenças, e até das suas illusões. As crenças d'elle, posso dizel-o com alvoroço, são as minhas tambem, creio que são as boas. Quanto ás suas illusões, illusões que o viver de annos nas côrtes estrangeiras em investigações antiquarias, e o longo praticar com os homens publicos não poderam apagar no caracter honradissimo, essas peço a Deus lh'as conserve, sobretudo agora que o véo do sepulchro se lhe estende já sobre a fronte illuminada. E que me importa esse véo, se aquella luz vacillante é bastante para me alumiar? A que sombra me hei de eu acolher, quando essa fronde se torcer, e cahir derrubada? só se fôr a ti, syndone apodrecida que encobres o cadaver paterno, e cedo me podias envolver tambem...

Chegou a vez do fr. Jeronymo; agradeço-lhe, Julio, aquellas paginas, que me fizeram bem, no consolo das lagrimas. O seu personagem se infelizmente não é o fiel transumpto da maior parte dos nossos clerigos, ás vezes *divertidos*, pelo menos é a demonstração do que deve ser o sacerdote. O presbytero da narrativa de Alexandre Herculano, d'esse gigante para quem na vida litteraria não ha olhos que o possam desfitar, faz o bem que póde, que sabe ou que adivinha, como santo que é; mas destôa tanto no bom do velho *o seu latim barbaro e a sua barbarissima prosodia!* Pois não ha tambem espiritos illustrados, ás vezes, por esses lugarsitos sertanejos, mui de proposito ali habitadores como profugos das cidades, e scismadores de mais rasgados horisontes?

Eu quero mais ao fr. Jeronymo, e no emtanto o meu conhecimento é mais novo e mais rapido, e no emtanto v. ex.ª não me desvendou totalmente a sua vida domestica, que é n'isto que o Herculano foi longe, tão longe, que impossibilitou os que de futuro tentassem descrever as scenas do passal!

D'esta maneira vê que tambem não posso dei-

xar de o preferir ao frater Leonardus, do Hoffmann, ou a monsenhor Bemvindo. O primeiro, erudito, e com pretensão a austero, não é mais que um *espirito forte*, que dá respostas equivocas aos subditos, que o interrogam da vida religiosa. Se litterariamente o admiro ás vezes, cá na vida real, se o encontrasse, e me pedissem a opinião, chamar-lhe-hia *vibora escondida em abbatina*.

Com Myriel acontece que, quando vou já a sympathisar com a sua simplesa, tudo se desfaz ao acudir-me á lembrança a sua profissão de pantheismo, pelo menos, aos pés do convencionado; e lastimo-o. Lastimo-o, porque é uma boa alma. A quietação de espirito, invejar-lh'a-hia, se eu podesse distinguir se é o pacificamento da ignorancia, ou o consolo do recolhimento o que me attrae. Victor Hugo não o disse.

Só d'estes tres fallo eu, Julio, em comparação do seu fr. Jeronymo, que eu considero o ideal do padre catholico; e muito de proposito só d'estes tres. Causam-me pena os seus desvios; mas commovem-me todos elles. Lá irmanal-os com algum personagem do *Amaldiçoado* ou do *Jesuita*, isso nunca eu faria. Vá fóra o embaimento traiçoeiro do protestante que se rebuça em Padre***

Ás vezes, as decepções do espirito conturbado desterram no filho de Eva a idéa de Deus. Para elle n'essa occasião o symbolo, a alegria, é o inverno — a saraiva, que é o desconsolo; o trovão, o relampago, a corrente de agua — a magestade do Eterno na sua ira. Nada de outomno, porque lá ainda ha, não digo flores, mas folhas emmarelecidas; agita-as, derranca-as, mirra-as o tufão, mas espalham-se e rastejam pelo solo, imagem ainda dos sonhos doirados da primavera da vida, tão cedo aniquillados no bulcão condensado do seu futuro e do seu inverno, imagem que se quer despedaçar, imagem que se quer esquecer.

D'isto se resentem pois os escriptos do illustrado, que é tambem infeliz. Pobre do Lamennais! coitado do Rousseau!

Lá da sua campa parece que ainda estão dizendo, como *Os infelizes*, de Achkermann:

Si nous avons failli, nous avons tant souffert!

É crença minha, quer muitos negrumes despontem no horisonte da vida, que resta sempre para alumiamento da alma um fanal de esperança, que vivifica e aquece, accendido pelo Senhor!

Que para esses desgraçados haja ainda no existir uma luz que lhe destolde o animo, um astro que lhe irradie o entenebramento do espirito com as doçuras do ineffavel!

Nas producções do transviado ha sempre um periodo, uma phrase que nos compunge, que nos identifica nas lagrimas, que póde até redemil-o. É como a prostibularia, que ainda não tem vinte annos, e de cabellos côr de oiro, no primeiro dia de devassidão. O cingulo, desaperta-o entre receiosa e timida; pensativa e triste vae-se desvestindo aos olhos do insoffrido que a requer; afinal, no phrenesi da volupia ou no desespero da sorte, voam-lhe repentinos da beira do thoro impudico ao pó do sobrado os setins custosos. Mas a cada devassar das formosuras escondidas pelo seductor, purpureia-se-lhe a fronte, e deslisa-lhe o pranto. Dir-se-hia que o anjo da innocencia não a desamparou ainda, e se está a entristecer do enlamear d'aquella opala!

Oh! mas o escriptor traiçoeiro, e que se esconde, esse não sei desculpal-o, nem d'elle me posso doer. Este cuspir envenenado no madeiro de Jesus é nauseabundo como a baba esverdeada do gasteropodeo, que mancha e invade a cavidade ocular de caveira, alvacenta pelo passar de dois seculos!

Uma cousa que o Julio talvez não saiba, é que no convento do seu prior de Santa Maria da Assumpção existia até ha pouco realmente um frade como aquelle. Lembro-me ainda das festas em que me alvoroçou em criança, e da maneira como offegante e reverente lhe osculei, ha oito annos, a mão descarnada e já fria. Sentinella firme do perdido exercito do monachismo, não póde abandonal-a, e era velho, e morreu octogenario, a pobre cella, onde o respeitaram superior os irmãos do mosteiro. A fr. Manuel, lá o desceram ha vinte e quatro mezes á crypta dos Castros. Que a cruz negra d'aquella mansão ensombre o envoltorio da alma do frade!

J. A. da Graça Barreto.

(Continúa)

DANIEL O'CONNELL

I

Consolemo-nos. Nem só o catholicismo que tem invocado os principios religiosos para em seu nome e á sua sombra se commetterem as maximas atrocidades; não basta folhear os annaes da santa inquisição para se conhecerem todos os crimes praticados pelo fanatismo. A historia da nação mais liberal e mais tolerante da Europa, a Inglaterra, contém negras paginas cuja leitura horrorisa, e onde está inscripto, para vergonha eterna dos seus legisladores, o martyrio de seculos d'uma nação, que lhe devia ser irmã, e que lhe tem sido escrava. A Irlanda mostra ainda em pleno seculo XIX os pulsos roxeados pelos grilhões inglezes, e as largas cicatrizes que lhe deixou estampadas no peito a espada que tem sempre reprimido d'um modo sanguinolento as tentativas d'essa misera nação para despedaçar o jugo aviltante, que ainda hoje em parte a opprime.

Comtudo, devemos confessal-o, esse odio que uns aos outros se consagram os habitantes das duas grandes ilhas do Reino-Unido não data unicamente das dissidencias religiosas. Antes que Henrique VIII, desdenhando o titulo de filho bem amado da Igreja com que o Summo Pontifice o distinguira, erguesse a bandeira da revolta contra a unidade catholica, e juntasse ás insignias do seu poder temporal as insignias da supremacia espiritual, já a Inglaterra e a Irlanda se dilaceravam a cada instante n'uma lucta cruenta e sempre renovada.

Para que bem comprehendâmos a influencia exercida sobre os seus compatriotas pelo grande tribuno cuja biographia vamos traçar rapidamente, devemos primeiro fazer um esboço não

menos rapido das longas dissensões que teem ensanguentado o solo irlandez.

Uma estranha fatalidade preside ha seculos ás relações d'estes dois paizes irmãos. Ora por um motivo ora por outro, desde que se operou a união das duas corôas n'uma só, sempre que se travou uma lucta civil de tal fórma se acirraram os odios que, terminada a guerra, o vencedor, em vez de gosar com moderação do seu triumpho, em vez de tentar operar a fusão completa dos dois povos, que devia ser o seu *desideratum*, não pensou senão na vingança, e perpetuou por essa fórma o odio e a dissenção.

O mesmo nos succede com os nossos visinhos castelhanos. Irmãos somos tambem pela origem, pela communidade de tradições e de interesses.

Daniel O'Connell

A União-Iberica, para quem encara as cousas de longe e guiando-se pelos mappas geographicos e ethnographicos, é uma ideia naturalissima, que todos deveriamos abraçar. E, comtudo, se a Hespanha conseguisse pôr-nos o pé na cerviz seria para nós o que tem sido a Inglaterra para a Irlanda... mas porque procurar comparações alheias? seria o que foi durante os malfadados 60 annos do nosso captiveiro nas garras dos Filippes.

Foi em 1167 que os Inglezes pozeram pela primeira vez o pé no solo da verdejante Erin. Chamaram-nos discordias intestinas; o monarcha de um dos quatro reinos em que se dividia a Irlanda Dermod, principe de Leinster expulso dos seus estados, pedio soccorro a Henrique II. Não ousou dar-lh'o directamente o soberano inglez, mas permittio aos seus ricos-homens que lhe auxiliassem as pretenções. Primeiro erro de politica fatal á Irlanda. Os auxiliares transformaram-se em conquistadores; isso era de esperar no tempo em que a ambiciosa cobiça nem tentava disfarçar-se com um pretexto. Mas que conquistadores esses! Não era um rei que cingia a corôa do monarcha nacional, mas que deixava tudo o mais no mesmo estado; eram senhores feudaes que tomavam por sua conta o que lhes convinha, que expulsavam os proprietarios legitimos, que dividiam entre si a presa, deixando ao seu monarcha a posse das estradas irlandezas, como o nosso D. João II dizia que seu pae D. Affonso V o deixára soberano das estradas de Portugal.

Henrique II e os seus successores tentaram reprimir estes excessos, e admittir, como iguaes aos seus outros vassallos, os subditos irlandezes. Baldada tentativa. Os cães de filla rosnavam, e a pobre Erin continuou a debater-se nos seus dentes agudos.

D'aqui uma irritação surda entre os conquistados, d'ahi o estabelecimento de duas raças antagonistas, uma a nacional prompta sempre a in-

surgir-se, a outra, a transportada da ilha visinha, com a mão constantemente no punho da espada repressora.

Em 1315 os Irlandezes descontentes proclamam para rei Eduardo Bruce, filho do celebre monarcha escocez Roberto Bruce. A insurreição foi debellada, mas o que fizeram os vencedores? Promulgaram uma lei que declarava os irlandezes inimigos publicos, que prohibia aos filhos da velha Inglaterra, debaixo das penas mais severas, contrahirem com elles allianças de familia, e aprenderem a lingua ou adoptarem os costumes do povo conquistado!

Isto é que era fazer cada vez mais profundo o abysmo, que separando dois povos que se deviam abraçar á sombra d'um throno paternal, que não fizesse differença entre os dois filhos, que celebrasse até, como o velho da parabola, a tornada do filho prodigo.

Correram os annos; travou-se na Grã Bretanha a formidavel lucta da Rosa vermelha e da Rosa Branca; triumphava a de York na Irlanda, ao passo que na Inglaterra a sorte, favoravel á Rosa de Lencastre, fazia subir ao throno Henrique VII.

Este logo tratou de submetter a Irlanda. Conseguio-o, e, apesar de ser homem de tanta capacidade, desvairado pelo odio cego que os seus compatriotas votavam aos Irlandezes, exerceu as vinganças em larga escala. Para punir os rebeldes, punio e por conseguinte exacerbou a nação inteira. Um decreto, conhecido pelo nome de acto de Poyning, por ser o nome do vice-rei da Irlanda n'esse tempo, reformava a constituição politica da velha Hibernia, e o seu parlamento, apesar de ser já composto exclusivamente de inglezes alli residentes, deixou de gosar as prerogativas que o parlamento inglez gosava, foi tratado como um corpo sujeito ao governo, e, se ficou ainda de pé, foi apenas como vão simulacro, como phantasma nullo.

Sóbe ao throno Henrique VIII, espalha-se na Inglaterra o fermento do lutheranismo, e o monarcha tem a habilidade de não combater a torrente da Reforma, que lhe podia desarraigar o throno, e pelo contrario de se pôr á sua testa para lhe dirigir os movimentos. Essa habil politica do cruel esposo de Anna Bolena dá origem ao anglicanismo, seita que assegura á Inglaterra a autonomia religiosa, e ao monarcha a supremacia espiritual sobre o seu povo.

M. Pinheiro Chagas.

(*Continua*)

Quem graça ante o Rey alcança,
E ahi falla o que não deve,
(Mal grande de má privança),
Peçonha na fonte lança
De que toda a terra bebe.

Sa de Miranda.

A GALATÉA MODERNA

XIII

D. Violante á baroneza do Alpedral

Tens mil vezes rasão, ó minha querida. Quanto te agradeço, porque me guiaste os passos incertos na senda da vida!

Libertei-me hoje. Quebrei os grilhões da escravidão. Aventei para longe as algemas ignominiosas com que eu mesma (quão louca era!) me estava arroxeando os pulsos!

Não! Não quero amar. O amor é a escravidão. O amor é o sorriso entre as dôres. Amar! Mas porque motivo havia eu de assignar a propria condemnação! Dei um grande passo!

Sentia que cedo amaria Alfredo! Oh! Amo-o já como uma louca! Quando o vejo, parece-me que me estou mirando em um espelho magico, tantos são os encantamentos, taes as visões, que correm perante meus olhos fascinados! Quando me elle contempla, o seu olhar é cristallino, limpido, diaphano, enleia-me, cega-me, leva-me a alma para brincar com a d'elle em umas regiões tão puras, tão serenas, que eu fico-me triste, pobre argila! que ás vezes se refende com o calor subito, que me acode ás faces.

Outras vezes ponho-me a scismar n'elle, e o seu rosto um pouco magro e macillento, a um tempo sereno e agradavel, com as rugas do pensar, apparece, surge e aproxima-se tanto do meu que lhe sinto o halito queimador. Mas os olhos não lhe rebrilham. São amortecidos e tristes. Os labios agitam-se frementes e pronunciam: *amor ou deshonra*; e um riso melancolico volteia, como que se anima e toma corpo; depois entranha-se nos meus labios e eu sorrio-me tambem tão triste, tão triste, que repito: *amor ou deshonra.*

E o rosto delle vae-se aproximando lenta e fatalmente; o olhar é meigo; sinto afinal um beijo que echoa como um suspiro, como um soido longinquo cheio de harmonias ignotas.

Accordo de repente. Afugento a visão. Palpo, olho, escuto. Estou só. A alma é que anda por lá, com a delle, a brincarem não sei aonde, em algum raio da lua.

Succedem-se estas visões. Por toda a parte vejo a sombra d'elle, que me segue e me conturba os meus mais intimos pensares. Se o vento geme angustioso, se o ribeiro solta a sua eterna toada tão monotona pelo cyprestal, cuido estar ouvindo a voz de Alfredo.

A imagem delle enche o espaço. Olha. No outro dia, vinha a romper a manhã. O sol começava de beijar as grimpas e os passarinhos entoavam os seus quebros de alegria e festa. Eu já estava accordada; mas sentia tanto prazer em pensar nelle, deitada no meu alvo leito! Que loucuras eu imaginava! Toda enroscada, sentindo um calor vital a escoar-se-me pelas veias, com os braços cruzados sobre o peito, que arquejava, olhos meio cerrados, rosto immovel, vendo a minha imagem confusa no meu velho espelho de Veneza, que mal se illuminava com a semi-escuridade do quarto!

E eu pensava nelle. Dizia-me o coração que elle, só elle me poderia dar um paraiso de felicidades e venturas.

Cuidava abraçal-o, e apertava os braços. Continha a respiração por melhor sorver a delle. Cravava os meus olhos nos seus. Estava trémula. Porque? Oh! Isto é amor, dizia comigo. Eu amo-o, quero amal-o.

De repente não sei que subita tristesa me annuveou. Não sei. Mas de pouca dura foi. Um raio de sol, travesso como um diabrete zombeteiro, cu-

rioso como um sylpho, entrou por uma fenda, todo luminoso, offuscador, guapo e brincão.

Os corpusculos começaram a saltar, como se ouvissem alguma musica desconhecida. Foram-se alinhando todos até formarem um renque de luz. Ora desciam, ora subiam, cruzavam-se, expandiam-se, quedavam subito, logo saltitavam phreneticos ou caminhavam pensativos e melancolicos. Era um mundo com todos os seus vae-vens, afestoado de galas. Entrou depois outro raio do sol, e logo outro, mais outro e mais outro. O meu quarto parecia uma vasta colmêa d'onde saiam aquellas abelhas luminosas. Eu era a fada d'aquella mansão mysteriosa cheia de luz recatada, cheia de amores travessos, cheia de vida muda.

Mas um raio, mais travesso e curioso, acertou de cair no meu regaço. Fascinou-me logo; sentí não sei que mundo de idéas e sensações turbidas e confusas. Como elle brincava no meu peito candido! Como elle me aquecia! Como me infundia pensamentos ignotos! Ora volteiava rapido e parecia sorver-me o sangue do coração, que batia soffrego; ora subia e descia alternativamente com o meu arquejar. Parecia-me estar vendo Myriades de olhos curiosos e maganos, que me contemplavam amorosamente.

E o raio dizia-me: Tu amas, ó donzella, e eu quero furtar-te o primeiro anceio! quero beijar-te; quero retingir-te de cores da aurora o limpido azul do teu pensar. Toda a noite te espreitei d'aquella janella, enviado pela lua. Não sabes como soffria. Queria-te acariciar e não podia. Quando o vento soluçava e empurrava as portas, mettia-me logo pelas fendas para te vêr. Agora sim; quero beijar-te, quero ser feliz. Quero fundir e derreter com o meu calor, o gelo do teu coração. Deixa-me cair sobre elle, bem a prumo. Como elle bate! como freme lá dentro, no peito. Mais depressa, pobre coração! Aquece-te, derrete esse gelo, que te angustia e entorpece. Ama, ama, bate por mim, que sou a alma de Alfredo, que aqui venho aninhar-me.

E como se o raio fallasse verdade, e o gelo se fundisse, assomaram-me as lagrimas aos olhos. Chorei, chorei, mas o raio brincava, ria e dizia-me: Chora, louquinha, que esse pranto é o gelo do teu coração que se funde.

Passado pouco accordei d'aquelle encantamento. Era outra. Amava Alfredo. Mil vezes estive para lh'o dizer, se meus olhos não lh'o houvessem dito tantas vezes.

E elle confessava-me que morria por mim.

Foi então que eu tracei estas linhas, que te mostram o estado da minha alma:

« O que é o coração! Se alguem podera sondal-o, que de abysmos lá encontrara. Sinto-me transformada, não me conheço. Parece-me que alguma fada me tocou com a sua varinha magica. A alegria e a tristesa succedem-se mil vezes por dia no meu coração. Vivo em enlevo perpetuo; o que ora penso é destruido pelo que sobrevem passado um minuto. A imaginação divaga desenfreada; a phantasia percorre os intermundios; a alma ora se confrange ora se dilata. Não sei o que sou, nem o para que nasci. Chorar e rir é o meu estado, e ás vezes choro e rio ao mesmo tempo. Oh! isto é amor? E este amor é a minha desgraça!

«Amo Alfredo, e devo confessar-lho? Terei forças para isso? Eu, que fui para com elle tão fria e marmorea, julgando que o amor póde calcular, eu, que a cada passo o fazia tropeçar nas realidades da vida, para o acerar na lucta, mostrando-lhe difficuldades invenciveis, que o chamassem e prendessem. Que *misera gladiadora* sou eu! Afinal fiquei ferida na lucta, com as armas que forjára. Não sei se comprehendes bem o meu estado. A cabeça e o coração levam-me para o mesmo fim por meios diversos. Comecei a pensar no futuro, que a sorte me presagiava. Sopezei o immenso fardo da pobreza arrastada por estas brenhas, ignota, esquecida, sem horisonte, sem gosos, sem vida de espirito, sem luz, sem calor. Que castigo, santo Deus! De que me servia o coração, se havia de viver sempre comprimido. Affagos hediondos não os quero nem os desejo. A clausura affigura-se-me um purgatorio cheio de tormentos e suspiros abafados. A vida domestica sósinha fôra impossivel depois da morte de meu pae. Que fazer? O que me restava? Direi com Ernani: o tumulo? Perante a sorte inevitavel será este o unico remedio, porque é o esquecimento eterno? Quando em vida o coração se transforma em vaso de fel, a morte não é um bem?

Ajunta a isto o meu natural pendor para o mundo, e minha galanteria que libei no berço, uma sensibilidade prematura exacerbada pela desgraça e que chega a tornar-me invejosa de ti e de tua posição, e terás o quadro succinto dos tormentos que soffro todos os dias. Por isso, arrastada por uma força superior, involuntaria, sem consultar o coração e nem mesmo a cabeça, tornei-me *coquette*, galanteadora para com Alfredo. Horrendo crime, bem sei. Mas o que queres. Assim estava escripto, assim o quiz o meu destino. Se o coração ficasse mudo, podera envergar a tunica virginal, coroar-me com as flores de larangeira, jurar fidelidade a Alfredo junto do altar, e gosar depois a vida. Fora mais uma perjura entre as muitas que por ahi pompeiam o seu sudario! Fôra mais uma criminosa? Para isso estava preparada, apezar dos meus dezoito annos, tão ruim é o fermento da pobreza.

«Mas, ó mil vezes louca, porque não consultei o coração, todos os planos me sairam baldos. O coração vingou Alfredo. Sinto que o amo, e este amor é o meu castigo, é o punhal que me dilacera as entranhas, é o veneno, que me corróe e requeima. Se o abandono para sempre, que horrivel sacrificio! Se ligo o meu destino ao delle, e confundimos as nossas almas, que castigo! Fica sempre com o remorso do meu crime; fôra arrastar perpetuamente a cadêa do forçado. As suas caricias seriam maldições, os beijos dos filhos reclamariam vingança, o remanso do lar não me apetecêra, e sollicitada eternamente já pelo amor já pela galanteria estaria mal em toda a par-

te, porque a galanteria só póde existir sem amor. Quem ama, idolatra. Mas se intento esquecel-o, que de angustias tremendas! Que pavorosas recordações, em toda a minha vida! Ah! se eu tivesse nascido pobre, como eu poderia entregar-me a Alfredo! E se eu não perdesse a terrivel sede do baile e da vida doirada; se eu podesse encerrar-me no meu velho solar, offertando o meu seio para que Alfredo repoisasse!...

Mas tudo isto é impossivel. O suicidio! Se eu fosse forte, se eu podesse tragar o veneno, como a morte me seria doce! Taes eram as angustias que eu soffria. E cada vez amava mais, e maior era o meu tormento.

Um dia pediu-me Alfredo uma confissão. Queria pedir-me. Não me atrevi a negar-lh'a. Fingi-me tão isenta, tão fria, que a voz delle tremia. Resolvi apresentar-me tardiamente; não como uma pastorinha caprichosa, que não quer amar, mas como uma dryade, que não póde amar um homem. Mas eu sentia que havia de render-me porque o amava.

Salvaste-me então, ó querida baronesa, com a tua carta. Disseste-me:

«Tu és como a Galatéa antiga. Formosa como ella, sê como ella isenta. Não fujas para os bosques, vem para as salas. Quem tem o coração preso não póde walsar nem requeimar-se nos lumes do baile. Deixa que o pyrilampo bruxuleie na campina; tu és uma estrella. Vem brilhar na constellação. O amor é um oceano de tormentos.»

E eu disse:

«Não, jámais amarei Alfredo, porque a minha pobresa requestou o seu oiro. E quem sabe se algum dia me lançaria nas faces o opprobio da minha miseria?»

E tu proseguias:

«Não ha homem, que valha a jura eterna de uma mulher formosa, como tu. Não te vendas, nem te entregues. Conquista uma posição. E já a tens. Brevemente vou levar-te o teu noivo. É um mancebo rico, que está perdido de amores por ti. É um parente meu.»

Quando cheguei a este ponto senti uma suffocação! Deixar Alfredo! Conheci que não podia amar outro. Mas repeti logo:

«O amor é um oceano de tormentos. Serei a Galatéa. Fugirei para as salas.»

E agoro, que a noite vae alta, e que escarneci de Alfredo lançando-lhe aos pés o coração que me offerecia, fiz um pacto comigo mesma. Quero conquistar uma posição. Mas ninguem ouse procurar o meu coração, que encontra o vacuo. Não ha musica de amor, que o faça bater, porque no vacuo não ha sons.

O coração levou-m'o Alfredo.

O mundo! o mundo! Oh! vem, vem, querida baronesa.

A pobre e gentil Violante quer ser viscondessa.

Ah! se eu não fosse pobre! Se eu não tivesse o orgulho do anjo caido!

Recebe um beijo da tua *Violante.*»

A. O. DE VASCONCELLOS.

UMA OBRA DO SECULO IX

Justino Maior, reinou VIII annos. Partidario do Synodo Calcedoniense abjurou a heresia dos Acéphalos.

10. Justiniano, reinou XXXIX annos. Pondo-se á frente dos Bispos, partidarios do concilio de Calcedonia, condemna a heresia dos Acéphalos. Os vandalos são destruidos em Africa pelo patricio romano Belisario. Tambem Adryla, Rei dos Ostrogodos, é vencido na Italia por Narses, patricio romano. Atanagildo, tyrannisa em Spania o imperio de Agilano. Pelo mesmo tempo, o corpo de Santo Antonio Monge, encontrado por divina revelação, é levado para Alexandria e enterrado na igreja de S. João.

Justino Menor, reinou XI annos. Este destruio tudo o que tinha feito pelos adversarios do concilio Calcedoniense, e mandou que o povo cantasse o psalmo CL ao tempo do sacrificio da missa. Então foi que os Armenios abraçaram a lei de Christo e floresceu Martins, Bispo de Bracara, que por sua prudencia converteu os Suevos de Galecia ao catholicismo.

11. Tiberio reinou VII annos. Os Longobardos, repellidos de Roma, invadem a Italia. Os Godos, divididos em partidos por Hermenegildo, filho do rei Leovigildo, destroem-se e matam-se mutuamente

Mauricio, reinou XXI annos. Os Suevos são dominados e submettidos por Leovigildo, Rei dos Godos, e estes convertem-se á Fé Catholica por meio do piedosissimo Recaredo, seu Rei. N'aquelle tempo floresce o esclarecido Leandro, Bispo Hispalense, que contribuio para a conversão da Nação Goda.

Focas, reinou VIII annos. Alevantado Imperador por uma sublevação militar, deu a morte a Mauricio Augusto e a muitos nobres. Tambem os Persas moveram grandes guerras á Republica, e venceram os Romanos.

12. Herculio, reinou XXVII annos. Os Esclavonios entregaram aos Romanos a Grecia, e os Persas a Syria e o Egypto. Em Spania, Sisebuto, Rei dos Godos, apoderou-se de varias cidades que ainda possuia o exercito Romano, e converteu á lei de Christo seus vassallos judeus. Tambem fundou em Toledo uma admiravel igreja dedicada a Santa Leocadia. Depois, o Principe Suintila, acabou de repellir do reino os Romanos; e com uma pequena victoria, assenhoreou-se de toda a Spania. Tambem durante o imperio de Heraclio tiveram por Soberanos os Godos a Suintila e Chintila.

Constantino, reinou IX annos. Em seu tempo reinaram em Spania por IX annos tambem Tulga e Chindasvinto, um após outro.

13. Constante, reinou XX annos. Então, Recesvinto, governou em Spania por espaço de XX annos, e sobreviveu-lhe III.

(Continua)

Typ. Franco-Portugueza, Rua do Thesouro Velho, 6.

O ocelote e o rimau-daham

O grande genero Gato (*Felis*) de Linneu e de Cuvier, constitue, nos methodos actuaes, uma das familias mais importantes da ordem dos Mammiferos carnivoros. Esta familia, chamada *Felina*, compõe-se, effectivamente, de especies destinadas por sua organisação a viverem de presa ainda mais exclusivamente do que os Cães. Estes animaes são, de todos os Carnivoros, os que possuem armas mais fortes. Distinguem-se de todos os outros pelos dentes e pelas unhas, e são os unicos que teem quatro mollares na maxilla superior e tres na inferior, e além d'isso, em cada uma destas mais seis incisivos e dois enormes caninos. Quando o animal une as maxillas, os angulos de todos os dentes encontram-se e resvalam um sobre o outro como se foram tesouras bem afiadas.

Depois, as maxillas são curtas, solidas e movidas por musculos poderosos. É o desenvolvimento destes musculos e da arcada zygmatica sobre a qual se inserem, que dá á cabeça de todos os Gatos essa largura tão caracteristica, e ao focinho a forma arredondada que toda a gente nota. As unhas destes animaes não constituem armas menos formidaveis que os dentes: a natureza, por um mechanismo particular, dispol-as de modo que se não podessem gastar nem enfraquecer, como acontece ás dos outros Carnivoros. A phalange angular prende-se por sua face dorsal a um ligamento que a mantem habitualmente levantada, sem que o animal empregue para isso o menor esforço, de sorte que a unha jámais roça pelo solo. Mas quando o animal quer agarrar e rasgar uma presa, contrae os musculos flexores das phalanges e faz saír as suas unhas agudas. Desde o momento que cessa a contracção voluntaria, estas armas levantam-se naturalmente e escondem-se entre os dedos. Esta disposição, que é exclusivamente propria dos Felinos, designa-se pela expressão *Unhas retracteis*. Os seus dedos são em numero de cinco em os pés dianteiros e de quatro nos trazeiros. As patas são guarnecidas de roletes espessos e elasticos, o que muito contribue para que o andar destes animaes seja brando e silencioso.

Os Felinos são os mais carnivoros de todos os

Mammiferos. Apesar do seu prodigioso vigor e das fortes armas de que são providos, attacam raras vezes de frente os outros animaes; a manha e a astucia dirigem todos os seus movimentos e presidem a todas as suas acções. Andando sem fazerem ruido, chegam ao lugar onde contam encontrar uma presa; approximam-se, rojando-se, da sua victima, conservam-se silenciosos em observação, sem que nenhum movimento os denuncie, e esperam o momento propicio com uma paciencia incrivel; depois, arremessando se de repente, cáem sobre ella, rasgam-na com as agudas unhas, e ali cevam por algumas horas o seu sanguinario appetite. Quando estão saciados, retiram-se para o centro do dominio que escolheram para seu imperio. Ali, adormecem profundamente, e esperam que uma nova necessidade os force a voltar á caça. A vista destes animaes não parece ter um grande alcance; mas vêem tão bem de dia como de noite: a pupilla contrae-se e dilata-se segundo a quantidade de luz. Entre as especies cujos habitos são mais particularmente nocturnos, a papilla, contraindo-se, forma uma fenda vertical; entre as, que, pelo contrario, se pódem chamar diurnas, a pupilla conserva sempre a forma de um disco. O sentido do ouvido é muitissimo delicado, o que resulta da mobilidade da orelha externa, da grandeza da sua abertura, do desenvolvimento que apresentam a membrana e a cavidade tympanica. Os Gatos percebem sons absolutamente inapreciaveis para nós, e é pelo ruido dos passos da presa que elles se dirigem em sua procura. A pouca extensão do nariz não permitte a estes animaes o terem um olfato muito fino. O sentido do gato parece igualmente pouco desenvolvido, talvez por causa das papillas corneas que apresenta a superficie da lingua: assim os felinos mais depressa devoram do que comem. Seguram a presa entre as patas dianteiras e bebem lambendo. Enterram cuidadosamente os seus excrementos, receiando que o cheiro activo que exhalam denuncie o retiro. O tacto de toda a superficie do corpo é muito sensivel; mas, sobretudo, acha-se desenvolvido nas barbas. A voz nas grandes especies, é um som rouco, muito forte, que muda, nas pequenas, no que nós chamamos *miado* ou *miadura*. O cerebro dos Felinos é pequeno relativamente ao corpo, e não apresenta, sobre cada hemispherio, senão duas rugas longitudinaes. No estado selvagem manifestam uma intelligencia muito mediocre; assim, fallando com propriedade, não os caçam: atacam-nos aberta ou traiçoeiramente. A desconfiança parece ser o signal mais pronunciado do seu caracter, e o que apresenta mais obstaculos quando se pretende domestical-os. Todavia, quando a necessidade os obriga a receber o sustento de mão estranha, o habito acaba por fazel-os confiar no individuo, e leva-os, até, a tornarem-se animaes domesticos. Neste caso, então, desenvolve-se-lhes a intelligencia a ponto de apresentarem resultados completamente inesperados. As femeas geralmente tratam os filhos com muita ternura; os machos, porém, com especialidade no estado selvagem, são os mais crueis inimigos da sua progenie. Quem tiver estudado com attenção um gato domestico póde fazer uma ideia da physionomia, da forma e dos costumes dos outros Felinos. Todos, como este, teem a cabeça redonda, grandes barbas, pescoço espesso, corpo allongado, mas estreito, que pódem ainda comprimir em caso de necessidade, dedos mui curtos, patas fortes, pouco elevadas, especialmente as anteriores, cauda, em geral, grande e movel. Não ha animaes cujas formas e articulações sejam mais arredondadas, e cujos movimentos sejam mais destros e agradaveis. Andam vagarosamente e com precaução, e dobrando as pernas posteriores appoiam-se mui facilmente sobre ellas e fazem uso dos seus membros, sobretudo das patas dianteiras, com uma destresa e graça admiraveis. A maior parte dos Felinos trepam com muita facilidade; mas a sua carreira não é muito rapida. Estes animaes, geralmente, teem um pello muito macio, e por isso as suas pelles são objecto de um grande commercio em varios paizes.

No que diz respeito a physionomia, forma, costumes, e estructura anatomica, poucos grupos naturaes existem em zoologia tão claramente caracterisados como o dos Felinos: assim é mui difficil estabelecer neste grupo divisões genericas. Não obstante, hoje os naturalistas dividem a familia Felina em tres generos: *Gato* propriamente dito *(Felis) Lynce (Lynx)* e *Guepardo (Guepardus* ou *Cynailurus.)* O primeiro destes generos apresenta todos os caracteres que expozemos como proprios da familia dos Felinos. As especies que constituem o segundo distinguem-se exteriormente pela quantidade de pello que se sobrepõe ás orelhas; mas differem dos proprios Gatos pela ausencia do molar anterior. O Guepardo offerece por caracter essencial o não ter as unhas retracteis.

Qualquer destes tres generos comprehende um grande numero de especies, todas ellas mais ou menos importantes, e cuja minuciosa descripção offereceria, certo, ao leitor, grande interesse. O nosso trabalho, porém, já vae longo; por hoje limitar-nos-hemos a fallar das duas especies pertencentes ao genero Gato propriamente dito, cujos desenhos acompanham este artigo.

O Ocelote *(Felis pardalis)* chamado tambem *Macaraga* e *Chibiguazu*, parece ser um dos mais sanguinarios animaes do seu genero. Habita na America meridional e particularmente no Paraguay. Tem, pouco mais ou menos, um metro de comprimento e a cauda regula por quarenta centimetros. As pernas são um pouco curtas e o corpo, embora maior que o da raposa, não obsta a que trepe com muita facilidade ás arvores, onde ordinariamente procura guarida quando se vê perseguido. É dotado de grande crueldade, mas cobarde e foge quando desconfia que o querem atacar. Durante o dia dorme nas matas espessas e só de noite sae do seu esconderijo para ir á caça dos passaros, dos macacos e outros pequenos mammiferos. A pelle deste animal é uma das mais

lindas que se conhecem: o fundo cinzento claro com listas muitissimo regulares de um cinzento mais carregado e bordadas de preto; em todo o comprimento do lombo estende-se uma linha igualmente de um cinzento escuro, parallelas com a qual e symetricas se vêem as listas dos lados; e a cauda é tambem guarnecida de anneis desde a raiz até a extremidade. As cores das femeas não são tão vivas nem tão brilhantes como as dos machos, comtudo o seu aspecto não é feio.

O Rimau-Dahan

O Rimau-dahan (*Felis macrocelis*) é, sobretudo, notavel pela cauda grossa e lanuda, que fez com que Harsfield lhe désse o nome de *tigre com cauda de rapoza*. Habita nas ilhas de Bornéo e de Sumatra, e apesar de feroz e carnivoro por natureza domestica-se mui facilmente. Este animal tem noventa e sete centimetros de comprimento, não comprehendida a cauda, que conta approximadamente oitenta e seis. A cabeça é pequena em relação ao tamanho do corpo. A pelle umas vezes é de um cinzento claro, outras parda; tem grandes malhas orladas de preto por todo o corpo e no dorso em todo o comprimento dois riscos pretos mui lustrosos. Encontram-se quasi sempre sobre as arvores onde, parece, passam uma grande parte da vida. Sustentam-se mui facilmente.

MARSELHA

(Continuação)

No decimo sexto seculo, Marselha, fervente catholica, declarou-se pelos duques de Guise, e assignou o acto de união; as suas bandeiras uniram-se ás do duque de Saboia e dos Hespanhoes, auxiliares da Liga. Alguns gentis-homens quizeram pronunciar-se contra esta união; mas o povo, sob o seu primeiro consul Casaulx, saudara o principe, defensor de sua crença e das immunidades municipaes. Comtudo alevantaram-se algumas duvidas entre o consul Casaulx e o duque de Saboia, sobre os privilegios da cidade; os Marselheses nunca poderam soffrer que uma guarnição offensiva penetrasse dentro dos muros da sua republica, e, quando por surpresa o partido dos gentis-homens se apoderou do mosteiro de S. Victor, Casaulx mandou immediatamente assestar uma quantidade de canhões contra as altas muralhas da abbadia, porque a cidade queria defender os seus direitos e a sua liberdade religiosa. Depois da entrega de Pariz a Henrique IV, Marselha conservava-se ainda a favor da Liga; mas um soldado, por nome Pedro de Libertat, vendeu a cidade ás gentes do rei. Em vão Casaulx, rodeado da sua tropa, percorreu as praças e ruas; um dos soldados da conjuração gritou a Libertat: «Capitão, eis o consul Casaulx.» A estas palavras Libertat corre sobre o seu adversario e atravessa-o com a espada. O infeliz consul succumbio logo aos golpes dos amigos de Libertat. Então, Bernardo, Presidente dos parlamentarios, saío de casa, armado de uma lança, levando um lenço branco em o chapéo, e gritou pelas ruas: «Viva o rei Henrique quarto, nosso legitimo soberano!» Immediatamente se formaram grupos, e Libertat correu a abrir as portas da cidade ao exercito real, que, deste modo, tomou posse de Marselha em nome do Bearnez. Na escada principal da casa da Camara vê-se uma estatua de Libertat, coberto com a sua armadura, tendo a mão sobre o punho da espada.

Marselha gosou sempre de privilegios que lhe foram tirados por Luiz XIV; revoltou-se contra a auctoridade soberana debaixo do mando de Glandevés de Niozelles, e só em 1660 se submetteu. Então o fim das agitações da Fronda e da guerra exterior dava grande energia á realeza. Luiz XIV, dirigindo-se aos Pyrenéos para effectuar o seu casamento com a infanta Maria Theresa, percorreu o territorio do meio-dia na qualidade de verdadeiro conquistador e soberano senhor. Fez a sua entrada em Marselha com toda a rudeza da conquista. A velha republica dos condes de Provença, essa rica cidade, cheia de confrarias, congregações e officios, dera demasiadas provas de independencia para não soffrer um dia o castigo. Luiz XIV não quiz entrar pelas portas antigas; fez uma larga brecha na muralha, e entrou armado da cabeça até os pés, como um vencedor que quer humilhar uma cidade vencida. Quando se fez notar ao rei essa multidão de quintas que engrandeciam e embellesavam a cidade dos Phoceos, Luiz XIV exclamou de um modo zombeteiro: «E eu tambem quero ter as minhas quintas!» E fez construir á entrada do porto, sob a invocação de S. João e de S. Nicolau, duas grandes fortalezas, cujos canhões estavam dirigidos contra a cidade, para mantel-a obediente e comprimir o seu espirito municipal. O rei supprimio o consulado e substituio-o por dois vereadores e um assessor. A submissão da opulenta republica de Marselha foi o fim do systema communal, livre, poderoso, da vasta associação das confrarias.

De todas as cidades de França, Marselha é aquella onde a peste, em differentes épocas, tem feito mais estragos; a mais memoravel, a mais terrivel, a *grande peste*, fez-se sentir em 1720: foi ali levada por um navio marselhez que chegára de Tripoli e de Chypre. Marselha foi então theatro de scenas as mais horrorosas, e conservou sempre nos seus annaes o nome do bispo de Belzunce e da sublime dedicação deste homem, que por amor do perigo que ameaçava as suas ovelhas vendeu toda a mobilia, deu todo o dinheiro que possuia, e corria as ruas quasi desertas da cidade animando e soccorrendo todos. Esta epidemia cessou em novembro; mas dois annos mais tarde appareceu com um caracter menos violento, é verdade, mas que, todavia não deixou de ser funestissima e de espalhar o terror por toda a Europa, que só passado um anno poude ver aquella cidade tranquilla, e abrir novamente as portas do seu commercio. Desta época em diante, o regimen sanitario, foi submettido a regulamentos severos, e embora o contagio se tenha mostrado doze vezes no Lazareto, de 1741 até nossos dias, com as precauções que se tem tomado, tem sido sempre abafado.

Depois de um tal desastre, Marselha enfraqueceu muitissimo; não obstante, quando a revolução, na qual tomou parte quasi ao mesmo tempo que Pariz, rebentou, a cidade dos Phoceos caminhava já a passos gigantescos para o mais elevado gráo de prosperidade. Sob o imperio, Marselha mostrou-se descontente; o seu commercio diminuio; só com a restauração readquirio a sua antiga importancia. As reacções de 1815 formam o mais triste quadro da historia desta cidade; havia ali odio contra Napoleão e contra o despotismo imperial: as classes medias, esse povo de marinheiros ajoelhados diante da imagem da Virgem quando a tempestade se fazia ouvir, a multidão fluctuante de Genovezes e de Catalães, tudo isto dava uma força brutal e fanatica aos projectos das assembléas. A insurreição rebentou em 25 de junho. Era um domingo; a população ociosa enchia os templos. De repente espalha-se o boato do desastre de Waterloo; as massas exasperadas percorrem as ruas, chegam tropas do campo. O general Verdier, que governava o departamento, assustado com o gesto ameaçador do povo, deixou Marselha com as suas tropas na noite d'esse mesmo dia, e dirigio-se a Toulon. Começaram então as desordens. A carnificina durou toda a noite e toda a manhã do dia 26. Tudo quanto pertencia ao exercito era perseguido com frenesi e assassinado. Alguns refugiados mamelukos, restos da campanha do Egypto, receberam igualmente a morte; suas mulheres e filhos, sem dó, sem commiseração, foram degolados no porto, para onde estes infelizes haviam fugido, para se occultarem ao furor dos seus verdugos. A maior das victimas foi um homem honrado, intelligente e de grande instrucção: uma notabilidade de Marselha, M. Anglés. Fôra amigo dedicado de Massena, Barras e de muitas summidades da republica e do imperio, e regressara á sua terra natal depois de haver servido em Italia na qualidade de prefeito militar. Este homem socegado, inoffensivo, foi arrastado para uma cavallariça que ficava por detraz da sua habitação, e ali, trespassado de mil golpes, acabou a sua peregrinação na terra; a mãe da victima ouvia-lhe os gritos.

(*Continua*)

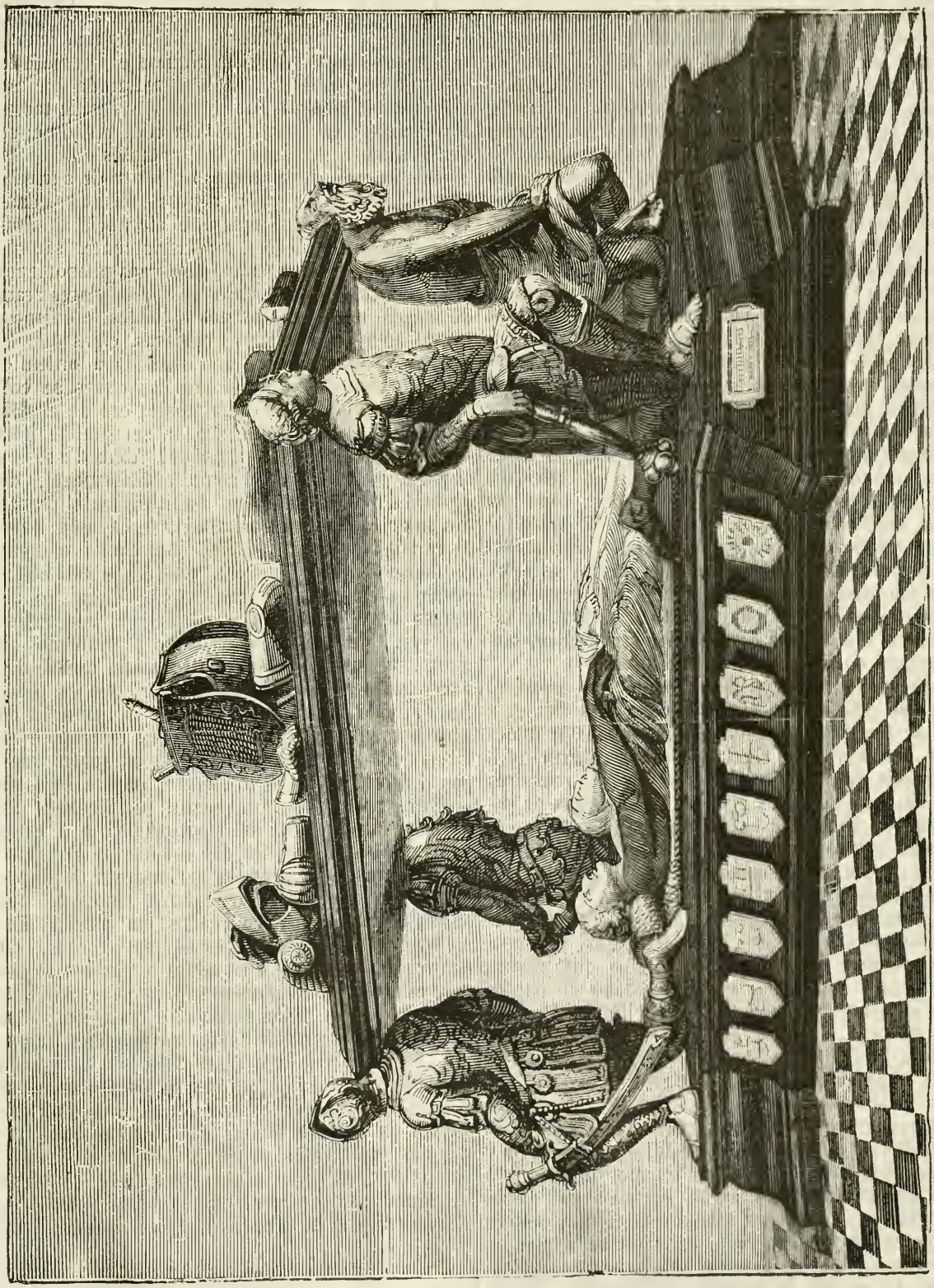
O TUMULO DE ENGELBERTO

Em todos os tempos e entre todos os povos existio sempre o uso de erigir aos mortos monumentos funéreos; e tambem, em todas as épocas e em todos os lugares, as sepulturas foram sempre cercadas de um grande respeito religioso que fazia considerar a sua violação um dos mais execrandos crimes. Estes factos são seguramente um testemunho incontestavel da crença universal dos homens na immortalidade da alma, ¿porque, de que serve honrar os mortos, se nada resta d'elles depois que a vida abandona o corpo? Ainda mais; entre muitas nações da antiguidade, como ainda hoje entre as tribus selvagens da America e das ilhas do mar do sul, acreditava-se que os mortos tinham na outra vida os mesmos desejos e os mesmos habitos que na terra. Por consequencia, havia o cuidado de collocar ao lado dos cadaveres os objectos que haviam sido mais queridos dos vivos, e é a este uso que se deve uma grande parte das riquezas archeologicas que encerram os museus da Europa. Depois, nota-se a maior diversidade nos monumentos funéreos, segundo o estado de civilisação, de riqueza e de luxo a que chegaram os paizes onde foram elevados. Em quanto uns são de uma extrema simplicidade e consistem unicamente em um montão de terra ou de pedras elevado sobre o despojo do morto, outros consistem em excavações praticadas no solo ou nos flancos das montanhas. Alguns, emfim, compõem-se de construcções mais ou menos consideraveis, nas quaes a architectura e a esculptura mostram todos os recursos da arte contemporanea, como o que se acha reproduzido na gravura que acompanha este artigo.

Antes, porém, de entrarmos na descripção deste monumento, não achamos muito desacertado dizer alguma cousa com relação aos monumentos funebres antigos.

Ha toda a razão para crer que entre todos os povos as primeiras sepulturas consistiram em simples montinhos de terra ou de pedras, que os archeologos chamam *tumulus*. Existem sepulturas d'este genero em todas as partes da Asia, da Europa e da America. Algumas vezes a base do monte facticio era rodeado de pedras afim de sustentarem a terra. É o que se vê, por exemplo, nos tumulos da planicie de Troia, na Asia menor, que se suppõe terem sido erigidos sobre as ossadas dos heroes da Grecia mythica, Achilles, Patrocles, Ajax, etc. O mesmo succede com alguns dos tumulos dos povos celticos. Nos paizes occupado, por esta antiga raça, encontram-se ainda em grande numero monumentos funéreos d'esta classe.

Os antiquarios inglezes dão a estes tumulos o nome de *Barrows*; outros archeologos denominam-nos *Galgals*, *Tombelles*, *Buttes*, etc. Ordinariamente teem a forma de um cone, ora troncado, ora arredondado no topo; algumas vezes, porém, o seu plano é o de uma ellipsoide. Estes tumulos encontram-se ou isolados ou em grupos. Os mais pequenos não excedem um metro de altura; os



O tumulo de Engelberto na cathedral de Bréda

maiores attingem trinta metros: tal é o de Tumiac, perto de Sarzeau, que tem trinta e dois metros de altura perpendicular e cento e vinte de redondo.

Suppõe-se que as dimensões d'estes tumulos variavam na razão da importancia do personagem sobre os restos do qual foram estabelecidos. Os tumulos circulares não encerram, a maior parte das vezes, mais que um cadaver, o qual occupa o centro da construcção. Os que são allongados, pelo contrario, foram destinados a receber um certo numero. Estes ultimos apresentam algumas vezes galerias subterraneas formadas de grandes pedras brutas e divididas em muitos compartimentos. Estes grupos parece, pois, representarem verdadeiros ossarios, e suppõe-se que foram fundados para nelles se sepultarem os homens mortos em batalha. Entre os tumulos, que pertencem a esta cathegoria citaremos o de Fontenay-le-Marméon, no Calvados. É de forma elliptica e contém dez covas principaes cada uma das quaes conduz a uma serie de compartimentos funéreos. Em todos estes tumulos, a não ser que já de lá os tirassem, encontram-se armas, utensilios e outros objectos que nos dão a conhecer o estado da industria gaulesa nas epocas remotas ás quaes remontam estes monumentos. As populações celticas punham tambem algumas vezes os cadaveres em buracos praticados na rocha, bem como em uma especie de sepulchros formados de lageas e a uma pequena profundidade do solo. Em certas occasiões contentavam-se com o enterrar os mortos em covas pondo-lhes apenas por cima uma pedra simples. Por toda a parte se encontram sepulturas d'este genero, dispersas sem ordem, nas planicies ou nos flancos das collinas.

As sepulturas egypcias eram de tres especies. As que estavam isoladas eram tumulos de terra ou de tijolo, ou pyramides. Sabe-se que as famosas pyramides de Gizeh foram levantadas para servirem de ultima morada aos reis, aos membros de sua familia e aos grandes personagens do estado. Os Hypogeus ou Syringes, consistiam em vastas excavações feitas nos flancos das montanhas: eram, particularmente, usadas no alto Egypto, porque ali o valle do Nilo acha-se bordado de uma serie de rochedos. Muitos destes monumentos foram visitados em nossos dias, e deu-se ali com uma quantidade de objectos que vieram esclarecer muitissimo uma infinidade de pontos da historia pharaonica. Os mais importantes são os do valle chamado em arabe Biban el Moluk, isto é, as Portas dos reis, e onde foram depositados os restos dos soberanos da decima oitava, decima nona e vigesima dynastia. Geralmente estes hypogeus annunciam-se por uma fachada construida verticalmente no rochedo, mas cuja porta é quasi sempre disfarçada com o maior cuidado. Um ou muitos corredores, alguns cortados por poços profundos, e grandes salas, conduzem á camara funérea ou *camara real*, onde estava o ataude, ordinariamente de granito, basalto ou de alabastro. As paredes da excavação, bem como o tecto, são cobertos de esculpturas coloridas e de inscripções hieroglyphicas nas quaes o nome do principe defunto é repetido muitas vezes. Estas imagens representam ordinariamente ceremonias funebres, a visita da alma do rei defunto ás principaes divindades, suas offertas a cada uma dellas, a sua apresentação pelo deus que o protegia ao deus supremo do Amentkis ou inferno egypcio, e, emfim, a sua apotheóse. Cousa alguma iguala a grandeza destas obras, a riqueza e a variedade dos seus ornamentos. Estas figuras, ainda que em grandissimo numero, são algumas vezes de tamanho natural; as scenas da vida civil misturam-se quasi sempre com as representações funebres; e vêem-se, ali, igualmente, trabalhos de agricultura e industria, a caça, a pesca, batalhas, dansas, moveis de uma riquesa e elegancia admiraveis. Emfim, os tectos, ordinariamente, são revestidos de esculpturas relativas aos phenomenos astronomicos. Os hypogeus dos particulares eram do mesmo modo abertos nos rochedos, e compostos de uma ou de muitas camaras, cujas dimensões e decoração variavam segundo a ordem e teres do defunto, e na ultima das quaes se collocava o ataude. Este, geralmente, era de madeira de sycomoro ou de cedro, e sempre de uma só peça, não incluindo a tampa. Além d'isso era ornado, tanto interior como exteriormente, de pinturas que representam habitualmente scenas funebres e por entre as quaes serpêa uma linha de caracteres hieroglyphicos, offerecendo o nome do defunto. Finalmente, á roda do ataude collocavam-se diversas offertas, vasos, figuras, e algumas vezes modelos dos utensilios, instrumentos, etc., destinados a recordar a profissão do morto. Vêem-se tambem quatro vasos, dentro dos quaes estão as visceras do cadaver, que se pozeram de lado, quando se procedeu á operação do embalsamento. São todos iguaes no tamanho e na forma, que é a de um cone; mas as quatro tampas differem entre si e figuram uma cabeça de mulher, uma cabeça de chacal, uma cabeça de gavião e uma cabeça de cynocephalo: é a estes vasos que os antiquarios dão o nome de *Canopos*.

Só os reis e os grandes personagens do imperio tinham sepulturas particulares. Os corpos dos outros egypcios eram collocados em galerias immensas subterraneas, abertas nas rochas, ou construidas de tijolo, e as quaes os Gregos, e depois os modernos, chamaram *Necropolos*, isto é cidades de mortos. Estes necropolos eram compostos de muitos andares distribuidos em pequenas camaras, e parece que cada casta tinha seu necropolo particular. Os Egypcios não se contentavam só com o embalsamar e sepultar os seus mortos; faziam as mesmas honras aos animaes consagrados aos seus deuses, como os ibes, os crocodilos, os gaviões, os bois, as serpentes, etc. As grutas de Samun são celebres pela immensa quantidade de crocodilos e de mumias humanas que conteem.

(Continua.)

UMA CIDADE DE MADEIRA

Em 1386, o rei de França Carlos VI e seus tios resolveram entrar em Inglaterra com um grande exercito. Nesta época, os Inglezes possuiam Calais, Cherbourg e Brest, e d'ali faziam as suas incursões na Picardia, em Cotentino e na Bretanha, roubando sempre, diz o Religioso de S. Diniz, homens, rebanhos e tudo mais que podiam. Tres esquadras se aprestaram para aquelle fim: uma em Treguier e Saint Malo, pelo condestavel de Clisson; outra em Harfleur, pelo almirante João de Vienna, e a terceira na embocadura do Somme, por Saimpy. Ao mesmo tempo, o duque de Borgonha ajuntava em Ecluse um exercito que o proprio rei devia commandar. Este exercito compunha-se, pouco mais ou menos, de cem mil homens, Francezes, Saboianos e Allemães. Os navios, dos quaes muitos foram alugados por enormes sommas aos Hollandezes, á Prussia e á Hespanha, elevavam-se a mil trezentos e oitenta e sete, não contando as frotas da Picardia, Normandia e Bretanha.

As naus, diz M. Puiseux, estavam preparadas com tanta sumptuosidade como se fossem para uma festa. Por toda a parte não se via senão pinturas e brasões d'armas. Nas extremidades dos mastros fluctuavam grandes bandeiras de seda, das quaes algumas eram bordadas a ouro e prata. As vélas eram de côres.

O senhor de Tremoille dispendeu só com a pintura da sua nau perto de duzentos contos de reis. A do duque de Borgonha eclypsava todas as outras. O exterior era todo azul e ouro. Nos mastros viam-se desfraldadas cinco bandeiras immensas com as armas de Borgonha, do Franco-Condado, d'Artois e de Rethel. Havia, além d'isto, quatro pavilhões e tres mil estandartes onde se lia a divisa do duque: «*Il me tarde.*» Esta divisa repetia-se em todas as vélas, em letras de ouro rodeadas de margaridas de prata.

Todos os cáes do Ecluse estavam apinhoados de gente de todas as condições, para gosarem deste grandioso espectaculo.

Mas a maravilha da expedição, era uma grande cidade de madeira fabricada de antemão nos portos francezes, sob a direcção do condestavel. Era composta de peças que se adaptavam, uniam e separavam facilmente, á vontade. Devia ser conduzida ao lugar do desembarque, montada e armada sobre a praia britannica.

«*Le connétable faisoit faire, ouvrer et charpenter en Bretagne l'enclosure d'une ville; et tout de bon bois et gros, pour asseoir en Angleterre, là où il leur plairoit, quand ils y auroient pris terre, pour les seigneurs loger et retraire de nuit, pour eschiver les périls des réveillements et pour dormir plus à l'aise et plus assur. Et quand on se délogeroit de une place et on en iroit en une autre, ceste ville estoit tellement ouvrée, ordonnée et charpentée, que on la pouvait défaire par charnières, ainsy que une couronne, et rasseoir membre à membre.*» (Froissart.).

Esta cidade tinha praças, ruas, becos, mercados, etc. A sua circumferencia da altura de vinte pés, e de tres mil passos de diametro, era ameiada e flanqueada de 750 torres, collocadas de doze em doze passos. Podia ali aquartellar-se um exercito numeroso. Esta monstruosa machina formava a carga de setenta e dois navios, que deviam transportal-a dos portos de França a Ecluse e d'aqui para Inglaterra, e custou ao Estado cerca de vinte mil contos de reis. Para acudir ás despezas deste armamento foi necessario lançar sobre o povo impostos taes, que cem annos depois, dizem, ainda o paiz não estava resarcido. Como sempre, o peso caío todo sobre os pobres que, não podendo pagar, viram-se obrigados a vender até a palha de suas camas. Muitos d'entre elles para escaparem ao tributo, emigraram para Liége e Hainaut.

Não obstante, o verão de 1386, e o principio do outomno passaram sem que as frotas saissem de Ecluse. Os viveres tinham-se consummido, as tropas não estavam pagas, e, em Flandres, como em torno dos portos da Picardia, Normandia e Bretanha viviam á discrição.

«*Les povres laboureurs, qui avoient recueilli leurs biens et leurs grains, n'en avoient que la paille; leurs viviers estoient peschés, leurs maisons abattues pour faire du feu; et s'ils en parloient, ils estoient battus ou tués. Les Anglais, s'ils fussent arrivés en France, ne pussent point faire plus grande destruccion que les hommes d'armes de France y faisoient.*» (Froissart.)

O rei Carlos VI, em vez de ir tomar o commando da expedição, celebrava com festas esplendidas, em S. Diniz, o casamento de sua irmã, uma criança de nove annos, com o filho do duque de Berri. Não foi senão em 7 d'agosto que se pôz a caminho, fazendo pequenas jornadas e visitando com vagar Senlis, Amiens e outras cidades da Picardia. Pelo meiado de setembro, ainda estava em Arras. Chegado, emfim, a Ecluse, os chefes do exercito apressavam-no para que désse a ordem de partida. «Senhor, para que mais delongas? Muita gente se tem arrependido de haver adiado as cousas quando tudo estava prompto para se poder operar.» O rei, que se deixava em tudo governar por seu tio o duque de Berri, respondia que era necessario esperar por este principe. Mas, o duque, ou por traição, ou por não se querer encontrar com o duque de Borgonha, não apparecia. Correram semanas e mezes e o exercito sempre immovel em Ecluse. Chegou novembro, e com elle medonhas tormentas e chuvas torrenciaes. As náus despedaçavam-se contra a costa; as munições e bagagens opodreciam na praia.

A grande cidade de madeira deixou de existir. Assaltados pelas tempestades, os navios que a conduziam dispersaram-se. Uns foram engolidos, outros lançados sobre a praia de Calais e sobre a costa d'Inglaterra. Alguns conseguiram chegar a Ecluse, onde o joven rei se entregou ao esteril prazer de mandar armar junto do porto o que

restava da cidade de madeira. O duque de Borgonha ali alojou os seus operarios e artilheiros.

O rei de Inglaterra, por sua parte, fazia trophéo com os restos desta mesma cidade que lhe haviam caido nas mãos. Tres dos navios foram parar a Londres. Ricardo II mandou armar pelos carpinteiros que foram aprisionados, as casas e as torres de madeira, e expol-as em Winchelsea, á triumphante curiosidade dos Inglezes.

A febre da guerra, que um instante havia excitado o fraco cerebro de Carlos VI, diminuira com a longa espera sob os nevoeiros de Flandres. O projecto de desembarque em Inglaterra foi abandonado, e a gente toda licenciada. Os soldados, retirando do acampamento para se dirigirem a seus lares, deixaram por toda a parte um rasto de desolação e ruina. Alguns destacamentos ficaram para descarregarem os navios e pol-os em lugar seguro; mas os Inglezes não lhes deram tempo para isso: arremessaram-se sobre os navios, queimaram uma parte e levaram o resto para os seus portos. Continham immensas munições de guerra e duas mil pipas de vinho, o que, nota o Religioso, os abasteceu por muito tempo desta bebida tão apreciada em toda a Inglaterra.

TERÇA FEIRA!

(Conclusão)

Velhas mães, tristes esposas,
Crianças nuas e em côro,
Brados, fallas lastimosas
Erguem, num sinistro côro.

Que scena! E redobra o vento,
E condensa-se a neblina,
E o mar rebrame violento,
E a noite a scena domina!

E á luz de algumas fogueiras
Escassa, rubra, funesta,
Movem-se sombras, ligeiras,
Como em diabolica festa.

E ella, a mãe, em desatino
Corre, pára, escuta, chora,
Maldiz o poder divino,
E depois piedade implora!

Os olhos nas sombras fitos
D'essa noite escura, escura,
Eleva-os ao ceo afflictos;
E em vão um astro procura.

E o raio, que as trevas densas
De quando em quando devassa,
Mostra-lhe vagas immensas,
Negros abysmos.. e passa!

Só á luz da madrugada
Se acalma a brava tormenta:
Que noite, em ancias passada
Tão pavorosa! tão lenta!

O ceo reflecte nas aguas
A côr azul da bonança,
E vae serenando maguas
Á branda luz da esperança.

—«Barcas ao longe! Não vêdes?
«Ó que alegria tamanha!
«Deus abençoou as rêdes
«São as lanchas da companha.

Crianças, mulheres, velhos,
Ao ouvirem este grito,
Todos, todos de joelhos
Cantam piedoso Bemdito.

Eil-as vem! Braços valentes,
Affeitos áquella guerra,
Cortando os mares frementes,
As impellem para terra.

Na turba dos pescadores
A mãe com turvado aspecto,
Inda oppressa de terrores,
Procura o filho dilecto.

Tudo exulta de alegria,
Cada qual os seus conhece.
Ella só, muda, sombria,
Sobre a praia permanece.

Eil-os emfim! Que transportes!
Que lagrimas que os esperam!
Vê-se o choro nos mais fortes
Dos que no mar não tremeram.

Por entre os grupos vagueia
A mãe tremula, calada,
De negros agouros cheia
De vago pavor tomada.

Quasi em delirio vê tudo
Como se atravez d'um sonho.
De repente, um grito agudo
Sôa na praia medonho.

É que pallido, abatido,
Junto ao mar o esposo vira;
É que terrivel sentido,
N'aquella dôr descobrira.

—«Que negro presagio é este
«Que leio nos teus olhares?
«Do meu filho o que fizeste?
—«Pergunta-o a esses mares.»

No grito que a triste solta,
Vae-lhe a razão mais que a vida,
Depois para o mar se volta,
Torva, pallida, perdida...

«Não! não has-de assim roubar-me
«O filho d'estas entranhas!
«Não podem intimidar-me
«As tuas iras tamanhas!

«Não vês que tenho no seio
«Este amor? Espera! espera!
«Ruge! não sinto receio!
«Ruge! que tens? ruge fera!

«Ruge!» E sem tino, movida,
Da allucinação que a agita,
Rompendo em veloz corrida,
Nas ondas se precipita.

Em vão lhe accodem, que forte
O filho ás vagas disputa:
Era um combate de morte!
Era uma tremenda lucta.

.....

E na manhã do outro dia
Vio-se na praia arrojada
A mãi que, morta, sorria
Do filho ao corpo abraçada.

Porto.

JULIO DINIZ.

Typ. Franco-Portugueza — Rua do Thesouro Velho, 6.

Capella de Santa Rosalia no monte Peregrino

Em o numero 11 deste semanario, fazendo nós uma breve descripção da cidade de Palermo e seus arredores, dissemos que no monte Peregrino, celebre outr'ora, segundo reza a historia, por ter servido de fortaleza inexpugnavel ás tropas de Amilcar Barca, pae do famoso Annibal, existia uma gruta onde foi encontrado o cadaver da virgem Santa Rosalia, e que essa gruta fôra transformada em uma igreja magnifica, de aspecto deslumbrante, algum tempo depois de haver cessado uma horrivel epidemia que dizimara uma grande parte da população desta cidade. Eis, pois, a que se refere a gravura que vae á frente deste artigo. Representa ella o interior dessa igreja subterranea, de architectura antiga, cujo silencio profundissimo só é interrompido pelo suave murmurio das orações dos fieis ou pela voz do sacerdote quando entôa os seus hymnos no altar, junto do qual, ajoelhada e inclinada diante da Cruz, está uma estatua riquissima, de tamanho natural, que, mesmo vista de perto, illude. Esta estatua representa Santa Rosalia, a padroeira de Palermo.

DANIEL O'CONNELL

(Continuação)

A Irlanda não segue o movimento da sua visinha, e reage pelo contrario energicamente contra a religiosa. Seria por affecto ao catholicismo, ou simplesmente por odio *á priori* contra todas as innovações que de Inglaterra lhe viessem? Parece que as duas causas se reuniram para consolidar na Irlanda o poder do Papa. O povo irlandez, pobre, quasi selvagem, estranho quasi todo ao movimento dos espiritos na Europa, separado da civilisação pela barreira da Inglaterra, não podia deixar de se conservar afferrado ás suas crenças tradicionaes. O apostolado dos ministros protestantes não angariou nem um proselyto; a força, que o irascivel Henrique VIII fez succeder á persuasão, logrou, como sempre succede, converter apenas ficticiamente alguns

chieftains, e exacerbar o odio das massas, e arraigar com o prestigio do martyrio a fé catholica perseguida no espirito das victimas.

Incrivel cegueira de todas as religiões dominadoras! Cegueira que só neste seculo principia vagamente a dissipar se! Quererem combater com a força material a força espiritual d'uma idéa, d'uma idéa, planta que transforma em seiva o sangue dos martyres, que viça entre as ruinas dos incendios, que resurge sempre mais florida e mais vívida depois das tempestades das perseguições!

A inquisição perpetuou na Europa a religião hebraica. As revogações dos editos protectores do calvinismo, as guerras atrozes movidas ao lutheranismo alastraram por todo o Norte da Europa as seitas, que a indifferença catholica abafaria talvez em Wittemberg e em Genebra! Em nenhuma parte do mundo vigora o catholicismo com mais força do que na Polonia e na Irlanda, graças ás atrocidades dos czares, e á oppressão do governo inglez.

Cegueira fatal, cujos resultados ainda hoje em 1866 perturbam e assustam a prosperidade immensa da Grã-Bretanha! Nodoa que ainda hoje desfeia o esplendor d'aquella brilhantissima civilisação! Não bastava que um antigo odio separasse os dois povos, e quizeram ainda alimentar essa inimisade latente, que o lento decorrer dos seculos iria pouco a pouco apagando, com os terriveis fructos da dissenção religiosa! O fogo que ardia debaixo das cinzas quizeram apagal-o com sangue, e não sabiam que o sangue é, ainda mais do que o alcool, horrido combustivel para essas pyras odientas.

A crença rotineira deram a exaltação do martyrio, acordaram a indifferença do clero catholico dando-lhe a exaltação do combate, e das massas pacificas ainda que inimigas fizeram soldados, exasperaram um povo inteiro, e legaram ás gerações vindouras um testamento de vinganças, cuja liquidação tem durado seculos e ainda não está finda.

Seria conhecer mal a politica dos papas, se se pensasse que elles não aproveitariam com jubilo, a occasião de suscitarem tantos embaraços ao scismatico Henrique VIII. Como se ainda não bastasse, para excitar os animos, o clero do paiz, em 1548 entraram os jesuitas na Irlanda, e com elles o eterno elemento da revolta.

Eduardo VI, filho de Henrique VIII, nada conseguio tambem no seu curto reinado; com a subida ao throno de Maria Tudor respirou por um pouco a Irlanda, ou antes mudou de caracter a perseguição, sem se tornar menos sanguinolenta; a curta victoria do catholicismo assignalou-se com tantas barbaridades como a longa dominação do protestantismo.

Cinge a corôa ingleza a politica e energica Isabel, *rex Elisabeth*, como os inglezes diziam num distico latino. Tenta ella primeiro conciliar os animos, mas a hostilidade do partido catholico accende-lhe o animo irascivel. As perseguições redobram, responde-lhes a resistencia armada. Uma medida iniqua faz trasbordar o vaso do odio. Confisca a rainha os rendimentos da igreja catholica, e consagra-os á subvenção da igreja anglicana. Protesta por todos os lados a revolta. A Irlanda está em fogo, e esse fogo alimentam-no incessantes o papa e a côrte de Hespanha. Dura desde 1560 a insurreição, sem conseguir resultados importantes, mas sem ser debellada tambem. Em 1595 apparece aos revoltosos chefe experiente e habil. É o conde de Tyrone, um d'esses emigrados que a perseguição ingleza obrigava a refugiarem-se no continente, e que, servindo nos exercitos estrangeiros, lá adquiriam a pratica da guerra.

Mandou contra elle a rainha o conde d'Essex com um exercito de 22000 homens. Sem ser batido, mas sem ser victorioso, o exercito inglez acha-se collocado em circumstancias tão perigosas que o seu general evacua a ilha, pactuando com os rebeldes. Succede-lhe lord Mountjoy que doma a revolta a fogo e a sangue. O desembarque de dois exercitos hespanhoes, um commandado por Aquila, outro por Ocampo, chama de novo a população ás armas com o conde de Tyrone á sua frente. De novo batida, o cançasso prostra a final a rebeldia, e a Irlanda offegante entra na tranquillidade. Mas em que estado, Deus do céo!

E' necessario que as paixões politicas desvairem muito um soberano para que elle ouse promulgar contra os seus subditos as leis que a rainha Isabel não duvidou firmar com o seu nome. As leis dos monarchas seus antecessores haviam decretado a oppressão, as suas decretaram a miseria. Foi desde essa época nefanda e nefasta que a verdejante Erin, a ilha cantada por Thomaz Moore, vio os seus filhos expulsos dos campos paternaes para vaguearem sem pão e sem asylo pelos montes da sua patria, ou abandonarem com a dôr no coração a terra do seu berço para irem percorrer, pobres proscriptos, o mundo que lhes não póde fazer esquecer as campinas de esmeralda da Erin formosissima.

Apesar das suas tendencias para o catholicismo, Jayme I, o filho da desgraçada Maria Stuart, e o successor de Isabel que lhe assassinára a mãe, não fez senão augmentar a miseria da infeliz Irlanda. Ora a vingança, ora a incapacidade se conspiravam para fazer pesar sobre esse Job das nações a miseria extrema e a desgraça completa.

Seiscentas mil geiras de terra tinham sido confiscadas pela rainha Isabel e distribuidas por colonos inglezes. A pretexto de restabelecer a justa ordem das cousas, Jayme I obrigou os senhores irlandezes a apresentarem os titulos das suas propriedades, que eram confiscadas em proveito da corôa áquelles que não estavam perfeitamente em regra; mas, em vez de serem restituidas aos colonos nacionaes, eram vendidas a colonos inglezes e escocezes, que vinham accrescentar a população, e augmentar por conseguinte a miseria dos indigenas.

Não foi menos terrivel para a Irlanda o reinado do seu infeliz successor Carlos I. Lord Strafford, vice-rei da Irlanda, o mesmo que depois o rei, obrigado pelo parlamento inglez, condemnou á morte, fez pesar sobre o paiz um jugo de ferro. Continuou o odioso systema das confiscações, e levou-o elle a tal ponto que chegou a conceber o louco pensamento de converter uma provincia inteira, a provincia de Connaught, em dominio da corôa. Uma tal oppressão despertou a Irlanda do lethargo em que jazia. Em 1641, levantou-se em massa o povo, e, fanatisado e exaltado pelo clero catholico, assignalou, como sempre, com horrendas vinganças, essa nova re-

volta. O sangue de quarenta a cincoenta mil protestantes foi derramado pelos insurgentes. A Inglaterra tremeu, e o parlamento, excitado por esse odio quasi inconcebivel em estadistas frios e raciocinadores, ordenou ainda uma confiscação immensa, a de dois milhões e quinhentas mil geiras de terreno para supprir ás despezas da guerra!

Mas o vento da discordia soprava então em toda a Grã-Bretanha. Tinham principiado as contestações que só se resolveram a final no cadafalso do desgraçado monarcha. Lord Ormond, habil vice-rei da Irlanda, e muito dedicado aos interesses de Carlos I, soube captar a confiança dos chefes da revolta, e transformal-os em defensores da regia causa. Era sina dos Irlandezes seguirem sempre a facção vencida. O parlamento triumphante escolheu para seu delegado na Irlanda, e commandante do exercito o implacavel Cromwell. Este puritano sombrio concebeu o horrendo plano de exterminar em massa os catholicos e de deportar uma nação inteira para as Indias Occidentaes. A barbaridade do protector da Grã-Bretanha deixava a perder de vista a deportação dos Judeus de Hespanha por Fernando o Catholico, de Portugal por D. Manuel, e dos Moiriscos por Philippe III.

A perseguição movida pelo genro de Cromwell, Ireton, em cumprimento das ordens de seu sogro, tirou represalias terriveis da mortandade dos cincoenta mil protestantes. Centenas de milhares de desgraçados morreram de frio e de fome nos paúes onde o terror os compellira a refugiarem-se!

Veio a restauração dos Stuarts. Subio ao throno Carlos II. Qual foi a recompensa do paiz que tanto padecera pela causa dos reis? O olvido. A perseguição religiosa cessou, mas as confiscações subsistiram em todo o seu rigor, e raros Irlandezes obtiveram, e só depois de infinitas demandas, que lhes fossem restituidas as suas propriedades.

Paremos um instante! Fatiga este longo caminhar com os pés no sangue, este percorrer a via dolorosa d'um povo. Os seculos succedem aos seculos, os monarchas aos monarchas, as gerações ás gerações, e a Irlanda, não tendo um momento de repouso, nem por instantes respirava uma atmosphera menos tempestuosa. A historia deste povo é um martyrologio de sete seculos.

A reacção catholica que principiou a dominar com a subida ao throno de Jayme II deu grandes esperanças á Irlanda. Brevemente as dissipou a transformação politica de 1688, e a Irlanda viose lançada de novo nas sendas aventurosas da insurreição. Sorrio-lhes primeiro a ventura. Jayme II, o monarcha expulso do throno, desembarcou em 1689 na Irlanda; á testa dos Irlandezes revoltados, expulsou de todas as praças fortes as guarnições inglezas, e dois mil e quatrocentos proprietarios protestantes foram obrigados a restituir as suas terras. Mas em 1690, Guilherme III, o rei eleito do protestantismo, desembarcou a seu turno na Irlanda, bateu o seu competidor e sujeitou á nova dynastia o territorio da ilha. Recomeçam as vinganças.

Um milhão de geiras de terra ainda confiscadas pelo parlamento e distribuidas a protestantes, a expulsão da ilha dos altos dignatarios da igreja catholica, a prohibição ao baixo clero de saír das suas provincias, a abolição do ensino catholico e dos signaes exteriores do culto, as funcções publicas interditas a todos os catholicos, e estes mesmos parias declarados incapazes de possuirem propriedades territoriaes, de testarem livremente, de casarem com mulheres protestantes, e inclusivamente, (clausula onde a tyrannia assume as proporções do ridiculo) de montarem cavallos que valessem mais de cinco libras, eis quaes foram os estygmas com que a Inglaterra, ainda uma vez vencedora, marcou a fronte escrava da Irlanda sua irmã. E vinha proximo o seculo XVIII, e em toda a parte raiava por céos e terra a aurora da liberdade, e essa mesma revolução de 1688, que d'essa fórma tyrannisava um povo, tinha de ser considerada pelos historiadores como a estrella d'alva que precedeu um seculo o despontar do sol esplendoroso de 1789, do sol, que devia illuminar em torno das muralhas derrocadas da Bastilha um povo inteiro quebrando com os seus grilhões os grilhões da Europa, entre brados de immenso enthusiasmo.

Avante! Os Irlandezes não bebem ainda até a ultima gota a sua taça de fel. O governo inglez estancou-lhes as fontes da sua riqueza agricola, transformou-os em ilotas, vae agora matar a sua industria e o seu commercio. Um direito de saida exorbitante veio paralysar a exportação dos productos do solo e da industria irlandeza. Só o odio explica estas cousas, que indignam a humanidade, e que a propria politica do egoismo repelle.

Continuemos. Em 1727 perdem os catholicos o seu direito de eleitores, e com elle o seu ultimo direito de cidadãos. Só falta amarrarem-lhes a grilheta ao pé, e marcarem-lhes na fronte com um ferro em brasa a palavra «Escravo.»

Era tempo de principiar a reacção. Todo o mundo estremecia ao frémito da liberdade, as idéas da philosophia humanitaria calavam em todos os animos, a legislação perdia o caracter tyrannico da idade média, e principiava a illuminar-se com os reflexos da pura luz do Evangelho. Ao mesmo tempo a Irlanda mostrava-se cada vez mais ameaçadora na sua imponente tranquillidade; não eram já loucas revoltas, que levavam á carnificina a flor da mocidade irlandeza, eram sociedades secretas habilmente organisadas e que trabalhavam, e minavam constantemente na sombra, actuando sobre os espiritos, e muitas vezes, infelizmente, exercendo terriveis represalias. Eram os *defenders* (os defensores) os *whiteboys* (os rapazes brancos) os *hearts of oak* (os corações de carvalho.) Esta attitude decidida, junta aos embaraços suscitados pela revolução das colonias americanas, fez recuar o parlamento inglez. Em 1782 foi abolido o acto de Poyning, que datava do seculo XIV, e que abolia a independencia legislativa do parlamento da Irlanda. As leis penaes, promulgadas por Guilherme de Orange, foram revogadas. Mas a tradição domina efficazmente na Inglaterra; qualquer mudança nas formas da velha constituição lhe parece uma profanação horrenda. Por isso, apesar das concessões que mencionámos, as duas principaes chagas subsistiram, o pagamento do dizimo pelos catholicos ao clero protestante, e a sua incapacidade para ter direitos politicos.

Esta obstinação em conservar as duas grandes pedras de escandalo da Irlanda destruio o bom effeito que as concessões antecedentes haviam

produzido. Ao rebentar a revolução franceza os votos dos Irlandezes voltaram-se para o signo da liberdade que fluctuava no continente, e tal era o odio que elles consagravam aos Inglezes que o povo mais eminentemente catholico da Europa applaudia os revolucionarios que tripudiavam sobre os altares, só pelo facto d'esses revolucionarios terem a Inglaterra por inimiga.

Aproveitando estas disposições da Irlanda, a França dirigio para essa ilha tres expedições. A primeira, commandada pelo celebre general Hoche não pôde desembarcar, porque os temporaes dispersaram a esquadra. A resposta a esta tentativa, que evidentemente contava com as sympathias do povo, foi o pôr o governo a Irlanda em estado de sitio. Esta medida produzio um levantamento em massa. No principio do seculo XIX o odio reaccendia-se mais ardente do que nunca. A repressão foi barbara, atrocissima, deshonrosa para os vencedores. O que o governo do terror fazia em França, com indignação geral da Europa, fazia-o o governo de Jorge III na Irlanda, sem que a Europa se dignasse prestar attenção ás victimas deste odioso systema. Columnas moveis percorriam o paiz, prendendo e fusilando sem mais ceremonia aquelles que julgavam implicados na revolta, pondo assim em vigor a lei dos suspeitos, inaugurada por Danton e Robespierre e contra a qual tão patheticos discursos faziam os rhetoricos declamadores de Westminster-Hall em Londres.

Em 1798 uma nova expedição franceza, commandada pelo general Savary, futuro duque de Rovigo, lança na Irlanda um milhar de homens a cuja frente ia o general Humbert, juntam-se-lhe os insurgentes, são derrotados, e os francezes obrigados a reembarcarem.

Terceira expedição franceza commandada pelo general Hadry, tem ainda peior sorte. O almirante inglez Warren capturou-a quasi completamente.

A Irlanda, como de costume, pagou as custas. O parlamento irlandez foi definitivamente abolido, e lançado no seio do parlamento geral da Grã-Bretanha. Esta medida, que devia, como os Inglezes julgavam, prostrar completamente a sua rebelde irmã, foi pelo contrario a origem da sua salvação. Os ministros inglezes não previam que iam dar a tribuna de Westminster, essa tribuna que tem echos em toda a Europa, a uma das vozes mais eloquentes do presente seculo, e que essa voz seria a d'um patriota irlandez, a de Daniel O'Connell, emfim.

M. Pinheiro Chagas.

(Continua)

MARSELHA

(Conclusão)

Marselha apresenta a forma de uma ferradura, cuja cavidade é o porto; este porto é um dos melhores do Mediterraneo, e o que offerece aos navios mais segurança. Quasi todo é obra da natureza; foi ella que cavou a quinhentas toezas de profundidade essa magnifica bacia de forma oval, onde se pódem abrigar perfeitamente mil e duzentas embarcações. A entrada do porto é formada por dois grandes rochedos sobre os quaes foram construidos dois fortes, o de S. João e o de S. Nicolau, para a defenderem; a grande torre quadrada do primeiro, data do rei René. Estas duas fortalezas estão meio arruinadas e servem de quartel a uma parte das tropas da guarnição. A uma legua do porto de Marselha vêem-se tres ilhas, ou antes tres rochedos que a Providencia parece ter ali collocado expressamente para proporcionar a esta cidade lugares onde as precauções sanitarias possam pôr-se em pratica de um modo verdadeiramente util. A ilha de If, a mais pequena, é a primeira que se apresenta. Os rochedos que a rodeiam são escarpados e contam, pouco mais ou menos, cincoenta pés acima da superficie do mar; a extensão destes rochedos é de cento e quarenta toesas, e a largura de cincoenta e cinco. O forte que os defende passa por um dos melhores do Mediterraneo; Francisco I fel-o construir em 1529; consiste em um reducto flanqueado de quatro torres; a ilha em torno é fortificada de angulos reintrantes e salientes conformes á disposição do rochedo. O accesso deste forte é quasi impraticavel; mesmo em calma é batido pelo mar. O nome do castello d'If é ainda celebre; servio de prisão a muitos homens notaveis, sendo o ultimo o conde de Mirabeau.

O forte do castello d'If guarda e protege o espaço comprehendido entre a ilha de Ratonneau á direita, e a de Pomégue á esquerda, espaço em que foi construido o porto Dieudonné. No meio da ilha Ratonneau, está um castello rodeado de algumas fortificações. Foi aqui, que pelos annos 1765, um cabo, chamado Francoeur, que enlouquecera, se declarou rei de Ratonneau. Effectivamente, durante algum tempo ninguem lhe disputou o direito; mas quando menos o esperava foi preso e mettido no hospital dos doudos.

Marselha divide-se em duas partes bem distinctas: cidade antiga, e cidade moderna; uma, velha, feia, immunda e triste, ruas estreitas, tortuosas; a outra, larga e bem delineada, ornada de bellas construcções, vastas praças, passeios lindissimos. O palacio da prefeitura encontra-se nesta ultima; era habitação de um simples particular, chamado Georges Roux. Este negociante, bastante rico para armar navios contra a Inglaterra, e cujo manifesto de guerra começava por estas palavras: *Georges de Corse à Georges d'Angleterre*, quiz uma casa digna da riqueza que possuia e da posição que adquirira. Em 1805, a cidade comprou este palacio e suas dependencias para nelle estabelecer a prefeitura; esta acquisição foi origem de consideraveis despezas, pelas largas dimensões e riqueza do edificio A casa da camara é tambem um edificio soberbo; a fachada, que deita para um dos caes, é ornada de baixos relevos e esculpturas.

A igreja cathedral de Marselha, Notre-Dame-de-la-Major, encontra-se na cidade antiga. Este edificio construido sobre as ruinas do celebre templo de Diana, tem sido muitas vezes reconstruido. O monumento, tal como hoje o vemos, nada offerece de notavel; pertence á idade media.

O templo da Virgem, protectora dos maritimos,

eleva-se no cume de um monte, que domina o mar. Esta igreja foi edificada por um padre chamado Pedro, a quem Guilherme, abbade de S. Victor, cedeu aquelle terreno. Esta collina, hoje tão arida, onde apenas vegetam algumas plantas aromaticas, era completamente coberta de mato; ali começava uma floresta que tinha muitas leguas de extensão, *floresta sagrada*, da qual Lucain faz uma descripção pomposa. Todos os annos, pela época da festa de Corpus-Christi, a estatua da Virgem da Guarda, desce á cidade com grande solemnidade. A capella onde reside é venerada pelo povo de Marselha; durante as festas do Pentecostes, os habitantes concorrem ali em multidão, levando suas offertas á Mãe de Christo. O forte de Notre-Dame-de-la-Garde data do reinado de Francisco I; este forte, pouco vale, mas o que o torna digna de attenção, é o ponto de vista que offerece: gosa-se d'ali toda a cidade, enseada, ilhas, etc.

Marselha, sendo uma cidade tão antiga, quasi nada possue d'outras eras; os incendios, os cercos, as devastações voluntarias nivelaram o solo onde se elevavam tão grandiosos edificios. Comtudo, esta fatalidade que perseguio os antigos monumentos, respeitou um, notavel pela sua extensão e bella construcção. Os auctores antigos designam-no pelo nome de *Covas de S. Salvador*, por ter sido edificado nos subterraneos da abbadia deste nome. Julga-se ser obra dos romanos.

Além dos edificios que temos citado, encontram-se ainda em Marselha muitos outros de construcção soberba e curiosos; taes são: o grande theatro, o observatorio, que está collocado em uma posição magnifica, o museu, a bibliotheca, a bolsa, a casa da moeda, a academia das sciencias e artes, etc. etc. Tambem conta um grande numero de sociedades scientificas, um jardim botanico e outro de naturalisação, e diversas instituições de beneficencia.

Finalmente, Marselha é a segunda cidade da França; tudo nella é grande e bello: a industria manufactureira tem ali tido um grande desenvolvimento; a commercial é immensa, e no seu porto vê-se sempre um grande numero de navios de todas as nações.

O dominio de Strathfieldsay

Ao norte de Hampshire, e a duzentos e sessenta kilometros, pouco mais ou menos, ao noroeste de Londres, rodeado de formosas collinas e de campos ferteis, encontra-se o magnifico dominio de Strathfieldsay, que é dos muitos que a Inglaterra possue, talvez um dos mais ricos e interessantes. O terreno que lhe pertence não tem grande extensão; mas é abundantissimo em caça de toda a qualidade e offerece pontos de vista lindissimos, perspectivas admiraveis. O palacio é de largas dimensões e eleva-se quasi no centro do parque, desenrolando-se-lhe na frente uma vasta planicie, cuja magestosa uniformidade não é interrompida por uma só arvore. Não attrae a attenção do via-

jante a parte exterior do edificio; a architectura e a esculptura não mostram ali os recursos da arte. O interior, porém, é de uma riqueza e magnificencia surprehendentes: longas e espaçosas galerias, cujas paredes estão cobertas de quadros dos mais notaveis artistas; salas immensas sumptuosamente mobiladas; bibliotheca guarnecida dos melhores livros, e por toda parte estatuas, das quaes algumas são deveras admiraveis.

Ignoramos quem fosse o primeiro possuidor da rica propriedade de Strathfieldsay; o que sabemos unicamente é que pertenceu a lord Chatam, um dos homens mais eminentes da Gran-Bretanha, e que, depois da batalha de Waterloo—para recompensar os serviços e ao mesmo tempo dar-se um publico testemunho de gratidão ao homem que, mais depressa por um capricho da fortuna do que por valor e calculo, fizera cair do pedestal, em que o seu talento e coragem o collocaram, esse grande homem chamado Napoleão—passou ás mãos do duque de Wellington.

CARLOS II DE HESPANHA

(Conclusão)

Logo que a rainha teve noticia da saida de D. João, e sabendo que devia passar por Aragão, escreveu aos Estados d'aquelle reino para que não lhe fizessem especie alguma de honras nem demonstrações. Teve, porém, o desgosto de receber em resposta «que de modo algum podiam impedir que se tributassem ao filho do defunto rei e irmão do actual, aquellas homenagens devidas á sua alta cathegoria e serviços.» E cumpriram-no de tal modo, que na sua chegada a Saragoça todo o povo em massa correu a duas legoas fóra da cidade para recebel-o, gritando com o maior enthusiasmo: *¡ Viva o senhor D. João! que triumphe, breve, dos seus inimigos e do padre jesuita!* atiravam-lhe flores e coroas, as damas agitavam os lenços e os homens atiravam ao ar os chapéos com todas as demonstrações de um amor sincero.

Póde considerar-se o profundo desgosto que semelhante ovação produziria nos animos da rainha e do padre confessor, e a profunda aversão que tomaram ás auctoridades, e povo de Saragoça. Não produzio menos effeito aquella demonstração nos animos dos cortezãos e do povo de Madrid, regosijando-se della os partidarios do principe e presagiando outras grandes calamidades e conflictos. A junta da cidade, reunida em sessão extraordinaria no dia 1 de fevereiro, enviou uma deputação ao presidente de Castella para representar-lhe as desordens que poderia occasionar a vinda de D. João com tropas em tempos de tanta agitação; desordens que o mesmo principe não poderia evitar, ainda que não estivessem de accordo com os seus sentimentos. O presidente consultou Sua Magestade e o Conselho sobre o que devia fazer-se, e resolveu-se expedir a D. João uma ordem peremptoria para que despedisse a sua escolta; mas o principe, cheio de orgulho ja com o seu prestigio e poder moral, proseguio sua marcha, deteve dois dias o correio, e no terceiro despachou-o com o recibo da ordem sem outra resposta.

A inquietação e susto da corte e do povo cresceu assombrosamente e como era de esperar de semelhante saida. Uma parte dos senhores da côrte e do governo poseram-se logo ás ordens do presidente de Castella e asseguraram á rainha a sua decisão e constancia. Reuniram-se todas as tropas da cidade e cercanias, circularam ordens energicas para manter a ordem, e tomaram-se, emfim, outras medidas extraordinarias, como se se tratasse de sustentar em Madrid um cerco formal. E tudo isto por causa de uma força de tresentos cavallos, que tanto era o acompanhamento do principe.

Feito tudo isto, a rainha ordenou ao marquez de Penalva fosse ao encontro de D. João e lhe reiterasse o seu mandado de despedir a escolta; mas o marquez exigia para dar este passo uma ordem em forma do Conselho Real, ordem que o secretario de Estado se negou a passar, por se não haver contado para isso com o Conselho do Governo. A rainha irritada contra o secretario, reprehendeu-o asperamente pelo seu procedimento; mas os individuos do conselho consultivo, o cardeal Aragão, o Chanceller e o conde de Penaranda, deram-lhe razão, e censuraram o presidente de Castella por auctorisar uma ordem para a qual se não havia contado com aquelle.

De todas estas desavenças em momentos tão criticos, resultou não se fazer cousa alguma, nem tão pouco tranquillisar os animos. A rainha, não podendo conseguil-o pela força, tratou como sempre de ensaiar os termos conciliatorios, e para tal fim escreveu-lhe outra carta mui expressiva por intervenção de D. Diogo Velasco, que era amigo de D. João. O principe, porém, que estivera secretamente em Madrid e conhecia perfeitamente o estado dos animos, e que o seu poder e influencia era tal que tudo podia emprehender, respondeu á rainha com firmesa, que exigia o desterro do padre Nitard, verificado o qual estava sempre disposto a obedecer ás suas ordens como o mais fiel subdito.

Conhecida, pois, esta immutavel exigencia, assim como a tenacidade da rainha, o nuncio Borromeo, o Conselho d'Estado e ou grandes desenrolaram todo o seu zelo para resolverem Sua Magestade a ceder; e ainda propozeram os meios de uma evasão voluntaria do confessor. Elle mesmo, convencido do perigo que corria, reiterou á rainha as suas instancias para que lhe permittisse partir; mas Sua Magestade afogada em lagrimas, só com a ideia do sacrificio, respondia sempre negativamente.

Entretanto o principe achava-se já com suas tropas em Torrejon de Ardoz, a quatro legoas de Madrid. A inquietação redobrava na corte; o Conselho do Governo reunio-se e encarregou o nuncio de S. S. de se dirigir a D. João e fazel-o mudar da resolução que tomara de ir contra a sua soberana. O nuncio foi, effectivamente, e regressou

mui tarde: toda a população de Madrid velava esperando pelo resultado desta entrevista. O nuncio manifestou que todas as suas instancias para obrigar o principe a retirar sequer até Guadalajara, foram inuteis; e que a sua irrevogavel determinação era «que se no dia seguinte o padre Everardo não tivesse saido pela porta, elle proprio o faria sair pela janella»; com outras palavras que o nuncio (inimigo do padre), exagerou ou destigurou com o intento de preparar a queda do jesuita e resolver o negocio neste sentido.

O desditoso padre Nitard, sabedor do que se passava, depois de confessar a augusta soberana, deitou-se-lhe novamente aos pés, rogando-lhe encarecidamente que o não exposesse aos ultrages de um principe exasperado; que n'isso lhe ia nada menos que a vida, e que não via outro meio de salval-a, se não cedendo ás circumstancias; mas a rainha só lhe respondeu com lagrimas e dando-lhe novas seguranças, que estavam mui longe de tranquillisar o animo do confessor. Comtudo, a sua fidelidade e sympathia pela rainha, levaram-no a declarar, que, uma vez que não podia obter de Sua Magestade a real licença que sollicitava, mais depressa se deixaria fazer em quartos do que abandonal-a.

As cousas chegaram a tal extremo que na manhã de 25 de fevereiro o pateo do Palacio, foi invadido por uma multidão audaz que pedia em altos gritos a saida do confessor, com mil imprecações e injurias á sua pessoa. O duque do Infantado e o marquez de Liche correram ao quarto de Sua Magestade, que não tinha fechado os olhos em toda a noite, e na occasião lamentava o seu angustioso estado com uma das suas camaristas chamada D. Eugenia; reunio-se immediatamente o Conselho, em vista da urgencia do perigo de um grave motim que já ganhava todos os angulos da cidade; e ainda que houve aulicos tão obcecados que aconselharam a resistencia, não foi difficil aos outros convencel-os da inutilidade de tal meio e da imprudencia grave que seria o comprometter a esse ponto a tranquillidade publica por causa de um religioso estrangeiro que, com rasão ou sem ella, chegara a ser objecto de geral aversão.

O duque do Infantado e o marquez de Liche não poderam penetrar no quarto de Sua Magestade; pelo que desceram precipitadamente ás secretarias, para fazer com que o Conselho tomasse alguma prompta determinação. Conseguiram-no por intervenção de D. Blasco de Loyolo; mas em todas estas idas e vindas o tempo passava, a multidão crescia e invadia já as proprias salas do Conselho gritando ousada: *Saia de Madrid o jesuita.*

Os ministros e o Conselho, devéras assustados, adoptaram em fim uma resolução decisiva, e redigiram um decreto para ser assignado pela rainha, pelo qual se ordenava ao padre Nitard que saisse de Madrid dentro em tres horas. A rainha, a cuja presença subio com o decreto D. Blasco, não oppoz a menor resistencia em firmal-o, nem deramou uma unica lagrima; só o mandou redigir de outra forma mais lisongeira para o padre, declarando «que cedia a suas reiteradas instancias para sair do reino, ainda que muitissimo satisfeita da sua virtude, merito e serviços, e que, afim de que o podesse fazer de uma maneira propria do seu caracter e dignidade, o nomeava seu embaixador extraordinario em Roma ou em Vienna, á sua eleição, continuando nos cargos de inquisidor geral e conselheiro de Estado.»

Ainda bem não havia desapparecido o secretario da vista da rainha, já pelas faces desta as lagrimas corriam abundantemente, dizendo em alta voz: «Infeliz de mim! De que me serve o ser rainha se não posso fazer a minha vontade em ter junto de mim um confessôr da minha confiança? Quem senão eu está privada do seu livre arbitrio! Desditosa! que te resta da magestade e do throno?»

O Conselho encarregou o cardeal Aragão e o conde de Penaranda de pôrem ao facto o padre Everardo da ordem assignada pela sua affeiçoada soberana; este não se mostrou surpreso com a noticia. Os superiores dos jesuitas e o almirante de Castella foram tambem preparal-o para aquella desgraça e este ultimo ainda lhe fez certas reconvenções, que o bom do religioso repulsou com arrogancia.

Conformado, pois, a sair immediatamente de Madrid, só lhe custava o não poder sequer despedir-se da sua bemfeitora, d'aquella que sempre o tratara com tanto carinho; e chegou a tal ponto o seu sentimento nesta parte, que o cardeal e todos os circumstantes não poderam conter as lagrimas á vista de tão sincera dedicação. O proprio cardeal offereceu-lhe mil dobrões para gastos da viagem; mas, o padre não acceitou a offerta, dizendo: «Religioso pobre entrei em Hespanha, pobre sairei d'ella.» E quando, já de noite, o cardeal, voltando para acompanhal-o á sua carruagem, lhe perguntou se tinha disposto a sua equipagem, respondeu «que toda ella consistia no seu habito e no seu breviario.» Partiram, pois, acompanhados de alguns familiares do santo officio; mas logo que o povo, agrupado nas ruas do transito, suspeitou que ia na carruagem o confessor, prorompeu em gritos desaforados, doestos e maldições, atirou-lhe com pedras, e se não fosse o respeito que infundia o cardeal e a sua presença de espirito, não escaparia á morte: O padre Everardo com apparente tranquillidade, e os olhos banhados de lagrimas, respondia áquellas vociferações com estas palavras: «Adeus meus filhos, vou-me embora.»

Em quanto ás embaixadas de Roma e de Vienna, embora a rainha lhe escrevesse para Fuencarral, reiterando a sua nomeação, o jesuita não quiz acceital-a. Só tomou a quantia de dois mil pesos que a mesma senhora lhe enviara para a viagem; pois era tal a modestia do padre, que no seu quarto só foram encontrados alguns moveis pobres, um cilicio e umas disciplinas.

No theatro cortezão, com a saida do padre Nitard, houve completa mudança de scena: logo to-

dos dirigiram seus olhares e adulações para D. João. Este escreveu á generosa rainha dando-lhe graças por ter afastado do seu lado o confessor, e pedindo-lhe permissão para ir a Madrid beijar-lhe as suas reaes mãos. A rainha, porém, em vez de dispensar-lhe esta honra, mandou que se retirasse a doze leguas da côrte; resposta que o principe muito sentio, mas que não foi bastante para dissuadil-o de escrever á rainha e ao Conselho insistindo em que fosse exonerado o jesuita das dignidades e empregos que obtivera; isto não só com o fim de impedil-o de voltar a Hespanha, se não para que taes vagaturas fossem preenchidas por homens de reconhecido merito e serviços. Queria tambem sua alteza que se tirasse a presidencia de Castella ao bispo de Plasencia, por ser elle quem firmara a sentença de morte de Malladas, e que o marquez de Aitona, seu inimigo capital, deixasse de ter voto no Conselho.

A rainha escreveu novamente a D. João manifestando-lhe o desgosto que lhe causavam as suas exigencias, e reiterando a ordem de afastar-se e licenciar a sua escolta; ao que elle replicou que o faria logo que soubesse achar-se fóra do reino o padre Nitard. Por ultimo o proprio cardeal dirigio-se a Guadalajara, e empenhou-se com o principe para que obedecesse ás ordens da soberana: assignou-se uma especie de tratado, na verdade, bem pouco lisongeiro para o throno, e, emfim, o principe licenciou a sua tropa.

Mas, não eram ainda decorridos tres mezes, pelo motivo da organisação de uma guarda real, tornou o principe a escrever á rainha, mostrando-lhe os inconvenientes de semelhante medida. Ella, porém, não fez caso, nem deu ouvidos as muitas reclamações dos tribunaes e auctoridades de Madrid, e do que tratou foi de confirmar as suas ordens para que D. João saisse de Guadalajara: verdade é que para o empenhar a isso o nomeava vice-rei e vigario geral da corôa de Aragão.

Isto parece que satisfez os desejos e orgulho do principe, o qual respondeu á rainha muito submisso, pedindo-lhe unicamente que cuidasse na educação do rei menor. Ao mesmo tempo dirigio uma supplica ao papa para que obrigasse o padre Nitard a demittir-se do cargo de inquisidor geral; mas a rainha, que nunca o esquecera, trabalhava por seu lado para lhe ser conferido o capello. Esta obstinação da soberana e o receio de que uma vez cardeal o bom do padre voltaria a Madrid appoiado pelo novo regimento ou guarda *de la Chamberga* (assim chamado pelo seu trajo á franceza e moda de Mr. Schomberg) agitaram fortemente os animos; os mais turbulentos faziam correr com estas vozes um decreto apócrifo em que se mandava desarmar o povo, e encareciam e exageravam as desordens e a arrogancia dos *Chambergos*, em termos que o odio para com elles crescia de dia para dia.

Entretanto D. João proseguia em Saragoça senhor de todos os corações, e com uma invejavel popularidade, e continuava em Madrid e em Roma os seus mencios contra o padre Nitard. O Conselho tratou tambem de appoiar estes e de neutralisar os da rainha a seu favor, propondo ao pontifice outras pessoas para o capello; e tanto o convenceu, que o padre Nitard não só o não obteve, como foi tambem obrigado a demittir-se dos seus cargos e a entrar em um collegio de jesuitas nas proximidades de Roma. Esta desgraça causou desgosto tão grave á religiosa soberana, que adoeceu, não podendo vingar-se logo de D. João, a quem suppunha auctor destes desaires.

Mas depressa se lhe offereceu occasião de fazer sentir ainda a sua protecção ao padre jesuita; porque fallecendo o papa Clemente IX e succedendo-lhe no pontificado o cardeal Altieri, que tomou o nome de Clemente X, tornou a nomear novamente o padre Everardo seu embaixador em Roma, e tanto trabalhou, que conseguio fazel-o arcebispo de Edesa, e por fim cardeal em 1672, tomando o nome de Bartholomeu de Isola.

O novo cardeal escreveu então a D. João uma carta muito attenciosa, pensando com isto attrair a sua benevolencia e a possibilidade de voltar á Hespanha; mas enganou-se completamente, porque o principe nem sequer lhe respondeu; e este desaire e a consideração do favor que o principe continuava gosando no conceito do publico, dissuadio-o da idéa de regresso, até d'ali a tres annos em que terminou a menoridade de Carlos II.

Assim acabou a influencia do bom padre Nitard; mas não se julgue que se restabeleceu o socego no reino, e que o lugar de valido ficou vago: outro personagem não menos celebre, que por intervenção do confessor tivera entrada no palacio, soube de modo tal tornar-se affeiçoado á rainha que ella na ausencia do padre o escolheu logo para seu conselheiro e lhe conferio as mais altas dignidades do reino. Este personagem foi D. Fernando de Valenzuela, de quem opportunamente fallaremos, para que este nosso resumido trabalho possa dar a idéa mais completa do que se passou n'aquelle reino em todo o tempo da menoridade do filho de Philippe II. E tudo isto porque? Por causa de duas boas almas, dois modelos de virtude, dois corações humanos e generosos: uma rainha, como quasi todas as que a nossa visinha tem tido, religiosa e amante do seu povo; um bom padre, sem aspirações ás grandezás da terra, despido de ambição! Mas é que o povo nunca está satisfeito, e os aulicos nem todos são dotados dos mesmos sentimentos. As creaturas candidas e singelas tiveram sempre o odio da humanidade. Veja-se o que em pleno seculo XIX se tem passado com a virtuosa Isabel II.

Quando, em a nossa juventude, os homens e as cousas não tem podido arrancar-nos aquella delicada flor do sentimento, aquella verdura de pensamento, aquella nobre pureza de consciencia, que nunca nos deixa transigir com o mal: compenetramo-nos dos nossos deveres; a nossa honra fala alto e faz-se escutar; somos francos e sinceros. H. de Balzac,

Typ. Franco-Portugueza, Rua do Thesouro Velho, 6.

MONUMENTOS NACIONAES ANTIGOS
III
O Conventinho do Desagravo em Lisboa

Corre o vandalismo despeado de um a outro extremo do reino, e tudo assola e desbarata.
Sr. A. Herculano. — *Panorama.*

A suppressão dos conventos das freiras em Portugal está proxima, porque ceifadas diariamente pela morte, teem elles de ficar abandonados por falta de povoadores. Qual será o futuro de muitos, nos quaes, além de lhes andarem annexas muitas recordações historicas, se guardam ainda depositados tantos, e tão preciosos objectos artisticos? Que virá a ser do tão devoto Mosteiro da Madre de Deus, e dos seus tão preciosos quadros? (1) Aonde irão parar as antiguidades romanas, ainda existentes em Chellas, depois de tantos seculos? Aonde irão ter os ossos de Alvareanes de Sarnache, alferes da Ala dos Namorados na batalha de Aljubarrota, depositados em Corpus Christi de Villa Nova de Gaia? (2) Quantos annos faltarão ainda para que as igrejas do Salvador, Monicas, Trinas e outras muitas sejam um montão de entulho? Qual será o destino de Lorvão, Celas, Santa Clara, Estrella, e de tantos, fundados por nossos maiores ou em agradecimento á Divindade por beneficios recebidos, ou em expiação de crimes commettidos? Mas, quando de todos elles não existir mais do que um montão de ruinas, possa haver então lembrança de que ainda em 1866, n'um

O Conventinho do Desagravo em Lisboa

pequenino mosteiro em Lisboa, se praticavam austeridades e rigores taes, debaixo da designação de penitencias, que não tornam incriveis as que dizem os livros terem sido postas em pratica pelos antigos solitarios da Thebaida e da Palestina: e rigores taes usados ainda não sómente por velhas sexagenarias, que nunca conheceram o mundo; mas, até, por jovens de 16 e 20 annos, que ali existem debaixo do titulo de educandas, mas sujeitas voluntariamente á mesma disciplina conventual, sem cuja pratica seriam excluidas.

O Mosteiro, de que se trata neste artigo, é o conhecido vulgarmente pelo nome de Conventinho, defronte da incompleta e proverbial igreja de Santa Engracia, proximo do Campo de Santa Clara em Lisboa. A respeito delle diz-nos o Beneficiado João Baptista de Castro o seguinte no seu Mappa de Portugal: (3)

«Santa Clara de Religiosas Seraficas observantes da Provincia chamada de Portugal. Foi fundada a Igreja no anno de 1294 por uma D. Ignez, viuva de D. Vivaldo, nacional de Genova, mas Cidadão honrado de Lisboa, posto que já no anno de 1292 existiam aqui Religiosas. Deste Mosteiro amplissimo, exceptuando o dormitorio chamado da benção, e o dos corredores, duas varandas, e algumas Capellas, tudo mais, que em dormitorios, e casas particulares recolhia mais de seiscentas mulheres entre Religiosas, educandas, recolhidas e criadas, ficou ou de todo abatido, ou irreparavelmente arruinado com o terremoto. O seu famoso Templo, que era um monte de ouro, e na grandeza excedia a todos os mais Mosteiros da

(1) Moi aussi j'aime les tableaux gothiques quand ils renferment des beautés, come-celles qui se voient dans les panneaux de Setubal, de Madre de Deos, de Sam Bento, et dans les Abraham Prim. — Backzinsky. *Lettres.* pag. 176.

(2) Fr. Luiz de Sousa. *Histor. de S. Domingos.* Liv. 6.º cap. 5.º

(3) Vol. 3.º pag. 275. Ediç. de 1763.

Corte, ficou totalmente prostrado, excepto a tribuna e costas da Capella Mór, sepultando mais de quatro centas pessoas, que estavam assistindo aos Officios Divinos. O Coro de cima, que era um Paraiso na terra, tambem se abateo, e servio de sepultura com suas ruinas a quasi todas as Religiosas, que foram cincoenta e seis, alem de oito educandas, uma noviça, quatorze recolhidas, quarenta e tres criadas, e nove escravas, que por todas fazem cento e trinta e uma pessoas dentro do Mosteiro, que pereceram nesta tragica fatalidade.»

A infanta D. Maria Anna, filha de D José I, julgando-se devedora a Deus pela ter livrado de uma grave molestia, em agradecimento mandou no local deste arruinado convento levantar um outro, com approvação da rainha D. Maria I, que ajudou com varias esmolas. Em 23 de outubro de 1783 entraram neste pobre conventinho 4 freiras fundadoras, com 8 recolhidas, e 6 noviças. Houve nesse dia um solemne Pontifical, ao qual assistiram as pessoas reaes.

Antes da fundação deste conventinho, pelo espaço de perto de cinco annos existio no mesmo sitio um recolhimento da mesma observancia, fundado pelo marquez de Angeja, em cumprimento dum voto feito no caso de melhorar duma perigosa enfermidade a marqueza D. Francisca de Assis. Entraram neste recolhimento 4 meninas, em 22 de maio de 1779, e neste dia começaram os Lausperennes, e nelle celebrou D. Manoel, irmão da referida marqueza. Mais tarde chegaram as recolhidas a ser 15, vivendo em geral das esmolas dadas pelos fieis.

Morreu a infanta D. Maria Anna pelas 9 horas da noite, no Rio de Janeiro, em 16 de maio de 1813, e ficou depositada no convento de Nossa Senhora da Ajuda na dita cidade, no qual as religiosas lhe fizeram exequias muito solemnes. A noticia do fallecimento desta senhora chegou ao conventinho em julho do mesmo anno, e passados alguns dias tambem nelle se fizeram solemnes exequias, e com grande pompa, concorrendo com toda a despeza João Baptista, homem muito rico.

Em 3 de janeiro de 1822, pelas 11 horas da noite, chegaram ao conventinho D. João VI, acompanhada da infanta D. Isabel Maria, do infante D. Miguel, e D. Sebastião, da Hespanha, e duma numerosa e luzida côrte, fazendo acompanhamento ao coche, em que vinha o cadaver da infanta D. Maria Anna, o qual, depois de responsos cantados pelos frades do convento da Graça, ficou depositado neste convento, no coro de baixo, em um tumulo, onde se acha presentemente.

No anno seguinte, 1823, veio tambem D. João VI, com suas tres filhas, e com D. Miguel, assistir a outras exequias feitas á mesma infanta. Foi orador desta solemnidade Fr. José Maria, religioso paulista, orador de fama, e mais tarde nomeado bispo.

A vida das religiosas deste mosteiro é muito austera: oração continua, estando sempre a toda a hora do dia e da noite duas religiosas em oração diante do Sacramento. Sómente a prioresa e a rodeira pódem fallar com pessoas estranhas á clausura deste convento. Seu leito uma cortiça; seu travesseiro um madeiro; o vestido interior, estamenha; o exterior, burel; o calçado, sandadalias: os jejuns frequentissimos; a comida, de magro, exceptuadas apenas as doentes.

Celebram estas freiras varias festividades, cantando ellas cantochão com uma tonadilha especial e unisona, e com acompanhamento de rabecão. Festejam em 16 de janeiro o Sacramento pelo desacato occorrido na freguezia de Santa Engracia: o Patriarcha S. Francisco, e a Matriarcha Santa Clara, o Coração de Jesus, Semana Santa, e teem Lausperenne em todas as quintas feiras do anno.

O patriarcha de Lisboa, Guilherme, numa visita feita a este convento offereceu licença para as religiosas poderem moderar os rigores do seu modo de viver, porém não foi acceita pelas freiras.

A igreja e convento são mui pequenos e pobres, e nada offerecem de notavel, nem digno de especial menção.

Ha na actualidade 10 religiosas professas.

Em tempos mais antigos saía da igreja deste convento uma procissão á meia noite a 16 de janeiro, em desagravo do Sacramento ultrajado nos sitios de Santa Engracia. M. B. Branco.

SOBRE AS MEMORIAS DOS VINTE ANNOS

(Carta a Julio de Castilho)

(Continuação)

Eu estava a fugir de fallar ao Julio nesses dois personagens, que mais nos prendem nas suas *Memorias*, como principaes que são; seria um ridiculo disfarce comtudo, que a verdade primeiro e o affecto depois estavam rijo a condemnar. Luiz e Magdalena são duas figuras sympathicas e imponentes, em que o cinzel do esculptor correu afortunado e opulento. Lá que a posição da estatua seja menos natural, isso é outra cousa, mas facto que não destróe a correcção das linhas e a belleza dos contornos.

Estas duas creanças que se estremecem tibias em contemplação silenciosa, e sem os arrebatamentos divinisadores do coração, são um constante e imperturbado idyllio, perfeitissimo á luz litteraria, mentiroso perante a realidade aterradora do nosso viver social!

Eu tenho apreciado no seu livro ao pé da boa elocução litteraria as phases verdadeiras de qualquer caracter. Consinta-me o continuar.

Esta sua producção, Julio, é um muito mimoso ramilhete, todo elle matisado com a *viola odorata* e a *viola tricolor*, as duas dicotyledonias da alma, muito mimoso para corresponder ao titulo de *Memorias dos vinte annos*.

Este livro aceita-se como revelação intima do auctor: germinam viçosas a flor da submissão e a do affecto, o obsequio aos paes, e o testemunho á mulher-esposa.

Mas o enxamaer das delisluções? o entravar das

perfidias? o enontecer da alma desconfortada e mal-segura aos balanços do mar aparcellado? o morrer-se a morte lenta nas contorsões afflictivas da dôr que nos prostra? o exorar offegante a Deus pelo negrume do nada, em vez da nostalgia do céo, que é o aspirar supremo do christão? o crebro fuzillar d'esta noute, que não se destolda, e d'esta borrasca incessante, que nos suffoca? a aridez da face amarellada, que não teve osculo que lhe enxugasse o sulco das lagrymas vertidas? o bulcão de uma sociedade tábida, que nos faz arreceiar no que havemos de mais intimo — a familia? este atirar com o corpo requentado da febre para a lagea fria do cemiterio; e a lagea, impassivel até ella, a solevantar-se, a vasal-o fóra e a fugir-lhe? o invejar com olhos de ciume, não o repouso do cadaver, que isso seria muito, mas até o vegetar da planta, que cresce á beira do sarcophago, e se vae a enraizar subterranea por entre a' cal e a terra, e a podridão e o craneo, e os femures e os parietaes, partidos ás vezes, e dispersos quasi sempre em caixão rebentado? este martyrio que inferna a alma? esta peçonha, cuspida por Satanaz nos vinte annos de hoje? onde está no seu livro? em que parte vem das suas *Memorias?*

Na occasião em que lemos juntos as suas paginas, eu e o Eugenio, em que as lemos a deleitarnos na sua fresquidão, dizia-lhe eu cousa quasi quasi similhante a esta, que ora refiro a v. ex.ª Obstava-me o Eugenio a que esperasse pela leitura de futuros capitulos, em que o dramatico da situação venceria a costumada serenidade que eu notava. Vieram elles; vi o que o asco do crime póde arrancar á seiva de uma juventude aproveitada; applaudi identificado; mas a graciosa timidez da alma candida continuou a resaltar das paginas, e a dar o tom incompetente ás tempestades do coração opprimido!

É como se a creança a entrar em homem, timida, e por ventura innocente, levassem de subito a lupanar disfarçado, em que a perdida se arrebicasse em sentimento postiço para attrahir mais prestes, mas a que mão astuta desvendasse rapida os seios remendados de adhesivo, dizendo ao infante: *vês, foi da rixa de hontem!*

Então era o enojar da creança; o balbuciar inaudivel quasi de phrase soturna; e depois o fugir; e pouco mais tarde o brincar socegado e inefavel! É que o presentimento da maldade não lhe revelára a altura da sua hediondez!

A alma do Julio ignora tambem a phrase do que chegou a descrer.

Se um dia o infortunio bater á sua porta, e lhe deslembrar a jaculatoria, que hoje solta aferverado, Julio; se por ventura então pegar d'este livro, d'este livro, que eu não posso ver, que me rasga o coração, que me dilucida do transviamento da minha alma, chore, chore.

Estas puerilidades traduzem-se em bemaventurança de elegido.

29 de outubro de 66. De V. Ex.ª etc.

J. A. da Graça Barreto.

DANIEL O'CONNELL

(Conclusão)

II

Espantar se-hão os leitores de que eu tanto protrahisse este esboço historico das perseguições da Irlanda reservando apenas para as duas ou tres paginas finaes o retrato do vulto que me propuz biographar. É porque essa historia faz comprehender immediatamente a importancia do vulto de O'Connell. Basta dizermos: O'Connell foi durante a sua vida inteira, perante o mundo, o campeão daquella nacionalidade opprimida. O desenrolar deste sudario foi a sua eloquencia. Os gritos abafados, que durante seculos as victimas soltaram, foram se concentrar afinal numa voz unica, e essa voz troou de repente na tribuna de Londres, grave, sonora, formidavel, e essa voz foi a de O'Connell, e essa voz revelou ao mundo espantado o crime de que uma nação fôra a perpretadora, e outra nação a victima. E tudo emmudeceu diante d'aquella voz que saía do tumulo d'um povo, e questões mesquinhas da politica, questões secundarias de civilisação material, questões de personalidades tudo se poz de parte, calou-se tudo não ousando profanar aquelles threnos, em que o Ezechuiel parlamentar chorava as desgraças da Sião irlandeza, e chamava a maldição do mundo sobre os crimes d'essa Babylonia nebulosa, e o vulto severo e triste de O'Connell ergueu-se diante de todos, rodeiado das bençãos dos seus compatriotas, da admiração da Europa, do terror dos seus antigos oppressores.

Aquella Irlanda era um antro. Commettiam-se ali crimes nefandos de que pouco transpirava. A fome dizimava a população, e a Europa, quasi ignorando o desastre, continuava a exaltar, a applaudir, a imitar a alegre Inglaterra, *merry England*, alegre oppressora da melancholica Erin.

E surgio O'Connell e o véo correu-se, e atravez do silencio official vibraram os gritos das gerações opprimidas, e a Inglaterra foi chamada ao tribunal da humanidade, e levantou-se o manto esplendido da civilisação, e viram-se por baixo as pustulas asquerosas, os andrajos da Irlanda.

E a Inglaterra tremeu e cedeu. A voz de O'Connell, como a trombeta dos Israelitas, fez cair as muralhas d'essa Jerichó tradicional, que se chama a Constituição ingleza.

Eis o motivo porque eu, em vez de traçar a biographia do grande tribuno, biographia que em duas palavras se resume, preferi expor esses sete seculos de oppressão para que se podesse comprehender que grande seria o homem, cuja eloquencia se poz ao serviço desta causa, e por ella pelejou e venceu.

Fallemos agora no homem.

Daniel O'Connell nasceu no dia 6 d'agosto de 1775 em Cahir-Civeen no condado de Kerry. Dizia-se que elle descendia dos antigos reis de Irlanda. Seria verdadeira a tradição, ou o povo irlandez, na sua ingenuidade, se comprazeria em doirar com essas reminiscencias dum passado glorioso o vulto do seu tribuno querido, e desejaria ligar intimamente o interrompido fio da existencia nacional, prendendo ás saudades do passado as esperanças do futuro? Nada se affirma com certeza; mas o que sabemos é que era

Daniel O'Connell o mais velho dos dez filhos de Morgan O'Connell, rico lavrador, e que, destinado ao estado ecclesiastico pela sua familia, foi estudar a França no collegio dos jesuitas de Saint-Omer. Em 1794 voltou á Irlanda, mas a sua vocação não o chamava ao sacerdocio, e o juvenil estudante, já namorado da eloquencia, e familiar com as abelhas atticas que o visitavam em sonho, preferio o fôro, onde se ia preparando, como Cicero, para as luctas da tribuna, que elle ainda nem imaginava que se lhe podesse abrir.

Quatro annos estudou em Middle-Temple em Londres, e em 1798, contando apenas vinte e tres annos de idade, estreou-se em Dublin com immenso successo, obtendo logo numerosissima clientela.

Desde então começou a revelar-se nelle tambem o patriotismo ardente, que lhe devia dar tanta gloria. As perseguições contra a Irlanda, um momento interrompidas, recomeçaram. Em 1800 é abolido o parlamento irlandez. O'Connell protesta contra esse acto em voz bem alta, não receiando, o temerario sublime, conciliar o odio da politica britannica.

Por esse tempo o grande ministro Pitt promettera obter a emancipação dos catholicos; a Irlanda nada em jubilo, mas é vã a promessa; o fanatico Jorge III recusa obstinadamente assignar o decreto onde está exarada essa medida tão conforme com a justiça e a humanidade. Pitt pede a sua demissão, e a esperança dos catholicos, assim mallograda, transforma-se numa irritação formidavel, que se manifesta pela recrudescencia das sociedades politicas, entre as quaes figura em primeira linha a Associação Catholica, de que é Daniel O'Connell membro activissimo, e onde os seus compatriotas reconhecem pela primeira vez a sua eloquencia tribunicia, e tacitamente lhe confiam os destinos da patria.

Isto passava-se em 1807. Nesse mesmo anno casára o grande orador com sua sobrinha Maria O'Connell.

Começa então a longa lucta de vinte e tres annos, em que Daniel O'Connell consumio a sua juventude, lucta em que o seu nome, pronunciado com terror pelo proprio Wellington, o vencedor de Bonaparte, se doirou com todos os esplendores da gloria. Ouvio a Europa esse rumor longinquo, voltou os olhos para a Irlanda, e vio esse nobre vulto, esse representante da civilisação e da humanidade, pondo montanha sobre montanha, Pelion sobre Ossa, para galgar ao Olympo inviolavel da Constituição ingleza, fazendo corar de vergonha os que se diziam libertadores do mundo e tinham em ferros um paiz irmão, os que se diziam guias do caminhar civilisador, e tinham uma legislação mergulhada nas trevas da barbaria, os que se ufanavam de terem primeiro no céo nebuloso da Europa accendido a estrella d'alva da liberdade, e que envolviam com cuidado no denso manto da morte os seus mais proximos irmãos.

E a voz troava incessante no extremo occidental da Europa, e vinha resoar em torno das paredes d'essa Jerichó de Westminster-Hall, que se obstinava em cerrar as portas aos novos Israelitas fugindo da escravidão do Egypto, e a cada brado dessa voz possante a Irlanda erguia-se em pé, não tumultuaria e sangui-sedenta, como no tempo de Isabel, de Carlos I, de Cromwell, de Guilherme d'Orange, de Jorge III, mas grave, austéra e ameaçadora na sua tranquillidade imponente. A Associação Catholica, a que Daniel O'Connell déra uma organisação poderosa, foi a alavanca de que se servio para exercer sobre o seu paiz uma influencia decisiva. Corria um frémito pela Irlanda a cada gesto do tribuno, como estremece a Sicilia quando se agita no Etna o Titão soterrado.

Luctou e venceu. Em 1829 lord Wellington, presidente do conselho de ministros, vio-se obrigado a propor e Jorge IV a assignar o decreto da emancipação dos catholicos, e em fevereiro de 1830 Daniel O'Connell em pleno goso de seus direitos politicos, entrava em triumpho na camara baixa. Caíra Jerichó.

Desde então O'Connell segue uma politica, primeiro applaudida pelos seus compatriotas, depois accusada de moderantismo por esse partido ultra, que sempre vem em seguida ás reacções legaes. Comprehendendo as vantagens da união dos dois povos, O'Connell quer que a Irlanda tenha uma influencia legitima nos negocios geraes da Grã-Bretanha. Consegue-o. Em 1834 os votos da deputação irlandeza decidem a queda de um ministerio. Apesar dos murmurios da facção exaggerada, que se intitulava *Juvenil Irlanda*, O'Connell continuava a ter o paiz na sua mão. Em 1842 foi eleito lord-mayor de Dublin. Uma pensão de 15$000 libras é-lhe decretada pelos seus compatriotas. Em 1843 o governo, receioso da sua influencia, aproveita um pretexto especioso para o chamar aos tribunaes, como perturbador da paz publica. Os tribunaes condemnam-no, mas a camara alta absolve-o. O'Connell sae em triumpho da prisão. Mas a sua saude começava a declinar visivelmente. Quer emprehender uma romaria á capital do mundo catholico, mas a morte surprehende o em Genova, e o grande orador finda a vida terrestre no dia 13 de maio de 1847.

Eis o que foi o tribuno irlandez, um dos homens mais eloquentes deste seculo, e o campeão constante e inabalavel da causa santa d'um povo, cujo longo martyrio forma a pagina negra da historia, aliás tão brilhante, da Grã-Bretanha.

M. Pinheiro Chagas.

OS NOVOS ORGÃOS DA SCIENCIA

Á medida que as relações dos povos crescem, a sciencia ganha ao mesmo tempo em veradde e profundesa. A creação de novos orgãos, porque assim pódem ser chamados os instrumentos de observação, augmenta a força physica do homem. Mais rapida do que a luz, a corrente electrica leva o pensamento e a vontade ás mais longiquas regiões. Um dia virá em que certas forças que se exercitam tranquillamente na naturesa elementar, como nas cellulas delicadas do tecido organico, sem que nossos sentidos tenham podido ainda descobril-as, reconhecidas emfim, aproveitadas e levadas a um grau mais subido de actividade, tomarão lugar na serie indefinita dos meios com o auxilio dos quaes, tornando-nos senhores de cada dominio particular no imperio da natureza, nos elevemos a um conhecimento mais intelligente e mais animado do conjunto do mundo.

Humboldt, *Cosmus*.

INDICE

(Os asteriscos antes da numeração das paginas designam gravuras)

Aborigenes da Australia, 228 * 229
Academia do cachimbo, 195
Adoração dos Pastores (quadro de Ribera), 308 * 309
Adriano Brawer, 346
Advertencia, 43
Agostinho (Santo) (excerpto) 52
Agua doce sobre a salgada, 248
Albany (uma rua de), * 161
Alcatrão (o), * 69
Allamistakeo (vid. Contos)
Amor á patria, 187
Andorinha (a), *9
Anecdotas—A bellesa e os adornos, 4
— Fastidiosos preliminares, 244
—A posteridade, 8
—O segredo, 8
—Os tres filhos de familia, 238
—Tres ladrões, 212
Ao publico, 1, 352, 368
Applicação do bello ás sciencias, ás letras e ás artes, 158
Apologo ou fabula (estudo), * 337
Arco da rua Augusta, * 201
Arte (uma) perdida, 39
Arvore (a) do bom pastor, (idilio) 99
Arvore do manná, * 77
Atmeidan (o), * 369
Australia (aborigenes da), * 228 229
Azaria (etymologia desta palavra), 203
Bananeira (a), * 49
Barbada, * 137
Batalha de Poitiers, 100 * 101
Bazin, 159
Beatriz (poema), 32, 39, 56, 64, 72, 80, 104, 112
Bedford (uma escola), * 357
Beduinos, 172 * 173
Bellesa (a) e os adornos (anecdota) 4
Benedek, * 249
Benguella, * 273, 323
Birmingham, 321 * 322
Bismark, * 289
Boca (a) do inferno (vid. romances)
Brahmanes (os), * 265, 310, 335, 338
Brawer (pintor flamengo), 346
Bristol, * 269
Bugios (os), 196 * 197
Caçador (o) de elephantes (conto persa) 311
Camara municipal de Derby, * 121
Capella de Santa Rosalia no monte Peregrino, * 401
Carlos II de Hespanha, 339, 356, 380, 406
Carta do sr. A.F. de Castilho, 20
Carta ao sr. Julio de Castilho, 386 410
Carta do sr. Rebello da Silva, 303
Casa da camara de Liverpool, 148 * 149
Castello de Ehrenbreitstein * 193
Castello de Kenilworth, 132 * 133
Castello e porto de Dover, * 361
Cataracta (a) de Corra-Linn, * 217
Cathedral de Chartres, * 285
Cathedral de Lichfield, * 17
Cathedral de Rochester, * 253
Cathedral de Worcester * 381, 382
Cervantes (em que circumstancias foi composto o romance de Don Quixote), 190
Chacal (o) e a raposa (fabula) 220
Chartres (cathedral de), * 285
Cholera (o), 283, 298
Chronica geographica, 223
Chronicon Albeldense (obra do seculo IX), 230, 248, 264, 271, 332, 359, 392
Cidade (uma) de madeira, 399
Cintra (vista pittoresca dos paços de), * 57, 58
Circassianos, * 105
Classicos (a nova edição dos), 242
Como se determina a distancia das estrellas á terra, * 259
Como se faz o gelo em Bengala, 140
Conde Allamistakeo (vid. contos)
Conde de Chatam, * 89
Confissão (a), (idilio), 11
Constantinopla (o Atmeidan), * 369
Contos — O caçador de elephantes, 311
— O conde Allamistakeo, 218, 226, 255, 274, 382
—A formiga e a aranha, 272
—O granadeiro, 354
—O homem que não ri, 252, 262
—Justo castigo, 208
—Os ovos e os cavallos, 359
— A papa gente, o ferreiro e o alfaiate, 222
—Um pesadello, 102
— Os pescadores e o urso, 318
—Rã-Pulante, 18, 30, 35
—As rãs de Sartilly, 84
—Razaila, 264
—Os tres estados, 114, 122
Contradança (a) ridicula, (de Hogarth), 236 * 237
Convento de S. Domingos de Santarem, * 305
Coram (o Capitão), * 185
Corra-Linn (a cataracta de) * 217
Cortes (o palacio das) * 209
Corvo (o) e a raposa, * 337
Corvos marinhos, * 61, 62
Corypha umbraculifera, * 385
Costumes dos Turcos, 34
Conventinho do Desagravo em Lisboa, * 409
Crença (a) gauleza, 264
Critica (a) litteraria, 183
Cuscus (o), 276
Cyclones (utilidade dos), 140
Dahomey, 79
Daniel O'Connel, 388, * 389, 401, 410
Daniel Richard, 119
Da utilidade de uma lingua universal, 188
De que vivem as plantas, 183
Derby (camara municipal de), * 121
Derrota de Valdez na Terceira, 304, 313
Descoberta (da) das longitudes no mar, 231
Desconfiar das flores durante a noite, 138
Dia (um) d'inverno (meditação), 123
Divisão do tempo na China, 200
Dois (os) rapazes (quadro de Murillo), 292 * 293
Dominiquino (quadro), 65 * 66
Dover (Castello e porto de), * 361
Duguet (os escrupulos), 175
Eneas salvando Anchises, 65 * 66
Eneida (noticia de uma traducção inedita da), 349
Epistola dedicatoria de Gil-Vicente a D. João III, 51
Epitaphio, 279
Erratas, 43, 96
Esboço descriptivo do mar, 106
Escola militar de Woolwick, * 93
Escrupulos (os), 175
Escrupulos honrosos de dois homens illustres, 159
Estrella (a) da manhã, (lenda indiana), 182
Estudo (o) da historia (apologo), 134
Evgmoula (canto grego) 248
Excerptos de auctores portuguezes—Padre Antonio Vieira, 47, 92, 112, 128, 135, 148, 296
—B. Ribeiro, 112, 144
—Braz Garcia de Mascarenhas, 160
—Duarte Nunes de Leão, 112
—Fernão Mendes Pinto, 336
—D. Francisco Manuel, 20, 31, 272
—Francisco de Moraes, 156, 216
—Francisco Rodrigues Lobo, 70 76, 80, 96, 112, 136
—Garrett, 104, 156, 160, 224
—Gil-Vicente, 51, 76
—José Maria da Costa e Silva, 51, 60
—Fr. Luiz de Souza, 111, 112
—M. Affonso de Miranda, 176, 183, 184, 187
—Manuel Bernardes, 308, 312, 328, 332, 336
—R. de Bastos, 346
—Sá de Miranda, 390
—Thomaz Antonio Gonzaga, 31
Fabulas — O chacal e a raposa, 220
—O lapidario e o diamante, 51
—O pavão e a cegonha, 60
Familia (a) dos Saxe-Coburgo-Gotha, 197
Fastidiosos preliminares, (anecdota arabe), 244
Festa (a) dos reis, * 13
Festas dos musulmanos, 87
Fissirostros (os) diurnos, * 9
Flautas (as) do grande Frederico, 165
Folguedo dos camponezes (quadro de Van-Ostade) * 395
Formiga (a) e a aranha, (conto), 272
Fortuna (a), 255
Galatéa moderna (vid. romances)
Galeria nacional de Londres, 140 * 141
Genova, * 244
Gibraltar, * 153 * 157
Granadeiro (o), (conto), 354
Gravura em madeira em Portugal, 50, 68, 111
Guilherme Tell e Schiller 319, 330
Habitação turca, * 33
Hebreus (a paschoa dos), 43
Henri Barth, 138
High-Street, * 277
Historia da gravura em madeira em Portugal, 50, 68, 111
Historia dos relogios, 110
Historia da Rosa, 295, 306
Historia da Rosa, 306
Hogarth (vid. William Hogarth)
Homem (o) que não ri, (conto arabe), 262, 252
Hong-Kong, * 129
Hyde-Park, * 313
Idilios — A confissão, 11
— A tempestade, 30
— A arvore do bom pastor, 99
Igreja de Saint-Maclou em Ruão * 41, 42
Igreja de Santa Maria d'Aguas Santas, * 225
Ilha Barbada, * 137
Ilhas de Gelo, 176
Imagem da vida, 160
Immensidade, (meditação), 176
Imprensa nacional, * 113
India (instrucção na), 124
Infeliz poeta (quadro de Hogarth), 28 * 29
Influencia dos Etruscos, 260
Instrucção na India, 124
Invocação, 151
Jacques Jordães (o rei bebe, quadro de), * 13
Jazigo da rainha D. Luiza Gusmão, 260
Jenner, 180 * 181
João (S.) (quadro de Murillo) * 85
João de Mattos Fragoso, 250, 270
Joaquim José Domingues Lima, 47, 50
John Harrison (descoberta das longitudes no mar), 231
Jorge (D.) de Mascarenhas, 162, 189
Judeus (a paschoa dos), 43
Justo castigo (conto indiano) 208
Kara-Hissar, * 325
Karl Christian-Rafn, 156
Kenilworth (castello de) 132 * 133
Knowle (quinta e palacio de) * 261
Koronnás, * 297
Lapidario (o) e o diamante, (fabula), 51
Leão X, * 25
Leeds, * 349
Leitor (um) do seculo passado, 304
Lendas indianas, (a estrella da manhã), 182
Leonardo Vinci (um soneto de), 284
Léon de Laborde, * 5
Leopardo (o), * 145
Lição a um lisongeiro, 175
Lichfield (cathedral de), * 17
Liverpool (casa da camara de), 148 * 149
Londres (galeria nacional de), 140 * 141
Londres (High Street) * 277, 286, 299
Louis Dubeux, 171
Manná (o), * 77
Mar (esboço descriptivo do), 106
Maria II (theatro de D.), * 97, 118, 134
Marselha, * 353, 395, 404
Maximas, 10, 12, 14, 16, 40, 58, 62, 64, 71, 72, 76, 165, 168, 175, 192, 199, 221, 232, 252, 254, 276, 280, 283, 296, 304, 316, 320, 336, 371, 377, 381, 408
Microscopio (o) e o telescopio, 266, * 267, * 268
Monte Sinai, * 233
Monumento erigido á memoria de René Caillié, 144
Morte (a) do Gladiador * 373
Morte (a) e o seu ministro, (parabola), 40
Movimento (do), 59, 67
Movimento (do) no universo, 375
Mozart, 204 * 205, 215
Mundo (o) do mar, 288, 315
Murillo (S. João, quadro de), * 85
Murillo (Os dois rapazes, quadro de), 292 * 293
Musico (o) enraivecido, (quadro de Hogarth), 116 * 117
Musulmanos (festas dos), 87
Mythologia scandinava, 238

Mythologia da Nova Zelandia, 278, 282
Natureza (a), 124
Newton (um dito de), 288
Nova Zelandia (mythologia) 278 282
Nympheaceas (as), * 281
Obra (uma) do seculo IX (chronicon Albeldense), 230, 248, 264. 271, 332, 359, 392
Observações (algumas) sobre o cerebro, 236
O Ocelote. * 393
O'Connell, 388 * 389, 401, 411
O que aconteceria se o movimento da terra cessasse subitamente, 143
Origem dos homens brancos, de cor, pretos, 351
Ovos (os) e os cavallos (conto dinamarquez). 359
Palacio (o) das cortes, * 209
Palermo, * 81
Palestras hygienicas (o pão) 217 251
Palmeira (a) talipot * 385
Papa (o) Leão X, * 25
Paraná (apontamentos geographicos), 172
Paschoa (a) dos hebreus, 43
Patagões (os pelotiqueiros) 286
Pavão (o) e a cegonha (fabula), 60
Pekin (porta do norte) 108, * 109
Pelotiqueiros (os) patagões, 286
Penna (a) d'aço, 194
Perez Lorenzo (vid. romances)
Pernambuco (necessidade de uma monographia ácerca da provincia de) 166
Pesadello (um), (conto phantastico), 102
Pesca com corvos marinhos, * 61 62
Pescadores (os) e o urso (conto groenlandez) 318
Philo-portuguezes (os), 4, 14, 22, 42, 87
Pitt (William), * 89
Pizarro, 300, * 301, 326, 329, 342, 358, 367, 371
Plantas (o somno das), 207, 211
Poesias—L'amour c'est la vie, 176
—Angelica, 64
—Beatriz, 32, 39, 56, 64, 72, 80, 104, 2
—A borboleta, 168
—Casta Diva, 200
—Causeries, 20
—Descalça, 296
—Duas mães (soneto dedicado a Thomaz Ribeiro), 40
—O espelho magico, 56
—A estrella, 8
—A Gomes de Amorim, 343
—Harpejo, 26
—Improviso, 104
—Invocação, 135
—O janota litterato, 160
—A morte de Manuela Rey, 120
—Pallida mors, 48
—Na primavera, 184
—Prisão de amor, 72
—Profissão de fé, 336
—Repouso 232
—A uma rosa, 264
—Saudação á aurora, 24
—Saudades, 88
—Sem titulo, 120
—Sombras, 152
—Soneto, 144
—Terça feira, 360, 384, 400
—Visões á beira d'agua, 280
Poitiers (batalha de) 100 * 101
Polyphemo (o) dos russos, 221
Ponte de Rialto em Veneza, 44 * 45
Ponte natural na Virginia, 244 * 245
Ponte suspensa sobre o Avon * 269
Porto (estudos sobre a cidade do), 362
Portsmouth, 188 * 189
Posteridade (a), (anecdota), 8
Praça de Luiz de Camões, * 177
Predicção e previsão do tempo, 327
Processo para extrair o alcatrão * 69
Proverbios arabes, 184
Que provas positivas existem de que a terra é redonda, gira sobre si e á roda do sol, 191, 202
Questão (a) litteraria, 3, 0, 86
Quinta e palacio de Knowle * 26
Rã-Pulante (vid. contos)
Rãs (as) de Sartilly (conto), 84
Razaila (conto arabe) 264
Rei (o) bebe (quadro de Jordães) * 13
Reino (o) de Dahomey, 79
Reis (os) e rainhas de Inglaterra, 275
Relogios (os), 110
Respeito á infancia, 2 6
Resposta a um tolo, 152
Ribera (quadro), 308 * 309
Richard (Daniel), 1 9
Rimau-dahan (o), * 395
Rochester (cathedral) * 253
Romances—A boca do inferno, 129, 42, 151, 157, 170, 178, 188, 199, 206
—Galatéa moderna, 54, 60, 70, 74, 93, 174, 213, 233, 245, 290, 369, 378, 390
—Perez Lorenzo, 6, 15, 23, 27, 36, 46, 62, 83, 101, 126
Ruão (igreja de Saint-Maclou), * 41, 42
Saint-Maclou, * 41, 42
Salamandra (a), * 165
Santa Helena, * 333
Scandinavia (mythologia), 238
Scenas da campanha do Mexico (vid. romances)
Scena de escravatura, 317 * 318
Sciencia (a) (Laplace), 312
S. Sebastião, * 21
Seculo (o) XVIII, 208
Segredo (o), (anecdota), 8
Sensibilidade de consciencia, 200
Sepultura de Gil-Vicente, 76
Simios (os), 196 * 197
Sobre as memorias dos vinte annos do sr. Julio de Castilho, 386, 410
Sobre o estylo, 198
Somno (o) das plantas, 207, 211
Stockolmo, * 169
Strathfieldsay (dominio de), * 405
Suissa (a), * 1
Superficie (a) terrestre, 311
Tabaco (o), 90, 145
Tasso (bosquejo biographico), 148
Telescopio (o microscopio e o), 266, * 267, * 268
Tempestade (a), (idilio), 30
Theatro de D. Maria II, * 97, 118, 134
Titulos exoticos de livros, 383
Torre de Londres, 340 * 341, 352 365
Tres (os) estados. (conto phantastico), 114, 122
Tres (os) filhos de familia, (anecdota arabe), 238
Tres ladrões, (anecdota), 212
Tumulo de Engelberto, 396 * 397
Turcos (costumes dos), 34
Turquia (uma habitação na) * 33
Um baile de estrellas no seculo XVII, 148
Uso (o) da palavra, 40
Utilidade dos Cyclones, 140
Van-Dick (A virgem e o menino, quadro de), * 377
Van Ostade (o folguedo dos camponezes, quadro de), * 365
Veneza (ponte de Rialto), 44 * 45
Veneza (o quadrilatero), * 257, 294
Veneza (uma vista de) * 345
Viagem á lua (apologo) 119
Victoria Regina, * 281
Virgem (a) e o menino, (quadro de Van-Dick), * 377
Virginia (ponte natural na), 244 * 245
Vista pittoresca dos paços reaes de Cintra, * 57, 58
Voltaire, 124 * 125, 131, 163, 210
Westminster-Hall, * 221
Weymouth * 329
Wiesbaden * 73
William Hogarth, 52 * 53
William Hogarth (a contradança ridicula), 236 * 237
William Hogarth (o infeliz poeta), * 28, 29
William Hogarth (o musico enraivecido) 116 * 117
William Pitt, * 89
Windsor 212 * 213
Woolwich (escola militar de), * 93
Worcester (cathedral de), * 381, 382

AP 65 P36 v.16

O Panorama

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY